TREPLICA

ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO
PROFESSOR JUBILADO DO GYNASIO DA BAHIA

A REDACÇÃO
DO
PROJECTO DO CODIGO CIVIL
E A
REPLICA DO DR. RUY BARBOSA

4.ª EDIÇÃO
Cuidadosamente revista de acôrdo com a 1.ª, de 1905, por
DERALDO IGNACIO DE SOUSA

LIVRARIA PROGRESSO EDITORA
AGUIAR & SOUZA LTDA.
Cidade do Salvador — Praça da Sé, 26
BAHIA — 1956

L
342.1
R484
RPC
4. ED.

BIBLIOTECA LUIZ VIANA FILHO
Registro
1951

342(81)(094.2)
CAR

BIBLIOTECA SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob o n.º L-2003 - 3087

A REDACÇÃO

— DO —

PROJECTO DO CODIGO CIVIL

— E —

A REPLICA DO DR. RUY BARBOSA

PELO

DR. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO
LENTE JUBILADO DO GYMNASIO DA BAHIA

"Nec temere, nec timide".

BAHIA
OFFICINAS DOS DOIS MUNDOS
1905 — RUA CONSELHEIRO SARAIVA — 35
1905

ROSTO DA 1.ª EDIÇÃO DE 1905

PREFACIO DA 3.ª EDIÇÃO

A morte repentina e inesperada do Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro Filho deixou um claro nas lettras bahianas difficil de preencher-se. A elle tocava rever as provas typographicas da presente edição da TREPLICA de Carneiro Ribeiro a Ruy Barbosa.

Coube-nos, assim, a honra insigne de substituir o inolvidavel mestre nesta grandiosa tarefa, de dar ao publico uma edição condigna da obra mais prima de Carneiro Ribeiro. Pusemos nisto o nosso melhor esforço, e julgamos ter desempenhado satisfatoriamente a tarefa tão dignissima quão difficil de ser realizada em o nosso meio.

Dizer do valor da "Treplica" seria não somente ocioso mas desnecessario. Apenas algumas palavras sobre a presente edição.

Fizemol-a rigorosamente de accordo com a 1.ª de 1905, *unica revista pelo Autor, salvo a correção de evidentes enganos typographicos, os quais vão, todavia, declarados em as notas com asteriscos* (**), *do revisor. Sempre que se encontraram divergencias entre as duas edições anteriores, foram tambem apontadas nas mesmas notas.*

As notas do autor vão numeradas com algarismos arabicos, em ordem crescente.

Salvador, Junho de 1950.

DERALDO I. DE SOUSA

Nota – A 4.ª ed. é em tudo igual à 3.ª, salvo enganos tipográficos desta edição.

ADVERTENCIA PRELIMINAR

ADVERTENCIA PRELIMINAR

"Nemo mortalium omnibus horis sapit".
(PLINIO).

Lemos reflectidamente a *Replica* do Dr. Ruy Barbosa, relativa ás censuras que fizemos ás suas emendas á redacção do *Projecto do Codigo Civil*, com toda a sofrega attenção que costuma despertar no espirito dos zelosos do nosso bello e donoso idioma quanto sáe da conhecida penna desse espirito esclarecido, um dos mais fulgidos ornamentos da actual geração de homens de boas lettras, de que, com razão, se ufana e gloria o nosso paiz natal.

Se, por um lado, lhe admiramos o engenho vivido e fecundo, os grandes recursos de escriptor, a sagacidade em esquivar e falsear, qual dextro esgrimidor, os golpes do antagonista, o rico e variadissimo vocabulario, o phraseado e os modismos de sabor vernaculo, a larga e notavel erudição, ordinariamente traduzida pelo dizer mais correntio e elegante; de outro lado, á medida que nos iamos mais e mais embebendo na leitura do extenso volume, obra de assento e sobremão, onde se adivinha o buril do artista da palavra, a pouco e pouco se nos ia, ao compasso, radicando no espirito a convicção da fraqueza da maioria dos argumentos contra o que nas *Ligeiras Observações* lhe oppuzemos ás criticas, nem sempre dictadas pela razão calma e desapaixonada, coloridas embora pelos prestigios de sua vigorosa e fervida imaginação.

Como terá ensejo o leitor de se convencer, e como sem esforço neste nosso trabalho o demonstraremos, fica de pé o nosso asserto, articulado com respeito ao trabalho das emendas do Dr. Ruy Barbosa:

"Das emendas do illustrado senador, umas ha que são justas; outras, injustas e infundadas; algumas, erradas".

É este nosso trabalho muito mais extenso do que o (*) haviamos delineado; a sua leitura, tediosa talvez ao commum dos leitores, pelo desenvolvimento largo que lhe demos, e do que lhes pedimos venia, não comportava senão esta amplitude, pela natureza mesma do debate.

Em questões relativas á vernaculidade ou impureza dos vocabulos e das phrases, ás legitimas ou espurias urdiduras do discurso, á elegancia ou inelegancia do dizer, não ha porque prescindir dos exemplos dos bons modelos, mas exemplos em crescido numero, em larga escala, copiosos, copiosissimos, que fallem (**) alto e convençam pelo peso e eloquencia mesma de seo numero esmagador.

Eis a razão por que antepuzemos essa necessidade ao intuito de agradar, o (***) convencer sem deleitar ao deleitar sem convencer.

De oitenta capitulos consta todo o nosso trabalho; destes, setenta e oito são destinados a responder ás ponderações e censuras que se comprazeo o Dr. Ruy de fazer ás *Ligeiras Observações;* o penultimo reservamol-o á defesa ás arguições articuladas contra os nossos trabalhos grammaticaes, tão nua e cruamente dissecados pelo illustre critico; o ultimo, finalmente, será um *addendum* ás *Ligeiras Observações,* de modo que se convença o Dr. Ruy Barbosa de que, se o quizeramos nós, e se mais lazer houveramos, fôra menos *misera* a colheita que fizemos do que se lhe afigurou, á leitura desse nosso primeiro trabalho.

* * *

Respondendo ás minhas *Ligeiras Observações,* toma o Dr. Ruy por epigraphe, em sua *Replica,* a sentença que o traductor das *Metamorphoses* de Ovidio escreveo em notas ao Livro Quinto do poema do poeta de Sulmona:

"Tanto é facil aos discipulos sobrepujar algumas vezes aos mestres que os precederam".

Usando desta epigraphe, o Dr. Ruy Barbosa parece já prelibar as doçuras de um triumpho, que nem lh'o dicta a sua consciencia, nem lh'o conferirá o leitor deste nosso trabalho.

Deixasse o illustre critico a outrem o aquilatar neste debate as suas victorias e triumphos, e não viesse por si mesmo, logo ao ferir o certamen, atordoar-nos tediosamente com aquella estrepitosa salva

---

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se o *o.*
(**) Na 2.ª ed. lemos: "fallem *bem* alto".
(***) Na 2.ª ed. supprimiu-se o *o.*

de applausos, com que se rejubila e se applaude a si proprio, como se desaffrontado fôra das fundadas objecções feitas ás suas emendas á redacção do *Projecto do Codigo.*

Nem iriam bem á bocca do elegante traductor de Publio Ovidio Nasão as palavras daquella sentença, se elle fallasse de si mesmo, porque muito em desestima se tem o louvor que não vem de alheia bocca.

Não é aqui só que o eminente critico falla de si mesmo, exaggerando os seos merecimentos, que, por grandes que sejam, e ninguem os reconhece mais do que eu, lhe não fica bem exaltar, fazendo delles praça.

Aqui lança pregão da força e tenacidade de sua memoria, do que lhe dão testemunho os proprios inimigos.

"Graças a Deos", diz elle, "sempre me tiveram até os meos desaffectos por sujeito de retentiva alguma coisa acima do vulgar". (*Replica,* n. 189).

Alli apresenta os elogios que lhe tecêo o distincto grammatico Julio Ribeiro, o qual fazia *algum apreço de sua competencia nestes assumptos,* considerando até, na segunda edição da sua grammatica, a sua opinião, *tão succintamente enunciada, como capaz de ser egide a um trabalho daquella altura e solidez.*

"Apresento ao publico", diz Julio Ribeiro, transcripto pelo Dr. Ruy Barbosa, "esta segunda edição de meo livro, escudando-o com os louvores de tres homens venerandos, Ruy Barbosa, o Conselheiro Viale e André Lefèvre".

E mais adiante, ainda de referencia ao illustre grammatico brasileiro, assim se enuncia:

"Dezoito annos antes dos enxovalhos em que a grammatica se compraz hoje de me tisnar, lavrava o insigne grammatico, naquellas palavras, o meo desaggravo". (*Replica,* n. 192).

Escusado é aqui dizer que os enxovalhos, de que falla o autor da *Replica,* e com que a grammatica, dezoito annos depois daquelle alto elogio, se compraz hoje em tisnal-o, são as leves censuras, os reparos que ás emendas do Dr. Ruy Barbosa fizemos, nas *Ligeiras Observações,* as quaes não sabemos em que, despretenciosas, como em verdade o são, vieram desdoirar o celebrado escriptor, enxovalhando-lhe e mareando-lhe o nome, quando, bem ao contrario, nos devera agradecer o termos dado ensejo a que ainda uma vez se nos revelasse o seo brilhante engenho, por uma feição que nos não era de todo conhecida.

A proposito da posição do pronome complemento, sempre no mesmo tom de fazer a apologia de si proprio, dest'arte se exprime:

"Não escrevo de outro modo; e tamanho cuidado, a este respeito, se observa em meos trabalhos, que, ainda ha pouco, uma revista litteraria, aqui publicada, investigando o assumpto, só em mim, creio eu, dentre os escriptores brasileiros mais conhecidos, não encontrou falha neste particular". (*Replica*, n. 221).

* * *

Um dos pontos das *Ligeiras Observações* (*) que mais azedaram contra nós o animo do Dr. Ruy Barbosa, foi tocarmos em alguns lugares de sua exposição preliminar ao parecer sobre a redacção do *Projecto*, e examinarmos algumas notas relativas ás emendas que fez. Julga o abalisado contendor que, procedendo assim, fomos alem da tarefa que se nos havia imposto, tornando-nos seo adversario pessoal.

Mas não comprehendemos o porque desta censura.

Se em sua exposição preliminar o Dr. Ruy, em larga synthese, resumio os pontos sobre que versavam as censuras, que mais amplamente desenvolveo em suas emendas, se em notas a estas averbou de incorrectas, de offensivas do tacto vernaculo, de erradas certas palavras, certas construcções do texto que emendou, como arguir-me de defender o que nestas me parecia justificavel e apontar o que se me não afigurava correcto na sua exposição preliminar, tendo por assumpto assim esta, como as notas a mesma redacção do *Projecto?*

Que fundamento ha de considerar o Dr. Ruy que imprimimos no debate o caracter pessoal, só pelo facto de lhe analysarmos o que disse na preliminar, e lhe estudarmos as notas que appoz a algumas de suas emendas ao texto do *Projecto?*

Teria lugar essa queixa do Dr. Ruy Barbosa, se nas *Ligeiras Observações* não tratassemos de coisas referentes á redacção do *Projecto*, senão a outros escriptos do provecto censor, relativos a materia differente.

Mas era preciso ao Dr. Ruy appellidar a nossa critica de debate pessoal; mister lhe era apparentar de melindrado e offendido; agitavam-lhe ondas de desforra da grande ousadia de criticarmos trabalho de sua lavra; era empreza ardua e de longo tiro pôr-lhe mãos profanas; e foi isso pretexto sufficiente para que desfechasse as armas de sua critica em nossos trabalhos grammaticaes, que, certo, não ficarão indefensos.

(*) A 2.ª ed. traz vírgula aqui.

Na sua exposição preliminar, tachando as obscuridades que lhe pareceo descortinar na forma do *Projecto,* dizia em seo *Parecer* o Dr. Ruy:

"A cada passo entre o meo espirito e o do legislador se interpunha ella como um véo, um diversorio, ou um tropeço".

Era, sem duvida, uma censura que, em sua exposição introductoria, fazia á redacção do *Projecto*: não deviamos responder a essa accusação, alli tão emphaticamente avultada?

Foi o que fizemos: notando aquelle trecho, onde reprovara o Dr. Ruy a forma em que estava redigido esse trabalho, mostramos que o vocabulo *diversorio* estava de todo desviado de seo sentido.

Num debate sobre a redacção do *Projecto do Codigo,* era descabido o exame que fizemos, quando, entre os defeitos da forma do mesmo, articulava o Dr. Ruy que, entre o seo espirito e o do legislador, se interpunha esta forma "*como um véo, um diversorio, ou um tropeço*"?

Entre as formas de construcção que se lhe antolharam duvidosas, considerou o Dr. Ruy Barbosa a seguinte, a que deo o espitheto de *typica,* chamando para ella a attenção do leitor:

"O domicilio da pessoa natural é o lugar em que estabelece ella a sua residencia".

Glosou o Dr. Ruy esta redacção nos seguintes termos:

"Em que *estabelece ella!*

"Custa crer que ouvidos portuguezes se conformem a esta singular posposição do pronome pessoal. Estará salvo, se quizerem, no lance, o trivial da grammatica. Mas a intuição vernacula repelle esta transposição dissonante.

"O *que,* nesta sentença, attráe o pronome pessoal, forçando-o a preceder o verbo".

Revendo a redacção do *Projecto,* depois de commentada pelo Dr. Ruy, em que exorbitamos, tocando-lhe neste ponto da preliminar, quando nella mesma, em seguida áquela extemporanea exclamativa, está formulada a censura do modo como acabamos de ver?

No art. 877 do *Projecto,* deparando-se-lhe a seguinte phrase:

"Feita a escolha, regerá o disposto no artigo anterior",

diz o Dr. Ruy, na sua preliminar:

"Este *regerá* exige complemento objectivo; porque o verbo *reger* não é neutro".

Esta observação do erudito senador, que se não fundamenta na verdade, não estava a exigir uma resposta, e não lh'a deviamos dar, só por lhe não tocarmos nessa parte do seo trabalho?

Aquelles sons que, sob a denominação de *assonancias, cacophonias, hiatos, echos* (*) e *collisões*, o Dr. Ruy Barbosa recolheo todos na exposição introductoria ao seo *Parecer*, para armar ao effeito que intentava, aquellas palavras, que, ao dizer do douto critico, *balbuciam* e *gaguejam, matraqueam* e *grasnam, embicam* e *tropeçam, martellam* e *trabucam*, tudo isso não foi escripto, e industriosamente apanhado, reunido, censurado ou commentado na exposição minuciosa, que abre a porta ao seo longo trabalho sobre a redacção do *Projecto?*

E como accusar-nos por lhe havermos tocado nessa exposição introductiva, onde se acham articuladas aquellas censuras?

Não é ahi mesmo, nessa introducção, que, fallando das desinencias em *ão*, diz o Dr. Ruy que com ellas *ora troveja o texto como um bronteo, ora dobra como um carrilhão?*

Não sabemos, pois, porque nos era defeso penetrar na preliminar das emendas do Dr. Ruy, feitas á redacção do *Projecto do Codigo*, e em suas notas attinentes ao mesmo assumpto, nem porque se nos vede correr a cortina a esses adytos, por elle julgados imperscrutaveis.

A's vezes o Dr. Ruy sobrepensado avoluma de sobejo o erro ou a falta, por nós apontada no seo trabalho, não tanto por mostrar o alcance de sua subtil dialectica, defendendo-se das faltas increpadas, quanto por encarecer a *aspereza* de nossa *severidade*, a *iniquidade insigne da critica, a malignidade da injustiça.*

Assim é que, extranhando-lhe nós na emenda ao art. 1772 a seguinte phrase:

"Havendo simultaneamente mais de um testamenteiro que *tenham* acceitado o cargo",

responde, na *Replica*, n. 289, o Dr. Ruy, tomado de descabida acrimonia:

"Teve aqui um fartão de alegria o mestre, com a opportunidade, que se lhe deparou, de mostrar que o seo laureado alumno de outros tempos

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se o termo "echos", possivelmente erro da revisão.

não sabe hoje concordar o verbo com o agente, que o escriptor condecorado pelo Dr. Carneiro, nos seos *Serões*, com os epithetos de *esclarecido* e *eximio*, babuja o nosso idioma como qualquer *tamanqueiro de obra grossa*".

Classifica a falta, que lhe apontamos, de *erro chambão e alvar, que só a iniquidade insigne* de nossa critica lhe poderia imputar; é uma *alarvaria grammatical*, é *asneira de preto novo*, é *syntaxe de cozinheiro*.

Entretanto a nossa censura parece não merecia esse rematado desabrimento, com que nos responde o Dr. Ruy Barbosa.

Se é verdade que em portuguez, como em francez, cuja syntaxe é, neste particular, identica, se não costuma usar do verbo no plural, salvo tratando-se de uma ideia de reciprocidade, de um substantivo collectivo depois da expressão *mais de um* ou quando é esta repetida, também é certo que um ou outro escriptor portuguez ou francez tem, em taes circumstancias, bem que raramente, feito uso do numero plural.

Destes escriptores figura, entre os francezes, Voltaire; entre os portuguezes, Castilho Antonio; do que mais ao diante (*) daremos testemunho, no correr deste nosso trabalho.

O emprego, pois, daquelle plural, de que usou o Dr. Ruy, e que nós lhe extranhamos, é uma falta, sim, porque não conforma com o uso commum dos nossos escriptores, mas longe está de se reputar *erro chambão e alvar*, como lhe aprouve qualificar; não é erro de *tamanqueiro de obra grossa*, nem *syntaxe de cozinheiro*, nem *asneira de preto novo*, com que se irrogue iniquidade a quem quer que seja, em lh'o attribuindo.

Em alguns casos, é o proprio Dr. Ruy quem nos vem dar o documento do quanto de exaggero houve no aquilatar as faltas do *Projecto*.

Assim que, no seo primeiro trabalho, estudando e emendando o art. 658, conta *oito vezes, em sete linhas, o retumbar* do ÃO. "É", diz elle, "*um carrilhão de cathedral*".

Na *Replica*, n. 296, esses *oito* echos, em sete linhas, se reduzem a quatro, dizendo:

"Não são, portanto, os echos tantos quantos eu contara, isto é, são tão somente *quatro*".

A esse continuo exaggerar tudo, em que deliciosamente se engolfa o illustrado Dr. Ruy Barbosa, já em seo primeiro trabalho,

(*) Na 2.ª ed. lemos "mais ao adiante".

já em sua *Replica*, não ha como lhe pôr termo nem medida: é mar em que não acha fundo a sonda da moderação.

Critica a modo burlesco a locução *só póde*, que "*estribilha* mais de cem vezes por toda a extensão do *Projecto*, e lhe *rabeia*, e lhe *estoira* por entre os artigos como *bichas da China*".

O que de exaggero vae nesta critica do insigne adversario a breve trecho sobejamente mostraremos, quando, no desenvolvimento deste nosso trabalho, ventilarmos o assumpto, onde veremos que não só entre os (*) antigos escriptores, senão entre os mais modernos, se nos offerecem centenas de exemplos, em que, ainda em poesia, onde são mais rigorosas as exigencias da harmonia, se não tornaram melindrados os ouvidos dos mais elegantes e polidos exemplares da linguagem com o uso da locução *só póde*, contra a qual tanto se insurge o rigorismo auditivo do Dr. Ruy Barbosa.

Quando falla em relação a nossos trabalhos grammaticaes, vae o Dr. Ruy alem da medida do justo e razoavel; é o mesmo tom desmesurado e hyperbolico, que por isso mesmo deixa transparecer que foi sacrificada a verdade.

Assim é, por exemplo, que, em o numero 197 de sua *Replica*, se externa do seguinte modo:

"Mas ninguém notou ainda aos nossos antigos autores maior numero de faltas que o Dr. Carneiro".

Assim é que, em o numero 223, tangendo sempre na mesma corda, obedecendo sempre ao mesmo pendor de animo, escreve:

"Mas ninguem, ninguem errou jamais em tanta maneira, copiosamente, espalmadamente, como o Dr. Carneiro na collocação dos pronomes. A sua *Grammatica Philosophica* é, a esse respeito, um mappa de anatomia pathologica, onde se gruparam, apinhoadas, todas as variedades e circumstancias deste syndroma grammatical".

Assim é ainda que, em o numero 236 da mesma *Replica*, são estes os termos em que se expressa:

"Nesta materia, em que, de todos os grammaticos notaveis, era o que menos sabia, e o que mais errava, hoje é o que mais entende, e o que mais decreta".

Exprimindo-se assim, no tocante á collocação dos pronomes complementos, havia-se deslembrado o Dr. Ruy Barbosa, em que pese á sua notavel retentiva, do seo *Papa e o Concilio*, onde, sem

(*) — Na 2.ª ed. lemos: "os *nossos* antigos".

receio de sermos contestados, lhe apontamos mais de duzentos erros de collocação pronominal, como mais tarde se nos offerecerá ensejo de demonstrar.

E muito, muito mais longe proseguiriamos, se quizessemos esmiuçar os lugares onde, tão damnoso á verdade do debate, sobresáe, a lanços, este vezo do illustrado escriptor de exaggerar tudo, vezo onde muitas vezes a critica, de puro immoderada e apaixonada, perde os estribos da razão.

"Não sei", diz o Dr. Ruy (*Replica*, n. 13), "se Achilles, depois de ter empunhado a lança, ainda sujeitaria a dextra á ferula do Centauro".

Tambem não sabemos, dizemos nós, se Chiron se despojara do seo arco, para, inerme, receber os golpes de Achilles, se este, sedento de glória, lança em riste, arremettesse contra elle.

Em alguns lugares de sua *Replica*, a linguagem do illustre censor, sobre impetuosa, é manifestamente offensiva, como o prova a leitura dos numeros 60, 93, 59, 156, 197, 227, 345 e 360.

No primeiro destes numeros, tratando da collocação dos pronomes, diz haver posto nimia confiança em mim, seo director grammatical, suppondo haver-se fiado num grammatico, e de uma *ventoinha* é que elle fizera confiança.

Entretanto, notavel incoherencia! esse grammatico, escolhido pelo Dr. Ruy Barbosa para seo director grammatical, é o mesmo que, affirma-o elle mesmo agora na *Replica*, menos sabia, aquelle cuja *Grammatica Philosophica* é, no concernente á synclise pronominal, *um mappa de anatomia pathologica, onde se gruparam, apinhoadas, todas as variedades e circumstancias deste syndroma grammatical.*

Com que falta de discreção e criterio lhe deo assim preferencia, tomando por seo guia e director, na intrincada questão da posição do pronome complemento, aquelle mesmo que de antemão conhecia ser o peior? Como fiar do que, ao seo entender, não tinha nesse assumpto grammatical opinião segura, do que era voluvel de doutrina, falho de theorias verdadeiras, movel e inconstante como um catavento?

O numero 93 da *Replica* contem um trecho que, por descabido, não merece commentado, e cuja resposta está em sua propria transcripção.

Empregou o *Projecto* no art. 17 a locução *convenções privadas;* o Dr. Ruy, em suas emendas, impugnou este adjectivo na terminação feminina.

Não encontrando serio fundamento, defendemos a locução, (*) usada pelo *Projecto*.

Lembrou ao critico refugal-a com as seguintes palavras:

"Em questões, como esta, de gosto, e, digamos assim, de olfacto, nem sempre será o melhor aviso o que puder abundar em razões mais ponderosas. Ahi o que decide com acerto, é o tacto do entendido, a experiencia do conhecedor, não logrando, muita vez, estribar o seo laudo noutro motivo que o seo proprio sentir, criterio pessoal, intimo, instinctivo e, não raro, indemonstravel".

Se na *Replica* não viesse estampada a assignatura do preclaro senador, não acreditariamos nós que o seo elevado espirito concebesse o pensamento alli contido, nem sua penna de oiro traçasse aquellas linhas.

Nas *Ligeiras Observações* censuramos a emenda que fez o Dr. Ruy ao art. 105 do *Projecto*. Pela redacção que lhe deo, ficaria a phrase reduzida ao seguinte:

"Haverá simulação nos actos, quando as partes os tiverem simulado".

A' nossa censura respondeo o Dr. Ruy nos termos seguintes:

"Aqui entra pelos olhos o lapso da attenção, o resvalo da penna, a que deo lugar a bifurcação do periodo.

"Felizmente a assacadilha outra coisa não é que um recurso de máo jogo, uma chança de máo gosto". (*Replica*, n. 59).

De modo que o apontar a alguem uma falta, mas que seja devida a lapso da attenção, a resvalo da penna, é fazer-lhe assacadilha, isto é, imputar-lhe aleivosamente essa falta, usar de recurso de máo jogo ou chança de máo gosto! E' certamente desviar e inverter a significação dos termos.

Emendando o art. 315 do *Projecto*, opinou o eminente censor que se mudasse a linguagem do verbo, pondo-o no subjunctivo. Tratava-se da phrase seguinte:

"quando a desordem nos negocios do marido fizer *receiar* que os bens deste não *bastam* para garantir os seos";

devendo-se, segundo o Dr. Ruy, substituir, no lance, o *bastam* por *bastem*.

Bem que depois do verbo *receiar* e outros de significação analoga, a seguir o uso dos classicos, não seja o subjunctivo o modo exclusivo da subordinada que o segue, consideramos que a razão militava pelo modo verbal da emenda.

(*) Supprimiu-se a virgula na 2.ª ed.

Mas o douto critico, apezar de minha annuencia, com respeito ao modo por elle indicado, quiz dar mais extensão ao n. 156 da sua *Replica,* quiz lardeal-o, adubando-o ao seo gosto, adaptando-o ao teor geral desse trabalho, e, alludindo a censuras que noutro lugar lhe fizemos, arguindo-o de arrevezado e obscuro, ás vezes, na disposição do phraseado, nas emendas ao *Projecto,* golpea-nos, atirando o seguinte remoque:

"Quando um homem nasceo charadista, os enigmas são o seo elemento. Mais enxerga o peixe no fundo que á tona".

Dando ainda a mesma feição ao seo estylo, pergunta o Dr. Ruy, em o n. 197 de sua *Replica,* condoido, porventura, dos destinos da mocidade, cujo espirito iriamos talvez infeccionar, propinando-lhe o veneno de nossas theorias grammaticaes:

"Porque não queimou, ou abjurou o mestre as suas grammaticas, antes de se lançar a este debate?"

Ao que lhe respondemos, como mais adiante verá o leitor, que sujeitasse ao mesmo destino purificador o seo *Papa e o Concilio,* que, mais do que todos os meos trabalhos grammaticaes, bem merecia que o seo autor o fadasse áquella sorte.

Em sua *Replica* (n. 227) interroga assim o Dr. Ruy:

"Será de grammatico, ou de enguia humana, essa compleição resvaladiça e fugidia?"

Querendo depreciar o homem, o esclarecido critico exaltou o peixe, dando-lhe o absurdo epitheto de *humano — enguia humana.*

Não foi aqui o homem que se fez enguia, foi a enguia que tomou os attributos do homem.

Pondo remate ao n. 345, sáe-se o estrenuo escriptor com a finura deste lance de refinada amabilidade.

"Moderemos, pois, esse instincto de coveiros, que anima a certos philologos, tanto mais inclinados a relaxar com os neologismos, quanto mais severos em apertar com os vocabulos de boa lei".

Sem rebuçar sequer o alvo, onde atira o agudo farpão da critica offensiva, escreve o Dr. Ruy (*) em o numero 425 de sua *Replica*:

"Ha grammaticos provectos, philologos consummados, que nunca escreveram senão com penna de chumbo em papel borrador".

(*) Na 2.ª ed. collocou-se virgula depois de *Ruy*.

Referindo-nos á emenda do Dr. Ruy ao art. 187 do *Projecto*, censuramos o haver elle empregado a locução *datar em* por *datar de*, na seguinte phrase:

"Data o começo do prazo na separação".

O Dr. Ruy reconhece que ninguem escreve hoje *datar em*, e sim *datar de*, dil-o elle mesmo; mas affirma e bate fé que *datar em* é forma classica, *de que infelizmente* nós *não sabiamos*.

Não é ir no affirmar mais longe do que prescreve o bom senso e o discernimento no dizer? Não é abalançar-se a exprimir *temere et inconsulte* um juizo falso?

Antes de o enunciar, que provas tinha onde o estribar? Ainda bem: não nos nega, ao menos, que é errado o que estava alli impresso, tanto que o attribue á inadvertencia dos compositores ou revedores, que trocaram um *d* em *n*.

Não lhe fora muito melhor e mais airoso limitar-se a levar aquella inadvertencia tão somente á conta da officina typographica, que affirmar peremptoriamente aquillo de que não tem sciencia certa?

Mas em nenhum ponto o Dr. Ruy tão claramente põe de manifesto a sua disposição de animo contra a ousadia das censuras ao seo trabalho, quanto na parte de sua *Replica* (n. 146), onde trata do *que* interrogativo.

Reprovou o preclaro escriptor o *que* interrogativo precedido do artigo, na seguinte phrase de Ramalho Ortigão:

"*O que* é que quer o nobre animal?; (1)

e, contestando o adjectivo *desvirginado*, empregado por este escriptor portuguez, a quem se refere Candido de Figueiredo, quando, em seo diccionario, consigna o verbo *desvirginar*, disse que é de pouco valor como classico o juizo do autor da *Hollanda*, primoroso, é verdade, no colorir e burilar o estylo, mas nem sempre seguro padrão na pureza e esmero do dizer.

"Alli mesmo", affirma o Dr. Ruy, fallando de Ramalho Ortigão, "logo na pagina anterior é elle quem pergunta: "*O* que é que quer o nobre animal?" Em portuguez diriamos: "Que é o que quer o nobre animal?" ou: "Que quer o nobre animal?"

Nas *Ligeiras Observações* ponderamos que, apezar de opinarmos igualmente com o Dr. Ruy que se não deve empregar o artigo antes do *que*, quando interrogativo, não era o uso desta syntaxe

---

"(1) Como R. Ortigão, disse Machado de Assis nas *Varias Historias* (Pg. 213): "*O que* é que Você quer?". (*)

(*) A presente nota foi suppressa na 2.ª edição.

razão por que aquilatassemos da pureza do elegante escriptor portuguez, por isso que nos escriptores modernos, dentre aquelles mesmos que mais garbosamente terçam pelo bom dizer, não falta quem apponha muita vez o artigo ao *que* interrogativo.

E depois de citarmos alguns exemplos de modernos escriptores, transcrevemos o seguinte de nossa *Grammatica Philosophica*, extrahido da *Grammatica Nacional* de Aulete, e attribuido por este grammatico e lexicographo a Antonio Vieira:

"O que dirão a isso os todo-poderosos do mundo?".

Ora, o exemplo não está assim na obra de Vieira, onde se acha esse trecho, e sim:

"Que dirão agora a isto os todo-poderosos do mundo?".

Dahi tira o doutissimo censor grande argumento, em que, enchendo as medidas do despeito, afanosamente se esforça por provar que a nossa versão, *grosseiramente espuria, sobre inverter a syntaxe do escriptor, calumniando-o, lhe desfigurara ainda, a outros respeitos, o texto, accrescentando um vocabulo e supprimindo tres a uma sentença de cinco palavras*". (*Replica*, n. 14).

Affirma que estropiamos tres vezes a Vieira em menos de uma linha.

Estropiamol-o, eliminando-lhe o *agora.*

Tornamos a estropial-o, convertendo-lhe o *isto* em *isso.*

Não contentes, emfim, de o estropiarmos no vocabulario, acabamos, estropiando-o na syntaxe, com lhe antepor o artigo *o* ao *que* interrogativo.

"Que fé nos podem merecer de ora avante", pergunta o Dr. Ruy, assombrado da multiplicidade desses molestos estropiamentos, "as citações do professor Carneiro...?"

E tanto se entra de paixão, tanto se agasta no accusar-nos, tanto se lhe tolda e ensombra a faculdade de julgar, que erra até na operação de diminuir, como, relativamente aos cacophatons, se engana na de sommar.

Com effeito, conforme o Dr. Ruy, desfiguramos o texto de Vieira, *accrescentando um vocabulo e supprimindo tres a uma sentença de cinco palavras.*

Logo, deduzidas essas tres palavras das cinco da sentença de Vieira, deviam ficar apenas duas.

Conte agora o leitor as palavras de Vieira na sentença, assim redigida:

"Que dirão agora a isto os todo-poderosos do mundo?".

Ora, os vocabulos que supprimimos ao mencionado trecho, segundo assevera o proprio Dr. Ruy Barbosa, sublinhando-os, são os tres seguintes: *agora, a* e *isto;* logo, se a sentença consta de cinco palavras, só duas, e não mais, deviam ficar, deduzidas as tres, que elidimos. Mais claro é isto que o sol.

Pois ainda ficaram não menos de seis: *que, dirão, os, todo-poderosos, do, mundo,* as quaes não sabemos por que extranho calculo do (*) Dr. Ruy não são seis, senão duas, compondo-se a sentença, como diz, de cinco palavras, sendo destas deduzidas as tres, que elle sublinhou.

E' que a paixão no accusar, cegando-o, o (**) fez ver na sentença cinco palavras, quando maior era o numero de elementos grammaticaes, que a compunham.

Succede sempre assim, quando se medem e contam as coisas pela escassa medida e pela instavel e fallaz arithmetica das paixões, que nada veem senão pelos olhos dos impulsos, que as animam e sustentam.

Aquelle exemplo de Vieira, já indicado assim em nossa *Grammatica Philosophica,* ha vinte e tres annos, e transcripto da *Grammatica Nacional* de Aulete, imputa-o o Dr. Ruy á intenção nossa de desfigurar o texto, calumniando o escriptor portuguez!

Entretanto importa notar que não somos dos que pensam que se deva usar do artigo antes do *que* interrogativo; mas tambem sabemos, e isto fundadamente, que entre os modernos se não eximem de o empregar, nestas circumstancias, escriptores de grande polpa, como a ponto veremos mais tarde no corpo deste nosso trabalho.

Desforra poderamos nós tirar, em que, certo, nos ficara ainda saldo, se quizessemos apontar os lugares onde o illustre critico ora altera, não diremos de intento, passagens de escriptores, ora palavras de nossos trabalhos grammaticaes, desvirtuando muita vez, pelo geito que dá ao phraseado, nossas ideias e pensamentos.

(*) Na 2.ª ed. lemos *de* em vez de *do.*

(**) Na 2.ª ed. lemos "o fez na".

Ainda ha pouco fallamos no vocabulo *diversorio*, de que usou o Dr. Ruy, apparentando encostar-se á autoridade de J. de Castilho, que, segundo affirma desenganadamente, se valeo da mesma palavra na accepção de *distracção, diversão,* coisa que *afasta, diverte.*

Analysando o trecho de J. Castilho, não se vê, como breve mostraremos, que o sentido ligado pelo escriptor portuguez ao termo *diversorio,* no lanço a que se refere o illustre Dr. Ruy, é totalmente diverso do que este associa ao mesmo vocabulo?

Firmando-se em transcripções de Galhardo e Raggio Nobrega, não apresenta evidentemente alteradas duas phrases das *Lendas e Narrativas* de Alexandre Herculano, obra cuja citação facil lhe fora verificar, sendo o consummado escriptor tão reconhecidamente versado nos classicos antigos e modernos?

No emtanto lá estam exarados na *Replica* (n. 228), falsamente attribuidos a A. Herculano, os trechos seguintes:

"Não *acha-se* nisto um typo de cubiça e avareza?" (Apud Galhardo). Não *acha-se* nisto um pensamento enganoso?" (*Lend. e Narrat.* Apud Nobrega).

Alexandre Herculano, porem, como opportunamente veremos, não escreveo tal. As duas phrases do autor das *Lendas e Narrativas,* como lá se acham construidas, no tomo II, pg. 295 desta sua obra, escreveo-as elle assim:

"Não ACHAES nisto um typo de cubiça e avareza? Um pensamento enganoso?"

Sabido é que o verbo *querer* na accepção de *querer bem* a alguem, devotar-lhe amor, pede objecto indirecto; e assim se diz: eu *lhe quero* muito, elle *lhes queria* muito, sempre *lhe quiz* muito. Sustenta o Dr. Ruy que neste sentido se lhe dá tambem objecto directo, dizendo-se:

"querendo com amor o idioma que fallamos",

e, entre outros exemplos para justificar a sua these, cita a seguinte phrase, attribuida a Barros:

"Ver ante si D. Garcia de Noronha, seo sobrinho, *que* elle muito queria".

Ora, o trecho de João de Barros, como se acha redigido na *Decada II.* Liv. VII. Cap. III. Pag. 175 da edição de 1777, que é a consultada pelo Dr. Ruy, segundo se collige das varias citações que faz desse classico, não reza: "*que* elle muito *queria*", mas: "*a que* elle muito queria".

Combatendo o adjectivo *illicito* na expressão *affinidade illicita* do *Projecto*, no art. 188, o Dr. Ruy diz que este adjectivo só se diz de actos, o que teremos occasião de demonstrar ser completamente inexacto; traz em apoio de sua opinião o diccionario de Littré, que exemplifica o adjectivo nas expressões seguintes: *conventions illicites, des assemblées illicites* — convenções illicitas, assembléas ou reuniões illicitas, e logo, citando Rotrou, transcreve a expressão *un amour illicite* — um amor illicito. Adduzindo o Dr. Ruy o trecho de Littré, não diz como este lexicologo *um amor illicito — un amour illicite;* mas, trocando o singular no plural: *amores illicitos* — des *amours illicites*. Ora, a palavra *amour-amor* no plural não tem, nem no francez, nem no portuguez, exactamente o mesmo sentido que se lhe associa no singular: neste numero denota um sentimento, e sentimento não é acto; não assim no plural, onde significa ordinariamente galanteios, namoro, relações amorosas, e então se pode considerar como indicativa de actos.

Trocando, logo, o *un amour illicite* do escriptor francez por *des amours illicites — amores illicitos*, alterou de todo o Dr. Ruy Barbosa o valor significativo dos termos.

Não nos attribue o esclarecido critico (*Replica*, n. 223 *in fine*) o darmos o nome de *idiotismo* a certas construcções, onde descabidamente figuram os pronomes complementos antes ou depois dos verbos, quando é *brasileirismo*, e não *idiotismo*, o termo pelo qual designamos essas indevidas collocações pronominaes?

Não attribue (*Replica*, n. 197) a D. Francisco Manoel de Mello o que pertence a Francisco Manoel do Nascimento, e (*Replica*, n. 320) a Eça de Queiroz o que pertence a Teixeira de Queiroz, o autor da *Comedia do Campo?*

O exemplo da *Carta Primeira* do Arcebispo Primaz, extrahido pelo Dr. Ruy Barbosa da *Vida do Arcebispo* de Fr. Luiz de Souza (Liv. II. pg. 60), assim escripto na *Replica*, n. 65:

"Se nessa terra se *permittisse* alguns destes falsos evangelistas, ajunctariam muitos discipulos",

e reputado pelo operoso senador como uma violação á regra do *se*, que, usado como particula apassivadora, força o verbo ao plural, quando deste numero é o sujeito, não foi fielmente transcripto do texto, onde se nota assim redigida a phrase:

"Suspeito muito que se nessa terra se PERMITTISSE ALGUM destes falsos evangelistas, ajunctariam muitos discipulos".

O emprego do plural *alguns* em vez de *algum,* (*) como se acha na *Vida do Arcebispo,* levou o Dr. Ruy Barbosa a considerar transgressão da regra o que foi apenas devido á inadvertida alteração do trecho que transcreveo.

* * *

Outras vezes já são diversas as armas com que esgrime o sabio autor da *Replica,* em ordem a depreciar o nosso desambicioso e inoffensivo trabalho.

E' a ironia, a chança mordaz, o gracejo descabido e mal avisado, de que recheia as paginas de sua *Replica,* afastando-a da gravidade do assumpto, de que trata, o qual mal se tempera com semelhante teor de linguagem, onde, no mais desencontrado e mal irmanado consorcio, desalinhadamente se confundem e dão as mãos o serio e o jocoso, o moderado e o rispido, o cortez e o desabrido, o respeitoso e o escarninho.

A proposito da censura que fizemos á emenda ao n. IV do art. 420 do *Projecto,* começa o esclarecido critico, para nos molestar por fazer injustiça a si mesmo, por ser iniquo contra sua propria adolescencia, sempre tão correcta e exemplar, exprimindo-se no seguinte optativo, a tão má hora lembrado, bem que á sua paixão momentanea lhe arrancasse a consciencia um *bem poderia ser,* que attenúa e minora um pouco a braveza da sentença:

> "Tivesse eu", diz o Dr. Ruy, (*Replica,* n. 206) "quarenta annos menos, bem poderia ser que esta sophisteria de má morte me não escapasse a um desses froixos de riso em casquinada, frescos, amplos, chirriantes, com que a troça menineira se despica das esturrices da palmatoria, salvando em assuada franca aos escorregos e cochilos do saber magistral".

Na incerteza opposta á asserção do Dr. Ruy por aquelle *bem poderia ser,* parece-nos ouvir, transportando-nos áquelles tempos em que o conhecemos, tão cortez sempre e sempre tão respeitoso, nos primeiros annos de sua adolescencia, o brado incoercivel da consciencia do distincto autor da *Replica* contra a possibilidade, sequer, dessa affirmação, que lhe cahio da penna.

A uma censura feita á sua emenda ao art. 658 do *Projecto,* em que de nossa parte houve, como sempre, o maior comedimento de linguagem, sae-se o eminente senador com o seguinte gracejo, tão intempestivo, quanto dessalgado:

(*) Na 1.ª ed. lemos u com til sobreposto, o qual não vai aqui por faltar na typographia.

"Destes dois achados pode haver patente de invenção o mestre, que bem a merece". (*Replica*, n. 236).

Na introducção de sua *Replica*, são estes os termos com que se refere ao humilde e obscuro autor das *Ligeiras Observações*:

"Ao mesmo tempo faziam assoalhar que o revisor bahiano do *Projecto*, convidado a escachar-me, tinha na fragoa, as grandes baterias de martinete, uma resposta de Titão agastado".

Para appellidar-se de Jupiter, não havia mister phantasiar esse *Titão agastado*.

Notamos ao Dr. Ruy, na emenda ao art. 335 do *Projecto*, (*) o emprego descabido da linguagem do verbo *tratar* no presente do subjunctivo, onde correctamente só o indicativo é que se devera usar.

Levando-nos, porem, a mal o arrojado ousio do reparo, zombeteando, responde-nos o autor da *Replica*: que uma differença de lettra, a troca de um *a* em *e* na desinencia de um verbo, nos proporcionou ensejo de *pontificar e triumphar nessa plenitude saborosa das grandes e faceis desforras*.

Noutro lugar (*Replica*, n. 348), ainda dando largas ao tom de ironia, que resumbra em muitos trechos de sua *Replica*, diz o Dr. Ruy, fallando do adjectivo *lidimo*, que, não sei porque lei de phonologia, considera vocabulo grave ou paroxytono, e não proparoxytono:

"Eis aui outro vocabulo, que o mestre me não perdoa. Tambem é dos antiquados, que a juvenilidade litteraria do eminente grammatico refusa desenganadamente".

Ao obscuro autor das *Ligeiras Observações*, a quem, em alguns lugares de sua *Replica*, por um requinte de fidalga gentileza e apurada cortezia, appellida o Dr. Ruy de *mestre, douto, sabio, respeitavel, venerando, conhecedor de sua lingoa*, qualificações que é aquelle o primeiro a reconhecer não possue, nem lhe cabem á propria, noutros lugares, em dissonancia com esses honrosos epithetos, que lhe prodigaliza, compara esse mesmo, a quem qualifica de mestre e venerando, não ao pescador do alto, com que o elevaria de mais, senão ao *mariscador, a quem não escapa nem a ameijoa, nem a sapateira*, ao *pescador do raso, que vai ás trutas, venha ou não de bragas*

(*) Por evidente erro de revisão, a virgula, neste passo, deslocou-se para depois de 335. Fizemos a correção.

enxutas; e, como atraz o dissemos, imagina risivelmente e em remoque não obscuro *certos philologos de penna de chumbo em papel borrador.*

Quer-lhe parecer ao autor da *Replica* que *levantamos testemunho* a Juvenal; affirma que não tem entranhas a grammatica; a nada, a nada poupa; é uma *bestia insatiabilis,* uma besta que de nada se farta; enxerga nas *Ligeiras Observações o encansinado* empenho de lhe enxovalhar o nome de escriptor, de arrastal-o á picota dos escrevedores de baixa estofa.

A um mero descuido, a uma inadvertencia nossa, representa-se-lhe a imagem de Menalco, aquelle psychopatha, descripto por La Bruyère, em seos *Caracteres,* e cuja distracção tão longe ia, tão fóra do commum se lhe notava, que se não havia mais por um processo normal, physiologico, senão por uma individualidade pathologica, que Ball seguramente collocaria, ao menos, nas fronteiras da loucura.

E vae por ahi afóra, em sua *Replica,* o Dr. Ruy Barbosa, quasi sempre ironico, mordaz e offensivo. Se alguma vez louva, não se lhe tem em muito o louvor, porque, em muitos pontos, se não sabe bem ao certo se louva ou vilipendia.

Entretanto, nas *Ligeiras Observações* reprovamos, é verdade, certas construcções, certos modos de compor o discurso, empregados pelo illustrado critico, guardando sempre, no tocante ás emendas á redacção do *Projecto,* o mais escrupuloso comedimento de linguagem, por amor não só ao esclarecido escriptor, cujos meritos acatamos, reconhecemos e confessamos, senão por amor a nós mesmos, pelo respeito que todos nos devemos.

E ahi correm impressas as nossas *Ligeiras Observações,* para dar testemunho do que affirmamos, sem receio de que se nos contradiga.

Longe, bem longe, pois, estavamos de pensar que esse nosso trabalho, qualquer que fosse o aspecto por onde se encarasse, fosse injustamente reputado um desabafo pessoal, uma explosão de mal contida vingança.

* * *

Nas generalidades da *Replica* chama o seo autor a attenção para algumas faltas, que no seo primeiro trabalho das emendas deixou de mencionar; e um dos pontos de que falla é a expressão *ter lugar.*

Desde muito conhecemos as variantes de sentido que se dão em portuguez a esta locução; vertida, porém, litteralmente em nossa lingoa por *ter lugar,* do francez *avoir lieu,* para significar o mesmo que *effeituar-se, celebrar-se, realizar-se, dar-se,* é francezismo, condemnado pelos mestres da linguagem.

O sabio contradictor reprova-nos o havermos substituido essa expressão, nos arts. 1011, 1017 e 1534 do *Projecto*, pelas locuções *effeituar-se*, *realizar-se*, *applicar-se*.

O que mais notavel se nos afigura é que, censurando-nos a redacção dada a esses tres artigos, o Dr. Ruy do modo mais solemne se condemne a si proprio.

Eis o que escreve em sua *Replica* (n. 12):

"A expressão *ter lugar* é francezia, quando empregada por *occorrer*, *succeder*, *verificar-se*, *effeituar-se*. Na accepção, porem, de *caber*, *ser admissivel*, *ser applicavel*, *legitimo*, *opportuno*, *regular*, é indisputavelmente vernacula e sanccionada por todos os mestres.

"Ora foi justamente neste significado que a redacção dos cinco adoptara essa locução, nos arts. 1052 e 1058 do seo projecto, o primeiro dos quaes estatuia: "A compensação *tem lugar* entre dividas liquidas, exigiveis e de coisas fungiveis"; determinando o segundo: "Não pode *ter lugar* a compensação, havendo renuncia previa de um dos devedores". Era como se houveram dito, no primeiro caso: "A compensação *cabe*, *é legitima*, *admitte-se*, ou *procede*", e no segundo: "*Não se applica*, *não é opportuna*, *não se pode invocar* a compensação".

"Logo em ambos os textos, correctissimo portuguez, vernaculo de lei. Não obstante, em ambos o Dr. Carneiro emendou, substituindo, no primeiro, o *tem lugar* por *effeitua-se* e trocando-o, no segundo, em *realizar-se;* com o que, sobre dar, num e noutro, um errado quináo de linguagem, viciou, no primeiro, o texto com uma erronia juridica, azando pela dubiedade da phrase, ensejo a suppor-se que a compensação se effeituará sempre, em havendo dividas dessa natureza, quando o pensamento do legislador seria meramente autorizar os interessados a invocal-a em taes casos. Emenda igualmente infundada praticou no art. 1537. Ahi escrevera muito bem a commissão: "Não *terão lugar* as penas dos dois arts. antecedentes". E o Dr. Carneiro corrigio: "Não *se applicarão*", quando é certo que, na accepção de *caber*, *applicar-se*, a expressão *ter lugar* é irreprehensivel".

Agora, para o leitor apurar bem os quilates da censura áquelles tres artigos do *Projecto*, em que, ao entender do Dr. Ruy, demais de darmos um errado quináo de linguagem, viciamos o texto, no primeiro com uma erronia juridica, transcreveremos os artigos cuja redacção condemna, e veremos que é o proprio Dr. Ruy Barbosa que, redigindo-os de modo analogo, com a mais notavel incoherencia sanccciona aquillo a que chama de *errado quináo de linguagem*, de *erronia juridica*.

Eis como no *Projecto*, por nós revisto, se achavam redigidos os mencionados artigos:

"Art. 1011. "A compensação *effeitua-se* entre dividas liquidas, exigiveis e de coisas fungiveis".

"Art. 1017.. "Não pode *realizar-se* a compensação, havendo renuncia previa de um dos devedores".

"Art. 1534. "Não se *applicarão* as penas dos artigos antecedentes, sempre que o autor desistir do pedido antes da contestação da lide".

Redigio-os assim o Dr. Ruy em suas emendas:

"Art. 1011. "A compensação *effeitua-se* (*) entre dividas liquidas, vencidas e de coisas fungiveis'.

"Art. 1017. "Não pode *realizar-se* a compensação, havendo renuncia previa de um dos devedores".

"Art. 1534. "Não se *applicarão* as penas dos artigos 1532 e 1533, quando o autor desistir da acção antes de contestada a lide".

Se, pois, nos tres artigos do *Projecto*, indicados pelo illustre e sabio jurisconsulto, divisa elle *um errado quinão de linguagem, havendo*, ao demais, como assevera, *uma erronia juridica*, que vicia o texto do primeiro, porque, emendando os mesmos artigos, conservou em todos elles as locuções, de que nos vem agora increpar?

Como pactuar assim com a *erronia juridica*, que estygmatiza e repelle?

Não é muito que nós, de todo o ponto leigos na sciencia do direito, commettamos, na redacção de um trecho, uma erronia juridica; mas subscrever o Dr. Ruy Barbosa, com o elevado prestigio de seo nome, a essa erronia juridica, abrir-lhe praça e sanccional-a com a sua alta autoridade de jurista, coisa é que custa a conceber.

Entretanto é esta a verdade. Leiam as emendas do Dr. Ruy Barbosa, feitas ao *Projecto* depois da revisão, e facil será de ver que o eminente censor, nos artigos que ora argúe de errado quinão de linguagem, sendo até, ao seo aviso, tocado um delles de erronia juridica, conservou exactamente, no que respeita ás locuções que refuta e repelle agora nas generalidades da *Replica*, a mesma redacção que encontrou, quando lhe chegou ás mãos o *Projecto*.

Esqueceo ao illustre contradictor que, com essa serodia censura, rebatendo a redacção daquelles artigos, mais do que ao obscuro autor das *Ligeiras Observações*, a si proprio é que refutava.

O alumiado escriptor extranha tambem que trocassemos a phrase do *Projecto*, anteriormente assim redigida:

"Mas poder-se-ha tambem levar em conta riscos differentes",

nest'outra:

"Mas poder-se-hão tambem levar em conta riscos differentes" (*Projecto* depois de revisto; art. 1470).

(*) Ruy escreveu "effectua-se" e não "effeitua-se".

E reflete que o verbo *poder*, alli, tanto caberia no singular, como no plural, sendo-lhe sujeito no ultimo caso a expressão *riscos differentes*, e, no outro, a oração do verbo *levar*.

Nada de novo nos adiantou o douto autor da *Replica*: já de muito sabiamos que os nossos classicos, em construcções analogas, empregam alguma vez o verbo *poder* no singular, mas nada nos vedava que, de dois modos correctos de construir uma phrase, preferissemos a construcção que nos parecia de uso muito mais commum entre os escriptores de melhor nota, e sobre cuja legitimidade nem, sequer, vislumbram toques de suspeita.

Assim é que se notam os seguintes exemplos, que para aqui trasladamos de nossa *Grammatica Philophica*:

"Pois, senhores, coração, bofe, baço e toda a outra mais cabedella, não *se podem* comer senão com cominhos".

(Camões. *Seleuco*. Prologo. Pg. 202).

"*Podem-se* pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes que Roma vio".

(Id. *Lusiadas*, Cant. 4.º Est. 6.ª).

"O uso, (*) porem, traz condemnadas essas suppressões do artigo, que mal *se poderiam* empregar hoje".

(J. de Cast. *Livr.* Luc. T. 2.º Pg. 251).

"E *poder-se-hiam* citar numerosos exemplos da mesma construcção".

(Lat. Coelho. *Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 60).

Afóra estes, innumeros são os exemplos que, em taes casos, se encontram do uso do plural, sendo incontestavelmente este o numero a que os nossos bons escriptores dão preferencia.

Lê-se em Vieira:

"*Podem-se* pescar peixes, homens não se *podem* pescar".

(Serm. T. 1.º Pg. 268).

"Os meios com que antecipadamente *se podem* atalhar ou diminuir as occasiões".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 57).

"Porque *se podem* offerecer algumas (occasiões) em que seja forçoso negar".

(Id. Ibid.).

(*) Aqui collocamos a virgula, por ser claro erro de revisão.

"Algumas pedras com as mesmas inscripções, que em Lypsio *se podem* ver estampadas".

(Id. Ibid. T. 11. Pg. 29).

"Depois de grandes não *se podem* tomar".

(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 135).

Em J. Freire notam-se os seguintes passos:

"Difficultosamente *se podem* particularizar accidentes com o rigor da verdade".

(Liv. 3.º 26).

"Empenhos, que só *se podiam* remir com a paz".

(Ibid. 29).

"Os materiaes não se *podiam* comprar, nem conduzir sem pagas e jornaes".

(Ibid.)

Em Castilho Antonio:

"Mal *se podem* pintar gigantes em pequena taboa".

(Vide *Vivos e Mortos*. Vol. 7.º Pg. 129).

Fallando desse sentido unipessoal, dado ao verbo *poder* em certas construcções, assim nos exprimimos em nossa *Grammatica Philosophica* (Pgs. 199-200), analysando a seguinte phrase de Vieira:

"Do mais alto lugar pode-se cahir ao infimo".

"O verbo", dissemos então, "é aqui empregado unipessoalmente, tendo o mesmo sentido que a locução *é possivel*, que os Latinos exprimiam pelo seu *potest*, empregado absolutamente: "*Potest ut illam mulctam non commiserit*".

"A phrase portugueza será assim analysada: cahir do mais alto lugar ao infimo pode-se, isto é, *é possivel;* o *se* não é sujeito, mas forma com o verbo uma expressão só, indivisivel.

"A lingoa franceza emprega o verbo *se pouvoir* de modo analogo, dizendo: *Il se peut que la vue de toutes ses étoiles favorise la rêverie* (Fontanelle)".

Não é, outrosim, raro, em linguagem familiar, ouvir dizer em portuguez: *pode* que faça, *pode* que venha, *pode* que seja feliz, isto é, *é possivel* que venha, que faça, que seja feliz.

Nos *Colloquios Aldeões* (Pg. 212) disse Castilho:

"Esses caritativos de vossa laia *poderá* que os haja, e *poderá* que não".

A phrase: "mas *poder-se-ha* tambem levar em conta *riscos* differentes" substituimol-a pela que se lê no art. 1470 do *Projecto* revisto: "mas *poder-se-hão* tambem levar em conta riscos differentes".

A emenda de uma phrase, de uma oração, de um phraseado não implica necessariamente erro nesta palavra, nesta oração ou phraseado: *emendar* não quer dizer sempre e somente corrigir o errado ou o mal feito, mas significa tambem *tornar melhor* (Vide C. de Figueiredo. Dicc.).

E é o que julgamos haver feito, substituindo uma phrase por outra, incomparavelmente mais frequente e mais bem aforada.

Quando, em suas emendas, nos trechos onde depois do verbo *incorporar* emprega o *Projecto* a preposição *em*, a substitue o Dr. Ruy por *a*, julgará porventura erroneo o emprego da preposição *em*, de que usa o *Projecto?*

Quando, nas mesmas emendas, depois da expressão *ter direito*, seguida de um infinitivo, usa da preposição *a*, em lugares onde o Projecto emprega a preposição *de*, haverá por erronea a syntaxe desta regencia?

O art. 1601 do *Projecto* é redigido do modo seguinte:

"Aquelle que tiver praticado actos que determinam a exclusão da herança, poderá ser a ella admittido, se a pessoa offendida e de cuja successão se tratar assim o tenha resolvido por acto authentico ou por testamento".

Na emenda do Dr. Ruy o mesmo artigo é assim modificado:

"O individuo incurso em actos que determinam a exclusão da herança (art. 1599), a ella será, não obstante, admittido, se a pessoa offendida, cujo herdeiro elle for, assim o resolveo por acto authentico, ou testamento".

Antes da revisão rezava assim o artigo:

"Aquelle que *tenha* sido excluido da herança, pode ser a ella admittido se a pessoa offendida, e de cuja successão se tratar assim o tenha resolvido".

O Dr. Ruy, que fez aquella emenda ao artigo revisto, comparando agora na *Replica* a redacção anterior á revisão do *Projecto* com a posterior, diz que se lhe antolha evidente que na segunda oração caberia melhor *tiver*, podendo conservar-se o *tenha* na primeira.

De modo que, ao seo ver, melhor seria a redacção seguinte:

"Aquelle que *tenha* sido excluido da herança, pode ser a ella admittido se a pessoa offendida e de cuja successão se tratar assim o *tiver* resolvido".

Mas o douto critico, em sua emenda ao *Projecto*, não redigio o artigo segundo agora opina; não disse: "se a pessoa offendida e de cuja successão se tratar assim o tiver resolvido", e sim: "se a pessoa offendida, cujo herdeiro elle for, assim o resolveo". Nem nos diz o Dr. Ruy a razão de sua preferencia, nem ainda porque a evidencia, que ora se lhe antolha, se lhe não patenteou logo á prima vista, forçando-lhe o assentimento.

Não sabemos, pois, que de censuravel tenha a formula que, depois de revisto, se lê na redacção áquelle artigo do *Projecto*, nem em que esta melhorou, trocando-se alli o *tenha resolvido* pelo *resolveo* da emenda Ruy.

Não havia mister vir dizer-nos o Dr. Ruy que, regendo a preposição *de* o infinitivo, acompanhado de um pronome, complemento directo ou indirecto, se põe a variação pronominal antes ou depois do infinitivo, nem que depois do demonstrativo *este* o pronome complemento precede ou segue o verbo.

Toda a gente sabe que se diz: este homem perdeo-se ou este homem se perdeo; estes cavalheiros cotizaram-se ou se cotizaram; esta morte presumia-se ou se presumia; hei de envial-os ou de os enviar; ficou satisfeito de os ver alli ou de vel-os alli; de lhes dar gasalhado ou de dar-lhes gasalhado.

Não emendamos a phrase, de que falla o Dr. Ruy Barbosa, por julgal-a errada, mas por nos soar melhor aos ouvidos.

Na phrase, contida no art. 668 do *Projecto*:

"sob pretexto de annotal-a, commentar e melhorar",

que com razão o Dr. Ruy reprova, escapou-nos o repetir o pronome complemento directo depois dos dois ultimos verbos, devendo-se dizer:

"sob pretexto de annotal-a, commental-a ou melhoral-a",

bem que tal ellipse não seja sem exemplo.

Assim em Garcia de Rezende se encontra o seguinte passo:

"Ereis obrigado a ter muita lealdade a vosso rei; e *servil-o e ajudar* a defender seos reinos".

(Vide *Livr. Classica*. Pg. 246).

Onde a regularidade syntactica pede depois do verbo *ajudar* o complemento directo *o*, expresso na primeira oração infinitiva *servil-o*, devendo-se, portanto, dizer: "*e servil-o e ajudal-o* a defender".

Como, em relação ao *serão procedidos* do *Projecto*, que o Dr. Ruy Barbosa apontou e razoavelmente extranhou, no que respeita á phrase *proceder a deterioração*, escapou á revisão indicar a crase do *a* antes do vocabulo *deterioração*, que se deverá escrever *á deterioração*, e não *a deterioração*.

Mas quantos desses deslises se não observam nas emendas do Dr. Ruy, cuja extranheza ou reparo de nossa parte o illustre censor, fazendo-nos a maior das injustiças, nos attribue ao *desabafo da vingança, á malignidade da critica*, ao *empenho encansinado* de lhe marear e enxovalhar o nome?

Aqui pomos o sello ás reflexões que julgamos necessario fazer antes de penetrar no amago deste nosso trabalho, pedindo ao esclarecido Dr. Ruy Barbosa nos releve o não termos mais cedo acudido pressurosos com a resposta, de que era digno o importante e substancioso trabalho, com que se dignou de responder em replica ás nossas *Ligeiras Observações*.

A REDACÇÃO DO PROJECTO DO CODIGO CIVIL E A REPLICA DO DR. RUY BARBOSA

I

"Este codigo entrará em vigor seis mezes depois de sua publicação official na Capital da Republica". (Art. 1.º da *Lei Preliminar*).

Censurou o Dr. Ruy Barbosa, nas suas emendas ao *Projecto do Codigo Civil*, o adjectivo *este*, anteposto ao vocabulo *codigo*, devendo, ao seo parecer, tractando-se da lei preliminar, substituir-se a expressão *este codigo* por est'outra: (*) *codigo* civil, e dest'arte fundamenta a sua censura:

"*Este* codigo". "Estamos na lei *preliminar*. Ora *preliminar* o mesmo vale que *preambular*, *introductoria*, *proemial*. Não está, portanto, ligada ao codigo a lei *preliminar*, senão como o *proemio*, *o preambulo*, *a introducção* á obra, que precede. Mas a introducção não é parte da obra, a que antecede: é introito a ella. Na *lei preliminar*, pois, que não é propriamente o codigo civil, não podemos dizer: "*Este* codigo". Diga-se: "O codigo civil". É assim que ao codigo civil allemão se refere sempre a *lei de introducção*, a que entre nós corresponde a *lei preliminar*. Tão longe está ella, naquelle paiz, de constituir com o codigo um só corpo, que teve promulgação diversa, apezar de se fazer na mesma data". (2)

A essa emenda do Dr. Ruy oppuzemos, nas *Ligeiras Observações*, as ponderações seguintes:

"Não nos parece razoavel a emenda: o demonstrativo *este* é aqui imprescindivel para determinar o substantivo *Codigo*.

"Dizendo-se *o Codigo Civil*, sem pelo menos ajunctar a esta expressão o adjectivo *brasileiro*, ficaria bem determinado no espirito do leitor que se tracta deste, e não de outro qualquer, do portuguez, do francez, do allemão?

"Demais disso, a expressão *Codigo Civil*, encimando a rubrica *Lei Preliminar*, não nos está impondo a exactidão do emprego daquelle determinativo?

(*) Na 2.ª ed. lemos "*o* codigo civil".

(2) — Parecer do Senador Ruy Barbosa sobre a redacção do projecto da Camara dos Deputados Pg. 7.

"A que se liga a lei preliminar como *proemio, preambulo, introito,* senão a este mesmo *Codigo,* a que ella precede? Se a lei preliminar não é parte essencial do *Codigo* propriamente dito, não podemos deixar de reputal-a parte accessoria.

"Quando, no prefacio ou na introducção de uma obra litteraria ou scientifica, um autor lhe explica o plano e contextura, ou procura dispor a benevolencia do leitor para o trabalho, que dá á estampa, ninguem o censura, quando nessa introducção, fallando de sua obra, assim se enuncia: *escrevi este livro com tal ou tal intuito; é este meo trabalho, este meo livro destinado a este ou áquelle fim*". (3).

Assim é que, no seo prefacio *de Vita Excellentium Imperatorum,* deste modo escreve Cornelio Nepote: "Sed plura persequi tum magnitudo voluminis prohibet, tum festinatio, ut ea explicem quae exorsus sum: quare ad propositum veniemus, et *in hoc exponemus libro de vita excellentium imperatorum*".

Em sua *Replica,* volta á carga o eminente critico, exprimindo-se assim:

"A questão estava resolvida pelos proprios termos do projecto. Que nome recebera de seos autores aquella secção do texto adoptado? O de *Lei Preliminar.* Foram elles mesmos, portanto, que nella designaram *uma* (*) *lei distincta,* e dividiram o seo trabalho *em duas leis* intimamente relacionadas, mas diversas: a *Lei Preliminar* e o *Codigo Civil.*

"Logo, em tendo a primeira destas leis que alludir á segunda, nesta não podia fallar como se della fosse parte, mas nos termos em que uma lei se refere a outra". (4).

Mas se a rubrica *Lei Preliminar* é no *Projecto* encimada pela expressão *Codigo Civil,* que a subordina, que erro ha em dizer-se *este codigo,* fallando na *Lei Preliminar do Codigo Civil,* a que ella se liga como proemio, preambulo, introducção?

Na *Lei de Introducção* ao Codigo allemão, que, em flagrante constraste com o significado dos termos, figura depois do *Codigo Civil* do grande imperio, não nos diz o proprio Dr. Ruy que, vertendo-a para o francez, de Meulenaere, La Grasserie e Gruber, empregam nessa mesma lei introductoria a expressão *ce code* nos art. 69, 162, 169, 173, 174, 175, 176, 183, 198, 199, 203, 205, 208, 210, 214 e 215?

A estes artigos devemos accrescentar os arts. 163, 177, 178, que na traducção Meulenaere contêm o mesmo *ce code.*

---

(3) — Lig. Obs. Pg. 14.

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se o termo "uma".

(4) *Replica* § 1.º n. 35.

Os art. 169 e 174, citados pelo Dr. Ruy, encerram cada um duas vezes a mesma locução *ce code*, ao menos (*) na versão de O. de Meulenaere, que consultamos.

"Mas ninguem se vá com isso illudir", diz o Dr. Ruy, "*Traduttore, traditore*. Em todos esses topicos, um por um, a preoccupação da elegancia induzio a trasladação franceza a discrepar do texto original, que não se desvia jámais da enunciação adoptada: o *codigo civil*". (5)

Pois, se erroneo fosse o emprego do *ce* francez, correspondente aqui ao nosso adjectivo *este*, não repugnaria o traductor belga, vertendo em francez o Codigo allemão, a sacrificar á elegancia da linguagem a fidelidade do texto e a exactidão do pensamento?

Traspassando para o francez o *Codigo Civil Hespanhol*, A. Levé, no *Titulo Preliminar* dessa lei, emprega a mesma expressão *ce code*, nos arts. 12, 13, 15 e 16, não se compondo aliás esse *Titulo* senão de 16 artigos. (6).

Ter-se-hia ainda aqui sacrificado a exacção e verdade do pensamento aos prestigios da forma, á elegancia da linguagem?

No primeiro trabalho do illustrado critico, isto é, em suas emendas ao *Projecto*, disse elle, como deixamos notado, o seguinte: "Não está, portanto, ligada ao codigo a *lei preliminar*, senão como o *proemio, o preambulo, a introducção* á obra, que precede. Mas a introducção *não é parte da obra*, a que antecede: é introito a ella".

Aqui, portanto, comparando o Dr. Ruy a *lei preliminar* com o proemio, o preambulo ou a introducção á obra, a que precede, diz não ser essa lei parte do *Codigo*, ser introito a ella, como o proemio ou introducção não é parte da obra a que antecede, senão introito a ella. Na *Replica* já não diz o mesmo: "Na introducção, no prefacio, no prologo de um livro", affirma elle, "não ha mais que *uma parte* a elle addicional".

A introducção, pois, alli *não é parte da obra*: é introito a ella; aqui não é mais que *uma parte addicional*.

Mas, se é parte, não pode sel-o senão de um todo que ella presuppõe, e a que se addiciona; esse todo é a obra mesma, é o livro a que precede.

(*) Supprimiu-se a virgula depois de "ao menos", por ser engano da revisão.

(5) — Ibid. n. 36.

(6) — *Code Civil Espanol*, traduit et annoté par A. Levé, Ed. de 1904.

Dissemos que a expressão *Codigo Civil* encimando, no *Projecto*, a rubrica *Lei Preliminar*, nos está impondo a exactidão do determinativo *este* da locução *este codigo*.

Acha nisto o illustre contradictor uma petição de principio, e assim reflecte: "Pois o ponto que se discute, não será precisamente o de saber se o titulo geral do *Codigo Civil* ha de preceder, ou seguir, ao da *Lei Preliminar?* Se a *Lei Preliminar* constitue uma divisão do *Codigo Civil*, obvio é que este cabeçalho se deverá sobrepor áquelle. Se não constitue, é claro que só após a *Lei Preliminar* cabe a vez ao titulo de *Codigo Civil*". (7)

Não ha tal petição de principio: o ponto que se discute não é, precisamente, se o titulo de *Codigo Civil* deve preceder ou seguir ao da *Lei Preliminar;* o que se discute é se ha erronia em dizer na *Lei Preliminar*: "*este codigo*", tratando-se do *Codigo Civil* a que ella é intimamente associada, como o accessorio ao principal, o proemio ou prefacio ao livro ou á obra a que precede.

A *Lei de Introducção* do Codigo allemão é distincta do *Codigo Civil;* entretanto, não é após essa lei que cabe a vez ao titulo de *Codigo Civil*, mas, muito ao revez disso, porque este lhe antecede.

Logo, o não constituir a *Lei Preliminar*, correspondente á *Lei de Introducção*, parte integrante do *Codigo Civil*, não arrasta forçosamente a collocação da rubrica *Lei Preliminar* antes do titulo geral de *Codigo Civil*, e isto prova o *Codigo Civil Allemão*, como acabamos de ver; e quando lhe precedesse, subordinar-se-hia ao titulo geral *Codigo Civil*, titulo que, por outro lado, se lê no frontispicio do volume da *Replica*, e no alto de todas as paginas onde se estamparam as palavras *Codigo Civil Brasileiro*. (8).

(7) — *Replica* § cit. n. 37.
(8) — Vide Trabalhos da Commissão especial do Senado vol. II.

II

"Não está, portanto, ligada ao *codigo* a lei preliminar, senão como o proemio, o preambulo, a introducção á obra QUE PRECEDE". (Ruy, Nota ao art. 1.º da *Lei Preliminar*).

A essa nota de meo antagonista fiz a seguinte reflexão: "Pelo modo por que está redigida a emenda, empregado esse *que* sem preposição, necessaria neste passo, não se torna, unido ao substantivo *obra*, sujeito de *precede*, quando o pensamento do escriptor é fazel-o complemento?" (9).

A essa nossa ponderação oppõe o Dr. Ruy o seguinte, em o numero 40 de sua *Replica*:

"Ambas as formas são grammaticaes? São-no ambas as duas. Não m'o poderam negar.

"O verbo *preceder* tem uma e outra forma: transitiva e intransitiva".

Não negamos isso. Mas por isso mesmo que o verbo *preceder* pede objecto directo ou indirecto, não se concilia mais a linguagem com o pensamento, dando-lhe, no lanço referido, objecto indirecto, pondo a preposição antes do conjunctivo?

Em lugar de dizer: "não está, portanto, ligada ao codigo a lei preliminar, senão como o proemio, o preambulo, a introducção á obra, *que precede*", diriamos melhor: "não está, portanto, ligada ao codigo a lei preliminar, senão como o proemio, o preambulo, a introducção á obra *a que precede*", preferindo aqui dar ao verbo *preceder*, não o complemento directo, que muitas vezes pede, senão o complemento indirecto, que por igual se lhe dá.

Foi uma simples ponderação que fizemos á syntaxe a que deo preferencia o Dr. Ruy.

Não vale a pena insistir.

Releva aqui notar que o ser transitivo ou intransitivo um verbo não respeita á sua forma, senão á natureza da acção por elle exprimida.

Não se pode com exactidão dizer, como o Dr. Ruy, que o verbo *preceder* admitte uma e outra *forma*: a transitiva e a intransitiva.

---

(9) — *Ligeiras Observações*. Pg. 14.

III

Só pode.

O Art. 4.º da *Lei Preliminar do Projecto* contém a phrase seguinte:

"A lei só pode ser derogada ou revogada por outra lei posterior em contrario...."

O douto censor, depois de emendar este artigo, assim escreve, reprovando a expressão "*só pode*". "Depois a versão por mim alvitrada evita o "só pó", tão malsoante e, comtudo, tão reiterado no projecto, sem necessidade alguma".

Nas *Ligeiras Observações*, havendo por nimiamente rigorosa a censura feita áquella expressão, nos enunciamos dest'arte:

"Porque levar tão longe a finura do ouvido, quando a lição dos melhores exemplares de nossa lingoa nos está a trazer continuo essa combinação de sons, por vezes inevitavel?".

E adduzimos dois exemplos de Latino Coelho, sendo um delles perfeitamente identico ao *só pode* censurado.

"Demonstrou porventura o contrario o meo douto mestre"? pergunta o Dr. Ruy.

"Não. Com allegar dois excerptos de Latino Coelho, "o grande mestre", cuidou que tudo estava dito. Mas nem tudo nos grandes mestres é de imitar". (10).

E mais adiante:

"É, ou não, desaprazivel e rude a conjuncção das syllabas naquelle *só pode?* Não ha negal-o. Argúem-me de nimiedade neste reparo".

"Redarguirei, extranhando a orelhas taes o que tem de grosseria, senão de amoucada a sua sensibilidade. O encontro dessas duas syllabas duras, ambas accentuadas numa vogal secca e aspera como o *o* forte, gera um composto infenso e odioso á boa audição. *Só pó* estruge como o popocar de um foguete em meio á phrase".

---

(10) *Replica*, § 3.º n. 43.

E vae ainda além o Dr. Ruy, escrevendo:

"Desses rasgos, em que se assignala a mestria dos privilegiados no escrever, têm o segredo os que sabem a lingoa, e receberam da natureza o dom artistico do ouvido, não menos necessario aos prosadores que aos poetas.

"Só os que o não possuem, ou a não sabem, não se sentirão azoinados com o rebentar daquelle *só pode*, que estribilha mais de cem vezes por toda a extensão do projecto, como se fora o seo *leidmotiv*, e lhe rabeia, e lhe estoira por entre os artigos, desastradamente, como bichas da China atiradas por um gracejo de máo gosto em salão de boa sociedade.

"Eu não condemno em absoluto a expressão.

"Uma ou outra vez se lhe revelaria o defeito, e bem pode ser que nem se advertisse. Mas essa extranha reiteração azôa, importuna, enjoa, e só não revoltaria aos que, pela semi-surdez litteraria, caminhassem, nas coisas do escrever, para a completa *hypocophose*".

Antes de tudo, releva notar aqui o sentido erroneo em que toma o Dr. Ruy Barbosa o vocabulo *hypocophose*.

Que defeito é esse do ouvido, que, progredindo sempre, vae, em escala ascendente, da *semi-surdez* ou surdez incompleta a rematar na completa *hypocophose?*

A *hypocophose*, como o está a indicar o prefixo *hypo*, é a mesma semi-surdez ou surdez incompleta.

A surdez completa não se chama em terminologia medica *hypocophose*, e sim *cophose*.

Em escala ascendente, não se vae da semi-surdez para a *hypocophose*, senão desta, que é a mesma semi-surdez ou surdez incompleta, para a *cophose* ou surdez completa.

O Dr. Ruy foi levado talvez a esse engano, consultando o diccionario de Candido de Figueiredo, que define assim o termo *hypocophose*: "*surdez completa*".

Mas não passa isso de um erro de composição ou revisão no magnifico diccionario portuguez; do que se convencerá o que ler no mesmo a significação assignada ao prefixo *hypo*, que alli vem explicado assim: "*hypo-pref.* (designativo de *diminuição; gráo inferior; debaixo*)".

Ora, se ao vocabulo *cophose* o mesmo lexicologo attribue a significação de *surdez completa*, não podia associar o mesmo sentido ao termo *hypocophose*, em cuja composição entra aquelle prefixo, que ajunta á radical da palavra a ideia de gráo inferior.

Em todos os vocabulos de nossa lingoa, usados ordinariamente em linguagem scientifica, onde entra este (*) prefixo, de origem grega, é facil ver que elle transmitte ao radical da palavra essa ideia de diminuição, de gráo inferior.

Taes entre outros os seguintes: *hypogastrio, hypocondrio, hypocarpo, hypoglosso, hypothenar, hyposthenia, hypotrophia, hypogeo, hypogynio, hypodactylo, hypopetalia hypophthalmia, hypophylla, hypodermico, hypostase, hypothenusa, hyposcenio, hypobranchial, hypocausto, hyposternal, hypospadias, hypognatismo, hypothese, hypodynamico, hypocrita, hypozoico, hypothermico, hypodermatomia.*

Fallando, logo, da surdez incompleta ou semi-surdez, em sua escala de progredimento, nenhum sentido tem a phrase do Dr. Ruy: "e só não revoltaria aos que, pela semi-surdez litteraria, caminhassem, nas coisas do escrever, para a *completa hypocophose*".

São deslises a que se não podem forrar nem mesmo os que escrevem com penna de oiro.

Reatemos o fio de nossas ideias; prosigamos agora no exame da expressão "*só pode*", que, aos ouvidos hyperesthesicos do sabio antagonista, tão azoada e enojadamente estraleja, como *bichas da China, atiradas por gracejo de máo gosto em salão de boa sociedade.*

Aos nossos melhores escriptores, em prosa ou verso, a expressão *só pode* não os atordoou tão rudemente; do que testemunham os seguintes lanços:

"Que este amor santo foi um alto meio
Para poder a Deos o homem ajunctar-se:
Só pode amor, se a graça lhe provoio,
Com justo amor a Deos remunerar-se".

(Camões: *Obras Compl.* pelo Visconde de Juromenha. V. 3.º *Da Creação e Composição do Homem.* Cant. 3.º. Pg. 320).

"Tu, O' Senhor, usar tal piedade
Só podes, e o remedio dar seguro".
(Id. Ibid. Pg. 324).

"*Só pode* provar que a natureza, para uns avara, é para outros prodiga de seos bens".
(F. M. Pinto. *Livr. Classica.* T. 2.º Pg. 79).

"Eu bem sei que as boas obras *só podem* merecer de congruo a perseverança e graça final".
(Vieira, *Sermões.* T. 4.º Pg. 352).

(*) Na 2.ª ed. lemos "esse" e não "este".

"Notai por fim que Deos *só pode* fazer o que pode querer".
(Id. Ibid. Pg. 279).

"O que *só posso* dizer é.....".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 114).

"Onde *só pode* chegar o encarecimento".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 83).

"*Só posso* affirmar que vi semelhantes milagres em outra terra".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 139).

"*Só pode* ignorar quem o não conhece".
(Id. Ibid. T. 1.º Pag. 162).

"*Só pode* escapar deste eclipse... quem for estrella do firmamento".
(Id. Ibid. T. 12. Pg. 73).

"*Só pode* achar semelhanças no insensivel".
(Id. Ibid. Pg. 13).

"O que *só posso* affirmar sem escrupulo".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 213).

"*Só pode* dizer contra isto Antonio".
(Id. Ibid. Pg. 198).

"*Só pode* servir de espelho para o futuro".
(Id. Ibid. T. 13. Pg. 403).

"*Só pode* appellar para os mais fortes".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 149).

"Que *só pode* competir com o de S. Paulo".
(Id. Ibid. T. 15. Pg. 43).

"*Só pode* ter esta verdade uma replica".
(Id. Ibid. Pg. 148).

"Que *só pode* traçar a sabedoria".
(Id. Ibid. Pg. 329).

"*Só pode* ser no corpo e não na alma".
(Id. Ibid. Pg. 357).

"*Só pode* impedir a vida eterna".
(Id. Ibid. Pg. 349).

"Cujos mysterios *só pode* alcançar a Providencia infinita que governa".
(Id. *Cartas*. T. 1.º Pg. 139).

"Sacrificando a V. Majestade o que *só posso*, que é o coração".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 120).

"E *só posso* dizer de certo que os medicos... me acham muitas vezes com o pulso limpo".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 44).

"Mas a materia e o muito que nella *só pode* discorrer o zelo de V. S. e o meo, não são para papel".
(Id. Ibid. Pg. 72).

"*Só pode* ser falsa no caso em que o texto o seja".
(Id. Ibid. Pg. 122).

"Deos nos acuda e remedeie, que *só pode*".
(Id. Ibid. Pg. 18).

"*Só podem* ser escravos por dois principios".
(*Arte de Furtar*. Pg. 298).

"Por nascimento *só podem* ser captivos descendentes de escravos".
(Ibid. Pg. 299).

"Tu *só podes* confortar a minha vida: porque tu *só podes* vivificar-me estando eu morta".
(M. Bernardes. *Luz e Calor*. Pg. 442, n. 393).

"Oh deparai-me
Ignota fonte, que agoa é quem *só pode*,
Com seo auxilio, revocal-a á vida".
(Filinto Elysio. *Obras Compl.* T. 2.º Pg. 155) .

"Ás quaes *só pode* dar sabor a fome".
(Id. Ibid. Pg. 162).

".... quaes provar *só pode*
um coração de Mãe".
(Id. Ibid. Pg. 163).

"E *só pode* expirar de Hector no sangue".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 116).

"E *só podem* critical-a os que não possuirem assaz de cabedal para a comprehenderem".

(Id. Ibid. Pg. 61).

"São as que *só podem* constituir barbarismos".

(F. Dias Gomes. *Obras Poeticas*. Pg. 142).

"E que os povos, quando muito, *só podem* ser ouvidos e consultados".

(Garrett. *Disc. Parl.* Pg. 190).

"Responder por meo pae, não posso; o que *só posso*
jurar por minha honra e pelo affecto nosso,
é que nunca Mariana em tempo algum será
de outro que de Valerio".

(A. de Castilho. *Tartufo*. Pg. 77).

"Esses annos doirados de muita luz *só podem* vir a cabo de muitos annos de acertados e geraes esforços".

(Id. *Camões*. T. 2.º Pg. 243).

"Eu *só posso* das minhas derrotas
a historia narrar".

(Id. *A Lyrica de Anacreonte*. Pg. 57).

"A qual mão *só pode* dal-a
a cinco por cento ao mez,
o primeiro mutuario".

(Id. *O Avarento*, act. 2.º Pg. 97).

"O que eu *só posso*
é sepultar em somno o carcereiro".

(Id. *Fausto*. Pg. 383).

"O que *só pode* contra taes mosteiros, ou antes em favor delles, é exigir..."

(Id. *Amor e Melancolia*. Pg. 274).

"*Só podes*
e has-de entendel-o em sendo já do inferno".

(Id. *A Noite do Castello*. Pg. 85).

"Para ti o dinheiro *só pode* nascer do trabalhar".

(Id. *Colloq. Ald.* Pg. 150).

"Essa noite, que o arrancou á patria, *só pode* ler-se narrada por elle mesmo".

(*Grinalda Ovid.* V. 1.º Pg. 44).

"Restabelece os grandes e eternos principios sobre que a sociedade *só pode* assentar".
(Ibid. Vol. 2.º Pg. 180).

"A clemencia, a caridade, o perdão das injurias, *só podem* ter causa na crença de um Deos omnipotente e justo".
(Leoni. *Camões e os Lusiadas*. Pg. 89).

"A autoridade publica *só pode* qualificar-se por uma declaração legal".
A. Herculano. *Opusc. Os Vinculos*. T. 3.º Pg. 41). (*)

"O correctivo contra os abusos do poder central *só pode* consistir nas resistencias legaes e pacificas dos individuos".
(Id. Ibid. Pg. 59).

"As grandes influencias *só podem* proceder de se darem no mesmo individuo condições de diversa ordem".
(Id. Ibid. Pg. 64).

"*Só pode* influir na maior ou menor affluencia de trabalhadores".
(Id. Ibid. *A Emigração*. Pg. 125).

"*Só pode* maravilhar os que ignoram até onde chega a repugnancia, ou antes o horror da mocidade aldeana".
(Id. Ibid. Pg. 201).

"E que *só pode* realizar-se individuando-se".
(Id. Ibid. Pg. 238).

"..... Não lhe dou riqueza.
Só posso dar-lhe, se o não leva a mal,
Vontade firme, coração leal".
(Mendes Leal Junior. *Canticos*. Pg. 121).

"Qual *só pode* sahir á superficie".
(Id. Ibid. Pg. 246).

"*Só pode* considerar-se obrigatorio".
(Id. *Parecer* sobre a traducção do *Tartufo* de A. Cast. Pg. 221).

"Foi uma lucta sem quartel, uma lucta como *só podem* concebel-a e tental-a o enthusiasmo, o odio e o desespero".
(Rebello da Silva. *Varões Illustres*. Pg. 12).

(*) A revisão, em ambas as edições anteriores, cochilou nesta citação: a) — em vez de "*a autoridade* publica", escreveu Herculano "a *utilidade* publica"; b) — o passo não se encontra no vol. 3.º dos Opusc., e sim no 4.º, pag. 41 das 1.ª, 2.ª e 3.ª edições.

"*Só podem* ser autóchthonas, se porventura o são na realidade, as civilisações puramente embryonarias".

(Latino Coelho. *Oração da Corôa*. Pg. XL).

"E *só pode* ser expresso na forma de mithos".

(Id. Ibid. Pg. CCLIV).

"*Só podem* ser vibradas contra o peccado".

(Id. *Hist. Pol. e Mil. de Port.* T. 1.º Pg. 60).

"*Só podem* perdurar".

(Id. Ibid. Pg. 181).

"*Só podem* viver de ardentissimas paixões".

(Id. *Camões*. Pg. 92).

"*Só podem* dar-se contacto por um intermedio".

(Camillo. *Genio do Christianismo*. Vol. 1.º Pg. 31).

"Um Deos consolador *só pode* sel-o para os grandes e reis".

(Id. *Os Martyres*. Vol. 2.º Pg. 108).

"..... *Só pode* ser afivelada com broche de oiro".

(Id. *Doze Casamentos Felizes*. Pg. 2).

"*Só posso* rehabilitar-me com dinheiro".

(Id. Ibid. Pg. 86).

"*Só podem* dispor da quota que a lei lhes permitte testar".

(*Codigo Portuguez*. Art. 1774).

"*Só podem* adquirir por testamento as creaturas existentes, entre as quaes é contado o embryão".

(Ibid. Art. 1776).

Só podem ser testamenteiros os que podem contrahir obrigações".

(Ibid. Art. 1886).

"A confissão judicial *só pode* ser revogada por erro de facto".

(Ibid. Art. 2413).

"A desherdação *só pode* ordenar-se em testamento, e com expressa declaração da causa".

(Ibid. Art. 1880).

"*Só podem* impugnar a legitimidade dos filhos o páe ou os herdeiros, nos termos dos artigos seguintes".

(Ibid. Art. 106).

"O páe *só pode* impugnar a legitimidade dos filhos, nos casos em que a lei o permitte..."

(Ibid. Art. 107).

"Os herdeiros do marido *só podem* impugnar a legitimidade dos filhos, nascidos na constancia do matrimonio".

(Ibid. Art. 108).

"... Mas *só podem* intental-as, de novo, sendo o filho fallecido..."

(Ibid. Art. 112).

"*Só podem* ser nomeados conselheiros os individuos que podem ser tutores".

(Ibid. Art. 160).

"*Só podem* ser objecto de posse coisas e direitos certos e determinados, e que sejam susceptiveis de apropriação".

(Ibid. Art. 479).

"*Só podem* ser tomados em conta de perdas e damnos, as perdas e damnos, que necessariamente resultam da falta de cumprimento do contracto".

(Ibid. Art. 707).

"A hypotheca *só pode* recahir em bens immobiliarios, que não estejam fóra do commercio".

(Ibid. Art. 889).

"O estador *só pode* deixar de assignar o testamento...".

(Ibid. Art. 1920, § Unico).

"*Só pode* hypothecar quem pode alienar, e *só podem* ser hypothecados os bens que podem ser alienados".

(Ibid. Art. 894).

"...*Só pode* ser proferida pelos tribunaes civis".

(Ibid. Art. 1089).

A mesma locução *só pode* ou *só podem* nota-se nos arts. 23, 69, 81, 133, 160, 175, 335, 368, 405, 453, § Unico, 473, 524, 528, 530, 618, 707, 763, 911, 1028, 1060, § 2.º, 1083, 1086, 1163, 1158, 1191, § 2.º, 1425, 1664, 2316.

Dos exemplos citados, colhe-se que nenhuma repugnancia tiveram em valer-se varias vezes da expressão *só pode* Camões, Vieira,

Bernardes, Filinto, Garrett, A. de Castilho, Herculano, Mendes Leal, Rebello da Silva, Latino Coelho, Camillo e outros dentre os exemplares do escrever.

Serão de sensibilidade grosseira ou amoucada as orelhas de todos esses escriptores, que nenhum escrupulo puzeram em recorrer, por vezes, já em prosa, já em poesia, no mesmo som, refugado pelo Dr. Ruy, que tão azoinado se sentio com o *rebentar daquelle* "só pode", *que estribilha mais de cem vezes por toda a extensão do projecto, e lhe rabeia, e lhe estoira por entre os artigos, desastradamente, como bichas da China, atiradas por um gracejo de máo gosto em salão de boa sociedade?*

Não; o *só pode*, tantas vezes por elles meneado, não lhes estrugio aos ouvidos, do mesmo feitio, que aos do Dr. Ruy, como o *popocar de um foguete em meio á phrase.*

Que moucos então que foram os autores do *Codigo Civil Portuguez*, onde tão frequentemente se nos depara o mesmo *só pó*, tão apaixonada e cruamente impugnado pelo esclarecido autor da *Replica!...*

"O encontro dessas duas syllabas" diz o Dr. Ruy, referindo-se ás syllabas *só, pó*, "ambas accentuadas numa vogal secca e aspera como o *o* forte, gera um composto infenso e odioso á boa audição". (11)

Que haja consoantes ou ruidos consoantes que sejam seccos ou molhados, asperos ou doces, continuos ou explosivos, admitte-se; mas vogaes seccas, vogaes asperas, não as ha, não as consigna, nem a physiologia, nem a philologia.

Aqui dá o Dr. Ruy ao *o* o epitheto de vogal *secca* e *aspera, que gera um composto infenso e odioso á boa audição;* mas, em o numero 282 de sua *Replica*, fundamentando a preferencia sobre o *agir* dos verbos *actuar, obrar, operar, proceder*, assim escreve:

"Nestes (em *actuar, obrar, operar, proceder*) domina o som franco, rasgado, energico do *o* e do *a, em que se expressa a alegria e a grandeza.* São as vozes que correspondem ao movimento, á deliberação, á acção".

Nem ha veracidade nos epithetos de *secco e aspero*, associados ao *o* accentuado, nem nos de *franco, rasgado* e *energico* ao *o* atonico, que, por isso mesmo que o é, nos verbos *obrar, operar, proceder*, nem pode ser *franco*, nem *rasgado*, nem *energico.*

(11) — *Replica* § cit. n. 43.

Por encurtarmos razões, diremos: as ponderações do autor da *Replica* sobre a expressão *só pode,* que não foi uma só vez empregada por Latino Coelho, senão muitas vezes, nem se deve attribuir a descuidos de todos esses insignes justadores da arte do escrever, não puderam combalir no meo espirito o juizo de que não houve defeito algum no uso dessa expressão, amiúde empregada pelos autores do *Codigo Civil Portuguez,* cuja vernaculidade o proprio Dr. Ruy reconhece e proclama.

Se, em resposta á critica do eminente antagonista, fallamos no *se pó,* não foi por não estarmos intimamente convencidos que nada, nada absolutamente tem de censuravel a expressão *se pó;* (*) mas, para mostrarmos e tornarmos saliente que, no afan da censura, o Dr. Ruy reprovou até o que não queria reprovar.

Com effeito, no art. 277 do *Projecto,* verá o leitor que o Dr. Ruy na expressão "*só poderão*" alli empregada, gryphou o *só* e o *po,* escrevendo assim: *só po*derão; o mesmo fez no art. 273, § Unico, onde estava escripto "so poderá", escreveo *só po*derá, como se, num e noutro caso, se pronunciasse *só póderão, só póderá* e não *só poderão, só poderá.*

Ora, censurando assim o *só poderão, só poderá* do *Projecto,* que muito que lhe eu confrontasse o *se pode,* em que é aberto o *o,* que o não em *só poderão, só poderá?*

Foi isso que nos trouxe ao bico da penna aquella phrase "o proprio Dr. Ruy não nos offerece minguada messe de exemplos dessas dissonancias, que tanto condemna, já usando do *só pó,* já do *se pó*".

Para nós é excessivo melindre de orelha reprovar esses sons, que tão frequentemente nos chegam aos ouvidos, na linguagem fallada, ou se nos debuxam aos olhos, na linguagem escripta, ainda nos mais polidos escriptores.

(*) — Na 2.ª ed. lemos "virgula" em vez de "ponto e virgula".

IV

Rege o regimen.

Estava assim construido o art. 8.º da *Lei Preliminar*:

"A lei nacional da pessoa rege o seo estado e capacidade civil, as relações pessoaes dos conjuges, e o regimen dos bens no casamento".

Pondo o grypho no *rege* e no *regimen*, escreve o Dr. Ruy as seguintes palavras: "Não é tão indigente a nossa lingoa".

Sobre esta emenda me enunciei dest'arte:

"Julgo razoavel a substituição (*determina* da emenda, em vez de *rege* do *Projecto*); mas no advertir que *não é tão indigente a nossa lingoa*, esqueceo ao douto censor que essas redundancias nem sempre se devem lançar á conta de indigencia da parte dos que fallam ou escrevem. Esses modos de dizer não são de todo raros, ainda nos que escrevem com mais clareza e elegancia.

Entre os classicos romanos, nenhum se avantajou tanto na elegancia e pureza da linguagem e no castigado da phrase, quanto Cesar e Cicero, luminares da litteratura latina; e, comtudo, neste ultimo se encontram redundancias, como as seguinte: *Amavi amorem tuum; vivere vitam suam.* Em Plauto é frequentissimo o *vivere vitam*, e Terencio empregou a expressão: *servitutem servire.* (12).

"Em Fernão Lopes encontra-se a phrase seguinte: (**) "Se poria batalha a seos inimigos, ou usaria da *guerra guerreada*"; e em Duarte

---

(12) — A locução *servitutem servire* não só foi usada por Terencio, segundo diz Harkness, em sua *Latin Grammar*, a pag. 189, mas ainda por Plauto, Cicero, Quintiliano e Tito Livio.

Cicero disse na Oração *pro Murena*, (*) 61: "Si *servitutem serviant* reges"; e nos *Topica*, (*) 29: Quorum majorum nemo *servitutem servivit*"; Tito Livio: "Qui (cives) *servitutem servissent*" 40, 18, 7; e Quintiliano: "Tu usque a pueri *servitutem servisti* in Elide" (*Inst.* 7, 3 ,26).

(*) — Na 2.ª ed. temos uma virgula depois de "Murena", e a conservamos, por julgarmos erro de revisão da ed. de 1905. O mesmo depois do "Topica".

(**) — Collocamos aspas antes da citação, por julgarmos engano da revisão a falta das mesmas.

Nunes de Lião, o seguinte topico: "A *peleja* começou e foi muito travada e *pelejada*".

Disse, outrosim, A. Herculano: "*Pelejar-se-hão pelejas* como de gladiadores". (13).

Antes de irmos mais longe, releva dizer que não censuramos o pleonasmo, que muita vez não é um defeito, senão um modo de construir a phrase, que lhe dá graça, belleza, vivacidade e relevo, no que differe da battologia ou tautologia, que são censuraveis faltas contra a boa elocução.

A proposito da ponderação do illustre critico, acceitando aquella sua emenda, dissemos apenas que as construcções redundantes nem sempre se deviam lançar á conta de indigencia nos que fallam ou escrevem, porque de taes modos de dizer nos forneciam exemplos não só os classicos portuguezes, de todos os tempos, mas ainda os romanos, dentre aquelles mesmos havidos por luminares da litteratura latina, e citamos alguns lugares em que o Dr. Ruy não vê pleonasmo algum.

A expressão *guerra guerreada* era tomada pelos antigos escriptores no sentido de guerra de entradas, de correrias, de escaramuças, de investidas, sem batalha campal.

Ora, o participio *guerreado*, do verbo *guerrear*, encerra a ideia exprimida pelo substantivo *guerra;* não ha, portanto, nesse modo de dizer, tão frequentemente meneado em linguagem militar pelos nossos antigos escriptores, redundancia da ideia do substantivo que deo nascimento ao adjectivo *guerreado?*

Que importa que se desse á expressão *guerra guerreada* o sentido de guerra por escaramuças ou investidas? A expressão por isso não deixa de encerrar um pleonasmo, necessario sim, segundo o sentido especial que lhe davam os antigos, mas pleonasmo sempre.

Assim como nas construcções de nossa lingoa ha ellipses necessarias, ellipses habituaes, assim tambem ha construcções pleonasticas, que, com entrarem nos habitos idiomaticos do dizer, não deixam de ser redundantes.

Na *Chronica* d'el-rei D. João o 1.º, escreveo Duarte Nunes de Lião: "E propoz se viria a batalha em campo, ou usaria da guerra (como elles então chamavam) guerreada". (T. 1. Cap. 55. Pg. 230).

A que vinha, no exemplo do chronista, a phrase parenthetica — *como elles então chamavam*, se não quizesse chamar a attenção do leitor para a locução em si evidentemente pleonastica, empregada pelos escriptores que lhe precederam naquelle sentido especial?

(13) — *Lig. Obs.* Pg. 16.

Em sentido identico empregou o mesmo escriptor a locução *guerra guerreada,* nest'outro topico, (*) dizendo: "Aprendera que uma das coisas, em que um capitão pode levar mór vantagem a seo inimigo, é pôr-se em boa ordem, assim em batalha, como em *guerra guerreada*". (Ibid. Pg. 238).

Quando Filinto Elysio disse: "Escrevendo os commentarios das *guerras* que *guerreara*", (14) não usou de uma construcção pleonastica?

Em *amavi amorem tuum* não ha, diz o Dr. Ruy, a redundancia que constitue o pleonasmo; não ha, sim, um pleonasmo vicioso, mas a ideia contida no verbo latino *amare* se repete no substantivo *amorem,* substantivo que lhe é cognato, e por isso mesmo que denota um objecto já contido e implicito na acção mesma significada pelo verbo, alguns grammaticos latinos como Harkness (15) lhe chamam *accusativo interno,* isto é, accusativo que denota uma ideia já contida no verbo.

Ha indubitavelmente na phrase de Cicero uma reiteração da ideia contida no accusativo cognato, a que Guardia e J. Wierzeyski appelidam tambem de *accusativo verbal.*

No *modice et modeste melius est vitam vivere* de Plauto, não ha, pensa o meo illustre contradictor, a caracteristica do pleonasmo; a phrase latina tem o mesmo sentido que a portugueza; "o melhor é viver vida meã e modesta".

A phrase portugueza, que traduz aqui a latina, não representa exactamente as mesmas relações syntacticas entre os elementos desta. O *modice et modeste* não qualificam o substantivo *vitam,* mas o verbo *vivere.*

Se o Dr. Ruy vertesse á lettra o trecho latino, convencer-se-hia mais claramente de que na phrase do celebrado comico latino não desappareceo, como diz, a caracteristica do pleonasmo.

Não podia o poeta latino exprimir o mesmo pensamento, dizendo "*modice et modeste melius est vivere*", como em portuguez se diz *viver parca e modestamente,* e como costumavam os latinos dizer *vivere ex rapto, vivere parvo bene, vivere honeste, vivere jucunde?*

Para exprimir o viver de modo moderado e modesto, bastava ao verbo ajunctar aquelles elementos modificativos, indicados pelos adverbios *modice et modeste.*

(*) — Na 2.ª ed. lemos "lanço" em vez de "topico".

(14) — *Obras.* T. 9. Pg. 256.

(15) — *A Grammar of the Latin Language.* Pg. 189.

Nem no exemplo de A. Herculano: (*) "*Pelejar-se-hão pelejas* como de gladiadores", nem no de Duarte Nunes de Lião: "A *peleja* começou e foi muito travada e *pelejada*", vê o Dr. Ruy o que se appellida *pleonasmo;* mas o illustre autor parece haver sempre o pleonasmo por um vicio, quando muitas vezes, ao contrario, é uma construcção, que muito engraça e avigora o contexto.

Exemplo analogo ao de Duarte Nunes já nos havia dado Garcia de Rezende, escrevendo "E a *justa* foi muito bem *justada* e deram-se nella muitos e grandes encontros" (*Livr. Classica.* Pg. 279).

Explicando o *servitutem servire* de Plauto, diz o Dr. Ruy:

"A phrase latina reza deste modo: "*Me hic valere servitutem servire huic homini optimo*".

"Temos aqui realmente um pleonasmo na sua caracterização mais directa. O complemento objectivo outra coisa ahi não é que a substancia da acção verbal, reiterada cruamente no substantivo, sem a menor qualificação que o modifique.

"Mas neste caso a intenção litteraria do escriptor, deixou-a elle assaz accentuada.

"Trata-se de uma creatura que se rende á excellencia de outra; e, para traduzir o extremo da submissão, com que se lhe vota, carrega-se a mão na phrase, juntando a *servire* o *servitutem*". (16)

Mas esse carregar a mão na phrase, feliz metaphora de que se valeo aqui o Dr. Ruy, não é insistir na ideia ou no pensamento que ella traduz, não é reiteral-o, repisal-o, encarecel-o, dar-lhe colorido e relevo?

E que outra coisa faz o pleonasmo senão isso mesmo?

"Pleonasmo é uma forma de expressão, plena, redundante ou emphatica", diz Albert Harkness. "*A full, redundant, or emphatic form of expression*". Do pleonasmo á tautologia vae muito a dizer. Esta é uma repetição desnecessaria do mesmo significado em palavras differentes: *a needless repetition of the same meaning in different words.* (17)

"Dessas redundancias intencionaes, quasi sempre dictadas pelo intuito de colorir e avigorar um sentimento, um pensamento, um movimento, ha", diz o Dr. Ruy, "vestigios tão remotos quanto os primeiros monumentos das lettras humanas".

Ninguem lh'o contesta. Que foi o que dissemos a proposito do *rege o regimen dos bens?*

(*) — Collocamos aspas antes de "Pelejar-se-ão".

(16) — *Replica* § 4.º n. 57.

(17) — Op. cit. Pg. 371.

Tinha dito o *Projecto*: "A lei nacional da pessoa rege seo estado e capacidade civil, as relações pessoaes dos conjuges e o regimen dos bens no casamento".

O illustre censor notou o "*rege o regimen* dos bens", substituindo a forma verbal *rege* pela forma *determina*, dizendo não ser *tão indigente a nossa lingua.*

Reputando razoavel a emenda, dissemos que essas redundancias nem sempre se devem haver por *indigencia* da parte dos que fallam ou escrevem, e adduzimos os varios exemplos que o Dr. Ruy não considera como construcções redundantes ou pleonasticas, á excepção de *servitutem servire*, em que o escriptor *deixou assaz accentuada a intenção litteraria.*

Mas, fallando dessas redundancias, claro é que não tinhamos em mente outras senão as intencionaes, nem entre os pleonasmos collocamos essas repetições de todo em todo desnecessarias, que não communicam á expressão do pensamento certo pico de graça e vivacidade.

Assentimos na emenda que fez o Dr. Ruy ao *rege o regimen dos bens;* mas o maior peccado desta construcção, estamos certos, não é o ser redundante ou pleonastica, é pertencer á redacção do *Projecto*, onde figura entre os pleonasmos *ridiculos, enxacocos, desusados* ou *indefensaveis;* se outra fôra a sua procedencia, então sim; encontrara defesa da parte do eminente autor da *Replica*, que diria, como em relação ao *pelejar-se-hão pelejas como de gladiadores*: "não, não ha a redundancia que caracteriza o pleonasmo; aqui não se trata simplesmente da phrase *rege o regimen*, mas *rege o regimen* dos bens no casamento; a restricção opposta ao complemento *regimen* communica ao verbo *reger*, de que elle é cognato, uma ideia que se não acha nelle contida".

Todos esses modos redundantes de construir as phrases eram usados dos escriptores romanos, ja no periodo classico da litteratura latina, já no periodo anti-classico, principalmente na linguagem familiar, do que maior numero de exemplos nos fornecem os poetas comicos.

Assim é que se encontram os exemplos seguintes:

"Nunc domum *properare propero*". (Plauto. *Aulul*, 2, 2, 4). "*Pergin* vero *pergere?*". (Id. *Poenul.* 1, 3, 24). "*Inchoata initia* a Philippo sunt". (Liv. 39, 23, 5). (Sic *ore locuta est*". (Virg. 1, 6, 14). (18) "*Spem speratam* quam optulisti nunc mihi, tibi grates ago". (Plauto). "*Fraudem fraussus* sit". (Id.). "Hac

(18) — Vide Salomon Reinach. *Gram. lat.* Pg. 241.

pugna pugnata, Romam profectus est, nulla resistente". (C. Nepos). "*Vitam vivere* caelibem". (Aulo-Gell.). "*Somnium* consimile *somniavit*". (Pl.). "Prius quam istam *pugnam pugnabo*". (Id.). "*Militia* ista *militatur*". (Id.). "An sempiternam *servitutem serviat*". (Id.). "*Cenam cenavi* tuam". (Id.) "Nunc *specimen specitur*". (Id.). "Nunc *certamen cernitur*". (Id.). "Quod bonis *benefit beneficium*". (Ter.). "Nam hunc scio mea solide solum *gavisurum gaudia*". (Id.). "*Occumbunt* multi *letum*". (Enn.). "*Mortem occumbre*". (Cic.). "Non eosdem *cursus cucurrerunt*". (Id.). "*Juravi* verissimum pulcherrimumque *jusjurandum*". (Id.). "*Dicta dicere*". (Id.). Has *notavi notas*". (Id.). "*Bellum bellare*". (Tito Liv.). "*Votum vovere*". (Id.). "*Pacem pacisci*". (Id.). "*Noxam nocuerunt*". (Id.). "*Triumphavit... triumphos* novem". (Aulo-Gellio). "*Gaudium gaudeat* genuinum". (Id.). (19).

(19) — M. Guardia e J. Wierzeyski. *Gram. de la Langue Latine*. Pg. 407.

V

Tautologia.

Rezava o seguinte art. 105 do *Projecto*:

Art. 105. "Haverá simulação nos actos entre vivos:

I "Absoluta, quando as partes os tiverem celebrado sem intenção de realizar o acto apparente, ou qualquer outro.

II "Relativa, quando as partes os tiverem disfarçado, na intenção de realizar outro acto de diversa natureza".

O Dr. Ruy Barbosa emendou o numero II deste artigo nos seguintes termos:

II "Relativa, quando as partes os tiverem simulado, para encobrir acto diverso".

Analysando a redacção desse numero do art. 105, assim escrevemos:

"Nesta emenda, feita ao numero II deste artigo, o illustre censor cáe numa tautologia manifesta: com effeito, dizer "*haverá simulação nos actos, quando as partes os tiverem simulado*", vale o mesmo que dizer "*os actos serão simulados, quando as partes os tiverem simulado*".

E nada mais ponderamos sobre o assumpto.

Agora veja o leitor o assanho da *Replica;* vae em sua integra o que sobre a mesma reflexão escreveo o esclarecido contradictor:

"Pretende o Dr. Carneiro haver eu escripto esta coisa: "Haverá *simulação* nos actos, quando as partes os tiverem *simulado*".

"Se tal baboseira me sahisse advertidamente da penna, devia o meo illustre mestre, por caridade para commigo e as lettras patrias, exigir a minha aposentadoria litteraria, com inscripção entre os invalidos incuraveis da arte de escrever.

"Felizmente a assacadilha outra coisa não é que um recurso de máo jogo, uma chança de máo gosto.

"Postos lado a lado o art. 105 e a minha emenda, ficará de manifesto o que se deo.

PROJECTO:	SUBSTITUTIVO:
"Art. 105. Haverá simulação nos actos entre vivos:	Art. 105.
I. Absoluta, quando as partes os tiverem celebrado sem intenção de realizar o acto apparente, ou qualquer outro.	. . . . .
II. Relativa, quando as partes os tiverem disfarçado, na intenção de realizar outro acto de diversa natureza".	II. Relativa, quando as partes os tiverem simulado, para encobrir acto diverso".

"O membro capital do periodo, que o iniquo censor articulou ao n. II, isto é, a sentença onde se diz que "Haverá simulação nos actos entre vivos", está nas palavras preambulares do artigo. Este depois se forqueia em tres paragraphos, sendo que dentre elles no segundo é que se achava a palavra *disfarçado*, cuja alteração me pareceo conveniente. Rejeitando-a, (*) pois, substitui-a pelo vocabulo "*simulado*", sem dar tento a que a oração, onde ficara, tinha de encontrar com aquella onde se enceta a definição legal de *simulação*".

"Aqui entra pelos olhos o lapso da attenção, o resvalo da penna a que deo logar a bifurcação do periodo. Todo o juiz de mediana consciencia reconheceria para logo no facto um descuido, tanto mais natural quanto esse immenso trabalho de fundir novo projecto, e apostillar em mais de quinhentas notas o antigo, occupando, no *Diario do Congresso*, 196 paginas in-folio, com 392 columnas, se encetou e concluio, por obra exclusiva de um homem em menos de quarenta dias.

"Essa justiça vulgar não me soube fazer o meo velho mestre. Tambem lh'o não tenho a mal. A musa da grammatica não conhece entranhas". (20)

Fosse a extranha tautologia commettida advertida ou inadvertidamente, como explica o Dr. Ruy, e como sinceramente o cremos, onde o *recurso de máo jogo*, a *chança de máo gosto*, a *iniquidade*, a *assacadilha*, com que o insigne censor tão cruamente qualifica a reflexão, que fizemos, sobre o que está escripto em sua emenda ao art. 105 do *Projecto?*

Seja qual fôr a procedencia das faltas e dos erros, não é prestar um serviço apontal-os para lição dos incautos?

O esclarecido censor, que tão agastado se mostra com este nosso reparo, não evitou, todavia, o mesmo vicio, quando, em sua *exposição preliminar*, a pag. 4, assim se enuncia:

"Ambos os conjuges estão vivos. Nenhum falleceo".

(*) Collocamos o pronome *a* depois de "regeitando", conforme está na 2.ª ed., porque a suppressão do *a* na 1.ª foi lapso da revisão, uma vez que Ruy na *Replica* escreveu "regeitando-a".

(20) — Vide *Replica* § 5.º n. 59.

Ora é evidente que, affirmando-se na primeira proposição a vida de *ambos os conjuges,* se tem negado a morte de um e outro. Não ha, pois, negar o defeito da tautologia, a que dão lugar as duas proposições absolutas do Dr. Ruy, as quaes são analogas ao seguinte passo de Castanheda na *Historia da India*:

"E entrados os nossos, todos os inimigos foram mortos, que nenhum escapou".

(*Hist. da India.* T 8. Cap. 12, Pg. 29).

VI

"Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposição da lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contrahentes, *se julgará o* acto inexistente".

(Art. 107).

O Dr. Ruy substituio o *se julgará* do *Projecto* por *julgar-se-ha*, oppondo, segundo se exprime em sua *Replica*, á construcção do *Projecto* a regra por mim enunciada nos *Serões Grammaticaes*:

"Não se começa phrase alguma em portuguez pelas variações pronominaes obliquas *me, te, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as*".

Acareada assim", diz o Dr. Ruy em sua *Replica*, "com o texto parlamentar a regra philologica, a illação era irresistivel. Em "se julgará o acto inexistente" se me antolhava uma phrase principiada por uma das variações pronominaes obliquas, enumeradas pelo Dr. Carneiro neste topico do seo tratado; Logo, estava errada a phrase.

"Porque? Porque eu devia de suppor certo o canon formulado pelo mestre.

"Acode, porém, elle agora a dizer que a grammatica da commissão é que é correcta. Logo, a regra do mestre estava errada". (21)

Eu não disse que a grammatica da commissão é que era a correcta. Não é verdade o que neste particular affirma o douto critico; o que disse e escrevi nas *Ligeiras Observações*, com respeito á emenda do Dr. Ruy, foi o seguinte:

"E' a construcção mais commum, verdade seja dita, essa de que falla o Dr. Ruy; mas é falso julgal-a a unica verdadeira.

"A do texto do *Projecto* encontra-se em classicos de nomeada, que lhe sanccionam o emprego". (22)

(21) — *Replica* § 6.º n. 60.

(22) — Vide *Lig. Obs.* Pg. 17.

Quão longe está o meo dizer do que me attribue o insigne censor!

Agora, perguntamos ao Dr. Ruy, onde é que principia a phrase do *Projecto,* no art. 107?

Principia, porventura, no *se julgará?* Não. *Se julgará o acto inexistente* é parte da phrase; é a oração principal do periodo, que presuppõe as subordinadas, que aqui lhe precedem; é a apodose do periodo em relação á protase, representada pelas subordinadas, que lhe antecedem.

Não é o *se julgará* que abre aqui a phrase, mas a conjuncção *se,* que se lhe nota no rosto, e que indica as subordinadas de que ella (*) se compõe.

O trecho, pois, do *Projecto*: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposição de lei, e for assim provado, a requerimento de algum dos contrahentes, *se julgará* o acto inexistente" não está em desaccordo com a regra, enunciada pelos *Serões Grammaticaes* e pela maioria dos grammaticos, e assim concebida:

"Não se começa phrase alguma pelas variações pronominaes obliquas *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as*". (**)

Encontramos apenas dois exemplos que não harmonizam com a regra dos grammaticos, sanccionada pelo uso dos melhores escriptores. São os dois topicos seguintes de Vieira e Jacinto Freire:

"*Me avisam* em muito secreto, que Hespanha tem resoluto romper a guerra com (***) França".

(Vieira. *Cartas.* T. 3.º Pg. 170).

"*A não quiz* acceitar D. Fernando, pedindo-lhe que aquella honra lhe poupasse para o tempo da paz".

(Jac. Freire. *Vida de D. João de Castro.* Liv. 2.º Pg. 88-41).

Se o periodo ou a phrase do trecho censurado começasse pela variação pronominal *se,* teria razão o Dr. Ruy; mas não é essa variação pronominal obliqua que lhe abre a porta; é, sim, a oração condicional "*Se a simulação for absoluta*".

(*) — Na 2.ª ed. elidiu-se o termo "ella".

(**) — Na 1.ª ed. dos "*Serões*", de 1890, que é a citada na questão do Codigo Civil, a regra mencionada vem á pág. 339; na 2.ª ed., á pág. 707; na 3.ª, á pag. 725, na 4.ª, á pag. 562, na 5.ª á pag. 719 e na 6.ª á pag. 742. Da 2.ª ed. em diante a regra diz: "*Não* se começa phrase alguma *em portuguez...*"

(***) — Na 2.ª ed. lê-se "com a França".

Ninguem escreverá, empregando como vocabulo inicial do periodo ou phrase as variações pronominaes obliquas: "*Me* parece que te enganaste", "*se* meditou muito sobre isso", "*se* acharam perdidos", "*nos* é impossivel", "*se* caçam alli muitos passaros", "*vos* é indifferente fazer ou não fazer isso", "*o* encontraram quasi morto", "*se* avista de longe a montanha", "*se* ouvio de longe o tiroteio", "*lhe* não quero mal", "*lhes* apresentei mil desculpas", "*o* obriguei a sahir", "*me* remetteo logo a resposta", "*lhes* devo muitos favores", "*os* amava como se foram filhos", "*te* provarei o contrario do que affirmas", "*me* deixe", "*me* permitta", "*nos* ajude Deos", "*nos* parece impossivel", "*te* avisarei logo que chegue", usando estas e outras construcções analogas, em que se abre o periodo com as variações *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as;* nem, como serem de Vieira e Jacinto Freire, serão para imitar as phrases iniciaes "*me avisam* em muito secreto", "*a não quiz* acceitar D. Fernando".

Já não corre o mesmo, quando a variação obliqua pronominal se acha no rosto de uma oração, que não é a inicial de um periodo ou phrase.

Assim é que disse Castilho no *Fausto*:

"Este simile da physica, tão sabido de toda a gente, explica, *me parece*, com assaz de propriedade, o como se podia fazer..."

(*Fausto. Advertencia.* Pg. XV).

E na *Primavera*: "E eis aqui, *me parece*, o como lá para os outros me hei de haver".

(Vol. 1.º Pag. 163).

E A. Herculano: "Não sou, *me parece*, dos que podem como escriptores lamentar-se da indifferença do publico americano".

(*Opusc. A Emigração.* Pg. 78).

Em taes circumstancias, bem que mais frequente a posposição pronominal, varios exemplos ha que autorizam a proclise do pronome, como mais ao diante mostraremos, tratando do mesmo assumpto, exemplos que se não oppõem á regra estabelecida pelos grammaticos.

Como os tres exemplos, que acabamos de citar, de Castilho e de A. Herculano, o primeiro dos quaes é igualmente citado pelo illustre censor, não têm applicação ao caso os exemplos seguintes de M. Bernardes, de que se serve o autor da *Replica*:

"Este é um caso (*me parece*) dos em que se deve advertir".

"Sendo este illustrissimo varão convertido e baptizado pelo papa São Alexandre, *lhe perguntou* o tribuno Quirino".

"Tu, irmão, (*lhe disse*) não te turbes pelo que viste".

"E ditas estas palavras, *se tornou* ao estado natural".

"Antes que vós me afogueis, *vos afogo*".

"Informado o emperador mais da nobreza que da virtude do pregador, *lhe offereceo*...".

"Estando neste conflicto, *lhe appareceo* o mesmo anjo".

"O que feito, *se fez* á vela".

Em todos estes exemplos do autor da *Nova Floresta*, e no ultimo de Damião de Goes, não é pela variação pronominal que se inicia a phrase.

Me parece, lhe perguntou, lhe disse, se tornou, vos afogo, lhe offereceo, lhe appareceo, se fez, representam em cada um dos referidos exemplos uma parte da phrase, e não a phrase inteira, que em nenhum delles começa pela variação pronominal.

Não foi, pois, arrimado na regra dos grammaticos que o Dr. Ruy Barbosa censurou a redacção do art. 107 do *Projecto*.

A proposito dos exemplos que mencionamos, para provar a semrazão do Dr. Ruy na censura feita á redacção do referido artigo, diz o sabio critico que apresentava não menos de nove exemplos, em que escriptores como D. Diniz, Camões, Vieira, Frei Luiz de Souza, Couto e Castilho empregaram o *se* com o verbo no singular, quando, exercendo essa particula a funcção de apassivar o verbo, *força é leval-o ao plural, se neste se acha o sujeito*.

Pensa o Dr. Ruy que, se estes exemplos em numero de nove em nada podem combalir a regra relativa ao *se* como elemento apassivador, regra absoluta, inabalavel, muito menos poderiam fazel-o os exemplos em menor numero, por mim apresentados, para defender a proclise do *se* na redacção do art. 107, que elle censurou.

Nas *Ligeiras Observações* apresentamos, é verdade, seis exemplos para firmar o que dissemos em relação á censura do Dr. Ruy; mas não é que, neste particular, seja tão pobre a messe, como ao douto critico se lhe afigurou, o que mais largo mostraremos, volvendo ao mesmo assumpto.

Mas, apezar de com relação ao *se*, particula apassivadora, estarmos de accordo com o Dr. Ruy, devemos fazer aqui as seguintes ponderações sobre os exemplos por elle apresentados.

Os seguintes exemplos são manifestamente defeituosos:

"Nom he razão que se tenha ceumes".
(D. Diniz. *Leal Conselheiro*. Pg. 253).

"De quem tão grandes coisas se esperava".
.. (*Camões. Eleg.* X. *Obr.* V. III. Pg. 46).

Semelhante a este exemplo de Camões, é o topico seguinte, que encontramos no *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes:

"Duvidava pollo ver tam mancebo, que de tã poucos dias nam *se esperava* tamanhas obras".
(Parte 1.ª Cap. XXXIII. Pag. 203).

Tambem não são para imitar as duas passagens seguintes de Vieira, de que falla o Dr. Ruy:

"Ao compasso de uma mão *se ajunta muitos córos*". (*)

"Para que *se veja os poderes* que tinha no peito de Christo".

Vieira, em taes casos, sempre emprega o verbo no plural, não se podendo levar taes exemplos senão á conta de descuidos de composição ou revisão.

No exemplo de uma das *Eglogas* do epico portuguez: "Por quem *o mar e a terra se governa*", a concordancia do verbo se fez com cada um dos substantivos sujeitos, considerados separadamente — *o mar se governa, a terra se governa.*

É modo de concordancia frequentissimo no latim e de que, não raro, se encontram tambem exemplos em nossa lingoa.

Que se trata aqui de um sentido passivo, não ha para que se negue; mostra-o bem claramente o complemento circumstancial *por quem,* correspondente ao ablativo latino, regido da preposição *a* ou *ab,* clara ou occulta, que acompanha os verbos passivos no latim.

Nos escriptores latinos de mais vulto acham-se os seguintes passos:

"Tempus necessitasque postulat". (Cic.). "Religio et fides anteponatur amicitiæ". (Id.). "Ubi nata et alta est ratio et moderatio vitæ". (Id). "Se-

(*) Esta phrase que Ruy attribuiu a Vieira, e foi tirada de suas "Obras Ined.; pág. 143 (*Replica,* n. 65), é de Frei Francisco do Santíssimo Sacramento, segundo nos diz Pinheiro Domingues, na "Revista Filológca", n. 20, Julho de 1942, pag. 287, louvando-se no Pe. Gonzaga Cabral, *Vieira Pregador,* t. II, p. 322, nota, Porto, 1901.

natus populusque Romanus intelligit". (Id.). "Ratio ordoque agminis aliter se habebat". (Cœs.). "Libertas et anima nostra in dubio est". (Sall.). "Tempus et locus convenit". (T. Livio). "Res et tempus patiebatur". (Id.). "Cœdes ac tumultus in castris erat". (Id.). "Jus arbitriumque... "illi permissum est". (Suet). (23).

Em portuguez disse Fr. Luiz de Souza:

"Nenhuma sciencia se aprende fundadamente senão em escholas, onde a *conferencia e a emulação põe* esporas e *aviva* os engenhos".

(*Hist. de S. Domingos.* Vol. 1.º Cap. 16. Pg. 196).

E Vieira escreveo: "*A botica e o collegio está* todo ás ordens de Vossa Senhoria".

(*Cartas.* T. 2.º Pg. 49).

Em outro lugar disse o mesmo Camões:

"É Dom Paio Correia, *cuja manha,*
E *grande esforço faz* inveja á gente".

(*Lus.* Cant. 8.º Est XXVI).

De syntaxe analoga usou tambem Fr. Bernardo de Brito, na *Monarchia Lusitana*:

"Porque *a bondade e grandeza de animo de seu filho Brigo e a condição popular que naturalmente tinha, o fazia* bemquisto de todos".

(T. 1.º Cap. VI. Pg. 19, ed. 1690).

A. Herculano: "*A luz e a sciencia só veio* ao mundo em nossos dias".

(*Opusc.* T. 1.º Pg. 66).

Não nos parece, outrosim, razoavel a censura feita aos dois versos do autor dos *Lusiadas*, no *Auto dos Ampohitriões*, a que allde o insigne critico, e assim escriptos:

"E já que são tão incertos
Teos ditos para se crer".

Encontram-se exemplos de uma ou outra syntaxe, sendo até mais commum o uso da impessoalidade do infinito.

Ora, se a segunda de cada uma dessas formas é a de que mais ordinariamente se valem os nossos escriptores, porque achar defeito na phrase de Camões "*E já que são tão incertos teos ditos para se crer*"?

A ideia de pessoalidade já não se acha bem indicada pela pluralidade do verbo regente?

---

(23) Vide Guardia e Wierzeyski. *Gram. de la Langue Latine.* Pg. 381.

Não é ao infinito impessoal que, em taes casos, é usual recorrer? (*).

Não ha, pois, infracção alguma contra a syntaxe nos dois versos camonianos:

"E já que são tão incertos
Teos ditos para se crer".

O exemplo extrahido da *Vida do Arcebispo* de Fr. Luiz de Souza, Liv. 2.º Cap. 7, e que o illustre Dr. Ruy Barbosa transcreve assim:

"Se nessa terra *se permittisse alguns destes falsos evangelistas*, ajuntariam muitos discipulos", não foi exactamente escripto como está no original. Na *Carta Primeira* do Arcebispo Primaz, que se lê na referida obra de Souza, é assim redigido o exemplo:

"Se nessa terra *se permittisse algum destes falsos evangelistas...*", onde não ha que censurar.

No exemplo de Diogo de Couto: "Era necessario *ter-se* primeiro *alguns cumprimentos* com o Capitão d'El-Rey de Bisnagá, que alli estava", a correcção grammatical exigia o verbo no plural, numero de que usou Fr. Luiz de Souza no topico seguinte:

"Os lugares em que é ordinario *porem-se os sagrados oleos*".
(*Hist. de S. Domingos.* Vol. 3.º Cap. 17. Pg. 67).

O *se* na expressão alludida parece, aliás, representar o papel de elemento expletivo.

O pensamento, com effeito, seria o mesmo, se Couto assim se exprimisse: "Era necessario *ter* primeiro alguns cumprimentos com o capitão d'El-Rey de Bisnagá", como, com respeito ao exemplo de Fr. Luiz de Souza, se não alteraria substancialmente o sentido, se o classico portuguez, empregando o infinitivo impessoal, escrevesse: "Os lugares em que é ordinario *pôr* os sagrados oleos".

No exemplo de Castilho: "Ver como ella (**) para attrahir emprega o de que mais *se namora os sentidos*", o verbo é pronominado reflexo, o sujeito é evidentemente o substantivo *os sentidos*. Na theoria mesma dos poucos que julgam poder o *se* fazer de sujeito, fôra neste exemplo de Castilho insustentavel a funcção subjectiva do pronome.

O singular *se namora* outra coisa não pode ser, que um descuido typographico: o mestre dos mestres advertidamente não escreveria tal. (24).

(*) Toda esta phrase foi suppressa na 2.ª ed.

(**) Na 2.ª ed. lemos "Ver como *elle...*"

(24) Aliás, na edição das *Obras Completas* de A. F. de Castilho, em 1903, no vol. II da *Primavera*, a pag. 116, vem corrigido esse erro.

(*) Toda esta phrase foi suppressa na 2.ª ed.

(**) Na 2.ª ed. lemos "Ver como elle..."

(24) Vide, na edição das Obras Completas de A. F. de Castilho, em 1901, no vol. II da Primavera, a pag. 116, vem corrigido esse erro.

VII

Assonancias, echos, cacophatons.

Notando o rigor com que o Dr. Ruy, em suas emendas ao *Projecto*, censurou os echos, assonancias, dissonancias, os cacophatons, não tolerando até o *só pode*, empregado varias vezes pelo *Projecto*, em que se lhe afigurou, como depois se exprimio em sua *Replica*, *o rabear e estoirar de bichas da China*, assim me enunciei:

"No Paragrapho Unico da art. 10 da *Lei Preliminar*, apezar de inimigo das assonancias e dos echos, o distincto e emerito Dr. Ruy, em sua emenda, não se lava de cahir no mesmo vicio de harmonia de que argúe a redacção do *Codigo*, dizendo:

"Os moveis, cuja *situação* se mudar, na pendencia de *acção* real a seo respeito, continuam sujeitos á lei da *situação* que tinham (*) no começo da lide".

"No art. 14, deparando-se-lhe a expressão *intrinseca validade*, censura-a, reputando-a quasi o *nec plus ultra* do cacophaton; entretanto não é tão rigoroso, quando, esboçando em largos traços os defeitos da redacção do *Projecto* do *Codigo*, em sua *exposição preliminar*, usa das expressões *vehiculo claro, se interpunha ella*, e, ao terminar seo luminoso *parecer*, não lhe desagrada aos ouvidos a expressão *frouxo echo*.

"A esses vicios de construcção nem sempre pode fugir o escriptor, por elegante e aprimorada que seja sua linguagem, por grande e profundo que seja o conhecimento dos segredos do idioma que falla". (25).

"Já se está, pois, a ver", pondera o autor da *Replica*, "que o em que se faz reparo não é no uso de palavras terminadas nesse final, *mas na sua distribuição em rima atravez da prosa*. Aqui bate o ponto.

"Nem a outra coisa deo jámais alguem o nome de *assonancia* ou de *echo*.

(*) *Tenham*, como estava, é lapso typographico, pelo que emendamos para *tinham*, como se lê no *Parecer* de Ruy, e na 2.ª ed.

(25) *Lig. Obs.* Pg. 18-19

"Echo", escreve Augusto Freire, "é a concorrencia proxima de syllabas fortes *rimando* ou *produzindo* consonancias".

E' conveniente evitar o echo e as palavras homophonas", diz Francisco Barata, "*por darem a lembrar prosa rimada*".

"Não tem a mesma clareza a definição que nos dá o professor Carneiro desse achaque da linguagem, classificando-o como "o concurso dos mesmos sons". Certo é, porem, que o inclue entre os *vicios da linguagem*, e, nas amostras que expõe, assaz o caracteriza". (26)

Mas que obscuridade achou o Dr. Ruy na definição que dou de *echo?* Uma definição diz-se clara, quando nenhum de seos termos precisa de explicação. Definindo, como a maior parte dos grammaticos, esse vicio da harmonia do discurso o *concurso dos mesmos sons,* onde a obscuridade? Onde o termo que ha mister de explicação?

Agora leia o Dr. Ruy Barbosa como definem o *echo* lexicologos e grammaticos, e por elles verá que não merece inquinada de falha de clareza a definição que demos.

"Echo ou concorrencia de sons identicos: Ex: "*Quando ando trabalhando. Elles procurarão consolação á afflicção de seo coração*".

(Julio Ribeiro. *Gram. Port.* Pg. 285).

"Echo é a dissonancia resultante da repetição das mesmas syllabas". *Inspira o seu estado cuidado; um ente independente*".

(Pacheco Junior e Lameira de Andrade. *Gram. da Lingoa Port.* Pg. 698).

"O echo resulta da repetição das mesmas syllabas".

(João Ribeiro. *Gram. Port.* Pg. 236).

"Echo é o resultado da concorrencia dos mesmos sons".

(Domingos de Azevedo. *Gram. Nacional.* Pg. 167).

"Echo diz-se a concorrencia dos mesmos sons, successivos ou proximos".

(Bento J. d'Oliveira. *Nova Gram. Port.* Pg. 118).

"Echo é a concorrencia de palavras com as mesmas terminações".

(Aulete. *Gram. Nacional Elementar.* Pg. 75).

"Echo é o resultado da concorrencia dos mesmos sons: *Quando ando doente dos dentes, tenho empenho de morrer; mas quando são, não são mais taes meos desejos*".

(Joaquim Freire de Macedo. *Compendio de Gram. Port.* Pg. 169).

"Echo é a dissonancia que resulta da repetição dos mesmos sons".

(Fernando Pinheiro. *Gram. Port.* Pg. 148).

---

(26) *Replica* § 8.º n. 68.

Na traducção das *Instituições Oratorias* de M. Fabio Quintiliano, fallando dos echos, assim escreve Jeronymo Soares: "Tambem se deve ver que a palavra seguinte não comece pelas mesmas syllabas, em que acaba a antecedente. E para que ninguem se admire de darmos este preceito, estes descuidos escaparam a Cicero mesmo, nas *Cartas*, quando disse: "Res mihi *invisæ visæ* sunt, Brute", e no *Poema*:

"*O' fortunatam natam*, me consule Romam". (27)

Dissemos, em relação ás criticas do Dr. Ruy Barbosa, que, apezar de inimigo das assonancias e dos echos, se não livrou em suas emendas de cahir nesse vicio de harmonia, que censurava ao *Projecto*, e citamos o topico seguinte:

"Os moveis, cuja *situação* se mudar na pendencia da *acção* real a seo respeito, continuam sujeitos á lei da *situação*, que tinham no começo da lide".

Ora, ninguem dirá que não haja ahi o vicio da *assonancia* ou do *echo*, desde que se repete o mesmo som *ão* nos vocabulos *situação, acção, situação.*

Nem poderá escapar á critica de *echos* o seguinte trecho do esclarecido Dr. Ruy, emendando o art. 406 do *Projecto*:

"São devidos os ali*men*tos, quando o pa*ren*te, que os pre*ten*de, não *tem bens, nem* pode prover pelo seo trabalho a propria man*ten*ça, e o de *quem* se reclamam, pode fornecel-os, *sem* desfalque do necessario ao seo sus*ten*to".

Dez vezes, em quatro linhas, o mesmo som *em* ou *en* vem arranhar o ouvido do leitor, nas syllabas *men, ren, ten, tem, bens, nem, ten, quem, sem, ten.*

Á censura feita á emenda ao art. 10, paragrapho unico, da *Lei Preliminar*, responde o insigne escriptor que nenhum *echo* existe:

"Onde aqui o echo? Onde?", (*) pergunta o Dr. Ruy. "Temos tres vezes o *ão* final. Mas da primeira o seu som se perde no meio da sentença que o absorve: "cuja *situação* se mudar". É no verbo *mudar*, não no substantivo *situação*, que ahi cáe a pausa. Da segunda vez succede o mesmo; por isso que o vocabulo *acção*, na phrase "na pendencia da *acção* real a seo respeito", faz corpo com o adjectivo *real*, a elle subsequente, e com as tres palavras posteriores, indo a voz descançar em *respeito.*

"De sorte que o ultimo *ão*, "em lei da *situação*" não tem, antes ou depois de si, final semelhante, com o qual consôe: está sosinho.

(27) *Inst. Orat.* T. 2.º Pg. 319.

(*) Puzemos a virgula neste lugar, elidida por erro da revisão.

"É o que graphicamente se manifesta, distribuindo o periodo segundo as pausas da leitura: (*).

"Os moveis,
cuja *situação* se mudar
na pendencia da *acção* real a seo respeito,
continuam sujeitos á lei da *situação*,
que tinham no momento da lide". (28)

De modo que, para o Dr. Ruy Barbosa, só ha *echo*, quando a voz descança nas syllabas terminaes de som identico, as quaes constituem esse vicio da harmonia do discurso. Por isso é que não reputou clara a nossa definição de *echo* " o concurso dos mesmos sons".

Mas assim é que todos os grammaticos definem o *echo;* nem o que dizem Francisco Barata e Augusto Freire sobre esse vicio se oppõe á definição que demos.

Com effeito, sem definir propriamente o *echo*, assim escreve Francisco Barata:

"Tambem é conveniente evitar o *echo* e as palavras homophonas por darem a lembrar prosa rimada. Exemplos:

"De longe *venho* porque *tenho empenho* de te ver". (29)

Ora, se, pronunciando esta phrase, a voz descança no *venho*, não passa o mesmo entre o *tenho* e *empenho*, porque o descanço da voz não remata no *tenho*, nem no *empenho*, e sim na ultima palavra que termina a phrase; entretanto ninguem negará a existencia do *echo* no exemplo citado.

O que constitue esse vicio de monotonia, como lhe chama Quintiliano, não é, portanto, o descanço da voz na syllaba de som identico, é a reiteração dos mesmos sons, seguidos ou proximos, seja em syllaba em que descance a voz ou não.

No *O' fortunatum natam me consule Romam*, só descança a voz na syllaba que é remate da phrase.

Entretanto é manifesto o *echo*, constituido pelas syllabas tonicas homophonas do primeiro adjectivo e do substantivo que se lhe segue.

O facto de ser o descanço da voz na syllaba de som identico torna, é verdade, mais patente o *echo*, mas não o constitue.

Nest'outro exemplo, citado pelo mesmo F. Barata: "Pelos *culpados* que *pede*, lhe *pede* o Castelhano outros *culpados*", o vicio da

(*) Na 2.ª ed. collocou-se virgula depois de "leitura", e a 1.ª não traz nenhuma notação syntactica. Collocamos os "dois pontos".

(28) Vide *Replica* § cit. n. 72.

(29) *Estudos da Lingoa Port.* Pg. 50.

homophonia existe, bem que não descance a voz nem no primeiro *culpados*, nem no segundo *pede*, que é immediatamente seguido do sujeito *o Castelhano*.

Augusto Freire, citado pelo Dr. Ruy, como define o *echo*? "*A consonancia* de syllabas fortes, rimando ou produzindo consonancias".

Sendo o *echo* o concurso dos mesmos sons, não rimam estes sons uns com os outros, não produzem essa conformidade, a que se dá o nome de *consonancia?*

Este modo de considerar o *echo* nem destróe a definição que se lhe dá: *o concurso dos mesmos sons*, nem autoriza a dizer que só ha *echo*, quando cáe a pausa ou descanço da voz nas syllabas de som identico, que o constituem, porque delles ha nas syllabas medias accentuadas dos vocabulos que compõem uma phrase, embora nessas não descance a voz.

"Na mais nova de suas grammaticas", diz o douto critico, "ensinando seos alumnos a se absterem do echo, elegeo o Dr. Carneiro, já o vimos, para os illustrar, alguns exemplos typicos desse defeito. Pois bem: o primeiro delles é justamente a locução por elle absolvida ao padre Vieira:

"*Coração são*".

"Que concluir daqui? Ou que o mestre vae perdendo a memoria. Ou que lhe vae falseando o ouvido. Destas duas alternativas não ha fugir. Na critica de agora me leva a mal sentir essa dureza e fazer por evital-a". (30)

Não tem razão o Dr. Ruy: o que ha de concluir o leitor da *Replica*, dos *Serões Grammaticaes* e das *Ligeiras Observações*, não é que me vae escaceando a memoria ou me vae falseando o ouvido; o que o leitor ha de concluir é que é defeituoso o raciocinio do Dr. Ruy.

De feito, que digo nos meos *Serões Grammaticaes*, a pag. 348? Collocando entre os vicios de linguagem o *echo*, assim escrevo:

"Ao concurso dos mesmos sons dá-se o nome de *echo*", e exemplifico: "*Coração são de paixões*". "De longe *venho*, porque *tenho empenho* de te ver". "*Clemente sente constantemente* dores de *dente*".

Digo mais, na mesma obra, que o *echo* é tolerado em poesia, dando-lhe até, ás vezes, um sainete de gosto e vivacidade, e dou um exemplo de Luiz F. Leite para illustrar a minha affirmação.

Nas *Ligeiras Observações*, a proposito de algumas dissonancias, que o Dr. Ruy censurou ao *Projecto*, disse: "A esses vicios de construcção nem sempre pode fugir o escriptor, por elegante e aprimorada que seja sua linguagem, por grande e profundo que seja o

(30) *Replica* § 8.º n. 70.

conhecimento dos segredos do idioma que falla"; (31) e mais adiante a pag. 21 do mesmo trabalho, assim escrevo:

"Contra o emprego da desinencia *ão* nos vocabulos oxytonos, por vezes repetidas nos arts. 28, 29, 30, 31 do *Projecto do Codigo*, levanta-se fortemente a critica do provecto censor, que pacientemente lhe conta o numero de vezes que detona e ribomba; entretanto a Vieira não lhe echoou tão desagradavelmente o seguinte trecho: "*Não* ha velha *tão* carregada de annos, nem velho de tão pobres membros, que *não* tenha o *coração são* para cuidar ruindades, e a lingoa inteira para dizer mentiras"; nem a Latino Coelho se lhe escandalizaram os ouvidos no seguinte passo:

"A *reformação* da universidade, a que o Marquez, nomeado lugar-tenente do monarcha, deo a *feição* de uma grande e pomposa festa nacional; a *creação* das escholas menores e a *diffusão* do ensino das humanidades por numerosas *povoações*, orphãs até esse tempo de eschola e de *lição;* a *fundação* regular, posto que ainda embryonaria, do ensino primario, como uma *instituição* do collegio dos nobres na propria casa, que fôra pouco antes um dos noviciados principaes da companhia, lançavam os cimentos de uma nova *civilização*".

(Latino Coelho. *Hist. Pol. e Milit. de Port.*).

Nem do que escrevi nos *Serões Grammaticaes*, pondo o *echo* entre os vicios de linguagem, nem do que se lê nas *Ligeiras Observações*, em que reputo o *echo*, o *cacophaton* (*) e outras dissonancias como vicios de construcção, a que nem sempre pode fugir o escriptor, podia o Dr. Ruy inferir, em boa logica, que absolvo a Vieira do *coração são de paixões* ou deixo de reconhecer algumas dissonancias por elle apontadas no *Projecto*.

O que se lê, pois, nos *Serões* e nas *Ligeiras Observações* nem denuncia que me vae falhando a memoria, nem que se me vae endurecendo o ouvido.

O que se não concilia bem é o modo como nas emendas o Dr. Ruy considerou o *echo*, e a maneira pela qual se lhe afigura agora na *Replica* esse vicio de linguagem.

Nas emendas ao *Projecto*, depois de ter, em sua *exposição preliminar*, apontado entre as assonancias, as consonancias e os homophonismos escusados e impertinentes, que pullulam sob a pena dos redactores do *Projecto*, a desinencia *ente*, consoando repetida, indica o art. 164. II, paragrapho unico, que é assim redigido:

---

(31) *Lig. Obs.* Pg. 19.

(*) Emendamos o evidente erro typographico "cocophaton".

"Neste ultimo caso, o acto será legitimo, *somente* quando as circumstancias o tornarem *absolutamente* necessario, não excedendo os limites do indispensavel para a remoção do perigo".

Aqui considera o artigo tocado do vicio da tautophonia.

Na *Replica*, porém, já parece estudar o *echo* a outra luz, considerando-o só existente, quando a voz descança nas terminaes que o formam.

Ora, lendo o artigo apontado á censura, ninguem dirá que a voz descança nas terminaes dos vocabulos *somente* e *absolutamente*.

Creio, pois, que, se o illustre critico tivesse de rever o *Projecto*, o absolveria, segundo o que ora pensa sobre o *echo*, daquelle vicio de que o arguio no art. 164. II, paragrapho unico.

Uma prova que nos vem mais convencer de que o Dr. Ruy, escrevendo o substitutivo, tinha sobre o *echo* ideia differente da que transparece na *Replica*, é o que se lê na reflexão que neste seo ultimo trabalho fez sobre o art. 658 do *Projecto*.

Tinha o *Projecto* assim construido esse artigo:

"Quando uma obra feita por collaboração não for susceptivel de divisão nem estiver comprehendida na disposição do art. 655, os collaboradores gosarão, não havendo convenção em contrario, de direitos iguaes, não podendo qualquer delles, sem o consentimento dos outros, sob pena de indemnização por perdas e damnos, reproduzil-la, nem autorizar a sua reproducção, salvo quando feita na collecção de suas obras completas".

Pondo em italico as terminações dos vocabulos *collaboração, divisão, disposição, gosarão, convenção, indemnização, reproducção, collecção*, exclama o Dr. Ruy, no seo *Parecer*, carregando a mão sobre as homophonias do artigo:

"*Oito vezes*, em sete linhas, o retumbar do *ão*. É um carrilhão de cathedral".

Aqui a arithmetica do illustrado censor contou *oito echos* no texto do *Projecto*, como verá o leitor da emenda feita a esse artigo; *oito echos*, nada menos.

Na *Replica*, porém, transcreve o mesmo art. 658, e pergunta "Quantos echos?".

"Quando uma obra feita por *collaboração*
não for susceptivel de *divisão*,
os collaboradores *gosarão*
.....
nem autorisar a sua *reproducção*..."

Depois de apontar as palavras em que julga echoar o *ão*, responde elle mesmo á sua pergunta: "Quantos echos?" exprimindo-se d'est'arte:

"Não são, portanto, os echos tantos quantos eu contara, isto é, são tão somente *quatro;* visto que as outras palavras de igual desinencia, *não, convenção, indenização, disposição, colleção,* se dessimulam no contexto do phraseado, e por isso não resôam. Mas são, em todo o caso, *quatro* echos". (32)

Mas porque não vio isso mesmo no seo *Parecer* á redacção do *Projecto?* Porque abertamente confessa haver errado na primeira somma? Qual o segredo dessa dupla arithmetica?

No *Parecer* diz o douto escriptor: "*Oito vezes,* em sete linhas, o retumbar do *ão*. É um carrilhão de cathedral".

Agora, na *Replica,* é o proprio Dr. Ruy que, transcrevendo o mesmo artigo, inquinado daquelle vicio de harmonia, que lhe rebôa aos ouvidos como *carrilhão de cathedral,* vem dizer-nos: "Não são, portanto, os echos tanto quantos eu contara, isto é, são tão somente *quatro*".

A regra do sommar do *Parecer* é, pois, differente da que segue a *Replica;* as duas arithmeticas não combinam neste particular. Sommando os echos, uma encontra *oito;* a outra *quatro; tão somente quatro!*

Lograria reducção ainda maior o art. 631, se a elle se referisse hoje o autor da *Replica.* Este artigo está assim escripto no *Projecto:*

"Quando a divida tiver sido contrahida por todos os condominos, sem determinação da parte de cada um na obrigação, e sem estipulação da solidariedade, entende-se que cada um se obriga na proporção de seo quinhão".

Reprovando no seo *Parecer* a homophonia dos *ãos,* o douto critico exprime-se d'est'arte:

"Aqui detona cinco vezes, e desnecessariamente, a desinencia em *ão*: determina*ção;* obriga*ção;* estipula*ção;* propor*ção;* quin*hão*".

O autor da *Replica* ouviria aqui menos detonações que o autor do Parecer, porque veria que a maior parte daquellas desinencias identicas *se dissimulam no contexto do phraseado,* facto que valeo ao art. 658 a reducção que se lhe fez, baixando o numero dos *echos* de *oito* a *quatro.*

(32) *Replica* § 78 n. 296.

Tratando da emenda do Dr. Ruy ao art. 855, § Unico, do *Projecto*, dissemos: "A emenda não diminuio o numero de palavras, nas quaes se ouve o som do *ão*".

Responde o insigne censor nos termos seguintes:

"Sophisma. É pueril estarem-se a contar os vocabulos acabados em *ão*, quando o de que se trata, é daquelles em que o *ão*, ultimando periodos, ou accentuando phrases, *resôa* á maneira de *echo*, ou *rima*". (33)

Bem. Mas então porque, emendando o art. 198 do *Projecto*, escreveo em grypho os vocabulos *affirmação* e *intenção?* Nem o *ão* do primeiro nem o do segundo destes vocabulos ultimam periodos ou accentuam phrases.

Eis o artigo a que me refiro:

"Presentes os contrahentes por si ou por procurador especial, as testemunhas e o official do registro, o presidente do acto, ouvida de ambos a affirmação de que persistem na intenção de realizar o casamento, e que o fazem por livre e espontanea vontade, o declarará celebrado..."

Como se vê, e para me servir da expressão empregada pelo preclaro censor, os vocabulos *affirmação* e *intenção embebem-se* nos outros vocabulos da phrase, que os seguem.

Porque, pois, no seo *Parecer*, chamou para elles a attenção, marcando-os com o italico?

Porque não vio aqui essa *embibição*, essa *absorpção*, esse *diluimento* do *ão*, de que falla na *Replica*, quando o arguimos de algumas homophonias?

Porque não vio o autor da *Replica* essa puerilidade na contagem das *detonações*, que ao autor do *Parecer* lhe estrugiram tanto aos ouvidos, lendo o art. 631?

Não negamos haja na redacção do *Projecto do Codigo Civil* algumas tautophonias, que se poderiam evitar; mas nem ha escripto algum de longo folego em que, de longe em longe, se nos não deparem dessas faltas, nem na codificação das leis é a harmonia dos periodos, ou a parte musical da palavra escripta, o fito a que se mais deve alvejar.

Aqui mesmo, fallando sobre as dissonancias do *Projecto*, nada tem de euphonico o trecho do insigne escriptor, onde se lê: "*Não são, portanto*, os echos *tantos quantos* eu contara, isto é, *são tão*

(33) *Replica* § 77 n. 295.

somente quatro". Nem escapou á falta que condemna, escrevendo na primeira pagina de sua *exposição preliminar*: "Mas uma *codificação não* pode ser *expressão* absoluta de um systema, victoria exclusiva de uma eschola. Toda obra de *legislação* em grande escala ha de ser obra de *transacção*".

O art. 2390 do *Codigo Portuguez* é assim constituido:

"Nos casos em que a offensa resulte de *imputação,* ou *accusação* de crime judicialmente feita, provando-se que houve dolo na dita *imputação* ou *accusação,* consistirá a *indemnização* na *reparação* de perdas e damnos; mas se não houver dolo, a *indemnização* consistirá tão somente no pagamento das despesas do processo".

Se de tal construcção usasse o *Projecto do Codigo Civil Brasileiro,* acudiria logo a censura do Dr. Ruy, exclamando: "sete vezes, em quatro linhas, o retumbar do *ão*"*!*

Essa é, entretanto, a redacção que ao art. 2390 deram os autores do *Codigo Civil Portuguez,* a que o Dr. Ruy não regatêa os fóros de lei vernacula.

Não offerece este artigo do *Codigo Portuguez* menor numero de homophonias que o artigo do *Projecto,* concebido nestes termos:

"As pessoas encarregadas da applicação do patrimonio, logo que tiverem conhecimento da instituição, formularão, de accordo com as bases desta, os estatutos pelos quaes se ha de reger a fundação, submettendo-os, em seguida, á applicação da autoridade competente".

Aqui notando em italico todos os vocabulos em *ão,* escreve açodadamente o Dr. Ruy: "Cinco vezes detona o *ão* nestas quatro linhas".

* * *

Agora as cacophonias:

O art. 14 da *Lei Preliminar* estava escripto assim:

"As successões legitima e testamentaria, a ordem da vocação hereditaria, os direitos dos herdeiros e a intrinseca validade das disposições, qualquer que seja a natureza dos bens e o paiz em que se achem, serão regulados pela lei nacional do fallecido, salvo o disposto neste Codigo sobre heranças vagas abertas no Brasil".

Sublinhando a expressão *intrinseca validade,* diz o Dr. Ruy:

"Temos aqui a intrinse*ca validade.* É quasi o *nec plus ultra* do cacophaton".

Não neguei a dissonancia, e isso prova o trecho de minhas *Ligeiras Observações,* em que assim escrevi:

"A esses vicios de construcção nem sempre pode fugir o escriptor, por elegante e aprimorada que seja sua linguagem, por grande e profundo que seja o conhecimento dos segredos do idioma que falla".

Não levamos a mal que o insigne censor reprovasse as dissonancias que encontrou na redacção do *Projecto,* mas devia, exaggerando, como fez, as faltas contra a harmonia da linguagem, forrar-se a todas essas faltas que reprova.

O douto, o profundo Castilho Antonio não se livrou de dissonancia analoga á que o Dr. Ruy reprova ao *Projecto,* e que tanto lhe estrugio aos ouvidos.

Disse, com effeito, esse polido e vernaculo escriptor, prosador emerito e inimitavel poeta:

"Dos mais conscios de sua intrinse*ca valia*".
(Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 7.º, Pg. 156).

Nem tão pouco poude fugir ao cacophaton Camillo Castello Branco, quando escreveo:

"De tanta ou tão pou*ca valia*".
(*Esboços de Apreciações Litterarias.* Pg. 153).

O art. 10 da *Lei Preliminar* estava assim redigido:

"Os bens moveis ou immoveis são sujeitos á lei do lugar da sua situação..."

Censura o sabio critico o *são su,* sentindo aos ouvidos *balbuciação* e *gagueira.*

Mas ninguem lembrará arguir de viciosas as seguintes phrases portuguezes: taes vocabulos *são su*bstantivos; os habitantes da villa *são su*jeitos a hypoemias; logo que alli chegam, *são su*bmettidos exclusivamente ao tratamento hydrotherapico; *são sub*missos, modestos e respeitosos; *são sub*stancias organicas; *são sub*stancias empregadas na medicina; *são su*ccessos a que não deve ser extranho quem governa; *são sub*stitutos na Faculdade de Direito; *são suas* aquellas casas.

E o que mais é, é o proprio Dr. Ruy que, no art. 588, nos dá exemplo do som que elle sem razão condemna:

"Não é licito encostar a parede meia ou a parede do vizinho, sem *permissão sua,* fornalhas..."

Não é o mesmo *são... su*, que censura ao *Projecto?*

Em suas *Cartas de Inglaterra*, que tanto louvor conquistaram para o nome do Dr. Ruy Barbosa, já brilhantemente conhecido como celebrado escriptor dentro e fóra do nosso paiz, leem-se os seguintes topicos:

"Mas a corte suprema, estribando-se em considerações analogas ás de outra *sentença sua...*" (Pg. 355).

"Essa, pode-se dizer, é a raia, que separa da *secção superior* a secção inferior da classe media;..." (Pg. 360).

"Os radicaes trovejaram tempestades contra o governo e a *situação social*" (Pg. 15).

"E taxando-lhes a renda em *proporção superior* a que onera os lucros individuaes..." (Pg. 362).

"O ministerio de 7 de Agosto foi *imposição sua*". (Pg. 281).

Não se ouve nesses passos do elegante autor das *Cartas de Inglaterra* o mesmo *são su*, que no *Projecto balbucia* e *gagueja*, como diz o illustre autor da *Replica?*

Não seria futil censurar áquelle escriptor essa combinação de sons, de que tão frequentemente nos valemos, fallando ou escrevendo?

No *Projecto* é assim redigido o art. 9.º:

"Aos vinte e um annos completos termina a menoridade e a pessoa fica habilitada para o exercicio de todos os actos da vida civil".

É este outro artigo em que o Dr. Ruy percebeo dissonancia, na expressão aos "vinte e um annos *completos termina*".

Mas, se, depois do complemento circumstancial *aos vinte annos completos*, ha um repoiso da voz, impedindo, na pronuncia, a successiva e immediata junção dos dois vocabulos *completos* e *termina*, como perceber dissonancia nas duas palavras, que, diz o illustre contradictor, em sua *exposição preliminar*, apontando este mesmo art. 9, *embicam* e *tropeçam?*

Não será isso censurar por censurar?

Se o insigne escriptor sempre afinasse o instrumento da voz pelo mesmo diapasão, por que ora, analysando a parte musical da redacção do *Projecto*, aquilata a harmonia do discurso, quanta desafinação não encontraria actualmente em seos melhores escriptos?

Hoje, talvez, rigoroso como se mostra no que respeita a este ponto da elocução, tivera que modificar, dentre outros, o seguinte trecho de suas *Cartas de Inglaterra*:

"Esses sentimentos de crenças *são* meros especimens de combinações complicadas". (Pg. 71).

É esta a redacção do art. 461 do *Projecto*:

"Quando o curador for conjuge, não será obrigado a apresentar os balanços annuaes, nem a fazer inventario, se o regimen do casamento for o da communhão, ou se os bens do incapaz se acharem descriptos em instrumento publico, qualquer que seja o regimen do casamento".

Declamando-se o trecho do art. 461, ha naturalmente um repoiso da voz no adjectivo *publico*, elemento grammatical sem relação alguma com o vocabulo *qualquer*, de que o separa a virgula.

Pois bem, ainda aqui vê o Dr. Ruy um desagradavel cacophaton.

"Apezar da virgula", diz elle, "este *co, qualquer* é de uma cacophonia bem desagradavel".

Mas é o Dr. Ruy mesmo que nos vem affirmar que foi iniquo em reputar haver neste artigo *desagradavel cacophonia*.

Com effeito, diz mais ao diante o illustre critico, tratando do art. 553:

"Não pode haver cacophaton, entre dois termos, aos quaes se interpõe uma separação orthographica, indicativa de pausa na leitura".

"Por minima que seja a pausa, suspensão da voz, notada pela virgula, é quanto basta a obstar que as duas palavras se articulem uma na outra, gerando cacophonia" (34).

No art. 461 acha o Dr. Ruy, *apezar da virgula*, "uma cacophonia bem desagradavel"; aqui a virgula, correspondendo ao descanço da voz, ao parecer do illustre censor, não veda o cacophaton; no art. 553, julgando, como affirma, *insustentavel* a censura que fez á expressão do *Projecto* "*havendo má fé, de ambas as partes*", pela virgula que medeia entre o vocabulo *fé* e a palavra seguinte, dest' arte se enuncia: "Não pode haver cacophaton, entre dois termos, aos quaes se interpõe uma separação orthographica, indicativa de pausa na leitura".

Ora, se o reparo ou censura do Dr. Ruy é *insustentavel* aqui, pela razão de se interpor a virgula entre os dois vocabulos, que unidos dariam em resultado a dissonancia, é por igual insustentavel a censura ao art. 461, por intervir a mesma causa. "Por minima que seja a pausa", dil-o o proprio Dr. Ruy, como acabamos de ver, "a suspensão da voz, notada pela virgulação, é quanto basta a obstar que as duas palavras se articulem uma na outra, gerando cacophonia".

---

(34) *Replica* § 43. n. 188.

A nota da emenda do Dr. Ruy Barbosa ao art. 461 está em flagrante antagonismo com o que affirma em sua *Replica* relativamente ao art. 553.

Aqui basta a virgula para impedir a cacophonia; alli no art. 461, *apezar da virgula, ha uma cacophonia bem desagradavel;* não basta, portanto, a virgula para impedil-a.

Reza assim o art. 11 do *Projecto*:

"Se duas ou mais pessoas fallecerem na mesma occasião, sem que se possa averiguar qual dellas morreo em primeiro lugar, presume-se que morreram simultaneamente".

Em sua emenda a este artigo sublinha o Dr. Ruy os dois vocabulos *averiguar qual*, havendo dito em sua *exposição preliminar* que as palavras aqui *matraqueiam e grasnam.*

Não se sentiram tão ingratamente impressionados os ouvidos dos redactores do *Codigo Civil Portuguez*, quando assim redigiram o art. 1738:

"Se o autor da herança, e os seos herdeiros, ou legitimos, perecerem no mesmo desastre, ou no mesmo dia, sem que se possa *averiguar quaes* foram os que se finaram primeiro, reputar-se-hão fallecidos todos ao mesmo tempo, e não se verificará entre elles a transmissão da herança ou do legado".

Nem a José de Castilho se lhe afigurou offensivo ao ouvido o emprego da mesma locução, no seguinte lugar:

"Importa *averiguar qual* delles fosse o verdadeiro dono" (Vide *Livr. Classica* — Lucena — T. 2.º Pg. 168).

Entre as cacologias, de que argue o Dr. Ruy a redacção do *Projecto*, figuram as expressões *com condições, com consentimento*, usadas nos arts. 1200 e 1730, onde está escripto:

"A legitima dos herdeiros de que trata o art. 1728 não pode ser onerada com condições, encargos ou legados..."

"Se estas ultimas tiverem sido feitas com consentimento expresso do locador".

Entretanto essa é uma combinação de sons que poderiamos appellidar de corrente e moente em nossa linguagem, escripta ou fallada.

E por nos não alongarmos em exemplos, apresentaremos aqui o seguinte trecho de Alexandre Herculano:

"Assim, achamos em 1231 um dos Souzas vendendo, *com consentimento* de seos irmãos, ao abbade Pombeiro varios bens por 300 marabitinos".

(*Hist. de Port.* T. 2.º Pg. 458).

Não é de uso commum em portuguez a expressão *com conhecimento de causa?* Já se lembrou alguem de expungil-a de nossa lingoa?

Mas é notavel que, sendo o esclarecido censor tão exigente em relação ás assonancias, echos, hiatos, cacophonias e outras dissonancias, não encontre estes defeitos nas expressões *vehiculo claro, frouxo echo, as não, interpunha ella,* que lhe apontamos, nem provavelmente julgará mal soante a expressão *monroica para,* que está no seguinte topico de suas *Cartas de Inglaterra*:

"Examinar a doutrina *monroica para* adorar a Monroe?" (Pg. 292).

Esforça-se o Dr. Ruy por mostrar a não existencia da cacophonia nas expressões *vehiculo claro, lucro é ganho.*

Basta pronunciar esses vocabulos, para que o ouvido perceba logo a dissonancia das duas expressões.

A ultima syllaba do primeiro destes vocabulos sôa *clu,* por ser o *u* que está depois do *c* uma vogal atona, e na pronuncia articular-se esta consoante dura com o *l, clu* e não *culo.* Unidas, portanto, as duas syllabas finaes de *vehiculo* á primeira do adjectivo *claro,* o ouvido dá logo pela dissonancia *clu cla,* muito semelhante ao mimologismo *clic-clac,* de que usa o francez para imitar o estalo do mangual.

Toda a palavra esdruxula, terminada em *culo, cula,* unindo-se a vocabulos que comecem pelo grupo consoante *cl,* junto a seja qual for a vogal, gera cacophonia.

Não se pode, sem cahir em cacologia, dizer: *cubiculo claro, funiculo claro, vesicula clara,* que trazem aos ouvidos as dissonancias *clu-cla, cla-cla,* sons apenas tolerados como onomatopéas.

A phrase *lucro é ganho* é de evidente rispidez phonica, nem é mister demonstral-o, porque a evidencia não se demonstra, traz em si mesma a luz, que força o nosso assentimento; pronunciada a phrase *lucro é ganho,* o ouvido desde logo percebe a discordancia que apontamos.

Na expressão *frouxo echo,* não ha negar a dissonancia: o *o* final da primeira destas palavras, em contacto com a syllaba tonica da segunda, produz um soido desagradavel, trazendo á orelha o mesmo som que se ouve na pronuncia do adjectivo portuguez *chué,* embora a dissonancia seja mais toleravel que a produzida pela anteposição do substantivo, como se encontra em Alexandre Herculano (35) e Castilho Antonio, (36) dois grandes mestres do moderno classicismo.

(35) *Lend. e Narrat.* T. 2.º Pg. 107.
(36) *A Lyrica de Anacreonte.* Pg. 23.

Quanto ao *as não*, que censuramos, quasi todos os grammaticos o mettem a rol entre os cacophatons, se bem correntio no dizer classico.

Assim que, em seo *Compendio de Grammatica Portugueza*, (37) diz Joaquim Freire de Macedo, definindo e exemplificando esse vicio contra a harmonia:

"*Cacophaton* ou má sonancia é o resultado da pronunciação de consoantes da mesma especie, particularmente sendo asperas: "Não sei se serás servido; espero ter resolvido o negocio; que bella laranja"!

"Dá-se igualmente o *cacophaton*, quando a união de duas palavras ou de duas syllabas finaes e iniciaes de duas palavras successivas, dá em resultado uma palavra de sentido ridiculo ou obsceno; exemplo:

"*Has no* dizer tantas graças,
Que eu *as não* posso contar".

A expressão "*Mas morra*" e os mesmos versos, que acabamos de citar, figuram tambem entre as cacophonias na *Nova Grammatica Portugueza* de Bento José de Oliveira, a pag. 118.

Fallando dessa falta relativa á feição musical do discurso, são estes exemplos mesmos de J. F. de Macedo que Domingos de Azevedo apresenta em sua *Grammatica Nacional*. (38)

O distincto grammatico João Ribeiro exemplifica a cacophonia nas expressões seguintes: "*Alma minha; tu as não viste*". (39)

Donde se vê que não excluio o *as não* do rol das combinações cacophonicas.

Apresenta o sabio autor da *Replica* innumeros exemplos do *mas não;* mas, em nossos breves reparos sobre alguns sons, que empregou, emendando o *Projecto*, não fallamos na combinação desses dois vocabulos, de que ninguem duvidará usar, nem o som *as não* é identico ao que chega ao ouvido na pronuncia do *mas não.*

Censuramos tambem o *a não* e o *interpunha ella*, não porque fizessemos grande cabedal do reparo relativo a este ponto; mas simplesmente para oppormos ao Dr. Ruy, que neste particular foi exaggeradissimo na apreciação do *Projecto*, combinações phonicas desagradaveis, de que se valeo, as quaes se poderiam facilmente evitar.

Mas não vemos razão de, ao *a não*, que censuramos, oppor-se-nos o *já não*, que a ninguem repugnará empregar, e cujo som não é identico ao primeiro.

---

(37) 3.ª ed. Pg. 168.

(38) Vide Pg. 166.

(39) João Ribeiro. *Gram. Port.* Pg. 236.

O Dr. Ruy mesmo, em sua *Replica,* dá-nos aos montes exemplos dessas homophonias, assonancias, echos, cacophonias e outras dissonancias, que se encontram nos escriptores de melhor porte, e a que nem sempre escapou, ainda nos seos escriptos de mais estimação e de melhor valor.

Primeiro que levantemos mão deste assumpto, façamos algumas ponderações sobre a expressão *fé de,* empregada pelo *Projecto* no art. 553, onde está escripto:

"Havendo má fé, de ambas as partes, adquirirá o proprietario as sementes, plantas e construcções, devendo, porém, indemnizar o valor das bemfeitorias".

Depois de emendar este artigo, faz o douto escriptor a seguinte reflexão:

"Má *fé de.* Temos neste *féde* um cacophaton bem facil de evitar".

Notando a semrazão da censura, escrevemos:

"Neste caso, dizemos nós, supprimam-se do vocabulario as genuinas expressões portuguezas: *á fé de* cavalleiro, *á fé de* quem sou, *á fé de* homem de bem, *em fé do* promettido, *á fé de* Christo, *fé divina, fé de* réo, dar *fé de* alguma coisa, *fé de* officio, em *fé de* sua dignidade". (40)

Cahio em si o Dr. Ruy, attentou na fragilidade da critica, e, em sua *Replica,* volvendo ao mesmo assumpto, assim se exprime:

"A resposta do professor Carneiro a ella (á censura) seria cabal, se se defendesse com a virgula que da preposição *de* separa o vocabulo *fé.*

"Não pode haver cacophaton, entre dois termos, aos quaes se interpõe uma separação orthographica, indicativa de pausa na leitura. Por minima que seja a pausa, a suspensão da voz, notada pela virgulação, é quanto basta a obstar que as duas palavras se articulem uma na outra, gerando cacophonia. Desde que dei por aquella virgula, em que não advertira abri mão do meo reparo, ante ella insustentavel.

"Não fôra esta circumstancia decisiva, que eu nelle insistiria". (41).

Mas o leitor já notou atraz que, censurando o art. 461 do *Projecto,* não lhe valeo a virgula para tachal-o o Dr. Ruy de cacophonico, assim escrevendo em nota ao mesmo artigo: "*Apezar da virgula,* este *co qualquer* é de uma cacophonia bem desagradavel".

(40) *Ligeiras Observações.* Pg. 52.

(41) Vide *Replica* § 43, n. 188.

Ou se empregue a virgula, separando o substantivo da preposição que se lhe segue, ou sejam os dois vocabulos postos em contacto, sem notação intermediaria, a expressão *fé de* é de uso corrente em nossa lingoa, não vingando os esforços dos ouvidos mais exigentes expungil-a do nosso vocabulario.

Não só entre os classicos antigos, senão entre os modernos é usual o emprego dessa locução, o que nos attestam os seguintes exemplos:

"E prosegue por honra e exalçamento da *fé de* Nosso Senhor Jesu-Christo".
(Garcia de Rezende. *Livr. Classica.* Pg. 266).

"Que elle lhes dava sua *fé de* não receberem por isso damno".
(Castanheda. *Hist. da India.* Livr. 6.º Cap. 111. Pg. 242).

"E desejoso de por seo meio se restituir a Terra Santa á *Fé de* Christo".
(D. de Góes. *Chron. de D. João.* Cap. 10. Pg. 24).

"Testemunham na *fé de* suas verdades".
(Fern. M. Pinto. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 90).

"E enlevado nestes pensamentos, não dava *fé de* muitas coisas".
(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 1.º Cap. 3.º Pg. 7).

"Caminhavam muitas legoas sem dar *fé de* nada".
(Id. Ibid. Liv. 3.º Cap. 5.º Pg. 119).

"Esta pouca *fé de* alguns poucos".
(Id. Ibid. Liv. 4.º Cap. 26. Pg. 193).

"Se quizesse trocar a *Fé de* Christo pela seita de Mafamede".
(Id. *Annaes de D. João* 3.º Cap. 17. Pg. 72).

"Elle os requereo que fossem testemunhas em Arzilla de como morria na *fé de* Christo".
(Id. Ibid. Cap. 16. Pg. 117).

Pois o mesmo é dar a vida pela *fé de* Deos".
(Vieira, *Sermões.* T. 11. Pg. 179).

"Com estes dois testemunhos tinha Christo fundado e confirmado a *fé de* sua dignidade".
(Id. Ibid. Pg. 253).

"A fé com que se crê em Deos e em Christo, é *fé de* Justos e peccadores".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 100).

"Estribado na *fé de* algumas respostas".
(Filinto. *Obras.* T. 6.º Pg. 57).

"Escusemos tomar *fé de* quantas coisas desvaliam a oração".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 382).

"Deram *fé de* um religioso".
(Garrett. *Viagens na Minha Terra.* Pg. 173).

"Notas explicativas que a má *fé dos* accusadores faz necessarias".
(Id. *Discursos Parlamentares.* Pg. 134).

"Juro, á *fé de* quem sou, que barrunto
abismar-me no inferno; e prefiro".
(A. de Castilho. *Fausto.* Pg. 371).

"Mas da insigne boa *fé de* sycophantas sem nome, eis aqui um documento inclassificavel".
(Id. *Camões.* T. 2.º Pg. 73).

"Ousaria jurar á *fé de* christão"?
(A. Herculano. *Opusculos.* T. 5.º Pg. 126).

"Juro-te uma e mil vezes pela *fé de* leal cavalleiro que até hoje fui".
(Id. *Lendas e Narrativas.* T. 1.º Pg. 86).

"Humboldt affirma, á *fé de* naturalista viajante".
(Latino Coelho. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 521).

"Ia receber a *fé de* Cymodocéa".
(Camillo. *Os Martyres.* Vol. 2.º Pg. 51).

"Em a *fé de* Christo Senhor Nosso".
(Id. *Cavar em Ruinas.* Pg. 201).

"Porque já dá *fé de* muitas coisas; é talentoso, e tem muito tino para aprender".
(L. Felippe Leite. *Ramalhetinho da Puericia.* Pg. 120).

"Na *fé de* que este seguiria também para o Maranhão".
(J. F. Lisboa. *Vida do Padre A. Vieira.* Pg. 164).

A locução *fé de* é do dominio dessas phrases tradicionaes, que se enthesoiram nos idiomas, atravessam todos os periodos de sua existencia, sem nunca envelhecer nem decahir.

E se necessario for, além dos trechos de escriptores vernaculos que a sanccionam, ajunctarmos a autoridade de um escriptor moderno, bem entendido nas coisas do dizer e do escrever, nenhum mais a ponto citaremos que o laureado autor das *Cartas de Inglaterra*, que a abona nos seguintes topicos dessa obra preciosa:

"Esta producção extraordinaria é mais do que a confissão de *fé de* um philosopho christão".

(Ruy Barbosa. *Cartas de Inglaterra*. Pg. 61).

"Dessem *fé de* que o canhão de dynamite não estava em condições de funccionar".

(Id. Ibid. Pg. 166).

"Washington e Franklin tinham a *fé desse* principio".

(Id. Ibid. Pg. 365).

"O juiz Carey, emfim, antigo membro da suprema côrte de Massachussets, de onde foi transferido, com brilhante *fé de* officio, para a suprema côrte federal".

(Id. Ibid. Pg. 367).

Em todos esses exemplos e até nos que nos suggeriram as *Cartas de Inglaterra* do Dr. Ruy, nenhuma notação orthographica existe entre o substantivo *fé* e o *de*, que se lhe segue, condição essencial, segundo pensa o douto censor, para a expressão *fé de* forrar-se á pecha de cacophonia.

De duas uma: ou na expressão *fé de*, usada por todos os classicos antigos e modernos e pelo proprio Dr. Ruy, nenhuma cacophonia existe, não havendo razão de ser arrolada entre os cacophatons pelo sabio autor da *Replica*, ou, escrevendo-a, como a escreveo em suas *Cartas*, sem signal algum orthographico separativo, cahio tambem o Dr. Ruy no vicio que reprova, desde que, segundo se exprime, em sua *Replica*, não havendo a virgula, não poderá a expressão deixar de ser inculpada de cacophonica, sendo a virgula a razão unica pela qual reputa *insustentavel* o seo reparo á expressão "*havendo má fé, de ambas as partes*, de que usou o *Projecto*".

VIII

Convenções privadas.

No art. 17 da *Lei Preliminar* do *Projecto* havia o topico seguinte:

"Em caso algum, as leis, os actos e as sentenças de um paiz extrangeiro e as disposições e convenções privadas, poderão derogar as leis rigorosamente obrigatorias do Brasil...".

Sublinhando o adjectivo *privadas*, que julga dever substituir-se por *particulares*, faz o Dr. Ruy Barbosa esta nota abaixo do artigo, nas emendas ao *Projecto*:

"Convenções *particulares* exprime o mesmo que "convenções *privadas*", com a vantagem de não soar mal. Por ser corrente o uso deste adjectivo no masculino, não adquire necessariamente o seo feminino os mesmos fóros.

"Em *direito internacional privado* o ultimo dos dois qualificativos não tem succedaneo; mas, no que respeita a *relações* e *convenções*, a troca de *privadas* em *particulares* satisfaz a todos os requisitos de uma correcção vantajosa.

"Não ha quem não diga "relações *particulares*", ou "convenções *particulares*". A preferencia pela outra expressão revela apenas máo ouvido, máo gosto e perversão do tacto vernaculo".

Defendendo a expressão *disposições privadas, convenções privadas* do *Projecto*, escrevemos:

"Quer o sabio critico, emendando este artigo da *Lei Preliminar*, que, em vez de *privadas*, se empregue o adjectivo *particulares*, que exprime o mesmo que *privadas*, com a vantagem de não soar mal.

"Não lhe achamos razão na emenda. A expressão *vida privada* é muito corrente e de meneio commum. O adjectivo *privado* é mui frequentemente usado em sua terminação feminina, ainda pelos escriptores que mais amor têm á lingoa, (*) e lhe zelam a decencia e discreção.

(*) Foi suppressa a virgula na 2.ª edição.

"Empregou-o Latino Coelho, dizendo:

"Não podia inaugurar o seo reinado com as lagrimas de tantas familias, *privadas* de seos chefes, de seos irmãos e de seos parentes". (42)

O illustrado contradictor, em sua *Replica,* retrilha a mesma censura, que julgamos infundada, e o que mais é, sua resposta, saturada de sarcasmo, destoa evidentemente da moderação com que lhe foi feito o reparo á critica.

Trasladamos para aqui o que lhe aprouve oppôr ao que sobre o assumpto ponderamos nas *Ligeiras Observações*:

"Não está o sabio philologo pelas minhas objecções a esta palavra. A seo ver, é um vocabulo maior de toda a excepção.

"Deploro não ter por mim a acquiescencia de tão respeitavel autoridade. Mas o seo desapoio não abala as minhas reservas, que mantenho, e manterei.

"Em questões, como esta, de gosto e, digamos assim, de olfacto, nem sempre será o melhor aviso o que puder abundar em razões mais ponderosas.

"Ahi o que decide com acerto, é o tacto do entendido, a experiencia do conhecedor, não logrando, muita vez, estribar o seo laudo noutro motivo que o seo proprio sentir, criterio pessoal, intimo, instinctivo (**) e, não raro, indemonstravel". (43).

Escrevendo este ultimo trecho de sua *Replica,* o eximio critico não advertio certamente na tinta em que molhou sua penna de oiro.

Não é em Latino Coelho só, essa cinzeladura da palavra, como lhe chama Alves Mendes, que se encontram exemplos que autorizem a locução, tão mal fundadamente impugnada pelo Dr. Ruy Barbosa; outros escriptores modernos ha, e não de menor porte, que não receiaram empregal-a.

Ao exemplo de Latino Coelho, pouco ha citado, accrescentamos mais dois do mesmo escriptor, a que outros se vêm juntar, demonstrando que aos classicos se lhes não melindraram os ouvidos com o uso do adjectivo *privado* na terminação feminina.

De nossa affirmação testemunhas sejam os seguintes lanços:

"Quando lhe eu pedi que me desse alguma noticia acerca da vida *privada* do Dr. Sanches".

(Filinto. *Obras* T. 9. Pg. 52).

---

(42) *Ligeiras Observações.* Pg. 20.
(**) Traz virgula a 2.ª ed. neste lugar.
(43) *Replica* § 11. n. 93.

"*Privada* de cabedaes, despida do antigo esplendor".
(Id. Ibid. T. 10. Pg. 51).

"Com que sempre se absteve de confundir, na discussão, as pessoas com os principios, a vida *privada* e defesa, com os actos publicos".
(A. de Castilho. Vide *Vivos e Mortos*. Vol. 6.º Pg. 141).

"Podia ser e era máo systema de retribuição publica ou *privada*".
(A. Herc. *Opusc.* T. 5.º Pg. 233).

"Essa tradição, abrangendo tambem as principaes relações da vida *privada*, devia achar-se frequentes vezes em contradicção com as leis escriptas".
(Id. Ibid. Pg. 279).

"A vingança *privada* dos parentes do morto".
(Id. Ibid.). (*)

"A tradição germanica da vindicta *privada*".
(Id. Ibid. Pg. 281).

"Eis a condição impreterivel de todas as leis que declararem propriedade *privada* os inventos, as obras de arte e os livros".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 143).

"Incumbia pôr ao soalheiro a vida *privada* de cada uma".
(Id. *Lendas e Narrat.* T. 2.º Pg. 142).

"Admittiam como direito a vindicta *privada*".
(Id. *Hist. de Port.* T. 4.º Pg. 292).

"E da sua vida *privada* não se podia inquirir".
(Id. *Hist. da Inq.* T. 1.º Pg. 175).

"Entrando na vida *privada*, consagrou de novo os seos ocios aos prazeres do espirito e á cultura das lettras".
(Lat. Coelho. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 280).

"Vivendo na condição *privada*".
(Id. *A Oração da Corôa*. Pg. 25).

Preferindo esse emprego do adjectivo *privado* na terminação feminina nas phrases apontadas, os exemplares do bom dizer revelariam apenas *máo ouvido, máo gosto e perversão do tacto vernaculo?*

(*) Pag. 279 da 1.ª edição.

A affirmativa é consequencia immediata que se deprehende das ponderações mal seguras do Dr. Ruy Barbosa.

Que importa que Camillo Castello Branco, num de seos escriptos, dando ao seo estylo um tom zombeteiro, jogue do adjectivo *privado*, em sua terminação feminina, lançando-o no mesmo cadinho de asquerosidades em que muitas vezes a garotice atira, funde o confunde as palavras de mais limpa significação?

O substantivo francez *cabinet*, (*) que muitas vezes se toma, sem determinativo algum, por *cabinet d'aisances*, já expungio por ventura do vocabulario francez as expressões *cabinet d'affaires*, *homme de cabinet*, *composition du cabinet*, *cabinet de physique*, *cabinet d'histoire naturelle*, *cabinet d'anatomie*, *cabinet de chimie?*

Rematando suas reflexões attinentes á expressão *disposições privadas*, *convenções privadas*, assim escreve o Dr. Ruy:

"Vejo que o *Braz Cubas* de Machado de Assis não era menos delicado: duas vezes, nas suas *Memorias* (c. 100 p. 262 e 263), refugou aquelle adjectivo, escrevendo e reescrevendo: "*vida particular*".

"Eu estou com o *Braz Cubas*, e opino que a linguagem do Codigo Civil não deve ser mais complacente com os cheiros suspeitos". (44)

De Machado de Assis empregar duas vezes a locução *vida particular*, não é logico inferir que *refugasse* a expressão *vida privada;* nem sei como na expressão do *Projecto* "*disposições privadas*" experimentou o primeiro par dos nervos cranianos do illustre autor da *Replica* esses *cheiros suspeitos*, de que falla.

(*) Na 2.ª edição foi suppressa a virgula.

(44) Vide *Replica* § 11. n. 94.

IX

A preferencia pela outra expressão.

Em suas emendas ao *Projecto*, o autor do *Parecer*, depois de censurar a expressão *convenções privadas* do art. 17 da *Lei Preliminar*, em uma reflexão feita sobre a redacção do mesmo artigo, terminava do modo seguinte: "*A preferencia* pela outra expressão revela apenas máo ouvido, máo gosto e perversão do tacto vernaculo.

Nas *Ligeiras Observações*, notando a phrase — *preferencia pela outra expressão*, perguntamos ao insigne critico, se, usando dessa locução, lhe havia tacteado bem a vernaculidade.

"Não é", dissemos, "a preposição *por* de que usam os nossos melhores escriptores depois do substantivo *preferencia;* são as preposições *a, para, de, sobre*". (45)

Não negamos que um ou outro exemplo se encontre do emprego do substantivo *preferencia*, tendo por complemento um substantivo precedido da preposição *por*, como na locução de que usou o Dr. Ruy, e como abusivamente fazem alguns, dizendo *amor pelo* estudo, *gosto pelas* artes, *inclinação pela* caça, *respeito pela* observação da lei, *desgosto pela* leitura; mas não é essa a preposição que depois do substantivo *preferencia* se costuma encontrar nos mais abonados e seguros textos vernaculos, tanto que o Dr. Ruy, á mingoa de bons exemplos que justifiquem a locução censurada, ora recorre a phrases analogas na syntaxe italiana, ora explica o vocabulo *preferencia* por seo synonymo *predilecção*, já se estriba em um exemplo de Adolpho Coelho, Aulete e da ultima edição do diccionario de Moraes, já, finalmente, se esforça por amparar a sua syntaxe em dois exemplos extrahidos de Pacheco e Lameira.

Mas nem um só exemplo nos apresenta o alumiado censor, (*) em que a phrase que usou seja autorizada por escriptor de reconhecida vernaculidade, nem destróe a nossa these, que não é a prepo-

---

(45) *Lig. Obs.* Pg. 20.

(*) Supprimiu-se a virgula na 2.ª edição.

sição *por* a de que se servem os nossos bons modelos depois do substantivo *preferencia;* são, sim, as preposições *a, para, de, sobre.*

Eis as proprias palavras do autor da *Replica*:

"*Preferencia* é synonimo de *predilecção,* a tal ponto que os lexicologos definem as duas palavras uma pela outra.

"Aulete: "*Predilecção. Preferencia* de gosto *por* alguma coisa, ou de amizade *por* alguem".

"E exemplifica: "Tenho *predilecção* pela musica".

"Adolpho Coelho: "*Predilecção. Preferencia* de gosto *por* alguem ou alguma coisa".

"João de Deus: "*Predilecção. Preferencia,* gosto especial".

"Moraes: "*Predilecção.* Preferencia por alguma coisa". (*)

"Ora não ha quem não diga, e sempre se disse: predilecção *por* alguem, predilecção *por* alguma coisa.

"Nesses mesmos textos, de mais a mais, já se nos depara o substantivo *preferencia* com a preposição *por.* Adolpho Coelho alli diz: "Preferencia *por* alguem"; Aulete: "Preferencia *por* alguem, ou *por* alguma coisa"; Moraes: "Preferencia *por* alguma coisa". (46)

Preferir é, segundo Constancio, tomando-se o verbo no sentido transitivo, *antepor, dar a primazia, ter em maior estimação, fazer maior apreço.*

No sentido intransitivo ou absoluto *preferir* quer dizer — *ser preferido, avantajado a outros.*

Preferencia é o acto de preferir, o ser preferido; primazia sobre alguma pessoa ou coisa.

Toma-se muitas vezes o vocabulo no mesmo sentido de *precedencia, anteposição, predilecção, manifestação de agrado* ou *distincção, primazia.*

A phrase do Dr. Ruy: "*a preferencia pela outra expressão* revela apenas máo ouvido, máo gosto e perversão do tacto vernaculo" significa o seguinte: que o dar o *Projecto preferencia* á expressão — *convenções privadas* — sobre a alvitrada pelo illustre censor — *convenções particulares* — revela apenas máo ouvido, máo gosto e perversão do tacto vernaculo.

(*) Moraes não averbou o termo "predilecção" em seo Diccionario, pois não o encontramos nas duas primeiras edições, as unicas revistas pelo autor. "Predilecção" é, nas edições posteriores, enxerto de terceiro.

(46) *Replica* § 12. n. 96.

Não era a preposição *por*, alli, naquella locução do art. 17, que o illustre contradictor devia empregar; era, sim, a preposição *de* ou *para*, dizendo: "a *preferencia da* outra expressão", "a *preferencia para* a outra expressão", e não "a *preferencia pela* outra expressão".

Eis os trechos em que com o vocabulo *preferencia* figuram as preposições *a, de, para, sobre*, de que fallamos, embora nem sempre a phrase offereça o mesmo sentido:

"E porque a *preferencia desta* eleição não fique só no juizo dos entendimentos creados, subamos aos arcanos do entendimento divino".

(Vieira. *Serm.* T. 1.º Pg. 134).

"Assim declara a *preferencia deste* sacrificio o doutor Maximo S. Jeronymo".

(Id. Ibid. T. 15. Pg. 426). (*)

"Com disposições taes nos pozemos á mesa, na qual me podera (**) eu dar pela Divindade daquella casa, vistos os resguardos tão assignalados, e as melindrosas *preferencias* que *commigo* tinham".

(Filinto. *Obras.* T. 10. Pg. 85).

Neste exemplo de Filinto, a phrase "*as melindrosas preferencias que commigo tinham*" equivale á expressão "as melindrosas *preferencias para commigo*".

"A *preferencia* de Maria *para* as suas leituras, começadas numa pagina, e continuadas quasi sempre nos espaços imaginarios, não acertava porém numa só obra".

(A. de Cast. *Amor e Melanc.* Pg. 280).

"Havia em Vairão outras educandas e seculares. Todas ellas, assim como as religiosas, davam a Maria a *preferencia* de seo affecto, sem que uma unica pensasse em lh'o invejar".

(Id. Ibid. Pg. 277).

"Não é este o caso de se recommendar a *preferencia do portuguez* só porque o é".

(Id. Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 4.º Pg. 147).

"O motivo desta *preferencia para* a agoa, era que sendo o uso apagar-se o escripto com uma esponja humida, assim mais depressa apparecia o trabalho della feito".

(*Grinalda Ovidiana.* Liv. 3.º Pg. 712.)

"Pelo mesmo tempo... se regularam as precedencias entre as diversas armas e os postos de officiaes, e se estabeleceram as regras do commando.

(*) Na 2.ª ed. lemos: pag. 126, mas é erro de impressão.
(**) Na 2.ª ed. está *pudera*.

É então que a *preferencia da* antiguidade aparece claramente definida como o principio fundamental nas relações do serviço militar".

(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 3.º Pg. 44).

"O gosto da antiguidade não só os amarrou aos autores, mas fez que todas as suas palavras e locuções sejam as suas mimosas e queridas: estudaram-nas pelas suas collecções, (*) e a paixão pela venerável antiguidade lh'as pinta sempre no cerebro com um genero de *predilecção* e *preferencia ás* expressões do uso".

(A. das Neves Pereira. *Mem. de Litt. Port.* T. 5.º Pg. 224).

Neste exemplo de Antonio das Neves, as coisas preferidas não são *as expressões do uso*, senão *as palavras e locuções* dos antigos, que, ao parecer do escriptor, têm sobre ellas preferencia.

Como se vê, o sentido aqui não é o mesmo que se colhe do exemplo de A. de Castilho "*a preferencia de Maria para as suas leituras*" nem da *Grinalda Ovidiana*: "*a preferencia para a agoa*".

No seguinte topico da *Grinalda Ovidiana*: (47)

"Mas sobretudo pelas mulheres de vida airada é que a via sacra era especialmente frequentada: Propericio (II 22) dando as suas razões de *preferencia pelas* mulheres faceis, exclama", a locução "*preferencia pelas mulheres faceis*" quer dizer "*preferencia* que *á* via sacra era dada pelas mulheres de vida solta"; a preposição *por* não denota neste exemplo uma ideia de referencia, como no do Dr. Ruy, senão uma circumstancia de causa efficiente, caso em que nada tem de censuravel o emprego do vocabulo *preferencia* seguido de *por*.

O vocabulo *preferencia*, como já vimos, não quer dizer somente o acto de *preferir*, mas o *ser preferido*.

Ás vezes, os nossos escriptores empregam o vocabulo *preferencia* de modo absoluto, sem complemento algum expresso; tal é o caso do uso desse vocabulo no seguinte passo de M. Bernardes:

"Cahindo em pobreza, achou-se impossibilitada para celebrar ambas (as festas), e indecisa sobre a *preferencia*, com singeleza de coração, poz duas velas do mesmo peso em um altar".

(*Luz e Calor*. Pg. 224-263).

No mesmo sentido de *preferencia* usou Vieira o vocabulo *precedencia*, no trecho seguinte: "Nas leis de Lobão tem *precedencia para* a casa a maior idade; nas leis da morte tem *precedencia para* a sepultura a maior belleza". (*Serm.* T. 3.º Pg. 72).

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se a virgula.

(47) *Os Amores de Ovidio*. T. 8.º Pg. 496.

Sem que em nada desmerecesse o pensamento do escriptor portuguez, poderia elle, substituindo um vocabulo pelo outro, dizer: "Nas leis de Lobão tem *preferencia para* a casa a maior idade; nas leis da morte tem *preferencia para* a sepultura a maior belleza".

A troca do *para* em *por* é que seria aqui descabida.

Os exemplos de *preferencia por*, indicando a palavra consequente da preposição o objecto preferido, e em que se estriba o Dr. Ruy para defender a sua locução "*a preferencia pela outra*" não vêm de modo algum combalir a nossa censura.

Aulete, Pacheco Junior, Adolpho Coelho e Lameira de Andrade têm incontestavelmente merecimento, os tres primeiros como philologos e o ultimo como bom grammatico; mas não se podem apresentar como exemplares do dizer castiço: João de Deos, sem empregar a expressão *preferencia por*, explica uma palavra pela outra; definindo o vocabulo *predilecção*, assim escreve: "*Predilecção. Preferencia*, gosto especial".

Quanto ao Moraes, citado pelo Dr. Ruy, sabe o illustre autor da *Replica*, ha nas ultimas edições desse diccionario locuções que se lhe introduziram como enxertos enfezados, que não tomam raizes na planta medrançosa, que lhes recusa a seiva.

A linguagem do Moraes das ultimas edições não se coaduna, em muitos pontos, com a boa e pura linguagem, com o dizer sem liga de vocabulos espurios do velho Moraes. (48)

Eis o que neste se encontra no que toca aos vocabulos *predilecção* e *preferencia*:

"PREDILECÇÃO, (do Lat. *prae*, antes e *diligere*, amar). Amor extremoso, amizade a uma pessoa, com preferencia a outra. Testemunho de affecto". (*)

---

(48) Entre os enxertos notados nas edições deste diccionario, que não correm por conta do velho Moraes, sempre tão puro e polido de linguagem, releva mencionar o adverbio *propositalmente*, neologismo escusado, com muita razão reprovado pelo Dr. Ruy Barbosa. Assim é que a pag. 294, vol. 2.º da 8.ª edição, se lê: "*Fazer mal a alguem;* prejudical-o *propositalmente*". O mesmo neologismo se observa, a pag. 197, deste mesmo volume, onde (**) definindo-se o adverbio *intencionalmente*, alli se consigna como synonimo o vocabulo *propositalmente*.

(*) Vide nota do revisor á pag. 100.

(**) Na 2.ª ed. poz-se virgula depois de *onde*.

"PREFERENCIA. O acto de preferir. A primazia sobre outra coisa, mais preço, valor, estimação que outras coisas ou pessoas: v. g. no commercio tem *preferencia* as drogas de maior consumo; dareis sempre *preferencia* á probidade, quando concorrer somente com os talentos; isto é, preferireis o homem de probidade ao que somente tiver talentos. T. Forense — *Disputar preferencias;* isto é, precedencias, melhorias; sobre quem ha de preferir concorrendo com outros; v. g. em pertenção de officios, cargos, honras; entre varios credores, sobre quem será pago precipuamente, e sem entrar a rateio. Precedencia".

X

Carecer.

Tanto em suas emendas ao *Projecto*, como em sua *Replica*, combate o illustre Dr. Ruy o emprego do verbo *carecer* com a significação de *necessitar, ter necessidade, precisar, haver mister.*

Assim é que reprova o seguinte trecho do art. 18 do *Projecto*:

"*Carecem* de approvação do governo federal os estatutos ou compromissos das sociedades e demais pessoas juridicas extrangeiras de direito privado".

"*Carecer*, propriamente, o Dr. Ruy em seo *Parecer*, "equivale a *não ter* alguma coisa, ou della *ter falta*".

A essa synonymia (entre *carecer, necessitar* e *precisar*), diz o douto autor da *Replica*, "oppõe tenazes embargos o Sr. Candido de Figueiredo, sustentando que não é portugueza; que "tomar o verbo *carecer* na accepção de *precisar* é erro"; que "*carecer de* só se pode empregar", em summa, "quando pode ser substituido por *não ter*". Ás suas *Lições Praticas da Lingoa Portugueza*, v. I, p. 75-6, e v. III, p. 177-8, remetto os que sentirem interesse em escoimar a linguagem desta insinuativa corruptela". (49)

Apezar da grande autoridade (*) a que se arrima, não estamos de accordo com a opinião do esclarecido censor, que não reputa synonymos os verbos *carecer, necessitar, precisar*, nem consideramos corruptela a accepção em que no uso actual de nossa lingoa se toma o verbo *carecer*, dando-se-lhe o sentido de *necessitar, haver mister.*

Não só esta synonymia é apontada por lexicographos de boa nota, mas ainda não faltam, nos melhores escriptores modernos, exemplos que autorizem o emprego do verbo *carecer* na accepção de *necessitar, ter necessidade.*

---

(49) *Replica* § 13. n. 101.

(*) Na 2.ª ed. lemos auctoridade e auctor, com *c*.

Não é um só, senão muitos exemplos, entre os modernos modelos da vernaculidade, que abonam a synonymia entre os mencionados verbos, e provam que á significação de *não ter, sentir falta* se accrescentou ao verbo *carecer* a significação de *necessitar, haver mister, precisar,* que se lhe nota em muitos casos.

O facto de se dar a um vocabulo sentido diverso daquelle com que entrou a fazer parte do vocabulario de uma lingoa, não arrasta necessariamente o descahimento do significado primordial; a accepção que algumas vezes se dá hoje ao verbo *carecer* não se lhe pode considerar *parasitica,* como lhe chama o Dr. Ruy; é naturalmente explicavel pela propria marcha evolutiva da palavra, que, em seo continuo caminhar no espaço e no tempo, amplia a esphera de sua significação, perde muitas vezes o sentido originario, adquire outros, connexos com o primitivo e ás vezes oppostos, cresce e desmedra, definha e revive, envelhece e remoça, morre e resurge, obedecendo á lei ineluctavel de tudo o que vive, submettendo-se a esse perenne renovamento, sem o qual se não concebe a vida.

Ao lado da significação de *não ter, sentir falta,* que sempre os antigos classicos deram ao verbo *carecer,* é innegavel que nos escriptores modernos muitos exemplos se encontram do uso deste verbo na accepção em que o tomaram os redactores do *Projecto.*

Entre as accepções do verbo *carecer* e dos verbos *precisar* e *necessitar,* seos synonymos, escreve o velho Moraes, nas primeiras edições de seo Diccionario:

"CARECER. v. n. Haver mister, ter necessidade de alguma pessoa ou coisa; sentir falta: v. g. CARECEMOS *de munições.* § "Não ter, não possuir: v. g. *elle* CARECE *do necessario para viver;* CARECE *de vicio*".

"NECESSITAR. Ter necessidade de pessoa ou coisa, precisar, CARECER, exigir: v. g. eu não o *necessito* (P. P. 1. f. 150); a nação *necessita* dinheiro; esse objecto *necessita* discreção, etc. De ordinario é neutro neste sentido, e diz-se *necessitar de dinheiro, de sustento,* etc.".

E desenvolvendo a synonymia dos tres verbos *necessitar, precisar* e *carecer,* nestes termos se enuncia: "*Carecer* de uma coisa é simplesmente não a ter: *necessitar* della ou necessital-a é *carecer,* sentindo falta, havendo mister, não escusando; e *precisar* é ter necessidade precisa e indispensavel, talvez urgente.

Ao sentir, pois, de Moraes, *carecer* é synonymo de *necessitar, precisar;* este lexicologo não considera como espuria a significação destes ultimos verbos dada áquelle.

Definindo o verbo *carecer,* diz Constancio.

"CARECER. Ter, sentir falta, necessidade, haver mister, precisar, necessitar; não ter, não possuir". E exemplifica: *Carece de pro-*

vas. Carecemos de provisões, dinheiro, munições. Carece de vicios, p. us., não os tem". E explicando (*) o pronominado impessoal *carecer-se* (ser necessario), dá os seguintes exemplos: "*Carece-se de provas mais amplas, completas para julgar. Carece-se de muita prudencia*, é preciso, precisa-se". (50)

Constancio, pois, tambem reputa synonymos os tres verbos *carecer, necessitar, precisar.*

Vejamos agora os exemplos que nos offerecem os escriptores modernos de maior autoridade, donde se colligirá claramente a identidade de sentido que se nota algumas vezes entre as ideias exprimidas pelos verbos *carecer* e *necessitar:*

"Levava eu intentos de emendar até o fim a versão deste Poema, bem inteirado do quanto ella *carece* de emenda".

(Filinto. *Obras.* T. 2.º Pg. 125).

"Merecesse a sua protecção e beneficio, e até ainda o seo perdão, no caso que delle *carecesse*".

(Id. Ibid. T. 10. Pg. 219).

"Esta lição não *carecia* vir buscal-a, nas trevas d'uma masmorra".

(Id. Ibid. Pg. 287).

"*Careceis* de repouso, ficaes com um segundo eu".

(Id. Ibid. Pg. 291).

"*Careces*, minha filha, de te recostar".

(Ib. Ibid. T. 11. Pg. 572).

"Nem parecerá superfluo aos doutos, que a sabem (a nossa lingoa) com perfeição, e que não *carecem* deste socorro".

(Fr. Francisco de S. Luiz. *Glossario.* Vid. *Mem. da Acad. Real das Sciencias de Lisb.* T. 4.º Pg. 3).

"Das arvores fructeiras
dizer-se o mesmo póde: assim que robustecem,
já têm brios de seo, já do homem não *carecem*,
vão-se aos astros de um pulo".

(A. Cast. *Georgicas.* Liv. 2.º Pg. 119).

(*) Na 2.ª ed. lemos "Explicando", sem o "E".

(50) *Dicc.* Pg. 224.

"O povo gigante devorara tanto, bebera tanto no vaso de oiro das prosperidades, que, para dormitar agradavelmente a sua derradeira sesta, *carecia* de se embriagar e não sabia como".

(Id. *Os Fastos de Ovidio. Prologo.* Pg. 20).

"De maior explanação *careceria* este ponto".

(Id. *Livr. Classica.* M. Bern. T. 2.º Pg. 301).

"*Careço* de lhe ouvir a decisão final".

(Id. *O Misanthropo.* Pg. 165).

"*Carecem* de ser ajudados por todos os homens de bem".

(Id. *Coll. Ald.* Pg. 143).

"Não *carece* de suas mercês".

(Id. Ibid. Pg. 52).

"São os pobres os que mais de vós *carecem*".

(Id. Ibid. Pg. 25).

"*Carecem* de completar sua educação primaria".

(Id. Ibid. Pg. 39).

"Nem tão pouco se *carecia* de criar novo mestre".

(Id. Ibid. Pg. 41).

"Nesta parte, para o dizer de fugida, merece e *carece* o actual regimento da Imprensa de um grande e mui philosophico accrescentamento".

(Id. Vide *Vivos e Morots.* Vol. 1.º Pg. 155).

"O de que hoje principalmente *carecemos*, o que pedimos, e o que esperamos virá apparecendo".

(Id. Ibid. Vol. 7.º Pg. 24).

"É um ponto este que não *carece* de demonstração".

(Id. Ibid. Vol. 4.º Pg. 96).

"É obrigado a não *carecer* deste genero de perfeição".

(Id. Ibid. Vol. 3.º Pag. 98).

"Nem ainda o serraninho mais rude e boçal, *carece* de tal explicação".

(Id. Ibid. Vol. 5.º Pg. 91).

"Se as pequenas duvidas, em que versa a discussão, não *carecessem* de ser ainda averiguadas".

(Id. Ibid. Vol. 6.º Pg. 23).

"Os castigos de que os animaes realmente *carecem* hão de se lhes applicar com discernimento"

(Id. Ibid. Vol. 5.º Pg. 142).

"Não *carece* de apologias nem defensas o illustre prelado".
(Id. Ibid. Pg. 88).

"Não *carece* de outros titulos que o illustrem".
(Leoni. *Camões e os Lusiadas*. Pg. 82).

"Para umas compras de certos arranjos domesticos, de que ella dizia muito *carecer*".
(A. Herc. *Lendas e Narrativas*. T. 2.º Pg. 245).

"Não *carecerão* de ir aspirar a vida no cemiterio dos seculos".
(Id. *Hist. da Inq.* T. 1.º Pg. XIV).

"Disso não *careciam* para assegurar os seos destinos futuros".
(Id. *Opusc.* T. 2.º Pg. 247).

"Pesar uns e outros e comparal-os pela totalidade dos seos resultados, *careceria* de averiguações que não tenho feito".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 155).

"Para produzir indefinidamente, só *carece* de uma condição essencial".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 179).

"São dois factos que não *carecem* de commentario". (*)
(Id. Ibid. Pg. 203).

"E onde sempre as sementeiras de nossas terras, geralmente pobres, *carecem* de ser temporãs" (**)
(Id. Ibid. A *Emigr.* Pg. 245).

"Tinha a saude tão deteriorada, que para a restabelecer *careceo* de alguns mezes de tranquilidade e descanço".
(Rebello da Silva. *Varões Illustres*. Pg. 45).

"E a penna tão correcta e elegante no estylo politico e no estylo epistolar não *carecia* de largos ensaios para sobresahir, eloquente e desaffectada, em qualquer genero".
(Id. Ibid. Pg. 8).

"A monarchia *carecia* de concentrar indiviso nas duas mãos o pleno imperio".
(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 1.º Pg. 20).

"*Careciam* de ser patrocinados pela memoria do soberano".
(Id. Ibid. Pg. 88).

(*) *Commentario*, no singular, é como escreveu Herculano, havendo, pois, erro typographico na 2.ª ed.

(**) *Temporães*, como se lê na 1.ª ed., é evidente erro typographico; por isso fizemos a correcção. Na phrase citada Herculano escreveu "das nossas terras" e não "de nossas terras".

"E *carecia* de que um governo resoluto... fizesse da monarchia absoluta o alvião demolidor".

(Id. Ibid. Pg. 36).

"Não *carecia* de que o cinzel, guiado pela propria mão do heroe, viesse perpetuar a sua gloria".

(Id. Ibid. Pg. 167).

"E porque não *carecia* de aportar, fez-se Vasco da Gama novamente na volta do mar".

(Id. *Varões Illustres*. T. 2.º Pg. 78).

"A litteratura propriamente dita, como o drama, a novella contemporanea, para que sejam do seo tempo *carecem* de ferir a nota moderna".

(Camillo. *Prefacio ao Grande Dicc. Cont. Franc. Port.* de Domingos de Azevedo. Pg. 6).

"Nem *carecem* de desculpar-se com a cegueira das paixões".

(Id. *Doze Casamentos Felizes*. Pg. 114).

"Senancourt escreve que alguns espiritos, para sentirem o goso da soledade, *carecem* de um pequeno quarto, com uma pequenissima mobilia".

(Id. *Noites de Lamego*. Pg. 59).

"O epico portuguez para ser grande não *carecia* de ser moldado em bronze".

(A. Eannes Junior. *Album de Homenagens a Luiz de Camões*. Pg. 91).

"Não *carece* o socio do consenso dos outros, para se associar com um terceiro, em relação á parte que tem na sociedade".

(*Cod. Civil Port.* Art. 1271).

Pelos exemplos acima apontados, e por muitos outros, que nos não seria difficil citar, julgamos perfeitamente autorizada a phrase do *Projecto*, onde figura o verbo *carecer* com a significação de *necessitar*, que o eminente autor da *Replica* impugna, sendo o primeiro usado no mesmo sentido por Moraes, Constancio, Filinto, Fr. Francisco de S. Luiz, A. de Castilho, Leoni, Herculano, Latino Coelho, Camillo, os redactores do *Codigo Civil Portuguez* e varios outros escriptores, cuja vernaculidade se não contesta.

A accepção de *necessitar* ou *precisar* dada ao verbo *carecer* não se lhe enxertou, pois, parasiticamente, como se exprime o Dr. Ruy, nem se deve considerar corruptela, senão ampliação do sentido primitivo do vocabulo.

XI

De *proposito* fizemos *propositadamente*, de *a proposito* compuzemos *apropositadamente*.
(Ruy, nota ao art. 46 do *Projecto*).

Reprovando o emprego do adverbio *propositalmente*, que se lê no *Projecto*, em o numero II do art. 46, no que lhe demos razão, fez o Dr. Ruy a reflexão acima, que censuramos nas *Ligeiras Observações*, escrevendo:

"Não é de *proposito* nem de *a proposito* que se compõem em nossa lingoa os adverbios *propositadamente*, *apropositadamente;* mas dos adjectivos *propositado*, *apropositado*, em suas terminações femininas, ajunctando-se-lhes o suffixo *mente* (*) (e não *ente*), derivado do ablativo latino *mente*, que, nos idiomas novo-latinos, de elemento autonomo que era, se transformou em suffixo ou elemento formativo". (51)

O esclarecido critico não recebeo de bom animo o nosso reparo sobre o modo de formação dos adverbios *propositadamente*, *apropositadamente*, e em sua *Replica* assim se externa, defendendo a sua these que "de *proposito* fizemos *propositadamente*, de *a proposito* compuzemos *apropositadamente*":

"De modo que, se eu dissesse nascer o portuguez do latim, *ipso facto* negaria haver, na descendencia do portuguez, entre elle e o latim, as formas de transição que medeiam entre esse idioma e o nosso.

"Se eu affirmar que somos latinos, negarei que somos portuguezes, hespanhoes, francezes, ou italianos. Se eu me disser descendente de meo avô, terei negado meo pai.

"Nem tanto escabichar é licito, ainda aos mestres mais eminentes, nem fazer tão pouco, ainda nos discipulos ignaros. Entre o *proposito* e o *propositadamente* só a amaurose consummada não vê o *propositado*. Quando se diz, pois, que *propositadamente* se origina de *proposito*, é que, deixando a fonte mais proxima, se vae buscar ao derivado a linhagem remota na palavra *matriz*, origem commum das suas derivações successivas". (52).

(*) Na 2.ª edição collocaram virgula neste lugar.

(51) — *Lig. Obs.* Pg. 22.

(52) — *Replica* § 14. n. 104)

A defesa do Dr. Ruy fundamenta-se num calvo sophisma.

Quando se diz que de tal vocabulo fizemos outro, que de tal palavra compuzemos tal outra, não se cogita de sua origem remota, attenta-se na palavra a que immediatamente se prende, donde immediatamente se forma.

Certo não intentou o Dr. Ruy tratar da origem remota, a que ora allude, dos adverbios *propositadamente, apropositadamente*, quando escreveo: "De *proposito* fizemos *propositadamente*, de *a proposito* compuzemos *apropositadamente*".

Nem, quem quer que leia esse trecho do estrenuo contradictor, entenderá que se falla aqui da origem remota do vocabulo.

Ninguem dirá correctamente que do vocabulo *proporção* fizemos ou compuzemos em nossa lingoa o adverbio *proporcionadamente;* de *emblema, emblematicamente;* de *problema, problematicamente;* de *constituição, constitucionalmente;* de *occasião, occasionalmente;* de *eleição, electivamente;* de *lado, lateralmente;* de *symbolo, symbolicamente;* de *acinte, acintosamente;* de *mentira, mentirosamente;* de *a geito, ageitadamente;* de *synthese, syntheticamente;* de *á propria, apropriadamente;* de *affecto, affectuosamente;* de *cuidado, cuidadosamente;* de *condição, condicionalmente;* de *religião, religiosamente;* de *admiração, admiradamente;* mas, que todos esses adverbios em *mente* os formamos, sim, ou compuzemos dos adjectivos portuguezes *proporcionado, emblematico, problematico, constitucional, occasional, electivo, lateral, symbolico, acintoso, mentiroso, ageitado, synthetico, apropriado, affectuoso, cuidadoso, condicional, religioso, admirado,* unidos ao suffixo *mente,* ablativo latino de *mens mentis,* que, em alguns casos, já offerecia na lingoa matriz o sentido que ajuncta ao adjectivo a que se appõe: *pia mente, devota mente, simulata mente.*

Succede o mesmo na lingoa franceza. O adverbio *traitreusement* não se formou do substantivo *trahison,* mas do adjectivo *traitre* (53); *pieusement* não o fizeram os francezes de *piété,* e sim de *pieuse,* terminação feminina de *pieux;* não fizeram *follement* de *folie,* mas de *folle,* feminino de *fou; dévotement* não se formou de *dévotion,* mas de *dévote,* feminino do adjectivo *dévot; doucement* não se compoz de *douceur,* senão do adjectivo *doux,* em sua terminação feminina, *douce;* não foi de *impunité* que o francez fez *impunément,* mas

(53) — Da antiga forma do adj. francez *traitreur* (*) em sua terminação feminina *traitreuse.*

(*) Na 2.ª ed. lemos *traitreux.*

do adjectivo *impuni*, cuja ultima vogal sonora se mudou em *e* fechado antes do suffixo *ment*, que tem a mesma origem que o suffixo *mente* (*) do portuguez.

Como se vio, na censura feita ao Dr. Ruy relativamente á formação dos adverbios *propositadamente*, *apropositadamente*, (**) não fiz grande cabedal da terminação *ente*, de que o sabio critico fallava, dizendo: "Das outras palavras em *osito* (*apposito*, *composito*, *deposito*), (*repositado*), (**) não se extrahio adverbio em *ente*", limitando-se em dizer *mente* (e não *ente*).

Esse simples reparo provocou, entre outras, as seguintes palavras ao autor da *Replica*:

"E ahi teve aso de me pontificar duas lições memorandas, aproveitando uma negligencia manifesta de redacção e a evidente omissão typographica de uma lettra no impresso". (54).

Em relação ao *ente* dos adverbios em *mente*, nenhuma razão ha para insistir, desde que o Dr. Ruy attribue a negligencia de redacção e evidente omissão typographica de uma lettra no impresso; quanto, porém, ao modo de formação desses adverbios, (***) insistimos na censura.

Mas as censuras feitas ao illustre Dr. Ruy são simples reparos, que não podem de modo algum, a menos de encaral-os ironicamente, considerar-se *desandas; desandas!* em quem e por quem?

Nunca esteve escriptor algum, por mais elevado que fosse, isento de cahir numa ou noutra falta, num ou noutro deslise, que será licito apontar, sem de modo algum lhe desdoirar o merecimento, nem lhe desmerecer os quilates.

"E onde é", diz o bom Filinto, "que se acha escriptor que não peque, e que não dê ansa á critica"? (55)

(*) Na 2.ª ed.: "o suffixo mente, do..."

(**) — Supprimiu-se a virgula na 2.ª ed.

(54) — *Replica* § cit. n. 103.

(***) — Na 2.ª ed. elidiu-se a virgula neste lugar.

(55) — *Obras Compl.* T. 11. Pg. 362.

XII

Estabelece ella.

Estava assim escripto o art. 34 do *Projecto*:

"O domicilio civil da pessoa natural é o lugar em que estabelece ella de modo difinitivo a sua residencia".

Emenda o Dr. Ruy este artigo, fazendo a seguinte reflexão: "O lugar em que *estabelece ella*". "Transposição dissonante e inadmissivel. A construcção natural é a que aqui se impõe; "o lugar *onde ella estabelece*".

Já, em sua *exposição preliminar*, tocando no mesmo lanço do *Projecto*, se havia exprimido dest'arte:

"Em que *estabelece ella!* "Custa crer que ouvidos portuguezes se conformem a esta singular posposição do pronome pessoal. Estará salvo, se quizerem, no lance, o trivial da grammatica. Mas a intuição vernacula repelle essa transposição dissonante. O *que*, nesta sentença, attráe o pronome pessoal, forçando-o a preceder o verbo".

Na *Replica* a linguagem do Dr. Ruy, em relação á phrase *estabelece ella*, já não é exactamente a mesma.

Na reflexão feita ao artigo, diz em seo primeiro trabalho ser a locução *estabelece ella* dissonante e inadmissivel, que a construcção natural era a que alli se impunha, tendo na *exposição preliminar* escripto, sempre no mesmo tom, que custava a crer que ouvidos portuguezes se accommodassem áquella singular posposição do pronome pessoal, que estaria salvo, se quizessem, no lance, o trivial da grammatica; mas que a intuição vernacula repellia essa transposição dissonante.

Agora, no trabalho da *Replica*, n. 107, reconhece estar salvo, no lance, o trivial da grammatica, affirma, porém, ser "dissonante e inadmissivel".

"*Dissonante* e *inadmissivel*, depois da clausula anterior, onde se declara illesa a syntaxe", diz o Dr. Ruy, "queria evidentemente dizer: *inadmissivel, porque dissonante*".

E continúa "*Admissivel* é a phrase, bem claro o disse eu, ante a grammatica rudimentar".

Mas não é isso o que disse o douto censor no *Parecer;* o que disse foi que a phrase era dissonante e inadmissivel, que estaria salvo, se quizessem, no lance, o trivial da grammatica, mas a intuição vernacula repellia alli a posposição do pronome.

Dizer, como disse o Dr. Ruy no seo *Parecer*: "estará salvo, se quizerem, no lance, o trivial da grammatica", (*) é reconhecer, como reconhece agora, a admissibilidade da phrase ante a grammatica rudimentar?

O *estará salvo, se quizerem,* (*) do *Parecer,* tem sentido identico ao *está salvo* da *Replica?*

Aquelle *se quizerem,* que alli se nota, não está em manifesto contraste com a affirmação categorica e incondicional, de que ora se serve o Dr. Ruy em sua *Replica,* dizendo que é admissivel a phrase, que não transgride as leis elementares da construcção grammatical, mas inadmissivel ante a euphonia?

Se, reprovando a phrase do *Projecto,* o illustrado critico diz: "custa crer que ouvidos portuguezes se conformem a esta singular posposição do pronome pessoal", como vir agora elle mesmo dizer, em sua *Replica,* que a mesma phrase não transgride as leis elementares da construcção grammatical, transgride, sim, as leis da euphonia?

A phrase, usada pelo *Projecto,* nada tem de *singular,* nada que de extranho seja aos ouvidos portuguezes; de phrases analogas usaram escriptores de incontestada vernaculidade, e de (**) nada se me dá que, usando em meos trabalhos grammaticaes de construcções semelhantes, m'as impute o Dr. Ruy a *veso* do meo escrever.

Os seguintes exemplos são cabaes testemunhos de que não é para me envergonhar a boa companhia a cuja sombra me abrigo. (***)

"Disse *que* não *havia ella* de soffrer que lhe tirasse um negro".
(Castanheda. *Hist. da India.* Liv. 3.º Cap. 107. Pg. 365).

"Da espessa nuvem settas, e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna *trouxe* eu d'alli ferida".
(Cam. *Lus.* Cant. 5.º Est. XXXIII).

(*) Na 2.ª ed. elidiu-se a virgula neste lugar.
(**) Na 2.ª ed.: "e nada se me dá de que".
(***) Na 2.ª ed. temos dois pontos (:).

"E não se tem em conta, *se* os *matou elle* ou não".
(Barros. *Dec.* 3.ª Liv. 8.º Cap. 9.º Pg. 336).

"E ainda temendo elle Çamorij *que* no caminho *recebesse elle* alguma affronta dos Mouros, mandou com elle um Capitão Naire".
(Id. Ibid. 3.ª Liv. 9.º Cap. 10. Pg. 450).

"E *que não dizia elle* de pessoas de tantas qualidades, como elles eram".
(Id. Ibid. 2.ª Liv. 3.º Cap. 5.º Pg. 289).

"Do qual aviso procedeo, *que* naquelle dia que o Viso-Rei chegou, *entrou elle* na cidade".
(Id. Ibid. Cap. 5.º Pg. 291).

"Porque desejava *que tomasse elle* esta licença de se ir".
(Id. Ibid. 292).

"*Porque* isto *experimentou elle* na victoria que houve em Chaul".
(Id. Ibid.).

"Melhor é *que fique elle* com esta nota de paixão ou complacencia".
(Id. Ibid. 3.ª *Prologo*).

"E *que não quizesse elle* romper a paz, que estava feita entre seos reis".
(D. de Couto. *Dec.* 4.ª Liv. 1.º Cap. 2.º Pg. 13).

"*Porque haveriam elles* que os receiava, que o estado da India não se havia de sustentar, e dilatar senão com a reputação e opinião com que se ganhou".
(Id. Ibid. Pg. 11).

"*Porque tinha elle* determinado ir áquelle estreito por haver novas de galés".
(Id. Ibid. Cap. 4.º Pg. 24).

"E *que ficasse elle* por capitão até o Governador prover aquella fortaleza".
(Id. Ibid. 4.ª Liv. 4.º Cap. 3.º Pg. 260).

"Entendendo *que* necessariamente *havia ella* de andar após a virtude".
(Id. Ibid. 4.ª Epist. 29).

"*Que* para maior dissimulação daquelle negocio, *se fosse elle* para Chaul".
(Id. Ibid. 4.ª Liv. 1.º Cap. 8.º Pg. 53).

"E pedio-lhe *que fosse elle* o portador daquelle recado".
(Id. Ibid. Pg. 54).

"E logo lhe respondeo pelo mesmo navio, *que fizesse elle* o que (*) lhe melhor parecesse".

(Id. Ibid. Pg. 56).

"E se entendiam *que* por virtude da successão, que se abrio, *podia elle* ser governador da India".

(Id. Ibid. Cap. 10. Pg. 73).

"Para que cuidassem os inimigos *que estava elle* alli ceando".

(Id. Ibid. 8.ª Cap. 35, Pg. 336).

"Assentaram *que* a certas horas *desembarcasse elle* com toda a gente que trazia".

(Id. Ibid. 8.ª Cap. 39. Pg. 457).

"Excepto David, dizendo que a Deos não aprouvesse *que*, vivendo seo pae, *se houvesse elle* de assentar na sua cadeira real".

(Damião de Goes. *Chron. d'el-rei D. Manoel.* Part. 3.ª Cap. 61. Pg. 291).

"Uma cruel briga, *em que*, por espaço de quatro ou cinco credos, *se iam elles* já mettendo comnosco".

(F. Mendes Pinto. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 93).

"E lhe requereo *que*, pois elle se não podia bolir, por causa da sua hydropisia, *fosse elle* logo dar rebate na casa dos bonzos".

(Id. Ibid. Pg. 123).

"Mas em verdade affirmo *que não digo eu* o que ha em cada uma dellas".

(Id. Ibid. Pg. 183).

"*Porque dizem elles* que, assim como o rei da China é filho do sol, assim..."

(Id. Ibid. Pg. 191).

"*Porque dizem elles que é isto* obra de proximidade mandada por Deos".

(Id. Ibid. Pg. 225).

"Jorge Mendes diz *que daria elle* traça como o castello se tomasse".

(Id. Ibid. Pg. 238).

"*Porque havia elle* de prégar em um templo de religiosas".

(Id. Ibid. Pg. 244).

(*) A 2.ª ed. traz uma virgula aqui.

"*As quaes* (mulheres), por serem mui encerradas dos mouros, por seos costumes de serem ciosos, *eram ellas* mui captivas e maltratadas".

(Gaspar Correa. *Lendas da India.* Vide Lat. Coelho. *Varões Illust.* T. 2.º Pg. 286).

"Desconfiando *que* em nenhum tempo *poderia ella* tornar ao goso do que já perdera".

(Moraes. *Palm. d'Ingl.* Part. 1.ª Cap. 4.º Pg. 23).

"Queria, senhora, que me dissesseis que esperança terá minha vida, pois a que me sostem té agora, é a *em que* me *puzestes vós*, que tão confiado me fez".

(Id. Ibid. Part. 2.ª Cap. 135. Pg. 37).

"Respondeo (*) o Arcebispo, *que* aquillo *tinha elle* melhor parado, do que cuidava".

(Duarte Nunes. *Chron. de D. João* o 1.º Cap. 50. Pg. 200).

"Os outros capitães consentiram nisso, dizendo *que não haviam elles* de ficar atraz".

(Id. Ibid. Cap. 52. Pg. 214).

"Por quem, disse el-rei em publico, quando soube o que passara, *que* bem *sabia elle* que tão boa obra a (**) não faria senão o bom de João Fernandez".

(Id. Ibid. Pg. 220).

"E *que* áquelle Portuguez *não havia elle* naquelle dia pôr o pé diante".

(Id. Ibid. Cap. 56. Pg. 240).

"E *que* assim *havia elle* de fazer".

(Id. Ibid. Cap. 61. Pg. 268).

"O condestavel lhe respondeo, que prouvéra a Deos *que tivera elle* alli todas as gentes de Castella juntas".

(Id. Ibid. Cap. 64. Pg. 282).

"E *que*, indo-o el-rei de Castella a buscar, se *viria elle* por outra parte para o reino".

(Id. Ibid. Cap. 55. Pg. 231).

"Dissera em maneira *que o souberam elles* algumas palavras".

(Id. Ibid. Cap. 13. Pg. 50).

(*) Na 2.ª ed., por lapso de impressão, lemos "respondo".

(**) Na 2.ª ed. supprimiu-se o *a*.

"E *que* outra tal ajuda *acharia elle* sempre em seo filho".
(Id. Ibid. Cap. 81. Pg. 391).

"*Em que estava elle* com os mantenedores".
(Id. Ibid. Cap. 100. Pg. 487).

"Que lhe bastava saber *que era elle* bom cavalleiro".
(Id. Ibid. Cap. 104. Pg. 510).

"E que não quereria Deos *que... puzesse elle* sua honra em outro nenhum, senão em seo braço direito".
(Id. Ibid.).

"*Porque era elle* grande cortezão".
(Id. Ibid. Cap. 62. Pg. 275).

"Que elle mostraria naquelle dia... *que era elle* com razão cavalleiro da Ordem (*) da Garrotéa".
(Id. *Chron. d'el-rei D. Affonso o 5.º* Cap. 16. Pg. 170).

"*Que os costuma ella* fazer".
(Lucena. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 57).

"Defendeo-se o religioso, *não desespera ella*".
(Fre. Luiz de Souza. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 4.º Liv. 4.º Pg. 329).

"Porque o gosto da vingança, fez *que o tivesse ella* em o publicar".
(Id. Ibid.).

"Fez oração na Igreja, fallaram com os Padres, *que acharam* nella *elle e os seos*, e puzeram-se a passear na praça d'armas".
(Id. Ibid. Pg. 356).

"Declara bastantemente *que foi elle* o autor".
(Id. Ibid. Vol. 4.º Liv. 6.º Cap. 8.º Pg. 477).

"Fundavam-se, e parece sobejar-lhe razão, *em que deviam ellas* comer alguma fazenda pelo tal encargo".
(Id. Ibid. Vol. 4.º Liv. 2.º Cap. 1.º Pg. 101).

"Lançar-se por condição nas escripturas dotaes, *que* fallecendo el-rei sem deixar herdeiro varão, *entraria ella* na herança desta corôa".
(Id. *Annaes.* Cap. 4.º Liv. 2.º Pg. 361).

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se o "da" antes de Garrotéa".

"É bom argumento sabermos de certo, *que foi elle* quem nomeou o que na verdade veio a ser eleito".

(Id *Vida do Arcebispo*. Liv. 1.º Cap. 6.º Pg. 12).

"É uma virtude de tanto preço, *que não sei eu* nenhum que se lhe iguale".

(Id. Ibid. Cap. 11. Pg. 22).

"Por onde convem *que vigie eu* e seja sobrerolda".

(Id. Ibid. Cap. 16. Pg. 30).

"Obrigado a saber *se visitam elles* os doentes".

(Id. Ibid.).

"*Como que fôra elle* causa de uma eleição avessa".

(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 22. Pg. 38).

"Para dar a entender *que não fôra elle* autor daquillo de que appellava".

(Id. Ibid. Liv. 3.º Cap. 19. Pg. 141).

"*Porque* das vidas como a sua, *tinha elle* muito gosto".

(Id. Ibid. Cap. 29. Pg. 145).

"Vestiram-lhe uma tunica de lã das que costumava trazer, *que* para servir nesta occasião *tinha elle* guardada".

(Id. Ibid. Liv. 5.º Cap. 7.º Pg. 211).

"*Porque* de suas faltas e ignorancias *achariam elles* emenda na mór alçada".

(Id. Ibid. Cap. 11. Pg. 217).

"Assim esperava *que haviam elles* de ser a principal parte nella".

(Id. Ibid. Liv. 6.º Cap. 2.º Pg. 250).

"Era menos mal mandal-o ir ao lugar para onde caminhava, *que deter-se elle*".

(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 16. Pg. 30).

"Não pode duvidar-se *que*, como só vive de flores, em acabando estas, *acaba ella* da maneira seguinte".

(Padre Simão de Vasconcellos. Vide *Iris Classico*. Pg. 127).

"Eu sigo differente opinião, achando tambem da minha parte a Seneca, que chama: Ladrão da virtude da natureza, aquelle, que cuida *pode ella* formar hoje os homens como antigamente".

(D. F. Manoel de Mello ao Dr. M. Themulo da Fonseca. Vide *Ext. da Resenha de Litt. Port.* de J. Silvestre Ribeiro. Pg. 17).

"E quando seja necessaria a firma do duque, meo senhor, tambem creio *que* entre as muitas obras de misericordia... me *sirva ella* de despacho"...

(Vieira. *Cartas*. T. 3.º Pg. 110).

"Ao duque meo amo e senhor, represento o miseravel estado *em que fica este* do Brasil".

(Id. Ibid. Pg. 112).

"Mas não ha de querer quem nos deo as conquistas, *que sejam ellas* roupa de francezes".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 119).

"Altissimos são os juizos de Deos, e creio eu *que*, para dar exemplo a V. S.ª em um caso destes, *quiz elle* tambem ter um Filho innocente morto".

(Id. Ibid. Pg. 142).

"Ou *que não queira elle* ser o que perca Taparica".

(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 143).

"*Porque* desse nada *não havia elle* de ser o juiz".

(Id. *Serm.* T. 1.º Pg. 162).

"*Para que*, aos raios de sua mesma luz, *veja eu* mais alguma coisa".

(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 184).

"A qual foi tanta, *que* de um golpe em sua casa, *acabou elle*, a casa e todos seos irmãos".

(Id. Ibid. T. 11. Pg. 342).

"Agora vede *se tenho eu* razão para dizer".

(Id. Ibid. T. 15. Pg. 157).

"*Ainda que não sejam elles* os que se encommendem".

(Id. Ibid. Pg. 327).

"E não seria grande impropriedade, e ainda affronta da nossa fé, *se* em um auditorio tão catholico *fizesse eu* a mesma queixa..."?

(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 79).

"*Para que* de nenhum modo *convenham elles* ao lado de Christo".

(Id. Ibid. Pg. 367).

"Pois é quererem *que lhes paguemos nós* as decimas, e não elles".

(*Arte de Furtar*. Pg. 26, ed. de 1821).

"E quem vos disse a vós, *que fiz eu* tal aleivosia"?

(Ibid. Pg. 28).

"Sem admittirem *que vão estes* satisfeitos sobre outras mercês".
(Ibid. Pg. 29).

"*Que assim guardam elles* o que lhes mandam vigiar".
(Ibid. Pg. 328).

"Quizera-lhes perguntar *se gostam elles* de lograr os lucros, que das decimas resultam".
(Ibid. Pg. 267).

"*Não morresse elle* aqui á mingoa".
(M. Bernardes. *Livr. Classica.* T. 2.º Pg. 163).

"Vede agora *se quereis vós* estar em uma escada como esta".
(Id. Ibid. Pg. 197).

"Oxalá, meo suavissimo Jesus, ardera eu naquele incendio de amor, em que ardem Serafins, em que arde vossa Mãe Santissima, *em que ardeis vós* mesmo"!
(Id. *Luz e Calor.* Pg. 470-418).

"E... lhe replicaram no conselho, propondo *que só ficasse elle* general no mar mandando".
(Jac. Freire. *Vida de D. J. de Castro.* Liv. 1.º Pg. 43-61).

"Ordenando o caso e a necessidade, *que* na sua mesma fortaleza *desse elle* o assalto".
(Id. Ibid. Liv. 2.º Pg. 111-81).

"Não o atormente tanto, *que* mais *tem elle* de besta que de máo".
(Filinto Elysio. *Obras Completas.* T. 6.º Pg. 27).

"E perguntando-lhes eu porque razão lhe chamavam senzala, me responderam que pela muita parecença, *que tinham ellas* negras e os demonios, tambem negros, com as casas dos pretos que, no Brasil, se chamam senzalas".
(Id. Ibid. *Nota á Fabula das Adivinhas*).

"Ao mesmo passo que os mais sensiveis pasmaram de *que não durasse ella* mais dilatados tempos".
(Id. Ibid. T. 9.º Pg. 9).

"*Té que,* instado por seo mestre porque tomasse os gráos, lhe *confessou este,* que já em Salamanca os tinha recebido".
(Id. Ibid. Pg. 18).

"Attonito o lente com a modestia do discipulo, *que* em confundir-se na turba dos ouvintes, o *tomava elle* pelo mais avultado encomio, quiz confrontar-lh'o tambem com outra prova da sua generosidade".
(Id. Ibid.).

"Lastimaram sempre *que* as *não houvesse elle* publicado".
(Id. Ibid. Pg. 22).

"*Que corre ella* mui por cima das expressões".
(Id. Ibid. Pg. 31).

"*Quando lavrava elle* já por lá".
(Id. Ibid. Pg. 44).

"E tal zelo, e tal empenho mettia nessa commissão, *que vinha ella* por isso a ser importante".
(Id. Ibid. Pg. 49).

"*Que nunca se expoz elle* a que o arguissem".
(Id. Ibid.).

"Tão profusas lagrimas derramou, *que exprimiram ellas* ao principe tudo quanto a bocca não podia proferir".
(Id. Ibid. Pg. 51).

"E *se* de consentimento com meo filho *tratasse eu* de vos dar estado, que diriels vós"?
(Id. Ibid. T. 10. Pg. 38).

"*Que se não dão elles* por satisfeitos com fidelidade, elegancia e exacção".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. XVII).

"Observemos *que*, apezar da elegancia e pureza da lingoa de Petronio, Machiavello e Boccacio, *lhes ficou elle* tão superior, quão superior ficou Boileau a Ariosto, na dissertação que compoz acerca de Jocondo".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 38).

"Parece *que o plasmou ella* para o contrastar com o homem".
(Id. Ibid. Pg. 51).

"Até ás plantas mesmas se estende essa sua sensibilidade, *que* as *anima elle*, não somente com atrevidos rasgos..."
(Id. Ibid. Pg. 52).

"Accresce *que era elle* grande theurgista".
(Id. Ibid. T. 9.º Pg. 72).

"Oxalá que elle me maltratasse ainda; *que* bem lh'o *merecia eu* pelos ciumes que lhe dei".
(Id. Ibid. Pg. 100).

"Provavel é *que seja ella* hoje uma de suas concubinas".
(Id. Ibid. Pg. 124).

"E tomou a liberdade de inquirir d'uma dellas *se poderia elle* ter a honra de as ajudar no que indagavam?".
(Id. Ibid. Pg. 131).

"Sem duvida *que não descontentarão ellas* mais aos bons historiadores".
(Id. Ibid. Pg. 436).

"*Que não suspeitava elle*, que o primeiro motivo de meo amor foram os finos quilates da sua magoa".
(Id. Ibid. T. 10. Pg. 15).

"Não *que fosse elle* commigo menos meigo".
(Id. Ibid. Pg. 24).

"Parecia-lhe *que* bem *merecia ella* esse cuidado".
(Id. Ibid. Pg. 167).

"E pedia a decencia *que o acceitasse ella*".
(Id. Ibid. Pg. 335).

"Mui notaveis hyperbatos se deparam em Thucydides; *que* mui bem *atina elle* no transpor coisas que naturalmente unidas se afiguram".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 345).

"Logo vi *que não estava elle* de animo para tal".
(Id. Ibid. Pg. 548).

"Temos Administradores de Conselho *que* nem *administram elles*, (*) nem deixam administrar as Camaras".
(Garrett. *Disc. Parlam.* Pg. 196).

"*Porque* morta, consumida *deve ella* de estar onde pode surgir o despotismo".
(Id. Ibid. Pg. 81).

"Oh! *podesse ella*... perceber uns echos sequer destes nossos votos!"
(Cast. *Felicid. pela Agricult.* Vol. 1.º Pg. 90).

"E agora teimam
que a *matei eu!*"
(A. de Cast. *Fausto.* Pg. 390).

"Respondeo-lhes *que fizessem elles* iguaes roubos".
(Id. *Camões.* T. 1.º Pg. X).

(*) Foi suppressa a virgula na 2.ª ed.

"*Que* nessa contenda me *não metto eu*".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. XI).

"Sem que m'o hajam a fatuidade, me relevarão dizer desta, *que*, de quantas tenho publicado, me *parece ella* a melhor".
(Id. Ibid. Pg. XII).

"Se *fossem elles* cabos ou homens de peleja".
(Id. Ibid. Pg. 18).

"Por mim digo *que* mais mal *quero eu* á guerra, que á peste".
(Id. Ibid.).

"*Que* tão vossa *é ella*, como eu".
(Id. Ibid. Pg. 25).

"Só impulsos de agradecido animo, e affeição nobre, *que não conheces tu*, nem os da tua relé".
(Id. Ibid. Pg. 27).

"*Que* para esses sós *quer elle* que sejam os triumphos".
(Id. Ibid. Pg. 34).

"Sim, sim; *que* se eu tardasse em lhe dar novas de minha tornada, não m'o *houvera elle* de perdoar...".
(Id. Ibid. Pg. 38). (*)

"A fé *que merecia elle* outra casta de hospede".
(Id. Ibid. Pg. 40).

"Terra de valentes, dizem, e cuido *que o dissestes vós* tambem".
(Id. Ibid. Pg. 50).

"Bem sabes... *que tive eu* sempre fantasias".
(Id. Ibid. Pg. 53).

"Verdade *é que* me *não percebeo elle*".
(Id. Ibid. Pg. 66).

"Quando ouvistes *que requestava eu* para mulher a minha senhora D. Catarina d'Athayde, não ficastes... espantado?"
(Id. Ibid. Pg. 69).

"Nem cuido que hajamos de chegar a tais extremos; (**) nem que *possaes* vós tolher a sua Catarina d'Athayde".
(Id. Ibid. Pg. 71).

(*) A citação começa á pag. 37 e termina á pag. 38 da 2.ª ed.

(**) Na 2.ª ed. vem virgula em vez de ponto e virgula.

"*Que os desafiasse elle*, convidando-os para uma aprazivel conferencia orthographica".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 8).

"Disseram, e até imprimiram, *que me fôra eu* ao Brasil por convite e a expensas do seo Governo".

(Id. Ibid. Pg. 97).

"*Em que* até então *era elle* só a força e o commando, o porta-bandeira e o tambor".

(Id. *Amor e Melancolia*. Pg. 200).

"Figurou-se de certo, como a mim proprio, *que estava ella* chegada ao seo desenlace ultimo".

(Id. Ibid. Pg. 356).

"Cabia-me *que*, porque sua amada o atraiçoara, ella de quem mais alto apreço fazia no mundo, *perdesse elle* todo o conceito do sexo".

(Id. *A Noite do Castello*. Pg. 174).

"Para a casa *onde* de bondades e virtudes nos *dão ellas* a todos os momentos exemplos vivos e formosissimos?"

(Id. *A Primavera*. vol. 2.º Pg. 126).

"Ignoro *se* esse costume o *herdaram elles* de nações mais antigas".

(Id. Ibid. Pg. 139).

"Para defender esta sentença, *em que* tanto *reluz ella* como a justiça".

(Id. *Felicidade pela Agricultura*. Vol. 2.º Pg. 27).

"Quando se repara *em que*, á proporção que nós minguamos, que nos affogamos na divida, *vae ella* a crescer de mais em mais".

(Id. Ibid. Pg. 100).

"Um prediosinho, *em que* me *enterre eu* mesmo".

(Id. Ibid. Pg. 121).

"Os hospitaes parecem bons; mas *se não foram* (*) *elles*, aposto que os artifices haviam de olhar mais para o diante".

(Id. *Colloquios Aldeões*. Pg. 115).

"E me pedio *que viesse eu* da sua parte consultar-vos".

(Id. Ibid. Pg. 230).

(*) Na 2.ª ed. lemos forem, evidente erro typographico. Castilho escreveu foram. Vide pag. 136 da ed., de 1879.

"Se traducção é, damos parabens ao traductor, *que* nos *parece ella* uma das menos viciadas que estes ultimos tempos se têm feito".
(Id. Vide *Vivos e Mortos*. Vol. 6.º Pg. 40).

"Em abono das quaes, não ha que dizer, senão *que se não fizeram ellas* a si".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 122).

"*Que*... não só *representava ella*, mas fazia representar aquellas de suas parentas e amigas".
(Id. Ibid. Pg. 95).

"*Posto* que muitas cartas suas *recebi eu* por todo esse tempo".
(Id. Ibid. Pg. 142).

"O Snr. Porto respondeo... *que não era elle* o autor da reunião". (*)
(Id. Ibid. Vol. 5.º Pg. 116).

"Nem havemos *que são elles* por lá tão raros".
(Id. Ibid. Vol. 2.º Pg. 105).

"Vae-te para longe, *que* o *não posso eu* soffrer um só minuto".
(Id. Ibid. Vol. 5.º Pg. 96).

"Não se ha-de, porém, cuidar *que alardeasse ella*, como tantas (**) outras, (***) as suas duvidas ou semi-certezas".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 136).

"Não creio *que sejam elles* taes, que annullem essas immensas vantagens"
(A. Herc. *Opusculos. A Emigração*. Pg. 218).

"Digo-vos, senhor, tornou o peão com voz afogada, *que* ora *é elle* morto".
(Id. Ibid. *O Bôbo*. Pg. 113).

"Á fé *que não* t'o *mereço eu*".
(Id. Ibid. Pg. 243).

"Dei a Coimbra um bispo que me excommunga, porque assim o quiz o papa: dar-lhe-ei outro que me absolva, *porque assim o quero eu*".
(Id. *Lendas e Narrat.* T. 2.º Pg. 60).

(*) Na ed. da Obras Completas de Castilho, aliás a citada por Carneiro, a phrase vem assim "o Snr. Porto respondeo..., que não era elle o autor da *remoção*. Vide vol. e pag. citados.

(**) Na 2.ª lemos *com*.

(***) Suprimiu-se a virgula na 2.ª ed.

"Imaginavam... *que*, depois de alcançada esta bella conquista, *não podia ella* perder-se".

(Rebello da Silva. *Varões Illustres*. Pg. 251).

"E assim *não desfructaria elle* ao mesmo tempo a paz e a conquista".

(Latino Coelho. *A Oração da Corôa*. Pg. 10).

"*Porque* pelo mesmo tempo *vieram elles* para Berlim".

(Id. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 60).

"*Para que houvesse ella* por bem allivial-o de um peso, com que já não podiam os hombros do velho attribulado".

(Id. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 1.º Pg. 156).

"*Porque foi elle* mais do que esposo, collega preponderante no reinado".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 91).

"E significavam por um rasgo de audacia revolucionaria, *que eram elles* os verdadeiros e unicos mandatarios da nação".

(Id. Ibid. Pg. 136).

"Escrevia o embaixador portuguez, *que não se teria ella realizado*, se...".

(Id. Ibid. Pg. 146).

"Fazia-se innegavel *que haviam sido elles* os executores do regicidio".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 360).

"E *que não creia ella* poder secretamente dedicar a Abeillard uma parte do seo coração".

(*Camillo. Genio do Christianismo*. Vol. 1.º Pg. 242).

"Era de fé *que* assim disfarçado *devia elle* ser um deos vindo a surprehender o coração dos reis".

(Id. Ibid. Pg. 318).

"Redarguio D. Caetana, que não se espantasse, *porque era ella* viuva a senhora de quasi todo o (*) casal".

(Id. *Doze Casamentos Felizes*. Pg. 82).

"Basta dizer *que foi elle* quem nol-os deo, e tudo quanto possuimos".

(L. Felippe Leite. *Ramalhetinho da Puericia*. Pg. 36).

"*Porquanto*, submettidos todos os papeis a novos qualificadores, *veio elle* com uma nova e larguissima apologia".

(J. F. Lisboa. *Vida do Padre Antonio Vieira*. Pg. 212).

(*) A 2.ª ed., por erro de revisão, não traz o *o* antes de casal.

"Convirá que se veja *em que* moderados termos *articulara eu* a censura por elle rebatida".

(Ruy. *Replica.* § 45. n. 191).

Os copiosos exemplos aqui citados sobradamente testificam a semrazão do illustre Dr. Ruy Barbosa, quando considera a referida phrase do *Projecto* dissonante e inadmissivel, contraria á intuição vernacula, que a repelle, e, tomado de extranha impressão, exclama:

"*Custa crer que ouvidos portuguezes se conformem a esta singular posposição do pronome pessoal.*

"O QUE *nesta sentença,* escreve, como já vimos, o eminente critico, "*attráe o pronome pessoal, forçando-o a preceder o verbo*"

Á luz deste falso principio, é que, attribuindo a veso meo o uso de construcções semelhantes, o insigne escriptor desfecha os dardos de sua censura nas seguintes phrases de minha *Grammatica Philosophica,* algumas por analogas á phrase impugnada do *Projecto,* outras por conterem elementos grammaticaes, que, ao seo ver, forçam igualmente, por essa pretensa *attracção,* de que falla, a anteposição do sujeito, pronome pessoal ou não: "Ainda *que fallam estes*". Pag. 60). "*De que não distinguem elles*". (Pg. 206). "Aos individuos, a *que pode ella*". (Ibid.). "*Quando são estes compostos* de dois adjectivos". (Pg. 210). "*Se termina o adjectivo* em vogal". (Pg. 246). "Põe-se antes dos substantivos, *quando são estes tomados*". (Pg. 224). "Antes dos appellativos, *quando são estes precedidos*". (Pg. 230). "*Se não for ella indicada*". (Pg. 246). "As varias formas *que devem estes tomar*". (Pg. 369). "Faz-se geralmente ellipse do sujeito da oração, *quando é este indicado*". (Pg. 419). "*Que não pode ella* existir". (Pg. 315). "Em referencia ao lugar, *que podem elles* occupar". (Pg. 321). "Dá tal construcção á phrase, *que apresenta esta* dois sentidos". (Pg. 437). "Na lingoa portugueza não ha palavra que não tenha accento, quer seja *este* proprio, quer emprestado". (Pg. 43). "Pelo uso e pela constante leitura das abreviações é *que* se podem *ellas* conhecer bem". (Pg. 95). "No fim das phrases de um periodo, *quando são ellas* independentes". (Pg. 110).

Basta ler os exemplos dos classicos que citamos acima, para se tirar logo ao claro que se acham cabalmente justificadas e bem abonadas as construcções de minha *Grammatica Philosophica,* que o eminente critico refuga.

A volumosa lista dos exemplos, que ahi se notam, são cabal e solemne desmentido á *attracção,* de que falla o Dr. Ruy, combatendo a phrase do *Projecto.*

Não é um numero diminuto de escriptores mediocres, que autorizam a phrase impugnada; são todos os bons escriptores, desde os primeiros tempos da lingoa até hoje, e dentre estes, os de mais vulto quanto á vernaculidade, correcção e elegancia no dizer.

Parece-nos, portanto, descabida a exclamação do Dr. Ruy: "*Custa crer que ouvidos portuguezes se conformem a esta singular posposição do pronome pessoal*".

O que nos custa a crer é que, conversando e praticando tão amiude os classicos, venha o Dr. Ruy censurar-nos phrases tão encontradiças nos nossos bons modelos, graças a uma sorte de *attracção* de que ainda não cogitou nenhum grammatico ou escriptor portuguez.

Quando fallei da *attracção*, não desconhecia os varios casos desse modo de construir as phrases, de que falla o Dr. Ruy, citando a *Grammatica* de Roby. (*A Grammar of the Latin Language from Plautus to Suetonius*).

Com effeito, falla Roby da *attracção* do sujeito para o caso do relativo (n. 1067); da *attracção* do pronome para o genero e numero do predicado (n. 1068); da *attracção* do gerundio, em que o objecto é attrahido para o caso do gerundio, e recebendo este inflexões adjectivas, com elle concorda em genero e numero (n. 1374); da *attracção* do verbo finito para o infinito (n. 1784 b); da *attracção* de *quisque* para o caso de *suus* (n. 2288); da *attracção* pela qual o vocabulo *quam* é qualificado por um adverbio, que prefixa: *mire quam* em vez qualificado por um adverbio, que se prefixa: *mire quam* em vez de *mirum quam* (n. 1649).

Depois de fallar nos casos de *attracção* mencionados por Henry Roby, e pela *Grammatica comparada do grego e do latim* de Riemann e Goelzer, conclue o Dr. Ruy:

Longe, portanto, de ser, como tem para si o Dr. Carneiro, designação especifica á modalidade grammatical em que o douto philologo a circumscreve, é o nome commum a todas aquellas, onde se note esse mutuo pendor entre dois elementos da oração.

Ora o caso, em que a empreguei, era um destes". (56)

Não é para aqui o apurar a maior ou menor amplitude do vocabulo *attracção*: o que se deve indagar é, se, perante o uso dos bons escriptores, deante do sentido que todos os grammaticos associam á

(56) *Replica* § 15 n. 112.

palavra *attracção*, tem justificativa isso que o Dr. Ruy, para combater a phrase — *em que estabelece ella* — do *Projecto*, appellida de *attracção*.

Os cento e sessenta e tantos exemplos, por nós offerecidos para combater essa descabida *attracção*, certamente fallam com eloquencia esmagadora.

Definindo a *attracção*, diz Bescherelle: (57)

"Modificação que soffre o genero, o numero, o tempo ou a pessoa de uma palavra, em consequencia da vizinhança de outra, com que se faz a concordancia contra as regras ordinarias", e exemplifica: "Ce sont les hommes qui font les (*) reputations". "La nourriture (**) de l'écureuil sont des fruits". (Buff.).

Tratando o mesmo assumpto, diz assim H. Sweet:

"Construcções antigrammaticaes são algumas vezes devidas á *attracção*, que é geralmente um processo, puramente mechanico, resultado de simples contiguidade, pelo qual uma palavra concorda com outra que se lhe não associa grammaticalmente, como na phrase: "*The opinion of several eminent lawyers were in his favour*, onde *were*, em despeito de se achar grammaticalmente em relação com o nome singular *opinion*, está no plural, como se regido fosse por *lawyers*". (58).

De analoga construcção antigrammatical, empregando o processo da *attracção*, usaram o autor da *Arte de Furtar*, os Castilhos e Camillo, escrevendo:

"*Isto* de unhas *são* como enxertos de matto bravo".
(*Arte de Furtar*. Pg. 197).

"*Isto* dos ricos *andam* neste mundo com os olhos tapados, que não sabem nem se lembram senão de si".
(*Colloquios Aldeões*. Pg. 213).

"*Aquillo* (falla o escriptor das communas) *andam* sempre com sete prumos na mão, como os indigentes".
(Ibid. Pg. 212).

"*Isto* das damas, em materia de gosto, *são* singulares".
(*Arte de Amar*. T. 3.º Pg. 284).

---

(57) *Nouv. Dict. Nation.* T. 1.º Pg. 330.

(*) Na 2.ª ed., por erro typographico lemos "*des* reputations".

(**) Na transcripção do exemplo, no lugar acima, omittiu-se a palavra ordinaire".

(58) *Sweet. A New English Grammar*. Parte 1.ª Pg. 44.

"*Isto, porém,* de leitores methodicos, a meo juizo, não *apontam* a sua superciliosa censura a poemas".

(Camillo. *Esboços* (*) *de Apreciações Litterarias.* Pg. 241).

Já, noutra parte, deixando a construcção antigrammatical, disseram o autor da *Arte de Furtar* e Castilho Antonio:

"*Isto* de balanças *deve* andar sempre muito vigiado".

(*Arte de Furt.* Pg. 230).

"Mas eu ouço que *isto* das leis *anda* sempre a mudar".

(*Colloq. Ald.* Pg. 247).

Entre os casos de concordancia do adjectivo com o substantivo, distingue os seguintes Salomon Reinach:

a) "Ha *syllepse* ou *synesis.* O adjectivo põe-se no genero e numero que convêm á ideia do sujeito: "*Capita conjurations virgis caesi*". Com os partitivos, o verbo pode pôr-se no plural, ficando o adjectivo no singular: "*Veniunt leve vulgus euntque*".

b) "Pela *attracção.* Ha quatro sortes de attracção: 1.º O demonstrativo, que devera ficar no genero neutro, concorda com o attributo. Esta attracção é de rigor: *Ea est vera sapientia, secundum naturam vivere — Haec* (isto é, *Arpinum) est mea patria. — Nullam virtutem nisi malitiam putant.* 2.º O relativo concorda com o attributo da relativa, em vez de concordar com seo antecedente: "*Quae* (em vez de *quod) apud alios iracundia dicitur, ea in imperio superbia appellatur*". (Sall. Cat. 51) — "*Est in carcere locus quod Tullianum appellatur*". (Sall. Cat. 55, 3). 3.º O verbo substantivo concorda em numero com o substantivo predicado, e não com o sujeito: "*Amantium irae, amoris integratio est*". (Ter. Andr., 3.3.23). 4.º O verbo concorda com a apposição, e não com o termo que ella qualifica: "*Volsinci, oppidum opulentissimum, concrematum est fulmine*".

Ainda, no que respeita á mesma construcção grammatical, Reinach distingue a *attracção* do relativo, explicando-a assim:

"Chama-se *attracção* uma construcção pela qual o relativo toma o caso do antecedente, este o caso daquelle.

"A *attracção* do relativo ou directa, que é quasi de rigor em grego, é rarissima em latim.

"A *attracção* inversa, pelo contrario, é frequentissima nessa lingoa.

(*) — "Esboço", como se lê na edição original, de 1905, é erro de revisão. Fizemos a emenda.

a) "*Attracção* do relativo: "*Raptim, quibus quisque poterat, elatis*". (Liv. 1, 29). "*Judice, quo nosti* (*) *populo*". (Hor.).

b) "*Attracção* inversa. Encontra-se ordinariamente nos tres casos seguintes:

1.º "Quando o demonstrativo segue o relativo, sendo a *attracção*, neste caso, rara: "*Quam quisque norit artem, in hac se exerceat*".

2.º "Encontra-se quasi sempre a *attracção*, quando o substantivo antecedente é apposto de uma expressão anterior: "*Firmi amici eligendi sunt, cujus generis (= genus cujus) est magna penuria*".

3.º "Emprega-se frequentemente a *attracção*, quando o substantivo antecedente tem com a sentença principal a relação denotada por *pro:* "*Si mihi negotium permisisses, qui meus amor in te est (= amore meo qui in te est) confecissem*". (59).

Vê-se, pois, que, em nenhum dos casos da *attracção*, precedentemente citada, nem ainda nos de que falla o Dr. Ruy, mencionados nas *Grammaticas* de Roby e de Riemann e Goelzer, se acha indicada a attracção no sentido em que a tomou o illustre critico. E se assim não é, diga-me o Dr. Ruy em qual dos casos, que referio em sua *Replica*, está encerrada a *attracção* de que falla?

Que sympathia ou imanização verbal é essa que se affirma existir entre o *que* adjectivo ou conjuncção, e o sujeito da phrase, em que figuram taes elementos grammaticaes, quando innumeros exemplos a desmentem?

Que *attracção* haverá entre o sujeito de uma sentença e os vocabulos *ainda que, se, quando, não*, á luz da qual o illustre (**) autor da *Replica* impugna aquellas phrases de minha *Grammatica Philosophica*, tão frequentemente abonadas pelos melhores escriptores, e que tão fundas raizes têm nas tradições de nossa lingoa?

A *attracção* de que falla o distincto philologo João Ribeiro, tomando o vocabulo num sentido mais amplo, para explicar em alguns casos a anteposição aos verbos das variações pronominaes obliquas, não é identica á mesma construcção grammatical de que trata o Dr. Ruy; nem João Ribeiro, nem grammatico algum, mencionam essa *attracção* nova, novissima, pela qual certos elementos grammaticaes

(*) Na 2.ª ed., por erro da impressão, lemos "nostri". A phrase encontra-se nas Sat., Part. I, Sat. 6, v. 15.

(59) — *Gram. Lat.* Pg. 178–89–90.

(**) Na 2.ª ed. supprimiu-se a palavra "*illustre*", por engano de revisão.

arrastam forçosamente á sua vizinhança immediata o sujeito da sentença, com a mesma fatalidade com que o iman arrasta e attráe o ferro, que se lhe offerece no campo magnetico.

Possivel seria, do mesmo modo que João Ribeiro admitte a *attracção* para, em certas circumstancias, explicar a proclise dos pronomes obliquos, admittil-a para explicar a anteposição do sujeito, se a isso se não oppuzessem as tradições da lingoa, claramente attestadas pelo notavel numero dos exemplos que apresentamos, e que facillimo nos fôra multiplicar. Tão sobejamente nol-os suggere a lição dos bons modelos!

Pode, pois, o Dr. Ruy dar preferencia á construcção de que usou na emenda; mas descobrir na phrase do *Projecto*, que tão injustamente refuga, dissonancia, inadmissibilidade, falta de intuição vernacula, isso é que não pode ser, e julgamos havel-o plenamente demonstrado.

Nem conseguio, portanto, o Dr. Ruy combalir a definição que demos de *attracção*, e os exemplos apontados para illustral-a, (60) nem justificar a realidade desse facto grammatical, encarado á luz differente, e que procurou oppôr á construcção da phrase do *Projecto*.

Essa *attracção*, que perfilha, nem a autorizam os philologos e grammaticos, ainda aquelles que busca em seo auxilio, nem a defende o uso dos nossos bons exemplares, onde se colhem, em numero avultado, exemplos que a desmentem.

(60) — Vide *Ligeiras Observações*. Pg. 24, 25, 26.

XIII

Datar em e datar de.

Em uma nota ao n. XIV do art. 187 do *Projecto*, havia o topico seguinte, escripto pelo Dr. Ruy:

"Para a emergencia de nullidade ou annullação do casamento, porém, *data* o começo do prazo *na* separação judicial".

Censuramos a expressão de que usou aqui, escrevendo: "*data* o começo do prazo *na* separação", em vez de *data* o começo.... *da* separação".

Na *Replica* (n. 114), (*) assim se enuncia o illustre Dr. Ruy Barbosa, respondendo ao reparo que lhe fizemos:

"Não será igualmente correcta a expressão *datar em?*

"Não soffre duvida que sim. Das duas, até seria a preferivel, se houvessemos de consultar antes a exacção que o uso".

E entra o Dr. Ruy, para justificar a syntaxe usada em seo *Parecer*, a citar algumas phrases em que se nota a expressão *datar em*, tendo antes mostrado a etymologia do vocabulo *data*, do latim *data*, plural neutro do participio *datus* de *dare*, dar.

Mas, em o n. 360 da *Replica*, tratando dos erros typographicos de seo *Parecer*, arrefece-lhe, ao que parece, o ardor com que defende a phrase, e volve ao mesmo assumpto, escrevendo:

"Noutro lugar deo com a locução *datar na*, por *datar da*. Comquanto *datar em* seja forma classica, do que infelizmente o mestre não sabia, hoje ninguem diz senão *datar de*. Mas o Dr. Carneiro, por não figurar que os compositores ou revedores trocassem um *d* em *n*, deixou-me a autoria da expressão impressa, para ter ensejo de me envergonhar com a ignorancia da preposição adequada ao complemento indirecto do verbo *datar*".

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se a virgula.

Não foi por ignorar a expressão *datar em,* como tão ao de leve suppõe o Dr. Ruy, que extranhei a syntaxe por elle empregada no ponto que deo origem ao meo reparo; sei de seguro que os nossos classicos usavam da expressão *data em* (*data substantivo*) e *datar em;* mas impugnei esta ultima, por descabida no lanço censurado a preposição *em;* e tão certo é que a razão está de meo lado, que, apezar de havel-a por classica e igualmente correcta, o eminente censor colloca entre os erros typographicos o *na* alli empregado, em vez do *da.*

Se a expressão *datar em* é igualmente correcta, se das duas até seria a preferivel, se houvessemos de attender antes a exacção que o uso, porque relegal-a entre os erros typographicos?

Classica, em verdade, é a expressão *datar em,* e ninguem contestará a vernaculidade das expressões "*carta datada em* 2 de Março", como igualmente se diz "*datada de* 2 de Março".

Diziam os latinos: "*Literæ datæ Placentiae*" (Cic.) "*Ego frater Milo datavi in mense Maio — Hanc scripturam scripsi et datavi 6 Idus Julii*". (*Du Cange.* T. 3.º Pg. 11).

Mas ninguem reputará correcto o emprego do *na* por *da* na phrase do alumiado critico, assim impressa no *Parecer:*

"Para a emergencia de nullidade ou annullação do casamento, porem, *data* o começo do prazo *na* separação judicial".

Datar neste e noutros casos analogos não é seguido da preposição *em,* senão da preposição *de,* não significa pôr a data em, mas principiar a contar-se, durar, existir desde certo tempo.

Não se diz em portuguez: esta pratica *data em* tempos immemoriaes, mas *de* tempos immemoriaes; a republica no Brasil *data em* 1889, mas *de* 1889; é *naquelle* tempo que *data* este costume, mas é *daquelle* tempo...; a era christã *data no* nascimento de Christo, mas do nascimento de Christo; *data em* Janeiro a sua loucura, mas *data de* Janeiro; *ahi datam* as minhas infelicidades, mas *dahi datam* as minhas infelicidades; a sua rivalidade *data em* tal anno, mas *de* tal anno; as suas melhoras *datam no* dia vinte em diante, mas *do* dia vinte em diante; esta sociedade *data em* 1880, mas *de* 1880; *na* morte de meo pae *datam* todas as minhas desgraças, mas *da* morte de meo pae...

Disse Castilho Antonio na *Felicidade pela Agricultura* (Vol. 1.º Pg. 36):

"Affirmamos, porem, e poderia provar-se, (*) que *da* fundação da Sociedade promotora *data* um progresso notavel na agricultura".

(*) Na 2.ª ed., de 1923, omittiram-se, neste passo, a virgula depois de "provar-se" e a palavra "que". A phrase encontra-se á pag. 76 da "Felicidade pela Agricultura", ed. "Classicos Contemporaneos". — Rio — s/d.

E Latino Coelho:

"É a *datar de* Pavia (*) e Saint Quentin, onde os celebres terços hespanhoes principiam a divulgar a sua reputação proverbial, que as grandes guerras européas determinam profundas alterações nas... instituições e formas dos exercitos".

(*Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 3.º Pg. 5).

E noutro lugar:

"Para que a sciencia possa *delles datar* com segurança uma nova e grandiosa revolução".

(*Oração da Corôa.* Pg. CCXLI).

Por atalharmos razões: ou a expressão *datar em*, que se nota na emenda do Dr. Ruy ao art. 187, n. XIV do *Projecto*, é erronea ou não; se o é, como affirmar, em o numero 115 de sua *Replica*, que eu é que erro, se lh'a procuro corrigir? Se o não é, como incluil-a entre os erros typographicos e sustentar desenganadamente que hoje ninguem diz senão *datar de?*

Acareemos os dois topicos encerrados em os numeros 115 e 360, e para logo nos convenceremos de que nada têm de concordes:

Replica, n. 115. Aqui escreve o Dr. Ruy:

"Neste lanço perde o Dr. Carneiro outra vez de vista o substitutivo, para ir restolhar erros nas minhas notas.

"Mas, ainda aqui, não se sahio bem do intento.

"Averbando-me de erronea a expressão *datar em*, é o mestre quem erra".

Replica, n. 360. Neste numero assim se exprime o eminente censor:

"Noutro lugar deo com a locução *datar na*, por *datar da*. Comquanto *datar em* seja forma classica, do que infelizmente o mestre não sabia, hoje ninguem diz senão *datar de*.

"Mas o Dr. Carneiro, por não figurar que os compositores ou revedores trocassem um *d* em *n*, deixou-me a autoria da expressão impressa, para ter ensejo de me envergonhar com a ignorancia da preposição adequada ao complemento do verbo *datar*".

(*) Na 2.ª ed. lemos por erro typographico "Paiva".

Se, como aqui diz, é verdade ser a preposição *de* a adequada naquelle lugar de sua emenda, e não a preposição *em*, não sou eu certamente o que erro, desde que é essa mesma preposição *em*, contida no *na*, que aponto e combato como inadequada na phrase empregada pelo Dr. Ruy, e que alvitro seja substituida pela preposição *de*, que, segundo affirma o proprio autor da *Replica*, é a *adequada ao complemento indirecto do verbo datar*.

XIV

Retrotrahir

No § 4.º do art. 204 do *Projecto*, censura o Dr. Ruy Barbosa o emprego do verbo *retrotrahir* no sentido intransitivo, que se lhe deo no topico seguinte:

"Este registro fará *retrotrahir* os effeitos do casamento, em relação ao estado dos conjuges, á data da celebração, e em relação aos filhos communs, á data do nascimento".

Emendando este artigo, ponderou o douto censor em seo *Parecer*:

"O verbo *retrotrahir* é transitivo, não neutro. Não quer dizer *recuar*, mas *fazer recuar*. A redacção correcta, aqui, seria: "Este registro *retrotrahirá* os effeitos do casamento".

A mesma censura faz á redacção dos arts. 539 e 627, onde o *Projecto* o não emprega no sentido transitivo.

Na *Replica*, ainda o Dr. Ruy mantém a mesma censura.

A esse reparo do provecto escriptor respondemos que os diccionarios não consignam, é verdade, o verbo *retrotrahir* senão dando-lhe objecto directo, mas que, se do verbo *retrahir*, synonymo daquelle, se encontram exemplos do sentido intransitivo, bem que o não registem os nossos lexicologos, não é para extranhar que ao verbo *retrotrahir*, que é tomado na mesma accepção, se possa, sem erro, adaptar a mesma syntaxe.

O mais moderno dos nossos diccionarios, o de Candido de Figueiredo, consignando o verbo *retrotrahir*, assim escreve:

"*Retrotrahir*, v. t. o mesmo que *retrahir;* fazer remontar á origem; fazer recuar. (De *retro*... + *trahir*)".

E nada mais.

Ora, ao verbo *retrahir* não lhe aponta este diccionario, não lhe aponta nenhum outro diccionario portuguez até hoje publicado, o sentido intransitivo.

Entretanto disse Latino Coelho, como já citamos, em nosso primeiro trabalho (61):

"A escholastica *retrahia* perante a corrente impetuosa das ideias no século 18".

(*Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 1.º Pg. 299).

E ainda, na mesma obra, a pg. (*) 389 e 443:

"Mas era tão facil em aventurar-se, quão habil em dissimular ou *retrahir* á minima resistencia das côrtes adversas".

"E forçara os invasores a *retrahirem* mal parados".

E no tomo 2.º Pg. 80:

"Eram concordes os hespanhoes em exalçar a briosa competencia, com que os portuguezes se tinham empenhado, por serem sempre dos primeiros a accommetter e os ultimos a *retrahir*".

Na pagina 103 da *Oração da Corôa*, o mesmo escriptor se vale da mesma syntaxe, na seguinte phrase:

"Não *retrahirei* deante de nenhum".

Tambem ao verbo *reger*, segundo affirma o Dr. Ruy, os nossos diccionarios só attribuem o sentido transitivo; não são raros, entretanto, os exemplos da accepção intransitiva, dada a esse verbo pelos nossos bons escriptores, como mais ao diante veremos, respondendo a uma censura analoga.

Os verbos *retirar*, *recolher* tambem são geralmente empregados como transitivos; sem embargo, escreveo Latino Coelho:

"Conseguem *retirar* em boa ordem".

(*Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 3.º Pg. 115.)

"Ao fim da tarde os francezes *retiraram* sobre as suas primeiras posições".

(Ibid. Pg. 319).

"Accommettidos com vigor os cavalleiros inimigos, *retiraram* promptamente".

(Ibid. Pg. 275).

"Forçaram os aggressores a *recolher* á praça".

(Ibid. Pg. 450).

E Camillo escreveo:

"*Recolhia* Jorge Zuzarte do theatro de S. Carlos".

(*Esboços de Apreciações Litterarias*. Pg. 21).

---

(61) *Ligeiras Observações*. Pg. 27.

(*) Na 2.ª ed., lemos "a pags.".

XV

Desagradar.

Na exposição preliminar de seo *Parecer,* escreveo o Dr. Ruy Barbosa:

"Perdoem-me, portanto, aquelles, cujo amor proprio as necessidades desta situação me constrangem a *desagradar*".

Extranhei-lhe a syntaxe contida nesse trecho, com as seguintes palavras:

"O que não é para imitar é dar a certos verbos complementos que de todo se antiquaram, como o directo aos verbos *obedecer, agradar, desagradar,* como fez, em relação ao ultimo, o preclaro censor, dizendo: "Perdoem-me, portanto, aquelles, cujo amor proprio as necessidades desta situação me constrangem a *desagradar*", evocando uma syntaxe do seculo 16 e 17, totalmente cahida em desuso". (62)

Eis o que em sua *Replica* o insigne critico julgou conveniente oppôr á censura:

"Sustenta o Dr. Carneiro que este verbo não tolera complemento directo. Errei, a seo juizo, evocando assim uma syntaxe de todo em todo antiquada, uma syntaxe do seculo XVI e XVII, hoje totalmente cahida em desuso.

"Bem facil me fôra esquivar a controversia, repudiando a redacção incursa nesta censura. Levissimo deslise typographico elidio-me alli, com effeito, a preposição *a,* uma simples lettra, em sequencia ao pronome *aquelle.*

"O que eu escrevi, e está no meo autographo, ainda conservado, foi isto: "Perdoem-me aquelles, *a* cujo amor proprio as necessidades desta situação me constrangem a desagradar".

"Não me quero, porém, utilizar de semelhante defesa. Acceito a suppressão typographica do *a;* e, acceitando-a, mostrarei, sem difficuldade, a semrazão e semjustiça da critica adversa ao meo escripto". (63).

---

(62) *Ligeiras Observações.* Pg. 31.

(63) *Replica.* § 20 n. 120.

O criterio da censura infere-se da propria defesa que faz o Dr. Ruy da syntaxe que perfilha. Se, com effeito, a attribue a deslise typographico, como reputar semrazão e semjustiça a critica feita á expressão que elle mesmo considera deslise typographico?

Se deslise houve, como diz, que semrazão ha em apontal-o donde quer que proceda?

Mas o talentoso antagonista abre mão da defesa, fundada no erro ou deslise typographico, para apadrinhar a expressão impugnada, e, afim de o fazer, soccorre-se a exemplos de Vieira, Manoel Bernardes, Lucena, Souza, Fr. Antonio das Chagas e Manoël Thomaz.

Ora, todos esses escriptores, citados pelo Dr. Ruy, á excepção de João de Lucena, que viveo no seculo 16, floresceram no seculo 17, tendo o segundo logrado viver ainda 10 annos no seculo 18, nos dois ultimos dos quaes perdeo o lume da razão.

Foi o que dissemos nas Ligeiras Observações, quando affirmamos que, empregando o verbo *desagradar* como transitivo directo, o illustre Dr. Ruy usava de uma syntaxe do seculo 16 e 17, totalmente cahida em desuso.

Ha na *Replica* do douto e esclarecido critico um topico em que se nota um manifesto anachronismo, quando se refere aos escriptos de Lucena e outros escriptores. Diz o Dr. Ruy:

> "Ainda bem que uma coisa, ao menos, não poderá escurecer o illustre philologo bahiano: não conseguirá escurecer que os escriptos de Vieira, M. Bernardes, Lucena e Fr. Luiz de Souza são menos antigos do que as obras de Jacinto Freire e Ruy de Pina". (64)

Que se diga que Vieira, M. Bernardes, Frei Luiz de Souza são menos antigos que Ruy de Pina, bem; nada se faz mais que affirmar uma verdade historica; mas collocar Lucena depois de Jacinto Freire é erro chronologico.

Lucena é mais antigo que Souza, Jacinto Freire, Vieira e Bernardes O primeiro morreo em 1600; o segundo, em 1632; o terceiro, em 1657; o quarto, em 1697; o ultimo, em 1710.

Não é, pois, exacto dizer, como affirma em sua *Replica* o alumiado adversario, que os escriptos de Lucena sejam menos antigos que os de Jacinto Freire.

Quando este tirou á luz, em 1651, a *Vida de D. João de Castro,* já Lucena, o elegante autor da *Historia do Padre Francisco Xavier,* havia desapparecido dentre os vivos.

---

(64) *Replica.* § cit. n. 122.

Lucena não é, logo, menos antigo que Jacinto Freire.

Reatando o fio de nossas ideias, diremos:

Não importa que os diccionarios consignem os verbos *agradar*, *desagradar*, dando-lhe, ao lado do sentido transitivo indirecto, que se lhe dá hoje, o transitivo directo, que lhe (*) attribuiam algumas vezes os nossos classicos; dahi váe muito a inferir-se que seja de uso actual o emprego neste ultimo sentido.

Não se diz hoje correctamente: elle *os* desagradou, eu *o* agradei muito, a viagem *os* desagradou, o espectaculo não *a* agradou, a representação do drama não *a* desagradou, a impressão do livro desagradou muito *o* autor, a caça *o* agrada muito, as condições do tratado desagradaram *o* povo; mas elle *lhes* desagradou, eu *lhe* agradeci muito, a viagem *lhes* desagradou, o espetaculo não *lhe* agradou, a representação do drama não *lhe* desagradou, a impressão do livro desagradou muito *ao* autor, a casa *lhe* agrada muito, as condições do tratado desagradaram *ao* povo. (65)

No Padre Antonio Vieira acham-se, é verdade, exemplos de uma ou outra syntaxe. Taes os contidos nos seguintes trechos:

"Aos que mais o serviam e *o agradavam*, pagava-lhe com a sua graça".
(*Serm.* T. 2.º Pg. 81).

"Alli está o que agrada a Deos e o que *o desagrada*".
(Ibid. Pg. 82).

"Todos os outros titulos que damos a esta Senhora, *lhe agradam* muito".
(Ibid. T. 11. Pg. 194).

"Que nenhuma outra *lhe agrada* tanto á mesma Senhora".
(Ibid.).

"Todos estes titulos *agradam* muito *á* Senhora".
(Ibid. Pg. 195).

Mas, no uso actual de nossa lingoa, não se dá aos verbos *agradar* e *desagradar* outro complemento que não seja o indirecto.

(*) Na 2.ª ed. collocou-se no plural o pronome obliquo "lhe", nos tres lugares do periodo: "dando-lhes", "que se lhes dá" e "que lhes attribuiam".

(65) Ninguem hoje em dia dirá, como disse Francisco de Moraes, no *Palmeirim*: "A duqueza que em extremo *lhe* amava". (*Palm.* Parte 2.ª Cap. 74. Pg. 500).

Entretanto, não é só em Ruy de Pina, João de Barros e outros de nossos escriptores antigos, que se exemplifica o verbo *ladrar* como transitivo directo, bem que ordinariamente se lhe dê o sentido intransitivo.

Ainda hoje em dia ninguem repugnará a dizer *ladrar* insultos, calumnias, pragas, maldições, blasphemias; e Camillo não duvidou escrever a seguinte phrase:

"Porque o Snr. Theophilo *ladrou* arrogantemente a Castilho, a Herculano, a Garrett, a Rebello, a Varnhagen".
(*Noites de Insomnia. Feitiços de Guitarra.* Pg. 21).

Nem, empregando o verbo na passiva, Castilho receiou dizer:

"Sem nos livrarmos de *ser ladrados* e mordidos na sombra por alguns sabujos".
(A. Cast. (*) Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 6.º Pg. 51).

No mesmo sentido diziam algumas vezes os latinos *aliquem latrare.*

"Si quis
Opprobriis dignum *latraverit* integer ipse?"
(Hor. Liv. II. *Sat.* 1.ª Vers. 85).

Outro tanto poderemos dizer do verbo *voar*: este verbo não foi só empregado por Jacinto Freire como transitivo directo. Luiz Filippe Leite, escriptor moderno, usou-o nesse sentido, no *Ramalhetinho da Puericia,* escrevendo:

"Sempre eram sete legoas, mas *voei-as*".
(Pg. 104).

Não negamos fosse o verbo *desagradar* usado com regime directo ou indirecto, do que nos forneceo já exemplos o Padre Antonio Vieira; o que convencidamente affirmamos é que o uso actual não lhe dá objecto directo, e não foi outra a razão porque o Dr. Ruy, em sua *Replica,* attribue a deslise typographico a syntaxe que empregou no topico censurado, e que infundadamente se esforça por defender.

Assim como *agradar, desagradar, obedecer, comprazer, succeder, corresponder, incorrer, perdoar* (com objecto directo expri-

(*) Por engano da revisão lemos na 1.ª ed. "A Cart.". Fizemos a corrigenda, conforme a 2.ª ed.

mindo pessoa) se antiquaram em accepção transitiva directa, assim se vão antiquando como transitivos directos os verbos *resistir, obstar.*

Isso não obstante, encontram-se em Barros, Lião, Vieira os lanços seguintes:

"Outros governadores, que o *succederam*".
(*Dec.* 3.ª Liv. 2.º Cap. 6.º. Pg. 174).

"Boa vontade que tinha de *a comprazer*".
(*Chron. d'el-rei D. João o* 1.º Cap. 81. Pg. 391).

"Antes que ella o *incorresse*".
(*Serm.* T. 5.º Pg. 40).

"Ninguem *a* podia *resistir*".
(Id. Ibid. Pg. 172).

"Defendendo-a a que *o* não *incorresse*".
(Id. Ibid. Pg. 51).

"Mal podiam *resistir o* peso e tumulto das gentes".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 213).

"E da morte que *incorrem os* máos".
(Id. Ibid. Pg. 118).

"*Incorrendo as* penas do duello".
(Id. Ibid. T. 15. Pg. 93).

E Castilho escreveo no *Fausto*:

"E' bem que conceda,
Ao meo impulso actual, ou que o *resista?*"
(Pg. 43).

Dando complemento directo ao verbo *obedecer*, disse Vieira:

"Melhor *os obedecerão*".
(*Cart.* T. 1.º Pg. 53).

"Não pude deixar de *a obedecer*".
(Ibid. T. 2.º Pg. 197).

E na *Arte de Furtar* se nos depara o verbo *perdoar* com regime directo designativo de pessoa:

"Chegou a semana Santa, mordeo-os a consciencia, como costuma; fizeram petições ao Bispo, que *os perdoasse*, sem se assignarem nella".
(Pg. 398).

Hoje, porém, ninguem escreverá assim.

Com respeito ao verbo *soccorrer*, succede o inverso: este verbo era antigamente acompanhado ás vezes de regime indirecto; hoje não se lhe dá senão o regime directo.

Diz-se: elle *os soccorreo* e não elle *lhes soccorreo;* seo irmão muito o *soccorreo* e não muito *lhe soccorreo.*

"Onde a náo *lhe* podia *soccorrer*".
(Barros. *Dec.* 3.ª Liv. 3.º Cap. 6.º Pg. 300).

Aos verbos *matar, cortar, ferir* davam ás vezes nossos classicos antigos complementos indirectos, acompanhados da preposição *em*, quando nos mesmos casos se lhes não dá hoje senão complemento directo.

Assim que se encontram os exemplos seguintes:

"*Matavam em* elles mui sem piedade".
(Azurara. *Chron. de Guiné.* Pg. 206).

"Começou de *cortar naquellas* armas e carne de seo proprio filho",
(Moraes. *Palmeirim.* Part. 2.ª Cap. 51 Pg. 345).

"Os ginetes castelhanos, vendo fugir os peães portuguezes, *matavam nelles* quantos queriam".
(Lião. *Chron. d'el-rei D. João o* 1.º T. 1.º Cap. 52. Pg. 218).

"No qual com grande accordo e esforço se salvou, *ferindo e matando nos inimigos.*
(Id. *Chron. d'el-rei D. Duarte.* Cap. 12. Pg. 48).

"Começou a *ferir nos* que a guardavam".
(Id. *Chron. d'el-rei D. João o* 1.º Cap. 64. Pg. 286).

Em sentido analogo, empregando o verbo *derribar*, disse Barros:

"Não faziam senão *derribar nelles* ás frechadas".
(*Dec.* 3.ª Liv. 8.º Cap. 9.º Pg. 334).

Ainda em Castilho Antonio se encontra o seguinte:

"Não ha metter-lhe dente. Ando, ha que tempos,
a *matar nelles*, sem parar na faina".
(*Fausto.* Pg. 96).

Por tudo quanto atraz ficou dito em relação ao verbo *desagradar*, o leitor aquilatará se ha razão no seguinte trecho da *Replica*:

"Em verdade não se pode aberrar mais despropositadamente da evidencia e da justiça. Desdenham-se, por archaicas, expressões do seculo XVII, para se recommendarem como novas, locuções do seculo XVI e do seculo XV". (66)

(66) *Replica* § 20 n. 122.

XVI

Querer.

Na exposição preliminar ao *Parecer* do Dr. Ruy, estava escripto:

"Querendo com amor o idioma, que fallamos, meo carinho habitual por elle naturalmente me levava a encarar com cuidado esta face do assumpto".

Extranhando a expressão alli contida *querendo com amor o idioma que fallamos*, fizemos as seguintes ponderações sobre o complemento do verbo *querer*, no sentido em que era tomado:

"É ainda para observar que o verbo *querer* na accepção de *querer bem a algum, dedicar-lhe affecto e amizade, votar-lhe amor*, é sempre acompanhado de complemento ou objecto indirecto, passando o mesmo com o verbo *malquerer*.

Assim é que toda a gente diz: *quero-lhe muito* e não: *quero-o muito*.

Sempre assim foi que disseram os nossos escriptores, antigos e modernos".

E para justificar a nossa these, apresentamos exemplos colhidos de Lucena, Garrett, A. de Castilho e Latino Coelho, e adduzimos trechos latinos, em que se nota a mesma syntaxe no uso do verbo *velle*, no mesmo sentido de *querer bem a alguem, votar-lhe affecto, amizade*, taes as phrases *bene tibi vult; non sibi male vult; qui mihi male volunt*, encontradas em Plauto, Petronio e Terencio, rematando nossas observações nos seguintes termos: "Não obedecendo, porém, á syntaxe usada pelos bons modelos da linguagem, no que respeita ao verbo *querer*, tomado no sentido a que alludimos, diz o eminente conselheiro Ruy Barbosa: "*Querendo com amor o idioma que fallamos*", quando ninguem diz senão *querendo com amor ao idioma que fallamos;* se não ha nisso equivoco, não me parece justificavel a syntaxe de que usou".

Na *Replica*, em o numero 123, assim responde ao reparo que se lhe fez á syntaxe do verbo *querer*, encerrado naquelle trecho do *Parecer*:

"É o mesmo caso do reparo antecedente: a inadvertida elisão do *a*".

"Imprimio-se "o idioma", onde havia de ser "*ao* idioma". Quem quer que haja experimentado o rever provas, saberá com que facilidade escapam essas differenças de lettra aos olhos mais adestrados, sobretudo aos do proprio autor, que, lendo no seo pensamento, cuida amiude ter visto no impresso o que apenas lhe estava na ideia". (67)

"Depois o commercio dos bons escriptores", continua noutro lugar o distincto Dr. Ruy Barbosa, "que sempre me captivou desde menino, sob o influxo do modelo paterno, estava diariamente a me trazer aos olhos a syntaxe habitual do verbo *querer*".

E aqui cita o Dr. Ruy um exemplo dos *Lusiadas* e nove exemplos mais, extrahidos das obras de Castilho Antonio, em que, tomando-se o *querer* na accepção de *querer bem a*, não se lhe dá outro complemento senão o indirecto.

E quando se julgaria que, fazendo justiça ao reparo da censura, explicado plenamente aquelle equivoco pela omissão typographica da preposição *a* unida ao artigo, o insigne Dr. Ruy Barbosa puzesse assim remate á questão, reduzindo a critica ao silencio, eil-o em o numero 124 defendendo a syntaxe que havia sido causa do reparo, e que eu affirmei não me parecer justificavel.

É esta a linguagem do Dr. Ruy:

"Mas, quando a esse continuo repetir de locuções tão usuaes me fôra insensivel o ouvido, ou de todo infiel a lembrança, e eu houvera adoptado voluntariamente a forma syntaxica, de que me increpam, não teria cahido em erro.

"Dos mais antigos tempos da nossa lingoa aos mais recentes, varios exemplos testemunham que, comquanto muito menos usado, não era, nem é totalmente defeso o empregar-se transitivamente, na accepção de que se trata, o verbo *querer*". (68)

Examinemos os exemplos que nos offerece o Dr. Ruy Barbosa para justificar a syntaxe que procura apadrinhar, embora a inclua, como o fez relativamente ao verbo *desagradar*, entre os erros typographicos:

"*Portugal*, Senhoras, *quero*".
(Gil Vicente. *Obr.* III. Pg. 298).

---

(67) *Replica* § 21. n. 123.

(68) *Replica* § 21 n. 124.

Neste exemplo de Gil Vicente, extrahido de um dos seos Autos, só a leitura de todo o trecho que contém esses versos nos poderá esclarecer o sentido em que o poeta toma aqui o verbo *querer*. Nada com effeito impede que digamos: *quero minha choupana, quero meo paiz, quero minhas ovelhas, quero minha pobreza.*

"Esta terra *o quer*", diz Bluteau, em seo diccionario, traduzindo para o latim — *hic bene*, ou *belle*, ou *præclarè se habet.*

Vê-se que em todas essas phrases pode empregar-se correctamente o verbo *querer*, dando-lhe complemento directo; aqui o verbo *querer* não tem o mesmo sentido *de querer bem a, dedicar affecto a, votar amor a,* mas significa *desejar, preferir, acceitar, acolher, ambicionar, anhelar.*

Disse Vieira num dos seos *Sermões*:

" E achando finalmente o esposo, dá-se os parabens de o haver achado, tem mão nelle, diz que já *o quer*, que já o ama, que já ha de ser seo, e que o não ha de largar".

(T. 8. Pg. 40).

O segundo exemplo, citado pelo Dr. Ruy, é o de Antonio Ferreira, na *Comedia do Cioso*, e assim redigido:

"Taes são os homens. Ay Faustina, que te dizia eu? Aprenderás ás tuas custas, pois não quizeste as alheias. Somos tão coitadas e tão parvoas, que *os queremos e* desejamos".

(A. III. S. 8. Obr. Vol. II. Pag. 465).

Neste passo de Ferreira o verbo *querer* não tem a significação de *querer bem*: a expressão *os queremos* e *desejamos* vale o mesmo que *os queremos por amantes, os desejamos, os ambicionamos por amantes.*

"Bemquerença he tam geral nome que a todas pessoas *que* mal nom *queremos*, podemos bem dizer que *lhe* queremos bem".

(*Leal Cons.* Pg. 247).

Citando este trecho do *Leal Conselheiro*, enuncia-se dest'arte o insigne censor:

"No excerpto seguinte do *Leal Conselheiro* nos depara a regia prosa d'el-rei D. Duarte, em duas linhas, as duas formas desse verbo".

Ha no que diz aqui o Dr. Ruy erro manifesto. Onde encontrou o illustre contradictor no exemplo citado as duas formas do verbo *querer?*

Julga então o Dr. Ruy que o primeiro *que* do lanço do *Leal Conselheiro* faz de complemento directo? Que funcção ficaria então representando o substantivo *mal*, que se lhe segue?

Não; enganou-se o Dr. Ruy: o substantivo *mal* faz no exemplo de D. Duarte o papel de objecto directo, e o *que*, cuja preposição se deve subentender, exerce a funcção de objecto indirecto; neste ponto, estamos certos, não ha que contestar.

Para combater essa maneira erronea pela qual o Dr. Ruy analysa o exemplo de D. Duarte, nada melhor fazemos que oppôr-lhe suas proprias palavras, contidas em o numero 123 de sua *Replica*. Ei-las:

"Não ha, com effeito, vozes mais corriqueiras na lingoa portugueza que as do verbo *querer* no sentido vulgarissimo de ter affecto, amor, amizade, ou aversão: *querer bem, querer mal*, ou simplesmente *querer*. O bem, ou o mal, que se quer, é, nesses casos, o complemento directo do verbo: de sorte que a pessoa, ou coisa, a que se quer *o* mal, ou *o* bem, representará necessariamente um complemento indirecto. Em faltando, portanto, o complemento directo, nas phrases cujo torneio elliptico o subentende, a situação grammatical da coisa, ou pessoa, a cujo respeito se cogita em exprimir a disposição de animo do agente, não mudará de natureza".

Ora, se assim é, como bem o diz o Dr. Ruy Barbosa, como, no exemplo de D. Duarte "a todas as pessoas *que* mal nom queremos, podemos bem dizer que *lhe* queremos bem", sublinhando o *que*, não considera já o substantivo *mal* como complemento directo, e sim o conjunctivo *que*, o qual, modificando o substantivo pessoas, seo antecedente, *representará necessariamente um complemento indirecto?*

Não foi mais feliz o Dr. Ruy, apresentando a seguinte redondilha de Camões:

"Menina, tende maneira
Que ainda não venha a ser,
Pois não *quereis quem* vos quer,
Que *queiraes quem* vos não queira".

Empregando o poeta portuguez o complemento indirecto com o verbo *querer*, seria igualmente correcto, mas o sentido é que não fôra exactamente o mesmo.

Analogamente disse Garrett, usando do complemento directo:

"Todas tres são minhas filhas,
Oh! Quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a hei de casar".
— "A vossa filha *não quero*,
Que vos custou a criar".

(*A Nao Catharineta*. Vide *Selecta Nacional* de Aulete. Pg. 37).

Depois da redondilha do autor dos *Lusiadas*, traz o illustre Dr. Ruy, em apoio de sua these, o exemplo seguinte, attribuido a João

"Ver ante si D. Garcia de Noronha seo sobrinho, *que* elle muito *queria* por suas calidades".
(II. VII. 2.º).

O trecho, citado pelo Dr. Ruy em sua *Replica*, não está assim escripto na *Decada II*, impressa em Lisboa, na Regia Officina Typographica, em 1777; o que ahi se lê, no Livro VII, Capitulo III. Pg. 175, é o seguinte:

"Porque ver elle ante si D. Garcia de Noronha seo sobrinho, A QUE elle muito *queria* por suas qualidades, com aquella honra de Capitão mór de seis náos que naquelle tempo, e naquella idade que elle tambem tinha, parecia fazer-lhe El-Rei D. Manoel aquella vantagem...".

Si o eminente critico extrahio o exemplo do proprio texto da referida *Decada*, como se colhe da indicação que faz, omittio o *a*, que a correcção grammatical exige, na construcção da phrase do autor das *Decadas*.

Partisse de mim essa omissão, e o esforçado batalhador não deixaria em sua provida aljava um só dardo, que me não desfechasse.

"Antonio Ferreira", diz o Dr. Ruy, "com a mesma syntaxe, versejou:

"Negue-me louro Apollo, Pallas nega
Teo bom fervor e sprito se eu *mal quero*
Aquelle ingenho bom, que bem se emprega".
(*Cart.* I. 8. *Obr.* Vol. II. Pg. 53).

Neste exemplo de Antonio Ferreira, o vocabulo *mal* representa de complemento directo e o *aquelle*, a que escapou o signal de crase no *a* inicial, (*) é evidentemente o complemento indirecto.

O exemplo, portanto, de Ferreira não aproveita ao Dr. Ruy, tendo elle mesmo estatuido que o *bem, ou o mal, que se quer, é, nesses casos, complemento directo do verbo; a pessoa, ou coisa, a que se quer o mal, ou o bem, representará necessariamente um complemento indirecto.*

(*) — Na edição dos Poemas Luzitanos, por Marques Braga, Collecção "Sá da Costa", no vol. II, pag. 75, Cart. VIII, e onde se encontra a passagem citada, o *áquelle* tem a crase.

Da *Monarchia Lusitana* de Fr. Bernardo de Brito, extráe o Dr. Ruy este passo:

"Deste lugar onde foi o primeiro homem creado o levou Deos a um deleitoso jardim, que plantara, fazendo-o pomareiro da melhor coisa da terra, para que a vista de tão grandes beneficios lhe attraisse o coração a *querer* quem o creara".

(Vol. 1.º Pag. 5).

Neste exemplo, que favorece o que diz o illustre Dr. Ruy com relação ao verbo *querer*, é innegavel que a ellipse da preposição antes do vocabulo *quem* não conforma com o uso dos classicos antigos e modernos; e ainda fazendo o *quem* de complemento directo, fôra mais euphonico o emprego dessa preposição, como o attestam estes dois lanços de Vieira:

"E abominam *a quem* lhes falla verdade", (69) onde o vocabulo *quem*, apezar de regido da preposição *a*, exerce a funcção de objecto directo: "Então amareis *á quem* vos ama". (70).

"Em todos esses exemplos", diz o Dr. Ruy, referindo-se aos exemplos por elle citados, "se emprega transitivamente o *querer* como succedaneo de *amar*, uso que Antonio Pereira de Figueiredo, no seo *Espirito da Lingoa Portugueza*, regista entre os padrões classicos da nossa vernaculidade".

(*Memorias de Litteratura Portugueza*. Vol. III. Pg. 214).

"E Antonio Pereira", continúa o Dr. Ruy, "escrevia aos fins do seculo dezoito (1781)". (71)

Quizera que me dissesse o Dr. Ruy: onde é que Antonio Pereira regista como padrão de vernaculidade o verbo *querer* na significação de *amar*, empregando-o como o empregou o esclarecido censor na phrase censurada?

Em seo trabalho, relativo aos modos de fallar de João de Barros, esse escriptor não menciona como typo ou padrão de vernaculidade o verbo *querer* com a significação de *amar;* colleciona apenas, pela ordem alphabetica, certas expressões, certos modos de dizer do autor das *Decadas*, alguns dos quaes já cahidos em desuso no tempo em que elle tirava á luz o seo *Espirito da Lingoa Portugueza.*

No *Espirito da Lingoa Portugueza, extrahido das Decadas de João de Barros*, titulo que Antonio Figueiredo deo ao seo estudo, quando trata do verbo *querer*, assim se exprime:

"*Querer* por amar. (II. VII. 2.º) "Ver ante si D. Garcia de Noronha, seo sobrinho, que elle muito *queria* por suas calidades".

---

(69) *Sermões*. T. 6: Pg. 20.
(70) *Serm.* T. 6.º Pg 209.
(71) *Replica*. § 121. n. 124.

E só isso. Onde está o consignar esse escriptor o verbo *querer*, empregado transitivamente, por *amar*, como padrão vernaculo, se, em relação a esse verbo, nada mais escreveo senão isso, que acabamos de transcrever?

A indicação de Antonio Pereira de Figueiredo é exactamente a mesma do Dr. Ruy, quando nos cita a passagem do autor das *Decadas*, onde é omittida a preposição *a*, que, como já vimos, o não é na edição das *Decadas*, em 1777, a qual, ao menos, pelas outras indicações, é, parece, a que o Dr. Ruy possue. (*).

Donde, parece foi o *Espirito da Lingoa Portugueza* de Antonio Pereira de Figueiredo, que se lê no tomo 3.º das *Memorias de Litteratura Portugueza*, que deo lugar á citação do exemplo de Barros differente do que se acha no texto da edição de 1777, onde se não lê "... *seo sobrinho* QUE *elle muito queria*", mas "*seo sobrinho* A QUE *elle muito queria*".

"Era desta Sicheo esposo, que era
O mais rico dos campos da Fenicia,
A quem o pai com bom agoiro a dera
Intacta, e a triste *o quiz* com gran caricia".

(*Eneida*. I. 80).

Neste exemplo, Franco Barreto empregou, com effeito, o verbo *querer* na accepção de *amar*, dando-lhe objecto directo.

É essa a traducção daquelles versos da musa mantuana em que, narrando a historia da morte de Sicheo, infeliz marido da triste e inditosa Dido, o poeta põe na bocca de Venus disfarçada as seguintes palavras, dirigidas a seo filho Eneas:

"Huic conjux Sychaeus erat ditissimus agri
Phœnicum, et magno miseræ dilectus amore;
Cui pater intactam dederat, primisque jugarat
Ominibus...".

(Virg. *Eneid*. Liv. I. Vers. 343 a 346).

No exemplo de Castilho Antonio, na *Primavera* (Pg. 197), "Tão grata que ainda não vi coisa que mais *quizesse*", *querer* não significa *querer bem, votar affecto* e *amor;* mas *ambicionar, desejar*. "Tão grata que ainda não vi coisa que mais *quizesse* ver, que mais *ambicionasse ver*".

Disse tambem Camões nos seos *Lusiadas*: (72).

"Que inda não sinto coisa que mais *queria*";

(*) — Collocamos o ponto final, elidido por lapso no texto que seguimos.

(72) *Lus*. Cant. 5.º Est. LII.

isto é, *que mais queira sentir, que mais deseje, que mais ambicione sentir.*

Ha em taes phrases ellipse do verbo, complemento directo de *querer,* sendo o *que* objecto directo do verbo subentendido.

Não tem aqui o verbo *querer* o mesmo sentido que tem nas phrases: é um filho *a que* muito *quero,* é a filha *a quem* mais *quero,* seo irmão *a que* elle mais *queria, queria* com extremo carinho *ao idioma* de seo paiz; as quaes não seriam correctas se dissessemos: é um filho *que* muito *quero,* é a filha *que* mais *quero,* seo irmão *que* elle muito *queria, queria* com extremo carinho o *idioma* de seo paiz. (73).

No exemplo da *Arte de Amar*:

"É vã toda a mulher;
Té a horrenda se quer, se mais ninguem *n'a quer*",

a expressão *se mais ninguem n'a quer* é correcta e em nada se oppõe ao que sustentamos, quando affirmamos que o verbo *querer* na accepção de *querer bem, votar affecto a, dedicar amor a,* pede objecto indirecto, e não directo.

Se mais ninguem n'a quer, disse Castilho, traduzindo o pensamento do poeta sulmonense, isto é, *se ninguem mais a quer por esposa, ou por amante.*

A mesma syntaxe se nota nos seguintes versos:

"Ao menos guarda-a
Pelo interesse meo, que a amo e *a quero*
E preciso de a *amar*".
(*Os Amores.* Vol. II. Pg. 97. Vid. *Replica.* n. 124).

O pronome *a* é, na verdade, complemento do verbo *querer,* mas este não tem o mesmo sentido de *querer bem, dedicar affeição... A amo e a quero,* isto é, *amo-a e quero-a por amante, desejo possuil-a.*

Usando tambem do complemento directo, disse Garrett:

"E *querem, querem-na* assim mesmo, a vida, têm-lhe apego! Oh! que enigma é o homem!
(Viagens na Minha Terra. T. 1.º Pg. 185).

---

(73) Se entre os antigos se encontram os seguintes exemplos: "E lhe faria perder a coisa, *que* ella maior *bem queriar*". (*Palmeirim.* T. 1.º Part. 2.ª Cap. 7. Pg. 502).

"O gigante vendo morta a coisa, *que* mór *bem queria*". (Ibid. T. 2.º Part. 2.ª Cap. 76. Pg. 3), é manifesta, em taes circumstancias, a ellipse da preposição *a* antes do *que,* representando este vocabulo não o papel de complemento ou objecto directo, mas de objecto indirecto, sendo a palavra *bem* o objecto directo em cada uma das duas phrases.

O verbo *querer* tem aqui o sentido de *desejar. E querem, querem-na assim mesmo, a vida,* isto é, com todos os revezes, a despeito das atribulações que os atormentam e pungem, *desejam* a vida, *querem-na, ambicionam-na.*

E o que ainda vem mais em apoio do que affirmamos é o exemplo de J. Castilho, que o Dr. Ruy extrahio do *Iris Classico.*

Escreveo assim Castilho José, fallando da lingoa portugueza:

"Ha já tantos homensinhos novos, fiadores do futuro, a *quererem-lhe,* a *quererem-na* e a aprenderem-na com cedo, que bem se lhe pode augurar nova era, e muito mais prospera, para dentro em alguns annos".

Ora, se as expressões *quererem-lhe* e *quererem-na* tivessem sentido identico, o escriptor portuguez não as ajunctaria assim, repisando desengraçadamente a mesma ideia.

Com o a *quererem-lhe* traduz J. Castilho o amor á nossa lingoa, o carinho com que a cultivam; no *a quererem-na* traduz a inteira posse d'ella, o seo conhecimento perfeito. *Querem-lhe* e *querem-na,* isto é, *dedicam-lhe amor e aspiram a conhecel-a, a desejam, anhelam e ambicionam.*

A differença na syntaxe do mesmo verbo, empregado na mesma phrase, indica, é certo, uma differença nas ideias, enunciadas por cada uma das duas formas syntacticas, de que se reveste a expressão do pensamento.

Não vêm ao caso os seguintes exemplos do *Cancioneiro da Vaticana*:

"Et todolos que me veem preguntar
Qual esta dona *que eu quero ben*".

"Veieron-m'agora dizer
d'ua (*) molher *que quero ben*".

"E essa que vos vay dizer
que trobo, porque me pagu'en
e non por vos *que quero ben*".

Em todos esses exemplos, citados pelo autor da *Replica,* é manifesta a ellipse da preposição antes do *que*: não é este vocabulo que representa a funcção de complemento directo, é o substantivo *bem.* E como já vimos, quando se emprega o verbo *querer* no sentido de *ter affecto, amor, amizade ou aversão,* affirma o proprio Dr. Ruy, "o bem, ou mal, que se quer, é, nesses casos, complemento directo

(*) — No texto o *u* de *d'ua* vem com um til sobreposto. Não o collocamos, por faltar na typographia.

do verbo; de sorte que a pessoa, ou coisa, a que se quer *o* mal, ou *o* bem, representará necessariamente um complemento indirecto".

Ora, nestes tres ultimos exemplos, "esta dona *que eu quero ben*", "d'ua (*) molher *que quero ben*" e "e non por vos *que quero ben*", a palavra *bem* é o objecto directo do verbo *querer*, e o *que*, modificando o antecedente *dona*, no primeiro exemplo; *mulher*, no segundo; e o pronome *vós* no terceiro; será necessariamente o objecto indirecto, por isso que indica a pessoa a que se quer *o* bem.

Não é rara entre os nossos escriptores a ellipse da preposição *a* antes do *que*, represente embora este adjectivo, unido ao seo antecedente, a funcção de objecto indirecto.

Por outra parte, a syntaxe dos *Cancioneiros*, seja o de D. Diniz, chamado da *Vaticana*, seja o de seo filho natural, o conde de Barcellos, não é padrão seguro para aquilatar as melhores construcções de nossa lingoa.

Toda a linguagem dos *Cancioneiros*, quer no lexicon, quer na syntaxe, se resente de galleguismos, que ainda, de longe em longe, se notam na lingoa, na primeira parte do seculo 16.

As graphias *ben*, em vez de *bem; trobo*, em vez de *trovo; ua*, (*) em vez de *uma; vieron*, em vez de *vieram; vay*, em vez de *vae; molher*, em vez de *mulher;* são formas lexicas muito usadas na linguagem dos poetas portuguezes, da eschola dos Trovadores, entre os quaes figura em primeira linha o filho de Affonso III (1279-1325).

Vejamos agora os exemplos da syntaxe que usam os nossos classicos antigos e modernos:

"Officiaes que *lhe queriam* como a pae".
(D. de Goes. *Chron. de D. Manoel.* Part. 3.ª Cap. 77. Pag. 346).

"E sahindo extremadamente animoso e destro em todo o genero de armas, *lhe quiz* o tio tanto que... o deixou igual na successão".
(*Monarchia Lusit.* Part. 1.ª Liv. 3.º Cap. 15. Pg. 351).

"Por o muito que *lhe queria*".
(Lião. *Chron. d'el-rei D. Affonso* 4.º Pg. 186).

"Mordomo mór d'el-rei seo pae, e *a que* elle muito *quiz*".
(Id. Ibid. Pg. 4).

"Houve muito grande prazer, porque *lhe queria* muito".
(Id. *Chron. d'el-rei D. João o* 1.º Cap. 92. Pg. 450).

(*) — Vide a Nota anterior.

"Havia na casa outra religiosa que *lhe queria* muito".
(Souza. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 3.º Pg. 380).

"E aos Infantes obrigava a *lhe quererem* mais".
(Id. Ibid. Pg. 319).

"Que antes pedia se alegrassem com elle todos os que bem *lhe queriam*".
(Id. *Vida do Arceb.* Liv. 4.º Pg. 167).

"E eu como filho obediente que muito *lhe quero,* e me honro de a ter por mãe".
(Id. Ibid. Pg. 169).

"Pelo muito que *lhe queria* o Arcebispo".
(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 9. Pg. 18).

"E deve cuidar quem pretende tirar-lha, que ou *lhe quereis* mais que a vosso irmão, ou que a pouca idade vossa vos encurta os espiritos".
(Id. *Annaes.* Cap. 8.º Pg. 36).

"E paes que *querem* mais *á* sua casa, que *á* minha alma, que estimam mais o seo gosto, que a minha salvação".
(Vieira. *Serm.* T. 6.º Pg. 204).

"Fui, mal que entrei, abraçar Anna *a quem* tanto *queria*".
(Filinto. *Obras.* T. 11. Pg. 398).

"E elle *lhe queria* como á sua filha".
(A. Pereira de Figueiredo. Trad. da *Biblia.* T. 1.º Pg. 416). (*)

"*Quero-lhe* por elle e por ella".
(Garrett. *Viag. na Minha Terra.* T. 1.º Pg. 143).

"*Queria* tanto *á* nossa Myrtilinha"!
(A. Cast. *A Primavera.* Vol. 1.º Pg. 117).

"*Quero-te* mais do que o Deos de amor *ás* trevas,
mais do que Flora *ao* Zephiro inconstante".
(Id. Ibid. Pg. 70).

"Eu por mim *quero-lhes* muito, porque entendo que excedem em valia aos seos desprezadores".
(Id. Ibid. Vol. 2.º Pg. 10).

"Tens tu entendimento que abranja a França; coração que baste para *lhe querer*"?
(Id. *Coll. Ald.* Pg. 51).

(*) II Reis, 12, 3. Figueredo não traz crase no *a* antes de *sua filha* (nota da 6.ª ed).

"Tenho vivido muito com camponezes, e *quero-lhes* de veras".
(Id. Ibid. *Prologo* da 3.ª Ed. Pg. XVII).

"Elle que tanto *lhes quizera* sempre".
(Id. *O Outono*. Pg. 267).

"O conde frequenta a Adriana, porque *lhe quer* muito".
(Id. Ibid. Pg. 75).

"Mariana é minha irmã; *quero-lhe* muito".
(Id. *Tartufo*. Pg. 16).

"Visto isso, *quer-lhe* muito?"
(Id. Ibid. Pg. 53).

"*Quero* mais *ao* dormir do que *ás* riquezas".
(Id. *A Lyrica de Anacreonte*. Pg. 14).

"Este captiveiro, sim, que o tenho; *quero-lhe;* ninguem m'o desatará nunca".
(Id. *Camões*. T. 1.º Pg. 27).

"Apezar de ambas *quero* muito *á* minha Lisboa, *á* minha donosa e ingrata Lisboa"!
(Id. Ibid. Pg. 34).

"Ao que vós chamais patria, chamarei patria; *querer-lhe-hei,* por vós e como vós".
(Id. Ibid. Pg. 35).

"Tu! Tu *queres-lhe* ainda?"
(Id. Ibid. Pg. 54).

"Ambos nós *queremos á* mesma dama".
(Id. Ibid. Pg. 71).

"Apezar do affecto com que el-rei *lhe queria*".
(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 1.º Pg. 129).

"Offereceo-lhe um titulo para que o legasse ao filho, *a quem* elle tão desveladamente *queria*".
(Id. *Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 287).

"Pelo muito que *lhe quer*".
(Id. *Luiz de Camões*. Pg. 127).

"Itelvina *queria-lhe* d'alma".
(Camillo. *Noites de Lamego*. Pg. 14).

"E a mãe ficou sempre chorando o filho, *e bem-querendo ao* mestre".
(Id. Ibid. Pg. 23).

"Deviam ficar *querendo* muito da alma *ao* livro".
(Id. *Esboços* (*) *de Apreciações Litterarias*. Pg. 175).

"Não lhe respondera, *querendo-lhe* tanto!"
(Id. *Vulcões de Lama*. Pg. 244).

"O qual, sempre que o leio, pode tanto commigo, que, pelo muito que *lhe quero*, perdôo a todos os seos confrades, entrando na conta o proprio Torquemada".
(Id. *Doze Casamentos Felizes*. Pg. 93).

"Eis aqui porque nós os portuguezes *queremos* tanto *á* nossa patria".
(Th. Ribeiro. Prologo do *D. Jayme*).

Não nos parece, portanto, expressão da verdade o trecho do esclarecido autor da *Replica*, quando dest'arte se exprime:

"A realidade, bem ao contrario, como se acaba de provar, é que as duas construcções do verbo *querer*, supposto muito mais corrente uma do que a outra, andaram sempre de par em todas as epocas de nossa lingoa, e desde o seo alvorecer ambas no seo uso criaram posse". (74)

Ainda quando se admitta que ambas as formas syntacticas sejam igualmente correctas, como dizer o Dr. Ruy que em todas as epochas da lingoa andaram sempre *de par*, supposto *muito mais corrente* uma que a outra?

Se uma é, como *diz*, *mais corrente* que a outra, isto é, se no uso actual corre mais que a outra, como affirmar que andaram sempre *de par* em todas as epochas?

(*) — O titulo da obra citada é "*Esboços*"... e não "*Esboço*..." por isso fizemos a emenda.

(74) *Replica* § 21. n. 124.

XVII

Honorabilidade.

Deparando-se-lhe no *Projecto* o termo *honorabilidade*, censura-o o Dr. Ruy, por occasião da emenda ao art. 223, e diz:

"*Honorabilidade* — Vocabulo de procedencia meramente franceza. De *honorable* derivou, em França, *honorabilité*. Nós, porém, não temos *honoravel*, nem sequer *honravel*, donde se pudesse gerar *honorabilidade*. Os latinos, que possuiam *honorabilis e honorabiliter*, nem assim admittiram *honorabilitas*, que seria então o ascendente historico de *honorabilidade* em vulgar".

E mais adiante, seguindo o mesmo curso de ideias:

"Se, pois, o francez *honorabilité* corresponde, entre nós, a *honradez*, "qualidade de uma pessoa honrada" (Castro Freire e Domingos de Azevedo), e *honradez* é *honra*, isto é, *consideração, estima propria, dignidade pessoal, boa fama, respeitabilidade*, temos fundamento, para classificar tal palavra, ao menos nestes significados, em que o *Projecto* a perfilha, como barbarismo". (75)

"Não pensamos do mesmo modo", dissemos nas *Ligeiras Observações*. "A palavra *honorabilidade* veio-nos a nós e aos francezes da palavra latina *honorabilitatem*, accusativo de *honorabilitas*, de que usou Facundo, escriptor latino do seculo 6.º, segundo se lê no diccionario latino-francez de Quicherat e Daveluy, revisto, corrigido e augmentado por Emile Chatelain.

"Hatzfeld e Darmesteter, em seo *Diccionario Geral da Lingoa Franceza*, tambem apontam o vocabulo, ligando-o ao latim *honorabilitas*. (76).

"Os latinos, que possuiam *honorabilis* e *honorabiliter*, nem assim", diz o Dr. Ruy, "admittiram *honorabilitas*, que seria então o ascendente historico de *honorabilidade* em vulgar".

---

(75) *Parecer* do Senador Ruy Barbosa. Pg. 45-46.
(76) *Ligeiras Observações*. Pg. 32.

Ao que respondemos: (77) "Ao contrario do que affirma o illustre censor, ha no latim, como acabamos de ver, não só *honorabilis*, *honorabiliter*, senão tambem *honorabilitas*, que é o ascendente historico de que nos falla..."

.. ..

"Bastaria existir no latim o adjectivo *honorabilis* para haver-se por justificado o substantivo portuguez delle derivado; por maioria de razão, havendo no proprio latim o vocabulo *honorabilitatem*, fosse qual fosse o sentido que lhe dessem.

.. ..

"Basta, portanto, o adjectivo *honorabilis* para justificar o vocabulo *honorabilidade*".

Em sua *Replica*, continua o preclaro censor a impugnar o vocabulo *honorabilidade*, que, segundo affirma, nos não veio do latim *honorabilitatem*, mas do francez *honorabilité*, bem que, por outro lado, nos falle do verbo *honorar*, catalogado por Bluteau (V. I. Pg. 497), e de que fazem igualmente menção Domingos Vieira e Moraes.

"Onde o Dr. Carneiro", diz o Dr. Ruy, "teria encontrado o latim de Facundus, que o Quicherat indica, sem transcrever, é no Forcellini, obra incomparavel no seo genero, desconhecida, creio eu, entre nós, que abrange em repositorio immenso toda a latinidade. "Dois (por elle vejo) são os topicos, em que Facundus sahio a lume com o *honorabilitas*: "Legi libros a tua *honorabilitate* transmissos" e "Sic et tua *honorabilitas* nostram exiguitatem petens". Ambos da sua *Defensio trium Capitulorum* (IV, 2), livro de controversia religiosa, cujo echo era necessariamente destinado a expirar nas altas regiões da igreja, onde a theologia guardava a metaphysica dos seos dogmas". (78)

Quando, por conseguinte, o dialecto da lingoa romana, fallada pelos habitantes do norte do rio Loire, appellidada *lingoa de oil*, ainda se não havia constituido lingoa franceza, já, como reconhece o Dr. Ruy, um escriptor, no seculo VI, havia exarado mais de uma vez em escripto seo o vocabulo *honorabilitas*.

Mas não é só em Facundus que se encontra o vocabulo latino *honorabilitas*, mencionado por Quicherat e Daveluy.

Abra o Dr. Ruy Barbosa o *Glossarium Mediæ et Infimæ Latinitatis* de Du Cange, e, a paginas 230 do tomo 4.º dessa obra importante, achará o seguinte:

---

(77) Ibidem. Pg. 33.
(78) *Replica*. § 23, n. 127.

HONORABILITAS — 1. *Titulos honorarius Episcoporum, apud Facundum Hermianensem lib.* 4. 2. Pg. 152.

2 HONORABILITAS. *Decorum, decentia, honor.* Capitul. Caroli. C. Ann. 862. Tit. 35, Cap. 9: "*Et paratus sum cum tali caritate et* HONORABILITATE *illum recipere sicut Christianus Rex Christianum Regem, et sicut diligens patruus dilectum nepotem debet recipere*".

Honoris testificatio.

Annal. Bertin ad ann. 865. T. 7. *Collect. Hist. Franc.* Pg. 89:

"*Nicolaus papa Arsenium Ortensem episcopum et consiliarium suum cum epistolis ad Hludowicum et Corolum fratres... non cum apostolica mansuetudine et solita* HONORABILITATE, *sicut episcopi Romani reges consueverant in suis epistolis honorare... transmittit*".

Pegue do diccionario de Maigne d'Arnis, e, neste repositorio das palavras da baixa latinidade, encontrará o vocabulo *honorabilitas* no mesmo sentido que se lê no Du Cange, isto é, significando titulo honorario dos bispos; *decóro, decencia, honra, testemunho de honra.* Titulus honorarius episcoporum. (Fac. Herm.) *Decorum, decentia, honor, honoris testificatio.* (Cap. CC). (79).

Compulse o Dr. Ruy o *Nòvo Dizionàrio Universale della Lingua Italiana* de P. Petròcchi, e, a paginas 390 do vol. II, verá não só o verbo *onorare,* o adverbio *onorabilmente* e o adjectivo *onoràbile,* senão tambem o vocabulo *onorabilità,* sendo este assim explicado: "ONORABILITÀ, s. f. astr. d'*Onoràbile. Porre in dùbbio l'onorabilità d'una persona*".

"Não é só o nosso idioma", diz o Dr. Ruy Barbosa, "que se tem mostrado avesso á adaptação do latino *honorabilitas.*

"Os hespanhoes, acolhendo *honor, honorario, honorifico, honorificar, honorificamente, honorificencia, honoroso, honorosisimo, honoracion, honorable, honourer, honorific, honorify, honorless, honourless, honorous,* e particular*lidad,* que seria a equivalencia castelhana do nosso neologismo.

"O inglez, por igual, onde tão frequentemente vae buscar ajuda ás suas conclusões de philologia vernacula o Dr. Carneiro, o inglez, possuindo *honor honour, honorance, honourance, honorarium, honorary, honored, honorer, honourer, honorific, honorify, honorless, honourless, honorous,* e particularmente, *honorable, honourable, honorableness, honorably, honourably,* rejeita a modificação anglo-latina de *honorabilitas,* que teria de ser *honorability,* ou *honourability*". (80)

---

(79) *Lexicon Manuale ad Scriptores Midiae et Infimae Latinitatis.* Pg. 1129.

(80) *Replica.* § 23 n. 130.

Agora folheie o sabio escriptor o *A New English Dictionary on Historical Principles* de James A. H. Murray, e no Vol. V., a pg. 369, nas ultimas sete linhas da primeira columna dessa pagina, encontrará o vocabulo HONOURABILITY ou HONORABILITY, forma anglo-latina de *honorabilitas* que affirma haver o inglez rejeitado.

O monumental diccionario inglez assim define o vocabulo *honourability, honorability*: "The quality of being honourable, honourableness; pl. things that are honourable, honours".

E, depois de citar alguns exemplos antigos do emprego desta palavra, traz o seguinte, extrahido do *Pall Mall Mag.* VII. 272: "*To appreciate Lowe's "profound* HONOURABILITY", *as Dr. Richard Congreve calls it*".

O esclarecido contraditor abrio o paragrapho 23 de suas ponderações sobre o vocabulo *honorabilidade*, com as seguintes palavras:

"Deve o *Projecto* este neologismo á redacção parlamentar.

"Mas o eminente professor leva em gosto ser-lhe paranympho".

E cerrando o n. 131 do mesmo paragrapho, deste modo conclue:

"Depois não vejo abonada a novidade, entre os escriptores vernaculos, com o nome de bons fiadores. Dos portuguezes, nem mesmo entre os mais accessiveis á neologia me recordo houvesse encontrado essa importação franceza, e ainda no Brasil autores ha, que nunca a perpetraram".

Não admira que o vocabulo *honorabilidade* da redacção parlamentar me tivesse por paranympho, quando do escriptor brasileiro de mais reconhecida autoridade, do mais entendido nas coisas do escrever, do mais avesso aos neologismos, que abastardam a nossa lingoa, havia esse vocabulo recebido a sua carta de legitimação.

É o proprio Dr. Ruy Barbosa, é o elegante escriptor das *Cartas de Inglaterra*, é o orador ante o Supremo Tribunal Federal, na sessão de 23 de Abril de 1892, quem, antes de mim, offereceo os mais seguros abonos em favor do vocabulo, tão abertamente repudiado hoje.

Eis os exemplos que se nos deparam em escriptos do esforçado senador:

"Não é mister", diz ella, "duvidar, um momento sequer, da HONORABILIDADE dos officiaes".

(*Cartas de Ingl.* Pg. 22).

"Divulgal-o serio arriscar, a um tempo, a segurança do paiz e a HONORABILIDADE da accusação".

(Id. Ibid. Pg. 26).

"Nem se diga que ponho em duvida a HONORABILIDADE do Congresso, suppondo-o accessivel á influencia de sentimentos inferiores ao caracter de seo mandato".

(Id. *Oraç.* (*) *em defesa do Habeas-Corpus* ante o Sup. Trib. Fed. Pg. 86).

* * *

Não é do adjectivo *crivel* ou *credivel*, de que usavam alguns dos nossos escriptores, que se formou, como diz o Dr. Ruy em sua *Replica*, (81) o substantivo *credibilidade;* foi, sim, do adjectivo latino *credibilis* ou da antiga forma portugueza latinada *credibil*, forma commum á maior parte dos adjectivos em *vel*: *mobil, agradabil, mutabil, immutabil, terribil, horribil, flexibil.*

Para admittir o substantivo abstracto *honorabilidade*, não é mister a existencia em portuguez de *honravel ou honoravel*, (**) basta haver no latim o adjectivo *honorabilis*, donde em portuguez formamos *honorabilidade;* como do adjectivo latino da baixa latinidade *respectabilis*, em portuguez antigo *respeitabil*, formamos o substantivo *respeitabilidade*. "Notemos", dissemos em nossas *Ligeiras Observações*, "que temos em portuguez *credibilidade*, *susceptibilidade*, formados por analogia dos adjectivos latinos *credibilis*, *susceptibilis*, sem se ligarem aos substantivos latinos correspondentes, que não existem.

Basta, portanto, o adjectivo latino *honorabilis* para justificar o vocabulo *honorabilidade*". (82).

Analysando o que affirmamos no primeiro desses dois periodos, o illustre autor da *Replica* assim se enuncia:

"O que mais curioso ainda se me figura, porém, é que, ao lado de *credibilidade*, inscreva o Dr. Carneiro *susceptibilidade*, como formado por analogia do latim *susceptibilis*, quando tão notorio e vulgar é o adjectivo portuguez *susceptivel*". (83)

Mas, perdôe-me o illustre critico.

(*) Lemos na 1.ª e 2.ª ed.: ("Orac. em...)".

(81) *Replica*, § 23. n. 129.

(**) Na 2.ª ed. temos ponto e virgula em vez de virgula.

(82) *Lig. Obs.* Pg. 33 (***)

(***) Na 2.ª, por engano do impressor, lê-se 83.

(83) *Replica. loc. cit.*

Temos, sim, em portuguez o adjectivo *susceptivel;* mas este só daria *susceptibilidade*, se fosse este substantivo directamente derivado do latim *susceptibilis*, ou da forma portugueza alatinada *susceptibil.*

De *susceptivel*, sem ao menos admittirmos a forma intermediaria *susceptibil*, é que não pode provir directamente o substantivo abstracto *susceptibilidade.*

A mesma censura do Dr. Ruy alcançaria o douto philologo e lexicologo Candido de Figueiredo, quando, fallando dos substantivos abstractos *susceptibilidade, credibilidade*, os filia nos adjectivos *susceptibilis, credibilis*". (84).

(84) Vide Candido de Figueiredo — *Diccionario.*

XVIII

Desvirginamento.

Impugnando o vocabulo *desvirginamento*, usado pelo *Projecto* no art. 223 IV, é esta a linguagem de que usa o esclarecido jurisconsulto:

"Desvirginamento". *Deflorar, defloramento*, são as expressões até hoje em voga na linguagem das nossas leis criminaes. Manteve-as, do nosso antigo, o nosso novo codigo penal, ora em vigor, arts. 267, 270, § 2.º, e 276. Depois, ha nesses dois vocabulos um resto de pudor, que não diz mal ao estylo legislativo. Em *desvirginar, desvirginamento*, a imagem da violencia carnal sobresae com todo o realismo da sua brutalidade. Lucra alguma coisa a lei em trocar aquella decencia nesta crueza?

Não tem o verbo *desvirginar*, de mais a mais, chancella juridica, e não me parece que tenha, sequer, o uso vernaculo". (85)

É mais phantasiada que real essa *imagem da violencia carnal*, que, diz o alumiado censor, "*sobresáe com todo o realismo da sua brutalidade*", isso dissemos em nosso primeiro trabalho, e accrescentamos: "o que não empregariamos, por ter em muito a decencia na linguagem, é o verbo *desvirgar*, que, tendo o mesmo sentido, traz ao espirito essa imagem nua e crua da materialidade, a que allude o Dr. Ruy Barbosa, emprestando àquelle o que só a este pertence". (86).

Para contestarmos a falta de chancella juridica, de que o sabio critico increpava o termo *desvirginamento*, oppuzemos-lhe o seguinte trecho do *Codigo Justiniano*, em cujas paginas monumentaes a ferrugem dos seculos não conseguio ainda expungir e destruir o *devirginata*, que a sabedoria antiga alli exarou:

"Præses cum cognoscat de servo corrupto, vel ancilla DEVIRGINATA, vel servo stuprato; (*) si actor rerum agentis corruptus esse dicetur, vel ejus-

---

(85) Vide *Parecer*. Nota ao art. 223.

(86) *Lig. Obs.* Pg. 34.

(*) Na ed. do "Corpus Juris Civils", por Dionysii Gothofredi I. C, Ludguni, M. DC. LXII, a pag. 35 do "Digestorum", onde se encontra a phrase citada, temos dois pontos (:) em vez de ponto e virgula (;) neste lugar.

modi homo, ut non solam jacturam adversus substantiam, sed ad totius domus eversionem (**) pertineat, severissime debet animadvertere".

(*Digestorum liber primus. Tit.* 18. 21).

E para demonstrarmos que o vocabulo *desvirginamento* não destróe aquelle resto de pudor, que, segundo o illustre antagonista, não diz mal ao estylo legislativo, citamos o topico de um theologo inglez, que, na tribuna sagrada, sem faltar á gravidade e ao decoro, assim fallou:

"*Only that Virgin Soul*, DEVIRGINATED *in the blood of Adam, but restored in the blood of the Lamb, hath... this testimony, this assurance, that God is with him*".

"Donne. *Serm.* cit. pelo dicc. de Murray e pelo *Century Dictionary* de Whitney".

Defendendo a redacção do *Projecto* da censura feita aos vocabulos *desvirginamento, desvirginar*, concluimos, dizendo:

"Pensamos, pois, que podemos com igual propriedade empregar *deflorar, desflorar* (***) ou *desvirginar*".

Na *Replica*, continua o Dr. Ruy a insistir não mais na falta de chancella juridica do termo *desvirginamento*, mas em sua invernaculidade, em sua indecencia.

Para mostrar a indecencia do *devirginare*, extráe o começo do capitulo XXV do *Satyricon* de Petronio, onde se lê o seguinte:

"Quum hæc diceret, ad aurem ejus Psyche ridens accessit, et quum dixisset nescio quid: — *ita, ita, inquit Quartilla, bene admonuisti: cur non, quia bellissima occasio est, devirginetur Pannychis nostra?*"

E o seguinte trecho do mesmo capitulo:

"*Junonem meam iratum habeam, si unquam me meminerim virginem fuisse. Nam et infans cum paribus inquinata sum, et subinde prodeuntibus annis, majorabus me pueris applicui, donec ad hanc ætatem perveni. Hinc etiam puto proverbium natum illud, ut dicatur*:

Quæ tulerit vitulum, illa potest et tollere taurum".

Desse quadro meretricio", diz o Dr. Ruy, depois de citar as palavras de Petronio, "é que se foi sacar, pela mão de Petronio, o honestissimo *devirginare*". (87)

(**) Na mesma obra, na phrase citada, lemos "severissimè".

(***) Na 2.ª ed. temos virgula depois de "desflorar".

(87) *Replica.* § 24. n. 133.

Mas o quadro torpe e fascinino de Petronio não seria menos licencioso e indecente, se o autor do *Satyricon* tivesse substituido, no primeiro topico, o *devirginetur* por *defloretur*, como, no *That Virgin Soul*, DEVIRGINATED *in the blood of Adam*, o emprego do adjectivo DEVIRGINATED (*desvirginada* em portuguez), do theologo inglez, nenhuma sombra de impureza e indecencia lhe desdoira e marea o lanço, de que se valeo na tribuna sagrada.

"*Em desvirginar*", ao juizo do Dr. Ruy, "*a imagem da violencia carnal sobresáe com todo o realismo da sua brutalidade*".

Mas, como, citando as leis francezas e belgas, nos diz que, sob as designações de *attentados contra o pudor* e *estupro*, é que se abrange a seducção e deshonra das menores?

Não se lhe ergueo aqui, ante os olhos da imaginação, a imagem da violencia carnal, no termo *estupro*, da legislação franceza e belga?

Julga que a expressão *commercio carnal*, que se encontra, como diz, entre outros, no codigo hollandez, revela menos do que o vocabulo *desvirginamento* o *realismo da brutalidade da violencia carnal?*

"O que não empregariamos", dissemos em o nosso primeiro trabalho, "por ter em muito a decencia na linguagem, é o verbo *desvirgar*, que, tendo o mesmo sentido, traz ao espirito essa imagem nua e crua da materialidade, a que allude o Dr. Ruy Barbosa, emprestando àquelle (ao vocabulo *desvirginar*) o que só a este (ao vocabulo *desvirgar*) pertence".

A essa reflexão responde assim o autor da *Replica*:

"Mas só por uma dessas refinadas subtilezas de philologo, inintelligiveis aos leigos, poderia o Dr. Carneiro fazer uma tal differença entre aquelles dois termos" (*desvirgar e desvirginar*), "cujos fóros de vernaculidade são, mais ou menos, os mesmos.

Se um nasce de *virgo*, expressão plebeia da virgindade, o outro de *virgem*, ou do *virgo virginis* latino, expressão litteraria do mesmo estado, ambos, tendo essa origem equipollente, soam de modo quasi igual, se não identico, ao nosso ouvido e evocam da imaginação, com a mesma nitidez e a mesma violencia, a mesma scena". (88)

Na reflexão que fizemos, não ha negar-lhe a exactidão; não ha aqui requintada subtileza de philologo. O Dr. Ruy é que se fez desentendido.

Com effeito, se, apezar de denotarem o mesmo sentido, um dos termos, ao parecer do mesmo autor da *Replica*, nasce de virgo, expressão plebeia da virgindade, o outro nasce de *virgo virginis*, ex-

(88) *Replica*. § cit. n. 142

pressão litteraria do mesmo estado, nesse facto mesmo não se patenteia a toda a luz o motivo da preferencia de um sobre o outro?

No uso dos vocabulos de uma lingoa, cotam-se porventura, do mesmo modo o chulo e o polido, o plebeo e o litterario?

Virgo e *virgem*, bem que derivem do mesmo vocabulo latino, *virgo*, procedem de casos differentes: *virgo* filia-se no nominativo latino *virgo; virgem*, no accusativo *virginem*. O primeiro desses termos indica o *hymen*, membrana que se dilacera, quando a mulher perde a flor da virgindade; por isso é que o vocabulo nesta sua forma evoca sempre uma ideia de materialidade.

Não só uma mesma palavra latina pode ser origem de palavras portuguezas differentes, phenomeno que, em phonologia, constitue as *duplas, formas divergentes* ou *dicções dimorphas*, mas ainda dois casos ou dois numeros differentes do mesmo vocabulo latino podem dar nascimento, em portuguez ou noutra lingoa romanica, a duas palavras differentes.

Assim, da palavra latina *maculam*, procedem os vocabulos portuguezes *magoa, mancha, malha e macula;* do nominativo *serpens* (de *serpens, serpentis*), fizemos em portuguez *serpe*, e do accusativo *serpentem*, o vocabulo portuguez *serpente;* do nominativo *cantor*, por influencia franceza, fizemos o substantivo *chantre*, do accusativo *cantorem*, o vocabulo *cantor;* de *traditor*, nominativo, fizemos o adjectivo *tredo*, de *traditorem, traidor;* de *error*, nominativo, *erro*, de *errorem, error;* de *draco, drago*, de *draconem, dragão;* de *mobiles* (plural do adj. *mobilis, mobile*), deriva o substantivo plural *moveis*, de *mobilia*, o substantivo portuguez *mobilia;* de *velum*, provem *veo*, de *vela*, plural, tomado como se fôra da primeira declinação, originase o portuguez *vela;* de *scalam*, os substantivos *escala* e *escada;* de *lucrari, lograr, lucrar;* de *medicinam, medicina* e *mezinha;* de *causam, causa* e *coisa;* de *cumulum, combro* e *cumulo;* de *lignum, lenho*, de *ligna*, plural de *lignum, lenha;* de *ministerium, mister* e *ministerio;* de *potionem, poção* e *peçonha;* de *articulum, artigo e artelho;* de *capitulum, cabido e capitulo;* de *superare, sobrar* e *superar;* de *traditionem, traição* e *tradição;* de *amplum, ancho* e *amplo;* de *materiam, madeira* e *materia;* de *delicatum, delgado* e *delicado;* de *pallidum, pardo* e *pallido;* de *recitare, rezar* e *recitar;* de *conceptionem, conceição* e *concepção;* de *plicare, chegar* e *pregar;* de *plagam, chaga, praga* e *plaga;* de *apothecam, bodega* e *botica;* de *coronam, coroa* e *coronha;* de *rationem, razão* e *ração;* de *feriam, feira* e *feria;* de *planum, chão* e *plano;* de *tela*, plural de *telum, teia* e *tela;* de *minutum, miudo* e *minuto*, de *oculum, olho* e *oculo*, de *sigillum, sello* e *sigillo;* de *cupam, cuba* e *copa;* de *radulare, ralhar* e *rallar;* de *laxare, laxar leixar* (ant. por deixar) e *deixar;* de *plumbum, chumbo* e *prumo;* de

matrem, mãe e *madre;* de *patrem, pae* e *padre;* de *auriculam, orelha* e *auricula;* de *claviculam, clavicula, cravelha, cavilha* e *chavelha.*

"Citar Juvenal, ou Petronio, afim de comprovar a decencia de um termo, que se argue de indecoro, não se concebe da parte de um mestre, a não ser quando mettido a zombar da credulidade, ou innocencia dos alumnos".

Isso diz o Dr. Ruy em sua *Replica.* (89).

Mas não citei Petronio e Juvenal para comprovar a decencia do vocabulo *desvirginamento,* como diz o douto critico; citei-os para mostrar que era legitima a existencia da palavra, que a tinham usado Varrão, Petronio, Hygino, Nonio, Juvenal, a Vulgata, o Corpus Juris, na accepção mesma em que o *Projecto* havia empregado o verbo portuguez *desvirginar.*

Para mostrar que não era um vocabulo indecoroso, mal adaptado á gravidade do estylo legislativo, citei o topico do poeta e theologo inglez, em um dos seos sermões, em que usava da expressão *the Virgin Soul, devirginated in the blood of Adam.*

Depois de escrever o Dr. Ruy uma brilhante pagina, descrevendo as scenas lascivas, indecentes, immundas e asquerosas, de que nos falla Juvenal, em sua satira 6.ª, assim se exprime:

"Será certo, porém, que Juvenal autorize com o seo uso esse verbo? Quer-me parecer que o mestre lhe levantou um testemunho. Na leitura que fiz desse poeta, não houve como dar-lhe entre os versos com o *devirginare.* E, depois, nem Quicherat, nem Freund, nem Forcellini o enumeram entre os autores, que de tal verbo se serviram". (90)

Mas, se Quicherat, Freund e Forcellini não consignam o uso do vocabulo. attribuindo-o, entre outros, a Juvenal, compulsou acaso outros diccionarios?

Folheie o *Nouveau Dictionnaire Latin-Français* de Eugène Benoist e Henri Goelzer, segunda edição, tirada á luz em 1900, e a paginas 430, na segunda columna, encontrará o seguinte:

"*Devirgino, avi, atum, are* (*de virgo*), tr. Varr., Petr., Hyg., JUVEN., Vulg. Déshonorer, déflorer".

Consultando a chave das abreviações deste diccionario, facil será de ver que aquelle JUVEN, quer dizer JUVENAL.

(89) § 24 n. 133.
(90) *Replica* § cit. n. cit.

A supposição, pois, de haver eu assacado um testemunho a Juvenal, não tem fundamento; não é crivel que aquelles dois lexicographos citassem falsamente o nome de Juvenal.

Outra reflexão do Dr. Ruy, que nos parece de todo despida de fundamento, é a seguinte:

"Antes de mais nada, ha, porém, duas rectificações, que lhe fazer. Varrão e Nonio não representam no caso duas entidades; porquanto o exemplo indigitado é de Varrão, que Nonio preservou, e transcreveo. Depois não é a *devirginare*, que allude esse exemplo: é á forma passiva, a *devirgirari*, cujo sentido, alli bem diverso, exprime, não o deixar de ser virgem, mas o transcender a puberdade: *Puer devirginatus*". (91)

A isso facil é responder.

Se Nonio, que floresceo no seculo 6.º depois de Christo, preservou e transcreveo, sem commentario, o exemplo de M. Terencio Varrão, que viveo no primeiro seculo antes de Christo, não é claro que o perfilhou? Que inexactidão, pois, ha em dizer que o vocabulo foi por ambos admitido, mediando entre elles tantos seculos de distancia?

Quanto a ser a forma passiva a empregada no exemplo de Varrão, e não a activa, *quid inde?*

Se o verbo *devirginare* tem a forma passiva, não é obvio que deve ter a (*) activa correspondente?

E que importa que Nonio usasse o *devirginatus*, tomado num sentido diverso, quando este participio outro não é que o do mesmo verbo *devirginare*, de que se trata, empregado na passiva, com um sentido que metaphoricamente se liga á primitiva significação desse vocabulo, e nella naturalmente se implanta?

No inglez, a par do verbo *to deflower* ou *to deflour*, ha o verbo *to devirginate*. (**)

"DEVIRGINATE, v. t. To deprive of virginity; deflower".
(*A Standard Dictionary of the English Language*. Vol. 1.º Pg. 502).

A lingoa franceza tem, ao lado de *déflorer, dévirginer, dévirginiser, déflorateur, dévirgineur, dévirginiseur*:

---

(91) *Replica, loc. cit.*
(*) — Na 2.ª ed. lemos: "que deve ter activa..."
(**) — Na 2.ª ed. ha dois pontos (:).

"Vrais fléaux des familles,
A travers prés, dans leur emportement,
Ils s'en allaient donnant la chase aux filles,
Qu'ils violaiet impitoyablement.
Rien ne pouvait lasser leur convoitise:
On les nommait les trois *dévirgineurs*".
(Noel et Carpentier. Vide Bescherelle. *Dicc.* T. 2.º Pg. 1201).

"Un grand *déflorateur* de filles,
Un grand ruineur de familles".
(Scarron. Vide Ibid. Pg. 1119).

"DÉFLORER — (*) Ôter la fleur de la virginité".
DÉVIRGINER — Ôter la virginité".
(Ibid. Pg. 1119 e 1201).

Occorre o mesmo no italiano. Petròcchi, no seo *Nòvo Dizionàrio Universale* (Vol. 1.º Pg. 685 e Vol. 2.º Pg. 1088), consigna *deflorare* e *sverginare*:

"DEFLORARE, tr. non pop. Sverginare".
"SVERGINARE, tr. Tòglier la verginità".

Não só o verbo latino *devirginare* figura, segundo affirmam os lexicographos, nas obras de Varrão, luz de seo tempo, e a quem Petrarca põe entre Cicero e Virgilio, senão que se encontra na media e infima latinidade, ao lado de *deflorare*, como o attestam *Du* Cange e Maigne D'Arnis.

"DEVIRGINARE — Glossar. Lat. MS. Regium: *Corrumpit, devirginarit.* Ita etiam Glossae Isidori. Ugutio: *Deflorare, florem auferre. Virgo devirginatur, defloratur, flos virginitatis aufertur.* Gloss. Isonis Magistri: *Virginal,* loctus, in quo *devirginantur* virgines. Liber promissionis Maleficii cap. 28. inter Statuta Veneta: Si quis virginem aliquam per vim *devirginaverit,* etc. Utuntur vetus interpres Juvenal. Stat. 9. V. 71. Paulus JC. leg. fin. D. Offic. Praesid. Petronius Arbiter, Hieron. de Monogam. Epist. 25 Caesarius. lib. 2 Cap. 25. Vide Catellum in Comitib Tolosan. Pg. 218 Seram virginitatis aperire et corrumpere, in Constit. Sicul. lib. 1. tit. 21".

(Du Cange. *Glossarium Mediæ et Infimæ Latinitatis.* T. III. Pg. 89).

(*) — o verbo *ôter*, nos dois exemplos tirados de Bescherelle, não tem o accento circumflexo, como está no Dicc. cit. Entretanto, o mesmo diccionarista, e Littré, quando registam o termo, o dão com o accento "ôter".

Fallando do segundo destes dois verbos, assim escreve Du Cange:

"DEFLORARE. *Devirginare*: Glossæ Puteani: Refloratio, *Defloratio*, Eaedem: Delibatio, refloratio, illibatio. Ugatio: Cum virgo *devirginatur, defloratur*, et flos virginitatis aufertur. Carmen MS. ex Codice Brenensi:

Virginitas flos est, et virginis aurea dos est.
Martianus Capella lib. 7:

Aurora exoriens roseis spectabit ocellis.
Floris resecti praemia.

Adde cap. 25. Libertates Bellaevillae ann. 1233:

Si quis puellam per vim *defloraverit*, debet eam ducere uxorem, vel ad Consilium Burgensium maritare.

Concilium Arelatense ann. 1267. can. 12: Qui violenter virginem *defloraverunt*".

(Ibidem. Pg. 42).

O mais moderno diccionario portuguez, o de Candido de Figueiredo, regista os tres verbos *deflorar*, *desvirginar* e *desvirgar*.

Este ultimo considera-o esse lexicologo como termo popular, o segundo aponta encontrado na *Hollanda* de Ramalho Ortigão, no mesmo sentido do primeiro, sem lhe addicionar a nota de vocabulo plebeo.

Parece, pois, que se não ampara a seguro apoio a opinião do Dr. Ruy, que no *desvirginar*, *desvirginamento*, (*) vê *a imagem da violencia carnal, a sobresahir com todo o realismo da sua brutalidade.*

Pode o Dr. Ruy preferir o verbo *deflorar* ao *desvirginar*, ninguem lh'o levará a mal; é talvez o primeiro destes verbos o de mais frequente uso; mas, (**) que fundamente essa preferencia na falta de chancella juridica, na invernaculidade desse vocabulo ou no melindrar elle a decencia e o pudor, não nos parece justo admittir.

"O que eu não comprehendo, porém, no exemplo invocado pelo Dr. Carneiro, é o argumento que dahi extrác. Pois, se Castilho (raciocina elle) usou de *virginizar*, que muito é escrevermos nós *desvirginizar*, ou *desvirginar?* Mas, Deos meo, são precisamente coisas oppostas. Em *virginizar* é a imagem da *virgindade* que se suscita, da virgindade, isto é, da pureza na sua expressão mais acabada e formosa.

(*) — Na 2.ª ed. elidiu-se a virgula neste lugar.

(**) — Na 2.ª ed. omitiu-se a virgula depois de *mas*.

"Em *desvirginar*, mui ao contrario, o que surge, é a evocação do estupro, materializado, na mais odiosa das suas formas, por um vocabulo de pinturesca energia". (92)

Não comprehendemos nós, por nossa vez, não comprehendemos como o prefixo privativo *des*, unido á mesma raiz do adjectivo *virginizado*, evoque em *desvirginado* essa ideia do estupro, da materialidade, na mais odiosa de suas formas, emquanto o mesmo privativo *des*, (*) unido ao substantivo *flor*, como raiz, forme o adjectivo *desflorado* ou *deflorado*, que ao ver do Dr. Ruy, não evoca essa *materialidade*, de que falla.

Quando, nos *Vulcões de Lama*, Camillo Castello Branco escreveo: Ora quanto á accusação *rococo* de ter *desvirginizado* e abandonado a prima", (93) evocou mais a materialidade, empregando o *desvirginizado*, do que usando o verbo *desflorar*, no seguinte passo da mesma obra: "*Desflorou* uma prima sob promessa de casamento"? (94)

(92) — *Replica*. § cit. n. 142.
(*) — Na 2.ª ed. supprimiu-se a virgula neste passo.
(93) — Vide a Pag. 245.
(94) — Vide a Pag. 239.

XIX

O artigo O antes do QUE interrogativo.

Em sua *Hollanda* havia Ramalho Ortigão empregado o adjectivo *desvirginada*, que, em seo *Novo Diccionario Portuguez*, Candido de Figueiredo regista, a paginas 439. Vol. 1.º.

A proposito desse adjectivo, e ainda, como aos vocabulos *desvirginamento*, *desvirginar*, negando-lhe a vernaculidade, disse o Dr. Ruy no seo *Parecer*:

"Mas o admiravel colorista do estylo, o caprichoso rendilhador da palavra, nem sempre curava da sua pureza com tanto esmero, como da sua formosura e da sua graça.

"Alli mesmo, logo na pagina anterior, é elle quem pergunta: *O que é que quer o nobre animal?* Em portuguez diriamos: *que é que quer o nobre animal?* ou: *que quer o nobre animal*"? (95).

A essas ponderações do emerito escriptor do *Parecer*, escrevi nas *Ligeiras Observações* o seguinte:

"Como o Dr. Ruy, somos que se deve supprimir o artigo em taes casos; e assim o fez sempre Bernardes; mas é opinião nossa que se não deve averbar de falta de vernaculidade o emprego desse elemento grammatical, tão commum nos escriptores portuguezes modernos, tidos como exemplares do bom dizer.

É um *o* empregado por euphonia, que não exerce em taes casos funcção alguma grammatical". (96)

Fique, portanto, bem assentado que, não só nas *Ligeiras Observações*, mas ainda em todos os nossos trabalhos grammaticaes, anteriores a essa publicação, defendemos sempre a suppressão do artigo antes do *que* interrogativo.

Assim, na *Grammatica Philosophica*, escrevemos o seguinte: "Ao adjectivo *que*, quando interrogativo, não se appõe o artigo indicativo.

---

(95) *Parecer* do Senador Ruy Barbosa. Pg. 46.
(96) *Lig. Obs.* Pg. 36.

"Assim é que se diz: *que é o mundo? que é o nosso corpo? que é a nossa alma? que é o homem? que é a morte? que é a vida? que pensaes daquelle procedimento? que coisa é a felicidade? que coisa é Deos?* e não *o que é o mundo? o que é o nosso corpo? o que é a nossa alma? etc...*

"Encontram-se, todavia, em bons autores exemplos que se oppõem a essa regra, dictada pela razão. Assim disse Vieira: *O que dirão a isto os todo-poderosos do mundo?*". Alexandre Herculano: "*O que parece ao villão?*". Rebello da Silva: "*O que era a virtude em Roma na hora em que tudo principia a declinar?*". (97)

Obedecendo ao mesmo curso de ideias, dissemos tambem nos *Serões Grammaticaes*, tocando o mesmo assumpto:

"Ao adjectivo *que*, interrogativo, não se costuma antepor o artigo indicativo: *Que é o mundo? Que é o homem? Que é grammatica? Que é historia? Que é philosophia? Que é a morte? Que é a vida?*

"*Que é o mundo? Hospital de doidos; apparencia e jogo de titeres; casa cheia de fumo*". (M. Bernard.).

"Encontram-se, todavia, exemplos contrarios a esta regra:

"*O que parece ao villão?* (A. Herc.).

"*O que era a virtude em Roma na hora em que tudo principia a declinar?*" (Rebello da Silva)". (98)

Entre os exemplos citados, para mostrar que escriptores de boa nota empregavam ás vezes o artigo antes do *que* interrogativo, apresentamos nas *Ligeiras Observações* um exemplo do Padre Antonio Vieira, assim redigido: "*O que dirão a isso os todo-poderosos do mundo?*"

Este exemplo copiamol-o de nossa *Grammatica Philosophica*, onde o haviamos inserido, transcrevendo-o da *Grammatica Nacional de* Caldas Aulete, a paginas 66, 3.ª edição, como se poderá verificar.

Já, rectificando o exemplo de Vieira, transcripto da *Grammatica Nacional* de Aulete, escreviamos nos *Serões*, citando o mesmo classico portuguez:

"*Que dirão a isto os todo-poderosos do mundo?*" (*Serões*. Pg. 133).

---

(97) Vide *Gramm. Phil.* Pg. 244.

(98) *Serões Gramm.* Pg. 297.

E, na ultima edição dos *Elementos de Grammatica Portugueza*, repetimos o mesmo exemplo.

O passo de Vieira, extrahido do *Sermão da Terceira Dominga Post. Ephiphaniam*, esta assim redigido: "*Que dirão agora a isto os todo-poderosos do mundo?*"

O illustre contradictor vale-se desta circumstancia para me fazer uma injusta e descabida increpação, escrevendo o seguinte:

"Assim que tres vezes estropiou o mestre ao indefenso Vieira em menos de uma linha.

"Estropiou-o, eliminando-lhe o *agora*. Tornou a estropial-o, convertendo-lhe o *isto* em *isso*.

"Não contente, emfim, de o estropiar no vocabulario, acabou estropiando-o na syntaxe, com lhe antepor o artigo *o* ao *que* interrogativo.

"Que fé nos podem merecer de ora avante as citações do professor Carneiro, baldas sempre das indicações necessarias ao exame de sua sinceridade?" (99).

Ao que responderão os que me conhecerem: "a fé que merece todo o homem de bem".

Em menos de uma linha, desvendou o illustrado critico tres estropiamentos, na citação do trecho de Vieira:

1.º *estropiamento*: a suppressão do *agora*.

Mas, o exprimir ou não este adverbio, em nada altera a applicação da regra relativa ao *que interrogativo*.

A suppressão do *agora* tambem se nota no mesmo exemplo, transcripto por Caldas Autele.

Mas forçoso era mostrar em menos de uma linha tres *estropiamentos*.

2.º *estropiamento*: conversão do *isto* em *isso*. Não só na *Grammatica Philosophica*, a paginas 244, senão tambem nos *Serões*, a paginas 133, e nos *Elementos de Grammatica Portugueza*, a paginas 55, está escripto *isto* e não *isso*, como sahio estampado nas *Ligeiras Obserservações*.

Demais, a que vem isso para a questão que se discute? Que alteração fundamental trará ao sentido o *isso*, que sahio no impresso, e o *isto* do texto de Vieira?

Mas era mister mostrar mais este *estropiamento*.

3.º *estropiamento*: anteposição do artigo ao *que* interrogativo.

Aqui sim; este é que é todo o eixo da questão.

Mas já me expliquei sufficientemente: o exemplo que citei foi extrahido de minha *Grammatica Philosophica*, que o transcreveo tal qual se acha na *Grammatica Nacional* de Aulete.

---

(99) *Replica*. § 26. n. 146.

Que muito é, pelo demais, que em Vieira houvesse um ou outro exemplo, bem que raro, da construcção que lhe não era habitual?

Abra o Dr. Ruy o tomo 5.º dos *Sermões* deste mestre de nossa linguagem, e no *Sermão da Bulla da Santa Cruzada*, a paginas 282, encontrará o seguinte lanço, em que o orador sagrado assim escreve:

"Estaes despachado para a India, sobem os vossos papeis com tres logos; dispara a capitania peça de leva, cortam-se as amarras, embarcae-vos: e *O QUE vos succede?*"

Neste exemplo de Vieira é ou não o artigo anteposto ao *que* interrogativo?

Disse noutra parte o mesmo escriptor:

"Com este presupposto, querendo, podendo e sabendo fazer quanto quizesse, porque ninguem poude tanto, nem quiz mais, nem soube melhor que Salomão, vede *O QUE faria?*

(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 295).

"A mais dura coisa que tem a vida é chegar a pedir, e, depois de chegar a pedir, ouvir um *não*: vede o QUE *será?*"

(Ibid. T. 2.º Pg. 34)

Não pode a interrogação cahir no *o* artigo, nem no *vêde*, desde que não ha imperativo usado interrogativamente; cáe, logo, no adjectivo *que*: é este elemento grammatical o *que* interrogativo, de que se trata, e eil-o precedido aqui do artigo.

E quando nenhum exemplo, nenhum absolutamente se nos deparasse em Vieira, que interesse de grande valia tinhamos nós de mostrar um exemplo da anteposição do artigo ao *que* interrogativo, desde que foi sempre opinião nossa que se devia, em taes casos, supprimil-o, e affirmamos que sempre o fez assim M. Bernardes?

O que sustentamos, o que sustentaremos, o que se pode com seguridade affirmar, é que a lição dos melhores escriptores, principalmente dentre os modernos, nos offerece numerosissimos exemplos, em que se observa essa anteposição do *o* ao *que* interrogativo, syntaxe não habitual aos nossos classicos antigos e a alguns modernos, não podendo, portanto, a eliminação do artigo, em taes circumstancias, ser seguro padrão por onde aferir hoje vernaculidade de um escriptor.

Mas o Dr. Ruy Barbosa, em má hora, havia molhado a penna em fel; era mister gastal-o todo, exgottal-o até a ultima gotticula da pennada nas linhas que escreveo, e que denunciam, em sua *Replica*, a azedada disposição do espirito que dirigio a mão que as traçou.

"Que fé nos podem merecer de ora avante as citações do professor Carneiro.....?"

E que fé pode merecer a citação do illustre antagonista, quando assegura que eu chamo de *idiotismo* certas construcções portuguezas a que não dou o nome de *idiotismo,* mas de *brasileirismo,* como se verá, cotejando o que, na *Replica,* o Dr. Ruy affirma no fim do n. 223, com o que escrevi nos meos *Serões,* a paginas 354?

Que fé pode inspirar a citação que faz o Dr. Ruy de um trecho de João de Barros, quando attribue a este escriptor, como já vimos antes, o seguinte: "Ver ante si D. Garcia de Noronha seo sobrinho, *que elle muito queria* por suas calidades", quando o trecho, como já transcrevemos da *Decada* II. Livro VII. Cap. III, é assim escripto: "Ver ante si D. Garcia de Noronha, *A que elle muito queria* por suas qualidades?"

Que confiança podemos ter na citação da palavra *diversorio,* que o esclarecido censor, sem dar indicação segura, affirma e bate fé que encontrou em José de Castilho, na *Grinalda Ovidiana,* na accepção de *diversão, coisa que diverte, afasta,* quando, (*) examinando-se o trecho, se vê, com a maior clareza, que muito outro é o sentido ligado alli ao vocabulo *diversorio?*

Que fé nos poderá suggerir a citação que, apadrinhando-se com Galhardo e Raggio Nobrega, faz o Dr. Ruy de duas phrases das *Lendas e Narrativas* de A. Herculano, ambas erradas, quando, (**) tão conversado no estudo dos classicos, não era crivel que ignorasse o erro de transcripção daquelles escriptores, em obra tão conhecida, tão versada e lida ainda pelos menos entendidos?

Vejamos agora os exemplos do *que* interrogativo precedido do artigo:

"Pergunta o requerente bisonho *o que* deve? Responde-lhe: de graça desejara servir a v. m., mais vive um homem alcançado e sustenta casa com este officio, dê v. m. o que quizer".

(*Arte de Furtar.* Pg. 361).

Neste exemplo da *Arte de Furtar,* não ha negar, é interrogativo o QUE da phrase "*o que deve?*"

"*O que* era ella senão a attestação do peccado original?" (Marquez de Abrantes. Vide *Os Fastos de Ovidio* de A. Cast. T. 1.º Nota. Pg. 432).

(*) Na 1.ª ed. lemos: "quando examinando-se..." Collocamos a virgula, conforme a 2.ª ed., por ser de rigor aqui.

(**) Na 2.ª ed. collocou-se virgula depois de "quando", omittida na 1.ª por engano do devisor.

"*O que* foi até alli nossa existência?"
(Garrett. *Dona Branca.* Pg. 101).

"*O que* vai por essa alma, ó rei?..."
(Id. Ibid. Pg. 172).

"*O que* será, padre?"
(*Viag. na Minha Terra.* T. 1.º Pg. 192).

"No fim de tudo isto, *o que* lucrou a especie humana?"
(Id. Ibid. Pg. 25).

"Addison foi secretario d'Estado, e então..... — Então *o que?* Não concebem um secretario d'Estado philosopho, um ministro poeta, escriptor elegante, cheio de graça e de talento?"
(Id. Ibid. Pg. 33).

"A um pobre homem *o que* lhe fica para crer?"
(Id. Ibid. Pag. 49).

"*O que* é, Carlos?"
(Id. Ibid. Pg. 264).

"Ai! *o que* será ella amanhã?"
(Id. Ibid. Pg. 232).

"*O que* era então?"
(Id. Ibid. Pg. 231).

"Senão *o que?*"
(Id. Ibid. Pg. 230).

"*O que* é um inglez sem Porto ou Madeira... sem Carcavellos ou Cartaxo?"
(Id. Ibid. Pg. 69).

"*O que*, minha irmã?"
(Id. Ibid. Pg. 182).

"*O que* ha de um homem fazer?"
(Id. Ibid. Pg. 53).

"*O que* escreve ella, *o que discute*,... que principios, que doutrinas, professa?"
(Id. Ibid. Pg. 128).

"Mas *o que* terá tudo isto com a jornada da Azambuja ao Cartaxo?"
(Id. Ibid. Pg. 36).

"*O que?*"

(Id. *Frei Luiz de Souza*. Pg. 31).

"O povo ha de ganhar com isto?"
"*O que?*"

(Id. *Disc. Parlament.* Pg. 42).

"E a justiça? Em que estado está a justiça, e o *que* se ha feito ou proposto para ella melhorar?"

(Id. Ibid. Pg. 223).

"*O que* é a arte, em tal assumpto?"

(J. Silvestre Ribeiro. *Prim. Trac. de uma Resenha de Litt. Port.* Pg. 14).

"*O que* te fez meo filho, *o que* os Troyanos...?"

(Od. Mendes. *Virg. Brasileiro*. Liv. 1.º Pg. 217).

"*O que* foi isto?
Vocês não me dirão?"

(A. Cast. *O Fausto*. Scen. III do Quadro VI).

"Se a morde a pulga, *o que* faz?"

(Id. Ibid. Pg. 165).

"*O que* lhe falta?"

(Id. Ibid. Pg. 135).

TARTUFO

"Então... já não replico!
Por santa obediencia, aqui me sacrifico!
No emtanto, se quizesse...

ANSELMO

"*O que?*"

(Id. *Tartufo*. Pg. 107).

"... Se se me não congraça,
temo inda...

D. IZAURA

"*O que?*"

(Id. Ibid. Pg. 140).

"Eu! como? e *o que?*"

(Id. Ibid. Pg. 123).

"*O que* quer que se faça?"

(Id. *O Misanthropo* Pg. 6).

"*O que* é, Paschoal?"
(Id. Ibid. Pg. 189).

"Logo, se não é drama, *o que é?*"
(Id. *Camões*. T. 1.º Pg. XI).

"Barbaria inaudita, *o que?* explica-te!"
(Id. Ibid. Pg. 55).

"*O que* lhe dóe?"
(Id. *O Avarento*. Pg. 227).

"*O que* é lá isso?"
(Id. Ibid. 49).

"Quem desmama um menino, *o que* é que põe no peito?"
(Id. Ibid. Pg. 245).

"*O que* é que é pena?"
(Id. Ibid. Pg. 259).

"Quem? *O que* me roubou?"
(Id. Ibid. Pg. 301).

"*O que* temos nós actualmente de facto para agente de instrucção em Portugal?"
(Id. *Felicidade pela Instrucção*. Pg. 66).

"Do cardume de dores que lhe pungiram a alma, *o que* lhe ficou?"
(Id. Vide *Vivos* e *Mortos*. Vol. 7.º Pg. 32).

"*O que* é isso em relação á Eternidade?"
(Id. Ibid. Pg. 33).

"Num despeito de amor *o que* é que se não faz?"
(Id. *As Sabichonas*. Pg. 14).

"*O que* é?"
(Id. Ibid. Pg. 50).

"*O que* são?"
((Id. Ibid. Pg. 103).

"*O que* se não diria...?"
(Id. Ibid. Pg. 172).

"*O que* dizeis dos outros?"
(A. Herculano. O (*) *Monge de Cister*. T. 1.º Pg. 200).

(*) Na 2.ª ed. lemos: "Monge de Cister".

"*O que? O que?* — perguntaram varias vezes".
(Id. Ibid. Pg. 216).

"*O que* se segue dahi?"
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 125).

"Aquelle cadaver que alli jaz, *o que é?*"
(Id. Ibid. Pg. 210).

"*O que* parece ao villão?"
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 232).

"*O que?* interrompeo o besteiro...".
(Id. Ibid. Pg. 152).

"*O que?* Uma vergonha para tavolageiros goliardos".
(Id. Ibid.).

"Mas *o que* diz o senso commum?"
(Id. *Historia da Inquisição*. T. 3.º Pg. 192).

"*O que* será feito de Frei Timotheo?"
(Id. *Lendas e Narrativas*. T. 2.º Pg. 135).

"*O que* sera feito delle?"
(Id. Ibid.).

"*O que* está naquella arca?"
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 117).

"Mas *o que* exaggeram os tres conegos de Sanctiago autores do livro?"
(Id. *Opusc.* T. 5.º Pg. 95).

"*O que* nos revelam elles, bem que imperfeitissimamente?"
(Id. Ibid. Pg. 120).

"*O que* são as revoluções politicas do nosso tempo?"
(Id. Ibid. Pg. 149).

"Mas *o que* quiz o nobre critico dizer chamando á Beira e á Extremadura base de Portugal?"
(Id. Ibid. Pg. 169).

"Na essencia, porém, *o que* era elle?" ....
(Id. Ibid. Pg. 232).

"Mas *o que* é um livro no mesmo sentido natural em que empregaes a palavra *casa*, que aliás tambem tem significações metaphoricas?"
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 126).

"Mas *o que* quer esta reacção?"
(Id. Ibid. Pg. 269).

"*O que* é o direito de propriedade?"
(Id. Ibid. Pg. 62).

"E *o que* podia ser, senão a reacção, já em tantas questões e por tantos modos manifestada?"
(Id. Ibid. Pg. 295).

"*O que* diriamos no primeiro impeto de justissima indignação?"
(Id. Ibid. Pg. 37).

"*O que* é que se transfere de uma edição para outra?"
(Id. Ibid. Pg. 65).

"*O que* estão revelando provisões desta ordem?"
(Id. Ibid. Pg. 104).

"Mas se nem todos têm estas sahidas, *o que* succederá aos que não as tiverem?"
(Id. Ibid. *A Emigração*. Pg. 145).

"*O que* importa? Á sua gloria, nada de certo".
(Rebello da Silva. *Estudo Bibliogr. e Litt. Poesias* de Bocage colligidas por I. (*) F. da Silva. T. 1.º Pg. XV).

"*O que* é o terceiro braço da nação? — apenas faria meditar um ou outro pensador".
(Id. Ibid. Pg. XLVIII).

"*O que* fazia a regencia de Lisboa neste meio tempo?"
(Id. *Varões Illustres*. Pg. 90).

"*O que* podia provocar o conflicto senão mais graves infortunios e maiores oppressões?!"
(Id. Ibid. Pg. 149).

"Mas *o que* lhe importava isso?"
(Id. Ibid. Pg. 261).

"*O que* se notava?"
(Id. Ibid. Pg. 151).

"*O que* pediam os guerreiros?"
(Id. Ibid. Pg. 248).

(*) Na 1.ª ed. lemos, por erro de revisão "J" e não "I".

"O *que* queriam os monges?"
(Id. Ibid.).

"O *que* foi esse movimento na sua origem, na explosão e no desenlace?"
(Id. Ibid. Pg. 247).

"O *que* nos diz a voz desses hymnos sacerdotaes cantados no Templo, aonde se celebravam as festividades de Jerusalem...?"
(Id. *Fastos da Igreja*. T. 1.º Pg. 22).

"O *que* respondem á Igreja triumphante, depois de tantos combates, victoriosa dos erros e heresias, firme na sua unidade, ha dezenove seculos completos?"
(Id. Ibid. Pg. 26).

"O *que* perguntas, ou *o que* fallas tu com ella?"
(Id. Ibid. Pg. 226).

"O *que* não tinha transformado a immensa revolução moral, dissolvendo imperios, costumes e interesses arraigados?"
(Id. Ibid. Pg. 141).

"O *que* são na *Italia liberata* os seos Cosmondos, Mundellos, Corsamontes, senão os nomes rituaes do baptismo cavalheiresco?"
(Lat. Coelho. *Luiz de Camões*. Pg. 273).

"O *que* podem elles dar a estes genios singulares, que sem purpura, nem sceptro, nem corôa, governam e encaminham o futuro?"
(Lat. Coelho. *Varões Illustres*. Part. 2.ª Pg. 258).

"O *que* fariam ellas, que em vida se humilham para subir...?"
(Id. *Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 288).

"O *que* esperaes que venha a ser a eloquencia?"
(Id. Ibid. Pg. 365).

"O *que* são os modernos idiomas neo-latinos ou romanicos, senão os productos da lenta decomposição, quasi diriamos fermentação de linguagens mais completas e primorosas?"
(Id. Ibid. Pg. 46-47).

"O *que* é o portuguez de hoje senão o descendente — em centenares de gerações degenerado, — do antigo e nobilissimo tronco, de que apenas conserva as feições proeminentes e essas mesmas confusamente delineadas?"
(Id. Ibid.).

"O *que* é este Protheo, que se disfarça nas mais fugazes apparencias, sem que alcancemos, com serem tantos e tão admiraveis os progressos e mara-

vilhas da sciencia, rasgar-lhe os véos, em que se esconde, a salteal-o na sua desnudez?"

(Id. *A Oração da Corôa. Introd.* Pg. CIV).

"*O que* é a natureza, esse mysterio tão incomprehensivel e tão alto como os arcanos mais inescrutaveis do mundo intelligivel?"

(Id. Ibid.).

"*O que* é a materia tão abstracta como o espaço ou como o tempo?"

(Id. Ibid.).

"*O que* é a *affinidade* senão uma allegoria?"

(Id. Ibid. Pg. CXIV).

"*O que* em toda a creação organica ha por ventura mais anarchico e desordenado?".

(Id. Ibid. Pg. CXLIX).

"*O que* ha de commum, ó scelerado, entre ti ou os teos e a virtude?"

(Id. Ibid. Pg. 43).

"*O que* é, minha querida?!"

(Id. *Os Solteirões.* T. 1.º Pg. 1).

"*O que* estás tu lendo?"

(Id. Ibid.).

"E *o que* havias de fazer em tal occasião?"

(Id. Ibid. Pg. 5).

"Então *o que* apurou a este respeito?"

(Id. Ibid. Pg. 12).

"*O que* quer isto dizer...?"

(Id. Ibid. Pg. 15).

"Então *o que* é que me querem?"

(Id. Ibid. Pg. 29).

"*O que* lhe parece que isto possa ser?"

(Id. Ibid. Pg. 80).

"*O que* é isto que está escripto no reverso?"

(Id. Ibid. Pg. 101).

"*O que* entende ella pelo seo urso desdentado?"

(Id. Ibid. Pg. 102).

"*O que* havemos nós de lhe dizer?"

(Id. Ibid. Pg. 109).

"*O que* representa aquelle quadro?"
(Id. Ibid. Pg. 114).

"*O que* estará Rebeca fazendo lá em cima?"
(Id. Ibid.).

"*O que* julgava então da minha felicidade?"
(Id. Ibid. Pg. 119). (100)

"*O que* era isto?"
(Camillo. *Myst. de Lisbôa.* Vol. 1.º Pg. 23).

"*O que* faz?"
(Id. *Doze Casamentos Felizes.* Pg. 46).

"*O que* são os ventos?"
(Id. *Cavar em ruinas.* Pg. 179).

"*O que* fizeram as civilisações contra as moscas?"
(Id. Ibid. Pg. 10).

Na mesma obra encontra-se exemplo analogo, em que o escriptor calou o artigo, escrevendo:

"*Que* fizeram as civilisações em favor do genero humano contra as moscas?"
(Id. Ibid.).

"*O que* dirá o tio André da Rosa?"
(Luiz F. Leite. *Ramalhetinho da Puericia.* Pg. 181).

"E quem vos vir de camaradagem com elles, *o que* pensará?"
(Id. Ibid. Pg. 31).

"*O que* espera o glotão?"
(Id. Ibid. Pg. 49).

"*O que* é o meo livro?"
(Th. Ribeiro. *Dom Jayme.* Pg. XLIII).

"*O que* acharam? ouro e prata? só a dos calices e custodias".
(J. Francisco Lisbôa. *Vida do Padre Vieira.* Pg. 380).

"*O que* é que Você quer?"
(Machado de Assis. *Varias Hist.* Pg. 213).

Em cada um dos interrogatorios sobre os varios pontos da disciplina grammatical, segundo o plano que adopta, em sua gramma-

(100) Semelhantemente a pgs. 3, 14, 38, 44, 52, 57, 70, 72, 79, 81, 83, 84, 90, 92, 100, 108, 117, 120, 121, 122, 123, 128, 131, 137, 140, 142, 150, 153, 157, 159, 163, 164, 169, 172, 174, 175, 192, 201, 211, 215, 219.

tica, Caldas Aulete constantemente emprega o artigo antes do adjectivo interrogativo *que*, como verá quem percorrer a sua *Grammatica Nacional*, na 7.ª edição, dada aos prelos em Lisboa, em 1872.

Assim é que no *interrogatorio*, a paginas 7, se encontram as phrases seguintes:

"*O que* é palavra fallada ou proferida? *O que* são syllabas? *O que* são vozes? *O que* é diphthongo? *O que* são consonancias? Diga o *que* é consonancia sutentada? Diga o *que* é consonancia subita? *o que* são consonancias compostas? *o que* é syllaba simples? *que* é syllaba nasalada? *O que* é syllaba diphtongal? *O que* é syllaba consonante? *O que* é syllaba complexa? *O que* é monosyllabo? *O que* é disyllabo? *O que* é trisyllabo *O que* é polysyllabo? *O que* é syllaba phonetica? *O que* é syllaba etymologica? *O que* é palavra escripta? *O que* são lettras? *O que* são vogaes? *O que* são consoantes? *O que* é alphabeto ou abecedario? *O que* são lettras compostas?"

A paginas 10, segue a mesma syntaxe, escrevendo: "*O que* são palavras radicaes? *O que* são palavras derivadas? *O que* são palavras subderivadas? *O que* são palavras compostas? *O que* são raizes? *O que* são suffixos? *O que* são prefixos?"

E a paginas 19: "*O que* é fallar? *O que* é oração? *O que* é período? *O que* é discurso? *O que* é sujeito? *O que* é verbo? *O que* é attributo? *O que* é sujeito simples? *O que* é verbo simples? *O que* é attributo simples? *O que* é sujeito complexo? *O que* é verbo complexo? *O que* é attributo complexo? *O que* é complemento? *O que* é sujeito composto? *O que* é attributo composto? *O que* é sujeito oracional? *O que* é attributo oracional? *O que* é uma oração composta?"

E assim em todas as paginas em que recorre a esses *questionarios* grammaticaes, como se poderá ver, lendo as paginas 20, 25, 29, 33, 35, 42, 46, 49, 52, 54, 63, 84, 97.

"Verdade seja", diz o Dr. Ruy Barbosa, "que uma ou outra vez, rarissimamente, como que a descuido, se nos offerece, em bons autores, a apposição do artigo indicativo ao adjectivo *que*, interrogativamente empregado".

E depois de apresentar dois exemplos de Manuel de Mello, cinco de Castilho Antonio, dois de Camillo e dois de Alexandre Herculano, em que se nota a anteposição do artigo ao *que* interrogativo, continua com a seguinte resalva:

"De ordinario, porém, nos rarissimos casos dessa occorrencia grammatical, o *o que* responde a uma construcção ellipitica, na qual o artigo faz de complemento directo a um verbo anteriormente empregado em oração affirmativa e subentendido na interrogativa. É o que se verifica nestes exemplos:

"Senão quando veem sahir... grande quantia de mouros... tudo a bradar: Ly, Ly, Ly...

"*O que?*

"Perguntae-lho lá".
(Castilho. *Camões*. Pg. 129).

Subentende-se, evidentemente: *A bradar o que?*

"Outro:

"Agora por mouraria... já me passava o dizer-vol-o..." — exclamou o moço de monte.

"*O que?* interrompeo o besteiro.

"*O que?* Uma vergonha para tavolageiros goliardos".
(*Monde de Cist.*, I. Pg. 152).

"Tal qual se dissera: — "Dizer o *que...?* Que é o *que* vos passava dizer-me?"

"Semelhantemente:

"Ouvireis alguma coisa que ha-de interessar-vos".

"*O que? O que?* perguntaram varias vozes".
(Ib. Pg. 216).

"Isto é: *ouviremos o que? que é o que ouviremos?*

"Outro:

"E *que* pensas tu, villão, de tanta insolencia?... *Que* pensas, *que* pensas? Falla, homem...

"*O que* parece ao villão?... Parece-lhe...".
(Ib. Pg. 230-232).

"É como se dissesse: "Quereis saber *o que* parece ao villão?

"Tanto assim é que, linhas antes, onde se não dera essa ellipse justificativa do artigo, *tres* vezes se empregou sem elle o interrogativo, e *duas* logo depois se torna a empregar do mesmo feitio:

"Mas se eu fui culpado e fraco, pergunto: *que* serão aquelles que, sem respeitarem o bom nome...? *Que* serão aquelles que, semelhantes...?"
(Pg. 232).

"Outro:

"Descanse, tia Domingas, descance", acudio o taberneiro, "emquanto eu lhe vou buscar..."

"Buscar *o que?*"
(*Monge de Cist.*, II. Pg. 96).

"Subentendendo: "Vae buscar *o que...?*"

"Que é *o que vae buscar?*"

"Mais:

"Juras? perguntou de novo Beatriz?"

"Juro. Mas o *que* juro eu?"
(Ib. Pg. 183).

"Correspondendo a: "Juro. Mas *sei o que* juro eu? "*Sei* eu *o que* juro?" "Dir-me-ás *o que* juro eu?

"Ainda:

"Repara bem! aquelle cadaver que alli jaz *o que* é?"
(Ib. Pg. 210).

"Exactamente como se escrevesse: "*Repara o que* é aquelle cadaver, que alli jaz", ou "*Sabes o que* é aquelle cadaver, que alli jaz?"

"É, ellipticamente, a mesma redacção não elliptica noutras phrases:

"Não *sabe ella o que* é o amor de uma donzella louquinha?"
(*O Bôbo*. Pg. 246).

"*Sabeis o que* lhe dá?"
(*Eufros*. Vol. I. Pg. 274).

"Homem nescio, tu *sabes* para onde vaes, ou *o que* levas?"
(Vieira. *Serm.* Vol. V. Pg. 86).

"Homem precipitado, *sabes o que* fazes? *Sabes o que* firmas?"
(Ib. Vol. II. Pg. 186).

"*Quereis ver o que* é uma alma?"
(Ib. Pg. 197).

"Tu *sabes o que vae?*"
(Filinto. *Obr.* Vol. V. Pg. 303).

"Não *sabe o que* succede?"
(Id. Vol. XIII. Pg. 40).

"*Sabes* tu o *que* são mil noites consumidas...? *Sabes o que* é caminhar sobre silvados...? *Sabes o que* é isto?"
(*Eurico*. Pg. 281). (101)

Depois de explicar assim a expressão o *que* dos exemplos que cita, conclue o Dr. Ruy:

---

(101) Vide *Replica*. § 26.148.

"Quando a anteposição do *o* ao interrogativo *que* não se possa justificar por exemplo, com a segunda antinomia de Kant, e concluir-se-ha a identidade deste modo, o solecismo é palpavel". (102)

Analysemos agora a explicação que dá o Dr. Ruy dos exemplos, por elle mesmo aqui acima apontados, e mostremos que, analysando-os, ou confunde o *que* interrogativo com o que o não é, ou o explica por outro *que* interrogativo, sem deslindar a difficuldade.

O primeiro exemplo é o de Castilho, no *Camões*, assim escripto:

"Senão quando veem sahir... grande quantia de mouros... tudo a bradar Ly, Ly, Ly...

"*O que?*

"Perguntae-lho lá".

Subtende-se, segundo o Dr. Ruy, evidentemente: "A *bradar o que?*"

Mas, assim explicando o *que* interrogativo, não vio o Dr. Ruy que o mantinha?

Esse *que*, o qual suppõe vir depois de *bradar*, não é ainda o mesmo *que* interrogativo? E não é esse interrogativo, precedido do artigo, que se trata de explicar?

A difficuldade do *que* interrogativo precedido do artigo, apezar da ellipse do Dr. Ruy, continua no mesmo pé. Na expressão "*a bradar o que?*", o *que* é evidentemente o interrogativo, não é outro: a interrogação, neste exemplo, cáe manifestamente na expressão *o que*, e não no verbo *bradar*.

Na explicação do segundo exemplo, tambem andou mal o illustre critico.

É de Alexandre Herculano, que assim escreveo, no *Monge de Cister*:

"Agora por mouraria... já me passava o dizer-vol-o..." exclamou o moço de monte.

O que? interrompeo o besteiro?

"*O que?* uma vergonha para tavolageiros goliardos".

Vejamos como o illustre Dr. Ruy explica esse passo do autor do *Monge de Cister*:

---

(102) Vide *Replica*. § 26.149.

"Tal qual se dissera", escreve o douto escriptor, explicando esse "*o que?*" de A. Herculano, "tal qual se dissera: "Dizer *o que...?*

"Que é *o que* vos passava dizer-me?".

Na expressão "*dizer o que?*" o *que* é interrogativo. Não resolveo o Dr. Ruy a difficuldade, desde que, ainda recorrendo à ellipse, subsiste a locução o *que*, empregada interrogativamente.

Como, na phrase "*a bradar o que?*", a interrogação, como vimos, não cáe no verbo *bradar*, senão no *que*, precedido do artigo, aqui tambem não é no verbo *dizer* que está a interrogação, mas no *que* interrogativo.

Não é o verbo *dizer*, subentendido, que faz neste exemplo o sentido interrogativo, como, no lanço de Castilho, não é o verbo *bradar* a que a phrase deve o sentido interrogativo: num e noutro caso, a interrogação provém não dos verbos *dizer* e *bradar*, mas do *que*, encerrado nas duas phrases.

Como variante da phrase "*dizer o que?*", para explicar a phrase de Alexandre Herculano, apresenta o Dr. Ruy esta outra phrase: "Que é *o que* vos passava dizer-me?"

Mas nesta variante a interrogação não pertence mais ao *que* expresso, senão a um *que* subentendido, tornando-se aquelle simples adjectivo conjunctivo, desvirtuando-se-lhe a natureza.

Semelhantemente explica o Dr. Ruy o seguinte lugar do mesmo escriptor:

"Ouvireis alguma coisa que ha de interessar-vos".

"*O que? O que?* perguntaram varias vozes".

Esse "*O que? O que?*" significa, ao parecer do Dr. Ruy, o mesmo que o seguinte:

"*Ouviremos o que? que é o que ouviremos?*"

Mas aqui occorre o mesmo que no exemplo precedente: ou a explicação mantém o *que* interrogativo, precedido do artigo, "ouviremos *o que?*", por conseguinte em nada elucida a questão; ou desvirtua a natureza do *que* interrogativo, transformando-o em simples adjectivo conjunctivo, cahindo a interrogação em um *que* subentendido.

Outro exemplo:

"E que pensas tu, villão, de tanta insolencia?... Que pensas, que pensas?... Fala, homem...

"*O que* parece ao villão?...

"Parece-lhe..."

Explicando esse outro exemplo do mesmo escriptor, assim se enuncia o Dr. Ruy Barbosa:

"É como se dissesse: Quereis saber *o que* parece ao villão?"

Mas não reflectio o sabio censor que o *que* da phrase: "*quereis saber o que parece ao villão?*" nada tem de interrogativo; não é da mesma natureza que o que figura na phrase de A. Herculano: "*O que parece ao villão?*"

Ainda, no *Monge de Cister,* diz A. Herculano:

"Descance, tia Domingas, descance", acudio o taberneiro, "emquanto eu lhe vou buscar..."

"Buscar *o que?*"

O Dr. Ruy explica esse exemplo, subentendendo

"Vae buscar *o que...?*"

"Que é *o que* vae buscar?"

No "*vae buscar o que?*", subentendido pelo Dr. Ruy, o *que* é ou não interrogativo?

Eis o interrogativo *que* precedido do *o.*

A difficuldade em nada mudou; subsiste a mesma.

O Dr. Ruy combate o artigo antes do *que* interrogativo, e reprodul-o em sua explicação.

Em "*vae buscar o que?*", quem é que não vê ser evidentemente interrogativo o *que,* encerrado na phrase?

Na phrase "*que é o que vae buscar?*", a interrogação está no *que* subentendido; ha transformação do *que* da phrase primitiva, que passa a simples adjectivo conjunctivo.

Não é mais feliz o Dr. Ruy Barbosa na explicação do *que* interrogativo, contido no seguinte trecho:

"Juras? perguntou de novo Beatriz".

"Juro. Mas *o que* juro eu?"

Ao juizo do esclarecido censor, estas phrases de Alexandre Herculano correspondem às seguintes:

"Juro. Mas *sei o que juro* eu?" "*Sei* eu *o que juro?*" "*Dir-me-has o que juro* eu?".

Não satisfaz a explicação do Dr. Ruy: o *que* destas tres ultimas, por elle formuladas, não tem sentido identico ao *que* da phrase de A. Herculano: "*mas o que juro eu?*"

Aqui é o *que* evidentemente interrogativo; alli, não.

No seguinte trecho da mesma obra citada:

"Repara bem! Aquelle cadaver que alli jaz", *o que* é?

diz o eminente antagonista haver uma construcção elliptica, exactamente como se Herculano escrevesse:

"*Repara o que* é aquelle cadaver, que alli jaz", ou "*sabes o que* é aquelle cadaver, que alli jaz?"

Mas, desenvolvendo assim as phrases, a que chama ellipticas, o Dr. Ruy confunde o *que* interrogativo da phrase do escriptor portuguez: "*aquelle cadaver que alli jaz,* o QUE é?" com o *que* simplesmente conjunctivo das phrases: "*repara* o QUE *é aquelle cadaver, que alli jaz*" ou "*sabes* o QUE *é aquelle cadaver, que alli jaz?*".

Ninguem chamará interrogativo nem ao *que* collocado depois de *repara,* nem ao que segue á forma verbal *sabes,* totalmente differentes do *que* interrogativo da phrase de Herculano — "*o que é?*".

Não sabemos a que fim transcreve o Dr. Ruy, fallando do *que* interrogativo, os seguintes excerptos:

"Não sabe *ella o que* é o amor de uma donzella louquinha?"
(*O Bôbo.* Pg. 246).

"*Sabes o que* lhe dá?"
(*Eufros.* Vol. I. Pg. 274).

"Homem nescio, tu *sabes* para onde vás, (*) ou *o que levas?*"
(Vieira. *Serm.* Vol. V. Pg. 86).

"Homem precipitado, *sabes o que fazes? Sabes o que firmas?*
(Ibid. Vol. II. Pg. 186).

"*Quereis ver o que* é uma alma?".
(Ibid. Pg. 197).

(*) Na 2.ª ed. lemos vaes e não vás, como está na edição de 1905, e se vê na ed. dos Sermões, de 1854–8, que é a citada por Carneiro Ribeiro. Vieira escreveu *vás,* como consta da ed. princips. vol. 9, pag. 417, 2.ª coluna. (Anchietana — E. I., vol. 9. pg. 417).

"Tu *sabes o que* vae?"
(Filinto. *Obr.* Vol. V. Pg. 303).

"Não *sabe o que* succede?"
(Ibid. V. VIII. Pg. 40).

"*Sabes* tu *o que* são mil e mil noites consumidas?... *Sabes o que* é caminhar sobre silvados...? *Sabes o que* é isto?"
(*Eurico.* Pg. 281).

Nenhuma dessas phrases, que o Dr. Ruy exarou em sua *Replica*, faz ao nosso proposito.

Supporá, porventura, o Dr. Ruy ser interrogativo o *que*, nellas contido? Evidentemente não o é; e, se o não é, como trazel-o aqui á baila, quando se não trata senão do *que interrogativo?*

As phrases são, é verdade, interrogativas; não occorre outrotanto com o *que*, nellas contido.

Julgamos, em summa, que, se verdadeira fôra a explicação que nos suggere o Dr. Ruy daquella ellipse de que se utilizou, para explicar o artigo antes do *que* interrogativo, usado por escriptores como D. F. M. de Mello, Castilho Antonio, Herculano e outros modernos, não houvera *que* interrogativo, precedido do artigo, que se não explicasse, guardando o mesmo teor.

XX

Incidir EM, incidir SOB.

Estava assim redigido o art. 238 do *Projecto*:

"Quando o casamento for declarado nullo por culpa de um dos conjuges, este incidirá:

I. Na perda de todas as vantagens havidas do innocente.

II. Na obrigação de cumprir as promessas que lhe fez, no contracto ante-nupcial".

Com as seguintes palavras, censurou o Dr. Ruy, em seo *Parecer*, o *incidir*, aqui empregado pelo *Projecto*:

"Sempre se disse vernaculamente *incorrer*.

"Assim se enunciavam as nossas leis, os nossos codigos, e ainda assim se exprimia, não ha muito, o *Projecto*, no art. 233.

.. ..

"Toda a gente, porém, diz: "Roma *cahio* sob o poder dos barbaros. A Iberia *cahio* sob o dominio do Crescente. A Polonia *cahio* sob o jugo dos Russos. A imprensa *cahio* sob a tutela da Inquisição".

"O historiador, que, em vez de *cahir*, usasse, nessas phrases, *incidir*, além de escrever mal, correria o risco de passar por um pedante de mao gosto, trocando a energia vernacula e a expressiva clareza de um vocabulo forte e ao alcance de todos pela obscuridade de um rebuscado eruditismo. Nada ganha a phraseologia das leis, que se suppõem endereçadas ao povo, em se apedantar com inuteis requintes". (103)

E, em o numero II do art. 239, onde dizia o *Projecto*:

"A administração dos bens communs e dos proprios da mulher, que, em virtude do regimen matrimonial adoptado, ou do pacto ante-nupcial, incidam sob sua administração",

---

(103) Vide *Parecer* do Senador Ruy Barbosa. Nota ao art. 238.

faz o eminente censor a reflexão seguinte:

"Se *incidir* equivale a *cahir sobre*, como justificar o uso de *incidir sob?*"

Sobre essas ponderações do Dr. Ruy, escrevemos nas *Ligeiras Observações*:

"Não nos parece estribada em seguros fundamentos a acerrima censura que faz o eminente critico ao verbo *incidir*, empregado aqui como synonymo do verbo *incorrer*, unico, segundo pensa, que se devia aqui empregar.

"*Incidir* deriva do verbo latino *incidere* (cahir em, cahir sobre). Em latim os verbos *incidere* e *incurrere* empregam-se às vezes como synonymos; corre outrotanto em nossa lingoa com os dois verbos *incidir* e *incorrer*, que lhes correspondem.

"Assim que *incorrer no odio* se diz em latim *incidere iram*, (Lact); *incorrer no odio dos homens*, disse Cicero: *incurrere in odia hominum*. (Vide *Nouveau Dictionnaire Latin-Français* de Eugène Benoist e Henri Goelzer, e o *Latin Dictionary* de Charlton Lewis).

"E' este verbo, dir-se-ha, um neologismo; mas não ha razão para o proscrever, porque é de boa fonte e conforma com a boa analogia.

"Ao art. 239, (*) onde o *Projecto do Codigo* emprega, em o n. II, a expressão "*incidam sob* sua administração", faz o Dr. Ruy o seguinte reparo: "Se incidir equivale a cahir *sobre*, como justificar o uso de incidir *sob?*"

"Não ha essa contradicção, que suppõe haver: *incidir* não quer dizer só *cahir sobre*, senão que significa tambem *cahir em*, como é facil verificar em latim, donde o importamos, consultando os diccionarios de Freund, Quicherat e Daveluy, Theil, Lebaigue, Benoist e Goelzer; estes ultimos traduzem a phrase latina de Seneca *incidere in oculos* no francez *tomber sous les yeux*, isto é, cahir sob a vista, sob os olhos, e não o fariam, se o verbo sempre tivesse a significação de *cahir sobre*". (104)

Tratando o mesmo assumpto e retrilhando as mesmas ideias, diz o autor da *Replica*:

"Escrevera eu que *incidir* equivale a *cahir sobre*, concluindo não parecer consentaneo á significação da palavra o *incidir sob* do *Projecto*.

(*) — Por engano tipografico lemos nas edições anteriores "339" em vez de "239".

(104) *Ligeiras Observações*. Pg. 37.

"Quem me subministrou essa definição de *incidir* foi Candido de Figueiredo (Dicc. Vol. I, Pg. 740).

"Tenta corrigil-o o mestre, allegando que *incidere* igualmente exprime *cahir em.*

"Mas, de facto, não corrige; porquanto *cahir em* e *cahir sobre* dizem ambos a mesma coisa". (105).

Isso não é verdade: se algumas vezes *cahir em* tem o mesmo sentido que a expressão *cahir sobre,* nem sempre assim occorre. Ninguem dirá, por exemplo: cahir *sobre* uma cilada, *sobre* uma rede, *sobre* um engenho, *sobre* um laço, *sobre* uma esparrela, *sobre* um fojo, *sobre* um poço, *sobre* uma ratoeira; mas cahir *numa* cilada, *numa* rede, *num* engano, *num* laço, *numa* esparrela, *num* fojo, *num* poço, *numa* ratoeira.

Nem a preposição *sobre* poderá substituir *em,* nas seguintes locuções: cahir *em* peccado, cahir *em* erro, cahir *na* conta, cahir *em* si, cahir *no* gotto, cahir *nos* ouvidos de alguem, cahir *em* sorte, cahir *em* cama.

Para mostrar a equipollencia das duas preposições *em* e *sobre,* unidas ao verbo *cahir,* explica o Dr. Ruy a phrase latina — *Precipites lymphis putealibus inciderunt* — do modo seguinte:

"Quer dizer (a phrase): "'Precipitaram-se nas agoas do poço". "Mas quem se precipita *em* agoas, antes de mergulhar *nellas, sobre ellas* cáe". 106)

Mas, com esta explicação do Dr. Ruy, não seria difficil achar tambem a adaptabilidade da preposição *sob.* Com effeito, quem se precipita *em* aguas, primeiro *sobre* ellas cáe, depois *nellas* mergulha, depois *sob* ellas fica.

É futilissima essa explicação do Dr. Ruy.

"Em *cahir*", ainda escreve o Dr. Ruy, "não ha nenhum elemento verbal, quem se precipita *em* agoas, antes de mergulhar *nellas, sobre* ellas cáe". (106) Mas *incidere* se compõe de *cadere* e *in.*

"*Cadere* diz *cahir. In* exprime *em,* ou *sobre.* Logo *cadere in, incidere,* ou *incidir,* é cahir *sobre,* ou cahir *em.* Cahir *sob* não pode ser". (107)

---

(105) *Replica.* § 28, 155.

(106) *Replica.* loc cit.

(107) *Replica.* loc cit.

Mas engana-se o douto contradictor: em *incidere* não ha, como julga, elemento algum verbal que exclua a ideia de *sotoposição;* muito pelo contrario, o prefixo *in*, que entra como elemento morphico do vocabulo *incidere*, tambem algumas vezes indica essa ideia de sotoposição, de que falla.

Leia o diccionario de Quicherat e A. Daveluy, e a paginas 659, encontrará os seguintes valores significativos, dados á preposição *in*:

"In — prep., qui régit l'abl. et l'acc. Avec l'ablatif. 1.° dans (sans mouv.), en, *à;* sur, (sans mouv.) au fig. dans, en, a; au sujet de, touchant, concernant, pour, à cause de; 2.° avec (un objet qu'on porte), en; 3.° SOUS; 4.° entre, parmi; 5.° pendant, durant; 6.° après: 7.° locutions diverses".

Folheando o *diccionario latino-portuguez* de Saraiva, notará os seguintes significados para a mesma preposição, regendo o ablativo: (*)

1.° Em, a, sobre; fig. em, a; a respeito, á cerca de, com respeito a; 2.° Com, em; 3.° SOB, DEBAIXO DE; 4.° Entre, no meio de; 5.° Em, durante; 6.° Depois de; 7.° A respeito de, para com; 8.° Por, por causa, por amor de; 9.° De, como; 10.° Phrases diversas".

No diccionario latino-inglez de Charlton T. Lewis — *A Latin Dictionary for Schools* (108) — acha-se igualmente ligado á preposição *in*, entre outros sentidos, o que se associa ao vocábulo inglez UNDER, que indica essa relação de lugar inferior ou de sotoposição, que o Dr. Ruy recusa á preposição *in*, elemento morphico de *incidir.*

(*) Na 1.ª ed. lemos: "ablativo com ponto final em vez de dois pontos (:).

(108) Vide a pg. 502.

XXI

Receiar que não BASTAM ou receiar que não BASTEM

Rezava o *Projecto* no art. 315:

"A separação do dote pode ser judicialmente requerida pela mulher, quando a desordem nos negocios do marido fizer receiar que os bens deste não bastam para garantir os seos, salvo o direito que assiste aos credores de se oporem á separação, quando for esta fraudulenta".

Em seio *Parecer,* emendou o Dr. Ruy este artigo, redigindo-o dest'arte:

"A mulher pode requerer judicialmente a separação do dote, quando a desordem nos negocios do marido leve a receiar que os bens deste não bastem a assegurar os do outro conjuge; salvo o direito, que aos credores assiste, de se opporem á separação, quando fraudulenta".

Julgando razoavel a emenda no modo do verbo *bastar,* que o *Projecto* tinha empregado no indicativo, deste modo é que nos exprimimos nas *Ligeiras Observações*:

"Á parte a emenda feita no modo do verbo *bastar,* cuja linguagem deve exprimir-se pelo subjunctivo *bastem,* e não pelo indicativo *bastam,* a redacção do artigo em nada melhorou, tornando-se, ao revez disso, menos clara.

"Como effeito, se é a mulher que pode requerer, se ella mesma é que receia que os bens do marido não bastem para assegurar os seos, isto é, os bens della, como se diz não bastem os bens deste para assegurar os bens do outro conjuge, quando est'outro é ella mesma?" (109).

Demos, portanto, razão ao illustre critico, no substituir na emenda o indicativo *bastam* do *Projecto* pelo *bastem.*

---

(109) *Lig. Obs.* Pg. 38.

Verdade é que se encontram em nossos escriptores classicos alguns exemplos do emprego do indicativo depois dos verbos *receiar*, *temer*, em circumstancias analogas.

Mas o subjunctivo é, pelo commum, o modo de que se servem os nossos classicos mais modernos.

Os trechos seguintes de classicos portuguezes offerecem-nos exemplos do uso do indicativo pelo subjunctivo, depois dos verbos *receiar*, *temer*:

"Mas como Antonio de Miranda *receiava*, que, mandando homem de maior sorte, *podia* atravessar-se em tomar algum navio, quiz antes este...".
(Barros. *Dec.* IV. Liv. II. Cap. X. Pg. 186).

"Porque *receiava* que *era* aquelle o seo ultimo tempo...".
(Lião. *Chron. d'el-rei D. João o 1.º* Cap. 103. Pg. 501).

"Nem tem que *receiar* Xavier, que a Roma, que o mandou ao Oriente, não *aprouve* esta resolução...".
(Vieira. *Serm.* T. 13. Pg. 45).

"Porque *temia*, como sabio capitão, que lhe *podia* tirar a lua o mesmo que lhe dava o sol".
(Id. Ibid. T. 12. Pg. 227).

"Sempre eu *temi* que a relação da victoria, não necessitando ella de cores alheias, lhe *havia* de apoucar a grandeza e escurecer o lustre".
(Id. *Cartas.* T. 1.º Pg. 179).

"Porque, como menos animosos, *temia* o que nos *podia* succeder".
(Id. Ibid. Pg. 176).

Isto não obstante, julgamos razoavel a emenda do Dr. Ruy, trocando o *bastam* em *bastem*.

Quanto, porém, á redacção que dá ao artigo, achamol-a defeituosa, do que se convencerá o que reflectir bem na emenda, que repetimos:

"A mulher pode requerer judicialmente a separação do dote, quando a desordem nos negocios do marido leve a receiar que os bens deste não bastem a assegurar os do outro conjuge...".

Em vez dessa redacção, fôra mais clara, pensamos nós, a seguinte:

"A mulher pode requerer judicialmente a separação do dote, quando a desordem nos negocios do marido leve a receiar que os bens deste não bastem assgurar os seos".

A censura feita a essa redacção do illustre censor é que me valeo o motejo com que, em sua *Replica,* se exprime em relação á minha humilde pessôa.

Sempre se queima o que se approxima do sol; fital-o só é dado ás aguias, *l'aigle vole au soleil.*

E por lhe não aguarmos o prazer do escarninho, para aqui transcrevemos, em sua intrega, o que diz o Dr. Ruy a proposito do reparo que ousamos fazer á emenda acima:

"Mas agora, o desconto. Parece-lhe menos claro que o *Projecto* o meo substitutivo. Isto de clareza, como não se tacteia á mão, não se determina por conta, peso ou medida, nem se afere a regras de synatxe, deixa em opinião entre os apreciadores o fazerem, cada qual segundo o seo paladar, ou interesse, da opacidade transparencia e da transparencia opacidade.

"Assim *de hoc non est dispatandum.*

"Arrevezada, obscura, labyrinthica é o que ao mestre se afigura sempre a minha redacção. Pois que remedio? Lucidez, a do *Projecto:* lucidez solar, meridiana, a que o illustre philologo deveo o lograr-lhe digerir e refundir os mil e oitocentos artigos em quatro dias. Quando um homem nasceo charadista, os enigmas são o seo elemento.

"Mais enxerga o peixe no fundo que á tona.

"Da sua travessia grammatical sahio o douto revisor com a visão a ella costumada. De pressa os olhos se afazem ao escuro, e já não toleram o dia". (110)

(110) *Replica.* § 29-156.

XXII

Se FOREM casados HA mais de dois anos.

Era assim redigido o art.324 do *Projecto*:

"A acção de desquite só pode fundar-se em algum dos seguintes motivos:

I. Adulterio.

II. Tentativa de morte.

III. Sevicia ou injuria grave.

IV. Abandono voluntario do lar conjugal, durante dois annos continuos.

V. Mutuo consentimento dos conjuges, se forem casados ha mais de dois annos".

Notando a redacção do numero V deste artigo, escreveo o Dr. Ruy no seo *Parecer*:

"*Forem* está no futuro; *ha,* no presente. Será legitima esta combinação grammatical?"

Esse foi, note bem o leitor, o unico reparo que o eximio escriptor fez ao numero V do art. 324.

A essa reflexão oppuzemos-lhe os exemplos:

"1.º: "E a flor que ainda *ha* pouco *era* comparada á virgem graciosa, no viço da mocidade, jaz convertida em espectro". (A. Cast.). 2.º: "Os mal affeiçoados muito *ha* que já *hão de ter dado* a sua curiosidade por satisfeita". (Id.). 3.º: "Este phenomeno tão geral confirma o que pouco *ha aventavamos*". (J. Cast.). 4.º: "Dal-o não posso, porque m'o prohibe a obediencia; porém, se vós *tomardes,* eu não *estou* obrigado a defendel-o". (M. Bernardes). 5.º: "Se elle não *estiver* aqui ás 8, *dou-te* a chave da torre, e são hoje teos todos os sinos". (A. Herc.). (111)

Depois de analysar todos esses exemplos, em que não encontra analogia com o trecho do *Projecto,* diz o Dr. Ruy:

---

(111) *Lig. Obs.* Pg. 38-9.

"Como poderia eu ignorar um phenomeno grammatical (o uso do presente pelo futuro) de frequencia tão reiterada na linguagem mais chã e correntia?

"Não, dahi não podia nascer a minha extranheza. Donde ella resultou, foi do modo como no texto increpado se opera a applicação desse uso. "Se *forem* casados *ha* mais de dois anos", é como alli se diz. O *ha* não significa uma acção *contemporanea* ao futuro *forem* ou a ella *posterior. Refere-se ao decurso de um praso anterior a esse futuro*". (112)

O *ha*, portanto, segundo a affirmação aqui feita pelo Dr. Ruy, *não significa uma acção contemporanea ao futuro*, isto é, não é (*) um *presente* relativamente ao *futuro*. E como, no *Parecer*, conforme acima vimos, o appellida de *presente?*

São estas as suas formaes palavras, increpando o trecho:

"*Forem* está no *futuro; ha*, no *presente*. Será legitima esta combinação grammatical?"

O *ha*, ao ver do Dr. Ruy, não é mais agora um presente, "*não significa uma acção contemporanea ao futuro* FOREM"; "*refere-se ao decurso de um prazo anterior a esse futuro*"; é, por conseguinte, um *passado*.

Analysando o exemplo de Castilho Antonio:

"Os mal affeiçoados muito ha que hão de ter dado a sua curiosidade por satisfeita",

julga o Dr. Ruy Barbosa que o *hão de ter* não exprime acção futura: "está *hão de ter* por *devem ter*. Temos, pois, duas formas verbaes, *ha* e *hão* denotando uma e outra o indicativo presente".

É erro manifesto: na phrase: "os mal affeiçoados muito *há* já que *hão de ter dado* a sua curiosidade por satisfeita", a expressão verbal *hão de ter dado* denota claramente uma acção futura, anterior á exprimida pela forma verbal *ha*.

Pouco importa que a locução verbal *hão de ter dado* se possa substituir por *devem ter dado*.

Sabe o Dr. Ruy que é proprio do verbo *dever*, ainda não estando no futuro, significar algumas vezes uma ideia de futuro indeterminado: *Devo partir* hoje á tarde, *devo seguir* viagem por todo mez de Março,

---

(112) *Replica*. § 30. n. 157.

(*) Na 2.ª ed. omittiram-se as palavras "não é", neste passo.

deve receber em poucos dias quantia avultada, *deve* o congresso *começar* breve suas sessões, *deve* em breve *celebrar-se* esse casamento, á beira do tumulo *devem desapparecer* todas as desavenças.

Volvendo ao trecho impugnado do *Projecto*:

"Mutuo consentimento dos conjuges, se forem casados ha mais de dois annos",

diremos: nesta phrase a expressão *ha mais de dois annos* não indica, com relação ao verbo *forem*, uma epocha totalmente passada, esta considera-se coexistindo com a indicada pelo futuro imperfeito *forem*.

É como se disseramos: "que forem casados *desde mais* de dois annos".

XXIII

Progenitor.

Tratando do patrio poder, na secção II, diz o *Projecto* no art. 391:

"São direitos do progenitor sobre a pessoa dos filhos menores..."

Ao vocabulo *progenitor*, aqui empregado, censura o Dr. Ruy Barbosa, nos seguintes termos:

"Empregado, como aqui, na accepção de *pae*", diz elle em seo *Parecer*, "o vocabulo não tem a precisão exigivel na linguagem de um codigo civil.

"*Progenitor*, em latim , é o *avô*. Pae é *genitor*. A distincção está bem clara no verso de Ovidio: *Et forte genitore et progenitore Tonante*. Ora os dois nomes passaram para o portuguez com o mesmo sentido. Temos *genitor* que é o *pae*, e *progenitor*, que é o *avô*. *Pro* quer dizer *anterioridade, superioridade*. Estando *antes*, acima do pae, do *genitor*, diz-se *progenitor* o avô. Bluteau não define a palavra de outro modo: "*Progenitor — Avô, bisavô, ascendente. Primeiro pae*". (Vocab. Vol. VI. Pg. 767). E, para mostrar que a accepção primitiva não se alterou, saltarei do mais antigo dos nossos diccionaristas ao mais recente, citando a definição de Candido de Figueiredo: "*Progenitor*, o que procria *antes do pae, avô, ascendente*". (112a) .

Na *Replica*, sustenta o Dr. Ruy as mesmas ideias.

"Usemos", diz o illustre critico, "na phraseologia juridica, da expressão que se não preste a dois sentidos. Para indicar o *genitor*, escrevamos, pae, e, querendo indicar, ao mesmo tempo, o pae e a *mãe*, digamos *paes*, como aliás faz o codigo muitas vezes". (113)

E para em um só vocabulo significarmos o pae ou a mãe?

Notemos, primeiro que tudo, que, emendando o Dr. Ruy Barbosa o art. 366 do *Projecto*, assim o redigio:

(112a) *Parecer* do Senador Ruy Barbosa.

(113) *Replica*. § 31. n. 158.

"O filho reconhecido, emquanto menor, ficará sob o poder do PROGENITOR, que o reconheceo, e, se ambos o reonhecerem, sob o do pae".

Foi porventura o termo *progenitor* empregado aqui pelo illustrado Dr. Ruy no sentido de *avô*, *bisavô*, *ascendente*, *primeiro pae*, ou no sentido de *pae* ou *mãe*, como se acha no *Projecto*?

Lendo esse trecho do illustre critico, ninguem associará outro sentido ao vocabulo *progenitor*.

Fôra natural que, emendando o art. 366, não se valesse do termo que reputa improprio, por não ter a *precisão exigivel na linguagem de um codigo civil*.

Entretanto, inadvertidamente, ao que parece, sanccionou, em sua emenda, o emprego do vocabulo na accepção de *pae* ou *mãe*, correspondendo á ideia traduzida no inglez pelo vocabulo *parent*, que em vulgar significa *pae* ou *mãe* (*father* or *mother*), e não somente *pae*, como diz o Dr. Ruy, vertendo em portuguez o vocabulo *parent*, quando falla na definição de *progenitor*, que transcreve do *Century Dictionary*

A significação de *avô*, (*) com que o vocabulo *progenitor*, no singular, entrou para o vocabulario de nossa lingoa, se tem pouco e pouco obliterado, dissemos em nossas *Ligeiras Observações*, indicando esta mesma palavra, sob esse numero, o mesmo sentido que se liga aos vocabulos *pae* e *mãe*.

O termo *genitor*, com que os latinos indicavam não só a ideia de *pae*, no sentido proprio e no figurado, senão a de *gerador*, *creador*, e correspondente á palavra portugueza *genitor* (de *genitorem*), não se emprega hoje em dia senão em poesia; em prosa não nos lembra ter encontrado exemplo algum.

Releva notar que a palavra *genitor* tinha tambem no latim da baixa latinidade a significação de *bisavô* (*proavus*), como o attestam os diccionarios de Du Cange, a pag. 55 do tomo IV, e o *Lexicon Manuale ad Scriptores Mediœ et Infimœ Latinitatis* de Maigne D'Arnis, a pag. 1038.

De *progenitor*, porém, no sentido de *pae*, não são poucos os exemplos, principalmente entre os nossos mais modernos escriptores, deparando-se-nos até em escriptores antigos um ou outro exemplo do mesmo vocabulo com a significação que modernamente se lhe dá.

É para notar que, a despeito de sustentar o Dr. Ruy que se não tem até hoje alterado a significação de avô, que os nossos diccionarios

(*) Na 2.ª ed. elidiu-se a virgula aqui, e depois da palavra "singular", na linha seguinte.

consignam ao termo *progenitor*, de accordo com o sentido que lhe attribuiam os latinos, não nos offereça sequer um exemplo do emprego desse substantivo nessa accepção.

Entretanto aqui apresentamos os exemplos seguintes do mesmo vocabulo, já no singular, no sentido de *pae*, já no plural, significando *pae* e *mãe*, não desconhecendo que neste numero significa ordinariamente *ascendentes, antepassados, avós*:

"Falta a estes senhores a generosidade, que sobejou ao Serenissimo Duque D. Theodosio, dignissimo *progenitor* do nosso invictissimo rei D. João o IV, de gloriosa memoria".

(*Arte de Furtar*, Cap. XLVI. Pg. 297).

Progenitor tem evidentemente aqui a significação de *pae*: D. João o 4.º, appellidado o Restaurador, era filho de D. Theodosio, duque de Bragança.

"De Assáraco a progenie, altos avoengos nossos,
por quem vimos de Jove; e Tros *progenitor*
de Assáraco; e de Troya o Cynthio Apollo autor".
(A. Cast. *Georgicas*. Liv. 3.º Pg. 145).

Assim traduzio Castilho os dois seguintes versos das *Georgicas* de Virgilio:

"Assaraci proles, dimissæque ab Jove gentis
Nomina, Trosque parens, et Trojæ Cynthius auctor".

É sem contestação o sentido de *pae* que se associa aqui á palavra *progenitor*, com que o poeta portuguez traduzio em vulgar o *parens* latino, que nunca teve a significação de avô.

Segundo a mythologia, era, (*) com effeito, Assáraco (**) filho de Tros.

"ANSELMO (pae de Marianna)

Ora pois, muito bem. Mas para ser eterno
o meo amor a ti, quer-se que igual amor
una sempre Marianna a seo *progenitor*.

D. MARIANNA

Essa a minha ambição".
(Id. *Tartufo*. Pg. 34).

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula aqui.

(**) Aqui se lia "Assaraco", por engano do revisor, pois, na 1.ª ed. das Georgicas lemos como no exemplo anterior "Assáraco".

"Filha do mesmo *progenitor*".

(J. Cast. *Arte de Amar*. T. 2.º Pg. 45).

"Quanto a nós, diremos simplesmente que foram seos *progenitores* Simão (*) Vaz de Camões e Anna de Sá Macedo; vindo o poeta, por parte de sua avó paterna, Guiomar Vaz da Gama, a ser parente dos Gamas do Algarve".

(Leoni. *Camões e os Lusiadas*. Pg. 82).

"Quando chegou da universidade, seo pae estava já debaixo do chão, e a alcunha de Pataburro andava, digamos assim, á matroca, e quasi apagada da memoria dos homens.

"Mem Bugalho queria acceitar a herança, não absolutamente ingloria, que lhe negara o seo defuncto *progenitor*, burguez honrado e pé de boi, embora se chamasse Pataburro".

(A. Herc. *O Monge de Cister*. T. 1.º Pg. 179).

"Esse, não vende o *progenitor* somente: vende a familia, os ossos de avós, a fonte do baptismo, a cruz do cemiterio".

(Id. *Opusc*. T. 1.º Pg. 106).

"Como as creanças, aos primeiros assomos do seo discernimento, inquirem de seos *progenitores* o que a idade pueril, nem porventura os annos já maduros poderão jamais comprehender".

(Lat. Coelho. *A Oraç. da Coroa*. Pg. CXXX).

"Teve o epico famoso por seos *progenitores* a Simão (**) Vaz de Camões e Anna de Sá e Macedo".

(Id. *Varões Illustres. Camões*. Pg. 32).

"A disparidade do ventrudo e mazorral *progenitor* com o aprumo e hombridade do producto filial, era coisa de pasmar!"

(Camillo. *Doze Casamentos Felizes*. Pg. 79).

"Eu não sei se algum dos trinta e quatro barões que conheço, estando no Brasil, e sabendo que seo pae, o tio Antonio da Thereza, foi espancado pelo estadulho do tio Joaquim da Thomazia, seria capaz de vir da rua da Quitanda desaffrontar o seo velho *progenitor!* Acho que não; e faria muito bem".

(Id. *Noites de Insomnia. Voltas do mundo*. Pg. 38).

(*) Na 2.ª ed., por erro typographico, lemos: "*Simões*".

(**) Na 2.ª ed. lemos: "por SEU *progenitores* a Vaz de Camões e.).

Quanto ao vocabulo *genitor*, só em poesia se nos offerecem exemplos do seo emprego; aos que nos forneceo o Dr. Ruy em sua *Replica*, exemplos todos em verso, ajunctaremos os seguintes, tambem encontrados em poesia:

"O *genitor* dos homens e dos Deoses
Beijou da filha os labios, e lhe disse:
Não tenhas medo Cytherea: immotos
Os destinos dos teos se te conservam".
(J. V. Barreto Feio. *Eneida de Virgilio*. T. 1.º Liv. 1.º Pgg. 27)

"De seo grão *genitor* vivo treslado,
Menezes immortal, guerreiro invicto,
Por Salvar o seo rei de indubio exicio,
A vida entrega, alegre, em sacrificio".
(A. J. Viale. *Bosquejo Metrico da Hist. de Port.* Pg. 43).

"Pois vae contal-o ao *genitor* Pelides".
(M. Odorico Mendes. *Eneida Brasileira*. Liv. 2.º v. 569).

Pensamos, pois, que não foi empregado impropriamente o vocabulo *progenitor* na accepção que lhe attribue o *Projecto;* não ha equivocação alguma em seo emprego, desde que está bem determinado e delimitado o sentido que se lhe dá, tratando-se do patrio poder sobre a pessoa dos filhos, poder que é, durante o casamento, exercido pelo marido, como chefe da familia, e, na falta ou impedimento deste, pela mulher, segundo dispõe o art. 387 do mesmo *Projecto*.

"Não attentemos", diz o Dr. Ruy Barbosa, "contra as riquezas do nosso idioma. Nelle existem os substantivos *genitor*, *primigenitor* e *progenitor*. *Genitor* é exclusivamente o pae. *Primigenitor* é o ascendente, em que se acha a primeira estirpe do tronco ancestral, o mais remoto dos maiores, a origem da familia, o seo genearcha. Da palavra usou Vieira. (*Serm.* Vol. III. Pg. 130). (*) *Progenitor*, enfim, era nativamente, e por largo tempo foi o *avô*, qualquer dos ascendentes, com exclusão do *pae*, exclusão, que, com o curso dos annos, por influxo da analogia, da liberdade litteraria e da inadvertencia vulgar, acabou por desapparecer. (114)

Em relação á palavra *genitor*, já o dissemos ser apenas empregada em poesia, não tendo sempre, em todas as phases de sua existencia, só e exclusivamente a significação de pae, como affirmam Du-Cange e Maigne d'Arnis.

(*) Na 1.ª ed. elidiu-se o ponto neste lugar.
(114) *Replica*, § 31. n. 162.

Quanto á palavra *primigenitor*, usada aqui pelo Dr. Ruy, referindo-a a Vieira, não a conhecem os diccionarios: Vieira, no trecho citado pelo illustre censor, não emprega *primigenitor*, mas *primogenitor*.

É o lanço seguinte do Sermão da Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel:

"A proposito da nossa e deste corvo me lembra a dilligencia e valor do outro tão famoso e conhecido, que foi o *primogenitor* daquelles, cuja memoria e descendencia se conserva na nossa sé de Lisboa". (115)

Disse o mesmo escriptor noutro lugar:

"Nos Decios, nos Fabios, nos Scipiões, pelejavam os famosos *primogenitores* de seos (*) appellidos".
(Ibid. T. 1.º Pg. 323).

No *Sermão Gratulatorio e Panegyrico, prégado na manhã do Dia de Reis*, em 1669, só em tres paginas emprega Vieira trinta e mais vezes o vocabulo *primogenito, primogenita*, e nem uma só vez usa de *primigenito*, nem, (**) em parte nenhuma de seos escriptos, empregou *primigenitor* por *primogenitor*.

Consignam os diccionarios os termos *primigeno, primigenio*, no sentido de *primitivo, primordial, o primeiro de sua especie*, do latim *primigenius, a, um* ou *primigenus, a, um*. Mas de *primigenitor* não ha noticia.

(115) Disse ainda Vieira: "Descendencia natural de seos *primogenitores*". (*Sermões*. T. 15. Pg. 68); "successão de todos os *primogenitores;* constava de 14 *primogenitores*". (*Ibid.* Pg. 256, 257).

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se na revisão o possessivo "seos".

(**) Na 2.ª omittiu-se a virgula depois de "nem".

XXIV

O outro dos paes.

No mesmo art. 391, de que acabamos de fallar, substitue o Dr. Ruy a expressão do *Projecto o outro progenitor* por est'outra: *o outro dos paes.*

Julga o illustre censor que tem voga portugueza a expressão de que usou, para substituir a do *Projecto;* e, ao que affirmamos nas *Ligeiras Observações*: "que a phrase o *outro dos paes* é desconhecida em portuguez, como o foram as seguintes: "*o outro dos jardins, o outro dos Plinios, o outro dos tios, o outro dos irmãos, o outro dos senadores, o outro dos homens,* tratando-se de dois jardins, dos dois Plinios, de dois tios, de dois irmãos, de dois senadores, de dois homens" responde em sua *Replica,* em tom de gracejo:

"Pois está errada a bulla".

E cita dois exemplos de Castilho Antonio: o primeiro, extrahido do *Amor e Melancolia;* o segundo, do *Fausto*:

"Lavoisier, *outro dos martyrizados* pelo materialismo descrente e brutal". (*Amor e Melancolia.* Pg. 335).

"*Outra das tuas.* Maldições sem termo
sobre ti, monstro!"
(*Fausto.* Pg. 383).

Esses dois exemplos não são de todo analogos ao *outro dos paes* da emenda do Dr. Ruy: bem que, antes de fallar de Lavoisier, falle Castilho de Archimedes, na expressão *dos martyrizados pelo materialismo descrente e brutal,* não se comprehendem só esses dois sabios, victimas desse materialismo descrente, de que falla o escriptor portuguez, senão todos os mais que soffreram a pena de morte, por amor a suas ideias.

Entre esses illustres martyrizados, foi Archimedes um delles; o segundo, Lavoisier; o terceiro, André Chenier, especie de Lavoisier da poesia, como lhe chamou Castilho.

A expressão *outro dos martyrizados* não implica a ideia de dois individuos somente, como occorre com a locução *o outro dos paes, a outra das mãos, o outro dos olhos, o outro dos pés, a outra das orelhas, o outro dos pulmões.*

O mesmo passa com a expressão *outra das tuas* do *Fausto*, a qual não denota necessariamente dois individuos, duas acções, duas coisas, senão um numero indeterminado. *Outra das tuas*, isto é, outra das tuas acções, das tuas excentricidades, das tuas sandices, das tuas bernardices, das tuas parvoices, locução elliptica totalmente sem sentido, se fosse substituida pela locução *a outra das tuas.*

O trecho, que contém a expressão increpada, foi assim redigido em o numero IV do mesmo art. 391, ha pouco referido:

"Art. 391. São direitos do progenitor sobre a pessoa dos filhos menores:

.. ..

IV Nomear-lhes tutor, por testamento ou documento authentico, se não sobreviver o outro progenitor, ou quando o sobrevivente se achar impossibilitado de exercer o patrio poder".

Emendou-o o Dr. Ruy, redigindo-o dest'arte:

"Art. 391. Compete aos paes, quanto á pessoa dos filhos menores:

.. ..

IV. Nomear-lhes tutor, por testamento ou documento authentico, se *o outro dos paes* lhe não sobreviver, ou o sobrevivo não puder exercitar o patrio poder".

O Dr. Ruy, estamos certos, se houvesse ainda de rever o *Projecto*, não construiria esse numero IV do modo como aqui fez.

Pela redacção que deo a este numero 4.º do art. 391 do *Projecto*, (*) a variação pronominal *lhe*, que precede as palavras *não sobreviver*, fica sem ter objecto a que se refira. Se não, vejamos:

"Compete aos paes, quanto á pessoa dos filhos menores: Nomear-lhes tutor, por testamento ou documento authentico, se *o outro dos paes* LHE não sobreviver...".

Mas não sobreviver a quem?

Não ha antes vocabulo algum do singular, a que se possa razoavelmente referir o pronome *lhe*, da phrase *lhe não sobreviver. Tutor*

(*) — Na 2.ª ed. supprimiu-se a virgula depois da palavra "Projecto".

é a unica palavra a que no trecho se poderia referir o *lhe*, se a isso não se oppuzesse o sentido.

E demais, que sentido offerece a phrase inteira: "*compete aos paes, quanto á pessoa dos filhos menores, nomear-lhe tutor..., se o outro dos paes lhe não sobreviver*"?

A redacção da emenda, força é confessal-o, é viciosissima.

XXV

Influir sobre

Censurando o emprego deste verbo acompanhado de um complemento indirecto, precedido da preposição *sobre*, a proposito de uma das observações do Dr. Ruy Barbosa ao art. 416 do *Projecto*, foram estes os termos em que nos enunciamos:

"Embora num ou noutro escriptor se nos depare o verbo *influir* seguido de complemento indirecto, precedido da preposição *sobre*, e lembra-nos ter encontrado mais de um exemplo em Garrett, não é esta a preposição que costumam usar os zelosos da boa linguagem portugueza, quando empregam esse verbo; é a preposição *em*". (116)

Confessa o Dr. Ruy, em sua *Replica*, "*que não será facil encontrar, nos classicos, exemplos da locução* INFLUIR SOBRE, ao passo que, abonando o INFLUIR EM, *temos especimens desta energia*:

"Como o pintor influiria *no* poeta, o poeta *no* musico, o musico *no* estatuario, o estatuario *no* historiador, o historiador *no* philosopho, o philosopho *no* moralista".

(Castilho. *Am. e Melanc.* P. 314).

Aqui o esclarecido critico se chegou á razão.

Isto não obstante, oppõe-me o seguinte:

"No que escreveo a proposito do art. 204 § 4.º, raciocinou o mestre: *Retrahir* é synonymo de *retrotrahir*. Ora Latino Coelho usou de *retrahir* como verbo intransitivo. Logo, a significação intransitiva cabe igualmente ao verbo *retrotrahir*.

"Assim o Dr. Carneiro.

"Mas *influir*, no intento em que delle me servi, synonymiza com *actuar*. Ora *actuar* se rege ou com a preposição *em*, ou com a preposição *sobre*". (117)

---

(116) *Ligeiras Observações*. Pg. 47.

(117) — *Replica*. § 33. n. 165.

Não colhe o raciocinio do Dr. Ruy: ninguem dirá que a synonymia entre *actuar* e *influir* seja tão perfeita, quanto a de *retrahir* e *retrotrahir;* estes dois ultimos verbos tanto se identificam em seo sentido, que, em os consignando, Candido de Figueiredo define um pelo outro, dizendo: "*retrotrahir* o mesmo que *retrahir*".

Depois, não reconhece o proprio Dr. Ruy que *não será facil encontrar, nos classicos, exemplos da locução* INFLUIR SOBRE?

Como dizer, estabelecendo a synonymia entre *actuar* e *influir*, que "*se com* ACTUAR, *se pode escrever indifferentemente* EM *ou* SOBRE, *com* INFLUIR, *quando seo synonymo, do mesmo modo acertará o* SOBRE, *ou o EM*"? (118).

Da locução *influir em* offerece-nos a cada passo exemplos a lição dos nossos classicos, antigos e modernos; é o que nos mostram, de mais dos exemplos já citados, os trechos seguintes:

"A formosa e espaçosa *Bahia de Todos os Santos* é assim chamada, ou porque parece um paraiso onde habitam todos os sanctos, ou porque parece que todos os sanctos do paraiso *influem nella* alguma parte de suas qualidades".

(Padre Simão de (*) Vasconcellos. Vide *Iris Classico.* Pg. 101).

"Tão raro *influe em* nossa ventura".

(Filinto. *Obras.* T. 10. Pg. 121).

"Em geral não *influem na* vida do homem as impressões que recebeo na infancia...".

(Id. Ibid. Pag. 254).

"Tem-se visto outras vezes que uma nação dominante, cuja lingoa é copiosa, polida, regular e agradavel, *influa* poderosamente *na* lingoa do povo vencido".

(Frei Francisco de S. Luiz. T. 12 das *Mem. da Acad. das Scien. de Lisb.* Pg. 4).

"*Influir no* pleito".

(A. Cast. *O Misanthropo.* Pg. 159).

"*Influindo* suavidade *nos* animos, brandura *nos* corações dos moradores".

(Id. *Os Fastos de Ovidio. Prologo.* Pg. 19).

---

(118) — *Replica.* loc. cit.

(*) — Na 2.ª ed. supprimiu-se o "de".

"A apreciação dessas difficuldades deve *influir nas* resoluções".
(A. Herc. *Opusc. Os Vinculos.* Pg. 69). (*)

"Não queremos dizer com isto que a instituição não *influa*, num ou noutro caso, *no* facto de maior ou menor dimensão dos predios".
(Id. Ibid. Pg. 91).

"Ambas ellas *influem na* riqueza publica".
(Id. Ibid. *A Emigração. Pg.* 113). (**)

"*Influir na* carestia ou *na barateza* do producto".
(Id. Ibid. Pg. 125).

"Só pode *influir na* maior ou menor affluencia de trabalhadores".
(Id. Ibid. Pg. 135).

"*Influem no* curso dos productos agricolas".
(Id. Ibid. Pg. 162).

"*Influir na* indole das providencias".
(Id. Ibid. Pg. 179).

"*Influir* mais ou menos *nas* transmissões emphyteuticas".
(Id. Ibid. Pg. 261).

(* e **) — Os dois escriptos de Herculano — "Os Vinculos" e "A Emigração" compoem justamente o vol. 4 dos Opusculos.

XXVI

Incorporar a.

A proposito da reflexão que fizemos sobre a locução *influir sobre*, de que usou o Dr. Ruy, notamos tambem a expressão *incorporar a*, por elle empregada, para substituir o *incorporar em*.

Entre algumas de suas emendas, em que figura o *incorporar a* por *incorporar em*, nota-se a seguinte ao art. 46. n. II do *Projecto*:

"Tudo quanto o homem *incorporar* permanentemente AO solo, como a semente lançada á terra, os edificios e construcções, de modo que se não possa retirar sem destruição, modificação, fractura, ou damno".

Dissemos, reparando na syntaxe da emenda, que entre os nossos classicos era mais frequente o uso da preposição *em*, cada vez que recorriam ao emprego do verbo *incorporar*.

E apoiamos a nossa these em exemplos extrahidos de A. Herculano e Latino Coelho.

Para justificar o *incorporar a*, o Dr. Ruy apresenta exemplos de Fr. Domingos Vieira, Moraes, Candido de Figueiredo, e busca fundamentar a legitimidade da syntaxe por elle adoptada em analogias entre o *incorporare* latino e o portuguez *incorporar*, e no variarem muitos os classicos no emprego das duas preposições *a* e *em*, preferindo esta ultima onde mais ordinariamente empregamos aquela.

Os exemplos apresentados pelo Dr. Ruy, com que Fr. Domingos Vieira abona o emprego do verbo *incorporar* seguido da preposição *a*, são os seguintes:

"*Incorporar* á Igreja de Jesus Christo todos os povos convertidos. *Incorporar* uma provincia *a* um reino".

De Moraes cita est'outros:

"*Incorporou* uma porção de terra *á* outra herdade. *Incorporou ao* districto, *ao* territorio, *ás* raias do reino, *ao* Estado. *Incorporar á* coroa as conquistas". (*)

De Candido de Figueiredo transcreve os seguintes:

"*Incorporar.* Dar forma de corpo *a;* dar forma ou volume *a*".

Mas em nada aproveitam aqui ao Dr. Ruy os dois ultimos exemplos do philologo portuguez, como se verá do mais breve exame: nas duas phrases, com que define o vocabulo *incorporar,* esse lexicographo não podia usar senão da preposição *a,* que nada tem que ver com o verbo *incorporar,* senão com o verbo *dar,* que o explica. Não se pode dizer *dar forma de corpo* EM, *dar forma ou volume* EM, mas *dar forma de corpo* A, *dar forma ou volume* A.

Mas o illustre censor não nos forneceo exemplo algum de classico de porte, que abonasse o *incorporar* A.

Da locução *incorporar* EM são exemplos os seguintes trechos, que transcrevemos aqui:

"E *incorporava* para sua sustentação todas as rendas della e as da Igreja de Nossa Senhora do Amparo do lugar de Bemfica, sua annexa, *no* termo da cidade".

(Souza. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 3.º Liv. I. Pg. 17).

"Ficarem comidos e *incorporados em* quem os comeo, é ficarem não só vencidos e convencidos, senão tambem convertidos".

(Vieira. *Serm.* T. 2.º Pg. 10).

"Para se *incorporar na* armada".

(Id. Ibid. T. 13. Pg. 171).

"Comidos e *incorporados em* Pedro".

(Id. Ibid. Pg. 23).

"E *incorporando-os em* si mesma".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 11).

(*) — Moraes, na 2.ª ed., ultima revista, não regista "*incorporar*"; mas consigna: "encorporar, v. at. — §. — Unir, v. g. uma porção de terra á outra herdade. §. Unir ao districto, ao territorio, ás rayas do Reino, ou dominios, ao Estado: v. g. encorporou á Corôa as conquistas — § M. Lus. "encorporou Vidigueira *na Corôa*" § "Os rios encorporam suas agoas *no* mar". — "encorporar-se *nesta Universidade*". E, no 2.º vol., pag. 146, quando regista "Incorporação, incorporádo, incorporár", mandando ver taes palavras com *E,* escreve "Incorporado *no* corpo de Leis".

"*Incorporou-se na* fazenda real o rendimento das terças dos bens dos Concelhos".

(*Arte de Furtar.* Pg. 130).

"Despojando-vos da substancia, para a *incorporarem em* si".
(Ibid. Pg. 47).

"Tiveram estes traças para *incorporarem em* si a administração das despesas".

(Ibid. Pg. 32).

"*Incorporando-se num* horario".
(A. Cast. *Amor e Melanc.* Pg. 285).

"*Incorporadas nas Excavações Poeticas*".
(Id Ibid. Pg. 348).

"Sem que tivessem tempo sufficiente para *se incorporarem* perfeitamente *no* elemento celtico".
(A. Herc. *Hist. de Port.* T. 1.º Pg. 21).

"*Incorporando no* solo".
(Id. *Opusc.* (*) *A Emigração.* Pg. 185).

"Que *se incorpora nos* recursos da familia".
(Id. Ibid. Pg. 182).

"*Incorpora-se* forçosamente *no* dominio pleno".
(Id. Ibid. Pg. 233).

"*Incorporadas no* mesmo solo".
(Id. Ibid. Pg. 234).

"*Incorporar-se num* tracto de terra".
(Id. Ibid. Pg. 236).

"*Incorporar no* meo dominio uma porção do seo valor".
(Id. Ibid. Pg. 237).

"*Incorporar no* solo uma partte avultada do seo trabalho".
(Id. Ibid. Pg. 242).

"Logra *incorporal-a na* materia".
(Lat. Coelho. *A Oraç. da Corôa.* Pg. CCCLXXIX).

(*) — "A Emigração" se contem no vol. 4.º dos "Opusculos".

"Um grupo provisorio de lingoas, pouco estudadas por ora, e algumas das quaes poderão um dia *incorporar-se na* familia banta".

(C. de Figueiredo. Trad. do *Manual da Sciencia da Linguagem* de Giácomo de Gregório. Pg. 221).

"E *incorpora na* raiz principal, não só os elementos que exprimem as relações por nós expressas com a flexão, a declinação, etc., mas ainda..."
(Id. Ibid. Pg. 243).

"As palavras *incorporadas* no verbo".
(Id. Ibid. Pg. 248).

Seguido da preposição *com*, tambem empregou Fr. Luiz de Souza o verbo *incorporar* na passagem seguinte:

"*Com* a qual *se incorporou* tambem de novo a Irmandade da Resurreição e ficaram unidas tres em uma só".
(*Hist. de S. Dom.* T. 1.º Pg. 404).

E A. Herculano, dizendo:

"E *incorporaram* aquellas pobres mulheres *com* as recemvindas".
(*Opusc.* T. 2.º Pg. 303).

"*Incorporadas com* mais de outras tantas".
(Id. *Lend. e Narrat.* T. 2.º Pg. 163).

Depois de varias ponderações, em que o Dr. Ruy mostra que o uso classico se divide entre o empregar a preposição *em* e a preposição *a*, regendo certos verbos, assim se enuncia:

"Se as predilecções antigas puzessem lei absoluta, não poderia o Dr. Carneiro escrever, como o fez, nos seos *Serões*: "*Presidio á* cerimonia visto como, no estylo classico, prepondera o *presidir em*:

"*Preside no* governo da camara".
(Souza. *Vid. do Arc.* I. I. C. 26).

"*Presidiram nelle* em seo nome dois cardeaes".
(Ib. I. II. C. 5).

Ha da parte do Dr. Ruy manifesto desacerto: entre os nossos escriptores dizia-se indifferentemente *presidir a* ou *presidir em*, como indifferentemente escreviam *assistir a* ou *assistir em*; o que não passava com o verbo *incorporar*, que só entre os escriptores mais modernos, e isso mesmo mais raramente, se encontra acompanhado da preposição *a*.

Os exemplos abaixo transcriptos mostram o uso entre os nossos bons modelos dos verbos *presidir* e *assistir*, regidos da preposição *a* ou *em*:

"El-rei e o povo lhe *assistem ás* exequias".
(Fern. M. Pinto. Vide *Livr. Classica.* T. 2.º Pg. 61).

"No lugar de Chantir *assistem a* umas exequias".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 128).

Como nas leis do governo do reino, *no* qual *assiste* um chaem da justiça".
(Id. Ibid. Pg. 195).

"Das quaes considerações ficaram persuadidos e convencidos que verdadeiramente *assistia naquella* sagrada congregação o Espírito Santo".
(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 2.º Cap. 32. Pg. 105).

"*Presidindo na* igreja de Deos o papa Leão 10.º".
(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 1.º (*) Pg. 3).

"Levantou-se e *assistio nas* matinas".
(Id. *Hist. de S. Dom.* Vol. 3.º Liv. 5.º Cap. 9.º Pg. 415).

"*Assistiram na* obra".
(Id. Ibid. Vol. 4.º Liv. 6.º Cap. 6.º Pg. 471).

"*A* este espetaculo ou ludibrio da maior fortuna, (**) *assistiam* todas as ordens, senatoria, consular e equestre".
(Vieira. *Serm.* T. 7.º Pg. 197).

"*Assistindo a* tudo os tres maiores apostolos".
(Id. Ibid. Pg. 233).

"Que *assiste á* celebridade da festa".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 25).

"Os que *presidem ás* obras em que trabalham".
(Id. Ibid. T. 15. Pg. 384).

"Quatro anciãos que *assistem ao* throno de Deos".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 278).

(*) — Na 2.ª ed., por erro da imprensa, elidiu-se o 1.º".

(**) — Na 2.ª ed. elidiu-se a virgula.

"*Assistir* privadamente *aos* divinos officios".
(Id. Ibid. Pg. 280).

"Tribunal *em* que V. S.ª *preside*".
(Id. *Cartas*. T. 1.º Pg. 179).

"Mercurio *preside á* Eloquencia e *ao* Commercio, Marte *á* Guerra, e assim os outros".
(Cavalleiro de Oliveira. *Cartas*. Vide Domingos Vieira. *Dicc*. Vol. 4.º Pg. 920).

"Um só dia não passei, sem que a visse, até o dia do casamento, que prestes se concluio, *presidindo ao* contracto o maioral de minhas fazendas".
(Filinto. *Obras*. T. 10 Pg. 44).

'Sendo-lhe forçoso receber visitas, ou *assistir a* festejos".
(Id. Ibid. Pg. 96).

"*Presidissem ao* commercio de Babylonia".
(Id. Ibid. T. 9. Pg. 163).

"Pagar uma decima que não se sabe o que é, *a* cujo lançamento *preside* a injustiça, a fraude e o mais disfarçado patronato".
(Garrett. *Disc. Parl*. Pg. 148).

"O nume, que *aos* brodios *preside* e põe regra".
(A. Cast. *A Lyrica de Anacreonte*. Pg. 38).

"No proprio recinto *a* que *presidia* o santo vulto da deosa da sapiencia".
(Id. Ibid. Pg. 22).

"A constellação da lyra *preside á* sua derrota".
((Id. Ibid. Pg. 16).

"O feio lume que *preside aos* mortos".
(Id. *Os Fastos de Ovidio*. T. 1.º Pg. 139).

"*Aos* adytos *presido*".
(Id. Ibid. Pg. 19).

"A mysteriosa divindade que *presidia aos* nossos passatempos".
(Id. *Amor e Melanc*. Pg. 193).

"E *a que assistia* toda a corte".
(Leoni. *Camões e os Lusiadas*. Pg. 40).

"*Presidirem a* conselhos de sangue".
(A. Herc. *Opusc.* T. 1.º Pg. 46).

"*Preside* o pranto *ao* pobre sahimento".
(Mendes Leal. *Canticos.* Pg. 341).

"Deixando de *assistir ás* conferencias".
(Rebello da Silva. *Est. Biogr. Litt. sobre Bocage.* Vide Bocage. *Obras* T. 1.º Pg. 37).

"Durante longos annos *presidio á* sociedade imperial dos naturalistas".
(Lat. Coelho. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 337).

"O gabinete, que *presidia aos* destinos da nação".
(Id. *Hist. Polit. e Militar de Port.* T. 2.º Pg. 15).

"Suppostas as leis ineluctaveis, necessarias, que *presidem* a compasso *á* natureza e *á* humanidade.
(Id. Ibid. Pg. 111).

"Leis que *presidem ao* movimento progressivo das humanas e cultas sociedades".
(Id. Ibid. Pg. 114).

Nem menos amigo da syntaxe de que usei com o verbo *presidir*, foi o proprio Dr. Ruy Barbosa, quando, em suas *Cartas de Inglaterra*, escreveo:

"Que, na familia, *preside ás* alegrias e *ao* lucto". (Pg. 397).

"Crenças que *presidiram ao* berço das suas instituições". (Pg. 106).

E noutro trabalho seo:

"Haviam *presidido á* execução das suas atrocidades". (*Amnistia Inversa.* Pg. 72. 2.ª ed.).

XXVII

"Quando o devedor pode fornecel-os (os alimentos) sem ficar privado dos meios de que *carecer* Á sua sustentação".

(*Projecto*).

Disse o *Projecto* no art. 406:

"Os alimentos são devidos nos casos seguintes:

I. Quando o que os recebe não tem bens e ao mesmo tempo está impossibilitado de prover, por seo trabalho, á propria subsistencia.

II. Quando o devedor pode fornecel-os sem ficar privado dos meios de que *carecer á* sua sustentação".

No seo *Parecer* impugnou o Dr. Ruy este numero do art. 406 do texto, enunciando-se nos seguintes termos:

"Carecer". Indevidamente empregado aqui na significação de *precisar, necessitar*. É reprovavel o uso de *carecer*, toda vez que se não puder substituir por *não ter*. *Carece-se* daquillo *que se não tem*. "Temos padrão vernaculo no cod. civ. port., art. 369: "Coisa diz-se em direito aquillo que *carece de personalidade*". Isto é, aquillo que *não tem* personalidade.

"Á sua sustentação". Errada, aqui, a crase. O *a* não é dativo, mas nominativo.

"Não são complemento indirecto, mas agente do verbo *carece*, as palavras *a sua sustentação*". (119)

Não é indevidamente, como pensa o Dr. Ruy, que se emprega em nossa lingoa o verbo *carecer* com a significação de *precisar, necessitar, haver mister*. Isso com sobejidão provamos a pag. 77-8-9 (*) deste trabalho, offerecendo copiosos exemplos do uso desse verbo na accepção que o douto critico lhe recusa.

---

(119) Vide *Parecer* do Senador Ruy Barbosa.

(*) Pags. 107 a 110 da presente edição.

Não voltaremos, pois, ao assumpto.

Censurando o emprego da crase no *á* que precede ao vocabulo *sustentação* e reputando-a errada, deste modo se exprime na *Replica* o Dr. Ruy Barbosa:

"A defesa do mestre vale a pena que se transcreva:

"É *justamente o contrario*", diz elle. Na phrase do *Projecto do Codigo* o sujeito de *carecer* não é *a sua sustentação*, mas o substantivo *devedor*, sendo este o sentido: *sem ser o devedor privado dos meios de que carecer á sua sustentação, isto é, dos meios de que precisar, dos meios de que houver necessidade para sua sustentação.*

"Parece-nos isso claro; o que não entendemos é esse *a dativo* e esse *a nominativo*".

Depois de transcrever o trecho que escrevemos, defendendo a redacção daquella parte do art. 406 do *Projecto*, trecho que, ao ver do Dr. Ruy, *affronta a evidencia*, o esclarecido contradictor, ainda continuando em tom emphatico, deste modo se enuncia:

"Fere na vista aos mais myopes que, naquelle texto, a derradeira sentença está invertida. Disse-se: "de que carece a sua sustentação", por "de que a sua sustentação carece". O sujeito está nas palavras *a sua sustentação*. Allude-se aos meios de que *a sustentação do devedor carece*".

.. ..

"Uma redacção tal, porém", diz o Dr. Ruy, referindo-se a que se (*) lê no *Projecto*, "extravagante, arrevezada, obscura, não tolera exame". "Ninguem diz: "Preciso de meios *a* viver", mas: "Preciso de meios *para* viver". Ninguem: "Necessito de recursos *á* minha subsistencia", mas: (**) "Necessito de recursos *para a* minha subsistencia". Ninguem: "Careço de alimento *á* minha sustentação", mas: "Careço de alimentos *para* a minha sustentação". (120)

Examinemos o texto increpado:
O número II do art. 406 está assim formulado:

"Quando o devedor pode fornecel-os sem ficar privado dos meios de que carecer á sua sustentação".

A maneira de explicar esse topico, admittindo, como o faz o eximio censor, que as palavras *a sua sustentação* são alli sujeito, e não complemento, é extravagante e illogica.

(*) Omittiu-se o "se", na 2.ª ed.

(**) Collocquei aspas antes de "Necessito", elididas por erro tipographico.

(120) *Replica*. § 35—168.

Aquelle vocabulo *meios*, empregado na phrase censurada, mostra-nos, á luz meridiana, se não cerrarmos os olhos para não ver, que o sujeito de quem se affirma o carecer não é a *sua sustentação*, mas *o devedor*.

Ninguem dirá: "a *educação* deste menino *carece de meios*", "a *alimentação*, a *subsistencia* dos pobres *carece de meios*"; mas "este *menino carece* de *meios* para educar-se", "os *pobres carecem* de *meios* para se alimentar, para subsistir".

Explicada a phrase como a entende o Dr. Ruy, transformada em sujeito a locução *a sua sustentação*, seria este o pensamento:

"Quando o devedor pode fornecel-os (os alimentos) sem ficar privado dos *meios* de que a sua *sustentação carecer*".

Não era, portanto, aqui o *devedor* que *carecia* de *meios* para se sustentar, era, sim, *a sua sustentação* que *carecia* de *meios*.

Ora, a affirmação indicada pelo verbo *carecer* evidentemente se refere a *devedor*, e não ás palavras *a sua sustentação*: não é da *sustentação* do devedor que se affirma o *carecer de meios;* senão do proprio *devedor;* não é a *sustentação*, a *subsistencia* de alguem que *carece de meios;* é, sim, esse alguem que *carece desses meios*, que delles ha mister para subsistir.

Meios são expedientes, traças, planos, ideias, invenções, artificios, que servem para conseguir alguma coisa; não se dizem de coisas senão quando personificadas.

Veja agora o Dr. Ruy os exemplos que nos offerece a lição dos bons exemplares de nossa lingoa, em que se observa o uso da preposição *a* em vez de *para*:

"Pois sua vinda principalmente de seo regno foe *a* aquella fim".
(G. E. de Azurara. *Chron. de Guiné*. Pg. 202).

"Diz o Petrarca, que o bom Rei o dia, que começa a reinar, acaba de viver *a* si e começa a viver para os outros".
(Heitor Pinto. Vide *Dicc. da Acad. R. das Scienc. de Lisb.* Pg. 3).

"Que os olhos abrem somente ao proveito
Como s' *á* terra só fossem creadas".
(Ferreira. *Poem.* Cart. 2, 2, Ibid.).

"Olhando *(Palmeirim)* a todas as partes".
(Moraes. *Palm.* Ibid.).

"Era lastima ver fugir uns para a praia por salvar as proprias vidas; outros para o lugar *a* pôr em cobro as das mullheres e filhos; muitos corriam sem tino ora *a* uma parte, ora *a* outra".

(Lucena. Vide *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 97).

"Eu lhe diria da parte de Deos, que se tornasse para casa e buscasse remedio *a* seos filhos".

(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 4.º Cap. 28. Pg. 196).

"Mandou logo muito dinheiro *a* differentes partes".

(Id. Ibid. Cap. 5.º Pg. 164).

"*A* este fim escolheo o Provincial pessoas, com que em tudo satisfizesse á santa tenção d'el-Rei".

(Id. *Hist. de S. Dom.* Vol. 4.º Liv. 1.º Cap. 3.º Pg. 28).

"*A* este effeito se partio Martim Affonso de Sousa com uma boa armada".

(Balthazar Telles. Vide *Iris Classico.* Pg. 31).

"Vae caminhando com passos mui apressados *à* sua ultima ruina".

(Vieira. *Cartas.* T. 1.º Pg. 131).

"*A* este fim são mandados lá bispos francezes".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 166).

"Que tão precipitadamente vae caminhando *á* sua ruina".

(Id. *Serm.* T. 12. Pg. 63).

"Tirae o pensamento dos homens, e lançae-o por todas as outras coisas do mundo, achareis que todas ellas estão servindo *a* este fim, ou pensão do sustento humano.

"*A* este fim nascem as hervas, *a* este fim crescem as plantas, *a* este fim florescem as arvores, *a* este fim produzem e amadurecem os fructos, *a* este fim trabalham os animaes domesticos em casa, *a* este fim pascem os mansos no campo, *a* este fim se criam os silvestres nas brenhas, *a* este fim os do mar e os dos rios nadam (*) em suas agoas, emfim, tudo o que nasce e vive neste mundo, *a* este fim vive e nasce. Que digo eu; o que vive e o que nasce? Os elementos não são viventes e *a* este mesmo fim cançamos e fazemos trabalhar aos proprios elementos".

(Id. T. 1.º Pg. 206).

"*A* que fim logo tanto estrondo, tanto apparato, tantas levas de espiritos infernaes"?

(Id. *Maria Rosa Mystica.* Parte 2.ª Pg. 12).

"Conservando assim *á* sua patria não simples e fabulosas tradições, mas a relação authentica de factos verdadeiros de que foram testemunhas".

(Visc. de Santarem. *Introd. á Chron. de Guiné* de (G. de Azurara).

(*) Na 2.ª ed., por erro, lemos: "e os dos rios nadam e em suas agoas".

"O agricola entretanto assiduo as terras ara
e amanha todo o anno. Elle, o que *á* patria cara
anda a grangear sustento, e *aos* netos pequeninos,
e *aos* seos amigos bois, socios dos seos destinos".
(A. Cast. *Georgicas*. Liv. II. Pg. 131).

"Lembrou-me até fugir, com medo que esses olhos,
á minha salvação não fossem dois escolhos!"
(Id. *Tartufo*. Pg. 91).

"Desse monumento, que o Snr. Garrett soube fabricar de diamante *à* gloria de Camões e *á* sua propria".
(Id. *Camões*. T. 2.º Pg. 119).

Nada tem logo de affrontosa á evidencia a defesa que fiz da phrase do *Projecto*. Que evidencia é essa, de que falla o preclaro censor, que não arrasta consigo a convicção?

A evidencia é a luz, e esta, dil-o muito bem o polido Vieira: "não ha mister testemunhas; porque ella por si mesma, e sem mais prova, demonstra o que é". (121)

Consoante os exemplos que acabamos de referir, vê-se que é abonada a phrase do *Projecto*, em que a preposição *a* é empregada em lugar de *para*.

Nada de censuravel, portanto ha na phrase do numero II do art. 406:

"Quando o devedor pode fornecel-os (os alimentos) sem ficar privado dos meios de que carecer *á* sua sustentação".

De modo analogo, como o demonstramos nos exemplos já citados, disse Castilho Antonio no seguinte lanço:

"..... o que *Á* patria cara
anda a grangear sustento....."

E neste outro:

"..... com medo que esses olhos
Á minha salvação não fossem dois escolhos!"

E Vieira, Souza, Balthazar Telles usaram das expressões "*a differentes partes*", "*a este effeito*", "*a este fim*", "*buscasse remedio a seos filhos*", "*á sua ultima ruina*", "*á sua ruina*": em que a preposição *a*, unida ou não ao artigo, figura como succedanea de *para*

(121) *Sermões*. T. 11. Pg. 207.

Adoptando phraseado semelhante ao do *Projecto*, escreveo o Dr. Ruy a emenda seguinte, feita ao paragrapho unico do art. 1194:

"Havendo prazo estipulado Á duração do contracto, antes do vencimento não poderá o locador rehaver a coisa alugada".

* * *

Depois de se esforçar por mostrar que não ha razão na defesa feita ao *Projecto*, com respeito á phrase "sem ficar privado (o devedor) dos meios de que carecer Á sua sustentação", defesa a que appellida de *panegyrico daquella singularidade*, entra o Dr. Ruy Barbosa, no paragrapho 36 de sua *Replica*, em larga prelecção sobre os *casos* em nossa lingoa, mostrando não só o sentido que ordinariamente se attribue ao vocabulo *caso*, em terminologia grammatical, mas ainda a accepção em que Evaristo Leoni e Roquete tomam a mesma palavra, procurando, com estes dois ultimos escriptores, justificar-se de uma censura que sobre o assumpto lhe fizemos.

Mas não nos trouxe nada de novo o Dr. Ruy com essa prelecção.

Que nos diz Leoni no *Genio da Lingoa Portugueza*, no capitulo em que trata das *Declinações* (*) *e dos Casos dos Nomes?*

Eis o que escreve nesse capitulo:

"Se entendermos por declinações as varias formas terminativas que contráem os nomes, (**) e com as quaes successivamente passam de um a outro modo de significar, (***) dentro de certas relações, como acontece na lingoa grega e latina, (****) seguramente não podemos dizer que temos declinações e casos em portuguez; porquanto (*****) já mostramos como, (******) com a corrupção do latim, se alteraram e perderam essas formas terminativas, (*******) de que apenas ficamos conservando os vestigios nos pronomes pessoaes. Mas, se por declinações houvermos de entender as differentes relações e circumstancias que exprimem os nomes, por meio das preposições, de que nos servimos, e com as quaes fazemos variar essas relações e circumstancias, por

(*) No texto do "Genio da Ling. Port.", ed. de 1858, há virgula depois de "Declinações".

(**) Em Leoni, ed. 1858, não há virgula depois de "nomes".

(***) Não ha virgula na obra de Leoni, ed. cit., unica existente.

(****) No "Genio" temos dois pontos em lugar de virgula.

(*****) Em Leoni vê-se dois pontos depois de "portuguez", e virgula depois de "portanto".

(******) Ha virgula, em Leoni, depois de "como", e depois de "latim".

(*******) Não ha virgula em Leoni, neste lugar.

certo temos declinações, e é a esta luz que nós as consideramos (*) e distinguimos os casos". (122)

Mas o que censuramos não foi ter o Dr. Ruy usado do termo *casos*, tratando do portuguez; o que lhe censuramos e de que se não pode defender, seja qual for o sentido que ligue ao vocabulo *casos*, foi admitir *casos* tambem para o artigo; foi, sem duvida, mera inadvertencia no dizer, mas é o que se colhe do que escreveo, censurando o numero II do art. 406 do *Projecto*.

Neste numero, como já escrevemos, dizia o *Projecto*:

"Quando o devedor pode fornecel-os (os alimentos) sem ficar privado dos meios de que carecer á sua sustentação".

Annotando esta phrase, disse o Dr. Ruy:

"Á sua sustentação". Errada aqui a crase. O *a* não é *dativo*, mas *nominativo*".

Esse *a*, a que se refere o Dr. Ruy, e segundo o papel que, ao seo entender, representa no locução censurada, é ou não um artigo? E como dar-lhe casos? E se é preposição, cabem-lhe, como elemento invariavel que é, essas inflexões, de todo alheias desses elementos grammaticaes?

Em qual das duas concepções sobre a noção dos casos, se admittirá que o artigo em portuguez ou a preposição têm *casos*, que o artigo ou a preposição se declinam? Em nenhuma.

Os *casos* só pertencem aos substantivos, aos adjectivos, aos pronomes e aos participios.

Foi essa inadvertencia do preclaro escriptor que nos trouxe ao bico da penna as seguintes palavras: "O que não entendemos é esse *a dativo* e esse *a nominativo*".

(*) Ha virgula em Leoni, ed. 1858, depois de "consideramos".

(122) Leoni, *Genio da Ling. Port.* 1.º Pg. 189.

XXVIII

Defeituosa probidade.

Tratando o *Projecto* das pessoas incapazes de exercer o encargo de tutores, disse em seo art. 419, numero V:

"“As pessoas de máo procedimento ou falhas em probidade, e as culpadas de abuso em tutorias anteriores”.

Emendando este numero V, escreveo o Dr. Ruy em seo *Parecer*:

"As pessoas de máo procedimento, ou *defeituosa probidade*".

Em relação a essa *defeituosa probidade*, assim nos pronunciamos nas *Ligeiras Observações*:

"Não ha probidade *defeituosa*. Se probidade é o apego severo aos deveres da justiça, da moral, a todas as virtudes civis e religiosas; se probidade é synonymo de integridade, honestidade; se o adjectivo *defeituoso* o mesmo vale que *imperfeito*, *vicioso*, pode a probidade ser *estricta*, *austera*, *severa*, *rigorosa*, *escrupulosa*, *inalteravel*, *incorruptivel*; *defeituosa* é que não pode ser: não pode razoavelmente o adjectivo *defeituosa* applicar-se-lhe como attributo". (123)

A estas considerações acode pressuroso o autor da *Replica* dizendo:

"Com o mesmo arrazoado em que se ella estriba qualquer logico de fracas posses provaria o erro desta sentença, aliás tão categorica e tesa, que me começou por deixar perplexo e atalhado.

"Só ás qualidades susceptiveis de imperfeição podem caber os adjectivos, por onde a perfeição se discerne e exprime. Se não ha probidade *imperfeita*, toda a probidade é necessariamente *rigorosa*, *escrupulosa*, *estricta*, *severa*; porquanto, falseando á severidade, á estreiteza, ao escrupulo, ao rigor, terá incorrido em defeitos, e de ser capaz de os ter é justamente que o mestre lhe sustenta a impossibilidade.

(123) *Lig. Obs.* Pg. 49.

"Uma de duas: ou a ideia de *perfeição* é, como quer o Dr. Carneiro, substancial á de *probidade*, e não haverá probidade, que não reuna todos aquelles caracteres; ou se ha probidade, a que elles possam faltar, probidade ha capaz de faltas, arriscada a faltas, isto é, *defeituosa probidade*.

"O padrão metaphysico, a que o mestre submetteo o conceito de *probidade*, quadraria com a mesma justeza a cada uma das virtudes". (124)

Não ha, insistimos nós, probidade *defeituosa*, como não existe virtude *defeituosa*, isto é *viciosa*, honestidade *defeituosa*, equidade *defeituosa*, integridade *defeituosa*.

As expressões probidade *incorruptivel*, probidade *estricta*, probidade *austera*, *severa*, *rigorosa*, *escrupulosa*, não intimam que se possa admittir essa virtude com a corruptibilidade, estreiteza, falta de austeridade, de severidade, de rigor e escrupulos; aquelles adjectivos, unidos ao vocabulo *probidade*, são verdadeiros epithetos de ornato, epithetos denominados por alguns *de natureza*, que designam o caracter, a qualidade mais notavel dos objectos; são adjectivos que denotam qualidades já implicitas na natureza dos nomes que elles modificam.

Não submetto o conceito de *probidade*, como diz o eminente antagonista, a um padrão metaphysico. A noção desse substantivo repelle a ideia que se associa ao adjectivo *defeituoso*, que exprime o mesmo que *imperfeito*, *manco*, *vicioso*, *que tem faltas*.

Definindo a palavra franceza *probité*, que no portuguez responde á palavra *probidade*, e se toma nessa lingoa exactamente no mesmo sentido que lhe attribuimos, assim escreve Bescherelle:

"*Probité* — Droiture d'espirit et de cœur; attachement sévère aux devoirs de la justice, de la morale, á toutes les vertus civiles et religieuses.

"*Exacte* probité. Probité *stricte*, *scrupuleuse*, *intacte*, *éprouvée*, *délicate*, *inaltérable*, *incorruptible*".

(T. 3.º 3.ª ed. Pg. 1063. col. 3.ª).

Littré explica-a:

"Exacte régularité à remplir tous les devoirs de la vie civile".

(*Dict. de la Langue Française*. T. 3.º Pg. 1329).

Webster, no seo monumental *International Dictionary* a paginas 1141, assim explana o sentido ligado ao vocabulo *probity* (probidade):

(124) *Replica*. § 37-172.

"*Tried virtue or integrity; approved moral excellence; honesty; rectitude; uprightness. Syn. Probity. Integrity. Probity denotes unimpeachabel honesty and virtue*, shown especially by perfomance of those obligations, called imperfect„ which the laws of state do not reach, and can not enforce. *Integrity* denotes a whole-hearted (*) honesty, and especially that which excludes all injustice that migth favour one's self".

Em vulgar:

"*Probidade — Virtude ou integridade provada; excellencia moral experimentada; honestidade; rectidão; inteireza.*

Synonymos. *Probidade. Integridade. A probidade denota uma honestidade e virtude sem pecha, defeito — unimpeachable*, que especialmente se mostra pela execução das obrigações chamadas imperfeitas, (**) que as leis do estado não alcançam nem podem forçar.

"*A integridade*, uma inteira honestidade de coração, especialmente a que exclue toda a injustiça que nos podia favorecer".

E definindo o adjectivo *unimpeachable*, que o mesmo eminente lexicographo applica á palavra *probity* (probidade), a que chama *unimpeachable honesty and virtue*, escreve:

"*Unimpeachable* — Not impeachable; not to be called in question; exempt liability to accusation; free from stain, guilt or fault; irreproachable; blameless". (125).

O que, traspassado ao portuguez, significa:

"Sem pecha; de que se não deve duvidar; não susceptivel de accusação; isento de mancha, crime ou falta; irrepreensivel; livre de censura".

Segue as mesmas ideias James Whitney, quando no *Century Dictionary*, assim determina a accepção do vocabulo *probity* (*probidade*):

"*Tried virtue or integrity; strict honesty; virtue; sincerity; high principle*".
(Vol. IV. Pg. 4742).

O *Standard Dictionary* define:

"*Virtue or integrity tested and confirmed; also, virtue able to withstand tests; strict honesty; integrity*".
(Vol. 2.º Pg. 1418).

(*) Na 2.ª ed., por erro, lemos "hole-hearted".

(**) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

(125) Ibid. Pg. 1575.

Não é, portanto, submetter o vocabulo *probidade* a um padrão metaphysico, reputal-o incompativel com o epitheto *defeituosa;* é attentar bem na ideia mesma de que elle é signal, ideia que tão flagrantemente o refuga.

Se a ideia de vicio é antagonica á de virtude, o adjectivo *defeituoso,* que denota coisa que tem defeito ou vicio, não pode convir ao vocabulo *probidade,* que é honestidade, rectidão, inteireza e virtude.

Não é isto metaphysicar, é abeirar-se rente rente á realidade das coisas, á natureza das ideias, que se não devem confundir e baralhar.

Cerra o illustre Dr. Ruy as suas reflexões sobre a expressão *probidade defeituosa* com as palavras seguintes:

"O mais curioso é, porém, que contra o panegyrista do *Projecto* não tenha eu menor argumento que o seo proprio texto; contra o Dr. Carneiro não me vale autoridade menor que a delle mesmo. Se o meo substitutivo reza "pessoas de mao procedimento ou *defeituosa probidade*", o texto substituido rezava "pessoas de mao procedimento ou *falhas em probidade*".

"Mas que vem a ser *pessoas falhas em probidade* senão pessoas cuja probidade tem falhas? E *probidade que tem falhas* não é *probidade falha,* ou *defeituosa probidade?* (126)

Aqui evidentemente se equivocou o Dr. Ruy Barbosa.

A expressão *falhas em probidade* não vale o mesmo que de *defeituosa probidade;* quando se diz *pessoas falhas em probidade,* não é intuito significar *pessoas cuja probidade tem falhas.* Não se trata aqui de probidade que tem falhas.

Quando se diz: homem *falho de fazenda, falho de dinheiro, falho de recursos, falho de meios,* ou *falho em fazenda, em dinheiro, em recursos, em meios,* não se entende: homem cuja *fazenda, dinheiro, recursos* ou *meios* têm *falhas;* mas homem que *não tem fazenda,* que *não tem dinheiro,* que *não tem recursos* que *não tem meios;* ou homem *sem fazenda, sem dinheiro, sem recursos, sem meios.*

(126) *Replica,* § cit. n. 173.

Falhos em probidade quer dizer *sem probidade, faltos* desta virtude.

Neste sentido usaram do vocabulo alguns dos nossos melhores escriptores, como se vê nos seguintes exemplos:

(*) Na 2.ª ed.: Dr. Ruy Barbosa:"

"Porquanto muitas paixões ha, *falhas do* que é grandeza, e até mesmo baixas como o são a tristeza, o pavor e a afflicção".

(Filinto. *Obras.* T. 11. Pg. 307).

"Têm entre nós de luctar os editores de qualquer publicação, com quanto util e proveitosa seja, se, *falhos de* protecção, pretendem obter... os recursos indispensaveis para fazer face ao custeamento da obra".

(Inn. F. da Silva. *Pequena Chrestomathia Portugueza.* Pg. VI).

"Sentia-me sopeado de entendimento e *falho de* expressões".

(Camillo. *Myst. de Lisb.* vol. 1.º Pg. 111).

"Estou *falho em* dinheiro".

(Aulete. *Dicc. Port.* Pg. 767). (*)

Com a significação de *faltar*, empregavam semelhantemente os nossos escriptores o verbo *falhar*, escrevendo:

"Para deliberar não *falham* votos".

(Filinto, *Obras.* T. 6.º Pg. 95).

"As reputações precoces, que *falham* em solidez".

(Id. T. 9.º Pg. 24).

"Enfadado dos livros, que promettem instrucção, e que tanto *falham* no que promettem, dei-me a obras de mero agrado".

(Id. Ibid. Pg. 446).

Quanto ao termo *probidade*, temos visto ajunctarem-se-lhe os adjectivos *inflexivel, escrupulosa, incorruptivel, inconcussa, severa, alta, notoria, immaculada,* como testificam os exemplos seguintes:

"Defendendo, portanto, o *Methodo Portuguez*, creado com tanto amor, e tão *escrupulosa probidade*, nenhum homem de juizo são e honesto dirá que advogo uma gloria minha".

(A. Cast. *O Outono.* Pg. XV).

"Uma *probidade incorruptivel*".

(Id. Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 4.º Pg. 144).

"Gente de *notoria probidade*".

(Id. *Mil e um Myst.* Pg. 86).

(*) — A cit. de Aulete é da 1.ª ed. em um volume, por isso a indicação da pagina. A phrase citada vem como exemplo ao verbete "Falho".

"O seo fallecimento foi causa de magoa inconsolavel para amigos, e em geral para todos que conheciam os dotes do coração, e a *inflexivel probidade* do finado".

(Inn. F. da Silva. *Dicc. Bibliog.* T. 9.º Pg. 206).

"Porque presuppõe, não só elevados dotes litterarios, mas tambem *inconcussa probidade*".

(A. Herc. *Opusc.* T. 2.º Pg. 157).

"Cuja *probidade severa* parece excluir quaesquer esperanças".

(Id. *Hist. da Inq.* T. 2.º Pg. 238).

"*Alta probidade commercial*".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 100).

"Nem a sua *incorruptivel probidade*, para ficar ao abrigo da menor suspeita, havia mister da emphatica narração deste incidente".

(J. Francisco Lisboa. *Vida do Padre Vieira*. Pg. 152).

"A convicção da sua *immaculada probidade*".

(Camillo. *O General Carlos Ribeiro*. Pg. 42).

Defeituosa probidade é que ainda não vimos escripto, salvo agora nessa emenda do Dr. Ruy Barbosa.

XXIX

O O *Synthetico.*

Não reputamos clara a construcção que deo o Dr. Ruy Barbosa ao art. 429 do *Projecto*, que assim foi emendado:

"Os bens do menor serão entregues ao tutor mediante (*) inventario e avaliação, ainda que os paes *o* tenham dispensado".

No *Projecto* estava concebido este artigo nos seguintes termos:

"Os bens do menor serão entregues ao tutor por inventario e avaliação, ainda que os paes tenham dispensado essa formalidade".

Não ha erro na emenda; percebe-se o sentido que se lhe quiz dar, mas incontestavelmente o pensamento do texto é exprimido com mais clareza.

Nas orações em que entra esse *o* synthetico, ha muita vez perturbação da referencia por elle denotada, quando existem palavras outras a que, assim como ás orações mesmas, se poderia attribuir a relação exprimida por esse elemento grammatical.

Ora, a emenda em nada melhorou a redacção do texto, substituindo a expressão *tenham dispensado essa formalidade* por *o tenham dispensado;* é, na verdade, mais concisa a phrase, mas tornou-se menos clara.

Não menos que o Dr. Ruy, conhecemos o extenso emprego desse *o* invariavel, fazendo de complemento ou attributo, que ora se refere a um substantivo, ora a um adjectivo, ora a uma oração inteira, a um sentido anteriormente indicado, equivalente aos substantivos, igualmente syntheticos, *isto, isso, aquillo.*

O que affirmamos é que não era clara a redacção da emenda.

Bem possivel é que estejamos enganados; coteje o leitor o trecho do texto com o da emenda, e aquilatará melhor de que lado desce a concha da balança.

(*) Na 2.ª ed., por evidente erro da revisão, lemos: "ao tutor *por* inventario".

Desse substantivo synthetico conheciamos muitos exemplos, entre os quaes os seguintes:

"Se a visitavam as Madres, sabia-*o* agradecer".
(Souza. *Hist. de S. Domingos*. Vol. 4.º Cap. 6.º Pg. 44).

"Declara elle mesmo que Santarem foi a sua patria, como *o* fora de seo pae".
(F. Alex. Lobo. *Mem. da Acad. Real das Sciencias de Lisb.* T. 8.º Pg. 12).

"Chamou-lhe amigo, e desejou de *o* ser muito de coração".
(Vieira. *Serm.* T. 3.º Pg. 204).

"Não são versos musicaes de primeira qualidade; mas são-*no*, cuido eu, quanto basta para se conhecerem por versos".
(A. Cast. *Os Fastos*. T. 1.º Pg. XLVII).

"Creio tel-*o* provado".
(A. Herc. *Opusc*. T. 2.º Pg. 82).

"A propriedade litteraria é isto? Não, por certo. Se *o* fosse, a expressão seria uma tautologia pueril".
(Id. Ibid. Pg. 127).

"Precisava comtudo de explicar o meo procedimento. Devia-*o* a esta corporação".
(Id. Ibid. Pg. 152).

"A representação de 10 de Julho ficou sem resposta ou decisão durante alguns mezes, bem como *o* ficou a de 3 de Dezembro".
(Id. Ibid. Pg. 155).

"E' não accusar as suas intenções, que não *o* merecem".
(Id. Ibid. Pg. 252).

"Nem a autoridade civil nem a ecclesiastica podiam abolil-a. Só a lei *o* podia".
(Id. Ibid. Pg. 303).

XXX

CRASE

Alienar os objectos destinados *à venda.*

Assim é que estava formulado no *Projecto* o numero IV do art. 432.

Em seo primeiro trabalho censurou o Dr. Ruy o signal da crase no *a* que precede o vocabulo *venda,* fundamentando deste modo sua critica:

"Não cabe, neste passo, o signal de crase, desde que se não allude a certa e determinada venda, mas a venda indeterminadamente. Se, (*) em vez de *vender,* fosse *alugar,* dir-se-hia "destinados *ao* aluguel?" O *a,* em *a venda,* aqui, é como se estivesse: "destinados *a* vender-se". (127)

A essa ponderação do eminente censor, oppuzemos o seguinte:

"Ha nisso engano manifesto: o *a* antes do substantivo verbal *venda* deve ter aqui o signal de crase.

Trata-se, é verdade, de venda em geral, mas nem sempre no sentido geral se supprime o artigo aos nomes, porque este elemento grammatical tambem se põe antes de substantivos que indicam genero e especie, como nas phrases: o *vicio é detestavel, o homem é mortal, a mulher é fragil, o vaidoso ama-se em extremo;* e o genero, a especie, são ideias geraes, (**) e não particulares e individuaes.

"Não é logo o que adduz o Dr. Ruy motivo que se opponha ao emprego da crase, tão pouco seguro criterio para supprimir-se o signal que a traduz, o não se poder antepor a contracção *ao* a um substantivo masculino, nas mesmas relações syntacticas. Exemplifiquemos. Ninguem escreve: colher fructos *a* mão, mas colher *á* mão; *a* mão armada (locução adverbiada), mas *á* mão armada; entretanto se diz: escolher *a* dedo, e não *ao* dedo.

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula depois de "se".

(127) *Parceer* do Senador Ruy Barbosa. Nota ao art. 432.

(**) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula depois de "geraes".

"Ninguem se arreceia de escrever: duello *á* pistola, *á* espada; entretanto se diz, usando simplesmente da preposição *a*, e não da combinação *ao*: duello *a* florete, duello *a* revolver; todo o mundo escreve: *á* toa, *á* garra, *á* vista, *á* força, *á* custa, *á* capucha, *á* foice, *á* enxada, *á* soldada, *á* gineta, *á* marialva; como escreve: *a* reboque, *a* esmo, *a* prazo, *a* pulso, *a* custo, *a* troche-moche, *a* fio de espada, *a* martello, *a* soldo, *a* cavallo; do mesmo modo: *á* desfilada, *á* redea solta, *á* caça, *á* roda, *á* farta, *á* força de; e *a* passo, *a* trote, *a* galope, *a* corso, *a* rodo, *a* granel, *a* poder de, etc.

"Parece-nos, pois, bem empregada a crase no *a* que precede ao substantivo *venda*". (128)

O que mais notavel se nos afigura é que, emquanto o Dr. Ruy censura ao *Projecto* o uso da crase na expressão "*objectos destinados á venda*", empregue, na emenda ao art. 662 do mesmo *Projecto*, a seguinte phrase, de todo o ponto analoga á que elle censura:

"*Publicada e exposta Á venda* uma obra theatral ou musical, entende-se annuir o autor a que se represente, ou execute, onde quer que a sua audição não for retribuida".

Ninguem negará a analogia syntactica entre a expressão "*alienar os objectos destinados* A' VENDA", cuja crase o Dr. Ruy Barbosa argúe de não cabida, e a phrase "*publicada e exposta* A' VENDA uma obra theatral ou musical", cuja crase é indicada na emenda pelo mesmo critico.

Se é justificada a crase na locução *exposta* A' VENDA, não ha razão para que o não seja na phrase do *Projecto*: "*objectos destinados* A' VENDA".

Nem sei porque, na emenda ao art. 674 do *Projecto*, escreveo o illustre Dr. Ruy: "*ao preço por que estiverem* À VENDA" e increpe de descabida a crase no Á VENDA da expressão "*destinados* A' VENDA".

Nas expressões do Dr. Ruy "*publicada e exposta* Á VENDA", "*ao preço por que estiverem* À VENDA", onde se nota o uso da crase, trata-se, porventura, de uma venda determinada ou de venda em geral? Como admittir aqui a crase, para recusar alli, onde o vocabulo é tomado na mesma extensão?

O Dr. Ruy escreveo na emenda ao art. 552: "*tem direito* A' INDEMNIZAÇÃO, usando aqui da crase; entretanto a censura na phrase: "*tem direito* A' QUITAÇÃO". Nem justificará a razão por

(128) — *Ligeiras Observações*. Pg. 50—51.

que nesse art. 552, (*) usando da crase, escreveo: "*tem direito* Á INDEMNIZAÇÃO; e no art. 565 a supprime, escrevendo: *tem direito* A' INDEMNIZAÇÃO *cabal*".

Não nos explicou o preclaro antagonista a razão porque, (**) empregando-se a crase, se diz: *á vela, á roda, á toa, á mão, á vara á força, á enxada, á foice, á espada, á navalha, á matroca, á luz, á bolina, á desfilada, ás cavalleiras, ás cavallinhas, ás cavallitas, á besta, á enxó, á faca, á unha, á socapa;* e se diz, empregando simplesmente a preposição: *a remo, a rodo, a esmo, a dedo, a páo, a pulso, a arado, a machado, a florete, a revolver, a barlavento, a lume, a galope, a cavalleiro, a escopro, a canivete, a dente, a furto.*

Naquelles exemplos, segundo se colhe do que pensa o Dr. Ruy Barbosa sobre a crase, deveria ser elidido esse signal, como o seria na maior parte dos lanços seguintes:

"Fazem as barbas *a a navalha*".
(Castanheda. *Hist. da India.* Liv. 1.º Cap. 14. Pg. 45).

"Jorge Pinto por lhe cahir mais *á mão*, se foi a ella".
(Barros. *Dec.* 3.ª Liv. 8.º Cap. 9. Pg. 321).

"Andar *ás rebatinhas*".
(Id. Ibid. Cap. 9. Pg. 335).

"Por não morrerem todos *á fome*".
(Id. Ibid. Pg. 316).

"Mas elle se poz *á espora fita*".
(Id. Ibid. 4.ª Liv. 5.º Cap. 6.º Pg. 581).

"Estava *á re* da náo Santa Barbara".
(Id. Ibid. 2, 3, 1. Vide *Dicc.* de Moraes).

"Os Bancanes são todos dados *á mercancia*".
(D. Couto. *Dec.* 4.ª Liv. 1.º Cap. 7.º Pg. 44). (***)

"Puzeram-se de noite *á trinca*".
(Id. Ibid. Liv. 5. Cap. 2.º Pg. 334).

"Fugindo *á redea solta* de dois leões".
(Id. Ibid. Cap. 7.º Pg. 373).

"Antes queriam ser captivos, que morreram *á sêde*".
(Id. Ibid. Liv. 4.º Cap. 10. Pg. 316).

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula depois de "552".
(**) Na 2.ª ed. lemos: "*por que*".
(***) Na 2.ª ed. lemos: "(*Diogo Couto. Ibid. Dec.* 4.º Liv. 1.º Cap. 7.º Pg. 44).

"E tomando o galeão *á toa*".
(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 4.º Pg. 35).

"Pelejando com os inimigos rosto a rosto *à lança* e espada".
(Id. Ibid. *Dec.* 8.º Cap. 38. Pg. 415).

"Está morrendo *à mingoa*".
(*Dialog.* de Heitor Pinto. 91. Vide Bluteau. T. V. Pg. 495).

"Caminhamos assim *á vela* e a remo mais dezeseis dias".
(F. Mendes Pinto. Vide *Liv. Classica.* T. 1.º Pg. 116).

"Desesperado de o poder haver *á mão*".
(Moraes. *Palmeirim.* Vide *Dicc.* Domingos Vieira, T. 4.º Pg. 121).

"Selvião lhe ia *á mão* a todas estas vaidades".
(Id. Ibid.).
"Se não fôra o condestabel, que mui *á pressa* acudio".
(Lião. *Chron. d'el-rei D. João* o 1.º T. 1.º Cap. 53. Pg. 223).

"Veio *á pressa* abrir a porta".
(Id. Ibid. Cap. 61. Pg. 267).

"Cavalgar *á brida e á gineta*".
(Id. *Chron. d'el-rei D. Duarte.* Cap. 20. Pg. 77).

"Passados *á espada* seos defensores".
(*Monarch. Lusit.* Vide Bluteau. T. 3.º Pg. 253).

"Deo em tão ciosa, que bem *á mão* não dava o marido um passo, que ella não acompanhasse com suspeitas".
(Lobo. cit. por Bluteau. T. 5.º Pg. 312).

"Porque *á competencia* havia muitos sucessores para cada praça".
(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 2.º Cap. 11. Pg. 68).

"Queriam acabar tudo *á pura força*".
(Id. Ibid. Liv. 4.º Cap. 11. Pg. 172).

"Pelejando-se pé a pé, *á espada* e lança".
(Id. Ibid. Liv. 2.º Cap. 11. Pg. 67).

"Alargou a vista pelos montes que lhe ficam *á roda*".
(Id. Ibid. Cap. 33. Pg. 105).

"E irem-se *á ventura* peregrinando e lazerando".
(Id. Ibid. Liv. 4.º Cap. 5.º Pg. 163).

"Porfiaram tanto, que *á pura força* o tiraram da Igreja".
(Id. Ibid. Liv. 2.º Cap. 21. Pg. 86).

"Obra feita *á mão*".
(Id. Ibid. Cap. 33. Pg. 106).

"Entendeo que fora feito acinte, e a alampada apagada *á mão*".
(Id. *Hist. de S. Domingos*. Vol. 1.º Liv. 2.º Pg. 282).

"Fazendo fugir os mais *á vela* e remo".
(Ibid. Vol. 4.º Liv. 4.º Pg. 364).

"E se não foram mortos *á espada*".
(Id. Ibid. Pg. 365).

"Cuidavam de a tomar *á fome*".
(Id. Ibid. Pg. 366).

"Antes sujeitas *á guerra*".
(Id. Ibid. Pg. 371).

"Poucos annos atraz passavam folgadamente *á vela*".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Liv. 3.º Pg. 318).

"E obrigaram-no quasi *á força* que visitasse a sepultura do sancto".
(Id. Ibid. Pg. 314).

"Iam de uma e outra parte das andas *á gineta*".
(Id. *Annaes*. Pg. 179).

"Mortos *á traição* e a sangue frio".
(Id. Ibid. Pg. 84).

"Foi salteado e levado *á espada*".
(Id. Ibid. Pg. 102).

"Poucos homens ha tão perdidos, que, pondo-se *á vara* de dentro de si mesmos comsigo, e querendo julgar suas proprias coisas, se não corram de si".
(Paiva. *Serm.* Vide Moraes. *Dicc.* Vol. 2.º Pg. 967).

"A Capitanea, que estava *á capa* na volta de leste".
(Britto. *Viag. ao Brasil*. Vide Bluteau. T. 2.º Pg. 118).

"Perecendo *á fome* no meio do montado".
(Vieira. *Serm.* T. 1.º Pg. 235).

"Será bem que o mundo morra *á fome?*".
(Id. Ibid. Pg. 253).

"E se emfim se vê morrer *á fome*, deixe-se morrer e vingue-se".
(Id. Ibid. Pg. 233).

"E a todos os da retaguarda passaram *á espada*".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 367).

"Sujeito *á morte*".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 218).

"Morressem *á espada*".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 227).

"Diz mais, que ouvindo isto S. Pedro, tomou *á parte* o mesmo Christo".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 46).

"Os da terra ficam *á pá*".
(Id. Vide *Dicc. Moraes.* Vol. 11. Pg. 457).

"...O haveis de fazer *á força* homem".
(Id. cit. por Bluteau. T. IV. Pg. 169).

"Estam sujeitas *á corrupção*".
(Id. *Cartas.* T. 4.º Pg. 88).

"Deram *á vela*".
(*Arte de Furtar.* Pg. 188).

"Que morra enforcado o homicida que matou *á espingarda* ou *ás estoucadas* um homem".
(Ibid. Pg. 20).

"Linguagem differente da em que imos tirando *á luz* este tratado".
(Ibid. Pg. 86).

"Creados *á mão*".
(Ibid. Pg. 239).

"Ficam *á revelia*".
(Ibid.).

"Todas as nações do mundo podem andar comnosco *á soldada* nesta parte".
(Ibid. Pg. 261).

"Porque lhes iam dando os xaques aos poucos, e *á formiga*".
(Ibid. Pg. 328).

"Ficam estalando *á sêde*".
(Ibid. Pg. 330).

"Vieram *ás gadelhas*".
(Ibid. Pg. 411).

"Andava *á caça*".
(Ibid. Pg. 413).

"Acceitar *á escancara* donativos".
(Ibid. Pg. 306).

"E é um perpetuo cano, por onde desagua e desova todo o provimento *á formiga* por tantas mãos dobradas, quantos são os soldados, officiaes e passageiros'.

(Ibid. Pg. 327).

"Eis que temos *á mão* um homem de grande engenho".
(Bluteau. *Vocab.* T. V. Pg. 308).

"Apanhar *á mão*, fazer *á mão*, vir *á mão*, ir *á mão*, estar *á mão*".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 309).

"Passar *á espada*".
(Id. Ibid. T. III. Pg. 253).

"O andar *á vela*".
(Id. Ibid. T. VIII. Pg. 383).

"Foram *á bolina*".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 144).

"Ir *á bolina*".
(Id. Ibid.).

"Andam os nossos soldados *á desfilada*".
(Id. Ibid. T. III. Pg. 143).

"A mocidade é sujeita a doenças violentas, ao mal caduco e sobretudo *à etiguidade*".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 692).

"Tapete feito *á agulha*".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 4).

"Agoa, que fervendo ficou reduzida *á metade*".
(Id. Ibid.).

"Escalar uma cidade. Leval-a *á escala* subindo por escadas arrimadas aos muros".
(Id. Ibid. T. III. Pg. 203).

"Apanhar alguem *ás mãos*".
(Id. Ibid. T. V. Pg. 308).

"Todas as outras familias, familias e familias, *à parte*, e suas mulheres *á parte*".
(Pe. A. P. de Figueiredo, Trad. da *Biblia*, Vol. 2.º Pg. 563).

"Logo põe *á escuta*.
O ouvido proprio, a receber resposta.
(Filinto. *Obras*. T. 6.º Pg. 330).

"Sahio *á desfilada* o Lord".
(Id. Ibid. T. 10. Pg. 384).

"Edificios *á pressa* levantados".
(Id. Ibid. T. 9.º Pg. 24).

"Pintados *á brocha*".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 100).

"Manda que monte
O filho, e *á pata* o pae lhe vae na cóla".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 124).

"Quero ir com as turbas, e (ainda que velho) me quero pôr *á moda*".
(Id. Ibid. *nota á fab. do Charlatão).*

"Ir d'alli *à surdina* escapulindo".
(Id. Vide Aulete. *Dicc.* T. 2.º Pg. 1703).

"Por onde em lugar de *alarmar* diriamos antes tocar arma ou *á arma* ou *ás* (*) *armas*, dar rebate, repicar, que é de Barros....."
(Fr. F. de S. Luiz. *Glossario*. Pg. 17).

"Com grã murmurio em tanto o mar turbar-se
Sentio Neptuno, e os furacões *á solta*".
(Barreto Feio. *Eneida*. Liv. 1.º Pg. 15).

"Brigar *á espada*, levar tudo *á espada*, passar *á espada*".
(Constancio. *Dicc.* Pg. 507).

"Dar *á vela*, fazer-se *á vela*, andar *á vela*".
(Id. Ibid. Pg. 957).

"Vento *á bolina*".
(Id. Ibid. Pg. 180).

"Viver *á larga*".
(Moraes. *Dicc.* Vol. II. Pg. 1012).

"Velejar *á bolina*".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 347).

"Guardado *á chave*, fechado *á chave*".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 453). (*)

(*) — Na 2.ª ed. lemos: "ou *a* arma ou *as* armas".
(*) — Na 2.ª ed. lemos "452", por erro da revisão.

SENADO FEDERAL
BIBLIOTECA

"Estar *á venda*, pôr *á venda*".
(Id. Ibid. Vol. II. Pg. 978).

"Destinada *á morte*".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 670).

"Cavalgar *á brida*".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 360).

"Obra de machado — que não é lavrada depois *á enxó* nem polida".
(Id. Ibid. Vol. II. Pg. 287).

"*Á banda:* (de parte, á parte): v. g. pôr *á banda*".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 286).

"Andar *á pata* (phrase chula) por andar a pé".

"Ficar *á pá*, isto é, sem modo de vida".
(Id. Ibid. Vol. II. Pg. 457-94).

"... e que, á (*) voz soberana e irresistivel de *á unha, á unha, á cernelha,* correm a arcar com mais generosos, não mais possantes, animaes que elles".
(Garrett. *Viag. na Minha Terra.* T. 1.º Pg. 7).

"Logo o rio de Challe *á força entrando*".
(*Insul.* de M. Thomaz. Vide Bluteau. Vocab. T. 4.º Pg. 169).

"Não monta não senhor; leve *á redea* os cavallos".
(Cast. o *Avarento.* Act. 3.º Scena XI. Pg. 221).

"A metter-me *á bulha!*"
(Id. *Fausto.* Pg. 45).

"Inda que a nossa essencia
é saltitar *á toa...*"
(Id. Ibid. Pg. 331).

"...nós outros desfructemos
á chucha-caladinha a nossa conta".
(Id. Ibid. Pg. 346).

"Foram *á doida* assoalhar no vulgo".
(Id. Ibid. Pg. 41).

(*) — Na 2.ª ed. elidiu-se o signal de crase no *a* antes de "voz".

"Levada pelo beiço *á roda, á roda*".
(Id. Ibid. Pg. 127).

"Ires-te assim *á tuna*
pelo mundo de Christo *á cata* da fortuna".
(Id. Ibid. Pg. 229).

"Se até eu tenho a bola *á roda, á roda!*"
(Id. Ibid. Pg. 190).

"Ruge a grosa: rechina a lamina da serra;
(antes da ferramenta, a gente d'algum dia
só lenhos bons d'abrir, e *á cunha*, dividida).
(Id. *Georgicas*. Liv. 1.º Pg. 19).

Corta-as delicadamente *á tesoura*".
(Id. *Camões*. T. 2.º Pg. 88).

"Guarda-se-hiam (os livros) no armario *á chave*".
(Id. *Colloq. Aldeões*. Pg. 105).

"Tudo está nascido, tudo está em flor, tudo está *á* (*) *mão*".
(Id. *Os Fastos*. T. 1.º Pg. 51. *Prologo*).

"Tomar esposas *á força*".
(Id. Ibid. Pg. 25).

"Caçava passaros *á pedra*".
(Id. *Mil e Um Mysterios*. Pg. 278).

"Feitos *á mão*, (**) copiados *a mão*".
(Id. Vid. *Livr. Classica*. Garcia de Rezende. Pg. 338-39).

"Reduzidos *á mendicidade*".
(A. Herc. *O Monge de Cister*. T. 1.º Pg. 220).

"Em vez de os condemnares *á forca*".
(Id. Ibid. Pg. 223).

"Coser *á ponta* do punhal a bocca".
(Herc. *Lendas e Narrat*. T. 1.º Pg. 69).

"Copiara *á ponta* de cinzel aquella pagina".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 224).

(*) — Elidiu-se a crase no *a* na 2.ª ed.
(**) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

"Bartholomeo andava-lhe já a cabeça *á roda*".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 254).

"Para os filhos das familias hebreas serem arrancados *á força* do seio de suas familias".
(Id. *Hist. da Inq.* T. 1.º Pg. 130).

"Cumprir *á* risca as obrigações civis".
(Id. Ibid. Pg. 81).

"Passar *á espada*".
(Id. Ibid. Pg. 23".

"Reduzidos *á miserias*".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 66 e 89).

"Reduzidos *á indigencia*".
(Id. Ibid. Pg. 67).

"Reduzirem-nos *á servidão*".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 11).

"Faziam-no *á custa* de todos os sacrificios".
(Id. Ibid. Pg. 132).

"Sujeito *á revindicta*".
(Id. *Hist. de Port.* T. 4.º Pg. 281).

"Sujeitos *á calumnia*".
(Id. Ibid. Pg. 282).

"Levado *á escala,* os seos habitantes experimentam a crueza dos vencedores".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 28).

"Reduzil-a *á viva força*".
(Id. Ibid. Pg. 32).

"Transpor os muros *á escala vista*".
(Id. Ibid. Pg. 33).

"Condemnado *á morte*".
(Id. *Opusc.* T. 5.º Pg. 280).

"Proval-o-hei *á lança* e *á espada*".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 86).

"Os seos valentes postos *á espada*".
(Id. Ibid. Pg. 109).

"..... Os fustiga e os impelle *á redea solta*".
(Mendes Leal. *Canticos*. Pg. 256).

"Condemnado *á morte*".
(Rebello da Silva. *Varões Illustres*. Pg. 24).

"Reduzindo os seos moradores *á servidão*".
(Lat. Coelho. A *Oração da Corôa*. Pg. 13).

"Conquistado *á arma branca*".
(Id. *Hist. Polit. e Milit. de Port.* T. 3.º Pg. 258).

"*Á espora fita*... se foi entranhando nas serranias".
(Id. Ibid. Pg. 275).

"Se acaso a pleiteasse *á mão armada*".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 24).

"Reduzindo *á extrema penuria*".
(Id. Ibid. Pg. 132).

"Fora impresso com pleno consentimento da censura e posto *á venda* publicamente nos livreiros de Lisboa".
(Id. Ibid. Pg. 401).

"Andando Paulo da Gama com dois bateis a pescar *á fisga* os peixes que ali (*) acudiam em cardumes".
(Id. *Varões Illustres*. T. 2.º Pg. 56).

"Reduzir o xeque *á sujeição* e vassallagem".
(Id. Ibid. Pg. 275).

"Os reis, diga-se *á puridade*, não são muito escrupulosos em destrinçar a differença dos meritos alheios".
(Id. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 449).

"Subi quatro legoas de encosta em 12 horas com a mula *á redea*".
(Camillo. *Doze Casamentos Felizes*. Pg. 94).

"Mas estimulado pelos companheiros, que lhe davam de rosto o deixar correr assim *á revelia*..., resolveo-se a lhe ir fallar".
(J. F. Lisboa. *Vida do Padre A. Vieira*. Pg. 248).

"*Cultural* — relativo *á cultura*".
(Aulete. *Dicc. Contemp.* T. 1.º Pg. 431).

(*) Em ámbas as edições lemos *ali* com um *l* só, quando sempre o autor escreveu com dois *ll*.

"Duello *á espada*, (*) *á pistola*".
(Id. Ibid. Pg. 562).

"*Á fina força, á viva força, á força*".
(Id. Ibid. Pg. 800 e 813).

"Desenhar *á agulha*". "Ornar de desenhos em relevo, *á agulha*, com fio de lan, seda, ouro, etc."
(Id. Ibid. verbo *bordar*).

"*A' pata* (pop.), (**) a pé: Foi *á pata* até Belem".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 1308).

"*A's cavallinhas, ás cavalleiras, ás cavallitas*".
(Candido de Figueiredo. *Dicc.* Vol. Pg. 269).

"Tenho, porém, *á mão* um argumento".
(Id. Ibid. *Convers. Prelim.* Pg. XXII).

Explicando a crase na locução *á escala vista* do seguinte verso de Camões:

"Villas, castellos toma *á escala vista*"', (129)

assim escreve o Dr. Ruy:

"*Escala* é a escada (lat. *scala*), arrimada aos muros para escalar a fortaleza. "Levar á escala vista" quer dizer accommetter *a descoberta* a praça por esse meio de guerra. Diriamos "toma *a a* escala vista", como os antigos diziam, se o não vedassem hoje as leis da euphonia.

"Mas, em não havendo a determinação, isto é, o artigo, por onde se ella expressa, já não tem lugar o uso do accento". (130)

Ao ver, pois, do douto critico, é incorrecto escrever, indicando a crase: "levar tudo *á escala*", "levar uma cidade, uma praça, uma fortaleza, *á escala*".

Mas Bluteau, em seo *Vocabulário Portuguez e Latino*, definindo o vocabulo *escalar*, escreve, como já vimos:

"Escalar uma cidade. Leval-a *á escala* subindo por escadas arrimadas aos muros".

E A. Herculano, conforme atraz já tivemos occasião de mostrar, usou da expressão "levado *á escala*", empregando a crase.

(* e **) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.
(129) *Lus.* VIII, 25.
(130) § 40-177.

"Sustenta o mestre", diz o Dr. Ruy Barbosa, a orthographia *duello á pistola, duello á espada,* em vez de *a pistola, a espada;* e para este effeito, embrulha com essas expressões outras mui diversas, taes como *colher á mão armada,* (131) *á capucha, á gineta, á marialva.*

"É misturar alhos a bugalhos.

"*Colher á mão armada* está realmente certo; mas isso justamente porque o epitheto de *armada,* accrescentado *a mão,* a determina. Não é *á mão livre,* nem *á mão solta,* nem *á mão tente,* sim *á mão provida de armas.* Determinou-se, pois, a natureza, o estado ou a maneira de obrar da mão, com que se colhe; e, (*) determinando-se, para logo se justificou o uso do artigo, origem da contracção, ensejo da crase e motivo do accento.

"Semelhantemente acertará quem disser *á capucha, á gineta, á marialva.* Mas porque? Porque a determinação ahi está, bem que ellipticamente. São *maneiras,* ou *modas,* que esses adjectivos qualificam. Assim dizemos: *á franceza, á ingleza, á portugueza, á extrangeira, á formiga* (Bluteau, v. I. p. 4-5: *á hespanhola, á* (**) *grega* (Leoni, v. II. p. 22); *á doida, á propria, á chucha caladinha* (Castilho: *Fausto.* p. 148, 151, 346): *á Filinta* (Castilho: *Metamorph.,* prol., p. XX); *á cortezã* (Vieira. *Serm.* v. III. p. 201); *á pharisaica.* (Bernardes. *Nov. Floresta,* IV. p. 80).

Ou assim não será? Ou não estará subentendida alli a palavra cuja ellipse affirmo? Tanto está, que Julio Ribeiro ensina a escrever "vestido á (***) Luiz XV", "estylo *á* Camões".

"Em taes locuções", diz elle, "ha ellipse da palavra *moda*". (*Grammat.,* p. 29. n. 53).

"Quando Souza escreve: "la fugindo *á* redea solta". (*Vid. do Arc.* I, II, c. 20), precisou a maneira de estar a redea, frouxa, e não apertada". (132).

Condemna, (****) por conseguinte, o alumiado censor as phrases *colher A' mão, ir A' mão, tomar A' mão, estar A' mão, vir A' mão, apanhar A' mão, escripto A' mão, obra feita A' mão, fazer A' mão, fallar A' mão,* em que figura a crase no *a* que precede, ao vocabulo *mão.*

Mas, usando da crase, têm empregado esta expressão todos os classicos, antigos e modernos: *á mão* escreve Barros, *á mão* escreve Francisco de Moraes, *á mão* escreve a *Arte de Furtar,* escreve Fr.

---

(131) No original das *Ligeiras Observações* estava escripto o seguinte: colher fructos *á mão; á mão armada,* etc.

(*) Omittiu-se a virgula depois de *e* na 2.ª edição.

(**) Sem crase na 2.ª ed.

(***) Na 2.ª ed. por erro typographico, omittiu-se aqui o *á,* antes de Luiz

(132) Vid. *Replica* cit.—178.

(****) Omittiu-se a virgula neste lugar na 2.ª edição.

Luiz de Souza, Bluteau, Moraes, Constancio, Aulete, Candido de Figueiredo, e todos os diccionaristas e lexicographos conhecidos; *á mão* escreve Antonio de Castilho, *á mão*, em summa, escreveo o proprio Dr. Ruy Barbosa, quando, em suas *Cartas de Inglaterra*, disse, a paginas 170:

"Sem ter assentes os planos e *A' mão* as forças para o segundo";

e no § 29, n. 156, de (*) sua *Replica*, quando responde a uma censura nossa, diz:

"Isto de clareza, como não se tacteia *A' mão*, não se determina por conta, peso ou medida".

Entretanto, na emenda ao art. 1285, n. II, do *Projecto*, escreve a locução adverbiada *á mão armada* sem a crase no *a* (*a mão armada*), nestes termos, e com esta graphia:

"Se occorrer força maior, como nas hypotheses de escalada, invasão da casa, roubo a *mão armada*, ou violencias semelhantes".

Escrevendo alli assim, desafina com o que diz em sua *Replica*, proscrevendo a crase na expressão adverbiada *á mão*, que escreveo *a mão*, e advogando-a na locução *á mão armada*, que escreveo, elidindo-a, *a mão armada*.

Não direi que *misturou alhos a bugalhos;* mas, assim procedendo, não separou discretamente estes daquelles.

Impugnou o Dr. Ruy o uso da crase na expressão *á espada;* mas, (**) dos exemplos, que foram já mencionados, vê-se que assim escrevem todos os escriptores. *Á espada* dil-o Bluteau, Moraes, Constancio, Domingos Vieira, Aulete; dil-o Bernardo de Brito, e Fr. Luiz de Souza, e Vieira, e Alexandre Herculano.

Do que, em sua *Replica*, diz o Dr. Ruy, colhe-se que se não deve escrever *á redea; á redea solta*, sim, porque nessa locução "*se precisa*", reflecte elle, "*a maneira de estar a redea*, (***) *frouxa, e não apertada*".

Mas, como já o dissemos antes, nos *Doze Casamentos Felizes*, escreveo Camillo: "com a mula *á redea*"; Castilho, no *Avarento*: "leve *á redea* os cavallos"; como, de modo analogo, disse Duarte N. de Lião: "cavalgar *á brida*".

(*) Na 2.ª edição lemos: "da" e não "de".
(**) Na 2.ª ed. elidiu-se a virgula.
(***) Na 2.ª ed. lemos: "de estar *á* redea frouxa".

Ao Dr. Ruy censuramos, em nosso primeiro trabalho, a eliminação da crase na expressão *á metade*, que escreveo *a metade*, na seguinte emenda ao art. 593 § 2.º (*in fine*):

"Mas, se dessa altura passarem, o vizinho poderá exigir que se afastem do limite distancia igual *a metade* desse excesso".

Eis como, na *Replica*, fundamenta o preclaro antagonista os motivos da suppressão da crase:

"Escrevi eu: "exigir que se afastem do limite distancia igual *a* metade". Emenda o mestre: *á metade*. "E porque não *a metade?*" "As metades, em qualquer todo, são duas, como os terços tres e quatro os quartos. Ora, assim como se poderia dizer indeterminadamente *um terço*, nada obstava a dizermos *uma* metade. Nada, senão a euphonia, aliás não offendida, se pronunciarmos, como se deve, *ua* em vez de *uma*. Eliminou-se o *uma*, o *artigo indefinito*, como dantes lhe chamavam. A que viria, pois, sobre a particula prepositiva o accento, expressão do artigo definito? (133)

Respondamos, oppondo o Dr. Ruy a si proprio.

Se é incorrecto escrever *á metade*, pondo sobre o *a* o accento, que, ao dizer do Dr. Ruy, é *a expressão do artigo definito*, o qual não existe na referida locução, como, emendando o art. 1796 do *Projecto*, empregou o eminente censor a expressão *á sua metade?*

Se o vocabulo *metade* se pode empregar sem o artigo definito, a que vem o *a* accentuado, precedendo a esse mesmo substantivo, que, de mais a mais, já se acha determinado pelo determinativo possessivo *sua?*

Entretanto lá está no art. 1796 formulada assim a emenda do douto escriptor:

"Não entram em collação as doações e dotes, que o doador mande imputar Á *sua metade*, comtanto que não excedam..." .

Ou é, logo, verdadeiro tudo o que expende o esclarecido Dr. Ruy Barbosa no que toca á expressão *á metade*, que escreveo *a metade*, e então é errada a redacção que deo á sua emenda, dizendo: "não entram em collação as doações e dotes que o doador mande imputar *Á sua metade*"; ou o que affirma não está de accordo com a verdade, e verdadeira é a redacção que deo ao art. 1796, verdadeiro é o uso da crase na phrase: "que se afastem do limite distancia igual *á metade* desse excesso", onde sem razão a omittio, escrevendo não *á metade*, (*) senão *a metade*.

---

(133) *Replica*. § 40. n. 182.

(*) Omittiu-se a virgula neste lugar na 2.ª edição.

De accordo com o nosso modo de ver, escreveo Bluteau, como deixamos dito: "Agoa que fervendo ficou reduzida Á *metade*".

A proposito de certas locuções adverbiadas como *á portugueza, á ingleza, á hespanhola, á mourisca, á doida, á pharisaica* e outras, em que existem manifestas ellipses, cita o Dr. Ruy o illustre grammatico Julio Ribeiro, que ensina a escrever "vestido *á* Luiz XV", "estylo *á Camões*", dizendo que ha em taes locuções ellipse da palavra *moda.*

Não nos era desconhecido este modo de pensar do eminente escriptor e grammatico.

Garrett, com effeito, nas *Viagens na Minha Terra,* (134) escreveo:

"Algum trovador renascença de collete *á Joinville*".

Semelhantemente dizem os francezes, subentendendo os vocabulos *manière, façon*: *une peinture à la Rembrandt,* por *une peinture à la manière de Rembrandt; un ouvrage fait à la diable,* por *un ouvrage fait à la façon du diable.*

Mas, com citar Julio Ribeiro, não o imitou o Dr. Ruy nem a Garrett, que emprega a locução *collete á Joinville*", quando escreveo em suas famosas *Cartas de Inglaterra*:

"Entrariamos então no regimen dos gabinetes dictados pela influencia dos pronunciamentos: o governo parlamentar *a duque de Saldanha e Martinez Campos*": (135)

Outrosim, se o illustre autor da *Replica* dá seo apoio decidido ás expressões de Julio Ribeiro "vestido *á* Luiz XV" "estylo *á* Camões"; se sustenta que acertará quem disser *á capucha, á gineta, á marialva,* "porque a determinação ahi está, bem que ellipticamente; são *maneiras* ou *modas,* que esses adjectivos qualificam, qualificação que ainda se mantem, quando dizemos: *á franceza, á ingleza, á portugueza, á extrangeira, á formiga, á hespanhola, á grega, á doida, á propria, á chuca caladinha, á Filinta, á cortezã, á pharisaica*"; porque não vio em outros taes casos a mesma ellipse do vocabulo *maneira, moda,* e defende a exactidão das locuções *crescer a baleia, subir a andorinha, subir a aguia, inchar a rã a elephante,* quando são de todo analogas ás locuções "vestido *á* Luiz XV"; "estylo *á* Camões"; onde aquelle grammatico preceitúa dever (*) usar-se da crase, que o Dr. Ruy defende?

---

(134) T. 1.º Pg. 246.

(135) *Cartas de Inglaterra.* Pg. 406.

(*) Na 2.ª ed., por engano, lê-se: "preceitúa *deve* usar-se".

Se, quando se diz: vestido *á* Luiz XV, estylo *á* Camões, *á* franceza, *á* ingleza, *á* portugueza, *á* extrangeira, *á* formiga, é justificavel a crase, porque nessas expressões se subentende o vocabulo *maneira*, não estarão no mesmo caso as locuções *crescer a baleia, subir a andorinha, inchar a rã a elephante*, que o insigne critico nos aponta, sustentando que não devem ter aquelle signal indicativo de crase?

Crescer a baleia, inchar a rã a elephante, não equivalem a *crescer á maneira de baleia, inchar á maneira de elephante?*

Ao parecer do Dr. Ruy Barbosa, não se deve dizer *objectos destinados Á venda*, (*) porque se não diz *objectos destinados* AO *aluguel.*

"Ganhar *a* montante, vencer *a* montante, pelejar *a* montante é", (*) affirma elle, "como se dizia em portuguez: nunca "*ao* montante"... "Troque-se montante em espada. Não se diria "*a o* montante". Logo não se poderá dizer "*a a espada*". É "*a montante*". Ha de ser "*a espada*". (136)

Não é o que adduz o Dr. Ruy, como já o affirmamos, (*) criterio infallivel para a eliminação da crase: o não se poder antepor a contracção *ao* a um substantivo masculino nas mesmas relações syntacticas.

Explanemos mais o assumpto:

Não se escreve *á vista*, na locução "pagamento *á vista*", e diz-se "pagamento *a prazo*"; diz-se *á escancara*, e a *furto; á mão*, e *a dedo; á pata* e *a pé;* "*tirar á luz* e tirar *a lume*"; *á vela* e *a remo, a vapor; á capa*, (*) *á trinca, á sirga, á bolina*, e *a sotavento, a barlavento; á tesoura, á foice, á enxó, á navalha*, (*) *á enxada, á lima* (*) *á espada*, e *a facão, a canivete, a formão, a* (**) *enxadão, a escopro; á roda*, e *a gyro; á corda*, e *a páo; á unha, á cernelha, á garra*, e *a dente, a bico; á toa*, e *a esmo;* (***) *á chave, á tranca*, (*) e *a ferrolho; á força* (*) e *a pulso; á soldada*, e *a soldo; á redea, á bride* e *a trote, a galope; á pedra*, e *a chuça; á* (****) *bala, á fuzilaria, á mosquetaria, á baioneta*, e *a ferro* e (*****) *fogo, a tiro, a sabre, a refle;* "vir *á baila*", "vir *á collação*", (*) e "vir *a lanço*", "*vir a pello*', "comprar ou tomar *á cala* (loc. anti.)"; e "comprar ou tomar *a contento*".

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se a virgula aqui.

(136) *Replica.* § cit.—180.

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se a virgula aqui.

(**) Na 2.ª ed. poz-se o signal de crase no *a* antes de enxadão, possivelmente por erro de revisão.

(***) Na 2.ª ed. lemos: "e a como á chave"—, evidente erro de revisão.

(****) Na 2.ª ed. omittiu-se a crase ao *a* antes de bala.

(*****) Na 2.ª ed. lê-se: "e a ferro, á fogo".

O Dr. Ruy mesmo affirma que a crase se justifica na locução *á mão armada*, e não em *á mão*, por ser na primeira o vocabulo *mão* determinado pelo qualificativo armada, determinação que falta á segunda, e que é indicada na linguagem pela presença do artigo *a*, incorporado na preposição *a*.

Bem. Perguntamos agora, substituindo o douto critico a palavra *mão* pelo vocabulo *braço*, (*) subscreveria a expressão *ao braço armado*, ou diria *a braço armado?*

Diz-se *á mão cheia*, *á mão tente* ou *á mão tenente*, mas, a despeito da determinação trazida ao substantivo pelo adjectivo que se lhe pospõe, não se diz *ao pé enxuto*, *ao pé firme*, *ao pé quedo*, mas, usando simplesmente da preposição: *a pé enxuto*, *a pé firme*, *a pé quedo*.

Não nos parece, portanto, razoavel a eliminação da crase nas locuções *á venda*, *á quitação*, *á metade*, *á cultura*, *á mudança*, que figuram nas seguintes phrases: "alienar os objectos destinados *á venda*", (137) "o devedor, que paga, tem direito *à quitação* regular", (138) "exigir que se afastem do limite distancia igual *á metade desse excesso*", (139) "terreno até então destinado *á cultura*", (140) "se esse accrescimo for *devido à mudança* na maneira de exercer a servidão"; (141) onde quer o Dr. Ruy que se escreva *a venda*, *a quitação*, *a metade*, *a cultara*, *a mudança*, em despeito de escrever na emenda ao art. 1392 do *Projecto:* "Se este fôr condemnado *á restituição*"; no art. 537: "Os actos sujeitos *á transcripção*"; e no art. 552: "Mas tem direito *á indemnização*".

Donde parece não são bem assentes e seguras as ideias do illustre contradictor com respeito á crase.

Condemna a crase no *a* que precede o substantivo *venda* na phrase do *Projecto*: "alienar os objectos destinados *á venda*"; usa da crase no mesmo vocabulo nas expressões seguintes: "exposta *á venda*"; (142) "ao preço por que estiverem *á venda;* (143) e annue á redacção do art. 1165, em que no *Projecto* está escripto: "applicam-se *á troca* as disposições referentes *á compra e* venda"; onde, segundo se infere de seo modo de ver, se não devia escrever *á troca* mas *a troca; á compra* e venda, mas *a compra* e venda.

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se a virgula aqui.
(137) Art. 432. IV.
(138) Art. 940.
(139) Art. 593 § 2.º.
(140) Art. 711. § Unico.
(141) Art. 711. § Unico.
(142) Emenda ao art. 662.
(143) Emenda ao art. 674.

Reprova a crase em *á mão*, defendendo-a, porém, em *á mão armada*, *á mão livre*, *á mão solta*, *á mão tente*, porque se determina o estado ou a maneira de obrar da mão.

Entretanto, não só em suas *Cartas de Inglaterra* se nos offerece a crase no *a* componente dessa locução, mas ainda, em sua propria *Replica*, do que são prova os seguintes lanços, que já citamos, extrahidos desses dois trabalhos:

"Sem ter assentes os planos e *Á mão* as forças para o segundo".

"Isto de clareza, como não se tacteia *Á mão* não se determina por conta, peso ou medida..."

Na *Replica* desenganadamente sustenta que se deve omittir o signal da crase na locução *á metade*, cuja graphia, ao seo ver, deve ser *a metade*, e não *á metade;* escreve, entretanto, a emenda ao art. 319 do *Projecto*, recorrendo á crase que alli refuga, como se vê no seguinte lugar do alludido artigo: "Comtanto que não excedam Á *metade* dos bens do doador".

No seo primeiro trabalho, emendando o art. 552, escreve: "... mas tem direito Á *indemnização*"; serve-se, portanto, da crase; no art. 665 a repelle, escrevendo: "tem direito *a indemnização* cabal", sem a crase.

Cerra a emenda ao art. 1392 com a seguinte phrase, em que se nota a crase:

"Se este for condemnado *Á restituição*", usando do mesmo signal nos artigos 537 e 1180, que assim escreve: "os actos sujeitos Á *transcripção*", "*sujeito* Á *evicção*".

Entretanto rejeita por descabida a crase na seguinte phrase: "predio sujeito *á constituição* de renda", (144) e nestas locuções, pouco ha citadas: "tem direito *á quitação* regular", destinado *á cultura*", "se, porem, esse acrescimo de encargo for devido *á mudança* na maneira de exercer a servidão", etc.

(144) Art. 754.

XXXI

Infinito pessoal e impessoal (a).
Para produzirem effeitos legaes, deverão...

Era esta a formula que a redacção do *Projecto* do *Codigo* havia dado ao art. 145:

"Todos os escriptos de obrigações que forem redigidos em lingoa extrangeira, para produzirem effeitos legaes, deverão ser traduzidos no idioma nacional".

O Dr. Ruy Barbosa, em seo primeiro trabalho sobre as emendas ao *Projecto*, depois de dar outra redacção ao artigo, accrescenta em nota:

"Que *forem* para *produzirem*". "Parece que não cabe, em boa grammatica, o infinito pessoal *produzirem*, desde que o seo sujeito é o mesmo do verbo no modo finito".

Nas *Ligeiras Observações*, oppuzemos áquella nota do douto contradictor as ponderações que se seguem:

"Permitta-se-nos primeiramente a seguinte observação: destacando as duas orações *que forem e para produzirem*, o Dr. Ruy considera a primeira *que forem* a regente e a segunda, a do infinitivo, a regida.

"Se assim não fora, nenhuma razão houvera para separar do texto as duas sentenças *que forem, para produzirem.*

"Ha nisso equivoco: não é a proposição constituida pela forma verbal *forem* que rege a do infinito *para produzirem;* é, sim, a formada pelo verbo *deverão.*

"Em segundo lugar, nos casos em que se dispõem as orações do modo como se acham no artigo do *Projecto*, ao envez do que pensa o Dr. Ruy Barbosa, é preferivel dar ao infinitivo a forma pessoal". (145)

---

(145) *Lig. Obs.* Pg. 56.

E justificamos a nossa asserção com exemplos tirados da *Arte de Furtar*, de Bernardes, Souza, Herculano e Latino Coelho.

Ouçamos agora o Dr. Ruy Barbosa em sua *Replica*. Eis o que escreve em o numero 189:

> Censurando, na minha exposição preliminar ao substitutivo (*) a redacção do art. 673 no *Projecto*, defini eu, em nota, com as proprias palavras do professor Carneiro nos seos *Serões*, as regras, a meo ver, dignas de observancia no uso do infinito pessoal e impessoal. Uma dessas regras estabelece que, não obstante ser identico o sujeito de ambas as orações, mais convirá fazer pessoal o infinitivo, quando a oração deste preceder á do modo finito.
>
> "Ora no art. 145 estava o *Projecto* redigido exactamente desse modo: "Todos os escriptos de obrigações que forem redigidos em lingoa extrangeira, para produzirem effeitos legaes, deverão ser traduzidos no idioma nacional".
>
> "A oração do infinitivo *produzirem* antecede á do futuro *deverão ser*. Embora, pois, caiba a uma e outra o mesmo sujeito, *todos os escriptos de obrigações*, era o caso, em conformidade com aquella norma, expressamente adoptada por mim, de preferir a forma pessoal *produzirem* á forma impessoal *produzir*.
>
> "Logo, vem aos olhos que emendei contra a minha propria regra; o que não se me poderia levar senão a inadvertencia, em se me não querendo suppor desmemoriado, pecha de que me considero em seguro". (146)

Notemos que na *Replica* as palavras sublinhadas não são, como foram no substitutivo do Dr. Ruy, as expressões *forem* para *produzirem*, mas as locuções *deverão ser* e *produzirem*, dando assim razão o autor da *Replica* ao reparo que tinhamos feito daquelle equivoco, pelo qual tomara o verbo *forem* como regente do infinitivo, em vez da locução verbal *deverão ser*, posta depois da forma regida.

Neste ponto, portanto, o eminente Dr. Ruy censurou inadvertidamente, segundo confessa, uma construcção em conformidade com a regra por elle adoptada, a qual estatue que, quando a forma infinitiva regida antecede á regente, (**) embora tenham os dois verbos o mesmo sujeito, é preferivel empregar o infinito pessoal.

Acceitamos de bom grado a confissão.

Não houve, portanto, razão na censura que fez o distincto senador ao art. 145 do *Projecto*.

(*) Na 2.ª ed. pôz-se virgula depois de "substantivo", como de rigor, mas na *Replica* não ha virgula no passo indicado.

(146) Vide *Replica*, § 44, n. 189.

(**) Omittiu-se aqui a virgula na 2.ª ed.

Mas, tratando ainda do mesmo assumpto, em o n. 190 de sua *Replica*, o digno antagonista, como que arrependido de ter adoptado a regra, á luz da qual isenta de censura o art. 145 do *Projecto*, escreve o seguinte, modificando-a:

"Aliás (devo accrescentar), subscrevendo aos preceitos formulados na obra grammatical do mestre, não me houvera eu com a devida ponderação. A celeridade externa do meo trabalho sobejamente explica um ou outro senão deste genero que accaso lhe descobrierem. Onde o mestre diz, com effeito, "*será preferivel* o emprego do infinitivo pessoal", melhor estaria dizermos: "empregar-se-a indifferentemente o infinitivo pessoal ou impessoal". De uma e outra forma, realmente, se valem, a seo livre alvedrio, os melhores escriptores".

Ainda assim, modificada a opinião do Dr. Ruy sobre o infinitivo nestas circumstancias, não é erronea a phrase do artigo, que foi censurado no primeiro trabalho do douto censor.

Mas, e por não estirar de mais o assumpto, quando o Dr. Ruy reprovou o art. 145, fel-o á luz da velha regra de Jeronymo Soares, enunciada do modo seguinte: quando o sujeito do verbo regente é o mesmo que o do verbo regido, emprega-se o infinito impessoal; quando não são os mesmos os sujeitos, emprega-se o infinito pessoal.

Estas foram suas formaes palavras, refugando aquelle artigo:

"Que fo*rem* para produzi*rem*..." "Parece que não cabe, em boa grammatica, o infinito pessoal *produzirem*, desde (*) que o seo sujeito é o mesmo do verbo no modo finito".

Como, pois, agora, na *Replica*, ainda fazendo a modificação que fez na formula da regra, sustenta que se empregará indifferentemente o infinito pessoal ou o impessoal naquella phrase do *Projecto*, em que são identicos os sujeitos dos dois verbos, identidade que o induzio a averbar de incorrecta a syntaxe do art. 145?

A *Replica* do Dr. Ruy Barbosa não está aqui de harmonia com o seo *Parecer*: neste reprova o que approva naquella. Na theoria a que o *Parecer* obedece, combate-se a pessoalidade do infinitivo, pela razão da identidade dos sujeitos dos verbos; na theoria seguida pela *Replica*, defende-se a pessoalidade ou impessoalidade do infinito, a despeito da identidade dos sujeitos, e isso com respeito á mesma phrase.

(*) Na 2.ª ed., por engano do revisor, lemos "deste".

XXXII

Infinito pessoal e impessoal (b)

Não *constituem* direito autoral, para *gozarem* de garantia, os escriptos prohibidos por lei... (Art. 673).

Referindo-se, na pagina 2 de sua *exposição preliminar*, ao art 673, que transcrevemos acima, assim se enunciou o Dr. Ruy em seo substitutivo:

"A forma legitima seria: "Não *constituem* para *gozar*".

A esta ponderação do illustre critico oppuzemos o seguinte, em nosso primeiro trabalho:

"Tão legitima é a synthaxe que a emenda propõe, quanto a que se acha no *Projecto*.

A deste é sanccionada pelos exemplos seguintes:

"*Bastam* os frios de Coimbra para *satisfazerem* a vontade de meos amigos". (Vieira).

"As mulheres *têm* ao seo mandar as lagrimas para *chorarem*, quando e quanto querem". (Bernardes).

"Deve ser o ether enredado de fios de luz, que, em todas as direcções, parallelas, perpendiculares, obliquas, convergentes, divergentes, remotas, proximas, se *entretecem* sem se *torcerem*, se *cortam* sem se *quebrarem*, se *encontram*, sem se *confundirem*, communicam todos os pontos com cada ponto, fazem que tudo possa ver a tudo e ser de toda a parte descoberto". (Cast.).

"O habito em que elles *estavam* de *receberem* do Tibre as suas leis, (*) de aguardarem sempre do capitolio os seos destinos". (Cast. *Fastos*).

"Logo á quarta-feira *foram* ao mosteiro tres cardeaes, para *assistirem* em certa solemnidade de renunciação" (Souza)

"Via os seos implacaveis adversarios, *empunhando* o camartello e o alvião, para *igualarem* com o solo a magnifica edificação que levantou". (Lat. Coelho).

(*) Elidiu-se a virgula na 2.ª ed.

"*Era* a revolução e a democracia a *infiltrarem-se* em toda a parte". (Idem).

"Se commetterem delicto por onde incorram em multa, sejam citados da parte do juiz e *venham* ao tribunal para *serem* julgados por elle e pelos homens bons". (A. Herc. *Hist. de Port.*).

"E sem nos comprehenderem *fizeram* mostra de *quererem* seguir seo caminho". (Fern. M. Pinto).

"Tomam odio prematuro aos livros, que os *despojam* das suas mais suaves horas, sem nada lhes *darem* nem *prometterem*". (Cast.).

"Nestes e noutros exemplos analogos temos que a variação infinitiva, por isso mesmo que é synthaxe de meneio menos frequente e trilhado, torna mais relevado o contexto, communicando-lhe certo sainête e toque de força e vivacidade.

"Ha em todos os exemplos, acima apontados, intenção do escriptor de tornar patente no discurso o accessorio de pessoa.

"Sem offenderem as regras communs da synthaxe, poderiam, é certo, esses escriptores enunciar-se, fazendo invariaveis as formas infinitivas; mas ahi parece muito perderia o pensamento de seo vigor e energia". (147)

Assim é que respondemos nas *Ligeiras Observações* ao reparo do Dr. Ruy Barbosa, feito, em sua *exposição preliminar*, ao art. 673 do *Projecto*, formulado nos termos seguintes:

"Não *constituem* direito autoral, para *gozarem* de garantia, os escriptos prohibidos por lei e que por sentença forem mandados retirar da circulação".

Não veio o Dr. Ruy no que dissemos, e em sua *Replica* se esforça por combater as nossas affirmações, citando em seo apoio os nossos *Serões Grammaticaes*, cujas regras sobre o assumpto enuncia de modo incompleto, calando precisamente a que tem applicação ao caso.

Cotejamos o que diz a *Replica* com o que se lê nos *Serões Grammaticaes* sobre o emprego do infinitivo:

Eis o que escreve o Dr. Ruy Barbosa:

"Antes de me submetter á prova da controversia, em que me obriga a entrar a consideração devida á eminencia do mestre, convirá que se veja em que moderados termos articulara eu a censura por elle rebatida, e quaes as autoridades que a ella me animaram.

"Tinha eu dito, na minha *exposição preliminar*:

(147) Vide *Ligeiras Observações*. Pg. 53-54.

"Tomem os dignos membros da commissão o art. 673: "Não *constituem* direito autoral, para *gozarem* de garantia, os escriptos prohibidos". "A forma legitima seria: Não *constituem para gozar*".

"Nada mais. E em nota, justificando-me, reflexionara:

"Quando numa phrase houver dois verbos, um do modo definito, outro do indefinito, precedidos (*) ou não de preposição, *sendo identicos os sujeitos de ambos*, usaremos, em geral, *do infinitivo impessoal.*

(Dr. Carneiro Ribeiro: *Serões Grammaticaes.* Pg. 278).

"É a velha regra, formulada, havia muito, por Jeronymo Soares. *Gramm.* Pg. 208): (**).

"A lingoa portugueza usa do infinito pessoal, quando o sujeito do verbo infinito é differente do verbo finito, que determina a linguagem infinita".

"Dizendo *em geral*, (***) o *eminente philologo bahiano* deixa ver que ha excepções á regra; mas logo após as enumera.

"Apezar da identidade dos sujeitos, *ensina o douto mestre*, será preferivel o emprego do infinito pessoal:

"1.º Quando a forma verbal regente estiver distante da forma regida";

"2.º Quando o infinitivo (****) vier antes da forma verbal definita, que o rege;

"3.º Quando entre o verbo do modo definito e o infinitivo houver alguma palavra, que possa tambem ser sujeito deste" (*Op. cit.* Pg. 278–9).

"Ora em nenhum dos casos exceptuados cabe o texto do art. 673: "Não constituem direito autoral, para gozarem de garantia, os escriptos prohibidos por lei".

"É identico o sujeito (*escriptos*) dos dois verbos (*constituem* e *gozarem*) e a forma verbal regente não está longe da regida, o infinito não precede o finito, nem ás duas orações se interpõe vocabulo, que possa dar ensejo a equivoco acerca do sujeito. *Direito autoral* não poderia servir de sujeito a *gozarem.*

"Bem se vê eu estribara a minha censura *exclusivamente numa regra firmada pelo* D. Carneiro. Mui de intento me referira nominalmente a este grammatico respeitavel. Fora elle o revisor do *Projecto.* Não se podia magoar, pois, de que eu, criticando á luz da sua grammatica a linguagem da sua revisão, lhe dissesse: *Patere legem, quam ipse fecisti.*

(*) Na 2.ª ed. lemos "precedido", por erro do revisor.
(**) Na 2.ª ed. em vez de dois pontos ha ponto final.
(***) Na 2.ª ed. supprimiu-se a virgula neste passo.
(****) Na 2.ª ed. lemos "infinito"; mas é erro do revisor.

"O autor das *Ligeiras Observações* deste anno, porem, já não estava com o autor dos *Serões Grammaticaes* em 1890.

"Lera, nesse comenos, outros legisladores do vernaculo. Meditara entrementes Julio Ribeiro, a quem faz a justiça de elogiar, e por elle soubera que Diez não pactua com a opinião de Jeronymo Soares. Atirara, pois, ás ortigas a sua cartilha portugueza de ha doze annos, e militava agora na ala dos adiantados. Era direito seo, não lh'o nego. Mas então revidasse de outro modo á minha impugnação. Principiasse, confessando a sua mudança de signa, declarando francamente que variara de parecer. Não averbasse de erro a minha theoria, advogada expressamente á sombra do seo nome, sem consignar primeiro que a erronia era delle, antes de ser minha.

"E' só do que eu me queixo; não de ficar sosinho; porque afinal, ainda privado assim de tão lustrosa companhia, não me deslustrara a que me resta". (148).

Mas quem é que, da leitura de minha reflexão ao reparo feito pelo Dr. Ruy áquella phrase do *Projecto*, inferirá que averbei de erronea a sua theoria grammatical?

Tinha o *Projecto* escripto:

"Não *constituem* direito autoral, para *gozarem* de garantia, os escriptos prohibidos".

O Dr. Ruy, em sua *exposição preliminar*, extranha a syntaxe adoptada naquella phrase, e diz:

"A forma legitima seria:
"Não *constituem* para *gozar*".

Que disse eu em minhas *Ligeiras Observações?* Notando que nada havia de extranhavel na phrase censurada, por ser aquelle modo de dizer sanccionado pelos mestres da lingoa, limitei-me em affirmar: "*Tão legitima é a syntaxe que a emenda propõe, quanto a que se acha no Projecto*", e corroborei a minha these com excerptos de boa fonte.

Onde, em todo o trecho em que toco o assumpto, uma só phrase, uma só palavra, que leve á supposição de haver eu inculpado de erronea a theoria do engenhoso autor da *Replica*, se, defendendo a redacção do *Projecto*, não affirmei senão aquillo e aquillo só?

Mas, encarecendo o leve reparo que fiz á sua ponderação, o Dr. Ruy levava o fito em crear o ensejo para dizer que eu *atirara às ortigas a minha cartilha portugueza de ha doze annos, e militava*

(148) *Replica*, § 45. n. 181.

agora na ala dos adiantados, e que *por Julio Ribeiro é que eu soubera* (não sei quem lh'o disse) *que Diez não pactua com a opinião de Jeronymo Soares.*

Era necessario dar excessivo relevo ao meo simples reparo á sua censura, para se lhe proporcionar aso de me descarregar a clava herculea com que me procurou esmagar, ao rematar o numero 191 de sua *Replica.*

Mas os golpes, quando assim vibrados, quasi sempre se perdem nos ares; raras vezes, pelo desvairamento da paixão, que cega e perturba o entendimento, alcançam o sujeito a que visam, o qual lhes balda e mallogra facilmente a acção por um simples desvio de corpo — *quadam declinatione corporis.*

Vejamos agora o que dizem os *Serões Grammaticaes* (149) sobre o emprego do *infinito pessoal* e *impessoal,* e desde logo se notará que das regras alli enunciadas sobre os dois infinitivos foram apenas tres citadas pelo Dr. Ruy.

Eis o que sobre o assumpto se lê nesse trabalho:

"Nem sempre é facil conhecer, quando em uma phrase devemos empregar um ou outro desses infinitivos. Isto não obstante, devemos attender ás regras seguintes:

"1.ª Quando numa phrase houver dois verbos, um do modo definito outro do indefinito, precedidos ou não de preposição, sendo identicos os sujeitos de ambos, usaremos, em geral, do infinitivo impessoal; quando, porém, não houver identidade de sujeitos, empregaremos o infinitivo pessoal. Julgo poder fazer esta viagem, julgo poderes fazer essa viagem; creio seres sabedor disto, (*) creio termos adivinhado seos designios, (**) creio teres comprehendido tudo; elles vieram para ver o espectaculo, (**) vieram á tua presença para veres sua nudez; não te espantes de me ver aqui.

"Pode bem ser quererdes saber a que venho". (J. Ferreira de Vasconcellos).

"Fingio serem vindos os embaixadores d'el-rei da Persia a cobrar o tributo". (Bernardes).

"2.ª Quando a forma verbal regente estiver distante da forma regida, apezar da identidade dos sujeitos, será preferivel o emprego do infinitivo pessoal, salvo quando a forma regida for complemento directo do verbo regente:

---

(149) Pg. 278 a 280.

(*) Na 2.ª ed. temos ponto e virgula nestes lugares; mas na 1.ª está como nos Serões, 1890, pg. 278.

(**) Omittiu-se a virgula na 2.ª ed.

"Ai dos que põem almofadas e travesseiros debaixo dos cotovellos e das cabeças dos homens, para os enganarem a elles e aproveitarem a si; para lhes cassarem a alma e darem a si mesmos vida!"

"3.ª Quando o infinitivo vier antes da forma verbal definita que o rege, será preferivel o emprego do infinitivo pessoal:

"Mandou aperceber um caravelão com duzentos e cincoenta soldados, que por acharem os mares grossos, chegaram a Baçaim com trabalho". (Jac. Freire).

"Para se consolarem os infelizes dormiam tranquilos em seos leitos macios!..." (A. Herc.).

"Virtude, sem trabalhares e padeceres, não verás tu jamais com teos olhos". (Bernardes).

4.ª Quando entre o verbo do modo definito e o infinitivo houver alguma palavra que possa tambem ser sujeito deste, para evitar o equivoco, empregar-se-ha o infinitivo pessoal:

Temos poder para nos conservarmos inteiros".

"Sem a variação do verbo infinitivo, poderia julgar-se seo sujeito o vocabulo *poder*.

"5.ª Quando immediatamente após a forma regente vier a regida, apezar da não identidade dos sujeitos, empregar-se-ha em geral o infinitivo impessoal, salvo se do emprego desta forma verbal resultar obscuridade, equivocação ou máo soido:

"... Os obrigou a permanecer em sua obediencia". (Fr. B. de Brito).

"Vimos descer duas donzellas sobre palafrens, acobertados de finissimo brocado". (Fern. Alvares).

"Quem nos ensinou a esperar?" (A. Herc.).

"Deixai-os morder uns aos outros, que é signal de Deos se amercear de nós". (Idem).

"Manda vir cheiros, joias, galas, espelhos, vestes; compõe, enriquece, esmalta os cabellos, a garganta, o peito, as mãos". (Vieira).

"6.ª Quando a forma infinitiva figurar como complemento de um nome ou como sujeito de alguma oração, empregar-se-ha o infinitivo pessoal ou impessoal: o pessoal, quando, predominando no espirito a ideia de pessoa, se tiver em mira tornal-a manifesta na linguagem; o impessoal, nos casos contrarios: "O desejo de o verem em casa não lhes cabia nos peitos"; "o desejo de ser felizes leva os homens a muitos descomedimentos". "O passear em manhã fresca

e serena nos é muito deleitoso"; "o passearmos todas as manhãs naquelle arrabalde nos era habitual".

"7.ª Ainda não sendo o infinitivo complemento de um substantivo ou sujeito de uma oração, mas complemento indirecto da forma regente, que vem antes, se ha intenção de tornar patente no discurso o accessorio de pessoa, será ainda a forma pessoal a que mais geralmente se recorrerá:

"Deve ser o ether enredado de fios de luz, que em todas as direcções, parallelas, perpendiculares, obliquas, convergentes, divergentes, remotas, proximas, se entretecem sem se torcerem, se cortam sem se quebrarem, se encontram sem se confundirem, communicam todos os pontos com cada ponto, fazem que tudo possa ver a tudo e ser de toda a parte descoberto". (A. Cast.).

Esta nossa regra, que tinha a mais perfeita applicação ao caso, tão brilhantemente illustrada pelo exemplo de Antonio Castilho, que a revigora, omittio-a intencionalmente o Dr. Ruy, para avultar a justiça da censura feita neste ponto aos meos *Serões Grammaticaes*.

Baldado esforço!

Da leitura dessas sete regras, que se leem nos *Serões Grammaticaes*, vê-se que nenhuma dellas infringimos, quando affirmamos que tão legitimo era o dizer, como disse o Dr. Ruy Barbosa em sua emenda: "não *constituem* direito autoral, para *gozar*", quanto legitimo o escrever, como se lê no *Projecto*: "não *constituem* para *gozarem*".

As regras, que se estatuem nos *Serões* sobre o emprego do infinitivo pessoal e impessoal, não têm esse caracter absoluto, que se afigura ao illustre censor ter-lhes eu dado.

Attente-se bem no modo como se acham formuladas essas regras, e para logo se verá que a todas lhes recuso o caracter absoluto, exceptuadas a quarta e sexta e a restricção de que se falla na quinta, quando é de rigor a pessoalidade infinitiva, para evitar obscuridade, equivocação ou máo soido.

As locuções *em geral*, *será preferivel*, *mais geralmente*, que se contêm nessas regras, denegam-lhes incontestavelmente o caracter de infalliveis e absolutas, que se lhes queira attribuir.

Não ha negar: a syntaxe de que o *Projecto* usou é abonada pelos nossos mais celebrados exemplares, como o attestam os seguintes trechos:

"Muitos dos Mouros *estavam postos* ao longo do rio, *para defenderem* o passo delle aos Christãos".

(Lião. *Chron. dos Reis.* T. 2.º Pg. 159. 1)

"E os que eram para pelejar, *se vieram* caminho da cidade *para tentarem* sua fortuna fóra dos muros, e *provocarem* aos christãos a sahirem a elles".
(Id. *Chron. d'el-rei D. João o* 1.º T. 1.º Pg. 457).

"É porque os mesmos, que *tinham* lingoa *para os celebrarem*, não *tiveram* mãos *para os escreverem* e *authenticarem*".
(Souza. *Hist. de S. Domingos*. Vol. 4.º Liv. 4.º Pg. 366).

"E *atavam* as mãos aos padres, *para poderem apertar* nas materias espirituaes com a severidade".
(Id. Ibid. Pg. 377).

"*Offerecendo-se* muitos outros *para os acompanharem*".
(Id. Ibid. Liv. 6.º Pg. 483).

"Que *se esqueçam* da saude e vida propria, *por grangearem* a vida corporal alheia".
(Id. Ibid. Pg. 482).

"Foi causa de *venderem* os pobres tudo o que tinham de seo *para sustentarem* seos filhinhos".
(Id. *Vida do Arceb.* Liv. 4.º Cap. 5.º Pg. 163).

"*Foram-se* a elle por vezes *sem advertirem* que com animos singelos, e palavras de amizade faziam a causa de Satanaz".
(Id. Ibid. 1.º Cap. 19. Pg. 33).

"E *iam-se estendendo e* (*) *gastando* muito tempo *sem darem* na resolução".
(Id. Ibid. Liv. 2.º Cap. 11. Pg. 65).

"*Tiveram* animo *para saltarem* em terra firme de Hespanha e *assolarem* lugares".
(Id. Ibid. Pg. 69).

"Emquanto os seos *corriam* com novo entulho *para encherem* o que o fogo abatera".
(Id. Ibid. Pg. 68).

"Os membros cançados não *recebiam* sufficiente alimento *para se sustentarem e* justamente *communicarem* a humanidade necessaria ao cerebro, para fazer somno comprido".
(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 27. Pg. 48).

"Prostrados por terra lhe *pediam* as *mãos para lh'as beijarem*".
(Id. Ibid. Liv. 2.º. Cap. 18. Pg. 81).

"*Logravam* os bens e quietação da casa do Senhor, *antes de terem* experiencia dos males que havia fóra della".
(Id. Ibid. Cap. 19. Pg. 83).

(*) Na 2.ª ed. elidiu-se o *e*.

"Não *deixassem passar* hora nenhuma da vida, nem ainda momento, *sem levantarem* os corações a Deos".
(Id. Ibid.).

"Propoz aos religiosos a obrigação que *tinham de guardarem* a regra de seo Sancto Patriarcha".
(Id. Ibid. Liv. 3.º Cap. 13. Pg. 133).

"Os presentes *são* muito *para se passarem* sem uso de razão, e os futuros o *serão* tambem *para se lograrem* com grande felicidade por toda a vida".
(Vieira. *Cartas.* T. 1.º Pg. 134).

"Tem-se observado que os secretarios desta inquisição *trabalham* continuamente, *sem irem* comer a suas casas".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 82).

"Vede se *têm* razão *de estarem* queixosas ou agradecidas".
(Id. *Serm.* T. 3.º Pg. 79).

"Entre alfaiates e oleiros se moveo questão, quaes *eram* mais antigos (*) na sua arte, *para alvidrarem* dahi sua nobreza".
(*Arte de Furtar.* Pg. 12).

"E se *amigam* em um corpo *para resistirem* ao maior contrario".
(Ibid. Pg. 195).

"Os bons *terão que estimar*, (**) *por se verem* limpos de tão infame lepra".
(Ibid. Pg. 16).

"As mães *ver-me-hão passar*, (***) sem *saberem* quão grande amigo de seos filhos e netos alli vae".
(A. de Cast. *Amor e Melanc.* Pg. 219).

"As heroinas do Thermedonte, *cortando* o seio direito *para melhor pelejarem*, como que despediam de si metade da sua feminidade".
(Ib. Ibid. Pg. 268).

"Como certas rameiras *se fingem* donas honestas *para lograrem* entrada com as innocentes".
(Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 4.º Pg. 57).

"*Enfileiramo-nos* nos partidos, ás vezes, até, *sem o querermos, sem o sabermos*".
(A. Herc. *Opusc.* T. 2.º Pg. 239).

(*) Na 2.ª ed. poz-se virgula depois de "antigos".
(**) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.
(***) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

"É uma espada de dois gumes com que os cidadãos *estam armados para se defenderem* a si e a seos filhos".

(Ib. Ibid. Pg. 229).

"São como os máos actores, que *se limitam a estudar* o respectivo papel, *sem conhecerem* nem o enredo, nem os effeitos do drama".

(Id. Ibid. Pg. 321).

"*Lançavam* fóra as espadas e as béstas *para ficarem* mais desembaraçados". (*)

(Id. *Hist. de Port.* T. 2.º Pg. 38). (*)

"*Recebiam-nos* benignamente os christãos *para incitarem* os outros a imital-os".

(Id. Ibid. Pg. 39).

"*Tinham de se deitar* nús á noite sobre os pavimentos de pedra *para gozarem* de alguma lentura e frescor".

(Id. Ibid. Pg. 40).

"As mulheres e crianças *mastigavam* barro *para humedecerem* as boccas sequiosas".

(Id. Ibid.).

"Mercenarios que *vendiam* o sangue e a vida *para satisfazerem* a ancia da rapina".

(Id. Ibid. Pg. 43).

"Mil theorias que *surgem para morrerem*".

(Id. *Hist. da Inq.* T. 1.º Pg. XI).

"Os Inquisidores *vendiam aos* desgraçados os bens e a vida a *troco de trahirem* seos irmãos".

(Id. Ibid. Pg. 63).

"*Abusavam* frequentemente da sua profissão *para conduzirem* á sepultura grande numero de christãos".

(Id. Ibid. Pg. 79).

"Elles não *pediam* então licença *para viverem* em Portugal, mas somente *para* daqui *passarem* com facilidade a outros paizes".

(Id. Ibid. Pg. 110).

"E os mouros *matavam* muitos para *lhes buscarem* nas entranhas as riquezas".

(Id. Ibid. Pg. 115).

(*) Na 2.ª ed., por lapso da revisão, lemos "desembaraçadas". Em Herculano está como na 1.ª ed. — "desembaraçados".

(**) Na 2.ª ed. está, por engano, "pg. 39".

"Os christãos velhos accusavam os novos de *empregarem* testemunhas falsas *para se defenderem*, estes *accusavam-nos* a elles do mesmo expediente *para os criminarem*".

(Id. Ibid. Pg. 228).

"Bastava que elles os *tivessem levado a baptizar, sem crerem no baptismo.*

(Id. Ibid. Pg. 259).

"... Os *levavam* á pia baptismal, *sem crerem* no baptismo".

(Id. Ibid. Pg. 258).

"*Ganhariam* tempo os conversos *para se melhorarem* na lucta".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 118).

"Que... *se aproveitam* da corrupção *para realizarem* os seos intuitos, (*) *sem se corromperem* a si proprios"

(Id. Ibid. Pg. 236).

"Os senhores *favoreciam* esta dissolução *para augmentarem* o numero das crias".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 46).

"Dalli *sahiram* apostolos e confessores da liberdade *para agonizarem* nos ergastulos, *mendigarem* nos exilios, *padecerem* nos desterros, e *cançarem* a propria tyrannia com a tenacidade e constancia da sua fé".

(Lat. Coelho. *Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 130).

Da syntaxe acima mencionada, de que tão frequentes exemplos nos suggere a lição dos nossos bons modelos no escrever, e da exposição das regras que transcrevemos aqui de nossos *Serões Grammaticaes*, vê-se 1.º: que assenta no bom uso o que affirmamos com relação á phrase do *Projecto*: "Não *constituem* direito autoral *para gozarem*". A pessoalidade do infinitivo em phrases portuguezas, de todo o ponto analogas, encontradas nos mais seguros textos, mostra-nos a legitimidade da phrase, que, máo grado ás credenciaes em seo abono, é sem razão contestada pelo Dr. Ruy. 2.º: que não infringimos uma só regra das enumeradas sobre o assumpto naquelle nosso trabalho, quando convencidamente sustentamos a legitimidade de um ou outro modo de dizer: "não *constituem* direito autoral *para gozarem*", ou "não *constituem* direito... *para gozar*".

Reprova o Dr. Ruy Barbosa aquelle; nós os reputamos ambos legitimos porque são ambos autorizados pelos zeladores da boa linguagem.

Defendemos a phrase do *Projecto*, onde se faz uso do infinitivo pessoal, sem, todavia, averbar de erronia o opposto modo de dizer; o que, parece, claramente mostramos.

(*) Elidiu-se a virgula neste lugar, na 2.ª ed.

Não sabemos que pontos de contacto encontrou o Dr. Ruy entre as regras que transcrevemos aqui de nossos *Serões Grammaticaes,* e a doutrina ensinada por Diez e Julio Ribeiro sobre o infinitivo pessoal e impessoal, para dizer que atiraramos *ás ortigas* a nossa *cartilha portugueza de ha doze annos,* e militaramos *agora* na *ala dos adiantados,* isto é, abandonaramos Jeronymo Soares para tomarmos posto sob a bandeira de Diez e Julio Ribeiro, aprendendo por este a doutrina daquelle sobre o emprego do nosso infinito pessoal e impessoal.

Para mostrarmos o descabido dessa aproximação, por honrosa que seja a companhia, estudaremos o que dizem o escriptor brasileiro e o allemão sobre o assumpto, servindo-nos, com relação ao ultimo, da *Grammatica das Lingoas Romanas,* traduzida por Alfred Morel-Fatio e Gaston Paris.

Escreve Julio Ribeiro em sua *Grammatica Portugueza*:

"O infinito portuguez tem a particularidade de poder flexionar-se, e divide-se, conseguintemente, em *infinito pessoal* e *infinito impessoal.*

"Esta particularidade da flexão do infinito, notada já nos mais antigos documentos da lingoa portugueza, encontra-se tambem no dialecto gallego, ex.: "*Para sairem e entrarem*". Nenhuma outra lingoa a possue. Gil Vicente commetteo o erro de escrever em Hespanhol: "*Teneis gran razon de* LLORARDES *vuestro mal*".

"Alguns poetas do *Cancioneiro Geral* cahiram no mesmo engano.

"Camões que muito escreveo em Hespanhol foi sempre correcto.

"Emprega-se o infinito pessoal:

1) quando a clausula do infinito pode eximir-se da dependencia em que está para com o verbo principal, isto é, quando pode ser substituida por outra do indicativo ou do subjunctivo.

2) depois de verbos no imperativo, ex.: "*Dize-lhes terem chegado hoje os navios*".

3) por vezes arbitrariamente nos escriptos antigos, ex.: "*De morrermos desejando*" — *Nam cures de mays chorardes*". E tambem o contrario: "*Não cures de te queixar*".

"Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou no impessoal, é indifferente que elle tenha ou não sujeito proprio.

"Exemplos em que o sujeito do infinito pertence só a elle:

1) "*É tempo de partires* (isto é, (*) *de que partas*).

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

2) *Deos te desembarace o juizo para te emendares* (isto é, *para que te emendes*).

3) *Basta sermos dominantes* (Isto é, *que sejamos*).

4) *Não me espanto de fallardes tão ousadamente* (*isto é*, (*) *de que falleis*).

5) *Vio nascerem duas fontes* (isto é, *que nasciam*).

"Exemplos em que o sujeito do infinito tambem o é do verbo de que elle depende:

1) *Não tens vergonha de ganhares a tua vida tão torpemente* (isto é, *de que ganhes*).

2) *Todos estam alegres por terem paz* (isto é, *porque têm*).

3) *Não me podeis levar sem me matardes* (isto é, *sem que me mateis*).

4) *Folgarás* (**) *de veres a policia* (isto é, *de que vejas*).

5) *Verdade sem trabalhares e padeceres não verás tu jamais* (isto é, *sem que trabalhes e padeças*).

"Emprega-se o infinito impessoal.

1) quando o verbo no infinito não pode eximir-se da dependencia em que está para com o verbo principal.

"Acontece isto especialmente com os verbos que exprimem virtualidades, volições do espirito, taes como *poder, saber, desejar, intentar, pretender, querer*, etc. ex.: *Não podemos emprestar dinheiro — Sabeis fazer as coisas — Desejamos partir cedo — Intentaes comprar casas — Os mouros pretendem levar-nos de vencida.*

2) quando com tal emprego não se prejudica a clareza do sentido, muito embora possa a clausula ser tambem construida com o infinito pessoal, ex.: "*Napoleão via seos batalhões cahir feridos*". (150).

Esta doutrina bebeo-a Julio Ribeiro da theoria de Diez sobre o emprego do infinito pessoal e impessoal, expendida do modo seguinte na sua *Grammatica das Lingoas Romanas* (151), traduzida em francez por Alfred Morel-Fatio e Gaston Paris:

"Le portugais présente un trait particulier qui se trouve déjà dans les textes les plus anciens. Il accorde à l'infinitif, pour désigner des rapports personnels, une *flexion* tout-à-fait *verbale* (t. II, p. 171), mais, comme le prouvent les prépositions dont on le fait précéder, ce mode ne devient pas pour cela un véritable temps.

"Toutefois, cet infinitif ne s'emploie que dans les cas où il est possible de l'echanger contre un mode fini, on par conséquent il peut se dégager du

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

(**) Na 2.ª ed. lemos: "Folgares de veres (isto é, de que vejas)".

(150) Vide Julio Ribeiro *Gramm. Port. Formas nominaes do verbo — Infinito.*

(151) Tomo 3.º Pg. 202.

rapport de dépendance que le rattache au verbe principal. Il est indifférent que cet infinitif ait son sujet propre ou non.

"Exemples où le sujet n'appartient qu'à l'infinitif: *tempo é de partires* (*c.-à-d. tempo é que tu partas, tempus est hinc te abire*); *Deos te desembarace o juizo para te remediares* (*para que te remedies*); *basta sermos dominantes* (*que somos d.*): *não me espanto fallardes tão ousadamente* (*de que fallais*); *vio nascerem duas fontes* (*que nasciam*). Exemples où le sujet est commun aux deux verbes: não *has vergonha de ganhares tua vida tão torpemente* (*de que ganhas*); *todos são alegres por terem paz* (*porque têm*); (*) *este não podeis achar sem me matardes* (*sem que me matais*). Cet infinitif fléchi s'unit aussi, comme l'infinitif non fléchi, au pronom personnel, en tant que sujet ou régime, ainsi dans les passages: *não é necessario pedires-me tu isso* (*que tu me peças isso*); *vimos as ursas banharem-se*. Lus. 5,15.

"Si cette condition fait défaut, si l'infinitif dépend par exemple d'auxiliaires du mode, il ne se conjugue pas: *pudestes ouvir, sabes dar, queres crer, de* m. *parecem vencer, vereis vir, pretendem vingar-se*. On supprime parfois la flexion, lorsque la clarté de la phrase n'en souffre pas, p. ex., *deves buscar outro modo para vos mays descanssar* (*pour descanssardes*) C. Ger. II, 270; parfois on l'ajoute arbitrairement: *de morrermos desejando* (*desejando morrer*) I, 293; *não curees de mays chorardes* ibid. 289 et le contraire *nam cures de te queixar. R. Egl.* 3". (152)

Exposto assim o que sobre o infinitivo pessoal e impessoal dizem Diez e Julio Ribeiro e conhecidas as regras que se leem nos *Serões Grammaticaes*, vê-se que, entre estas e as que ensinam o grammatico brasileiro e o allemão, nada ha de commum.

Diez e Julio Ribeiro, por exemplo, affirmam ser indifferente que o infinitivo tenha seo sujeito proprio ou não; nós bem contrariamente, pensamos que a identidade ou não identidade dos sujeitos dos dois verbos, regente e regido, não é indifferente ao uso do infinitivo pessoal e impessoal; e tanto assim é, que a nossa primeira regra sobre a pessoalidade ou impessoalidade do infinitivo se fundamenta em terem ou não os dois verbos um sujeito commum.

(*) Na 2.ª ed. ha virgula em vez de ponto e virgula.

(152) Le galicien aussi conjuge ce mode; voici un exemple ancien: *para rairen e entraren Esp. sagr.* XLI, 351 (charte de 1207) L'espagnol littéraire ne posséde pas cet infinitif, nous ne saurions dire s'il est connu de certains patois. Gil Vicente se tromp lorsqu'il dit en (**) espagnol par ex. *teneis gran razon de llorardes vuestro mal* II. 71. Camoens dans ses drames ne commet jamais cette méprise. Mais cet infinitif se trouve déja chez certains poétes du *Cancioneiro geral* qui s'efforcent d'écrire en espagnol, voy. Gessner *Das Altleonesische*, p. 26.

(**) Na 2.ª ed. elidiu-se o vocabulo "en".

Esse facto de serem ou não os mesmos os sujeitos do verbo do modo definito e do indefinito, que é o ponto de partida, ou, melhor, o eixo em que gira a theoria de Jeronymo Soares, é deitado á margem pela theoria de Julio Ribeiro, que se identifica com a do sabio philologo allemão sobre o emprego do infinitivo pessoal e impessoal.

Não sei, a que veio citar o Dr. Ruy Barbosa a theoria de Diez e Julio Ribeiro, que aliás combate, e é differente da que se infere das regras dictadas pelos *Serões Grammaticaes*.

Mas era mister combater-me, e julgou o douto contradictor que, pondo-me de força na fileira dos *adiantados*, mais facilmente conseguiria o que tinha em mente.

Por mais alta e respeitavel que seja a autoridade de Diez, em quem se inspirou Julio Ribeiro, no que doutrina sobre os infinitos pessoaes e impessoaes, nesta questão inteira e especialmente de grammatica portugueza, não se lhe deve razoavelmente sotopor a opinião dos melhores grammaticos portuguezes, assentada no uso dos escriptores reputados normas do escrever a nossa lingoa. Não se trata aqui de uma questão de grammatica geral, ou de mera philologia; trata-se de um ponto especialissimo de grammatica portugueza, em que ainda vacillam e por vezes se sentem atalhados os que melhor escrevem.

O facto de possuir a nossa lingoa o infinito pessoal e o impessoal, idiotismo de summa importancia em suas construcções grammaticaes, dá-lhe uma vantagem incontestavel sobre suas irmãs, as lingoas novo-latinas, já por offerecer ao escriptor mais largas á enunciação do pensamento, facilitando-lhe a variedade da phrase, conforme as exigencias da harmonia, a energia dos conceitos e o colorido das ideias; (*) já por desempeçar a contextura do discurso dessas equivocações, não raras noutras lingoas, quando têm de fazer applicação das formas temporaes do infinitivo.

As regras, porém, relativas ao emprego dos dois infinitivos de nossa lingoa offerecem-nos muitas difficuldades, e pode considerar-se este um ponto de nossa grammatica em cuja applicação a maioria de nossos escriptores vacillam e duvidam.

De feito, os textos mais desenganados, os mais seguros modelos de nossa linguagem suggerem-nos exemplos, não raramente contradictorios e oppostos á doutrina considerada mais corrente e assentada, constituindo-se esta questão de nosso idioma o baixio onde muitos naufragam.

As regras formuladas pela grammatica nada têm, pela maior parte, de rigorosas e absolutas.

(*) Na 2.ª ed. poz-se virgula em lugar do ponto e virgula.

Como corrente caudal, o uso do fallar e do escrever a nossa lingoa não raramente rompe e derriba esses diques e reparos, em que, em balde, pretendem as regras grammaticaes encerral-o e contel-o.

Como A. de Castilho, como Vieira de Meirelles, (153) ainda reputamos a velha doutrina de Jeronymo Soares, em seos pontos fundamentaes, modificada segundo o uso dos melhores escriptores modernos, como o que melhor se tem enunciado sobre o emprego dos infinitivos.

Sendo, portanto, tão controverso o emprego do infinitivo pessoal e impessoal, não nos parece de bom aviso que o esclarecido autor da *Replica* tivesse recusado os fóros de legitimidade á phrase do *Projecto*: "Não *constituem* direito autoral, *para gozarem* de garantia, os escriptos prohibidos por lei", quando são legitimas uma e (*) outra forma infinitiva, uma e outra sanccionadas pelos nossos escriptores de mais valia.

* * *

Sempre exaggerado em suas censuras á redação do *Projecto*, fazendo digressão do assumpto attinente ás faltas de que o arguimos nas *Ligeiras Observações* (**) vimos que, tratando da proclise e da enclise pronominal, o Dr. Ruy, em o numero 223 de sua *Replica*, nos desanda o seguinte golpe:

"Mas ninguem, ninguem errou jamais em tanta maneira, copiosamente, espalmadamente, (**) como o Dr. Carneiro na collocação dos pronomes".

Agora, em o numero 197, sempre, sempre no mesmo tom hyperbolico, sem se desviar do traçado rumo, a proposito do emprego do infinitivo, com ou sem o accessorio de pessoa, enfeixando a um tempo varias censuras a meos trabalhos grammaticaes, assim escreve:

"Mas ninguem notou ainda aos nossos antigos autores maior numero de faltas que o Dr. Carneiro na sua *Grammatica Philosophica* e nos seos *Serões Grammaticaes*.

"É elle quem argúe de erro a Fr. Luiz de Souza, o maior dos nossos classicos, na estimativa de A. Herculano, por usar com terminação feminina a expressão *muita* na segunda parte deste exemplo: "Davam-lhe muita (honra)

---

(153) Vide *Estudos da Ling. Port.* por A. F. Barata. Pg. 31.

(*) Na 2.ª ed., por lapso do revisor, supprimiu-se o "e" entre "uma-outra".

(**) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

os que sem paixão fallavam e *muita* mais os que sabiam de perto qual era sua vida". (*Gram. Phil.* Pg. 349).

"E elle quem, contra outro exemplo, registado por elle mesmo, desse grande escriptor: (*) "Não eram bem despedidos de "*um e outro arcebispos*", estatue a regra de que, "com a expressão *um e outro* ficará sempre no singular o substantivo correlato". (Ib. Pg. 390).

"E elle, ainda, quem, rejeitando expressamente especimens vernaculos de Fernão Lopes e João de Barros, adopta o canon de que, nas orações em que o pronome *nós* fizer as vezes de *eu*, não se pode manter no singular o adjectivo correspondente ao sujeito: "Antes sejamos *breve* que *prolixo*". (Ib. Pg. 392).

"Ainda é elle quem tacha de *erro muito vulgar* a troca do adverbio *onde* em *donde*, confessando aliás que "*dessa incorrecção alguns dos nossos classicos* (*alguns*, não; *quasi todos*) *nomeadamente Lucena* (**) se não isentaram". (Ib. Pg. 352).

"E elle, sempre elle, quem reprova como indignos de imitação os exemplos dados por alguns escriptores de primeira nota, como D. Francisco Manoel de Mello, quanto ao uso do verbo *haver* sob esta forma: *Houveram philosophos*. (*Serões*. Pg. 273).

"Delle é, emfim, o reparo, explicitamente em desabono de classicos antigos e modernos, como Barros, Camões e Herculano, contra a accumulação successiva de conjuncções como estas: *mas* e *comtudo*, *mas* e *porem*, *e* e *todavia*. (*Gramm. Phil.* Pg. 339).

"O mais aqui de notar, porem, nesse catalogo, nem sempre justo, de erros classicos, esboçado nas obras grammaticaes do professor Carneiro, (***) é ser elle quem nos declara (*Gramm.* Pg. 286) "*não para imitar*" os exemplos do infinito pessoal cuja vernaculidade presentemente reivindica.

"Eil-os taes quaes nesse livro se exaram:

"Deleites que *servem de escurecerem* a razão". (Lucena).

"*Foram* forçados a lançar ferro e *estarem* sobre elle vinte dias". (Lucena).

"*Tentaram diffamarem* de mim para indignarem a V. Alteza". (João de Barros).

"*Resistiram a submetterem-se*". (L. Soriano).

"*Viram-se* constrangidos a *buscarem* refugio nas montanhas". (A. Herculano).

"*Pareciam*, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimira o esculptor, *escarnecerem* da colera popular". (A. Herculano).

"*Bastam* os frios de Coimbra, *para satisfazerem* a vontade de meos amigos". (Vieira).

(*) Na 2.ª ed. lemos: "... escriptor" Não, etc."

(**) Na 2.ª ed. poz-se virgula depois de "*todos*" e de Lucena.

(***) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

"Oh Neptuno, lhe disse, não te *espantes*

"*De Baccho* nos teos reinos *receberes*". (Camões).

"E *folgarás de veres* a policia". (Camões).

E conclue o Dr. Ruy as ponderações contidas em o numero 197, com a seguinte interrogação:

"Porque não queimou, ou abjurou o mestre as suas grammaticas, antes de se lançar a este debate?"

Cabe-nos a vez de responder a todas essas reflexões.

Á censura que segue ao primeiro *é elle* do Dr. Ruy Barbosa respondemos:

Tratando do adverbio em nossa *Grammatica Philosophica*, escrevemos, a paginas 349, as seguintes palavras:

"O adverbio é sempre invariavel, ainda quando modifique um substantivo attributivo. Assim diremos: "era *muito* noite, quando elle chegou", "era *muito* manhã", "é *muito* verdade", "*é muito mentira*"; e não "era *muita* noite", "*muita manhã*", "*é muita verdade*" "*é muita mentira*": porque o vocabulo *muito*, sendo, em taes casos, adverbio e não artigo (adjectivo determinativo), não faz os nomes *noite, manhã, mentira, verdade*, significarem individuos.

. . . . . .

"Em Souza, todavia, encontra-se o seguinte exemplo: "Davam-lhe *muita* (honra) os que sem paixão fallavam, e *muita* mais os que sabiam de perto qual era sua vida"; (154) onde o segundo *muita*, como adverbio, não devia variar.

Dirá o Dr. Ruy Barbosa "é *muita* noite", ou "é *muito* noite"? "é *muita* mentira, *muita verdade*", ou "*é muito* mentira, *muito* verdade"?

Não haverá até um matiz differencial entre a expressão "é *muito* mentira", e "é *muita* mentira"? O segundo *muito*, na phrase de Souza, modificando o vocabulo *mais*, que é aqui um adjectivo, não se torna adverbio e por isso mesmo invariavel?

Mostrando o exemplo de Souza como uma excepção ao principio estabelecido da invariabilidade do adverbio, ainda modificando um substantivo attributivo, não argui de erro, como diz o Dr. Ruy, o grande classico portuguez; notei-lhe, sim, aquella locução, antes como um deslise da pratica geralmente seguida pelos melhores escriptores e pelos grammaticos, que não fazem mais que registar-lhes os modos de dizer, onde fundamentam as regras que estatuem.

(154) *Vida do Arceb.* Cap. 9. Liv. 1.º Pg. 17.

Entre a seguinte phrase: "*Muita* mais honra te caberá, se defenderes a tua patria contra o despotismo, que se conspirares contra ella", e est'outra: "*Muito* mais honra te caberá...", não ha vacillar; é preferivel a segunda.

Os exemplos seguintes confirmam a nossa these:

"Sou *muito* parte".

(*Eufros.* 2. 5. Vide Moraes. *Dicc.* vocab. *muito*).

"E porque já ao tempo que aqui chegamos era *muito* noite, não pareceo a Henrique Barbosa saber a princeza da nossa chegada".

(Fern. M. Pinto. Vide *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 10).

"E sendo já *muito* noite, chegaram á veiga de S. Redanhas".

(Lião. *Chron. d'el-rei D. João o 1.º* Cap. 50. Pg. 201).

"Não podia ser *muito* gula o apetite de pão secco".

(Paiva. Vide Moraes. *Gramm.* app. ao *Dicc.* Pg. XVII).

"Sou *muito* mãe e muito terna para meos filhos".

(Vide Moraes. Ibid.).

'Eu por mim sei que tudo isto é *muito* verdade".

(A. de Cast. *Amor e Melanc.* Pg. 312).

Como Fr. Luiz de Souza, disse Duarte Nunes de Lião:

"Que *tanta* mais honra ganhara".

(*Chron. d'el-rei D. João o* 1.º T. 5: Cap. 64. Pg. 282).

E Filinto Elysio:

"Assim é que é *muita* verdade; mas tambem é *muita* verdade que os Romanos, que não cediam aos gregos, emprehenderam e conseguiram ganhar palmas".

(*Obras.* T. 9.º Pg. 279).

* * *

A censura de que nos argúe no segundo *é elle* é inteiramente destituida de fundamento.

Dizemos, a paginas 390 da mesma *Grammatica,* tratando da expressão *um e outro,* que esta fica ás vezes invariavel, bem que em relação com dois substantivos de genero differente; e fundamentamos nossa these nos exemplos seguintes:

"Eu devia-lhe a vida e o reino: elle *um e outro* me tirou". (Andrade).

"Eu possuia riqueza e socego: elle *um e outro* me tirou".

"Com esta mesma expressão", escrevemos nós, "fica sempre no singular o substantivo a que se ella refere: *Um e outro estudante*, e não *um e outro estudantes*.

"Disse, todavia, Fr. Luiz de Souza: "Não eram bem despedidos de *um e outro arcebispos*".

É ou não verdadeira a doutrina que ensinamos sobre a syntaxe dessa locução?

Não se diz *uma e outra coisas*, mas *uma e outra coisa; um e outro generaes*, mas *um e outro general; um e outro deputados*, e sim *um e outro deputado; um e outro senadores*, sim *um e outro senador; um e outro soldados*, e sim *um e outro soldado*.

A autoridade dos classicos pode muito nas lingoas, mas não vae tão longe ao ponto de fazer das trevas luz.

"*Um e outro e nem um nem outro*", escreve Constancio em sua *Grammatica Analytica*, "admittem o verbo e o adjectivo, tanto no singular, como no plural. Ex.: *Um e outro é bom ou são bons. Nem um nem outro é bom ou são bons*. Mas no tocante aos nomes appellativos não ha a mesma liberdade. Dizemos: *um e outro homem, e não homens*. "A razão é que nos primeiros destes exemplos", conforme explica Constancio, "subentendem-se os dois substantivos, separada ou collectivamente, e que no ultimo, subentende-se depois do appellativo *homem — dos dois* presentes ou de que fallamos". (155).

Tratando das discordancias ou solecismos, diz, logo ao diante, o mesmo philologo:

"As precedentes regras são as que a razão e o uso têm geralmente estabelecido: mas a ellas faltam ás vezes os melhores autores, fazendo discordancias ou solecismos nos termos da proposição.

"Uma destas licenças são desculpaveis, mórmente na poesia, mas outras são viciosas e devem evitar-se. Só destas fallarei.

"I. *Um e outro e nem um nem outro*, seguido de nome appellativo, deve estar no singular; mas alguns autores (v. g. Fr. Luiz de Souza) o põem no plural. Ex: *Um e outro arcebispos*". (156).

Nem fallam de outro modo os classicos, offerecendo-nos os exemplos seguintes, dentre os quaes figuram alguns do mesmo elegante escriptor da *Vida ao Arcebispo* e dos *Annaes de D. João* 3.º:

"Em *uma e outra parte* sangue corre".

(*Malaca Conquist.* Liv. 9.º Pg. 327).

---

(155) Ibid. Pg. 173.

(156) Ibid. Pg. 173.

"*Um e outro cuidado* o inquietava
E em amorosas iras se abrasava".
(Ibid. Liv. 8.º Pg. 303).

"Correm com luzes *um e outro soldado*".
(Ibid. Pg. 305).

"Enxutos vós, sem luz *uma e outra estrella*".
(Ibid. Pg. 306).

"*Uma e outra coisa* se aprende".
(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 2.º Cap. 27. Pg. 59).

"*Um e outro lado*".
(Id. Ibid. Liv. 6.º Cap. 7.º Pg. 257).

"*Uma e outra parte*".
(Id. Ibid. Cap. 8.º Pg. 260).

"*Uma e outra coisa* pareceo que pedia mandar-se homem proprio a França".
(Id. *Annaes.* Cap. 9.º Pg. 38).

"*Uma e outra margem*".
(Id. Ibid. Pg. 156).

"De *uma e outra parte*".
(Id. Ibid. Pg. 179).

"*Uma e outra milicia*".
(Vieira. *Serm.* T. 8.º Pg. 77)

"*Uma e outra escuridade*".
(Id. Ibid. T. 12. Pg. 178).

"E assim foi em *um e outro caso*, em *um e outro filho*, e em *um e outro nascimento*".
(Id. Ibid. Pg. 55).

"*Um e outro livro*".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 60).

"*Um e outro hemispherio*".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 176).

"*Uma e outra parabola*".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 344).

"*Um e outro testamento*".
(Id. Ibid. Pg. 372).

"*Uma e outra tentação*".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 145).

"*Um e outro evangelho e uma e outra carta* temos naquelle altar".
(Id. Ibid. Pg. 160).

"Posto que *uma e outra empreza* fossem mui semelhantes".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 8).

"*Uma e outra magestade*".
(Id. Ibid. T. 12. Pg. 19).

"*Um e outro desposado*".
(Id. Ibid. Pg. 29).

"*Um e outro tempo*".
(Id. Ibid. T. 13. Pg. 365).

"Em *um e outro caso*".
(Id. Ibid. Pg. 362).

"*Uma e outra peça*".
(Id. Ibid. Pg. 181).

"*Uma e outra repetição*".
(Id. Ibid. Pg. 73).

"*Um e outro damno*".
(Id. Ibid. Pg. 124).

"*Uma e outra vida*".
(Id. *Cartas*. T. 3.º Pg. 12).

"*Uma e outra coisa*".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 59).

"*Em um e outro partido*".
(Id. Ibid. Pg. 65).

"*Em uma e outra negociação*".
(Id. Ibid. Pg. 77).

"*De uma e outra parte*".
(Id. Ibid. Pg. 142).

"*Um e outro capitulo*".
(*Arte de Furtar*. Pg. 237).

"*Uma e outra corôa*".
(Jac. Freire. *Vida de D. João de Castro*. Liv. 4.º Pg. 226–3).

"*Um e outro estrago*".
(Id. Ibid. Pg. 265–61).

"*Uma e outra empreza*".
(Id. Ibid. Pg. 277–83).

"*Um e outro mago*".
(Filinto. *Obras* T. 9. Pg. 83).

"Os soldados de *um e outro campo* cortavam as oliveiras seculares".
(Garrett. *Viagens na minha Terra.* T. 1.º Pg. 193).

"*Um e outro serviço* exige iguaes cuidados".
(A. de Cast. *Georgicas.* Liv. 3.º Pg. 157).

"*Um e outro sexo*".
(Id. *Camões* T. 2.º Pg. 92).

"*Um e outro sexo*".
(Id. *Fastos.* T. 1.º Pg. 67).

"*De um e outro lado*".
(A. Herc. *O Monge de Cister.* T. 1.º Pg. 113).

"*Uma e outra coisa*".
(Id. Ibid. Pg. 118)

"*Um e outro sexo*".
(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Mil. de Port.* T. 1.º Pg. 333).

"*Uma e outra parte*".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 47).

"*Uma e outra linguagem* peninsular".
(Id. Ibid. T. 3. Pg. 6).

"Andou pompeando a *uma e outra parte*".
(Id. *Varões Illust.* T. 2.º Pg. 71).

"*Um e outro povo*".
(Id. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 308).

Vê o illustre antagonista como se vão esvaecendo as censuras emphaticamente apontadas nesses *é elle*, tão tediosamente retrilhados em o numero 197 de sua *Replica.*

No terceiro *é elle*, diz o Dr. Ruy que *expressamente rejeitamos* especimens vernaculos de Fernão Lopes e João de Barros, taes as duas phrases seguintes desses escriptores:

"Antes *sejamos breve* que *prolixo*"; "não *somos abastante* para cumpridamente louvar".

Não rejeitamos expressamente as duas phrases nem affirmamos, como inculca o Dr. Ruy, o não poder manter-se no singular o ad-

jectivo correlato ao sujeito *nós*, empregado por *eu*. O que dissemos, como poderá o leitor ver, a paginas 392 de *Grammatica Philosophica*, é que alguns escriptores imitaram Fernão Lopes e Barros naquella concordancia, mas que *hoje a maior parte dos grammaticos não consideram correcto esse emprego do adjectivo no singular em relação com o pronome* NÓS, *em lugar do pronome* EU; e às phrases de Barros e Fernão Lopes contrapuzemos então as seguintes de Fr. Luiz de Souza, (*) que se nos afiguram mais correctas e de melhor soido:

"E como *somos velhos*", *somos chegados* com a historia aos annos do Senhor".

Não sabemos que de extranho notou o esclarecido critico naquelle lugar de nossa *Grammatica Philosophica*, quando sabe, e sabe-o bem de raiz, que não têm escapado aos grammaticos aquellas observações alli exaradas.

Eis o que sobre o assumpto escreve Constancio no *Resumo da Grammatica Portugueza*, que precede o seo *Diccionario*:

"Tambem alguns escriptores antigos usavam de *nós* da mesma maneira, e Barros escreveo: "Antes *sejamos breves* que *prolixos*"; e Fernão Lopes: "Nós não *somos abastante* para cumpridamente louvar". Mas hoje ninguem tal escreveria; são máos exemplos para imitar, e devem ser proscriptas estas locuções como incorrectas. A segunda foi com razão reprovada por Francisco Dias, e mal justificada pelo senhor J. S. Barbosa". (157)

Em sua *Grammatica Analytica da Lingoa Portugueza*, (158) exprime-se o mesmo lexicographo e grammatico exactamente nos mesmos termos.

Mostrando Francisco Dias Gomes que a syntaxe commum da lingoa portugueza era assaz confusa e desfigurada de construcções erroneas, no tempo de Fernão Lopes e dos que lhe succederam, até ao fim do reinado de D. João Segundo, nota a já citada phrase desse chronista com as seguintes palavras:

"No prologo da segunda parte" (trata-se da *Chron. de D. João* 1.º, (*) composta por Fernão Lopes) "se vê o seguinte periodo: "E porque nós nom *somos abastante* para cumpridamente louvar e dizer as bondades deste poderoso Rei, por a dignidade de seos grandes feitos, quizeramos cessar de

(*) Elidiu-se a virgula aqui, na 2.ª ed.
(157). Vide *Dicc. Int. Gramm.* Pg . XLI.
(158) Vide a pg. 172.
(*) Elidiu-se a virgula neste passo, na ed. de 1923, (2.ª).

fallar delles, vendo cumpria serem escriptos por um grande e eloquente lettrado".

"O estylo deste periodo não está puro por dois motivos: o primeiro, pela falta de concordância numeral no participio *abastante;* o segundo, pela erronea conjugação *cumpria.* Não ha duvida que o primeiro pode ser desculpado pela figura *synthesis;* mas este genero de construcção, não só não é admittido na prosa portugueza, mas até mesmo na Poesia seria intoleravel". (159)

Referindo-se aos dois exemplos: "Antes *sejamos breve* que *prolixo*", de João de Barros, e ao de Fr. Luiz de Souza: (**) "*Somos chegados* com a historia aos annos do Senhor", Antonio Francisco Barata veleja na mesma rota de Francisco Dias, expondo dest'arte sua maneira de pensar sobre o assumpto:

"O que pede a philosophia é a concordancia regular exposta no exemplo de Fr. Luiz de Souza, porque a mistura do *nós* e *eu* é uma coisa pouco racional, e porque, tanto num como noutro caso, o sujeito é *unico:* no primeiro, João de Barros, no segundo, Fr. Luiz de Souza". (160)

Ao exemplo de Souza: "*Somos chegados* com a historia aos annos do Senhor" e ao anteriormente referido da mesma procedencia: "Como *somos velhos* e não podemos prometter para longe...", accrescentaremos alguns outros, dos quaes quatro são devidos à mesma penna, que escreveo a *Historia de S. Domingos* e a *Vida do Arcebispo de Braga*:

"Por fim deste anno *estamos obrigados* a dar conta do que nelle passou".
(Souza. *Annaes.* Pg. 279).

"*Somos chegados* a termos com esta historia, que a não podemos proseguir por successos distintos e continuados de cada anno".
(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 3.º Cap. 27. Pg. 150).

"*Ficamos obrigados* a dizer alguma coisa da grande afflicção que o Arcebispo padecia nestas visitações".
(Id. Ibid. Cap. 13. Pg. 132).

"*Damo-nos* por *obrigados* a dizer alguma coisa della".
(Id. *Hist. de S. Dom.* Vol. 4.º Liv. 6.º Cap. 3.º Pg. 460).

"*Somos chegados* ao ultimo sonho de Xavier".
(Vieira. *Serm.* T. 13. Pg. 76).

(159) *Mem. de Litt. Port.* T. 4.º Pg. 34.
(**) Na 2.ª ed. lemos "Souza;".
(160) *Est. da Ling. Port.* Pg. 61.

"*Somos chegados* aos escrupulosos da terceira especie, que só fazem grandes escrupulos das coisas pequenas".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 136).

"E, pois, *somos forçados* muito a nosso pezar a vos descobrir este segredo, sabei...".
(Id. Ibid. T. 15. Pg. 25).

"Não *somos*, porém, tão *tentados* de qualquer abundancia esteril, que pertendamos".
(A. das Neves Pereira. *Mem. de Litt.* T. 4.º Pg. 401).

"Mui *felizes nós se... fizermos* numa ou noutra nota reconhecer a divina toada dessas canções inimitaveis".
(A. de Cast. *A Lyrica de Anacreonte*, Pg. 23).

"Nisto é que não *podemos* deixar de insistir, por *convencidissimos* de que não ha escriptor portuguez tão para tudo por seo imaginar e sentir, como este".
(Id. *Livr. Classica.* M. Bernardes T. 2.º Pg. 286).

"*Cansados estamos* e nem apontamos tudo em cada genero".
(Id. Ibid. Pg. 290).

"*Fundados* nella, mais ainda do que nelles, *affirmamos, seguros* de não *sermos contrariados*".
(Id. Ibid. Pg. 296).

"Aqui *levantaremos* a penna, *receiosos* de haver dado a este escripto maiores proporções".
(J. de Cast. *Livr. Class.* Fern. M. Pinto T. 2.º Pg. 287).

"Medo *temos* de parecer já *sobejos* na prova".
(Id. Ibid. J. de Lucena. T. 2.º Pg. 163).

"*Receiosos* de enfadar, só *diremos...*"
(Id. Ibid. Pg. 167).

"*Convencidos* da verdade do que *deixamos* dito, *vamos* expor as reflexões que a critica nos ha suggerido".
(Leoni. *Camões e os Lusiadas. Introd.* Pg. 5).

"E debaixo da impressão destas doutrinas e *convencidos* da sua importancia, que *vamos* escrever".
(A. Herc. *Opusc. Os Vinculos.* Pg. 11).

"*Estamos persuadidos* de que, ao menos em grande numero destes, a conversão era fingida".
(Id. *Hist. da Inquis.* T. 1.º Pg. 205).

"A este digno oficial *somos devedores* pelo que nos tem auxiliado".
(Lat. Coelho. *Hist. Polit. e Milit. de Port.* T. 1.º Pg. XXX).

"Bem *avisados*, pois, *deliberamos* compendiar o principal das lições daquelle vernaculo escriptor".
(Camillo. Vide *Estudinhos da Ling. Patria* de Silva Tullio. Pg. 4).

Do que escrevemos, já em nossa *Grammatica Philosophica*, já em nossos *Serões Grammaticaes*, não se infere que rejeitamos expressamente as phrases de Fernão Lopes e João de Barros, em que se singulariza o adjectivo correlato ao pronome *nós* em vez de *eu*, senão que damos preferencia á phrase de Fr. Luiz de Souza sobre a do Chronista de D. João 1.º e a do autor das *Decadas*.

Com effeito, declarando-nos pela phrase de Souza, não desconheciamos alguns exemplos de escriptores classicos, (*) mesmo entre os modernos, que imitaram a syntaxe daquelles dois escriptores.

Taes, entre outros, os seguintes exemplos:

"*Conscio* de quanto importa vulgarizar entre os nossos patricios a leitura dos bons exemplares da lingoa vernacula,... *tivemos* que muito bom serviço *fariamos* annuindo ao desejo que se nos propoz".
(Inn. F. da Silva. *Peq. Chrestomathia Port.* Pg. III)

"Apezar da extremada benevolencia com que *fomos acolhidos*, disseram-nos...".
(J. de Cast. *Livr. Classica.* J. de Lucena. T. 2.º Pg. 97).

"*Chegado*, porém, á conclusão deste livro, *por-lhe-hemos* remate com uma reflexão".
(A. Herc. *Hist. do Port.* T. 2.º Pg. 408).

No quarto *é elle* extranha-nos o Dr. Ruy Barbosa o termos, em nossa *Grammatica Philosophica*, averbado de erro vulgar o uso do adverbio *donde* por *onde*, e accrescentado que desta incorrecção se não isentaram alguns de nossos classicos, como fez Lucena, dizendo:

"Fortaleza *donde* deixassem navios que vigiassem a costa", em lugar de *onde deixassem*...

Os exemplos da troca de *onde* em *donde*, embora abonados por Bernardim Ribeiro, D. Francisco Manoel, Lucena e Vieira, não têm voga no uso actual da lingoa.

(*) — Na 2.ª ed. elidiu-se aqui a virgula.

Todos os escriptores e grammaticos, que se referem ao emprego, entre os nossos escriptores antigos, de um pelo outro, desses elementos grammaticaes, o reputam incorrecto e não digno de imitação.

Quando empregavam os nossos classicos o adverbio ou a expressão adverbiada *donde*, em vez de *onde*, a preposição *de*, que precede ao *onde*, perdia seo valor significativo de ponto de partida, para se reduzir a um elemento morphico sem significação e totalmente superfluo.

Entre os modernos, tal confusão se não faz, (*) de modo que difficillima coisa fôra encontrar actualmente uma phrase em que a locução *donde* figurasse com o mesmo sentido que o adverbio *onde* e vice-versa, o que era muito commum entre os antigos, que não discriminavam bem as duas expressões, dizendo como ainda hoje diz o vulgo *donde*, *de donde* por *onde*, *adonde* por *aonde*. (161)

Fallando do passo de Lucena, acima citado, José de Castilho escreve nos seguintes termos:

"É o velho erro. Importa que o *donde* seja o *unde*, o lugar *de que;* (**) e para o lugar *em que*, para o *ubi*, reservemos o *onde*". (162)

Natural, portanto, era que, tocando o assumpto, dissessemos, como dissemos, em nossa *Grammatica Philosophica*:

"Erro é muito vulgar empregar a expressão *donde* por *onde*, e desta incorrecção não se isentaram alguns dos nossos classicos, como fez Lucena, dizendo: "Fortaleza *donde* deixassem navios que vigiassem a costa".

O proprio Dr. Ruy, em sua *Replica*, vem em apoio do que dissemos, escrevendo:

"Mas actualmente, apezar de alguns exemplos, bem raros, em classicos do seculo dezenove, como Garrett, Castilho e Latino Coelho, não escreveria correcto quem não discriminasse nitidamente, no uso desse adverbio, o lugar *donde*, o lugar *onde*, o lugar *aonde* ou *para onde*, como A. Herculano os discriminou neste passo:

(*) — Elidiu-se a virgula na 2.ª ed. e omitiu-se linhas abaixo o *o* antes de *unde* na 1.ª e 2.ª ed.

(161) — Aliás disse Garrett:

"Irão meos versos ao retiro mystico,
Adonde te escondeste, procurar-te".
..... (*D. Branca*. Pg. 2).

(**) — Na 2.ª ed. lemos "que,".

(162) — *Livr. Classica*. T. 2. Pg. 221.

"Lá no céo, *aonde* ella subio, e *onde* nosso pae acolheo no seio a sua infeliz filha". (*Monasticon.* Vol. III. Pg. 206). (163)

Mas, se assim é, a que vem a extranheza que ao Dr. Ruy provocou aquelle trecho de nossa *Grammatica Philosophica?*

É ou não erroneo escrever hoje em nossa lingoa, confundindo os dois adverbios *onde*, *donde*, como fizeram Bernardim Ribeiro, Camões, Lucena e outros de nossos antigos classicos? Como não apontar a grammatica o desvio do bom uso, pactuando com a incorrecção e com o erro?

Entre os nossos bons escriptores modernos, ainda se notam exemplos da confusão do adverbio *aonde* por *onde* e ás avessas, como nos seguintes trechos:

"A falta de um bom diccionario de ambas as lingoas, *aonde* se veja com clareza e precisão a mutua correspondencia de vocabulos e phrases". (Fr. F. de S. Luiz. *Glossario. Prefação*).

"Não me atrevo a tomar sobre mim o dizer *aonde* elle peca, *aonde* está o vicio".

(Garrett. *Disc. Parlam.* Pg. 224).

"*Onde* te vaes, Dom Rodrigo,
tão só, com tanta agonia?"

(A. de Cast. *O Outono.* Pg. 154).

"No meio das continuadas distracções das sociedades, *aonde* o tom de repentista se exaltava com o enthusiasmo dos admiradores". (Rebello da Silva. *Est. Biogr. e Litt. sobre Bocage.* Vide Bocage. (Obras. T. 1.º Pg. 37).

"Este é o caracter dos estados, *aonde* é lei suprema a igualdade e onde os influxos democraticos se manifestam com a mesma intensiddae na condição politica e na esphera da educação".

(Lat. Coelho. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 307).

"*Onde* vaes?

(Id. *Os Solteirões.* T. 1.º Pg. 37).

Dentre os exemplos apontados pelo Dr. Ruy, do uso do adverbio *onde* em vez de *aonde*, figura o exemplo seguinte de Souza, na *Vida do Arcebispo*:

"Dalli se foi logo *onde* estava o Arcebispo". (164)

Neste lugar de Fr. Luiz de Souza não advertio o Dr. Ruy que o adverbio *onde* não está empregado por *aonde*, como irreflectida-

(163) — *Replica.* § 15—199.
(164) — *Vida do Arc.* I. II. c. 20.

mente disse. *Onde*, no trecho de Souza, é complemento não da primeira oração: *dalli se foi logo*, senão da segunda: *onde estava o Arcebispo*. O complemento circumstancial ou *adjuncto adverbial*, segundo a terminologia ingleza, da primeira oração, é elliptico, e serve de antecedente ao adverbio *onde*, que o presuppõe, como se se dissesse:

"Dalli se foi logo *para o lugar, onde* estava o Arcebispo".

Onde, no alludido passo, está empregado em sua propria significação de *lugar onde*, e não de *lugar aonde* ou *para onde*.

Nenhum escriptor moderno diria hoje *donde* por *onde*, nem *adonde* por *aonde* e por *onde*, *de donde* por *donde*, como disseram Camões, Francisco de Moraes, Fr. Lucas de Santa Catharina e outros:

"O curso das estrellas contemplava,
E aquella ordem com que discorria
O céo e o ar, e a terra *adonde* estava".
(Camões. *Eleg. I. Obras de Camões*, pelo Visconde de Juromenha. T. 3.º Pg. 163).

"Dar-vos-hei conta *de donde* ella vem".
(Moraes. *Palm. de Inglat.* Part. 1.ª Cap. 6.º Pg. 31).

"Não chegarão ao céo, *donde* já descança a alma, senão no dia da resurreição universal".
(Vieira. *Serm.* T. 3.º Pg. 68).

"E achou a mina, *de donde* sahiam os gastos".
(*Arte de Furtar.* Pg. 336).

"O Conselho, *de donde* só podia sahir o remedio".
(Ibid. Pg. 200).

"E *de donde* havemos nós de tirar vinte mil Portuguezes?"
(Id. Pg. 201).

"Em casa *adonde* tinha a tia Freira do Coro e Prelada".
(Fr. Lucas. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 6.º Liv. 3.º Cap. 30. Pg. 158).

"Para *donde* a chamava a obediencia".
(Ibid. Pg. 159).

Ora, na *Grammatica Philosophica*, exposta agora ao escalpelo do illustre escriptor, não fallei senão da confusão que faziam os

antigos entre as expressões *onde* e *donde*, condemnando-a como incorrecção, somente relegada hoje em dia ao fallar do vulgo.

* * *

Argúe-nos o Dr. Ruy, no seo quinto *é elle*, de havermos, nos *Serões Grammaticaes*, reputado incorrectos e não dignos de imitar exemplos em que se emprega o verbo *haver*, como figura na seguinte phrase: "*houveram semi-philosophos*". (165)

Antes de mais nada, revela notar ao Dr. Ruy que o exemplo citado nos *Serões*: "confesso que em todos os tempos *houveram* semi-philosophos", não é de D. Francisco Manoel de Mello, é, sim, do Padre José Agostinho de Macedo, em suas *Cartas Philosophicas a Attico*, nem o que se lê logo depois deste na mesma pagina dos *Serões*, tendo abaixo a indicação *F. Manoel*, pertence a D. Francisco Manoel de Mello, como por engano suppoz, mas a Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio), que, em uma nota á fabula do Gato, da Doninha e do Leopardo, assim escreve:

"Eu que acho ridiculo que *hajam tantos nomes* para um só individuo, apeei o Gato dessa fanfarrice e lhe conservo o unico de Bixano" (166)

Agora no que respeita ao reparo que faz áquella ponderação do nosso trabalho:

A despeito de um ou outro exemplo, que a descuido escapa aos mais abalisados escriptores, a generalidade dos grammaticos consideram incorrectos os exemplos semelhantes aos que se notam nos dois lugares citados.

Nas phrases: *ha homens muito illustrados, ha talentos privilegiados, ha livros muitos uteis, havia muitos fructos no pomar, houve morticinios na batalha de Cannas, houve muitos soldados feridos*, o verbo *haver* não tem a significação de *existir*, mas de *ter, possuir;* é, em taes casos, verbo *transitivo directo* ou, como geralmente lhe chamam, *activo;* o substantivo plural que o acompanha faz de complemento ou objecto directo, e não de sujeito.

A phrase, em taes circumstancias, torna-se regularissima, restabelecido na ordem grammatical o sujeito, que a lingoa habitual e idiomaticamente supprime.

---

(165) — Vide *Serões Gramm.* Pg. 273.

(166) — Este exemplo dos *Serões* foi extrahido da edição de 1874 das *Fabulas de La Fontaine* a pag. 243; na edição de 1818 das *Obras* de Filinto, T. 6.º Pg. 305, está escripto *haja* e não *hajam*.

"O verbo *haver*, neste e em todos os casos semelhantes", diz Castilho Antonio, no *Archivo Pittoresco*, "deve estar forçosamente no singular: pol-o no plural é erro imperdoavel. A coisa, cuja existencia se quer significar, é complemento objectivo ou paciente, e não sujeito, agente ou nominativo, segundo o phraseado grammatical. O verdadeiro agente, sujeito ou nominativo, é um substantivo occulto, e que o discurso facilmente desencanta". (167)

Offerecemos aqui exemplos do correcto emprego deste verbo, já no modo definito, já no indefinito, forçando o verbo do modo definito de que depende a concordar com o sujeito elliptico:

"Em cuja companhia... *havia* muitos espingardeiros, besteiros e alguns bombardeiros mui destros em tirar".
(D. de Góes *Chron. d'el-rei D. Manoel.* T. 2.º Pg. 66).

"*Deve de haver* mais de dez mil estudantes".
(Fern. M. Pinto. Vide *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 195).

"*Repugna haver* em uma alma no mesmo tempo duas consolações contrarias".
(H. Pinto. *Dial. da Vid. Sol.* c. 8. Vide *Gramm.* Lat. Coelho. Pg. 91).

"Onde *houve* golpes, que pareciam dos que contam as fabulas antigas".
(Lião. *Chron. d'el-rei D. João o 1.º* Cap. 58. Pg. 253).

"*Cumpria de haver* pessoas que soubessem das condições dos povos".
(Id. *Chron. d'el-rei D. Fernando.* Pg. 353).

"*Começou a haver* algumas desordens".
(Couto. *Dec.* 12. Cap. 6.º Pg. 395).

"E *acontecia* muitas vezes *haver* numa mesma igreja paes, filhos, (*) e netos todos sacerdotes".
(Id. Ibid. Pg. 301).

"Não porque em Portugal *deixasse de haver* muitas outras".
(*Monarch. Lusit.* Parte 1.ª Liv. 3.º Cap. 17. Pg. 357).

"*Começou a haver* doenças de má qualidade e principios de peste"
(Souza. *Annaes.* Pg. 134).

"*Havia* neste mosteiro poucas menos de setenta mulheres das portas a dentro".
(Id. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 3.º Liv. 1.º Pg. 82).

---

(167) — *Arch. Pittoresco. Est. da Ling. Materna.* Vol. 2.º Pg. 298.

(*) — Supprimiu-se a virgula depois de filhos, na 2.ª ed.

"Não ha nem *pode haver* escripturas antigas".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Liv. 1.º (*) Cap. 24. Pg. 122).

"Mas neste da Annunciada *houve* mais circumstancias".
(Id. Ibid. V. 4.º Liv. 1.º Cap. 4.º Pg. 32).

"Taes *houve*, que, vestindo armas, fizeram aos inimigos rosto".
(Jac. Freire. *Vida de João de Castro*. Liv. 2.º–55. Pg. 96).

"*Havia* duas fortalezas na entrada da barra".
(Id. Ibid. Liv. 1.º–61. Pg. 42).

"E entre elles *havia de haver* alguns, cujas palavras Deos não havia de entender".
(Vieira. *Serm.* T. 15. Pg. 219).

"Bem *pode haver* mentiras veniaes".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 162).

"*Pode haver* correspondencias mais desiguaes, mais contrarias, mais ingratas?"
(Id. Ibid. Pg. 71).

"*Podia haver* mais animosos e mais resolutos propositos que estes, (**) e mais bizarramente declarados?"
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 17).

"Nos prados já *havia* as rosas e açucenas; nas minas já *havia* os rubins e os diamantes; nas conchas já *havia* as perolas e os aljofares; (***) no céo já *havia* o sol e as estrellas".
(Id. Ibid. T. 12. Pg. 26).

"*Pode haver* palavras mais diversas em tudo...?"
(Id. Ibid. T. 15. Pg. 121).

"Ora desenganem-se os idolatras do tempo passado, que tambem no presente *pode haver* homens tão grandes como os que já foram, e ainda maiores".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 234).

"Hoje faz nove annos *havia* em Castella cinco pessoas reaes".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 137).

"*Podia haver* maiores e mais multiplicadas demonstrações de odio? *Podia haver* mais qualificadas razões...?"
(Id. Ibid. Pg. 100).

"Não quer que *haja* juizos temerarios, para que não *haja* falsos testemunhos".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 14).

(*) — Na 2.ª ed., de 1923, lemos: "Vol. 1.º Cap. 24. Pg. 122".
(**) — Na 2.ª ed. ha neste passo ponto e virgula.
(***) — Na 2.ª ed. ha virgula em lugar de ponto e virgula.

"Que poucos cilicios *deve de haver* no Maranhão!"
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 357).

"Todos os sanctos quantos *ha* e *pode haver*".
(Id. Ibid. Pg. 217).

"*Pode haver* coisas mais novas?"
(Id. Ibid. Pg. 373).

"O certo é que se de Deos *podera haver* ciumes..."
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 151).

"Não *pode haver* palavras, nem mais parecidas, nem mais encontradas".
(Id. Ibid. Pg. 336).

"*Pode haver* muitos erros".
(Id. Ibid. Pg. 276).

"Como *pode haver* machinas tão fortes e tão altas, com que guindar os mesmos materiaes até ás nuvens?"
(Id. Ibid. Pg. 280).

"Grandes só no céo os *pode haver*".
(Id. Ibid. Pg. 89).

"No mundo ainda *ha de haver* outros martyres".
(Id. Ibid. T. 13. Pg. 65).

"*Ha de haver* dois solios".
(Id. Ibid. T. 12. Pg. 62).

"*Havia de haver* lagrimas no mundo?"
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 355).

"*Ha dias* que este portento nos tardava".
(Id. *Cartas*. T. 1.º Pg. 144).

"Amigos já os não *ha*".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 275).

"No reino *deve de haver* outros".
(Id. Ibid. Pg. 118).

"Muitos dias *ha* que não recebi carta de Vossa excellencia, que totalmente me alliviasse o cuidado, como a desta posta".
(Id. Ibid. Pg. 244).

"*Haverá* quatorze mezes, que continua a missão pelo corpo e braços daquelles rios".
(Id. Ibid. Pg. 77).

"Aqui chegaram *haverá* tres ou quatro dias, cinco ou seis navios de guerra francezes".

(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 110).

"Nem por isso *deixa de haver* outros meios menos custosos de advertir".

(Id. Ibid. Vide *Trechos Selectos. Comm. do bicent.* Pg. 323).

"*Costuma* nisto *haver* alguns perigos".

(Bernardes. *Luz e Calor.* Part. 1.ª Pg. 216. N. 243).

"Que consonancias *pode haver* mais novas....?"

(Id. Ibid. Part. 2.ª Pg. 445-395).

"Numa lingoa *deve haver* palavras de diversas ordens".

(A. das Neves Pereira. *Mem. de Litt.* T. 4.º Pg. 399).

"Designios *ha-os* sempre".

(A. de Cast. *Camões.* T. 1.º Pg. 38).

"Onde eram os mais dos templos, entre os quaes os *havia* celeberrimos, e que pareciam indestructiveis".

(Id. *Os Fastos de Ovidio.* T. 1.º Pg. XXXVIII).

"Com ruins companheiros começava sem duvida, mas não os *havia* melhores por então".

(Id. Ibid. Pg. XXV).

....."Ha de se recorrer a todos quantos *haja*, e quantos *possa haver*".

(Id. *Tartufo.* Pg. 75).

"Não *ha de haver* razões que o monstro não afie"

(Id. Ibid. Pg. 166).

"*Pode haver* males sem febre".

(Id. *O Avarento.* Pg. 72).

"*Podia haver* algumas collecções de objectos de historia natural".

(Id. *Coll. Ald.* Pg. 101).

"Então comvosco
tambem, senhores meos, *pode haver* pactos?"

(Id. *Fausto.* Pg. 99).

"Sabiam os versados nas lettras classicas, emquanto os *houve*, que os amores poeticos dos pagãos differiam consideravelmente dos amores poeticos dos modernos".

(*Grinalda Ovidiana. Os Amores.* Vol. 2.º Pg. 184).

"Custa a perceber como *haja* forças humanas que possam soffrer tanta crueldade".

(A. Herc. *Hist. da Inq.* T. 2.º Pg. 46).

"Pregadores, *havia-os* em nome, mas eram raros".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 43).

"*Pode haver* difficuldades, porem não *ha* impossiveis".

(Id. Ibid. Pg. 51).

"Só *podia haver* convenções occultas".

(Id. Ibid. Pg. 281).

"*Havia* uns habitados permanentemente, mas conservando a natureza de reguengos; *havia-os* dados pelos mordomos...; *havia*, emfim, outros foreiros e possuidos hereditariamente".

(Id. *Hist. de Port.* T. 3.º Pg. 383).

"*Ha de haver*, porem, nove annos que ahi se deitou pregão em expressões pomposas".

(Camillo. *Pref.* ao *Grande Dicc. Franc. Port.* de D. de Azevedo. Pg. 2).

Ao lado desses exemplos, raro se nos offerecem alguns em que se observa syntaxe opposta, mas taes exemplos são havidos em conta de descuidos e incorrecções, que se não devem imitar. Taes os seguintes:

"Entre o Baxá e Mir Escander *começaram a haver* alguns arrufos no principio".

(D. de Couto. *Dec.* 4.ª Liv. 3.º Cap. 6.º Pg. 213).

"*Começaram a haver* muitas differenças".

(Lião *Chron. d'el-rei D. Affonso o* 5.º Cap. 2.º Pg. 91).

"Quero dar que em francez *hajam* formosas
Expressões, curtas phrases elegantes".

(Filinto Elysio. *Obras.* T. 1.º Pg. 85).

"Assim succedeo, pois que *houveram* varões dotados de tão alta fantasia, que...".

(F. Dias Gomes. *Obras Poeticas* nota 6.ª a pg. 295).

"Na questão assim apresentada não *podem haver* bancos Ministeriaes nem de opposição".

(Garrett. *Disc. Parlament.* Pg. 166).

Não se confunda o verbo *haver* empregado unipessoalmente com um sujeito da terceira pessoa do singular, sempre elliptico, com o mesmo verbo empregado pessoalmente. Assim é este verbo tomado pessoalmente nos seguintes exemplos:

"Nosso Senhor quiz nascer em pobre estrebaria, em tal lugar e tão pobre, para não estimarmos muito as riquezas, e sabermos que alli onde elle estava com tanta pobreza, era adorado dos anjos do céo e dos reis da terra; e, em nascendo, chorou por nós, para que nós, por amor delle, choremos nossos peccados e nos guardemos de sobejos prazeres e deleitações. Começou logo a *haver* frio, porque na hora que nasceo, quiz padecer por nós outros".

(Garcia de Rezende. Vide *Livr. Classica.* Pg. 299).

"Pedindo-lhe muito pelo seo amor que *houvesse* paciencia, e conformasse sua vontade com a de Deos".

(Id. Ibid. Pg. 292).

"E com quanto o governador sabia que o tempo não era para sahir, por esforçar a gente com esperança de *haver* alguns mantimentos, mandou carregar na náo os doentes da frota, que eram trezentos, e mandou a Nuno Vaz que se podesse sahir que se fosse a Anjadiva, e alli por dinheiro e resgate de algumas mulheres bramenas *haveria* mantimentos que lhe mandaria no navio de Antonio de Mattos, que iria com elle, e elle se iria com os doentes a Cananor".

(Castanheda. *Hist. da India.* T. 3.º Liv. 3.º Cap. 33. Pg. 107).

"No qual trabalho, buscando Affonso de Albuquerque algum remedio para *haver* mantimentos, por conselho de Timoja, mandou o capitão... ás ilhas de Choram e Divar, onde *houveram* algumas vaccas e um pouco de arroz".

(D. de Goes. *Chron. d'el-rei D. Manoel.* T. 2.º Pg. 32).

"Porque o mesmo pensamento
Ha medo do mal que sente".

(Camões. *Obras. El-Rei Seleuco.* T. 4.º Pg. 207).

"O governador amanheceo sobre Bombaim aos seis de Fevereiro, que foi ao outro dia logo, em que cahio dia de Cinza, e *houveram* vista da armada do inimigo".

(D. de Couto. *Dec.* 4.ª Liv. 5.º Cap. 5.º Pg. 356).

"E assim ficaram tão soberbos, que *houveram* (*julgaram, tiveram para si*) que tinham pouco que fazer em tomarem a fortaleza".

(Id. Ibid. Liv. 4.º Cap. 8.º Pg. 295).

"E a poucos dias de viagem *houve vista* de quatro náos do Hidalcão".

(Jac. Freire. *Vida de D. João de Castro.* Liv. 1.º N. 60. Pg. 41).

"Sentia (a Prioreza) o erro, em que já não havia remedio, e muito mais as queixas das subditas, que todas vinham como ondas a quebrar sobre ella, que taes são os interesses das Prelasias, inda que não *hajam* culpas".

(Souza. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 4.º Liv. 1.º Cap. 4.º Pg. 32).

"Vieram os ossos de Flandres: e como estava tão fresca a memoria dos beneficios recebidos, *não houveram* (*não julgaram, não tiveram* * *para si*) as Madres que correspondiam a sua obrigação, se os deixassem no sitio, que o testamento aponta".

(Id. Ibid. Vol. 3.º Pg. 32).

"De sorte que *houveram* por seo partido ir-se alargando de nós".

(Id. *Annaes*. Cap. 18. Pg. 76).

"Grão trabalho e custosa coisa é fazer homem o que deve. Porque havendo de *haver* justiça, desarreigar vicios, emendar vidas, tão bom Martyr será um Prelado entre os seos, que não terá necessidade de ir buscar a palma e a corôa a Marrocos".

(Id. *Vida do Arcebispo*. Liv. 3.º Cap. 1.º Pg. 112).

"Uma dama que *havia* nome Dona Catharina de Athayde".

(Leoni. *Camões e os Lusiadas*. Pg. 99).

"Era um piloto gazarate, que *havia* nome Malemo Cana'.'

(Lat. Coelho. *Varões Illust*. T. 2.º Pg. 137).

De molde vem fallar aqui de uma nota do Dr. Ruy, que, a proposito do verbo *haver* usado pelos nossos escriptores como unipessoal com sujeito elliptico, attribue a Camões uma syntaxe de que nunca usou este poeta.

É a nota relativa a um trecho do auto de *El-Rei Seleuco*, em que o poeta emprega as expressões seguintes:

"*Hajam* festas de prazer
.....
"*Hajam* cantos para ouvir".

Escrevendo estes dois versos de Luiz de Camões, diz o Dr. Ruy:

"Entre os incursos nesta syntaxe vitanda está Luiz de Camões". (168).

A syntaxe incorrecta, a que o illustre censor se refere e appellida de *vitanda*, é a usada em phrases, como a seguinte de J. A. de Macedo:

"Confesso que em todos os tempos *houveram* semi-philosophos".

As phrases empregadas no *El-Rei Seleuco* de Camões não foram bem catalogadas entre as que são reputadas incorrectas e condemnadas pela generalidade dos grammaticos e escriptores.

(*) Na 2.ª ed. lemos "(não tiveram *a* para si)".

(168) Vide *Replica*. § cit. nota ao n. 197.

A syntaxe da phrase de Macedo "*houveram* semi-philosophos" é differente da que empregou Camões na comedia *El-Rei Seleuco.*

O poeta não usou alli o verbo *haver* com o sujeito do singular elliptico como se nota nas phrases: *ha* pessoas muito cautelosas, *houve* muitas discussões no congresso, *houve* muitas idas e vinidas antes de se chegar a accordo, *havia* muitas pessoas no baile, *houve* muitas desordens, *havia* muitos homens de talento naquella sociedade, homens nunca os *houve* tão esclarecidos, espiritos nunca os *houve* tão independentes, almas verdadeiramente caridosas ainda as *ha* no mundo, flores não as *havia* alli tão lindas como no meo Brasil.

Expliquemos a passagem do *El-Rei Seleuco,* a que o Dr. Ruy allude:

Seleuco, soberano da Syria, fundador da dymnastia dos Seleucidas, era casado, (*) em segundas nupcias, (*) com Estratonica, princeza de grandes encantos e rara belleza.

Seo filho, Antiocho Sotero, apaixonara-se loucamente por sua madastra, em cujo coração vibravam, em unisono, os mesmos sentimentos amorosos.

Devorado por essa insoffrida e indomavel paixão, que se não podia desaffogar, adoece gravemente Antiocho.

O rei consulta Eraristrato, medico celebre do seculo 3.º antes de Christo, que, depois de minucioso e acurado exame, atina com a origem do mal, apparentemente incuravel, declara francamente ao rei a causa da doença do filho, a louca paixão deste por Estratonica, sua madrasta.

O rei, que se havia empenhado em ir ao extremo do sacrificio, para salvar seo filho do mal que o acabrunhava, minando-lhe surdamente a existencia, a conselho de Eraristrato, que só deste heroico elixir lhe assevera confiar a salvação de Antiocho, cede Extratonica, sua propria mulher, ao principe enamorado.

Na ultima parte do *auto,* levada de mão por Antiocho, entra Estratonica, e o rei, que, par a par, os acompanha, assim exclama:

"Que mais ha hi que esperar?
Olhae qu'extranheza vae!
O muito amor ordenar,
Ir-se o filho namorar
D'uma mulher de seo Pae!
Querer bem foi sua dor,
Negar-lha será crueldade;

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

Assim que já foi bondade
Usar eu de tal amor
E de tal humanidade.
Ella deixou de reinar
Como fazia primeiro
Por se com elle casar;
E por amor verdadeiro
Tudo se pode deixar.
Eu que nella tinha posto
Todo o bem de meo cuidado,
Deixei mais que ella ha deixado;
Que mais se deixa no gosto,
Que no poderoso estado.
Mas já que tudo isto vemos,
HAJAM *festas de prazer,*
As que melhor possam ser;
Porqu'em tão grandes extremos,
Extremos se hão de fazer.
HAJAM *cantos para ouvir,*
Jogos, prazeres sem fundo;
Porque, se quereis sentir,
Deste modo entrou o mundo,
E assi ha de sahir". (169).

Nestes versos de Camões o verbo *haver* não está empregado como no trecho citado de J. A. de Macedo; está usado no plural, tendo por sujeito o pronome *elles*, representando Antiocho e Estratonica.

Não é esta a passagem unica em que em Camões, como nos nossos bons exemplares, se encontra o verbo *haver* pessoalmente empregado com sujeito expresso, do singular ou do plural, tendo a significação de *ter, possuir.*

Tal é na mesma comedia o primeiro dos dois versos seguintes:

"*Haja* eu perdão
Porque não a entenderão".
(Pg. 220).

E o lugar do mesmo *El-Rei Seleuco,* em que, dizendo o physico, em hespanhol:

"*El Principe está doliente*", (*)

lhe pergunta Sancho:

"*Oh mesquino!* Y que mal *ha?*"
(Pg. 228).

---

(169) Camões. *Obras Compl.* V. 4.º 237.

(*) Na 1.ª ed. lemos "'El Principe está doliente".".

Tal é ainda o verbo *haver* no lugar seguinte do mesmo poeta:

"Quem ama desesperado
Que fim espera de *haver?*"
(Ibid. Pg. 207).

E o seguinte lugar da scena VI do acto 1.º dos *Amphitriões*:

CALLISTO
"Não mais, qu'isso me degola".

FELISEO
"Senhor, eu *haja* perdão".
(Cam. *Amphit. Obras Comp.* Vol. 4.º Pg. 256).

E ainda a expressão *houvesse dó* nos seguintes versos de um dos interlocutores da mesma comedia:

"Ouvi outra tambem minha,
Que fez a certa tenção,
Clara, leve, bonitinha,
De feição, que esta trovinha,
É trovinha de feição.
Como eu um dia me visse
Morto, e a mão na candêa,
E ella não me acodisse;
Fiz-lhe esta, porque sentisse
Que dava os fios á têa.
E o proposito é
Andar eu um dia só;
E para que *houvesse* dó
De mi e de minha fé,
Lamentei-lhe como Jó".
(Pg. 257).

É claro que neste trecho de Camões o sujeito de *houvesse* é o pronome *ella*, exprimido cinco versos antes; o vocabulo *dó* é objecto directo. O verbo *haver*, portanto, é ainda aqui tomado pessoalmente, não unipessoalmente.

Antes de Camões, escrevera Azurara na *Chronica de Guiné*:

"Os quaes todos junctamente iam para ver se poderiam trazer os Mouros daquella parte a trautos de mercadoria. E *houveram falla e grandes seguranças* com os Mouros".
(Cap. 29. Pg. 151).

O sujeito de *houveram* é aqui *elles*, que se refere a Antão Gonçalves, Gomes Pirez e Diogo Affonso, que, segundo poucas linhas antes affirma o chronista, foram ao rio do Oiro a tratar com os Mouros.

É este passo analogo ao em que, no *auto* do *El-Rei Seleuco*, emprega o autor dos *Lusiadas* as expressões "*hajam festas de prazer, hajam cantos para ouvir*", erroneamente interpretadas, a nosso ver, pelo Dr. Ruy.

No sentido de *receber* empregou João de Barros o verbo haver no seguinte trecho:

"E aporfiou tanto por subir ao baluarte por cima dos páos, que, querendo-se ajudar de dois homens seos, que o tomassem ás costas, *houve* duas lançadas, uma no rosto pequena, e outra por uma perna, que o derribou abaixo".
(*Dec.* 3.ª Liv. V. Cap. 4.º Pg. 562).

De syntaxe analoga á do verbo *haver* no singular, com sujeito sempre elliptico e objecto directo claro, usa-se em certas construcções com o verbo *fazer*, como o attestam os passos seguintes de escriptores de bom nome:

"Hoje *faz* quatrocentos e cincoenta e dois annos que acabou a vida mortal el-rei D. Affonso Henriques; e hoje *faz* cinco annos que foi recebido nesta côrte e começou a reinar D. João o quarto".
(Vieira. *Serm.* T. 1.º Pg. 333).

"Oito dias *faz* hoje que Christo o resuscitou".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 361).

"Hoje *faz* quatrocentos annos".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 221).

"*Faz* hoje quarenta dias que estou de cama".
(Id. *Cartas*. T. 2.º Pg. 29).

"Hoje *faz* vinte e dois annos".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 55).

"Tres annos *faz* agora que eu recebi uma carta sua".
(Bernardes. Vide *Liv. Classica*. T. 2.º Pg. 43).

"*Faz* annos, me diz elle, que na Lybia
Cesar calcou aos pés as armas perfidas
do façanhoso Juba".
(A. Cast. *Os Fastos*. T. 2.º Pg. 147).

"*Faz* agora tres annos e um dia".
(A. Herc. *O Bôbo*. Pg. 136).

"*Faz* agora pelo Natal dois annos".
(L. Filippe Leite. *Ramalh. da Puericia.* Pg. 169).

De modo analogo, quanto á ellipse do sujeito, diz-se, empregando-se o singular: "*vae em* dois annos ou *vae para* dois annos, ou *por* dois annos que estivemos junctos".

"E *em* dez annos *vae* já que, intrepido impostor,
ahi trago em roda viva um bando de crendeiros".
(A. Cast. *Fausto.* Pg. 23).

"*Vae* agora *em* cem annos".
(Lat. Coelho. *Rep. e Monarch.* Pg. 71).

"Já *vae em* dois annos que não venho *á* provincia".
(L. Filippe Leite. *Ramalh. da Puericia.* Pg. 124).

Mas diz-se, indo o verbo ao plural:

"Lá *vão* cincoenta annos de merecimentos e de penitencia em um instante".
(M. Bernardes. Vide *Livr. Classica.* T. 2.º Pg. 170).

"Já lá *vão* quinze annos".
(Cast. *A Primavera.* Vol. 1.º Pg. 165).

"Já lá *vão* vinte annos".
(A. Herc. *Lendas e Narrat.* T. 2.º Pg. 134).

"Já lá *vão* quatro annos".
(Id. *O Monge de Cister.* T. 1.º Pg. 168).

Quando empregamos o numero singular, ha sempre subentendido, nas phrases: "*faz* duas semanas", "*faz* quarenta dias", "*faz* dois annos", um sujeito da terceira pessoa desse numero: é o vocabulo *tempo* ou outro analogo, appropriado ao sentido; já não passa o mesmo com as phrases em que, estando o sujeito no plural, força a este numero o verbo que com elle concorda.

Em algumas phrases interrogativas, encontradas em nossos escriptores classicos, parece ligar-se ao verbo *haver* a significação de *ser possivel, ser crivel, acontecer.* Esta significação, bem que rara, nota-se em alguns modos de dizer, taes as phrases seguintes:

"*Pode* isto *haver,*
Que outrem minhas coisas tome?"
(Camões. *Os Amphitriões.* Acto 5.º Scena 1.ª).

"Pois como *ha de haver* no mundo, que o carro vá diante dos bois?".
(*Arte de Furtar.* Pg. 402).

"Senhor, como *ha de haver* no mundo, que estejam os hortelões de melhor condição, que nós?"

(Ibid. Pg. 407).

Não assenta, portanto, em seguros fundamentos o extranhar o Dr. Ruy o que affirmamos, já na *Grammatica Philosophica,* (*) já nos *Serões Grammaticaes,* no que respeita ao emprego do verbo *haver,* condemnando-o em phrases como a seguinte: (**) "*houveram* semi-philosophos"; nem maduramente reflectio o esforçado escriptor, quando reputou desvio da regra, geralmente seguida pelos melhores textos, aquelle passo de Camões, no *auto* do *El-Rei Seleuco,* em que, ao contrario do que affirma, o verbo é pessoalmente empregado, concordando com o sujeito do plural, claramente indicado pelo sentido do contexto, como facil será de ver, consultando-se a ultima falla do rei na comedia de que tratamos.

* * *

Tratando das conjuncções na *Grammatica Philosophica,* censuramos a accumulação destes elementos grammaticaes, quando o sentido do texto rigorosamente só pede um delles para indicar a especie de relação que se tem em mente; e nestes termos nos exprimimos:

"Não é raro encontrar em alguns escriptores classicos, antigos e modernos a accumulação de duas conjuncções, quando o sentido do texto só pede uma dellas.

"Esse emprego pleonastico da conjuncção proscreve-o a maioria dos que mais acuradamente escrevem hoje a nossa lingoa". (170).

Quasi todos os grammaticos, quando acertam de fallar sobre o emprego das conjuncções da mesma classe e principalmente da mesma especie, censuram, como censuramos naquelle nosso trabalho, a accumulação desses elementos connectivos para indicar a mesma relação.

Assim é que Latino Coelho, em sua *Grammatica da Lingoa Portugueza,* escreve:

"A accumulação de duas conjuncções é um defeito, em que incorrem alguns classicos, mas que cumpre evitar. As conjuncções em que este defeito se commette com mais frequencia são as seguintes: *mas porem, mas comtudo, e porem, e mas, e comtudo,* etc.". (171)

(*) Na 2.ª ed. temos aqui dois pontos em vez de virgula.
(**) Na 2.ª ed. lemos "seguinte,"
(170) *Gramm. Phil.* Pg. 339.
(171) *Gramm. da Ling. Port.* Pg. 93.

A mesma censura faz Antonio Francisco Barata, em seos *Estudos da Lingoa Portugueza,* (172) nestes termos:

"Defeito é a accumulação de duas conjuncções, commettido por alguns classicos, que bom será evitar. Nestas conjuncções é elle frequente: *Mas porem, mas comtudo, e porem, e mas, e comtudo*".

Se esses elementos grammaticaes, postos entre as duas partes que ligam, não denotam cada um senão uma só especie de relação, é claro que é inteiramente superflua a accumulação de dois para exprimir o que um só perfeitamente significa.

Não somos os unicos que censuramos, como vê o Dr. Ruy, esse accumulo das conjuncções para exprimir a mesma relação.

A logica facilmente justifica essa desnecessidade.

Ninguem dirá mais hoje como Camões, Luiz de Souza, Vieira e outros:

"*Mas comtudo* não nego, que Sampaio
Será no esforço illustre e assignalado".
(*Lusiadas.* Cant. X. Est. LIX).

"Senhor, grande: *mas porem*
Se a tal é virtuosa
Quer-lhe a ventura mór bem".
(*El-Rei Seleuco.* Cam. *Obras.* Vol. 4.º Pg. 205).

"*Mas entretanto* não se descuidava da cura".
(Luiz de Souza. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 4.º Liv. 4.º Cap. 21. Pg. 378).

"*Mas entretanto* reinava tamanha cegueira na triste terra".
(Id. Ibid. Liv. 2.º Cap. 7.º Pg. 126).

"*Mas comtudo* se nas cidades vivia, nos desertos orava".
(Vieira. *Serm.* T. 15. Pg. 50).

Se os classicos modernos, por motivos talvez da euphonia ou pelo efeito inconsciente do uso, ainda dizem frequentemente *e todavia, e comtudo,* e raramente *e porem, e mas, e entretanto,* (173) não ha um só que, escrevendo, não se esforce por fugir ao *mas porem, mas comtudo, mas todavia, mas entretanto,* de communissimo meneio entre os antigos, e hoje só ouvidos da bocca do vulgo.

---

(172) Pg. 67.

(173) "*E mas* é o italiano... muito mais prompto e domavel para todo o uso metrico do que o portuguez". (Cast. *A Primavera.* Vol. 1.º Pg. 138).
"*E entretanto,* vê-se e tolera-se". (Id. Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 7.º Pg. 39).

Obedecendo ao uso, arbitro soberano da linguagem, não poremos duvida quanto ao emprego das locuções *e todavia, e comtudo,* bem que o primeiro elemento connectivo nada accrescente á relação exprimida pelo segundo; mas não pensamos do mesmo modo com respeito ao *mas porem, mas comtudo, mas entretanto, mas todavia,* geralmente condemnados pelos grammaticos e escriptores, e tão ao sabor dos antigos.

Fica assim respondida a censura que em sua *Replica* nos irroga o insigne Dr. Ruy naquelle trecho, em que, transformando agora o *é elle* em *delle é,* assim se enuncia:

"*Delle* é, emfim, o reparo explicitamente em desabono de classicos antigos e modernos, como Barros, Camões e Herculano, contra a accumulação successiva de conjuncções como estas: *mas* e *comtudo, mas* e *porem, e* e *todavia*". (174).

* * *

Em nossa *Grammatica Philosophica* censuramos, julgando-os não para imitar, os seguintes exemplos do infinitivo empregado pessoalmente:

" "Deleites que *servem* de *escurecerem* a razão". (Luc.).

" "*Foram forçados* a lançar ferro e *estarem* sobre elle vinte dias". (Id.).

" "*Tentaram diffamarem* de mim para indignarem a V. Alteza". (J. de Barros).

" "*Resistiram a submetterem-se*". (L. Soriano).

" "*Viram-se constrangidos a buscarem* refugio nas montanhas". (A. Herc.).

"*Pareciam* com as visagens truanescas, que nas faces mortas lhes imprimira o esculptor, *escarnecerem* da colera popular". (Ibid.).

"*Bastam* os frios de Coimbra para *satisfazerem* a vontade de meos amigos". (Vieira).

"Oh Neptuno, lhe disse, não te *espantes*
De Baccho nos teos reinos *receberes*".
(Camões).

"E *folgarás de veres* a policia". (Id.).

Esses exemplos transcrevemol-os naquelle nosso trabalho, entrado nos prelos em 1877 e só tirado a lume quatro annos depois.

Em nossos *Serões Grammaticaes,* publicados em 1890, a lição assidua dos bons escriptores, antigos e modernos, em que deleitosa-

(174) *Replica.* § cit. 197.

mente nos iamos abeberando, nos induzio a modificar o nosso juizo a respeito da importante questão da pessoalidade ou impessoalidade do infinitivo, e formulamos as regras que alli se leem, e de que o Dr. Ruy citou apenas as que lhe convinham, calando a que mais applicação tinha ao caso vertente.

Á luz da observação, portanto, foi que julgamos legitimo aquelle exemplo de Vieira: "*bastam* os frios de Coimbra *para satisfazerem* a vontade de meos amigos", que, segundo a theoria de Jeronymo Soares, tomada em absoluto, haviamos considerado, na *Grammatica Philosophica,* não para imitar; e ainda quanto tal circumstancia não occorresse, não se nos podia censurar que a uma phrase do *Projecto,* averbada de illegitima, emparelhassemos phrase analoga, sanccionada por Vieira e outros mestres do dizer.

Ainda reputando não dignas de imitação as phrases que apontamos como taes em nossa *Grammatica Philosophica,* isentamos desta pecha a phrase de Vieira, abonada por copiosos exemplos entre os nossos mais polidos escriptores, antigos e modernos, como atraz já com sobejidão o demonstramos.

Continuamos, portanto, a reprovar as phrases: "*servem de escurecerem*"; "*forçados a lançar* ferro e *estarem* sobre elle"; "*tentaram diffamarem*"; "*resistiram a submetterem-se*"; "*viram-se constrangidos a buscarem*"; "*pareciam escarnecerem*"; "não te *espantes de receberes*"; "*e folgarás de veres*"; mas não vacillaremos em haver por phrases de bom cunho est'outras:

"As mulheres *têm* ao seo mandar as lagrimas *para chorarem,* quando e quanto querem" (Bernardes); (*) *foram* ao mosteiro tres cardeaes, *para assistirem* em certa solemnidade de renunciação" (Souza); "via os seos implacaveis adversarios, *empunhando* o camartello e o alvião, *para igualarem* com o solo a magnifica edificação que levantou" (Lat. Coelho).

Nos casos como o que é objecto da censura, pode-se usar de uma ou outra forma infinitiva; ou diremos: "*não constituem* direito autoral, *para gozarem* de garantia, os escriptos prohibidos por lei", ou: *não constituem* direito autoral, *para gozar* de garantia, os escriptos prohibidos por lei".

Ás vezes figura a forma infinitiva como complemento de um nome, ou como sujeito de alguma oração, e então se emprega uma ou outra forma do infinitivo, a pessoal ou a impessoal: aquella, se, predominando no espirito a ideia de pessoa, se tiver em mira tornal-a manifesta na linguagem; esta, nos casos contrarios. Assim é que se

(*) Na 2.ª ed. omittui-se o ponto e virgula neste lugar.

diz: "o desejo de o *verem* em casa não lhes cabia nos peitos", e: "o desejo de *ser* felizes leva os homens a muitos desatinos"; "o *passear* em manhã fresca e serena nos é muito deleitoso"; e: "o *passearmos* todas as manhãs naquelle arrabalde nos era habitual". (175).

Disse bem Fr. Luiz de Souza:

"Significar-lhe cada um... co'os olhos e semblante o contentamento de o *terem* comsigo".

(*Vida do Arcep.* Liv. 3.º Cap. 1.º Pg. 112).

"O gosto de o *verem* em casa não cabia nos peitos".

(Id. Ibid.)

Ainda não sendo o infinitivo complemento determinativo de um substantivo, mas complemento indirecto da forma regente, que vem antes, se é intuito tornar relevada e patente a ideia do accessorio de pessoa, é frequente entre os bons escriptores o emprego da forma infinitiva pessoal, bem que não seja de rigor.

Estas duas ultimas regras que se podem fundir, reduzindo-se a uma só, pela razão de depender a preferencia de uma ou outra forma da intenção de dar ou não relevo ao accessorio de pessoa, tornando-se a phrase mais determinada e mais energica, foram, como já mostramos, omittidas pelo Dr. Ruy, quando se referio ás regras de nossos *Serões*, com as quaes se lhes afigurava pôr-nos em opposição.

Pondo o sello ás suas ponderações, contidas em o numero 197, a subitas, prorompe, como já vimos, o Dr. Ruy Barbosa na seguinte interrogação:

"Porque não queimou, ou abjurou o mestre as suas grammaticas, antes de se lançar a este debate?"

Acudamos presto com a resposta:

Não queimamos, não abjuramos os nossos trabalhos grammaticaes, porque o celebrado autor do *Papa e o Concilio*, antes de ferir o debate sobre a proclise e a enclise pronominal, não atirou ás chammas nem abjurou esse trabalho seo, onde, como a ponto demonstraremos, mais de duzentos erros ha na collocação pronominal, a que o mesmo autor da *Replica* não fôra hoje capaz de subscrever; não queimamos, não abjuramos os nossos trabalhos grammaticaes, porque o autor das elegantes *Cartas de Inglaterra*, antes de decididamente repellir o termo *honorabilidade*, que diz refugado por todos os escriptores portuguezes e brasileiros de nota, censurando-o como uma francezia de que usou

(175) Vide *Serões*. Pag. 280.

o *Projecto*, a que tão duramente dá de rosto, não arremessou ao fogo nem repudiou esse precioso trabalho de sua lavra, onde duas vezes, pelo menos, recorre ao vocabulo refugado.

* * *

Respondamos agora ás censuras articuladas pelo Dr. Ruy em o numero 198 de sua *Replica*, ainda com referencia ás regras de que fallamos nos *Serões Grammaticaes*, quando estudamos a concordancia do verbo tendo por sujeito a expressão *cada, cada um*.

Para se aquilatar devidamente a injustiça da censura, transcrevamos o que em nossos *Serões* escrevemos sobre essa concordancia:

"Se depois de um sujeito multiplo vier um vocabulo, como os nomes *tudo, nada, ninguem* ou outra expressão analoga, que em si resuma a ideia que exprime cada um dos outros sujeitos, concordará o verbo com essa palavra, que recapitula as outras:

"O ouro, os diamantes e as perolas, tudo é terra e da terra" (Vieira).

"As cidades, os campos, os valles, os montes, tudo era mar" (Idem).

"Jogos, conversações, espectaculos, nada o tirava de seo retiro".

"Corre o mesmo, quando a ultima parte do sujeito multiplo é a expressão *cada, cada um*:

"As plantas, rios, flores, prados, fontes,
Cada um com lingoa muda ao sol *fallava*".
(G. Pereira).

"Não é, porém, raro que a lição dos classicos nos depare exemplos em que se faz a concordancia levando o verbo ao plural:

"Aonde *cada reino, cada cidade, e* (*) *cada casa* continuamente *mudam* a scena". (Vieira).

"Com o adjectivo *quisque* (*cada, cada um*) usavam os Latinos das mesma syntaxe, já empregando um numero, já outro:

"Oscula *quisque* suae matri properata tulerunt" (T. Liv.). "Quo *quisque est* sollertior, hoc *docet* laboriosius". (Cic.). "Ea tempestate *coepere* se *quisque* extollere magisque ingenium in promptu habere". (Sall.)". (176).

Do que dizemos, com respeito á concordancia do verbo com as palavras *cada, cada um*, ninguem inferirá que firmamos a regra que,

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se o "e".
(176) Vide *Serões*. Pg. 261, 262.

em taes circumstancias, o verbo *é obrigado ao singular*. Entretanto é o que affirma o Dr. Ruy em sua *Replica*, dizendo:

"Com a expressão *cada* usaram classicos, entre os quaes Vieira, do verbo no plural: "Aonde *cada* reino, *cada* cidade e *cada* casa continuamente *mudam* a scena". "Citando, comtudo, elle proprio, esse exemplo, firma o Dr. Carneiro o dictame de que, em taes casos, o verbo *é obrigado ao singular*". (*Serões*. Pg. 261) (177)

Julgue-se agora, comparando-se o que se lê no texto com a affirmação do Dr. Ruy, se a justiça presidio á censura.

Tratando-se da palavra *cada, cada um*, o que é de regra, o que conforma com a logica é levar ao singular o verbo, que tem por sujeito uma dessas expressões; ha exemplos do plural, é verdade, mas não se consideram senão como excepções. Em uma grammatica, não estaria de accordo com a verdade o que doutrinasse que, sempre que *cada, cada um*, figurassem de sujeito de uma sentença, o verbo se poria indifferentemente no singular ou plural.

Não se diz: "*cada um vieram* acompanhados de seo advogado", mas: "*cada um veio...*"; *cada um se retiraram* depois do espectaculo", mas: "*cada um se retirou.....*"; "*cada um foram* para sua casa", mas: "*cada um foi* para sua casa"; *cada um sabem* as linhas com que se cose", mas: *cada um sabe* as linhas com que se cose".

Em todos os casos, em que, com a expressão *cada, cada um*, se emprega o plural, se poderia igualmente usar o singular; mas nem sempre, na sentença, em que se usa este ultimo numero, a substituição pelo plural teria cabida em portuguez.

Apresentemos agora exemplos em que, fazendo a expressão *cada, cada um* de sujeito, se põe o verbo no singular, que é o mais commum, ou no plural, sendo até frequente entre os nossos escriptores, havendo num periodo ou phrase mais de uma oração, fazer com o primeiro verbo a concordancia grammatical, pondo-o no singular; e com o segundo, a concordancia sylleptica ou logica, levando-o ao plural:

"Onde *se assentaram cada um* em sua cadeira de espaldas".
(D. de Goes. *Chron. de D. Manoel*. Part. 2.ª Cap. 7.º Pg. 318).

"Mandou aos mestres da frota, que *cada um* em seo batel *armados* (*) lhe *fossem* metter aquella náo á toa dentro no porto".
(Id. Ibid. Part. 1.ª Cap. 59. Pg. 153).

"A *cada um* dos livres que *entra*, se põe na taboa do braço direito uma chapa....."
(Fern. M. Pinto. Vide *Livr. Classica*. T. 1.º Pg. 206).

---

(177) *Replica*, § cit.
(*) Na 2.ª ed. lemos "armado".

"A *cada um* dos que *chega* lhe põem logo aquelle signal".
(Id. Ibid.).

"E *cada uma tem* seo chumbim, e vinte homens de guarda".
(Id. Ibid. Pg. 207).

"Assim praticando *cada um* no que mais naquella hora lhe apresentava a phantasia ou a memoria, *chegaram* á vista da gran cidade de Londres".
(Moraes. *Palmeirim.* Part. 2.ª Cap. 43. Pg. 294).

"As damas houveram tamanho medo, que *cada uma lançou* mão de quem mais perto *achou*".
(Id. Ibid. Cap. 47. Pg. 316).

"Accordou el-rei com aquelles senhores, que *cada um se fosse* para onde *quizesse*, para melhor *se poderem* guardar".
(Lião. *Chron. d'el-rei D. Duarte.* Cap. 19. Pg. 75).

"Que *cada um salvasse* as vidas, por onde melhor *podessem*".
(Id. *Chron. d'el-rei D. João o* 1.º Pg. 442).

"Pedindo a todos com poucas palavras, que *fiasse cada um* de si naquelle feito".
(Souza. *Annaes.* Pg. 153).

"Logo *apontava cada um* as que *sabia*, ou os casos e exemplos de que *tinha* noticia, e assim *temperavam* o sentimento que em todos causava sua falta, e *accendiam e avivavam* (*) a devoção que lhe *tinham*".
(Id. *Vida do Arceb.* Liv. 5.º Cap. 10. Pg. 216).

"*Levadas cada uma* de mão por um anjo. Detraz seguiam dois feios monstros do inferno *carregado cada um* com uma temerosa machina".
(Id. Ibid. Liv. 6.º Cap. 10. Pg. 263).

"*Começou cada um* com cuidado a fazer gente".
(Id. *Hist. de S. Domingos.* T. 4.º Liv. 4.º Pg. 354).

"Muito tristes todos com tal noticia, *começou cada um* a perguntar".
(Vieira. *Serm.* T. 1.º Pg. 162).

"A intenção recta dos principios não é esta, senão que *cada um diga* livremente o que *entende*, e *aconselhem* o que mais importa".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 199).

"*Faça* agora *cada um* as suas contas".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 369).

"*Somme cada um* quantos peccados tem no livro das dividas".
(Id. Ibid.).

(*) Na 2.ª ed. lemos "avivaram".

"Depois que *cada um* delles *lhe fez* a sua offerta".
(Id. Ibid. T. 13. Pg. 235).

"*Tratou cada um* de sua parte de se pôr bem com Deos".
(*Arte de Furtar*. Pg. 391).

"*Cada um* destes pelejadores no campo do espirito, *deitado* entre seos talvez desconhecidos camaradas, *parece* ora estar contando (*) suas proprias fadigas, victorias e serviços, ora dar ouvidos a iguaes narrativas dos que ao lado lhe poisam.
(A. de Cast. *Camões*. T. 2.º Pg. 141).

"Sabichões, que talvez por seos talentos raros,
valha mais *cada um* que trinta mil ignaros".
(Id. *As Sabichonas*. Pg. 180).

"*Cada* decada, *cada* anno, *cada* dia, *estam* mostrando mais claramente o absurdo de se conservarem terrenos, muitas vezes de primeira ordem, incultos ou mal cultivados".
(A. Herc. *Opusc. Os Vinculos*. Pg. 31).

"*Cada* fenda, *cada* pedra
De negro musgo coberta,
Chora em fio, transformada
Em fonte perenne e aberta".
(Mendes Leal. *Canticos*. Pg. 311).

"*Cada* provincia, *cada* comarca, *cada* villa, *cada* povo, *se aprestava* para o terrivel despertar dos opprimidos".
(Lat. Coelho. *Elog. Acad*. T. 1.º Pg. 36).

"*Cada* um dos elementos contendores, povo e rei, *estava representando* forçosamente o papel, que logicamente lhe cabia e ajustava".
(Id. *Hist. Pol. e Milit. de Port*. T. 2.º Pg. 208).

"O papel, que naquella scena tormentosa *estava desempenhando cada um* dos terriveis contendores".
(Id. Ibid. Pg. 285).

"*Cada* individualidade, *cada* peripecia, *cada* movimento, *destaca-se* caracteristicamente na sua realidade e na sua côr".
(Ruy Barbosa. *Cartas de Ing*. Pg. 217).

* * *

Em nossos *Serões Grammaticaes*, a paginas 290 e 291, referindo-nos áquella especie de euphemismo que nos leva a empregar muitas vezes, na concordancia, o pronome *nós* por *eu*, dizendo: "*fazemos*

(*) Na 2.ª ed., por lapso do revisor, lemos "cantando".

estas considerações", em vez de "*faço* estas considerações", "*offerecemos* este trabalho ao publico" em vez de "*offereço*.....", escrevemos em seguida o seguinte:

"O que é mais para notar, nessas sortes de concordancias, e que julgamos não se deve imitar, é a mistura das duas formas pronominaes, *eu* e *nós*, na mesma phrase ou periodo, para indicar uma só e mesma pessoa.

"Isto não obstante, depara-nos a lição de escriptores de boa nomeada exemplos dessa syntaxe. Taes são as passagens seguintes, colhidas em dois escriptores tidos como modelos do bom fallar:

"*Entramos* na terceira parte deste nosso trabalho; e ainda que não é pequeno o que temos por passar, *confesso*..."

(Souza. *Hist. de S. Domingos*. Vol. 4.º Liv. 1.º Cap. 1.º Pg. 17).

"*Nós* é que não *sei* se o *fazemos*".

(Alex. Herc. *Opusc*. T. 2.º Pg. 88). (178)

De syntaxe analoga usou Sallustio na passagem seguinte:

"Memorare *possem* quibus in locis maximas hostium copias populus Romanus parva manu fuderit, quas urbes natura munitas pugnando ceperit, ni ea res longius *nos* ab incepto traheret";

onde o escriptor romano, fallando de si, emprega o verbo *possem* na primeira pessoa do singular, usando pouco depois, no mesmo periodo, da variação pronominal *nos* com referencia a si mesmo, em vez de *me*".

A este trecho nosso julgou tambem o Dr. Ruy pôr-lhe pecha, commentando-o nos termos seguintes:

"O emprego promiscuo das duas formas pronominaes, *eu* e *nós*, no mesmo periodo, ou na mesma phrase, indicando uma só pessoa, declara o Dr. Carneiro que "*se não deve imitar*". Mas imitar de quem? Justamente de classicos do tope de Souza e Herculano, que elle mesmo nomeia e refuga (*Serões*. Pg. 291)." (179).

Nem todos os modos de dizer dos classicos, só por serem dos classicos, por elevada que seja sua autoridade, devemos ás cegas imitar. Classico foi Barros, e subscrevemos hoje, sem discrepancia, a todas

(178) Semelhantemente disse Souza, noutro lugar: "Este ultimo acontecimento *lançamos* aqui, inda que *sei* pertencia ao anno seguinte" (*Annaes*. Pg. 108), e Vieira: "Sem *nos apartarmos* da historia de José, *mostrarei*..." (*Serm*. T. 6.º Pg. 301).

(179) *Replica*. loc. cit.

as construcções, a todas as maneiras de compor a phrase, que lhe eram habituaes e tão ao gosto ao grande autor das *Decadas*?

Classicos foram Vieira, Filinto, e não são deitadas hoje á margem e proscriptas do bom fallar certas maneiras de tecer o discurso a que frequentemente recorriam?

A syntaxe do segundo destes escriptores, com respeito a certas construcções do vocabulo *cujo*, terá cabida hoje em dia em nossa lingoa?

Vieira tambem nos offerece o seguinte excerpto, em que o emprego promiscuo das duas formas, *eu* e *nós*, torna o discurso empeçado e confuso:

"Eu a fiz muitas vezes depois do sucesso, e a tinha tambem feito antes dele, porque como menos *animosos*, *temia* o que *nos* podia succeder, e não *esperava* tão singulares misericordias, quando com tão repetidos excessos de ingratidão *provocamos* a divina justiça".

(*Cartas*. T. 1.º Pg. 176).

"*A mistura* de NÓS e EU", diz F. A. Barata, "*é uma coisa pouco racional*". (180). E mais ao diante, logo á pagina immediata:

"Mas reprovamos a mistura do singular com o plural, quando este não tiver referencia evidente a um sujeito collectivo".

A mistura dessas duas formas pronominaes no mesmo periodo ou na mesma phrase, com referencia á mesma pessôa, como no exemplo de Vieira, que acabamos de citar, traz, em verdade, ao contexto certa obscuridade, que flagrantemente contrasta com a clareza, que é a primeira qualidade a que deve aspirar o que escreve.

"As lingoas, quanto mais claras, tanto mais se approximam do typo de perfeição a que todas tendem insciente e instinctivamente, reproduzindo á justa esse consorcio intimo entre a linguagem e o pensamento.

"Instrumentos de analyse, como as denominou Condillac, debuxando o pensamento em todos os seos traços e feições, manifestando-o em todas as suas multiplas e variadas evoluções, incessante e progressivamente caminhando da synthese para a analyse, vão as lingoas, por sua essencia mesma, favorecendo cada vez mais a maior das aspirações do espirito nas sciencias, a saber, essa clareza, essa luz, que deve ser inseparavel de todas as manifestações do proprio pensamen-

(180) *Est. da Ling. Port.* Pg. 61.

to. O embaraçoso, o ambiguo, o obscuro, portanto, deve-o repellir a sciencia da linguagem". (181).

* * *

Após as reflexões sobre as formas pronominaes, *eu* e *nós*, empregadas promiscuamente para significar a mesma pessoa, censurando o que dissemos nos *Serões* sobre o uso do subjunctivo depois de certas locuções conjunctivas, escreve o seguinte o Dr. Ruy no mesmo n. 198:

"Sabe de sciencia certa o Dr. Carneiro que, "com as locuções *ainda que, posto que,* se acha tambem pelos classicos empregado o *indicativo* na oração subordinada". (*Serões*. Pg. 273).

"Não obstante, formula peremptoriamente a regra, arbitraria e injustificavel ante o uso vernaculo antigo e moderno, de que as conjuncções *posto que* e *ainda que* levam o verbo, na oração subordinada, ao *subjunctivo*". (Ibid. Pg. 272).

Eis o que escrevemos nos nossos *Serões Grammaticaes*:

"Depois das conjuncções e formulas conjunctivas — *embora, ainda que, bem que, quer, com tanto que, antes que, a menos que, sem que, afim de que, até que, por mais que, como se, a não ser que, caso que, posto que, supposto que, como quer que,* emprega-se o subjunctivo na oração subordinada: "Embora *venha*, não irei com elle"; "sempre o vejo na rua, quer *chova* quer faça sol", "partamos antes que a noite *caia*".

"Com as locuções: *ainda que, posto que* acha-se tambem nos classicos empregado o indicativo na oração subordinada" (182).

Ora, se, immediatamente depois de formular a regra relativa ao emprego do modo subjunctivo após aquellas locuções conjunctivas, lhe opponho uma restricção com a seguinte phrase: "*com as locuções* AINDA QUE, POSTO QUE acha-se tambem nos classicos empregado o indicativo na oração subordinada", não é interpretar mal o meo pensamento dizer que formulo *peremptoriamente* a regra, arbitraria e injustificavel ante o uso moderno, de que as conjuncções *posto que* e *ainda que* levam o verbo, na oração subordinada, ao subjunctivo?

Onde, na regra formulada, a que immediatamente accrescentei aquella restricção, referente ás duas locuções conjunctivas *posto que*

(181) Carneiro Ribeiro. *Gramm. Phil.* Pg. 179.

(182) — *Serões Gramm.* Pgs. 274 e 275.

e *ainda que*, se poderá entrever, sequer, aquelle caracter peremptorio, que affirma o Dr. Ruy em sua *Replica* haver eu dado ao mesmo dictame grammatical, escripto nos *Serões*?

Não; como está formulada a regra nesse meo trabalho, ninguem lhe dará esse caracter decisivo, irrefragavel, peremptorio, de que a não revesti, e que, sem razão, lhe attribue o illustrado escriptor.

* * *

Cae tambem sob a censura do Dr. Ruy Barbosa, no mesmo numero 193 de sua *Replica*, o que expendemos em nossos *Serões* relativamente ao vocabulo *meio*.

É assim que nos exprimimos sobre este elemento grammatical:

"O adjectivo *meio*, quando modifica outro adjectivo, considera-se adverbio, e, como tal, é invariavel; quando, porém, modifica um substantivo, é adjectivo, e então varia para se accommodar ao numero e genero do substantivo: "Troncos *meio* seccos", "casas *meio* derribas", "labios *meio* abertos", "porta *meio* fechada", "*meias* lingoas", "*meias* portas".

"Os nossos melhores escriptores, todavia, nem sempre observam bem esta regra, variando o vocabulo *meio* em casos em que, como adverbio, devia elle ficar invariavel; o que se vê nos exemplos seguintes:

"Iam cançados da briga e *meios* mortos de medo". (Luc.).

"E *meios* alagados nos foram os mares rolando". (Idem).

"*Meios* enterrados nas lapas e cavas das feras". (Id.).

"*Meios* comidos dos bichos". (Id.).

"Edificios *meios* cobertos de areia". (Barros).

"Carnes *meias* devoradas pelos cães". (A. Herc.).

"Habitações *meias* enterradas em parte". (Rebello da Silva).

"Espada *meia* desembainhada". (Camões). (183).

Não sabemos que de censuravel encontrou o Dr. Ruy, no que affirmamos sobre esse elemento grammatical.

A palavra *meio*, quando modifica um adjectivo, é ou não um adverbio? E sendo adverbio, não deve, em taes casos, ser invariavel?

O vocabulo *meio* nas expressões: *meia* canada, *meia* pipa, *meia* quartola, *meia* porta, *meia* janella, *meia* lingoa, será o que é nas expressões: "linguagem *meio* cerrada", "porta *meio* fechada, *meio* aberta", "lingoa *meio* fendida", "edificios *meio* soterrados", "flor *meio* desabrochada"?

---

(183) — *Serões Gramm.* Pg. 256, 257.

Em que falha, pois, a ponderação que sobre o assumpto fazemos, na pagina 256 dos nossos *Serões Grammaticaes?*

Que importa que os classicos variem muitas vezes, em taes casos, o vocabulo *meio*, quando não é adjectivo, senão adverbio, variando somente graças á euphonia?

Ha um trecho no Padre Antonio Vieira em que bem patente se nos mostra a differença deste vocabulo, já usado como adjectivo, já exercendo a funcção de adverbio, e conseguintemente invariavel. Eil-o:

"Eram lingoas partidas, não só porque eram muitas lingoas, senão porque eram lingoas e *meias* lingoas... *Meias* lingoas, porque eram *meio* europeas e *meio* indianas; *meias* lingoas, porque eram *meio* politicas e *meio* barbaras; *meias* lingoas, porque eram *meio* portuguezas e *meio* de todas as outras nações, que as pronunciavam, ou mastigavam a seo modo".

(*Serm.* T. 13. Pg. 136).

O escriptor portuguez na mencionada passagem só variou o *meio*, quando adjectivo — *meias* lingoas —, tornando-o invariavel, quando adverbio, modificando os adjectivos *europeas, indianas, politicas, barbaras, portuguezas,* nas expressões: *meio europeas, meio indianas, meio politicas, meio barbaras, meio portuguezas.*

Encontram-se exemplos, já de accordo com a regra a que damos preferencia, o que mais diz com a analogia, já oppostos a ella. Taes os seguintes:

"Tomou quasi *meios* (*) *mortos* de fome".

(D. de Goes. *Chron. d'el-rei D. Manoel.* Part. 2.ª Cap. 3.º Pg. 306).

"Já em tanto aperto, que não tinham que comer, mais que a carne dos cavallos *meia crua*, por não terem lenha, com que a assar".

(Lião. *Chron. d'el rei D. Duarte.* Cap. 14. Pg 55).

"E batendo nos peitos com aquellas mãos *meio mortas*".

(Souza. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 3.º Liv. 5.º Cap. 10. Pg. 418).

"Iam já *meio alagadas*".

(Id. Ibid. Vol. 1.º Liv. 3.º Cap. 26. Pg. 397).

"Já estivera *meia comida* da terra".

(Id. Ibid. Vol. 4.º Liv. 6.º Cap. 5.º Pg. 468).

"Não poderia durar em (**) uma casa já *meio assolada*".

(Id. Ibid. Vol. 3.º Liv. 2.º Cap. 14. Pg. 163).

(*) Na 2.ª ed. lemos — "meio mortos", por engano do revisor.

(**) Na 2.ª ed. lemos — "durar uma" e não "durar *em* uma".

"*Meio mortos* do grande trabalho que tinham padecido".
(Id. *Annaes*. Pg. 255).

"Olhos *meio abertos*".
(Vieira. *Serm.* T. 3.º Pg. 290.

"A de Coriolano (a traducção), que está *meia alinhavada*".
(Filinto. *Obras*. T. 11. Pg. 104).

"De que apenas hoje restam fracos e *meio—apagados* vestigios".
(D. F. de S. Luiz. *Mem. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa*. T. 12. Pg. 7).

"Joanninha *meio recostada, meio deitada* dormia profundamente".
(Garrett. *Viag. na Minha Terra*. T. 1.º Pg. 203).

"Com os olhos ainda *meio fechados*".
(Id. Ibid. Pg. 210).

"*Meio despiedadas, meio compassivas*".
(A. de Cast. *Mil e Um Myst.* Pg. 268).

"Uma formosa *meio cahida e recostada*".
(Id. *Fastos*. T. 3.º Pg. 548).

"E algumas destas inscripções eram antigas e *meio gastadas*".
(A. Herc. *Opusc.* T. 1.º Pg. 100).

"Carnes *meio devoradas* pelos cães".
(Id. *Lendas e Narrat.* T. 1.º Pg. 175).

"*Meio-arrancados* dos cinctos".
(Id. *O Bôbo*. Pg. 89).

"Reluziam já *meio-arrancados*".
(Id. Ibid. Pg. 91).

"Olhos mortaes e *meio-cerrados*".
(Id. Ibid. Pg. 257).

"Rojando as cadeias *meio despedaçadas* da sua longa e miseravel servidão".
(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 2.º Pg. 133).

"Attitude *meio reservada, meio hostil* da Austria, da Prussia, da Hespanha, da Suecia, do Piemonte".
(Id. Ibid. Pg. 242).

"Naquella idade *meio*-barbara".
(Id. *Var. Illust. Luiz de Camões*. Pg. 18).

"Doença *meio*-sentimental e *meio*-erotica".
(Id. Ibid. Pg. 114).

"Idades *meio*-crentes e *meio*-barbaras".
(Id. Ibid. Pg. 132).

"A lenda *meio*-mythologica, *meio*-historica".
(Id. Ibid. *Vasco da Gama*. Pg. 236).

"*Meio* gentia, *meio* colonial".
(Id. Ibid. *Luiz Camões*. Pg. 184).

"Estrophes *meio* zombeteiras, *meio* graves".
(Id. Ibid. Pg. 203).

"*Meio*-joviaes, *meio*-sentidos versos".
(Id. Ibid. Pg. 247).

"*Meio*-graciosa, *meio*-barbara".
(Id. Ibid. Pg. 262).

"Phantasia *meio* pagã".
(Id. Ibid. Pg. 307).

Tratando do adjectivo *meio*, deste modo se enuncia Silva Tullio, em seos *Estudinhos da Lingoa Patria*: (184).

"Erram muitos escriptores contemporaneos empregando o adjectivo *meio*, sem lhe darem a construcção adverbial que lhe compete em muitas phrases, taes como: casa *meio* feita, pessoa *meio* morta, porta *meio* aberta".

E mais ao diante:

"A regra é esta: os adjectivos tomados como adverbios são invariaveis, conservando sempre a terminação masculina".

Analysando Castilho José os defeitos da linguagem de João de Lucena, entre as locuções que julga incorrectas, enumera as seguintes:

"Convez cheio de corpos *meios mortos*"; "*meios enterrados* nas lapas"; "expiravam *meios comidos*"; "*meios escandalizados*"; "*meios comidos* dos bichos".

dizendo com referencia a estas locuções:

"Achamos incorrecto este dizer. Aqui o *meio* toma a forma adverbial, como ellipsando-lhe a preposição *por* ou *a* (*a* (*) *meio* mortos, *a meio* enterrados, etc.). Assim o seguiram o padre Antonio Vieira, e Fr. Luiz de Souza, Bernardes, etc.; e parece este o uso que melhor se conforma com a analogia". (185)

---

(184) — Pg. 19.
(*) Na 2.ª ed. elidiu-se a preposição "a".
(185) — Vide *Livr. Classica*. Lucena. T. 2.º Pg. 217.

"Os nossos classicos", diz Moraes, em seo diccionario, "usam do substantivo *meio* adverbialmente: v. g. lingoas *meio* europeas, *meio* indianas. Vieira, 10. 165. *H. Dom.* 1. p. 118. 1. (*) "porta *meio* aberta" e (**) 2. 5. 10. mãos *meio* mortas", "*meio* mortos". *Eneid.* 2. 130, e "*meio* derribada". P. P. 2. f. 63 v. Outros dizem, com o adj., "as casas *meias* queimadas", "de Caco *meio* homem, *meio* fera, *Elucid.* 8, 46. "casas *meio* derribadas". Couto, 5. 2. 3. Este é o uso de Souza e Vieira: "lingoas *meio* barbaras", e é mais conforme á analogia da lingoa". (186).

"Quando dizemos: v. g.: "Corpos *meios* ardidos" (*Seg. Cerco de Diu,* Canto 6. e 16; "a Providencia *todo-poderosa*" (Vieira. 7. f. 490); "parede *meio* derribada" (Pinto Pereira, L. 2. f. 63 v.); *meio* está sem a preposição *por: todo* por *de todo;* sc. modo, ponto". (187)

Depois de reunir alguns exemplos do vocabulo *meio* variavel, bem que adverbialmente empregado, pondera o Dr. Ruy:

"Esta syntaxe praticavam os primeiros classicos portuguezes. E desse facto da linguagem não faz conta o professor Carneiro, cuja regra adverbializa o adjectivo *meio,* quando anteposto a outros adjectivos". (188)

Não é exacto dizer o Dr. Ruy que não faço conta dos exemplos de classicos notaveis, que fazem variavel o vocabulo *meio,* em expressões como as seguintes: "*meia paga*" (R. da Silva), "*meia* eclipsada" (Id.). "*meios* mortos" (Camões), "*meias* calvas" (A. Herc.), "*meia* crua" (D. Nunes), "*meios* podres (Bernardes), "*meia* quebrada" (A. Herc.), "*meia* aberta" (Castilho).

E' tão verdade, ao contrario, que não deito á margem os exemplos dos classicos, que em nossos *Serões* apresentamos oito phrases contrarias á regra que adoptamos, e a que nos atemos.

Já, em nossa *Grammatica Philosophica,* registando esses exemplos, os haviamos apontado, escrevendo o seguinte:

"Encontram-se, todavia, os seguintes exemplos nos nossos melhores escriptores antigos e modernos..." E assim reflectiamos: "Sendo o vocabulo *meio* em taes exemplos um adverbio, parece-nos mais razoavel escrevel-o invariavel, conforme preceitúa a maioria dos bons grammaticos, de accordo igualmente com muitos classicos e escriptores de boa nota". (189)

(*) Na 2.ª ed. elidiu-se o n.º 1.
(**) Na 2.ª ed. lemos — "porta *meio* aberta" 2. 5.".
(186) — Moraes. *Dicc.* no vocabulo *meio.*
(187) — Moraes. *Gramm.* Cap. VI. Vid. *Dicc.* Vol. 1.º
(188) — Vide *Replica.* § cit.
(189) — *Gramm. Phil.* Pg. 211.

Não sou eu só quem adverbializa o vocabulo *meio* collocado antes de um adjectivo e modificando-o: commigo pensam muitos grammaticos.

Que importa que se encontre em escriptores de renome a palavra *meio* variando de forma, quando, em ultima analyse, nada mais é, em taes casos, que um adverbio, que modifica o adjectivo, a que se ajuncta?

Mudou illogicamente de forma, é certo, mas não mudou de funcção; é um adverbio ou, segundo a phraseologia de Harris, um attributo de attributo, que assim este grammatico appellida o adverbio.

Nem menos explicito que Moraes, José de Castilho e Silva Tullio, nem menos rigoroso do que eu, foi, com relação a este ponto de grammatica, o esclarecido philologo Candido de Figueiredo, que assim escreve em suas *Lições Praticas da Lingoa Portugueza*, tachando de incorrecta a seguinte locução de uma folha portugueza: "gente *meia* disposta a pensar":

"Gente *meia* disposta... não é cá de casa. É como quem diz: *as calças meias cosidas, os livros meios lidos, as ruas meias limpas*. Mas, quem assim diz, diz mal, embora, contra esta affirmativa, se possam citar exemplos insulados de um ou outro escriptor de fama.

"A coisa é assim; *gente meio disposta, calças meio cosidas, livros meio lidos, ruas meio limpas*.

"Quem conhece um pouco a linguagem, (*) sabe que, neste caso, *meio* não é adjectivo, mas sim uma forma adverbial, invariavel, como a palavra *demasiado* em certos casos: *caminhos demasiado longos; mulher demasiado leviana*, etc. (190).

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se a virgula, neste lugar.

(190) — Vide *Liç. Prat. da Ling. Port.* Pg. 30 e 31.

XXXIII

CONCORDANCIA VERBAL

Era esta a syntaxe em que no *Projecto do Codigo* estava redigido o art. 337:

"São parentes em linha collateral, até o decimo gráo, as pessoas que procedem de um tronco commum, sem que descenda uma da outra".

Não é correcto este dizer, segundo opina o Dr. Ruy, que assim pondera:

"Sem que descenda". Não pode ser *descenda,* no singular, quando o sujeito é *pessoas,* no plural. Este erro vem desde o *Projecto* primitivo (art. 388), (*) manteve-se no da commissão dos vinte e um (art. 338), e varou as differentes edições do *Diario Official,* até se consolidar aqui, no *Projecto* da camara dos deputados.

"Quanto pode um descuido!" (191)

Entretanto não está a verdade do lado do Dr. Ruy: nenhum descuido houve na redacção do *Projecto;* a phrase é correcta e não lhe falta o cunho vernaculo, como testemunham os exemplos de escriptores de fama que a abonam.

Se não é erronea a emenda com que o illustre contradictor substitue a phrase do *Projecto,* ha erro em julgal-a incorrecta, por ser isso um juizo falso que se reputa verdadeiro; e ter por verdadeiro um juizo falso, é justamente o que se chama *errar.*

O Dr. Ruy julga falsamente, quando tacha de erro a phrase do *Projecto.*

(*) No Parecer, loc. cit., lemos: — "Este erro vem do projecto primitivo (art. 388), manteve-se no da commissão dos *cinco* (art. 413), *vingou no da commissão* dos vinte e um (art. 388)", etc. — Como vemos omittiram-se na transcripção as palavras que griphamos.

(191) — Vide *Parecer* do Senador Ruy Barbosa — nota ao art. 337.

Na mencionada phrase tão correcto é dizer, empregando o plural: "sem que *descendam* uma da outra", como, empregando o singular: "sem que *descenda* uma da outra".

Alexandre Herculano fornece-nos exemplos das duas syntaxes, usando da primeira concordancia no seguinte lugar:

"Não podia ser duvidoso o resultado: "*eram* um contra cem" (192) (syntaxe analoga á que alvitra o douto critico); dizendo noutro lugar: "As sociedades caracterizavam-se por dois sentimentos capitaes: *era* um a crença viva... *era* o outro o amor da guerra" (193) (analoga á do *Projecto*).

O Dr. Ruy Barbosa, em sua *Replica* (§ 46, n. 202), mostra-se mais moderado no juizo que faz em relação á phrase do *Projecto*, e diz:

"A mim bastar-me-ha mostrar, com a pratica dos melhores mestres, que não corrigi errado".

Sim; o Dr. Ruy não corrigio errado; mas errou, em julgando erronea uma syntaxe que o não é.

Dos doze exemplos que o preclaro censor apresenta, para justificar o emprego do plural na phrase do *Projecto*, em que se lhe afigurou erroneo o uso do singular, dois nenhuma applicação têm ao caso que se debate. São os seguintes:

"E ambos *se hão* de converter um em outro".
(João de Barros: *Dial. da Vic. Vergonha.* Pg. 246).

"Maiores *são* as estrellas *cada uma* só por si que toda a terra juncta".
(Vieira: *Ineditas*, v. II. Pg. 146).

Nestes exemplos de Barros e de Vieira não seria possivel o emprego do numero singular.

Ninguem diria em portuguez limpo: "E ambos *se ha* de converter um em outro".

"Maiores *é* as estrellas *cada uma* só por si que toda a terra juncta".

Ha evidentemente no primeiro exemplo a ellipse da locução *se ha de converter* depois do vocabulo *um*: e depois da expressão *cada uma* do segundo exemplo, a ellipse do verbo *é;* ficando a phrase grammaticalmente assim construida: "Ambos se hão de converter, cada um *se ha de converter* em outro"; "maiores são as estrellas, cada uma *é* só por si maior que toda a terra".

---

(192) — *Hist. de Port.* T. 2. Pg. 194.
(193) — Ibid. Pg. 299.

Aos dez exemplos restantes, citados pelo insigne Dr. Ruy, contrapomos os exemplos em numero maior, que atraz deixamos referidos, a proposito das expressões *cada, cada um.*

O que de tudo isto se apura é que em construcções como a de que usou o *Projecto,* no art. 337, tão portugueza é a phrase em que se emprega o verbo no singular, quanto a em que se leva o verbo ao plural, fazendo-se a concordancia com uma palavra deste numero, o que bem exemplificado ficou nos dois exemplos de A. Herculano, acima mencionados, onde se observam as duas syntaxes.

XXXIV

Tem os mesmos direitos E com as mesmas garantias.

A sua emenda ao art. 663 do *Projecto* deo o Dr. Ruy a seguinte redacção:

"Aquelle, que, com autorização do compositor de uma obra musical, sobre os seos motivos escrever combinações, ou variações, tem, a respeito destas, os mesmos direitos, e com as mesmas garantias, que sobre aquella o seo autor".

Em nossas *Ligeiras Observações* (Pg. 55-56), reputamos defeituosa a syntaxe desta emenda, e deste modo nos enunciamos, analysando-a:

"*Tem os mesmos direitos e com as mesmas garantias*". E' syntaxe viciosa. Diga-se: *tem os mesmos direitos e as mesmas garantias*, ou: *tem os mesmos direitos com as mesmas garantias*, supprimindo-se a conjuncção *e*. A que vem esta copulativa? A que palavras ou proposições liga? Se liga a primeira sentença á segunda, constituida pelo verbo *tem*, subentendido, ficam as duas proposições reduzidas ao seguinte: *tem os mesmos direitos e tem com as mesmas garantias*, havendo entre ellas falta de nexo; se liga os dois complementos, infringe-se a regra da relação entre dois complementos, que não podem ser ligados pela conjuncção *e*, quando exprimem relações de natureza differente".

O Dr. Ruy imputa a syntaxe increpada a descuido de revisão, e nestes termos se expressa:

"Quizesse elle", (refere-se a mim) "com um tudo — nada, sequer, de equidade, suppôr que tambem contra mim aconteça distrahir-se a revisão, e tanto bastara, para se forrar a essas despesas grammaticaes, reduzindo, pela simples elisão do *e*, aquella redacção a esta; "tem os mesmos direitos, com as mesmas garantias". "Dest'arte é que eu havia escripto". (194)

(194) — *Replica*. § 47 — 203.

Explica o Dr. Ruy essa redação de sua emenda, attribuindo-a á distracção dos revisores da officina.

Isto não obstante, toma a peito perfilhal-a, reputando-a bem autorizada.

Eis os termos com que a defende:

"Sem embargo, não repudio a redacção, que alli se encontra. Está mal feita? Não. Está certissima. Para lhe dar com a regencia, basta lhe figuremos a mais simples das ellipses.

"A *que* será que as *garantias* correspondem? Aos *direitos*. Os direitos referem-se ás garantias, e a ellas pertencem. É o que transparentemente se enxerga na proposição "tem os mesmos direitos, *e* com as mesmas garantias". Entre a conjunctiva e a preposição *com*, está, portanto, subentendido o mesmo vocabulo *direitos*, complemento directo de *tem*, ou um adjectivo demonstrativo, que os represente, (195) dest'arte: "tem os mesmos *direitos*, e *estes direitos* com as mesmas garantias", ou melhor: "tem os mesmos direitos e *estes* com as mesmas garantias.

"Se duvidar ainda o douto professor, edifique-se nestes excerptos, do mais autorizado classicismo". (196)

E aqui cita o Dr. Ruy exemplos de Moraes, Herculano, Castilho e Castello Branco, que dentro em pouco analysaremos.

Se outra coisa me não dera razão á censura que fiz á phrase do Dr. Ruy, tachando-a não de errada, senão de viciosa, bastará o facto de ser por elle mesmo considerada effeito de distracção typographica.

Com effeito, se não está mal feita, se está *certissima*, se a autorizam os *excerptos do mais autorizado classicismo*, porque a refugou, lançando-a á conta de distracção de revisores?

Não estando mal feita a phrase, como affirma o douto censurador, sendo, sobre certissima, abonada pelo mais autorizado classicismo, não é de crer que o Dr. Ruy levantasse mão da phrase classica, se não divisasse nella algum defeito ou vicio.

Disto mesmo é que argui a construcção da phrase, dizendo nas *Ligeiras Observações*: "*é syntaxe viciosa*".

Analysemos os exemplos citados pelo Dr. Ruy, para justificar a phrase: "*tem os mesmos direitos* E *com as mesmas garantias*".

O primeiro exemplo é o de Francisco de Moraes, no *Palmeirim de Inglaterra*.

---

(195) — Não se devia dizer: "*que os represente*", mas: "*que o represente*". O pronome refere-se aqui a *vocabulo* e não a *direitos*. Deve ser erro de revisão.

(196) — *Replica*. § cit.

E' assim redigido esse trecho do *Palmeirim*:

"A rainha de Thracia, como fosse pouco costumada naquellas coisas, algum tanto corrida de ver ante si um tão poderoso principe *e com que* o imperador mostrava tanto contentamento, esteve algum espaço sem lhe responder".

(*Palm.* Part. 2.ª Cap. 131. Pg. 4).

Este exemplo não tem analogia com o "*tem os mesmos direitos e com as mesmas garantias*".

Nesta ultima phrase é de todo superfluo o *e*: eliminado, nada soffre o pensamento na clareza. Entretanto o mesmo não passa com a phrase do *Palmeirim*, em que, suppressa a conjuncção *e*, (*) o *que*, regido da preposição *com*, se poderia entender ligado e referindo-se a *principe*, quando, segundo se colhe do sentido, não era com o principe que o imperador mostrava tanto contentamento, era, sim, com vel-o a elle tão poderoso principe ante a rainha da Thracia.

Na passagem do *Palmeirim* é de necessidade a conjuncção *e*, para clareza do pensamento.

O mesmo, no primeiro trecho do *Eurico* de A. Herculano:

"Debalde o clero hespanhol, incomparavelmente o mais alumiado da Europa naquellas eras tenebrosas *e cuja* influencia nos negocios publicos era maior que a de todas as outras classes junctas, procurou nas severas leis dos concilios... reter a nação que se despenhava".

(A. Herc. *Eurico*. Pg. 5).

Eliminada neste exemplo de A. Herculano a conjuncção *e*, o *cuja* pareceria referir-se a *eras tenebrosas*, expressão que immediatamente o precede, quando a sua referencia se liga ao *clero hespanhol, incomparavelmente o mais alumiado da Europa.*

Nem mais analogia tem a phrase, que arguimos de defeituosa, com os dois seguintes excerptos do *Monge de Cister* e do *Bôbo* do mesmo A. Herculano.

O primeiro é assim construido:

"Ainda, alem disso, um reino mourisco subsistia em Hespanha — Granada — Granada, mãe de valentes soldados *e donde* podia partir o raio que derribasse mais de uma cruz, levantada sobre mesquita convertida em cathedral".

(*O Monge de Cist.* T. 1.º Pg. 71).

"Granada, mãe de valentes soldados, *e donde podia* partir o raio", isto é, *e* (*) *da qual podia partir o raio.*

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a conjuncção "e".

(*) — Na 2.ª ed. supprimiu-se a conjuncção "e".

O outro excerpto é extrahido do *Bôbo*, em que A. Herculano assim escreve:

"A excepção da alvarran ou de menagem, que, macissa e quadrangular, com os seos esguios miradoiros bojando nos dois angulos exteriores, *e erguida* sobre o escuro portal da entrada" (Pg. 18) .

Isto é, "alvarran com os seos esguios miradoiros bojando nos dois angulos... e erguida sobre o escuro portal".

No lanço de A. de Castilho: (197)

"Uma grande camada de futurosos homens, a lerem, a escreverem, a contarem, *e iniciados* na religião";

isto é, a lerem, a escreverem, a contarem, e a serem iniciados na religião, nada tem de defeituosa a construcção.

Do mesmo modo, em nada favorecem a phrase que o Dr. Ruy defende, os trechos seguintes dos *Fastos*, dos *Colloquios Aldeões* do mesmo escriptor e a passagem dos *Martyres* de Camillo Castello Branco.

O primeiro desses trechos redigio-o assim Castilho nos *Fastos* (T. 3.º Pg. 121):

"A terra, enorme peso *e* no ar envolta,
firme, sem fulcro, aguenta-se qual péla".

Isto é, "a terra, peso enorme e envolta no ar". Não é aqui censuravel a conjuncção; pelo contrario, é necessario exprimil-a, para ligar um apposto — *enorme peso*, ao outro — *no ar envolta.*

O segundo trecho de Castilho é transcripto dos *Colloquios Aldeões*, a pag. 190, 3.ª ed., e é assim construido:

"Mudassem a cova da estrumeira para mais longe, *e donde* o vento não trouxesse as exhalações".

Para mais longe e donde, isto é, *para mais longe e para um ponto, um sitio, um lugar donde* etc.

No passo de Castello Branco: (198)

"Dá-lhe a ama o candido véo das musas, radiando como o sol, *e que* sahira de um cofre odorifero".

---

(197) — *Felicidade pela Inst.* Pg. 34.
(198) — *Os Martyres.* T. 1.º Pg. 24.

O *e*, neste lugar do traductor dos *Martyres*, não pode ser eliminado, porque, se o fôra, o *que*, em contacto com o substantivo *sol*, levaria a suppôr uma referencia do relativo a esse vocabulo, quando não é a elle que se refere o vocabulo *que*, mas á expressão *candido véo das musas*.

Dos exemplos citados pelo Dr. Ruy, só dois se nos afiguram favorecer a syntaxe que elle se esforça por justificar.

Um é o seguinte do mesmo A. Herculano, no *Eurico* (Pg. 199):

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado, *e cujo* motivo e circumstancias inteiramente se ignoravam".

Aqui o emprego da conjuncção é superfluo, podendo-se, sem prejudicar a clareza das ideias, eliminar este elemento grammatical, que precede ao *cujo*, subsequente immediato da expressão *este acontecimento inesperado*, a que se attribue essa referencia; tanto mais, quanto, empregando-se a conjuncção, parece ligar-se o *cujo* não ao substantivo a que se liga, mas ao vocabulo *confusão*.

O segundo exemplo, analogo á construcção de que estamos a fallar, é o excerpto de Castilho Antonio, na *Felicidade pela Instrucção* (Pg. 43), onde diz:

"Porque os parochos, especialmente os ruraes, são tambem uma especie de mestres das povoações *e* (*) *com* as vantagens de actuarem ainda mais sobre os adultos".

Neste exemplo de Castilho, porem, muito mais natural é a ellipse, do que no trecho contido na emenda do Dr. Ruy.

Restabelecido o que a ellipse supprimio, fica dest'arte construida a phrase:

"Porque os parochos, especialmente os ruraes, são tambem uma especie de mestres das povoações *e são-no com* as vantagens de actuarem ainda mais sobre os adultos".

Aqui nada perdeo a clareza do pensamento, nem a energia da expressão.

A esta phrase, assim constituida, depois de expressado o que a ellipse eliminou, contraponha-se a phrase, que censuramos: "tem os mesmos direitos, *e com* as mesmas garantias", e vel-a-hemos assim

(*) Na 2.ª ed. lemos: (e com os".

construida: "Tem os mesmos direitos *e tem os mesmos direitos* com as mesmas garantias", ou, como quer o Dr. Ruy: "tem os mesmos direitos, *e estes direitos* com as mesmas garantias", "ou melhor", ao ver do proprio Dr. Ruy: "tem os mesmos direitos, *e estes* com as mesmas garantias".

Coteje-se agora o feitio de todas essas phrases com a construcção seguinte: "*Tem os mesmos direitos com as mesmas garantias*"; é indubitavelmente esta construcção mais bem ageitada, do que as alvitradas pelo Dr. Ruy, para explicar a phrase a que pomos a pecha, não de *errada*, repitamol-o, senão de *viciosa*.

XXXV

Fazer valer.

Em o numero II do art. 419 do *Projecto*, dando com a locução *fazer valer*, o illustre critico a reprova, additando-lhe o epitheto de *afrancezada*.

"*Fazer valer*", diz elle, "locução afrancezada. Em vernaculo: *allegar, reclamar, demandar, vindicar, reivindicar, oppôr, sustentar, defender, propugnar, manter*".

"Todos esses verbos existem effectivamente em portuguez", dissemos nas *Ligeiras Observações*, pg. 57, "mas não é isso razão para refugar a expressão *fazer valer*, de que no mesmo sentido tambem usa o italiano, dizendo: *I mercanti samno far valere le loro merci: far valere i proprii talenti; farsi valere.* (199)

"Temos, outrosim, em portuguez a expressão *fazer-se valer*, no sentido *de fazer-se respeitar, tornar-se merecedor de consideração e estima*, e sendo esta admittida, nenhuma razão ha para impugnar a outra".

Em sua *Replica*, § 48, n. 204, volve ao assumpto o Dr. Ruy, allegando ter a expressão em seo favor apenas a sancção de Jeronymo Soares Barbosa, que, nas *Instituições Oratorias*, empregou a phrase: *Fazem-se valer* os casos julgados de dois modos" e a de Castello Branco.

"Mas Soares Barbosa", diz elle, "mestre em grammatica, não é como prosador tão apontado modelo"; e Camillo Castello Branco, "insigne padrão no opulento do vocabulario e guia quasi sempre seguro no vernaculo do phraseado, não sahio immune, quanto ás influencias do contagio francez, a deslises e inadvertencias, uma ou outra vez, assaz graves".

E, depois de mostrar algumas inadvertencias de Castello Branco, reflecte o Dr. Ruy Barbosa (*Replica*, n. 205):

---

(199) C. Ferrari e Joseph. Caccia. *Grand. Dictionnaire Français-Italien et Italien-Français.*

"Sendo, pois, desta natureza a duvida quanto ao *fazer valer* e essa quasi a unica autoridade em abono da locução por mim posta em duvida, não terei motivos, para deixar o assumpto em quarentena, e preferir á expressão contestada uma das *dez*, ou mais, que vantajosamente a substituem?".

Engana-se aqui o Dr. Ruy, como vamos ver: não é em Castello Branco só, nem em Soares Barbosa, que se encontram exemplos dessa locução: (200)

A expressão portugueza *fazer valer* corresponde á latina *efficere ut valeret*, empregada pelos classicos romanos no mesmo sentido.

Cornelius Nepos, no Cap. III da *Vida de Thrasybulo*, assim se exprime:

"*Neque vero hanc (legem) tantum ferendam curavit, sed etiam,* UT VALERET EFFECIT",

que em vulgar quer dizer:

"Não tratou só de promulgar esta lei, mas *fel-a valer, fel-a respeitar, fez que se cumprisse*".

Correspondendo ás nossas locuções *fazer-se valer, fazer valer*, têm os italianos, como ainda ha pouco dissemos, as expressões *farsi valere, far valere*.

"FARSE VALERE, *farsi stimare, rispettare — Far valere le pròprie ragioni, diritti, autorità*". (201).

Nas primeiras edições do *Diccionario da Lingoa Portugueza* de Moraes, estabelecendo este diccionarista a differença entre os verbos *insinuar, persuadir* e *suggerir*, usa da expressão *fazer valer*, escrevendo assim:

"*Faz-se valer* o que se quer suggerir"; (202) na oitava edição tambem, embora alguns enxertos encerre, a que não subscreveria o velho Moraes, se encontra a mesma expressão *fazer valer*, quando, definindo-se a phrase *puxar pelos direitos*, se nota o seguinte: "*Puxar pelos seos direitos — sustental-os, defendel-os*, FAZEL-OS VALER".

---

(200) Nem os dois exemplos de A. Herculano, citados em nota pelo Dr. Ruy absolveram o *fazer valer* da tacha de franceezia, nem o isentaram da *quarentena* rigorosa, em que, segundo affirma em sua *Replica*, ainda o deixa e mantem.

(201) P. Petrocchi — *Novo Dizionàrio Universale della Lingua Italiana*. Vol. II. Pg. 1195.

(202) Vide Moraes. *Dicc.* Vocabulo *insinuar*.

Se nesta edição pode haver motivos para suspeitar da legitimidade de *fazer valer*, estes cessam de todo, quando se vê registada a mesma locução nas primeiras edições do diccionario portuguez daquelle lexicographo, tão apontado no dizer.

Mas a mesma locução ainda se acha autorizada em escriptores de grande estimação.

Dão disso testemunho os seguintes exerptos:

"Como se não tivesse confiança para se mostrar em propria figura, e FAZER VALER por si mesma".

(Padre João de Lucena. Vide *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 128).

"Repete o deos a sentença: *Conhece-te!* e recommenda que o amante tire desse conhecimento a arte de FAZER VALER os dotes em que primar".

(A. de Cast. *Arte de Amar.* T. 1.º *Summ.* do Cant. II. Pg. 52).

"São talvez ainda mais attendiveis, por isso mesmo que lhes fallecem a força e a arte para os FAZEREM VALER".

(Id. *O Outono.* Pg. XXIV).

"Dantes a raça christã tinha a consciencia de uma grande superioridade religiosa e FAZIA-A VALER na legislação".

(A. Herc. *O Monge de Cister.* T. 1.º Pg. 72).

"E o mais crivel é que o governo portuguez respeitasse o direito de um homem collocado em situação de o FAZER VALER".

(Id. *Hist. da Inquis.* T. 3.º Pg. 337).

"Se no *Tartufo* ha menos escolha e perfeição de caracteres, estes sem embargo sobresáem alli melhor, destacam-se em vigoroso relevo, contrapõem-se em visivel contraste, vivem, portanto, duplamente, FAZEM-SE VALER mutuamente".

(Mendes Leal — *Parecer* — sobre a trad. do *Tartufo* por A. de Cast. Pg. 194).

"FAZIA VALER, como podia, todos os argumentos, bons e máos, para sustentar a these preferida".

(J. F. Lisboa. *Vida do Padre A. Vieira.* Pg. 88).

"Taes foram em substancia as principaes considerações, não todas, que FEZ VALER o Padre A. Vieira".

(Id. Ibid. Pg. 37).

Sendo, pois, a locução *fazer valer* sanccionada por escriptores do porte de João de Lucena, Antonio de Moraes, Castilho Antonio, Alexandre Herculano, Mendes Leal, João da Silva Lisboa, para não fallarmos nos nomes de Soares Barbosa e Camillo Castello Branco, a cuja autoridade, no ponto que se discute, o Dr. Ruy pouco preço dá, por ser o primeiro grammatico, e os grammaticos serem raramente escriptores, e o segundo, por se não ter forrado ás influencias francezas não tem razão o douto censor de tão decididamente refugal-a, deixando o assumpto, como disse, de *quarentema*.

E' sem razão essa *quarentena*, de que falla.

Quando traz carta limpa o navio, não ha mister *quarentena*: franqueiam-se-lhe os portos; não se suspeitam tocadas de infecção as mercadorias que transporta.

O *fazer valer* está neste caso: é mercadoria immune de suspeita; dil-o assim a carta de saude que a resalva.

XXXVI

Construcção viciosa.

Tinha o *Projecto*, em o numero IV do art. 420, assim escripto:

"Podem escusar-se da tutela: IV. *Os impossibilitados por enfermidade, emquanto ella durar*".

Depois de ter feito a emenda, supprimindo a proposição, "emquanto ella durar", por julgal-a pleonastica, assim em nota escreve o illustre critico:

"A enfermidade que já não dura foi enfermidade: já o não é. Escusa pois, fallar na "enfermidade, emquanto dura". E' luxo de pleonasmos. Pois será mister declarar, mediante texto expresso, que, curado o doente, cessou a inhabilitação pela doença?"

Na *exposição preliminar* ao seo *Parecer*, fazendo referencia áquelle artigo, assim raciocina o Dr. Ruy:

"Pois a enfermidade que já não dura, isto é, a enfermidade que foi, que existio, que acabou, ainda será enfermidade? E, se já o não é, desde que se allude a *enfermidade*, não está claro ser a enfermidade, emquanto dura, pois, em não durando, cessou de havel-a?"

Eis o que em relação a este trecho do Dr. Ruy escrevemos nas *Ligeiras Observações*, pg. 58-59, e a que burlescamente elle alcunhou de *sancadilha*:

"Nesta construcção labyrinthica do Dr. Ruy Barbosa, a que se refere aquelle *a* por que termina a phrase? Não será ao vocabulo *enfermidade*, que é a um tempo sujeito do verbo *dura*, do participio *durando*, e, pelo contexto da phrase, do verbo *cessou*, por ser da enfermidade que se affirma o cessar?

"Se assim é, qual a funcção daquelle pronome *a*, que se refere a *enfermidade?* A que vem elle? Não estaria completo o conceito, dizendo-se simplesmente *cessou* ou *cessou de existir*, sem se recorrer áquelle *havel-a*, que torna a phrase de todo irregivel? E no caso de escolher para a expressão verbal *cessou de haver* um sujeito elliptico,

não haverá falta de nexo e concatenação entre esta ultima sentença e as que a precedem? Não parece de outra coisa que se affirma o cessar, senão da *enfermidade;* entretanto o pronome *a,* posto depois do verbo *haver,* vem tudo perturbar e confundir, levando a pensar que não é da *enfermidade* que se affirma o cessar, senão de um sujeito elliptico, representando o *a* o objecto do verbo *haver,* que nestes casos tem a significação de *ter.* Seja como fôr, é obscurissima a phrase".

A estas minhas reflexões responde do seguinte modo o Dr. Ruy Barbosa, mettendo a riso o que se lhe afigura minha ignorancia:

"Tivesse eu quarenta annos menos, e bem poderia ser que esta sophisteria de má morte me não escapasse a um desses froixos de riso em casquinada, frescos, amplos, chirriantes, com que a troça menineira se despica das esturrices da palmatoria, salvando em assuada franca aos escorregos e cochilos do saber magistral.

"Pois inquirirá de verdade o mestre a quem se refere esse *a,* por onde, naquella phrase minha, o periodo remata? E de veras sustentará que elle a torne *irregivel?* E' de mais.

"Mais de uma vez discute o padre Vieira, a grande esforço de erudição theologica, nos seos sermões, quem era a mãe dos filhos de Zebedeo. Mas se pelo pae dos filhos de Zebedeo lhe perguntassem, que responderia a esta questão de largo tiro o grande pregador?

"A prova a que me quer submetter o mestre, desta vez, é da mesma força. Naquelles dois periodos interrogativos, que se succedem, o derradeiro dos quaes finda com as palavras "cessou de *havel-a*", o unico substantivo, aliás alli muito de proposito repetido quatro vezes, o unico substantivo existente é *enfermidade,* substantivo, advirta-se, *do genero feminino.* Logo se alli outro nome não se vê, e esse nome é feminino, a que, se não a elle, se ha de referir o pronome feminino *a,* que põe termo á phrase? E, querendo a prova real, é substituirem, o pronome pelo nome, que se presume representar. Teremos: "desde que se allude a *enfermidade,* não estará claro ser a *enfermidade, emquanto dura,* pois, em não durando, cessou de *haver enfermidade?* (203)

Deixando ao Dr. Ruy o saborear-se, a pleno, nas reminiscencias dos *froixos de riso em casquinada, frescos, amplos, chirriantes, com que em troça menineira, talvez salvasse, em assuada franca, a esses escorregos e cochilos do saber magistral, desforrando-se das esturrices da palmatoria;* deixando de parte a resposta que daria o grande orador Vieira á questão truanesca sobre *o pae dos filhos de Zebedeo;* voltando as costas, por indigno de nosso debate, ao terreno resvaladio

(203) Vide *Replica.* § 49. Pg. 206.

das chocarrices; entremos na analyse do trecho impugnado. Não é com chanças e surriadas que erros se emendam e combatem, quando os ha.

O Dr. Ruy Barbosa ou não entendeo bem ou fingio não entender o porque censurei o trecho de sua reflexão, reprovando por pleonastica a phrase: "*os impossibilitados por enfermidade, emquanto ella durar*".

Perguntamos a quem se referia o pronome *a*, que papel fazia, não porque ignorassemos que o escriptor o referia ao vocabulo *enfermidade*, mas porque, para nosso argumento, relevava sabel-o de sua propria bocca.

Isso, porém, não era tudo; admittido o pronome *a* representando ou substituindo a palavra *enfermidade*, exercendo na phrase a funcção de complemento directo, restava saber qual o sujeito do verbo *haver* ou, melhor, da forma verbal *cessou de haver;* tomando-se para sujeito a palavra *enfermidade*, como tudo leva a admittil-a como tal, a oração *cessou de havel-a* ficaria disparatada; sendo assim entendida: "*a enfermidade cessou de haver*, isto é, de ter *enfermidade*"; (*) considerada, porém, como sujeito da expressão (**) *cessou de haver* uma expressão qualquer elliptica, que se ajustasse ao sentido, como ordinariamente occorre com certas construcções, em que entra o verbo *haver* com sujeito subentendido, haveria quebra no fio das ideias, falta de nexo e concatenação entre as orações anteriores e a oração *cessou de havel-a*, remate do periodo.

Transcrevamos de novo o periodo censurado, separando as orações uma a uma:

"Pois a *enfermidade* que já não dura", (o sujeito de *dura* é aqui *enfermidade*); "isto é, a *enfermidade* que foi", (aqui é tambem sujeito de *foi* o mesmo vocabulo *enfermidade*, modificado, como na primeira oração, pelo adjectivo *que*); "que existio", (sujeito, *enfermidade*), "que acabou", (o sujeito de *acabou* é o mesmo termo *enfermidade*); "ainda será *enfermidade*"? (aqui o sujeito de *será* é ainda o mesmo vocabulo *enfermidade*); "E, se já o não é", (o mesmo sujeito *enfermidade*); "desde que se allude a *enfermidade*", (*enfermidade* é nesta oração complemento indirecto); "não está claro ser a *enfermidade*", (o sujeito de *está claro* é a oração infinitiva *ser a enfermidade*, sendo esta palavra sujeito da oração infinitiva *ser*); "emquan-

(*) Colocamos aspas depois de "enfermidade", como na 2.ª ed., omittidas, por erro de revisão.

(**) Na 2.ª ed. lemos: "como sujeito de cessou de haver", com omissão da palavra "expressão", e lemos "de" em vez de "da".

to dura", (o sujeito da oração constituida pelo verbo *dura* é o mesmo da oração infinitiva precedente, isto é, a palavra *enfermidade*); "pois, em não durando", (o sujeito desta oração é ainda *enfermidade*); "cessou de havel-a?" Quem cessou? O objecto que cessou, aquillo de que se affirma o cessar é do termo *enfermidade*. E' pois *enfermidade* o sujeito desta ultima oração. Logo temos: "*a enfermidade cessou de haver enfermidade*".

E a admittir-se um sujeito elliptico, que se nos não diz qual seja, para a locução verbal "*cessou de havel-a*", rompe-se o fio das ideias quebram-se as relações que ligam umas ás outras as orações do periodo.

Foram estas reflexões que constituiram aquillo que aprouve ao Dr. Ruy appellidar de *sancadilha.*

Em sua *Replica* disse-nos o Dr. Ruy qual era o complemento directo do verbo *haver;* mas, para elucidar a questão ou duvida de que se tratava, era mister, demais disso, determinar qual o sujeito desse verbo ou antes da expressão verbal *cessou de havel-a,* e isto não nol-o disse o autor da *Replica.*

Pelo geito que deo á phrase, o sujeito de *cessou de havel-a* outro não é que o mesmo vocabulo *enfermidade.*

Nem vem a pello, na questão que se debate, o extenso numero de exemplos, que descabidamente nos fornece o Dr. Ruy Barbosa, do mesmo verbo *haver* com seo complemento directo, collocado anteriormente. Não é essa a questão; o que devia o Dr. Ruy apresentar eram exemplos, em que a palavra que figurasse de complemento directo do verbo *haver* fosse igualmente seo sujeito: eram construcções analogas á construcção por elle adoptada, e tão esforçadamente defendida no seguinte lugar: "E, se já o não é, (trata-se de *enfermidade*) desde que se allude a *enfermidade,* não está claro ser a *enfermidade,* emquanto dura, pois, em não durando, cessou de havel-a?"

Isto é, "E, se a *enfermidade* já não é *enfermidade,* desde que se allude a *enfermidade,* não está claro ser a *enfermidade,* emquanto *ella enfermidade* dura, pois, em não durando, *ella enfermidade,* cessou, *ella enfermidade,* de havel-a, a *enfermidade?*"

Enfermidade é, portanto, nesta passagem, a um tempo sujeito e complemento directo da expressão "*cessou de havel-a*".

Noutras palavras: "A *enfermidade* é *enfermidade,* emquanto (ella) dura, pois, em não durando (ella), cessou (ella) de havel-a (a ella)"; o que vale o mesmo que dizer: "*a enfermidade cessou de haver, isto é, de ter enfermidade*".

O que mais é para notar é que, nesse longo rosario de mal concertados exemplos, tratando-se do verbo *haver* não auxiliar, confunda

o Dr. Ruy este com o verbo auxiliar *haver*, e, á mistura com o verbo concreto *haver*, nos apresente muitos outros verbos acompanhados de seos complementos directos, *o, a, os, as*, empregados por emphase ou realce, postos antes ou depois delles; como se algum leitor fosse tão ingenuo, que acreditasse que eu negava essa construcção, mui sediça e comesinha em nossa lingoa.

Para não ficar sem prova o que ahi deixamos dito, apresentamos os exemplos, que, em sua *Replica*, nos offerece o Dr. Ruy, nos seos ingentes esforços para provar a legitimidade da phrase, que averbamos de irregivel:

"Noite de San-João mais alegre e estrondosa, nunca *a hei* passado".
(Cast. *Camões*. Ed. de 1849. Pg. 70).

Dando este exemplo, o Dr. Ruy sublinhou o *a* e o *hei*, como se aqui se tratasse do verbo *haver* adjectivo ou concreto, e não do auxiliar *haver;* o *a*, posto em italico, reputa-o inadvertidamente complemento directo de *haver*, quando, realmente fallando, o não é senão da expressão verbal *hei passado*.

No seguinte passo de A. Herculano, no *Monge de Cister* (II. Pg. 223):

"O refulgir do sol *haviam-no* visto só nas faixas de luz",

o illustre censor sublinhou do mesmo modo o verbo *haver* e o pronome *o*, escrevendo: *haviam-no*, como se fôra aqui o verbo *haver* não um auxiliar, como realmente o é, senão o verbo *haver*, verbo concreto, transitivo directo; o pronome *o*, que poz em italico, na contracção *no*, não é complemento ou objecto directo de *haver*, que é neste lugar auxiliar, mas da expressão verbal *haviam visto*.

Se foramos o Dr. Ruy, não puderamos menos de exclamar:
"*É misturar alhos a bugalhos!*"

Transplantemos para aqui os quarenta exemplos apresentados pelo Dr. Ruy, e por elle considerados frisantes, em apoio da construcção que procura justificar:

"Sociedade sem familia, não *a ha*".
(Cast. *Coll.* Pg. 218).

"Convem esfregal-os primeiro com gelo, se *o houver*".
(Ibid. Pg. 234).

"Que administração é a desta communa, Francisco? Mais desleixada ha de custar *a havel-a*".
(Ibid. Pg. 311).

"Envenenamentos *ha-os* de muitas castas".
(Ibid. Pg. 238).

"Boa sorte sem boa cabeça, não *a* pode *haver*".
(Id. *Camões*, ed. 1849. Pg. 34).

"Designios *ha-os* sempre".
(Ibid. Pg. 37).

"Mais solemne jura não *a* sei, nem *a* quero".
(Ibid. Pg. 60).

"A meo pae não *o* tornei a ver".
(Herc. *O Monge de Cist.* II. Pg. 269).

"Posto que affectasse extrema placidez, a sua inquietação era visivel. A causa della não saberia explical-*a*, mas sentia-*a*".
(Ibid. Pg. 281).

"As que Fr. Vasco lhe promettera, havia-*as* a desesperação para sempre estancado".
(Ibid. Pg. 292).

"As primeiras horas gastou-*as* em pesquisas inuteis".
(Camillo. *Coisas Espantosas*. Pg. 218).

"Os appellidos manda a minha proverbial discreção *calal-os*".
(Id. *Doze Casamentos Felizes*. Pg. 201).

"Os exemplos destas voontades cada huñ em si bem *os* pode veer".
(*Leal Conselheiro*. Pg. 47).

"Fraqueza nunca *a* houve no querer".
(*Camões*. Son. 132).

"As coisas elle *as* ata e *as* conforma
Com o mundo".
(Id. Egl. VII. *Obr.*, v. IV. Pg. 87).

"Absoluto poder não *o ha* na terra".
(Ferreira: *Obr.*, v. II. Pg. 104).

"E a sombra, que não fazem com a vastidão das folhas, *a* fazem com a vastidão do tronco".
(Bernardes: *N. Floresta*. IV. Pg. 192).

"O grande reparo que tem esta resposta todos *o* estão vendo".
(Vieira: *Serm.*, v. V. Pg. 192).

"Coisa de maior preço e de maior valor que todo o mundo, não *a* ha".
(Ibid. Pg. 200).

"Aos que edificaram a torre de Babel, condemnou-*os* a justiça de Deos a fallar diversas lingoas...; aos que pregam a fé entre as gentilidades, condemnou-*os* o amor de Deos".
(Ibid. Pg. 339).

"Estas nações queria Deos que S. Pedro *as* ensinasse".
(Ibid. Pg. 347).

"O corpo natural poderam-*no* atormentar e matar".
(Ibid., v. VI. Pg. 241).

"E posto que esta verdade *a* não alcancem os sentidos".
(Ibid. Pg. 245).

"Aos filhos amados sobre todos, vestio-*os* de pardo".
(Ibid. Pg. 302).

"Quem do fogo o Senhor fosse
Não *o* reza a escriptura".
(Filinto: *Obr.*, v. IV. Pg. 146).

"O nome mandei-lh'o eu aqui".
(Ibid. Pg. 272).

"Era obra que só um homem tão rico e tão poderoso como um rei podera concebel-*a*, e concluil-*a*.
(Ibid., v. VI. Pg. 280).

"Todos tres *os* terás".
(Ibid., v. XII. Pg. 170).

"A Jove não *o* logram".
(Ibid. Pg. 171).

"E as suas dez moedas arrecade-*as*".
(Ibid., v. XIII. Pg. 28).

"A Hippocrates
Abdera *o* convidou por deputados".
(Ibid. Pg. 103).

"Pela apparencia a gente nunca *a* julgues".
(Ibid. Pg. 240).

"O seo vergel destronca-*o*".
(Ibid. Pg. 311).

"O asylo de Scipião ousaes violal-*o?*"
(Ibid., v. XIV. Pg. 185).

"Mas livros não *os* tenho".
(Ibid., v. VII. Pg. 24).

"Todo o meo passado esqueci-o".
(A. Herc. *Eur.* Pg. 276).

"O que continha nunca elle *o* disse a ninguem".
(Id. *Monge de Cist.*, II. Pg. 365).

"Razões de odio contra os conversos não *as* tinha".
(Id. *Inquisiç.*, II. Pg. 298).

"Os effeitos das communicações do nuncio experimentou-*os* desde logo Faria".
(Ibid. III. Pg. 307).

"Todas essas podeis e deveis omittil-*as* em vossa copia".
(Castilho: *Mnemonica.* Pg. 121). (204)

Agora vejam os leitores, se, em todos esses exemplos, quarenta não menos, sem excepção de um só, ha paridade ou, sequer, analogia entre a syntaxe que nelles se observa, a qual nada encerra de censuravel, e a que se nota na construcção, tão ardentemente advogada pelo illustrado senador, que na minha censura não vio mais do que uma *sancadilha,* digna da assuada da garotice minineira.

Em todos esses excerptos, citados pelo provecto escriptor, as varias formas pronominaes, *o, a, os, as,* são complementos directos, empregados conjunctamente com outros complementos da mesma natureza, para lhes dar emphase e relevo; no exemplo da construcção Ruy, o pronome *a* da expressão *havel-a,* o qual faz de complemento directo do verbo *haver* ou da locução verbal *cessou de haver,* a que outro complemento da mesma natureza dá força e relevo, como vimos succeder nos quarenta exemplos de que se valeo o Dr. Ruy, e como sempre acontece nessas especies de construcções?

Não têm, logo, analogia alguma os exemplos citados pelo illustre censor com a phrase que procurou defender.

"Muitas vezes", dizemos em nossos *Serões Grammaticaes,* pg. 289, "ás formas pronominaes *a mim, a ti, a elle, a nós, a vós, a elles,* se ajunctam na mesma phrase, por emphase e realce, as variações *me, te, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as:*

(204) Vide *Replica.* § cit. n. 207.

"*A mim* tudo *me* faz falta; *a ellas* tudo *lhes* agrada; *a elles* tudo *lhes* convem; *a ellas* todas *as* estimam e lisongeam; parece-*me a mim* que elles se enganam; *a mim* admira-*me* que tão alto funccionario descesse a tanto".

Essa repetição emphatica do complemento, directo ou indirecto, não somente se dá entre os pronomes uns com os outros, mas ainda entre os pronomes e os substantivos.

Tal é aquelle elegante lanço em que o Padre Antonio Vieira assim escreve:

"A *Samsão* arrancaram-*lhe* os olhos os philisteos, porque os entregou a Dalila. Não *lhe* fora melhor a *Samsão* fechar os olhos para não ver, que perdel-os porque vio? Não *lhe* fora melhor *a Sichem* não ver a Dina? Não *lhe* fora melhor *a Ammon* não ver a Thamar? Não *lhe* fora melhor *a Holophernes* não ver a Judith? Todos estes pereceram ás mãos de seos olhos".

(*Serm.* T. 2.º Pg. 368).

Taes ainda os seguintes lugares, em que o mesmo Vieira escreveo:

"*Ao* homem fel-*o* Deos para mandar, aos brutos para servir".

(*Serm.* T. 3.º Pg. 42).

"Porque *as vodas* fel-*as* Deos".

(Ibid. T. 5.º Pg. 298).

Antes de nos cerrarmos aqui, ponderemos o seguinte:

O illustre censor, que naquelle artigo do *Projecto* julga *luxo de pleonasmo* a oração "*emquanto ella durar*", não se esquiva á falta que increpa, quando emenda assim o art. 516 do mesmo *Projecto*:

"O possuidor de boa fé tem direito, *emquanto ella durar*, aos fructos percebidos".

Para frisar o pleonasmo ahi contido, analogo ao reprovado pelo esclarecido autor da *Replica*, se de outrem fora a redacção desse artigo, semelhantemente reflectindo, podera o Dr. Ruy raciocinar:

"Pois, a boa fé que já não dura, isto é, a boa fé que foi, que existio, que acabou, ainda será boa fé? E, se já o não é, desde que se allude a boa fé, não está claro ser a boa fé, emquanto dura, pois, em não durando, cessou de havel-a?"

Entretanto, é delle mesmo, é do proprio Dr. Ruy Barbosa essa redacção, em tudo semelhante á que qualifica de *luxo de pleonasmo*.

XXXVII

REGER empregado intransitivamente.

O *Projecto* no art. 877 dizia: "Feita a escolha, *regerá* o disposto na secção anterior".

Ao *reger* aqui empregado põe o Dr. Ruy a seguinte nota:

"O verbo *reger* pede complemento directo. E, todavia, aqui lhe attribuem a funcção grammatical de neutro".

Em sua *exposição preliminar*, a pg. 2, não esqueceo ao douto critico tocar no mesmo assumpto, escrevendo:

"Este *regerá* exige complemento objectivo; porque o verbo *reger* não é neutro. Outro verbo activo, portanto, que o *Projecto* converte em intransitivo".

Escrevendo sobre o assumpto dissemos nas *Ligeiras Observações* (Pg. 59):

"O illustre Dr. Ruy argúe a redacção deste artigo, dizendo: "O verbo *reger* pede complemento directo. E, todavia, aqui lhe attribuem a funcção grammatical de neutro".

"O verbo *reger* pode, como a maior parte dos verbos transitivos directos, empregar-se intransitivamente. Já noutra parte mostramos, em relação a *retrotrahir* e *retrahir*, que, em que pese ao Conselheiro Ruy Barbosa, se encontram exemplos do emprego destes verbos em sentido intransitivo.

"Passa o mesmo com o verbo *reger*, do latim *regere*, onde não é raro empregal-o absoluta ou intransitivamente, como fez Tito Livio, dizendo: *Jam regi leges non regere*, e Seneca: *Nemo regere potest, nisi qui et regi*".

Na sua *Replica* (§ 50, n. 208) modifica o decisivo da sua linguagem:

"Ha realmente nos bons autores", diz elle, "alguns exemplos do verbo *reger* em significação intransitiva. Infelizmente um só não apontou o Dr. Carneiro".

E depois de apresentar treze exemplos de *reger* intransitivamente empregado, assim termina o paragrapho 50 de sua *Replica*:

"Mas nem Bluteau, nem Moraes, nem Constancio, nem Vieira, nem Aulete, nem Ad. Coelho, nem João de Deos, nem Figueiredo, nenhum diccionario portuguez, em summa, o regista senão como *transitivo*, ou como pronominal. E o proprio Dr. Carneiro, tecendo, na sua *Grammatica* (Pg. 257--62), uma lista dos verbos empregados ora como transitivos, ora como intransitivos, não o menciona.

"Seja isto, se não justificativa, ao menos attenuante á minha censura, em que não insisto".

Ainda bem; não insiste o Dr. Ruy na sua censura; encontrou treze exemplos para m'os offerecer, e maior numero encontraria, se maior lazer tivesse de os procurar.

Aos treze que me offerece ajuncte mais os seguintes, e verá quão precipitado andou em affirmar, já em sua *exposição preliminar*, já emendando o art. 877 do *Projecto*, que o verbo *reger* exige complemento directo:

"Em que declaravam o infante haver de governar, até el-rei ser de idade para reger".

(D. Nunes de Lião. *Chron. d'el-rei D. Affonso* 5.º Cap. 6.º Pg. 110).

"E que dalli poderia passar á Beira... e começaria de *reger*".

(Id. Ibid. Cap. 9.º Pg. 130).

"Primeiro havia de jurar de logo começar a *reger* sem companhia".

(Id. Ibid. Cap. 7.º Pg. 118).

"Como cumpria o Infante D. Pedro *reger* e... mostrou como mulheres não deveriam ter regimento, nem se soffria *regerem* dois".

(Id. Ibid. Pg. 119).

"Onde jurou nas mãos do bispo de Evora, D. Alvaro de Abreo, de bem e fielmente *reger*".

(Id. Ibid.).

"Que antes das Côrtes se declarasse que o infante D. Pedro havia de *reger*".

(Id. Ibid. Cap. 6.º Pg. 109).

"E que necessariamente *regendo* ella, havia de soccorrer aos infantes de Aragão, seos irmãos".

(Id. Ibid. Cap. 4.º Pg. 98).

"Fizeram saber que estavam prestes (*) para o seguir, e que elle só devia *reger*".

(Id. Ibid. Cap. 2.º Pg. 93).

"Diziam que elle só havia de *reger*, e não a rainha".

(Id. Ibid. Pg. 91).

"Porque os que *regem* e os que são regidos estão incapazes de governo não só divino, mas ainda humano".

(Vieira. *Cartas*. T. 4.º Pg. 105).

"A Apollo opposta
De dois corseis *reger* irada a Lua
Por essa obliqua zona, em carro de evano,
Quererá, como o irmão raiar o dia".

(Filinto. *Obras*. T. 11. Pg. 65).

"Cumpre-se o ajuste: é Romulo quem *rege*".

(A. de Cast. *Os Fastos*. T. 2.º Pg. 197).

"Não têm ellas tanto interesse como nós, em que leis sabias *rejam* e homens sabios administrem?"

(*Felicidade pela Agricult.* Vol. 1.º Pg. 110).

"O sceptro absoluto de D. João 6.º, principe regente, *regia* tão suave e sentia-se tão ao de leve, graças á bondade natural de seo caracter, que tudo seria accusado, menos o throno".

(Rebello da Silva. *Est. Biogr. e Litt.* de Bocage. Vide Bocage. *Obras*, T. 1.º Pg. 47).

"Nas familias longamente acostumadas a *reger* e dominar em nome de um privilegio quasi preternatural e sacrosanto".

(Latino Coelho. *Hist. Pol. e Milit.* T. 2.º Pg. 161).

"Celebrava o astuto desembargador as preeminencias da magestade, investida por Deos no direito de *reger*".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 253).

"Prestou a rainha... o costumado juramento, em que prometteo *reger* e governar bem e direitamente".

(Id. Ibid. Pg. 255).

"Se o novo poder, que principiava a *reger* em Portugal,.. não se mostrava...".

(Id. Ibid. Pg. 281).

(*) Na 2.ª ed. lemos "*presentes*" e não "prestes".

"Não bastava então obedecer a quem *regia*".
(Id. *Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 206).

"Que forma de governo tem *regido* em Portugal?".
(Id. *Rep. e Monarch.* Pg. 119).

"Onde *regem* e batalham reis christãos".
(Lat. Coelho. *Varões Illustres. Luiz de Camões.* Pg. 16).

Na lista dos diccionaristas que só consignam o verbo *reger*, dando-lhe o sentido transitivo, figura Domingos Vieira, que, entretanto, contra o que affirma o Dr. Ruy, registra este verbo tendo o sentido intransitivo ou absoluto, no seguinte passo de José Agostinho Macedo, na *Extatica*:

"Longe de mim profanos! Se tu *reges*,
Se tu mesma, ó Verdade, o Canto animas".
(Vide *Dicc. D. Vieira.* Vol. 5.º Pg. 159).

XXXVIII

Pescar peixe. Colher peixe.

O art. 605 do *Projecto do Codigo Civil* era assim redigido:

"Pertence ao pescador o peixe, que pescar, e o que, arpoado, ou farpado, tenha-o embora outrem apprehendido".

Em sua emenda, deo o Dr. Ruy esta redacção ao artigo:

"Pentence ao pescador o peixe, que pescar, e o que, arpoado, ou farpado, perseguir, embora outrem o colha".

Censuramos, em nossas *Ligeiras Observações,* a emenda Ruy, dizendo que a expressão *pescar peixe* era pleonastica, que havia impropriedade na expressão *colher peixe;* que julgavamos de notavel dissonancia a expressão *embora outrem o colha;* que eram usadas em demasia as virgulas no artigo emendado, e que, na construcção da emenda, muito mais avultava a alliteração, já existente no texto do *Projecto.*

A estas censuras responde assim o illustre senador:

"*Pescar peixe* é expressão pleonastica", diz, em tom de quem houvesse descoberto um novo planeta, o Dr. Carneiro.

"Mas será minha, porventura, a phrase *pescar peixe?* Será minha? Ou é do snr. professor?

"O meo texto, sobre que recae a sua severidade, está redigido assim:

"Pertence ao pescador o *peixe, que pescar,* e o que arpoado, ou farpado, perseguir, embora outrem o colha".

"Em *pescar peixe*, o *pescar* e o *peixe* estam na mesma sentença, compondo a enunciação de uma só idéia. Dá-se, logo, o pleonasmo, visto se repetir no regimen, *peixe,* a ideia já enunciada no verbo *pescar.*

"Na phrase, porem, "Pertence ao pescador o *peixe, que pescar*", duas orações ha, traduzindo cada uma o seo pensamento. Na primeira tão somente se diz que "*pertence* ao pescador o peixe".

"Designa-se então no pescador o proprietario do peixe. Na segunda limita-se essa propriedade ao "*que pescar*".

"São ideias distinctas, significadas em duas orações differentes, bem que uma a outra subordinada.

"Que faz, porem, o Dr. Carneiro? Extrae de uma oração o verbo *pescar;* saca da outra o vocabulo *peixe;* com as duas palavras, a seo bel-prazer conjugadas, tece uma proposição nova, de lavra exclusivamente sua; e do pleonasmo, que á força desse estratagema obteve, carrega á minha conta a responsabilidade.

"Será legitimo, será leal, será veraz este systema de accusar?

"Crú é o pleonasmo na sentença gisada pelo mestre: *pescar peixe.*

"Se eu aldravadamente escrevesse *comer comida, sonhar sonhos, dormir somno, viver vida, morrer morte, sorrir sorrisos, gemer gemidos,* sem um complemento, ou, sequer, um adjectivo, que modificasse a ideia expressa no objecto do verbo, poderia, talvez, incorrer em censura". (205)

Respondamos:

Na phrase: "pertence ao pescador o peixe, que pescar", não ha, como diz o Dr. Ruy, dois pensamentos, senão um só, enunciado em duas orações, das quaes a segunda, como determinativa ou restrictiva, faz parte da verdade da oração principal; manca seria aqui a primeira oração sem a segunda, que a determina e restringe.

De feito, não se poderia dizer com verdade: "pertence ao pescador o peixe"; o pensamento completo é enunciado pelas duas orações relativas, não se podendo logicamente separar a segunda da primeira.

"Será minha, porventura", pergunta o Dr. Ruy, "a phrase *pescar peixe?* Em *pescar peixe,* o *pescar* e o *peixe* estam na mesma sentença. Dá-se, logo, o pleonasmo".

Mas, na phrase: "*pertence ao pescador o peixe, que pescar*", qual o complemento ou objecto directo do verbo *pescar?* Não é o vocabulo *peixe,* modificado pelo conjunctivo *que?*

Pertence ao pescador o peixe, que pescar não vale o mesmo que *pertence ao pescador o peixe, o qual peixe pescar?* Pode por si só, em taes casos, sem o substantivo a que modifica, figurar de complemento o adjectivo *que?*

Eis, portanto, o vocabulo *peixe* na mesma oração do verbo *pescar.*

---

(205) *Replica.* § 51. 209.

A oração incidente ou clausula adjectiva, segundo a terminologia dos grammaticos inglezes, não exprime por si só, desacompanhada da primordial, de que é parte, um sentido completo e perfeito.

"Falta á incidente", diz V. Texier, (206) "o caracter fundamental da proposição. Não offerece um pensamento completo, não se basta a si propria na construcção, e a palavra de ligação que a precede sempre lhe imprime necessariamente o caracter de complemento".

Como, pois, dizer o Dr. Ruy Barbosa que cada uma das orações exprime o seo pensamento, quando não ha dois, senão um pensamento unico, traduzido pelas duas orações, não sendo a segunda, como incidente, que é, senão uma parte da primeira?

Pescar, no sentido proprio, sempre significa *tomar peixes* no mar, no rio, nos lagos, lagôas, tanques, gamboas, viveiros, applicando-se em linguagem popular a designação de peixes, não só aos peixes propriamente ditos, senão a outros animaes que vivem inteiramente n'agoa, taes os mammiferos cetaceos, os crustaceos, molluscos, certas variedades de chelonios. Assim é que se diz geralmente azeite de peixe, por azeite de baleia, bem que, scientificamente, seja este animal um mammífero pisciforme, e não propriamente um peixe. Ainda considerando-o como tal, é que o famoso Padre Antonio Vieira assim se enunciou, num de seos *Sermões*, no tocante a esse gigante dos mares:

"Entre todos os animaes do mundo, os peixes são os mais e os peixes os maiores".

"Que comparação têm em numero as especies das aves, e as dos animaes terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza o elephante com a baleia? Por isso Moysés, chronista da creação, calando o nome de todos os animaes, só a ella nomeou pelo seo: *Creavit Deus cete grandia.* E os tres musicos da fornalha de Babylonia o cantaram tambem como singular entre todos: *Benedicite, cete, et omnia quæ moventur in aquis, Domino*".

"Estes e outros louvores, estas e outras excellencias de vossa geração e grandeza, vos podéra dizer, ó peixes".

(*Sermões.* Vol. 1.º Pg. 34).

Quando numa proposição se emprega o verbo *pescar* no sentido proprio, entende-se que se não trata senão de peixe; não se pode, logo, dizer: "*pertence ao pescador o peixe, que pescar, e o que, arpoado, ou farpado, perseguir*", sem incorrer num pleonasmo escusado e numa descabida alliteração.

(206) *Essai de Grammaire Analytique.* Pg. 633.

Quando o objecto da acção do verbo não respeita aos peixes propriamente dictos, senão a outros animaes, como os cetaceos, batracios, crustaceos, certas especies de chelonios, etc., ainda, por analogia, se emprega o verbo *pescar*, tendo por objecto directo a palavra designativa do animal que se toma.

Assim é que fallando das rans, disse o mesmo Padre Antonio Vieira:

"O cardeal Bellarmino, passando por um lago destes arredores, vio um moço, que estava *pescando rans*, e a isca, com que lhes armava, era a pelle de outra ran, já morta".

"Lançava o anzol com aquella pelle da morta, e assim *pescava* as vivas".

"Eis aqui, diz Bellarmino, como *pesca* o diabo aos ecclesiasticos: Morreo o conego, o prior, o abbade: e que faz o diabo? Toma a pelle do defuncto, que é a murça ou a sobrepeliz e estola, mette-a no seo anzol, que é a tentação, e vem-se de Portugal a *pescar* a Roma".

(*Sermões*. T. 8. Pg. 45).

E fallando da tartaruga, algures disse Fr. Caetano Brandão:

"Este tempo da desova é o mais favoravel á *pesca*".

Em um lugar da *Chronica d'el-rei D. Manoel* (Part. 1.ª Cap. 56. Pg. 137), escreveo Damião de Goes:

"*Pescam* em almadias feitas de codea de arvores, em que navegam, o seo *pescar* não é com redes".

Se dissesse: *pescam peixes, o seo pescar peixes*, commetteria um pleonasmo vicioso; pleonasmo (*) que ainda é mais para censurar na redacção alvidrada pelo Dr. Ruy, em que se diz: "*Pertence ao pescador o peixe, que pescar, e o que, arpoado, ou farpado, perseguir*", porque ao vicio a que alludimos se vem accrescentar o da alliteração.

Por isso é que, para evitarem o pleonasmo, sempre os nossos bons escriptores se soccorriam, em taes casos, ao verbo *tomar, prender, apanhar, pilhar, tirar*, como o attestam os seguintes exemplos:

"Porque, indo eu para o castello de S. Jorge da Mina, que é na costa de Guiné, levando o piloto per popa do navio uma linha com seo anzol, para *tomar os peixes*, a que os mareantes chamam albecóras, que são do tamanho e feição do atum, veio cahir no anzol um destes peixes agulha".

(Barros. *Dec.* 3.ª Livro 3.º Cap. 1.º Pg. 235).

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a palavra "pleonasmo" repetido antes de *que*.

"Tanto andaram os marinheiros com fisgas e arpões, que o *prenderam* por muitas partes e lhe lançaram... uma laçada".

(Ibid. Pg. 236).

"Acodem por baixo ao peixe, e assim *tomam* quanto hão mister".

(D. de Goes. *Chron. de D. Manoel.* Parte 1.ª Cap. 56. Pg. 137).

"Porque todos os dias sáem em terra a caçar e dormir, e da caça que matam, e peixe que *tomam* se mantêm".

(Id. Ibid. Cap. 56. Pg. 140).

"Se lhes Deos não acudira com algum pescado que *tomavam* no rio, posto que fosse pouco".

(Id. Ibid. Part. 3.ª Cap. 6.º Pg. 32).

"Onde fizera agoada, e *tomara* muito pescado, lobos marinhos e aves para provisão da viagem".

(Id. Ibid. Part. 2.ª Cap. 3.º Pg. 305).

"Mandou o Xeque Ismael visitar o embaixador com um presente de truitas vivas, das que *tomara* numa pescaria que fôra fazer".

(Id. Ibid. Part. 4.ª Cap. 9.º Pg. 397).

"E nella nos agasalhamos aquella noite com grande banquete assim deste veado, como de muitos mugens, que nella *tomamos*, porque havia alli muita quantidade de milhanos, que desciam á agoa, onde *tomavam* muitos daquelles peixes".

(F. Mendes Pinto, cit. por D. Vieira, *Dicc.* Vol. 4.º (Pg. 727).

"Trazem grandes panellas cheias d'agoa, em que trazem muitos peixinhos vivos, que *tomam* nos rios, numas redes de malhas muito miudas".

(Id. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 178).

"Nem se mantém de outra coisa mais que de algum peixe que *tomam* á linha".

(Id. Ibid. Pg. 297).

"Quem não vê a grande commodidade que nos offerece este rio, e o mar desta costa, onde me dizem que é coisa de grande recreação ir pescar (e não ir *pescar peixe*) com linhas, nos dias de bom tempo; porque, pondo os barcos em paragem, que os pescadores têm marcado pela terra, ficando entre penedos, que estam no fundo do mar, é mui grande a quantidade de peixe que *tomam*, e não *tiram* pardelhas ou saramugos, senão salmonetes, pescadas, pargos e outros pescados semelhantes?".

(L. Mendes de Vasconcellos. *Sitio de Lisboa.* Vide *Iris Classico.* Pg. 293).

"Correndo os annos de Christo quatrocentos e noventa, diz Sigiberto, na sua Chronica, que se *tomaram* no rio Minho uns peixes, que traziam escripta nas escamas a era deste mesmo que corria".

(*Monarchia Lusit.* T. 2.º 177. Col. 1. Vide Blut. *Dicc.* T. VI. Pg. 373).

"Mandou Christo a S. Pedro que fosse *pescar*, e que na bocca do primeiro peixe, que *tomasse*, acharia uma moeda, com que pagar certo tributo".

(Vieira. *Serm.* T. 1.º Pg. 58).

"Como o pescador que, com um caramujo, que lança no anzol, *apanha* grandes barbos".

(*Arte de Furtar.* Pg. 384).

"Porque destes peixes não exaggeravam pouco o perigo e trabalho de *tomarem* os machos ou femeas que não eram paridas".

(F. de Brito Freire. Vide *Iris Classico.* Pg. 86).

"Bom peixe *pilhou este* homem ao seo candeio!".

(M. Bernardes. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 135).

"Ao longo da Costa do Natal andaram pairando na 5.ª feira, que devia ser a 28 de dezembro, e *tomaram* alli muito pescado".

(Lat. Coelho. *Varões Illustres.* T. 2.º Pg. 68).

Cita o Dr. Ruy os dois seguintes lanços de Vieira:

"Com redes alheias ou feitas por mão alheia, podem-se PESCAR PEIXES, homens não se podem PESCAR."

(*Serm.* v. I. Pg. 268).

"Os PESCADORES de PEIXES PESCAM OS PEIXES para que se comam".

(Ib. v. II. Pg. 124).

Nenhum dos dois citados lugares de Vieira aproveita ao illustre adversario, na defesa que faz á redacção de sua emenda.

Com effeito, no primeiro caso, empregando a expressão pleonastica: "podem-se *pescar peixes*", Vieira inculca estabelecer, no confronto, a differença entre o pescar dos apostolos e o pescar do commum dos homens, entre essa pesca, que appellida de entendimentos, e a pesca material.

No segundo, no *Sermão da Epiphania*, prégado sete annos depois, desenvolvendo e desfiando o pensamento do Evangelho de S. Matheos, compendiado na phrase — *Faciam vos fieri piscatores hominum* —, repisando o alumiado orador a mesma trilha, recorre elegantemente aos pleonasmos *pescam os peixes, pescadores de peixes,*

para contrapor o objecto directo *peixes*, (*) do verbo pescar, ao objecto *homens* do mesmo verbo, tomado aqui já no sentido próprio, já no sentido translato ou figurado, sobresahindo assim e avivando-se mais o contraste das duas ideias pela sua aproximação mesma.

De outro modo, manca seria a expressão de seo pensamento e mal colorido o contraste entre os apostolos, cuja redes, segundo o Evangelista, *pescam os homens*, para se conservarem, e o commum dos *pescadores*, cujas redes tomam os peixes, para se comerem.

Escrevendo o Dr. Ruy: "*os pescadores* de *peixes pescam* os *peixes* para que se comam" mutilou o pensamento de Vieira: se assim dissesse este grande escriptor, sem enunciar a oração que com esta concorre, para indicarem ambas duas ideias, dois pensamentos, que se confrontam e contrastam, exprimiria uma trivialidade, uma rematada battologia.

O que Vieira escreveo foi o seguinte:

"E esta é a differença que ha entre os *pescadores de homens* e os *pescadores de peixes:* os *pescadores de peixes pescam* os *peixes*, para que se comam; os *pescadores de homens* hão de *pescar* os *homens*, para que se conservem".

Porque, dando o exemplo, não escreveo o Dr. Ruy Barbosa as duas orações coordenadas: *pescam os peixes, hão de pescar os homens*, enunciando apenas a primeira parte do periodo, truncando por completo o pensamento do escriptor?

Porque procurou emparelhar a sua phrase: "*pertence* ao *pescador* o *peixe*, que *pescar*" com a que, para se pôr em boa companhia, attribue a Vieira, calando a segunda oração, indispensavel á expressão completa do pensamento do sabio jesuita?

O verbo *pescar* emprega-se já no sentido proprio, como atraz dissemos, já no analogico, extensivo ou figurado: na passagem de Vieira: "os pescadores de peixes pescam os peixes", é o primeiro sentido que se attribue aos vocabulos *pescadores* e *pescam;* na phrase: "os *pescadores* de homens *pescam* os homens", são, ao contrario, os mesmos vocabulos empregados metaphoricamente, e é esta mesma opposição entre uns e outros pescadores que o escriptor deseja intimar.

Tomando neste ultimo sentido o verbo *pescar*, é que se diz em portuguez: *pescar perolas, aljofar, coral, pescar a artilheria, mercadorias, barris de polvora, pescar nos ares, as bombardas os pescaram, pescar a alguem alguma coisa, pescar provincias, reinos, pescar um*

(*) Na 1.ª ed. lemos —"o objecto directo *peixes* do verbo *pescar*,".

segredo, e familiarmente: *pescar de medicina, de musica, de desenho, pescar do riscado, pescar alguem ou alguma coisa*, no sentido de descobrir, desencavar, desencovar, desencantar alguem ou alguma coisa.

Nos exemplos seguintes é este verbo tomado metaphoricamente:

"Abalou D. Jorge após elle com sua gente, toda feita em dois fios como procissão, porque a artelharia da torre dos castellos a não podesse *pescar*".

(F. Lopes de Castanheda. *Hist. da India.* Liv. 8.º Cap. 6.º Pg. 14).

"A nossa artelharia, que não fazia senão tirar, *pescou* muitos".

(Id. Ibid. Liv. 6.º Cap. 113. Pg. 245).

"Logo começaram de jogar da fortaleza, e *pescavam* os que se descobriam".

(Id. Ibid.).

"Mas convinha estar cobertos, porque, em apparecendo, logo eram *pescados* com peloiro, setta ou pedra, que a gente vil, que não jogava arcabuz, por não perder occasião de offender, usava de fundas (*) a uso pastoril".

(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 2.º Cap. 11. Pg. 67).

"Logo se descobre que toda a teia por mais fina que parecesse, era urdida e endereçada a *pescar*, e não a *pescar moscas*. E senão veja-se o que todos *pescam*.

"As melhores commendas, os titulos, as presidencias, os senhorios, e talvez, diz o mesmo Salomão, que sendo a malha tão miuda, *pescam* o mesmo dono da casa.

"As palavras brandas do adulador são redes que elle arma, para *tomar nellas* ao mesmo adulado".

(Vieira. *Serm.* T. 7.º Pg. 195).

"Onde as vossas rêdes podem *pescar* mais homens, que as de Pedro, peixes do mar de Tyberiades".

(Id. Ibid. T. 13. Pg. 44).

"Cobrindo os gastadores com paredes torcidas, em tantas voltas, que os não podia *pescar* a nossa artelharia".

(Jac. Freire. *Vida de D. João de Castro.* Liv. 2.º n. 48. Pg. 92).

"Não podiam assomar-se, que os não *pescassem* as balas do inimigo".

(Id. Ibid. n. 93. Pg. 119).

(*) Na 2.ª ed. "funda", no singular e virgula.

"Da artelharia e balas de quaesquer armas de fogo, quando ferem, dizemos que *pescam*, como se nesta metaphora o cano da espingarda fora cana, e o tiro sedela". (*)

(*Bluteau.* T. 6.º Pg. 462).

"Onde é que elle *pescou* o nome de Artamenes? Nunca tal nome li".
(Filinto. Obras Compl. — T. 10 — Pg. 512).

"Não *pesco* atheniense a quem se impinja o summo
que diz que gera amor...".
(Cast. *Sonho de uma noite de S. João.* Pg. 71).

Não somos infensos aos pleonasmos: delles ha que dão muita graça, belleza, vivacidade, realce ao contexto; delles que se empregam por necessidade; outros que são construcções habituaes da lingoa, modismos que se lhe incorporaram na tecedura do discurso, como certas ellipses, que, à força de repetidas, se incorporam no dizer habitual e correntio; outros pleonasmos ha, em summa, de todo o ponto viciosos, que nenhuma belleza e elegancia trazem á expressão do pensamento, devendo haver-se antes por battologias, tautologias ou perissologias, que por pleonasmos propriamente ditos.

Exemplifiquemos todas essas especies de pleonasmos:

"E que peccados podia ter uma tão angelica creatura, e de tão pouca idade, para tão supito, sem confissão nem communhão, tão desastrada *morte morrer!*"
(Garcia de Rezende. *Livr. Classica.* Pg. 291).

"E a *justa* foi muito bem *justada* e deram-lhe nella muitos e grandes encontros".
(Id. Ibid. Pg. 279).

"E porque era *mortalissimo* inimigo de Rax Hamede, que ficou em seo lugar, chegando a Mascate, ordenou...".
(Diogo de Couto. *Dec.* 4.ª Liv. 4.º Cap. 5.º Pg. 275).

"Todos tinham *mortalissimas* feridas".
(Id. Ibid. Cap. 7.º Pg. 290).

"*Mortalissimo* odio".
(Id. Ibid. 8.ª Cap. 30. Pg. 247).

"E elle *cahio* pelas ancas do cavallo tão grande *queda*, que por muito espaço não bolio com pé nem mão".
(*Palmeirim d'Ingl.* Part. 2.ª Cap. 69. Pg. 465).

(*) Na 2.ª ed. lemos "sede*lha*".

"*Morrer* mil *mortes* ao dia por vosso amor".
(Fr. Lucas de Santa Catharina. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 6.º Pg. 234).

"Grande fineza de amor! Mas onde está o mais *fino* desta *fineza?*"
(Vieira. *Serm.* T. 3.º Pg. 146).

"Louvamos em Deos uma *excellencia,* que é *mais excellente* que todas".
(Id. Ibid. Pg. 218).

"É tão doce a eloquencia do nosso Orador mudo, que não ha *aspereza* tão *aspera,* que não abrande, nem *amargura* tão *amarga,* que não adoce".
(Id. Ibid. Pg. 372).

"O dos estatutos era capaz de nos abrir os olhos, se a nossa *cegueira* não fosse tão *cega*".
(Id. *Cartas.* T. 4.º Pg. 81).

"Se nas sentenças divinas pode haver superlativo, esta verdadeiramente foi *divinissima*".
(Id. *Serm.* T. 11. Pg. 221).

"Não ha *dureza* de marmore tão *dura,* nem de diamante tão impenetravel, ainda ao mesmo sangue de Christo, como a de um tal coração".
(Id. Ibid. Pg. 313).

"Pois *mentistes* mui grande *mentira*".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 21).

"Sendo, pois, *innumeravel* o *numero* das estrellas, que na Corôa do Rosario com um circulo infinito se comprehendem".
(Id. *Maria Rosa Mystica.* Part. 2.ª Pg. 285).

"Com o cuidado e desejo *nunca jamais* satisfeito".
(Id. *Serm.* T. 1.º Pg. 338).

"Aquelle *morre morte* miseravel nas garras dos remorsos; na deste, que horrendo papel não deveram tambem os remorsos representar!"
(A. Cast. *Camões.* T. 2.º Pg. 213).

"É já de si a humana vida tão cevada de tribulações; vem-nos ellas tamanhas, tão imprevistas, e tão certas, e tão irremediaveis, de todos os lados e por todos os modos, umas de dentro, outras de fora, umas de perto, outras de longe, umas debaixo dos pés, outras do alto, que nenhuma *deshumanidade* pode já haver mais *dehumana,* nenhuma *impiedade* mais *impia,* nem nenhuma *sandice* mais *tonta,* do que empregar a escriptura, que só para instruir e consolar se inventou, em martyrisar sem nenhum proveito aos pobres dos leitores, que nenhum mal nos fizeram e a quem no seo proprio não faltará que chorar".
(Id. *Os Fastos.* T. 1.º Pg. 271).

"*Cantando* em voz baxia uma *cantiga* monotona".
(A. Herc. *O Monge de Cister*. T. 1.º Pg. 82).

"Quando a imprensa *rugio* pelas suas guelas de zinco um *rugido* grande a favor de Vossê".
(Camillo. *Noites de Insomnia. Cons. a Sant. Naz.* Pg. 10).

Entre as expressões pleonasticas, admittidas pelo uso, figuram certas particulas, que, sem entrarem de necessidade e essencialmente na construcção da phrase, lhe servem como que de ensanchas, torneando-a mais, dando-lhe doçura, elegancia, vivacidade, emphase ou realce, communicando-lhe ás vezes certo matiz de familiaridade.

É ainda muito commum nas construcções pleonasticas o emprego emphatico dos pronomes.

De tudo isto testemunhas sejam os seguintes exemplos:

"Elles *lá* se avenham"; *lá* se entendam"; "*eu* cá sei o que digo, o que faço"; "sei *lá* o que queres fazer?"; "digam *lá* o que disserem, não lhes apparecerei"; que dizes tu *lá?*"; vê *lá* o que fazes"; "mais vale o tolo no seo, que o avisado no alheio, como *lá* dizem"; "que lindo *que* é aquelle palacete!"; "que saudades *que* tenho de minha terra!".

"Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros".
(Cam. *Lusiadas*. Cant. 6.º Est. 77).

"Os peixes, pelo contrario, *lá se vivem* nos seos mares e rios, *lá se mergulham nos seos* pégos".
(Vieira. *Serm.* T. 1.º Pg. 35).

"Cante-*lhe* aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-*lhe ditos* o papagaio, mas na sua cadeia; vá com elles á caça o açor, mas nas suas piozes; faça-*lhe* bufonerias o bugio, mas no seo cepo".
(Id. Ibid.).

"Como as flores *se murcham* e *se seccam*".
(Id. Ibid. Pg. 146).

"Lacaio infindo acode,
Que *me* agarra o tal doido,
Que o derrea e desanca".
(Filinto. *Obras*. T. 6.º Pg. 543).

"*Eu* e o guarda-portão. — Era um enorme
Canzarrão, que em dois trancos
Nos despachava um lobo".
(Id. Ibid. Pg. 405).

"Mano, faze hoje lanço de mestraço:
Pilha-*me* essas castanhas".
(Id. Ibid. Pg. 418).

"Por quem elle *se morria* de amores".
(Cast. *Os Fastos*. T. 3.º Pg. 554).

"Que prantos *que não* regaram
as faces de Dom Martinho!" (207)
(Th. Ribeiro. *D. Jayme*. Cant. 1.º Pg. 13).

---

(207) Uso é muito commum entre os nossos escriptores empregarem, em phrases interrogativas ou exclamativas, o vocabulo *não* de modo emphatico, como se nota no topico seguinte: "Se a felicidade de uma só choupana é tanto, que *não* será a de todo um imperio?" (Cast. *O Outono*. Pg. 54).

Ás vezes, porem, o mesmo vocabulo figura em phrases, onde é de todo superfluo. Tal é o uso desta palavra em algumas construcções em que entram a preposição *sem*, seguida ou não de *que*, as expressões *a menos de*, *a menos que*, certas locuções onde entram os vocabulos *até*, *antes*, depois de phrases comparativas seguidas de *que*, algumas vezes após os verbos que significam *temer*, *receiar*, e locuções analogas, quando o sentido repelle a negativa, *impedir*, *defender* (na accepção de *prohibir*), *estorvar*, *vedar*, *evitar*, *guardar-se*, *resguardar-se*, e ainda noutros casos, em que a grammatica lhe não pode assignar funcção determinada a não ser o arredondar e encher mais o periodo:

"*Vedou-se* a agua que *não* entrasse". (Castanheda. *Hist. da India*. Liv. 5.º Cap. 68. Pg. 264).

"*Com medo que* lhe *não* destruissem a terra". (Goes. *Chr. d'el-rei D. Manoel* 2.º Cap. 11. Pg. 335).

"E não sahisse em terra *té* elle *não* chegar". (Barros, Dec. 3.ª Liv. 9.º Cap. 8. Pg. 423).

"Por *se resguardar* de se *não* ferirem". (Id. Ibid. Liv. 3.º Cap. 6.º Pg. 302).

"*Defendendo* aos outros que as *não comessem*". (Diogo de Couto. *Dec.* 4.ª Liv. 4.º Cap. 10. Pg. 318).

"Não estava satisfeito *até que* as *não* lavasse em sangue de infieis". (Lião. *Chr. de D. João o* 1.º T. 1.º Cap. 82. Pg. 400).

"*Até não me* ouvirdes, não me condemneis". (Vieira. *Serm.* T. 1.º Pg. 118).

"E *faltou pouco* para que lhe *não* tirasse a vida". (Id. Ibid. Pg. 31).

"*Faltou pouco* que *não* cahisse de costas". (Id. Ibid. T. 12. Pg. 80).

"*Temi* que elle se *não* oppuzesse ao maior sacrificio que eu podia fazer a Deos, o da minha liberdade". (Filinto. *Obr. Comp.* T. 11. Pg. 592).

"Eu *tremia* que a opulencia a *não* houvesse corrompido". (Id. Ibid. T. 10. Pg. 64).

"Minha mulher tem *mais* juizo num dedo seo, *que* eu *não* tenho no corpo todo". (Id. Ibid. Pg. 74).

"Que animal *que* aquillo era!"
(Felippe Leite. *Ram. da Puericia.* Pg. 153).

Os nossos classicos costumavam, ainda aos nomes proprios, ajunctar pleonasticamente o pronome da terceira pessôa, como se vê nos exemplos:

"E *elle* João de Borba com as nove pessôas corrêo contra Samatra por espaço de nove dias".
(Barros. *Dec.* 3.ª Liv. 5.º Cap. 3.º Pg. 537).

"E do modo que *elle* Fernão de Magalhães se havia com elles".
(Id. Ibid. Cap. 9.º Pg. 632).

"Neste mesmo tempo se lhe perdeo um navio, Capitão João Serrão, o qual *elle* Fernão de Magalhães mandara diante ver se achava algum cabo ou estreito".
(Id. Ibid. Pg. 632).

"Estando *elle* Fernão de Magalhães em Azamor".
(Id. Ibid. Cap. 8.º Pg. 623).

Os latinos tambem empregavam às vezes não só certos casos do pronome pessoal de modo expletivo, dizendo como Horacio: "*Quid mihi Celsus agit?*" (*Épist.* 3.ª Liv. 1.º V. 15), senão tambem lhes era habitual o accumularem adjectivos de significação identica, fazendo o mesmo com respeito a certos elementos grammaticaes invariaveis.

Assim é que diziam: "*audiens et obediens, volentes ac non coacti, ergo igitur, quoque etiam, itaque ergo, sane quidem, deinde tum, primum statim*".

Donde talvez veio aos nossos classicos o empregarem duas conjuncções da mesma classe, como *mas porem, mas comtudo, mas entretanto,* cahidas hoje em desuso, e as expressões *e todavia, e comtudo,* ainda hoje em voga entre os nossos escriptores.

"Não descontentarão *mais*, aos bons historiadores *que* as outras *não* descontentaram aos bons poetas". (Id. Ibid. T. 9.º Pg. 436).

"*A menos que* estas damas *não* tomem a minha defesa". (Id. Ibid. T. 11. Pg. 467).

"*Menos que* em muitos animaes o riso se *não* tome por arreganhar os dentes". (Id. Ibid. T. 6.º Pg. 533).

"*Menos que* novas syntaxes francezas *não* tenham mudado a coisa". (Id. Ibid. Pg. 466).

"*A menos* que lh'o *não* tolhesse perigo". (Cast. *Os Fastos.* T. 1.º Pg. 119).

"Haviam de cuidar *mais do que não* cuidam". (Id. *Colloquios.* Pg. 92).

"Haviam de ser *mais* concorridos *do que* o *não* são". (Id. Ibid. Pg. 105).

Todas essas construcções pleonasticas nada têm de censuraveis em nossa lingoa; não passa o mesmo com as seguintes, sem embargo de que nol-as depare a lição de escriptores de boa nomeada:

"E commetteo a D. João de Menezes... que *corresse* uma *carreira*".
(Garcia de Rezende. *Livr. Classica.* Pg. 285).

"E depois de *ambos de dois* darem conta disto a sua gente".
(Castanheda. *Hist. da India.* Liv. 8.º Cap. 6.º Pg. 14).

"E entrados os nossos, todos os inimigos foram mortos, que nenhum escapou".
(Id. Ibid. Cap. 12. Pg. 29).

"Com traves pregadas em *ambas de duas*".
(Id. Ibid. Liv. 3.º Cap. 17. Pg. 46).

"De *ambos de dois* a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha".
(Cam. *Lusiadas.* Cant. 4. Est. 72).

"*Feitos* que os Portuguezes *fizeram* no descobrimento, e conquista dos mares e terras do Oriente".
(J. de Barros — na rubrica de todos os *Livros* de suas *Decadas*).

"Tocavam um sino tantas vezes, quantas *carreiras* queriam *correr*".
(Lião *Chron. d'el-rei D. João o* 1.º Cap. 100. Pg. 487).

"Pela muita vantagem que levava aos Portuguezes no numero das gentes, e capitães *tão principaes*".
(Id. Ibid. Cap. 56. Pg. 238).

"Por tantos milhares de almas, que confessam deverem-vos a *vida que vivem*".
(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 4.º Cap. 6.º Pag. 165).

"Era sua fabrica de altura que *sobrepujava por cima* das cabeças dos maiores homens".
(Id. Ibid. Liv. 6.º Cap. 11. Pg. 263).

"Das quaes as *mais principaes* são as que se fazem pelas praças e ruas publicas".
(Id. Ibid. Cap. 4.º Pg. 252).

"As quatro casas *mais principaes* desta côrte".
(Vieira. *Cartas.* T. 3.º Pg. 165).

"*Muito Reverendissimo* Padre Fr. Thomé da Conceição".
(Id. Ibid. Pg. 109).

"Um membro *tão principal* daquella casa".
(Id. Ibid. Pg. 104).

"E posto que alguns medicos dizem ser este o periodo desta casta de febre, os *crescimentos crescem,* e ella promette continuar".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 29).

"Porque a minha sciatica, ou frio encaixado em uma perna, me não deixa *sahir fóra*".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 102).

"Amigo, *subi para cima*".
(Id. *Serm.* T. 4.º Pg. 362).

"O restrugir das risadas *sobrelevava* de quando em quando *por cima* da algazarra, em que todos fallavam e ninguem se entendia".
(A. Herc. *O Monge de Cister.* T. 1.º Pg. 203).

"O certo é que *ambos os dois* monges, tão amigos, tão promptos sempre em communicar um ao outro, os seos menores e mais intimos pensamentos, caminhavam junctos".
(Id. Ibid. Pg. 99).

"*Preferio* sacrificar-se *antes* do que vel-a retalhada".
(Rebello. *Fast. da Igreja.* T. 1.º Pg. 162).

"Que se *prefere antes* a pobreza".
(Camillo. *O Gen. do Christ.* Vol. 1.º Pg. 146).

"Censurando a locução *ambos os dois* de Lucena, assim se exprime José de Castilho:

"É pleonasmo ruim. Ha outro, não menos, senão mais condemnavel, ainda que usado do vulgo e podendo allegar por si os *Lusiadas*". (IV, 72).
"Mas *ambos os dois!* Faz lembrar o *todos dois,* singular gallicismo, introduzido, não sabemos como, na plebe do Brasil". (208).

Na phrase, que o Dr. Ruy cita, attribuindo-a a Bluteau: *quem pesca um peixe, pescador é* — ha incontestavelmente um pleonasmo, que, como adagio, passou a fazer parte do dizer corrente da lingoa,

(208) — *Livraria Classica.* T. 2.º, Pg. 220.

não tendo nada de censuravel, como o não tem a phrase pleonastica proverbial: — *quem conta um conto, accrescenta um ponto.*

Mas não se pode dizer o mesmo com relação á phrase — *pertence ao pescador o peixe, que pescar*, a qual, sobre ser um pleonasmo desnecessario, encerra o vicio da alliteração.

Se perfilharmos essa phrase do Dr. Ruy, nada de censuraveis tambem acharemos nas seguintes: *pertence ao caçador a caça que caçar; pertence ao passarinheiro o passaro que passarinhar; pertence ao monteiro a monteria que montear; pertence ao semeador a semente que semear; pertence ao pintor a pintura que pintar; pertence ao lenhador a lenha que lenhar; pertence ao lavrador a lavoira que lavrar; pertence ao vindimador a vindima que vindimar; pertence ao colhedor a colheita que colher; pertence ao remador o remo que remar; pertence ao jogador o jogo que jogar; pertence ao ceifador a ceifa que ceifar; pertence ao segador a sega que segar.*

Disse, é verdade, Alexandre Herculano:

"Mandou conduzil-o ao aposento onde comia, para se regalar de ver a excellente *prêa que havia preado*".

(*Lendas e Narrat.* T. 2.º Pg. 11).

E um pouco mais adiante, a pg. 23:

"E, com alegres toques de buzina e latidos da matilha, fez conduzir ao Castello a *prêa que tinha preado*".

Mas, nem por partirem da penna autorizada desse grande escriptor, deixarão os dois exemplos de ter a pecha de pleonasmos desnecessarios, bem que não sejam em tudo semelhantes ao do Dr. Ruy, porque se eximem da alliteração, que neste se nota.

Do mesmo modo, bem que usadas por alguns escriptores, não serão para imitar as locuções pleonasticas: "começou de *ventar* algum *vento*" (Castan. *Hist. da Ind.* Liv. 5.º Cap. 68. Pg. 265); "que *perdia* nisso grande *perda*" (Id. Ibid. Liv. 3.º Cap. 109. Pg. 374); "por *muito minimo* que fosse" (Fern. M. Pinto. *Pereg.* Cap. 194); *escrevi* um *escripto*" (Vieira. *Cartas* T. 2.º Pg. 174); "*tão minimo* como um atomo" (Id. *Serm.* T. 15. Pg. 107); "não desmerecia no *mais minimo* o conceito" (Lat. Coelho. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 340).

"*Pode* bem *ser* que *talvez* não se realize na ordem dos factos". (Ruy. *Amm. Inv.* Pg. 41).

Em o numero 209 de sua *Replica*, assim se exprime o Dr. Ruy:

"Crú é o pleonasmo na sentença gisada pelo mestre: *pescar peixe.*

"Se eu aldravadamente escrevesse *comer comida, sonhar sonhos, dormir somno, viver vida, morrer morte, sorrir sorrisos, gemer gemidos*, sem um complemento, ou, sequer, um adjectivo, que modificasse a ideia expressa no objecto do verbo, poderia, talvez, incorrer em censura".

Aqui no primeiro periodo considera o Dr. Ruy Barbosa pleonasmo *crú* a expressão *pescar peixe;* porque mais adiante, em o numero 211, já lhe não parece tão *crú*, visto que affirma se poderia justificar de todo.

"Apertemos ainda o ponto", diz elle: "Não é só com phrases equivalentes que se poderia justificar *de todo* a locução *pescar peixe*.

"Mais que *analogias* a seo favor tenho entre os arestos da lingoa. Alguns consignam identica e textualmente a mesma expressão:

"*Pescar peixe*."

"Aqui estão:

"Com redes alheias ou feitas por mão alheia podem-se *PESCAR PEIXES*, homens não se podem pescar".

(Vieira. *Serm.*, v. I. Pg. 268).

"OS PESCADORES DE PEIXES PESCAM OS PEIXES para que se comam".

(Ibid., v. II. Pg. 124).

Mas nenhuma paridade têm os dois passos de Vieira com o que procura o Dr. Ruy justificar.

Já o dissemos, tomando o verbo *pescar* e o substantivo *pescador*, já no sentido proprio, já no figurado, o elegante escriptor quiz dar mais relevo ao contraste, salientando mais vivamente a differença entre o *pescar homens* e o *pescar peixes*, entre os *piscatores hominum* e os pescadores de peixes.

Na segunda phrase o Dr. Ruy desfigura o pensamento do orador sagrado, enunciando-lhe apenas uma parte, como se fosse possivel uma comparação sem os dois termos, que o espirito aproxima e põe em parallelo.

O que disse Vieira não foi simplesmente que *os pescadores de peixes pescam os peixes*: foi, sim, o seguinte: "*Os pescadores* de *peixes pescam* os *peixes* para que se comam; os *pescadores* de *homens hão de pescar* os *homens* para que se conservem".

Donde se vê que se não podem separar as duas proposições, sem falsear totalmente o pensamento do escriptor, desde que, sendo dois os termos da comparação, cada proposição contem o seo.

Ainda, a necessidade de pôr em relevo na linguagem o antagonismo entre as duas ideias, foi que trouxe a expressão de Vieira: "Os *pescadores de peixes pescam* os *peixes* para que se comam; os *pescadores de homens hão de pescar os homens* para que se conservem".

Quanto á phrase: "quem *pesca* um *peixe, pescador* é", já o mostramos, tem sua carta de credito na lingoa, como occorre com todos os adagios, proverbios e anexins.

Attribue o Dr. Ruy esta phrase a Bluteau. Não; não pertence a Bluteau. É um adagio, desde muito introduzido no fallar popular: o proprio Bluteau apresenta-o na lista dos adagios.

"Acaso em *pescar*", pergunta o Dr. Ruy, *Replica,* n. 211, "se contem necessariamente a ideia de *peixe?*

"Não. Com a ideia primitiva, original, innata á sua derivação latina (*piscari,* de *piscis*), com essa ideia, de *tomar o peixe* n'agua, lhe é commum a de tomar d'agoa *tudo o que nella viva, ou nella esteja.*

"No fallar dos nossos bons autores, os mesmos canhões *pescam.* Frequentes vezes, em Barros, Jacinto Freire e outros, vemos pescar a artilheria

....

....

"Logo, se se pescam homens, cadaveres, cetaceos, mariscos, batracios, perolas, coraes, é que ao vocabulo *pescar* não se associa necessariamente o supposto de *peixe;* e, portanto, não será licito rejeitar como pleonasmo a locução *pescar peixe,* firmada, aliás, de mais a mais, nos mais classicos exemplos".

Sinto discordar do eminente Dr. Ruy Barbosa: se a palavra *pescar* tem por origem o verbo latino *piscari,* que tem por thema ou radical a palavra *piscis,* é incontestavel que todos os sentidos que se derem ao verbo *pescar* hão de necessariamente suppôr a significação de *peixe,* insita no substantivo original.

Todas as significações do verbo *pescar-piscari,* mais ou menos distantes da significação propria e original, se prendem, por uma cadeia ininterrupta, ao sentido proprio e primitivo do vocabulo *peixe,* donde elle se deriva.

As palavras, em sua marcha evolutiva, afastam-se muitas vezes mais e mais de seo sentido primitivo: umas, de abstractas e geraes que eram em seo sentido, tornam-se de sentido physico, concreto, particular; outras, ao envez disso, originariamente de sentido physico, material, concreto, generalizam-se em sua significação, subindo successivamente pela escala das ideias abstractas e geraes.

Mas todas essas ideias abstractas, todos esses sentidos novos, que se lhes implantam, têm por base e *substratum* o primeiro sentido, com que entraram a fazer parte do vocabulario da lingoa.

Relações multiplas, variadissimas, analogias proximas ou remotas, verdadeiras ou falsas, semelhantes ou oppostas, prendem e vinculam os varios sentidos de uma mesma palavra ao sentido primitivo.

Não é, pois, exacto, da diversidade de significação do verbo portuguez *pescar*, inferir que não encerra a ideia exprimida pelo vocabulo *peixe;* é esta ideia, ao contrario, o fundamento em que assentam todos os sentidos analogicos, extensivos ou figurados do verbo *pescar*.

No Padre Antonio Vieira, mais de uma vez, se encontra na mesma phrase o verbo *pescar* com esse duplo sentido: á passagem citada pelo Dr. Ruy, accrescentaremos os seguintes lanços do mesmo escriptor e da *Arte de Furtar*:

"No mar *pescam* as cannas, na terra *pescam* as varas, (e tanta sorte de varas), *pescam* as ginetas, *pescam* as bengalas, *pescam* os bastões, e até os sceptros *pescam*, e *pescam* mais que todos, porque *pescam* cidades e reinos inteiros".

(*Serm.* T. 1.º Pg. 40).

"*Pescadores* ha de anzol e *pescadores* ha de redes; até os que *pescam* com redes usam de isca e cevadoiros, com que engodam o peixe; e os *pescadores*, de que aqui tratamos, não têm melhor engodo, que o dinheiro: se souberem usar bem delle, *pescarão* quanto quizerem, e enredarão o mundo todo.

"Bem usou do dinheiro um mercador em Africa, para *pescar* cincoenta mil cruzados, que se lhe iam pela agoa abaixo".

(*Arte de Furtar.* Cap. 64. Pg. 384).

No trecho de Vieira só uma vez é o verbo *pescar* tomado no sentido proprio — *no mar pescam as cannas*, sendo figuradamente tomado nas outras orações do periodo; no da *Arte de Furtar* os vocabulos *pescadores* e *pescam* figuram do mesmo modo, já no sentido proprio, já no figurado; mas é claro que este se fundamenta naquelle e o presuppõe, como a ideia abstracta e geral presuppõe a concreta e individual.

Pois, porque, empregando-se o verbo *pescar*, se diz *pescar* perolas, aljofar, coral, mariscos, tartarugas, rãs, baleias, *pescar* a artilheria, *pescar* cadavares, *pescar* homens, provincias e reinos, segue-se que se deva associar esse verbo ao substantivo *peixe*, que encerra sua origem e seo elemento morphico fundamental?

Porque se diz *semear* boatos, rumores, *semear* noticias assustadoras, *semear* a palavra de Christo, *semear* a boa doutrina, *semear* o evangelho, *semear* a fé, a indústria, *semear* discordias, *semear* a sizania, *semear* desordens, mentiras, ruinas, segredos, odios, enganos, *semear* ventos, males, bençãos, beneficios, tropeços, difficuldades, estragos,

será razoavel não associar o verbo *semear*, do latim *seminare*, á palavra latina *semen*, donde provem, ligando-se o verbo *sementar*, hoje desusado e tomado sempre no sentido proprio, ao substantivo *semente*, do vocabulo latino *sementem?*

Não se deve ver nessas variantes de sentido o trabalho surdo, é verdade, mas incessante da analogia, que, insensivel e gradativamente, enriquece e opulenta o vocabulario das lingoas?

Não é pelas associações de ideias, que ora se fundamentam na semelhança, ora na opposição e constraste, que se explica o significar o mesmo vocabulo ideias de todo em todo oppostas, como se nota no vocabulo latino *valetudo*, derivado de *valere*, o qual designa duas ideias antagonicas — *saude* e *doença*, embora se lhes attribua uma fonte commum?

E por indicar ás vezes esse vocabulo duas ideias, que se encontram e repellem, negaremos a estas sua origem commum, refusando entroncal-as na mesma fonte, donde procedem?

Quando, alludindo ás investidas e aos botes desvairados da cubiça do oiro, o poeta mantuano prorompe na bellissima apostrophe:

> "*Quid non mortalia pectora cogis,*
> *Auri sacra fames!*", (209)

deo porventura ao adjectivo *sacer* o mesmo sentido que lhe associavam os Romanos nas expressões: *sacra laurus, sacer vates, sacra jura?*

O Dr. Ruy, que, em suas emendas ao *Projecto*, impugnou, no art. 8, como pleonastica, a expressão "*rege o regimen dos bens no casamento*", emenda em que, aliás, lhe dei razão; que do mesmo modo houve por superfluas ou pleonasticas as locuções "*a mulher viuva ou separada do marido*", em o n. 14 do art. 187; "*a doação onerada com encargo*", no art. 1182; "*culpa* ou *negligencia*", no art. 1336; "*salario ou ordenado*", no art. 1572; "*conflicto da batalha*", no art. 1670; que, em summa, dá de rosto a tudo quanto lhe parece redundante, pleonastico ou superfluo; não devia romper lanças por uma phrase manifestamente pleonastica e de máo gosto.

Em o numero 215 de sua *Replica*, referindo-se á censura que fiz á phrase por elle defendida, assim se explica:

"Quereria o mestre alli trocar o verbo *pescar* em *apanhar*. Mas ainda aqui não é de bom conselho o seo voto. Attribuindo ao pescador o *peixe, que pescar*, asseguro-lhe o dominio da pescaria por elle feita, do peixe que elle houve mediante o anzol, a rede e os demais artificios da pesca.

(209) *Eneida*. Liv. 3.º v. 56 e 57.

"Consignando-lhe o *peixe* que elle *apanhar*, dar-se-lhe-hia todo o que elle *colhesse ás mãos*, onde quer que o encontrasse, dentro n'agoa, ou fóra, pescando, subtrahindo, arrebatando; o que era superlativamente absurdo".

Se essas observações não partissem do Dr. Ruy Barbosa, cuja gravidade não fora licito contestar, tel-as-hiamos por mero gracejo.

Pois então, tratando-se de pescador, isto é, do que tem o mister de *pescar*, de *apanhar* ou *tomar* peixe no mar, no rio ou em um sitio, qualquer que seja, onde se pesque, e dizendo-se: "pertence ao pescador o *peixe* que *apanhar* e o que perseguir, arpoado", poderá esta phrase, escripta como está induzir alguem á persuasão de que, *consignando-lhe o peixe que apanhar*, se lhe daria *todo o que elle colhesse ás mãos, onde quer que o encontrasse, dentro n'agoa, ou fóra, pescando, subtrahindo, arrebatando?*

E aquella oração coordenada: "*o que perseguir, arpoado*", não põe fóra de duvida que se trata de pescaria por elle feita?

Em terra, isto é, fóra d'agoa tambem se perseguem e arpoam peixes?

No *Projecto do Codigo Civil*, a phrase increpada pelo Dr. Ruy: pertence ao pescador o *peixe* que *apanhar* e o que perseguir, arpoado", vem immediatamente após o art. 604, que assim reza:

"Observados os regulamentos administrativos, pode ser a *pesca* exercida não só em agoas publicas, senão tambem nas particulares, proprias e alheias; neste caso, com permissão do respectivo dono".

Ora, este artigo e o que encerra a phrase criticada vêm ambos submettidos á rubrica — PESCA.

Se, portanto, o art. 604, tratando da *pesca*, determina que, observados os regulamentos administrativos, esta se pode exercer não só nas agoas publicas, senão nas particulares, proprias ou alheias, não é obvio que, dizendo o *Projecto*: "Pertence ao pescador o *peixe* que *apanhar* e o que perseguir, arpoado", assegura ao que tem o mister de *pescar* ou *apanhar peixe*, a propriedade do pescado, que toma, e não sua mera detenção actual?

Em o numero 216, assim escreve o Dr. Ruy, chasqueando:

"Mas ainda não findei com o pescado. Mal se poderia comparar o mestre aos pescadores do alto, empenhados nos grandes lanços da fisga, ou da rêde, nem ao pescador de canna, a quem satisfaz a pescaria, que lhe trouxer o anzol. Vae ás trutas, venha, ou não, de bragas enxutas.

"E o mariscador, a quem não escapa nem a ameijoa, nem a sapateira. Esses pescadores do razo, porem, nem sempre acertam com o que esperam.

Muita vez, quando já imaginam saborear a lagosta, ensanguentam os dedos no oiriço.

"É o caso".

Contento-me com o lugar que me assigna o illustre Dr. Ruy, comparando-me ao pescador do razo, ao mariscador.

Serei o pescador do razo; o Dr. Ruy bem se poderia comparar ao pescador do alto; é o pescador dos grandes lanços da fisga ou da rêde; é o pescador do arpão.

Mas, se aquelle, aventando saborear a lagosta, ensanguenta muita vez os dedos no oiriço, tem o grande pescador, o pescador do alto, o perigo das syrtes e escolhos, onde pode sossobrar a barca pescareja.

Na cerração da borrasca, com ventos rijos e ponteiros, nem sempre ao pescador do alto é fanal de segurança e salvação o ponto em que, perdido o rumo, põe a proa; quando se julga a poucos passos da obra ou enseada se abrigar, embica nos baixios encondidos.

A troco da fadiga tresnoitada, o lanço do tresmalho nem sempre recolhe doiradas, pescadas e siobas, senão a manjuba e a plebe dos peixinhos.

Tambem no alto mar ha oiriços, que ferem e pungem, e peixes que arremettem, tragam e devoram.

É sempre mais seguro o lugar onde é menor a queda e o perigo, ou donde se não pode cahir.

Bem disse o Padre Antonio Vieira (*Serm.* T. 1.º Pg. 352):

"Do lugar alto pode-se cahir ao baixo, do baixo pode-se cahir ao infimo; mas do infimo, que é o ultimo, não se pode cahir, porque não ha para onde".

Para os Latinos era sempre intransitivo o verbo *piscari.*

Em lugar deste, usavam dos verbos *capere, captare, prehendere,* quando figurava de complemento ou regime directo o substantivo *piscem, pisces.*

Não diziam: *piscatores pisces piscantur,* senão: *piscatores pisces capiunt, pisces captant* ou *prehendunt.*

Sejam exemplos os seguintes passos de Cicero e Horacio:

"Quum ille promisisset, tum Pythius, qui esset, ut argentarius, apud omnes ordines gratiosus, *piscatores* ad se convocavit, et ab his petivit ut ante suos hortulos postera die *piscarentur*".

(Cicero. *De Officiis.* Liv. 3.º Cap. 14).

"Sed si aliquid dandum est voluptati, quoniam ejus blanditiis non facile obsistimus (divine enim lato *escam malorum voluptatem* appellat, quod ea

videlicet homines *capiantur*, ut hamo *pisces*): quanquam immoderatis epulis caret senectus, modicis tamen conviviis potest delectari".

(Id. *De Senectute*. Cap. 13. 44).

"Si, bene qui cœnat, bene vivit, lucet: eamus
Quo ducit gula: *piscemur, venemur, ut olim*
Gargilius ....."

(Hor. Liv. 1.º *Epistola* 6.ª Verso 56).

Na mesma phrase do *Projecto*, de que ora tratamos, á palavra *arpoado* accrescentou o Dr. Ruy a expressão "*ou farpado*".

Pensamos que não foi feliz no accrescimo que fez: (*) ainda se dissesse, em vez de *farpado, fisgado*, nada teria de extranhavel o accrescentamento; mas o adjectivo *farpado*, com referencia ao substantivo *peixe*, não nos parece adequadamente empregado.

Manuseemos os diccionarios portuguezes, e vejamos o sentido que todos elles, sem excepção de um só, attribuem ao substantivo *farpa*, ao adjectivo *farpado* e ao verbo *farpar*:

"FARPA. Tira pendente de panno recortado, como as que se veem em pendões ou estandartes, ou aquella pequena parte que escarça ou se rasga de algum panno. *Farpa* no vestido. *Farpa* do estandarte; *farpa* da setta, *farpa* do anzol, são voltas de ferro na extremidade da setta ou anzol.

"Tornando a tirar a setta, com as *farpas* levou-lhe o coração. (Vieira. T. 3.º Pg. 505))".

(Bluteau. *Vocab.*).

"FARPADO. Recortado por arte, ou por natureza, como as folhas de algumas plantas.

"*Farpado*, como a lingoa da serpente com tres pontas. Duas cabeças de serpe com lingoas vermelhas *farpadas*. (*Nobil. Portug.* Pg. 278).

Que com *farpada* lingoa docemente
Não aprendida musica espalhando
(*Ulyss.* de Gabr. Per. Gant. 7, oit. 5.)".
(Id. Ibid.).

"FARPAR. Recortar em farpas, fazer em tiras pendentes. *Farpar* o anzol".
(Id. Ibid.).

"FARPA. Hastim armado de ponta aguda para cravar em toiros; as barbas do anzol e das settas; antenna de insectos; tira pendente de pendão ou estandarte, recortada em pontas agudas; tira de coisa rota, esfarrapada".

(Constancio. *Dicc.*).

(*) Na 2.ª ed. temos aqui "ponto e virgula" em lugar de "dois pontos".

"FARPADO. Recortado em ponta com angulos reintrantes; armado de farpa. *Roupas farpadas,* curtas, não fraldadas. *Lingoa farpada,* com tres pontas angulares, como se apresenta a da serpente".

(Id. Ibid.).

"FARPAR. Recortar em farpas, ou fazendo angulos reintrantes e salientes; armar de farpas ou barbas, v. g. — *settas, anzoes;* fazer em tiras. *O vento farpou as velas,* rasgou em farpas".

(Id. Ibid.).

"FARPA. Pequena vara armada numa das extremidades de uma especie de anzol, ou barbas. — As barbas do anzol e das settas, para que fincadas não saiam com facilidade. *Farpa* (*) *de borboletas e insectos.* Vide *antennas.* Ponta de estandarte, recortada angularmente. Tira de coisa rota, farpada ou esfarrapada".

(Domingos Vieira. *Dicc.*).

"FARPADO. *Part. pass. de farpar*".

(Id. Ibid.).

"FARPAR. Recortar em farpas, ou fazendo angulos reintrantes e salientes. Fazer em tiras, rasgar.

Farpar as settas; fazer-lhes barbas".

(Id. Ibid.).

"FARPA. Ponta penetrante, em forma de angulo, cujos lados terminam em dois dentes, que impedem a sahida do corpo em que ella se introduzio. Essa ponta com um cabo ou hastim. Rasgão, rasgadura, farrapo".

(Adolpho Coelho. *Dicc. Ety.*).

"FARPADO. P. p. de *farpar.* Armado de farpa. Que é em forma de farpa. Rasgado, esfarrapado".

(Id. Ibid.).

"FARPAR. Armar de farpa. Dar a forma de farpa. Rasgar, esfarrapar".

(Id. Ibid.).

"FARPA. Ponta penetrante dentada na extremidade em angulo agudo, como na barba do anzol, ou na ponta da setta. Hastim armado de ponta aguda em forma de setta, para cravar em toiros. Rasgão, rasgadura: Fiquei com as calças cheias de *farpas.* Tira de coisa rota, farrapo: A capa pendia-lhe dos hombros em *farpas.* Tira angular pendente do pendão ou estandarte".

(Caldas Aulete. *Dicc. Contemp.*).

"FARPADO. Armado de farpa. Recortado em forma de ponta de setta. Rasgado, rôto: Vestido *farpado.* Lingoa *farpada,* partida ou fendida como a

(*) Na 2.ª ed. lemos "farpas", no plural.

das serpentes: Accessas, tremulas, rabidas viboras horriveis bramam por *farpadas* lingoas (Diniz da Cruz)".

(Id. Ibid.).

"FARPAR. Armar de farpas, dentes ou barbas (qualquer haste). Recortar em farpas. Fazer em tiras, rasgar, romper: O vento *farpou* as bandeiras".

(Id. Ibid.).

"FARPA. Ponta penetrante, que tem a forma triangular como a do anzol e da setta, e não pode por isso facilmente sahir do corpo em que se introduzio. Hastim ou hastea curta de madeira, tendo na extremidade uma ponta aguda e penetrante, de ferro, a qual serve para farpear toiros, etc. A *farpa* de hastea curta chama-se tambem: ferro, bandarilha. *Farpa de borboleta e insectos.* V. *Antenna.* Tira pendente do pendão ou estandarte, recortado angularmente aguda. Tira de coisa rota, farpada ou esfarrapada. Rasgão".

(Moraes. *Dicc. da Ling. Port.*).

"FARPADO. P. p. de *farpar;* e adj. "roupas *farpadas* devia trazer o tabellião" *Ord. Af.* 1 T. 2. Isto é, curtas, leigaes, e não as fraldadas e talares clericaes. Rasgado, roto. Arame *farpado*: duplo fio de arame torcido, tendo de espaço a espaço pontas agudas, e serve para divisão de propriedades e vedação de terrenos, etc., afim de evitar a passagem de animaes. *Lingoa farpada;* fendida, partida como a das serpentes".

(Id. Ibid.).

"FARPAR. Recortar em farpas, ou fazendo angulos reintrantes e salientes: v. g. (*) o *vestido* (era ornato antigo). Fazer em tiras, rasgar: v. g. o vento *farpou* as velas. Armar de farpas. *Farpar* as settas; fazer-lhes as pontas. *Folhas farpadas;* que têm recortado angular.

(Id. Ibid.).

"FARPA. Ponta de metal, penetrante e em forma de angulo agudo; hastim, armado com essa ponta, para ferir toiros em corrida; rasgão".

(C. de Figueiredo. *Novo Dicc. da Ling. Port.*).

"FARPADO. *part. de farpar.*

(Id. Ibid.).

"FARPAR. Por farpas em; farpear; recortar em forma de farpa; romper, esfarrapar".

(Id. Ibid.).

Tratando (**) do substantivo *peixe*, não costuma a nossa lingoa ajunctar-lhe o adjectivo *farpado*, para significar ferido com farpa, por não ser este instrumento usado na pescaria.

(*) Na 2.ª ed. lemos: "farpar o vestido".

(**) Na 2.ª ed. lemos: "Tratando-se".

Farpa é termo de tauromachia, e significa o instrumento usado para ferir os toiros nas corridas; donde a seguinte locução de tão trilhado uso nas toiradas: *farpear o toiro.*

Farpam-se as settas, *farpam-se* os anzóes e as fisgas, farpam-se os pendões e estandartes, as velas de navio tambem as *farpa* o vento; *farpadas* são as folhas de algumas plantas, *farpadas* dizem-se as vestes, quando se fazem em tiras pendentes e se esgarçam; os peixes, porem, esses não se *farpam; farpam-se* os arpões, as fisgas e os anzóes, com que os tomamos.

Em Fr. Luiz de Souza encontra-se o seguinte exemplo:

"Seguiam dois grandes *estandartes farpados,* e foram cobrindo a praia com soberba e confiança turquesca".

(Souza. *Annaes.* Pg. 346).

Disse bem Vieira, falando aos peixes:

"Não vedes que contra vós se emmalham e entralham as rêdes, contra vós se tecem as nassas, contra vós se torcem as linhas, contra vós se dobram e *farpam os anzóes,* contra vós *as fisgas* e *os arpões?* Não vedes que contra vós até as cannas são lanças e as cortiças armas offensivas?"

(*Serm.* T. 1.º (*) Pg. 47).

"O que vejo é uma vara comprida e *farpada*".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 71).

Tambem escreveo Latino Coelho:

"E o batel, custosamente alcatifado, levava na proa um *guião farpado* de damasco branco e vermelho, tendo por insignia a cruz da ordem de Christo".

(*Varões Illustres.* T. 2.º Pg. 132).

* * *

COLHER PEIXE — Varios sentidos apresenta em nossa lingoa o verbo *colher.* Assim é que se diz: *colher* flores, folhas, ramos, fructos, *colher* trigo, vinho, *colher* o fructo do seo trabalho, quem planta, *colhe,* quem semeia ventos, *colhe* tempestades, *colher* um ladrão, um malfeitor; *colher* na accepção de apanhar, por engenho ou ardil: *colher* no laço, no alçapão, no brete, na costella, na arapuca, no mundéo, no boiz, na esparrela, no fojo, na rede, no jiqui, na nassa, no covão; *colher* por agarrar: *colher* ás mãos; colher alguem, fazendo-lhe perguntas e argumentos sagazes para forçal-o a cahir no laço ou rede, que lhe armamos; *colher* por apanhar de improviso, como na phrase: o temporal o *colheo* no alto mar, a noite o *colheo* no meio da estrada;

(*) Na 2.ª ed., por engano do revisor, lemos: "3.º".

colher por tornar a adquirir, cobrar; *colher* forças, alento, *colher* folego; *colher* por alcançar, attingir: o tiro, o peloiro o *colheo; colher* por vir a pello, fazer ao caso, cahir a lanço, ter cabimento: esta razão não *colhe*, este argumento não *colhe; colher* no sentido de encolher o que está estendido: *colher* a fateixa, *colher* os cabos, *colher* as velas, *colher* a redea, *colher* o fio ou cordel do papagaio; colher as fraldas dos vestidos roçagantes, em vez de tomal-as, apanhal-as, arregaçal-as; *colher* um defluxo, um rheumatismo, por pilhal-os, apanhal-os; *colher* por inferir, concluir: donde se *colhe* que não atinaste com o diagnostico da molestia; *colher* por perceber, descobrir: "Logo os dolos *colheo* e iras de Juno". (210)

Em alguns casos é o verbo *colher* substituido pelo verbo *recolher*, como na seguinte passagem do Evangelho: "Collegerunt bonos (pisces) in vasa, malos autem foras miserunt", que o Padre Antonio Vieira, *Serm.* T. 1.º Pg. 33, verte assim no portuguez: "recolheram os pescadores os peixes bons, e lançaram fóra os máos".

É o verbo *colher* derivado do latim *colligere*, que, no hespanhol, tem por correspondente o verbo *coger*, (*) no italiano *cògliere* e no francez o verbo *cueillir;* mas, bem que derivado de *colligere*, em certas accepções que lhe dá nossa lingoa, corresponde ás vezes aos verbos latinos *capere*, *captare*, *prehendere*, *fallere*, *decipere*, etc.

A phrase que censuramos, na emenda que fez o Dr. Ruy ao art. 605 do *Projecto do Codigo Civil*, foi a seguinte:

"Pertence ao pescador o peixe, que pescar, e o que, arpoado, ou farpado, perseguir, embora outrem o colha".

Ora, aqui a expressão do Dr. Ruy *embora outrem o colha* se refere não ao peixe que o pescador apanhar, senão ao que "arpoado, ou *farpado*, perseguir".

Justamente com relação a este peixe, arpoado ou *farpado*, que é perseguido pelo pescador, é que julgamos não se poder com propriedade empregar o verbo *colher*.

Colher com arpões, colher com farpas, julgamos expressões impróprias, primeiramente porque, como já o dissemos, não é a *farpa* instrumento de pescaria, não se costuma dizer *peixe farpado*: *farpas* tem-n'as o pescador nas barbas do anzol, da fisga, do arpão.

Em segundo lugar, o verbo *colher*, quando applicado á pesca ou caça, traz sempre a ideia de apanhar ou tomar, por traça, engenho,

(210) Lima Leitão traduzindo o verso de Virgilio: "*Nec, latuere doli fratrem Junonis et iræ*". Caldas Aulete, *Selecta Nacional*. Pg. 111.

(*) Na 2.ª ed. lê-se: "cogere".

engano ou ardil. Assim é que se diz *colher* na rêde ou nassa, no jiqui, com o anzol, á canna, á linha, porque nesses instrumentos piscatorios ha a isca, o engodo ou cevadoiros; mas não occorre o mesmo, quando na pesca se emprega o arpão, a fisga ou bicheiro.

Ninguem dirá com propriedade *colher* uma baleia, mas *arpoar*, *tomar*, *apanhar*, *pescar* uma baleia; nem *colher* um cação, *colher* um tubarão, *colher* um peixe serra, quando, para tomada daquelle cetaceo e destes peixes grandes, se recorre ao arpão ou á fisga.

O vocabulo *tomar* ou *apanhar* tem mais generalidade.

Assim que se diz *tomar* peixes á linha, á canna, á fisga, com rêde, nassa, jiqui, anzol, ou qualquer modo que seja; o verbo *colher* só é applicavel á pescaria da rêde, nassa, anzol, etc., onde se recorra á isca, engodo, engenho ou ardil.

Assim, rectificando a phrase de nossas *Ligeiras Observações* a que demos caracter mais absoluto do que deveramos dar, diremos: pode-se dizer *colher peixes* (*) mas é improprio empregar (**) esse verbo como o fez o Dr. Ruy, dizendo: "e o que, arpoado, ou *farpado*, perseguir, embora outrem o COLHA".

Passa o mesmo em nossa lingoa, quando se trata de caça: é ordinariamente o verbo *tomar* ou *apanhar*, de que se *soccorrem* os nossos escriptores, dizendo: *tomar* ou *apanhar* passaros; *tomar*, *apanhar* ou *caçar* perdizes; *apanhar* ou *tomar nambús;* e fallando da caça, apanhada em laço, rede, armadilha: *tomar*, *apanhar*, *prender* ou *colher* no boiz, na rede, etc.; *tomar* ou *colher* no fojo, na esparrela, com as varinhas de visco, etc.

Frequentissimos são os exemplos do verbo portuguez *tomar*, usado na accepção de *apanhar*, ou se trate de animaes que se pesquem, ou dos que se cacem.

Aos que atraz apontamos accrescentamos os seguintes, em que se falla de animaes que se apanham na caça:

"Coisa notavel é naquella lavradora de Salomão (a qual, por ser de Salomão, não devia ser ignorante), que mandasse *tomar* as raposas, nomeadamente pequeninas, porque destruiam a vinha.

"Pois se mandava que lhe *tomassem* as pequenas ou pequeninas, porque não mandava *tomar* as grandes?

"Porque as raposas são muito astutas, e se não se *tomam* emquanto pequeninas, depois de grandes não se podem *tomar*".

(Vieira. *Serm.* T. 7.º Pg. 134).

(*) Na 2.ª ed. lemos "peixe".

(**) Na 2.ª ed. o verbo vem reflexionado: "empregar-se".

"Um caçador *tomou* vivo um milhafre,
Do ninho seo possuidor antigo".
(Filinto. *Obras.* T. 6.º *Fab.* 40. Pg. 519).

"*Tomam-se* aves no visco; arma-se ás feras laço".
(A. Cast. *Georg.* Liv. 1.º Pg. 19).

Bluteau, no seo *Vocabulario*, a proposito do vocabulo tarrafa ou chumbeira, cita Leonel da Costa, que, explicando a palavra latina *funda*, contida no seguinte verso das *Georgicas* de Virgilio (Liv. 1.º V. 141):

"*Atque alius latum funda jam verberat amnem*", assim se exprime:

"*Funda*, como diz Servio, é um certo genero de rede, assim chamada *á fundendo*, a qual, segundo Landino, é aquella rede que nós chamamos *tarrafa* e alguns *chumbeira*, porque diz que, sendo lançada dos pescadores, se estende em circuito, e todos os *peixes*, que debaixo *colhe*, prende".

Nesta passagem, extrahida por Bluteau de Leonel da Costa, que, por sua vez, se refere ás palavras de Servio, é a rede, que apanha, *colhe* ou *recolhe*: o verbo *colher* não está empregado no mesmo sentido que se nota na expressão: peixe arpoado, ou *farpado*, embora outrem o *colha*.

Colher em rede, nassa, covão, com ceva, isca ou engodo, pode, já o dissemos, dizer-se, no sentido proprio ou metaphorico, mas tal não succede com a expressão que censuramos.

Indicando o proprio Bluteau os varios sentidos do verbo *colher*, aponta os seguintes:

"*Colher* flores, fructos, folhas, hervas, trigo, vinho; e metaphoricamente: *colher* o fructo da sua continencia e da sua brandura, *colher* os melhores documentos, *colher* alguem no tempo em que faz alguma má acção, *colher* um ladrão, *colher* improvisamente, *colher* ás mãos, *colher* a alguem alguma palavra que dissesse: não a deixar cahir no chão, *colher* alguem destramente, fazendo-lhe perguntas ou argumentos:

Aquelle que te quer *colher*, que se lhe dá que respondas ou não, comtanto que te faça cahir na rede?

"Tu vens cá com testemunhas para me *colher; colher* — inferir: Da Bulla sobredita se *colhe*.

"*Colher* — concluir — a consequencia *colhe* em forma.

"*Colher* um malfeitor ou um inimigo — prendel-o.

"*Colher*, como quando se diz — a tempestade *colheo* a armada.

"*Colher-se*. Apenas *me colhi* fóra".

Em todas essas accepções não emprega o vocabulista a locução *colher peixes*. Entretanto, referindo-se á rede, appellidada *tar-*

rafa, ou *chumbeira*, diz, como já o vimos, e citou o Dr. Ruy: "e todos os peixes que debaixo *colhe*, prende".

No latim, como atraz ficou dito, em lugar de *colligere* que é a fonte donde provem o portuguez *colher*, empregam-se os verbos *captare*, *decipere*, *fallere* e outros de significação analoga.

Disse Virgilio nas *Georgicas*:

"*Tum laqueis* CAPTARE *feras* et FALLERE *visco*
Inventum, et magnos canibus circumdare saltus".
(Liv. 1.º verso 139).

No francez ao (*) verbo *cueillir* não se attribue a significação que tem o portuguez *colher* nas locuções: *colher* no laço, *colher* na rede, *colher* um ladrão, um malfeitor, *colheo*-o com o furto nas mãos, a morte o *colheo*, etc.

O verbo *cògliere* não tem no italiano a extensão que damos em nossa lingoa ao verbo *colher*. *Cògliere* significa:

"Staccare, prèndere dalla pianta frutti,, fiori o sim. *Còglier l'uva, le pere, i pisèlli, i carciòfi, i gelsomini, un ramoscèllo.*

Andiamo a còglier fichi, un panièr di fichi. Le api còlgono il mièle dai fiori".

(Petròcchi. *Dizionàrio Universale della Lingua Italiana.* Vol. 1.º Pg. 499).

No hespanhol tem o verbo *coger*, correspondente ao portuguez *colher*, quasi todos os sentidos que lhe dá este ultimo idioma. *Coger* significa:

"Asir, agarrar ó tomar; recibir en (*) si alguna cosa. La tierra no ha *cogido* bastante agua. *Recoger* ó juntar algunas cosas, lo que comúnmente se dice de los frutos del campo. *Coger* los granos, la uva, la aceituna. Tener capacidad ó hueco para contener cierta cantidad de cosas. *Esta tinaja coge treinta arrobas de vino.* Occupar cierto espacio. La alfombra *coge* toda la sala. Hallar, encontrar. Me *cogió* descuidado; procuré *cogerle de buen humor.* Descubrir un engaño, penetrar un secreto, sorprender á uno en un descuido. Tomar ú occupar un sitio, etc. Están las puertas *cogidas.* Sobrevenir, sorprender. Me *cogió* la hora, la noche, la tempestad. Caber. *Esto no coge aqui*".
(*Dicc. della Acad. Hesp.* Pg. 236).

Na palavra *pescar* aponta a mesma obra a locução "*coger pesces*, con redes, cañas ú otros instrumentos á propósito".

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se, por erro do revisor, o termo "verbo".

(*) Em ambas as edições anteriores vem "em" em lugar de "en" como está no Diccionario de la Real Academia.

As phrases apontadas pelo Dr. Ruy (*Replica*, n. 216) *colher* as redes, *colher* o manto, *colher* abrigo, *o* leão numas redes *colhido*, o pastor que lindamente o *colhe*, um cão de fila que *colhe* um lobo, não te *colho* de salto, rato *colhido* pela ostra na alçaprema da sua concha, o peregrino a *colher* prea, *colhe* na enfunilada rede, não as censuramos nós: são genuinamente portuguezas, frequentemente usadas, sobretudo por Filinto Elysio, onde se encontram ainda as seguintes, nem sempre empregadas no mesmo sentido:

"Com redes, com costellas, que vos *colham*".
Filinto. *Obras*. T. 6.º Pg. 74).

"Quando os reis te *colherem*,
Conta essas maravilhas".
(Id. Ibid. Pg. 421).

"Muitos gatos conheci eu tambem com o nome de Murganhos cuja etymologia nunca eu pude *colher*".
(Id. Ibid. Pg. 117, *nota*.).

"Deixada, a vozes taes *colher* a cobra,
Colhida, ei-la num sacco".
(Id. Ibid. Pg. 427).

"Com bem gana o meo guapo
Para o jantar *colhera*-os".
(Id. Ibid. Pg. 138).

"Na noite, que seguia,
Colhido o tal, com custo, entrar devia,
Mui á larga, num prato, em lauta ceia".
(Id. Ibid. Pg. 364).

"O meo desesperado,
A *colher* o oiro aguça".
(Id. Ibid. Pg. 415).

Mas no giro
Certa aranha, que estava de emboscada,
De sobresalto o *colhe*,
E lhe chupa a ufania".
(Id. Ibid. Pg. 104).

"*Colheo* Pythagoras
Esse mysterio, entre elles".
(Id. Ibid. Pg. 397).

"Goza ("Fal-o-hei") Mas quando (*Amanhã*) Pensa
Que te pode até então *colher* a morte".
(Id. Ibid. Pg. 378).

Souza escreveo:

"Para estarem em cilada, e *colherem* nellas, como em rede, os que escapassem da cilada".

(*Ann.* Pg. 70).

"*Colher* este inimigo, rei de Paõ pouco depois, como em rêde, e á traição".

(Id. Ibid. Pg. 102).

"*Colher* outra redada de gente".

(Ib. Pg. 257).

Disse tambem Bernardes:

"No dia seguinte, vindo a *colher* a caça nas redes, escapou dellas um veado".

(*Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 166).

Castilho:

"*Colher* a esposa e Mauricio no colloquio".

(*O Outono.* Pg. 76).

E Alexandre Herculano:

"Ás vezes, a troco de alguns cruzados de peita, os *colhidos* na rede, remiam a prisão e a mulcta".

(*Hist. da Inq.* T. 3.º Pg. 132).

"Tinham procurado *colher* no fojo o astuto velho".

(Ibid. T. 2.º Pg. 359).

"Á força de pretenderem illudil-o para o *colherem* ás mãos".

(Ibid. Pg. 342).

Tudo quanto se arrecada, diz o Dr. Ruy, *se abrange, se toma, se adquire, se encalça, se amaina, tudo isso, propria ou figuradamente, dadas certas circumstancias, se poderá colher.* (*Replica, loc. cit.*).

Mas que circumstancias farão que o verbo *colher* se identifique com os verbos *tomar*, *receber*, *apanhar*, *amainar*, *abranger*, *adquirir*, em phrases como as seguintes: *Tomou-se* a estrada mais curta, *tomar* a vanguarda, a dianteira, a rectaguarda, *tomar* bebidas alcoolicas, *tomar* cautelas, não *tomar* geito, a roupa *toma* o geito do corpo, *tomar* a entrada do porto, *tomar* as frestas do assoalho, as fendas da parede; *receber* visitas, *receber* parabens, *receber* bolos, palmatoadas, reprehensão, eufusiote, *receber* o gráo de doutor, *receber* ordens sacras, *receber* o sacramento, a extrema uncção, *receber* uma facada, uma estocada, uma punhalada, um encontrão, *receber* uma descarga, os noivos se *recebem, recebeo-se* Paulo com Maria; *apanhar* bom tempo, boa epocha, *apanhar* açoites, *apanhar* pancadas, *apanhou-se*

servido, não fez caso dos amigos; *amainar* a soberba, *amainar* o furor, o rigor, as birras, *amainar* as inquietações; a justiça *abrange* todas as virtudes, o todo *abrange* a parte, Roma *abrange* sete collinas, com os olhos tudo *abrangeo*, arte que *abrange* todas as materias; *adquirir* dinheiro, fazendas, bens, vicios, virtudes, *adquirir* boa reputação, bom nome, *adquirir* bons ou máos habitos, *adquirir* cacoethes?

Bem lançadas as contas, o pensamento, encerrado na phrase do Dr. Ruy, reduz-se ao seguinte: que se emprega o verbo *colher*, quando se deve empregar; mas isso toda a gente sabia, antes que nol-o viesse dizer o illustre escriptor.

"Agora", diz o Dr. Ruy Barbosa, "se tal extranheza lhe faz a expressão *colher* peixe, que não seria, se ouvisse fallar em *cacal-o? Caçar peixe!* Pois volva ao Bluteau, *colha* ás mãos desta vez o volume 6.º á pag. 46, e veja como o reverendo vocabulista escreve impavidamente: "Dá Plinio o nome de pescadora a uma especie de rã, que anda *á caça do peixe*". "Ora, se até *se caça*, porque se não havia de *colher* o peixe?"

Não fora necessario appellar o Dr. Ruy para essa impavidez que empresta ao velho Bluteau, para nos intimar a legitimidade da expressão *caçar peixe*: bastara attentar na linguagem dos nossos camponios, entre os quaes é tão commum, para exprimirem a acção de procurar, buscar alguem ou alguma coisa, dizer: estou *caçando* quem me faça isso, estou *caçando* uma casa onde me empregar, estou *caçando* a ovelha que me desappareceo.

Depois, não é phrase portuguezissima dizer: *estou á caça* ou *em caça* de alguem ou alguma coisa, no sentido de perseguir esse alguem ou essa alguma coisa, ir-lhes no encalço, buscal-os, procural-os, como se diz no mesmo sentido *estou a cata* ou *em cata* de alguem ou de alguma coisa?

Nesta accepção emprega-se o verbo *caçar* ou a expressão *dar caça*, como fizeram o autor dos *Annaes de D. João* 3.º e o da *Arte de Furtar*, dizendo:

"E juncto a Panane, *deram caça* a outros doze, que tiveram briga mui accesa e de perigo".

(Souza. *Annaes*. Pg. 124).

"Se *der caça* a dois ou tres no mesmo dia, para lhes lembrar o seo negocio".

(*Arte de Furtar*. Pg. 214).

No mesmo sentido usou-o Antonio de Castilho, escrevendo:

"Os obreiros das fabricas tanto sabem tudo isto, que não ha *caçal-os* para casamento".

(*Colloquios Aldeões*. Pg. 170).

Ajudando-se da locução *á caça de*, disse o mesmo escriptor:

"Mais se ia *á caça de* vocabulos e phrases curiosas".
(Id. *A Primavera*. Vol. 1.º Pg. 144).

Neste mesmo sentido ainda é que o cantor das glorias portuguezas, numa de suas *Canções*, disse, empregando o verbo *catar*:

"Sáe o coelho, e lebre sáe manhosa
Da frondosa
Breve mata,
Donde a *cata*
Cão ligeiro.
Mas primeiro
Qu'ella ao contrario férvido s'entregue,
Ás vezes deixa em branco a quem a segue".
(Camões. *Obr.* Vol. 2.º *Canção* 16. Est. 7. Pg. 231).

Nas *Decadas* de João de Barros não é raro encontrar o vocabulo *cata*, compondo a locução *dar cata*, *andar á cata*, no sentido de *perseguir*, *ir no alcance de*, *andar em busca de*, *ir á caça de*, *ir na pista de*:

Mandou Jorge da Silveira e com elle estes capitães Fernão Peres de Andrade, Simão de Andrade e Francisco Pereira..... que fossem *dar uma cata* a estas náos".
(*Dec.* 2.ª Liv. 5.º Cap. 4.º Pg. 473).

"Ordenou Antonio de Brito de mandar lá uma fusta, para *dar cata* a alguns juncos, que alli estavam".
(Ibid. 3.ª Liv. 8.º Cap. 9.º Pg. 314).

"Com que el-rei ficou escandalizado, e muito mais por irem *dar cata* a um junco".
(Ibid.).

Ora, nenhuma differença de sentido ha entre as locuções de Barros e Camões, *á cata de*, e a de Bluteau, a que allude o Dr. Ruy, encerrada na explicação que, segundo o mesmo vocabulista, dá Plinio ao vocabulo *pescadora*:

"PESCADORA. *Piscatrix, icis*. Fem. Dá Plinio Histor. este nome a uma especie de rã, que anda á caça de peixes pequenos, e os come".

Os Latinos empregavam igualmente no mesmo sentido o verbo *venor, aris, ari*, dizendo como Horacio:

".....sunt qui
Crustis et pomis viduas *venentur* avaras".
(*Epist.* 1.ª Liv. 1.º verso 77).

"Non ego ventosae plebis suffragia *venor*
Impensis cænarum, et tritæ munere vestis".
(Ibid. 19. Liv. 1.º verso 37).

E como Phedro:

"Unam formosam et oculis *venantem* viros".
(Liv. 4.º *Fab.* 5).

* * *

Em o numero 217 de sua *Replica*, assim escreve o Dr. Ruy:

"Mais uma fisgada no *meo* desfecha o mestre, afervorado em vender o da sua rasca".

No *meo, quid?* No meo peixe? "Afervorado em vender *o* da sua rasca.

O da sua rasca, *quid?* O peixe?

Embora, pelo modo por que está redigida a phrase, nos pareça associar o mesmo mister — o de pescador —, alcançando-lhe perfeitamente o tiro, asseguro ao insigne Dr. Ruy Barbosa que menos me punge e contrista attribuir-me essa humilde arte, com que se não deshonrou Pedro, o Apostolo, que forçar-me a responder no mesmo tom a ditos picantes, a gracejos de máo gosto, que mal condizem com a gravidade que deve manter a gente velha e que se preza.

* * *

Emendando o art. 10 da *lei preliminar* do *Projecto*, censurou o Dr. Ruy Barbosa as palavras *são sujeitos*, desta phrase: "São sujeitos á lei pessoal do proprietario etc...". No art. 294, § Unico aponta como falta a redacção seguinte: "Em falta de expressa declaração sobre o regimen dos bens extra-dotaes". Impugna igualmente as locuções postas aqui em italico, contidas nos arts. 796, 1558, II, 9, 1228, das seguintes phrases: "Esta especie de *canção* só começa a ter effeito depois da tradição do titulo ao credor". "A discussão entre os credores pode versar não *só sobre* a preferencia que cada um allegar, mas tambem...". "Se duas ou mais pessoas fallecerem na mesma occasião, sem que se possa *averiguar qual* dellas morreo, em primeiro lugar, presume-se etc.". "Aos vinte e um annos *completos termina a menoridade etc.*". "São justas causas para o *locador dar* por findo o contracto etc.".

Entretanto nenhuma falha de harmonia lhe parece existir na phrase "*embora outrem o colha*", porque assevera não *haver hiato*, nem *encontro de consoantes asperas da mesma natureza*, nem *homo-*

phonia, nem *dos termos que se succedem na clausula uma palavra, uma associação de ideias, torpe, indecente, risivel, ou menos delicada.*

Mas esses não são os unicos defeitos da harmonia do discurso: a rispideza dos sons resulta aqui da combinação dos vocabulos, que entram na constituição da phrase.

Pode-se dizer com verdade que na phrase "*embora outrem o colha*" se guarda e escrupulosamente se mantem a euphonia, a respeito da qual, com relação ao *Projecto*, foi tão exigente o illustre critico?

Ha innegavelmente na phrase apontada uma combinação de sons, cuja aspereza para logo percebe o ouvido.

Combinem-se as syllabas accentuadas dos vocabulos, que compõem a phrase, a que alludimos, e teremos o seguinte conjuncto de sons asperos: *embórôtrem u côlha.*

É isso mesmo que constitue a dissonancia, que outra coisa não é que uma *combinação de sons inharmonicos ou asperos.*

Não feriramos este ponto, se não fora o notarmos a sem-razão com que neste particular acera e desfecha o Dr. Ruy os farpões de sua critica.

Nem em portuguez, nem em lingoa alguma, houve já escriptor, por elegante e celebrado que fosse, que se forrasse a essas faltas contra a harmonia do discurso, por vezes sacrificada á correcção, clareza e precisão das ideias.

O preceito de Boileau:

> "*Il est un heureux choix de mots harmonieux,*
> *Fuyez des mauvais sons le concours odieux*"

não vedou que o maior genio de seculo 18, o celebre autor da Henriquiada, dissesse, máo grado á falta de harmonia:

> "*Non, it n'est rien que Nanine n'honore*".

XXXIX

"Nulla é a transacção, uma de cujas clausulas for nulla".

Emendou o Dr. Ruy deste modo o art. 1027, que estava assim formulado no *Projecto*:

"Sendo nulla qualquer das clausulas da transacção, nulla será esta".

Em nossas *Ligeiras Observações* (Pgs. 60-61), censuramos como forçada a redacção que deo a emenda ao artigo, enunciando-nos desta maneira:

"É uma construcção forçada essa de que se serve o illustrado censor.

"Preferimos a redacção do *Projecto* ou qualquer das seguintes: *Nulla é a transacção, de que fôr nulla qualquer de suas clausulas; se fôr nulla uma das clausulas da transacção, nulla será esta; nulla será a transação, se nulla fôr uma de suas clausulas; se fôr nulla uma das clausulas da transacção, esta sel-o-ha tambem.*

"Qualquer destas construcções é preferivel á que se nota na emenda: "Nulla é a transacção, uma de cujas clausulas fôr nulla".

Em sua *Replica* (§ 52, n. 219), diz o Dr. Ruy que substituio a construcção, *adensando e avigorando a phrase.*

"Que diz o mestre?", pergunta o Dr. Ruy. "Cetegoricamente: "É uma construcção forçada".

"Mas eu não lhe vejo em que. Será pela expressão *uma de cujas?* Nada mais frequente e natural em nosso fallar. Será pela oração invertida "Nulla é a transacção", que abre o periodo? Mas não se concebe que um philologo portuguez extranhe, em nosso idioma, a inversão de uma sentença de tres palavras. Diga-se: "É nulla a transacção". Tem a mesma energia? Varie-se: "A transacção é nulla". Não descae ainda mais?

"Doutra vez seja o mestre mais explicito.

"Dê-nos a experimentar a chave scientifica ou artistica das suas predilecções grammaticaes".

Mas, nem na phrase do *Projecto*, nem em nenhuma das que escrevemos, julgando-as preferiveis á da emenda, ha a construcção figurada pelo Dr. Ruy "*é nulla a transacção*"; "*a transacção é nulla*".

Devia o illustre critico, para demonstrar a semrazão da nossa censura, não comparar a phrase da sua emenda com as duas que a bel-prazer traçou em sua *Replica*, mas confrontal-a com a do *Projecto* e com cada uma das que formulamos, dando-lhes preferencia sobre a que se lê na emenda.

Comparemos, portanto, com esta cada uma das phrases que reputamos levar-lhe vantagem:

"*Emenda Ruy:* "Nulla é a transacção, uma de cujas clausulas for nulla".

Projecto: "Sendo nulla qualquer das clausulas da transacção, nulla será esta".

"*Emenda Ruy:* "Nulla é a transacção, uma de cujas clausulas for nulla".

Redacção proposta: "Nulla é a transacção, de que for nulla qualquer de suas clausulas".

"*Emenda Ruy:* "Nulla é a transacção, uma de cujas clausulas for nulla".

Redacção proposta: "Se for nulla uma das clausulas da transacção, nulla será esta".

"*Emenda Ruy:* "Nulla é a transacção, uma de cujas clausulas for nulla".

Redacção proposta: "Nulla será a transacção, se nulla for uma de suas clausulas".

"*Emenda Ruy:* "Nulla é a transacção, uma de cujas clausulas for nulla".

Redacção proposta: "Se for nulla uma das clausulas da transacção, esta sel-o-ha tambem".

Em nenhuma dessas phrases, preferidas à do Dr. Ruy, ha a construcção "*é nulla a transacção*", "*a transacção é nulla*", que elle imaginou, cotejando com a sua emenda, quando devêra antes mostrar a superioridade de sua construcção, confrontando-a não com outras, senão com a do *Projecto* ou as preferidas nas *Ligeiras Observações*.

"De outra vez", assim se exprime o esclarecido autor da *Replica*, "seja o mestre mais explicito".

Mas, que dissemos de referencia á construcção da emenda? Que era *forçada*. E qual o padrão por onde aferir, se é ou não contrafeita e forçada uma construcção? O ouvido, tão somente o ouvido.

Ouvidos afinados e bons tem-nos o Dr. Ruy.

Não haviamos, portanto, mister fornecer, neste ponto, *a chave scientifica ou artistica* de nossas *predilecções grammaticaes*, como, por gracejo, e, sempre *salem miscendo felle*, se exprime o distincto contradictor, pondo fim ao numero 219 de sua *Replica*.

Não erramos, pois, havendo por melhor construida a phrase do *Projecto*.

XL

"O locatario do predio rustico utilizal-o-ha no mister a que se destina".

Do seguinte teor era a construcção do art. 1212 do *Projecto*:

"O locatario do predio rustico deve aproveital-o no mister a que o mesmo é destinado, de modo que o não damnifique, sob pena de rescisão e de pagamento de perdas e damnos".

Emendou-o o Dr. Ruy, dando-lhe a construcção seguinte:

"O locatario do predio rustico utilizal-o-ha no mister a que se destina, de modo que o não damnifique, sob pena de rescisão do contracto e satisfação de perdas e damnos".

Da redacção desta emenda não fizemos grande cabedal, expressando-nos dest'arte, nas *Ligeiras Observações* (Pg. 61):

"Aqui era mister, para clareza da phrase, tornar expresso o sujeito da proposição subordinada *a que se destina;* porque, redigida como está a phrase, poder-se-ha entender que o sujeito da subordinada é o mesmo da principal, sobretudo empregando-se a forma pronominada *se destina,* que pode ter sentido reflexo ou passivo".

Com effeito, parece que, entre a phrase: "O locatario do predio rustico utilizal-o-ha no mister a que se destina" e est'outra: "O locatario do predio rustico utilizal-o-ha no mister a que este se destina", ou, segundo está escripto no *Projecto*: "O locatario do predio rustico deve aproveital-o no mister a que o mesmo é destinado", não vacilla o espirito em preferir á primeira qualquer das duas ultimas.

É, pois, intempestiva aquella apostrophe, que o Dr. Ruy faz aos *numes da grammatica e da lingoa* e aos *deoses do vernaculo.* (211)

Nuga e *nada* foi a rubrica com que o Dr. Ruy Barbosa distinguio a sua resposta a esta censura.

Nuga ou nada, comprehende-se, mas *nuga e nada* não se podem bem conceber: uma coisa que seja *nuga*, isto é, futilidade, ninharia, frioleira, é sempre alguma coisa; *nada* é que não pode ser, desde que *nada* é a não existencia, o não ser, a privação de todas as entidades.

(211) Vide *Replica.* § 53, 220.

XLI

Collocação dos pronomes (a).

"*Cuja* duplicata *dir-se-hia*".

A minha censura á phrase — *cuja* duplicata *dir-se-hia* — responde o Dr. Ruy Barbosa do seguinte modo:

"O Dr. Carneiro, como se tem visto, por não perder ensejo de me atarracar o pobre nome de escriptor, abandona de onde em onde, a breves trechos, a analyse do substitutivo, para se lançar a monte pelas minhas notas, ou pela minha exposição preliminar, em caça de cincas e negligencias, cuja exploração o habilite a assoalhar o meo nada.

"Á custa dessas escapadas, em que exorbita da sua tarefa, encheo grande parte das suas *Ligeiras Observações*, cujo tamanho, se as adscrevesse ao exame das minhas emendas, mostraria ao primeiro aspecto a miseria da colheita apurada a tanto rebuscar.

"Foi em uma digressão dessas que o mestre, na minha exposição preliminar, deo com esta linha suspeita: "cuja duplicata *dir-se-hia* não haver meio de obviar".

"Não precisava ir buscar os dois exemplos de Alexandre Herculano, com que esgrime, para mostrar nesse lanço um defeito de synclitismo pronominal, nem menos cingir as suas investigações ao genitivo *cujo*, flexão do relativo.

"Este, em qualquer dos seos casos, obriga á proclise; sendo uma das poucas regras nesta materia invariaveis a da anteposição do pronome ao verbo, onde quer que intervenha o *que*, ou seos derivados, funccione elle como relativo, ou como conjuncção.

"Não escreveo de outro modo; e tamanho cuidado, a este respeito, se observa nos meos trabalhos, que, ainda ha pouco, uma revista litteraria, aqui publicada, investigando o assumpto, só em mim, creio eu, dentre os escriptores brasileiros mais conhecidos, não encontrou falha neste particular" (212).

Depois de se enunciar assim, cita o Dr. Ruy vinte e quatro exemplos, colhidos do seo proemio aos discursos do Dr. Francisco

---

(212) *Replica.* § 54. 221.

de Castro, em nenhum dos quaes se encontra a enclise pronominal, em phrases construidas com o *que*, adjectivo ou conjuncção, e com a conjuncção *porque*.

Não sei porque essa irritação do Dr. Ruy, quando se lhe toca em a preliminar do seo *Parecer*.

Se é o Dr. Ruy Barbosa rigoroso observador da exacta posição do pronome na construcção da phrase portugueza, o que já lhe valeo, conforme elle proprio confessa, a honrosa distincção que sobre o assumpto lhe fez uma revista litteraria, destacando-o dentre os escriptores mais conhecidos, que val a censura, feita aqui ou noutra parte qualquer do *Parecer*, tratando-se de pontos de linguagem, em que sempre tanto se aprimorou?

Fazendo o eximio critico censuras ao *Projecto* sobre o que se lhe afigurou erroneo, no emprego da proclise ou enclise pronominal, não nos corria o dever de contrapor o Dr. Ruy a si proprio, fosse no corpo do mesmo *Parecer*, fosse algures?

Pois apontar um ou outro descuido, uma ou outra inadvertencia, um ou outro erro mesmo de redacção de um escriptor, por mais elevado que seja o seo merecimento, será desejar atarracar-lhe o nome?

Não, não tem razão o Dr. Ruy de molestar-se: o que molesta, o que magoa, o que punge profundamente não é a censura, não é a critica, quando não vae alem da compostura: é o azedume, a linguagem ferina e iscada de rudeza, é o escarninho, o remoque, desassombradamente mordaz, picante e offensivo dos que discutem, abandonando o campo calmo e sereno, em que se deviam sempre manter os que esgrimem não por amor aos fumos da vaidade, que perturbam e cegam os animos, senão por amor á verdade.

Confessa o Dr. Ruy que no exemplo por nós censurado houve defeito de synclitismo pronominal.

"Este (diz o Dr. Ruy, como já vimos, referindo-se ao adjectivo conjunctivo *que*), "em qualquer dos seos casos, obriga á proclise; sendo uma das poucas regras nesta materia invariaveis a da ante-posição do pronome ao verbo, onde quer que intervenha o *que*, ou seos derivados, funccione elle como relativo, ou como conjuncção".

Com o adjectivo conjunctivo *que*, *cujo*, e o substantivo *quem*, os nossos escriptores antepõem o pronome ao verbo; (213) mas, em relação ao *que*, empregado como conjuncção ou ao vocabulo

(213) — É para notar que em alguns de nossos melhores escriptores acontece encontrarmos, uma ou outra vez, exemplos dos adjectivos *que*, *qual*, construidos contra as regras que costumam observar relativamente à (*) collocação pronominal, nas sentenças em que figuram esses vocabulos.

(*) Na 2.ª ed. lemos "a", sem crase.

porque, nem sempre rigorosamente usam essa anteposição. E' o que vamos notar nos exemplos seguintes:

"Choviam sobre os nossos pedradas, frechadas, zagunchadas, *que*, vendo como elles os não podiam offender, pelas causas que disse, *chegavam-se* a elles tão sem medo, que os feriam a bote de zaguncho".

(Castanheda. *Hist. da Ind.* Liv. 3.º Cap. 107. Pg. 363).

Alguns lugares se nos deparam em Barros da enclise pronominal, em vez da proclise, com o adjectivo *que* e mais frequentemente ainda com o adjectivo *qual*.

A lição deste e de outros mestres da nossa linguagem offerece-nos os seguintes trechos, que não obedecem ao modo usual da construcção dos pronomes em taes circumstancias:

"O *qual*, per seo modo de comprazer a el-rei *pedio-lhe* licença que lhe leixasse (**) ir ver o sitio da cidade". (Barros: *Dec.* 3.ª Liv. 4.º Cap. 5.º Pg. 431). (***)

"Um dos *quaes*, depois que acordou, pelo que vio, *foi-se* pelo corrego acima, em pés e mãos". (Id. Ibid. Liv. 2.º Cap. 6.º Pg. 179).

"A *qual*, segundo o tempo depois mostrou, *podera-se* chamar divisão". (Id. Ibid. 2.ª Liv. 3.º Cap. 1.º Pg. 224).

"O *qual*, como era homem malicioso e de grandes cautelas, *offereceo-se* a el-rei". (Id. Ibid. 3.ª Liv. 4.º Cap. 5.º Pg .436).

"Somente a el-rei e a (****) alguns seos privados, *que*, logo como ouviam cantar este canto de morte, *recolhiam-se* com elle". (Id. Ibid. 3.ª Liv. 5.º Cap. 1.º Pg. 512).

"O *qual*, vendo-se perdido e sem remedio, *valeo-se* de (*****) seo artificio". (Diogo de Couto: *Dec.* 8.ª Cap. 15. Pg. 184).

"Gentil homem, manhoso, e esforçado e bemquisto de seos vassallos, por nome Floramão, *que*, sendo de idade de 20 annos, *namorou-se* de Altea". (Moraes. *Palmeirim.* Part. 1.ª Cap. 19. Pg. 117).

"O *qual*, posto que não recolhesse a (******) el-rei no castello, *mandou-lhe* dar mantimento". (Lião: *Chron. d'el-rei D. João.* 1.º Cap. 55. Pg. 230).

"O *qual*, como vio o pendão d'el-rei, e suas gentes, *armou-se*" (Id. *Chr. d'el-rei D. Dinis.* Pg. 47).

"Outras unhas ha destas, *que*, por não encontrarem fazenda real, em que empolguem, *aproveitam-se* da autoridade do rei". (*Arte de Furtar.* Pg. 236).

"Recorreo a um habil cirurgião, de algumas legoas longe, *que acodio-me* com a sangria". (Filinto: *Obras.* T. 11. Pg. 605).

(**) Na 2.ª ed. lemos "deixasse", forma moderna de "leixasse".

(***) Na 2.ª ed. lemos, por erro de revisão, "436".

(****) Na 2.ª ed. omittiu-se o "a".

(*****) Na 2.ª ed. lemos "do" e não "de".

(******) Na 2.ª ed. lemos: "a *d*'el-rei" em vez de "a el-rei".

"Ladrão! *que* o bom Robin daqui *levou-nos*". (Id. Ibid. T. 6.º Pg. 422).

"Ainda ha muitissima gente, *que*, em se lhe mostrando o bem, *fazem-no*". (A. Cast. *Colloquios Aldeões.* Pg. 79).

"Muitos eram daquelles que mais contrarios haviam sido aos amores d'el-rei, mas *que*, vendo emfim D. Leonor rainha, *voltavam-se* para o sol que nascia". (A. Herc. *Lend. e Narrat.* T. 1.º Pg. 155).

"Ha essa paixão, *que*, ao contrario das outras, augmenta com a posse, *radica-se* com a idade". (Id. *Opusc.* T. 1.º Pg. 172).

"*Porque* como elles cuidavam que logo a nossa artelharia havia de ser cega *descobriam-se* muito e por isso os tiros pescaram muitos."
(Id. Ibid. Liv. 6.º Cap. 107. Pg. 233).

"E a causa foi *porque*, apparecendo Fernão Peres a tiro delle, *mandaram-lhe* os Moiros que tirasse".
(João de Barros. *Dec.* 2.ª Liv. 9.º Cap. 1.º Pg. 329).

"*Porque*, como elle vio que a cidade estava desfallecida de gente, *estendeo-se* com suas lancharas".
(Id. Ibid. 3.ª Liv. 8.º Cap. 6.º Pg. 290).

"*Porque*, como andava mascabado na honra de um feito, em que elle mostrou fraqueza, *quiz-se* neste mostrar tão cavalleiro, que se foi metter, no meio das lancharas".
(Id. Ibid. 3.ª Liv. 8.º Cap. 6.º Pg. 289).

"*Porque*, tendo os inimgios vista delles, *parecer-lhes-hia* que eram navios de mercadorias".
(Id. Ibid. 3.ª Liv. 8.º Cap. 6.º Pg. 292).

"A autoridade que tinha perdida, de maneira *que*, sendo os mais destes nossos amigos e contrarios delle, *mudou-se-lhe* esta vontade com a mudança de sua fortuna".
(Id. Ibid. 3.ª Liv. 8.º Cap. 7.º Pg. 294).

"Lacsamana tambem ficou com tanta gente morta e ferida, *que*, não tendo quem lhe (*) remasse os navios, *foi-se* metter no rio de Muar".
(Id. Ibid. 3.ª Liv. 10. Cap. 2.º Pg. 470).

"A este tempo estava só Henrique de Macedo, *porque* os outros navios *tinham-se* apartado".
(Diogo de Couto. *Dec.* 4.ª Liv. 4.º Cap. 6.º Pg. 279).

"Fazendo tamanha destruição nos Moiros, *que*, depois de terem os mais delles mortos e os outros feridos, *entregaram-se-lhe*".
(Id. Ibid. Cap. 9.º Pg. 306).

"*Porque*, como o galeão era alteroso, *passavam-lhe* os mais dos tiros por alto".
(Id. Ibid. 4.ª Liv. 4.º Cap. 9.º Pg. 308).

"Aqui lhe deo tamanho temporal, *que*, não podendo soffrer a amarra, *levantaram-se*".
(Id. Ibid. 4.ª Liv. 4.º Cap. 10.º Pg. 314).

"*Porque*, como todos traziam os olhos nelles, *era-lhes* assim necessario".
(Id. Ibid. 4.ª Liv. 1.º Cap. 5.º Pg. 33).

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se o pronome "*lhe*" antes de "remasse".

"*Porque*, indo por fora, *podiam-lhe* entrar os levantes".
(Id. Ibid. 4.ª Liv. 1.º Cap. 9.º Pg. 63).

"Foi de maior trabalho que os assaltos, *porque* nestes *vigiavam-se* das offensas, que recebiam dos inimigos".
(Id. Ibid. 8.ª Cap. 38. Pg. 444).

"Ha tambem outro remedio de vida para os aleijados não perecerem á fome, o qual é, *que* os aleijados dos pés, que não podem andar, *dão-se* aos esparteiros para que torçam tamiças".
(Fer. Mendes Pinto. *Livraria Classica*. T. 1.º Pg. 226).

"*Porque*, em perder a espada, *affrontava-se* um soldado; e em perder a bandeira principal, affrontava-se um exercito e um reino ou republica".
(Nunes de Lião. *Chronica d'el-rei D. Affonso o* 5.º Pg. 417).

"*Porque*, entre muitos e bons sujeitos que Coimbra lhe deo para o habito, *lançou-o* a um natural da mesma cidade que, depois deo grande sancto".
(Souza. *Hist. de S. Domingos*. Vol. 1.º Liv. 1.º Pg. 79).

"*Porque* teve na traça rei, e *faltou-lhe* rei no lavor".
(Id. Ibid. Liv. 2.º Pg. 156).

.... "*Porque*, como era muito acceito ao rei e á ordem, *impetraram-lhe* prorogação do governo".
(Id. Ibid. Vol. 4.º Liv. 1.º Pg. 24). (*)

"*Que* onde dantes não tratava de reformação mais que de dois conventos, *fez-lhe* (el-rei) instancia que quizesse visitar todos os que havia no Reino".
(Id. Ibid. Pg. 22).

"Deram-lhe tantas feridas, *que*, bastando poucas para o matar, *enxergou-se* na multidão dellas o grande numero dos conjurados".
(Id. Ibid. Liv. 5.º Pg. 396).

"Foi o caso *que*, succedendo certo negocio na communidade de Azeitão, que convinha communicar-se a el-rei, *encommendou-o* o prior a Fr. Luiz.
(Id. Ibid. Vol. 3.º Liv. 4.º Pg. 310).

"*Porque* sobre os damnos referidos *começava-se* a sentir outro mais temeroso".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Liv. 3.º Pg. 319).

"Porque se notou algumas vezes *que*, fallando com Deos, sem pedir para si mais, que paciencia, *pedia-lhe* sempre com efficacia que livrasse a seos irmãos de tão cruel inimigo".
(Id. Ibid. Vol. 3.º Liv. 3.º Pg. 243).

(*) A citação começa na pag. 23 e vae até a pag. 24.

"*Porque*, como buscava grande rigor e aperto, *parecia-lhe* que poderia achar mais".

(Id. Ibid. Liv. 5.º Pg. 390).

"*Porque* a companhia da rainha D. Leonor, sua mulher, *deo-lhe* occasiões de crescer".

(Id. Ibid. Liv. 4.º Pg. 296).

"*Porque*, inda que nunca constou do autor, *sabia-se* com certeza ser secular".

(Id. Ibid. Liv. 6.º Pg. 493).

"*Porque*, entrando o cardeal de Lorena, depois de ido o Arcebispo, *deo-lhe* Sua Santidade conta de toda a pratica, e *perguntou-lhe* seo parecer".

(Id. *Vida do Arceb.* Liv. 2.º Cap. 23. Pg. 89).

"E a razão era *porque*, sendo por Çaragoça a estrada que havia de levar, *dava-lhe* no coração".

(Id. Ibid. Cap. 34. Pg. 109).

"Eis *que*, á vista de todos e pasmando todos, *lança-se-lhe* aos pés aquelle tigre encarniçado".

((Id. Ibid. Liv. 3.º Cap. 15. Pg. 137).

"E a razão era, *porque* o abbade, homem de grossa fazenda, e devasso e perdido na vida, como não determinava mudar costume, *valia-se* do poder e dinheiro".

(Id. Ibid. Liv. 16. Pg. 137).

"*Porque*, como se tinha determinado em não trocar nella o espirito monastico, *entregou-se* a uma voluntaria pobreza no comer e no vestir".

(Id. Ibid. Liv. 5.º Cap. 14. Pg. 222).

"*Porque* o que se faz por uma só mão, e um só juizo em todo o corpo de um templo grande, *funda-se* em respondencias dilatadas".

(Id. Ibid. Liv. 6.º Cap. 6.º Pg. 256).

"*Porque*, varando os Moiros na praia, *junctou-se* a gente da terra a defendel-os".

(Id. *Annaes de D. João.* 3.º Cap. 19. Pg. 124).

"*Porque*, ainda que Christo no Sacramento nos não vê com os olhos exteriores do corpo, *está-nos* vendo e vigiando sempre com os olhos interiores d'alma e da divindade".

(Vieira. *Serm.* T. 11. Pg. 112).

"*Porque*, ao Senhor natural, ao rei verdadeiro, *ha-se-lhe* de dar o amor, e *ha-se-lhe* de dar a capa por amor".

(Id. Ibid. Pg. 146).

"O ponto da difficuldade está em *que*, na Jerusalem celestial, *mostra-se* o rosto de Deos aos bemaventurados de cara a cara".
(Id. Ibid. Pg. 184).

"Eis *que* no mesmo ponto *chegam-se* os escribas e phariseos ao mesmo Obrador daquelles milagres".
(Id. Ibid. Pg. 184).

"*Porque* no mundo, se o superior é sarça, *sente-se* como sarça".
(Id. Ibid. Pg. 247).

"*Porque*, ainda que o não adorou nesta vida, *adorou-o* na outra".
(Id. Ibid. Pg. 324).

"*Porque* na morte do pae *desata-se* uma vida; no nascimento do filho *atam-se* duas".
(Id. Ibid. Pg. 347).

"*Porque* todas as outras coisas *fel-as* Deos para que durem e permaneçam".
(Id. Ibid. T. 12. Pg. 15).

"*Porque* el-rei naquelle estado *achava-se* com filha e com mulher...
(Id. Ibid. Pg. 50).

"*Porque*, para ser igual e semelhante em tudo, *havia-se* de attribuir o filho ás orações de Isabel".
(Id. Ibid. Pg. 55).

"*Que* a quem não quer a sua graça, *castiga-o* com o privar da gloria".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 335).

"Antes de haver meo e teo, havia amor, *porque* eu *amava-vos* a vós e vós a mim".
(Id. Ibid. Pg. 306).

"*Porque* as roupas, por preciosas que sejam, *come-as* a polilha".
(Id. Ibid. Pg. 308).

"É verdade *que* Christo, Senhor nosso, no Sacramento *vê-nos* com os olhos da divindade".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 97).

"*Porque* no aggravo *perdoa-se* a acção".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 115).

"A razão desta differença é *porque* a ignorancia *oppõe-se* á sciencia, e o peccado á virtude".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 176).

"*Porque* era materia grande e *quil-a* Deos considerar primeiro".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 179).

"*Que*, quando Deos guarda os reis, *fal-o* pelos privilegios de S. José".
(Id. Ibid. Pg. 190).

"*Porque* no principio *deo-se*, quando estava mortal e passivel; agora da-se, quando está immortal e glorioso; no principio deo-se, quando estava na terra; agora da-se, quando está no céo".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 366).

"*Porque* a alma de David *livrou-a* Deos duas vezes".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 260).

"*Porque*, se era uma das costas, de que naturalmente se compõe o corpo humano, *segue-se* que o corpo de Adão ficou defeituoso e imperfeito".
(Id. Ibid. Pg. 277).

"*Porque* as vidas *fel-as* Deos".
(Id. Ibid. Pg. 298).

"*Porque* a dignidade que faz dignos de ser chamados, *funda-se* na excellencia da natureza racional".

(Id. Ibid. Pg. 302).

"*Porque*, cerrado o numero, *cerra-se* a porta a inconvenientes sem numero".
(Id. Ibid. Pg. 367).

"*Porque* ao homem, ainda que desarmado, *deo-lhe* entendimento".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 19).

"*Porque*, se o moço nascera cego por seos peccados, *seguir-se-hia* que peccara antes de nascer".
(Id. Ibid. Pg. 66).

"*Porque* a corôa do outro oiro *dava-lhe* o titulo de rei de Israel; a corôa deste oiro dava-lhe o titulo de propagador da fé".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 69).

"*Porque*, na encarnação *fez-se* homem, no lavar os pés aos homens, *fez-se* não homem".
(Id. Ibid. Pg. 122).

"*Porque* a união entre o Padre e o Filho *funda-se* na geração eterna".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 159).

"*Porque*, a elle, quando muito, *tiro-lhe* a honra, a mim condemno-me a alma".
(Id. Ibidem. *Publicação commemorativa do bi-centenario de sua morte*. Pg. 128).

"*Porque*, quem a nega, *pode-a* offender em um só artigo; e quem a duvida, offende-a em todos".

(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 186). (*)

"*Porque* a David *levou-o* comsigo a sua confissão".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 20).

"Novellas e novellos são as duas moedas correntes desta terra: mas têm uma differença, *que* as novellas *armam-se* sobre nada, e os novellos *armam-se* sobre muito".

(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 9).

"*Porque* para se salvar, *é-lhe* necessario morrer bem, que é muito; e para morrer bem, *é-lhe* necessario viver bem, que é muito mais".

(Id. Ibid. Pg. 102).

"Basta, *porque*, quem morre bem, *salva-se*".

(Id. Ibid.).

"*Porque* o amor *acredita-se* no superfluo".

(Id. Ibid. Pg. 107).

"*Porque* as figuras *vão-se* e o theatro fica".

(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 330).

"Eis *que* um dia subitamente *sáe-se* com todos os seos daquellas terras".

(Id. Ibid. Pg. 309).

"E a razão natural é, *porque* do fogo do inferno *vingam-se* e *alliviam-se* com blasphemar de Deos".

(Id. Ibid. T. 15. Pg. 13).

"*Porque* ao corpo *deo-lhe* a morte com o instrumento da morte".

(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 196).

"*Porque* naquelle tempo *coroava-se* a honra, e não a cubiça".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 126).

"*Porque* as palavras ditas *ouvem-se*".

(Id. Ibid. Pg. 368).

"*Porque* os mysterios da paixão *querem-se* venerados com summa attenção".

(Id. Ibid. Pg. 363).

"*Porque* o movimento local, posto que brevissimo, *faz-se* em tempo".

(Id. Ibid. Pg. 326).

"Acaba-se o mundo todos os dias; *porque* para quem morre *acabou-se* o mundo".

(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 324).

(*) As citações voltam a ser feitas dos Sermões, e não da obra logo acima referida, a qual é, aliás, em um volume.

"*Porque* o baptismo *recebe-se* por fóra, o cálice *bebe-se* por dentro".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 360).

"*Porque* os homens *movem-se* progressivamente".
(Id. Ibid. Pg. 289).

"*Porque* ordinariamente o que parece que se faz aos defunctos, *faz-se* aos vivos".
(Id. Ibid. Pg. 266).

"*Porque* os dictames praticos *devem-se* mudar".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 133).

"*Porque* as pennas antigamente *faziam-se* de certas cannas delgadas".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 314).

"*Porque*, ainda que lhe não responderam com o despacho, *responderam-lhe* com o desengano".
(Id. Ibid. Pg. 326).

"*Porque* este segredo *sabe-o* Christo".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 171).

"*Porque* na morte *acaba-se* o exercicio de padecer".
(Id. Ibid. Pg. 239).

"*Porque* a uns *dá-se* vida, e a outros liberdade".
(Id. Ibid. Pg. 264).

"De maneira *que*, quando José houve de prometter e jurar, *tomou-lhe Jacob* da mão o sceptro".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 95).

"*Porque*, encoberto daquella primeira parede, que é a da humanidade, elle *via-nos* a nós".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 103).

"Eis *que* no mesmo ponto *levanta-se* a esposa".
(Id. Ibid. Pg. 40).

"*Porque* o amor dos outros filhos, naturalmente gerados, *divide-se* entre o pae e a mãe".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 41).

"*Porque* o leito de materia solida *faz-se* uma vez para sempre".
(Id. Ibid. T. 13. Pg. 78).

"*Porque* nos outros modos de recuperar os annos perdidos, e resgatar os mal gastados, *dão-se* dias por dias".
(Id. Ibid. T. 14.º Pg. 254).

"*Porque* as primeiras horas do sol *cobrem-se* com as nevoas".
(Id. *Trechos Selectos. Publicação commemorativa do bi-centenario da sua morte*. Pg. 422).

"De maneira *que* os dois primeiros *escusaram-se* com a fazenda, e o ultimo escusou-se com a mulher".
(Id. *Sermões*. T. 3.º Pg. 190).

"E notae *que* os dois primeiros *escusaram-se* com fazenda".
(Id. Ibid.).

"*Porque* hoje *prégam-se* palavras e pensamentos, antigamente prégavam-se palavras e obras".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 259).

"Dá-me grandes esperanças a sementeira, *porque*, ainda que se perderam os primeiros trabalhos, *lograr-se-hão* os ultimos".
(Id. Ibid. Pg. 252).

"A razão disto é *porque* as palavras *ouvem-se*, as obras veem-se".
(Id. Ibid. Pg. 259).

"Os brutos distinguem-se dos homens, em *que* os homens *governam-se* pelo entendimento, e os brutos pelos sentidos".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 107).

"De sorte *que*, posta de uma parte a honra da Divindade, e da outra a affronta da Cruz, *affrontaram-se* do parentesco de Deos".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 271).

"*Porque* a elles *está-lhe* muito melhor a guerra que a paz".
(Id. *Cartas*. T. 4.º Pg. 136).

"*Porque* os gentios, tanto que conhecem a verdade, *baptizam-se*".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 71).

"O certo é *que* em Lisboa *ouvem-se* os repiques, e no exercito *sentem-se* as feridas e *experimentam-se* as faltas".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 31).

"Accrescento *que mandou-me* sua alteza fallar com o mesmo Dom Francisco".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 23).

"Dê-me Deos vida e saude, *que* o mais *dal-o-ha* o tempo".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 131).

"*Porque* o povo *paga-se* muito desta virtude".
(*Arte de Furtar*. Pg. 211).

"*Porque*, como disse Santo Agostinho, este mundo *ri-se* de todos os que se não riem delle".
(Padre M. Bernardes. *Iris Classico*. Pg. 196).

"Mui persuadido do que lhe tinham dito os de sua casa, *que* a um homem como elle *cabia-lhe* ser rei".
(Filinto Elys. *Obras Compl.* T. 9.º Pg. 145).

"*Que* eu *curvo-me*, e não quebro".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 91).

"O peior é *que* no meio destes campos, onde Troia fôra, no meio destas areias, onde se acoitavam dantes os pallidos medos do pinhal da Azambuja, a minha querida e bemfazeja traquitana *abandonou-me*".
(Garrett. *Viagens na Minha Terra.* T. 1.º Pg. 44, ed. 6.ª).

"Sim, *que* elle a ti *poupou-te!*".
(Cast. *As Sabichonas.* Pg. 152).

"E' *que* a mim *tem-me inveja*".
(Id. Ibid.).

"*Porque*, se bem se lançarem as contas, *achar-se-ha*.....".
(Id. *Metamorphoses.* Pg. XXXVI).

"Fiquem-se com o Senhor, *que* eu *vou-me!*"
(Id. *Tartufo.* Pg. 106).

"Fia de mim a menina,
que eu *sou-lhe* muito obrigada".
(Id. *O Avarento.* Pg. 135). (*).

"Já estive por duas vezes
de acha na mão, váe não váe,
que, se dalli me não sae,
cheirava-lhe a camoezes".
(Id. Ibid. Pg. 181).

"Senhor Harpagão, repito
que, se lhe eu contasse tudo
quanto se diz do senhor,
damnava-se".
(Id. Ibid. Pg. 197).

"*Porque* o livro que trazia na algibeira *tinha-lhe* saltado fora".
(Id. *Mil e um Mysterios.* Pg. 224).

"*Porque* a pobre creatura, só de a ouvir, *entrou-se* a cobrir de suores frios".
(Id. Ibid. Pg. 122).

"Temos a observar *que*, sem embargo de ser o sobredicto frade havido em grande credito, *torna-se-nos* altamente suspeito o documento de que se trata".
(Leoni. *Camões e os Lusiadas.* Pg. 96).

(*) Na 2.ª ed. lemos: 155.

"*Porque* em taes lembranças *alarga-se* o ambito dos nossos affectos".
(Alex. Herc. *Opusc.* T. 5.º Pg. 34).

"*Porque* as folhas nasceram e *crearam-se,* quando a seiva ainda era pura".
(Id. Ibid. Pg. 142).

"*Porque* antes disso *regiam-se* tão sómente por usos e costumes".
(Id. Ibid. Pg. 265). ...

"A verdade era *que* nuns *davam-se* as ambições".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 4).

"*Porque* Deos *ergueo-se* no seo furor".
(Id. Ibid. Pg. 83).

"O que é certo é *que* desanimou e *tornou-se* indifferente aos partidos".
(Id. Ibid. *Os Vinculos.* Pg. 23).

"*Porque* esses amanhos, que podem chamar-se esmerados, *fizeram-se,* etc.".
(Id. Ibid. *A Emigração.* Pg. 140).

"E' verdade *que* Vossa Excellencia *pede-me* apenas reflexões ao correr da penna".
(Id. Ibid. Pg. 107).

"É *que* o sul do Reino, sobretudo o Alemtejo, *acha-se* em grande parte deserto".
(Id. Ibid. *Os Vinculos.* Pg. 98).

"Era *que* o céo *ia-se* afogueando já com os primeiros fulgores de uma bella madrugada".
(*O Monge de Cister.* T. 1.º Pg. 243).

"*Porque,* ao chegar a esta cidade, *sahiram-lhe* ao encontro os barões daquella provincia".
(Id. *Hist. de Port.* T. 1.º Pg. 211).

"*Porque,* faltando a força á autoridade publica, os burguezes, no meio das vexações de uma fidalguia desenfreiada, *valiam-se* dos proprios recursos".
(Id. Ibid. Pg. (*) 235).

"*Porque* o soberbo prelado *mostrou-se* assaz forte e resoluto para lhe resistir".
(Id. Ibid. Pg. 243).

"*Porque,* lançando fogo áquella povoação e desamparando-a, *haviam-se* acolhido aos muros de Coimbra".
(Id. Ibid. Pg. 252).

(*) Na 2.ª ed., por erro, lemos: "T." em vez de "Pg."

"*Porque*, desbaratadas assim as provisões, *ver-se-hia* na dura necessidade de abandonar a povoação".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 45).

"*Porque* D. Thereza *ergueo-se* immediatamente".

(Id. *O Bôbo*. Pg. 160).

"E tão fundas iam estas *que*, em vez de traçar na terra com a bengala as usuaes figuras geometricas ou antigeometricas, *conservava-a* immovel e perpendicular".

(Id. *Lendas e Narrativas*. T. 2.º Pg. 145).

"*Porque* mestre João *mostrava-se* assaz cioso da propria autoridade".

(Id. Ibid. Pg. 304).

"Porque se ha de advertir *que* alguns restos de prudencia e juizo, que ainda havia cá por esta nossa Europa, *varreo-os* Deos para aquelle canto do mundo".

(Id. Ibid. Pg. 168).

"*Porque*, quando os gallos começaram a cantar, *alevantou-se*".

(Id. *O Monge de Cister*. T. 2.º Pg. 166).

"Isto era dito com tanta brandura e uncção, *que* o moço cisterciense *atirou-se* a chorar aos braços de Fr. Lourenço".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 105).

"Rua! *que* o almotacé *traz-me* de olho".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 351).

"É *que* alli naufragam sem remedio as glorias feitiças, e *dissipam-se* de todo os falsos esplendores".

(Lat. Coelho. *Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 2.ª ed. de 1873).

"*Porque* o grande pensador naquellas terras de igualdade afortunada, *chama-se* legião".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 308).

"*Porque*, se acontecesse algum revez, *lançal-o-hia* á conta da briosa, mas temeraria impaciencia dos seos subordinados".

(Id. *Hist. Pol. e Mil. de Port.* T. 3.º Pg. 479).

"*Porque*, havendo-se adiantado com a columna do seo commando o brigadeiro Dom Ulysses Albergoti, *depararam-se-lhe* emboscados numa floresta grande copia de francezes".

(Id. Ibid. Pg. 503).

"*Porque*, sendo a fortuna adversa ás armas portuguezas no Brazil, *firmava-se* a capitulação".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 5).

"*Porque* o grande perigo de turbação na ordem publica *cifrava-se* no abbade Corrêa".

(Id. Ibid. Pg. 386).

"*Porque,* em virtude das leis antigas, *era-lhes* permittido associar-se".

(Id. *Oração da Corôa.* Pg. 34).

"É certo *que* a filha do ex-professor de lingoas *dotava-se* com vinte mil cruzados".

(Camillo. *Noites de Lamego.* Pg. 49).

"Observo-te, minha irmã, *que* nos conventos *chora-se* pouco".

(Id. *A Sereia.* Pg. 53).

"Vae, *que* eu logo *procuro-te*".

(Id. Ibid. Pg. 47).

"É tão divina a natureza do segredo, *que* os primitivos homens da Asia *entendiam-se* por symbolos".

(Id. *Traducção do Genio do Christianismo.* Vol. 1. Pg. 10).

"Poz campos em versaletes, *porque* elle *chama-se* Campos".

(Id. *Cavar em Ruinas.* Pg. 95).

"Mate-me, *que* eu *perdôo-lhe* a morte".

(Id. Ibid. Pg. 160).

"*Porque* o sangue *queimava-lhe* a cabeça".

(Id. *Mysterios de Lisb.* T. 2.º Pg. 135).

"Nestes ultimos é tão natural o instincto da guerra, *que,* muitas vezes, na refrega, os soldados *fazem-se* generaes".

(Id. *Os Martyres.* Vol. 1.º Pg. 130).

Por copioso que seja o numero de casos de phrases portuguezas construidas com a conjuncção *que* e *porque,* onde empregam nossos escriptores a proclise pronominal, diante da lista consideravel de exemplos do uso da enclise, que, de outro lado nos offerece a lição dos bons modelos da linguagem, sobretudo tratando-se do vocabulo *porque,* como volvemos de dizer, não será de bom aviso e consoante á observação attribuir o uso da enclise a meros descuidos, a negligencia ou desattenção, por onde não raro resvalam ainda os que melhor escrevem.

O proprio Dr. Ruy empregou a conjuncção *que* de modo contrario á norma a que neste particular obedece.

Testemunha seja a passagem seguinte, colhida de suas *Cartas de Inglaterra* (Pg. 212):

"E ainda me lembra *que*, ao encontrar-me aqui, em meiados do anno passado, um inglez semi-brasileiro, que conversara, mais de uma vez, commigo noutros tempos, e andava ultimamente ao serviço de negocios secretos do florianismo na Europa, *disse-me*, sorrindo, e esfregando as mãos etc.".

Onde de um lance se vê que a oração *disse-me* se liga como subordinada á primeira da phrase — *ainda me lembra* — pelo elemento connectivo *que*, signal da subordinação de uma á outra, e ainda o trecho seguinte da mesma obra:

"Uma vez succedeo *que* um pobre indio em pasmaceira ante a frontaria do paço de Assumpção, não entendendo os brados da sentinella, ...*cae-lhe* fulminado pelo fuzil".

(*Cart.* Pg. 270).

E apezar de haver como obrigatoria a proclise pronominal, quando na oração figuram os adjectivos *que*, *cujo*, no que se põe de accordo com todos os escriptores e grammaticos, não evitou a falta que se lhe nota nos dois lanços seguintes da alludida obra:

"Na maior parte dos historiadores as figuras humanas semelham bonecos cheios de farello, *cuja* substancia *vae-se* por qualquer rasgão, que a critica lhes abra".

(*Carta de Ing.* Pg. 218).

"De dia em dia mais se vae dilatando pelo orbe, *que dir-se-hia* fadado a encher?"

(Id. Ibid. Pg. 47).

Dos exemplos citados pelo Dr. Ruy e por elle reputados como transvios das regras do esclarecido philologo João Ribeiro, somente dois se poderiam lançar á conta de descuidos, de que se não eximem ainda os escriptores de melhor nomeada.

Taes são os exemplos de Filinto Elysio e Theophilo Braga, onde, contra o uso geral, usam esses escriptores a enclise pronominal, dizendo o primeiro:

"Se a minha Musa, *que sentou-se* ás vezes"

e o segundo:

"Destas uniões, regularmente contrahidas, resultou uma raça, *cujos* homens *têm-se* sempre distinguido".

Todos os mais são exemplos correctos, não raros na linguagem daquelles mesmos que não transcuram o bom dizer.

Examinemos todos esses exemplos, a que allude o Dr. Ruy, e em cujas construcções julga de rigor o emprego da proclise. São estes os quatro lugares de Alexandre Herculano que adduz em sua defesa:

"Isto era dito com tanta brandura e uncção, *que* o moço cisterciense *atirou-se* a chorar aos braços de Fr. Lourenço".

(*O Monge de Cist.* Vol. I. Pg. 105).

"Ponderava *que* para ella a existencia actual *fechava-se* a curta distancia num horizonte de ferro".

(Ibid. Pg. 259).

"E que não achou ahi *com que refrescar-se*".

(Ibid. Vol. II — Pg. 97).

"O Cavalleiro sabia *que* taes affrontas *escrevem-se* na fronte de quem as recebe".

(*Lendas.* Vol. II. Pg. 186).

Nesses passos do eminente escriptor portuguez o *que* só é empregado como adjectivo no terceiro exemplo, sendo nos demais empregado como conjuncção; ora, vimos que com o *que*, empregado como conjuncção, nada tem de rara entre os escriptores, antigos e modernos, a posposição ou enclise pronominal.

Pelo que toca ao terceiro exemplo, onde o *que* figura de adjectivo, é de notar que esse adjectivo é complemento de uma oração infinitiva, e, em taes circumstancias, bem que mais commummente se empregue a proclise, nada tem de incorrecta a enclise pronominal, de que usaram muitos dos nossos classicos.

Não attentou o Dr. Ruy Barbosa em que só é de rigor a anteposição pronominal, quando o *que* é adjectivo e se contem em orações não infinitivas. Nestas ultimas, embora frequentissima, não é forçada a proclise.

Nos exemplos aqui apontados, já de proclises, já de enclises, confirmar-se-ha o que levamos dito:

"E assim costumam todos ter *em que se occupar*".

(Fernão M. Pinto. *Livr. Class.* T. 2.º Pg. 267).

"Melhor era ter *com que os vingar*".

(Duarte N. de Lião. *Chron. d'el-rei D. João* 1.º T. 1.º Pg. 399).

"Não tivera o mundo *por que lhe dar* tanta culpa".

(Id. Ibid. Pg. 433).

"Não havia *para que se assentarem* em livro gentes que não vinham a soldo."

(Id. *Chron. d'el-rei D. Affonso* 4.º T. 2.º Pg. 166).

"Não tinha no cabo da semana um real, *que lhes dar* por seo trabalho"

(Souza, *Hist. de S. Dom.* Vol. 4.º Pg. 353).

"Não sabia coisa *com que a poder* comparar".
(Id. Ibid. Pg. 461).

"Sobejando-lhe *com que se poder* tratar bem".
(Id. Ibid. Pg. 467).

"Ainda tinha *com que a remediar*".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 7).

"Tinha uma coisa de importancia *que lhe communicar*".
(Id. Ibid. Vol. 3.º Pg. 364).

"Tendo tantas coisas *em que se repartir*".
(Id. *Vida do Arceb.* Liv. 5.º Cap. 22. Pg. 233).

"Elle ficou sem ter *com que se cobrir*".
(Id. Ibid. Liv. 4.º Cap. 27. Pg. 195).

"Não pasaram muitos dias que teve *em que se empregar*".
(Id. Ibid. Liv. 3.º Cap. 17. Pg. 139).

"Estava o Arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*".
(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 21. Pg. 37).

"Não tinha *com que lhes acudir*".
(Id. *Annaes.* Pg. 341).

"E afflicta de não ter *com que as comprar*".
(Fr. Lucas de Santa Catharina. *Hist. de S. Dom.* Vol. 5.º Pg. 307).

"E descontente de não ter *com que lhe pagar* tão grandes mercês".
(*Palmeirim.* T. 2.º Parte 2.ª Cap. 105. Pg. 249).

"Todos teremos que sentir e ninguem *de que se alegrar*".
(Id. T. 2.º Parte 2.ª Cap. 69. Pg. 468).

"Já a nenhum ficara escudo *com que se amparar*".
(Id. Ibid. Parte 1.ª Cap. 41. Pg. 280).

"Nenhuma coisa lhe ficara *com que se cobrir* nem amparar".
(Id. Ibid. Parte 2.ª Cap. 69. Pg. 469).

"Tiveram mais de *que se contentar*".
(Id. Ibid. Parte 1.ª Cap. 41. Pg. 282).

"Terei *de que me aggravar*".
(Id. T. 2.º Parte 2.ª Cap. 106. Pg. 259).

"Tirae de vossas casas *com que a fazer*".
(Vieira. *Serm.* T. 1.º Pg. 224).

"Não tendes *de que vos queixar*".
(Id. Ibid. Pg. 230).

"E não têm *com que lhes matar* a fome?"
(Id. Ibid. Pg. 238).

"Não ha *para que nos determos* em mais prova".
(Id. Ibid. Pg. 256).

"Não tenho palavras *com que o rastear*".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 13).

"Para que a cabeça do mundo tivesse uma caveira *em que se vêr*".
(Id. Ibid. Pg. 341).

"Desejando eu algum meio *que vos propôr* mais poderoso que tudo isto".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 23).

"Acho eu á luz duas razões muito maiores, *com que se consolar*".
(Id. Ibid. Pg. 76).

"E não dá meio *com que os melhorar*"
(Id. Ibid. Pg. 109).

"Não temos logo *que nos admirar*".
(Id. Ibid. Pg. 341).

"Deo-nol-a para que tivessemos *que lhe dar*".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 36).

"Nem teve outros termos *com que a declarar*".
(Id. Ibid. Pg. 56).

"Porque tinha Deos nove partes *em que a tomar*".
(Id. Ibid. Pg. 113).

"Sem ter de quem levar saudades, nem *a quem as deixar*".
(Id. Ibid. Pg. 334).

"Não vos deo filhos *com que a perpetuar*".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 51).

"Por isso tendo tanto *de que se queixar*".
(Id. Ibid. Pg. 69).

"No sepulcro não lhe restava *com que se consolar*".
(Id. Ibid. Pg. 85).

"Alfim achou a fortuna *com que nos fazer* ingrata a liberdade".
(Id. Ibid. Pg. 86).

"Nem teve outra traça mais prompta *com que o fazer*".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 285).

"Nenhum aviso houve nunca tão qualificado, que não tivessemos discurso *com que o desfazer*".
(Id. Ibid. Pg. 364).

"Dois espelhos tem sua alteza *em que se vêr*".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 221).

"Só a alma não tem *por que se trocar*".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 166).

"Não tendo outra coisa *que lhe deixar*".
(Id. Ibid. Pg. 229).

"Não achou o esposo coisa alguma tão formosa e grande *a que a comparar*, senão ao emporio de muitas grandezas".
(Id. Ibid. Pg. 183).

"Terão semelhantes escusas *com que se desculpar*".
(Id. Ibid. T. 14. Pg. 138).

"E não tinha *com que o agasalhar*".
(Id. Ibid. Pg. 154).

"Tinha uma petição *que lhe fazer*".
(Id. Ibid. T. 15. Pg. 26).

"Não havia *de quem o guardar*".
(Id. Ibid. Pg. 60).

"Achou sem implicação muitos jardins, *em que* passear e *se recrear*".
(Id. Ibid. Pg. 193).

"Eu não tenho *com que lhe acudir*".
(Id. Ibid. Pg. 248).

"E não tenho *a quem os deixar?*".
(Id. Ibid. Pg. 339).

"E não tenho *com que as comprar*".
(Id. Ibid. Pg. 341).

"Nem menos bolsa ou dinheiro *com que o comprar*".
(Id. Ibid. T. 13. Pg. 147).

"Teriam muito *de que se gloriar*".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 32).

"Mas lhes sobeja *com que se sustentar* a si e a todo corpo.
(Idem. *Trechos Selectos. Publ. comm. do bi-centenario da sua morte.* Pg. 436).

"Vossa Senhoria tem tanto *em que o empregar*".
(Id. *Cartas.* T. 1.º Pg. 138).

"Não tinha *com que os pagar*".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 60).

"Muito tem V. S. *que me perdoar* desta vez".
(Id. Ibid. Pg. 92).

"Ahi tendes *com que vos vingar* delle".
(Bernardes. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 87).

"Não havia na terra *com que se poder* comparar".
(Id. Ibid. Pg. 196).

"Não tenho, disse, *que te dar*".
(Id. Ibid. Pg. 238).

"Teria compaixão delles, e á mão *com que os soccorrer*".
(Id. Ibid. Pg. 231).

"Não tinha *para que a mudar*".
(Id. *Pão partido em pequeninos.* T. 2.º Pg. 173).

"Achava senões *que lhe tachar*".
(Filinto. *Obras Compl.* T. 9.º Pg. 295).

"Assim tiveram meos olhos *com que se contentar*".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 400).

"Não ter *de quem me confiar*".
(Id. Ibid. Pg. 587).

"Não tive *de que me arrepender*".
(Id. Ibid. Pg. 538).

"Não ha *de que vos arguir*".
(Id. Ibid. Pg. 334).

"Temos *com que o supprir* em portuguez".
(Fr. Francisco de S. Luiz — *Glossario das palavras e phrases da lingoa franceza.* Pg. 35).

"Tenho *tanto que te dizer*".
(Garrett. *Viagens na Minha Terra.* T. 1.º Pg. 213).

"Tinha *que me dizer?*"
(A. Cast. *Tartufo.* Pg. 84).

"Não havia *por que* de novo o *semear* em publico".
(Id. *A Primavera.* Vol. 1.º Pg. 32).

"O que só me fallece são meios *com que os realizar*".
(Id. *Camões.* T. 1.º Pg. 38).

"E com tão poucas certezas fixas *a que me apegar*".
(Id. *Amor e Melancolia*. Pg. 322).

"Carecente de noticias reaes e positivas *com que os rebater*".
(Id. Ibid. Pg. 300).

"Tirou das suas reminiscencias *com que os completar*".
(Id. Ibid. Pg. 385).

"Nesta qualidade era admiravel, e poderia dar só elle *de que se confiar* um precioso diccionario".
(Id. *Livraria Classica*. M. Bern. T. 2.º Pg. 298).

"Quanto á formosura de sua linguagem, não ha embargos *que lhe pôr*".
(J. Cast. *Livr. Classica*. Lucena. T. 2.º Pg. 234).

"Achará o leitor estudioso *com que se enfrascar* no estylo deste classico".
(Id. Ibid. Pg. 248).

"Não tem ninguem *a quem o offerecer*".
(A. Herc. *Opusc*. T. 2.º Pg. 336).

"Não tens *de que te arrecear*".
(Id. *O Mong. de Cister*. T. 1.º Pg. 155).

"Achou, emfim, um mister *em que as empregar*".
(Id. Ibid. Pg. 188).

"Teremos *com que os contentar*".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 23).

"*Com que a desencalmar*".
(Id. Ibid. Pg. 96).

"Tinha alguma coisa *que lhe communicar*".
(Id. Ibid. Pg. 109).

"Tenho revelações *que te fazer*".
(Id. Ibid. Pg. 316).

"Buscasse traça *com que lhe quebrar* o impeto".
(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit. de Port*. T. 1.º Pg. 128).

"Tinha uma bolsa para os comprar, uma libré *que lhes vestir*".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 65).

"Nem desarmada do suffragio, lhe restava sancção moral, *com que os tornar* imperativos".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 122).

"Não tinham *de que se manter*".
(Id. *Var. Illust*. T. 2.º Pg. 347).

"Buscava traças, *com que me ultrajar* e offender".
(Id. *Oração da Corôa*. Pg. 47).

"Teria muito *que lhe apontar*".
(Camillo. *Os Martyres*. Vol. 1.º Pg. VI).

* * *

Passemos agora aos casos de enclises nas phrases infinitivas construidas com o adjectivo *que*, precedido ou não de preposição, os quaes, como já deixamos dito, bem que menos frequentes, não merecem, todavia, a tacha de incorrecções e desacertos nas construcções da lingoa, como o confirmam os passos seguintes:

"E no cabo consumido tudo, não tendo *de que sustentar-se*, nem com que beneficiar as terras, largavam a casa".
(Souza. *Vida do Arceb*. Liv. 3.º Cap. 23. Pg. 146).

"Teve logo *em que exercital-o*".
(Fr. Lucas de S. Cath. *Hist. de S. Dom.* Vol. 6.º Pg. 315).

"Não tendo *de que envergonhar-se*".
(Vieira. *Serm.* T. 12. Pg. 181).

"Bom penhor tendes, *em que prendar-vos*".
(M. Bernardes. *Luz e Calor*. Part. 2.ª—384. Pg. 431).

"De nenhum modo havia que temer, nem *para que retirar-se* por nenhum caso deste caminho".
(Id. Ibid. Part. 1.ª — 185. Pg. 149).

"Ahi tem *com que derrubar-te* quantas pedras fores pondo no edificio".
(Id. Ibid. 211. Pg. 180).

"Por falta de signaes, *com que explicar-se*".
(Id. Ibid. 138. Pg. 95).

"Não tendes *porque* esmorecer e *lamentar-vos:* antes muito *porque alentar-vos* e dar graças a Deos".
(Id. Ibid. 159. Pg. 118).

"Não ha na terra *a que comparar-se*".
(Id. Ibid. Part. 2.ª — 312. Pg. 305).

"E não me lembrei de tantos pobresinhos, que não têm *de que sustentar-se*".
(Id. Ibid. Part. 1.ª — 124. Pg. 84).

"Onde havia de haver *que offerecer-vos...?*"
(Id. Ibid. Part. 2.ª — 386. Pg. 434).

"Não têm *que inquietar-se*".
(Id. Ibid. Part. 1.ª — 246. Pg. 223).

"E alem disto lhe deo *com que vestir-se*".
(Id. *Liv. Classica.* T. 1.º Pg. 100).

"Para ter na outra *com que regalar-se*".
(Id. Ibid. Pg. 39).

"Tinha depositado em differentes partes o melhor de seos roubos, como segunda taboa *em que salvar-se*".
(Jac. Freire. *Vid. de D. J. de Castro.* Liv. 1.º Pg. 13 — 23).

"E tambem, quem nada tem *de que arguir-se* acerca delles, folga mais de pôr de seo lado o erro, para assim lograr-se de seo coração, nesse passo derradeiro. Mas tu, querida amiga, nada tens *de que arguir-te*".
(Filint. *Obras.* T. 10. Pg. 149).

"Nada *que dizer-vos* fica acerca da origem donde venho".
(Id. Ibid. Pg. 181).

"Não ha aqui *de que assustar-vos*".
(Id. Ibid. Pg. 291).

"Não achou ahi *com que refrescar-se*".
(A. Herc. *O Monge de Cister.* T. 2.º Pg. 97).

"E a sêde do clero secular não achava *em que saciar-se*".
(Id. *Hist. de Port.* T. 2.º Pg. 334).

"Receiavam muitos que o marquez descobrisse alguma traça *com que perpetuar-se* na valia e no poder".
(Lat. *Hist. Pol. e Mil. de Port.* T. 1.º Pg. 125).

"A democracia só tinha duas armas, *com que aperceber-se e amparar-se* contra os seos implacaveis adversarios".
(Id. bid. T. 2.º Pg. 260).

"As suas qualidades de estadista acharam mais vasto campo *em que revelar-se*".
(Id. *Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 353).

"Buscando traças, *com que desfigurar-vos* a verdade".
(Id. *Oraç. da Corôa.* Pg. 48).

"Que resta pois a multidão *com que alcunhal-o*, senão o epitheto de nebuloso e perpetuo devaneador...?"
(Id. Ibid. Pg. CCXXI).

"Nem tinha bastante *com que dotal-a*".
(Camillo. *A Sereia.* Pg. 68).

"Não sabia *a quem dirigir-me*".
(Id. *Os Martyres*. Vol. 2.º Pg. 231).

"Explicae-vos, se tendes *que dizer-me*".
(Id. Ibid.).

"Não ha ahi *de que arguil-o*".
(Id. *Esboços de Apreciações Litterarias*. Pg. 113).

"Aqui não ha *de que arguir-te*".
(Id. Ibid. Pg. 185).

"Cuja coragem lhe estava dando *em que* pensar e *maravilhar-se*".
(Id. *Myst. de Lisb.* T. 2.º Pg. 182).

"Vendo-lh'as o Luizinho, e não sabendo *a que attribuil-as*, disse-lhe".
(L. Filippe Leite. *Ramalhetinho da Puericia*. 9.ª ed. Pg. 213).

Outrotanto succede, quando ao infinitivo precedem os vocabulos, *onde, como, quando*, ou a conjuncção *que*, compondo as locuções *ter que, haver que*, equivalente a *ter* ou *haver de;* em taes casos, como já o dissemos, com relação ao adjectivo *que* antes do infinitivo, é mais geralmente empregada a proclise, bem que nos melhores escriptores não falhem exemplos que autorizem a enclise, do que são provas os seguintes casos de uma ou outra construcção:

"Ellas não tinham para *onde lhe fugir*".
(Bernardim Ribeiro. *Menina e Moça*. Pg. 37).

"Não tinham *onde se acolher* senão a ella".
(Barros. *Dec.* 2.ª Liv. 2.º Cap. 2.º Pg. 110).

"Não acharia *onde se remediar*".
(*Palmeirim*. T. 2.º Part. 2.ª Cap. 106. Pg. 256).

"Como lhe não ficava lugar *onde se assentar*..."
(Lião. *Chronica dos Reis*. T. 2.º Pg. 361).

"Não tinha *onde se recolher*".
(Souza. *Hist. de S. Domingos*. T. 4.º Pg. 347).

"E não haver uma casa *onde o hospedar?*"
(Vieira. *Serm.* T. 1.º Pg. 224) .

"Elles têm por *onde nos pegar*".
(Id. Ibid.. T. 15. Pg. 31).

"Não teve casa, e muito menos apartamento retirado nella, *onde se recolher* a orar".
(Id. Ibid. T. 15. Pg. 50).

"E têm muito por *onde se espalhar*".
(Id. *Trechos Selectos. Pub. comm. do bi-centenario da sua morte.* Pg. 127).

"Não tinha *onde se dividir*".
(Id. *Sermões.* T. 6.º Pg. 126).

"Eu não tenho *onde as remetter* senão á protecção de Vossa Senhoria".
(Id. *Cartas.* T. 3.º Pg. 60).

"Não haverá *onde se recolher* o pão".
(Id. Ibid. Pg. 133).

"Não tendo outro lugar mais decente, *onde as pôr*, as comêo".
(Bernardes. *Luz e Calor.* Part. 2.ª—311. Pg. 304).

"Aqui tens um seguro couto, *onde te acolher*".
(Id. Ibid. Part. 1.ª — 251. Pg. 230).

"Não sabem *como dar-se* a entender".
(Id. Ibid. 185. Pg. 150).

"O demonio sempre vela e rodeia, buscando qualquer estreita fenda *por onde escorregar-se* dentro".
(Id. Ibid. 198. Pg. 168).

"Tendo as raposas suas covas e as aves seos ninhos, *onde recolher-se*".
(Id. Ibid. Part. 2.ª — 345. Pg. 364).

"Porque ninguem *tem que se rir* de seo proximo".
(Id. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 10).

"Porque *tinha que lhe communicar* negocios do Grão Senhor".
(Jac. Freire. *Vid. de D. João de Castro.* Liv. 4.º n. 72. Pg. 271).

"Não ter *onde os por!...*".
(Garrett. *Viagens na Minha Terra.* T. 1.º Pg. 40).

"E não sabendo *para onde se refugiar*".
(A. Cast. *Amor e Melancolia.* Pg. 257).

"*Tenho que annunciar-lhe....*"
(Id. *As Sabichonas.* Pg. 102).

"Não *ha que tomar-lhe* satisfações".
(Id. Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 4.º Pg. 30).

"Não *ha que nomeal-o*".
(Id. *Fastos.* T. 1.º Pg. 282).

"Esse ponto é sem duvida muito serio, pois do modo *como se resolver* depende o realizar-se".

(Id. *Felicidade pela Instr.* Pg. 49).

"Não *tendo* por isso *que os aceiar* e arrebicar, para olhos extranhos".

(Id. *Metamorphoses.* T. 1.º Pg. XI).

"Não *ha que notal-as*".

(Id. Ibid. Pg. 298).

"Mas bem moço *teve que envolver-se* na politica".

(*Grinalda Ovidiana. Os Amores de Ovidio.* T. 4.º Pg. 40).

"Por não saber *como o occupar* melhor".

(A. Herc. *O Monge de Cister.* T. 1.º Pg. 145).

"Não achava alem dos antigos muros, uma parede branqueada, uma pedra alva, *onde espelhar-se*".

(Id. *Lendas e Narrativas.* T. 1.º Pg. 195).

"Não *havia que duvidar-lhes* da patria".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 285).

"Não *tivera que submetter-se* á vontade de um prelado irascivel e impetuoso".

(Id. *Hist. da Inq.* T. 3.º Pg. 177).

"Á espera de que pudessem tomar porto *aonde* melhor *o corrigir*"

(Lat. Coelho. *Var. Illust.* T. 2.º Pg. 67).

"As sciencias, que, durante os reinados mais antigos, não achavam *onde* luzir e *professar-se*, tiveram no *estudo geral* instituido em Lisbôa pelo rei menestrel e cultivador, asylo decoroso *onde abrigar-se*".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 48).

"Offerecia a um exercito disposto a defender-se bravamente um abrigo, *onde reformar-se e fortalecer-se*".

(Id. *Hist. Pol. e Mil. de Port.* T. 3.º Pg. 435).

"A fundação das ordens religiosas não tinha já campo e theatro *onde exercer-se*".

(Id. *Republica e Monarchia.* Pg. 267).

"Não ha sequer por *onde o rastrear*".

(Id. *Luiz de Camões.* Pg. 116).

"Não ha *por onde* seguramente *o avaliar*".

(Id. Ibid. Pg. 236).

"Não tivesse nelles a republica braço e columna para se defender e *onde se encostar*".

(Camillo. *Noites de Insomnia*. Pg. 30).

"Julgava ter achado porto *onde salvar-se* do naufragio da politica".

(Id. *Doze Casamentos Felizes*. Pg. 157).

"Já tinha um cevo *onde medrar-se*".

(Id. Ibid. Pg. 169).

"O anjo da poesia lhe apontou mais remontados plainos *onde librar-se* com elle".

(Id. *Esboços de Apreciações Litterarias*. Pg. 232).

"Herança quasi nenhuma *teve que administrar-lhe*".

(Id. *A Sereia*. Pg. 22).

"Não houve *como dar-lhe* entre os versos com o *devirginare*".

(Ruy Barb. *Replica*. n. 133).

"Haverá *como decifral-o?* Haverá *como regel-o?*"

(Id. Ibid. n. 19).

"Não sabia *onde feril-o, onde lhe prevenir* os golpes, *onde enfrental-o* com vantagem".

(Id. *Cartas d'Inglaterra*. Pg. 123).

"Buscáe o homem capaz.
Como obtel-o, eis a questão das questões".

(Id. Ibid. Pg. 231).

* * *

Quando, porem, ao verbo no infinitivo precede não o adjectivo conjunctivo, senão a conjuncção *que*, *senão* ou *como*, correlata com outra palavra anterior, é a enclise a que forçosamente se recorre, como se vê dos exemplos seguintes:

"Quiz *mais* perdoar-lhe como pae, *que castigal-o* como rei".

(Garcia de Rezende. *Livraria Classica*. Pg. 258).

"Não havia mister *mais que provel-o* de algumas coisas".

(J. de Barros. *Dec.* 3.ª Liv. 9.º Cap. 9.º Pg. 428).

"Sem receber *mais* damno *que ferirem-lhe* cinco homens".

(Id. Ibid. *Dec.* 2.ª Liv. 3.º Cap. 6.º Pg. 305).

"Não havia *outra* salvação *senão recolher-se* aos bateis".

(Id. Ibid. Liv. 5.º Cap. 5.º Pg. 484).

"Não podiam *tal* fazer *senão entregarem-se* todos aos inimigos".
(Diogo de Couto. *Dec.* 8.ª Cap. 40. Pg. 474).

"Porque *tão* máo é enganarem-se os Reis, *como enganarem-nos* a elles".
(Id. Ibid. Cap. 13. Pg. 87).

"Para o ganhar não lhe fallecia *mais que pol-o* em obra".
(*Palmeirim.* Part. 1.ª Cap. 39. Pg. 253).

"Porque lhe lembrava que os bens *melhor* é possuil-os, *que podel-os* possuir".
(Id. Ibid. Cap. 15. Pg. 101).

"Para não saber desejar *mais que salvar-se*".
(Id. *Part.* 2.ª Cap. 139. Pg. 113).

'Hei por *mais* o determinar-me, *que combater-me*".
(Id. Ibid. Cap. 139. Pg. 103).

"É *menos* gloria vingal-a, *que perdoal-a*".
(Id. Ibid. Cap. 42. Pg. 290).

"Não tem que fazer *mais que assentar-se*".
(Fern. M. Pinto. *Livraria Classica.* T. 1.º Pg. 194).

"Nenhuma (coisa) os entristeceo *mais, que vel-o* tornar a elle".
(Duarte N. de Lião. *Vida d'el-rei D. Affonso 5.º* Cap. 16. Pg. 165).

"Como quem nenhuma coisa *mais* desejava, *que achar-se* com el-rei de Castella em campo".
(Id. *Chron. d'el-rei D. João o I.º* T. 3.º Cap. 55. Pg. 231).

"Cuidando que não havia já *mais que tornarem-se* a Portugal".
(Id. Ibid. Cap. 89. Pg. 435).

"Que não poderiam *al* fazer, *senão render-se*".
(Id. Ibid. Cap. 54. Pg. 226).

"Entende que não havia *outro* remedio, *senão perder-se*".
(Id. Ibid. Pg. 45).

"Não desejava *mais que insinuar-se* na benevolencia do povo".
(Id. Ibid. Cap. 1.º Pg. 5).

"Não quiz *senão tomal-o* vivo".
(Souza. *Annaes de D. João* 3.º Pg. 142).

"E sem fazer *maior* feitio *que tomar-nos* uma atalaia e matar outra".
(Id. Ibid. Pg. 184).

"E quem desejava agradal-a, não havia mister *mais que repetil-as* diante della".

(Id. *Hist. de S. Dom.* Vol. 4.º Liv. 1.º Cap. 6.º Pg. 46).

"Não fez *mais, que pedir-lhe* a benção, tomar a capa, e sombreiro, e breviario, e embarcar".

(Id. Ibid. Vol. 3.º Cap. 7.º Pg. 316).

"E não foi *outra* a causa e occasião de sua perdição, *senão desviar-se* das regras da prudencia".

(Id. Ibid. Vol. 4.º Liv. 1.º Cap. 11. Pg. 66).

"Que não ha coisa que *mais* quebrante animos e lingoas serpentinas, *que largar-lhes* o campo com silencio".

(Id. *Vid. do Arceb.* Liv. 4.º Cap. 6.º Pg. 165).

"Mas a tudo se apostava, *antes que arriscar-se* a perder a quietação de sua alma".

(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 7.º Pg. 14).

"Era *menos mal* mandal-o ir ao lugar para onde caminhava, *que deter-se* elle".

(Id. Ibid. Cap. 16. Pg. 30).

"Não se contentar com *menos que examinal-o*".

(Id. Ibid. Cap. 17. Pg. 30).

"Que é muito *maior* baixeza, *que sustentar-se* com o trabalho de suas mãos".

(Id. Ibid. Pg. 31).

"Procurassem saber se havia gente que *antes* quizesse padecer, *que manifestar-se*".

(Id. Ibid. Cap. 20. Pg. 35).

"Mas o christão deve dizer e querer que se percam *antes* os imperios, *que perder-se* ou *quebrar-se* um ponto do direito da Igreja".

(Id. Ibid. Liv. 4.º Cap. 2.º Pg. 160).

"Não soube fazer *outra coisa senão derribar-se* da mesma maneira e estender-se no chão".

(Id. Ibid. Liv. 5.º Cap. 11. Pg. 219).

"A razão foi porque *maior* milagre da Providencia era conserval-o encoberto, *que fazel-o* libertador".

(Vieira. *Serm.* T. 11. Pg. 86).

"Porque *mais* é poder-se fazer a si mesmo, *que poder-se* vencer".

(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 259).

"Porque não pode haver acto *mais* abjecto e vil e *mais* inferior á mesma plebe, *que ajoelhar-se* diante della e *lavar-lhe* os pés".
(Id. Ibid. T. 4.º (*) Pg. 122).

"E que *maior* bemaventurança, *que parecer-se* o servo com seo senhor...?"
(Id. Ibid. Pg. 180).

"*Primeiro* morrerei, *que negar-vos*".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 17).

"É (**) o *mesmo que semear-se* de novo".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 238).

"Nenhuma coisa *tanto* desejam os homens *como distinguir-se* e *extremar-se* dos outros".
(Id. Ibid. *Publ. comm. do bi-cent. da sua morte.* Pg. 122).

"Nem de novo tenho que dizer nesta, *mais que lamentar-me* das tardanças da nossa terra".
(Id. *Cartas.* T. 3.º Pg. 175).

"Chegam aqui taes novas, que fôra *melhor* ser surdo, ou de outra nação, *que ouvil-as*".
(Id. Ibid. Pg. 202).

"Querendo *antes* aquelle prudentissimo principe servir-se dos homens de valor, *que perdel-os*".
(Id. Ibid. *Iris Classico.* Pg. 43).

"Que é o *mesmo que espetal-o*".
(M. Bernardes. *Livraria Classica.* T. 1.º Pg. 194).

"Como se a minha tenção fosse, *não* tirar-lhe o torcimento, *senão trocal-o* por outro".
(Id. *Nova Flor.* T. 1.º Pg. 309. — *Chrestomathia* de Innocencio da Silva. Pg. 98).

"Convinha *mais* sopral-o, *que extinguil-o*".
(J. Freire. *Vid. de D. João de Castro.* Liv. 1.º Pg. 47).

"*Mais* mostravam gozar já da victoria, *que esperal-a*".
(Id. Ibid. Liv. 2.º — 61. Pg. 100) .

"Vendo que era *mais* importante prendel-o, *que matal-o*".
(Id. Ibid. — 109. Pg. 129).

(*) Na 2.ª ed. a indicação está como sendo do tom. 1.º Mas é erro da revisão.

(**) Na 1.ª ed., como na 2.ª, lemos, por erro de imprensa, "E", e não "É", como escreveu Vieira.

"Eil-o que *antes* parecia fugir desse theatro de horrores, do *que arredar-se* delle".

(Filinto. *Obr.* T. 10. Pg. 208).

"No que *mais* não faço, do *que render-vos* o obsequio que vos é devido".

(Id. Ibid. Pg. 320).

"Mas *antes* quiz despedaçar minha alma e a vossa, *que adorar-vos* deshonrada por um monstro".

(Id. Ibid. Pg. 406).

"Que *nada* castiga melhor essas acanhadas almas, *como inteiral-as* de que nos não fica rancor".

(Id. Ibid. Pg. 321).

"*Antes* quiz doutrinal-o, *que affligil-o*".

(Id. Ibid. T. 9. Pg. 6).

"*Tão* imprudente é evitar um grande mal, *como evital-o* á custa de outro, que não é somenos".

(Garrett. *Disc. Parlam.* Pg. 29, ediç. de 1882).

"*Antes* dar-me aos logos numa serra,
que ver-te por mais tempo, abominavel terra!".

(A. Cast. *O Misanthropo.* Pg. 155).

"*Mais* podem criticar e empecer do *que accender-se* em fogo de generosa temeridade".

(Id. *A Noite do Castello.* Pg. 201).

"E *melhor* ainda *que indical-a* será pol-a patente aos olhos dos curiosos".

(Id. Ibid. Pg. 209).

"E que não havia remedio *senão soccorrer-se* a algum valente e zeloso auxiliar".

(Id. *Fausto.* Pg. IX).

"Não fez *mais que copial-o*".

(A. Herc. *Opusc.* T. 5.º Pg. 23).

"*Mais* valia peitar os Argelinos com o oiro do Perú, *que sujeital-os* com o ferro de Toledo".

(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 2.º Pg. 81).

"Quiz *antes* merecer a gratidão da corôa, do *que dever-lh'a* por seos favores".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 17).

Donde nos não parece frisar bem com o dizer commum dos melhores classicos a seguinte phrase do Dr. Ruy, em sua *Replica* (n. 426):

"*Outra coisa* não faz o legislador *que lhe pesar* e medir o pensamento":

devera dizer, segundo o uso dos que melhor escrevem:

"*Outra coisa* não faz o legislador que *pesar-lhe* e *medir-lhe* o pensamento".

Só em João de Barros, dentre os classicos, encontramos os tres exemplos seguintes, que parecem uma contravenção ao uso geralmente seguido, neste particular, pelos nossos mais distinctos escriptores:

"Determinaram morrer *antes que se leixar captivar*".
(*Dec.* 3.ª Liv. 3.º Cap. 6.º Pg. 301).

"*Mais* enxotaram os moiros *que lhes fazer* outro damno".
(Ibid. 2.ª Liv. 2.º Cap. 5.º Pg. 155).

"*Primeiro* per elles quiz tentar a vontade de Affonso de Albuquerque, *que se vêr* com elle".
(Ibid. Cap. 4.º Pg. 141).

Aliás o mesmo autor das *Decadas* costuma, nas construcções desse genero, obedecer á norma invariavelmente seguida, como se vê no seguinte excerpto:

"Quiz Ruy de Britto Patalim, *primeiro que* Fernão Peres *tornar-se* em busca de Lacsamana, ter geral conselho".
(*Dec.* 2.ª Liv. 9.º Cap. 3.º Pg. 343).

* * *

Com os vocabulos *como, onde, quando, porque, em que* e outras locuções, compostas de *onde* ou *que*, usadas interrogativamente e postas immediatamente antes do infinito, é habitual em nossa lingoa o emprego da enclise. Assim se diz: *Como livrar-me? como arrancal-o daquelle abysmo? onde esconder-me? porque accusar-me? para que cançar-se? como entendel-os? de que queixar-se? por onde escapar-me? como sahir-se da meada? de que accusal-o? quando descartar-me deste importuno?*

"*Porque imitar-me* o som, *coar-m'o* ao peito
Dos cortados ouvidos?
Porque lembrar-me os ditos engraçados?
Porque na face pallida
Renovar-me a impressão, que foi tão meiga,
Dos osculos lascivos?"
(Garrett. *Lyrica.* Liv. 2.º Pg. 163).

"Mas tambem *como tel-os* abertos?"
(A. Cast. *Os Fastos de Ovidio*. T. 3.º Pg. 552).

"*Como discriminal-o?*"
(Id. *Amor e Melancolia*. Pg. 224).

"Mas *porque repellir-te?*"
(A. Cast. *Arte de Amar*. Cant. 1.º Vers. 348. Pg. 25).

"*Como distribuil-os*, sem perturbação, pelos vocabulos?"
(Id. *Outono*. Pg. XVII).

"*Como acompanhar-te?*"
(Id. *Mil e um Mysterios*. Pg. 243).

"E se isto assim é pelo commum, *como esquivar-me* no caso sujeito á satisfação de um desejo...?"
(Innoc. *Dicc. Bibliogr.* T. 3.º *Advertencia Previa*. Pg. 3).

"*Como resolvel-a?*"
(A. Herc. *Opusc.* T. 2.º Pg. 144).

"*Porque reputal-a* incapaz de carinho, de aceio, de religião, de moralidade?"
(Id. Ibid. Pg. 267).

"E *para que apontal-os?*"
(Id. Ibid. Pg. 203).

"Se essa riqueza é real, *como explical-a*, na hypothese de uma decadencia profunda na principal industria do reino?"
(Id. Ibid. *A Emigração*. Pg. 124).

"Mas *como vingar-se?*"
(Id. *O Bôbo*. Pg. 194).

"Martyr fui por merecel-a, (a gloria)
Quiz, luctei, soffri por ella...
Mas *onde achal-a?*"
(Mesdes Leal. *Canticos*. Pg. 18).

"Mas *porque afadigar-me* em condemnar estas calumnias, se outras mais acerbas urdio e fabulou?"
(Lat. Coelho. *A oração da Corôa*. Pag. 96).

"*Como comprehender-se* a sabedoria e profundeza dos decretos do Altissimo?"
(Camillo. *Trad. do Genio do Christianismo*. Vol. 1.º Pg. 69).

"*Como obtel-a*, porem, se o almirante Brown e os officiaes... "não se prestaram a servir ao seo governo?"
(Ruy Barbosa. *Cartas d'Ingl.* Pg. 324).

Isto não obstante, disse o Dr. Ruy em sua *Replica*:

"Mas, se ha *este* sentido, se elle cabe, e evidentemente melhor, *porque lhe attribuir* o outro?" (n. 275).

"*Como os averbar* de *gallicismos*, isto é, de importações francezas?" (n. 464).

* * *

E' proclitica ou enclitica a variação pronominal unida ao infinitivo, quando esse é precedido de qualquer preposição, havendo-se em muito, na posição do pronome, a euphonia e harmonia do discurso.

E' para notar que os nossos antigos classicos davam preferencia á proclise, nessas construcções do infinitivo precedido de preposição; hoje, porém, os bons exemplares da linguagem usam de uma ou outra construcção, attendendo, como chegamos de dizer, á doçura e cadencia da phrase.

Isto não obstante, se é a preposição *a* a que vem antes do infinitivo, recorrem os modernos escriptores, pela maior parte, ao uso da construcção enclitica.

Da anteposição e posposição pronominal sirvam de exemplos os seguintes passos:

"Melhor é merecel-os, *sem os ter*,
Que possuil-os, *sem os merecer*".
(Cam. *Lusiadas*. Cant. IX. Est. 93).

"*Por me lembrar* que estaveis cá sem mim".
(Id. Ibid. Cant. 5.º Est. 35).

"A mim e a todos, *só de ouvil-o e vel-o*".
(Id. Ibid. Est. 40).

"De quem se ganha a vida, *com perdel-a*".
(Id. Ibid. Cant. 6.º Est. 83).

"El-rei folgou *de os ver* e lhes fez bom gasalhado".
(Dam. de Góes. *Chron. d'el-rei D. Manoel*. Part. 1.ª Cap. 57. Pg. 146).

"Acabando o cavalleiro (*) do Tigre *de lhe beijar* as mãos".
(*Palmeirim*. T. 3.º Part. 2.ª Pg. 34).

"Não contente *de o ver* em tal estado, lhe tirou o elmo e cortou a cabeça".
(Id. Ibid. Pg. 33).

(*) Na 2.ª ed. lemos "cavalheiro".

"Onde deo fim a sua vida, *sem valer-lhe* nenhum soccorro".
(Id. Ibid. Pg. 406).

"Desejoso *de o vingar*, entrou por entre os inimigos".
(Id. Ibid. Pg. 409).

"Fossem consoladas *com affirmar-lhe* seos maridos terem inda alguma esperança de vida".
(Id. Ibid. Pg. 442).

"Depois de estar algum espaço *sem determinar-se*".
(Id. Ibid. Pg. 102).

"E tentou *de lhe beijar* as mãos".
(Duarte N. de Lião. *Chronica dos Reis*. T. 2.º Pg. 150).

"E trabalhando cada um *de se avantajar* naquella agua envolta".
(Lucena. *Livraria Classica*. T. 1.º Pg. 76).

"Fazendo-lhe todos os annos *pelas haver*".
(Id. Ibid. Pg. 77).

"Ou por se (214) não cansarem *em os crear*, ou por se não atreverem *aos manter*".
(Id. Ibid. Pg. 64).

"Correm *a lhe beijar* a mão".
(Id. Ibid. Pg. 124).

"São obrigados *aos sustentar*".
(Id. Ibid. Pg. 189).

"Assim se veio a tomar um meio *para se acudir* a este justo receio".
(Souza. *Vid. do Arceb.* Liv. 2.º Cap. 30. Pg. 101).

"Ajunctou-se o convento *a lhe dar* os parabens".
(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 9.º Pg. 17).

"E agradecia as mercês *de o fazer* religioso, *de o descarregar* do officio pastoral".
(Id. Ibid. Liv. 5.º Cap. 1.º Pg. 202).

"O pouco gosto que tinham *de se acharem* nesta santa junta.
(Id. Ibid. Liv. 2.º Cap. 5.º Pg. 56).

"*Com lhes fazer* resposta".
(Id. *Hist. de S. Domingos*. T. 1.º Pg. 17).

---

(214) — Nas phrases negativas é muito commum entre os classicos antepor as variações pronominaes obliquas ao adverbio negativo, quando lhe antecedem os vocabulos *que* (adj. ou conjunc. e locuções conjunctivas compostas de *que*), *quem, o qual, cujo, se* (conjunc.), *como, onde, emquanto, quando, quanto, porquanto, quão, embora, já, ainda para* (prep.).

"Segundariamente *para lhe ficar* mais perto".
(Id. Annaes. Pg. 20).

"Parecia desnecessario *de mandar-lhe* por hora maiores declarações".
(Id. Ibid. Pg. 39).

"Lembrou-lhe que fazia temeridade *em se alongar* d'el-rei".
(Id. Ibid. Pg. 40).

"*Por lhe devassar* suas terras".
(Id. Ibid. Pg. 43).

"Que mais obrigação tinha *de a servir* e ajudar".
(Id. Ibid. Pg. 51).

"Não consentir Sua Alteza *em se ir* a Infanta menina para Castella".
(Id. Ibid. Pg. 50).

"Elle as iria tomar *sem* por isso *lhe ficar* devendo nada".
(Id. Ibid. Pg. 81).

"Das quaes só *pelas pedir* são indignos". (*)
(Vieira. *Serm.* T. 14. Pg. 64).

"Premia-o *com lhe* augmentar a graça".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 335).

"E tu, *sobre o pôr* na cruz, ainda lhe mettes a lança".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 244).

"*Até o pôr* em seguro".
(M. Bern. *Livraria Classica.* T. 2.º Pg. 31).

"Cuja morte elle machinou *para arrogar-se* o imperio".
(Id. Ibid.).

"Que só *de ouvir-lhe* o nome mudam a côr e se estremecem".
(Id. Ibid. Pg. 96).

"Tratam os que lhe assistem *de o apparelhar* e compor para a sepultura".
(Id. Ibid. Pg. 106).

"*Para enterral-as* á parte".
(Id. Ibid.).

"Continuo estudo de *agradar-lhe*". (**)
(Id. Ibid. Pg. 115).

"*Para dar-me* a sentir tormentos eternos".
(Id. Ibid. Pg. 117).

(*) Na 2.ª ed. lemos "indignas".
(**) Na 2.ª ed. lemos "agradar-lhes" por engano do revisor.

"É muito *para se fazer* caso delle".
(Id. Ibid. Pg. 128).

"No mesmo tempo morrera *sem reduzir-se*".
(Id. Ibid. Pg. 160).

"Nem cansariam *de o amar* e louvar".
(Id. Ibid. Pg. 191).

"*Até o metter* comsigo no reino da gloria".
(Id. Ibid. Pg. 258).

"Que traça dariam para todavia comerem *até fartar-se?*"
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 284).

"De cuja propriedade necessita a vida do rei *para livrar-se*".
(M. Bernardes. *Nova Florest. Iris Classico.* Pg. 311).

"Mais foram para conhecer a causa, que *para resolvel-a*".
(Jac. Freire. *Vid. de D. J. de Castro.* Liv. 1.º—51. Pg. 34).

"Que não passaram á India nossas armas a defender os inimigos da fé, senão *a destruil-os*".
(Id. Ibid. — 94. Pg. 34).

"O Hidalcão tinha forças *para nos tolher* os fructos, mas não *para logral-os*".
(Id. Ibid. Liv. 4.º—42. Pg. 253).

"Começou Coge Çofar *a contentar-se* de sua desgraça".
(Id. Ibid. Liv. 2.º — 4. Pg. 59).

"Começou *a ouvil-o*".
(Id. Ibid.).

"*Para reparar-se* das fortunas do mar".
(Id. Ibid. — 13. Pg. 70).

"Sobre qual dos capitães havia *de passar-se* á outra".
(Id. Ibid. — 18. Pg. 72).

"E como nas traições mais seguro é o premio *de as descobrir* que *de as executar...*".
(Id. Ibid. — 24. Pg. 77).

"Não segui a forma, em que a descreve J. de Barros *por se haver alterado...*".
(Id. Ibid. — 26. Pg. 78).

"Que por debaixo das ondas virá com a espada na bocca *a soccorrer-nos*".
(Id. Ibid. — 33. Pg. 84).

"Que lhes desse esperança de *ganhal-a*".
(Id. Ibid. — 46. Pg. 91).

"Para o mesmo intento *de lhe furtar* a terra".
(Id. Ibid. 64. Pg. 99).

"Que acudiam *a cevar-se* nos corpos mortos".
(Id. Ibid. — 107. Pg. 127).

"Rompeo o inimigo, *até se junctar* com *D.* Alvaro".
(Id. Ibid. Liv. 3.º — 23. Pg. 204).

"Alguns voltaram os rostos aos peloiros, quiça *para mostrar-nos* Deos quanto valemos".
(Id. Ibid. — 18. Pg. 200).

"Que isso não lhe dava justiça *para tomar-lhe* a capa".
(Id. Ibid. Liv. 2.º — 15. Pg. 71).

"Por serva, por escrava te seguira,
"Se não temêra de chamar Senhora
A vil Paraguassú, que sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, é nescia e feia".
(Durão. *Caramurú*. Cant. 6.º Est. 40).

"E *sem dizer-lhes* (*) mais do seo perigo".
(Id. Ibid. *Cant.* 8.º. Est. 64).

"Foge, *sem se domar* a gente insana".
(Id. Ibid. *Cant.* 10. Estt. 27).

"Sobre objectos relativos á christandade daquelle Oriente e aos meios *de a promover*".
(Fr. Francisco de S. Luiz. Nota 9.ª sobre o § 69 do Liv. 1.º de Jac. Freire. Pg. 324).

"O homem não cansou ainda *de tratal-a* de facto como serva".
(A. Cast. *Felicidade pela agricultura*. Vol. 1.º Pg. 105).

"Alumiemos-lhe (**) o espirito que será ensinarmos-lhes *a amarem-se* e *a bemfazerem-se*".
(Id. *O Outomno*. Pg. IX).

(*) Na 2.ª ed. lemos "dizer-*lhe*", no singular o pronome, e tambem "alumiemos-*lhe*", no exemplo de Castilho, mais adiante.

(**) Vide nota anterior.

"Com que na sua viagem á Africa Sua Alteza se dignara *de me honrar* na pessoa de meo filho".

(Id. Ibid. Pg. V).

"E com horas vagas *para se entreter* com amenidades de poetas".

(Id. Ibid.).

"Ha no menino um corpo medrançoso, mas fragil; importa coadjuvar a natureza *a* (*) *desenvolvel-o*".

(Id. Ibid. Pg. XIV).

"E castigal-os assim *com expol-os* ao geral desprezo".

(Id. Ibid. Pg. 76).

"Hei (215) *de me vingar* de ti, hei *de te perder*".

(Id. Ibid. Pg. 77).

"Estuda-as, sem pensar *em as dissecar*".

(Id. *Amor e Melancolia*. Pg. 384).

"Cantando-a só pelo gosto e pela necessidade *de a cantar*".

(Id. Ibid. Pg. 297).

"Levam já o fito *em dilaceral-o*".

(Id. Ibid. Pg. 403).

(*) Na 2.ª ed., por erro da revisão: "coadjuvar a natureza desenvolvel-o".

(215) Com o verbo *haver*, seguido de um infinitivo regido da preposição *de* e acompanhado das formas pronominaes *me, te se, lhe, lhes, nos, vos,* (**) *o, a, os, as,* costumavam, ás vezes, os nossos classicos collocar o pronome logo após o verbo *haver*, quando não occorria palavra alguma que forçasse a anteposição, dizendo com Vieira: 'Eu *hei-vos de metter* na mão uma palma feita de cinzas". (*Serm.* T. 1.º Pg. 281).

"*Hão-se de acabar* brevemente". (Id. Ibid. Pg. 297).

"*Ha-nos de servir* no rio, *ha-nos de servir* nas nuvens, *ha-nos de servir* na terra". (Id. Ibid. Pg. 320).

"E Deos *ha-vos de pedir* a conta a vós" (Id. Ibid. T. 2.º Pg. 187).

"*Hão-me de dar* pão". (Id. Ibid. Pg. 310).

"Esse pão *ha-me de ficar* de juro". (Id. Ibid.).

"*Ha-se de varrer* a casa de todo esse cisco". (Id. Ibid. T. 3.º Pg. 210).

"Os prophetas *hão-se de pesar*". (Id. Ibid. T. 5.º Pg. 134).

"Ao rei verdadeiro *ha-se-lhe de dar* o amor, e *ha-se-lhe de dar* a capa por amor". (Id. Ibid. T. 11. Pg. 146).

"*Ha-o de recolher; ha-o de metter* nas entranhas". (Id. Ibid. T. 14. Pg. 42).

"Este modo de construir a phrase é raro em escriptores modernos. Isto não obstante, disse A. Castilho:

"Constellação do Milvio *ha-se* esta noite
"*de ver* ir-se inclinando para a Ursa."

(*Os Fastos*. T. 2.º Pg. 91).

E Camillo: "*ha-se d'arranjar* o que você quer". (*Volcões de Lama*. Pg. 198).

(**) Na 2.ª ed. omittiu-se o "lhe" e o "vos".

"*Sem* de todo *os poder domar*".
(Id. Ibid. Pg. 296).

"Não paga *com martyrizar-me*".
(Id. Ibid. Pg. 204).

"Chegou, pois *a se refugiar* por desertos lingoa que a nenhuma cedera".
(Id. *A Noite do Castello*. Pg. 200).

"Corra *a se purificar* nas fontes vivas e copiosas de nossos classicos".
(Id. Ibid. Pg. 204).

"A natureza, *sobre dar-lhe* com profusa mão graças corporaes, lhe bafejou espirito raro".
(Id. Ibid. Pg. 207).

"E agora me dóe do muito tempo que *pela* não *conhecer* desperdicei para o seo cultivo".
(Id. Ibid. Pg. 200).

"O que moveo ao bispo de Vizeo, D. João de Mello, *ao tomar* por confessor e guia seo".
(Id. *Livraria Classica. Bernardes*. T. 2.º Pg. 274).

"Começou desde a puericia *a extremal-o* singular".
(Id. Ibid. Pg. 272).

"Só *pelo contentar*".
(Id. Vide *Vivos e Mortos*. Vol. 1.º Pg. 83).

"Perplexo *entre prostrar-se-lhe* aos pés e fugir".
(Id. *Misanthropo*. Pg. 140).

"*Para o livrar* daquelle barbaro captiveiro".
(Leoni. *Camões e os Lusiadas*. Pg. 147).

"E pegando-lhe na mão *para a beijar*".
(A. Herc. *O Monge de Cister*. T. 2.º Pg. 266).

"Com a pia intenção *de lhe experimentar* com uma punhada a força de cohesão dos dentes ás queixadas".
(Id. Ibid. Pg. 104).

"El-rei compromettia-se *a deixar-lhes* levar livremente quanto possuissem".
(Id. *Hist da Inq*. T. 1.º Pg. 123).

"*Sem os vencer*, nem os desarmar".
(Rebello da Silva. *Varões Illustres*. Pg. 135).

"Esforçando-se *por altear-se* á estatura dos heroes".
(Lat. Coelho. *Republica e Monarchia*. Pg. 297).

"Acudieis *a salval-os*".
(Id. *A Oração da Corôa*. Pg. 31).

"Amigo de Philippe, *até lhe vender* Olyntho".
(Id. Ibid. Pg. 16).

"Já prestes *a despenhar-se*".
(Id. *Hist. Pol. e Mil. de Port.* T. 1.º Pg. 332).

"Acudio á corte *a defender-se*".
(Id. Ibid. Pg. 353).

"Fôra o só *a concertar-se* com os sicarios".
(Id. Ibid. Pg. 371).

"Não chegou *a absolvel-os* da sua temeridade".
(Id. Ibid. Pg. 380).

"Eram obrigados *a armar-se* de espingarda".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 46).

"Acudiam *a alistar-se* no serviço portuguez".
(Id. Ibid. Pg. 30).

"Só veio *a naturalizar-se* nos primeiros annos do seculo 18".
(Id. Ibid. Pg. 31).

"E principia *a cuidar-se* com maior diligencia e energia em tornar mais profícuo o exercito portuguez".
(Id. Ibid. Pg. 30).

"Era obrigado *a ensinar-lhes* o exercicio e as manobras da artilheria".
(Id. Ibid. Pg. 22).

'Começou *a designar-se* pelo nome de *major*".
(Id. Ibid. Pg. 16).

"Veio o *terço* hespanhol e o portuguez *a computar-se* em mil infantes".
(Id. Ibid. Pg. 15).

"Começou *a embrenhar-se* nesta serie ininterrupta de cuidados e lucubrações".
(Id. Ibid. Pg. 59).

"Teria continuado por annos indefinidos *a enroscar-se* nas suas mil quelhas tortuosas e insalubres".
(Id. Ibid.).

"Passam *a denominar-se* marechaes de campo".
(Id. Ibid. Pg. 61).

"São os soldados republicanos forçados *a retrahir-se*".
(Id. Ibid. Pg. 119).

"O duque, *após ouvil-os* com edificado animo, disse".
(Camillo. *Cavar em ruinas*. Pg. 18).

"*Para se lhe determinar* a filiação legitima".
(F. A. R. de Gusmão. *Estudos da Ling. Port.*, por A. F. Barata. Pg. 110).

"O ponto está *em a conhecerem*".
(A. F. Barata. *Estudos da Ling. Port.* Pg. 85).

"Teem *de a empregar*".
(Id. Ibid.).

"*Para lhe notar* defeito no emprego do infinito pessoal".
(Id. Ibid. Pg. 21).

"Não me chames bem fadada *até me veres* enterrada".
(Adagio).

* * *

Passa o mesmo com as locuções prepositivas, com algumas palavras que accidentalmente assumem o papel de preposições; taes as expressões *visto, afora, não obstante, salvo, supposto* e algumas outras analogas, postas antes do infinitivo.

Assim é que se diz: *visto desencaminhar-se* ou *visto se desencaminhar; não obstante achar-se doente* ou *não obstante se achar doente; afora locupletar-se* ou *afora se locupletar; supposto achar-se em perigo* ou *supposto se achar em perigo; afora me maltratar* ou *afora maltratar-me; antes de me ouvir* ou *antes de ouvir-me; depois de me cumprimentar* ou *depois de cumprimentar-me.*

"*Salvo entregarem-se* nas mãos de seos inimigos".
(Damião de Góes. *Chron. de D. João*. Cap. 79. Pg. 183).

"Se acceitaria o Papa a renunciação, *visto ter-lh'a* engeitado outras vezes".
(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 4.º Cap. 18. Pg. 182).

"*Visto pedil-a* o lugar, contal-a-hemos com a brevidade possivel".
(Id. Ibid. Cap. 2.º Pg. 158).

"*Visto* ella se *achar* em uma cama".
(Fr. Lucas de Santa Cath. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 6.º Pg. 152).

"Se, *antes de perder-se* esta ovelha, perguntaramos ao pastor quanto a estimava, respondia".
(Vieira. *Serm.* T. 12. Pg. 156).

"*Visto ser-lhe* forçado invernar em aquelle porto".
(Jac. Freire. *Vid. de D. J. de Castro.* Liv. 4.º—99. Pg. 292).

"*Visto se ter* feito tão vulgar o uso desta palavra".
(Fr. Francisco de S. Luiz. *Glossario dos Gallicismos.* Pg. 67).

"Há de ser contrastado por muita reacção *antes de completar-se*".
(Garrett. *Viagens na Minha Terra.* T. 1.º Pg. 6. 6.ª ed.).

"*Visto achar-se* a temperatura e o estado barometrico da atmosphera numa idiosyncracia".
(A. Cast. *Mil e um Mysterios.* Pg. 163).

"Ainda *antes de as saber*".
(Id. Ibid. Pg. 52).

"*Antes de dar-lhe* a mão".
(Id. *Tartufo.* Pg. 119).

"*Não obstante reputar-se* o consorcio com viuva uma especie de bigamia aborrecida".
(Id. *Fastos.* T. 1.º Pg. 285).

"*Afim de apromptar-lhe* o dinheiro do resgate".
(Leoni. *Camões e os Lusiadas.* Pg. 147).

"*Não obstante achar-se* acclamado e governando em Portugal o duque de Bragança".
(Inn. da Silva. *Dicc. Bibliogr.* T. 1.º Pg. 46).

"*Visto ter-se* verificado a sua entrada só em Setembro de 1545".
(A. Herc. *Hist. da Inq.* T. 3.º Pg. 244).

"*Supposto fazer-se* uma excepção".
(Id. Ibid. Pg. 295).

"*Não obstante haver-se-lhe* já expedido a permissão para a realizar".
(Id. Ibid. Pg. 211).

"*Não obstante ponderar-lhe*".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 248).

"*Visto achar-se* estatuido num convenio".
(Id. *Opusc.* T. 2.º Pg. 90).

"*Visto servirem-se* dos alheios".
(Id. *O Monge de Cister.* T. 1.º Pg. 221).

"*Visto haver-se-lhes* tirado a força da sancção penal".
(Id. *Hist. de Port.* T. 2.º Pg. 316).

"*Não obstante acharem-se* alli reunidas todas as forças do Moghreb e do andaluz".
(Id. Ibid. Pg. 151).

"*Visto haverem-se* fulminado effectivamente as censuras".
(Id. Ibid. Pg. 400).

"Defendendo-lhes que sahissem *antes de prestarem-se* á visita".
(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 2.º Pg. 45).

"*Em vez de enredar-se*".
(Id. Ibid. Pg. 332).

"*Depois de o ver* prostrado".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 450).

"*Depois de apoderar-se* do timido soberano".
(Id. *Varões Illustres. Vasco da Gama.* T. 2.º Pg. 280).

"*Em vez de abrigar-se*".
(Id. Ibid. Pg. 207).

"*Em vez de as enviar*".
(Id. Ibid. Pg. 283).

"*Não obstante me asseverar* o abbade que sua magestade não estudara logica".
(Camillo. *Noites de Insomnia.* T. 3.º *Beatriz de Vilalva,* Pg. 16).

"*E depois de o forçar* com instancias". (*)
(Barata. *Estudos da Ling. Port.* Pg. 46).

Mal avisado, pois, andou o Dr. Ruy Barbosa, appellidando de *descuidos* e *extravios* construcções pronominaes, não alheias do dizer portuguez, que estam (**) em perfeita analogia com a maior parte das que acabamos de exarar.

De parte os lugares de A. Herculano, em que já tocamos, para aqui transplantamos as phrases, injustamente censuradas, onde os mais celebrados escriptores, os textos desenganados da vernaculidade, não treplicaram em empregar a enclise pronominal, que o autor da *Replica* impugna, desconhecendo as cartas de crença com que taes

(*) — Na 2.ª ed. lemos "instancia", no singular, e "Noites de Insomnias", no exemplo anterior.
(**) — Na 2.ª ed. lemos: "que estavam em".

modos de tecer o discurso entraram de fazer parte do patrimonio da boa linguagem portugueza, do oiro de lei do fallar e escrever, cujos quilates só a pedra de toque dos bons escriptores nol-os pode seguramente revelar.

Eil-as taes como as transcreve o Dr. Ruy Barbosa: (216)

> "Sabes, cruel, que tenho causas muitas,
> Para te convencer, de *que* queixar-*me*".
> (Camões. Egl. XIII. *Obras.* Vol. IV. Pg. 132).

Neste exemplo de Camões o complemento indicado pela expressão *de que* vem antes de um infinitivo; e nestas circumstancias, como já o mostramos, não é de rigor a proclise.

Tão portugueza é a phrase: "não tenho *de que me arrepender*", quanto est'outra: "não tenho *de que arrepender-me*", embora seja mais usado o primeiro modo de construcção.

Disse Latino Coelho, como já o vimos atraz: "não tinham de *que se manter*", e Fr. Luiz de Souza: "não tendo *de que sustentar-se*"; Latino Coelho: "traças *com que me ultrajar*", e noutra parte: "traças *com que desfigurar-vos* a verdade"; Fr. Luiz de Souza: "tantas coisas *em que se repartir*", e A. Herculano: "não achava *em que saciar-se*"; Felinto Elysio: "não tive *de que me arrepender*", e o Padre Antonio Vieira: "não tendo *de que envergonhar-se*"; A. Castilho: "não tinha *com que os pagar*", e o Padre Manoel Bernardes: "para ter *com que regalar-se*"; Souza: "não tinha *com que lhes acudir*", e A. Herculano: "não achou ahi *com que refrescar-se*"; M. Bernardes: "não tinha *para que a mudar*", e noutro lugar: "de nenhum modo havia que temer nem *para que retirar-se*".

De Vieira cita o Dr. Ruy os seguintes exemplos:

> "De sorte *que* Christo *defendeo-se* do Diabo com a escriptura".
> (*Serm.* Vol. I. Pg. 272).

> "A razão disto é *porque* as palavras *ouvem-se*, as obras *veem-se*".
> (Ibid. Pg. 259).

> "Accrescento *que mandou-me* sua alteza fallar com o mesmo D. Francisco".
> (*Cartas.* Vol. IV. Pg. 23).

> "É *que* Miguel *chama-se* S. Miguel".
> (*Serm. III.* Pg. 229).

> "O certo é *que* em Lisboa *ouvem-se* os repiques".
> (*Cartas.* Vol. II. Pg. 37).

(216) — Vide *Replica.* § 54-222.

"*Porque* hoje *pregam-se* palavras".
(*Serm.* I. Pg. 259).

"*Porque* os vicios *acham-se* tambem nos catholicos".
(Ibid. Vol. II. Pg. 257).

De Manoel Bernardes extráe os seguintes:

"*Porque* a natureza resentida *encolhe-se*".
(*N. Floresta.* Vol. IV. Pg. 118).

"E tambem *porque* o sujeito *aperfeiçôa-se*".
(Ibid. Pg. 304).

De João de Barros transcreve o seguinte:

"*Porque descuidar-se-hia*".
(*Dec. III.* VII. 8).

E finalmente os dois seguintes de Duarte Nunes:

"*Porque*, sendo com pouca gente, *metter-se-hia* em perigo".
(*Chronica de D. João I.* Cap. 15. Pg. 57).

"*Porque* com armas *ganham-se* os corpos".
(Ibid. Cap. 37. Pg. 149).

Nestes exemplos, citados pelo Dr. Ruy, figura na phrase a conjuncção *que* ou *porque*, e esses elementos grammaticaes, repitamol-o, não forçam a anteposição do pronome.

Se foramos a recolher todos os excerptos dos melhores escriptores, cuja construcção infringe o preceito da anteposição, a que se arrima o Dr. Ruy para condemnar a enclise, pejariamos paginas e paginas. Só em Vieira, com respeito á construcção em que entra o vocabulo *porque*, se encontram, ás centenas, exemplos da posposição pronominal.

Ao exemplo de João de Barros, aos de Duarte Nunes de Lião, aos de Manoel Bernardes, aos de Antonio Vieira, põe, todavia, o Dr. Ruy a nota de *extravios*.

Singulares *extravios* esses, em que centenares de vezes cahio o mais notavel classico do seculo 17, e com elle todos os escriptores, seos contemporaneos, reproduzindo uma syntaxe que nada tinha de rara, ainda no seculo aureo da lingoa portugueza!...

* * *

Tratando ainda do synclitismo pronominal, e em desforço á censura que lhe fizemos, com relação a certas construcções, assim,

desenganadamente, com o aprumo do que estivesse na posse da verdade, se exprime o Dr. Ruy, em o numero 223 de sua *Replica*:

"Mas ninguem, ninguem errou jamais em tanta maneira, copiosamente, espalmadamente, como o Dr. Carneiro na collocação dos pronomes. A sua *Grammatica Philosophica* é, a esse respeito, um mappa de anatomia pathologica, onde se gruparam, apinhoadas, todas as variedades e circumstancias deste syndroma grammatical".

O Dr. Ruy Barbosa andou a esmiuçar faltas de collocação pronominal na minha *Grammatica Philosophica*, sahida a lume ha uns bons vinte e tres annos.

Lastima é que, nesse trabalho afanoso de excavações, não penetrasse mais longe, não trouxesse a minha these de concurso de portuguez, em 1871, e ainda a minha these inaugural para obter o gráo de doutor em medicina, sustentada em 1864, onde a messe não seria tão *misera*, quanto a que recolhi nas minhas observações ás suas emendas ao *Projecto do Codigo*, mas abundantes, copiosas, copiosissimas.

A que fim traz o Dr. Ruy essa lista, com que procura mostrar ter eu, pelo menos, cincoenta vezes cahido em erros de synclitismo, quando nos meos *Serões Grammaticaes*, dados á estampa em 1890, sou eu o proprio a confessar essas faltas, commettidas naquelle trabalho, anteriormente publicado?

Não lhe ficava melhor ao Dr. Ruy apontar-me erros de collocação dos pronomes em trabalhos recentemente publicados, do que ir buscal-os e rebuscal-os na primeira obra, por mim dada a lume ha vinte e tres annos, onde ha faltas a esse respeito, que eu mesmo já de publico confessei?

Porque não os mostrou nos *Serões Grammaticaes?* Porque os não apontou nas tres ultimas edições de minha *Grammatica Elementar?* Porque os não catou em minha these de concurso á Faculdade de Medicina? Porque não os desentranhou da minha *Conferencia* sobre o Padre Vieira e das *Ligeiras Observações*, trabalhos posteriores á publicação da *Grammatica Philosophica?*

Tratando da construcção defeituosa do pronome na phrase, escrevi numa nota, á pagina 354 de meos *Serões Grammaticaes*:

"Nos meos primeiros trabalhos grammaticaes, ha essas faltas, que confesso e reconheço.

"É este um *brasileirismo* tão arraigado no fallar e no escrever, que ainda aquelles que mais se esforçam por evital-o, uma ou outra vez o commettem, fallando ou escrevendo".

Trocando, de industria, o vocabulo *brasileirismo*, por mim empregado, em *idiotismo*, adultera-me o Dr. Ruy o pensamento, escrevendo o seguinte:

"Cincoenta vezes, quando menos, errou, portanto, o Dr. Carneiro, na sua *Grammatica Philosophica*, a collocação dos pronomes regimes. Desses erros só muito mais tarde, passados nove annos, se penitenciava o mestre nos seos *Serões* (p. 354): "Nos meos primeiros trabalhos grammaticaes, ha essas faltas, que confesso e reconheço. É este um *idiotismo* tão arraigado no fallar e no escrever, que ainda aquelles que mais se esforçam por evital-o, *uma ou outra vez* o commettem, fallando, ou escrevendo".

"O caso é, porém", continua o Dr. Ruy Barbosa, "que bons nove annos circulou entre os estudantes, com aquelle compendio, o exemplo máo, propinado com o peso da autoridade e a influencia insinuativa do seo eminente autor, cuja penna, ao fazer confissão da culpa, dissimula euphemicamente com o nome de *idiotismo* a erronia vernacula, envolve o acto de contricção nos minusculos caracteres de uma nota quasi imperceptivel, e allude á occorrencia dessa falta como raridade, que "*uma ou outra vez*" lhe succedesse" (217).

Donde se vê que o autor de *Replica* se não contentou com tão somente adulterar o contexto de minha nota, substituindo por *idiotismo* o vocabulo *brasileirismo*, que eu havia escripto, senão que insinua maliciosamente haver de minha parte o intuito de disfarçar o erro vernaculo, envolvendo-o na pequenhez dos caracteres *quasi imperceptiveis*, com que é escripta a nota.

Não ha mister muita reflexão para dar logo pela leveza e inanidade desse pensamento.

Com effeito, se havia intenção de esconder o erro, porque avivar-lhe eu a ideia com aquella nota?

Não me fôra mais vantajoso a mim supprimil-a para fazel-o esquecer, do que publical-a para o avivar e despertar?

Não; nunca me envergonhou o errar; é condição a que se não pode forrar a caduca humanidade.

Homo sum: humani nil a me allenum puto.

Não me corri, pois, de fazer aquella nota: já se haviam passado quasi dez annos da publicação do meo primeiro trabalho. A pratica no ensino, a lição constante dos escriptores de boa nomeada, foram-me a pouco e pouco modificando as ideias, com respeito ao chamado hoje *synclitismo pronominal.*

"A evolução do mestre, porém", diz o Dr. Ruy (*) "nesta materia ainda não findou". (*Replica*, n. 224).

---

(217) — Vide *Replica*. Loc. cit.

(*) — Na 2.ª ed. lemos: "Dr. Ruy Barbosa".

Mas, perguntaremos ao Dr. Ruy, que evolução é essa, que finda? E' o proprio da evolução não parar, seguir, seguir e seguir sempre, indefinidamente, por uma serie de mudanças ininterruptas e progressivas; se pára ou finda, deixa de ser evolução.

Sobre um cerebro pensante não passam os annos, sem deixar, na trilha que percorrem, uma ideia, uma noção, ao menos, que o espirito recolha e enthesoire:

Ars ex experimento venit.

Numa bem lançada carta ao Visconde de Almeida Garrett, disse o alumiado Alexandre Herculano (*Opusc.* T. 2.º Pg. 60):

"Dez annos não passam debalde para a intelligencia humana, e eu não me envergonho de corrigir e mudar as minhas opiniões, porque não me envergonho de raciocinar e aprender".

No mesmo trecho da censura feita á minha *Grammatica Philosophica,* attribue-me o autor da Replica um pensamento, que, na verdade, se não pode necessariamente inferir do que escrevi.

Na referida nota dos *Serões Grammaticaes,* ha o seguinte trecho:

"E' este um brasileirismo tão arraigado no fallar e no escrever, *que ainda aquelles que mais se esforçam por evital-o, uma ou outra vez o commetem, fallando ou escrevendo*".

Confronte-se agora o que ahi lançamos com a seguinte phrase do Dr. Ruy Barbosa:

"E allude (refere-se a nós) á occorrencia dessa falta como raridade, que "*uma ou outra vez*" lhe succedesse".

Evidentemente vae muito do pensamento que se me empresta ao que realmente enuncio:

A raridade do facto não a affirmo eu positiva e determinadamente, como inculca o Dr. Ruy, de mim, senão daquelles que mais se esforçam por evital-o.

O Dr. Ruy Barbosa, que se foi, desde a puericia, enfrascando na lição dos classicos, sem ter, sequer, no estudo do portuguez, mestre obscuro para lhe viciar a linguagem, embebido no tracto com os exemplares do dizer puro e limado, porventura, nas suas primeiras obras, escreveo sempre, construindo os pronomes de accordo com a norma dos bons escriptores, harmonizando-se-lhe, neste ponto, o escrever com o dos que tanto á mão lhe estavam, e cujo commercio, graças a sua boa estrella, se lhe havia deparado convidativo e familiar?

Não: errou e errou muito, usando, no que respeita aos pronomes, de construcções a que de modo algum subscreveria hoje.

Não affirmou o illustre antagonista ter eu errado, na collocação dos pronomes, pelo menos cincoenta vezes, em minha *Grammatica Philosophica?*

Pois bem: numa de suas primeiras obras, na traducção do *Papa e o Concilio* por Janus, só no prefacio e na introducção lhe apontaremos mais de cem exemplares, que hoje de modo algum o proprio Dr. Ruy haveria por correctos; mas longe estamos de aventurar a descabida hyperbole de que *ninguem, ninguem errou jamais em tanta maneira, copiosamente, espalmadamente,* como o Dr. Ruy Barbosa, na collocação dos pronomes, e de reputar a introducção do *Papa e o Concilio* de Janus como *um mappa de anatomia pathologica, onde se gruparam, apinhoadas, todas as variedades e circumstancias deste syndroma grammatical.*

Seria de minha parte estolido exaggero, quando nada houvesse que dizer do mal concertado da metaphora, aqui empregada na expressão *mappa de anatomia pathologica, onde se gruparam, apinhoadas, todas as variedades e circumstancias de um syndroma.*

Diremos apenas, convencidamente, que a nenhum escriptor de nota lembraria subscrever aos exemplos seguintes, que nos fornece a leitura desse trabalho do illustrado (*) escriptor:

"*Onde* toda a actividade publica *reduz-se* ao trafico judaico do poder".
(Ruy Barbosa. *O Papa e o Concilio.* Pref. Pg. VII).

"*Cujos* unicos fructos *cifram-se* na ruina".
(Ibid. Pg. IX).

"É um desses livros lapidares, de perenne tempestividade, *que* as gerações *vão-se* transmittindo respeitosamente".
(Ibid. Pg. XII).

"*Cuja* educação, sceptica nas classes mais ou menos cultas e supersticiosa nas inferiores, *prende-o* parte pela mesma inercia...".
(Id. *Introducção.* Pg. VI).

"Com as prerogativas *que cedeo-lhe*...".
(Ibid. Pg. VIII).

"*Até que,* rebellados contra elle os filhos, *animou-se*...".
(Ibid. Pg. XI).

"Atravessemos a quadra do poderio episcopal, *que,* no principio do século XI, *eleva-se ao seo auge*".
(Ibid.).

(*) Na 2.ª ed. lemos "illustre".

Mas, perguntaremos ao Dr. Ruy, que evolução é essa, que finda? E' o proprio da evolução não parar, seguir, seguir e seguir sempre, indefinidamente, por uma serie de mudanças ininterruptas e progressivas; se pára ou finda, deixa de ser evolução.

Sobre um cerebro pensante não passam os annos, sem deixar, na trilha que percorrem, uma ideia, uma noção, ao menos, que o espirito recolha e enthesoire:

Ars ex experimento venit.

Numa bem lançada carta ao Visconde de Almeida Garrett, disse o alumiado Alexandre Herculano (*Opusc.* T. 2.º Pg. 60):

"Dez annos não passam debalde para a intelligencia humana, e eu não me envergonho de corrigir e mudar as minhas opiniões, porque não me envergonho de raciocinar e aprender".

No mesmo trecho da censura feita á minha *Grammatica Philosophica,* attribue-me o autor da Replica um pensamento, que, na verdade, se não pode necessariamente inferir do que escrevi.

Na referida nota dos *Serões Grammaticaes,* ha o seguinte trecho:

"E' este um brasileirismo tão arraigado no fallar e no escrever, *que ainda aquelles que mais se esforçam por evital-o, uma ou outra vez o commetem, fallando ou escrevendo*".

Confronte-se agora o que ahi lançamos com a seguinte phrase do Dr. Ruy Barbosa:

"E allude (refere-se a nós) á occorrencia dessa falta como raridade, que "*uma ou outra vez*" lhe succedesse".

Evidentemente vae muito do pensamento que se me empresta ao que realmente enuncio:

A raridade do facto não a affirmo eu positiva e determinadamente, como inculca o Dr. Ruy, de mim, senão daquelles que mais se esforçam por evital-o.

O Dr. Ruy Barbosa, que se foi, desde a puericia, enfrascando na lição dos classicos, sem ter, sequer, no estudo do portuguez, mestre obscuro para lhe viciar a linguagem, embebido no tracto com os exemplares do dizer puro e limado, porventura, nas suas primeiras obras, escreveo sempre, construindo os pronomes de accordo com a norma dos bons escriptores, harmonizando-se-lhe, neste ponto, o escrever com o dos que tanto á mão lhe estavam, e cujo commercio, graças a sua boa estrella, se lhe havia deparado convidativo e familiar?

Não: errou e errou muito, usando, no que respeita aos pronomes, de construcções a que de modo algum subscreveria hoje.

Não affirmou o illustre antagonista ter eu errado, na collocação dos pronomes, pelo menos cincoenta vezes, em minha *Grammatica Philosophica?*

Pois bem: numa de suas primeiras obras, na traducção do *Papa e o Concilio* por Janus, só no prefacio e na introducção lhe apontaremos mais de cem exemplares, que hoje de modo algum o proprio Dr. Ruy haveria por correctos; mas longe estamos de aventurar a descabida hyperbole de que *ninguem, ninguem errou jamais em tanta maneira, copiosamente, espalmadamente,* como o Dr. Ruy Barbosa, na collocação dos pronomes, e de reputar a introducção do *Papa e o Concilio* de Janus como *um mappa de anatomia pathologica, onde se gruparam, apinhoadas, todas as variedades e circumstancias deste syndroma grammatical.*

Seria de minha parte estolido exaggero, quando nada houvesse que dizer do mal concertado da metaphora, aqui empregada na expressão *mappa de anatomia pathologica, onde se gruparam, apinhoadas, todas as variedades e circumstancias de um syndroma.*

Diremos apenas, convencidamente, que a nenhum escriptor de nota lembraria subscrever aos exemplos seguintès, que nos fornece a leitura desse trabalho do illustrado (*) escriptor:

"*Onde* toda a actividade publica *reduz-se* ao trafico judaico do poder".
(Ruy Barbosa. *O Papa e o Concilio.* Pref. Pg. VII).

"*Cujos* unicos fructos *cifram-se* na ruina".
(Ibid. Pg. IX).

"É um desses livros lapidares, de perenne tempestividade, *que* as gerações *vão-se* transmittindo respeitosamente".
(Ibid. Pg. XII).

"*Cuja* educação, sceptica nas classes mais ou menos cultas e supersticiosa nas inferiores, *prende-o* parte pela mesma inercia...".
(Id. *Introducção.* Pg. VI).

"Com as prerogativas *que cedeo-lhe...*".
(Ibid. Pg. VIII).

"*Até que,* rebellados contra elle os filhos, *animou-se...*".
(Ibid. Pg. XI).

"Atravessemos a quadra do poderio episcopal, *que,* no principio do século XI, *cleva-se ao seo auge*".
(Ibid.).

(*) Na 2.ª ed. lemos "illustre".

"*Quando* as queixas do mundo civilizado contra a corrupção do governo pontificio *manifestavam-se*...".
(Ibid. Pg. XII).

"Pela bulla pontificia *que* depoz o rei da Allemanha, e *desobrigou-lhe* os subditos do juramento".
(Ibid.).

"E, *quando* morte violenta, em que as suspeitas da historia rastream um assassinio romano, *cortou-lhe* os dias".
(Ibid. Pg. XVI).

"De uma côrte, *que* pelos seos crimes *tornara-se* o escandalo da christandade".
(Ibid. Pg. XIX).

"*Como* na pessoa do papa *achava-se* confundido o summo pontifice com o soberano...".
(Ibid. Pg. XX).

"Defrontava-se, todavia, então com um inimigo novo, *que*, negando-lhe a autoridade sobrenatural, *inutilisava-lhe* as armas".
(Ibid. Pg. XXII).

"*Quando*, na India, *faziam-se* brahmenes".
(Ibid. Pg. XXV).

"Mas, *se*, pelo contrario, ainda assim, *obstinarem-se* na ideia...".
(Ibid. Pg. CCIII).

"De uma tendencia criminosa, *que*, nas relações civis, *expia-se* nos trabalhos forçados".
(Ibid. Pg. XXVIII).

"Até ao tempo *em que* o pontificado, retemperando-se com a opposição dos bispos, *preparou-se*...".
(Ibid. Pg. XII).

"Para *onde* aliás figurava-se-lhes convergirem...".
(Ibid. Pg. CC).

"Haja vista a Baviera, *onde* ha mais de vinte annos *clama-se*..."
(Ibid. Pg. CLXXV).

"*Se* dos seos estados *animou-se* a banil-o".
(Ibid. Pg. XXIX).

"*Onde quer que* a acção perniciosa do pontificado *aprofunda-se*...".
(Ibid.).

"O *que* apenas *limitamo-nos* a sustentar é que...".
(Ibid. Pg. XXXI).

"*Onde todos* os chefes espirituaes *desvaneciam-se*...".
(Ibid. Pg. XXXV).

"*Quando* Marciano, bispo de Arles, *segregou-se* do episcopado gaulez...".
(Ibid. Pg. XXXVII).

"*Para que*, se um commette algum scisma ou heresia, *interponham-se* aos demais".
(Ibid.).

"*Quando* o imperio *dividio-se*...".
(Ibid.).

"Subdivididos em dioceses *que* por sua vez *fraccionavam-se*...".
(Ibid.).

"Constantino, *que*, sem renunciar o summo pontificado pagão, *fizera-se*, ao mesmo tempo, chefe da igreja...".
(Ibid. Pg. XXXIX).

"A *cujo* respeito as providencias do papa Silvestre *cingiram-se* apenas ao apparato de uma reunião".
(Ibid. Pg. XL).

"Antes do primeiro Julio, *que*, na lucta entre Athanasio e os eusebianos *animou-se*...".
(Ibid.).

"A *que* aliás, na outra vertente do Hemus, *contrapunha-se*...".
(Ibid. Pg. XLI).

"Liberio *nem* ao menos *fez-se* representar...".
(Ibid.).

"Era a maneira *como* os papas *entendiam-se* com os bispos...".
(Ibid. Pg. XLII).

"*Onde* se discutiu o mysterio da Trindade, e *depuzeram-se* bispos".
(Ibid.).

"Á ousadia do metropolita romano, *que aventurava-se* a suspender o anathema dos concilios provinciaes... respondeo Agostinho...".
(Ibid. Pg. XLIII).

"Depois, *quando*, a proposito do heresiarcha Apollinario... *afoitou-se* Damaso a tratar de *filhos* os bispos do Oriente...".
(Ibid. Pg. XLIV).

"E, *quando*, annos depois, o papa Celestino *afoitou-se*...".
(Ibid. Pg. XLV).

"Graças ao caracter mais ou menos invasor dos bispos *que succediam-se*".
(Ibid. Pg. XLVI).

"E esse, (concilio) *que* ahi *celebra-se* no Vaticano...".
(Ibid. Pg. LVI).

"A *quem* a proclamação do dogma jesuitico *afigurava-se* um infortunio".
(Ibid. Pg. LVII).

"*Em que* opiniões, aturada e sabiamente reflectidas,..... *repudiaram-se* da noite para o dia".
(Ibid. Pg. LXIII).

"O *que*, no seculo XVI, *dispensou-se*".
(Ibid. Pg. LXV).

"*Onde*, nesse periodo, *junctaram-se* todos os concilios geraes".
(Ibid. Pg. LXV).

"A *cujos* canones o occidente *curvou-se*".
(Ibid.).

... "*Onde* os canones orthodoxos *ostentam-se*".
(Ibid. Pg. LXIX).

"Tocou sempre ao concilio, em *cujo* nome *subscrevia-se*".
(Ibid. Pg. LXX).

"Facto *que dar-se-hia*".
(Ibid. Pg. LXXII).

"A ostentosa solemnização de um triumpho *que*, desde 1854, *estribava-se* numa antecedencia tão estrondosa...".
(Ibid.).

"*Qual* delles *imprimir-lhes-hia* esse cunho divino? *Qual* delles *assegurar-lhes-hia* a ausencia absoluta de impurezas humanas?".
(Ibid. Pg. LXXV).

"*Quem* nos dirá que elle procedeo contra os canones, ou *constrangel-o-ha* a guardal-os?
(Ibid. Pg. LXXVI).

"*Afim de que* ao labor subterraneo e indefesso dos gastadores clericaes *opponha-se* efficazmente pelos amigos da liberdade...".
(Ibid. Pg. LXVI).

"*Como*, para esse melindrosissimo, impossivel processo, os instrumentos de analyse, que temos, *cifram-se* na razão imperfeita...".
(Ibid. Pg. LXXIX).

"*Qual* dessas duas secções, na serie das verdades e na serie dos factos, *reserva-se* ao infallivel porta-voz do Espirito Santo?"
(Ibid. Pg. LXXXIV).

"*Nenhuma* nacionalidade *julgou-se*".
(Ibid. Pg. LXXXVIII).

"*Quando*, em 1815, *inaugurava-se*, sob Guilherme de Orange, o reino dos Paizes Baixos...".
(Ibid. Pg. LXXXIX).

"A autoridade doutrinal da igreja *não cinge-se* ás materias da revelação".
(Ibid. Pg. LXXXI).

"*Onde* certos raios perigosos da sua gloria *reservam-se* cautelosamente...".
(Ibid. Pg. XCV).

"*Nem* o pontifice *enuncia-se* no caracter de *Pio, bispo*".
(Ibid. Pg. CIV).

"Era nesse congresso *que* um leal subdito de Pio IX... *exprimia-se* assim".
(Ibid. Pg. XCVIII).

"*Se*, entre o *Syllabus* e os monumentos dogmaticos de que faz menção, *admitte-se* discrepancia".
(Ibid. Pg. CVII).

"Não desmerece da seita a *cuja* imagem *deixaram-no* affeiçoar-se".
(Ibid. Pg. CXI).

"*Afim de que* este para logo *declare-lhe* os vassallos desobrigados do juramento de fidelidade".
(Ibid. Pg. CXXI).

"*Se* os principes christãos e suas leis *apartam-se* da lei divina".
(Ibid. Pg. CXXIV).

"A detestavel apostasia dos governos, *que separaram-se* da igreja".
(Ibid. Pg. CXXV).

"*Emquanto* os pretensos direitos do homem não forem queimados pelo algoz, e o *Syllabus... não tornar-se* a lei fundamental dos estados".
(Ibid. Pg. CXXXIII).

"O erro daquelles *que*, sem fazer conta dos mais certos principios da sã razão, *atrevem-se*...".
(Ibid. Pg. CXLI).

"Esta é uma das bem-aventuranças *que* o catholicismo *propõe-se* a reviver".
(Ibid. Pg. CXLIV).

"Uma obrigação christã, *cujas* raizes *firmam-se* no seio... do catholicismo".
(Ibid. Pg. CXLVI).

"Ainda o mais indulgente juizo *que* dos seos excessos *poder-se-hia* admittir...".
(Ibid. Pg. CXLVIII).

"O catholicismo pontificio *nem* diante de um seculo raciocinador e profundamente imbuido no sentimento dos deveres moraes *demitte-se* da regalia...".
(Ibid. Pg. CL).

"Ainda *quando*, por seos habitos profanos, *pareça-se* com o vulgo".
(Ibid.).

"No ponto *em que* o magistrado romano e o doutor da lei mosaica *elevavam-se* acima do mosaismo...".
(Ibid. Pg. CLIII).

"Com a covardia de abjurações, *que*, para indelevel memoria dessa pusillanimidade moral, *exigiam-se* escriptas".
(Ibid. Pg. CLV).

"Penando o crime, *que* assim *furtava-se* á lembrança do vulgo".
(Ibid. Pg. CLVII).

"*Nenhuma* liberdade, *nenhuma* originalidade, *nenhuma* vitalidade, *nenhuma intervenção* do povo no governo *conhecia-se* alli".
(Ibid. Pg. CLXIV).

"Dispensando as medidas extraordinarias, *que* o parlamento *mostrara-se* disposto a conceder-lhe".
(Ibid. Pg. CLXXVII).

"Porque, pois, *não bastou-lhe* o perdão?"
(Ibid. Pg. CLXXXI).

"Ou era o governo mesmo *que*, reputando insufficiente o simples indulto, *resignava-se*".
(Ibid.).

"Era então a *que* num dos mais notaveis orgãos de publicidade brasileiros, *traduzia-se* nestas palavras nossas".
(Ibid. Pg. CLXXXIII).

"Para o *que anniquilou-se*, com esse desdem estupidamente silencioso...".
(Ibid. Pg. CLXXXV).

"Nem quanto aos pontos *que*, no conflicto, *poder-se-hiam* qualificar como accidentaes".
(Ibid.).

"*Emquanto* a princeza regente... *inclina-se* reverente aos pés do agente familiar da curia...".

(Ibid. Pg. CLXXXVII).

"Religião *em cujas* entranhas *formou-se* a civilização moderna".

(Ibid. Pg. CCLXXXV).

"Perante *quem* então *celebra-se* o contracto".

(Ibid. Pg. CCLXXII).

"É nelle, especialmente de 1832 a 1870, *que* a dogmatização da incompatibilidade entre a confissão catholico-romana e o estado moderno, *traduzio-se* em canones de fé".

(Ibid. Pg. CXC).

"*Nunca* porventura em paiz nenhum a actividade penal dos tribunaes e a vigilancia denunciadora do poder administrativo *elevaram-se* a esse gráo de energia".

(Ibid. Pg. CXCV).

"Ao tempo *em que celebrou-se* a concordata".

(Ibid. Pg. CCI).

"Essas longas e estereis luctas, *em que vio-se* o absolutismo ultramontano pôr em risco todas as conquistas...".

(Ibid.).

"*Se* por uma concordata *obrigar-se* o governo a patrocinar o catholicismo".

(Ibid. Pg. CCXIII).

"Em *cuja* pessoa a unidade e a perpetuidade da tradição religiosa *encontram-se* apparentemente encarnadas".

(Ibid.).

"Até *onde* a doutrina da igreja *preservar-se* intacta".

(Ibid. Pg. CCXIV).

"Mas *nem* por isso *prescreve-se-lhes* o direito de annullar qualquer concordata".

(Ibid. Pg. CCXVIII).

"*Que* proveito consideravel *colher-se-hia* com o achado?"

(Ibid. Pg. CCXVII).

"Um systema de invasões reciprocas, *em que* o estado *arroga-se* attribuições ecclesiasticas, e a igreja *immiscue-se* na vida politica do estado".

(Ibid. Pg. CCIX).

"*Quando* o direito era o privilegio, e a liberdade *confundia-se* com a soberania".

(Ibid. Pg. CCXXIV).

"*Quando* os bispos *constituem-se* potentados".
(Ibid. Pg. CCXXXVII).

"*Quando* o altar *investe-se* proprietario".
(Ibid.).

"*Se* os homens ponctualmente *desempenham-se* de seos deveres sociaes".
(Ibid. Pg. CCXXVIII).

"*Ninguem,* senão os que dessas vantagens se nutrirem, *negal-o-ha*".
(Ibid. Pg. CCXXX).

"*Nem* um só, talvez... *associar-lhes-ha* um pensamento grave".
(Ibid. Pg. CCXXXII).

"*Emquanto,* na Europa, leis e usanças *embebem-se* no direito romano".
(Ibid. Pg. CCXXXIV).

"A intolerancia clerical em *nenhuma* das suas reivindicações *caracteriza-se* melhor do que aqui".
(Ibid. Pg. CCLXXII).

"Como alicerce sobre *cuja* superficie *erijam-se* uma a uma as instituições separatistas".
(Ibid. Pg. CCLXXX).

"E essa obrigação de consciencia, o concilio vaticanense *não alterou-a*".
(Ibid. Pg. CII).

"Razão *por que deram-se* pressa em declarar...".
(Ibid. Pg. CCLII).

"*Onde* o braço da lei *tem-se* empregado...".
(Ibid. Pg. CCLXII).

"*Se* o estado *confessa-se* incompetente em theologia".
(Ibid. Pg. CCLXVI).

"A igreja e o throno, *que* hontem tão sem decencia *digladiavam-se*...".
(Ibid. Pg. CCLXXXIII).

"*Cuja* só consequencia *limita-se* ao risco de contraproduzir".
(Ibid. Pg. CCLVIII).

"*Cujos* affectos... *mirraram-se* no egoismo e na cubiça".
(Ibid. Pg. CCLIII).

"*Quando* sob seos olhos *escancara-se* o abysmo".
(Ibid. Pg. CCXXXVIII).

"Livre do salario *que* caracterizava a sua subordinação, e *deshonrava-o*".
(Ibid.).

"*Donde* se forma, e *derrama-se* para a sociedade, o contagio da superstição ultramontana".

(Ibid. Pg. CCXLVII).

"*Cuja* independencia *proclamou-se*".

(Ibid. Pg. CCL).

"A propria religião, *que* aliás elle *propõe-se* a favorecer".

(Ibid. Pg. CCLIX).

"*Quando,* asserenados esses tremores perigosos do oceano, o olhar da historia *espraia-se* por sobre a superficie renovada das agoas".

(Ibid. Pg. CCLXXXIV).

Dos copiosos exemplos aqui apontados, vê o Dr. Ruy Barbosa que se não manteve nas raias da verdade, em affirmando ser eu o que, no concernente á construcção dos pronomes complementos, mais copiosamente, mais espalmadamente errei: alguem houve, ao menos, que avolumou por extremo a lista dos erros dessa especie, tornando mais variado o *syndroma* daquelle *mappa de anatomia pathologica,* de que falla o autor da *Replica*: esse alguem é o traductor do *Papa e o Concilio,* é o proprio Snr. Dr. Ruy Barbosa.

* * *

Nos meos *Serões Grammaticaes* (Pg. 339) ensino que não se começa phrase alguma em portuguez pelas variações pronominaes obliquas *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as*".

Isto não sou eu só o que digo: dizem-no e ensinam-no todos os grammaticos.

Á luz dessa doutrina, pensa o Dr. Ruy que milita a seo favor a razão, quando impugna a phrase seguinte do art. 107 do *Projecto*: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros ou de violar disposição de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contractantes, *se julgará o acto inexistente*".

"Apanho-o eu", diz o Dr. Ruy, "em flagrante dessa contravenção, principiando uma phrase com as palavras *se julgará*". (218).

Não; não me colheo em violação do preceito estatuido: o Dr. Ruy Barbosa cahio aqui num equivoco; no alludido texto não começa a phrase pela oração principal *se julgará o acto inexistente;* e tanto

(218) *Replica.* § 54-224.

assim é que, sós por sós, desacompanhadas da oração que lhes serve de ponto de apoio, indicariam apenas sentidos parciaes, incompletos, todas as orações anteriores á principal: a phrase não principia por esta ultima, como, á prima vista, supporia o leitor da *Replica,* senão pela subordinada: *se a simulação for absoluta.*

Não ha, logo, infracção ou *contravenção* alguma: o texto não contem só a oração *se julgará,* nem por ella começa: encerra, sim, esta e todas as subordinadas anteriores, que, com a principal ou primordial, que as rege, constituem a phrase, que apresenta ao espirito um sentido completo.

Porque não escreveo o Dr. Ruy a phrase toda, mas somente a oração principal *se julgará,* que, no caso de que se trata, não é a phrase inteira, senão parte della, não traduz o pensamento completo, senão uma parcella ou fracção deste pensamento?

Não é verdade que, sem as subordinadas, que lhe antecedem, não denota a principal o pensamento que se intenta exprimir? Como dizer que a phrase começa pela oração principal, quando, antes desta e pertencendo á mesma phrase, outras orações ha, que se lhe subordinam, indispensaveis ao pensamento enunciado?

Não são raros nos bons escriptores exemplos, como o que se lê no art. 107 do *Projecto do Codigo Civil,* cuja defesa por mim feita deo origem ao reparo do Dr. Ruy, reputando mal-avisadamente flagrante contravenção do preceito que estabelece não empregar as variações pronominaes obliquas no começo de uma phrase.

Taes são os seguintes:

"Andando estes recados, de uma e de outra parte, *se teve* por suspeita que....".

(Damião de Góes. *Chron. do Principe D. João.* T. 3.º Cap. 24. Pg. 63).

"Tanto que as novidades parece que estam já certas e seguras, *se reparte* o trigo velho por todos os moradores e gente dos lugares".

(F. M. Pinto. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 229).

"Feito isto, *se embarcou* o capitão mór".

(Couto. *Dec.* 8.ª Cap. 25. Pg. 181).

"Passado isto, *se foi* o capitão mór para a Cova".

(Id. Ibid. Pg. 205).

"Se alguma hora lhe vagava tempo, *o passava* por baixo dos arvoredos em contemplações tristes".

(*Palmeirim d'Ingl.* Part. 2.ª Cap. 53. Pg. 362).

"Antes de acabarmos este livro, *nos servirá* de maior prova mais individual noticia desta illustre casa".

(Fr. Lucas. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 6.º Pg. 241).

"Rompendo-se-lhe outra vez o calçado, *se recolheo* á capella do Senhor dos Passos".

(Id. Ibid. Vol. 5.º Pg. 282).

"Quando o sol nasce, *se lhe inclina* e o sauda, quando sobe, *se levanta* com elle, quando está no zenith, *o contempla* direita, quando desce, *se torna* a dobrar".

(Vieira. *Serm.* T. 3.º Pg. 146).

"Para que as boas obras se façam e junctamente se occultem, *vos offerecerei* brevemente neste discurso tres documentos".

(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 158).

"Isto feito, *se poz* todo o collegio em oração".

(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 358).

"Quando li esta de V. S. de 4 de Janeiro, *me resolvi*".

(Id. *Cartas.* T. 4.º Pg. 46).

"Quando li estas palavras, sem ser muito imaginativo, *me pareceram* oraculo".

(Id. Ibid. Pg. 51).

"Sem eu saber deste accidente, *me pareceram* mui anticipadas as que no Porto e aqui se fizeram".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 37).

"Havendo portador certo, *me fará* V. S. particular mercê de que se remettam".

(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 94).

"Para dar passo á galeota do governador, *se abrio* a armada toda".

(Jac. Freire. *Vida de D. J. de Castro.* Liv. 3.º-41. Pg. 228). (*)

"Errando miseravelmente, *se desviavam* tanto dos seos, como dos inimigos".

(Id. Ibid. Liv. 4.º–6.º Pg. 228).

"Tornando a Portugal, *se retirou* á sua quinta de Cintra".

(Id. Ibid. – 110. Pg. 300).

"Despedidos os capitães, *se tornou* Fernão de Souza á fortaleza".

(Id. Ibid. Liv. 2.º–20. Pg. 73).

"Acabada a pratica, *se ouvio* logo no campo dos turcos uma grossa salva".

(Id. Ibid.–34. Pg. 84).

(*) Na 2.ª ed. lemos: "Vid. de J. de Castro".

"Pondo, porem, de lado esmiudamentos desse genero, *me afoito* a considerar, de um ponto mais subido, o autor dessas fabulas".
(Filinto. *Obras.* T. 6.º Pg. 33).

"Applicando-o subito a si, *se lançou* em rosto quantos instantes despendera em ocio brando".
(Id. Ibid. T. 9.º Pg. 10).

"Apertado ainda o coração com o quadro de taes infortunios, o *levaram* a casa de um morador de Marselha".
(Id. Ibid. Pg. 14).

"Para enriquecer a nossa litteratura com o que os antigos têm de precioso,... *se inventou* vertel-os na nossa lingoa".
(Id. Ibid. Pg. 472).

"Embellezado nessas ideias, *se retirou* ás ribanceiras do Euphrates".
(Id. Ibid. Pg. 66).

"Perdido de animo, e como fóra de si, *se despedio* Zadig".
(Id. Ibid. Pg. 92).

"Emquanto ellas buscam esse basilisco, *te darei* relação do quanto padecido tenho".
(Id. Ibid. Pg. 134).

"Em elle chegando na estalagem do caes, *nos avistaremos* como hontem".
(A. Cast. *Camões.* T. 1.º Pg. 65).

"Lendo-se o que na *Chave do Enigma* lançamos da pagina 313 a 320, *se* verá que ainda continuamos a afagar a nossa ideia velha".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 248).

"Em lá chegado ao casal, *lhe daremos* um banho d'agoa fria".
(L. Filippe Leite. *Ramalhetinho da Puericia.* ed. 9.ª Pg. 133).

"Meos filhos, *lhes disse* o Snr. Mascarenhas, pouco mais estamos que a quarenta legoas de Lisboa".
(Id. Ibid. Pg. 127).

XLII

Collocação dos pronomes (b).

Depois de conhecel-o ou *depois de o conhecer.*

Reza assim o art. 325, paragrapho unico, do *Projecto do Codigo:*

"Presume-se perdoado o adulterio, quando o conjuge innocente, depois de conhecel-o, consente em cohabitar com o culpado".

O Dr. Ruy Barbosa, na emenda a este artigo, se enuncia nos termos seguintes:

Eu diria: "DEPOIS DE O CONHECER". E ainda accrescenta o seguinte preceito, em que estriba a sua emenda:

"O pronome é proclito depois de qualquer adverbio de tempo, quando por este começa a phrase (Pacheco Junior. *Gramm.*, pg. 492. João Ribeiro, *Gramm.*, pg. 277)".

Em minhas *Ligeiras Observações* disse, combatendo a opinião do Dr. Ruy, que na alludida phrase a expressão *depois de* não é adverbio, senão *locução prepositiva,* regendo o verbo no infinitivo, podendo indifferentemente ser, em taes casos, o pronome enclitico ou proclitico, e que, ainda não revestindo o verbo a forma infinitiva, não é verdade dizer que é sempre proclitico o pronome depois de todo o adverbio de tempo, quando por este começa a phrase, e varios exemplos adduzi em apoio de minha affirmativa, como se poderá ver nas *Ligeiras Observações,* pg. 39.

Vejamos agora o que diz, em sua *Replica,* o douto escriptor. Eis suas formaes palavras:

"Com essa volubilidade, a que acabamos de assistir, nas ideias concernentes á syntaxe dos pronomes complementos, acha o Dr. Carneiro meios de casar uma segurança imperturbavel, nas transições por que vâe passando em cada uma das phrases do seo variar.

"Ensinam Pacheco Junior e Lameira de Andrade ser proclitico o pronome objecto "depois de qualquer adverbio de negação, *de tempo,* lugar, quantidade e modo". (*Noç. de Gramm.* pg. 492. "A mesma doutrina, por

elles ahi exarada em 1887, repete, em 1894, o ultimo desses autores na sua *Grammatica da Lingoa Portugueza.* (Pg. 616, n. 237).

"Igual preceito estabelece Baptista Caetano, que, declarando obrigatoria a anteposição dos pronomes com o relativo *que,* accrescenta:: "Com a mesma força de relativo tem-se as orações, nas quaes figuram adverbios: *onde* (o lugar *em que*) *se* acha o livro; *quando* (no tempo *em que*) *me* procurares; *donde* (do lugar *de que*) *o* tenham de levar; *como* (o modo *porque*) *me* hei-de haver. Estes adverbios implicitamente contêm sempre *que*".

"Tão bem acompanhado, eu me devia considerar ao menos immune, em caso de erro, ao vexame de o haver commettido. E é o que me bastava, para mostrar que não opinara (*) de leve. Mas não só não opinei de leve, senão que, ainda, não errei.

"O erro é de quem m'o imputa.

"Com o aprumo que lhe veremos sempre nas questões concernentes ao lugar dos pronomes complementos na sentença, como se houvesse de resgatar por esse modo e a si mesmo delir da memoria o seo passado grammatical neste assumpto, redondamente me declara o professor Carneiro que errei. Proclitica, ou enclitica, indifferentemente, podia ser, na especie, a situação do pronome regimen. É a sua these, que, por me applicar dois golpes de um só revez, associa a outro quinão, contestando-me o designativo de *adverbio* a respeito do vocabulo *depois,* na clausula supratranscripta.

"Não é adverbio ahi o *depois,* entende elle, mas *locução prepositiva*". (219).

Antes de ir mais longe, devo tornar patente que o Dr. Ruy Barbosa me attribue falsamente aquillo que não escrevi: eu não contestei ao vocabulo *depois* o caracter de *adverbio;* o que censurei, como se lê nas minhas *Ligeiras Observações,* foi ter o Dr. Ruy appellidado de *adverbio* a expressão *depois de,* que é uma locução prepositiva.

"Que alcance terá", (*) pergunta o Dr. Ruy (*Replica,* loc. cit.), "esta rusga do pontilheiro no tocante á especialidade controversa?".

Considera, então, rusgas de pontilheiros as questões que respeitam á discriminação dos elementos grammaticaes?

Como as sciencias naturaes, não tem a grammatica sua taxonomia, cujos principios se não devem infringir, sob pena de tudo emburilhar e confundir no estudo dessas sciencias?

(*) Na 2.ª ed. lemos "opinava", por erro da revisão.

(219) Vide *Replica,* § 55-225.

(*) Na 1.ª ed. omittiu-se, por erro typographico, a virgula neste lugar.

A que sciencia não é util a classificação, por onde se introduz a ordem, a clareza, a distincção nos phenomenos, nos factos e nas leis, que os constituem, ligando-se-lhes como condição de sua existência?

Não; não pensamos como o illustre antagonista: a preposição, a locução prepositiva em muito differem do adverbio, e muitas vezes varia a syntaxe ou construcção de uma sentença, segundo figura nella uma *preposição*, uma *locução prepositiva*, um *adverbio* ou *locução conjunctiva*.

"Porque é", diz o eminente escriptor, "que, não vendo aquelles tres lexicographos (refere-se aqui a Adolpho Coelho, João de Deos e Candido de Figueiredo) senão um adverbio no vocabulo *depois*, a *depois de* applicam o nome de *locução prepositiva?*

"Porque uma convenção grammatical attribue este appellido a essas associações do *adverbio* com a preposição. Mas, em substancia, nem por isso o *adverbio* decae, nessas expressões, de sua natureza adverbial. Em *depois de* está o *depois* com a sua ingenita acção grammatical sobre o verbo, o adjectivo, ou o adverbio mesmo: "*Depois de* morrer. *Depois de* bom. *Depois de* amanhã".

"Logo", continua o Dr. Ruy, "se a palavra *depois* obriga á anteposição do pronome regimen, á expressão *depois de* ha-de caber a mesma propriedade. O que releva, portanto, é unicamente averiguar se o adverbio *depois* se accommoda vernaculamente á situação *enclitica* das variações pronominaes, quando complementos, ou se á *proclise* as leva necessariamente.

"Ora, applicado á hypothese o criterio de que se utilizou, no trecho ha pouco transcripto, Baptista Caetano, veremos que *depois de*, a locução prepositiva, equivale a *depois que*, locução conjunctiva: "depois *de* chegar" "depois *que* chegar". Mas a locução conjunctiva, por effeito necessario do *que*, nella contido, força a anteposição do pronome objecto. Logo, á sua equivalente, á prepositiva *depois de*, inherente ha-de ser o mesmo effeito". (220).

A conclusão a que chega o Dr. Ruy Barbosa assenta em fundamentos de todo em todo falsos, nem lh'a autoriza e ampara o preceito de Baptista Caetano, de que intenta valer-se.

Com effeito; não é por simples convenção grammatical que se dá á expressão *depois de* o appellido de *locução prepositiva*, reservando-se o de *adverbio* para o vocabulo *depois*, nem ainda por mera convenção é que a expressão *depois que* se appellida de *locução conjunctiva*, a qual, segundo raciocina o esclarecido autor da *Replica*, se devêra chamar *adverbio*, por conter em sua composição palavra dessa categoria grammatical.

---

(220) *Replica, loc cit.*

Essas expressões assumem no conjuncto da sentença ou oração caracter differente, porque exercem funcções differentes; a palavra *depois*, que as compõe, não é adverbio, senão considerada só por só, desacompanhada dos outros elementos grammaticaes, a que se ajuncta ou da oração que concorre para constituir ou subordinar.

Porque com a locução *depois de* só se emprega o verbo no infinitivo, como succede com todas as preposições portuguezas, emquanto com o adverbio *depois*, ou com a locução conjunctiva *depois que* variam muito os modos empregados? Porque se diz *depois de vêr* e não *depois que vêr*, *depois que fizer* e não *depois de fizer*, *depois de dar* e não *depois que dar*, *depois que tiver* e não *depois de tiver?*

Porque se não diz, hoje em dia, *depois mim*, *depois ti*, *depois si*, como, usando da preposição *após*, se diz *após mim*, *após ti*, *após si*, mas *depois de mim*, *depois de ti*, *depois de si?*

Não é porque não ha entre os dois elementos grammaticaes, preposição ou locução prepositiva e adverbio, identidade de funcções, desde que actuam differentemente na construcção da sentença?

O adverbio *depois* ou a locução prepositiva *depois de* pode figurar em qualquer oração principal; pode-se outrotanto dizer com respeito á locução conjunctiva *depois que?* Como confundir tudo isso na mesma denominação de *adverbio*, só porque na composição da locução prepositiva e da conjunctiva entra aquelle primeiro elemento grammatical?

Nem o adverbio *depois* nem a locução prepositiva *depois de* obrigam, como pensa o Dr. Ruy, á anteposição do pronome.

O illustre escriptor faz errada applicação do preceito de Baptista Caetano, tirando uma conclusão que se não contem nos principios estabelecidos por esse grammatico.

Admitte Baptista Caetano que os adverbios *onde*, *quando*, *donde*, *como*, implicitamente contêm sempre *que*. Ora, ouçamos agora o que diz o Dr. Ruy, e como encadeia o seo raciocinio, até chegar á conclusão que impugnamos:

> "*Depois de*, a locução prepositiva", affirma elle, "equivale a *depois que:* "depois *de* chegar" = depois *que* chegar". Mas a locução conjunctiva, por effeito necessario do *que*, nella contido, força a anteposição do pronome. Logo á sua equivalente, á preposição *depois de* inherente ha-de ser o mesmo effeito".

Não é verdadeiro este principio, que o douto censor julga filiar-se no preceito de Baptista Caetano; sua conclusão não pode deixar de compartir o vicio da fonte, donde promana.

O que estatue o grammatico, a cuja sombra se esforça em balde o Dr. Ruy por amparar-se, é que os adverbios *onde*, *quando*, *donde*,

como, implicitamente contêm sempre o relativo *que*, mas não affirma, nem affirmará ninguem, que o mesmo corre com a locução prepositiva *depois de*, isto é, que esta contem sempre implicitamente, como aquelles adverbios, o relativo *que*.

Por que engenhoso artificio desentranhar da locução *depois de* esse *que*, implicito nos adverbios de que falla Baptista Caetano?

Ainda mais: sustenta o Dr. Ruy que a "locução conjunctiva *depois que*, por effeito necessario do *que*, nella contido, força a anteposição do pronome objecto. Logo á sua equivalente, á prepositiva *depois de*, inherente ha de ser o mesmo effeito".

Não é mister muito esforço para descobrir o erro desse raciocinio, cuja paternidade a nenhum outro de certo honraria, quanto mais a quem se não podem negar os fóros de escriptor.

Se, como diz o eminente Dr. Ruy Barbosa, é pelo effeito necessario do *que*, nella contido, que a locução conjunctiva *depois que* força a anteposição do pronome objecto, como poderá igualmente forçal-a a locução prepositiva *depois de*, a que falta o elemento, o qual na primeira foi causa dessa anteposição pronominal?

Como admittir o effeito ou phenomeno subsequente, se lhe falta a causa ou o antecedente, a que se elle invariavel e necessariamente liga?

Sublata causa, tollitur effectus.

Partindo, logo, do preceito de Baptista Caetano, a que dá maior extensão, do que lhe attribue este grammatico, não pode o Dr. Ruy rematar senão numa conclusão falsa: o seo raciocinio, portanto, pecca, segundo em linguagem logica se diz, na materia e na forma: naquella, por não serem verdadeiros os principios; nesta, por se não deduzir legitimamente a conclusão dos principios estabelecidos.

"Escassamente", diz o Dr. Ruy, (*Replica, loc. cit.*), "se encontrará um ou outro caso de posposição pronominal com o adverbio *depois*, ou a locução prepositiva *depois de*, e isso de ordinario entre os escriptores mais modernos, ou em obediencia ao rhythmo do verso".

Os seguintes exemplos mostram, ao contrario, que não vae tão longe a escassez dos casos, em que escriptores de nota empregam a posposição pronominal, sanccionando o que acima dissemos, no tocante á proclise ou enclise do pronome com o adverbio *depois* ou a locução prepositiva *depois de*, limitando-nos em apresentar aqui somente os exemplos de enclise, por serem estes os casos contestados pelo autor da *Replica*:

"Esperando em nosso Senhor de os desbaratar, e *depois tornar-se* a Ormuz".

(Castanheda. *Hist. da India.* Liv. 3.º Cap. 48. Pg. 160).

"*Depois de deitar-se* na cama, metteo o annel em um dedo da mão esquerda".
(*Palmeirim.* T. 2.º Part. 2.ª Cap. 113. Pg. 332).

"*Depois de* el-rei de França perguntar a el-rei D. Affonso por sua disposição, e *fallar-lhe* em algumas coisas de prazer".
(D. N. de Lião. *Iris Classico.* Pg. 46).

"E *depois encheo-lhes* as mangas do pão que havia, e *pedio-lhes* que levassem umas pescadas seccas para se valerem".
(Souza. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 3.º Pg. 253).

"E *depois foram-se* mettendo muitos dias em meio".
(Id. *Vid. do Arceb.* Liv. 2.º Cap. 11. Pg. 66).

"E *depois recolheo-se* na mesma capella".
(Id. Ibid. Cap. 21. Pg. 85).

"E *depois chamou-se* Sara, que quer dizer senhora".
(Vieira. *Serm.* T. 15. Pg. 143).

"Amar é inclinar-se a vontade primeiro, e *depois render-se*".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 179).

"*Depois da* morte *livrou-se* do inferno superior".
(Id. Ibid. T. 5.º (*) Pg. 260).

"*Depois disto volta-se* o propheta...".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 281).

"E *depois poem-se* a chorar".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 355).

"*Depois de* Christo *sacramentar-se*".
(Bernardes. *Pão partido em pequeninos.* T. 2.º Pg. 155).

"*Depois de cançar-se* muito".
(Id. *Luz e Calor.* Part. 1.ª — 100. Pg. 61).

"Mas *depois* o ladrão *achou-se* com o paninho vasio e atado".
(Id. Ibid. Part. 2.ª — 290. Pg. 282).

"*Depois passa-se* a meditar nos exemplos da vida".
(Id. Ibid. — 293. Pg. 285).

"E não amar Florisa *depois de vel-a*".
(Filinto. *Obras.* T. 9.º Pg. 173).

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se: "T. 5.º".

"*Depois vae-se* ás chronicas, tiram-se uns poucos de nomes e de palavrões velhos".

(Garrett. *Viagens na Minha Terra*. T. 1.º Pg. 42).

"Era um dos reis mais ricos...
depois foi-se-lhe tudo".

(A. Cast. *Tartufo*. Pg. 158).

"*Depois disso separaram-se*".

(Id. *Camões*. T. 3.º Pg. 11).

"*Depois acudam-lhe* lá!
asno morto, adeos vizinhos!"

(Id. *O Avarento*. act. 2.º Pg. 157).

"*Depois de certificar-se*".

(Id. *Mil e um Mysterios*. Pg. 245).

"*Depois affirmou-se* mais".

(Id. Ibid. Pg. 79).

"E *depois lembrava-me*".

(Id. Ibid. Pg. 57).

"*Depois* no capitulo 87 *dá-nos* uma carta chim".

(J. Cast. *Livraria Classica*. Fern. M. Pinto. T. 2.º Pg. 175).

"Mas *depois multiplicou-se* esta dynastia com o subsolano ou apheliosa".

(*Grinalda Ovidiana dos Amores de Ovidio*. T. 8.º Pg. 433).

"*Depois, dirigia-se para* o lado do vermelho brazido".

(A. Herc. *Eurico*. Pg. 252).

"*Depois, lembrava-me* de quem eu era".

(Id. Ibid. Pg. 282).

"*Depois aproximou-se* de Ruy Casco e bateo-lhe no hombro".

(Id. *O Monge de Cister*. T. 2.º Pg. 105).

"*Depois, voltou-se* de repente".

(Id. *Lendas e Narrativas*. T. 2.º Pg. 160).

"*Depois*, naquellas horas longas de vigilia, *punha-se* a calcular a acção prodigiosa que ellas teriam".

(Id. Ibid. Pg. 162).

"*Depois dirigio-se* á porta da camara".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 40).

"*Depois*, quando veio a paschoa, *regulou-se* de atar o laço matrimonial entre os dois amantes".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 166).

"*Depois voltou-se* para a multidão apinhada em redor".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 104).

"*Depois*, *dir-lhes-hemos* que, burlados como elles, nada fazemos aqui".

(Id. Ibid. Pg. 140).

"Pouco *depois dos* insultos de Lamego, *expedia-se* em Lisboa uma provisão á Casa dos Vinte e quatro".

(Id. *Hist. da Inq.* T. 3.º Pg. 125).

"*Depois* da morte do Cid e da perda (*) de Valencia a guerra com os sarracenos *tornou-se* menos violenta".

(Id. *Hist. de Port.* T. 1.º Pg. 201).

"E *depois*, retrocedendo, *dirigiram-se* ao de Soure".

(Id. Ibid. Pg. 252).

"*Depois buscava-se* conhecer quem estaria no caso de supportar esse martyrio".

(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 16).

"*Depois tornou-se* a abaixar".

(Id. *Opusc.* T. 1.º Pg. 150).

"*Depois* lançaram fogo á sua quintan de Cuina e *queimaram-na* de modo que nada ficou".

(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 117).

"E *depois*, alçando-se, como o collo do cysne, sobre um oiteiro, *sumia-se* no viso delle".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 140).

"E *depois morria-se* rapido".

(Id. Ibid. Pg. 197).

"*Depois*, as suas perguntas *referem-se* a assumptos graves".

(Id. Ibid. Pg. 255).

"*Depois lia-se* o nome de um rei".

(Id. Ibid. Pg. 103).

"Alguns annos *depois completaram-se* os estudos do exercito....".

(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 1.º Pg. 305).

(*) Na 2.ª ed., por erro de impressão, lemos "pedra" em vez de "perda"

"Quasi tres seculos *depois erguia-se* o poeta mais nacional dos nossos tempos".

(Id. *Album de Homenagens a Luiz de Camões*. Pg. 200).

"*Depois leiam-se* as listas dos contribuintes".

(Id. *A Oração da Corôa*. Pg. 34).

"E *depois de apoderar-se* do timido soberano, o puzera a uma especie de tormento".

(Id. *Varões Illustres*. T. 2.º Pg. 280).

"*Depois* a malevolencia e a inveja das funcções *afastam-no* dos conselhos do soberano".

(Id. *Elog. Hist. de José Bonifácio*. Pg. 45).

"E *depois*, ainda não conhecendo-a, *ideal-a-hia, amal-a-hia*".

(Camillo. *Mem. de Guilherme do Amaral*. Pg. 55).

"Depois *contou-lhe* a sua historia".

(Id. *Os Martyres*. Vol. 1.º Pg. 16).

"*Depois da* vossa partida, Eudoro *disse-nos* com que intento ieis".

(Id. Ibid. Vol. 2.º Pg. 232).

"*Depois*, chamando-me para juncto de si, e convidando-me a aquentar as mãos geladas, *contou-me* a sua historia".

(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 154).

"*Depois, abaixa-se, some-se* entre duas vagas".

(Id. Ibid. Pg. 203).

"*Depois* ella *deixou-o* á minha conta".

(Id. *Noites de Lamego*. Pg. 169).

"A mais terna recordação para o filho de Pelêo, *depois de lembrar-lhe* o pae, devia ser a idade desse mesmo pae".

(Id. *Traduc. do Genio do Christ*. Vol. 1.º Pg. 204).

"*Depois de olhar-me* com attenção".

(Id. *Myst. de Lisb*. T. 1.º Pg. 43).

"*Depois de reprehendel-o* pelo peccado".

(Id. *Vulcões de Lama*. Pg. 35).

"E *depois abraçou-o* e *prezou-o* com mais ternura".

(Id. *A Sereia*. Pg. 157).

"Fazia andar o burro numa dobadoira, já para a direita, já para a esquerda; agora mettia-o a trote, logo a galope, e *depois fazia-o* parar quando queria".

(L. Filippe Leite. *Ramalhet. da Puericia*. Pg. 129).

"E *depois assentou-se* tambem para reflectir".
(Id. Ibid. Pg. 204).

"E o proprio exercito, *depois de laurear-se* de victorias inuteis, teria que ceder, como nos Estados Unidos, á invasão da miseria, da nudez e da fome".
(Ruy Barbosa. *Cart. d'Ingl.* Pg. 176).

Passa o mesmo com a locução prepositiva *antes de*, regendo o infinitivo, e com a preposição *após*, reja ou não o infinitivo: é proclitico ou enclitico o pronome, na phrase em que figuram estes elementos grammaticaes:

"*Antes de recolher-se*".
(Frei Lucas de Santa Catharina, *Hist. de S. Domingos.* Vol. 6.º Pg. 112).

"Se *antes de perder-se* esta ovelha perguntaramos ao pastor, quanto a estimava, responderia".
(Vieira. *Serm.* T. 12. Pg. 156).

"*Antes de perder-se*, estimava aquella uma, como uma".
(Id. Ibid.).

"*Antes de communicar-se*".
(Bernardes. *Luz e Calor.* 2.ª Part. — 385. Pg. 432).

"Dissaboreado *antes de tomar-lhe* o gosto".
(Filinto. *Obras.* T. 9.º Pg. 451).

"*Antes de conhecer-se* ha hi quem pense?".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 424).

"Ha de ser contrastado por muita reacção *antes de completar-se*".
(Garrett. *Viagens na Minha Terra.* T. 1.º Pg. 6).

"*Antes de dar-lhe* a mão".
(A. Cast. *Tartufo.* Pg. 119).

"Até pouco *antes do* fallecimento do conde Henrique as coisas *conservaram-se* no mesmo estado".
(A. Herc. *Hist. de Port.* T. 1.º (*) Pg. 237).

"Defendendo-lhes que sahissem *antes de prestarem-se* á visita".
(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Mil. de Port.* T. 2.º Pg. 45).

"*Antes de apresentar-se* perante o rei".
(Id. *Varões.* Part. 2.ª Pg. 255).

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se o "1.º".

"O duque, *após ouvil-os* com edificado animo, disse...".
(Camillo. *Cavar em Ruinas*. Pg. 18).

"*Antes de retirar-se*".
(Id. *Vulcões de Lama*. Pg. 78).

"*Antes de recolher-se*".
(Id. *Mysterios de Lisboa*. T. 2.º Pg. 180).

"*Antes de ouvil-o* fallar".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 60).

"*Antes de recolher-me* á minha provincia".
(Id. *Os Martyres*. Vol. 1.º Pg. 198).

"*Antes de ir-se* a Troya".
(Id. Ibid. Vol. 2.º Pg. 118).

"*Antes de ganhal-a* esposa".
(Id. Ibid. Pg. 76).

Attente-se bem nos exemplos aqui mencionados, e ver-se-ha que não harmoniza com a verdade a affirmação do Dr. Ruy, contida no seguinte trecho da sua *Replica*, a que já nos referimos:

"Escassamente se encontrará um ou outro caso de posposição pronominal com o adverbio *depois*, ou a locução prepositiva *depois de*, e isso de ordinario entre os escriptores mais modernos, ou em obediencia ao rhythmo do verso".

E ainda noutro lugar (Nota ao n. 225):

"É o mesmo que com a locução *antes de*, em que se mantem a propriedade antepositiva do adverbio *antes*".

Mas, a despeito de sua tão apregoada retentiva, esqueceo-se o Dr. Ruy do seo *antes ou depois de havel-o recebido*, de que já fallamos (*Lig. Obs.* Pg. 39), e da locução *antes de exercel-a*, por elle mesmo empregada na emenda ao art. 1706 do *Projecto;* esqueceo-se da expressão "*depois de laurear-se* de victorias inuteis", á pg. 176 de suas *Cartas de Inglaterra*, a que já alludimos, e das locuções *antes de invadil-a*, *antes de sel-o*, que se lêem no mesmo precioso trabalho, a paginas XII e 22.

Ensina-nos, outrosim, a lição assidua dos bons exemplares vernaculos que nem sempre é rigorosamente empregada a proclise depois dos adverbios ou locuções adverbiadas de tempo ou de lugar, nem ainda o é com os adverbios de modo, terminem ou não em *mente*, encontrando-se não poucos exemplos da enclise pronominal, em casos

que, segundo opina o Dr. Ruy, constituiriam uma contravenção á norma a que elle se atem.

Com os mesmos adverbios negativos *não, nunca* e os vocabulos *nada, ninguem, nenhum,* os quaes, com o verbo no modo definito, forçam a proclise pronominal, não é raro nos bons escriptores o uso da enclise, se esses elementos grammaticaes precedem ao infinito.

De tudo o que ahi deixamos dito são exemplos os excerptos seguintes:

"E *de quando em quando tirava-lhe* de uma das cabeças que lhe queria tomar".

(Barros. *Dec.* 3.ª Liv. 8.º Cap. 9.º Pg. 336).

"*Secretamente calou-se* pela almeida da náo abaixo em um bargantim".

(Id. Ibid. 2.ª Liv. 3.º Cap. 6.º Pg. 303).

"E *tambem pareceo-lhe* que por este modo podia dar mais prestes aviamentos aos juncos".

(Id. Ibid. 3.ª Liv. 3.º Cap. 4.º Pg. 274).

"*Emfim,* os paráos *fustigaram-nos* arrazoadamente".

(Couto. *Dec.* 8.ª Cap. 28. Pg. 225).

"*Emfim foi-se* buscar o missal".

(Id. Ibid. Cap. 26. Pg. 212).

"E *tambem parecia-lhe* abatimento".

(Nunes de Lião. *Chron. d'el-rei D. Affonso o 5.º* Cap. 8.º Pg. 125).

"*Emtanto poz-se* a mesa".

(Souza. *Vid. do Arceb.* Liv. 3.º Cap. 16. Pg. 138).

"*Entretanto espalhou-se* pela cidade a nova da eleição".

(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 9.º Pg. 17).

"*Emfim começou-se* a votar"

(Id. Ibid. Liv. 2.º Cap. 13. Pg. 71).

"*Assim* acompanhado *lançou-se* na praia de Querimba".

(Id. *Annaes.* Pg. 94).

"*Senão quando,* a meia legoa de caminho, *sae-lhes* da travez uma esquadra de inimigos".

(Id. Ibid. Pg. 339).

"*Outras vezes... valia-se* da disciplina, e desterrava-o (o somno) com alguns açoites fortes, que tomava a intervallos".
(Id. *Hist. de S. Domingos*. Vol. 4.º Liv. 1.º Cap. 6.º Pg. 46) .

"E *logo mandou-lhes que* elegessem entre si prelado".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 39).

"*Agora chamou-lhe* manifestamente Maria, e *dantes calou-lhe* o nome".
(Vieira. *Serm.* T. 11. Pg. 47).

"Deos *commummente desposa-se* no deserto".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 8).

"*Antigamente convertia-se* o mundo, hoje, porque se não converte ninguem?"

"*Hoje prégam-se* palavras e pensamentos, *antigamente prégavam-se* palavras e obras".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 259).

"Porque *antigamente encontrava-se o que dirão* dos homens com o nosso castigo, *agora encontrava-se* com o nosso remedio".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 272).

"*Lá come-se* Deos exposto e descoberto, *aqui come-se* coberto e encerrado".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 311).

"*Agora dá-se* quando está immortal e glorioso".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 366).

"*Alli desprezam-se* os idolos de oiro e prata, conhecida sua mentira e vaidade; *aqui estima-se* e *adora-se*... a mesma vaidade".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 241).

"*Agora dá-se* quando está no céo".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 366).

"Porque Deos no céo dá a gloria, *aqui recebe-a*".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 149).

"*Finalmente, mandou-lhe* responder o rei".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 266).

"*Finalmente deo-lhe* a face".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 204).

"E *amanhã acha-se* infamado e invilecido".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 10).

"E *amanhã acha-se* murmurada pelas praças".
(Id. Ibid.).

"Deos *agora busca-nos*, e não nos acha".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 283).

"E *amanhã acha-se* com reputação de máo homem".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 10).

"*Lá antepunha-se* a soledade ao ministerio, *aqui antepõe-se* o ministerio á soledade".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 78).

"*Assim parece-me* estar vendo a vossa excellencia".
(Id. Ibid. *Cartas*. T. 2.º Pg. 152).

"*Vae senão quando, trava-se* uma guerra".
(Filinto. *Obras*. T. 1.º Pg. 100).

"E *tambem vinguei-vos*".
(Id. Ibid. T. 9.º Pg. 99).

"E *de repente suspendem-se* os trabalhos, *adiam-se* as Côrtes".
(Garrett. *Disc. Parlam.* Pg. 145. ed. 1882).

"*Aqui pregoam-na; lá desfructam-na*".
(Cast. *Felic. pela Agric.* Vol. 2.º Pg. 125).

"*Já então*, ou *pouco depois, tinha-se* declarado de novo sectario da lei de Moysés".
(A. Herc. *Hist. da Inq.* T. 2.º Pg. 290).

"*Effectivamente assegurou-se*".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 243).

"*Assim*, el-rei *privava-o* do cargo".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 360).

"*Evidentemente queria-se....*".
(Id. Ibid. Pg. 92).

"*Assim, resolveo-se* a partir".
(Id. Ibid. Pg. 293).

"*Assim, declarava-se*".
(Id. Ibid. Pg. 88).

"*Assim, expedio-se*".
(Id. Ibid. Pg. 213).

"*Effectivamente*, a situação *resumia-se*".
(Id. Ibid. Pg. 324).

"*Assim, apressou-se* em enviar para diversas partes nuncios".
(Id. Ibid. Pg. 75).

"*Primeiramente tirou-lhe* setenta moios em pão e vinho".
(Id. *Opusc.* T. 5.º Pg. 117).

"*Até então escaliçavam-se* paredes, *roçavam-se* esculpturas, *faziam-se* embrechados; mas *agora derribam-se* coruchéos, *partem-se* columnas, *derrocam-se* muralhas, *quebram-se* loisas e sepulturas, e *vão-se* apagando todas as provas da historia".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 19).

"*Desde então resolveo-se a voltar*".
(Id. *Hist. de Port.* T. 1.º Pg. 228).

"*Afinal* os dois prelados *reconciliaram-se*".
(Id. Ibid. Pg .275).

"*Entretanto* os portuguezes pegavam em armas e *preparavam-se* para repetir a violencia".
(Id. Ibid. Pg. 397).

"*Ahi vive-se* de uma excitação febril".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 63).

"Comtudo, *agora dava-se* por diverso modo".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 170).

"*Muitas vezes, espantava-me* de que se conservasse assim engolfado em seos pensamentos".
(Id. *Lendas e Narr.* T. 2.º Pg. 120).

"*Aqui* o pobre rapaz *atirou-se* de joelhos a chorar".
(Id. Ibid. Pg. 148).

"*Pouco a pouco,* porem, as suas faces *tingiram-se* da côr da vida, o sorriso da esperança rodeou-lhe os labios...".
(Id. *Eurico.* T. 1.º Pg. 142).

"*Entretanto manifesta-se* roubo á consciencia collectiva das platéas".
(Mendes Leal. *Parecer sobre o Avarento* de A. Cast. Pg. 435).

"*Entretanto* a morte *antecipou-se*".
(Rebello da Silva. *Estudo biographico e litt. sobre Bocage. Obras de Bocage.* T. 1.º Pg. XIV).

"O desforço *assim lisongeava-o* e *satisfazia-o*".
(Id. Ibid. Pg. 36).

"*Eis senão quando* trepida e *desordena-se* a cavallaria hespanhola".
(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Mil. de Port.* T. 3.º Pg. 127).

"*Logo em seguida* o victorioso general *apodera-se* de Mons".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 257).

"*Aqui, revolvem-se* em cerradas trevas os miseros arquejantes e lavados em suor".
(Camillo. *Os Martyres.* Vol. 2.º Pg. 224).

"*Inquestionavelmente* o Telemaco *differença-se* mais do romance, que do poema".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. XXII).

"Escabujam agonizantes no vosso tinteiro, (*) e *outras vezes morrem-vos* nas orelhas ou nas fossas do nariz".
(Id. *Cavar em ruinas.* Pg. 10).

"Quando fugi, eram minhas faces côr de rosa, mas *agora crestou-m'as* o sol".
(L. Filippe Leite. *Ramalhetinho da Puericia.* Pg. 106).

"Tal condição tem o amor, quando é grande, *não contentar-se* de servir quem ama, senão contentar todas as outras coisas com que cuida que apraz a quem serve".
(Moraes. *Palmeirim.* T. 3.º Part. 2.ª Cap. 143. Pg. 143).

"Porque procurava aproveitar, não escandalizar, ganhar almas, *não endurecel-as*".
(Souza. *Vid. do Arceb.* Liv. 3.º Cap. 11. Pg. 130).

"*Não inclinar-se* somente, senão debruçar-se por terra diante de seos olhos seccos".
(Id. Ibid. Liv. 6.º Cap. 15. Pg. 270).

"A resolução de *não admittil-o*".
(Fr. Lucas. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 6.º Pg. 121).

"Para *não buscal-a*".
(Id. Ibid. Pg. 135).

"Seria descuido o *não desempenhal-a*".
(Id. Ibid. Pg. 355).

"Descuido foi do autor *não lançal-a* para testemunha".
(Id. Ibid. Pg. 354).

"Tomara *nunca offender-vos:* tomara *sempre amar-vos*".
(Id. Ibid. Pg. 234).

(*) Na 2.ª ed. lemos "tineiro".

"E de *não esquecer-se* para incentivo e consolação das devotas.
(Id. Ibid. Vol. 5.º Pg. 307).

"*Não vel-o* é damno meo, blasphemal-o é injuria sua".
(Vieira. *Serm.* T. 12. Pg. 204).

"*Não atravessal-o* pelo diametro, mas rodeal-o esphericamente por toda a circumferencia".
(Id. Ibid. T. 13. Pg. 354).

"É o mesmo que semear-se de novo, e *não dal-o* a terra para que o leve o mar".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 238).

"Olhar para a jerarchia de quem votou, é querer venerar os votos, mas *não acertal-os*".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 9).

"E desaffoga-se sem *nunca desaffogar-se* a vingança".
(Id. Ibid. T. 12. Pg. 196).

"Como ameaça o mesmo Christo de morte a quem quer dar a esmola aos pobres, e *não offertal-a* a S. Gonçalo?"
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 153).

"Opprimidos os pés com carga de tanto oiro e prata, a largaram de si, por *não podel-a* sustentar".
(Id. *Trechos Selectos. Pub. com. do bi-centenario da sua morte.* Pg. 404).

"Para *não desatar-se* jamais eternamente".
(Bernardes. *Livr. Classica.* T. 2.º Pg. 108).

"Aquelle *não fallar-lhe* senão com ambos os geolhos (*) em terra".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 57).

"Foi para exercitar humildade e *não arriscal-a* nos seos discipulos".
(Id. *Luz e Calor.* Part. 1.ª — 159. Pg. 118).

"Podera *não dar-lhe* signal algum".
(Id. Ibid. Part. 2.ª — 324. Pg. 324).

"E *não amal-o* é a mais feia ingratidão".
(Id. Ibid. — 262. Pg. 243).

"Colhe por fructo *não fiar-te* de semelhantes fundamentos, para formar juizo das coisas?"
(Id. Ibid. Part. 2.ª - 339. Pg. 350).

(*) Na 2.ª ed. lemos "Joelhos", forma actual de "geolhos".

"Dizei-nos quanto perdemos em *não amar-vos*".
(Id. Ibid. 283 — Pg. 273).

"Por *não abril-a* aos enganos do inimigo".
(Id. Ibid. Part. 1.ª — 247. Pg. 224).

"*Não arrimar-se* á propria prudencia".
(Id. Ibid. 173 — Pg. 135).

"Não se quer divertir por *não impedil-a*".
(Id. Ibid. 176. — Pg. 139).

"Devem *não dar-lhe* redeas".
(Id. Ibid. 190. — Pg. 161).

"Por *não offendel-o* em coisa alguma".
(Id. Ibid. 230. — Pg. 201).

"Para ver o objecto deleitavel, e *não arrastar-me* sua affeição, é necessario haver resistido a esta affeição".
(Id. Ibid. 336. — Pg. 208).

"Navegaram sem *nunca achar-lhe* termo".
(Id. Ibid. — Part. 2.ª — 277. Pg. 264).

"Para *nunca mais encobril-a*".
(Id. Ibid. 351. Pg. 377).

"Como se a minha tenção fosse *não tirar-lhe* o torcimento, senão trocal-o por outro".
(Id. *Nova Floresta*. T. 1.º Pg. 309. *Chrestomathia de* Innoc. da Silva. Pg. 98).

"O *não encetal-o* é o que faz guardar-se tão inteiro".
(Id. *Pão partido em pequeninos*. T. 2.º Pg. 52).

"Mas intentamos assim adoçar o amargor de algumas, ou *não dal-o* continuado a beber".
(Fr. Manoel Consciencia. *Iris Classico*. Pg. 202).

"Que procurava *não accommodar-se* no convento".
(Fr. Domingos Teixeira. Ibid. Pg. 159).

"Estou com grande susto de que commetti peccado enorme, em *não queimar-me* na fogueira de meo querido esposo".
(Filinto. *Obras*. T. 9.º Pg. 117).

"Por *não dissaboreal-a*".
(Id. Ibid. Pg. 226).

"Attendendo a *não singularizar-se* das outras senhoras e educandas".
(Id. Ibid. Pg. 197).

"Por tudo rompi, por *não perder-vos*".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 438).

"Cumpria *não limitar-se* ás simples proporções de um catalogo de livreiro".
(Innoc. da Silva. *Dicc. Bibliographico.* T. 1.º Pg. XIV).

"Pessoa que não nomeio por *não ter-lhe* para isso pedido licença".
(Id. Ibid. Pg. 173).

"Sobre *não creal-os* o sitio, nada reluz na poisada que os attraia".
(Cast. *Felicidade pela Agricultura.* Vol. 2.º Pg. 127).

"Que aliás podia, *não santificar-se* pela sua origem ou legitimar-se pela sua indole, mas defender-se com razões mais ou menos plausiveis".
(A. Herc. *Opusculos. Os Vinculos.* Pg. 103).

"Possa eu *nunca mais ver-te* o rosto e esquecer-me, na hora de morrer, de que nessas veias gira o sangue de nossos nobres generosos avós".
(Id. *Eurico.* Pg. 138).

"Podia ser indifferente em geral á sorte do brando monarcha, porem *não detestal-o* assaz".
(Id. *Hist. de Port.* T. 2.º Pg. 391).

"Era preciso ser igual a Ovidio pelo menos, e *não imital-o*".
(Mendes Leal, nos *Fastos de Ovidio,* trad. por A. Cast. T .1.º Pg. 178).

"Lastimava-se como um erro funesto á realeza o *não haver-se* anticipado á revolução".
(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 2.º Pg. 155).

"Tem como primeira e essencial obrigação *não deixar-se* nunca dominar e absorver pelo mal entendido empenho de exalçar".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. XXVI).

"Apezar de mui pesada e de *não poder-se* disparar sem o auxilio da forquilha".
(Id. Ibid. Pg. 19).

"Dom Pedro vivera afastado habitualmente da côrte e dos negocios, por *não arriscar-se* ao odio do marquez".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 267).

"De que lhe não imputariam a arrogancia e desprimor o *não usal-a*".
(Id. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 454).

"Ha dois generos litterarios, que seria affronta ao genio grego o *não chamar-lhes* oriundos e nativos do solo fecundissimo da Grecia".
(Id. *A Oração da corôa*. Pg. CDII).

"Determinado a *não entregar-se* outra vez imbelle e inoffensivo ás mãos do Catual".
(Id. *Varões Illustres*. 2.ª Part. Pg. 215).

"Para *não tornar-se* suspeito com a sua seriedade, ria-se tambem contrafeito".
(Camillo. *Doze Casamentos Felizes*. Pg. 26. 3.ª ed.).

"Que poderam abandonal-o, mas *não escarnecel-o*".
(Id. *Lagrimas Abençoadas*. Pg. 18).

"Para *não deixar-se* vencer pelo panico da religião".
(Id. Ibid. Pg. 62).

"Porque *não conserval-a?*"
(Ruy Barbosa. *Parecer sobre o Proj. do Cod. Civ.* Nota ao art. 469).

• • •

Ao Dr. Ruy Barbosa muito o molesta o meo passado grammatical, no que respeita ao assumpto da collocação dos pronomes na sentença, e não se pode ter que me não atire um raio de sua indignação, prorompendo nas seguintes palavras, já acima transcriptas:

"Com o aprumo que lhe veremos sempre nas questões concernentes ao lugar dos pronomes complementos na sentença, como se houvesse de resgatar por esse modo e a si mesmo delir da memoria o seo passado grammatical neste assumpto, redondamente me declara o professor Carneiro que errei".

Como se verá nas minhas *Ligeiras Observações* (Pg. 39), eu não affirmei que o Dr. Ruy errou, nem ainda, como o assevera em sua *Replica*, o declarei *redondamente*: o que disse foi que é indifferente empregar a phrase *depois de conhecel-o*, que elle impugnou, ou *depois de o conhecer*, que é a que julga correcta.

Que outrem me deitasse em rosto o meo passado grammatical, no que concerne ao assumpto, ainda lh'o relevaria eu; mas que seja elle mesmo, o Dr. Ruy Barbosa, o proprio traductor do *Papa e o Concilio*, que venha desempenadamente insinuar que procuro resgatar o meo passado grammatical neste assumpto, delindo-o a mim mesmo da memoria, isto é que não: não pode o traductor da obra de Janus arguir o passado de ninguem, no que toca ao máo emprego dos pronomes complementos.

Ao Dr. Ruy fica-lhe mal atirar-me a primeira pedra.

Já mostramos atraz, e isso só o fizemos provocados e máo grado nosso, que só no *Prefacio* e na *Introducção* do *Papa e o Concilio*, ha mais de cem exemplos de construcções pronominaes viciosas, que o eximio traductor daquella obra certamente renegaria hoje.

No texto vertido não é menor o numero dessas faltas, de que está inçada toda a traducção; e para que não pareça exaggero, de nossa parte, apontaremos os seguintes lugares, que em nada abonam o passado grammatical do illustre escriptor, no tocante á materia de que ora tratamos:

"E *que*, pelo vago do seu significado, *ageita-se* tão bem á polemica".
(Ruy Barbosa. *O Papa e o Concilio*. Pg. 4).

"No dia *em que* a presidencia *fez-se* imperio".
(Ibid. Pg. 7).

"*De que* os privilegios da igreja romana *advinham-lhe* dos padres".
(Ibid. Pg. 8).

"*Se* os bispos romanos *julgavam-se* possuidos de certa superioridade".
(Ibid.).

"Razão *por que arguiam-se* de sabelianismo".
(Ibid. Pg. 9.).

"Os *que* á boa mente e com prazer *entregam-se* ao soberano".
(Ibid. Pg. 10).

"*Em que* qualquer parte notavel dessas igrejas *submetta-se* voluntariamente ao dominio arbitrario de um só homem".
(Ibid. Pg. 11).

"*Que* virtude... *deo-lhes* sobre a condição da igreja?"
(Ibid.).

"Talvez seja seo destino o da pedra *que*, arremessada á agoa, *turva-lhe* por um instante a superficie".
(Ibid.).

"Com o *que pôr-se-hia* termo cabal ao equivoco".
(Ibid. Pg. 13).

"O modo *como digna-se* maltratar a todo adversario seo".
(Ibid. Pg. 15).

"*Como pode-se* verificar hoje".
(Ibid. Pg. 16).

"Dessa parte da curia *que* por elles *deixa-se* guiar".
(Ibid. Pg. 17).

"*Quando tornar-se* crença geral da igreja".
(Ibid. Pg. 19).

"Tal *qual* a humanidade *reunio-se* outr'ora".
(Ibid.).

"O *que tocava-lhe* fazer pela igreja".
(Ibid. Pg. 21).

"*Quando,* emfim, *declarou-o* decahido da dignidade real".
(Ibid. Pg. 23).

"*Sem que* nenhum bispo no mundo *opponha-lhe* a minima contradicta".
(Ibid. Pg. 28).

"Á vista *do que, declarou-a* nulla e irrita".
(Ibid. Pgs. 30 e 31).

"Aos *que* dentre elles *ufanam-se* de catholicos".
(Ibid. Pg. 34).

"*Se* agora *effeituar-se* a vontade da *Civiltà*".
(Ibid. Pg. 35).

"Obrigar-se-hão, por conseguinte, a diligenciar, *quanto couber-lhes* nas forças".
(Ibid.).

"*Emquanto,* por outro lado, *forçam-na* a sustar o curso de sua justa severidade".
(Ibid. Pg. 36).

"A *quem deve-se* o ter sido a ideia trasladada".
(Ibid. Pg. 37).

"Agora *que* os concilios *tornaram-se* completas superfluidades".
(Ibid. Pg. 39).

"Bispos nacionaes, *que,* dirigindo a Roma serias reclamações, *obrigaram-na* a ceder...".
(Ibid. Pg. 45).

"*Sem que* toda a gente, em todos os pontos attinentes á religião, *manifeste-se*".
(Ibid.).

"*Visto que*, aliás, difficilmente *acudir-lhe-hia* a ideia".
(Ibid. Pg. 53).

"Nas deliberações e agitações, *que*, desde 359, *seguiram-se* aos synodos".
(Ibid. Pg. 61).

"As negociações, *que*... *protrahiram-se* até ao fim do VII (*) seculo".
(Ibid. Pg. 63).

"*Nem* uma só vez, sequer, *dirigio-se* previamente aos papas qualquer petição".
(Ibid. Pg. 67).

"*Onde*, pela primeira vez,... *assentou-se* que ao papa ficaria a faculdade de provocar".
(Ibid. Pg. 68).

"Os motivos *que*... *induziram-no* a recusar a approvação ao canon".
(Ibid. Pg. 70).

"*Onde* por longo tempo a dignidade do primado *manteve-se* hereditaria".
(Ibid. Pg. 71).

"Elle o centro, a *que*... *prendem-se*, reunidas, as igrejas de lingoa grega e de lingoa latina".
(Ibid. Pg. 72).

"E de *que* Irineo, Hippolyto, depois Epiphanio, Philastro, Agostinho, e mais tarde Leoncio e Thimotheo *deixaram-nos* descripções".
(Ibid. Pg. 75).

"*Cujas* explicações *acham-se* agrupadas nas Catenas".
(Ibid. Pg. 76).

"*Nenhuma* alteração *introduzira-se* ainda".
(Ibid. Pg. 78).

"*Cujo effeito estendeo-se* muito alem das intenções do autor".
(Ibid.).

"Razão *por que* Cypriano e os africanos *submetteram-se* humildemente ás disposições delle".
(Ibid. Pg. 85).

'Uma palavra, *que*, segundo certa fabula referida em Rufino, *assoalha-se...*".
(Ibid. Pg. 89).

(*) Na 2.ª ed., por engano do impressor lemos "VI" e não "VII" seculo.

"*Emquanto*, pelo contrario, qualquer papa, uma vez regularmente ordenado, *torna-se* em continenti santo".

(Ibid. Pg. 92).

"Nunca foi licito a ninguem, *nem* de futuro *sel-o-ha*...".

(Ibid. Pg. 96).

"Actos *que reduziam-se* todos a productos do artificio".

(Ibid. Pg. 103).

"Segundo as *quaes*, a rogos deste, *occupara-se* Dámaso em colligir o que topava nas biographias dos papas".

(Ibid. Pg. 104).

"Homens a *quem ousava-se* escrever".

(Ibid. Pg. 107).

"Numa quadra *em que* ás mais asperas tribulações *alliavam-se* as aspirações mais arrogantes".

(Ibid. Pg. 107).

"*Cujos* trabalhos *circumscreveram-se* a um publico restricto".

(Ibid. Pg. 113).

"*Cuja* escholastica *ia-se* cada vez mais amolgando ao serviço do systema romano".

(Ibid. Pg. 120).

"A *quem avantajavam-se* em poder".

(Ibid.).

"Uni direito novo, *que* verdadeiramente se dilata até ao infinito e *attribui-lhes*...".

(Ibid. Pg. 124).

"*Como* no desobediente a qualquer ordem papal *revela-se* a existencia de uma ideia inexacta quanto á extensão do poder pontificio".

((Ibid. Pg. 125).

"*Vigario de Pedro* era *como*, até ao fim do seculo XII, *nomeava-se* o papa".

(Ibid. Pg. 125).

"*Desde que a* santa sé fora traspassada para França e a curia... *fizera-se* franceza".

(Ibid. Pg. 128).

"Da lã, que dão, fazem-se os pallios, *que*, uma vez acabados, *depõem-se* sobre o tumulo de S. Pedro e S. Paulo".

(Ibid. Pg. 131).

"*Visto que*, de mais a mais, *exigiam-lhes* certos juramentos de obediencia".
(Ibid. Pg. 132).

"Privilegios *que* só em Roma *podiam-se* obter".
(Ibid. Pg. 139).

"E *cuja* resistencia *tel-os-hia* sem custo reduzido á situação de um tronco sem braços nem pernas?"
(Ibid. Pg. 144).

"Era em rectificar a antiga historia dos papas *que* os gregorianos *occupavam-se* especialmente".
(Ibid. Pg. 94).

"Uma assembléa composta de prelados pertencentes a nações extrangeiras, *que* sustentou o papa no seo emprehendimento, e *atreveo-se*...".
(Ibid. Pg. 151).

"A uma altura, *donde julgaram-se* autorizados a dominar magestosamente os bispos".
(Ibid. Pg. 159).

"Em *cuja* presença a custo *animavam-se* os cardeaes a levantar os olhos".
(Ibid. Pg. 161).

"*Desde que* o papado tocou o apogêo de sua força, e *que* o pontifice *dava-se* pelo esposo da igreja".
(Ibid. Pg. 165).

"*Onde* clerigos e leigos *sentiam-se* irmanados".
(Ibid. Pg. 166).

"*Emquanto* a curia *achar-se* neste pé".
(Ibid. Pg. 171).

"*Porquanto*, dizia, em Roma *compram-se* e *vendem-se* os cargos da igreja".
(Ibid. Pg. 173).

"E *como* afinal *acha-se* fatalmente coagido a confessar...".
(Ibid. Pg. 175).

"Essa autoridade pontificia, *que* com tanta riqueza *galardoava-lhes* a collaboração".
(Ibid. Pg. 177).

"O modo e o tempo *em que* semelhante subversão *realizara-se*".
(Ibid. Pg. 179).

"Graciano (*que* neste assumpto *encostava-se* principalmente a Ivon de Chartres)".

(Ibid.).

"*Quando* já em diversos lugares *havia-se* applicado o processo".

(Ibid. Pg. 180).

"*Por isso que* elles frequentemente *serviam-se* de seo cargo para extorquir dinheiro".

(Ibid. Pg. 182).

"Mas *nem* elle, *nem* algum outro pontifice temperaram realmente o poder da inquisição, ou *aligeiraram-lhe* as leis draconicas".

(Ibid.).

"Foi a 12 de Abril de 1229 *que*, em coparticipação com os dois legados do papa, *concluio-se* o convenio".

(Ibid. Pg. 183).

"Epocha *em que* o arcebispo de Reims, como legado pontificio, *dava-se* a fazer queimar, em Flandres, um numero consideravel de hereges".

(Ibid. Pg. 186).

"*Nenhum* concilio, entretanto, *condemnara-lhes* a opinião".

(Ibid. Pg. 187).

"Em *cujo* nome *levaram-nos* ao fogo".

(Ibid.).

"*Como pode-se* ver em Burkard".

(Ibid. Pg. 190).

"*Onde... haviam-se* commettido enorme horrores".

(Ibid. Pg. 191).

"De *cujo* teor *concluia-se*".

(Ibid. Pg. 196).

"Eis *o que*, segundo o contexto desse escripto falso, *inculcava-se* como doutrina ensinada".

(Ibid. Pg. 201).

"Os bispos, *que*, havia muito, *achavam-se* já tolhidos na administração de suas dioceses".

(Ibid. Pg. 204).

"Hypothese essa *em que* a tarefa do concilio, tribunal da igreja, *circumscrevia-se* a registrar o facto consummado".

(Ibid. Pg. 206).

"Ou, pelo menos, ao *que tem-se* ousado confessar".
(Ibid. Pg. 216).

"*A medida que* entre elles *disseminava-se* um germen".
(Ibid. Pg. 219).

"*Quanto mais* deploravel e repulsivo *tornava-se* o procedimento dos papas, *tanto mais* arrastadas *sentiam-se* as almas pias...".
(Ibid.).

"Certos incidentes, *que*, legalmente, *annullavam-nas* (*) ambas".
(Ibid. Pg. 221).

"E *que* a esse tempo *amaldiçoavam-se* reciprocamente".
(Ibid.).

"O fiel *que prostra-se* á Eucharistia consagrada por um sacerdote ordenado no scisma, adora um idolo".
(Ibid. Pg. 223).

"No *qual poude-se* fallar e votar livremente".
(Ibid. Pg. 224).

"*Ao qual*, uma vez eleito, *aggregava-se* logo todo o grupo dos cardeaes".
(Ibid.).

"Os *que* dentre todos mais obstinadamente *oppunham-se* a toda reforma salutar".
(Ibid. Pg. 225).

"Pouco consideravel era o numero dos *que*, a par do mal, *acertaram-lhe* tambem com as verdadeiras causas".
(Ibid. Pg. 228).

"A *qual apoiava-se* exclusivamente no novo decreto".
(Ibid.).

"*Porquanto*, ainda recentemente, em Pisa, *verificara-se*...".
(Ibid. Pg. 230).

"E do povo allemão, *que*, com justiça, *chamava-se*...".
(Ibid.).

"A *qual* os ultimos papas *haviam-se* aferrado".
(Ibid. Pg. 235).

(*) Na 2.ª ed. lemos no singular "annullava-lhes".

"*Porquanto* a observancia exacta das reformas de Basiléa *ter-lhes-hia* diminuido singularmente o poder".
(Ibid. Pg. 247).

"*Quando avistou-se* com Gregorio XI".
(Ibid. Pg. 252).

"*Porquanto*, considerando no curso progressivo dos acontecimentos, *dir-se-hia* que Roma inventara a arte... de dar ao crime o condão da ubiquidade".
(Ibid.).

"Após o *qual convocou-se* um concilio geral para Pisa".
(Ibid. Pg. 256).

"Confundidas, pela subversão de todas as coisas, nessa missa, *que transformara-se* em mercancia".
(Ibid. Pg. 274).

"A *qual era-lhe* mais que tudo importuna".
(Ibid. Pg. 276).

"*Não podel-o-ha* tambem vender?"
(Ibid. Pg. 279).

"O modo *como ia-se* accommodar ás ideias gregorianas".
(Ibid. Pg. 281).

"A ultima daquellas disposições, *que* aos theologos *havia-se* de afigurar inintelligivel".
(Ibid. Pg. 283).

"O autor dos *Annaes*, *que*, neste livro, com tanta indignação *enunciara-se*".
(Ibid. Pg. 291).

"*Que* de Roma *circumfundia-se* pelas provincias ou igrejas da Europa".
(Ibid. Pg. 292).

"E a *que* censuras *arrisca-se* por ahi qualquer bispo".
(Ibid. Pg. 308).

"*Quando* em meia Europa *fallava-se* em concilio".
(Ibid.).

"*Porquanto*... *tinham-se* essas provincias tornado legitima propriedade dos papas".
(Ibid. Pg. 110).

Já vê, pois, o illustre Dr. Ruy Barbosa que, no tocante á construcção dos pronomes complementos, por extranho e censuravel que

se lhe figure o meo passado grammatical, a que insistente e repisadamente allude, não é o seo tão limpo de faltas, que lh'o inveje eu, ou, quem quer que leia reflectidamente os seos primeiros escriptos.

* * *

Como vimos, censurou o Dr. Ruy Barbosa a seguinte locução do *Projecto*: *depois de conhecel-o*.

Respondendo-lhe a essa critica, oppuz-lhe a expressão de que elle mesmo se servio na emenda ao art. 1202 do *Projecto*, onde disse: "*antes* ou *depois de havel-o* recebido", e citando exemplos perfeitamente analogos, assim me exprimi, justificando a locução empregada:

"E o proprio Dr. Ruy Barbosa, na emenda feita ao art. 1202 deste *Projecto*, disse, empregando a enclise: "*antes ou depois de havel-o recebido*", pondo-se em manifesta contradicção com o que sustenta aqui no que respeita á anteposição do pronome".

O Dr. Ruy extranha a palavra *contradicção*, de que usei:

"Abuso palpavel da palavra *contradicção*", diz elle, "exploração futil do seo effeito. Se eu, no meo parecer, firmei *em principio* a anteposição pronominal como consequencia inherente ao uso do adverbio *depois*, e desse principio discrepei, no applical-o, alli mesmo, claro está que me esqueci momentaneamente da minha regra, ou não adverti que a estava transgredindo. A isso chamar-se-ha inconsideração, descuido, negligencia. *Contradicção* é que nunca; porque uma doutrina, uma theoria não *se contradiz*, senão com uma theoria, uma doutrina opposta. *Irreflexões, desattenções* não se podem qualificar de *contradicções*". (221).

Mas que é contradicção? Não é affirmação contraria ao *que se disse?*

Contradicção diz incoherencia, desaccordo, opposição, contrariedade, discrepancia nos actos, nas acções, nos ditos, nas ideias, nas qualidades.

Pois, se, num escripto, alguem affirma e sustenta que é incorrecto tal ou tal modo de construir a phrase, e ahi mesmo se vale do que condemna, não se põe em discordancia ou contradicção com o que affirma e sustenta? E ainda que se attribua a negligencia, descuido, irreflexão, inadvertencia, esquecimento da regra que estatue, deixa de haver o facto objectivo da contradicção, da opposição entre o que escreveo e o que theoricamente sustenta?

(221) *Replica*. § 55-226.

Que disse eu?

O Dr. Ruy Barbosa, guiado por uma regra ou preceito grammatical, sustenta que se não deve empregar a enclise pronominal com o adverbio *depois* e a locução prepositiva *depois de;* e á luz desse preceito, que perfilha, condemna no *Projecto* a expressão *depois de conhecel-o;* no proprio *Parecer*, porem, de sua lavra, noto-lhe a expressão "*antes ou depois de havel-o recebido*"; mostro que ha contradicção entre o preceito em que se estriba, e a phrase por elle mesmo escripta; onde o abuso palpavel da palavra *contradicção?* Haverá, porventura, coherencia, harmonia, accordo entre o que escreveo e a regra que adopta, combatendo a construcção de que se servio a redacção do *Codigo?*

Então só haverá contradicção entre doutrina e doutrina, theoria e theoria?

Não pode uma ideia, uma só ideia, estar em contradicção com um principio, um preceito, uma theoria ou doutrina?

Não é o proprio Dr. Ruy que affirma ter discrepado da regra que adopta?

E que significação tem o verbo *discrepar?*

Folheie o Dr. Ruy o seo velho Bluteau, e veja o que este douto lexicologo affirma em seo *Vocabulario,* T. III, a pagina 243:

DISCREPAR. *Contradizer-se.*

"Nisto discrepa este autor do que diz em outro lugar. *Sibi in re ista discrepat, a se ipso dissidet, secumque discordat author iste. Ex Cicer.*'.

Ora, o Dr. Ruy diz que discrepou do principio, no applical-o, alli mesmo, isto é, no *Parecer.*

Isso, ao menos conforme aquelle vocabulista, outra coisa não é senão contradizer-se.

Discrepar. Contradizer-se, dil-o Bluteau.

Não sei, logo, porque tanto se agastou por lhe eu haver dito em minhas *Ligeiras Observações,* que, escrevendo na emenda ao art. 1202 *antes ou depois de havel-o recebido,* se punha em contradicção com o que sustentava sobre a anteposição pronominal.

* * *

A seguinte regra formulo-a eu em meos *Serões Grammaticaes* (Pg. 338):

"Quando antes do verbo occorrerem os adverbios *sempre, quando, onde, já, como, cá, lá, aqui, ahi, alli, mal, bem, só, ainda, assim,*

agora, mais, talvez, acaso, logo, etc., o pronome complemento collocar-se-ha antes do verbo".

Hoje certamente daria a esta regra um caracter menos absoluto, do que se deduz de sua enunciação; mas amparava-me em todo o caso uma justificativa: escrevia uma obra didactica, para alumnos do curso secundario, e penso que, em taes circumstancias, o que escreve um trabalho não deve dizer senão o que é mais geral e usualmente empregado pelos bons escriptores, deixando de parte as excepções, os exemplos de bom cunho, que parecem destoar da norma pelo commum trilhada, para os ir, a pouco e pouco e a ponto, indicando, á medida que se forem apresentando ao discipulo.

Dar a um tempo regras e excepções, principalmente quando, como no caso de que se trata, são essas tantas, e em tão grande numero, não me parece de bom aviso pedagogico.

Vejam agora o que diz o Dr. Ruy Barbosa em sua *Replica*, (§ 55, n. 227):

"É uma regra absoluta", (refere-se á regra de que acabamos de fallar) "por elle firmada em relação a todos os adverbios, dos quaes enumera vinte, entre esses o *já*, o *agora*, o *logo*, abrangendo os demais num *et cœtera* geral. Todos elles, consoante essa regra, trazem o pronome complemento para antes do verbo.

"Devia eu tomar a serio a norma solemnemente instituida pelo mestre?

"Parece. Mas, quando hoje a invoco, já lhe não serve; está errada: contra ella "se colhem exemplos copiosissimos nos escriptores de melhor nota e renome".

"Algumas amostras nos offerece. Dessas, poucas se referem ao adverbio *depois*. Quasi todas são exemplos do uso pospositivo do pronome regime em seguida ao adverbio *agora, já, logo*, explicitamente enumerados na passagem transcripta dos *Serões*, onde, mui ao contrario, se institue que esses adverbios determinam a anteposição proniminal. Nos *Serões* congrega autores, por demonstrar a fatalidade da *proclise*. Na defesa á revisão do codigo civil, arrebanha os escriptores, para assentar o direito á *enclise*.

"Será de grammatico, ou de enguia humana, essa compleição resvaladiça e fugidia?"

Entre o que affirmo na regra, e o que della infere o Dr. Ruy vae grande differença: não affirmo alli a anteposição com respeito a todos os adverbios, como elle affirma, mas somente, no que toca aos (*) adverbios que nomeadamente enumero; nem no *et cœtera*,

(*) Na 2.ª ed. vem assim: "no que toca *a todos os* adverbios..."

de que usei, se abrangem alusivamente todos os demais adverbios, como parece insinuar o autor da *Replica.*

Tambem não é facil de comprehender esse "*et cœtera* geral", de que falla o Dr. Ruy; o *et cœtera,* no lugar onde o empreguei, ninguem o interpretará, dando-lhe a significação de — *e todos os demais adverbios* —, mas a de — *e outros adverbios mais, e ainda outros adverbios,* ou *e alguns outros adverbios.*

Isto, sim, foi o que quiz dizer naquelle trecho dos *Serões Grammaticaes;* se fosse intenção minha referir-me a todos os adverbios, abrangel-os todos naquelle *et cœtera,* porque especifical-os, como fiz?

Do trecho dos *Serões* tal se não pode inferir. É isso tão claro como a luz do meio-dia.

"Será de grammatico ou de enguia humana", pergunta o Dr. Ruy, motejando, "essa compleição resvaladiça e fugidia?"

O epitheto *humano,* applicado *á enguia,* parece creação nova, fóra, inteiramente fóra do commum; é um epitheto falso, incompativel com a natureza mesma das coisas, como o foram as locuções *enxova humana, tainha humana, mugem humano, traira humana.*

Homens que, por sua organização physica, se possam appellidar analogicamente de homens-enguias, comprehende-se, mas, enguias que tenham os attributos que distinguem a humanidade, essas só as conhece o Dr. Ruy Barbosa.

XLIII

Collocação dos pronomes (c)

"Não havendo prazo estipulado, nem se podendo...".

No seo *Parecer*, emendando o art. 1222 do *Projecto do Codigo Civil*, exprimio-se nos termos seguintes o esclarecido Dr. Ruy Barbosa:

"Não havendo prazo estipulado, nem se podendo inferir da natureza do contracto, ou do costume do lugar, qualquer das partes, a seo arbitrio, mediante previo aviso, pode rescindir o contracto".

Nas minhas *Ligeiras Observações* (Pg. 62) censurei a expressão *nem se podendo.*

"Em taes casos, disse eu, sempre é enclitico o pronome, salvo se for o participio precedido de *não*, ou da preposição *em*, formando o que se denomina gerundio: *Não lhe sendo* possivel, *não o julgando*, *em lhe tocando* as orelhas, *em lhe ensinando* o caminho, *em lhe apontando* o dever, *em se encaminhando* para a porta".

Mas, dizendo assim, fazendo aquella resalva, contida nas duas orações subordinadas da minha phrase, não quiz dizer, nem tal se infere do contexto, que, sempre que o *não* ou o *em* precedessem ao participio presente, forçosamente se empregaria a proclise; quiz apenas dizer que era mais commum, em taes casos, o emprego da proclise.

Apezar dos rarissimos casos de participios presentes precedidos de *nem*, não tinha, em casos analogos, encontrado em minhas leituras senão a posposição pronominal.

Assim foi que citei o exemplo de Camões:

"Não sendo seo soldado experimentado
Nem vendo-se num cerco duro e urgente".
(*Lusiadas*. Cant. X. Est. 48).

Alem do exemplo do grande epico portuguez, conhecia eu os seguintes:

"Nem o proprio que o experimentou conseguiria recordar-se, *nem recordando-se* comprehendel-o em linguagem, *nem comprehendendo-o* ser dos extranhos entendido".

(A. Cast. *Os Fastos de Ovidio*. T. 1.º Pg. 278).

Neste exemplo e nos que se lhe seguem, não se podia, pensamos nós, exprimir correctamente o pensamento, empregando outra construcção.

Apezar de figurar apparentemente o *nem* antes dos participios *recordando-se*, *comprehendendo*, entre elle e esses participios subentende-se o verbo *conseguiria*, ficando o lanço de A. Castilho assim construido mentalmente:

"Nem o proprio que o experimentou *conseguiria* recordar-se, nem, recordando-se, *conseguiria* comprehendel-o, (*) nem, comprehendendo-o, *conseguiria* ser dos extranhos entendido".

"Mas nem ouvindo todos a todos, *nem ouvindo-se* cada um a si, ouviam o que é a gloria".

(Vieira. *Serm.* T. 7.º Pg. 249).

"Sabendo que, *nem adorando-o*, augmento a sua gloria, *nem amando-te*, faço a tua felicidade".

(Camillo. *Memoria de Guilherme do Amaral*. Pg. 59).

Assim como no exemplo de Vieira, é clara tambem a ellipse, construindo-se assim as duas passagens:

"Mas, nem *ouviram* o que é a gloria, ouvindo todos a todos, nem *ouviam* o que é a gloria, ouvindo-se cada um a si".

"Sabendo que nem *augmento* sua gloria, adorando-o, nem *faço* a tua felicidade, amando-te".

Disse tambem o Padre Lucena:

"Pois se *nem* Salomão *pondo-se* do melhor de sua guarda-roupa, sahio nunca vestido como os lirios, as boninas, as flores, as hervas, o mesmo feno; que côrte se pode comparar nos trajos dos seos á formosura que vestia o campo onde estaveis dantes?"

(Luc. *Livraria Classica*. T. 1.º Pg. 108).

Onde é facil de ver que a construcção se resolve na seguinte: "Pois se nem Salomão *sahio* nunca vestido como os lirios, as boninas,

(*) Na 1.ª ed. lemos: "reprehendel-o", claro erro de revisão.

as flores, as hervas, o mesmo feno, pondo-se (isto é, apezar de se pôr) do melhor de sua guarda-roupa".

E o Padre A. Vieira:

"*Nem* ella, *tendo-o* tão obrigado, chegou á ventura de ser obedecida de tal rei, como mãe".

(*Serm.* T. 15. Pg. 401).

Como é claro, esta phrase se resolve na seguinte: "Nem ella, como mãe, *chegou* á ventura de ser obedecida de tal rei, tendo-o tão obrigado".

"*Nem* nós *referindo-a* os podemos separar".

(Id. *Serm.* T. 14. Pg. 327.

Isto é: "Nem os *podemos* separar, referindo-a"

"Mas, *nem encontrando-a,* (*) nem assistindo na communidade juncto della, lhe perguntou a causa".

(Fr. L. de S. Cath. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 6.º Pg. 137).

Isto é: "Mas nem lhe *perguntou* a causa, encontrando-a, nem lhe *perguntou* a causa, assistido na communidade juncto della".

A bem da verdade confessemos que tambem se acham exemplos da construcção a que se soccorreo o Dr. Ruy, que aos que apresentou poderá ajunctar os seguintes, que ultimamente encontramos:

"Não lhes valendo sua desculpa, nem lagrimas, *nem lhe querendo* ouvir a defensão de sua innocencia".

(Lião. (**) *Chron. dos Reis.* T. 2.º Pg. 32).

"Não sabendo a gente que fizesse, *nem se atrevendo* a abalar".

(Id. *Chron. d'el-rei D. João, o* 1.º T. 1.º Cap. 64. Pg. 285).

"Não acabando de crer no irmão tanta maldade, *nem se assegurando* em sua fé".

(*Monarchia Lusitana.* Part. 1.ª Liv. 3.º Cap. 15. Pg. 347).

"Não guardando o paraiso... *nem se abstendo* da arvore prohibida".

(Vieira. *Serm.* T. 2.º Pg. 236).

(*) Lemos na 2.ª ed. "encontrando-o".

(**) Na 2.ª ed. lemos: "Leão I. Chron. dos Reis", etc.

"Não sendo tal a sua tenção, *nem lhe tendo* vindo tal coisa ao pensamento".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 230).

"Não sendo o cabedal bastante para mais compridas campanhas, *nem o havendo* prompto para serem mais antecipadas".
(Id. *Cartas*. T. 4.º Pg. 168).

Não insistiremos, portanto, na censura á phrase do Dr. Ruy.

Mas considerar erradas as construcções em que se usa a posposição pronominal, attribuir a phrase de Camões a descuido ou á exigencia do rythmo, é o que nos não parece razoavel.

O *pictoribus atque poetis* do lyrico venusino tem suas restricções: não ha licença poetica que autorize construcções incorrectas, sem sello nas tradições da lingoa.

O que diz o estrenuo autor da *Replica* relativamente ao *nem*, quando se lhe segue o participio presente, affirma-o igualmente com respeito ao *não*, quando se lhe segue a mesma forma verbal.

Acham-se, entretanto, exemplos que sanccionam a posposição.

Taes os seguintes:

"O imperador ficou tal, que, *não podendo-o* soffrer, se levantou e recolheo a seo aposentamento".
(Moraes. *Palm.* Part. 1.ª Pg. 26).

"*Não espantando-se* de suas coisas, que nellas nenhuma é de muito espanto".
(Id. Ibid. Part. 2.ª Pg. 452).

"As quaes dizem que tomou o Senhor a forma de servo, *não fazendo-se*, (*) senão feito homem".
(Vieira. *Serm.* T. 4.º Pg. 116).

"*Não pondo-o* sobre os altares, mas mettendo-o na arca ou debaixo da terra".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 49).

"Porque entenderam que se vingavam della melhor tirando-lhe os olhos, e *não tirando-lhe* a vista".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 239).

"*Não atando-lhe* as feridas, senão preservando-a dellas".
(Id. T. 15. Pg. 448).

"*Não desmembrando-os*, mas incluindo no gremio municipal os nobres colonos que el-rei lhe enviava".
(A. Herc. *Hist. de Port.* T. 4.º Pg. 185).

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

"Pagando tributos, e *não desfructando-os*".
(Id. *Opusc.* T. 2.º Pg. 240).

"Ainda *não conhecendo-a*, ideial-a-hia, (*) amal-a-hia".
(Camillo. *Mem. de G. do Amaral.* Pg. 55).

Vem a ponto notar que, usando das locuções *não só, não já,* quando se lhe segue um infinitivo ou participio presente, ligado a outra forma verbal pelas expressões correlatas *mas, mas ainda, mas tambem, senão, senão ainda,* costumam os melhores escriptores empregar invariavelmente a enclise pronominal.

Assim é que se diz: *não só instruir-se, mas educar-se bem; não já sendo-lhe indifferente, senão mostrando-se-lhe inimigo; não só reprehendel-o, senão tambem punil-o rigorosamente.*

"*Não já pedindo-lhe, mas* offerecendo-lhe a vida temporal".
(Luc. *Liv. Classica.* T. 1.º Pg. 99).

"O que fez foi *não só mandar-lhe* que se calasse; *mas* emmudeceo-o totalmente".
(Vieira. *Serm.* T. 11. Pg. 319).

"*Não já despindo-lhe* as galas, e louçainha de que se arreia nos escriptos dos bons classicos, e daquelles que ainda hoje os tomam por guias e norte seguro, *senão* levando o despejo a ponto etc".
(Inn. da Silva. *Peq. Chrest. Port.* Pg. IV).

"Mediante a qual obteve *não só ser-lhe* pelo governo portuguez relevada a sua evasão do reino, *mas* que o ministro de estado... o encarregasse etc.".
(Id. *Dicc. Bibl.* T. 7.º Pg. 260).

• • •

Ensina-nos tambem a lição dos nossos bons exemplares que, com os participios presentes, se vale usualmente nossa lingoa das construcções encliticas, quando a essa forma verbal precedem as conjuncções disjunctivas *já... já, ora... ora, ou... ou* e outras palavras de sentido analogo.

Isso attestam os seguintes exemplos:

"*Umas vezes armando-lhe* desconfianças da salvação, *outras representando-se-lhe* no entendimento, *fallando-lhe* claramente, *importunando-a* e *quebrantando-a*".
(Souza. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 4.º Liv. 1.º Cap. 8.º Pg. 57).

(*) — Na 1.ª ed. lemos "ideial-a-hia amal-a-hia".

"Mas só aberta a cavernosa bocca, deo estupendos roncos, *ora submergindo-se* debaixo do mar, *ora* boiando sobre a agoa, onde sustentando-se, depois que espira, atracada ás lanchas, a varam na praia".

(Francisco de Brito Freire. Vide *Iris Classico*. Pg. 86).

"*Já movendo-se* vagarosa e tardamente, *já* parando e ficando immovel".

(Vieira. *Serm.* T. 2.º Pg. 107).

"*Já* accommettendo as nossas praças, *já promettendo-as*, antes de serem tuas".

(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 379).

"*Já* largando as redeas a um, *já estreitando-as* a outro".

(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 54).

"*Já chamando-lhe* calix, *já* baptismo".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 360).

"Lançava os braços a uma e outra parte, como costumam as nossas pélas, *já levantando-os*, *já abaixando-os*, *já* circumgyrando um com outro".

(M. Bern. *Nov. Flor. Livr. Classica*. T. 1.º Pg. 47).

"As quaes *ora* junctas, *ora revezando-se*, sustentavam a batalha".

(Id. *Livr. Classica*. T. 1.º Pg. 136).

"*Ora mudando-lhe* as desinencias, conforme o requer a analogia das duas lingoas, *ora* formando palavras compostas".

(Constancio. *Intr. ás Obras de Filinto Elysio*).

"*Já* copados de flores entre sepulcros na nova primavera, *já alastrando-lhes* por cima suas fartas sombras no estio".

(A . Cast. *Camões*. T. 2.º Pg. 140).

"*Já cobrindo-a* com o voraz e feio musgo de extranhos vocabulos e phrases, *já* principalmente *quebrando-lhe* o estylo proprio, ... e *desgastando-lhe*... a vida e o espirito semi-romano".

(Id. *Noite do Cast.* Pg. 202).

"*Agora revelando-me* regras, *logo insinuando-m'as* com exemplos".

(Id. *A Primavera*. Vol. 2.º Pg. 150).

"*Ora mostrando-se* favoravel ao moço Affonso Raymundez contra a mãe e padrasto... *ora colligando-se* com o rei d'Aragão contra D. Urraca".

(A. Herc. *Opusc.* T. 5.º Pg. 67, 68).

"Onde morto de somno, *ora* passeando, *ora assentando-se*, o esperava ainda".

(Id. *O Monge de Cister*. T. 1.º Pg. 243).

"*Ora beijando-lh'os, ora abraçando-o* pelos joelhos".
(Id. Ibid. Pg. 57).

"*Ora* bracejando, *ora rindo-se,* ora carregando colerico o rosto".
(Id. Ibid. Pg. 124).

"*Ora* exultando de prazer, *ora recordando-se* colerico da offensa que recebera".
(Id. Ibid. Pg. 132).

"*Ora arrependendo-se* de haver tratado tão duramente o moço Affonso Henriques, *ora fervendo-lhe* n'alma desejos de vingança".
(Id. *O Bôbo.* Pg. 76).

"*Ora travando-se* a braços com elle, *ora* fugindo com grandes apupos e risadas".
(Id. Ibid. Pg. 99).

"*Ora* tornando á terra, *ora afastando-se*".
(Lat. Coelho. *Varões Illust.* 2.ª Part. Pg. 57).

"Eil-o em fim *ora* tomando o bordão de peregrino para escalar as empinadas serranias, *ora embrenhando-se* na espessura das florestas".
(Id. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 26).

"*Ora afagando-o, ora incitando-o* a fallar de sua vida passada".
(Camillo. *Noites de Lamego.* Pg. 114).

Não diriamos, portanto, como o Dr. Ruy Barbosa, em sua *Replica,* n. 162: "*ora se atrophiando, ora* crescendo", e sim "*ora atrophiando-se, ora* crescendo".

* * *

Em o n. 233 diz o Dr. Ruy Barbosa:

"Ensina o professor Carneiro que, em occorrendo o adverbio *só* antes do verbo, a este se anteporá o pronome".

"Pois um só verso de Camões quebra duas vezes essa regra:

"A mim e a todos *só* de *ouvil-o* e *vel-o*".

Quando nos meos *Serões* enunciei a regra do emprego da anteposição pronominal com o adverbio *só* e outros, nem foi intenção minha dar-lhe esse caracter absoluto que lhe quiz attribuir o Dr. Ruy Barbosa, nem me referi senão a orações do modo definito; tanto que, nos exemplos, por mim citados, em apoio da alludida regra, não ha

um só, um só, (*) sequer, em que figure o verbo no modo indefinito, o que se verificará nos *Serões Grammaticaes* á pagina 338.

O preceito da proclise pronominal depois de um certo numero de vocabulos não é observado com os verbos do modo indefinito (infinitivo, participio), como já o mostramos atraz, com o mesmo rigor que observam os escriptores nas construcções em que figura uma das formas do modo definito (indicativo, imperativo, condicional, subjunctivo).

Sem ser, pois, mister attribuil-a ás exigencias do rhythmo, a construcção do verso de Camões não destôa de construcções analogas, usadas em verso ou prosa.

Assim é que, já atraz vimos, disse o vernaculo Bernardes:

"Que *só* de *ouvir-lhe* o nome mudam a côr e se estremecem".
(*Livr. Classica.* T. 2.º Pg. 96).

"*Só* em *dizel-as*".
(Id. *Luz e Calor.* 1.ª Part. Pg. 111-153).

Tambem disse A. Castilho:

"Os quaes com *só sacudil-os* e alterar a disposição das pedrinhas de diversas côres que andam lá dentro, vos mostram figuras eternamente variadas".
(*A Noite do Castello.* Pg. 137).

"*Só explicar-se* commigo sobre uma coisa".
(Id. *Mil e um Mysterios.* Pg. 59).

E Castilho José, na *Grinalda Ovidiana* dos *Amores*:

"*Só* por *abanal-as*".
(Liv. 3.º § 209—Pg. 717).

E ainda Camillo:

"Probo, *só* por *afastal-os*, houve o titulo glorioso de *francico*". (**)
(*Os Martyres.* Vol. 1.º Pg. 126).

'*Só* com *olhal-a lhe* incutia horror".
(Ibid. Pag. 8).

Se, usando do modo definito, se diz:

(*) — Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste passo.

(**) — Na 2.ª ed., por erro do impressor, lemos "francisco", e não "francico", como vemos em Camillo.

Só lhe aconselho prudencia, e não; *só aconselho-lhe* prudencia; *só lhe disse* isto, e não: *só disse-lhe* isto; *só lhe descobre* faltas, e não: *só descobre-lhe* faltas; *só o vejo* aos domingos, e não: *só vejo-o* aos domingos; *só se abre* á noite, e não: *só abre-se* á noite; não repugnará ninguem a dizer: "*Só* por *vel-o* feliz daria tudo". "*Só* de *vel-o* ficou atemorizado". "*Só* de *ouvil-o* ficou aborrecido". "*Só* para *vel-o* fiz esta viagem". "*Só* para *ouvil-o* aqui vim". "*Só tel-o* por amigo é uma felicidade". "*Só possuil-o* é grande fortuna". "*Só tel-o* juncto a si a consolava".. "*Só* por *amal-a* se esforça". "*Só* por *hospedal-os* cahio no desagrado".

"E *só julgal-o* pelo fim, é prudencia". (222)
(Vieira. *Iris Classico*. Pg. 244).

O exemplo, portanto, de Camões em nada se oppõe aos citados nos *Serões Grammaticaes*, em nenhum dos quaes figura o verbo em formas do modo indefinito.

No imperativo, digo eu, nesse mesmo trabalho, pg. 340, o pronome complemento segue sempre o verbo: "Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens".

A esse preceito, tão conhecido em todas as grammaticas elementares, appõe o Dr. Ruy Barbosa os seguintes versos de Filinto Elysio, dizendo: "Filinto, entretanto, escreveo, oppostamente:

"Finca-te nisto,
Oh filho; e *me ouve* o que fazer nos cumpre".
(*Obr.*, v. XII. Pg. 166).

"Toma alguns grãos de helléboro e *te purga*."
(Ibid. Pg. 229).

Apezar de acertarmos de encontrar com alguns exemplos num ou noutro escriptor, antigo ou moderno, ainda assim são, relativamente aos casos frequentissimos da enclise, tão raros os da anteposição pronominal, que, se não foram os bons modelos que os autorizam, os lançaramos á conta de desvios e irregularidades nas construcções da lingoa.

Essas excepções, portanto, não destroem o principio, que no modo imperativo prevalece a posposição do pronome complemento.

E se nova edição dos *Serões* vier a lume, não duvidaremos de substituir, e cremos, sem desar litterario, o vocabulo *sempre* pela

(222) — Temos por rigor a enclise, quando ao vocabulo *só* segue o infinitivo, sem que o reja preposição alguma.

expressão de *ordinario*, restringindo um pouco a extensão do principio estatuido.

Não nos dá novidade alguma a observação do Dr. Ruy, opondo-nos áquelle principio grammatical os versos de Filinto, já citados. De ha muito conhecemos de cór aquelles versos dos *Lusiadas*, com que o grande poeta portuguez abre o seo terceiro canto, dizendo:

"Agora tu, Calliope, *me ensina*
O que contou ao Rei o illustre Gama:
Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama".
(Cam. *Os Lusiadas*. Cant. 3.º Est. I.).

Conhecemos ainda os seguintes exemplos da proclise pronominal com o imperativo:

"Divina musa, tu *me inspira* agora
Os Principes e Reis que armas tomaram
Nas apartadas regiões da Aurora.
Que em favor de Malaca se ajunctaram".
(Sá de Menezes, *Malaca Conquistada*. Liv. 9.º Est. 4.ª Pg. 310).

"Vós o *recebei* como de nossa propria pessoa, e *o crede*, porque elle é o principal que para isso temos".
(D. de Góes. *Chron. de D. Manoel*. 3.ª Part. Cap. 59. Pg. 277).

"E pois de sua pessoa não fica outra coisa senão estas insignias, *as mandae* pôr em parte".
(Moraes. *Palmeirim*. Part. 1.ª Cap. 40. Pg. 269).

"Por isso *o fazei*". (*)
(Id. Ibid. Cap. 41. Pg. 277).

"Porem primeiro *me dae* novas em que disposição o soldão fica".
(Id. Ibid. Part. 2.ª Cap. 52. Pg. 355).

"Esse pardáo, disse, *lhe dae*".
(Souza. *Hist. de S. Domingos*. T. 4.º Livro 4.º Pg. 331).

"Por estas graças, que vos damos, e por estes mesmos beneficios tão singulares de vós recebidos, *nos concedei*, Senhor, as que para os annos futuros, com igual confiança em vossa divina bondade e sabedoria, humildemente vos pedimos".
(Vieira. *Serm*. T. 8.º Pg. 232).

(*) Na 2.ª ed., por engano do revisor, lemos: "por isso fazer".

"Vós, que só podeis fortalecer a nossa fraqueza, *nos defendei* deste cruel inimigo".

(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 353).

"Ora não vos desanimeis os que isto inferis, antes *vos animae* e *consolae*".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 244).

"O que mais convem a minha salvação só vós o sabeis, vós o *encaminhae*, vós *o disponde*, vós *o resolvei*".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 247).

"Não escandalizes a teo proximo, antes *te compadece* delle".

(M. Bern. *Livr. Classica.* T. 2.º Pg. 97).

"As causas tu *me conta*, ó musa".

(J. V. Barreto Feio. *Eneida de Virg.* T. 1.º Liv. 1.º Vers. 11).

"De quinhentistas *vos prezae*, alumnos".

(Filinto. *Obras.* T. 1.º Pg. 102).

"De quinhentistas *vos honrae*, briosos".

(Id. Ibid. Pg. 104).

"Meneias os buris? lanças em quadros
acceso esmalte? ao marmore dás vida?
todos vós *a implorae;* preside a tudo
quanto é lavor, trabalho, industria, engenho".

(A. Cast. *Fastos.* T. 2.º Pg. 95).

"Vós tambem *lhe offertae* devidos cultos".

(Id. Ibid. Pg. 93).

"Sol da Grecia, bradei, tu *me inspira!*"

(Id. *A Lyrica de Anacreonte.* Pg. 139).

"De ser mastaréo *te goza*".

(Id. *Sonho d'uma noite de S. João.* Pg. 130).

"Antes *lhes inspirae* mais rectas intenções".

(Lat. Coelho. *A Oração da Corôa.* Pg. 105).

XLIV

Collocação dos pronomes (d).

"Não podendo reproduzil-a *nem lhe autorizar* a reproducção".

Censurando a emenda do Dr. Ruy Barbosa ao art. 658 do *Projecto do Codigo Civil*, assim me exprimi:

"Não nos passou despercebida neste ponto a anteposição do pronome *lhe* ao infinitivo *autorizar*.

"O illustre Dr. Ruy diz: "não podendo, sem consentimento dos outros, reproduzil-a *nem lhe autorizar* a reproducção", quando, para ser vernaculo, devia dizer: não podendo, sem consentimento dos outros, reproduzil-a *nem autorizar-lhe* a reproducção.

"Essa anteposição do pronome ao infinitivo, precedido immediatamente da conjuncção *nem*, dá-se, de ordinario, quando a este infinitivo precede outro, regido pela preposição *sem*.

"Assim disse Latino Coelho: "Não poude nunca mirrar-lhe o coração *nem amesquinhar-lhe* o espirito". "O padre Macedo não logrou com seos reparos desthronar o grande poeta portuguez, *nem sentar-se* no throno da epopéa".

"Antonio de Castilho: "*Sem attentar* nelle *nem lhe saber* da existencia"; Alexandre Herculano: "*sem o acceitar* em toda a plenitude *nem lhe negar* inteiramente o credito"; e Bernardes: "Não porfiar com alguem *nem contradizel-o* diretamente ou com empenho".

"Ainda, de accordo com o que estabelecemos acima, disse Diogo de Couto: "*Sem lhe dar* nada de suas cartas *nem se moderar* em sua condição"; e Alexandre Herculano: "Não fôra possivel cital-os todos *nem cital-os* junctamente" (223).

A isso responde assim o esclarecido censor (*Replica*, § 57, n. 238):

(223) *Ligeiras Observações*. Pg. 68.

"O desacerto do professor Carneiro é palmar. O uso classico se oppõe á these, que elle enunciou (tão emphaticamente!) nestes termos: "Não se diz em boa linguagem portugueza: não quero vel-o *nem o ouvir;* mas não quero vel-o *nem ouvil-o;* não podendo reproduzil-a *nem lhe autorizar* a reproducção; mas não podendo reproduzil-a *nem autorizar-lhe* a reproducção"...

"As duas formas", diz o Dr. Ruy, "poderão ser igualmente grammaticaes. Isso é o que será possivel. O certo é, porem, que, das duas, a mais autorizada, a mais corrente, a mais classica é a antepositiva, é a proclitica, é a adoptada por mim e contestada pelo mestre".

Não tem razão o Dr. Ruy.

Diz-se em boa linguagem portugueza:

Não *podendo* explicar-se *nem justificar-se; sem se explicar nem se justificar; sem se affligir nem se irritar;* não *querer* applicar-se *nem entregar-se* ao estudo; *sem se exaltar nem se gabar;* não *querendo* emendar-se *nem corrigir-se;* não *julgando* humilhar-se *nem rebaixar-se;* não *quiz* explicar-se *nem estender-se* sobre o assumpto; não *pode* crear-se *nem manter-se* alli; não *posso* valer-lhe *nem protegel-o;* não *desejando* desacreditar-se *nem aviltar-se;* não *quiz* dar-se por achado *nem mostrar-se* descontente; não *poude* persuadil-o *nem convencel-o* do contrario; não *quiz* mostrar-se *nem apresentar-se;* não *procuro* descontental-o *nem magoal-o;* não *quiz* recebel-os *nem dar-lhes* gasalhado; *sem me receber nem me dar* gasalhado; *sem se aborrecer nem se estafar; sem se envergonhar nem se molestar;* não *posso* hoje vel-o *nem ouvil-o; sem se melindrar nem se affligir; sem me expôr nem me arriscar; sem querer* instruir-se *nem educar-se.*

A esses, que ahi deixamos formulados, ajunctaremos os exemplos seguintes, encontrados em nossos escriptores de mais nomeada, por onde se observa que lhes é habitual a enclise, quando entre o *nem* e o infinitivo ha ellipse do verbo, sendo-lhes, pelo contrario, frequentissima a proclise, quando nenhuma ellipse ha entre o *nem* e o infinitivo: taes os casos das orações precedidas de *nem,* ligadas a outras, regidas pela preposição *sem,* e alguns outros, em que a conjuncção *nem* liga as duas infinitivas, sem haver ellipse alguma entre ella e o infinitivo.

Collige-se destes mesmos exemplos que, se a ellipse, de que fallamos, não é a de um verbo, senão a de uma preposição, recorrem os nossos escriptores já á proclise já á enclise do pronome.

Eis os exemplos que attestam o que acabamos de affirmar:

"Vivia sem me lembrar
Que paixão *podia* dar,
Nem dal-a ninguem a mim".
(Garcia de Rezende. *Livraria Classica.* Pg. 179).

"Vendo que não *podia* lançar gente na Villa, *nem dar-lhes* mais vitualhas das que já dentro tinham".

(Damião de Góes. *Chron. de D. João.* Pg. 39).

"Nem na praia *quizeram* communicar com os nossos, *nem vender-lhes* mantimentos".

(*Chron. d'el-rei D. Manoel.* 1.ª Part. Cap. 57. Pg. 144).

"Quasi se não deixa entender como uma tamanha pedra se *possa* assim inteira arrancar da pedreira, *nem mover-se della*".

(Fern. M. Pinto. *Livraria Classica.* T. 1.º Pg. 182).

"E o Xeque, que era nosso amigo, o não *queria* deixar atravessar o deserto só, *nem dar-lhe* para isso guia".

(Diogo de Couto. *Dic.* 4.ª Liv. 5.º Cap. 7.º Pg. 372).

"Não *me deixou* servir a el-rei nem a Florida as mercês que me tem feitas, *nem provar-me* na aventura dos outros".

(Moraes. *Palmeirim.* Part. 1.ª Cap. 36. Pg. 230).

"Não *poder* servir quem de minha vida se não lembra, *nem contar-vos* a vós o que sinto".

(Id. Ibid. Part. 2.ª Cap. 95. Pg. 160).

"Sem *querer* curar-se de suas feridas *nem lembrar-lhe* o risco".

(Id. Ibid. Cap. 72. Pg. 487).

"Coisa notavel era não haver nenhum, entre tantos, que *quizesse* escapar *nem encommendar-se* ao fugir".

(Id. Ibid. Cap. 169. Pg. 418).

"Tivessem por ordenação *não sahirem* do castello por nenhuma via, sem seo mandado, *nem o abrirem* senão a sua pessoa".

(Id. Ibid. Cap. 105. Pg. 247).

"Não lhe *quiz* acceitar o partido *nem fazer-lhe* outro".

(Duarte N. de Lião. *Chron. d'el-rei D. João o* 1.º T. 1.º Cap. 51. Pg. 212).

"Que elle não *se atrevia* a ficar na villa, *nem defendel-a* com tão poucos".

(Id. Ibid. Cap. 62. Pg. 272).

"D. Maria foi a seo marido, e tornou ao infante com resolução de seo marido não *querer* entregar o castello... *nem sahir-se* delle".

(Id. *Chron. d'el-rei D. Affonso o* 5.º Cap. 6.º Pg. 112).

"Fazendo nelles grandissimo estrago, até de cançados *não poderem* seguir mais adiante *nem se poderem* mover".

(Id. *Chron. d'el-rei D. Affonso o* 4.º Pg. 164).

"Naquelle tempo não *podia ajudal-o nem vel-o*".
(Id. *Chron. d'el-rei D. Pedro.* Pg. 224).

"O conde de Cambrix nunca *quiz* ver aquelle mensageiro *nem ouvil-o*".
(Id. *Chron. d'el-rei D. Fernando.* Pg. 358).

"Mas nem lhe *valeo* allegar as victorias... *nem dizer-lhes* como o meio para os confundir não era embuçar".
(Lucena. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 128).

"Nenhum dos seos encantadores *pode* soltar *nem dar-lhe* entendimento conveniente".
(*Monarchia Lusitana.* 1.ª Part. Cap. 10. Pg. 35).

"Nenhum *merecia* tratar-se mais fundamentalmente, *nem resolver-se* com mais consideração".
(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 2.º Cap. 12. Pg. 69).

"Nem elle *podia* dar a quantia com boa consciencia, *nem* o fidalgo *leval-a*".
(Id. Ibid. Liv. 4.º Cap. 12. Pg. 174).

"Não me *posso* lembrar disto sem dor *nem referil-o* sem magoa".
(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 22. Pg. 39).

"Não *succedera* ver-se *nem executar-se* neste reino".
(Id. Ibid. Liv. 6.º Cap. 20. Pg. 275).

"E, portanto, nenhuma pessoa *intente* ou *pretenda* invalidal-a, *nem* por alguma via *encontral-a*".
(Id. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 1.º Liv. 3.º Pg. 208).

"Não *podia* passal-a *nem lançal-a* fóra".
(Id. Ibid. Liv. 2.º Pg. 238).

"Não *sabe* descançar *nem poupar-se*".
(Id. Ibid. Liv. 3.º Pg. 422).

"Mas eu não me persuado, nem é razão que se creia, que materia de tanto peso... *podia* ser secreta, nem ainda preceder, *nem começar-se*, sem ser primeiro muito particularmente communicada".
(Id. Ibid. Vol. 3.º Liv. 1.º Pg. 14).

"Era sua vida oração continua, não pedir nada, nem querer nada, *nem se queixar* de nada".
(Id. Ibid. Vol. 4.º Liv. 1.º Pg. 44).

"Porque depois de enterrado nem *poderia* descobrir crimes alheios, *nem defender-se* dos que sobre elle amontoariam".
(Id. *Annaes de D. João* 3.º Cap. 19. Pg. 83).

"Que antes de *poderem* os nossos fazer volta *nem valer-se* das armas, foram todos mortos".

(Id. Ibid. Cap. 11. Pg. 103).

"E dando volta sobre Arzilla, não *quiz* vir com segredo *nem pôr-se* em cilada".

(Id. Ibid. Cap. 19. Pg. 264).

"Sem *poder* menear-se *nem mover-se* em meia parte do corpo".

(Fr. Lucas de Santa Catharina. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 5.º Pg. 153).

"Porque a injuria infinita da honra divina lesa não se *podia* vingar senão com sangue divino; *nem* a condemnação do genero humano *remir-se* com menor preço".

(Vieira. *Serm.* T. 12. Pg. 206).

"Porque não *é* doer-se por esperança, *nem doer-se* por impossibilidade, *nem doer-se* por falta de remedio, senão doer-se por doer-se".

(Id. Ibid. Pg. 169).

"Não *se pode* sacudir do pó *nem lavar-se* do lodo".

(Id. Ibid. Pg. 141).

"Como *poderá* resistir a divina justiça *sem negar-se* sua misericordia a uma tão forte, tão suave e tão poderosa intercessão?"

(Id. Ibid. T. 14. Pg. 33).

"Não *digo* antepor-se *nem comparar-se;* mas escrever-se, *nem ouvir-se* onde estam".

(Id. Ibid. Pg. 126).

"De não *querer* provar forças com as feras do povoado, *nem arriscar-se* a perder com as feras intellectuaes...".

(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 19).

"Não a *poude* deixar *nem apartar-se* della".

(Id. Ibid. Pg. 329).

"Antes digo, que *nem abater-me, nem levantar-me pode* a fortuna".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 353).

"Este homem que se não *ha de* ir buscar ao cabo do mundo, *nem comprar-se* com a menor despesa".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 166).

"E não vos *hei de* largar *nem apartar-me* delles".

(Id. Ibid. Pg. 214).

"Não *poder* o seo coração resistir o sentimento e *nem isentar-se* da dor".

(Id. Ibid. Pg. 327).

"Os daquelle outro diluvio não *podiam* nadar *nem salvar-se* na arca de Noé".
(Id. Ibid. Pg. 346).

"Nem chorar o arrependido, *nem curar-se* o enfermo,... *está isento* de ser mal julgado dos homens".
(Id. Ibid. Pg. 99).

"Como *podia* conservar-se na sua profissão *nem conserval-a* na sua inteireza..?"
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 17).

"Nem eu lhe *podia* pretender tal vantagem, *nem desejar-lhe* maior grandeza".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 29).

"Parece que da outra não *pode* estar *nem conservar-se* a paz?"
(Id. Ibid. Pg. 226).

"Nem a Roboão *aproveitou* ter por pae a Salomão, nem a Nero ter por mestre a Seneca, *nem* a Cesar *ter-se* esmerado nelle a natureza...".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 192).

"Que a não *pode* haver *nem imaginar-se* maior".
(Id. Ibid. T. 15. Pg. 194).

"Porque a sezão daquelle dia me não *permittio* escrevel-a *nem dictal-a*".
(Id. *Cartas*. T. 4.º Pg. 44).

"Não *acabemos de* aprender *nem desenganar-nos*".
(Id. Ibid. Pg. 186).

"Nem cuido que, na impugnação deste e doutros pontos, *haja* de tirar sangue *nem vertel-o*".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 184).

"As quaes nem o Mondego *pode* escrever com todas as suas agoas, *nem contal-as ainda* hoje com suas areias".
(Id. Ibid. Pg. 22).

"Quanto o discurso humano não *pode* tomar nella pé *nem achar-lhe* fundo".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 173).

"E em tal caso não *são obrigados* os principes a esperar definições do papa, *nem pedil-as*".
(*Arte de Furtar*. Pg. 155).

"Não lhes *fica livre* o revogar-lh'o (*) *nem limitar-lh'o*".
(Id. Pg. 319).

(*) Na 2.ª ed., por erro do impressor, lemos "regougar-lh'o". A phrase citada encontra-se no Cap. L da Arte de Furtar, e vem à pág. 247 da ed. de João Ribeiro, e 229 da ed. Melhoramentos, 1926.

"Nem *posso* renuncial-a *nem servil-a*".
(Bernardes. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 230).

"Vendo que não podia, *nem esconder-se*, nem responder".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 216).

"Porem não podia, *nem encobrir-se* do povo, nem evitar o seo concurso".
(Id. Ibid. Pg. 122).

"E não *quiz admittir* lhe lavassem os pés, nem offerecer elle a oração, *nem assentar-se* em uma esteira".
(Id. *Luz e Calor.* 1.ª Part. — 82. Pg. 48).

"Não *podem* cingir-se com esses apertos da observancia regular, *nem escusar-se* de tratar com os da sua familia".
(Id. Ibid. — 139. Pg. 96).

"Nunca jamais *poderá* remover de si o jugo da vontade propria, *nem ver-se* livre da ira".
(Id. Ibid. — 241. Pg. 214).

"Nunca poderão, se tu quizeres, *nem sabel-o, nem evital-o*".
(Id. Ibid.).

"Nunca *poderá* entrar na familiaridade com Deos, *nem levantar-se* ás coisas invisiveis".
(Id. Ibid. — 224. Pg. 194).

"Vendo que não *podiam* fugir *nem defender-se*, mandaram á capitania, dois moiros mercadores".
(Jac. Freire. *Vida de D. J. de Castro.* Liv. 1.º — 60. Pg. 42.

"De que D. João de Castro não *podia* dar satisfação, sem affronta, *nem negar-lh'a*, sem guerra".
(Id. Ibid. Liv. 4.º — 31. Pg. 246).

"Onde não *podiamos* ter alojamento enxuto, nem servir-nos de cavallaria em todos os lugares da campanha".
(Id. Ibid. — 32. Pg. 247).

"Nem *pode* conceber designios avultados, *nem desempenhal-os* com a constancia e com os brios necessarios".
(Filinto Elys. *Obras.* T. 9.º Pg. 41).

"Não *deve* o homem, quando mancebo, transcurar a philosophia, *nem*, quando velho, *afadigar-se* de philosophar".
(Id. Ibid. Pg. 259).

"Não *deve* o engenho deixar-se subjugar, *nem* menos *dar-se* tambem toda a soltura".

(Id. Ibid. Pg. 458).

"Não *deve* manietal-o *nem impedir-lhe* os passos".

(Padre Theodoro de Almeida. *Feliz Independente.* Liv. 11-30). (*)

"Crêem que não *é licito* tocar-lhes *nem limpar-lhes* o pó".

(Antonio das N. Pereira. *Mem. de Litt. Port.* T. 5.º Pg. 213).

"Que nem a corôa os *podesse* tolerar *nem* o povo *respeital-os*".

(Garrett. *Disc. Parlam.* Pg. 162. Ed. 1882).

"Não *fôra possivel* fallar de um modo mais lisongeiro a respeito de Lucena, *nem collocal-o* em mais luzida companhia".

(J. Silvestre Ribeiro. *Livraria Classica. Lucena.* T. 2.º Pg. 21).

"Porque, em realidade, a verdadeira poesia é tal imperio e sacerdocio, que não *ha* desconhecel-o *nem escurecel-o*".

(A. Cast. *Camões.* T. 2.º Pg. 212).

"Não *podia* ser sua *nem* elle *receber-me*".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 78).

"Sem *saberem* marchar, investir, *nem defender-se*".

(Id. Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 1.º Pg. 122).

"Que lhe não *permitte* cercear, nem accrescentar ideia nem quasi palavra ao original, *nem inverter-lhe... a ordem*".

(Id. Ibid. Vol. 6.º Pg. 123).

"Nem *podia ir*-me pelos campos... *nem discorrel-os* como Gessner, de lapis na mão".

(Id. *A Primavera.* Vol. 1.º Pg. 46).

"Todo o meo pezar é não *poder* outra vez peccar *nem namorar-me* da Primavera".

(Id. Ibid. Pg. 63).

"A mim me não *hão* de pregar multa *nem ferrar-me* com os ossos na cadeia".

(Id. *Colloquios Aldeões.* Pg. 224).

"Que se não *vá* pôr no terrado da torre *nem acoitar-se* no campo".

(Id. Ibid. Pg. 228).

(*) Deve ter havido lapso na indicação, salvo differença de edições; o passo citado, nós o vemos em o n.º 32 do Liv. 11, da obra de Theod. de Almeida, ed. de 1861, Lisboa, pág. 283, do vol. 1.º,

"Ponto — e já — nesse amor! *Ha de ter a bondade de* não me pôr mais pé em casa da beldade; *nem vel-a, nem fallar-lhe*, ou de qualquer maneira fazer-se-lhe lembrado...".

(Id. *O Avarento*. Act. 4.º Pg. 266).

"Sem nenhuma *ter acção de* coçar tal comichão *nem recusar-lhe* a mamminha".

(Id. *Fausto*. Pg. 165).

"Não *ousando* Semiramis confiar o imperio a um tenro infante, e *nem* tão pouco *regel-o*".

(*Grinalda Ovidiana. Os Amores de Ovidio*. T. 8.º Pg. 396).

"Não *podiam* ter amor da patria, *nem interessar-se* pela gloria e prosperidade da nação que os repellia e desherdava".

(Leoni. *Camões e os Lusiadas*. Pg. 62).

"Não *duvidara* combater os seos mais intimos alliados, *nem destruir-lhes* os castellos e propriedades".

(A. Herc. *Hist. de Port.* T. 1.º Pg. 265).

"Não *pretendo* negar a solidez do systema *nem embrenhar-me* em questões de principios".

(Id. *Opusc. A Emigração*. Pg. 277).

"A ninguem *seria permittido* celebrar com elle nenhuma especie de contracto gratuito ou oneroso, *nem negar-lhe* em testamento coisa alguma".

(Id. *Hist. da Inq.* T. 2.º Pg. 360).

"Não *podem* de modo algum desembaraçar-se das mãos da curia romana, *nem moverem-se* independentes della".

(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 26).

"Não *mostrava* prevel-o *nem temel-o* el-rei".

(Id. Ibid. Pg. 24).

"Não *podendo* punir a filha do imperador *nem conformar-se* com a infamia lançada sobre os seos loiros, succumbe ás penas e á desesperação".

(Rebello da Silva. *Fastos da Igreja*. T. 1.º Pg. 136).

"Que não *deixara* fugir *nem precipitar-se* o carro da revolução".

(Id. *Varões Illustres*. Pg. 130).

"Nem *ousava* fugir-lhe *nem affrontal-a*".

(Id. Ibid. Pg. 10).

"Visto que o vice-rei, por sua enfermidade, não *podia* ir a bordo recebel-a *nem* o seo antecessor *fazel-a* em terra".

(Lat. *Varões Illustres*. T. 2.º Pg. 360).

"Não lhe *era facil*, porem, diagnostical-os *nem acudir-lhes* com o remedio accommodado".

(Id. *Hist. Pol. e Mil. de Port.* T. 1.º Pg. 36).

"Não *poderam* nunca desprender-se do seo paiz, *nem levantar-se* por uma ousada generalização ao conceito da liberdade universal".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 107).

"Não *querendo* adorar ao Senhor *nem ajoelhar-se*".

(Camillo. *Cavar em Ruinas.* Pg. 125. 2.ª ed.).

"Não *podia* acompanhal-os nos habitos da vida como o alto clero, *sem fallar-lhes* linguagem que elles perefitamente comprehendessem".

(Id. *Genio do Christianismo.* Vol. 2.º Pg. 173).

"Não *podia* deixar o menino *nem leval-o* doentinho".

(Id. *Volcões de Lama.* Pg. 249).

"Nunca lhe ouvi nem disse palavra, que hoje *possa* envergonhar-me *nem obrigal-o* a elle a explicações".

(Id. *Noites de Lamego.* Pg. 51).

"Não *podia* ouvil-o *nem soccorrel-o!*"

(Id. *Os Martyres.* Vol. 2.º Pg. 177).

"Não *pode* abandonar o trabalho, *nem* o servido *despedil-o*".

(*Codigo Portuguez.* Art. 1394).

"*Sem* Affonso de Albuquerque *poder saber* a causa daquella mudança, *nem* menos aos que estavam em terra *lh'a saberem* contar".

(J. de Barros. *Dec.* 2.ª Liv. 2.º Cap. 1.º Pg. 100).

"*Sem lhes tomarem* nada *nem os captivarem*".

(*Commentarios do Grande Affonso de Albuquerque. Iris Classico.* Pg. 174).

"*Sem* elle *ser presente nem se mudar* de uma casa para outra".

(D. de Góes. *Chron. d'el-rei D. Manoel.* 3.ª Part. Cap. 68. Pg. 318).

"*Sem* se nunca *mudarem nem se poderem* mudar".

(Id. Ibid. Cap. 61. Pg. 287).

Sem se querer dar *nem o poderem* ferir".

(Id. Ibid. 2.ª Part. Cap. 26. Pg. 404).

"*Sem se dar* remedio a isso *nem se tratar* deste escrupulo".

(D. de Couto. *Dec.* 8.ª Cap. 29. Pg. 235).

"Ficaram estas coisas neste estado, *sem* mais *haver* effeito *nem se fallar* nellas".

(Id. Ibid. Cap. 13. Pg. 88).

"*Sem* ella *nem* outrem *o conhecer* delle".

(*Palmeirim.* Part. 1.ª Cap. 23. Pg. 137).

"*Sem tomar* repoiso *nem lhe lembrar* que elle nem seo cavallo tinham disso necessidade".

(Id. Ibid. Cap. 18. Pg. 111).

"*Sem pôr* elmo *nem lhe lembrar* que o tinha fóra, remetteo ao inimigos".

(Id. Part. 2.ª Cap. 169. Pg. 421).

"*Sem esperar* por Graciano *nem se despedir* de Dramusiando".

(Id. Ibid. Cap. 53. Pg. 430).

"*Sem* ella nisso *intervir nem se obrigar*".

(Lião. *Chron. d'el-rei D. Affonso o* 5.º Pg. 451).

"*Sem fazer* aggravo ao povo *nem lhe tomar* o seo".

(Id. *Chron. d'el-rei D. Pedro*. Pg. 210).

"*Sem haver nem se ouvir* mais que lagrimas, prantos, grita, queixumes das mulheres, das crianças, dos homens, de todos".

(Lucena. *Livr. Classica*. T. 1.º Pg. 97).

"*Sem* nunca por todas estas mudanças *fazerem* uma só no rosto, *nem lhes acharem* menos o brio e altivez de coração, paz e repoiso antigo".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 63).

"*Sem lhe pagarem* soldo *nem lhe darem* uma hora de descanço".

(*Mon. Lusitana*. 1.ª Part. Cap. 27. Pg. 113).

"*Sem* o moço *fazer* signal de dor *nem se mostrar* agastado".

(Id. Cap. 25. Pg. 106).

"*Sem saberem* o que se havia de fazer *nem se resolverem* em nada".

(Souza. *Hist. de S. Domingos*. Vol. 3.º Liv. 3.º Pg. 274).

"Ouviam e calavam os bemditos Padres; *sem torcer* os rostos *nem se queixar*".

(Id. Ibid. Vol. 4.º Liv. 4.º Pg. 384).

"*Sem responder nem se queixar*".

(Fêo. *Citado pelo Diccionario de* Moraes).

"*Sem se alterar* um ponto *nem se digerir?*"

(Vieira. *Serm.* T. 12. Pg. 12).

"*Sem tocarem* o corpo do sancto *nem* elle *as* (*) *tocar*".

(Id. Ibid. T. 13. Pg. 305).

(*) Na 2.ª ed. lemos; "elle se tocar".

'Mas as balas todas pararam entre a roupa e a carne, *sem penetrarem* a pele *nem lhe tirarem* uma gotta de sangue".
(Id. Ibid. T. 14. Pg. 385).

"*Sem se disparar* um arcabuz *nem se desembainhar* uma espada".
(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 372).

"*Sem fallar nem se lembrar*".
(Id. Ibid. Pg. 333).

"*Sem ver* nenhuma coisa destas *nem se ver* a si!".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 278).

"*Sem terem* asco delle, *nem se lembrarem* que tem andado por mãos de regateiras".
(*Arte de Furtar*. Pg. 218).

"*Sem* os povos *receberem* ganho, *nem se lhes restituir* sequer o que lhes tinham feito contribuir, *nem se tomar* conta aos ministros, que o devoraram".
(Id. Pg. 132).

"*Sem se estercar* a terra *nem se regar*".
(Gabriel Soares de Souza. No *Iris Classico*. Pg. 189).

"*Sem me lembrar nem me importar* mais nada".
(Garrett. *Lyrica*. Pg. 30).

"*Sem a fallar nem a ouvir*".
(A. Cast. *Camões*. T. 2.º Pg. 151).

'*Sem olhar* para os numeros *nem lhe importar* empacotal-as e atal-as aos mezes, nem aos annos".
(Id. *Colloquios Aldeões*. Pg. 245).

"*Sem tirar* aos ditos caminhos a sua largueza *nem lhes mudar a direcção*".
(Id. Ibid. Pg. 259).

"*Sem o esperarem nem nos conhecerem*".
(Id. *Noite do Castello. Prefacio*).

"Qual ás penhas o mar me inunda e me resvala,
Sem me abalar nem me embeber".
(Id. *Amor e Melancolia*. Pg. 327).

"*Sem esfriar* nos declivios do occaso *nem se perder* pela aridez e baldio das coisas reaes".
(Id. *Vivos e Mortos*. Vol. 1.º Pg. 23).

"*Sem os fascinar nem* por longe *lhes borrifar* a candidez".
(*Grinalda Ovidiana*. T. 10. *Os Amores de Ovidio*. Pg. 656).

"*Sem levar* por isso apodos de plagiario *nem os merecer*".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 255).

"*Sem o saber nem o querer*".
(A. Herc. *Opusculos*. T. 2.º Pg. 327).

"*Sem comprometter* a individualidade originaria *nem lhe alterar* o essencial da execução".
(M. Leal. *Parecer sobre o Tartufo* de A. Cast. Pg. 214).

"A tribuna das Necessidades tinha-os ameaçado, *sem os vencer nem os desarmar*".
(Rebello da Silva. *Varões Illustres*. Pg. 135).

"*Sem mudarmos* para *a nem lhe accrescentarmos* um *i*".
(Lat. Coelho. *Gram. da Ling. Port.* Pg. 104).

Infere-se do grande numero de exemplos aqui apontados, e de muitos outros, que, sem grande esforço, poderiamos colher nos escriptores de melhor nota, que, havendo ellipse do verbo depois do *nem*, que liga, ao parecer, as duas orações infinitivas, é de uso constante a construcção pronominal pospositiva.

Na phrase do Dr. Ruy, que constitue o assumpto de nossa censura, é manifesta na segunda oração a ellipse do verbo, expresso na primeira. Disse o Dr. Ruy, em sua emenda ao art. 658, que já tocamos: "não podendo, sem consentimento dos outros, reproduzil-a *nem lhe autorizar* a reproducção". Deveria dizer: "não podendo... reproduzil-a *nem autorizar-lhe* a reproducção". Com effeito, depois do *nem*, que liga as duas orações, se subentende a forma verbal *podendo*, expressa na primeira, ficando assim constituida a phrase: não podendo, sem consentimento dos outros, reproduzil-a *nem podendo autorizar-lhe* a reproducção.

A mesma syntaxe nota-se na emenda ao art. 1730, onde diz:

"...Não se pode sujeitar a condições,... *nem se trocar*...".

Nas orações infinitivas, precedidas immediatamente da conjuncção *nem*, que as liga a outras infinitivas, regidas pela preposição *sem*, é commummente empregada a proclise pronominal: neste caso as duas orações infinitivas se ligam e correlacionam, não havendo ellipse alguma entre o *nem* e a segunda oração infinitiva.

Em taes circumstancias, por frequentes que sejam os casos da proclise, encontra-se, todavia, um ou outro exemplo da posposição pronominal; do que são provas os seguintes:

"Se, acabada a comida, o cavalheiro se partisse, *sem despedir-se nem dizer-lhe* uma só palavra de urbanidade ou agradecimento".
(Fr. Luiz de Granada. *Iris Classico*. Pg. 200).

"*Sem dar* penso ou ração aos cavallos *nem apear-se* delles".
(Bernardes. *Livraria Classica*. T. 2.º Pg. 33).

"*Sem cançar-se nem esquecer-se*".
(Id. *Luz e Calor*. 2.ª Part. Pg. 362-345).

"*Sem desafial-os nem temel-os*".
(Filinto Elys. *Obras*. T. 9.º Pg. 454).

"*Sem respirar nem consolar-se*".
(Cast. Vide *Vivos e Mortos*. Vol. 6.º Pg. 68).

* * *

"Acredita elle", assim se exprime o Dr. Ruy, referindo-se a mim, "que a anteposição do pronome ao infinitivo, precedido immediatamente da conjuncção *nem*", se costuma usar, "quando a este infinitivo precede outro, regido pela preposição *sem*".

"Mas", continua o douto censor, "para que tal ideia se sustivesse, necessario seria que á preposição *sem* reconhecesse o uso do nosso idioma esse poder grammatical de attracção, mediante o qual certas palavras ou particulas chamam para juncto de si, antepondo-se ao verbo, as encliticas pronominaes.

"Ora, innegavel aliás á conjuncção *nem*, ao menos com as orações do modo finito, pela regra absoluta da próclise com as negativas, essa propriedade falta ao adverbio *sem*, com o qual é tão correntemente vernacula quanto a anteposição a posposição dos pronomes complementos". (224).

Eu não disse, como insinua o Dr. Ruy, que "a anteposição do pronome ao infinitivo, precedido immediatamente da conjuncção *nem, se costuma usar*, quando a este infinitivo precede outro, regido pela preposição *sem*".

O que eu disse foi:

"Essa anteposição do pronome ao infinitivo, precedido immediatamente da conjuncção *nem, dá-se, de ordinario*, quando a este infinitivo precede outro, regido pela preposição *sem*". (225)

Neste ponto transcreveo o Dr. Ruy Barbosa todo o periodo, por mim escripto nas *Ligeiras Observações*, trocando, não sei a que fim, a minha phrase *dá-se de ordinario* na sua "*se costuma usar*".

---

(224) — *Replica*. § 57 — 240.
(225) — *Ligeiras Observações*. Pg. 68.

Ora, dizer que tal construcção *se dá de ordinario* no portuguez, quando concorrem taes e taes circumstancias, não vale o mesmo que dizer que tal construcção *se costuma usar*, quando etc.

Poderá o Dr. Ruy julgar de identico sentido as duas phrases: *dá-se de ordinario* e *se costuma usar*: nós é que não as reputamos taes; nem desejamos se nos attribua aquillo que não escrevemos.

Assim como se não pode negar a relação que ha entre a preposição *sem* e a conjuncção *nem*, nas locuções *sem eira nem beira*, *sem tom nem som*, *sem rei nem roque*, *sem cruz nem cunho*, *sem bulha nem matinada*, *sem tir-te nem guar-te*, assim tambem é innegavel a relação entre duas orações infinitivas, regidas a primeira pela preposição *sem*, a segunda, por *nem*.

O simples enunciado das duas orações claramente nos induz a esse nexo, que prende e reune num só todo as partes, que só apparentemente se separam.

Na locução *sem tirar nem pôr*, como negar a relação entre os dois elementos connectivos *sem e nem*, que aproximam e conglobam num só pensamento as ideias contidas em cada uma das orações infinitivas, que só a analyse grammatical separa e discrimina, considerando-as uma a uma?

A conjuncção *nem* não nos está, por outra parte, a indicar uma correlação, insita á sua natureza mesma, com um elemento grammatical negativo, expresso ou subentendido?

Que muito é, pois, que, postas em contacto duas orações infinitivas, influa uma na constituição syntactica da outra, quando a ligação que prende esta áquella é exprimida pela conjuncção *nem*, que synthetiza os dois elementos *e* e *não*, *e* e *sem?*

A proclise pronominal com o infinitivo, precedido immediatamente de *nem*, isto é, sem ellipse alguma de preposição intermediaria, dá-se, disse eu, de ordinario, quando é esse infinitivo precedido de outro, regido pela preposição *sem*.

Isso disse e repito, fundando-me na lição dos bons modelos de nossa linguagem.

Não é invenção minha: é uma illação que assenta no uso dos escriptores, havidos por modelos do escrever.

Se, dando de rosto á observação, se ativesse o grammatico a dizer somente os que todos dizem, a seguir *more pecudum* a trilha corriqueira e sediça, que todos batem, poria eterno travão á sciencia grammatical, que não prescinde do auxilio dos bons escriptores, dos homens de genio, que *refazem as lingoas, as aquecem em sua fornalha, as forjam em sua bigorna*, e em cujo dizer a grammatica firma e assenta com seguridade suas regras e preceitos.

Reflectisse bem o Dr. Ruy Barbosa, attentasse bem no que eu disse com relação a este ponto, e estou que não seria tão iniquo como foi.

Em o numero 241 de sua *Replica*, depois de citar tres exemplos em que, intervindo o *nem* antes do infinitivo, se lhe pospõe a variação pronominal, sendo regida pela preposição *sem* a oração do infinitivo anterior, enuncia-se nestes termos o Dr. Ruy Barbosa:

"Nestes tres exemplos, apezar do *sem* que rege o verbo na primeira oração do infinitivo, o pronome regimen, na segunda, está posposto.

"A formula do professor Carneiro é, por conseguinte, inexacta. O *sem* da primeira oração do infinitivo não obriga á anteposição as encliticas pronominaes da oração subsequente".

Mas onde, nas *Ligeiras Observações*, achou o Dr. Ruy essa formula, que me attribue e de que me argúe?

Eu não disse que, no caso de que se trata, *o sem da primeira oração obrigava á anteposição as variações pronominaes que acompanham a oração subsequente*, o que affirmei, como já atraz mais de uma vez o disse, foi textualmente o seguinte:

"*Essa anteposição do pronome ao infinitivo, precedido immediatamente da conjuncção* NEM, *dá-se,* DE ORDINARIO, *quando a este infinitivo precede outro, regido pela preposição* SEM".

Ninguem sensatamente identificará os dois modos de expressão, nem os pensamentos que elles envolvem.

Não lance o Dr. Ruy á minha conta o que não escrevi.

Os tres exemplos, que apresenta, não estam desaccordo com a regra por mim formulada, como mais ao diante mostrarei.

Ainda explanando o mesmo assumpto, diz o esforçado critico em o n. 242:

"Não é exacto, que, em face do uso clasico, o *nem*, adverbio, ou conjuncção, exija, nas orações do verbo no infinitivo, a posição enclitica do complemento. Em conjuncturas taes o *exemplo dos bons escriptores autoriza por igual a posterioridade, ou a anterioridade, na situação do pronome objecto para com o verbo*".

No final, porem, do numero 238 da mesma *Replica*, são estes os termos, de que usa:

"O certo é, porem, que, das duas, a mais autorizada, a mais corrente, a mais classica é a antepositiva, é a proclitica, é a adoptada por mim e contestada pelo mestre".

De modo que, fallando do infinitivo precedido do *nem*, aqui, em o numero 238, affirma o Dr. Ruy que *das duas formas, a mais autorizada, a mais corrente, a mais classica é a antepositiva, a proclitica;* alli, em o numero 242, diz que o *exemplo dos bons escriptores autoriza por igual a posterioridade, ou a anterioridade, na situação do pronome objecto para com o verbo.*

Se o exemplo dos bons escriptores autoriza *por igual* a posterioridade ou anterioridade do pronome, segundo se exprime, já não pode, das duas formas de collocação pronominal, ser uma, a antepositiva, a que elle adopta, a mais autorizada, nem a mais classica, se ambas o são por igual, segundo o uso dos bons escriptores.

O que, com seguro e desenganado entono, o illustre escriptor sustenta em o numero 238 de sua *Replica*, desafina, pois, de todo em todo, com o que escreve em o numero 242: não se podem conciliar os pensamentos contidos nos dois trechos.

* * *

Para justificar a construcção da phrase — "não podendo, sem consentimento dos outros, reproduzil-a *nem lhe autorizar* a reproducção", de que usou o Dr. Ruy, emendando o art. 658 do *Projecto*, apresenta varios exemplos, que passamos a estudar.

Os tres primeiros, colhidos dos *Sermões* do Padre Antonio Vieira, são assim enunciados:

"Aberta com peso por todas as costuras, incapaz de fugir, *nem se defender*".
(*Sermões*. Vol. I. Pg. 39).

"E quantos filhos que por não desagradarem aos paes, *nem se apartarem* delles, deixam a Deos, e servem ao mundo?"
(Ibid. Vol. IV. Pg. 171).

"E não se desdizer, *nem se retractar* jamais".
(Ibid. Vol. V. Pg. 160).

No primeiro destes exemplos não é realmente o *nem* que precede immediatamente ao infinitivo; é aqui manifesta a ellipse da preposição *de*, que, expressa antes do primeiro infinitivo *fugir*, se subentende antes do segundo *defender*, ficando grammaticalmente constituida assim a phrase:

"Aberta com o peso por todas as costuras, incapaz de fugir, *nem de se defender*".

Ora, depois de uma preposição, regendo um infinitivo, o pronome complemento é proclitico ou enclitico, dando os classicos preferencia á primeira destas duas construcções.

No segundo passo de Vieira nota-se igualmente a ellipse da preposição *por*.

'E quantos filhos que por não desagradarem aos paes, *nem se apartarem* delles, deixam a Deos e servem ao mundo?" Isto é, "e quantos filhos que por não desagradarem aos paes, *nem por se apartarem* etc".

No terceiro exemplo — "e não se desdizer, *nem se retractar* jamais", nenhuma ellipse ha: as duas orações infinitivas são ligadas entre si pela conjuncção *nem*.

Neste ultimo caso, a construcção proclitica é a de que se valem mais usualmente os nossos escriptores.

E' o que succede de ordinario, quando é a primeira infinitiva regida pela preposição *sem*, ligando-se-lhe a segunda pela conjuncção *nem*, sem ellipse alguma, do que são testemunhas os muitos exemplos, que já atraz apontamos.

Nesses tres lugares o classico portuguez não vem em auxilio da construcção do Dr. Ruy, na phrase de sua emenda — "não podendo, sem consentimento dos outros, reproduzil-a *nem lhe autorizar* a reproducção", onde evidentemente se vê que, depois do *nem*, que liga a segunda á primeira oração infinitiva, se subentende a mesma forma verbal *podendo*, expressa na primeira — *não podendo*, sem consentimento dos outros, reproduzil-a *nem podendo* autorizar-lhe a reproducção".

Os exemplos de Duarte Nunes de Lião tambem não favorecem a construcção da emenda.

São seis os passos deste escriptor, que ao Dr. Ruy Barbosa parece justificam sua emenda. Vejamol-os:

"Mas não sabiam de que genero, *nem lhes podiam soccorrer*".
(*Chron. d'el-rei D. João o 1.º* Cap. 33. Pg. 129).

Este lugar de Duarte Nunes não faz ao caso, de que tratamos aqui. Neste exemplo a conjuncção *nem* não liga duas infinitivas, senão as duas orações do modo definito — *não sabiam, nem lhes podiam.*

"Não por odio, que ao Mestre tivessem, *nem* por *lhes* (*) parecer que não era elle digno de maiores reinos".
(Id. Cap. 46. Pg. 185).

Neste segundo exemplo ao *nem* não segue immediatamente o infinitivo, senão a preposição *por*, expressa, caso em que se pode em-

(*) Na 2.ª ed. lemos "lhe".

pregar uma ou outra construcção, preferindo os classicos, como já o dissemos, o emprego da proclise.

O terceiro exemplo, citado pelo Dr. Ruy, é assim redigido:

"Deixarem todos os ritos gentilicos, como é cantar janeiras... *nem se carpirem* sobre finados, *nem se depennarem* cabellos sobre elles".
(Ibid. Cap. 60. Pg. 265).

Se transcrevermos toda a passagem de Duarte Nunes de Lião, veremos, desde logo, que aos verbos *carpirem, depennarem* precede a preposição *de*, elliptica antes dessas formas verbaes e expressa anteriormente.

Eis a passagem, a que nos referimos:

"Fizeram votos, promettendo a Deos *de* os guardarem para sempre, e *de* nunca mais usarem de superstições, feitiços, encantamentos, invocações de demonios e sortes; e *de* deixarem todos os ritos gentilicos, como é cantar janeiras, fazer maias, e outras festas em outros mezes, *nem* (DE) *se carpirem* sobre finados, *nem* (DE) *se depennarem* cabellos sobre elles, como até então se faziam".

Vê-se, pois, que, entre o *nem* e as formas infinitivas *carpirem, depennarem*, se subentende a preposição DE, que rege grammaticalmente essas formas verbaes, e que vem expressa anteriormente, regendo os infinitivos *guardarem, usarem, deixarem.*

"Não tinha tempo para se aperceber, *nem* para *se valer* de seos inimigos".
(Ibid. Cap. 90. Pg. 439).

Neste ponto de Duarte Nunes de Lião, citado pelo Dr. Ruy Barbosa, vem, como no segundo exemplo, expressa a preposição *para* antes do infinitivo.

Estam no mesmo caso os dois lanços seguintes, do mesmo escriptor, apontados pelo autor da *Replica*:

"Não se espantou de ver o infante D. Pedro como foi, *nem* de *lhe ouvir* o que lhe disse".
(*Chron. d'el-rei D. Affonso V.* Cap. 6.º Pg. 115).

"Ninguem ousava de se vir a ella, *nem* de *a servir*".
(Ibid. Cap. 9.º Pg. 130).

Num e noutro exemplo, vem clara a preposição *de*, regendo, no primeiro, a oração infinitiva, constituida pelo verbo *ouvir;* no segundo, a infinitiva, formada pelo verbo *servir*, sem conseguintemente applicação adequada ao caso, de que se trata.

De Fernão Lopes extrae o Dr. Ruy os seguintes excerptos:

"Não lhes entendo tomar seos officios, *nem lhes dar* outros".
(*Chron. d'el-rei D. Fernando*. Cap. 174).

"Não o queria o conde ver, *nem lhe fallar*".
(Ibid. Cap. 162).

Esses favorecem, sim, a construcção proclitica, de que fez uso o Dr. Ruy Barbosa.

Mas Fernão Lopes, chronista do seculo 15, escreveo as *Chronicas de D. Pedro o* 1.º, *de D. Fernando* e parte da *Chronica de D. João o* 1.º, em uma linguagem que nessa epocha ainda não havia recebido a correcção e polimento, que distingue os escriptos dos quinhentistas.

Do *Leal Conselheiro* de D. Duarte cita o Dr. Ruy os exemplos seguintes:

"Aos outros bem penso que *nom* muito lhees praza de o ler, *nem* de o *ouvir*".
(D. Duarte: *Leal Conselheiro*. Pg. 8).

Neste exemplo não precede o *nem* immediatamente á oração infinitiva, senão que esta é regida da preposição *de*.

"E se gloriam em esta voõtade carnal nom nos contrariar, *nem lhe nembrar* algua cousa do que desejam".
(Ibid. Pg. 27).

Aqui as duas orações infinitivas se ligam uma á outra pela connectiva *nem*, sem haver ellipse alguma entre esta e o infinitivo.

Neste caso é entre os classicos mais frequente a proclise.

"Nom saber, *nem se lembrar*".
(Ibid. Pg. 166).

"Nom no temer, *nem o amar*".
(Ibid. Pg. 359).

Nestes dois exemplos, como no precedente, as duas orações infinitivas ligam-se immediatamente.

Passa outrotanto com as phrases seguintes do mesmo escriptor:

"Nom se doer, nom se fazer prestes para receber a sua graça, nom husar da graça recebida, *nem* ainda *a conservar, nem se converter*".
(Ibid.).

"Nom presumyr de seos merecymentos, *nem se levantar* per soberba".
(Ibid. Pg. 412).

"Nunca requerer cousas injustas ou torpes, *nem as fazer*, posto que requeridas sejam".

(Ibid. Pg. 474).

Na primeira dessas phrases ha ligação immediata entre as infinitivas *nom usar* e as duas seguintes: *nem ainda a conservar, nem se converter;* na segunda occorre o mesmo entre as infinitivas: *nom presumir* e *nem se levantar;* na terceira o *nem* liga as infinitivas: *nunca requerer coisas injustas ou torpes* e *nem as fazer.*

"Nunca destas cousas he muyto de curar, *nem lhe filhar* grande afeiçom".

(Ibid. Pg. 351).

Nesta phrase do *Leal Conselheiro* de D. Duarte é manifesta a ellipse, entre a conjuncção *nem* e o infinitivo, da preposição *de*, que rege o primeiro infinitivo *curar.*

"Ouvindo bem as partes com delivrado conselho se deve acordar o que convem de fazer; e bem acordado *nem o mudar* por medo, empacho, avareza ou voõtade nom razoada".

(Ibid. Pg. 14).

Neste lugar de D. Duarte o *nem* está empregado em vez de *não*, e nenhuma extranheza podera causar a phrase seguinte: "e bem accordado *não* o mudar por medo, empacho, avareza ou vontade não razoada".

Não é raro entre os nossos escriptores o emprego da conjuncção *nem*, já com a significação do adverbio *não*, como no exemplo a que nos referimos, já significando o mesmo que a disjunctiva *ou.*

Assim é que disse Duarte Nunes de Lião:

"Ficando aquella façanha julgada mais por de homem vão e temerario, que esforçado, *nem* prudente".

(*Chron. d'el-rei D. Fernando.* Pg. 250).

E como Duarte Nunes, assim escreveo o Padre A. Vieira:

"Melhor é... morrer na guerra, que viver e ter vida *nem* vista para ver os males e calamidades da patria, e as affrontas e abatimentos da nossa nação".

(*Sermões.* T. 14. Pg. 57).

"Esta mesma pergunta ou admiração é o maior encarecimento, que se pode dizer, *nem* imaginar".

(Ibid. T. 15. Pg. 34).

"O mais perfeito amor, que ha *nem* pode haver, é o das tres pessoas divinas". (Ibid. T. 6.º Pg. 349).

Dos exemplos do *Leal Conselheiro*, os que aproveitam apenas ao Dr. Ruy Barbosa são os seguintes:

"Nunca per conselho de fisicos ou doutra pessoa, nem desejo que aja, queyra fazer pecado, *nem se vezar* a maao custume". (Pg. 124).

Os escriptores posteriores ao seculo 15, dos chronistas portuguezes, diriam aqui: "nunca por conselho... queira fazer peccado *nem vezar-se* a máo costume". O *nem* não precede senão apparentemente ao infinitivo, mas liga a forma verbal *queira*, expressa antes do primeiro infinitivo, ao *queria*, que se subentende antes do segundo.

"Pois as cousas som todas sojeitas aa fortuna, a que val prudencia, *nem* discretamente *se governar* em nossos feytos?" (Pg. 312).

Os quinhentistas, seiscentistas diriam: "a que vae prudencia, *nem* discretamente *governar-se* em nossos feitos?"

"Tal maneira nom se pode beem teer com todos Senhores, *nem se guardar* em todos amysades". (Pg. 473).

Neste caso é a construcção enclitica do pronome a preferida, dos escriptores do seculo 16 por diante. O exemplo de D. Duarte seria assim construido: "tal maneira não se pode ter com todos os Senhores, *nem guardar-se* em todos amizades".

"Nom veze poer emprasto no estamago, *nem o trazer* sobejo coberto". (Pg. 485).

Não era essa a syntaxe dos escriptores, que com mais pureza e perfeição se exprimiam em linguagem portugueza: diriam, em tal caso, pospondo o pronome complemento, no segundo membro da phrase: "não veze pôr emplastro no estomago, *nem trazel-o* sobejo coberto".

E' evidente depois do *nem* a ellipse do verbo *veze*, claro na primeira oração. Não são os dois infinitivos que se ligam pela conjuncção *nem*, senão o verbo *veze*, do modo definito, com o mesmo verbo, subentendido no segundo membro da phrase.

"Deve seer muyto guardado do vento e do ar, *nem se desabotoar* em casa muyto fria". (Pg. 486).

Ha ellipse do verbo *deve*, subentendido depois do *nem*,

E' uso invariavel entre os nossos escriptores, em taes casos, a posposição pronominal, dizendo-se assim: "deve ser muito guardado do vento e do ar, *nem desabotoar-se* em casa muito fria", isto é, "*nem deve desabotoar-se* em casa muito fria".

Corre o mesmo com o exemplo seguinte do mesmo escriptor:

"De todos nom devemos confiar, *nem lhe filhar* seos ditos e feytos na mylhor parte". (Pg. 258);

onde, subentendido depois do *nem* o verbo *devemos*, que precede o primeiro infinitivo, costumam dizer os nossos bons escriptores: "não devemos confiar, *nem* (devemos) *filhar-lhe* seos ditos e feitos na melhor parte".

Apresenta ainda o Dr. Ruy as duas passagens seguintes:

"E assim tenha por costume ordinario, não começar coisa alguma, *nem se determinar* em coisa nova que lhe succeda, sem primiero se encommendar".

(Fr. Thomé de Jesus. *Trabalhos de Jesus*. Vol. 1. Pg. 12).

Neste exemplo o *nem* liga as duas orações infinitivas *começar* e *determinar*, sendo communissimo o uso da anteposição do pronome ao infinito.

"Não presumir de si... *nem se antepor* a nenhuma pessoa".

(Ibid. Pg. 22).

E' este exemplo de Fr. Thomé de Jesus em tudo analogo ao primeiro do mesmo escriptor.

As duas orações, constituidas pelas formas verbaes *presumir* e *antepor*, ligam-se uma á outra, sem ser mister subentender-se palavra alguma antes do segundo infinitivo.

Não admira, pois, usasse o escriptor a construcção em taes casos preferida.

Cita finalmente o Dr. Ruy o seguinte lugar de Jacinto Freire:

"Por não estarem em lingoa conhecida, *nem se formarem* com clausulas atadas".

(*Vida de D. João Castro*. I. n. 57).

Neste passo de Jacinto Freire é o segundo infinitivo — *informarem*, regido da preposição *por*, que rege o primeiro, sendo nestas circumstancias, como já o dissemos, frequentissimo entre os classicos o emprego da anteposição pronominal ao infinitivo, bem que não seja raro se encontre um ou outro caso de posposição.

Como Jacinto Freire, escreveo Duarte Nunes de Lião (*Chron. d'el-rei D. Affonso o* 5.º Cap. 11. Pg. 146):

"E prometteo de haver sempre por bom seo regimento, e de não seguir mais a rainha, *nem a servir,* senão naquillo, em que os mesmos infantes a servirem";

onde antes do infinitivo *servir* se subentende a preposição *de,* clara antes das formas verbaes infinitivas anteriores — *haver* e *seguir.*

* * *

E' notavel que, para justificar a construcção antepositiva do pronome com o *nem,* que precede immediatamente a um infinitivo, se valesse o Dr. Ruy Barbosa de um exemplo de Jacinto Freire, tres do Padre A. Vieira, dois de Fr. Thomé de Jesus, seis de Duarte Nunes de Lião, os quaes lhe não são favoraveis. Sua syntaxe encontra apenas defesa nos dois exemplos de Fernão Lopes, e, dos quinze lugares citados de D. Duarte, só o favorecem os seis exemplos, a que já alludimos.

Tratando-se, porem, da correcção grammatical de uma lingoa, não se deve partir de suas primeiras epochas, ainda incultas e rudes, senão de seo periodo de mais elegancia e polimento, de seo periodo verdadeiramente classico.

O escriptor portuguez ou brasileiro, no seculo que corre, não se deve inspirar nas construcções dos chronistas do seculo 15, tomando-os sempre como modelos no tecer o discurso, tendo em menos conta os exemplares dos seculos em que mais se foi apurando o escrever; como nenhum escriptor francez haveria hoje as chronicas de Villehardouin, de Joinville e Froissard, por mais respeitaveis que sejam como monumentos historicos, pelos mais seguros padrões, por onde aquilatar a correcção syntactica da lingoa franceza, menosprezando os escriptores de mais tomo, que floresceram no seculo 17, idade de oiro dessa lingoa.

D. Duarte. XI rei de Portugal, nasceu em 1391 e falleceo em 1438. O *Leal Conselheiro* não vio a luz da publicidade senão em 1842, mais de quaro seculos depois da morte de seo autor. (226)

A lingoa em que foi escripta esta obra de D. Duarte, embora se distancie já visivelmente da linguagem poetica, cheia de resaibos castelhanos, diz A. Loiseau, (227) é ainda rude; seos factos ainda se

(226) — Vide *Dicc. Bibliographico Portuguez* de Innoc. da Silva. T. 2.º Pg. 203.

(227) — *Histoire de la Littérature Portugaise.* Pg. 76.

não tinham submetido á disciplina grammatical, porque só em 1536 apparece a primeira grammatica de Fernão Oliveira, que é seguida pela de João de Barros.

Fernão Lopes, o patriarcha dos historiadores portuguezes, como o appellidam, pertence ao mesmo seculo em que floresceo D. Duarte.

Foi o primeiro que na Europa teve as verdadeiras qualidades do historiador: a independencia do caracter, a autoridade do juizo, a imparcialidade e a franqueza. (228)

"Se em tempos modernos e mais civilizados houvera vivido e escripto", diz A. Herculano, referindo-se a este celebre chronista, "não teriamos por certo que invejar ás outras nações nenhum dos seos historiadores".

"Nas chronicas de Fernão Lopes não ha só historia, ha poesia e drama; ha a idade media com sua fé, seo enthusiasmo e seo amor". (229)

Mas, apezar de todos os meritos que se lhe possam attribuir, como o escriptor de mais renome do seculo 15, com lhe ter o notavel critico Francisco Dias Gomes chamado o pae da prosa portugueza, a lingoa de que se servio Fernão Lopes em suas chronicas, se era adaptada a pintar com vivacidade, brilho, vigor e fidelidade os caracteres, a que sua ardente imaginação dava um realce verdadeiramente dramatico, ainda não havia, comtudo, adquirido as qualidades do idioma, em que escreveram Barros, Fr. Thomé de Jesus, Fr. Luiz de Souza, Vieira, Manoel Bernardes e em que illustraram seus nomes e tanto jus fizeram á veneração dos posteros os Castilhos, os Herculanos e os Latinos Coelhos.

Na sua *Introducção á Chronica do Descobrimento da Conquista de Guiné de* Gomes Eannes de Azurara, assim escreve o Visconde de Santarem, fallando do estylo de Azurara:

"Pelo que respeita ao estylo do A., diremos que Damião de Góes o reprova, emquanto que o grande historiador Barros, por certo melhor autoridade, o louva e approva. Como quer que seja, o leitor julgará por si mesmo do estylo, em nosso entender, admiravel dos capitulos II e VI, em um A. *que escreveo um seculo antes do nosso primeiro classico*".

Azurara pertence ao mesmo seculo em que floresceram o autor do *Leal Conselheiro* e o chronista Fernão Lopes; todos estes escriptores viveram, portanto, em um seculo anterior ao periodo classico de nossa lingoa. Referindo-se á edição de 1644 de uma das *Chronicas*

(228) —*Ibid.* Pg. 77.

(229) — Alex. Herc. Vide *Dicc. Bibliogr.* de Innoc. da Silva. T. 2.º Pg. 283.

de Fernão Lopes, assim se exprime Innocencio F. da Silva, em seu *Diccionario Bibliographico* (T. 2.º Pg. 283):

"Nada iguala a incuria e desleixo com que foi feita esta edição. Os que por observação propria não tiverem conhecimento das faltas, transposições de periodos e erros de toda a especie em que ella abunda, podem ler o que se diz a este respeito na *Revista Litteraria do Porto*, tomo IX, pg. 426. "É muito para lastimar (diz o illustre editor da *Anti-Catastrophe* no prologo respectivo) o ver esta *Chronica* tão estropeada como anda impressa, e julgamos que a Academia, antes de ter publicado muitos livros antigos de bem fraco merecimento, nos deveria ter livrado da vergonha de uma tal edição".

Como acabamos de ver, dos exemplos citados pelo Dr. Ruy Barbosa, para justificar a phrase que impugnamos, um só não ha, entre os escriptores do periodo classico da lingoa, em que se ella ampare e estribe.

O exemplo de Jacinto Freire, os tres exemplos do Padre Vieira, os seis de Duarte Nunes de Lião não a defendem.

Só, nos dois exemplos de Fernão Lopes e em seis do *Leal Conselheiro* de D. Duarte, poderá achar defesa e apoio.

Entretanto a phrase que sustentamos encontra decidido arrimo em phrases analogas dos mais afamados zeladores da palavra escripta, desde os primeiros classicos do seculo 16 até os nossos tempos, como o leitor já vio do grande numero de exemplos, atraz apontados.

E diz o Dr. Ruy que das duas formas, a mais autorizada, a mais corrente, a mais classica é a antepositiva, é a adoptada por elle e contestada por mim!

Na lição attenta dos melhores dos nossos escriptores, encontra esse modo de pensar do Dr. Ruy Barbosa o mais categorico e solemne desmentido.

* * *

Falando da anteposição pronominal ao infinitivo precedido do *nem*, disse, em minhas *Ligeiras Observações*, e mais de uma vez o tenho affirmado aqui, que essa proclise pronominal se dava de ordinario, quando a esse infinitivo precedia immediatamente outro, regido pela preposição *sem*.

A isso, que, não sei porque, julga attentar contra o senso commum, o Dr. Ruy objecta, dizendo que nesses casos o pronome se põe antes ou depois, e apresenta os seguintes exemplos, em que considera bem assente a sua opinião:

"O que se refere dos Sarmatas... que *sem* dar penso, ou ração aos cavallos, *nem apear-se* delles, andam de uma jornada cento e cincoenta mil passos".

(M. Bern.: *Nova Flor.*, v. IV. Pg. 266).

"*Sem saber* tomar postos, *nem retel-os*".
(Filinto: *Obr.*, v. XXII. Pg. 144).

"Vem elle, põe-se no trato *sem se* mover, *nem defender-se*".
(Jorge Ferr.: *Enfr.*, v. 5.º Ed. de 1786. Pg. 306).

Mas, da redacção que dei ao meo pensamento, ninguem, ninguem tirará a conclusão que tirou o alumiado escriptor da *Replica*: quem diz que um facto se dá de ordinario, não nega a existencia de um ou outro facto que contravenha ao que se affirma. O que eu quiz significar com aquella locução *de ordinario* foi que o que é de uso mais geral, o que é pelo commum empregado pelos bons escriptores, o que o mais das vezes se nota, o que ordinariamente se dá, no caso que figurei, é a anteposição pronominal.

Este é o facto, e contra factos não valem argumentos; isso é o que se observa; é o que nos estam a ensinar o uso e a lição dos que melhor escrevem.

Os exemplos em contrario, quando confrontados com os muitos que se lhes oppõem, vêm em apoio da formula que enunciei, e que o Dr. Ruy Barbosa leve e infundadamente reputa um attentado contra o senso commum.

Em alguns destes modos de dizer, o *nem só* apparentemente precede ao infinitivo, sendo esta forma verbal realmente precedida de um verbo, já antes expresso.

Tal é o passo de Filinto, citado pelo Dr. Ruy, de que fallamos ha pouco, onde subentendendo-se o verbo *saber*, antes do seguinte infinitivo, fica assim composta a phrase: "*Sem* saber tomar postos, *nem* SABER *retel-os*".

Tal ainda o seguinte de Francisco de Moraes (*Palmeirim.* Part. 2.ª Cap. 72. Pg. 487): "Sem *querer* curar de suas feridas *nem lembrar-lhe* o risco", onde é o segundo infinitivo *lembrar* precedido do verbo *querer*, que o rege e que se subentende.

* * *

Antes de cerrarmos este capitulo, e ainda a proposito da collocação dos pronomes, empregados como complementos, seja-nos licito tornar patente um engano do Dr. Ruy Barbosa, que, inspirando-se mal em dois escriptores, mencionados na sua *Replica*, no paragrapho 55, numero 228, attribue falsamente a Alexandre Herculano uma construcção portugueza, de que este nunca usou, em nenhuma das obras que sahiram de sua penna primorosa.

Não possuimos as obras de Galhardo e Raggio Nobrega, mas podemos assegurar que o trecho por elles citado, e que se lança á

conta de A. Herculano, não o redigio assim o grande escriptor portuguez: nunca escreveo tal coisa o elegante autor das *Lendas e Narrativas;* é de todo falso que tivesse escripto a phrase "*não acha-se?*", por que o fazem responsavel aquelles grammaticos e á sombra delles o autor da *Replica.*

Vejamos o que diz o Dr. Ruy:

"Outro preceito por todos os grammaticos indigitado, neste assumpto, como, absoluto é o da próclise nas orações negativas. Vieira, comtudo, escreveo: "Vio que *não conservando-se*". (*Serm.* Vol. VI, Pg. 108). Antes delle escrevia D. Duarte: "*Nom amando-as*". (*Leal Conselheiro.* Pg. 427). Modernamente A. Herculano: "*Não acha-se* nisto um typo de cubiça e avareza?". (*Apud.* Galhardo, *op. cit.* Pg. 5). "*Não acha-se* nisto um pensamento enganoso?" (*Apud.* Nobrega. *Estudos de Portuguez.* Pg. 112). E Filinto Elysio: "Aventura-se a si, por *não expol-o*". (*Obra* Vol. XI, Pg. 71)".

Eis em sua integra o trecho em que se argúe A. Herculano daquella incorrecta construcção:

"O inglez pronuncia com os dentes cerrados, como se temesse que essas palavras — oiriços lhe fizessem, ao perpassarem, os labios em sangue.

"NÃO ACHAES *nisto um typo de cubiça e avareza? Um pensamento enganoso?*

"O algodão tecido á sorrelfa com a lã?

"Não descobris lá o pensamento do tratado de Methuen ou do desembarque de Quiberon"?

(*Lendas e Narrativas.* T .2.º Pg. 295).

Onde a phrase *não acha-se?*, citada pelos dois grammaticos e, por estes e pelo Dr. Ruy Barbosa, attribuida ao escriptor portuguez?

Como se vê do trecho transcripto, o que disse Herculano foi: "*Não achaes* nisto um typo de cubiça e avareza? Um pensamento enganoso?"

Quanto aos exemplos de Vieira, de D. Duarte e Filinto Elysio, citados pelo Dr. Ruy Barbosa, bem que menos usada a enclise pronominal em casos analogos, não é raro encontrar, em escriptores de boa nota, exemplos dessa posposição, quando não é o modo definito de que se trata, senão o indefinito (*indefinitivo, participio presente*).

No infinitivo e no participio presente, precedidos do *não*, ou ainda do adjectivo conjunctivo *que*, deparam-se-nos casos de enclise, embora, usado o verbo no modo definito, entre, em taes circumstancias, nos habitos do nosso idioma o uso da proclise.

Do adverbio *não* precedendo ao infinitivo e ao participio presente, e do adjectivo *que* antes do infinitivo com a posposição do

pronome complemento, já apontamos exemplos noutros lugares deste nosso trabalho.

Da enclise pronominal com o *que*, *qual*, precedendo ao mesmo participio, são exemplos os seguintes lances de Duarte Nunes de Lião e Luiz de Souza:

"*O que sendo-lhe* assim notificado, disse...".
(*Vida d'el-rei D. Affonso o* 5.º Pg. 124).

"*O que negociando-se* com todas as seguranças, para se fazer a entrega de parte a parte, o corpo veio em uma caixa de duas chaves".
(Ibid. Pg. 306).

"*Do que queixando-se* o duque a el-rei, elle sahio a cavallo á pressa agastado".
(*Chron. d'el-rei D. João o* 1.º Pg. 316).

"*Do qual querendo-se valer* comode amigo...".
(*Annaes.* Pg. 129).

Disse, porem, Damião de Góes, empregando a proclise pronominal:

"*Do que, se tendo* por affrontado, por se não achar no feito, tomou mal o recado".
(*Chron. de D. Manoel.* 4.ª Part. Cap. 13. Pg. 417).

Se não é o participio presente de que se trata, mas o participio passado, entrando com qualquer auxiliar na formação de linguagem composta, nunca se lhe pospõe a variação pronominal.

Os exemplos de Filinto Elysio, citados pelo Dr. Ruy, (230) e por este levados á conta de exigencias do metro, são antes um desvio do bom uso, o qual se não deve imitar.

E a prova, que não foi a necessidade do rythmo que levou o escriptor portuguez áquellas construcções, é encontrarem-se nos seos escriptos em prosa exemplos das construcções viciosas, a que nos referimos.

Assim é que se lhe notam em prosa os seguintes passos:

"Tinha eu feito o retrato de meo amigo, e *mettido-o* numa bocetinha, que nunca larguei de mim".
(Filinto. *Obras.* T. 10. Pg. 205).

"Tinha d'Olmancé *trazido-me* ja o meo sustento nesse dia".
(Id. Ibid. Pg. 210).

---

(230) — "O veado não chorou. Que tinha a rainha
Enganado-lhe a esposa, o filho... A morte
Lhe secca o pranto, e o vinga". (Filinto. *Obr.*, v. XIII, p. 66).
"Um dia, que o Deos Jupiter,
Se achando com pachorra" (*Obr.*, v. IX, p. 113).

"E *se adiantando* para onde o Moiro o aguardava, tomou uma das lanças".
(Id. Ibid. T. 9.º Pg. 208).

Pospondo assim o pronome ao participio passado, usa Filinto de uma syntaxe que ainda não vimos empregada por escriptor algum vernaculo, senão uma vez por Bernardo de Brito, que nos offerece o especimen abaixo transcripto em nota. (231).

O mesmo occorre com a syntaxe singular, de que mui frequentemente se vale, em construcções em que figura o adjectivo conjunctivo *cujo*, syntaxe que, pensamos, não será para imitar.

Cujo, cuja vale o mesmo que *de quem, de que, do qual* e concorda com a coisa possuida, e não com o possuidor. Comprehende-se bem este adjectivo em phrases como as seguintes:

"Seo filho sou. Por Deos, *cujo* sou servo,
Vos mando, que haja paz.....".
(Filinto. *Obras*. T. 2.º Pg. 22).

"O poeta lyrico italiano, *cujo* sou interprete".
(A. Cast. *O Outono*. Pg. 74).

"Sendo a memoria rapida como o pensamento, *cuja* ella se faz traductora".
(Id. *A Noite do Castello*. Pg. 140).

"Viam-se chegar todos os dias os parentes de Oppas e, por isso, de Witiza, *cujo* irmão este era".
(A. Herc. *Eurico*. Pg. 81).

"'O sangue que ha de correr será dos (*) vossos vassallos e dos peões, *cujo* principe sois".
(Id. *O Bôbo*. Pg. 215).

E ainda, bem que mais raramente hoje, em phrases interrogativas, como as seguintes de A. Herculano e Vieira:

"E *cuja* foi esta misericordia, que coroou a David victorioso"?
(Vieira. *Serm*. T. 3.º Pg. 127).

"*Cuja* é esta caveira"?
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 216).

"*Cujas* serão estas tyrannias, senão dos que eu vou fallando?"
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 271).

---

(231) Depois de ter sacrificado aos Deoses e *dado-lhe* graças pela victoria. (*Mon. Lusit.* 1.ª Parte. Liv. 3.º Cap. 27. Pg. 397).

(*) Na 2.ª ed. lemos "*de*" e não *dos*.

"E *cujo* é esse nome?"
(A. Herc. *O Bôbo*. Pg. 185).

Mas, empregar o adjectivo *cujo*, que tem o mesmo valor que *de quem, do qual, da qual, de que*, em lugar de * *qual, quem* ou *que* sem preposição, como nas locuções: "um general *cujo* eu admiro", "um homem *cujo* eu vi no theatro", ou faze-lo consequente de preposição outra, que não a que comsigo leva implicita, como na phrase: "em todas estas sepulturas e moimentos ricos dos donos, de *cujas foram*", (232) não nos parece para imitar.

E', todavia, o que se nota nos seguintes lugares de Filinto:

"A suave satisfação de fazer bem, de *cuja* nunca elle soube avaliar o preço".
(Filinto. *Obras*. T. 10. Pg. 227).

"*Cuja* encontrou já fóra de todo o perigo".
(Id. Ibid. Pg. 355).

"O unico pezar que o consumia era a perda de um sobretudo, de *cujo* o tinham os marinheiros despojado".
(Id. Ibid. Pg. 236).

"Só o commendador, a *cujo* ella tinha tanto respeito como veneração, lhe fazia algumas visitas".
(Id. Ibid. Pg. 257).

"*Cujo* morreo de paixão da morte de minha mãe".
(Id. Ibid. Pg. 263).

"E me tornasse ao estado de *cujo* me arrebatara".
(Id. Ibid. Pg. 273).

"Fez-me o mais lisongeiro cumprimento, a *cujo* respondi friamente".
(Id. Ibid. Pg. 274).

"Eu os puz em seguro; e ahi tendes esse famoso Carlos, de *cujo* nos remetteram, de Londres, os signaes".
(Id. Ibid. Pg. 262).

"E de *cuja* lhe não fiz mysterio".
(Id. Ibid. Pg. 407).

"Communico a Duprez certa ideia que me sobresahio, que lhe pareceo bem extrema, mas de *cuja* lhe dei a conhecer a summa necessidade".
(Id. Ibid.).

(*) Na 2.ª ed. lemos: "em lugar de *o* qual".
(232) Vide Jeronymo Soares. *Gram. Phil.* Pg., 273.

"E em *cujos* não fio demasiado".
(Id. Ibid. Pg. 424).

"Eu atenho-me aos Italianos, que nestes poemas foram sempre os mestres, e de *cujos* vi soneto mui poeticos".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 167).

"E de *cujo*, com Sophocles direi, que incha grandes bochechas para assoprar num assobio".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 298).

"*Cujo* na conta que ultrajado faz, pintar não pode".
(Id. Ibid. Pg. 341).

"Trata-se da batalha contra Philippe, *cuja* nós perdemos".
(Id. Ibid. Pg. 336).

"E de mais perto o novo animo abalam, que as figuras, cuja arte encobrem e a *cujas* como de couto valem".
(Id. Ibid. Pg. 339).

"Cessae, vos peço, minha Adelaide encantadora, de gracejar; c'uma paixão, de *cuja* pende toda a ventura, toda a desventura da minha vida".
(Id. Ibid. Pg. 460).

Esse emprego do *cujo* é modernamente defendido pelo illustre philologo Candido de Figueiredo, nestes termos:

"E, já agora, como citei Filinto, não me cançarei de o citar ainda, para mostrar que *cujo*, embora excepcionalmente, tambem significa *o qual*". (233)

Sentimos discordar, neste ponto, de tão elevada autoridade.

* * *

Como o exemplo de Filinto Elysio, relativo á enclise com o participio passado, alguns outros ha de posposição pronominal, que o Dr. Ruy, sem razão, pensamos nós, considera unicamente devidos ás exigencias metricas, ao predominio do rhythmo contra as regras da syntaxe, ás exigencias do ouvido na poesia:

A esta causa liga, como atraz tocamos, o seguinte lanço de Camões:

"Não sendo seo soldado experimentado,
Nem vendo-se num cerco duro e urgente".

(233) C. Figueiredo. *O que se não deve dizer*. Pg. 101.

Entretanto, como já por nós ficou dito, não foi o poeta portuguez só quem assim se exprimio; na mesma prosa se encontram exemplos da enclise do pronome.

A essa causa attribuio ainda a posposição pronominal nos versos seguintes do mesmo insigne poeta:

"É um *não* contentar-se de contente".
(*Obras Compl.*, v. I. Pg. 11).

"Não pode *não* ferir-*te* imigo ferro".
(Ibid. Pg. 189).

"Em *não* ver-*me* ella só sempre está firme".
(Ode XI. *Obr.*, v. II. Pg. 120).

"Por servir a amor vil *não* desejar-*vos*".
(Eleg. XII. *Obr.*, V. III. Pg. 86).

"Mas quem, por *não* deixar-*te*, a não deixara!"
(Egl. XIII. *Obr.*, v. III. Pg. 135).

"Que possa viver, sem ver-vos,
Minh'alma, por *não* perder-*vos*".
(*Obr.*, v. V. Pg. 110).

"A mim e a todos *só* de ouvil-*o* e vel-*o*".
(*Lus.* V, 40).

"E a que elles tem vos dou, *só* para dar-*vos*
O mór louvor de todos os maiores".
(*Son.* 202. *Obr.*, v. I. Pg. 111).

"Que só no contemplal-*os*, se não vel-os".
(*Son.* 248. *Obr.*, v. I. Pg. 135).

"Vida que *só de* ver-*te* se sostinha".
(Egl. IV. *Obr.* v. IV. Pg. 55).

Excita-nos extranheza a censura feita pelo sabio critico ao seguinte verso de Camões, em que o poeta portuguez assim se exprime:

"Não pode não ferir-te imigo ferro".

O emprego da variação pronominal *te*, posposta aqui ao infinitivo *ferir*, é reputado pelo illustre autor da *Replica* como devido unicamente ás necessidades da metrificação.

Não nos podemos conformar com esse modo de pensar.

Na referida passagem do autor dos *Lusiadas* o *não*, que precede ao infinito, não modifica esta forma verbal, senão o verbo do modo definito, que a rege.

É o *não* emphatico, reforçando a acção enunciada pelo verbo *poder*.

E se, como já o mostramos, por varios exemplos, ainda modificando o infinitivo, não é de rigor a proclise do pronome, menos o será, quando esse adverbio não modificar o infinitivo, senão o verbo que a este precede.

Na prosa mesma, em taes circumstancias, se usaria da enclise. O que o poeta intentou dizer naquelle lugar foi o seguinte: *não pode, não pode ferir-te, não, não pode ferir-te o imigo ferro;* antepondo, porem, a variação pronominal ao infinitivo, seria já outro o sentido; entender-se-hia ou se poderia comprehender que o pensamento do poeta era o seguinte: *não pode deixar de ferir-te, ha de ferir-te o imigo ferro.*

No primeiro pensamento o sentido da phrase é negativo; no segundo é manifestamente positivo.

Para bem se comprehender o alludido lugar, transcreveremos o soneto inteiro. É o soneto 347 das *Obras de Camões* pelo Visconde de Juromenha, volume 2.º, pag. 174, em que falla assim o poeta, dedicando este parto de sua inspirada phantasia a um aguerrido e esforçado mancebo, fallecido em um combate, depois de grandes proezas de valor e de porfiada lucta:

"Quando do raro esforço que mostravas
Largo fructo na guerra produzias,
Cortou-te a parca em flor, porque excedias
Com teos feitos os annos que contavas.

"D'armas cobrindo o rosto afiguravas
Marte encoberto, amor se o descobrias,
Que, se com a espada os esquadrões abrias,
Com geito os olhos após ti levavas.

"*Não póde não ferir-te* imigo ferro,
Vulcano foi, que com sua fortaleza
O mais seguro arnez divide e parte.

"Dá porem por desculpa de seo erro,
Que creo de teo esforço e gentileza
Que eras filho do Venus e de Marte".

Onde se vê que o epico portuguez finge que a morte do garboso e esforçado campeão, ceifado ainda em flor, não lh'a dera o ferro

inimigo; foi Vulcano, o temivel fabricador dos raios de Jupiter, o zeloso marido de Venus, foi Vulcano, que, imaginando ver no joven batalhador o filho de Venus e de Marte, quando se lhe descobria o rosto ou lh'o occultava a armadura, foi elle, que, magoado ainda da affronta recebida, incendido em ciume, com armas a que nenhum esforço humano resiste, cortou a vida ao mancebo, cujas façanhas excediam o numero dos annos que contava.

Não morreo aos golpes do poder de um homem, cedeo á fortaleza de um deos.

Collocando, pois, em Vulcano a causa da morte do mancebo, diz o inspirado poeta:

"*Não pode não ferir-te* imigo ferro,
Vulcano foi, que com sua fortaleza
O mais seguro arnez divide e parte".

Já não succederia o mesmo, se o *não* modificasse o infinitivo; neste caso o pronome se poderia collocar antes ou depois do verbo infinitivo, sendo de uso mais geral a proclise. Assim é que escreveo Vieira (*Cart.* T. I.º Pg. 113):

"*Não posso não me inclinar* a que havemos de ter uma grande victoria", isto é *não posso deixar de me inclinar* a que havemos de ter uma grande victoria.

O segundo *não* evidentemente modifica o verbo infinitivo; o que não passa com o *não* do exemplo de Camões.

O mesmo predominio do ouvido contra as regras da syntaxe forçou, segundo o Dr. Ruy, Filinto Elysio a dizer:

"Se *só* de ver-*me*, escapam, vão fugindo".
"Lá ninguem pensa em derramar o sangue
Dos animaes. El-rei de *só* tocar-*lhes*
Fizera scrup'lo".

Foi o rtythmo, pensa o illustre censor, que dictou as passagens seguintes de Camões e Filinto Elysio:

"E por *mais* segurar-*se* os deoses vãos".
"Que fazem, senão *mais* endurecer-*te*"
"Deixemos-lho; e não vamos
Semelhar-nos da Fabula co'o burro,
"Que por *mais* dar-*se* ao dono
A querer, quiz tambem fazer-lhe festa".

Foi ainda essa mesma exigencia do rhythmo que forçou o "*assim varreo-se* a illusão", de A. Castilho; o "*onde cozer-lhe* uns bolos", o

"*não pentear-se*", o "*não sentir-te* a influencia", do mesmo escriptor; o "*onde embutir-se*", de Filinto Elysio.

Todos esses escriptores, poetando, infringiram, segundo acredita o Dr. Ruy Barbosa, as regras syntacticas, por amor á harmonia, ao rhythmo, ás exigencias do metro, isto é, erraram intencionalmente, para agradar ao ouvido.

Ao rhythmo, sempre ao rhythmo, a elle só, a essa causa unica, segundo inculca o emerito autor da *Replica,* devem os annaes litterarios os lugares seguintes do ultimo dos poetas citados:

"Ir co'os deanteiros pés levando-o (*) a pino
Rodeal-o, ou *já* arrastal-*o*".

"Affligio-se de introito; mas *logo,*
Ao vel-os mutuamente espicaçar-se,
E os quadris retalhar-se, consolou-*se*".

"Foram poisar no Hymeto
E *lá* fartar-*se* á larga".

"Quando no *aqui junctar-nos* poz desvelo".

"Com *bem* gana o meo guapo
Para o jantar colhera-*os*".

"Por *muito* debruçar-*se* cahio n'agoa".
"Que só de *assim* vingar-*me* o enlevo surge".
"Mas tu, Senhor, mas tu *assim* tratar-*me*"! (234)

Nem, neste ultimo exemplo, se podéra empregar a proclise. Dizse em boa linguagem: "*Assim* trahir-*me!* "*assim* injuriar-*me!*" "*assim* enganar-*me!*" "*assim* frustar-*me*" *a esperança!*", pospondo o pronome ao infinitivo, e não às avessas.

A consequencia da opinião do Dr. Ruy seria não haver poeta algum que aspirasse aos fóros de classico, porque seriam todos forçados muita vez a sacrificar os preceitos e regras syntacticas, os dictames da disciplina grammatical á lisonja da orelha, ás fataes exigencias da metrificação, não podendo logo reputar-se consummados exemplares da linguagem.

Que escriptor latino do seculo de Augusto, ou ainda em epocha posterior, recusou nunca a Virgilio a reputação de classico?

Quem reflectidamente refusará ao cantor das gloriosas façanhas portuguezas, *por mares nunca dantes navegados,* quem refusará o pri-

(*) Na 2.ª ed. lemos: "levando a pino".

(234) Todos esses exemplos vêm com suas respectivas indicações.

meiro lugar entre os mais esforçados cultores do luso idioma, entre os mais aprimorados mestres do classicismo?

Mais de tres seculos têm passado por sobre o tumulo de Camões, sem lhe verem emmurchecidas as flores que a humanidade reverente espargio, derredor da gleba que lhe comprime e envolve os preciosos despojos, nem desfolhada a grinalda com que as lettras, engalanando-lhe o genio, o sagraram classico entre os maiores classicos da lingoa.

Aquilatados os poetas a essa luz, obrigados, conforme as circumstancias, a antepor a cadencia ás construcções tradicionaes da lingoa, onde encontrar entre elles o poeta modelo no escrever, o poeta classico? Não poderia sel-o nem Virgilio, nem Dante, nem Camões, nem Milton, nem Lamartine, nem Victor Hugo, porque, no pensar do Dr. Ruy Barbosa, traduzindo, pela linguagem, suas concepções poeticas, forçados seriam todos a infringir muitas vezes as regras syntacticas, as construcções nativas da lingoa, em obediencia ás exigencias do rhythmo.

Não: a syntaxe que numa lingoa for incorrecta e erronea em verso, sel-o-ha igualmente em prosa; venha de poeta ou venha de prosador, a incorrecção, o erro grammatical, a construcção grammatical, que mal condiz com a indole da lingoa, é sempre incorrecção, é sempre erro; porque a lingoa é uma só.

Nem Camões, nem Filinto Elysio, nem Castilho, usariam em suas producções poeticas de construcções que fossem condemnadas pelo zeloso do dizer castiço, em prosa ou verso.

Tão classico é Goldsmith, o novelista, escrevendo o *Vicar of Wakefield* ou Goldsmith, o grave historiador, escrevendo a *History of England*, como Goldsmith, o poeta, escrevendo *The Traveller e The Deserted Village*.

Não são incorrecções certos modos de tecer o discurso, de que usou em verso Filinto, que o não sejam por igual em suas varias composições em prosa.

O erro principal do Dr. Ruy, no que respeita ao uso da variação pronominal, empregada como complemento, consiste em julgar que, concorrendo com certas palavras, o pronome, que exerce essa funcção, occupa sempre e invariavelmente a mesma posição proclitica, relativamente ao verbo, esteja este no modo definito ou no indefinito. Eis a razão por que tenta, identificando a este respeito os dois modos verbaes, explicar a enclise pronominal, usada por Camões, Filinto, Castilho, com o adverbio *não* e outras palavras a que se segue um infinitivo, attribuindo-a unicamente ás exigencias do metro, quando, se bem attentasse no uso dos classicos, veria que não faltam exemplos, já em verso, já em prosa de bom cunho, que autorizem em taes circumstancias o emprego da posposição pronominal, havendo com res-

peito á posição do pronome grande differença, como já noutra parte o mostramos, entre o verbo, quando no modo definito e o mesmo elemento grammatical no indefinito.

Atraz apontamos exemplos da enclise pronominal com o adverbio *não* e como vocabulo *que*, adjectivo ou conjuncção, seguindo-se-lhes um infinitivo.

Vejamol-a agora exemplificada com os vocabulos *onde*, *como*, *quasi*, *antes*, *sempre*, *salvo*, *só*, *assim*, *logo*, *ainda*, *mesmo*, *mais*, *talvez*, *senão*, *dahi*, *bem*, construidos já com o participio presente, já com o infinitivo:

"Não se podia fazer *senão dando-se* de uma parte e da outra honrosos arrefens".

(Duarte N. de Lião. *Chron. d'el-rei D. Affonso o* 5.º Cap. 52. Pg. 385).

"E culpava ao infante, requerendo a todos, e *ainda ameaçando-os* com guerras e males".

(Id. Ibid. Cap. 10. Pg. 139).

"*Salvo ficando-lhe* o governo da fazenda d'el-rei juntamente com a criação".

(Id. Ibid. Cap. 8.º Pg. 124).

"*Salvo succedendo-lhe* tal necessidade".

(Id. *Chron. d'el-rei D. Fernando*. Pg. 294).

"E diziam-lhe algumas, *como dando-lhe* os parabens, que já tinha perto o premio".

(Souza. *Hist. de S. Domingos*. Vol. 4.º Cap. 6.º Liv. 1.º Pg. 45).

"A derrota que levou foi para fazer aguada a Çacotará, e *dahi ir-se* na volta do estreito".

(Id. *Annaes*. Pg. 121).

"*Quasi revelando-lhe* o espirito que o mesmo lhe havia d'acontecer".

(Id. Ibid. Pg. 278).

"Podendo *bem chamar-se* Feniz Dominicana".

(Fr. Lucas. *Hist. de S. Domingos*. Vol. 6.º Pg. 162).

"*Como admirando-se e confundindo-se* com o novo".

(Id. Ibid. Pg. 256).

"*Como apalavrando-a* para os muitos, que a esperavam na vida".

(Id. Ibid. Pg. 223).

"*Ainda entregando-se*, tinham certa a morte".

(Id. Ibid. Pg. 309),

"*Ainda sentenceando-se*".
(Id. Ibid. Pg. 337).

"*Ainda vendo-se-lhe* cada dia em outras o mesmo".
(Id. Ibid. Pg. 41).

"*Antes talvez escusando-a* das diligencias de enfermeira".
(Id. Ibid. Pg. 82).

"Tomara *sempre amar-vos*".
(Id. Ibid. Pg. 234).

"*Como pagando-lhe* nelle o desvelo de buscado".
(Id. Ibid. Pg. 75).

"E *assim fazel-o* com humildade e caridade".
(Id. Ibid. Pg. 63).

"E *talvez consultando-os* para seo governo".
(Id. Ibid. Pg. 274).

"*Só recolhendo-a* nella satisfazia ao que a amava".
(Id. Ibid. Pg. 111).

"*Mais desprezando-a que convencendo-a*"
(Vieira. *Serm.* T. 14. Pg. 339).

"*Onde inquietando-a* o sentido da casa e medo de seo amo, voltou logo".
(M. Bernardes. *Livr. Classica.* T. 2.º Pg. 79).

"E do modo que podia m'a mostrava, *como pedindo-me* remedio".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 139).

"Na mesma hora, a terra, *como indignando-se* de sustentar em seos hombros cidade e moradores tão impios, se abalará".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 114).

"Invadirá a terra com tão crescidos roncos e bramidos, que *só ouvil-os* será oppressão das gentes e aperto dos corações".
(Id. Ibid. Pg. 115).

"*Quasi afogando-se* com a grossura do ar subterraneo".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 154).

"As arvores *sempre remudando-se,* ora seccas, ora floridas, ora murchas".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 155).

"E *logo recolhendo-se,* chorou em secreto o filho".
(Jac. Freire. *Vid. de D. João de Castro.* Liv. 2.º — 175. Pg. 175).

"É muito mais arrazoado espinhar-se de rigores, viver, ou *antes ir-se* finando entre perpetuas friezas".

(Filinto. *Obras.* T. 10. Pg. 164).

"Sem o enfraquecerem, *antes porventura corroborando-o*".

(A. Cast. *Tartufo. Advert. indispens.* Pg. XIX).

"E os imperadores, *mesmo resistindo-lhe,* a apressavam por todos os modos".

(Id. *Os Fastos.* T. 1.º Pg. XXXII).

"Em tal caso *antes mettel-o* sem homenagem nos calaboiços das oitavas rimas".

(Id. *Conversação preambular ao D. Jayme.* Th. Ribeiro. Pg. 79).

"Mas desgabando-os, ou *talvez perdoando-lhes* onde falham o tiro".

(J. Cast. *Iris Classico.* Pg. 326) .

"*Ainda sendo-lhe* negada".

(A. Herc. *Hist. da Inq.* T. 3.º Pg. 214).

"Igualando-se com um regulo desprezivel da Hottentocia, ou *ainda excedendo-o* na impudencia".

(Lat. Coelho. *Varões Illust.* Part. 2.ª Pg. 203).

Em todos os exemplos, que aqui lançamos, seria, conforme o Dr. Ruy, de rigor o uso da proclise; mas os da enclise, como acabamos de ver, não nol-os fornece um ou outro escriptor obscuro e desconhecido: são escriptores de conta, são os mestres da lingoa; é Duarte Nunes de Lião, é o Padre Manoel Bernardes, é Jacinto Freire, é o elegante Vieira, é o classico e purissimo Fr. Luiz de Souza, é Fr. Lucas de Santa Catharina, é Filinto, é Antonio de Castilho, o moderno mestre dos mestres no escrever, sempre fecundo e copioso, sempre puro e elegante, sempre castiço e vernaculo, sempre portuguezissimo cinzelador da palavras escripta.

XLV

Viavel, viabilidade.
Vital, vitalidade.

Disse em minhas *Ligeiras Observações*, a pag. 62:

"Em uma de suas notas philologicas com respeito ao adjectivo *viavel*, acoima o illustre senador o uso deste vocabulo, ainda nos casos em que é empregado em medicina; e é de alvitre que seja substituido pelo adjectivo *vital*, e o substantivo *viabilidade*, pelo vocabulo *vitalidade*.

"O adjectivo *viavel* quer dizer, conforme Littré, *que apresenta, no momento de nascer, conformação bastante regular e desenvolvimento sufficiente, para que as funcções necessarias á mantença da vida se possam realizar de modo mais ou menos duradoiro.*

"*Feto viavel, menino* que nasceo *viavel*.

"O vocabulo *viavel* tomamol-o do latim medieval *vitabilis*, por intermedio do francez*viable*, por *vivable*.

"A nossa lingoa tem no seo vocabulario copia abundante de vocabulos, tirados do latim, por intermedio dos idiomas congeneres.

"Tomando a lingoa franceza, segundo Whitney, o vocabulo *viable* do latim medieval *vitabilis*, corruptela talvez da formula latina *Vitæ habilis* — apto a viver ou para viver, segundo inculcam Littré, A. Scheler, Bescherelle e Adolpho Coelho, transformou-o, pela queda do *t* medio antes da syllaba postonica, em *viable*, donde a palavra *viavel*, que, no sentido restricto que se lhe dá em medicina legal, não pode ser substituida pelo adjectivo *vital*".

Impugnando nosso modo de pensar com relação ao emprego, em nossa lingoa, do vocabulo *viavel*, no sentido restricto que se lhe assigna em medicina, assim se pronuncia o Dr. Ruy (*Replica*. § 58, n. 245):

"Seguirei", diz elle, "o mestre passo e passo no seo arrazoado, esforçando-me por discriminar as considerações alli amalgamadas.

"A tres argumentos poderemos reduzil-as:

"1.º A genesis latina de *viavel* e *viabilidade*.

"2.º A diversidade no significado entre a desinencia em *al* e a desinencia em *avel*.

"3.º A differença de sentido entre *vitalis*, mais o seo derivado *vitalitas* no latim, e *viavel*, com o seo derivado *viabilidade* na proposta neologia".

Logo ao tocar o primeiro dos pontos, em que divide os meos argumentos, começa o Dr. Ruy Barbosa alterando o que escrevi num dos trechos ha poucos citados, das *Ligeiras Observações*.

Eis como transcreve esse trecho:

"Tomando á lingoa franceza", diz elle, "segundo Whitney, o vocabulo *viable*, do latim medieval *vitabilis*, corruptela talvel da formula latina *vitæ habilis*, apto para viver", transformou-o a nossa lingoa, deixando cahir o *t* medio na palavra original, que dest'arte se mudou em *viabilis;* de onde, atravez da expressão franceza, o nosso *viavel*".

No meo trecho faço da expressão *a lingoa franceza* o sujeito de *tomando;* fal-a o Dr. Ruy complemento; digo que, segundo Whitney, o francez transformou o *vitabilis*, latim medieval, em *viable*, pela queda do t, donde o portuguez *viavel;* o Dr. Ruy deixa suppor que affirmo, segundo o escriptor americano, que foi a nossa lingoa, e não o francez, que operou a transformação do *vitabilis* em *vitabilis*.

Ora, eu não podia dizer isso, porque Whitney, cuja autoridade invoco no ponto vertente, não falla no portuguez *viavel*, senão no francez *viable*.

Confrontem-se os dois trechos, e para logo se notará a differença entre elles.

A origem proxima da palavra *viavel*, impossivel é negal-o, fornece-a o adjectivo francez *viable;* a sua origem remota, porem, prende-a Whitney ao vocabulo *vitabilis*, do latim medieval.

Impugna o Dr. Ruy Barbosa essa ideia do latim medieval *vitabilis*, para explicar o francez *viable*, fonte proxima do inglez *viable*, como o é do portuguez *viavel*, tomado este vocabulo no sentido restricto, de que acima fallamos; e a razão principal em que se estriba, para negar essa procedencia latina, onde, ao cabo de contas, se filiam, como pensamos, o vocabulo francez *viable*, o hespanhol *viable*, o inglez *viable* e o portuguez *viavel*, é que o mesmo sabio lexicographo americano, o qual a attribue ao vocabulo inglez *viable*, proximamente ligado ao francez *viable*, admitte, conforme explica na chave dos signaes de seo diccionario, a forma *vitabilis* como theorica ou supposta, isto é, theoricamente presumida, ou affirmada, *mas não verificada — Theoretical or alleged; i. e. theoretically assumed, or asserted but univerified, form.*

Ora, pelo facto de ser hypothetico o admittir o latim *vitabilis* como origem do *viable*, vocabulo francez, donde procede o inglez *viable*, não é razão desprezar a existencia do vocabulo latino, a que o escriptor americano liga a palavra *viable*.

Já demonstrou alguem ser absurda essa hypothese? Como então refusal-a?

A sciencia da linguagem é uma sciencia inductiva. Quem se lembrou nunca de relegar as hypotheses das investigações dessas ordem de sciencias? Quantas hypotheses se não têm aventurado para explicar a origem do verbo francez *aller?*

Se Whitney estivesse convencido do absurdo da hypothese da forma *vitabilis*, para explicar o inglez *viable*, certo não a consignaria em seo diccionario monumental.

O "*hypotheses non fingo*" de Newton não se deve tomar litteralmente: antes de ser uma verdadeira theoria scientifica, sanccionada pela observação e pelo calculo, era apenas uma conjectura, uma simples hypothese, o seo systema sobre a lei reguladora dos movimentos dos corpos celestes, e por elle mesmo como tal considerado.

Nem Newton, nem De Laplace, nem Herschel, nem sabio algum, se poderam ainda subtrahir ás hypotheses, que os levaram aos maravilhosos descobrimentos, de que com tanta razão se ensoberbece a humanidade.

O vocabulo italiano *vitabilità* não se pode explicar sem o adjectivo *vitabile;* este não pode ter outra origem que o latim medieval *vitabilis*, que, por sua vez, nos leva não ao verbo latino *vitare*, no sentido de evitar, usado em todos os periodos da lingoa, senão ao *vitare*, da baixa latinidade, no sentido de *disponere*, *ordinare vitam*, que se encontra no Diccionario de Du Cange, entre os additamentos de Diefenbach, a pg. 359 do tomo oitavo, edição de 1887.

O excellente diccionario italiano de Petròcchi, mais de uma vez citado pelo illustrado censor, consignando o vocabulo *vitabilità*, como termo juridico, assim se exprime a paginas 1234 do segundo volume:

"VITABILITÀ. s. f. T. leg. *Non* — Stato del bambino nato in uno sviluppo non compiuto che non gli permette di percórrere le fasi della vita extra uterina".

Esse lexicographo, entretanto, não aponta o mesmo sentido no vocabulo *vitalità;* que, algumas linhas abaixo, assim define e explica:

"VITALITÀ. s. f. astr. di vitale. *Sentimento d'una vitalità vigorosa. L'estrèmo lampo della sua — Forza di — Rènder la — Gran — Pedanteria che sòffoca ogni — Dura e rigogliosa.....*".

"O italiano", dissemos nas *Ligeiras Observações* (235), "tem, ao lado do adjectivo *vitale*, o adjectivo *vitabile* (236); o hespanhol, ao lado do adjectivo *vital* e do substantivo *vitalidad*, os vocabulos *viable* e *viabilidad*".

A origem proxima da palavra *viavel* fornece-a, como atraz dissemos, o adjectivo francez *viable;* a sua origem remota prende-a Whitney ao vocabulo *vitabilis*, do latim medieval.

Para o que sustentamos neste ponto das *Ligeiras Observações*, com respeito ao termo *viavel*, pouco importa que tenha este sua origem no latim medieval *vitabilis*, de que falla Dwight Whitney, ou no francez *viable*, sua origem proxima.

O que nos não parece razoavel é que se considere como escusado o uso do adjectivo *viavel* e do substantivo *viabilidade*, no sentido especial e restricto que se lhes attribue em medicina, nem que se reputem os termos *vital* e *vitalidade* como substituindo com fidelidade aquelles dois vocabulos.

Desde as epochas de mais lustre e brilho para as lettras portuguezas, a palavra *vianda*, ligada proximamente ao francez *viande* e remotamente ao participio latino *vivanda*, corrompido no baixo latim em *vivanda*, donde o italiano *vivanda*, tem recebido na linguagem dos classicos os sellos da sua legitimidade.

Testemunhas sejam os excerptos seguintes:

"Dos quaes gafanhotos acharam os nossos por aquellas povoações muitas jarras, em que os tinham postos em conserva, por acerca dos Moiros ser *vianda* estimada".

(Barros. *Dec.* 2.ª Liv. 3.º Cap. 4.º Pg. 277).

"Pela margem do qual havia muitas fructas da terra, assim como duriões e jacas, *vianda* assaz golosa a quem começa de a gostar".

(Id. Ibid. 3.ª Liv. 5.º Cap. 7.º Pg. 606). (*)

"Comiam muitas *viandas* desacostumadas, raizes duras, e outras coisas, de que se depois seguiram muitas doenças mortaes".

(Góes. *Chron. d'el-rei D. Man.* Part. 1.ª Cap. 65. Pg. 169).

"E nunca comeo azeite, nem *vianda* em que o houvesse".

(Id. Ibid. 4.ª Part. Cap. 84. Pg. 644).

---

(235) Vide pg. 64.

(236) Se, no *Diario do Congresso*, com relação ao italiano, sahio *viabile*, em vez de *vitabile*, deve ser isso levado á conta de erro de impressão. Na publicação do *Diario da Bahia*, anteriormente feita, lê-se *vitabile* e não *viabile*.

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se "Pg." antes de 606.

'Comeo as folhas, bebeo o caldo, sem pão, nem outro genero de *vianda*".
(Souza. *Vid. do Arceb.* Liv. 3.º Cap. 6.º Pg. 122).

"E dão *vianda* de cabra por carneiro".
(*Arte de Furtar.* Pg. 338).

"Estava Santo Efrem em uma poisada cozinhando suas pobres *viandas*".
(Bern. *N. Flor.* Vol. 4.º Pg. 241).

"Não só de pão e mais *viandas*, mas tambem de vestidos e dinheiro".
(Id. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 100).

"As *viandas* da ceia".
(Jac. Freire. *Vid. de D. J. de Castro.* Liv. 4.º-64).

"Libae cada *vianda* aos promptos Lares".
(A. Cast. *Fastos.* T. 1.º Pg. 145).

"Deixar para o fim do banquete as *viandas* mais delicadas e mais generosos vinhos".
(Id. *A Noite de Castello.* Pg. 198).

"A cada *vianda* que Fernando accrescentasse, assentar-se-hia á sua mesa um novo mendigo".
(A. Herc. *Hist. de Port.* T. 2.º Liv. 5.º Pg. 345).

"O remanescente das *viandas* sacras".
(Camillo. *Os Martyres de Chat.* Vol. 1.º Pg. 28).

Os nossos escriptores davam ordinariamente ao termo *vianda* o sentido amplo, em que, segundo a etymologia, era usado primitivamente no francez; neste idioma, com effeito, o vocabulo *viande* designava a principio toda a especie de alimento: assim é que se encontram os seguintes passos:

"Ils avaient vins et viandes à plentè" (Froissard). "Les poires sont *viandes* très salubres" (Rabelais). "Un ragout, une salade de concombres, de cerneaux et autres sortes de *viandes*" (M.me de Sévigné). "Le miel qui est la *viande* de nos bergers". (Balzac). (237).

Como a palavra *vianda*, derivada do francez *viande*, empregavam os nossos escriptores os vocabulos *vivandeiro*, *vivandeira*, que se filiam na mesma fonte franceza. Assim é que disse o mesmo classico portuguez, ainda ha pouco citado:

"Vedou logo com rigorosas leis aos *vivandeiros* trazer a Gôa a ordinaria provisão de mantimentos".
(Jac. Freire. *Vid. de D. J. de Castro.* Liv. 1.º–53).

(237) Vide Marius Michel. *Notions élémentaires de Grammaire Historique de la Langue Française.* Pg. 31.

Do mesmo modo que se diz em portuguez *vianda*, dizem os hespanhóes, sem alterar em nada o vocabulo, e os italianos *vivanda*, ligando-se esta ultima forma ao baixo latim *vivanda*, por *vivenda*, no sentido de *necessaria ad vivendum*.

Nos actos capitulares de Carlos Magno, no seculo 9.º, já se acha o vocabulo *vivanda*, corruptela do latim *vivenda*, donde se formou o italiano *vivanda*.

Folheando o diccionario de Du Cange, depara-se-nos na palavra *vivanda* o seguinte trecho desses capitulares:

"Excepto *vivanda* et fodro, quod iter agentibus necessaria sunt". (238).

Não é razão, pois, refugarmos os vocabulos *viavel*, *viabilidade*, no sentido em que os toma a medicina, só pelo facto de se ligarem directamente ao francez *viable*, *viabilité*, como o não seria abandonarmos sob o mesmo fundamento os termos *vianda*, *vivandeiro*, *vivandeira*, que têm na lingoa suas cartas de credito.

No sentido especial em que se empregam as palavras *viavel*, *viabilidade* em portuguez, têm os hespanhóes os vocabulos *viable* e *viabilidad*, que lhes correspondem.

Assim lemos no *Diccionario de La Lengue Castellana por la Real Academia Española*, a pg. 1017, a definição do adjectivo *viable*, concebida nos termos seguintes:

"VIABLE — que puede vivir. Dicese principalmente de las criaturas que, nacidas ó no á tiempo, salen á luz con robustez ó fuerza bastante para seguir viviendo".

"VIABILIDAD — calidad de viable".
(Id. Ibid.).

No mesmo sentido consigna os dois vocabulos o diccionario hespanhol de D. Vicente Salva, edição de Miguel de Toro Gómez, explicando-se deste modo:

"VIABLE adj. (Med.). Viable, que puede vivir".

"VIABILITÉ (Med.). Viabilidad, estado del feto cuando da indicios de vida".

(*Nuevo Diccionario Francez-Español*. Pg. 1094).

De todos os diccionarios portuguezes que consignam o termo *viavel* na accepção especial, a que alludimos, nenhum ha, nem um só, que ao adjectivo *vital* ligue esse sentido especial, que em linguagem

(238) Vide *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*. Ed. de Leopold Fabre. Tom. VIII. Pg. 362.

de medicina legal se dá ao primeiro, do que é prova o que vamos exarar:

"VIAVEL adj.: — que tem condições para viver (fallando-se do feto); exequivel, realizavel; que pode ter resultado ou bom exito: "Aquele projecto de lei não é viavel....".

(C. de Figueiredo. *Novo Dicc. da Lingua Port.* T. 2.º Pg. 695).

"VITAL adj. — Relativo á vida; proprio para conservar a vida; fortificante; essencial; que tem importancia capital".

(Id. Ibid. Pg. 704).

"VIAVEL ad. — que pode ter vida extra-uterina (diz-se do feto)".

(Adolpho Coelho. *Dicc. Port.* Pg. 1221).

"VITAL adj. — Que pertence a ou tem relação com a vida. Que serve para a vida. Que é de primeira importancia".

(Id. Ibid. Pg. 1228).

"VIAVEL adj. Termo de medicina. Que apresenta no momento do nascimento uma conformação assaz regular, e com bastante desenvolvimento para que as funcções necessarias á conservação da vida possam executar-se de um modo mais ou menos duradoiro. — Feto viavel. A criança nasceo viavel".

(Domingos Vieira. *Grande Diccionario Portuguez.* T. 5.º Pg. 936).

"VITAL adj. — Que serve á conservação da vida, que pertence á vida. "Movimentos *vitaes*, calor *vital*, principio *vital*, ar *vital*, acções *vitaes*, arvore *vital*, viração *vital*".

(Id. Ibid. Pg. 974).

"VIAVEL adj. — (med.) diz-se do feto que apresenta o sufficiente desenvolvimento e a conveniente regularidade de conformação para as exigencias da vida extra-uterina".

(Aulete. *Dicc. Contemp.* T. 2.º Pg. 1871).

"VITAL adj. — Que pertence á vida, que serve para conservar a vida, que dá força e vigor, essencial, fundamental, constitucional".

(Id. Ibid. Pg. 1887).

"VIAVEL adj. — (T. med.) Diz-se do feto que apresenta força e boa conformação dos orgãos, para poder ter vida extra-uterina".

(A. de Moraes. *Dicc Port.* T. 2.º Pg. 992).

"VITAL adj. — Concernente á vida, que concorre para a vida, que dá vida, que dá vigor; que serve para conservar a vida; essencial, fundamental".

(Id. Ibid. Pg. 1009).

No *Diccionario Contemporaneo* Francez-Portuguez de Domingos de Azevedo, é assim o termo francez *viable* vertido em portuguez:

"VIABLE adj. — (Med.) Viavel, diz-se de um feto ou de uma criança que é apta para viver, ou para continuar a existencia fóra do seio materno".

Em todos esses lexicographos, como se vê, se encontram as expressões *feto viavel, criança viavel; feto vital, criança vital,* essas não; não se lhes notam.

Em o numero 250 de sua *Replica,* diz o Dr. Ruy:

"Aqui, de mais a mais, se de perto considerarmos, veremos como se esvae a distincção, em que labuta o mestre, de *vitalis,* como reservado ás pessoas ou coisas de *longa vida,* e *viavel,* como peculiar, aos individuos ou objectos *aptos á vida*".

"Nos tres excerptos latinos, que eu allegara, *vitalis,* diz o mestre, "quer dizer o que *tem longa duração,* o que *vive muito*".

"O que no adjectivo latino se traduz, portanto, é a *capacidade* especial *de viver longo tempo.* No "*O puer, ut sis vitalis metuo*", o que Trebacio receia, é que o seo interlocutor não logre vida para muito, isto é, não seja *capaz de longa vida.*

"Mas digo eu, respondendo, no francez *viable,* que é o que a linguagem dos medicos francezes designa? A criança *capaz* de vida. De sorte que *vitalis* = *capaz de longa vida* e *viable* = *capaz de vida.*

"É *a capacidade* num caso (o latino), *de viver muito* e, no outro (o francez), simplesmente de *viver,* o que exprimem *vitalis* e *viable;* mas em ambos a *capacidade* vital, a saber, a *disposição,* a *aptidão* para viver.

"Que é o que obstaria, pois, a se enfeixarem no mesmo vocabulo os dois sentidos?

"Unicamente a inconveniencia da ambiguidade, em certas circumstancias possivel.

"No idioma patrio, porem, o adjectivo *vital* só se applica a objectos, ideias e factos. A pessoas não se applica. Ao individuo talhado para viver muito chamariamos *vivedoiro. Vital* não lhe poderiamos chamar. Seria um latinismo inconciliavel com o nosso senso vernaculo.

"Quando, portanto, chamassemos *vital* ao feto, ao recemnascido, não nos arriscariamos a confusão. Bem claro estava referirmo-nos á sua capacidade nativa *de viver* o que quer que fosse, muito, ou pouco".

Mas a aptidão a viver, a capacidade de viver, indicada pelo adjectivo *viable,* restringe-se sempre, segundo a terminologia medica, ao feto ou ao recemnascido; o mesmo não passa com a possibilidade ou capacidade de viver longamente, designada ás vezes pelo adjectivo latino *vitalis;* ao primeiro, em medicina, só se lhe dá aquelle sentido restricto; o segundo, porem, não só indica a ideia de um objecto, pessoa ou coisa, que pode ter longa duração, senão, ainda, mais especialmente, aquillo que é relativo, concernente á vida, força, vigor, o que é essencial, fundamental.

O primeiro sentido do *vitalis* latino desappareceo no portuguez. São, pois, o francez *viable* no sentido medico e o portuguez *vital*, embora ligados ao mesmo elemento morphico ou raiz, dois vocabulos semasiologicamente differentes.

"Que é o que obstaria, pois", pergunta o Dr. Ruy, "a se enfeixarem no mesmo vocabulo os dois sentidos?"

É o uso mesmo da lingoa, respondemos nós, é o uso dos bons escriptores, que nunca disseram *feto vital*, *recemnascido vital*, em lugar *de feto viavel*, *recemnascido viavel*, como hoje se diz em linguagem medica, e como o registam todos os diccionarios, que consignam o vocabulo nessa particular accepção.

É o uso dos mestres no escrever, que não assignam ao adjectivo portuguez *vital* a significação de *apto a viver*, *capaz de viver longamente*, que davam os latinos ao vocabulo *vitalis*, como se nota no *si salvum me vis aut* VITALEM de Plauto e nas phrases de Horacio e Seneca, citadas pelo Dr. Ruy nas suas emendas ao Projecto.

Não harmoniza bem o trecho do Dr. Ruy nas suas emendas á redacção do *Projecto* (contra-nota ao art. 4.º) com o que se lê agora em sua *Replica*: alli assim se exprime peremptoriamente:

"Diremos, pois, sempre *vital* e *vitalidade*, a respeito do embryão ou do recemnascido idoneo para viver, em vez de *viavel* e *viabilidade*, que, em nossa lingoa, tendo o seo etymo no latim *viare*, são termos de viação, destinados a indicar os caminhos transitaveis e a sua transitabilidade.

"Bem pode a medicina, portanto, escusar essa corruptela, que o uso juridico nada lucra em acceitar, havendo no bom vocabulario de nosso idioma as expressões *vital* e *vitalidade*, que tão vantajosamente a supprem".

Aqui na *Replica* é esta a sua linguagem:

"No idioma patrio, porem, o adjectivo *vital* só se applica a objectos, ideias e factos.

"A pessoas não se applica.

"Ao individuo talhado para viver muito chamariamos *vivedoiro*. *Vital* não lhe poderiamos chamar. Seria um latinismo inconciliavel com o nosso senso vernaculo".

Mas se *vital* só se applica a objectos, ideias e factos; se a pessoas não se applica; se com respeito ao individuo talhado para viver muito lhe não poderiamos, sem ferir o senso vernaculo, chamar *vital*, segundo se explica o proprio Dr. Ruy, como então dizer em sua nota, a paginas 12 das emendas ao *Projecto*, que as expressões *vital* e *vitalidade* suppririam vantajosamente os dois vocabulos *viavel* e *viabilidade*, tratando-se do feto ou do recemnascido?

Nas emendas ao *Projecto*, diz o Dr. Ruy:

"Diremos, pois, sempre *vital* e *vitalidade* a respeito do embryão ou do recemnascido idoneo para viver, em vez de *viavel* e *viabilidade*".

Na *Replica* assim se exprime:

"Quando, portanto, chamassemos *vital* ao feto ou ao recemnascido, não nos arriscariamos a confusão".

Alli, como se lê, affirmação categorica, incisiva; aqui, condicional, hypothetica.

O *diremos sempre* das emendas á redacção do *Projecto* mal condiz com o *quando chamassemos* da *Replica*.

Não é, portanto, a inconveniencia da ambiguidade que nos leva a não empregar o termo *vital* no sentido que lhe dão os francezes e todos os lexicographos portuguezes, hespanhóes e inglezes, é, sim, o facto de serem inteiramente alheias de nosso idioma as expressões *feto vital*, *recemnascido vital*.

Demais disso, como já o dissemos, a ideia de possibilidade ou capacidade de durar ou viver muito, que os latinos dão algumas vezes ao adjectivo *vitalis*, como no *ut sis vitalis metuo* do poeta venusino, onde, comoo se fôra base segura, se firma o raciocinio do Dr. Ruy Barbosa, e com que intenta mostrar a aproximação de sentido entre o *vitalis* latino e o *viable* francez, designando o primeiro a capacidade de viver muito, o segundo a simples capacidade de viver, essa ideia não a registam os annaes de nossa lingoa, no tocante ás diversas accepções attribuidas ao adjectivo portuguez *vital*, ligando, sim, a ideia de capacidade de durar muito, de ter longa vida ao adjectivo *vivedoiro*, *vivaz*, e nunca ao adjectivo *vital*, que desta arte não pode substituir o vocabulo *viavel*, no sentido restricto que se lhe dá em medicina, prenda-se embora ao *viable* francez, como o *vianda*, *vivandeiro*, *vivandeira*, *viandeiro*, que nunca melindraram as orelhas dos nossos escriptores.

"Vejamos, pois", diz o autor da *Replica*, n. 247, "ess'outro artigo, a que Whitney nos remette. Vae da pag. 6772 a 6773. Alli, discorrendo a synonymia do *vital*, consigna Whitney sob o n. 5 este *item:*

"*Capable of living; viable.*

"Pythagoras, Hippocrates... and others... affirming the birth of the seventh month to be *vital*".

"Trasladado a portuguez:

"Pythagoras, Hippocrates... e outros... os quaes affirmam que o parto de sete mezes é *vital*".

"É, portanto", continúa o Dr. Ruy, "o proprio Whitney, evocado pelo Dr. Carneiro, quem lhe dá em terra de golpe com a laboriosa theoria. O depoimento do sabio linguista, desmentindo abertamente o grammatico bahiano, certifica a synonymia, no inglez, entre *viable* e *vital*.

"Este vocabulo se applica, naquelle idioma, tanto quanto o outro, ás coisas ou creaturas *capazes de viver*.

"Dizem-se ellas, indifferentemente, *viable* ou *vital*.

"Ante este documento scientifico, onde vae parar", pergunta o Dr. Ruy, "a these, categoricamente enunciada pelo mestre, de que "*viavel* em medicina legal, não pode ser substituido por *vital?*"

Respondamos:

A opinião do eminente philologo americano ainda mais nos revigora na que sustentamos sobre o assumpto.

O autor da *Replica,* offuscado pelas apparencias enganosas de uma supposta victoria, leo ao de leve o *item* sob n. 5. do *Century Dictionary* de Whitney, quando consigna as varias accepções do adjectivo *vital.*

Não procurou volver os olhos ao signal collocado logo após o algarismo 5.

Pois bem: este signal, como se poderá ver pela chave que o explica, denota que a palavra ingleza *vital,* tomada no sentido de capaz de viver, apto a viver ou para viver, isto é, no sentido de *viable,* indicado naquele *item,* é *obsoleta. Read obsolete,* diz Whitney, na chave dos signaes, isto é, leia-se *obsoleta.*

Se no sentido de *viable* é *obsoleto* o vocabulo inglez *vital,* conforme o declara o sabio linguista, como sustentar o Dr. Ruy, que as duas palavras *viable* e *vital* se dizem indifferentemente?

Já se emparelha na linguagem o obsoleto, o que de todo cahio em desuso com o usado e correntio?

Ao trecho do medico e escriptor inglez do seculo 17, citado por Whitney para indicar essa accepção, hoje obsoleta do adjectivo *vital,* e de que se serve o Dr. Ruy para defender a synonymia dos dois vocabulos, opporemos o trecho seguinte de Bouvier, jurista e escriptor americano do seculo passado, onde já não é o obsoleto *vital,* que se emprega, senão o adjectivo *viable.* E' um trecho que vem exarado no *International Dictionary* de Webster, em sua edição de 1902, e assim concebido:

"Unless he (an infant) is born *viable,* he acquires no rights, and can not transmit them to his heirs, and is considered, as if he had never been born";

que, vertido em portuguez, significa:

"Se não for viavel (a criança), não adquirirá direitos nem poderá transmittil-os a seos herdeiros, e considerar-se-ha como se nunca houvera nascido".

Esse trecho do jurista americano vem logo após a indicação do sentido que Webster liga ao vocabulo *viable*, dizendo:

"VIABILE (Law) Capable of living; born alive and with such form and development of organs as to be capable of living. — Said of a new born, or a prematurely born, infant".

(Webster. *International Dictionary*. Pg. 1607).

Em portuguez:

"VIAVEL (termo juridico) Capaz de viver, nascido vivo e com forma e desenvolvimento taes de orgãos, que fica em condições de viver. Diz-se de um recemnascido ou de uma criança nascida prematuramente".

Em todos os diccionarios inglezes, que podemos compulsar, ou a palavra ingleza *vital*, tomada no sentido de *viable*, vem com o signal que indica ser esse emprego raro (*rare*), ou com o que designa ser obsoleto, como se vê, consultando a chave dos signaes do *Century Dictionary* de Dwight Whitney.

No mais moderno dos diccionarios inglezes até, no *Standard Dictionary of the English Language*, obra monumental, devida aos esforços porfiadamente combinados de mais de duzentos especialistas e escriptores emeritos, não vem consignado o vocabulo *vital* na accepção de *viable;* entretanto, com respeito a este ultimo, diz a mesma obra, a paginas 2007 do segundo volume:

"VIABLE — Capable of maintaining life; having power to maintain existence: said specially of a fetus so formed and so far developed that if born it would be capable of living, and of a newly-born infant with regular and normal organization. — As a general rule the fetus is no *viable* before the end of the seventh month".

O exemplo do distincto philologo portuguez Candido de Figueiredo, de que se aproveita o Dr. Ruy Barbosa como arma de combate contra o *viavel*, termo usado em medicina, não tem applicação ao caso; senão, vejamos. Eis o que se lê nos *Extrangeirismos*, obra ultimamente publicada por aquelle escriptor, a paginas 70:

"Mudou, porem, de resolução, porque tal plano não era viavel".

"*Viavel*, em tal sentido, percorreo já muitas obras de escriptores de merito, e está registado nos nossos diccionarios.

"Tal palavra, todavia, é um claro francesismo (cf. o francez *viable*, de *vie*, vida). Não tem, portanto, formação nem derivação que a torne ao menos aparentada com palavras nossas.

"Nós temos viavel (que se pode percorrer ou transitar, — caminho *viavel*, campo *viavel*): mas este é um vocabulo distincto de *viavel*, no sentido de que *pode viver, que é vivedoiro, que pode ter effeito*, e muito justificavel com o latim *viare*".

Mas não reparou o Dr. Ruy Barbosa que nem o douto escriptor portuguez se refere ao sentido especial, em que em linguagem medica se costuma tomar o adjectivo *viavel*, nem affirma poder este ser vantajosamente substituido, como opina o Dr. Ruy, pelo vocabulo *vital*. Censura o escriptor, é verdade, a locução *plano viavel*, mas não se pode colligir dahi que impugne as expressões *feto viavel*, *recemnascido viavel*, como locuções scientificas, a que se não pode ligar senão um sentido muito restricto.

Ao adjectivo *vivedoiro*, que aliás mais se aproxima do sentido de *viavel* (fallando-se do feto ou do recemnascido), e de que usou Filinto Elysio (*Obras*. T. II. Pg. 591) na phrase:

"E cuja filha não dava ares de muito *vivedoira*",

catalogando-o em seo diccionario, não lhe dá o lexicographo portuguez o mesmo sentido do vocabulo *viavel*, definindo o primeiro — *que vive muito, que pode viver muito, duradoiro;* o segundo, — *que tem condições para viver*, fallando-se do feto. (239).

Por outra parte, não faltam em nossa lingua exemplos de palavras e expressões que os nossos escriptores usam num sentido, e condemnam noutro, como escusaveis extrangeirismos.

Por serem condemnadas as locuções *negocio viavel, plano viavel, projecto viavel*, não se segue que se refusem as expressões *feto viavel, criança viavel, recemnascido viavel*, a que a sciencia liga um sentido especial.

O vocabulo portuguez *costume*, do baixo latim *costuma*, por exemplo, é palavra de bom cunho na accepção de uso, pratica, moda, legislação introduzida somente pelo uso e não escripta: no sentido, que algumas vezes modernamente se lhe dá, de *traje, vestuario* é considerado gallicismo, devendo dizer-se, em vez de *costume de baile, costume de casimira, costume militar, traje de baile, de casimira, militar.*

Extracção no sentido de acção ou effeito de extrahir (do latim *ex* e *tractionem*) é palavra portugueza; no de *geração, linhagem, condição social*, é reputada gallicismo escusado.

Em vez de *homem de baixa, de humilde extracção*, deve dizer-se, em nossa lingoa, *homem de baixa linhagem, de humilde nascimento*,

(239) C. de Figueiredo. *Dicc.* 2.º Vol. Pg. 695 — 705.

de escura descendencia, de baixo sangue; e em lugar de *homem de alta extracção, homem de bom nascimento, de claro sangue, de nobre linhagem, de illustre estirpe, de limpa condição.*

A expressão *ter lugar*, por *effeituar-se, realizar-se, celebrar-se* não é usada por nossos bons escriptores, que não dizem *teve lugar o casamento, teve lugar a instauração da sociedade*, e sim *effeituou-se, realizou-se, celebrou-se o casamento; effeituou-se, realizou-se a instauração da sociedade*: já não corre outrotanto, quando se emprega a mesma phrase no sentido de *ter cabida, ter occasião, ter opportunidade* ou *ensejo, ter entrada* ou *valia com alguem.*

Assim é que se encontram os seguintes exemplos da locução *ter lugar* neste segundo sentido:

"Porem assim ferido *teve lugar* de se salvar e recolher á tranqueira".
(Souza. *Annaes.* Pg. 141).

"Os companheiros *tiveram lugar* de se alargar e não serem mais seguidos".
(Id. Ibid. Pg. 188).

"E com el-rei D. Fernando *teve* tanto *lugar*, que veio a perder o nome da pia, no povo".
(Id. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 3.º Liv. 1.º Cap. 3.º Pg. 11).

"Não *tem* isto *lugar*, quando ella é casada com agnado (*) da mesma familia".
(*Arte de Furtar.* Pg. 113).

"E *teve lugar* o ladrão de se acolher com o furto".
(Ibid. Pg. 233).

"E porque este dia não *teve lugar* de dispor como capitão, pelejou como soldado".
(Jac. Freire. *Vid. de D. J. de Castro.* Liv. 1.º — 55).

Entreprender ou *interprender* é portuguez de bom cunho no sentido de assaltar, saltear, tomar de assalto surprehender; assim é que disse Bernardes (*Luz e Calor.* Part. 1.ª Pg. 70, n. 110): "até que o *entreprendeo* a morte"; já não corre o mesmo, tomado na accepção de *emprehender*, que é reputado gallicismo.

Brusco na accepção de *rapido, imprevisto* é reprovado por alguns; outrotanto não acontece com o mesmo vocabulo no sentido de *turvo, carrancudo, carregado*: céo *brusco*, agoa *brusca.*

(*) Na 2.ª ed. lemos por erro da revisão: "é casada com agrado".

Bizarro no sentido de *extravagante, excentrico, exquisito* deve lançar-se á conta de gallicismo escusado; é, porem, de bom quilate no sentido de *arrogante, jactancioso, valoroso, garboso, luzido no vestir, guapo, loução.*

Desolado na accepção de *triste, magoado, afflicto, angustiado,* não é autorizado pelos bons escriptores; já o mesmo não corre, quando este vocabulo se toma no sentido de *despovoado, arruinado, devastado.*

Avançar no sentido de aventurar, arriscar, abalançar-se, como nas locuções *avançar uma proposição, avançar uma these indemonstravel,* por *arriscal-as, aventural-as, abalançar-se a enuncial-as, a affirmal-as,* é evitado pelos asseiados no dizer; mas ninguem escrupuliza em dizer *avançar grandes sommas, fazer grandes avanços de dinheiro.*

A expressão *guardar o leito* a alguem no sentido de *vigiar-lhe o leito, velar-lhe o leito, assistir-lhe no leito,* talvez, sem reparo, se pudesse empregar; mas *guardar* alguem *o leito,* no sentido de *estar de cama, cahir em cama, estar em cama,* por molestia, são expressões alheias do nosso idioma.

Assim que disse Fr. Luiz de Souza:

"*Cahio em cama,* e resolveo-se em escrever ao Governador que provesse a fortaleza de gente e capitão".

(*Annaes.* Pg. 89).

"*Cahio em cama* sem febre nem frio, para se entregar á morte, que sentia vizinha".

(*Hist. de S. Domingos.* Vol. 3.º Liv. 4.º Pg. 352).

Ainda neste sentido usou o mesmo escriptor da expressão *fazer cama,* escrevendo:

"Ficou ferido em uma perna com perigo, de maneira que ás costas o metteo Jorge de Lima da porta para dentro, e foi necessario *fazer cama* alguns dias".

(*Annaes.* Pg. 162).

O substantivo *tratamento,* que tem no portuguez a significação de *acolhimento que se dá a alguem, tracto, conversação, titulos de graduação, processo de curar,* é intoleravel gallicismo no sentido de *salario, estipendio, ordenado.*

Tirada no sentido de *acção de tirar, de exportação de generos commerciaes, de longo espaço de tempo* ou de *caminho, de caminhada,* sempre se usou em portuguez; no sentido de *trecho* ou *passagem longa* de uma obra não a adoptam a maior parte de nossos escriptores.

Desapercebido, empregado por *despercebido,* não é sanccionado por escriptor de porte; entretanto é palavra bem abonada no sentido de *desprovido, desguarnecido, desprevenido, desapparelhado.*

Muito perde a defesa do Dr. Ruy Barbosa por sua mesma violencia.

A proposito da censura que lhe fizemos no tocante ao adjectivo *vital*, que, numa das notas do seo *substitutivo*, julgou vantajosamente poder substituir o adjectivo *viavel*, tendo a mal que a censura fosse até ás notas e contra-notas de seo trabalho, são estas as suas expressões:

"Nem um pingo da minha penna se havia de furtar ao olho inexoravel do mestre". E accrescenta logo: "Estou convencido hoje de que a grammatica é uma especie de *bestia insatiabilis*. Nada lhe satisfaz a dureza dos instinctos, ainda bem que exercidos em arena incruenta'. (240)

Como desafina esta linguagem desabrida e ferina do tom de serenidade que se deve manter nas discussões scientificas e litterarias!

A que justo proposito o *bestia insatiabilis*, — besta insaciavel, — de que usou o Dr. Ruy?

A melhor resposta a esse trecho do autor da *Replica* fôra não lh'o responder, nem aspirar a retribuir-lhe a fineza!...

Se as notas e contra-notas são todas relativas ao texto do *Projecto*, que semrazão ha em lhes aquilatar e apurar a exactidão?

Mas julga, talvez, o Dr. Ruy tão perfeito o seo trabalho, que não tem em que se lhe pegue. Se assim é, porque tanto se magoa com o exame de suas notas, attinentes ao mesmo assumpto do *Projecto?*

Ao sisudo artifice que se lhe dá que a pedra de tocar do comprador lhe examine o artefacto, neste ou naquelle ponto, se de raiz conhece ser todo o lavor de oiro macisso e de bom quilate?

(240) *Replica*. § 58, n. 243.

XLVI

Meo CARINHO habitual POR elle.

Nas minhas *Ligeiras Observações* (Pg. 65) censurei ao Dr. Ruy Barbosa a expressão *meo carinho habitual por elle*, e, fundamentando as razões em que me amparava para fazel-o, assim me exprimi:

"O emprego da preposição portugueza *por* na accepção de referencia, defeito vulgarissimo nos que não aprimoram o bom fallar, nem sempre é evitado pelo Dr. Ruy Barbosa, máo grado aos esforços para castigar e polir a linguagem e burilar o estylo.

"Mais de uma vez emprega a expressão *preferencia por*, e em sua exposição preliminar, fallando do idioma portuguez, assim se enuncia: "meo *carinho* habitual *por* elle".

"Verdade é que em alguns escriptores modernos já se vae encontrando um ou outro exemplo analogo ao que apontamos aqui; mas taes exemplos não são para imitar, por não trazer o cunho da genuina linguagem portugueza, e lhes não dar sancção o uso dos classicos e dos que timbram de escrever com pureza".

Depois de assim me enunciar, avigorei o meo modo de pensar com o que sobre o assumpto escreveram o Cardeal de Saraiva, no seo *Glossario*, Evaristo Leoni, no *Genio da Lingoa Portugueza*, e com a opinião competentissima de Silva Tullio, nos seos *Estudinhos da Lingoa Portugueza*, os quaes tacham de gallicismos o emprego de taes modos de dizer.

Bem se vê, como o affirmei, não ignorava que em alguns escriptores, havidos em boa conta, houvesse exemplos que se oppunham ao que eu sustentava.

Mas foi intenção minha mostrar que, escrevendo o Dr. Ruy a phrase *o meo carinho por elle*, se afastava da esteira que sempre se deliciou em proseguir no tecer o discurso, de accordo com os mais seguros modelos do classicismo, de que tão zeloso se mostra.

A' minha censura responde assim o Dr. Ruy (*Replica*, § 59, n. 256):

"*Carinho*, porém, não é *respeito*, nem *gosto*, nem *affeição* ou *affecto*, nem *amor*.

"Será, sim, a manifestação exterior desses sentimentos: será o *desvelo*, o *extremo*, o *zelo*.

"É, ou não, licito construir essas tres palavras com a preposição *por*? É .....

"Sendo, pois, as expressões de *zelo*, *extremo*, *desvelo* equivalentes de *carinho*, na accepção em que o usei, a voga geral do *por* com os substantivos *desvelo*, *extremo* e *zelo* evidencia que esssa é, da mesma sorte, a preposição vernaculamente associavel a *carinho*.

"Demais", continúa o Dr. Ruy, "a tomarmos *carinho* na significação de *affecto*, será o *affecto* exaltado, estremecido, o *ardor*, o *enthusiasmo*, a *paixão*.

"Ora, com o vocabulo *ardor*, a preposição *por* é a autorizada:

"O *ardor pelo* luxo e *pelos* triumphos". (A. Herc. *Monge de Cister*, v. II, p. 145).

"A mesma preposição é a que, com o vocabulo *enthusiasmo*, servio ao autor do *Eurico:* "Transformado o enthusiasmo em *enthusiasmo pela* virtude". (P. 14).

"E *paixão?* "Tomar *paixão por* alguem ou alguma coisa" é de Moraes e Fr. Domingos Vieira. "Elle tem uma grande *paixão pela* prima", está no *Diccionario* de Aulete.

"Cesse, porem, o mais, desde que para o caso não tenho menor autor que o proprio Dr. Carneiro. Elle, que não transige com o *amor*, o *affecto* ou o *gosto por*, ensina, da cadeira magistral de sua grammatica, aos seus alumnos a *paixão por:*

"A *paixão* de Dante *por* Beatriz (*Serões Gramm.*, p. 312)"....

Carinho não é *respeito*, diz o Dr. Ruy, nem *gosto*, nem *affeição* ou *affecto*, nem *amor*. Será, sim, a manifestação exterior desses sentimentos: será o *desvelo*, o *extremo*, o *zelo*.

Mas, quando se admitta essa distincção, um tanto subtil, do illustre censor, entre o sentimento do *respeito*, do *gosto*, da *affeição* ou *affecto* e do *amor* tacito, entranhado nas profundezas do espirito, e esses mesmos sentimentos, traduzindo-se por actos exteriores, manifestando-se pelo *desvelo*, pelo *extremo*, pelo *zelo*, que sós constituem o *carinho*, segundo se collige do que escreve o Dr. Ruy, que importa que seja o *carinho* não a *affeição* ou o *affecto* nem o *amor*, mas a sua manifestação, para que se lhe recuse a mesma preposição que os nossos bons exemplares empregam depois dos vocabulos *gosto*, *affeição* ou *affecto* e *amor*, quando têm em mente significar uma ideia de referencia?

Sendo o *carinho*, como pensa o Dr. Ruy, não o *affecto*, a *affeição* ou o *amor*, mas a manifestação desses sentimentos, não se torna *à fortiori* mais patente a necessidade de indicar por uma preposição

de referencia a fonte donde partem taes sentimentos, o objecto ou termo aonde propendem e em que se fixam e rematam?

"Sendo, pois", pondera ainda o Dr. Ruy, "as expressões de *zelo, extremo, desvelo,* equivalentes de *carinho,* na accepção em que o usei, a voga geral do *por* com os substantivos *desvelo, extremo* e *zelo* evidencia que essa é, da mesma sorte, a preposição vernaculamente associavel a *carinho*".

Não colhe aqui o raciocinio do Dr. Ruy: Não basta serem duas ou mais palavras equivalentes de sentido, para que em sua syntaxe se lhes posponha invariavelmente a mesma preposição. Convem principalmente attentar na syntaxe a que as adstringe o uso dos bons escriptores.

Se *paixão por,* de que usei em meos *Serões Grammaticaes,* é autorizado por Fr. Francisco de S. Luiz, outrotanto não acontece com as expressões *amor pelo* principe, *respeito por, gosto* que um tem *pelo* outro, *desprezo por* toda a pessoa, *desgosto pela* leitura, *inclinação pelas* lettras, que reputa galicismos reprehensiveis (241).

Apaixonado por é de Bluteau, que lhe dá por equivalentes as expressões *muito affeiçoado, muito amigo,* e traduz a phrase de Cicero — *Alicujus rei studio incensus, inflammatus* ou *ardens* ou *flagrans* — na portugueza: Ser *apaixonado por* alguma coisa, e a expressão latina — *Earum rerum tanto studio flagrat, ardet* — no vulgar: E' tão *apaixonado por* estas coisas (242).

Apaixonar-se por alguem, disse Fr. A. Feo, conforme o *Diccionario da Real Academia das Sciencias de Lisboa,* num lugar de seos *Tratados,* em que assim se exprime:

"E no mesmo inconveniente cahira Nicodemus, se *se apaixonara* publicamente *por* Christo".

(Vid. *Dicc. R. Acad.* Pg. 329).

"Não faltará quem me diga, que não *apaixone* tanto *por* ella (victoria)".

(E' do Padre Antonio Vieira num de seos *Sermões.* T. 3.º Pg. 120).

Toda a gente diz, por exemplo, *zeloso de* seos deveres, *zeloso de* sua honra, *zeloso do* nome de seos paes; mas ninguem diz *carinhoso de* seos deveres, *carinhoso de* sua honra, *carinhoso do* nome de seos paes.

Se entre alguns escriptores modernos de boa nota se encontra a expressão *zelo por,* nem é essa syntaxe seguida por todos os modernos, nem entre os classicos antigos era conhecida, onde, como ao

(241) Vide *Glossario dos gallicismos.* Pg. 124.
(242) Bluteau. *Vocabulario.* T. 1.º Pg. 414.

diante veremos, são muito encontradiças as expressões *zelo do serviço, zelo da honra, zelo da salvação, zelo do bem.*

"*Carinho* não é *respeito*, nem *gosto*, nem *affeição* ou *affecto*, nem *amor*", diz o illustre critico; "demais, a tomarmos *carinho* na significação de *affecto*, será o *affecto exaltado*, estremecido, o *ardor*, o *enthusiasmo*, a *paixão*".

Mas esse *affecto* exaltado, estremecido, esse *ardor*, esse *enthusiasmo*, essa *paixão*, equivalentes ao vocabulo *carinho*, e agora engrazados no mesmo fio, ainda ficarão, como o *affecto* e o *amor*, de que, pouco ha, nos fallou, entranhados nas profundezas do espirito ou se manifestarão por actos exteriores?

Se entranhados, já se não poderá dizer, como disse o Dr. Ruy, que *carinho* não é *affecto*, nem *affeição*, nem *amor*, desde que é elle mesmo quem nos mostra a possibilidade de *carinho* ser *affecto;* se manifestados exteriormente, ha aqui uma redundancia, por isso que já havia affirmado o Dr. Ruy que a palavra *carinho* significa a manifestação dos sentimentos de *respeito, gosto, affeição* ou *affecto* e *amor;* pouco importando ao caso ser essa manifestação do *affecto* exaltada, ou não.

Por outro lado, de *carinho* a *ardor, enthusiasmo* e *paixão* vae muito a dizer.

O enthusiasmo, que, ao ferir uma batalha, despertam, no espirito de um esforçado cabo de guerra, as notas ardentes e marciaes do hymno de sua patria, em nada se assemelha ao mimo, ao carinho, com que afaga, recolhe e aninha em seo coração e regista em sua memoria as ternas e suaves palavras de despedida de sua consorte e de seos filhos, em sua partida para o campo da honra; o carinho, com que guardamos a photographia de um bom amigo, de um bemfeitor, nada tem de commum com o enthusiasmo, que excita n'alma de um perfeito conhecedor da arte da pintura um quadro de Raphael, de cada sombra do qual, de cada linha, de cada traço partem os raios do genio artista, que deslumbram os olhos do espectador, e cuja tela inteira revela o *Deus est in nobis* do genio.

A preposição *por*, quando tomada no sentido de referencia, é differente do mesmo elemento grammatical, quando traz a ideia de causa.

Assim, na expressão *enthusiasmo por* não se quer dizer *enthusiasmo com referencia a uma coisa, a um objecto, a uma pessôa,* mas *enthusiasmo causado, excitado por essa pessôa ou coisa;* corre outrotanto com respeito aos vocabulos *ardor* e *paixão.*

Disse bem Castilho Antonio:

"O seo *enthusiasmo pelo* bello". (*O Outono*. Pg. V!). "A sua *paixão pelo* mar e *pela* poesia". (Ibid.).

Disse tambem Manoel Bernardes:

"A *paixão por* algum dos sagrados evangelistas". (*Livr. Class.* T. 2.º Pg. 22). (243).

O exemplo de Moraes, "*tomar paixão por alguma coisa*," não significa *affeiçoar-se a essa coisa*, senão *affligir-se, angustiar-se, irritar-se por causa dessa coisa.*

A preposição *por* não indica neste caso a accepção de referencia.

Por isso é que se diz tambem *desvelar-se por alguma coisa*, isto é, *desvelar-se por causa de alguma coisa;* não ha aqui uma indicação de referencia, senão a ideia do objecto que é causa do *desvelo*, do *cuidado.*

Passa o mesmo com as seguintes phrases de Bluteau, citadas pelo Dr. Ruy: "Fiz extremos *por* amor della", "fazer extremos *pela* saude", onde a preposição *por* não traz a ideia de *referencia*, senão a de *motivo, causa.* Os latinos, em taes casos, traduziriam os complementos pelas expressões *illius causâ, illius gratia, valetudinis causâ, gratia*, valendo-se algumas vezes no mesmo sentido da preposição *pro*, significando *no interesse de, em favor de, por amor de* ou *a*, como se vê na seguinte passagem de Horacio:

"*Dulce et decorum est pro patria mori*".

A's opiniões de Fr. Francisco de S. Luiz, de Evaristo Leoni, de Silva Tullio, de que fallamos nas *Ligeiras Observações*, e que condemnam o emprego da preposição *por* com essa ideia de referencia, accrescentaremos as de Antonio de Moraes Silva (*Dicc.* T. 2.º Pg. 482), de Solano Constancio (*Dicc.* Pg. 787) e de Antonio Francisco Barata, nos seos *Estudos da Lingoa Portugueza* (Pg. 52).

O primeiro destes assim se pronuncia:

"Os afrancezados ignorantemente substituem *por* a *para*, dizendo ao pé da lettra franceza, *amor pelas* lettras, *pelo* rei, etc., traduzindo o *pour* em *por*, que devia ser *para*, e mais vezes *a*".

O segundo, referindo-se ao que diz o primeiro sobre o assumpto, assim escreve:

"Moraes reprova o uso de *por* em vez de *para* v. g. na locução: *a inclinação pelas lettras, pelos sabios*, e quer que digamos *ás lettras, aos sabios.* É com effeito gallicismo inadmissivel".

---

(243) Com os vocabulos *paixão, interesse* e *enthusiasmo* tambem entre os classicos se encontram exemplos em que são estas palavras regidas da preposição *de*. Outrosim não é raro vir o vocabulo *interesse* regido de *em*.

Reprovando o mesmo emprego da preposição *por* nas circumstancias a que alludimos, diz o ultimo dos autores mencionados:

"Trivial é tambem outro defeito, ou antes, (*) erro vulgar, em muitos que bem escrevem:

"O *respeito* que um representante do povo deve ter *pela* constituição".

"O seo *respeito pela* sciencia e por si proprio".

"Bravamente é *apaixonado* o Sr. Dr. Julio *pelas* coisas de nossa patria".

"*Pelas coisas* não se diz nem escreve, mas *das coisas*".

Não nos parece razoavel a impugnação deste ultimo exemplo.

Com respeito á palavra *paixão*, já vimos que Fr. Francisco de S. Luiz disse:

"A *paixão* de Zopiro *por* Zenobia";

e A. Castilho:

"Sua *paixão pelo* mar";

e M. Bernardes:

"A *paixão por* algum dos sagrados evangelistas".

A phrase censurada por A. F. Barata, que é de Rodrigues Lobo, foi imitada por Feo e Vieira, que escreveram: "se *se apaixonara por* Christo", "que não *apaixone por* ella". Bluteau usa, como já ficou dito atraz, de syntaxe analoga.

Em Duarte N. de Lião (*Chron. d'el-rei D. João o* 1.º Cap. 46. Pg. 185) tambem se acha a expressão seguinte:

"E cada um fosse tão *apaixonado por* seo amigo".

Meigo por é que se não diz, mas *meigo com*, *meigo para* ou *para com*; *piedoso por* Deos, mas *piedoso para com* Deos; *affavel por* todos, mas *affavel a* todos, *com* todos ou *para com* todos; *caridoso pelos* pobres, mas *caridoso com* os pobres, *para com* os pobres; *affectuoso*, *amoroso*, *carinhoso por* sua familia, *por* seos filhos, mas *affectuoso*, *amoroso*, *carinhoso com* sua familia, *com* seos filhos, ou *para* sua familia, *para* seos filhos, ou *para com* sua familia, *para com* seos filhos; *obsequioso pelos* amigos, mas *com* os amigos, *para* os amigos, ou *para com* os amigos.

Não se diz fazer *carinho*, fazer *afagos*, fazer *mimos por* alguem, mas fazer *carinho*, *afagos*, *mimos a* alguem.

(*) Na 2.ª ed. omittiram-se as virgulas depois de "defeito" e "antes".

Entretanto a ninguem repugna o escrever fazer *excessos*, fazer *extremos por* alguem ou *por* alguma coisa, isto é, empregar tudo em favor della, fazer-lhe as maiores demonstrações de *affecto e amor.*

Definindo a palavra *affavel*, assim escreve Bluteau em seo *Vocabulario*:

"AFFAVEL. "Aquelle que, sem offender o caracter da sua pessoa, trata cortezmente com todos, de maneira que *com* os amigos é *familiar; com* os inferiores *benigno; com* os superiores *obsequioso; com* os velhos *serio; com* os moços *alegre; com os meninos carinhoso;* e com prudente equilibrio sempre conserva o decoro das suas palavras, e acções entre a grosseria e a adulação".

(Bluteau. *Vocabulario.* T. 1.º Pg. 149-150).

Fôra-nos facil citar, para justificar a syntaxe que defendemos, muitos exemplos, que nos fornece a lição de nossos bons escriptores.

Por amostras apresentamos os seguintes:

"Que sempre por ellas tiveram *odio aos* Arabios".

(Barros. *Dec.* 2.ª Liv. 10. Cap. 6.º Pg. 459).

"Cumpro com minha antiga amizade e com o *amor* que tenho *á* senhora Targiana".

(*Palmeirim.* 2.ª Parte. Cap. 131. Pg. 5).

"Não porque *a* um tenha mais *affeição*, que *ao* outro".

(Id. Ibid. Cap. 132. Pg. 23).

"Fingio tanta *amizade com* Alvaro Coitado".

(Lião. *Chron. d'el-rei D. João o* 1.º Cap. 27. Pg. 98).

"Sem nenhuma *reverencia do* Senhor".

(Id. Ibid. Cap. 13. Pg. 50).

"Não tendo *respeito a* valias".

(Id. Ibid. Cap. 10. Pg. 38).

"A *affeição*, que tinham *ao* infante D. João".

(Id. Ibid. Cap. 46. Pg. 185).

"O medo e *reverencia de* seo pae".

(Id. Ibid. Cap. 45. Pg. 181).

"*Amor* que tinha *ao* infante seo irmão".

(Id. Ibid. Cap. 46. Pg. 186).

"*Amor para* os subditos".

(Id. Ibid. Cap. 47. Pg. 191).

"A *má vontade* que todos tinham *á* rainha e *ao* conde, e *a boa* que tinham *ao* mestre".

(Id. Ibid. Cap. 4.º Pg. 14).

'Em *desprezo dos* Portuguezes".

(Id. Ibid. Cap. 60. Pg. 264).

"Sob a guarda de Deos e *obediencia de* sua coroa real".

(Id. Ibid. Cap. 96. Pg. 465).

"Mais *respeito* se devia ter *aos* homens".

(Id. Ibid. Pg. 467).

"Isto tudo foi por a grande *affeição*, que o Dr. João das Regras tinha *a* Bartolo".

(Id. Ibid. Cap. 99. Pg. 485).

"Que não pode ser mais claro indicio de *amor aos* livros".

(Souza. *Annaes*. Pg. 8).

"Porem de todo este cuidado se lhe não pegou mais que uma boa *inclinação para* as lettras e lettrados".

(Id. Ibid. Pg. 8).

"Quando o *gosto da* caça os levava nos invernos áquella recreação real da villa e coutadas de Almeyrim".

(Id. Ibid. Pg. 9).

"O pouco *gosto* que tinham *de* se acharem nesta santa junta".

(Id. *Vida do Arceb*. Liv. 2.º Cap. 5.º Pg. 56).

"E não podem os Italianos encobrir uma notavel *inclinação* que têm *aos* Francezes".

(Id. Ibid. Cap. 18. Pg. 80).

"Seo *amor para* os filhos".

(Id. Ibid. Pg. 81).

"O *amor do* culto divino".

(Id. Ibid. Cap. 24. Pg. 90).

"A particular *affeição* que tinha *ao* serviço da Santa Sede Apostolica".

(Id. Ibid.).

"Descobrem favor e *amor* do Ceo *para com* ella".

(Id. *Hist. de S. Domingos*. Vol. 3.º Cap. 5.º Pg. 23).

"Sem *temor de* Deos nem *respeito dos* homens".

(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 336).

"Acompanhada de grande *respeito com os* religiosos, e igual *fidelidade com* a corôa portugueza".

(Fr. Lucas de Santa Catharina. Vol. 6.º Pg. 285).

"Assim cresceo com esta Madre o *zelo* e o *desvelo* grande *daquella* primeira observancia".

(Id. Ibid. Pg. 78).

"A *boa inclinação* e *indole para* o caminho da virtude".

(Id. Ibid. Pg. 209).

"Mas o que mais avultava nella era uma viva e desvelada *caridade com* os pobres".

(Id. Ibid. Pg. 71).

"A *antipathia* que tinha *com* a mentira".

(Id. Ibid. Pg. 245).

"Devota *sympathia com* seo suavissimo nome".

(Id. Ibid. Pg. 143).

"*Piedade com* os pobres".

(Id. Ibid. Pg. 191).

"O *despego de* tudo da vida".

(Id. Ibid. Pg. 114).

"Applicava-se a obras de bastidor *para que* tinha *grande genio*".

(Id. Ibid. Pg. 120).

"Santo *ciume* e *inveja daquelle* unico bem".

(Id. Ibid. Pg. 61).

"A boa *inclinação á* virtude".

(Id. Ibid. Pg. 195).

"Extremosa era na *caridade* especial *com* os doentes".

(Id. Ibid. Pg. 111).

"A *inclinação ás* coisas sagradas".

(Id. Ibid. Pg. 156).

"Não mostrou a providencia do Esposo menos *desvelo com* outra esposa sua".

(Id. Ibid. Pg. 143).

"*Irreverencia á* jurisdição apostolica".

(Id. Ibid. Pg. 104).

"O *amor* que tinha *a* seos paes".

(Id. Ibid. Pg. 121).

"*O amor á* pobreza".
(Id. Ibid. Pg. 58).

"*Desvelo com* os desamparados e desvalidos".
(Id. Ibid. Pg. 121).

"Arrebatava-a um ternissimo *affecto com* a Senhora do Rosario".
(Id. Ibid. Pg. 103).

"A *estimação do* tosco saial capucho".
(Id. Ibid. Pg. 58).

"Era ardentissima a *devoção* que tinha *com* a Senhora, *com* o seo Rosario".
(Id. Ibid. Pg. 101).

"Era extremosa, mas geral a sua *devoção aos* Santos".
(Id. Ibid. Pg. 49).

"Cresceo com ella um piedoso *affecto* e *devoção* ao Rosario".
(Id. Ibid. Pg. 55).

"Devota *inclinação ás* coisas de Deos".
(Id. Ibid. Pg. 58).

"Que podem desejar os homens em quem os manda e governa? Um grande *amor* e *zelo do* bem publico?"
(Vieira. *Serm.* T. 3.º Pg. 55).

"Tanto *amor para com* seos irmãos".
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 73).

"Não era menor a sua liberalidade nem o seo *affecto com* a Mãe do mesmo Senhor".
(Id. Ibid. Pg. 104).

"Que é grande a *sympathia de* um triste *com* outro triste".
(Id. Ibid. Pg. 112).

"Crescia o *zelo da* honra de Deos".
(Id. Ibid. Pg. 370).

"O nosso *amor para com* Deos, tem uma só eternidade".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 80).

"O fervor e *affeição do* santo Rosario".
(Souza. *Hist. de S. Dom.* Vol. 1.º Pg. 392).

"Junctou-se o gosto proprio com a *affeição do* privado".
(Id. Ibid. Pg. 404).

"*Zelo das* almas".
(Id. Ibid. Pg. 406).

"*Zelo* ferventissimo *da* salvação das almas".
(Id. Ibid. Pg. 417).

"O meo *zelo do* bem commum; o meo *zelo da* fé e da christandade; o meo *zelo do* serviço do rei; o meu *zelo da* conservação e augmento da patria".
(Vieira. *Serm.* T. 5.º Pg. 126).

"Outro retalho para fazer uma mantilha á viuva, que por *zelo da* patria chegou a tirar o manto, por não faltar á decima".
(Id. Ibid. Pg. 127).

"Tendes todos quantos sois tanto parentesco e *sympathia com* a virtude, que...".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 43).

"*Reverencia á* Igreja e *á* suprema cabeça della".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 69).

"*Com* quem sempre teve *ogeriza*".
(Id. *Cartas.* T. 4.º Pg. 82).

"O amor *ao* rei *á* patria e *á* liberdade".
(Id. *Trechos Selectos. Comm. do bi-cent.* Pg. 433).

'E *amor para com* os seos vassallos, *respeito* e *veneração para com* os extrangeiros".
(Id. Ibid. Pg. 450).

"*Zelo do* serviço do principe".
(Id. Ibid. Pg. 46).

"Continuando o *affecto* que tinha *a* este reino".
(Ribeiro de Macedo, Vide *Dicc. da Acad. R. das Scienc. de Lisbôa.* Pg. 127).

"Sem deixar-se vencer do *amor do* filho".
(Jac. Freire. *Vida de D. J. de Castro.* Liv. 2.º — 87. Pg. 115).

"Mormente, nos primeiros tres mezes de viuva, que com ella passei, me entranhei de *affeição com* ella".
(Filinto. *Obras.* T. 11. Pg. 576).

"São elles quem, entre outras qualidades, capricham de grande e patriotico *zelo acerca* da litteratura".
(Id. Ibid. T. 9.º Pg. 439).

"Comtudo não ha difficuldades, que não vença o *amor das* sciencias e o *zelo do* bem publico".
(Francisco Villela Barbosa. Vide. *Mem. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa.* T. 8.º Pg. XVIII).

"O respeito e o *carinho* que Deos manda ter *com* os paes".
(A. Cast. *Colloquios Ald.* Pg. 116).

"O *amor* e *zelo*, que *á* nossa pessoa haveis, vos allucinam".
(Id. *Camões.* T. 1.º Pg. 42).

"É emfim porque os *desabrimentos* de nossos avós *para com* elle, todos sentimos que é dever nosso reparal-os".
(Id. Ibid. Pg. 8).

"Não lhe cede em espirito e *amor ás* lettras".
(Id. *Fastos.* Pg. 54. Prologo).

"Mas *ternura para com* a familia".
(Id. *Felicidade pela Agricultura.* Vol. 2.º Pg. 83).

XLVII

"Antes de COMEÇADO ESTE CODIGO A EXECUTAR".

A emenda do art. 1477 do *Projecto do Codigo* é assim redigida pelo Dr. Ruy:

"A disposição do art. antecedente applica-se aos montepios de qualquer natureza, particulares, ou officiaes, obrigatorios, ou facultativos, salvo ás pensões cuja successão se abrir *antes de começado este codigo a executar*".

Censuramos nas *Ligeiras Observações* a phrase empregada pelo Dr. Ruy no remate desse periodo, onde diz: *antes de começado este codigo a executar.*

Embora recorra nossa lingoa muitas vezes á forma activa para indicar o sentido passivo, dizendo: *é para lastimar, não é para crer, difficil de encontrar, casa para alugar, facil de aprender, difficil de digerir,* não nos parece clara e desempeçada a construcção, (*) de que se valeo o Dr. Ruy Barbosa.

Nestas especies de construcções costumam os nossos escriptores nada intercalar entre o participio e o infinitivo, que se lhe segue.

Disse Fr. Luiz de Souza (*Annaes.* Pg. 163):

"*Começada a tratar a materia,* houve grande variedade de pareceres";

já não seria o mesmo, se dissesse: "*Começada a materia a tratar*".

"*Começada a venerar* por Santa, cahio Soror Maria, que lhe rendia muito, o que nada lhe custava",

escreve ainda o mesmo classico. (*Hist. de S. Domingos.* Vol. 4.º Liv. 1.º Pg. 69).

Já não teria o mesmo cunho a phrase seguinte: "*Começada Soror Maria a venerar* por Santa".

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

O mesmo se poderá dizer da phrase seguinte do mesmo escriptor:

"Assim viriam todas com admiração *começado a cumprir o dito*, que lembrava da defunta".

(*Hist. de S. Domingos.* Vol. 4.º Liv. 1.º Pg. 85).

Não teria o mesmo sabor classico a phrase: "Assim viram todos com admiração *começado o dito a cumprir*".

Já vê o Dr. Ruy que não andamos mal avisados, censurando-lhe a phrase:

"Cuja successão se abrir antes de *começado este codigo a executar*".

E uma prova de que não fomos injustos na censura é o trecho da *Replica*, em que, defendendo-se do reparo que lhe fizemos sobre este ponto, assim escreve o Dr. Ruy (*Replica*, n. 259):

"Aliás não me opporia a que escrevessem "antes de começado este codigo a executar-se" ou "antes de começado este codigo a *se* executar"; e bem pode ser que assim corigira eu, se mais de espaço o revisse".

"*Sempre se disse*" affirma o Dr. Ruy "*começado a fazer, começado a construir, começado a fundir, começado a lavrar, começado a escrever, começado a rever, começado a demolir*".

Sim, diz-se, quando são construidas essas phrases do modo seguintes: *começado a fazer o reparo, começada a construir a capella, começado a fundir o metal, começada a lavrar a terra, começado a escrever o artigo*, obra *começada a imprimir* (244), *começados a rever os apontamentos, começadas a demolir as ruinas;* mas já nos não parecem boas e conformes com as construcções dos bons escriptores as phrases: *antes de começado o reparo a fazer, antes de começada a capella a construir, antes de começado o metal a fundir, antes de começada a terra a lavrar, antes de começado o artigo a escrever, antes de começados os apontamentos a rever, antes de começadas as ruinas a demolir.*

Estes são modos de construir que não encontram apoio nas tradições da lingoa, alem de, em alguns casos, nos induzirem em equivocos; aquell'outros, porém, são construcções habituaes á lingoa, são formas particulares de travar o discurso, em que a forma verbal infinitiva sob forma activa implica uma ideia de passividade.

"Construcções todas essas", dil-o bem o Dr. Ruy (*Loc. cit.*), "em que a forma activa dos verbos lhes faz as vezes da significação passiva".

---

(244) — Cast. Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 7.º Pg. 61.

Não comprehendemos, porém, como, exprimindo-se assim o illustre autor da *Replica*, considerando que a forma verbal activa denota uma significação passiva, apresente, entre os exemplos das construcções a que allude, os seguintes trechos, extrahidos os dois primeiros de Duarte Nunes de Lião, e o ultimo, dos *Fastos* de A. Castilho:

"*Acabado de comer*, foi-se o duque".
(*D. João I.* Cap. 67. Pg. 304).

"*Acabado de a dar* á terra".
(Ibid. Cap. 87. Pg. 420).

"Acaba de descobrir-se a constellação da Aguia de Jupiter, *começada a apparecer* a 25 de Maio".
(*Fastos.* v. III. Pg. 113).

Onde, nesses exemplos, encontrou o Dr. Ruy a significação passiva das formas infinitivas, propria a taes construcções?

O primeiro exemplo de Duarte Nunes de Lião é assim redigido:

"Acabado de comer, foi-se o Duque para seo alojamento, e el-rei ficou alli".

Neste exemplo o participio é de sentido activo — *acabado*, isto é, *tendo acabado*, e o verbo *comer*, empregado absolutamente, não pode ter passiva; e no exemplo nenhum sentido teria.

Nenhum sentido passivo, portanto, ha nesta passagem de Nunes de Lião.

O segundo exemplo do mesmo escriptor é assim construido:

"E o outro (signal) foi levar-lhe a rainha, por cujas orações e santidade esperavam escapar de quaesquer perigos, por a qual se mostraria pouco sentimento, se *acabado de a dar á terra*, fossem fazer guerra voluntaria e não necessaria, sem metter nisso algum espaço".

A expressão *se, acabado de a dar á terra, fossem*, significa: *se, tendo acabado de a dar á terra, fossem.*

Ainda aqui nenhuma ideia de passividade na forma infinitiva.

No terceiro exemplo, no de Castilho, o verbo *apparecer*, sendo essencialmente um verbo intransitivo, não se lhe pode dar passiva; o participio *começado* esse é, sim, passivo só na forma, mas de sentido activo.

As formas verbaes infinitivas podem ou não apresentar um sentido passivo; o que se observa sempre em taes construcções, em nossa lingoa, é que o participio, de forma passiva e de significação activa, é seguido immediatamente do infinitivo.

Esta construcção portugueza é imitada da latina, de que se encontram os seguintes exemplos:

"*Bello Athenienses undique premi coepti sunt*". (Corn. Nep.) "*Desiderari coepta est Epaminondæ diligentia*". (Id.) "*Res in senatu agitari coepta est*". (Sallust.) "*De his rebus, quæ inter eos agi coeptae... essent*". (Caes.) "*Eligi coepimus; occidi coepere*". (Tac.) "*Desitum est disputari*". (Id.) "*Desierunt jam ulla contemni bella*". (T. L.) (245).

Donde se vê os Latinos com os verbos *desinere*, (*) e *coepere*, correspondentes aos nossos dois verbos *cessar*, *começar*, empregavam a mesma construcção, já dando a forma passiva a ambos os verbos, o que era mais frequente, já dando ao infinito só essa forma.

Seguindo esta syntaxe, disse Duarte N. de Lião:

"Mandou-a arrimar a uma torre já *começada a derribar*".
(*Chron. d'el-rei D. João o I.* Pg. 343).

Semelhantemente escreveram Bernardo de Brito, Fr. Luiz de Souza e Vieira:

"*Começadas a costear* as ribeiras da Lusitania".
(*Mon. Lusit.* Parte 1.ª Liv. 2.º Cap. 5.º Pg. 153).

"De sua vida *começada a compor* pelo mestre Fr. Luiz de Granada".
(*Vida do Arceb.* Liv. 5.º Cap. 22. Pg. 233).

"*Tornado a povoar* assim o mundo".
(Vieira. *Serm.* T. 4.º Pg. 319).

E Alexandre Herculano:

"*Começada a povoar* pouco antes".
(*Hist. da Inq.* T. 1.º Pg. 116).

(245) — Vide. *Gramm. Lat.* de J. M. Guardia e Wierzeyski. Pg. 380.

(*) Omittiu-se a virgula neste lugar, na 2.ª ed., de 1923.

XLVIII

INDEMNIZAR.

"Ou *lhe indemnize a differença*".

O *Projecto do Codigo* em seo art. 1333 havia escripto:

"No caso do art. antecedente, se os prejuizos da gestão excederem o proveito della, poderá o dono do negocio exigir que o gestor restitua as coisas ao estado anterior, ou o *indemnize da differença*".

A este artigo fez o Dr. Ruy Barbosa a seguinte emenda

" ... excederem o seo proveito... ao estado anterior ou *lhe indemnize a differença*".

Em minhas *Ligeiras Observações* (Pg. 70) censurei nos seguintes termos essa syntaxe do illustre censor, de que varias vezes se soccorre, usando do verbo *indemnizar*:

"Não se diz em portuguez correcto *indemnizar a alguem alguma coisa;* mas, *indemnizar alguem por alguma coisa* ou *de alguma coisa.*

"Nos bons modelos da linguagem portugueza não nos lembra ter encontrado o verbo *indemnizar,* empregado do modo como o emprega quasi sempre o Dr. Ruy, nas emendas que faz ao *Projecto.*

"Outra é a syntaxe seguida pelos nossos escriptores, no que respeita a este verbo".

E depois de amparar a minha these em dois exemplos, de Latino Coelho e na redacção dos arts. 744, 1521, 2361, do *Codigo Civil Portuguez,* em que se emprega syntaxe analoga á do *Projecto,* mostrei que não harmoniza com este modo de dizer dos bons escriptores a syntaxe do Dr. Ruy, quando, por exemplo, diz no art. 1338, paragrapho unico: "Será obrigado a *indemnizar ao gestor as despesas necessarias,* etc.; no art. 1380: "A' sociedade *indemnizará* cada socio *os prejuizos* que por sua culpa ella soffrer"; no art. 1432: "... mediante a paga de um premio, a *indemnizar-lhe o prejuizo*"; e no art. 1541: "... *indemnizará* o offensor *ao offendido as despesas* do tratamento".

Não está por minhas observações o Dr. Ruy; sem apresentar um só exemplo de escriptor classico, antigo ou moderno, que autorize a construcção que defende, arrima-se em argumentos analogicos, que, no caso, nenhuma convicção produzem, quando desacompanhados dos exemplos dos bons modelos, que lhes firmem e sancionem as affirmações.

Pelo facto do verbo *restituir*, numa de suas accepções, e *entregar*, em certos casos, terem, como diz o Dr. Ruy, o mesmo sentido que o verbo *indemnizar*, não se segue que, nas construcções em que este entra, tenha invariavelmente a mesma syntaxe daquelles.

Diz-se, é verdade, *restituir alguem de alguma coisa, de damno, perda, males que soffreo*, como se diz *indemnizal-o dos prejuizos, das perdas* ou *damnos soffridos;* mas não nos apontou o Dr. Ruy um só exemplo de fonte vernacula em que, usando-se do verbo *indemnizar*, se escrevesse: *indemnizar a alguem os damnos, as perdas soffridas*, em vez de *indemnizar alguem dos damnos, das perdas soffridas*, ou *pelos damnos, pelas perdas soffridas.*

O exemplo de Castilho Antonio "*indemnização á mestra*" com que cerra o Dr. Ruy as suas observações sobre a syntaxe do verbo *indemnizar*, que impugnamos, não lhe serve de defensão; mostra, contrariamente, um engano, senão erro, em que inadvertidamente cahio, interpretando o exemplo do escriptor portuguez.

Com effeito, assim escreve o Dr. Ruy (*Replica*, § 63, n. 260):

"Como autoridade me bastaria a de Castilho Antonio, que escreveo: "Indemnização *á* mestra". (*Colloq. Ald.* pg. 92), quando, segundo a regra do mestre bahiano, só se poderia dizer: "indemnização *da* mestra". Porque, dizendo "indemnização *á* mestra" dizemos "indemnizar *á* mestra; e então estando *mestra* em complemento indirecto, em complemento directo estará o que *se lhe indemniza;* "*indemnizar á mestra alguma coisa*".

Então, porque se diz em portuguez *indemnização á mestra* segue-se que sem erro se possa dizer *indemnizar á mestra?* Porque se diz em linguagem portugueza *amor ás lettras, respeito á velhice, reverencia ás coisas sagradas, odio á mentira, abominação á infancia*, segue-se que se poderá, sem incorrer em erro palmar, dizer *amar ás lettras, respeitar á velhice, reverenciar ás coisas sagradas, odiar á mentira, abominar á infamia?*

Mas esse erro se infere do que affirma o Dr. Ruy, dizendo:

"Porque, dizendo "indemnização *á* mestra", diremos indemnizar *á* mestra".

Indemnização á mestra diz-se em portuguez, isto é, *indemnização á mestra de alguma coisa* ou *por alguma coisa.*

O que não se diz é *indemnizar á mestra*, e sim *indemnizar a mestra;* não se diz *eu lhe indemnizarei*, senão *eu o indemnizarei.*

Afóra os exemplos já apontados nas *Ligeiras Observações*, adduziremos os seguintes, em que se observa a syntaxe que defendemos:

"Para *nos indemnizarmos do desgosto* de haver notado esta pequena falta no estylo dos *Cuidados Litterarios*".

(Silv. Ribeiro. *Primeiros traços de uma resenha de Litt. Port.* T. 1.º Pg. 29).

"Como poderia jamais *indemnizar a sua patria das producções* futuras..."?

(A. Cast. Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 5.º Pg. 25).

"O governo obrigara-se alem disso a *indemnizar a camara apostolica por todas as despesas*".

(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Mil.* T. 1.º Pg. 400).

"Para conseguir em juizos competentes o ser *indemnizado das perdas e interesses*".

(Ibid. Pg. 453).

"Quiz o ministerio hespanhol *indemnizar os navios portuguezes de quanto haviam despendido* em munições".

(Ibid. T. 2.º Pg. 80).

"Para o defender *e indemnizar de quaesquer damnos*".

(Ibid. Pg. 54).

"Buscam *indemnizar-se da estreiteza* na immensa amplidão das agoas".

(Id. *Varões Illustres.* Part. 1.ª Pg. 72).

"Era necessario que a sociedade *me indemnizasse do patrimonio*".

(Camillo. *Myst. de Lisb.* Vol. 1.º Pg. 64).

Aos exemplos de Teixeira de Freitas, citados pelo Dr. Ruy, subsidiariamente, *em argumento adminicular*, como se exprime, opporemos os seguintes, extrahidos do *Codigo Civil Portuguez*:

"Será obrigado... a *indemnizar o outro do valor*, que directamente lhe pertencer". (Art. 2302 § 2.º).

"Sem que o dito dono seja obrigado a *indemnizar o especificador*". (Art. 2303).

"Comtanto que seja *indemnizado de qualquer prejuizo*, que dahi lhe provenha". (Art. 2314).

"*Indemnizar o lesado por todos os prejuizos* que lhe causa". (Art. 2361).

"A *indemnizar o ferido dos gastos* que tiver feito no curativo". (Art. 2386).

"Para *indemnizar os filhos de quaesquer bens* distrahidos pelos paes". (Art. 2105).

"O direito de serem *indemnizados dos prejuizos*". (Art. 456. § Unico).

"Comtanto que sejam *indemnizados dos prejuizos*". (Art. 461).

"O mantido ou restituido deve ser *indemnizado dos prejuizos* que teve pelo facto da turbação ou do esbulho...". (Art. 492).

"*Indemnizados das despesas* que houverem feito para a conservação da coisa". (Art. 498).

"O fiador que foi obrigado a pagar pelo devedor tem direito de ser por elle *indemnizado:*

"1.º *Da divida* principal".

"2.º *Dos juros* respectivos á quantia paga...".

"3.º *Das perdas e damnos...*" (Art. 838, n. 1, 2 e 3).

"*Indemnizando o proprietario do prejuizo* resultante da differença que houver". (Art. 1727).

Nos artigos 2384, 2385, 2389, 2391, 2392 do mesmo *Codigo* notam-se as expressões: *indemnização* por perdas e damnos; *indemnização por* alimentos em favor dos filhos menores: *indemnização* por injuria; *indemnização por* violação de honra e virgindade; *indemnização por* offensa de direitos adquiridos.

A proposito da expressão de Antonio de Castilho — *indemnização á mestra,* que, mal — avisadamente, julga o Dr. Ruy justificar, a sua phrase *indemnizar a alguem alguma coisa, indemnizar á mestra alguma coisa,* escreveo este trecho, que merece refutado:

"Quando segundo a regra do mestre bahiano, só se poderia dizer "indemnização *da* mestra".

Eu não disse tal, nem o que affirmei leva á conclusão do Dr. Ruy.

XLIX

EMBOLSAR.

"Embolsar, reembolsar *a alguem alguma coisa*".

No art. 648 do *Projecto* foi a phrase "... *pagando-lhe metade do valor actual da obra e do terreno*" assim emendada pelo illustre Dr. Ruy Barbosa: "*embolsando-lhe metade* do que actualmente valer a obra e o terreno por ella occupado", e no art. 1339 a phrase do *Projecto* "*e indemnizar o gestor pelas despesas*", foi substituida na emenda por est'outra: "*recembolsando ao gestor as despesas*", seguindo o esclarecido censor, com respeito aos verbos *embolsar* e *reembolsar*, a mesma syntaxe que extranhamos quanto ao emprego do verbo *indemnizar*.

Aqui, como relativamente á construcção que usou, empregando o verbo *indemnizar*, não se fundamenta o Dr. Ruy em exemplo algum de escriptor autorizado; limita-se em explicar assim a vernaculidade da construcção, que em sua emenda adoptou:

"Que *é embolsar?* "*Metter na bolsa*". Assim Bluteau (v. III), Moraes, Constancio, Vieira, Aulete e Figueiredo, o qual addiciona: "*pagar o que se deve a*".

"Ora, se *embolsar é pagar o que se deve a alguem,* aquelle a quem se dever, está em regime *indirecto,* na posição grammatical equivalente ao dativo latino, indicada com a preposição *a*. Será, portanto, *embolsar* ou *reembolsar a alguem o que* se lhe deve.

"O mesmo teremos, se decompuzermos *embolsar* em *metter na bolsa.* Aquelle *na bolsa de quem se mette* o dinheiro, ou seo equivalente, ficará de complemento indirecto ao verbo *embolsar,* cujo *objecto* então ha-de ser *a coisa embolsada.* Por est'outro caminho iremos dar, pois, no mesmo resultado. *Embolsar* = *metter na bolsa.* Logo, *metter alguma coisa na bolsa a alguem* = *embolsar a alguem alguma coisa.*

"Tão regular, pois, é a construcção *embolsar-lhe a quantia,* como *embolsal-o da quantia*". (246)

---

(246) — Vide *Replica.* § 64–261.

Por esse processo de *desdobramento* achariam defesa a maior parte das construcções, ainda as mais viciosas, oppuzessem, embora, formal desmentido ás tradições da lingoa.

Temos lido sempre nos modelos do fallar genuino *embolsar* ou *reembolsar alguem de alguma coisa,* mas *embolsar a alguem alguma coisa,* não nos parece de bom quilate; e a prova é que o proprio Dr. Ruy, que com tanto carinho e tão assiduamente conversa os bons exemplares, não achou um só exemplo, em que estribasse a construcção que defende.

Usando deste verbo Innocencio da Silva, escriptor de reconhecida vernaculidade, na *Introducção* aos *Lusiadas* de Camões, não seguio a syntaxe da emenda, quando disse:

"Para *embolsar Pedro Barreto de duzentos cruzados,* de quem se dizia credor".

E' a mesma syntaxe de que usou Vieira no seguinte passo de uma de suas *Cartas* ao Conde de Ericeira: (247)

"E o quanto sua magestade estimaria que seos vassallos o soccorressem nesta occasião com trezentos mil cruzados, *dos quaes se embolsariam* em um tributo de tostão, ou cento e vinte reis em cada arroba de assucar do mesmo Brasil".

Disse tambem José de Castilho:

"É, declara a viuvinha, para ser *embolsada de todo o dinheiro* que despendeo com a telegraphia electrica".

(*Arte de Amar.* T. 2.º Pg. 188).

Ainda da mesma construcção se valeo o *Codigo Civil Portuguez,* no art. 1016, onde se lê:

"Ficam sendo credores communs a respeito da quantia *de que* não forem *embolsados*".

Calando a coisa *de que* alguem é *embolsado* ou *reembolsado,* não se diz: "Já *lhe embolsei ou reembolsei*", "seremos obrigados a *embolsar-lhes* ou *reembolsar-lhes;* mas: "já *o embolsei* ou *reembolsei*", "seremos obrigados a *embolsal-os* ou *reembolsal-os*".

(247) — Vide *Trechos Selectos. Pub. Comm. do bi-cent.* Pg. 358.

L

POSSESSIVO E PRONOME.

"A obrigação do fiador passa-lhe aos herdeiros".

(Emenda do Dr. Ruy ao art. 1503 do *Projecto*).

Dissemos nas *Ligeiras Observações*, a pag. 71, que, emendando assim o art. 1503 do *Projecto*, onde se diz: "a *obrigação do fiador passa a seos herdeiros*", o Dr. Ruy tornara, a nosso entender, o pensamento menos preciso e a phrase forçada e desenxabida.

De modo analogo emendou o emerito escriptor o art. 1589 do *Projecto*, substituindo a phrase:

"Fallecendo o herdeiro antes de declarar se acceita a herança, *o direito de acceitar passa a seos herdeiros*".

Por est'outra:

"... *o direito de acceitar passa-lhe aos herdeiros*".

Por elegancia costumam, ás vezes, os nossos classicos substituir os adjectivos possessivos pelos pronome das pessoas correspondentes aos possessivos ajunctando-o aos verbos, a que acompanham os substantivos, complementos ou sujeitos, sempre precedidos do artigo indicativo.

Assim que elegantemente se diz em portuguez:

Agradeço-*lhe* os cuidados, advinho-*lhe* os pensamentos, agradeço-*lhe* a cortezia, respeito-*lhe* o saber, venero-*lhe* a virtude, admiro-*lhe* a dedicação, tomei-*lhe* a entrada, cortei-*lhe* a sahida, cortei-*lhe* as azas, quebrei-*lhe* a cabeça, venero-*lhe* as cinzas, louvo-*lhe* a sinceridade, invejo-*lhe* o talento, rompeo-*lhe* as vestes, arrancou-*lhe* a mascara, acaricia-*lhe* os filhos, cantou-*lhe* o heroismo, exaltou-*lhe* as proezas, roubou-*lhe* todo o socego, avivou-*lhe* as chagas, ferio-*lhe* o coração, abrazou-*lhes* os peitos, incendeo-*lhes* o enthusiasmo, enturvou-*lhe* o goso, aguou-*lhe* a ventura, encobri-*lhe* o brilho, enervou-*lhe* o espirito, rebitou-*lhe* os cravos da amargura, envenenou-*lhe* a taça

da felicidade, amargurou-*lhe* os dias da velhice, doe-*me* a cabeça, desfallecem-*me* as pernas, vacillam-*me* os joelhos, alquebram-se-*me* as forças, aguço-*lhe* a curiosidade, aborreço-*lhe* a ingratidão, aviva-se-*lhe* o engenho, abranda-se-*lhe* o coração, já nessa epocha *me* haviam morrido pae e mãe, sugava-*lhe* o sangue, profanou-*lhe* a memoria, perdeo-*lhe* o rumo, só com *lhe* ouvir o nome, com *lhe* exaltar os feitos, para *lhe* augmentar os soffrimentos, para *lhe* minorar as dores, para *lhe* aligeirar a carga.

São muitos os exemplos, em que se nota esta substituição do adjectivo possessivo pelo pronome, juncto ao verbo, a que acompanha um substantivo, precedido do artigo, como o attestam os exemplos seguintes, que se enthesoiram nos mais abonados escriptores:

"Ondea-*lhe* os cabellos, alisa-*lhe* a testa, rasga-*lhe* os olhos, afila-*lhe* o nariz, abre-*lhe* a bocca, avulta-*lhe* as faces, tornea-*lhe* o pescoço, estende-*lhe* os braços, espalma-*lhe* as mãos, divide-*lhe* os dedos, lança-*lhe* os vestidos; aqui desprega, alli arruga, acolá recama: e fica um homem perfeito".

(Vieira. *Sermões*. T. 5.º Pg. 345).

"Respeita-se-*lhe o juizo;* ama-se-*lhe* o espirito, a modestia, a decencia, os instinctos bons, nobres e generosos, a timidez que não exclue a heroicidade; colhem-se-*lhe* as palavras benevolas, como diamantes, que se enthesoiram, e defendem com ciume".

(A. Cast. *Felicidade pela Agricultura*. Vol. 1.º Pg. 106).

"Não tem em mira senão arrebatar-*lhe* os bens".

(A. Herc. *Hist. da Inq.* T. 2.º Pg. 110).

Mas, nem sempre nas construcções portuguezas tem cabida essa substituição do adjectivo possessivo pelo pronome. Sem nada perder da elegancia e do vigor da expressão do pensamento, já pela clareza e precisão mesma da ideia, já por emphase, é preferivel em muitos casos, o uso dos adjectivos possessivos, repetidos ou não, os quaes, longe de desbotarem e desvigorarem a phrase, lhe dão mais graça e relevo; outras vezes a simples anteposição do artigo indicativo ao substantivo, que designa a coisa possuida, dispensa o emprego do pronome e do possessivo, quando a isso não se oppõe a clareza do pensamento.

Sobre este assumpto dest'arte exprime-se Paulino de Souza:

"Dans les phrases comme celles-ci: J'admire ta patience, je connais ses ruses, j'apprécie leur dévouement, on a rendu vains nos efforts, on loue sa valeur, on m'a volé ma canne, etc., etc., on peut remplacer en portugais l'adjectif possessif par le pronom personnel correspondant à la personne indiquée par l'adjectif: *louvo-te a paciencia, conheço-lhe as manhas, aprecio-lhes a*

dedicação, baldaram-nos os esforços, louva-se-lhe o valor, roubaram-me a bengala. Cette tournure est même élégante, mais il ne faut pas en abuser". (248)

São muito mais naturaes as phrases:

Toda a fortuna do tio passou aos sobrinhos, a obrigação de Carlos passou a seo filho, a gerencia commercial da casa de Pedro passou a seo filho mais velho, a loucura do avô transmittio-se ao neto, a doença do pae passou aos filhos, os predios de Antonio couberam a seos dois filhos, todos os bens daquelle millionario passaram á sua mulher, que est'outras: Toda a fortuna do tio *passou-lhe* aos sobrinhos, a obrigação de Carlos *passou-lhe* ao filho, a gerencia commercial da casa de Pedro *passou-lhe* ao filho, mais velho, a loucura do avô *transmittio-se-lhe ao neto,* a doença do pae *passou-lhe* aos filhos, os predios de Antonio *couberam-lhe* aos dois filhos, todos os bens daquelle millionario *passaram-lhe* á mulher, onde transparecem uns longes de esforço e affectação.

Os excerptos seguintes mostram o emprego dos possessivos, quando, segundo pensa o Dr. Ruy, deveriam ser substituidos pelo pronome em seguida ao verbo, ou escusados, pela clareza na disposição da phrase.

Como se notará, com o uso desses adjectivos em nada perdeo a expressão do pensamento de sua energia e vigor:

"Por não saber desejar mais, que salvar-se de *suas* mãos com pouco damno, que de algum certo estava".

(*Palmeirim.* T. 3.º Part. 2.ª Cap. 139. Pg. 113).

"Todos o queriam ver e ouvir e receber de perto *sua* benção".

(*Vida do Arceb.* Liv. 3.º Cap. 1.º Pg. 112).

"Condemnou Deus este primeiro ladrão a que comesse o *seo* pão com o suor do *seo* rosto".

(Vieira. *Sermões.* T. 3.º Pg. 207).

"Grangear dalli por diante o sustento com o trabalho de *suas* mãos".

(Id. Ibid. Pg. 206).

"Offereceram a *seos* pés os presentes que traziam".

(Id. Ibid. T. 7.º Pg. 383).

"Vimos a *sua* estrella, e por isso o vimos a adorar".

(Id. Ibid.).

"Venera *suas* permissões, reverencêa e adora *seos* occultos juizos, encolhe os hombros com humildade a *seos* decretos soberanos".

(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 10).

(248) — *Grammaire Portugaise.* Pg. 445.

"Por mais que nós não saibamos entender *vossas* obras, por mais que não possamos alcançar *vossos* conselhos, sempre sois justos, sempre sois santo, sempre sois infinita bondade".

(Id. Ibid.).

"Chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro á *sua* modestia; chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito ás *suas* cãs; chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortezia á *sua* qualidade".

(Id. Ibid. Pg. 21).

"Respondeo Arão... que fossem a *suas* casas, que tirassem as arrecadas das orelhas a *suas* mulheres, a *suas* filhas, e a *seos* filhos e que lh'as trouxessem".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 297).

"Desafogou-se o Brasil, franquearam-se *seos* portos e mares, libertaram-se *seos* commercios, seguraram-se *seos* thesoiros".

(Id. *Hist. do Futuro.* Vide *Trechos Selectos. Pub. comm. do bi-cent.* Pg. 433).

"Quando alguem tem pão em *sua* casa, tem tambem em *sua* casa amigos".

(M. Bernardes. Vide *Iris Classico.* Pg. 203).

'Tornou então a cerrar os olhos e desatou-se *seo* espirito".

(Id. Ibid. Pg. 195).

"A continua representação das scenas... que repugnavam á brandura da *sua* indole".

(A. Herc. *Hist. da Inq.* T. 1.º Pg. 50).

"Os bens dos sentenciados pela Inquisição ficavam aos *seos* herdeiros".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 326).

"Aconselhava que a terça dos sentenciados se deixasse aos filhos".

(Id. Ibid. Pg. 287).

Sem temer que lhe puzessem a tacha de inelegante, disse Castilho Antonio:

"Se alem mundo se pode curar do que se faz cá em baixo ao espolio e ao nome que largamos, gloria accidental lhe deve ter sido no ceo o affecto com que tantas corôas têm cingido o *seo* tumulo, tantos brados da imprensa lhe deram o sentido *vale*, e (*) em tantissimas casas se chorou a *sua* partida, como de um socio que todos os annos lhes levava as boas estreias".

(*O Outono.* Pg. 268).

Não vejo, pois razão para se preferir a phrase do Dr. Ruy: "*A obrigação do fiador passe*-LHE *aos herdeiros*" á do *Projecto*: "*A*

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se o "e".

obrigação do fiador passa a SEOS *herdeiros*", nem a da emenda: "O *direito de acceitar passa-*LHE *aos herdeiros*" á redigida assim no *Projecto*: "*O direito de acceitar passa a* SEOS *herdeiros*".

Em nenhuma dellas ha, em verdade, incorrecção; mas na primeira de cada uma das duas ha, digamol-o assim, uns longes de esforço e affectação.

Diz o *Codigo Civil Portuguez* em seo art. 1993:

"Se o filho legitimo fallecer sem descendentes, succeder-lhe-hão *seo pae e sua mãe* por partes iguaes, ou na totalidade da herança, se existir só algum delles".

A expressão *seo pae* e *sua mãe* é evidentemente mais precisa, que os mesmos substantivos precedidos apenas do artigo indicativo; e o art. 2032 do mesmo *Codigo*, que corresponde ao art. 1589 do *Projecto*, é assim construido:

"Se o herdeiro fallecer sem acceitar ou repudiar a herança, passará a *seos* herdeiros o direito de acceitar ou repudiar".

E' mais natural esta construcção, do que fôra dizer:

"... o direito de acceitar ou repudiar a herança passar-lhe-ha aos herdeiros".

Ora, segundo pensa o eminente autor da *Replica*, "*das leis portuguezas modernas é o Codigo Civil a que tem autoridade classica*". (249)

Já vimos atraz que A. Herculano usou de construcção analoga á seguida pelo *Projecto*, dizendo:

"Os bens dos sentenciados ficavam aos SEOS herdeiros".

Certamente não leva a melhor a construcção adoptada pelo Dr. Ruy.

* * *

Não são apenas esses dois artigos do *Projecto*, cuja syntaxe, tratando o eximio critico da substituição dos possessivos pelos pronomes, carrega á inhabilidade do escriptor no meneio de nossa lingoa; alguns outros ha, que argue da mesma pecha; e, entrando em algumas observações attinentes ao assumpto, transcreve em sua *Replica* os trechos em que os aponta na exposição preliminar de seo *Parecer*.

Oiçamol-o:

"Tem o nosso idioma bellezas de concisão e vigor inestimaveis, especialmente na redacção das leis, onde a magestade da soberania se revê na brevidade da palavra.

(249) — *Replica*. § 38—174.

"Consiste uma dessas elegancias do nosso fallar no privilegio de escusarmos os adjectivos possessivos, forrando-nos ao seo uso ou pela mera clareza na disposição da phrase, ou pela utilização opportuna do dativo do pronome pessoal em seguida ao verbo.

"A repetição de *meo, teo, seo, nosso, nossos, vosso, vossos,* toda vez que importe exprimir a relação de pertença, ou dependencia, desvigora, peia e arrasta a prosa vernacula.

"Um prosador habil no meneio de nosso idioma não diria, por exemplo, como o *Projecto* no art. 391, n. I: "É direito do progenitor sobre a pessoa dos filhos menores:

"I. *Dirigir sua educação*",

"A boa forma portugueza, clara, incisiva e tersa é — *dirigir-lhes a educação.*

"Mas, continua o Dr. Ruy, "o *Projecto* quasi não conhece outra maneira de escrever. Veja-se o art. 430, n. I, o art. 433, n. II, o art. 464, o art. 485, o art. 598, n. I, o art. 672, o art. 831, n. II, o art. 1550, § Unico". (250)

Examinemos os artigos, que constituem o assumpto da censura:

Art. 391. "É direito do progenitor sobre a pessoa dos filhos menores: "I. Dirigir *sua* educação".

É sem duvida mais elegante a syntaxe adoptada na emenda; mas não é nem mais clara, nem mais incisiva, nem mais tersa.

O *Codigo Civil Portuguez,* que tem, como confessa o Dr. Ruy, "*autoridade classica*", não se receou de dizer tratando dos direitos e obrigações do tutor, no art. 243, n. 1:

"Reger e defender a pessoa do menor e administrar *seos* bens, como bom pae de familia etc.".

Incorrerá tambem o *Codigo Portuguez* nessa tacha de inhabilidade no meneio do nosso idioma, de que o ilustre censor accusa os redactores do *Projecto do Codigo Brasileiro?*

Art. 430. "Cabe ao tutor, quanto á pessoa do menor:

"I. Dirigir *sua* educação, defendel-o e prestar-lhe alimentos conforme os seos haveres e condições".

Emenda o Dr. Ruy, dizendo:

".... dirigir-lhe a educação, defendel-o, etc.".

A phrase do texto é correcta e clara; na construcção da emenda ha, talvez, como na do artigo antecedente, mais elegancia; mas, a

(250) *Replica.* § 65. n. 262.

que fim a emenda, quando nos mais vernaculos escriptores encontramos modos de dizer em tudo analogos ao de que usou o *Projecto?*

Folheie-se o *Fausto* de A. Feliciano de Castilho, e a pg. XI encontraremos, á leitura da primorosa e bem acabada *introducção* desta obra, o seguinte lanço:

"Nesta (leitura), posto não desapparecessem os motivos de minha primeira admiração, tive azo de ir descobrindo *suas* maculas";

e no *Amor e Melancolia,* a phrase seguinte:

"Se este livro, que eu compuz para ti, chegar ás *tuas* mãos, serás a unica pessoa, depois de mim, que o entenda". (Pg. 11).

E quem negou nunca os fóros de vernaculo, terso e elegante a Antonio de Castilho, engenhoso artifice da palavra, a quem sempre docilmente obedeceram o cinzel e o buril?

Art. 433 "Compete-lhe, tambem, mas com autorização do juiz:
"II. Receber as quantias devidas ao orphão e pagar *suas* dividas, empregando os saldos".

Alvitra o illustre censor a seguinte emenda:

"Receber as quantias devidas ao orphão, pagar-*lhe* as dividas e empregar os saldos".

Demais de ser a phrase do *Projecto* tão correcta, quanto a do artigo anteriormente censurado, accresce aqui a necessidade do possessivo, para evitar o equivoco, a que induziria o emprego do pronome.

O *Codigo Portuguez* redige assim o n. 10 do art. 243, que corresponde ao numero II do art. 433 do *Projecto*:

"Pagar as dividas do menor, se para isso estiver autorizado";

evitando, dest'arte, como a redacção do *Projecto,* toda a equivocação.

Art. 464. "A autoridade do curador estender-se-ha aos filhos e bens de *seo* curatelado, nascido ou nascituro".

É este artigo assim emendado:

"À autoridade do curador estender-se-ha aos filhos e bens *do* curatelado, nascido, ou nascituro".

Nenhum vicio ha syntactico na redacção do artigo censurado.

Usando de syntaxe analoga, sem temer que lh'a lançassem á conta de redundante ou superflua, escreveo assim A. Castilho, na *Felicidade pela Agricultura*:

"Porque haveis de saber, meos amigos, que tudo quanto os homens têm descoberto e inventado, para augmentar as *suas* forças, os *seos* cabedaes, a *sua* saude, as *suas* virtudes, as *suas* relações de amor, e o numero das horas suaves e alegres, tudo, de muitos seculos para cá, se tem ido guardando nos livros".

(Vol. 1.º Pg. 116).

Já havia dito o Padre Antonio Vieira, num de seos *Sermões*:

"O certo é que as obras sempre se parecem com *seo* autor".

(T. 7.º Pg. 28).

De modo analogo diz o *Codigo Portuguez* no art. 248:

"*O tutor é responsavel pelos prejuizos que, por dolo, culpa ou negligencia, causou ao seo pupilo*".

Art. 485. "Se durante a posse provisoria se provar a epocha exacta do fallecimento do ausente, considerar-se-ha nessa data aberta *sua* successão em favor dos herdeiros que então o eram".

Nem mais correcta, nem mais clara, nem mais concisa, nem mais elegante é a redacção do substitutivo, que assim diz:

"Se durante a posse provisoria se provar a epocha exacta do fallecimento do ausente, considerar-se-ha, nessa data, aberta a successão em favor dos herdeiros, que o eram áquelle tempo".

Diz o *Projecto* no art. 598:

"São coisas sem dono e sujeitas á apropriação:

"I. Os animaes bravios, emquanto conservem *sua* natural liberdade"...

Diz a emenda:

"Os animaes bravios, emquanto entregues á *sua* natural liberdade".

Aqui o insigne censor perdeo o alvo onde levava a mira: censurando por escusado o adjectivo possessivo, reprodul-o na emenda e, o que mais é, fal-o, encarecendo ainda mais a determinação do possessivo.

O texto, com effeito, diz: "conservem *sua natural liberdade*"; a emenda, requintando na determinação, diz: "entregues *á* (isto é a a) *sua natural liberdade*".

Ao critico esqueceo-lhe que impugnava por inelegante e escusado o uso do possessivo, que perfilha na emenda ao mesmo artigo, apontado como encerrando o pretenso vicio de que arguia os artigos anteriores.

"Art. 672. "É passivel de cessão o direito do autor de ligar o *seo* nome a qualquer producto de sua intelligencia".

A emenda redige assim este artigo do *Projecto*:

"É susceptivel de cessão o direito, que assiste ao autor, de ligar o nome a todos os seos productos intellectuaes".

Aqui a simples anteposição do artigo *o* ao vocabulo *nome* não lhe dá aquella precisão de que deve a linguagem revestir o pensamento, que se intenta exprimir: ligar *o nome* a uma empreza, a um invento, é menos preciso e determinado que ligar *seo nome* a uma empreza, a um invento. (*)

Disse Latino Coelho (*Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 145):

"Legar o *seo nome* á posteridade", e não "legar *o nome* á posteridade".

Innumeros são os exemplos em que, em casos analogos, é frequente, entre os escriptores de mais vulto, não só expressar o possessivo, senão ainda repetil-o na mesma phrase ou periodo, quando se intenta debuxar o pensamento com mais emphase e relevo.

Ao exemplo de M. Bernardes, já atraz citado:

"Quando alguem tem pão em *sua* casa, tem em *sua* casa amigos".

ajunctamos os seguintes trechos de Antonio de Castilho:

"O mais soberbo sente-se ufano no dia em que obtem *a sua mão;* o mais avaro daria metade dos thesoiros pelo *seo* primeiro suspiro, e os thesoiros todos pelo *seo* primeiro beijo".

(*Felicidade pela Agricultura.* Vol. 1.º Pg. 106).

"O campo, sonhado pela sciencia, em cada camada do *seo* terreno, em cada elemento dos *seos* adubios, em cada gotta do *seo* orvalho, em cada

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se a virgula depois de "precisão" e "determinado" e colocou-se virgula depois de "ligar *o nome*".

molecula dos *seos* gazes, em cada poro das *suas* plantas e animaes, em cada tacita relação de tudo seo com os meteoros, com a electricidade, com o frio e calor, com a luz e as trevas, com cada um dos ventos, com cada uma das quadras do anno, com cada um dos mezes, com cada um dos dias e horas do dia, o campo, repetimos, encerra, pois, mais alta poesia, poesia mais bella, mais fecunda, mais vivaz, mais duradoira que as antigas".

(Id. Ibid. Pgs. 28 e 29).

A esta passagem do admiravel mestre do bom dizer vernaculo a ninguem lembrará pôr a nota de inelegante a alheia da indole do nosso formoso idioma, nem a est'outro passo da cinzeladura de Latino Coelho:

"Andara buscando patriotica os homens de maior valia, pela alteza do *seo* entendimento, pelos quilates do *seo* saber, ou pela eminencia da *sua* posição social, para confiar-lhe o encargo honroso".

(*Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 122).

Era assim formulado o n. II do art. 831 do *Projecto*:

"Aos descendentes, sobre os immoveis do ascendente que administra *seos* bens".

A emenda substitue aqui o possessivo pelo pronome dizendo:

".....sobre os immoveis do ascendente que *lhes* administra os bens".

São igualmente correctos os dois modos de compor a phrase.

A syntaxe adoptada no *Projecto* conforma com os dois lugares, a que atraz alludimos, de Bernardes e A. Castilho:

"Tornou a cerrar os olhos e desatou-se *seo* espirito". "Com que tantas coroas têm cingido o *seo* tumulo..... e em tantissimas casas se chorou a *sua* partida".

Usando de syntaxe semelhante, disse Fr. Luiz de Souza:

"E só isto o consolava, alliviando a tristeza que opprimia *sua* alma".

(*Vida do Arceb.* Liv. 1.º Cap. 18. Pg. 32).

Foi assim construido no *Projecto* o art. 1550:

"A indemnização por injuria ou calumnia consistirá na reparação do damno que dellas possa resultar para o offendido.

"§ Unico. Se este não puder justificar *seo* prejuizo material, o offensor será obrigado a pagar-lhe o dobro da multa do gráo maximo da respectiva pena criminal".

Censurando ainda aqui o emprego do possessivo emenda o Dr. Ruy Barbosa este artigo, redigindo assim o paragrapho unico:

"Se este (o offendido) não puder provar prejuizo material".

Parece-nos mais precisa e determinada a redacção do *Projecto*. A phrase — *provar prejuizo material* — é mais geral e vaga, e conseguintemente menos clara e incisiva, que est'outra: *justificar seo prejuizo material.*

Essa concisão no redigir as leis, "*onde*", como diz o illustre Dr. Ruy, "*a magestade da soberania se revê na brevidade da palavra*", é certamente qualidade apreciada; mas não o é tanto, quanto inestimavel é o requisito da clareza.

O excesso daquella não raro toca e remata na brachyologia e obscuridade, com relação á segunda, porem, não ha excessos que deslumbrem e ceguem.

A brevidade da palavra não é, outrosim, o molde adequado em que se vase essa *magestade da soberania,* segundo a expressão do illustre censor.

Muita vez, longe de traçar e desenhar clara e fielmente o pensamento, com todas as suas cores, com todos os seos variadissimos toques e cambiantes, parece apenas esboçar-lhe os contornos, empannando-lhe e enturvando-lhe o brilho, a limpidez e a verdade.

Disso estavam convencidos os antigos poetas latinos, quando no espondeo, pé composto de duas syllabas longas, achavam o meio adaptado a exprimir as scenas grandes e magestosas, recorrendo aos dactylos e aos pés em que prevalecem as breves na descripção das scenas risonhas, alegres e ligeiras, das coisas frivolas, ridiculas e de pouco tomo e valia: a marcha do magestoso e triste é grave, lenta e compassada; a do simples e alegre é leve, furtiva e fugaz.

O artigo de uma lei não é uma inscripção tumular, em que a intensidade e profundeza da magoa, tolhendo os passos á voz, mal condiz com a extensão, amplitude e desbarato no dizer.

Não podemos deixar passar sem reparo a expressão "*utilização do dativo do pronome pessoal em seguida ao verbo*", de que se servio o eminente critico da redacção do *Projecto*.

A locução *dativo do pronome pessoal* nada tem de preciso na terminologia grammatical de nossa lingoa.

Com effeito, se as variações pronominaes *lhe, lhes* correspondem ao *dativo* latino, outrotanto não se poderia dizer com respeito

ás variações portuguezas *me, te, nos, vos,* porque não se lhes pode applicar a denominação de *dativos,* por não representarem sempre, em nossa lingoa, o papel syntactico deste caso latino, desde que, sob a mesma forma, ora respondem ao *dativo,* ora ao *accusativo,* exercendo em suas relações na phrase portugueza a funcção de objecto directo ou indirecto.

Entretanto não é só o *lhe* ou *lhes,* juncto ao verbo, que pode substituir os adjectivos possessivos, senão tambem as variações *me, te, se, nos, vos,* que se não podem, com verdade, appellidar de *dativos dos pronomes pessoaes.*

Não conforma, outrosim, com a verdade affirmar, como o faz o Dr. Ruy, que essa variação pronominal, que substitue o possessivo vem *em seguida ao verbo,* porque, caso occorra tal substituição, poderá o pronome vir antes ou depois do verbo, conforme a construcção da phrase.

Assim é que se diz:

"Tive ensejo de lhes ir descobrindo as virtudes"; "não lhes louvo o gosto"; "não me dóe a consciencia"; "não lhe falharam os calculos"; "os que lhe prezam o nome"; "os que lhe conhecem a erudição"; "sempre lhes sondei as intenções"; "sempre lhe admirei a paciencia"; "não me approvou a resolução"; "não me tomou o conselho"; "sempre lhe censurei a ambição"; "sempre lhe applaudi os triumphos"; "não lhes esbulhei os direitos"; "nunca lhes entendi o pensamento"; "não lhe prohibi a entrada"; "nunca lhe illudi as esperanças"; "não lhe puz obstaculos ao casamento"; "em me tocando as orelhas"; "em lhe encarecendo o merecimento"; "em lhe avivando as ideias"; "em lhes instruindo o espirito"; "esquivei-o, quando lhe conheci o caracter"; "quando me percebeo a resolução"; "sem lhe cantar a vida nem lhe chorar a morte"; "sem me alentar a esperança nem me comprehender o amor".

LI

"SE O AUTOR HOUVER CONCORRIDO PARA QUE O REO O COMMETTESSE".

Assim emendou o illustre critico o n. I do art. 325 do *Projecto*, em que se lê:

"Se o autor houver concorrido para que o reo o *commetta*".

Fallando da censura feita á sua emenda, assim escreve o Dr. Ruy (*Replica*. § 66, n. 266):

"Procede aqui a emenda Carneiro. Mas o erro era tão obvio, tão palpavel, tão grosseiro, que o mais vulgar dos escrpitores se poderia indignar á suspeita de o haver commettido advertidamente. Será naturalmente que eu rastejo abaixo dos mais vulgares. Se me houvessem, porem, de julgar os dictames da justiça, e não as malignidades da vingança, o que a critica desapaixonada e judiciosa teria por admiravel, é que muitos, muitissimos outros deslises como esse não abundem, num trabalho daquella extensão, complexidade e miudeza, concluido em cerca de cincoenta dias por um homem absolutamente sosinho e desajudado, quando, attentas, nessa tarefa, a sua grandeza, o seo melindre, a sua variedade, era para absorver quatro ou seis trabalhadores assiduos no curso de mezes e mezes".

Mas apontar descuidos, faltas, erros em um escriptor qualquer, tenha embora os finos quilates de um Ruy Barbosa, é julgal-o pelas malignidades da vingança?

Deve então a critica, para aspirar aos fóros de desapaixonada e judiciosa, só abrir os olhos ás faltas pequenas, triviaes, aos deslises de pouca monta e cerral-os aos erros obvios, palpaveis, grosseiros, que, só por descuido e inadvertencia cáem das pennas aos escriptores bem apontados no dizer?

Extranho modo de censurar seria este!

Apontar as faltas e erros menos graves e calar os mais graves e de maior tomo, attribuindo-os pura e simplesmente a descuidos e desattenções, para não ser a critica averbada de apaixonada e não judiciosa!

Quando me veio ás mãos o *Projecto do Codigo Civil*, estava escripto naquelle lugar do artigo alludido o imperfeito do subjunctivo — *commettesse;* fui eu quem substituio essa linguagem pelo presente do mesmo modo — *commetta;* volve o *Projecto* ao illustre censor, que, emendando a redacção do artigo, substituio o *commetta*, por mim empregado, pelo *commettesse*, como primitivamente estava escripto no *Projecto*. Era muito natural que eu viesse defender e justificar aquillo que tinha escripto.

Que malignidade houve de minha parte, em sahir a campo para apontar o *commettesse* do Dr. Ruy, que me não parecia apropriado ao caso e a que põe o esclarecido escriptor a pecha de erro *tão obvio, tão palpavel, tão grosseiro, que o mais vulgar dos escriptores se poderia indignar á suspeita de o haver commettido advertidamente?*

Ainda bem que, enunciando-se assim, nos robustece o Dr. Ruy na ideia de que se não podia usar alli, senão inadvertidamente, do imperfeito do subjunctivo.

LII

"PROVADO QUE ELLA, OU O PADRASTO, NÃO OS TRATE CONVENIENTEMENTE".

O art. 335 do *Projecto* é assim redigido:

"A mãe que contrae novas nupcias não perde por isso o direito de ter os filhos na sua companhia, da qual só poderão ser retirados, por ordem do juiz, provado que ella ou o padrasto não os trata convenientemente".

Emendando este artigo, redigio-o assim o Dr. Ruy em seo substitutivo:

"... não perde o direito a ter comsigo os filhos, que só lhe poderão ser retirados, mandando o juiz, provado que ella, ou o padrasto, não os *trate* convenientemente".

Nas *Ligeiras Observações* (Pg. 72) censuramos ao douto critico o emprego, no final do artigo, do subjunctivo *trate*, por *trata*, no presente do indicativo ou affirmativo, e adduzimos as seguintes ponderações:

"A oração completiva ou complementar fica sempre no indicativo, quando na que a rege se contem uma ideia de *certeza, convicção, seguridade.*

"E' justamente o caso: *provar* é estabelecer a verdade de uma coisa por meio de raciocinios, testemunhos, autoridades, documentos justificativos.

"Não se devia, logo, dizer: "provado *que ella ou o padrasto não os trate convenientemente*", mas: provado *que ella ou o padrasto não os trata convenientemente.*

"As provas devem, com effeito, revestir-se de tal cunho de certeza, que forcem e justifiquem a decisão do juiz".

A esta censura respondeo nestes termos o alumiado autor da *Replica*:

"Uma differença de lettra, a troca de um *a* em *e* no final de um verbo, rendeo aqui ao mestre ensejo de pontificar e triumphar nessa plenitude saborosa das grandes e faceis desforras....."

"Deixando a essa disposição unicamente as cinco primeiras palavras:

"A *mãe que contrahir novas nupcias*", alvitrei a seguinte emenda:

"Art. 335... não perde o direito a ter consigo os filhos, que só lhe poderão ser retirados, mandando o juiz, provado que ella, ou o padrasto, não os trate convenientemente. (Arts. 255, n. I, e 400)".

"Bem se vê, portanto, (e, de boa fé não haveria quem o não visse) bem se vê que o meo proposito era alterar o periodo em quasi toda a sua textura, substituindo-o por outro, a meo ver, mais recommendavel, e não, como figurou o Dr. Carneiro, mudar em *trate* o *trata* do *Projecto*". (251).

Mas, emendando o artigo do modo como o fez o Dr. Ruy, como adivinhar-lhe o proposito que tinha de alteral-o em quasi toda a textura?

Depois de explicado assim (*) pelo autor da *Replica* o subjunctivo *trate*, pelo indicativo *trata*, impertinente fôra o insistir.

Não enunciei em absoluto, como diz o Dr. Ruy, a sentença de que o subjunctivo indique sempre duvida, indecisão, incerteza; o que affirmei foi que na phrase "*provado que ella ou o padrasto não os* TRATE *convenientemente*", de que usou a emenda, o subjunctivo não condizia bem como a ideia de certeza, contida na oração regente, elliptica, indicada pelo verbo *provar*, e assim me exprimi (*Lig. Obs. Loc. cit.*): "este modo indica *incerteza, indecisão, duvida;* a oração completiva *não os trate convenientemente* não se coaduna nem concerta bem com a ideia de certeza, demonstração, conhecimento positivo e seguro, que a regente encerra.

"Ora, a regente aqui é a proposição elliptica, constituida pelo participio passado *provado*, que assim fica desenvolvida, transformando-se em proposição plena: se for provado, isto é, se for demonstrado, se for incontestavel, certo, reconhecido, se o juiz ficar convencido *que ella ou o padrasto não os trata convenientemente*, se ficar provado, se ficar demonstrado, se ficar averiguado *que ella ou o padrasto não os trata convenientemente*, depois de ficar provado *que ella ou o padrasto não os trata convenientemente*".

---

(251) *Replica*, § 67-267.

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se, por engano da revisão, o termo "assim".

LIII

Perfazer e prefazer

Rezava assim o art. 1248 do *Projecto*:

"O commodato é o emprestimo gratuito de coisas não fungiveis. *Prefaz-se* com a tradição do objecto".

"*Mais um erro de lexicon*", diz o Dr. Ruy. "*O verbo é perfazer*".

Concordei com o Dr. Ruy escrevendo nas minhas *Ligeiras Observações* (Pgs. 73-74) o trecho seguinte:

"Estamos de accordo até certo ponto com o esclarecido eserciptor: deve-se dizer *perfazer*, e não *prefazer;* mas não vamos tão longe, que ponhamos a nota de erro ao verbo *prefazer*.

.....

"Poder-se-ha", disse eu, "quando muito, considerar *prefazer* forma antiquada, substituida, e julgamos com razão, por *perfazer* (de *per* e *facere*); *antiquada*, dizemos nós, *errada* é que não; do mesmo modo que devemos escrever hoje *pretender*, e não *pertender*".

Em sua *Replica* (§ 68, n. 270), ainda insistindo em considerar erro de lexicon o verbo *prefazer*, explana-se assim o Dr. Ruy:

"E o mestre? Está "de accordo", mas só "*até certo ponto*".

"Deve-se dizer", accrescenta, '*perfazer*, e não *prefazer;* mas *não vamos tão longe*, que ponhamos a nota de erro ao verbo *prefazer*".

"Mas então? Sim, explica elle: "mostra-nos a lição dos classicos que alguns dos verbos que têm hoje como particula componente a preposição *per* se escreviam antigamente, dando-se-lhes por prefixo a particula *pre*, do latim *proe*".

"Admitto. Mas, antes de mais nada, onde a prova desse uso quanto a *prefazer*, em vez de *perfazer?* Onde o documento de que os classicos escrevessem, não *perfazer*, mas *prefazer*, ao menos, de que simultaneamente se utilizassem de uma e outra forma? Um topico de Diogo do Couto foi quanto

---

(*) Na 1.ª ed. se lê: "... componente a preposição *per*, se...".

poude colher o Dr. Carneiro. Nada mais. Será isso provar a habitualidade ou, sequer, a frequencia de uma usança vernacula? Obvio é que não".

Respondamos a estas ponderações:

Se, nas *Ligeiras Observações*, citei apenas o passo da *Decada*, onde o insigne successor de João de Barros empregou o verbo *prefazer*, foi apenas por tel-o mais á mão, não por ignorar que, assim como Diogo de Couto, mais alguns escriptores, havidos em boa conta, haviam usado a mesma forma.

Apresentamos aqui ao Dr. Ruy mais alguns exemplos, não para mostrar a preferencia da forma adoptada pelo *Projecto* sobre a que defende o illustre censor, senão para provar que não era o verbo *prefazer* de todo alheio do uso vernaculo:

"Com que *prefez* cincoenta".
(Diogo de Couto. *Dec.* 4.º Liv. Cap. 7.º Pg. 286).

"E para se *prefazer* o numero do compromisso, e serem treze, acudio no mesmo dia outra, de que logo diremos o nome".
(Souza. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 4.º Pg. 101).

"Notavel empenho de seo Esposo, que lhe *prefazia* o dote, por não retardar o thalamo!".
(Fr. Lucas de S. Cath. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 5.º Pg. 285).

"Nome com que os autores naturaes declaram ou exaggeram a grandeza desmedida das que *prefazem* este numero".
(Vieira. *Serm.* T. 14. Pg. 278).

"Quanto mais ferramenta tem o Mestre
Mais faceis, mais subtis *prefaz* as obras".
(Filinto. *Obras.* T. 1.º Pg. 60).

"Á vinda se havia de *prefazer* o atroz delicto".
(Id. Ibid. T. 10. Pg. 417).

"E nunca hei de *prefazer* obra que acaba de passar aos ultimos vindoiros".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 327).

"Como, porem, passa por peccado mortal não *prefazer* o voto dessa romaria, é vedado aos maridos empecer que o cumpram as esposas".
(Id. Ibid. Pg. 528).

"Rosêta sempre meiga e condoida,
Os que Hymenêo impõem, encargos duros
Sem custo, sem murmurio *prefazia*".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 122).

"Se, ao menos,... me désse a historia conta cabal do que elles bom e proveitoso *prefizeram!*"

(Id. Ibid. T. 9. Pg. 421).

"Assim se *prefazem* a um tempo os dois ensinos".

(A. Cast. *Methodo Portuguez.* Pg. 14. ed. 4.ª).

"Abrindo ás vezes novo periodo, se com elle temos de *prefazer* o discurso".

(A. da Silva Tullio. *Estudinhos da Lingoa Patria*, compendiados por Camillo. Pg. 33).

Proseguindo na sua critica, diz o Dr. Ruy (*Replica* n. 271):

"No caso de *prefazer*", tudo induz a crer uma negligencia do escriptor, ou um descuido na officina. Neste sentido milita, primeiramente, a consideração da unicidade, em que se acha o exemplo allegado.

"A esta se accrescenta a de que Bluteau, minucioso como se sabe a respeito das formas antigas, dessa não faz memoria.

.....

"A que vem, pois, os largos latins em que deo para se embrenhar, tão fóra de proposito, o mestre? *Perfazer* nada tem com o *proe* dos romanos".

Não tem razão o Dr. Ruy Barbosa: a forma *prefazer*, cahida hoje em desuso, não é devida, como suppõe, á negligencia do escriptor ou descuido na officina; não ha no emprego dessa forma a unicidade, de que falla o illustre autor da *Replica*. Não foi só Diogo de Couto que lançou mão dessa forma, nem a empregou uma só vez; usou-a, segundo affirma Moraes, Amador Arraiz; usou-a varias vezes, como vimos dos exemplos a que nos referimos acima, Filinto Elysio; usaram-na Fr. Luiz de Souza e Fr. Lucas de Santa Catharina, continuador da *Historia de S. Domingos;* tambem a usou o Padre Antonio Vieira; usou-a Silva Tullio, usou-a, finamente, o proprio A. F. de Castilho.

Que unicidade é essa que assim se pluraliza?

'A que vem" pergunta o Dr. Ruy, "os largos latins em que deo para se embrenhar, tão fóra de proposito, o mestre?"

Ao eminente critico que mal lhe fizeram os meos *largos latins?* Pois, só ao Dr. Ruy é que são permittidos os *largos latins?* Não se embrenhou elle tanto nas largas citações latinas, quando, impugnando o verbo *desvirginar*, que affirma não ter chancella juridica, tão eloquentemente commentou as scenas impudicas, esparrinhadas de asquerosidades, da Roma imperial, tão nua e desbragadamente descripta pela terrivel penna de Juvenal?

Não provou o Dr. Ruy que a esses *largos latins* lhes fallecia proposito.

"*Perfazer*, diz o illustre censor, *nada tem com o præ dos romanos*". Sim: *perfazer* nada tem com o *præ* latino, mas o mesmo não se poderá dizer das duas preposições portuguezas *per* e *pre* (do latim *per* e *pro*), quando, como particulas componentes, entram na constituição de alguns de nossos vocabulos.

Nem, a menos que attentaremos na approximação das ideias que os latinos ligavam ás duas preposições *per* e *præ*, em um de seos varios sentidos, se poderão explicar as duas formas *perfazer* e *prefazer*, usadas simultaneamente em algumas epochas de nossa lingoa, e as formas *pretender*, como quasi todos dizem hoje, e *pertender*, como sempre disse Filinto e como o dizem ainda muitos hoje; *perverter* e *perversão*, como dizemos hoje em dia, e *preverter e preversão*, como se acha nos seguintes trechos de Barros e Vieira:

"Donde se pode *preverter* esta sua ordem de eleger".
(*Dec.* 3.ª Liv. 9.º Cap. 1.º Pg. 342).

"Tudo perturba, tudo *preverte*, tudo excede, tudo confunde".
(*Sermões*. T. 3.º Pg. 49).

"E por esta *preversão* das lettras e dos lettrados, as mesmas universidades e cadeiras, donde havia de manar a saude publica, vêm a ser o veneno, a ruina e a peste dos reinos".
(Ibid. T. 2.º Pg. 30).

Percalçar e *percalço* são formas que prevalecem hoje a *precalçar* e *precalço;* entretanto da ultima dessas formas usaram Fr. Luiz de Souza e Filinto, dizendo:

"Em todos estes lugares ha certos direitos que são como propinas ou *precalços*, que de costume antigo pertencem aos alcaides móres".
(*Vida do Arc.* Liv. III. Cap. 26. Pg. 149).

"Quando a melhor parte da Odysséa se alonga em narração, *precalço* da velhice".
(Filinto. *Obras*. T. 11. Pg. 314).

Percalço ou *precalço* e *precalçar* traz Bluteau em seo vocabulario; *percalço*, *percalçar* aponta Candido de Figueiredo no seo.

Prefulgente e *perfulgente* tomam-se ás vezes exactamente no mesmo sentido, por coisa que brilha muito, que fulge muito; (252) no mesmo sentido dizem-se *precinta* e *percinta* (253).

---

(252) Vide C. de Figueiredo. *Dicc. da Ling. Port.*
(253) Id. Ibid.

A ideia de antecedencia e preferencia, denotada pela preposição latina *præ* (*pre* em portuguez), casa-se naturalmente bem com a ideia de superioridade e intensidade, indicada, ás vezes, pela preposição latina *per* (*per*, particula componente portugueza).

Eis a razão por que, nos varios periodos de nossa lingoa, se formaram muitos vocabulos, dando-se-lhes o mesmo sentido, a despeito de figurar como prefixada á mesma radical, ora uma, ora outra dessas particulas; conformando-se tudo com o que ensina Diez, e a que noutra parte nos referimos nas *Ligeiras Observações* (Pg. 74): ser muito para notar, durante a primeira parte da idade media, a confusão entre as duas preposições *per* e *præ*.

A lingoa latina offerece-nos grande copia de palavras em que se observa essa ideia de intensidade, imprimida no elemento fundamental do vocabulo, já pela preposição *per*, já pela preposição *præ;* e o que mais notavel ainda se torna é que, em alguns desses vocabulos, ha identica significação, bem que não seja a mesma a particula componente.

Uma e outra dessas particulas, constituindo adjectivos, dão-lhes um sentido superlativo.

Taes, entre muitos outros, os vocabulos: *Prætorridus, prævelox, prærapidus, præpotens, præproperus, prævinctus, præfuscus, prægravidus, prægravis, perincertus, peramicus, perinvisus, percomis, permœstus, percommodus, performidolosus, periniquus, perfrigidus, præcinctus, percautus* e *precautus, pergravis* e *prægravis, permollis* e *præmollis, pervalidus* e *prævalidus, perfulgidus* e *præfulgidus, perfecundus* e *præfecundus, perviridis* e *præviridis, pervalidus* e *prævalidus, pertenuis* e *prætenuis, perceler* e *præceler perdives* e *prædives, pergrandis* e *prægrandis, percupidus* e *præcupidus, pertrepidus* e *prætrepidus, perfervidus* e *præfervidus.*

A lanço vem transplantar para aqui o que diz Constancio em sua *Grammatica Portugueza* (Pg. 238):

"Existe duvida entre o uso de *per* e *pre* inicial, escrevendo uns *prejuizo, prejudicar, pretender, pretenção* e outros *perjuizo, perjudicar, pertender, pertenção.* Ambas as maneiras de escrever são correctas, devendo usar-se de *pre,* quando se exprime a ideia de posição dianteira, de preeminencia, de antecipação; e de *per,* para a ideia de intervallo, de tendencia. *Prejuizo,* quando significa damno feito a alguem, é amplificação do sentido directo da palavra, porque julgar de antemão é correr grande risco de julgar mal, contra a justiça e interesse das partes.

"Em quanto a *pertender, pertenção, pertendente,* esta orthographia é correcta, mas tambem se pode usar *pre,* porque pode o sentido referir-se a pr*oe l*atino, exprimindo a ideia de adianatmento, lugar, emprego mas subido. *proe* latino, exprimindo a ideia de adiantamento, lugar, emprego mas subido. *Per* tambem exprime ideia de superioridade ou perfeição e vem de *peri* grego".

Com respeito á ideia superlativa que a componente *præ* accrescenta á radical dos vocabulos, assim escreve Theil:

"Ha ainda outro meio de dar a um adjectivo o valor de um superlativo, é collocar antes dos adjectivos a preposição *per* ou *proe*, por exemplo *percommodus* — muito vantajoso; *prægelidus* — extremamente gelado. O primeiro processo applica-se a muitos adjectivos e em todos os escriptores; o segundo encontra-se de preferencia nos poetas e na prosa posterior á epocha dos classicos". (254).

Vê o illustre autor da *Replica* que a forma *prefazer* se não deve attribuir á mera negligencia dos escriptores, ou a descuidos da officina; foi empregada não por um escriptor só, senão por varios de nossos escriptores; que só o estudo dos elementos formativos, indicados pelos prefixos *per* e *præ* latinos, dará a chave de explicação das duas formas, *perfazer* e *prefazer*, e do desapparecimento gradual desta ultima em nossa lingoa; e que, conseguintemente, não vieram fóra de lanço os *largos latins*, de que usei para justificar a minha asserção, que, em muitos casos, as preposições latinas *præ* e *per* (*pre* e *per* portuguez) na composição dos vocabulos têm significação identica, donde a dupla orthographia desses vocabulos.

Por analogia entre o *per* e o *pre* é que se explica talvez o encontrarem-se em nossa lingoa as formas *perguiça*, *perguiceiro*, *perguiçoso*, por *preguiça*, *preguiceiro*, *preguiçoso*, bem que não seja aqui o *per* ligado ás preposições componentes *per* nem *pre*.

Deo-se apenas analogia phonica entre as duas syllabas iniciaes; *per* e *pre*. Assim que dessas formas nos fornecem exemplos Vieira, Filinto e Castilho nos seguintes passos;

"O homem *perguiçoso* e irresoluto".
(Vieira. *Serm.* T. 11. Pg. 50).

"De repente se ergue do *perguiceiro*".
(Filinto. *Obras*. T. 10. Pg. 427).

"Tenho em de ver sempre em ti friezas e *perguiça?*"
(Id. Ibid. Pg. 443).

"Onde te escondes,
Perguiçosa gentil?"
(A. de Cast. *A Primavera*. Vol. 1.º Pg. 66).

"A *perguiça* de uns".
(Id. Vide *Vivos e Mortos*. Vol. 7.º Pg. 48).

(254) Vide *Gramm.* de Madvig, appensa ao *Dicc.* de Freund. Pg. 24.

LIV

Diversorio.

> "A cada passo entre o meo espirito e o do legislador se interpunha ella como um véo, um *diversorio,* ou um tropeço".
>
> (Dr. Ruy Barbosa. *Parecer sobre o Projecto do Codigo Civil "Exposição Preliminar".* Pg. 1).

Censurando esta phrase, empregada pelo Dr. Ruy Barbosa em sua *exposição preliminar*, disse em minhas *Ligeiras Observações* (Pg. 75):

"Nesta phrase o vocabulo *diversorio* parece tomar-se como synonymo de tropeço, embaraço, estorvo; entretanto, se foi neste sentido que o empregou o Dr. Ruy, torceo-lhe e desviou-lhe de todo o ponto o sentido que lhe dão todos os lexicographos que podemos compulsar, alguns dos quaes o não mencionam".

Nesta censura, assim formulada, vê o illustre Dr. Ruy *um dos pontos, em que se desnuda sem a menor ceremonia o espirito de sophisma, cujo sopro anima a minha critica, accentuando a veia de malignidade, que a entretem.*

"Não podia estar mais claro o pensamento", diz o autor da *Replica.* "Que outra ideia", continua elle, "suggere *diversorio,* a não ser a de coisa que *diverte,* ou distrae? *Diversorio,* quem á primeira vista o tomaria, senão como equivalente a diversão, ou coisa que a promova? O commum dos leitores alli não veria outra coisa.

"Apenas algum erudito lhe associaria, talvez, a sua accepção latina e classica, hoje em dia inteiramente esquecida". (§ 69, n. 274).

Engana-se o Dr. Ruy: o vocabulo *diversorio* no sentido de *hospedaria, albergue, pisada de caminhantes,* não é como affirma, hoje em dia inteiramente esquecido.

Mais de uma vez o empregou o douto e elegante Latino Coelho, nos seos *Varões Illustres;* mais de uma vez se valeo delle Castilho Antonio, em seos *Colloquios Aldeões;* do que são testemunhas os seguintes passos, extractados desses dois escriptores:

"Strabo commemora que no golfo ou enseada, conhecida no seo tempo pelo nome de *seio ou golfo emporico*, tinham os mercadores phenicios, ou antes carthaginezes, *diversorios* e estações, onde fazer seo trato com os indigenas".

(Lat. Coelho. *Varões Illustres*. T. 1.º Pg. 73).

'O mar era a scena predilecta dos seos brios, a terra, como que um passageiro *diversorio*, onde apenas repoisar das maritimas refregas".

(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 370).

"Aos presepios (*créches*), ás bibliothecas populares, aos hospitaes para invalidos e doentes e ás albergarias ou *diversorios* de velhos".

(A. Cast. *Colloquios Aldeões*. Pg. 86).

"A fundação de um tal *diversorio* em cidades de meã grandeza excederia de uns cem mil reis".

(Id. Ibid. Pg. 88).

Estes dois ultimos exemplos cita-os tambem o illustre Dr. Ruy, em uma nota.

Como pois, dizer que no sentido de *poisada, albergue* é este vocabulo inteiramente esquecido?

Não o é, ao menos para Castilho e Latino Coelho, consummados mestres do bom dizer.

Ás palavras, contidas no trecho de minha censura: "nesta phrase o vocabulo *diversorio* parece tomar-se como synonymo de tropeço, embaraço, estorvo", objecta o Dr. Ruy: (*Replica loc. cit.*).

"Parece, como?

"Parece, porque? O contrario é o que, sobre *parecer*, alli se acha até palpavelmente manifesto.

"*Pareceria* assim, por anteceder, na phrase, ao vocabulo *tropeço?* Mas é inverter as guardas á logica.

"Por isso mesmo que a noção de *tropeço* lá se achava já expressa justamente nessa palavra, não era de suppôr se malbaratasse outra em retrilhar a mesma ideia.

"Pois então só por encontrarmos um adjectivo a par de outro, colheremos dahi que se empregaram synonymamente, embora accepções distinctas os separem?..

"São os dois epithetos susceptiveis de expressões diversas? A presumpção é que ennunciam ideias differentes.

"O criterio opposto não tem senso commum".

Mas esse criterio, a que o illustre critico allude aqui, é totalmente fructo de sua phantasia e dialectica especial.

Do que affirmei no trecho da critica, ninguem, absolutamente ninguem, a menos de cerrar os olhos á luz, tiraria tal conclusão.

Não foi por estarem os substantivos *diversorio* e *tropeço* a par um do outro que, em meo reparo á phrase do Dr. Ruy, disse que esses dois vocabulos pareciam tomar-se como synonymos; foi, sim, o sentido inteiro da phrase.

O illustrado censor, em sua *exposição preliminar*, havia escripto o seguinte: "A cada passo entre o meo espirito e o do legislador se interpunha ella (forma) como um véo, um *diversorio*, ou um tropeço".

Extranhando ahi o termo *diversorio*, fiz a seguinte reflexão: "Nesta phrase o vocabulo *diversorio* parece tomar-se como synonymo de tropeço, embaraço, estorvo.

Ora, é claro que me referia ao sentido mais ou menos aproximado, na phrase empregada, entre as ideias denotadas pelos termos *véo*, *diversorio* e *tropeço*, o segundo dos quaes, entrelaçado com os dois, devia aproximar-se das noções ligadas aos que com elle concorriam, para se não quebrar o fio das ideias.

Não foi, logo, porque estivessem mecanicamente a par uma da outra que disse parecia tomarem-se synonymamente as palavras *diversorio*, *tropeço*, *embaraço* ou *estorvo;* o contrario fôra admittir a ideia de se reputarem synonymos os sujeitos das proposições, quando constituidos por muitos substantivos juxtapostos; o que seria rematado contrasenso.

"São os dois epithetos susceptiveis de expressões diversas? A presumpção é", diz o Dr. Ruy, "que enunciam ideias differentes".

Mas quaes os dois ephitetos, de que falla o illustrado autor da *Replica?*

São epithetos os vocabulos *tropeço e diversorio*, tomado este ultimo pelo Dr. Ruy no sentido de diversão, objecto que diverte que afasta, que distráe, ambos substantivos e não adjectivos?

Das ponderações do insigne autor da *Replica* segue-se, outrosim, que se não podem empregar dois ou mais substantivos synonymos, sem malbaratar as palavras, repisando a mesma ideia.

Toma o Dr. Ruy, no passo a que alludimos, o vocabulo *diversorio* no sentido de *diversão, diversivo, distracção, coisa que diverte, que distráe.*

Mas apezar de se esforçar por mostrar ser de todo obliterado o uso desse vocabulo no sentido. (*) de *hospedaria, albergue, poisada,*

(*) Na 1.ª ed., por engano de imprensa, lemos: "no sentido, de.....".

asylo, e defender-lhe a significação de *coisa que diverte, que afasta, diversivo, diversão, distracção*, é notavel que, emquanto lhe apresentamos quatro exemplos, dois dos quaes elle mesmo cita em nota, do termo *diversorio* no sentido de *poisada, albergue*, elle, o Dr. Ruy, sempre tão fecundo em suas citações, só nos dê por amostra um unico exemplo, extrahido da *Grinalda Ovidiana*, em que ao vocabulo *diversorio* lhe dá José Castilho, segundo elle affirma, a significação de *coisa que diverte, que afasta, distracção, diversão, diversivo*, identica á em que empregou a palavra *diversorio*, na expressão *um véo, um diversorio, ou um tropeço.*

Desse mesmo exemplo, porem, de José Castilho, em que fundamenta a defesa do seo *diversorio*, o Dr. Ruy não nos dá indicação segura, affirmando-nos em uma nota a fidelidade da transcripção, sem poder, entretanto, determinar se o havia extrahido da *Grinalda dos Amores* ou da *Arte de Amar.*

Quando fôra o vocabulo *diversorio-* no exemplo de José de Castilho, tomado no sentido de *diversão, diversivo*, como nol-o affirma o illustre autor da *Replica*, julgamos que maior devera ser o numero de exemplos, em que nos mostrasse ser corrente, entre os nossos escriptores de maior tomo, o uso do substantivo *diversorio*, por qualquer dos dois vocabulos — *diversão* ou *diversivo.*

Quanto á primeira destas palavras, todos lhe conhecem o uso e o sentido em que a tomam os nossos classicos antigos e modernos.

Tal é a accepção deste vocabulo nos seguintes lugares:

"No qual, por sua frescura, tinham uma casa de campo, que frequentavam, já para *diversão* dos negocios, já para o exercicio da caça".
(Jac. Freire. Liv. 4.º n. 105).

"Se os ocios campestres, e de certo muito litterarios de V. Exa., consentem uma *diversão*, e permittem um trabalho, para V. Exa. facillimo..." (*Grinalda Ovidiana. Os Amores de Ovidio.* T. 6.º Pg. 198).

Proseguindo na explanação de seo asserto, dest'arte se enuncia o Dr. Ruy (*Replica*, n. 275):

"São tres palavras, cada uma com o seo significado. Bem o vio o Dr. Carneiro; e tanto lhe remordeo a consciencia da assacadilha, que teve a cautela de abrir uma fresta á retirada, accrescentando:

"Entretanto, *se foi neste sentido* que o empregou o Dr. Ruy..."

"Mas, se ha *este* sentido, se elle cabe, e evidentemente melhor, no intento da phrase, porque lhe attribuir o outro?"

Não sei onde, no trecho de minhas *Ligeiras Observações*, citado pelo eminente escriptor, se encontra a demonstração desses remordimentos de consciencia, a que allude.

Antes daquella minha phrase "entretanto, se foi neste sentido que o empregou o Dr. Ruy..." não se lê ahi senão a sentença seguinte: "Nesta phrase o vocabulo *diversorio* parece tomar-se como synonymo de tropeço, embaraço, estorvo"; e seguem-se logo, sem solução de continuidade, as expressões: "entretanto se foi *neste sentido*". (255)

De que outro sentido intento aqui fallar, senão do referente a *tropeço, embaraço, estorvo?*

"Mas", continúa o Dr. Ruy, "se ha *este* sentido, se elle cabe, e evidentemente melhor, no intento da phrase, porque lhe attribuir o outro?"

Ora, o sentido de que fallo é o que se liga ás palavras *tropeço, embaraço, estorvo,* e não, segundo inadvertidamente insinua o illustre censor, o que se associa aos vocabulos *diversão, diversivo, distracção.*

Só uma inadvertencia do Dr. Ruy Barbosa podia entrever nesse trecho de minhas *Ligeiras Observações esse remordimento de consciencia, essa fresta aberta á retirada,* a que se refere em sua *Replica.*

Candido de Figueiredo é o unico dos nossos lexicographos em que se encontra a palavra *diversorio,* significando como substantivo o mesmo que *aquillo que diverte, diversão,* tendo como adjectivo o mesmo sentido que *diversivo,* isto é, coisa em que ha *diversão; revulsivo.*

Todos os demais, como o mostramos nas *Ligeiras Observações,* ou não a consignam senão como adjectivos, no mesmo sentido de *diversivo, que faz diversão,* como se lê em Aulete, na pagina 549 do *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza,* ou a apontam como substantivo, na accepção de *poisada, albergue, hospedaria de caminhantes, asylo, receptaculo,* como se notará, consultando os Diccionarios de Bluteau, Constancio, Moraes, Domingos Vieira, Adolpho Coelho, indicando este ultimo philologo ser este vocabulo desusado nesse sentido.

Na mesma accepção a consignam os diccionarios hespanhóes, como se verá, compulsando o diccionario de D. Vicente Salvá revisto por Miguel de Toro Gómez (256) e o diccionario da Real Academia Hespanhola, onde se encontra o vocabulo *diversorio* na mesma

(255) *Ligeiras Observações.* Pg. 75.

(256) *Nouveau Dictionnaire Espagnol-Français.* Pg. 346.

accepção em que o tomavam os latinos, embora na ultima destas duas obras, se lhe ajuncte a indicação de palavra antiga. (257)

Os latinos, sem excepção, usavam a palavra *diversorium*, a que davam também a forma *deversorium*, na accepção de *estalagem*, *hospedaria* ou *albergue*, *poisada*, *retiro*, *refugio*, *abrigo*, *morada*, *covil*, *asylo*, de que são exemplos os seguintes lugares de Sextus Roscius, Cicero, Tito Livio e Petronio:

"Si domns hœc habenda est potius quam officina nequitiæ et *diversorium* flagitiorum omnium".

(Sext. Rosc. 46-134. (Vide *Freund*).

"Commorandi enim natura *deversorium* nobis, non habitandi locum dedit".
(Cic. *De Senectute*. 84).

"O tecta ipsa misera quam dispari domino! Quanquam quo modo iste dominus?

Sed tamen quam ab dispari tenebantur! Studiorum enim M. Varro voluit illud, non libidinum *diversorium*".

(Id. *Philippica Segunda*. XLI) .

"Magis pro majestate videlicet imperii Arimini quam Romæ magistratum initurum et in *diversorio* hospitali quam apud Penates suos praetextam sumpturum".

(*Tito Livio*. Liv. 21. Cap. 63).

"In *diversorium* prœcipites abimus".
(Petron. *Satyricon*. Cap. 15).

No italiano não é de todo desconhecido o vocabulo *diversòrio* ou *diversóro*, como se lê em Petcchi, que o enumera entre as palavras fóra do uso, com a significação de *albèrgo*, que, conforme este lexicographo, lhe deo Doménico Cavalca. (258)

Whitney, em seo *Century Dictionary*, não menciona o vocabulo *diversory* no sentido de *estalagem*, *albergue*, *poisada*, mas como adjectivo, no sentido de coisa que serve para *divertir*, *afastar*, — *serving to divert*.

Não faltam, porem, lexicographos, ainda entre os mais modernos, que o mencionem nessa accepção; o que se poderá verificar, consultando o — *A Standard Dictionary of the English Language* (Pg. 536), *o Webster's International Dictionary* (Pg. 438) e o *New*

(257) *Diccionario de La Lengua Castellana por la Real Academia Española*. Pg. 365.

(258) Petròcchi. *Novo Dizionàrio Universale della Lingua Italiana*. Vol. 1.º Pg. 768.

English Dictionary on Historical Principles do Dr. James A. H. Murray (Vol. 3.º Pg. 550), bem que nestes dois ultimos figure o vocabulo com a nota de obsoleto.

Mas não é nessa accepção latina que o Dr. Ruy empregou o termo *diversorio;* foi, sim, como equivalente de *diversão, distracção, diversivo, coisa que diverte, que afasta.*

Estará, porem, bem empregado no sentido de *diversão* ou *diversivo* o vocabulo *diversorio,* na phrase que foi o assumpto de nossa censura?

E' o que vamos ver.

Censurando em sua *exposição preliminar* as obscuridades, de que julgava viciada a forma ou redacção do *Projecto,* escreveo o Dr. Ruy:

"Entre o meo espirito e o do legislador se interpunha ella (a forma do *Projecto*) como um véo, um *diversorio,* ou um tropeço".

Que um *véo,* um *tropeço* se interponha entre o pensamento de um legislador e o espirito de quem o interpreta, graças á forma defeituosa, de que aquelle se reveste, facil coisa é de comprehender; mas que entre os dois espiritos se interponha um *diversorio,* um diversivo ou diversão não nos parece intelligivel, como o não seriam as seguintes phrases:

"Entre teo pensamento e o meo essa ideia se interpõe como um *diversivo,* ou como uma *diversão*".

"A redacção do *Projecto* é como uma *diversão,* um *diversivo* entre o pensamento do legislador e o espirito do leitor".

"Entre teo plano e o meo esse pensamento se interpõe como um *diversivo*".

"A forma ou construcção dada a este projecto de lei é uma *diversão* ou *diversivo,* entre o pensamento do legislador e a interpretação que se lhe deve dar".

Todas essas phrases podem ser tudo; intelligiveis, é que não.

Donde se colhe que alli, na phrase do Dr. Ruy Barbosa, não cabe o vocabulo (*) *diversorio;* ou se lhe dê o sentido que os latinos associavam á palavra *diversorium* ou *deversorium,* ou se lhe attribua o significado de *coisa que diverte, diversivo* ou *diversão*: o primeiro sentido seria, no caso, de todo disparatado; o segundo, sem propriedade.

(*) Na 2.ª ed. lemos, por erro do revisor: "não cabe o vocabul*ário* diversorio".

Examinemos agora o sentido em que na *Grinalda Ovidiana* de José Castilho é tomado o termo *diversorio*, com que, irmanando-os, o illustre autor da *Replica* procura apadrinhar o *diversorio*, usado na phrase apontada.

Podemos desde já assegurar que o escriptor portuguez o não tomou certamente na accepção de *diversão* ou *diversivo*, como erradamente pensa o Dr. Ruy Barbosa. Mas, antes de demonstrarmos este ponto, citemos as palavras com que o esclarecido censor remata suas reflexões, defendendo, em o n. 279 de sua *Replica*, a ideia que attribue ao seo *diversorio*, cujo sentido identifica ao que José de Castilho ligou á palavra *diversorio*, de que usou no tomo III, pg. 151 da *Grinalda Ovidiana* da *Arte de Amar*:

"Como quer que seja", diz o Dr. Ruy, "ou se perdesse, ou se conserve ainda em portuguez, a significação de *hospedaria* á palavra *diversorio*, ninguem, nem o Dr. Carneiro mesmo, lhe recusa a outra.

"Temos, pois, o direito de escrever *diversorio* por *diversão*, *diversivo*.

"É o que faz algures Castilho José: "Não ver na melhor parte da humanidade senão um *diversorio* de sensuaes appetites".

A quem não tivesse á mão a *Arte de Amar*, nem houvesse lido aquelle passo da *Grinalda Ovidiana* de José de Castilho, difficil coisa seria deslindar, sem a indicação precisa, o sentido em que este escriptor havia tomado a expressão *a melhor parte da humanidade* e o vocabulo *diversorio*, incompleto como se lê o exemplo, a que nos remette o autor da *Replica*.

"*Não ver na melhor parte da humanidade senão um diversorio de sensuaes appetites*".

A melhor parte da humanidade.

Será, perguntavamos a nós mesmos, a parte da humanidade mais limpa de torpezas, mais sã, mais honesta, de costumes mais puros, ou, o que se nos afigurava mais provavel, será intuito do escriptor denotar com a locução *a melhor parte da humanidade* á alma ou o espirito humano, que Cicero appelidou a melhor parte do homem — *Nostri melior pars, animus?*

Nesta incerteza, sendo hoje, entre nós ao menos, de difficilima acquisição a obra de que o Dr. Ruy extrahio aquelle trecho, foi mister grande esforço para obtel-a, o que conseguimos ao cabo de afanosa diligencia.

Transcrevemos agora o trecho inteiro de José de Castilho, de que o Dr. Ruy citou apenas uma parte.

Defendendo o poeta sulmonense das arguições, que lhe faziam alguns escriptores, de depreciar e calumniar a mulher, referindo-se ao verso de Ovidio:

"Ipsa quoque et cultu est et nomine femina virtus".

traduzido por Castilho Antonio do modo seguinte:

"A virtude é mulher; mulher em traje e em nome",

Castilho José assim se enuncia:

"Eis ahi o depreciador e calumniador do sexo; aquelle que apregôam não ver na melhor parte da humanidade senão um *diversorio* de sensuaes appetites, um ente desprezado e desprezivel!

"*A virtude é mulher.* Que Legouvé houve ahi jamais que em tres mimosas palavras resumisse assim a apologia da mulher?"

Qual é essa *melhor parte da humanidade*, de que nos falla Castilho José?

E' a mulher; a mulher na qual os adversarios de Ovidio o accusavam de não ver senão um *diversorio de sensuaes appetites*, isto é, uma *hospedaria*, um *albergue*, um *asylo*, um *covil*, uma *fonte de sensuaes appetites.*

Vê-se, pois, que José de Castilho toma o vocabulo *diversorio* no mesmo sentido do *diversorium* ou *deversorium* dos latinos, e não no sentido de *diversão, diversivo, coisa que afasta.*

O mesmo escriptor portuguez, fallando-nos de Baias cidade a poucas legoas de Napoles, outrora florescente, notavel por suas agoas mineraes, por sua excellente situação, e para onde uma multidão, avida de prazeres, sofregamente se precipitava de todos os pontos da Italia, para se embriagar nos jogos, nas comezainas, nos passatempos de todo o genero, na volupia e nos amores, cita-nos a expressão *vitiorum diversorium, albergue, covil dos vicios*, com que Seneca, o estoico, estigmatizava a mesma luxuriosa cidade.

Antes de Seneca, já Cicero, como vimos atraz, havia escripto: *libidinum diversorium — o covil, o asylo das sensualidades.*

Não é, portanto, verdade ter o Dr. Ruy empregado a palavra *diversorio*, naquelle lugar de sua *exposição preliminar*, no mesmo sentido que lhe deo Castilho José: na passagem deste escriptor, como claramente se vê, *diversorio* é *albergue, asylo, covil*, e não *diversão, diversivo, coisa que afasta*, o que nesse lugar fora de todo sem sen-

tido: o *asylo*, o *albergue* não afastam: reunem; nem teria siso a censura que a Ovidio lhe fazem os seos adversarios, de que elle vê na *melhor parte da humanidade*, isto é, na mulher, *um diversorio de sensuaes appetites*, se *diversorio* fosse aqui *diversivo* ou *diversão*, *coisa que afasta;* se fora essa a censura, onde a depreciação da mulher, de que argúem o poeta e de que o defende o escriptor portuguez?

Agora perguntamos quem torceo o sentido ao vocabulo, nós ou o Dr. Ruy Barbosa?

O Dr. Ruy Barbosa mesmo ha de estar convencido que o seo *diversorio* não tem o mesmo sentido que o *diversorio* do escriptor portuguez, ou se lhe deo esse, como o affirma, é totalmente sem propriedade no lugar onde o empregou.

Desse-nos o Dr. Ruy a passagem inteira de Castilho José, sem a mutilar nem a truncar, e para logo não escaparia ao primeiro leitor, como não deverá ter escapado ao proprio Dr. Ruy Barbosa, o erro de considerar o vocabulo *diversorio*, empregado naquelle lugar da *Grinalda Ovidiana*, como significando *diversão*, *diversivo*, *coisa que afasta*.

LV

Salvo se provar este que...

No final do art. 1320 do *Projecto* lê-se a seguinte phrase:

"Salvo *se provar este* que não podia continuar no mandato sem prejuizo consideravel".

Emendou o illustre Dr. Ruy esta phrase, escrevendo em seo *Parecer*:

"Se *provar este*". "Aqui", diz elle, "soa e cabe melhor a ordem natural, *se este provar*, que a transposta, *se provar este*".

Que a phrase que o Dr. Ruy alvitra lhe sôe melhor aos ouvidos, poder-se-ha admittir; mas dizer que alli *cabia melhor* a ordem natural que a transpositiva, é o que se lhe não pode conceder, sem provas que justifiquem a sua these.

"Poder-se-ha, dissemos, defendendo a redacção da phrase, empregar uma ou outra construcção, sem incorrer em falta alguma, nem no que toca ás regras grammaticaes, nem no que respeita á harmonia do discurso, e fundamentamos nossa opinião num exemplo de Garcia de Rezende.

Na *Replica* (§ 70, n. 280), vindo ao mesmo ponto, assim se exprime o esclarecido censor:

"Nem de uma nem de outra falta" (refere-se á falta contra a grammatica ou contra a harmonia do discurso) "o arguira eu. O que dissera, é que *melhor* soaria a outra forma do que essa. Mas o *melhor* suppõe, rigorosamente fallando, comparação entre duas coisas uma e outra boas. Logo, dizendo *mais bem soante* alli a construcção directa que a inversa, não puz a esta a coima de *mal soante*.

"Limitei-me a preferir, das duas, a primeira, como superior á outra".

A phrase, segundo opina o mesmo illustre autor da *Replica*, é, pois, correcta; nem envolve nenhuma falta grammatical, nem é mal soante; em sua construcção, porem, prefere a ordem analoga, porque, segundo diz, "aqui sôa e cabe melhor".

"Quando, porem", prosegue o Dr. Ruy, "eu a negasse de bem soante, não é com um exemplozito nú e crú, de Garcia de Rezende, que me haviam de confundir".

Ao *exemplozito* de Garcia de Rezende, como lhe chama o Dr. Ruy, accrescentamos os seguintes, donde se vê que, em casos analogos, se deo preferencia á construcção inversa:

"Té tornar a trazer-lhe recado *se queria ella* pol-o noutra aventura".
(Bernardim Ribeiro. *Menina e Moça*. Cap. 13).

"E não se tem em conta *se os matou elle*, ou não".
(Barros. *Dec.* 3.ª Liv. 8.º Cap. 9.º Pg. 336).

"E obrigado a saber *se visitam elles* os doentes".
(*Vid. do Arceb.* Liv. 1.º Cap. 16. Pg. 30).

"Mas quizera-lhe perguntar *se gostam elles* de lograr os lucros, que das decimas resultam".
(*Arte de Furtar*. Pg. 267).

"Vede agora *se quereis* vós tambem estar em uma escada como esta".
(M. Bern. *Livr. Class.* T. 2.º Pg. 197).

"M. Pichard me perguntou *se tinha eu* visto a opera".
(Filinto. *Obras Comp.* T. 11. Pg. 407). (*)

"*Se fossem elles* cabos, ou homens de peleja".
(A. Cast. *Camões*. T. 1.º Pg. 18).

"Os hospitaes parecem bons; mas *se não foram elles*, apósto que os artifices haviam de olhar mais para o diante".
(Id. *Colloquios Aldeões*. Pg. 115).

"*Se tinha eu* nascido ou não poeta para deleitar ouvidos".
(Id. *O Outono*. Pg. 58).

"Se *fosse elle* á busca de cabeças, não vos pedira que o esperdiçasseis".
(Id. Ibid. Pg. 226).

"*Se o não fizessem estes*, fal-o-hia Deos".
(A. Herc. *Hist. da Inquis.* T. 3.º Pg. 312).

(*) Na 2.ª ed. lemos "107" em vez de "407".

LVI

Agir.

"O mandatario que exceder os poderes do mandato ou *agir* contra elles..."

Impugnou o Dr. Ruy o emprego do verbo *agir* ao art. 1297 do *Projecto*, considerando ser o *francez agir, que se quer apadrinhar com o latim agere* (*Parecer* nota ao art. 1297).

Como dissemos nas *Ligeiras Observações*, não é este verbo de uso frequente entre os classicos, mas não basta não ser o verbo *agir* usado pelos nossos classicos, para ligal-o não ao verbo latino *agere*, donde procede, mas ao francez *agir*, que tem a mesma forma.

Se os derivados *coagir, reagir, retroagir, transigir, exigir, redigir, corrigir* se filiam todos no verbo latino *agere*, porque ao simples *agir*, pouco usado embora, se lhe deve attribuir como procedencia o francez *agir*, reputado filtro por onde passou o *agere*, latino, para o produzir em portuguez?

Se dizemos *acção* e *reacção*, porque refugar por incorrecto o dizer *agir* e *reagir, age* e *reage, agindo* e *reagindo?*

Traduzindo o excellente *Manual da Sciencia da Linguagem* por Giácomo de Gregorio, Candido de Figueiredo, a paginas 209 desse livro, assim escreve:

"Estabelecendo-se uma relação de vozes, AGINDO e REAGINDO umas sobre as outras".

"A *geriza*, o AGIR, o *faneco* (pedaço de pão), o *guaiar*, etc", diz este operoso escriptor, na *Conversação Preliminar* de seo *Diccionario*, Pg. IX, são bons e velhos vocabulos portuguezes, de que nós nos esquecemos quasi, mas que os brasileiros sabem alimentar e prezar".

Consignando este verbo em seo diccionario, escreve Domingos Vieira:

"AGIR (Do latim *agere*, no francez *agir*). Termo juridico. Operar, obrar, praticar na qualidade de agente; accionar. — Proceder á execução de alguma coisa. — De *agir* vem acção, agente, acto.

"*É a acção que pratica o* NEGOTIARUM GESTOR, pela pessoa que intervem; o procurador pelo mandante, e assim os mais. Tambem dizemos que cada qual pode *agir* por si mesmo".

(Ferreira Borges. *Diccionario Juridico — Commercial*).

Moraes e Adolpho Coelho o mencionam tambem como termo juridico na accepção de *obrar, praticar na qualidade de agente*, accrescentando-lhe o ultimo destes lexicographos a nota de pouco usado.

Os hespanhóes tambem têm o verbo *agir*.

"AGIR — levar, conduzir (For). Demandar en juicio".
(*Dicc. da Real Acad. Hesp.* Pg. 26).

"AGIR — Demander en justice".
(*Nouveau Dictionnaire Espagnol-Français* de D. Vicente Salvá — Ed. rev. por Miguel de Toro Gómez. Pg. 29).

Petròcchi, em seo *Nòvo Dizionàrio Universale della Lingua Italiana* (Vol. 1.º Pgs. 59 e 60), assim se exprime com respeito ao italiano *agire*, correspondente ao *agir* hespanhol, portuguez e francez, os quaes procedem todos do latim *agere*: (*)

"AGIRE: — venire al fatti. Con questi ostàcoli il govèrno non può *agire*.

"Che manièra d'*agire* è questa? Una macchina, una ruòta, un bràccio che non *agisce* più. L'òlio di ricino *agisce* molto. Questa medicina non à *agito*. Questo àcido su questo minerale non *agisce*. T. leg. Fare gli atti".

O *Grande Diccionario Francez-Italiano* e *Italiano-Francez* de C. Ferrari e Joseph Caccia, em sua edição, revista por Arthur Angeli, verte o francez *agir* no italiano *fare, operare, agire, far effèto*.

"*Ao meo ouvido pelo menos*", diz o douto autor da *Replica*, "*o agir* (**) é uma palavra chocha, enfezada, insignificativa".

"Não exprime a acção com a sua amplitude, a sua variedade, a sua belleza, a sua força, como *actuar, obrar, operar, proceder*. Nestes domina "o som franco, rasgado, energico", do *o* e o do *a* em que "se expressa a alegria e a grandeza".

"São as vozes que correspondem ao movimento, á deliberação, á acção; ao passo que o *i*, predominante em *agir*, desperta "ideias de tristeza e pequenez".

(*) Na 1.ª ed. lemos: "do latim *agere;*".
(**) Na 1.ª ed. lemos: "o agir, é uma..."

"No *agir*, a de mais, temos apenas um verbo de significação intransitiva, nadequavel á outra. Ao passo que *actuar* reune esta áquella. *Obrar* e *operar* estam no mesmo caso". (159).

Poucos, bem poucos ha que subscrevam ás ideias aqui lançadas pelo Dr. Ruy Barbosa, embora se procurasse amparar á sombra da grande autoridade de A. F. de Castilho.

Pois ha ainda quem tome a serio reputar as vozes *o* e *a* como as em que se manifestam os sentimentos da alegria e da grandeza, que essas mesmas vozes correspondem ao movimento, á deliberação, á acção, ao passo que o *i* desperta a tristeza e pequenez?

Exprimirá o *e*, como diz o autor portuguez, em quem tão mal se inspirou o Dr. Ruy, seguindo-o nestas divagações poeticas, exprimirá o *e* os sentimentos de languidez, tibieza, quietação e ainda os gosos serenos que participam destas qualidades?

E o *u*, *sumido* e *soturno*, como o appellida o mesmo escriptor, convirá á desanimação, á tristeza profunda, aos assumptos luctuosos?

Não: Castilho não fallou aqui como homem da sciencia, phantasiou, como poeta, ideias que não harmonizam com a observação dos factos, e que encontram o desmentido mais formal no estudo das lingoas e na philologia comparada.

Não ha sciencia moderna onde taes ideias achem guarida.

Não foi confiadamente que as atirou ao papel o mesmo autor do *Tratado de Metrificação Portugueza*.

O *o* e o *a expressam* a alegria e a grandeza!

Mas que alegria e grandeza traduzirão os vocabulos *cova*, *cava*, *dobre*, *pezar*, *morno*, *só*, *mocho*, *odio*, *morte*, *dó*, *dor*, *carocha*, *morno*, *vomito*, *mouco*, *coxo*, *nojo*, *cano*, *fome*, *choco*, *chôro*, *pó*, *podre*, *gôro*, *môfo*, *bolor*, *chocho*, *mal*, *madrasta*, *capacho*, *lama*, *lodo*, *tasca*, *tára*, *tosco*, *chorar*, *gafá sarna*, *larva*, *lagarta*, *fraco*, *garôto*, onde predominam essas vozes?

A que movimento, a que deliberação, a que acção correspondem os vocabulos *somno*, *coma*, *modorra*, *pachorra?*

O *i* desperta as ideias de tristeza e pequenez!

E os vocabulos *espirito*, *divino*, *tino*, *siso*, *brio*, *brilho*, *vida*, *vivo*, *viva* (interj.), *tinido*, *ruido*, *mugido*, *bramido*, *zunido*, *zumbido*, *mugido*, *grito*, *ira*, *sim*, *rio*, *hymno*, *folia*, *riso*, *alegria*, *trino*, *busina*,

(259) *Replica*. § 71 — 282.

ganido, ferino, bovino, lupino onde é predominante o som dessa voz, evocarão tambem as ideias de tristeza e pequenez?

Não predomina o *i* no vocabulo latino *vir*, que se forma de *vis*, que na lingoa dos romanos denota força?

Vir a vi, diz Vossio, *non quod vi agat feminam; sed quod major in eo vis est, quam feminis.*

Não procede de *vir* o substantivo *virtus? A viro virtus nomen accepit*, escreve Vossio. (260)

E nos vocabulos latinos, *vir, virilis, virilitas, viriliter, vis, virtus, virago*, engranzados no mesmo fio etymologico, descobrirá essa philologia poetica a ideia de tristeza e pequenez?

Segundo essas ideias abstractas, perfilhadas pelo Dr. Ruy com respeito á significação das vozes, sendo em nosso idioma oxytonos todos os verbos no infinitivo, em todos os da primeira conjugação, em que predomina o *a*, teriamos a expressão da alegria e da grandeza, e nos terminados em *ir*, da terceira conjugação, a da tristeza e pequenez.

Nas lingoas pertencentes ao mesmo grupo, substituindo-se, outrosim, muitas vezes as vozes dos mesmos vocabulos, dar-se-hia o absurdo de exprimir a mesma palavra em duas lingoas congeneres ideias de todo o ponto antagonicas.

Na mesma lingoa, em periodos differentes, umas vozes são muita vez substituidas por outras.

Nos periodos da lingoa romana, anteriores ao periodo classico, em muitos vocabulos figuravam os diphthongos, que mais tarde, no periodo classico, se transformaram em vozes simples.

O *o* das antigas formas latinas *vorto, voster* transformou-se, no periodo classico, em *e*: *verto, vester*, e o *u* em *i mancupium decumus, optumus* tornaram-se *mancipium, decimus, optimus* (261).

Como fixar uma significação a cada uma das vozes, se, como diz Max Müller, estas, em todas as suas variedades, *são em numero infinito*, se nos varios idiomas de uma mesma familia, e até nas varias lingoas do mesmo grupo, nem sempre se conservam as mesmas, se se revezam, se reforçam ou alongam, se nasalizam, se diphthongam ou contraem? (262)

---

(260) Gerardi Joannis Vossii. *Etymologicum Latinum.* T. 2.º Pg. 775.

(261) Vide Abel Hovelacque. *La Linguistique.* Pg. 308. 4.ª ediç.

(262) Vide Max Müller *Nouvelles Leçons sur la Science du Langage.* Vol. 1. P. 146, e Salomon Reinach. *Philologie Classique.* Pg. 139.

Como adaptar essas ideias á voz ou *vogal neutra* de Max Müller, que se ouve em grande numero de palavras inglezas, sem relação alguma entre si, quer no que toca á morphologia, quer no que se refere ás ideias que denotam?

"É em syllabas curtas, diz este philologo, em syllabas de som fechado, taes como *but*, *dust*, que se pronunciam *beutt*, *deustt*, que reconhecemos mais seguramente sua presença.

"Sih John Herschel", continua Max Müller, "ouve uma só e mesma vogal em *spurt*, *assert*, *bird*, *virtue*, *dove*, *oven*, *double*, *blood*. Sheridan e Smart distinguem-na entre as vogaes que se ouvem em *bird*, e *work*, em *whirl* e *world*". (263).

Essa *vogal neutra*, de que nos falla o escriptor allemão, não é de todo desconhecida em nossa lingoa, na palavra *mas*, na primeira syllaba de *para* (prep.), nos vocabulos *passar*, *passagem* (primeira syllaba), na ultima syllaba do pronome *elle* e em muitos *e* e protonicos, como o e dos vocabulos *belleza*, *memoria*, *menino*, pronunciadas todas essas palavras á portugueza.

Que sentimento ou que ideias se associam a essa voz ou *vogal neutra*, tão exactamente notada na lingoa ingleza por Max Müller e outros escriptores, e tão variamente figurada nesta lingoa?

(263) Max Müller. *Op. cit.* Pg. 151.

LVII

"*Arbitrando o juiz as* QUANTIAS *QUE LHE* PAREÇA NECESSARIO".

O art. 431 do *Projecto* estava assim redigido:

"Se o menor possuir bens, será alimentado e educado á sua custa, e para esse fim o juiz arbitrará as quantias que julgar necessarias, attentas as forças dos rendimentos do seo patrimonio, quando o pae ou a mãe as tiver taxado".

Este artigo emendou-o o Dr. Ruy, em seo *Parecer*, dando-lhe a seguinte construcção:

"Se o menor possuir bens, será sustentado e educado a expensas suas, arbitrando o juiz, para tal fim, as quantias que *lhe pareça necessario*, attento o rendimento da fortuna do pupillo, quando o pae ou a mãe as não tiver taxado".

Em nossas *Ligeiras Observações* demos preferencia á redacção do *Projecto*.

Bem que tambem usadas dos classicos construcções analogas á (*) que alli adoptou o autor do *Parecer*, não menos usada e de melhor soido é a empregada pelo *Projecto*, de que nos dão exemplos os melhores escriptores, nos seguintes passos:

"A torre do sino tomou para si com os moradores que *lhe pareceram necessarios*".

(Damião de Góes. *Chron. d'el-rei D. Manoel.* 4.ª Part. Cap. 5.º Pg. 381).

"Daremos em abastança aos que nellas virem todas as coisas que *lhe forem necessarias*".

(Id. Ibid. 3.ª Part. Cap. 59. Pg. 278).

"Mandasse levar das náos a fazenda que *lhe parecesse necessaria*".

(Id. Ibid. 1.ª Part. Cap. 58. Pg. 150).

(*) Na 1.ª ed. lemos: "analogas a que alli...", e na 2.ª: "analogas á que alli...".

"E lhe dariam toda a carga de especiarias que *lhe fosse necessaria*".
(Id. Ibid. 3.º Part. Cap. 2.º Pg. 11).

"Mandassem pedir os homens que *fossem necessarios*".
(Fern. M. Pinto. *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 204).

"Ordenando alli as coisas, que *lhe pareceram necessarias*".
(Diogo de Couto. *Dec.* 12. Cap. 4.º Pg. 272).

"Levou o Governador todas as coisas que *lhe parecceram necessarias* para a fabrica da fortaleza".
(Id. Ibid. 4.ª Liv. 9.º Cap. 8.º Pg. 361).

"Correriam com elle em todas as coisas que *fossem necessarias*".
(Id. Ibid. Cap. 9.º Pg. 370).

"Mandou que cada um fosse constrangido a ter tantos bois, quantos *eram necessarios* para as herdades que tinham".
(Duarte N. de Lião. *Chron. dos Reis.* T. 2.º Pg. 373).

"Assim pedio os sacramentos, quando *lhe pareceram necessarios*".
(Fr. Lucas de S. Cath. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 6.º Pg. 205).

"Onde desejo achar todas as noticias que V. S. *julgar necessarias*".
(Vieira. *Cartas.* T. 4.º Pg. 61).

"Para que cobrasse do meo procurador a quantia que *lhe parecesse necessaria*".
(Filinto Elysio. *Obras.* T. 10. Pg. 37).

"É obrigada a dar a caução que ao mesmo conselho *parecer necessaria*".
(*Cod. Port.* Art. 162. § unico).

Já noutro lugar, adoptando a construcção do illustre Dr. Ruy, disse Damião de Góes:

"Mandou derribar tantas casas quantas *lhe parecco necessario*".
(*Chron. de D. Manoel.* Part. 2.ª Cap. 2.º Pg. 297).

LVIII

"O legado puro e simples, confere, desde a morte do testador, ao legatario o direito, transmissivel aos seos successores, de pedir aos herdeiros instituidos a coisa legada".

Assim emendou o Dr. Ruy o art. 1696 do *Projecto*, cujo teor era o seguinte:

"O legado puro e simples confere ao legatario, desde a morte do testador, o direito, transmissivel *aos seos successores*, de pedir a coisa legada aos herdeiros instituidos".

"Ponhamos", diz o Dr. Ruy, "em defrontação aqui o defeito e a emenda.

"Será o melhor meio de treplicar á caturreira do mestre". (264).

Sim: o mesmo digo eu: ponha o intelligente leitor, ponha em confronto aqui as duas construcções, e veja de que lado está a caturrice.

"Evidente o que se me antolha", continúa o Dr. Ruy, "é que, antes da expressão *aos seos successores*, ha na phrase dois nomes de pessoa: *legatario* e *testador*.

"Ora assim o *legatario* como o *testador* podem ter *successores*. Logo, empregando-se a expressão *seos successores* depois de *legatario* e de *testador*, é de presumir se refira, dos dois substantivos, ao mais vizinho.

"Esse é *testador*. Logo, aos *successores deste* é que devo inferir ahi se alluda. Mas o intento da codificação é que se referisse aos successores *do legatario*. Logo, mal redigido, obscuro está o texto; e cumpre clareal-o.

"Agora incommodarmo-nos com um hyperbaton, numa lingoa de inversões e transposições como o portuguez, não é serio".

O legatario, como o testador, pode, é verdade, ter successores, mas a expressão *seos successores*, attenta a redacção do texto e o

---

(264) *Replica*. § 47-287.

sentido da phrase, não pode de modo algum referir-se ao vocabulo *testador*, mas ao substantivo *legatario*.

Continuamos a pensar, o que já affirmamos nas *Ligeiras Observações*, que rarissimos serão os ouvidos a que se não afigure malsoante a redacção que em sua emenda deo o Dr. Ruy ao art. 1696.

Não faltam em nossos bons modelos exemplos que abonem a construcção do *Projecto*.

Taes os seguintes:

"Isabel a catholica repugnava a admittir, na monarchia castelhana e leoneza, a continua representação das scenas, que eram consequencia forçosa do estabelecimento daquelle sanguinario tribunal, e que repugnavam á brandura da *sua* indole".

(A. Herc. *Hist. da Inq.* T. 1.º Pg. 50).

Não é evidentemente a brandura do tribunal a que allude o historiador portuguez, senão a brandura da indole de Isabel.

"Estimou el-rei muito esta obra, e a agradeceo a Diogo de Couto por carta *sua*".

(S. de Faria. *Vida de D. de Couto*. Dec. 4.ª Pg. XI).

Por carta sua. De quem? De Diogo de Couto? Não: por carta d'el-rei.

"Primeiramente devem encommendar a S. Francisco Xavier, desde o berço a infancia de *seos* filhos, para que se criem e cresçam debaixo da *sua* direcção e doutrina".

(Vieira. *Serm.* T. 13. Pg. 403).

Certo não allude aqui o Padre Antonio Vieira aos filhos de Francisco Xavier, quando diz — a infancia *de seos filhos;* mas na phrase da *sua direcção* e doutrina — já é o mesmo Francisco Xavier a que attribue essa direcção e doutrina. Na mesma sentença, pois, como era frequente no latim, o mesmo possessivo *seo, sua* denota referencias diversas.

"De ninguem se podia mais fiar Christo, que de Judas, a quem tinha fiado quanto havia em *sua* casa, e de Pedro, a quem tinha dado as chaves de *seo proprio reino*".

(Vieira. *Serm.* T. 13. Pg. 165).

Em sua casa diz aqui Vieira. Na casa de Judas ou na do proprio Christo?

Evidentemente na de Christo.

De *seo proprio reino*. Do reino de Pedro, ou de Christo? Certamente do reino deste.

"Na carta, em que o grande naturalista, acolhendo-se ao patrocinio de um ministro, seo consocio e valedor, solicita do principe regente a licença de voltar á *sua patria*, desafoga em acerbissimas palavras o desgosto que o trazia lacerado e offendido".

(Lat. Coelho. *Elog. Hist. de José Bonifacio.* Pg. 35).

Á sua patria, isto é, á patria do grande naturalista e não do principe regente, nem do ministro, seo consocio e valedor.

"As encostas do Abyla e os despenhadeiros do Atlas, os valles da Mauritania e os areiaes de Sahara e de Barca de continuo arrojavam para Europa, atravez do Estreito, *os seos filhos*, tostados ao sol fervente d'Africa".

(A. Herc. *Eurico.* Pg. 82).

Não é intento do escriptor portuguez indicar aqui os filhos da Europa, senão os das encostas do Abyla, dos despenhadeiros do Atlas, dos valles da Mauritania, dos areiaes de Sahara e de Barca. Esses substantivos, entretanto, mais distantes se acham do possessivo, que o vocabulo *Europa.*

"Porque ninguem haverá que diga ser possivel e conveniente sustentar-se Portugal contra Castella, senão com guerra defensiva, dentro em *suas* fortificações".

(Vieira. Vide *Trechos Select-comm bi-cent.* Pg. 327).

Em suas fortificações, nas de Portugal, e não nas de Castella, apezar de ser este substantivo mais vizinho do possessivo *suas.*

"Os jesuitas, que ninguem pode averbar de moderados em pontos de malquerença contra o marquez de Pombal, deixaram num dos *seos escriptos contemporaneos*, onde transpira a cada phrase o odio contra o ministro, o claro testemunho de que se buscara incitar a turba a exigir que o novo governo infamasse com um acto de vindicta a sua pomposa inauguração".

(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit.* T. 1.º Pg. 257).

Neste excerpto de Latino Coelho é clara a referencia do adjectivo *seos* ao vocabulo *jesuitas*, e não ao substantivo *marquez*, bem que mais proximo do possessivo.

"Os nossos, vendo que a salvação estava só em Deos e no esforço de *seos braços*, fizeram todos tamanhas maravilhas, que pasmaram os inimigos".

(D. de Couto. *Dec.* 4.ª Liv. 4.º Cap. 7.º Pg. 285).

Em Deos e no esforço de seos braços, isto é, no esforço dos braços dos *nossos.*

De phrases analogas usaram os melhores escriptores latinos, havendo em algumas dellas duas referencias distinctas, determinando o conjuncto do contexto o verdadeiro sentido, que se deve dar á expressão do pensamento.

Taes, entre outras, as seguintes de Quinto Curcio, Cornelio Nepote, Cicero e Cesar, que não receiaram lh'as inculpassem de ambiguas:

"Scytae petebant (ab Alexandro) ut regis *sui* (*Scytharum*) filiam matrimonio sibi (Alexandro) jungeret". (Q. Curt. Vide S. Reinach. *Gram Lat.* Pg. 181).

"Patres conscripti... legatos in Bythyniam miserunt, in his Flaminium, qui à rege peterent, ne inimicissimum *suum* (Romanorum) secum (cum rege) haberet".

(Corn. Nep. *Hannibal.* Cap. 12).

"Themistocles professus est Athenienses *suo consilio... deos* publicos *suosque* patrios *ac penates*, quo facilius ab hoste possent defendere, muris sepsisse".

(Id. *Themistocles.* Cap. 7.º).

Neste exemplo de Cornelio o primeiro possessivo refere-se a Themistocles; a Athenienses, o segundo.

"Hortensius ex Verre quœsivit, cur *suos* familiarissimos rejici passus esset".

(Cic. *Verr.* Vide *Gram. de Madvig.* § 490).

Suos familiarissimos está aqui em referencia a Hortensius, e não a Verre.

"Ariovistus respondit, si ipse populo Romano non prœscriberet quemadmodum *suo jure* uteretur, non opportere sese a populo Romano in *suo jure* impediri".

(Cesar. *De Bello Gallico.* Liv. 1.º Cap. XXXVI).

"Livius Salinator Q. Fabium Maximum rogavit, ut meminisset, *opera sua* (Livii) se (Fabium) Tarentum recepisse".

(Cic. *de Or.* 2, 67 — Vide *Gram. Latina de Madvig.* § 490).

O *sua* da expressão latina *opera sua* refere-se aqui não a Fabrium Maximum, senão a Livius Salinator.

No remate da mesma phrase do *Projecto*, emendada pelo illustre Dr. Ruy Barbosa, censuramos a collocação do objecto indirecto antes do directo.

Tinha dito o *Projecto*:

"O legado puro e simples confere ao legatario, desde a morte do testador, o direito, transmissivel aos seos successores, de pedir a coisa legada aos herdeiros instituidos".

A oração completiva, por que termina a phrase — *pedir a coisa legada aos herdeiros instituidos,* foi na emenda assim substituida: *pedir aos herdeiros instituidos a coisa legada.*

Achamos, como dissemos nas *Ligeiras Observações,* mais natural e de melhor soido a anteposição aqui do objecto directo.

Que é o que havia de receiar, empregando a construcção do *Projecto?*

A ambiguidade?

A esta fechava as portas o conjuncto da phrase e o fio mesmo das ideias.

Quando pede um verbo dois complementos ou objectos, um directo, outro indirecto, é usualmente o mais curto que deve preceder ao outro, salvo quando a isso se oppõe a harmonia do discurso ou a clareza da phrase; ora, nem uma nem outra coisa se nota na construcção adoptada pelo *Projecto.*

LIX

"Havendo *mais de um testamenteiro que tenham* acceitado o cargo".

Tinha o *Projecto* do *Codigo* redigido nestes termos o art. 1772:

"Havendo dois ou mais testamenteiros simultaneos, que tenham acceitado o encargo, cada um delles pode agir na falta dos outros, etc.".

Este artigo emendou-o assim o Dr. Ruy:

"Havendo simultaneamente *mais de um testamenteiro, que tenham* acceitado o cargo, poderá cada qual exercel-o em falta dos outros, etc".

Em minhas *Ligeiras Observações* (Pg. 81) impugnei a phrase da emenda — *mais de um testamenteiro que tenham acceitado o cargo*, escrevendo: "*mais de um testamenteiro que tenham acceitado o cargo* não se diz em portuguez; porem, *mais de um testamenteiro que tenha acceitado o cargo*".

Explicando a nossa these, escrevemos:

"Ninguem diz: *mais de uma pessoa morreram* naquelle incendio; porem: *mais de uma pessoa morreo* naquelle incendio; *mais de uma pessoa me asseveraram esta noticia;* porem: *mais de uma pessoa me asseverou; mais de um deputado fallaram contra o Projecto do Codigo Civil;* porem: *mais de um deputado fallou contra o Projecto do Codigo Civil*".

Se assim nos exprimimos, é porque na lição dos escriptores portuguezes, ainda nos de menos porte, nunca se nos havia deparado outra concordancia em phrases analogas, do que são testemunhas os seguintes exemplos:

"Haver *mais de uma*
que se *tenha* afogado em tal miseria!"
(A. Cast. *Fausto*. Pg. 380).

"*Mais de um* que me *ama*".
(Id. *Felicidade pela Agricultura*. Vol. 1.º Pg. 152).

"E *mais de um heroe* desses, ao expirar, *dá* a ultima saudade ao pensamento dos bosques da sua infancia".
(Id. Ibid. Pg. 21).

"*Enthesoirou-se mais de um exemplo* nobre e proveitoso".
(Id. *O Outono*. Pg. 270).

"*Mais de um*, vendo ferir, *sahio* dalli ferido".
(Id. *Arte de Amar*. Cant. 1.º Vers. 167).

Mais de um combate
lhe *ganhara* troféos, lhe *alçara* o nome".
(Id. *A Noite do Castello*. Pg. 19).

"Havendo na cidade *mais de uma eschola primaria* que se *podesse* applicar a este mesmo uso".
(Id. *Colloquios Aldeões*. Pg. 101).

"*Mais de um douto escriptor*, em varios ramos,
Ostenta engenho e porfiado estudo".
(A. J. Viale. *Bosquejo Metrico*. Pg. 116).

"*Mais de um queixoso clama*, o jus *invoca*".
(Id. Ibid. Pg. 126).

"*Encontra-se mais de uma allusão* nas suas poesias lyricas".
(Innocencio da Silva. *Introducção aos Lusiadas*).

"Houve *mais de um Oza* que *estendesse* a mão á arca santa, não para a amparar, mas para a derribar".
(A. Herc. *Opusc. Os Vinculos*. T. 3.º Pg. 7).

"A qual *mais de um escriptor coevo* nos *pinta* como insaciavel de oiro".
(Id. *Hist. de Port.* T. 2.º Pg. 320).

"*Mais de uma peleja se travara* alem do Sado".
(Id. Ibid. Pg. 321).

"*Mais de um* lhe *roia* na consciencia".
(Id. *O Monge de Cister*. T. 1.º Pg. 126).

"*Mais de um exemplo anterior autorizava* a crer".
(Id. Ibid. Pg. 213).

"*Mais de um coração teria* de bater apressado no meio da eminente lucta".
(Id. *O Bôbo*. Pg. 323).

"*Mais de um réo obteve* a liberdade".
(Id. *Hist. da Inq.* T. 3.º Pg. 150).

"*Mais de um réo*, que *poderia* ter servido para dilatar o espectaculo de um auto da fé".

(Id. Ibid. Pg. 121).

"*Mais d'um*, tirando ao peito os sons profundos,
Murmura na agonia derradeira".

(Mendes Leal. *Canticos*. Pg. 269).

"E *mais de um engenho notavel* para se não finar, jejuando os loiros, *calleja* em rudes profissões a mão que sustenta uma lyra".

(Id. Nota aos *Fastos* de A. Cast. Pg. 189).

"*Mais de uma livraria*, escolhida em Lisboa, em Coimbra e no Porto, *escondia* por traz dos rotulos de composições anodynas, soporiferas, ou inoffensivas os titulos desses escriptos vigorosos".

(Rebello da Silva. *Varões Illustres*. Pg. 242).

'*Mais do que um decennio decorreo*".

(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Mil. de Port.* T. 3.º Pg. 282).

"*Mais de um talento*, legitimamente reconhecido, *ficaria* mudo".

(Camillo. *Esb. de Apr. Lit.* Pg. 73).

"*Mais de um* dos meos futuros leitores me *perguntou* se a obra seria precedida de algumas noções grammaticaes".

(Cand. de Figueiredo. *Dicc. Convers. Prelim.*).

"Se *mais de um testamenteiro tiver* acceitado a testamentaria".

(*Cod. Civ. Port.* Art. 1904).

"Se a obra collectiva em cuja composição *estiver* empenhado *mais de um escriptor*".

(Id. Art. 581, § unico).

O distincto Dr. Ruy Barbosa, em sua *Replica*, reconhece incorrecta a concordancia que se lê em sua emenda ao referido artigo 1772, attribuindo-a a descuido dos revisores.

Aqui prorompe o autor da *Replica* numa descabida irritação contra o obscuro autor das *Ligeiras Observações*, pela extranheza notada na concordancia da emenda áquelle artigo, e, numa insoffrida explosão de enfado, assim se exprime:

"O erro chambão e alvar, de que me achaca, resulta, entretanto, da simples differença de uma lettra, um *m* de mais, que escapou aos revisores. Está no impresso: "Havendo *mais de um* testamenteiro, que *tenham* acceitado". Havia de ser: "... que *tenha* acceitado".

"Só a iniquidade insigne desta critica me supporia capaz de semelhante alarvaria grammatical. Creio bem não me teriam por accusavel dessa asneira de preto novo nem na minha meninice, nos tempos em que o corpo docente do

Gymnasio Bahiano, um de cujos ornamentos era o professor Carneiro, me condecorava como o primeiro dos seos alumnos.

"Mas", continúa o Dr. Ruy, "circumstancia curiosa, em que a malicia recebe uma lição a ponto. Agora mesmo, nas *Ligeiras Observações* do mestre, pg. 8, col. 1.ª, o fazem réo de uma punhalada na syntaxe dos verbos, attribuindo-lhe a sentença: "Não nos *parece* de bom cunho *as phrases*", sentença em que o sujeito plural *as phrases* anda ás testilhas com o verbo no singular *parece*". (265).

E mais adiante (n. 293), ainda incendido no mesmo agastamento, escreve:

"O Dr. Carneiro mesmo, até elle, o justiça maior das minhas culpas grammaticaes, não se livrou desses solecismos casuaes, um de cujos mais notaveis exemplos é o que nos deparam os seos *Serões* (pg. 20) neste solemne trecho:

"O *estudo* dos metaplasmos *são* de importancia capital".

Respondamos: Não é de uso em nossa lingoa o emprego daquella concordancia, que se lê na emenda.

Os nossos escriptores só adoptam o numero plural, depois da expressão *mais de um, mais de uma*, quando se lhe segue um collectivo, seguido de um complemento do plural, claro ou subentendido; ou quando se trata de uma ideia de reciprocidade, ou ainda, quando se repete a expressão *mais de um*, não sendo, neste ultimo caso, de rigor o numero plural.

Assim é que se lê na *Arte de Furtar*, a pag. 238:

"E destes doutores ha *mais de um milhão* que *cursam* as cathedras e escholas de Mercurio e Caco".

Em Latino Coelho, a pg. 16 da *Republica e Monarchia*:

"Sabemos que *mais de um milhão* de cruzados *foram* illegalissimamente desviados das arcas do thesoiro".

No Art. 196 do *Codigo Portuguez*:

"Se o pae ou mãe nomearem *mais de um tutor* para *se substituirem uns aos outros*, recahirá a tutela em cada um dos nomeados pela ordem da nomeação".

Neste exemplo é manifesta a ideia de reciprocidade, que denota o verbo que tem por sujeito a locução *mais de um tutor*.

---

(265) *Replica*. § 75-289 (*) e 291.

(*) Na 2.ª ed., por erro dos revisores, lemos "298".

Exprimindo o verbo a mesma ideia de reciprocidade, diz-se, empregando-se o plural: "*Mais de um socio,* ao terminar a sessão, *se insultaram; mais de um companheiro se desavieram; mais de um se esbofeteearam; mais de um se engalfinharam*".

Do mesmo modo, repetindo-se a expressão *mais de um,* é o plural o numero adoptado.

Diz-se, empregando-se esse numero: *mais de uma cidade, mais de uma villa, mais de uma aldeia, ficaram* desoladas.

Passa o mesmo no francez: esta lingoa, que, assim como o portuguez, emprega no singular o verbo que tem por sujeito a expressão *plus d'un, plus d'une,* adopta o plural, quando se exprime uma ideia de reciprocidade ou quando esta locução é repetida.

Assim, pondo o verbo no singular, disse a Academia: *Plus d'un temoin a déposé;* e Boileau: *Plus d'une Pénélope honora son pays;* mas, exprimindo o verbo a reciprocidade, disse Marmontel: *Plus d'un fripon se dupent,* usando-se o mesmo numero, se o *plus d'un* se repete: *Plus d'un officier, plus d'un général furent tués dans cette bataille*". (266)

Isto não obstante, disse Voltaire num lugar de suas *Cartas*: "*V. M. sait que plus d'un homme considérable pensent qu'il faut une balance, et que la politique contraire est une politique détestable;* (267) e em nossa lingoa mesma disse Castilho Antonio: "E' um bello e nobre exemplo, em que *mais de um escriptor europeo* bem *poderiam* aprender". (Vide *Vivos e Mortos.* V. 7.º Pg. 11).

Já vê o esclarecido autor da *Replica* que vem muito fóra de proposito o desabrimento em que irrompe, em relação á falta que apontamos naquella sua emenda.

Consideramos a concordância de que se usou uma falta contraria ao uso da lingoa, mas não a reputamos, como a appellida o Dr. Ruy, *erro chambão e alvar.*

"Só a iniquidade insigne desta critica me supporia", diz o autor da *Replica,* "capaz de semelhante alarvaria grammatical".

Não, não tem razão: Censurando aquella falta, não lhe irrogamos erro algum *chmbão* e *alvar, de* escriptor *que babuja o nosso idioma como qualquer tamanqueiro de obra grossa.*

---

(266) Vide *Gramm. Comp. de La Langue Française* par C. Ayer. Pg. 487. Ed. 1896.

(267) *Dicc. de Littré.* T. 4.º Pg. 2389.

Na lingoa franceza, onde, como já vimos, a regra da concordancia é a mesma, apezar de censurada a phrase de Voltaire, a que já alludimos, a nenhum escriptor lembrou appellidal-a de *erro chambão e alvar, de alarvaria grammatical, de asneira de preto novo.* E Voltaire foi talvez a primeira cabeça, o mais fecundo genio do seculo 18.

Não cita o Dr. Ruy varias vezes o notavel grammatico Julio Ribeiro? Pois bem esse grammatico, de grande nome, estatúe como regra o emprego de um ou de outro numero depois da expressão *mais de um,* dizendo: *mais de um é rico, mais de um são ricos.* (268)

Embora censuremos aqui o plural, por contrario ao uso dos nossos bons escriptores, mencionamos o nome do escriptor e grammatico brasileiro, somente para mostrar ao illustre autor da *Replica* que aquelle escriptor, longe de considerar o numero plural como *erro chambão* e *alvar,* reputa facultativo, em taes casos, o emprego de um ou outro numero.

Desforrando-se da censura feita ao *mais de um testamenteiro que tenham,* que se lê na emenda áquelle artigo do *Projecto,* lança-me em rosto o Dr. Ruy a sentença: "*Não nos parece de bom cunho as phrases*", das *Ligeiras Observações,* impressas, no Rio de Janeiro, no *Diario do Congresso.*

Sabe o illustre censor que este meo trabalho sahio das officinas daquelle *Diario,* sem que lhe eu corrigisse as provas; achava-me na Bahia, donde não sahi; e tanto como o numero do *Diario do Congresso* me chegou ás mãos, enviei as erratas que se me afiguravam de mais necessidade, entre as quaes a que respeita á phrase a mim assacada.

No *Diario da Bahia,* n. 239, de 22 de outubro de 1902, a pag. 2.ª, col. 3.ª, onde foi publicado o mesmo trabalho, dias antes da publicação no Rio, não se nota aquelle solecismo, devido unicamente a descuido de composição.

Nas *Ligeiras Observações,* que, em avulso, correm impressas, sahidas a lume na mesma epocha, não se observa tambem aquelle descuido das officinas do Rio.

Continuando a explicar aquella falta grammatical de sua emenda, que reputa *erro chambão, erro alvar,* que só a malignidade lhe attribuiria, ainda vae o Dr. Ruy aos meos *Serões,* e deparando-se-lhe a pag. 20 a seguinte phrase, evidentemente errada: — "O *estudo* dos metaplasmos *são* de importancia capital" — assim escreve, como já notamos atraz:

(268) Julio Ribeiro. *Gramm. Port.* P. 299. 6.ª ed.

"O Dr. Carneiro mesmo, até elle, o justiça maior das minhas culpas grammaticaes, não se livrou desses solecismos casuaes, um de cujos mais notaveis exemplos é o que nos deparam os seos *Serões* (p. 20) neste solemne trecho:

"O *estudo* dos metaplasmos *são* de importancia capital".

"Não é, continua o autor da *Replica,* um collectivo o vocabulo *estudo,* para se pretender que alli concorde com o determinativo plural o verbo *são.* Temos, portanto, um solecismo flagrantissimo na sentença "O *estudo são* de importancia".

E' uma concordancia errada, é verdade, mas estou certo de que ninguem lançará a minha conta esta falta, bem como varias outras na impressão dessa minha obra, senão ao descuido e grande negligencia do estabelecimento em que foi impressa.

O proprio Dr. Ruy, certamente, não me fará réo desse solecismo grammatical, como o não argúo eu do flagrantissimo erro de syntaxe, que, apezar do cuidado com que fez a revisão de suas *Cartas de Inglaterra,* (269) se nota no seguinte trecho a pg. 36:

"E *estas palavras,* proferidas por um homem respeitavel, que experimentara no desterro e nas prisões a doçura da liberdade sul-americana, *cahio-lhe* da bocca sem azedume".

"E *estas palavras... cahio-lhe* da bocca sem azedume".

O solecismo que se nota nesse trecho das *Cartas de Inglaterra* e o de que falla o Dr. Ruy, encontrado nos meos *Serões,* esses erros de flagrante violação syntactica são, sim, tão manifestamente grosseiros, tão intensamente palmares, que a ninguem lembraria, sem injustiça, imputar-nol'os.

Ninguem, por exemplo, porá a pecha de solecista a Duarte Nunes de Lião, só por encontrar numa de suas *Chronicas* o trecho seguinte:

"A *occupação* dos nobres *eram* aquella noite fallarem nos casos, que lhes (*) aconteceram aquelle dia". (270).

Craso e tosco de mais é o erro, para que sensatamente se lance á conta do distincto autor das *Chronicas dos Reis de Portugal.*

---

(269) — "As minhas *Cartas de Inglaterra,* o ultimo dos livros meos, em cuja revisão alguma diligencia empreguei".

(Dr. Ruy Barbosa. *Replica.* § 79—297).

(*) Na 2.ª ed. lemos "lhe".

(270) — *Cron. de D. João 1.º* Cap. 93. Pg. 455.

Barros não podia, senão por um descuido em obra de tão grande tomo, escrever:

"Porque *se lançou* dentro nella *peloiros* de bombarda, settas, bombas de fogo e outros artificios de guerra naval". (271).

Nem Vieira podia advertidamente atirar do bico de sua penna afóra as seguintes phrases: não ha nem *hão de haver olhos* que se ponham em vós"; (272) "*faltavam-lhe* sem ellas *o sangue*"; (273) são corpos... a quem não *resiste* nem fazem impedimento *as paredes*", (274) de que o fazem responsavel.

Mas a incorrecção que notei na phrase do Dr. Ruy *mais de um testamenteiro que tenham* oppõe-se, é verdade, ao uso dos nossos bons escriptores, mas não é uma violação á logica, não é um *erro chambão e alvar*, como lhe chama o illustre autor da *Replica*, nem houve iniquidade e malignidade em lh'o attribuir, como na lingoa franceza, onde se adopta a mesma regra de concordancia, com respeito á locução *plus d'un*, nunca se tacharam de malignos e iniquos os que impugnaram a phrase de Voltaire, a que já nos referimos.

Podia o autor da *Replica* seguir em nossa lingoa a mesma concordancia, adoptada naquelle passo pelo autor das *Lettres philosophiques* e pelo distincto classico portuguez, sem inculpar de maligna a censura áquella falta, contraria ao uso, sim, mas nunca *erro de tamanqueiro de obra grossa*, como sem razão e desabridamente a denomina, mais por fazer sobresahir a pretensa malignidade da censura, que por defender-se da falta de que o arguimos.

(271) — *Dec.* 2.ª Liv. 2.º Cap. 7.º Pg. 187.
(272) — *Serm.* T. 11–216.
(273) — *Serm.* T. 15. Pg. 329.
(274) — Ibid. T. 11. Pg. 289.

LX

"TODO INCIDENTE em vez de TODO O INCIDENTE".

Na emenda ao art. 1455 do *Projecto*, emenda que, por outra parte, reputamos razoavel, como o affirmamos nas *Ligeiras Observações*, a pg. 82, censuramos a locução *todo incidente*.

Bem que um ou outro escriptor ainda hoje empregue o adjectivo *todo* não seguido do artigo, dizendo: *todo homem, todo ser, todo animal, todo vivente, em toda parte, por todas partes, em toda sociedade bem constituida*, etc., é comtudo censurada por bons escriptores a omissão do artigo em taes modos de dizer, a qual torna as phrases menos doces e harmoniosas.

Citamos nas *Ligeiras Observações* (Pg. 94) a opinião de José de Castilho (*Livr. Classica.* Lucena. T. 2.º Pg. 251), que em phrases analogas condemna a suppressão do artigo, exprimindo-se nos seguintes termos:

"O uso traz condemnadas estas suppressões do artigo, que mal se poderiam empregar hoje, sem incorrer na tacha, ou de *exotico*, ou de *afrancezado*".

Antes de J. Castilho, já Constancio em sua *Grammatica Portugueza* (Pg. 174), assim enunciava:

"E' muito mais correcto, bem soante e conforme ao uso dizer com o artigo: *todo o homem* é mortal, do que *todo homem* etc".

Em varios lugares nas emendas do Dr. Ruy reparamos nessa suppressão do artigo, notada aqui no art. 1455.

Assim é que no 592 do *Projecto* diz na emenda: "*Todo proprietario* é obrigado a consentir que etc."; escrevendo noutros pontos: "*toda vez, toda vez que, todo rio, todo homem, toda obra*" em vez de *todo o proprietario, toda a vez, toda a vez que, todo o rio, todo o homem, toda a obra.*

Ao meo reparo objecta o Dr. Ruy em sua *Replica*:

"Sempre costumei escrever assim" (pospondo o artigo ao *todo*)" Haja vista as minhas *Cartas de Inglaterra*, o ultimo dos livros meos, em cuja revisão alguma diligencia empreguei. Tome dalli alguns excerptos:

"Por toda *a parte*". (P. 48).

"Toda *a* minha vida". (P. 212).

"A arte da transacção, a que se reduz toda *a* sabedoria politica e todo *o* segredo da vida". (P. 221).

"Para todos *os* tempos e para toda *a* parte". (P. 225).

"Por toda *a* parte". (P. 226).

"Em toda *a* parte". (P. 240).

"Em todo *o* seo decurso". (P. 268).

"Toda *a* sua carreira". (P. 274).

"Toda *a* gente sabe". (P. 308).

"Por toda *a* parte até hoje". (P. 398).

"Percorrei toda *a* Europa". (P. 398).

"Todos *os* sons". (P. 222).

"Todas *as* autocracias". (P. 304). (275)

Ora, se o illustre autor da *Replica*, nas suas *Cartas de Inglaterra*, obra em cuja revisão empregou alguma diligencia, sempre ao adjectivo *todo* pospõe o artigo, ou corresponda esse collectivo universal ao *omnis* dos latinos ou ao *totus;* se, como assevera, sempre costumou escrever assim, alguma razão teve de preferir este modo modo de escrever ao outro, que notamos em varios lugares das suas emendas ao *Projecto*.

Nem é verdade o que, em sua *Replica*, affirma o Dr. Ruy que não concebo o adjectivo *todo*, como quer que seja, sem o seo appendice articular.

Tanto concebo, que disse ser uso dos antigos classicos supprimirem, pelo commum, o artigo depois do determinativo *todo*, quando este corresponde ao *omnis* dos latinos.

O que affirmei nas *Ligeiras Observações* é que a suppressão do artigo depois do adjectivo *todo* é antiquada, compondo o meo pensamento ao espelho das ideias dos nossos escriptores, expressas em phrases construidas com o *todo* portuguez, quando o tomam no sentido do *omnis* latino.

A lição dos nossos modelos do escrever mostra-nos, com effeito, os seguintes exemplos:

---

(275) —.*Replica*. § 79—297.

"Buscando em vão a casa em *toda a parte*".
(Camões. Eleg. 20. Pg. 229. *Obras de Camões.* T. 3.º).

"*Toda a* coisa em seo ser e compostura".
(Id. *Epist. ao Duque de Aveiro — Obras de Camões.* T. 3.º Pg. 332).

"Quando já não se acha cura,
Toda a cura é por demais".
(Id. *El-Rei Seleuco—Obras de Camões.* T. 4.º Pg. 206).

"Para fazer estimar seus autores em *toda a* parte".
(*Vid. de Diogo de Couto* por M. Severim de Faria. *Dec.* 4.ª Pg. V).

"A *toda a* hora o achava a necessidade com a porta aberta, as mãos diligentes, a bocca cheia de riso".
(Frei Lucas de Santa Catharina. *Hist. de S. Domingos.* 4.ª Parte. Vol. 5.º Pg. 62).

"Pode *todo o* homem vencer cada uma dessas mesmas tentações".
(Vieira. *Serm.* T. 2.º Pg. 9).

"Oh como é louco e sem juizo *todo o* amor desordenado!"
(Id. Ibid. T. 6.º Pg. 209).

"Se *todo o* homem nasce de mulher e de homem".
(Id. Ibid. Pg. 212).

"*Todo o* homem deseja ser, deseja ter, deseja poder".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 177).

"Absolvem de *toda a* culpa e pena".
(Id. Ibid. Pg. 285).

"Fechadas as portas a *toda a* luz e remedio".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 227).

"Porque em *toda a* parte se havia de executar em um dia".
(Id. Ibid.).

"*Todo* o sabio".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 32).

"Contraria a *toda a* estabilidade".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 150).

"*Todo o* homem que chega a ser velho, morre seis vezes".
(Id. Ibid. Pg. 157).

"Em *todo o* genero de viventes".
(Id. Ibid. T. 8.º Pg. 76).

"Como Portugal em *toda a* parte, e os criados de vossa excellencia havemos mister".
(Id. *Cartas*. T. 3.º Pg. 117).

"*Toda a* sorte de requerentes benemeritos".
(*Arte de Furtar*. Pg. 248).

"Em *toda a* parte encontra o que em si mesmo leva".
(Fil. Elys. *Obras*. T. 6.º Pg. 59).

"Como a ti, que és cabal em *toda a* sciencia".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 294).

"*Todo o* homem que a outro ultraja, muito com o gesto faz".
(Id. Ibid. Pg. 341).

"*Todo o* escriptor que se abalança ao sublime".
(Id. Ibid. Pg. 356).

"Se *toda a* esperança falha, mate-nos a magoa".
(Id. Ibid. T. 10. Pg. 389).

"Puz, ponho e porei sempre *toda a* palavra energica, que me vier ao bico da penna".
(Id. Ibid. *Nota á Fabula da Rã e do Rato*).

"*Todo o* official bem regrado reserva alguns tostões da feria, para ir no domingo tomar com a Maricas seo regabofe á Guingueta".
(Id. Ibid. *Nota á Fabula do Remendão e o Rendeiro Real*).

"De *toda a* parte ao Leão acodem Medicos".
(Id. Ibid. *O Leão, o Lobo e o Raposo*).

"Como succede hoje a *todo o* homem de Judá".
(A. Pereira de Figueiredo. *Trad. da Biblia*. Vol. 2.º Pg. 481).

"E que para *toda* a affeição, para *todo o* sentimento humano julgava morto o coração do cenobita".
(Garrett. *Viagens na Minha Terra*. T. 1.º Pg. 176).

"Rumores de intentadas transacções gyravam por *toda a* parte".
(Id. Ibid. Pg. 197).

"*Todo o* drama e *todo o* romance precisa de...".
(Id. Ibid. Pg. 41).

"Desapertado de *todo o* cilicio e mortificação".
(Id. Ibid. Pg. 136).

"Em *toda* a tribulação e desgraça".
(Id. Ibid. Pg. 143).

"Consumido na abstinencia de *todo o* gozo, de *todo o* desejo no presente".
(Id. Ibid. Pg. 153).

"Para *toda a* affeição, para *todo o* sentimento humano julgava morto o coração do cenobita".
(Id. Ibid. Pg. 176). (*)

"O Autor de *toda a* vida, de *toda a* sociedade, de *toda a* religião e de *toda* a virtude".
(Id. *Disc. Parl.* Pg. 215).

"Axioma que *todos os* dias e em *toda a* parte apparece triumphante".
(Id. Ibid. Pg. 219).

"Conhecer o que o mundo e os homens sejam
a *toda a* gente agrada".
(A. Cast. *Fausto.* Pg. 40).

"Foram á doida assoalhar no vulgo
seo pensar e sentir em *toda a* parte".
(Id. Ibid. Pg. 41). (**)

"Eis o eterno refrão com que nos quebram
o bichinho do ouvido a *toda a* hora".
(Id. Ibid. Pg. 111).

"Ha muito
que de *todo o* saber vivo enjoado".
(Id. Ibid. Pg. 122).

"Não podia menos de captivar fortemente a attenção de *todo o* genero de lettras".
(Id. Ibid. Pg. 405).

"Sequestrados de *todo o* trato humano".
(Id. *Amor e Melancolia.* Pg. 324).

"Nobrezas de *toda a* especie".
(Id. *Camões.* T. 2.º Pg. 139).

"Com que o aguardam relações activas e passivas de *todo o* genero".
(Id. *O Outono.* Pg. XIII).

(*) Seis exemplos acima encontramos o mesmo exemplo, que, por um lapso, vem reproduzido duas vezes.

(**) Na 2.ª ed., por engano do revisor, lemos ""Pg. 111", neste lugar.

"Á vista de *toda a* gente".
(Id. Ibid. *Prologo.* Pg. 15).

"*Toda a* gente, quer o confesse, quer não, sabe portanto".
(Id. Ibid.).

"Para *todo o* genero de iniciações e culturas".
(Id. Ibid. Pg. XXX).

"*Toda a* especie de flores e hervas aromaticas".
(Id. *Fastos.* T. 3.º Pg. 549).

"De uma natureza que de *toda a* parte se devia rir, que de *toda a* parte murmurava caricias como de mãe".
(Id. Ibid. *Prologo.* Pg. 21).

"E fenix permanecerá para *todo o* sempre no coração que se lhe ageitou para ninho".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 283).

"Na Italia, assim como na Sicilia, prevalece o uso de que *todo o* mascarado para ser num baile recebido, se dê primeiro a conhecer ao dono da casa".
(Id. *Noite do Castello.* Pg. 156).

"Perdesse elle *todo o* conceito do sexo".
(Id. Ibid. Pg. 174).

"Em *toda a* parte se haviam mostrado adversos".
(Leoni. *Camões e os Lusiadas.* Pg. 109).

"E *todo o* genero de instrumentos para o ataque".
(A. Herc. *Hist. de Port.* T. 2.º Pg. 35).

"*Toda a* nação independente legitimamente o é".
(Id. *Opusc.* T. 5.º Pg. 85).

"Porque *todo o* gemido do moribundo resôa até o throno do Eterno,
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 41).

"*Todo o* individuo que adquire um capital maior ou menor...".
(Id. Ibid. *A Emigração.* Pg. 223).

"Que *toda a* mulher deve prender nos primeiros annos a executar os artefactos proprios do seo sexo".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 324).

"*Todo o* escriptor tem um termo predilecto que emprega com maior frequencia".
(Mendes Leal. *Parecer sobre a traducção do Tartufo* de A. Cast. Pg. 202).

"*Todo o* systema religioso".
(Lat. Coelho. *A Oração da Corôa. Introd.* Pg. LVI).

"*Toda a* civilização..., procede de um momento anterior na evolução historica do homem".
(Id. Ibid. Pg. XL).

"*Todo o* povo que soube levantar-se".
(Id. Ibid. Pg. LVI).

"É que *toda a* civilização presuppõe uma origem, *todo o* progresso uma phase anterior na evolução".
(Id. Ibid. Pg. CCCXCIX).

"*Toda a* especie de tom, o tem comico até, *toda a* harmonia poetica... podem soar na epopéa".
(Camillo. *Genio do Christianismo.* Vol. 1.º Pg. 172).

"*Todo o* drama".
(Id. Ibid. Pg. 202).

"Em *toda a* parte se come o pão de Deos ou do Diabo".
(Id. *Noites de Insomnia.* T. 1.º Pg. 67).

"*Toda a* pessoa, que tiver em seo poder testamento cerrado...).
(*Codigo Port.* art. 1937).

Nos antigos escriptores encontra-se não só a expressão *em toda parte*, mas as expressões *todas partes, todos livros* que ninguem hoje escreverá.

Antonio de Castilho, em suas ultimas obras, não escreve senão empregando o artigo depois do *todo*.

A *Primavera*, de que o Dr. Ruy extractou os exemplos do *todo* sem o artigo, foi publicada em Lisboa em 1822, o *Amor e Melancolia* em Coimbra, em 1828, e as *Metamorphoses* em Lisboa, em 1841; entretanto os *Fastos* sahiram a lume em Lisboa, 1862, *o Outono*, em 1863 e a Tragedia *Fausto*, em 1872; onde se não encontra exemplo algum da syntaxe que reputamos antiquada.

LXI

"A ideia da posterioridade é essencialmente *implicita á* de revogação ou derrogação".

Em uma observação feita ao art. 4.º da *Lei Preliminar* enuncia o illustre Dr. Ruy essa proposição, pospondo ao adjectivo *implicito* a preposição *a*, contra o uso dos que melhor escrevem.

Em minhas *Ligeiras Observações* (Pg. 82), censurei o emprego da preposição *a* depois daquelle adjectivo, exprimindo-me assim:

"O adjectivo *implicito* não pede depois de si a preposição *a*, mas a preposição *em*: diz-se *implicito em* alguma coisa, e não *implicito a* alguma coisa, como se diz *implicado em* conspiração, *em* processos. *Implicado* é um participio passado, de que *implicito* é forma irregular ou contracta, ambos derivados do verbo latino *implico, atum, are*, ou *implicitum, are*" (de *in* e *plico*).

Eis o que oppõe o autor da *Replica* (§ 81, n. 304) a esta minha censura:

"Queira perdoar o mestre. Para não ignorar a affinidade natural entre a preposição *em* e o adjectivo *implicito*, basta advertir-lhe no prefixo *in*. Mas o uso, ao menos entre brasileiros, muito ha que, respeito a esse vocabulo, variou de *em* para *a*. E essa variação não repugna ao genio do nosso idioma, cujas antecedencias não raro nos mostram a permuta de uma daquellas preposições pela outra, e especialmente, o uso do *a*, em vez de *em*, significando *situação, lugar onde*".

Mas o que é notavel é que o Dr. Ruy, justificando o emprego da preposição *a*, em vez de *em*, apezar de tal uso, como diz, não repugnar ao genio da lingoa, apezar de desde muito, ao menos entre brasileiros, ter variado de *em* para a, não nos apresente um exemplo, um só exemplo, de escriptor portuguez ou brasileiro que tenha empregado a syntaxe que defende.

Adduz exemplos que nada fazem ao caso. Taes os excerptos seguintes:

"*Aos* doze capitulos do Genesis, diz a divina Escriptura que, deixando uns homens o Oriente, aconselharam uns aos outros que fizessem uma cidade".

(Heitor Pinto. *Imagem da Vida Christ.* Pg. I. Dial. IV. Cap. 2.º).

"Tornamos aos nossos, que, *á* ponte de Jacob, nos estavam esperando".
(Pantaleão d'Aveiro. *Itinerario.* Cap. 84).

"Lia Alexandre a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe *á* cabeceira".
(Cam. *Lus.* V. 96).

"Tornando-se a recolher para casa, achou *á* porta tres cargas de pão cozido".
(Brito. *Chron.* 1, 7).

"Que lhe fosse el-rei fallar *á* borda d'agoa".
(Barros. *Dec.* IV. VIII, 8).

"O grão sabio Dinarte, pondo os olhos *a* todas partes".
(Moraes. *Palmeirim.* II, 47).

Como se vê nos exemplos em que se escora, nem uma vez, nem uma só vez o adjectivo *implicito.*

Entretanto, em apoio da syntaxe usada no *Projecto,* apresentamos os seguintes passos de escriptores havidos na melhor conta:

"Sobre achar-se corrente pelos camponezes da provincia, e *implicito,* como já notamos, *em* todos os outros tratamentos, é o unico etc.".
(A. Cast. *Camões.* T. 2.º Pg. 59).

"O proprio papa tinha fé *implicita na* influencia dos astros e *nas* predições astrologicas".
(A. Herc. *Hist. da Inq.* T. 2.º Pg. 243).

"Nos tempos de Alexandre afrouxa-se a fé *implicita na* existencia pessoal da divindade".
(Lat. Coelho. *A Oração da Corôa.* Pg. CCCXCVI).

Não é raro, é verdade, em nossa lingoa, aos adjectivos, quando têm por prefixos as particulas *in, em, en, in,* pospor-se-lhes a preposição *a,* sendo muitas vezes indifferente o uso desta ultima preposição ou de *em;* mas nem sempre, em taes casos, harmoniza com o genio da lingoa o emprego de uma preposição por outra.

Assim é que não costuma nossa lingoa empregar a preposição *a,* senão *em,* depois dos adjectivos seguintes:

Encravado, encantoado, entalado, encaixado, encafuado, encafurnado, engaiolado, encastellado, enfarunhado, enfronhado, enfrascado, enleiado, ensopado, enredado, embaraçado, entralhado, embebido, enterrado, entalhado, embutido, imbuido, incutido, emmaranhado, inserido, inserto, engolfado, entranhado, immerso, incendido, implantado, encarcerado, envolto, envolvido, enrolado, embrenhado.

Ainda não acertamos de encontrar em escriptor portuguez ou brazileiro de fama a expressão *implicito a,* em vez de *implicito em.*

LXII (*)

INTERRUPÇÃO FEITA

No art. 180 estava escripto no *Projecto*:

"A interrupção da prescripção feita por um dos credores não aproveita aos outros...":

Na observação sob n. 2, feita a este artigo, pondo em grypho o participio *feita* da expressão do *Projecto, interrupção feita*, expressa-se deste modo o illustre censor, em seo *Parecer*:

"Não ha erro nesta locução; mas ha falta de tacto vernaculo. *Produz-se, effeitua-se, realiza-se, opera-se, consumma-se, abre-se* a interrupção; mas não se *faz*. No *Cod. civ. port.* se diz sempre "interrupção da prescripção em favor dos credores" (art. 558), calando, por desnecessario, o verbo".

Nas *Ligeiras Observações* oppuzemos a esse pensamento do Dr. Ruy o facto de terem as *Ordenações Affonsinas*, segundo o *Diccionario* de Moraes, aberto praça á expressão impugnada, não havendo por conseguinte a falta de vernaculidade, de que a inculpava o illustre critico.

Volve á carga o Dr. Ruy, em sua *Replica*, equiparando a locução *interrução feita* a muitas outras, em cuja composição entra o verbo *fazer*, cahidas hoje em desuso.

Taes as locuções *fazer gente*, em vez de *reunir gente*: *fazer espingardeiros*, por *alistal-os, reunil-os; fazer armada*, no sentido de *formal-a, organizal-a; fazer perda*, no sentido de *causal-a* ou *soffrel-a; fazer revezes*, por *padecel-os, experimental-os; fazer fazenda*, em lugar de *negociar; fazer pranto*, em vez de *vertel-o, derramal-o; fazer vingança*, na accepção de *vingar-se, exercer vingança;* e varias outras de meneio commum entre os nossos classicos.

A maior parte dessas locuções, de que falla o Dr. Ruy e tão de cotio entre os nossos antigos escriptores, têm, é verdade, cahido em desuso.

(*) Nas edições anteriores lemos "XLII", por erro de impressão.

De phrases analogas, tecidas com o verbo *fazer*, nos offerece exemplos a lição de Castanheda, Barros, Diogo de Couto, Fernão Mendes, Francisco de Moraes, Souza e Vieira.

Sirvam de exemplos os extractos seguintes:

"Nem ha de rapar a barba, nem *fazer as unhas*".
(Castanheda. *Hist. da Ind.* T. 1.º Liv. 1.º Cap. 14. Pg. 46).

"Muitos escriptores *fizeram* graves *erros* no que escreveram".
(Id. Ibid. *Prologo*).

"Acertou um dos nossos espingardeiros *fazer um tiro*".
(Barros. *Dec.* 3.ª Liv. 8.º Cap. 9.º Pg. 326).

"Toda aquella armada se acabou sem *fazer fructo*".
(Diogo de Couto. *Dec.* 8.ª Cap. 25. Pg. 189).

"Onde se *fazem* grandes *esmolas*".
(Fern. Mendes Pinto. *Livraria Classica.* T. 1.º Pg. 132).

"*Fazia* sua *batalha* com Damasco".
(*Palmeirim.* Part. 2.ª Cap. 54. Pg. 370).

"Agora lá vae para *fazer batalha* com vosco".
(Ibid. Part. 1.ª Cap. 41. Pg. 278).

"A artilharia *fez* quatro *salvas* reaes".
(Luc. *Livr. Clas.* T. 1.º Pg. 125).

"Os que *fizeram lembrança* desta santa indignação".
(*Vida do Arc.* Liv. IV. Cap. XXI. Pg. 186).

"Com lhes *fazer resposta*".
(Souza. *Hist. de S. Domingos.* T. 1.º Pg. 17).

"*Fazia* muito *fructo* sua pregação".
(Id. *Vid. do Arceb.* Liv. 1.º Cap. 4.º Pg. 8).

"Com animos singelos e palavras de amizade *faziam a causa* de Satanaz".
(Id. Ibid. Liv. I. Cap. XIX. Pg. 33).

"Para thesoireiros do dinheiro buscou os mais affeiçoados aos pobres e a *fazer esmolas*".
(Id. Ibid. Cap. 13. Pg. 24).

"Que de muitos annos atraz não *fazia vida* com sua mulher".
(Id. Ibid. Liv. 3.º Cap. 9.º Pg. 127).

"*Fazia* verdadeiras *saudades* por ella".
(Id. Ibid. Liv. II. Cap. I. Pg. 51).

"A *vida* que o Arcebispo *fazia* depois que se achou entre os seos frades em Viana".

(Id. Ibid. Liv. 4.º Cap. 21. Pg. 185).

"Onde sem perder muito da jornada podesse *fazer noite*".

(Id. Ibid. Liv. 5.º Cap. 22. Pg. 234).

"*Fizeram* menos *peccados* que vós".

(Vieira. *Serm.* T. 4.º Pg. 263).

"Quando sua magestade manda *fazer cavallaria* para as fronteiras".

(*Arte de Furtar.* Pg. 241).

"Entramos em um pego sem fundo, em que muita gente de valor *fez naufragio*".

(Ibid. Pg. 73).

"*Fazer satisfação* por alguma coisa, isto é, pagar a pena, que por ella se devia".

(Fr. Francisco de S. Luiz, explicando esta phrase de Arraiz. *Mem. da Acad. Real de Sciencias de Lisboa.* T. 4.º Pg. 59).

"*Fazer* a sua *formatura* em mathematica".

(A. Cast. *Mil e Um Myst.* Pg. 141).

Mas se algumas dessas locuções, em cuja composição entra o verbo *fazer*, são hoje tidas por antiquadas, nem se pode tachar de antivernacula a expressão *interrupção feita*, nem mesmo se devem considerar as locuções *casamento feito*, *fazer prestação*, como, impugnando-as nos arts. 211 e 1513 do *Projecto*, as reputou o illustre censor, catalogando-as entre as expressões falhas de propriedade.

O art. 211 do *Projecto* estava assim escripto:

"Art. 211. É nullo e não produz effeito, em relação aos contrahentes e aos filhos, o casamento feito com infracção de qualquer do ns. I a VIII do art. 187".

"Não se erra", affirma o Dr. Ruy, "dizendo *fazer casamento;* mas não se escreve com propriedade".

Entretanto, no art. 195 do mesmo *Projecto*, havendo por mal cabido o adjectivo *impediente*, na accepção que ahi se lhe dá, diz o seguinte, assentindo nas palavras de Bluteau, Dom. Vieira, Aulete, T. de Freitas:

"O qualificativo *impediente* nunca se applicou, que me conste, senão ao proprio *impedimento*, que é *dirimente*, quando annulla o CASAMENTO

FEITO, e *prohibitivo*, ou *impediente*, quando obsta a que se contraia, mas não o nullifica depois de contrahido".

Como se vê, é o proprio Dr. Ruy que sancciona a locução *casamento feito*, que tachou de impropria no art. 211 do *Projecto*, como no art. 180 já havia arguido de invernacula a locução *interrupção feita*.

Demais disto, o cunho vernaculo da locução reprehendida claramente transparece no adagio portuguez: "casamento *feito*, noivo arrependido".

Em nossos escriptores, ainda entre os modernos, não é raro encontrar as locuções *fazer casamento, fazer bodas, fazer desposorios*, do que são prova os seguintes exemplos:

"Depois de *feito o casamento* de Pompides".
(*Palm.* Parte 2.ª Cap. 133. T. 3.º Pg. 24).

"Prouvesse a Deos que visse já o *casamento feito*".
(Sá de Mir. cit. por Sotero. *Curso de Litt. Port. e Bras.* T. 1. Pg. 262).

"As *bodas* se *fizeram* na cidade de Bruges".
(Lião. *Chron. d'el-rei D. João* 1.º T. 1.º Pg. 490).

"Determinou de *fazer* suas *bodas*".
(Id. Ibid. Pg. 308).

"Ainda que o *casamento* se *fizesse*, não bastava...".
(Id. *Chron. d'el-rei D. Pedro.* Pg. 217).

"*Feito* este *casamento*, mandou el-rei...".
(Id. *Chron. de D. Fernando.* Pg. 264).

"Onde *fazia* as suas *bodas* por palavras de presente".
(Id. Ibid. Pg. 352).

"Os desgostos que soem pela maior parte succeder nos *casamentos* que se *fazem* forçados".
(Id. Ibid. Pg. 290).

"Que lhe parecia bem *fazer-se o casamento*".
(Id. *Chron. de D. Affonso* 4.º Pg. 108).

"*Fez* o segundo *desposorio* o mesmo bispo de Lamego".
(Souza. *Annaes.* Pg. 178).

"É semelhante o reino do céo a um homem rei, o qual *fez* as *vodas* a seo filho".
(Vieira. *Serm.* T. 5.º Pg. 291).

"Porque as *vodas fel-as* Deos".
(Id. Ibid. Pg. 298).

"Assentou-se que em oito dias se *fizesse o casamento* do conde com Madame d'Embleville".
(Filinto. *Obras.* T. 11. Pg. 561).

"Como se não fallava, senão nos dois *desposorios*, queria M. Pichard que se *fizessem* ambos no mesmo dia".
(Id. Ibid. Pg. 562).

"Dava pressa ao nosso *casamento*, o qual se *fez* quando volviam os meos 19 annos".
(Id. Ibid. T. 10. Pg. 15).

"As causas de se *fazerem* ou não *fazerem casamentos*".
(A. Cast. *Colloquios Aldeões.* Pg. 124).

"A historia do *casamento feito* pelo velho parocho".
(A. Herc. *Lendas e Narrat.* T. 2.º Pg. 275).

"Todos os *casamentos se podem fazer* por aquellas palavras".
(Id. *Casamento Civil.* Pg. 27).

"O *casamento* havia de *fazer-se*, o mais tardar, no agosto proximo".
(Camillo. *A Sereia.* Pg. 68).

"O tempo desarmou os velhos, e o *casamento se fez*".
(Mach. de Assis. *Varias Hist.* Pg. 199).

"Na falta de qualquer accordo ou convenção, entende-se, (*) que o *casamento* é *feito* segundo o costume do reino...".
(*Cod. Civil Port.* art. 1098).

Destes excerptos, portanto, pode-se com seguridade affirmar que nenhuma impropriedade ha nas expressões *fazer casamento*, *casamento feito*, tão correntias no uso de nosso idioma, e tão do sabor dos nossos melhores escriptores.

A terceira locução, constituida pelo verbo *fazer*, igualmente censurada pelo Dr. Ruy, em seo *Parecer*, foi a que se lê no art. 1513 do *Projecto*, concebida nestes termos:

"Se o titulo trouxer o nome do credor e a clausula de poder a prestação ser feita a qualquer portador, o devedor exonerar-se-ha validamente, etc.".

"*Fazer* prestações, em vez de *pagal-as*, *realizal-as*, *embolsal-as*, *satisfazel-as*, *saldal-as*", diz o Dr. Ruy Barbosa, "não parece de boa linguagem".

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se a virgula neste lugar; a 1.ª ed. traz a virgula, como se vê no Cod. Civ. Portuguez.

Ainda aqui, como nas duas locuções, de que chegamos de fallar, não foi feliz o preclaro censor, averbando de suspeitas as expressões *prestação feita, fazer prestações.*

O *Codigo Portuguez,* a cuja linguagem mais de uma vez se refere o Dr. Ruy, considerando-a classica e de bom modelo, não duvidou usar da locução, que ao autor do *Parecer* se lhe afigura *não de boa linguagem.*

Alli nos arts. 747, 748 e 749 se emprega a mesma expressão, que o esclarecido critico escrupuliza em aceitar.

"A *prestação* pode ser *feita* pelo proprio devedor", "a *prestação* deve ser *feita* ao proprio credor", "a *prestação feita* a terceiro", são modos de dizer usados nos alludidos artigos, na secção VI desse *Codigo,* encimados, de mais a mais, pela rubrica seguinte:

"DAS PESSOAS QUE PODEM *FAZER* A *PRESTAÇÃO,* E DAS PESSOAS A QUEM DEVE SER *FEITA*".

Pode-se, pois, sem incorrer em vicio algum de linguagem, dizer *fazer prestações,* como se diz pagal-as, entrar com ellas, realizal-as, satisfazel-as, saldal-as.

LXIII

"Art. 182. Prescreve:

§ 3.º Em dois mezes, contados do (*) nascimento, se era presente o marido, a acção para este contestar a legitimidade do filho de sua mulher".

Assim emendou o Dr. Ruy Barbosa o paragrapho 3.º do *Projecto*, que era assim redigido:

"Art. 182. Prescreve:

"§ 3.º Em dois mezes, a acção do marido para contestar a legitimidade do filho nascido de sua mulher, contado o prazo do nascimento, se nessa occasião elle se achava presente".

"*Elle*, quem?", pergunta o Dr. Ruy. "Temos, continúa, fundamentando a emenda acima, "para concordar com o pronome, nada menos de quatro substantivos masculinos: *marido*, *filho*, *prazo* e *nascimento*. E *marido* é justamente o mais remoto. A esse quer o sentido que se ligue a referencia. Mas porque metter o sentdo em rixa com a grammatica?".

"Não era mister, dissemos nas *Ligeiras Observações*, a pg. 83, estivesse o substantivo *marido* mais proximo do pronome, para lhe forçar a concordancia".

Com effeito, no ponto de que se trata, mostra claramente o sentido que referencia nem se pode attribuir a *filho*, nem a *prazo*, nem a *nascimento*, mas a *marido*.

Que significaria dizer: *se nessa occasião o prazo estivesse presente*, ou *o nascimento estivesse presente*, ou *se o filho, nessa occasião*, isto é, na occasião do nascimento, *estivesse presente?*

Não são ideias de todo em todo desconnexas e illogicas?

"O pronome", disse eu, em minhas *Ligeiras Observações*, referindo-me ao *elle*, "não pode aqui referir-se senão ao vocabulo *marido*".

(*) Na 2.ª ed. lemos: "contados *o* nascimento...".

"Logicamente, de accordo", responde em sua *Replica* (§ 83, n. 307) o illustre critico. "Syntaxicamente, não".

Mas então que syntaxe é essa, que tão mal concertadamente dá de rosto ás regras da logica, quebrando tão flagrantemente a harmonia entre as leis do pensamento, as normas a que elle obedece, e a linguagem, que o traduz e representa? entre *a arte de pensar e a de fallar?* (276).

Não tem razão o Dr. Ruy: a regra de syntaxe, de que falla, e pela qual *o pronome concordará com o nome mais vizinho, se em genero e numero condizem,* não tem esse caracter absoluto que lhe dá, como mais de uma vez o mostramos, fallando dessa *regra de proximidade,* a que tanto se atem e tantas vezes allude nas suas emendas ao *Projecto.*

Construindo a phrase do mesmo paragrapho 3.º do art. 182 do modo como deixamos dito, affirmamos nas *Ligeiras Observações* não ter o eminente critico sido muito feliz, porque, na expressão do pensamento, não guardou a uniformidade que devia manter entre paragrapho, os dois anteriores e o seguinte.

Não conveio nisso o Dr. Ruy, e, em sua *Replica* (§ 84-310), assim responde ao nosso justo reparo:

"Não quero qualificar de impertinencia uma tal bagatela. Essa linguagem seria de mestre a alumno.

"De alumno para mestre, fôra caso capital. Mas que lhe hei-de chamar?

"Chega a ser quasi impalpavel o objecto da censura. Só á força de a ler e reler alcancei dar-lhe com o pensamento.

"Vejamos esta grande coisa.

"Desfiando as especies de prescripção, que se desdobram em immenso kyrie, a espraiar-se por dez paragraphos, divididos cada um em numero ás vezes ainda maior de subparagraphos, que por sua vez se subdividem noutros membros, alphabeticamente numerados, era mister cingir-se o texto, quanto possivel, a formulas uniformes. Attento a esta consideração, enuncia-se o meo substantivo, nos paragraphos citados pelo Dr. Carneiro, deste modo:

"Prescreve:

"§ 1.º *Em dez dias, contados do casamento,* a acção do marido, *para annular* o matrimonio...

---

(276) La grammaire est l'art de parler (*Grammaire Générale et Raisonnée* de Port Royal. Pg. 7).

La Logique ou l'art de penser. (icole. Ibid. Pg. 197).

"§ 2.º *Em quinze dias,* contados da tradição da coisa, a acção do comprador contra o vendedor, para haver abatimento no preço...

"§ 3.º *Em dois mezes,* contados do nascimento, se era presente o marido, *a acção para este contestar* a legitimidade do filho...

§ 4.º *Em tres mezes, a acção* do pae, tutor ou curador, *para annullar* o casamento...

"§ 5.º *Em seis mezes, a acção* do conjuge coacto, *para annullar* o casamento...".

Não averbei de erronea a emenda do Dr. Ruy, notei-lhe apenas falta de uniformidade entre o paragrapho 3.º do art. 182, os dois anteriores e os seguintes.

Se no primeiro paragrapho se diz "*a acção do marido, para annullar o matrimonio*", no segundo, "*a acção do comprador... para haver,* etc.", no quarto, "*a acção do pae, tutor ou curador para,* etc.", no quinto, "*a acção do conjuge coacto, para,* etc.", porque, no terceiro paragrapho, guardando essa uniformidade no fio das ideias, não dizer igualmente *a acção do marido,* dando á phrase outro geito que não o que lhe deo o Dr. Ruy Barbosa?

Nos varios paragraphos e subdivisões deste artigo notam-se, já no texto, já nas emendas, as expressões: *a acção dos hospedeiros, estalajadeiros ou fornecedores de viveres* (Proj.), *a acção do doador para a revogação da doação* (Proj.) *a acção do doador para* (*) *revogar a doação* (Ruy), *a acção do segurado contra o segurador* (*Proj.* e Ruy), *a acção do filho para desobrigar e reivindicar...* (*Proj.* e Ruy), *a acção dos herdeiros do filho* (*Proj. e Ruy*), *a acção dos donos de pensão* (*Proj.*), *a acção dos donos de casas de pensão* (Ruy), *a acção dos tabelliães e outros officiaes do juizo* (*Proj.* e *Ruy*), *a acção dos medicos, cirurgiões ou pharmaceuticos* (*Proj.* e *Ruy*) *a acção dos advogados, solicitadores, curadores, peritos e procuradores judiciaes* (*Proj.* e Ruy), *a acção do proprietario do predio* (*Proj.* e Ruy), *a acção do conjuge para...* (*Proj.* e Ruy), *a acção dos credores* (*Proj.* e Ruy), *a acção dos professores, mestres e repetidores* (*Proj.* e Ruy), *a acção dos engenheiros, architectos, agrimensores e estereometras* (*Proj.* e Ruy), *a acção do vendedor para resgatar o immovel* (*Proj.* e Ruy), *a acção dos herdeiros da mulher* (*Proj.* e Ruy), *a acção da mulher ou seos herdeiros* (*Proj.* e Ruy), *a acção do interessado* (*Proj.* e Ruy).

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se, por engano da revisão a phrase: "a revogação", etc. "para" neste lugar.

Se o Dr. Ruy dissesse: "Art. 182: Prescreve: § 3.º Em dois mezes, contados do nascimento, se era presente o marido, *a acção deste para contestar* a legitimidade do filho", não harmonizaria melhor a construcção deste paragrapho com a dos paragraphos seguintes e dos dois anteriores, do que escrevendo, como escreveo: "em dois mezes contados do nascimento, *a acção para este contestar* a legitimidade do filho?".

Ao meo reparo a sua emenda chame o Dr. Ruy Barbosa de *impertinencia,* de *bagatela,* dê-lhe o nome que lhe aprouver; ninguem lh'o veda nem lhe váe á mão; disso pouco se me dá, porque não é só o alumiado autor da *Replica* que me julgará; certo nem todos me medirão pela mesma craveira escassa e avara.

Ainda bem!

LXIV

Exarar.

O art. 190 do *Projecto* resolve o seguinte:

"O casamento será inscripto no registro immediatamente após a celebração".

"A inscripção será assignada pelo presidente do acto, os esposos, as testemunhas, o official do regsitro, e deverá conter etc".

A segunda parte do artigo, disse eu em minhas *Ligeiras Observações*, é assim redigida pelo illustre Dr. Ruy Barbosa:

"No assento, assignado pelo presidente do acto, os conjuges, as testemunhas e o official do registro serão *exarados*".

Por inadvertencia de nossa parte, escapou-nos collocar uma virgula antes da forma verbal *serão*, como a havia posto o autor da emenda, e sem attentarmos bem nos dois pontos, depois do participio *exarados*, que indicavam a continuação do pensamento, suppuzemos ter o Dr. Ruy reputado sujeitos os substantivos que precedem ao verbo *serão*, quando não fazem senão de complementos.

Dahi a censura que lhe fizemos, a qual originou a agrura com que, em sua *Replica*, tão desabridamente nos responde o illustre autor da emenda, appelidando de adulteração de um texto de seo *Parecer* aquillo que foi mero effeito de uma inadvertencia, totalmente alheia de nossa intenção.

Mas, escrevamos a emenda do Dr. Ruy, tal qual foi por elle redigida, e veremos o que de censuravel ha neste artigo mesmo, cuja redacção acabamos de rectificar.

Eis como redigio a emenda ao artigo, de que tratamos:

"Art. 199. "Do matrimonio, logo depois de celebrado, se lavrará o assento no livro de registro. (Art. 206).

"No assento, assignado pelo presidente do acto, os conjuges, as testemunhas e o official do registro, serão exarados:

"I. Os nomes, prenomes, datas do nascimento, profissão, domicilio e residencia actual dos conjuges.

"II. Os nomes, prenomes, datas de nascimento ou morte, quando esta houver occorrido, domicilio e residencia actual dos paes.

"III. Os nomes e prenomes do *conjuge* precedente e a data da dissolução do casamento anterior.

"IV. A data da publicação e da celebração do casamento.

"V. A menção dos documentos apresentados ao official do registro.

"VI. Os nomes, prenomes, profissão, domicilio e residencia actual das testemunhas.

"VII. O regimen do casamento com declaração da data e do cartorio em cujas notas foi passada a escriptura ante-nupcial, quando o regimen não for o da communhão ou o legal estabelecido no tit. III deste livro para certos casamentos.

"VIII. A summa da autorização (art. 184, n. III), dada por escripto".

Trasladada para aqui, em sua integra, a emenda do Dr. Ruy Barbosa ao art. 199 do *Projecto*, perguntamos que sentido tem o dizer que, no assento que se lavrar no livro do registro, entre as coisas que se devam exarar, será *exarada a menção dos documentos apresentados ao official do registro?*

Quem foi que já ouvio dizer: *exarar a menção de alguma coisa?*

Que se *exarem documentos*, bem; disse-o Alexandre Herculano, no seguinte lugar de sua *Historia de Portugal* (T. 2.º Pg. 456):

"*Documentos exarados* nos paços e castellos dos Senhores",

e no *Monge de Cister* (T. 1.º Pg. 110):

"De um *documento*, mandado *exarar* em abril".

Que se *exarem inscripções, testamentos*, escreveo-o o mesmo historiador portuguez nos dois lanços seguintes (*Hist. de Port.* T. 2.º Pgs. 470 e 419):

"Já porem, sendo *exarada* dez annos antes, esta inscripção será uma das mais modernas que haja em Portugal". "Na epocha em que Affonso 2.º *exarou* o proprio *testamento*, estava bem longe... de pensar em expedições militares".

Mas, dizer, como disse o Dr. Ruy na emenda ao n. V do referido art.: será *exarada a menção dos documentos apresentados ao official do registro*, não nos parece de boa linguagem.

Se *exarar*, como diz o douto critico, firmando-se em Candido de Figueiredo, é synonymo de *abrir, gravar, mencionar, consignar, escrever; se exaração* o mesmo é que *menção*, segundo elle mesmo affirma nas seguintes expressões: "reduzindo-se os *conjuges*, as *testemunhas* e o *notario* a *mera exaração*, isto é, *menção*, na escriptura nupcial", como conservou aquelle item V do *Projecto*, que, segundo a redacção que elle mesmo deo ao artigo, se resolverá no seguinte: *será exarada a menção dos documentos apresentados ao official do registro?* Se, como diz, *exaração* o mesmo é que *menção; exarar menção* vale o mesmo que *exarar exaração*.

Abrir no marmore ou bronze *a menção de um facto, entalhar, gravar, consignar, esculpir, lavrar* em pedra, madeira, metal ou outra substancia *a menção de um grande acontecimento*, são phrases vasias de sentido.

LXV

"Art. 208. O casamento celebrado fóra do Brasil prova-se de accordo com a lei do paiz em que se elle realizar.

"§ Unico. Se, porém, o tiver sido perante agente consular, deverá ser provado por certidão do registro do consulado ou do lugar do Brasil onde tiver sido inscripto o acto do casamento".

Era assim redigido o art. 208 do *Projecto*.

O illustre Dr. Ruy Barbosa, censurando-o, fez a seguinte reflexão, por nós havida por equivoco:

"Em que *se elle realizar*".

"Se, porém, o *tiver sido*". Não harmoniza o remate daquella oração com o principio desta.

"Não se dizendo: "*ser realizado*" na primeira, não poderá dizer-se, na segunda: "se o *tiver sido*".

Causou-nos extranheza o *ser realizado*, que dizia o Dr. Ruy se devia usar no final da primeira oração, para ter cabida o *se tiver sido* do *Projecto*, não o attribuindo senão a mero equivoco do autor das emendas ao *Projecto*.

Em sua *Replica*, não convindo no equivoco, em que manifestamente cahio, nem tocando mais no *ser realizado*, que julgava dever empregar-se na primeira oração, para se usar o *se tiver sido* da segunda, explica com mais clareza o seo pensamento, onde se nos offerece o ensejo de mostrar-lhes que se enganou.

Para desempeçarmos o assumpto, lancemos aqui a resposta que em sua *Replica* (§ 89, n. 318) dá o Dr. Ruy á observação que, nas *Ligeiras Observações*, lhe fizemos sobre este ponto:

"Obvio me parece que o "*se elle realizar*", por onde acaba o primeiro periodo, não condiz bem com o "*se o tiver sido*", que abre o periodo immediato".

"Bem vejo que ambas as formas estão no subjunctivo, correspondendo uma ao futuro, outra ao futuro anterior. Mas, em que se não infrinja a lei grammatical, ha todavia uma divergencia na maneira de enunciar o verbo, que da primeira vez se exprime com o subjunctivo futuro, e da segunda com o subjunctivo futuro anterior. Desde que no introito dessa disposição se dissera: "em que o casamento "*se realizar*", bem era se dissesse no topico seguinte: "Se, porem *se realizar*...", e não: "Se, porem, se *houver realizado*" ou: "Se, porem, o *tiver sido*". Porque na segunda hypothese a acção anterior, quando na primeira se redigira com a acção presente?".

Mas não foi isso que disse o Dr. Ruy em sua emenda; o que affirmou foi que, não se dizendo *ser realizado* na primeira, não poderá dizer-se na segunda se o *tiver sido;* o que vale dizer que poderá dizer-se na segunda se o *tiver sido*, se se disser, na primeira, *ser realizado.*

Donde parece que tivemos razão de affirmar que aquelle *ser realizado* do *Parecer* foi um equivoco do Dr. Ruy, bem que o não confesse, não foi o que tinha em mente exprimir, o que se infere de sua *Replica,* onde, por inopportuno, alijou o *ser realizado.*

Agora perguntará o leitor attento, perguntaremos nós ao insigne autor da *Replica*: a que é que se refere o *o* invariavel, que precede á forma verbal *tiver sido?* Será, como se infere de suas observações e erradamente suppõe, ao adjectivo subentendido *realizado* ou ao adjectivo *celebrado,* que se lê logo no começo do artigo?

Não ha porque se vacile: é a este adjectivo que se liga a referencia do *o.*

Attente-se bem na redacção de todo o art. 208, e para logo se fará perceber a relação entre este vocabulo e aquelle segundo adjectivo.

"O casamento celebrado fóra do Brasil", isto é, o casamento que é, ou que for celebrado fóra do Brasil, "prova de accordo com a lei do paiz em que se elle realizar.

"Se, porem, o tiver sido perante agente consular, deverá ser provado...".

A simples leitura mostra que o *o* da sentença condicional — *se o tiver sido* — se não associa ao adjectivo *realizado*, que fôra mister subentender, senão ao participio *celebrado.*

Com effeito, o artigo e seo paragrapho distinguem dois casos nos casamentos celebrados fóra do Brasil: ou é celebrado fóra do Brasil, não perante agente consular, ou o é perante essa autoridade.

O conjuncto, constituido pelo artigo e seo paragrapho, forma dois periodos, em que a protase do segundo, constituida pela oração *se o tiver sido,* corresponde á do primeiro, formada pela oração elli-

ptica *quando é celebrado*, ou *quando for celebrado, se for celebrado;* assim como a apodose do segundo, constituida pela phrase *deverá ser provado*, corresponde á apodose do primeiro, indicada pela forma verbal *prova-se.*

A acção indicada pela forma *tiver sido* denota um futuro passado ou anterior, (*) relativamente á oração principal *deverá*, e não com respeito á oração por que remata o primeiro periodo a qual nenhuma relação tem com a primeira sentença do segundo periodo. Nem é verdade o que affirma o illustre Dr. Ruy estar a oração "*em que o casamento se realizar*", *no introito dessa disposição;* o que está no introito é a oração elliptica o *casamento celebrado*, isto é *o casamento quando for celebrado, se o casamento for celebrado.*

Leia-se o art. e o seo paragrapho, e ver-se-ha que não é do lado do autor da *Replica* que se acha a razão.

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste passo.

LXVI

Direito autoral.

No art. 657 empregou o *Projecto* a expressão *direito autoral*, que o Dr. Ruy impugnou.

"Muitos são em nossa lingoa", diz elle, "os substantivos acabados em *tor*. Mas apenas me lembram agora dois, que tenham gerado adjectivos com a desinencia em *al*: *doutor* e *reitor*.

"Se bastam esses dois casos excepcionais, para autorizar o curso de quantas imitações por elles se modelarem, *editor*, *actor*, *compositor*, *constructor*, *escriptor*, *inventor*, *instructor*, *productor* não poderiam tambem reclamar cada qual o seo adjectivo semelhante?"

Nas *Ligeiras Observações* (Pg. 88) disse eu não haver razão para impugnar tanto esse adjectivo.

"É um neologismo, é verdade, empregado no mesmo sentido de *direito de autor*, mas isso não colhe para o não adoptarmos, desde que se mantêm os principios da analogia.

"A terminação ou suffixo *al*, que toma muitas vezes antes da vogal um *i* originario ou euphonico, tem sua origem no latim *alis*, de que se serve o portuguez para formar adjectivos, que significam *pertencentes a*, *relativos a*.

"Dos terminados em *al*, cujo thema acaba em *or*, poucos ha em nossa lingoa, mas não é isso fundamento para recusal-os, uma vez que não têm contra si a analogia".

E mostramos (*Op. cit.*, pgs. 88-89) que "assim como de *pastor* se fez em nossa lingoa o adjectivo *pastoral;* de *professor*, *professoral;* de *doutor*, *doutoral;* de *reitor*, *reitoral;* de *eleitor*, *eleitoral;* de *pretor*, *pretorial;* de *equador*, *equatorial;* de *dictador dictatorial;* de *senador*, *senatorial*, sendo o suffixo *ial* o mesmo que *al*, da mesma fonte, e modificando do mesmo modo o sentido do radical, não é para muito extranhar que de *autor* se forme *autoral*, cujos elementos morphicos derivam do latim".

Volvendo ao mesmo assumpto, reputando o neologismo por desnecessario, não contesta que *semelhante innovação podesse invocar parentescos no vocabulario portuguez.*

"Delle até", diz o Dr. Ruy (*Replica*, n. 320). "offereci exemplos nos adjectivos *doutoral* e *reitoral* aos quaes o mestre, a muito esforço, apenas vingou addicionar *eleitoral*, que é comezinho, e *professoral*, creação de Latino Coelho e Eça de Queiroz".

Os adjectivos *senatorial* e *dictatorial*, no dizer do autor da *Replica*, são vocabulos *pesadões e rabilongos*, a que se avantajam as formas *dictatorio* e *senatorio*.

O ser um vocabulo *comezinho* ou não, o ser *rabilongo* ou *rabicurto* não faz nem desfaz ao caso.

O que convem saber é se a palavra é ou não de boa analogia, se exprime bem o conceito que se intenta, se ainda, quando não de necessidade indispensavel para externar o pensamento, se torna necessaria para o variar.

De outro modo, varreriamos do vocabulario todas as palavras synonymas, com o que muito perderiam as lingoas na expressão das ideias, consideradas em si e e em seos variadissimos matizes, muito perderia o estylo de seo vigor e colorido.

Por essa medida aferidos, tambem seriam *rabilongos* os adjectivos *fraternal, maternal, paternal, celestial, divinal, festival, perennal, musical, medieval, eternal, angelical*, confrontados com *fraterno, materno, paterno, celeste, divino, festivo, perenne, musico, medievo, eterno* e *angelico*.

Ora, alem dos adjectivos acabados em *al* ou *ial*, formados dos substantivos *eleitor, doutor, professor, dictador, pastor, pretor, senador, reitor, equador*, de que já fallamos, conhece a nossa lingoa ainda outros, formados do mesmo modo. Taes são: *prioral*, de *prior; inquisitorial*, de *inquisidor* (*inquisitor* em latim); *protectoral*, de *protector; floral*, de *flor; senhorial*, de *senhor; assesorial*, de *assessor; humoral*, de *humor; femoral*, do latim *femur* ou *femor*.

De modo identico o italiano faz de *elettore, elettorale*, de *professore, professorale;* de *priore, priorale;* de *pretore, pretoriale;* de *dottore, dottorale;* (277) e o hespanhol deriva de *elector, electoral-perteneciente á la dignidad ó á la calidad de elector;* de *editor, editorial-perteneciente ó relativo á editores;* de *rector, rectoral—perteneciente ó relativo al rector;* de *prior, prioral—perteneciente ó relativo al prior ó á la priora;* de *pretor, pretorial-perteneciente ó relativo al pretor;* de *senor, senorial* (*aplicase al derecho pagado al senor de un feudo por los feudatarios*); de *dictador* (*dictator em latim*), *dic-*

(277) Vide *Dicc. Petrocchi*, Pgs. 811, 787, do T. 1.º; 594, 600 e 607 do T. 2.º

tatorial-dicho de poder, facultad, etc. *absoluto, arbitrario, no sujeto á las leys—;* de *ecuador, ecuator, ecuatorial-perteneciente ó relativo al ecuador.* (278)

Entre os inglezes ainda é mais extensivo o uso de adjectivos em *al* ou *ial* formados de substantivos em *or.* Taes, entre outros, os adjectivos *protectoral* ou *protectorial,* de *protector; electoral,* de *elector; editorial,* de *editor; pretorial,* de *pretor; authorial,* de *author; pastoral,* de *pastor; professorial,* de *professor; inquisitorial,* de *inquisitor; doctoral,* de *doctor; rectoral,* de *rector; directorial,* de *director; dictatorial,* de *dictator; senatorial,* de *senator; equatorial,* de *equator; auditorial,* de *auditor;* e varios outros, de que nos dão exemplos James Murray, Webster e o *Standard Dictionary,* dado a lume em 1903.

O illustre Dr. Ruy considera *pesadões* e *rabilongos* os vocabulos *dictatorial* e *senatorial;* entretanto os seos equivalentes *dictatorio* e *senatorio* têm exactamente o mesmo numero de syllabas.

É avaliar o peso e longuidão dos vocabulos pela balança e pelos palmos da imaginação, que muitas vezes, a seo talante, augmenta ou diminue as imagens dos corpos.

Tambem Filinto tinha ogeriza com os adverbios em *mente,* e nem por isso deixou a lingoa de continuar a empregal-os, junctando-os muitas vezes até, por emphase, sem os apear de seo suffixo.

Se, pois, o vocabulo *autoral,* bem que o reputemos neologismo, se não oppõe aos principios da boa analogia, mostrando-nos, por outro lado, os idiomas congeneres varios vocabulos formados de modo identico, se, posto não essencial á expressão do pensamento, pode, em alguma circumstancia, concorrer para dar mais variedade ao estylo, se já é um vocabulo admitido na legislação brasileira, porque trancar-lhe as portas, oppondo-lhe tenaz barreira á introducção no vocabulario?

De *pastoral, professoral, doutoral, senhorial, inquisitorial, eleitoral* usou o limado e elegante Latino Coelho nos seguintes lanços:

"Na cadeira *pastoral* foi a humildade que tornou branda e proveitosa a autoridade do prelado".

(*Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 26).

"Se a revolução o foi buscar para ser um dos seos caudilhos á cadeira *professoral*".

(Id. Ibid. Pg. 21).

"Os bons modelos *pastoraes*".

(Id. *Hist. Pol. e Milit.* T. 1.º Pg. 215).

---

(278) *Dicc. da Acad. Hesp.* Pgs. 379, 377, 851, 812, 810, 909, 354, 376.

"A modestia *pastoral*".
(Id. Ibid.).

"Referia que mais de quinhentos estudantes, alem da corporação *professoral*... percorreram as ruas de Coimbra".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 400).

"Na mal ponderada balança de sua *inquisitorial* justiça".
(Id. Ibid. Pg. 372).

"Processos *inquisitoriaes*".
(Id. Ibid. Pg. 183).

"Nobreza *senhorial*".
(Id. Ibid. Pg. 120).

"Poder *senhorial*".
(Id. Ibid. Pg. 150).

"Qualificação *eleitoral*".
(Id. Ibid. Pg. 215).

"Os sabios lançam o sago bellicoso sobre o capello *doutoral*".
(Id. *Elog. Hist. de J. Bonif.* Pg. 30).

Disse tambem Alexandre Herculano:
"O direito *eleitoral*".
(*Opusc.* T. 2.º Pg. 229).

Por inadvertencia, cita o Dr. Ruy Barbosa o nome de Latino Coelho e Eça de Queiroz, a quem se deve a invenção, segundo affirma, do adjectivo *professoral*, em portuguez.

Essa indicação é extrahida provavelmente do *Diccionario* de Candido de Figueiredo, que aponta o vocabulo empregado por Latino Coelho e por Teixeira de Queiroz (Bento Moreno) na *Comedia do Campo*, e não, como por engano diz o Dr. Ruy, por Eça de Queiroz, que entre suas obras nenhuma escreveo com esse titulo.

Aquelle segundo escriptor, a pag. 148 do tomo II de sua *Comedia do Campo*, traz, com effeito, o *professoral*, citado por Candido de Figueiredo, no seguinte trecho:

"José Fortunato intervem com um rosto serio, compondo-se na sua gravidade *professoral*".

Terminando suas ponderações sobre a rejeição do adjectivo *autoral*, assim se enuncia o eminente autor da *Replica* (§ 91, n. 321):

"Nenhuma lingoa o perfilhou até hoje.

"Não quiz ainda o proprio inglez, de cuja facilidade em cunhar epithetos dessa terminação falla com emphase o Dr. Carneiro". .. ..

Não posso menos de contestar essas palavras, que lançou em sua *Replica* o Dr. Ruy.

Não é verdade dizer que nenhuma lingoa perfilhou até hoje o adjectivo *autoral*, que o não quiz o proprio inglez.

Abra o Dr. Ruy o *Webster's International Dictionary of the English Language*, ed. de 1902, e encontrará a paginas 103 o vocabulo *authorial*, correspondente ao portuguez *autoral*.

"AUTHORIAL", diz esse diccionario, definindo este adjectivo, —*of or pertaining to an* AUTHOR".

Compulse o vol. 1.º do *Diccionario* de James A. H. Murray, e, a pag. 571, vol. I, lerá:

"AUTHORIAL, *a; also authorial — Pertaining to an author (of books). "A mass of error both typographical and* AUTHORIAL" (Ritson). "*I am a total stranger to* AUTHORIAL *vanity*" (Scott). "The AUTHORIAL *merits of Mrs. Lewis*" (Poe). "*There is a good deal te be said, after all, for the* AUTHORIAL'*we*". (*Athenœum*)".

Leia o *Standard Dictionary of the English Language*, sahido a lume em 1903, e no 1.º vol., a pag. 142 verá o vocabulo *authorial* assim definido:

"AUTHORIAL, *a. Of. pertaining to, or like an author*".

Folheie o *Century Dictionary* de William Dwight Whitney, e a pag. 387 do vol. 1.º se lhe deparará o vocabulo assim explicado:

"AUTHORIAL (*autor+ial*). — *Pertaining to an author (of. books). Also autorial.*

"*Must we than bow to* AUTHORIAL *dignity, and kiss hands because they are inked? (I D'Israeli Lit. Char. Men of Genius,* Pg. 145).

"Testing the *autorial* power (Poe)".

Do mesmo teor, apontando o vocabulo *authorial* se exprimem John Ogilvie, a pag. 86 de seo *Comprehensive English Dictionary*, Worcester, a pag. 100 do 1.º tomo do seo diccionario e todos os outros diccionarios de menos vulto que podemos consultar.

Todos, todos, sem excepção de um só, consignam o vocabulo inglez *authorial*, a que alguns dão a forma *autorial*, significando *pertencente a autor, relativo a autor.*

Não é, pois, verdadeira neste ponto a these do Dr. Ruy, quando affirma, como respeito ao vocabulo *autoral, que nenhuma lingoa o perfilhou, até hoje;* que *não o quiz o proprio inglez.*

LXVII

"IMPEDIMENTOS OFFERECIDOS". "IMPEDIMENTOS OPPOSTOS".

Reza o seguinte o art. 233 do *Projecto*:

Art. 233. Nas mesmas pennas incorrerá o juiz:

I. Que celebrar o casamento antes de levantados os impedimentos oppostos contra algum dos contrahentes.

II. Que deixar de recebel-os, quando opportunamente offerecidos nos termos dos arts. 193 a 195.

O adjectivo *offerecidos*, empregado neste numero II pelo *Projecto*, foi impugnado pelo Dr. Ruy, que pensa se devera substituir pelo adjectivo *oppostos*.

Empregando o *Projecto* em o numero anterior do mesmo artigo a expressão *impedimentos oppostos*, na phrase — *antes de levantados os impedimentos oppostos*, e em numero immediato, dizendo: *que deixar de recebel-os, quando opportunamente offerecidos*, não vale isso o mesmo que dizer: *que deixar de receber esses impedimentos oppostos, quando opportunamente offerecidos*, isto é, apresentados?

A variação pronominal *os* do numero II não representa a expressão total *impedimentos oppostos contra algum dos contrahentes*, que se acha em o numero I do art. 233?

A repetição do adjectivo participio *oppostos* em o numero II afigura-se-nos uma redundancia, que se poderia bem evitar, sem desvirtuar a exacção da linguagem juridica.

A redundancia mais evidentemente se patenteará, se assim desenvolvermos os dois numeros do referido artigo, trocando o adjectivo *offerecidos* em *oppostos* e substituindo a variação *os* pelo que ella representa:

"I. Que celebrar o casamento antes de levantados os impedimentos *oppostos* contra algum dos contrahentes.

"II. Que deixar de receber *esses impedimentos oppostos contra algum dos contrahentes*, quando opportunamente *oppostos* nos termos dos arts. 193 a 195".

Por outro lado, como mostramos nas *Ligeiras Observações* (Pg. 90), as significações dos verbos *opponere, offerre, objicere* muito se approximam, inculcando todos uma ideia de posição dianteira, adversa, de contrariedade, opposição, que á radical de cada um delles communica o prefixo *ob*, mudado em *op, of* nos dois primeiros verbos, em cuja composição entra, como se vê nas passagens latinas já citadas: *offerre se sceleri* (Cic.), *opponere se venientibus* (Cœs.), *strictamque aciem venientibus* (Virg.) e na phrase de Cesar, que ora citamos: *objicere carros pro vallo.*

Não é mister ser alta autoridade juridica, para saber que são correntias em direito as locuções *oppor impedimentos, impedimentos oppostos,* os proprios leigos o sabem.

Mas tambem sabe toda a gente que essas expressões não são exclusivamente da sciencia do direito, como o são, entre outras, o *de cujus,* os termos *redhibição, redhibitorio* e a expressão latina *sui juris,* de que se formou a sentença: *Si sui juris,* de que se formou a sentença: *Si sui juris sumus,* que apparenta uma violação á syntaxe latina.

LXVIII

"Art. 255. Independentemente de autorização, pode a mulher casada:

"VI. Promover os meios assecuratorios e acções que lhe competirem contra o marido, em razão de seo dote ou de outros bens seos sujeitos á administração do mesmo".

Criticou o illustre senador essa parte do art. 255 do *Projecto*, com a reflexão seguinte:

"Redigido assim o texto, o dote é *do marido* e a administração é *do dote;* duas extravagancias que o *Projecto* não podia ter em mente".

Retrilhando a mesma censura na *Replica* (§ 93, n. 324), interroga:

"Pois não será obvio que, nesta phrase, o possessivo *seo*, grammaticalmente, se liga a *marido*, e não a *mulher*, para chegar á qual temos de saltar por elle, e desandar tres linhas de texto?"

Não sei se haverá alguem que acompanhe o douto censor nesse modo de pensar, com respeito á intelligencia que se deve dar aqui á redacção do numero VI do referido artigo.

Quando ahi se diz:

"Pode a mulher casada:

"Promover os meios assecuratorios e acções que lhe competirem contra o marido, em razão de seo dote ou de outros bens seos sujeitos á administração do mesmo".

não é claro que a expressão *seo dote ou de outros bens seos sujeitos á administração do mesmo*, mostra que é da mulher o dote, que são della os bens que estam sujeitos á administração do marido, contra o qual a lei lhe dá o direito de promover esses meios assecuratorios e acções que lhe competirem?

"Redigido assim o texto", diz o Dr. Ruy, "o dote é do *marido* e a administração é *do dote;* duas extravagancias que o Projecto não podia ter em mente".

E os *bens*, segundo essa extranha interpretação, seriam do *marido* ou do *dote?*

O *Projecto*, bem diz o Dr. Ruy, *não podia ter em mente essas duas extravagancias*, nem da redacção por elle dada a esse numero do artigo se poderá inferir essa interpretação que evidentemente destoa do sentido e extravaga do bom senso.

E' de todo assente em fundamentos falsos a censura á redacção do numero VI do art. 255.

No seguinte trecho de Manoel Bernardes:

"Como quem descobre ao cirurgião uma chaga de seo corpo, para que lh'a cure", (279)

ninguem referirá o possessivo *seo* a *cirurgião*, bem que deste esteja mais vizinho, senão ao vocabulo *quem.*

(279) *Pão partido em pequeninos.* T. 1.º Pg. 65.

LXIX

(Art. 262. (do *Projecto*) "A annullação dos actos do marido ou da mulher, por falta da autorização necessaria de um ao outro, importa a divida do proveito que a cada um, a ambos ou ao casal tenha resultado do acto annullado".

Em suas emendas redigio assim este artigo o Dr. Ruy Barbosa:

"A annullação dos actos de um conjuge por falta da outorga indispensavel do outro importa em ficar obrigado aquelle pela importancia da vantagem, que do acto annullado haja advindo a esse conjuge, aos dois, ou ao casal".

Em minhas *Ligeiras Observações* (Pg. 90) escrevi: "Se se trata dos dois conjugues, empregando-se o adjectivo *aquelle*, não é *esse* que se lhe deve contrapor, senão o adjectivo *este*".

"Não ha contraposição", escreve o Dr. Ruy, em sua *Replica*, n. 325, "entre os dois demonstrativos: *aquelle* e *esse* entendem com o mesmo conjuge, o responsavel pelo acto annullado".

"O *esse* está direito. O que não está é a expressão *os dois*, que fica em duplicado com a palavra *casal*. Deve emendar-se: "haja advindo a *esse conjuge, ao consorte, ou ao casal*".

Comprehende-se bem o que intenta exprimir o illustre critico, nem fôra preciso esse habito de menear as leis, para entra bem no sentido do trecho da emenda. O que affirmamos é que esta não é bem ageitada; fallando-se dos dois conjuges e fazendo-se referencia ao primeiro pelo demonstrativo *aquelle*, o leitor espera que o escriptor, guardando o fio das ideias, empregue não o demonstrativo *esse*, associando-o ao mesmo *aquelle*, mas o demonstrativo *este*, ligando-o ao segundo substantivo, indicado pelo vocabulo *conjuge*.

Muito melhor lhe fôra, em lugar de construir a phrase como nol-o mostra a emenda, dar-lhe o seguinte feitio:

"A annullação dos actos de um conjuge, por falta da outorga indispensavel do outro, importa ficar obrigado aquelle pela importancia da vantagem que lhe haja advindo a elle, ao consorte ou ao casal".

Eis um caso em que teria bem cabida a construcção pleonastica *lhe haja advindo a elle*.

LXX

> Art. 226. § Unico. "Não tendo bens particulares, que bastem, o conjuge responsavel pelo acto annullado, aos terceiros de boa fé se comporá o damno pelos bens communs, na razão do proveito que lucrar o casal". (Emenda Ruy).

Assim emendou o Dr. Ruy o § Unico do art. 262 do *Projecto*, concebido nos seguintes termos:

> "A indemnização aos terceiros de boa fé será paga pelos bens do conjuge que contrahio a obrigação ou pelos communs, em proporção do proveito que obtiver o casal".

Censuramos essa emenda julgando-a obscura e de pessima construcção.

A ordem inversa, de que se servio o esclarecido escriptor, tornou a phrase embaraçosa: aquelle *aos terceiros de boa fé se comporá o damno pelos bens communs*, não é erroneo, é verdade, mas é construcção mal alinhada, que denuncia da parte do escriptor certo esforço no concerto dos vocabulos, que compõem a phrase.

E todas as vezes que na expressão dos conceitos se denuncia o artificio ou o esforço do escriptor, ter-se-ha por defeituosa a construcção, que não traduz com simpleza e naturalidade o pensamento, de que é transumpto.

Essas foram as razões que nos levaram a impugnar a construcção de que se servio o Dr. Ruy, emendando aquelle paragrapho do art. 262.

LXXI

"Nem lhe autorizado a nomeação pelos outros".

Do modo seguinte redige o *Projecto* o art. 1043:

"Se as partes não tiverem nomeado o terceiro arbitro, nem autorizado sua nomeação, a divergencia dos dois arbitros extinguirá o compromisso".

Este artigo é na emenda assim construido:

"Se as partes não tiverem nomeado o terceiro arbitro, *nem lhe autorizado a nomeação pelos outros*, a divergencia entre os dois nomeados rescindirá o compromisso".

Dissemos nas *Ligeiras Observações* (Pg. 91) ser a phrase — *nem lhe autorizado a nomeação pelos outros* — redigida sem gosto nem elegancia, opinando pela repetição alli do auxiliar *tiverem*, ficando assim constituida a sentença: *nem lhe tiverem autorizado a nomeação pelos outros* .. ..

Não assentio na minha reflexão o Dr. Ruy.

"Não vejo", diz elle (*Replica*, § 97, n. 328), "nem elle mostra, onde o incorrecto do evitar na segunda sentença uma repetição arrastada e inutil, que nenhum preceito grammatical me dictava".

Não appellidei de incorrecta a emenda alli feita; disse ser a phrase redigida sem gosto nem elegancia.

De feito, não nos lembra ter encontrado entre os nossos bons modelos phrases analogas á da emenda.

E' possivel que a razão esteja do lado do alumiado censor; a elle facil lhe fôra adduzir exemplos de escriptores de nome, que mostrassem o meo desacerto; eu lh'o agradeceria.

Apezar de entrado em annos, ainda se me não extinguio a sêde de aprender e de saber, quando a lição é dada por mão benigna.

Mas nem um exemplo exhibio o illustre Dr. Ruy Barbosa, em defesa da construcção por que propugna.

LXXII

Pontuação.

Censurando o modo de virgular de que em algumas de suas emendas se valeo o insigne Dr. Ruy Barbosa, dissemos nas *Ligeiras Observações* (Pgs. 92-93):

"E' de notar que muitas vezes recorre ao emprego da virgula, quando de todo desnecessaria. Assim é que antes da conjuncção *ou*, quando esta liga palavras ou phrases simples e curtas, emprega frequentemente essa notação, escrevendo, por exemplo: "exime-se o juiz a sentenciar, ou despachar", em lugar de "exime-se o juiz a sentenciar ou despachar"; os bens moveis, ou immoveis", em lugar de "os bens moveis ou immoveis"; "a successão legitima, ou testamentaria", em lugar de "a successão legitima ou testamentaria"; "a annuencia, ou autorização de outrem"; por dolo, ou negligencia", em lugar de "por dolo ou negligencia"; "ao acto amigavel, ou á sentença", em lugar de "ao acto amigavel ou á sentença"; "a renuncia da prescripção pode ser expressa ou tacita", em lugar de "a renuncia da prescripção pode ser expressa ou tacita"; o fiador, ou o (*) abonador", em lugar de "o fiador ou o abonador".

"A's vezes tanto abusa do emprego da virgula, tanto multiplica essa notação, que, numa sentença, causando até desagradavel impressão á vista desacostumada, são quasi todos os vocabulos seguidos deste signal; o que, entre muitos artigos emendados, se exemplifica no art. 163, em que assim escreve:

"Aquelle, que, por acção ou omissão voluntaria, negligencia, ou imprudencia, violar etc.", devendo, por coherencia, pôr a virgula no vocabulo *acção*, que, não sei porque, ficou privado do seo respectivo signal, merecendo-o ao menos tanto, quando, nesse modo de pontuar, merecera o vocabulo *negligencia.*

"Tal maneira de virgular não nos lembra ter encontrado em escriptor nenhum".

Vê-se, pois, do que deixamos dito, que fizemos duas censuras ao Dr. Ruy: uma, a de empregar a virgula antes da conjuncção *ou*,

(*) Na 2.ª ed., por erro do impressor, omittiu-se o artigo "o", neste lugar.

quando de todo desnecessaria; outra, a de sobremedida multiplical-a. Com respeito a esse emprego excessivo do virgular, é que dissemos não nos lembrar de escriptor algum que usasse assim dessa notação.

Incorrem na primeira censura, alem dos já apontados nas *Ligeiras Observações*, os lugares seguintes, notados nas emendas do illustre critico:

"Uma pensão, ou fôro, annual, certo e invariavel".
(*Emenda Ruy*. Art. 683).

"O emphyteuta, ou foreiro, não pode...".
(Ibid. Art. 689).

"O autor da usurpação, ou substituição".
(Ibid. Art. 672, § 2.º).

"O autor, ou proprietario".
(Ibid. Art. 677).

"O advogado, ou procurador".
(Ibid. Art. 1329).

"Não pode o tutor, ou curador, adoptar o pupillo, ou o curatelado".
(Ibid. Art. 378).

"Pelo pae, ou pela mãe".
(Ibid. Art. 414).

"Os inimigos do menor, ou de seos paes".
(Ibid. Art. 419, III).

"Acceitar por elle heranças, legados, ou doações sem ou com encargos".
(Ibid. Art. 433. IV).

"Com a maioridade, ou a emancipação do menor".
(Ibid. Art. 448. I).

"Á mulher, ou aos seos herdeiros".
(Ibid. Art. 307).

"Do matrimonio, ou do desquite".
(Ibid. Art. 308).

"Do casamento, ou do desquite".
(Ibid. Art. 309).

"Pelo desquite, amigavel, ou judicial".
(Ibid. Art. 322. III).

"Doações reciprocas, ou de um ao outro".
(Ibid. Art. 319).

"Do casamento, natural, ou civil, conforme resultar de consanguinidade, ou adopção".

"Não sendo incestuoso, ou adulterino".
(Ibid. Art. 361).

"Sem prole legitima, ou legitimada".
(Ibid. Art. 375).

"Duas testemunhas parentas, ou não, dos contrahentes".
(Ibid. Art. 197).

"Noutro edificio publico, ou particular".
(Ibid. Art. 197).

"Póde casar por procuração o preso, ou o condemnado".
(Ibid. Art. 205. § Unico).

"Por ella, ou seos herdeiros".
(Ibid. Art. 245).

"Em venda, ou outro contracto".
(Ibid. Art. 255. § Unico).

"Em razão do dote, ou de outros bens".
(Ibid. Art. 255. VI).

"A convenção, ou a clausula".
(Ibid. Art. 264).

"Os direitos conjugaes, ou os paternos".
(Ibid. Art. 264. I).

"Pelo pae, pela mãe, ou por ambos".
(Ibid. Art. 285. II).

"Por qualquer dos ascendentes, ou por outrem".
(Ibid. Art. 285).

"Pelo facto de se dispor da coisa, ou do direito".
(Ibid. Art. 499. II).

"Suppre-se a incapacidade, absoluta ou relativa".
(Ibid. Art. 7).

"As pessoas juridicas são de direito publico, interno, ou externo, e de direito privado".
(Ibid. Art. 13).

"Por outorga do pae, ou mãe, ou por sentença do juiz".
(Ibid. Art. 12. II).

"O possuidor turbado, ou esbulhado".
(Ibid. Art. 508).

"A acção de esbulho, ou a de indemnização".
(Ibid. Art. 510).

"O possuidor manutenido, ou reintegrado".
(Ibid. Art. 509).

"Responde pela perda, ou deterioração".
(Ibid. Art. 521).

"O vicio, ou o obstaculo".
(Ibid. Art. 496).

"As coisas simples, ou compostas, materiaes, ou immateriaes, são singulares, ou collectivas".
(Ibid. Art. 57).

"Coisas universaes, ou universalidades".
(Ibid. Art. 60).

"Indivisiveis por lei, ou vontade das partes".
(Ibid. Art. 56. II).

"A fins iguaes, ou semelhantes".
(Ibid. Art. 33).

"A administração, ou directoria".
(Ibid. Art. 38. § 2.º).

"Por doação, ou successão".
(Ibid. Art. 276. II).

"A bem da lei, ou da fazenda".
(Ibid. Art. 110).

"Obra scientifica, litteraria, artistica, ou industrial".
(Ibid. Art. 1346).

"Salvo o caso de solidariedade, ou indivisibilidade".
(Ibid. Art. 156).

"Para annullar o acto, ou reclamar indemnização".
(Ibid. Art. 99).

"Ascendentes, descendentes, ou irmãos".
(Ibid. Art. 1325. V).

"Pelo contracto, escripto, ou verbal".
(Ibid. Art. 1330).

Terçando pelo seo teor de virgulação, cita o Dr. Ruy em seo apoio alguns exemplos de Vieira, de Manoel Bernardes, de Fr. Luiz de Souza, e com relação ao primeiro desses classicos, que lhe forneceo maior numero de exemplos, escreve emphaticamente (*Replica*, n. 332):

"Sempre, sempre sempre deste modo virgulava mestre Vieira, o grande. E mestre Carneiro "não se lembra de ter encontrado em escriptor algum esta maneira de virgular".

Antes de ir mais longe, releva notar que, com respeito ao emprego da virgula antes do *ou*, o que affirmei foi que muitas vezes recorria o illustre critico ao emprego da virgula, *quando de todo desnecessaria*, servindo-se frequentemente dessa notação antes da conjuncção *ou, quando esta liga palavras ou phrases simples e curtas.*

Não condemnei, pois, em absoluto o uso da virgula antes do *ou.*

Vejamos agora os exemplos de Vieira, a que allude o Dr. Ruy, com aquelle dizer emphatico — *sempre, sempre, sempre deste modo virgulava mestre Vieira.*

Não: não é exacto o que tão desenganada e categoricamente affirma o Dr. Ruy. Nem sempre, nem sempre, nem sempre virgulou assim Antonio Vieira; bem o sabe o proprio Dr. Ruy.

Entre os passos de Vieira, citados pelo illustre autor da *Replica*, figura o seguinte:

"Com mudar um ponto, ou uma virgula".
(*Serm.* T. 2.º Pg. 316).

Mas, se vio o Dr. Ruy esse exemplo do famoso escriptor portuguez, a paginas 316, porque não volveo os olhos á pagina anterior, onde se acha a seguinte phrase do mesmo escriptor: *basta mudar um ponto ou uma virgula?*

Todos os trechos de Vieira, a que se refere o Dr. Ruy, para justificar a pontuação impugnada, se encontram no *Sermão da Terceira Dominga da Quaresma*, prégado na Capella Real em 1655.

Pois bem, é do mesmo *Sermão* que extractamos os seguintes exemplos, que contrapomos aos do illustre censor:

"Arão fazei-nos um *deos ou uns deoses* que vão diante de nós".
(*Sermões.* T. 2.º Pg. 297).

"Elles são os que com um adverbio podem *limitar ou ampliar* as fortunas;... elles os que com uma palavra podem *dar ou tirar* peso á balança da justiça; elles os que com uma clausula *equivoca ou menos clara*, podem deixar

duvidoso, e em questão o que havia de ser certo e effectivo; elles os que com *metter ou não metter* um papel, podem chegar e introduzir a quem quizerem; elles, finalmente, os que dão a ultima forma ás resoluções soberanas, de que depende o *ser ou não ser* de tudo".

(Ibid. Pg. 312).

"Não lhe *fizestes ou mandastes* fazer sacrificios, holocaustos, banquetes, jogos, festas?"

(Ibid. Pg. 299).

"Que *ministro ou que ministros*".

(Ibid. Pg. 304).

Isso no mesmo sermão, donde extractou o illustre Dr. Ruy os seos exemplos, cerrando os olhos aos que lhe eram contrarios.

Noutros sermões e nas suas *Cartas* são frequentes exemplos analogos. Taes os seguintes:

"Porque ou *juncto ou dividido,* tudo passa".

(Ibid. T. 1.º Pg. 146).

"Assim o *disse ou contou* ao imperador Theodosio".

(Ibid. Pg. 124).

"Mas quando contende o filho *com o pae ou com a mãe*".

(Ibid. Pg. 127).

"Nem como *furtado ou roubado*".

(Ibid. Pg. 134).

"E chama-se este nascer de vós, *compensação ou recompensa*".

(Ibid. Pg. 129).

"E lembrado deste *serviço ou gentileza*".

(Ibid. Pg. 130).

"Por *força ou direito* da geração eterna".

(Ibid. Pg. 135).

"Não *tomada ou roubada* a outrem".

(Ibid. Pg. 197).

"Que está *pedindo ou promettendo*".

(Ibid. T. 12. Pgs. 86-87).

"Entre o ver, *olhando ou sem olhar*".

(Ibid. Pg. 88).

"Que foi concebido *ou na vespera ou no dia de* S. Francisco Xavier".

(Ibid. Pg. 56).

"Não de uma só *nação ou parte* do mundo".
(Ibid. Pg. 59).

"Signalando os *lugares ou metropoles* dos dois solios".
(Ibid. Pg. 62).

"*Multiplicada ou triplicada* em tres filhos".
(Ibid. Pg. 48).

"E se alguem perguntar a razão desta razão, e a *conveniencia ou propriedade*".
(Ibid. Pg. 79).

"Os quaes por esses rios se vão *comprar ou resgatar*".
(Ibid. T. 11. Pg. 174).

"Uma *planta ou debuxo* da Conceição purissima de Maria".
(Ibid. Pg. 181).

"Os discursos são como a *ignorancia ou malicia* de cada um".
(*Cartas*. T. 4.º Pg. 97).

"De o conseguir ou por *vontade ou por força*".
(Ibid. Pg. 105).

"Uma tal *resistencia ou desobediencia*".
(Ibid. Pg. 85).

"Não me trouxe o *desejo ou ociosidade* de lograr o campo".
(Ibid.).

"Com o *mesmo ou differente* sentido".
(Ibid.).

"A forma do *decreto ou recado* com que V. S. fora respondido".
(Ibid. Pg. 88).

"Ou *então ou agora*".
(Ibid.).

"E se o *propheta ou a interpretação* da prophecia não é falsa".
(Ibid. Pg. 80).

"Mandaram livres para sua casa *oito ou dez* homens".
(Ibid.).

"A *mediação ou interposta* autoridade".
(Ibid. T. 3.º Pg. 158).

"Para isto *ser ou poder ser* assim".
(Ibid. Pg. 188).

"Ou *só ou acompanhada* dos outros navios".
(Ibid.).

"O *junho ou julho* deste mesmo anno".
(Ibid. Pg. 186).

"Reconheço as *difficuldades ou impossibilidades* da paz".
(Ibid. Pg. 177).

"Vindo-me ver a uma *quinta ou deserto*".
(Ibid. Pg. 120).

"Havia entrado em Amsterdam aos *dois ou tres* do corrente".
(Ibid. Pg. 157).

"Mandar *duas ou tres* caravellas com estas noticias".
(Ibid. Pg. 154).

"Viram *arder ou voar quatro ou cinco*".
(Ibid. Pg. 203).

"A *sujeição ou paz* de Hollanda".
(Ibid. Pg. 192).

"Não sabemos ninguem quem *sejam ou possam ser* os Cesares e Pompeos".
(Ibid. T. 4.º Pg. 106).

Todos esses exemplos, colhidos do grande classico portuguez, não oppõem o mais formal desmentido ao incisivo *sempre, sempre, sempre deste modo virgulava mestre Vieira*, que tão desempenadamente aventurou em sua *Replica* o esforçado cultor do idioma patrio?

De mais a mais, em questões relativas á arte de pontuar não são os escriptores antigos os guias mais seguros, e a que cegamente devamos obedecer; nem Barros, nem Vieira, nem Souza, nem Jacinto Freire se podem considerar os melhores fiadores neste intrincado ponto de grammatica geral.

Ha em Barros, Souza e no proprio Vieira trechos, cuja pontuação nenhum homem de boas lettras perfilharia hoje.

Taes são os excerptos que por amostras transladamos para aqui:

"Ao qual antes que houvesse reconhecimento das nossas naos, (*) Antonio de Brito mandou um calaluz esquipado que trazia, em que o trouxeram, e delle soube todo o processo de sua vida, e como carregara alli duas náos, uma das quaes era partida per via da nossa navegação em busca do Cabo de Boa Esperança.

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

"E a outra, que tambem partio em sua conserva, por lhe abrir uma grande agoa, tornara arribar a Tidore...".

(Barros, *Dec.* 3.ª Liv. 5.º Cap. 7.º Pg. 616.

"Se via alguma religiosa mais curiosamente toucada do ordinario: assim se benzia della, assim gritava pelo nome de Jesu, como se vira o Diabo: e perguntada pela causa, affirmava, que o via em tais cabeças.

"Aborrecia-se muito dos negocios temporaes, largava-os todos á Superioressa: e só vigiava, e assistia nos que tocavam ao espiritual, dizendo sempre, que pera o espiritual se ordenaram os Mosteiros: se este andasse direito, e em seo ponto, Deus acudiria polo temporal: e quando houvesse de haver quebras, mais valia soffrel-as na fazenda, que no concerto da Religião".

(Souza. *Hist. de S. Domingos.* T. 3.º Cap. 18. Pg. 74).

"Appliquemo-nos muito de veras á observancia dos preceitos divinos: rompamos por tudo o que nos pode ser estorvo e impedimento: conheçamo-nos, e conheçamos o mundo e seos enganos: quebremos com uma grande resolução os laços e as cadeias que nos detêm, quaesquer que sejam: convertamo-nos de todo coração a Deos: disponhamo-nos com todas as forças para receber sua graça e seguremos para sempre o premio da gloria".

(Vieira. *Serm.* T. 5.º Pg. 140).

Nem no exemplo de Barros se pode justificar o ponto depois da expressão *Cabo de Boa Esperança*, nem, nas duas passagens de Souza e Vieira, os dois pontos, que ahi reiteradamente se notam.

Dos exemplos que abaixo apontamos, ver-se-ha que é usual entre os escriptores mais modernos a eliminação da virgula antes da conjuncção *ou*, quando, em uma phrase, este elemento grammatical liga dois sujeitos, ou dois attributos, ou dois complementos, ou duas orações da mesma natureza, que sejam de curta extensão, não indo o todo alem do alcance commum do respirar.

São de Castilho (Antonio), Alexandre Herculano, Latino Coelho e Candido de Figueiredo os exemplos abaixo:

"Esta *Biblia ou* Alcorão".

(A. Cast. *Fausto. Advert.* Pg. VII).

"Daqui o acolhimento que *mais ou* menos a todas ellas se concede".

(Ibid. Pg. VIII).

"Com que ás vezes declara que não aventa o *senso ou* a intenção do seo poeta".

(Ibid. Pg. IX).

"Que *raro ou* nunca dá tudo a um só homem."

(Ibid. Pg. X).

"Ponderando só que me parece questão ociosa esta de se perquirir se um traductor *sabe ou* não a lingoa de seo original".
(Ibid. Pg. XIV).

"Outros *fariam ou* farão melhor".
(Ibid. Pg. XVI).

"*Varonil ou* não, Deos m'o conserve por annos largos com esta mesma paz por dentro e por fóra".
(Id. *D. Jayme, Convers. Prelim.* Pg. LIV).

Não foi sempre assim, é verdade, que o insigne escriptor portuguez pontuou; em suas primeiras obras, não é difficil encontrar passagens em que a virgula é empregada antes da conjuncção *ou*, de modo contrario ao uso ordinariamente seguido nos seos ultimos escriptos, como o attestam os exemplos acima.

Em A. Herculano encontram-se os trechos seguintes:

"Reservando *dilatal-o ou* resumil-o".
(Herc. *Adv. Prel. aos Annaes de D. João* 3.º Pg. XVII).

"Concluida pelos fins de *1629 ou* principios de 1630".
(Id. Ibid.).

"Distincto do *sarraceno ou* moiro".
(Id. *O Bôbo.* Pg. 4).

"O homem da *provincia ou* grande condado".
(Id. Ibid.).

"Ás suas ambições, *esperanças ou* temores".
(Id. Ibid.).

"Fazendo-se *respeitar ou* temer".
(Id. Ibid. Pg. 6).

"Concessão do *rei ou* dos condes".
(Id. Ibid.).

"Chamados *alfozes ou* termos dos concelhos".
(Id. Ibid.).

"Do poderoso *immunista ou* do inexoravel agente do fisco".
(Id. Ibid.).

"Com os sarracenos, *moiros ou* mosarabes".
(Id. Ibid.).

"Para se *defender ou*, pelo menos, oppôr á oppressão a vingança tumultuaria".

(Id. Ibid. Pg. 7).

"De *clans ou* tribus artificiaes".

(Id. Ibid. Pg. 8).

"*Frouxas ou* inhabilmente violentas".

(Id. Ibid.).

"Impeto de *paixão ou* calculo ambicioso".

(Id. Ibid. Pg. 9).

"Amando baloiçar-se no dorso das *agoas ou* correr por cima dellas".

(Id. Ibid. Pg. 13).

"O *gato ou* vinea".

(Id. Ibid. Pg. 16).

"Que *cathedral ou* asceterio tinha orgão mais harmonioso que este?"

(Id. Ibid. Pg. 22).

"*Annullar ou* pelo menos modificar".

(Id. Ibid. Pg. 27).

"Da praça do *tavolado ou* das tauromachias".

(Id. Ibid. Pg. 29).

"Um *banquete ou* saráo".

(Id. Ibid. Pg. 30).

"*Deos ou* o demonio era quem alli lh'o enviava".

(Id. Ibid. Pg. 97).

Latino Coelho escreveo:

"Em *igualar ou* exceder em progressos administrativos".

(*Hist. Pol. e Milit.* T. 1.º Pg. 7).

'Os estados *geraes ou* provinciaes".

(Ibid. Pg. 8).

"Fazendo na legislação civil *mais ou* menos profundas alterações".

(Ibid. Pg. 9).

"E das corporações *seculares ou* ecclesiasticas".

(Ibid.).

"Pelo seo *nascimento ou* hierarchia".

(Ibid. Pg. 16).

"O proprio *nascimento ou* o favor do imperante".

(Ibid. Pg. 18).

"*Agitar-se ou* tumultuar nas praças publicas".
(Ibid. Pg. 21).

"Os novos *dogmatistas ou* os incredulos".
(Ibid. Pg. 24).

"Negava *implicita ou* abertamente a divina delegação".
(Ibid. Pg. 24–25).

"Sob qualquer forma religiosa ou em qualquer estado social".
(Ibid. Pg. 32).

"Nenhuma *ordem ou* congregação regular".
(Ibid. Pg. 33).

"Eram oligarchias *puras ou* irrequietas democracias".
(Ibid. Pg. 34).

"Nem esta doutrina era tão *nova ou* singular".
(Ibid. Pg. 42).

"Nenhum breve, bulla, *graça ou* despacho, sem preceder licença regia".
(Ibid. Pg. 46).

"Um *estadista ou* um soberano".
(Ibid.).

"Sem desrespeitar a *fé ou* profanar o dogma".
(Ibid. Pg. 47).

"*Bulla ou* rescripto pontificio".
(Ibid.).

"Que *impetrem ou* recebam cartas de *confraternidade ou* de communicação de privilegios da Companhia".
(Ibid. Pg. 49).

"Os erros do *pensamento ou* os abusos da palavra".
(Ibid. Pg. 53).

"As obras *heterodoxas ou* suspeitas".
(Ibid. Pg. 54).

"Por sua vida peccaminosa ou pelo contagio de suas heresias".
(Ibid. Pg. 57).

"Que tudo... se pode a todo o tempo *restringir ou* revogar".
(Ibid. Pg. 60).

"As trevas da *ignorancia ou* da escolastica".
(Ibid. Pg. 65).

"Para a *confiança ou* para o desterro".
(Ibid. Pg. 69).

"Tinham passado como a *inundação ou* a tormenta".
(Ibid. Pg. 71).

"Implicados na *conjuração ou* suspeitos de outros crimes de estado".
(Ibid. Pg. 86).

"A supposta *viuvez ou* orphandade".
(Ibid. Pg. 91).

"De um *irmão ou* de um amigo".
(Ibid.).

"O absolutismo politico ou a monarchia universal dos pontifices romanos".
(Ibid. Pg. 100).

"Não lhe era facil a *esperança ou* a illusão".
(Ibid. Pg. 126).

"A *suspeita ou* a calumnia de implacaveis adversarios".
(Ibid. Pg. 137).

"Por outros escriptores *contemporaneos ou* proximos do funesto acontecimento".
(Ibid. Pg. 362).

"*Prohibindo ou* empecendo o livre trafico".
(Ibid. Pg. 295).

"A *obscuridade ou* mediania do seo berço".
(Ibid. Pg. 318).

"Em *Portugal ou* em outras monarchias".
(Ibid. Pg. 364).

"Agentes responsaveis, subservientes e directos da *corôa ou* dos ministros".
(Ibid. Pg. 368).

"Decretavam o *supplicio ou* a corôa civica".
(Ibid.).

"Aos réos de *heresia ou* impiedade".
(Ibid. Pg. 317).

"O *herege ou* o apostata".
(Ibid.).

Em circumstancias analogas, omitte a virgula antes da conjuncção *ou* o distincto lexicographo Candido de Figueiredo, escrevendo:

"É muitas vezes incerta a *origem ou* formação dessas expressões".
(*Diccionario — Convers. Prelim.* Pg. VII).

"Da linguagem popular, privativa *desta ou* daquella provincia, tratava *um ou* outro litterato, *um ou* outro folklorista".
(Ibid. Pg. VI).

"E sobretudo o *facto ou* a necessidade de muitos collaboradores da mesma obra".
(Ibid.).

"Mas ao diccionarista não impende o *tolerar ou* vedar o *uso ou* abuso de *tal ou* tal locução".
(Ibid. Pg. VIII).

"É que nós não sabemos se o gallicismo, hoje intoleravel, será amanhã palavra *portugueza ou*, como tal, fará parte do thesoiro da lingoa".
(Ibid.).

"Um purista, que vivesse ha *quatro ou* cinco seculos".
(Ibid.).

"Raro será o classico, *antigo ou* moderno, que não tenha perpetrado gallicismos".
(Ibid.).

"Por uma palavra normalmente *organizada ou* derivada".
(Ibid. Pg. XI).

"O registo (*) de *tal ou* tal vocabulo, de *tal ou* tal accepção".
(Ibid. Pg. XIII).

"De *um ou* outro vocabulo, de *uma ou* outra accepção".
(Ibid.).

"A linguagem não é inventada pelos diccionaristas: *fallada ou* escripta, registam-na".
(Ibid.).

"Citando o *inventor ou* o patrono".
(Ibid.).

"Porque a recebi da linguagem *oral ou* dos registos avulsos".
(Ibid.).

"Em escriptores *quinhentistas ou* pre-quinhentistas".
(Ibid. Pg. XIV).

"A nota de *antigos ou* de simplesmente desusados".
(Ibid.).

(*) — Na 2.ª ed. lemos "registro".

"Sob a responsabilidade de um escriptor *antigo ou* moderno".
(Ibid. Pg. XV).

"De escriptor para *escriptor ou* de epocha para epocha".
(Ibid.).

"Sob pena de sensiveis *imperfeições ou* de lastimosas deficiencias".
(Ibid.).

"Para o effeito da *definição ou* do significado".
(Ibid.).

"Cuja historio é *obscura ou* desconhecida".
(Ibid. Pg. XVII).

"Dos mais *ingenuos ou* dos menos lidos".
(Ibid.).

"E se torna *popular ou* vulgar".
(Ibid. Pg. XVIII).

"Sejam ellas *oxytonas ou* paroxytonas".
(Ibid.).

"E indicar a pronuncia *usual ou* vulgar".
(Ibid. Pg. XIX).

"Pronuncias *defeituosas ou* contradictorias".
(Ibid.).

"Por *habito ou* pelo exemplo de algum confrade illustre".
(Ibid.).

"*Graves ou* paroxytonas, *esdruxulas ou* proparoxytonas".
(Ibid.).

"E onde começa a sua feição *vulgar ou* popular?"
(Ibid. Pg. XX).

"Na *definição ou* noção de vocabulo".
(Ibid. Pg. XXIV).

"Consoante a pronuncia de quem os *fallou ou* os ouvio".
(Ibid. Pg. XXV).

"Convenções que a *ignorancia ou* a rotina consagraram".
(Ibid. Pg. XXVII).

"Critica facil, *fundada ou* infundada".
(Ibid.).

"Os *ensinamentos ou* reparos, que não denunciem ausencia de boa *fé ou* de juizo claro".
(Ibid.).

"Lapsos de *imprensa ou* revisão".
(Ibid. Pg. XXVIII).

"Os defeitos de *doutrina ou* de forma".
(Ibid.).

"E da definição da *glottologia ou* sciencia da linguagem".
(Id. Trad. do *Man. da Scienc. da Ling.* Por Giacomo de Gregorio. Pg. 36).

"A ideia da *humanidade ou* fraternidade".
(Ibid. Pg. 57).

"Para exprimir *indignação ou* contrariedade".
(Ibid. Pg. 164).

"A *noção ou* o vislumbre".
(Ibid. Pg. 172).

"A *faculdade ou* a aptidão para formar linguagem".
(Ibid. Pg. 191).

"A ideia de uma *chronologia ou* estratificação da linguagem".
(Ibid. Pg. 194).

"Os impulsos *ethnologicos ou* populares".
(Ibid. Pg. 190).

"Sem nenhuma noção de *verbo ou* substantivo".
(Ibid. Pg. 195).

"O *grupo ou* a classe estabelecida".
(Ibid. Pg. 198).

Nota-se o mesmo virgular em Aulete, que diz em seo *Diccionario* (Pg. 1274):

"Irei a *Paris ou* a Londres?". "Deverei comprar uma *casa ou* uma quinta?". "A arte de fazer *versos* ou a *poetica*". "Um *tostão ou* cem réis". "Por outra *forma ou* modo". "Pode-se admittir a theoria physica das *emissões ou* das ondulações".

Esse modo de virgular não só harmoniza com os principios fundamentaes da pontuação, estabelecidos por Beauzée, em sua *Grammatica Geral*, senão tambem com as regras que todas as grammaticas prescrevem, no que respeita ao uso que se deve fazer da virgula, que denota a menor de todas as pausas do discurso.

O sabio grammatico Beauzée, que, dentre todos os grammaticos, foi quem melhor escreveo sobre a arte de pontuar, observa que *a escolha* dos varios signaes *depende da proporção que convem estabelecer nas pausas,* dependendo, por sua vez, essa proporção dos principios fundamentaes seguintes:

"1.º a necessidade de respirar; 2.º a distincção dos sentidos parciaes, que constituem um discurso; 3.º a differença dos gráos de subordinação, que convem a cada um desses sentidos parciaes no conjuncto do discurso". (280)

A esses fundamentos da pontuação poderiamos ajunctar um 4.º: a ligação dos diversos sentidos e a coordenação de uns com os outros.

Tratando do emprego da virgula, entre varias regras que prescreve, estatue o mesmo grammatico as seguintes:

"1.ª Regra. As partes similares de uma mesma proposição composta devem separar-se por virgulas, comtanto que sejam estas partes mais de duas, e nenhuma dellas seja subdividida em partes subalternas.

"2.ª regra. Quando só ha duas partes similares para constituir um todo, podem occorrer dois casos, que fazem decidir differentemente da pontuação:

"1.º Se as duas partes similares forem apenas aproximadas, sem conjuncção, a necessidade de indicar a diversidade dessas partes exigirá entre ellas uma virgula na orthographia e uma pausa na pronunciação".

"2.º Se as duas partes similares forem ligadas por uma conjuncção e ambas não excederem o alcance commum da respiração, bastará a conjuncção para indicar a diversidade das partes; a virgula quebraria despropositadamente a unidade do todo que ellas constituem, desde que o orgão não exige repoiso.

"3.º Mas, se as duas partes similares, reunidas pela conjuncção, tiverem certa extensão, que obste a que se possam com facilidade pronunciar seguidamente sem respirar, então, não obstante a conjuncção, que denota a diversidade, será mister o uso da virgula para indicar a pausa: é a necessidade só do orgão que faz lei". (281)

Seguindo as mesmas ideias de Beauzée, diz Girault-Duvivier: (282).

"Se duas partes semelhantes de uma mesma phrase, isto é, se dois sujeitos, ou dois attributos, ou dois regimes, ou duas proposições da mesma natureza, forem ligadas por uma das conjuncções, *e, nem, ou,* e essas duas partes junctas

(280) Beauzée, *Grammaire Générale.* Pg. 775.
(281) Beauzée. *Op. cit.* Pg. 779-81-82.
(282) *Grammaire des Grammaires,* T. 2.º Pg. 987.

não excederem o alcance commum da respiração, basta a conjuncção para indicar a diversidade das partes; e então é inutil a virgula, visto que não a exige a necessidade de respirar".

No tocante a este ponto estam de accordo todos os gramaticos francezes, formulando as mesmas regras em relação ao uso da virgula.

Assim é que dizem Brachet e Dussouchet:

"Não se põe virgula entre duas palavras ou duas proposições de mui pouca extensão, unidas pelas conjuncções *e, nem, ou*". (283)

E Brelet:

"A virgula separa as partes semelhantes de uma mesma proposição, sujeitos, attributos, complementos, quando não são unidas pelas conjuncções *e, ou, nem.*

"A virgula separa as proposições coordenadas de pouca extensão, quando não são unidas pelas conjuncções *e, ou, nem.* (284)

Os grammaticos portuguezes formulam os mesmos preceitos. Assim escreve Soares Barbosa:

"Antes das conjuncções *e, nem, ou, como, que* e outras semelhantes, só se põe virgula, quando as palavras e phrases que ellas atam excedem a medida commum de uma pausa ordinaria, pelas orações incidentes, e complementos que trazem comsigo; quando, porem, as palavras e phrases são curtas e simples, as virgulas são desnecessarias, porque as mesmas conjuncções servem de separação aos differentes sentidos parciaes". (285).

Seguindo a mesma ordem de ideias com relação ao assumpto, entre as varias regras que estabelece para o uso da virgula, escreve Joaquim Freire de Macedo (*Compendio de Gramm. Port.* Pg. 219) o seguinte:

"Empregaremos a virgula:

"3.º Antes das conjuncções *e, nem, ou, como, que* e outras, quando ligam palavras, que, por extensas, não se podem ler, sem fazer entre ellas uma pausa; mas quando uma daquellas conjuncções liga duas partes semelhantes duma proposição, é desnecessaria a virgula antes da conjuncção, pois basta esta para indicar a separação, quando a respiração não requer uma pausa entre os membros ligados".

"A virgula", diz Bento de Oliveira (*Nov. Gramm. Port.* Pg. 137), "divide vocativos, substantivos, adjectivos e verbos continuados, se não estiverem ligados por alguma das conjuncções *e, nem, ou*".

---

(283) *Grammaire Française Complète.* Pg. 86.
(284) *Gramamire Française.* Pg. 508.
(285) *Grammatica Philosophica.* Pg. 62—ed. 5.ª.

Vê-se, portanto, que não foi desavisadamente que nas *Ligeiras Observações* arguimos o Dr. Ruy de haver muitas vezes recorrido ao emprego da virgula, quando de todo desnecessaria, usando frequentemente essa notação antes da conjuncção *ou* escrevendo: "a sentenciar, ou despachar"; "os bens moveis, ou immoveis"; "a successão legitima, ou testamentaria"; "a annuencia, ou autorização de outrem"; por dolo, ou negligencia"; "ao acto amigavel, ou á sentença"; expressa, ou tacita"; "o fiador, ou o abonador"; e outras locuções analogas, em que já atraz tocamos.

A virgula em taes casos, nem obedece a nenhum dos principios fundamentaes da arte de pontuar, nem harmoniza com o modo de pontuar dos mais modernos escriptores.

"Ha mais de oitenta annos", diz o Dr. Ruy, justificando o seo virgular, "ha mais de oitenta annos, um grammatico de autoridade, que sabia o que é saber a sua lingoa, traçava estas leis ao emprego da virgula:

"Sempre se põe virgula antes dos relativos, e antes das conjuncções, tanto no latim, como no portuguez.

"Tambem sempre se põe virgula entre adjectivos, quando concorrem muitos do mesmo caso... O mesmo se usa entre vozes copuladas, ou substantivos junctos com conjuncção, ou sem ella".

Poucos, bem poucos apadrinhariam hoje essas regras de Madureira, dando-lhes o caracter absoluto, de que as revestio o seo autor.

Nem no portuguez, segundo já demonstramos, se devem haver por absolutas, infalliveis e verdadeiras, como aliás sua formula induziria a crer, nem no latim, em que varios exemplos as vem desmentir.

Assim em Cicero se encontram os seguintes trechos:

"Sine quibus nec intelligi quicquam nec *quæri aut* disputari potest".
(Cic. Vide *Dicc. de Benoist* e *H. Goelzer.* Pg. 163).

"Quod est *verum aut* falsum".
(Id. Ibid.).

Em Horacio:

"Aut prodesse *volunt aut* delectare poetæ".
(Ibid.).

Tito Livio escreveo:

"*Vincendum aut* moriendum".
(Vide *Benoist* e *H. Goelzer.* Pg. 163).

Cesar, finalmente, numa de suas passagens, na sua obra *De Bello Gallico, escreveo:*

"Si qua res non *ad nutum aut* ad voluntatem ejus facta sit".
(Liv. 1.º Cap. 31).

Sabemos todos de cór estes versos, attribuidos ao poeta mantuano, collocados no vestibulo do grande monumento litterario de sua Eneida:

"*Ille ego qui* quondam gracilis modulatus avena".

E em nenhuma das edições, que se têm dado das obras do famoso epico, figura a virgula antes do relativo *qui*.

A segunda censura, que fizemos ás emendas do Dr. Ruy Barbosa, foi a multiplicação das virgulas, de que apresentamos por amostra a emenda ao art. 163 do *Projecto*, assim redigida:

"Aquelle, que, por acção ou omissão voluntaria, negligencia, ou imprudencia, violar direito ou causar prejuizo a outrem, fica obrigado a reparar o damno".

A este artigo, assim emendado e pontuado, accrescentamos os seguintes, onde se nota o mesmo defeito, de que estamos a fallar.

São os arts. 197, 401 e a segunda parte do art. 586, que se acham virgulados no modo seguinte:

Art. 197. "A solemnidade celebrar-se-ha na casa das audiencias, com toda a publicidade, a portas abertas, presentes, pelo menos, duas testemunhas, parentas, ou não, dos contrahentes, ou, em caso de força maior, querendo as partes, e consentindo o juiz, noutro edificio, publico, ou particular".

Art. 401. "Se o pae, ou mãe, abusar do seo poder, faltando aos deveres paternos, ou arruinando os bens dos filhos, cabe ao juiz, requerendo algum parente, ou o Ministerio Publico, adoptar a medida, que lhe pareça reclamada pela segurança do menor e seos haveres, suspendendo, até, quando convenha, o patrio poder".

Art. 586(ultima parte). "Não pode, porem, sem consentimento do outro, fazer, na parede meia, armarios, ou obras semelhantes, correspondendo a outras, da mesma natureza, já feitas do lado opposto".

Analysemos todos esses trechos, assim redigidos pelo Dr. Ruy:

No primeiro não tem justificativa a virgula posta depois do vocabulo *aquelle*, seguido immediatamente do conjunctivo *que*.

Com effeito, esse *que* oppõe uma restricção ao vocabulo *aquelle*, que figura no rosto da phrase; a oração incidente, ou, como lhe chamam alguns, a clausula adjectiva a que o conjunctivo pertence, não é ampliativa; é, sim, restrictiva e indispensavel á enunciação do sentido da principal.

Sendo estreitamente ligadas no pensamento a ideia indicada pelo *que* e a que o seo antecedente exprime, não devem separar-se na linguagem os signaes que as representam e traduzem.

Na phrase: "a gloria que vem da virtude tem brilho immortal", sendo a oração subordinada *que vem da virtude* indispensavel á verdade que se affirma na principal, não se deve pôr virgula entre o *que* e o seo antecedente *a gloria*: não é de toda a gloria que se affirma na principal ter brilho immortal, senão da gloria que vem da virtude.

Já não succede o mesmo com a phrase: "As paixões, que são as molestias d'alma, originam-se de nossa rebeldia contra a razão"; aqui pode separar-se por uma virgula o antecedente *paixões* do seo consequente *que*, desde que a oração subordinada — *que são as molestias d'alma* — não é indispensavel á enunciação do sentido da principal, não é essencial á verdade por esta exprimida.

Ora, na maior parte dos casos em que o conjunctivo *que* tem por antecedente o vocabulo *aquelle*, apezar do caracter restrictivo do *que*, o Dr. Ruy põe virgula entre os dois vocabulos, que exprimem ideias que se não devem separar.

Nota-se isto não só no artigo em que ora nos occupamos, senão tambem nos arts. 556, 661, 663, 800, 968.

Assim na emenda ao art. 556 escreve:

"Adquire tambem o dominio do immovel aquelle, que, por dez annos entre presentes, ou vinte entre ausentes, o possuir como seo, continua e incontestadamente, com justo titulo e boa fé".

Onde sem necessidade se separou na emenda a palavra *aquelle* do *que* relativo, que a determina e restringe.

Na emenda ao art. 661 nota-se a mesma separação por meio da virgula entre os dois termos, intimamente ligados no pensamento. E' assim pontuado este artigo:

"Aquelle, que, legalmente autorizado, reproduzir obra de arte mediante processo artistico differente, ou pelo mesmo processo, havendo na composição novidade, será, quanto á copia, considerado autor".

Nenhuma razão ha para separar os dois vocabulos *aquelle* e *que*, tendo este o caracter restrictivo e não puramente explicativo.

O mesmo virgular se observa no art. 663, assim redigido na emenda: (*)

(*) Na 1.ª ed. temos aqui ponto final em lugar de dois pontos, encontrados na 2.ª ed.

"Aquelle, que, com autorização do compositor de uma obra musical, sobre os seos motivos escrever combinações, ou variações, tem, a respeito destas, os mesmos direitos, e com as mesmas garantias, que sobre aquella o seo autor".

Neste artigo do *Projecto*, assim emendado, alem das virgulas de todo desnecessarias depois dos vocabulos *combinações e direitos*, nota-se o mesmo signal de pontuação entre os dois termos do rosto da phrase, entre os quaes é illogica toda a separação, pelo estreito vinculo que ha entre as ideias de que são signaes.

Da mesma censura são susceptiveis os arts. 800, 968. O primeiro é assim formulado na emenda:

"Aquelle, que, sendo credor num titulo de credito, depois de o ter caucionado, quitar o devedor, ficará, por esse facto, obrigado a saldar immediatamente a divida, em cuja garantia prestou a caução...".

O segundo redigio-o e virgulou-o desta arte o Dr. Ruy na sua emenda:

"Aquelle, que, recebendo indevidamente um immovel, o alheiar, será obrigado a auxiliar o proprietario na rectificação do registro, facultada pelo art. 861".

Em todos esses exemplos nem a logica, nem a grammatica podem justificar a virgula inserida entre o vocabulo *aquelle* e o conjunctivo, que se lhe segue immediatamente, determinando-o e restringindo-o.

Numa de suas mais bellas tragedias, senão na mais bella producção poetica que sahio de seo espirito genial, sem romper a ligação immediata entre o relativo e seo antecedente, escreveo Racine, omittindo a virgula:

"*Celui qui* met un frein à la fureur des flots
Sait aussi des méchants arrêter les complots".
(*Athalie*. Acto. 1.º Scena. 1.ª).

Sem desvirtuar o pensamento, não podia o poeta francez inserir uma virgula entre a palavra *celui* e o *qui*, de caracter inteiramente restrictivo, neste lanço de sua celebrada *Athalia*.

É regra prescripta por todos os grammaticos: uma oração restrictiva não se deve separar por meio da virgula do elemento grammatical que ella determina.

"*A restrictive adjective clause is not separated by a comma from the noun*", diz Alexander Bain, em sua grammatica. (286)

(286) *A Higher English Grammar*. Pg. 337.

Na mesma conformidade escreve Mason, em sua *English Grammar*:

"An adjective clause is not separated by a comma from the noun which is qualifies when it is an essential part of the designation of the thing signified; that is, when the thing or person signified is not sufficiently indicated by the antecedent noun. Thus: "The man who told me this stands here".

"I do not see the objects that you are pointing out".

"But if the designation of the person or thing meant is complete without the relative sentense, so that the latter only extends and defines that designation, being *continuative* and not *restrictive*, then a comma must be introduced. Thus: "I will report this to my father, who is waiting to hear the news". (287)

Já anteriormente havia estatuido Goold Brown o seguinte:

"When a relative immediately follows its antecedent, and is taken in a restrictive sense, the comma should not be introduced *before* it; as, "For the things *which* are seen, are temporal; but the things *which* are not seen, are eternal". (288)

Na emenda feita pelo Dr. Ruy áquelle mesmo art. 163 do *Projecto*, alem da virgula entre o vocabulo *aquelle* e o conjunctivo *que*, de que aqui fallamos, notamos nas *Ligeiras Observações* a inserida pelo illustre censor entre o vocabulo *negligencia* e *imprudencia*, dizendo que, por coherencia, devia o Dr. Ruy usal-a tambem entre o vocabulo *acção* e a expressão *omissão voluntária*. Em sua *Replica* (n. 340) dá-nos o esclarecido critico a razão que o levou a supprimir aqui a virgula:

"Mas é que á palavra *negligencia* succede outro substantivo, independente daquelle; ao passo que *acção*, com o seo subsequente *omissão*, alli se acham reunidos pelo epitheto *voluntaria*, que os adjectiva numa ideia commum.

"Vieira, cuja orthographia, conforme demonstrei, usa ordinariamente a virgula antes da conjuncção *ou*, não a emprega em eventualidades semelhantes: "Terrivel coisa é que a boa *ou* má sorte de uns dependa das pennas de outros". "A condição de dois adjectivos qualificando um substantivo é análoga á de um adjectivo qualificando a dois substantivos".

Primeiro de tudo, releva notar que não harmoniza bem o que sobre o emprego da virgula diz aqui o Dr. Ruy com o que emphaticamente affirmou do mesmo classico portuguez em o numero 332 de sua *Replica*.

---

(287) Mason. *English Grammar*. Pg. 209. n. 606.

(288) *The Grammar of English Grammars*. Pg. 775.

Neste numero affirma incisivamente:

"*Sempre, sempre, sempre* deste modo virgulava mestre Vieira;

alli, em o numero 340, já é outra a sua linguagem, com referencia ao emprego da mesma notação antes do *ou;* já o seo dizer categorico se troca nas palavras seguintes:

"Vieira, cuja orthographia, conforme demonstrei, usa *ordinariamente* a virgula antes da conjuncção *ou*, não a emprega em eventualidades semelhantes".

Tão depressa se transmudou o *sempre, sempre, sempre,* no *ordinariamente!*

Feita esta ponderação, perguntamos ao douto critico, se, como diz, a condição de dois adjectivos qualificando um substantivo é analoga á de um adjectivo qualificando dois substantivos, caso em que se acha a locução de Vieira: "a boa ou má sorte" e a da emenda: "acção ou omissão voluntaria", não se pondo, segundo pensa, em nenhuma dellas virgula antes do *ou*, desde que naquella o substantivo *sorte* é qualificado pelos dois adjectivos *boa* e *má*, nest'outra o epitheto *voluntaria* qualifica os dois substantivos *acção* e *omissão*, adjectivando-os numa ideia commum; como, para justificar a virgula que em sua emenda collocou antes do *ou* na expressão *negligencia*, ou *imprudencia*, se vale, entre outros, do exemplo de A. de Castilho "*a gaia, ou folgazan sciencia*", onde segundo o que preceitúa, se não devia empregar essa notação, visto que ha dois adjectivos *gaia* e *folgazan*, que modificam o mesmo substantivo *sciencia?*

Não é em tudo analogo o exemplo de Castilho ao de Vieira? Como serve aquelle para exemplificar a virgula antes do *ou*, e este, exactamente semelhante, para justificar a suppressão deste signal antes desse elemento grammatical?

Demais disso, se, quando um adjectivo modifica dois substantivos, ou dois adjectivos modificam um só substantivo, deve supprimir-se a virgula antes da conjuncção *ou*, como defenderá o Dr. Ruy as virgulas de que usou em suas emendas, e de que ainda usa em sua *Replica* nas locuções seguintes: "obra scientifica, litteraria, artistica, ou industrial", "pelo contracto, escripto, ou verbal", "pelo desquite, amigavel, ou judicial", "de casamento, natural, ou civil", "não sendo incestuoso, ou adulterino", "noutro edificio, publico, ou particular", "a incapacidade absoluta, ou relativa", "de direito publico, interno, ou externo", "sem prole legitima, ou legitimada", "o possuidor turbado, ou esbulhado", "o possuidor manutenido, ou reintegrado", "a fins iguaes, ou semelhantes", "as coisas simples, ou compostas, materiaes, ou immateriaes, são singulares, ou collectivas",

"erros cada qual de uma só lettra, addicionada, ou alterada", "vocabulos inexistentes, ou impossiveis"? (289)

Em todas essas expressões, empregadas pelo sabio escriptor, já nas emendas feitas ao *Projecto*, já em sua *Replica*, dois ou mais adjectivos não modificam ou qualificam o mesmo substantivo?

Não fora este o caso de supprimir a virgula antes do *ou*, quando, conforme se exprime na *Replica*, era essa a pontuação de que em taes circumstancias se utilizava Vieira?

Na emenda ao art. 197, que, pouco ha, transcrevemos, são superfluas as virgulas que se notam nas palavras *parentas ou não dos contrahentes*, que o Dr. Ruy pontuou assim: *parentas, ou não, dos contrahentes*, sendo-o igualmente a que a redacção do illustre censor poz na expressão *querendo as partes e consentindo o Juiz*, que escreveo: *querendo as partes, e consentindo o juiz*, e a locução *publico ou particular*, quë escreveo assim: *publico, ou particular*, onde, segundo os principios que elle mesmo adopta, fundamentando-se, como diz, na lição de Vieira, devêra dizer *publico ou particular*, supprimindo a virgula, desde que os dois adjectivos *publico* e *particular* qualificam o mesmo substantivo *edificio*, que lhes precede immediatamente.

Na redacção da emenda ao art. 401 é sem necessidade que a exija, empregada a virgula nas palavras "*o pae ou a mãe*", "*faltando aos deveres paternos ou arruinando os bens dos filhos*", "*requerendo algum parente ou o Ministerio Publico*", "*suspendendo até, quando convenha, o patrio poder*", que são assim pontuados no artigo emendado: "*o pae, ou a mãe*", "*faltando aos deveres paternos, ou arruinando os bens dos filhos*", "*requerendo algum parente, ou o Ministerio Publico*", "*suspendendo, até, quando convenha, o patrio poder*".

Na emenda ao art. 586 (ultima parte) notam-se as expressões "*fazer, na parede meia, armarios, ou obras semelhantes, correspondendo a outras, da mesma natureza, já feitas do lado opposto*", assim virguladas na emenda, em vez de "*fazer na parede meia armarios ou obras semelhantes, correspondendo a outras da mesma natureza, já feitas do lado opposto*".

Nada ha que justifique a separação do verbo *fazer* do seo complemento *na parede meia*.

Ninguem razoavelmente escreveria: "cravar, no coração do inimigo, um aguçado punhal"; "fez, em seo palacete, uma janella, que dizia para o mar"; "enterrar, na sepultura do amigo, todas as suas

(289) *Replica*. ns. 260 e 356.

esperanças"; "levantar, em seo paiz, o padrão de sua gloria"; "fazer, no deserto, a pregação da fé religiosa"; fazer, na patria, os seos primeiros estudos", "fazer, em uma doente, um exame minucioso"; separando por meio da virgula o verbo de seo complemento circumstancial, que, nessas e noutras phrases analogas, imprime um cunho de determinação precisa á ideia por elle exprimida.

Do mesmo modo não se deve pôr virgula, separando o adjectivo *outras*, que concorda aqui com o substantivo *obras*, do seo complemento *da mesma natureza*, por isso que o caracter determinativo ou restrictivo deste se torna essencial á ideia denotada pelo substantivo *obras*, que doutra sorte ficaria vago e indeterminado.

Entre os exemplos, citados pelo Dr. Ruy, para mostrar que os escriptores não só nos fornecem exemplos da virgula antes da conjuncção *ou*, senão tambem da conjuncção copulativa *e*, sendo, segundo opina, *palpavel inversão logica interpor a virgula, o signal orthographico de separação, antes da copulativa, e antes da disjunctiva não o admittir*, apresenta-nos o seguinte extracto de Latino Coelho:

"Recommendar o seo nome á veneração da posteridade, e ás honras academicas";

mas Latino Coelho não podia supprimir essa notação na passagem citada. O trecho é, em sua integra, redigido do modo seguinte (*Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 5):

"E tantas distincções illustres e tão altas qualificações não poderiam só por si recommendar o seo nome á veneração da posteridade, e ás honras academicas que neste dia votamos aos benemeritos da litteratura e da sciencia".

Aqui é de rigor o emprego da virgula, correspondente á pausa no respirar, principalmente não havendo nenhuma outra notação que a preceda no trecho.

A virgula empregamol-a muitas vezes para separar termos enumerativos, sejam embora reunidos pela conjuncções *e*, *nem*, *ou*, quando emphaticas ou puramente expletivas ou ainda, com relação á disjunctiva, quando é intuito nosso dar mais relevo á ideia de opposição e constraste entre os termos ou palavras unidas por esta conjuncção.

Explica-se assim a virgula collocada antes do *ou*, nos seguintes exemplos de Vieira, Manoel Bernardes e Castilho, apontados pelo Dr. Ruy:

"Com tal distincção do que confessou, *ou* não confessou; dos propositos que teve, *ou* não teve; da satisfação que fez, *ou* deixou de fazer".
(Vieira. V. II. Pg. 329).

"*Ou* por desattenção das pennas maiores, *ou* por corrupção das inferiores".
(Ibid. Pg. 314).

"*Ou* seja cepo de páo, *ou* cepo de oiro".
(Ibid. Pg. 306).

"*Ou fosse* esculptor de officio, *ou imaginario* de devoção".
(Ibid. Pg. 304).

"Que lugar apontaremos no mar, *ou* na terra, *ou* debaixo da terra, proximo, *ou* remoto, profano, *ou* sagrado, a que a cubiça, se não atrevesse, e a fome do oiro não penetrasse?".
(*Nova Floresta*. ed. de 1759. V. II. Pg. 221).

"E, *ou* elle vá, *ou* pare, *ou* retroceda".
(Cas. *Metamorph*. Pg. 313).

Assim se explica a multiplicação da virgula que se nos depara nos seguintes lugares:

"Apodera-se do seo dominio: esvoaça, *e* borboleteia, *e* suspira, *e* canta, *e* adormece, *e* recorda, *e* dança, *e* beija".
(*Arte de Amar. Prefação*. P. XXVII).

"Estou certo que *nem* a morte, *nem* a vida, *nem* os anjos, *nem* os principados e potestades, *nem* o presente, *nem* o futuro, *nem* tudo o que é forte no mundo, *nem* o mais alto, *nem* o mais profundo, *nem* alguma outra creatura nos poderá separar da caridade de Deos".
(Vieira. *Serm*. T. 13. Pg. 66).

Na lingoa franceza, onde se observa a mesma regra, relativamente á suppressão da virgula entre palavras ou sentenças breves, ligadas pelas conjuncções *ou, nem, e*, que substituem a mesma notação, empregam-na geralmente os bons escriptores para separar termos enumerativos, sendo, em taes casos, esses elementos grammaticaes reputados palavras expletivas.

Assim, em seo *Tratado de Pontuação*, cita Léon Ricquier os seguintes exemplos:

"*Et* la terre, *et* le ciel, *et* l'âme, *et* la matière,
Tout gémit".
(Lamartine).

"Messieurs, *ou* la maladie vous tuera, *ou* le médeciu, *ou* bien ce sera la médicine".
(Molière).

"*Ni* ma santé, *ni* mon gout, *ni* mes travaux, ne me permettent de quitter ma douce retraite".
(Voltaire).

"Un sot *ni* n'entre, *ni* ne sort, *ni* ne se lève, *ni* ne se tait, *ni* n'est sur ses jambes comme un homme d'esprit".

(La Bruyère). (290).

"Suppunha eu", diz o illustre dr. Ruy (*Replica*, n. 338)," que o acerto da virgulação se houvesse de aferir pela da collocação das virgulas. Vejo agora que é *pelo seo numero*. Tanto mais mal virgulado estará o periodo, quanto mais virgulas tiver. Quanto menos, tanto melhor. De modo que a suppressão da virgula seria a excellencia em materia de virgulação.

"Um periodo inteiramente desvirgulado fôra, quanto á virgulação, o modelo dos periodos grammaticaes.

"Não serve a consequencia? Então é que é falsa a premissa, donde mathematicamente decorre".

Mas quem é que estabeleceo aquella premissa e deduzio esta conclusão? Foi o proprio Dr. Ruy; elle mesmo formulou os principios, de que tirou a falsa conclusão.

Criticar o uso excessivo do virgular, dizer que ás vezes, em alguns pontos de suas emendas, são quasi tantas as virgulas que emprega, quantas as palavras, não é aferir as virgulas pelo seo numero.

Tão absurda é essa conclusão do Dr. Ruy, quanto absurdo fôra, se, invertendo-lhe eu o raciocinio, dissera que um periodo completamente inçado de virgulas, figurando essa notação em todos os vocabulos, fôra o periodo grammatical verdadeiramente typico.

Suppõe o Dr. Ruy que o acerto da virgulação deve aferir-se pelo da collocação das virgulas; mas é cahir num circulo vicioso, analogo ao que se refere do medico de Molière, que explicava o somno produzido pelo opio pela virtude dormitiva desse agente therapeutico.

Com effeito, que é virgulação? Não é a acção ou acto de virgular; de pôr ou collocar virgulas, não é, em summa, a collocação das virgulas?

E como é que se fundamenta o acerto do virgular, isto é, da collocação das virgulas, no acerto desta mesma collocação?

(290) — Ricquier. *Traité de Ponctuation*. Pg. 65.

LXXIII

AO PRECEITO ALLI CONTEUDO.

Numa advertencia ao art. 1670 do *Projecto* emprega o Dr. Ruy Barbosa a expressão: "Ao preceito alli *conteudo*".

Censuramos o ter usado a forma antiga do participio *conteudo*, em vez de *contido*, que é a que está em voga, e escrevemos a reflexão seguinte (*Lig. Obs.* Pg. 94):

"*Conteúdo* conservou-se na lingoa como substantivo: o *conteudo* de uma carta; o continente e o *conteudo; teudo* por *tido, mantendo* por *mantido* ainda hoje em dia, dissemos nós, se empregam na locução *teuda e manteuda*, formula bem conhecida e trilhada em linguagem forense; *conteudo*, porem, como adjectivo e todos os participios em *udo* da segunda conjugação portugueza, *temudo, recebudo, entendudo, tangudo, conheçudo*, usados até o seculo 15, desappareceram de todo em todo do vocabulario de nossa linguagem".

Não obsta a que num ou noutro de nossos escriptores se encontre a palavra *conteudo*, como adjectivo e *reteudo*, para lhes negarmos o caracter de palavras antiquadas, e sem voga no vocabulario de nossa lingoa.

O vocabulo *conteudo*, como substantivo, é de uso corrente, sabem-no todos; não passa outrotanto com o adjectivo *conteudo*, que, exprimindo exactamente a mesma ideia que o adjectivo *contido*, foi por este supplantado.

E' de observação que, quando duas palavras, exactamente do mesmo sentido, entram em conflicto no vocabulario de uma lingoa, uma dellas succumbe nessa concorrencia vital.

Teudo e manteudo conservaram-se na expressão forense: *mulher teuda e manteuda;* deste ultimo adjectivo usam ainda os nossos camponezes na locução *cavallo manteudo, bem manteudo.*

Mas não se dirá hoje em dia, sem affectar ancianidade, *estabelecimento manteudo pelo governo; homem teudo em boa conta; a enchente conservou-o alli reteudo por dois dias;* nem sabemos escriptor moderno algum em que se nos deparem as formas participiaes *entreteudo, susteudo, deteudo.*

Encontramos, é verdade, em Garrett, em sua *Lyrica* (Pg. 55), o seguinte exemplo:

"Dentre a immensa farragem de versalhada *conteuda* na vasta collecção dos versos de J. M., que eu tinha trazido de Odivellas".

Tambem Filinto Elysio escreveo:

"*Reteudo* em casa por indisposto não viera ver-nos".
(*Obras.* T. 10. Pg. 188).

Mas nem o exemplo de Castilho, citado pelo Dr. Ruy Barbosa, nem os exemplos, que acabamos de referir, de Filinto e Garrett, resuscitaram ao uso actual o adjectivo *conteudo,* por *contido.*

O facto de se encontrar em Filinto Garrett e Antonio de Castilho o adjectivo *conteudo,* não é razão para consideral-o do uso actual.

Sallustio um dos mais elegantes escriptores, aquelle a quem Aulo-Gellio appellidou de *subtilissimus brevitatis artifex,* (291) não se lava da pecha de affectar palavras e phraseados archaicos em suas mais bellas obras; "faz da lingoa um emprego artificial", diz Vapereau, (292) "procura nas formas do passado um sinete exterior de austeridade; cuida pensar e sentir como Catão, tomando-lhe o velho idioma".

Não é muito pois, que num classico portuguez acertemos de encontrar uma ou outra dicção, uma outra phrase, que se não possa eximir da tacha de antiquada.

Citando-nos o substantivo *contento,* empregado por *conteudo,* na phrase do autor do *Monge de Cister* (Vol. 1.º Pg. 297):

"Apenas o monge sahio, a velha pegou na bolsa, virou-a mansamente sobre uma arca e vio que os seos contentos eram dez magnificas dobras validias",

não nos deo novidade alguma o Dr. Ruy: já de muito conheciamos esse trecho de A. Herculano.

O douto historiador portuguez empregou alli o vocabulo *contentos* como substantivo, na mesma accepção em que é corrente o uso do substantivo *conteudo;* formou-o do supino do verbo latino *contineo, es, ui, contentum, continere,* como os inglezes formaram do mesmo supino do verbo latino o substantivo *contents,* usado em sentido identico nas locuções: "the *contents* of a letter", "the *contents*

(291) — Vide Paul Albert. *Hist. de la Litt. Rom.* T. 1.º Pg. 253.
(292) — *Dictionnaire des Littératures.* Pg. 1811.

of a bale, of a book", "he emptied his pocket of ist *contents*" (293), "table of *contents*", "*contents* of a bill or cheque" (294).

"No portuguez moderno", referindo-se ás formas participiaes antigas em *udo*, diz Adolpho Coelho, em sua *Theoria da Conjugação*, "conservam-se dessas formas apenas *teuda* e *manteuda* (na formula conhecida) e *conteudo* substantivo". (295)

(293) — Fleming and Tibbins — *Royal Dictionary English and French.* Vol. 1.º Pg. 268.

(294) — Murray. *Dictionary*. Pg. 897. Vol. II.

(295) — *Theoria da Conjugação*. Pg. 130.

LXXIV

PERDENTE.

A' parte o *Diccionario* de Candido de Figueiredo, que toma a rol o vocabulo *perdente*, encontrado em Alberto Pimentel, no *Poeta Chiado*, nenhum dos nossos diccionarios o menciona.

O vocabulo *perdidor*, (*) de que, conforme o Dr. Ruy, usa Camillo Castello Branco para indicar o corruptor, o que deita a perder, não tem voga em nosso idioma, bem que proceda da palavra latina *perditorem* (accusativo de *perditor, oris*), empregada no mesmo sentido e no de destruidor, flagello, peste.

Pensamos, porem, que, consoante a analogia de outras formações, não era á forma *perdidor* que se devia dar preferencia, senão a *perdedor*.

Assim como de *roer* se formou *roedor*, e não *roidor;* de *crer*, *credor*, e não *cridor ou creditor; de comer*, *comedor*, e não *comidor;* de *gemer*, *gemedor*, e não *gemidor*, de *dever*, *devedor*, e não *devidor;* de *manter*, *mantedor* ou *mantenedor*, e não *mantidor* ou *mantenidor;* de *tanger*, *tangedor*, e não *tangidor;* de *carecer*, *carecedor*, e não *carecidor;* de *vender*, *vendedor*, e não *vendidor;* assim parece que do verbo *perder* deve formar-se *perdedor*, e não *perdidor*.

Todos esses adjectivos, acabados em *ante*, *ente*, *inte*, eram antigamente usados, já como participios presentes de verbos derivados dos participios latinos correspondentes, ou formados no proprio seio da lingoa, já como adjectivos ou substantivos verbaes, em que se immobilizaram, e em cujo carecter ainda hoje em dia muitos delles são de uso frequente.

Assim é que se empregavam as formas *estante*, *filhante*, *recebente*, *meixente*, *desprezante*, *temente*, como participios.

"Não tem maior uso", diz o dr. Ruy, em sua *Replica*, (n. 346); deffendendo o uso do vocabulo *perdente*, "o vocabulo *peccante*, e, comtudo, Castilho altamente o autoriza: "Seja o proprio *peccante* quem por si reconheça, confesse, explique e corrija o seu peccado. (*Felic. pela Instrucç.* Pg. 78).

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se a virgula neste passo.

Mas com relação ao vocabulo *peccante* não é Castilho só que o emprega: registram-no todos os diccionarios.

Castilho tomou-o na mesma accepção de *peccador*.

Os diccionarios o consignam no sentido de pessoa que pecca habitualmente, que tem certo vicio, fraqueza ou balda.

Na terminologia da antiga medicina era por extremo corrente a expressão *humor peccante*, no sentido de *humor vicioso, maligno*.

Filinto usou-o (*) no seguinte passo:

"*Peccantes* de nós, que por desmazelo, ou por atrevida ignorancia não entendemos a nossa propria lingoa!"

(*Obras*. T. 2.º Pg. 400. Nota).

O adjectivo *perdente*, porem, julgamos não estar no mesmo caso; nem colhe para legitimar-lhe o emprego na lingoa actual a existencia em nosso vocabulario dos adjectivos ou substantivos verbaes — *temente, influente, conducente, requerente, descrente, producente, beneficiente, luzente, mordente, proponente, concorrente, arguente, defendente, oppoente, regente, combatente, padecente, lente, delinquente, remittente, nubente, recorrente, fluente, comparecente, liquecente, descendente, convicente, rompente, parturiente, ridente, maldizente, vivente, resplandecente, commoriente, gemente, dormente, jacente, docente, nutriente, pendente, carecente, fulgente, occorrente, vidente, fervente, fremente, ardente, olente, bibente, sensiente*, citados pelo Dr. Ruy.

Temos, é verdade, todos esses adjectivos no lexicon portuguez. Não envelheceram. Mas não se dirá sem extranheza *dizente, elegente, incorrente, corrompente*, nem, apezar de registados no antigo vocabulario de nosso idioma, diriamos hoje *querente, meixente, matante, recebente, vinte* (por *vindo*), *receiante*.

Se o adjectivo *perdente* está em voga no vocabulario portuguez, porque não apresentou o illustre autor da *Replica* um exemplo sequer, que lhe autorizasse o emprego?

(*) Na 1.ª e na 2.ª ed. lemos "Filinto usou o no...".

LXXV

A palavra *lidimo* é uma corruptela do vocabulo *legitimo*, do latim *legitimus, a, um.*

Os antigos escreviam-na *leydimo*, *leidimo*, *liidimo*, e *lidimo*, prevalecendo esta ultima graphia, donde o antigo *lidimar*, em vez de *legitimar*, como se diz hoje.

Muito usado pelos antigos, que nos offerecem exemplos desde as primeiras epochas de nossa lingoa, foi-se o vocabulo lidimo a pouco e pouco obliterando, com o predominio da palavra *legitimo*, a ponto de no tempo de Duarte Nunes de Lião já se haver em conta de palavra antiquada.

Em sua *Origem da Lingoa Portugueza*, tirada á luz em 1606, esse escriptor, com effeito, a inventaria entre os vocabulos antigos.

Ainda no seculo 18, Francisco José Freire, nas suas *Reflexões sobre a Lingoa Portugueza*, assim se enuncia, na *Reflexão* 12, pg. 99 da Parte Segunda:

"*Lidimo* por *legitimo* é inteiramente antiquado, e já o era no tempo de Duarte Nunes de Lião, como elle mesmo affirma. Por isso não se deve seguir o exemplo do tomo 6.º da *Mon. Lusit.*, que diz: "Ao maior seo filho *lidimo*".

Em 1825 o autor do *Elucidario*, em seo *Diccionario Portatil das Palavras, Termos e Phrases, que em Portugal antigamente se usavam* (Pg. 104), consigna tambem este vocabulo, dando-lhe a graphia *leidimo*.

Dezeseis annos mais tarde, em 1841, na edição da *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné* de Gomes Eannes de Azurara, no *Glossario das Palavras e Phrases antiquadas e obsoletas*, que se encontram nessa obra, o douto José Ignacio Roquete menciona o vocabulo *lidimo*, que se lê a pag. 17 da mesma *Chronica*, em que diz Azurára:

"Da qual houve seis filhos *lidimos*".

Antiquado o reputa igualmente Adolpho Coelho, em suas *Questões da Lingoa Portugueza* (Pg. 262), estampadas em 1872.

Não se deve confundir com *lidimo* o vocabulo antigo *ladinho*, corrupção de *ladino*, que, como este ultimo, provém do adjectivo *latinus*.

Os nossos escriptores antigos diziam *ladinho* por *ladino*, *meninho* por *menino*.

Bem que *ladinho* ou, como hoje se diz, *ladino* signifique *legitimo, sem mescla, puro*, uma coisa é a palavra *ladinho*, que se filia no adjectivo latino *latinus*, outra é o vocabulo *lidimo*, que procede de *legitimus*.

Não andamos, pois, mal acompanhados, considerando antiquado o vocabulo *lidimo*, que diz exactamente o mesmo que *legitimo*, sem embargo de que um ou outro escriptor o procure trazer á vida.

Referindo-se á epocha em que Duarte Nunes de Lião deo á estampa a sua *Origem e Orthographia da Lingoa Portugueza*, e á em que sahiram a lume as *Reflexões sobre a Lingoa Portugueza* de Francisco José Freire, assim se enuncia o autor da *Replica*, insistindo na defesa do adjectivo *lidimo*:

"Mais de seculo e meio depois (em 1765) imprimia Francisco José Freire as suas *Reflexões sobre a Lingoa Portugueza*, em um de cujos capitulos dava revista aos archaismos de seo tempo. Pois entre elles já se não enumera *lidimo*. Em compensação alli figuram um sem conto de vocabulos hoje em plena actualidade". (296)

Ha nisso engano do insigne censor.

Como já deixamos escripto anteriormente, na sua *Reflexão* 12.ª da 2.ª Parte da mesma obra a que o Dr. Ruy faz allusão, Francisco José Freire consigna como antiquado o vocabulo *lidimo*, com estas palavras:

"*Lidimo* por *legitimo* é inteiramente antiquado".

Leia o Dr. Ruy a *Reflexão* 12.ª da Segunda Parte da mencionada obra, donde extrahio aquella numerosa lista de vocabulos, de que nos falla em sua *Replica*, e ratificará o que affirmamos aqui.

Todos estes vocabulos, que nos diz acharem-se em plena actualidade, copiou-os da 1.ª e 2.ª *Reflexão* da Parte Terceira do trabalho de Francisco José Freire, mas não volveo os olhos á *Reflexão* 12.ª da Parte Segunda, onde, se o fizesse, facil lhe fora dar com a passagem

(296) *Replica*. § 102, n. 350.

que, pouco ha, transcrevemos do mesmo escriptor portuguez, arrolando entre os antiquados o vocabulo *lidimo*.

Lá está, a pag. 99, tal qual a traspassamos.

"Alem de tudo, porem", diz o dr. Ruy (*Replica*, n. 352), cerrando suas ponderações em defesa do adjectivo *lidimo*, "accresce uma circumstancia muito para advertir. É no rol de palavras antiquadas, tecido, vae em tres seculos, por Duarte Nunes, que estriba o Dr. Carneiro a sua nota de archaismo á expressão *lidimo*. Pois bem: o mesmo Duarte Nunes, que na sua *Origem da Lingoa Portugueza* tachava de obsoleto esse vocabulo, ainda o traz na sua Chronica *d'el-rei D. João o I*, c. 46, pg. 189 (ed. de 1780): "Assim que por tal confirmação os ditos filhos, que ha, sejam *lidimos*".

Mas releva notar que Duarte Nunes de Lião estampou a sua *Origem e Orthographia da Lingoa Portugueza* em 1606, e só 37 annos depois dessa publicação, em 1643, é que se tiraram a lume as *Chronicas d'elrei D. João o I e dos Reis de Portugal o X e as dos Reis D. Duarte e D. Affonso o V*.

Ora, nesta obra, publicada 35 anos depois da morte de seo autor, não poderá haver um ou outro vocabulo, uma ou outra construcção cuja responsabilidade se não deva com toda a segurança e verdade attribuir inteira ao autor?

"Na impressão dessas *Chronicas*", dizem os autores do *Diccionario da Real Academia das Sciencias de Lisboa* (Pg. CXXXVIII), "alguma vez se lhes alterou o texto, visto que no fim do Cap. 60 da de el-rei D. João o I se faz memoria da acclamação d'el-rei D. João IV".

Se se lhes alterou o texto, que muito é que se lhes alterassem palavras, quando não era vivo o autor para lhes dar a ultima de mão?

O suffixo *imo* do antigo vocabulo portuguez *lidimo* é da mesma natureza e tem a mesma procedencia que o suffixo *imo* de *legitimo*, que é o mesmo que observamos em *minimo*, *intimo*, *infimo*, *ultimo*, *optimo*, *pessimo*, *finitimo*, *maximo*, *pequenissimo*, *grandissimo*, *bonissimo*, *malissimo*, *proximo*, *excellentissimo*, *reverendissimo*, *facilimo*, *dificilimo*, *pauperrimo*, *celeberrimo*, *uberrimo*, *asperrimo*, *saluberrimo*, *humilimo*, *riquissimo*, *dulcissimo*, *bonissimo* (*) e todos os mais superlativos syntheticos terminados em *imo*, *umo*, ou *emo*, viriantes de *imo*, notadas em *postumo* (a orthographia *posthumo* é falsa) (297), *supremo*, *postremo*.

(*) Já mencionado tres linhas acima.

(297) Vem do latim *postumus, a, um*. O italiano e o hespanhol escrevem *postumo* de accordo com a etymologia. Vide Walter W. Skeat. (**) *An Etymological Dictionary*. Pg. 459.

(**) Na 2.ª ed. lemos "Skeaty".

Do vocabulo latino *legitimus, legitimo* em portuguez, proveio a palavra *lidimo,* corrupção de *legitimo,* pela queda mui frequente do medio, consequente transformação em *i* longo do *ei,* resultante da queda dessa consoante media, e abrandamento do *t* em d, pela lei do menor esforço, conservando-se no vocabulo de origem popular *lidimo* o accento originario, o que é uma das leis a que obedecem os idiomas novo-latinos, nas transformações dos vocabulos da lingoa matriz.

"O *g* medio sibilante cáe ás vezes", diz Pacheco Junior: magister — mestre; regina — rainha; viginte — vinte; triginta — trinta; sexaginta — sessenta; e em todos os sufixos *ginta* dos numeraes; quadragesima — quaresma; legalis — leal; legalitatem — lealdade; regalis — real; regnum — reino; legere — ler, ant. leer; legem — lei; ligare — liar; magis — mais; cagitare — cuidar; LEGITIMUS — LIDIMO, LEYDIMO ant.; pagensis — payz, etc., etc.". (298)

"O *g* medio", diz Ribeiro de Vasconcelloz, em sua *Grammatica Histórica,* "não sendo seguido de *e* ou *i,* cahio geralmente nas palavras que constituiam o primeiro vocabulario portuguez.

"Ex.: leal — legale; real — regale; (*) liar — ligare; liame — ligamen.

"Mas, sendo seguido do *e* ou *i,* degenerou *na* fricativa palatal *j,* que depois, na maior parte dos casos, cahio.

"Ex.: regere — reger; redigit — redige; exiges — exiges; legere — leer — ler; quadragesimam — quaraesma, quaraesma ou coreesma — quaresma (lit.) ou coresma (pop.); colligere — colheer, colher; regem — rei; regina (arch.) — reynha, (mod.) rainha; cogitare (arch.) — coidar, cuidar; corrigia — correia; sigillum — (arch.) seello, sello; magistrum (arch.) — meestre — mestre; magis — mais; LEGITIMUM —LIIDIMO, LIDIMO; viginti (arch.) — viinte, vinte; triginta — triinta, trinta; quadraginta — quareenta, quarenta". (299)

Fallando da terminação franceza *ime,* correspondente á portugueza *imo,* assim é que escreve B. Lafaye, em seo excellente diccionario de synonymos da lingoa franceza:

"*Ime,* terminação imitada da latina *imus, a, um,* e destinada a denotar o superlativo: *Illustrissime, richissime,* isto é, *très illustre, très riche.*

"Em nossa lingoa", refere-se Lafaye ao francez, "toda analytica, onde a maior parte das relações se representam por breves vocabulos separados, e não por modificações ou flexões da palavra principal, exprimimos quasi

(298) *Phonologia.* Pg. 68.

(*) Na 2.ª ed. omittiram-se os termos: "real—regale;...

(299) A. G. Ribeiro de Vasconcelloz. *Gram. Hist. da Ling. Port.* VI e VII. Classes do Curso do Lyc. Pg. 62.

todos os superlativos latinos, em *imus*, pelo adjectivo simples precedido de *très, fort, bien.*

"Isto não obstante, admittem-se excepções com respeito ás palavras *minime, infime, suprême* e outras.

"Em si mesmo *imus, a, um* é um adjectivo que tem uma accepção propria; significa o que em uma coisa ha de mais profundo, de mais elevado, sua extremidade alta ou baixa; *imum mare* — o fundo do mar". (300)

Estas ideias de Lafaye são igualmente sustentadas por P. Larousse em suas *Raizes Latinas* a pg. 107:

"Ce trois suffixes dérivées du latin *emus, imus, issimus* marquent toutes trois uns très haut degré, et pourraient se traduire par *très, entièrement, parfaitement, à fond*".

Considerar a palavra *lidimo* um vocabulo grave, como pensa o Dr. Ruy Barbosa, é attentar flagrantemente contra as regras da phonologia.

O *i* accentuado de *legitimo* corresponde ao primeiro *i* do vocabulo *lidimo*, e não ao segundo, que faz parte do suffixo.

Sendo a palavra *lidimo* formada do vocabulo latino *legitimus*, do modo como dissemos, não pode ter accento senão na antepenultima, onde existe o accento no vocabulo latino, de que procede; nem ha palavra alguma em portuguez cujo suffixo tenha origem no supperlativo latino *imus, a, um*, que não seja proparoxytona.

Se são paroxytonos os vocabulos *opimo, cadimo*, é que nestes as duas ultimas syllabas não respondem ao suffixo superlatino *imo*, do latim *imus*.

Em *postremo*, de *postremus* (por *postera-imus*), em *supremo*, de *supremus* (por *supra-imus*), em *extremo*, de *extremus* (por *extra-imus*), (301) a contracção realizada nos seos elementos componentes explica quer a quantidade que tinham no latim, quer a accentuação na penultima syllaba dos vocabulos portuguezes correspondentes.

A pronuncia, pois, de *lidimo*, accentuado na penultima, em lugar de *lidimo*, accentuado na antepenultima, não se justifica, embora o illustrado Dr. Ruy procure escorar-se na autoridade de João de Deos, e no modo de pronunciar dos velhos.

Filinto Elysio, no verso que o Dr. Ruy tacha de um dos peiores, não fez grave ou paroxytono o vocabulo *lidimo*, senão proparoxy-

(300) *Dictionnaire des Synonymes de la Langue Française*. Pg. 273. Septième édit.

(301) Vide Roby *Lat. Grammar*. Part. I. Pg. 274.

tono; proparoxytono fal-o igualmente A. Castilho, accentuando o primeiro *i*:

> "Doe-te esta escravidão? Que me disseras
> Vendo escrava a de Cassio prole *lidima?*"
> "Boa falla conteranea LÍDIMA e sincera".
> (Cast. Vide *Vivos e Mortos*. Vol. 5.º Pg. 64).

É para notar que no verso de Filinto a primeira syllaba da palavra *lidimo*, é notada com accento circumflexo, como a escreve tambem Bluteau, que com todos os diccionaristas, á excepção de João de Deos, a consideram proparoxytona.

Certo não fora este o caso em que, defendendo-se, podera o Dr. Ruy dizer, como o poeta latino:

Plus esse un uno soepe quam in turba boni".

"Alem do mais", diz o Dr. Ruy, cortando por tudo para defender o vocabulo lidimo, "é uma palavra notavelmente prestadiça pela sua bemsonancia e energia.

"Em *legitimo*, o vigor da ideia como que se entibia, resvalando prestemente ao correr da expressão proparoxytona.

"*Lidimo* nos proporciona, para a enunciação do mesmo pensamento, um vocabulo grave, onde a voz, accentuando-se em uma vogal vibrante como o *i*, nos deixa outra impressão de vigor". (302).

Depressa esqueceo ao illustre critico o que relativamente ao som do vogal *i* havia dito em o numero 282 de sua *Replica*, a proposito da censura feita ao verbo *agir*, que o *Projecto* empregou.

Aqui, no vocabulo *lidimo*, "a voz, accentuando-se na penultima syllaba em uma vogal *vibrante* como o *i*, nos deixa outra impressão de vigor".

O *i* é, portanto, aqui considerado uma vogal *vibrante*, que deixa transparecer no vocabulo a energia da ideia de que é signal; alli, no verbo *agir*, se esvaece toda a vibração; o *i* assume outro caracter: já não é a mesma voz vigorosa e vibrante; evoca, ao revez, a ideia de *tristeza* e *pequenez*.

"São o *o* e o *a*", diz o dr. Ruy, "as vozes que correspondem ao movimento, á deliberação, á acção; ao passo que o *i*, predominante em *agir*, desperta *as ideias de tristeza e pequenez*".

---

(302) *Replica*. § cit. n. 351.

Mal se accommodam essas ideias de *tristeza* e *pequenez*, associadas á vogal *i* do verbo *agir*, com a *impressão de vigor*, que aos ouvidos deixa a mesma vogal *i*, em se tratando do vocabulo *lidimo*.

Entretanto é o mesmo Dr. Ruy que affirma da mesma vogal, accentuada num e noutro caso, esses effeitos, que mal se ajustam.

O *i* em *agir desperta a ideia de tristeza e pequenez;* em *lidimo*, pronunciado grave, como o pronuncia o Dr. Ruy, o *i é uma vogal vibrante, deixa outra impressão de vigor.*

Bem razão tinhamos nós, quando, referindo-nos a essas ideias de ligar a cada vogal uma noção, um conceito, uma sensação ou sentimento, appellidamos isso de philologia poetica.

* * *

Antes de rematarmos o que nos pareceo conveniente oppôr ás ponderações do illustre Dr. Ruy sobre o que escrevemos no tocante ao adjectivo *lidimo*, discorramos brevemente sobre a expressão *de feição que*, a qual, tão velha como o vocabulo *lidimo* ou mais, segundo elle affirma, só, ao menos do que se pode colher em sua *Replica*, se encontra em escriptores antigos, taes como João de Barros e outros.

A locução *de feição que*, louçainha, como diz o illustre censor, que a redacção do *Projecto* a mim deve, não foi só usada por Barros, usaram-na tambem amiude entre os quinhentistas Francisco de Moraes e Diogo de Couto, e nos tempos modernos, o elegante e polido Latino Coelho.

Os nossos bons escriptores para exprimirem o sentido que se contem nas locuções *de modo que*, *de maneira que*, *de sorte que*, *de tal modo que*, *de tal maneira que*, *por modo que*, *por maneira que*, *de tal arte que*, recorriam já á locução *de feição que*, tão frequentemente usada por Latino Coelho, já a varias outras, tomadas na mesma accepção, taes as locuções *em forma que*, *em modo que*, *de geito que*, *por feitio que*, *por feitio tal*, *de tal feição que* e outras de sentido analogo, do que damos os seguintes exemplos:

"Na náo dos Moiros foi o seo (fogo) crescendo *de feição, que* se apoderou de toda ella".

(Diogo de Couto. *Dec.* 4.ª Liv. 4.º Cap. 6.º Pg. 280).

"Ainda apertou com elles *de feição, que* os fez lançar ao mar".

(Id. Ibid. Cap. 7.º Pg. 285).

"*De feição que*... despedio com muita pressa o principe."

(Id. Ibid. Liv. 5.º Cap. 3.º Pg. 347).

"E foi o banquete *de feição, que* ficaram os Achens bebados".
(Id. Ibid. Cap. 9.º Pg. 390).

"E desapparelhados *de feição, que* quasi iam desconfiados".
(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 5.º Pg. 31).

"Procedeo nesta viagem *de feição, que* confundia a todos".
(Id. Ibid. Pg. 33).

"E foi *de feição, que* estiveram perdidos".
(Id. Ibid. Liv. 2.º Cap. 3.º Pg. 98).

"*De feição que* o não conheciam pelo rosto".
(Id. Ibid. 8.ª Cap. 30. Pg. 249).

"E perseguiram-nos *de feição, que* embarcaram em suas náos".
(Id. Ibid. Cap. 32. Pg. 276).

"... se esmerou alli *de feição, que* se não cria que o juizo de nenhuma pessoa, por subtil que fosse, alcançasse tanto".
(Moraes. *Palmeirim.* Part. 2.ª Cap. 49. Pg. 328).

"*De feição que* a batalha se avivou em maior braveza".
(Id. Ibid. Pg. 346).

"*De feição que* o de Polinardo foi ao chão com seo senhor".
(Id. Ibid. Part. 1.ª Cap. 23. Pg. 137).

"*Em forma que* entenda claramente o que morre, que está julgado e julgado por Christo".
(Vieira. *Serm.* T. 4.º Pg. 337).

"*Em forma que* jamais se conclua".
(Id. *Cartas.* T. 4.º Pg. 60).

"*Em forma que* não mostremos o fio".
(Id. Ibid. Pg. 113).

"*Em forma que*... se podesse fazer o pagamento".
(Id. Ibid. Pg. 151).

"*Em forma que*... váe com o alfange feito sobre esse vulgacho".
(Filinto. *Obras.* T. 9.º Pg. 148).

"*De geito que* lhes sirvam de palito".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 97).

".....*em modo*
Que espadane na mesa, a flux, o sangue".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 28).

"Scherasmin vê seo Amo, que crêo morto
Em tal feição, que nada bom lhe indica".
(Id. Ibid. Pg. 211).

"*Por feitio tal que* nem o conselho municipal, nem o mére... sabem...".
(A. Cast. *Colloquios Aldeões.* Pg. 246).

"*Por forma que* percaes a saude".
(Id. Ibid. Pg. 25).

"*De feição que* desde então se lhes afrouxou a fibra mais e mais".
(Lat. Coelho. *Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 353).

"*De feição que* ás mais brilhantes e progressivas civilizações responde uma forma idiomatica menos perfeita e engenhosa".
(Id. Ibid. Pg. 45).

"*De feição, que* podesse adiantar o seo processo".
(Id. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 3.º Pg. 474).

"*E de tal feição* se conduzisse que...".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 383).

"*De feição que* as grossas quantias enviadas todos os annos pela côrte de Lisboa servissem de feito a manter decorosamente os jesuitas nacionaes".
(Id. Ibid. Pg. 402).

"*De feição que* não é menoscabada e offendida".
(Id. *Camões.* Pg. 295).

"*De feição que* em nenhuma dellas se podesse dizer mais quinhoada a cultura nacional".
(Id. *A Oração da Corôa.* Pg. CDII).

"E permeiem *de feição que*... resulte a unidade do composo".
(Id. Ibid. Pg. CXIII).

"Mas ha lanços em que o centauro se cabriola *de feitio que* a metade de baixo esperneia em cima".
(Camillo. *Noites de Insomnia. Feitiços da Guitarra.* Pg. 52).

"Fazia *em forma que* com os dedos ficava dando figas á mesma cruz".
(Id. *Cavar em ruinas.* Pg. 126).

"*Por feição que* o primeiro lavrador do Seixo era elle".
(Id. Ibid. Pg. 187).

O que não empregariamos, por se haverem de todo antiquado, seriam as expressões *por tal que, assim... que, de guisa que*, tão ao sabor dos nossos mais antigos escriptores.

Assim disse Azurára:

"*De guisa que* por sua ajuda sempre o bico têm pegado a as pernas, ou a as pennas o de mais do tempo".

(*Chronica e Conquista de Guiné.* Pg. 275).

"*De guisa que* aos nossos pareceo necessario de se tornar para seos navios".

(Ibid. Pg. 349).

E João de Barros escreveo:

"*Assim* o fizeram com tento, *que* ambos a seo tempo, com animo e ordem deram nos moiros".

(*Dec.* 2.ª Liv. 1.º Cap. 6.º Pg. 79).

"*Assim* cortavam nos moiros de morte, que começaram a desamparar a defensão".

(Ibid. 3.ª Liv. 9.º Cap. 4.º Pg. 389).

Da expressão *por tal que* transcrevem-nos o seguinte exemplo as *Memorias de Litteratura*:

"*Assim* amou Deos ao mundo, *que* lhe deo seo unigenito Filho, *por tal que* todo o que nelle crer, não pereça...".

(*Mem. de Litt. Port.* T. 5.º Pg. 227).

"Que será se tem sempre accesos e providos os dois lumes da evidencia e probabilidade, *por tal que* lhe não escape".

(Ibid.).

LXXVI

Despedimento.

Estava assim redigido o art. 1230 do *Projecto*:

"O locatario que, sem justa causa, despedir o locador, será obrigado, não só a pagar-lhe a retribuição vencida, como metade da que receberia desde o dia da *despedida* até o tempo legal de findar-se o contracto".

Emendando este artigo e substituindo o termo *despedida* por *despedimento*, faz o Dr. Ruy a seguinte reflexão (*Parecer*, nota ao art. 1230):

"*Despedida*". "Bem que seja, em geral, o acto de se despedir, ou despedir a outrem, não costuma applicar-se ao caso de força, ou emprego de autoridade".

"O uso já lhe deo accepção mais restricta.

"Ninguem diria "a *despedida* dos operarios", ou "a *despedida* dos criados", para exprimir o acto do patrão dispensando os seos famulos ou trabalhadores.

"A ser forçoso recorrer, na hypothese, aos compostos do verbo *despedir*, parece, portanto, que poderiamos dizer, com mais acerto, *despedimento*, referindo-nos aos locadores de serviços, com quem o locatario rompe o contracto".

Tanto o vocabulo *despedida* como *despedimento* significam o acto de *despedir* ou *despedir-se*, não se notando no primeiro esse sentido restricto a que o adstringe o Dr. Ruy Barbosa.

Ao contrario do que pensa o illustre censor, julgamos que a palavra *despedida* é mais propria para exprimir o acto pelo qual alguem dispensa um serviçal, um operario; demissão, acto de destituir de emprego.

No sentido de acção pela qual nos despedimos de outrem era pelos nossos escriptores empregado um ou outro.

Assim é que do segundo, usado nessa accepção, nos fornecem exemplos Camões, nos *Lusiadas*, Francisco de Moraes, no *Palmeirim* de Inglaterra, e Filinto Elysio, no *Zadig ou o Destino*, nos seguintes lugares:

"Determinou de assim nos embarcarmos
Sem o *despedimento* costumado,
Que posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta ou fica mais magoa".
(*Lusiadas*. Cant. 4.º Est. XCIII).

"Este *despedimento* pareceo a Targiana que seria para sempre".
(*Palmeirim*. Part. 2.ª Cap. 167. Pg. 390).

"Nem o *despedimento* entre Lentoc e o Zadig se fez sem muitas lagrimas".
(Filinto T. 9.º Pg. 120).

No sentido de demissão, exoneração, empregou-o Garcia de Rezende no trecho seguinte:

"Disse que o mandara chamar, sentindo muito seo *despedimento* e partida".
(*Livr. Classica*. Pg. 262).

Do termo *despedida* se utilizavam os nossos classicos já no sentido de acto de *despedir* outrem do serviço, o que ainda hoje é de meneio commum em nossa linguagem, já no sentido em que os tres escriptores, que acabamos de citar, empregaram o vocabulo *despedimento*, como se vê nos seguintes lugares de Rodrigues Lôbo e Camillo:

"E fazendo dalli com os olhos de novo *despedida*, foi caminhando e chegou á ribeira de Arunca".
(*Primaveras*. Vide *Dicc.* de Domingos Vieira. Vol. 2.º Pg. 919).

"A viuva condescendeo na *despedida* da velha ama".
(*A Engeitada*. Pg. 51).

Fazendo a discriminação entre alguns substantivos em *mento* e outros vocabulos de sentido analogo ou quasi identico, assim escreve Leoni, assignalando os toques differenciaes entre *torção* e *torcimento*, *arrepio* e *arrepiamento*, *contento* e *contentamento*, *descoberta* e *descobrimento*, *jura* e *juramento*, *mando* e *mandamento*, *pago* e *pagamento*, *passo* e *passamento*, *promessa* e *promettimento*, *recepção* e *recebimento*, *trato* e *tratamento*, *subida* e *subimento*, *transporte* e *transportamento*:

"*Torção*", diz Leoni, "é a acção violenta, rapida, definita de torcer; *torcimento*, o acto successivo de torcer ou de torcer-se.

"*Arrepio* — É um desses actos cuja serie representa a palavra *arrepiamento; arrepiamento*, o arrepiar continuo de quem tem frio.

"*Contento* — o mesmo que contentamento; porem circumscripto, limitado; *contentamento*, satisfação continuada, não interrompida.

"*Descoberta* — part. pas. fem. de *descobrir*, substantivado e com significação activa, porem denotando tempo definido; *descobrimento* — acto successivo de descobrir; v. gr. o — das terras e mares do Oriente.

"*Jura* — Modo de jurar, conciso, rapido, como o de que usa a gente mal educada, a quem provoca a ira; *juramento* — acto de jurar, em que se observam certas formalidades, tanto religiosas, como judiciaes, e que, por isso, é mais ou menos extenso e prolongado.

"*Mando* — Acto de mandar, circumscripto, limitado; *mandamento* — prescripção de vigor e execução permanente; v. gr. os do *Decalogo*.

"*Pago* — Acto de pagar, peremptorio, definito, o resultado deste acto; *pagamento* — acto de pagar a muitos individuos por uma ou mais vezes, ou a um só em epochas ou periodos successivos.

"*Passo* — Acto definito e abreviado de passar; *passamento* — acto successivo, prolongado de passar a alma desta vida para a eternidade.

"*Promessa* — Contem uma ideia mais expressa e determinada do que *promettimento*. É o acto de prometter *certa* e *designada* coisa; *promettimento* — acto de prometter indefinito, indeterminado, que dá a ideia de extensão e grandeza.

"*Recepção* — Acção breve e definita de receber; *recebimento* — acto de receber extenso, prolongado, como o da entrada de um principe, de um embaixador.

"*Trato* — Acção de tratar, breve, definita; pelo que dizemos: homem de facil, de aprazivel *trato; tratamento* — acto extenso, indefinito de tratar ou ser tratado.

Á luz dessas ideias de Evaristo Leoni, desenvolvidas no *Genio da Lingoa Portugueza* (T. 2.º Pgs. 260 a 270), vê-se que a palavra *despedida* exprime mais propriamente o acto breve, definido, decisivo de despedir alguem, de dispensal-o do serviço; o acto breve, definido de se despedir de outrem; *despedimento* — denota o acto ou acção de despedir ou despedir-se, acção sucessiva, indefinida, considerada em relação ás circumstancias que a acompanham.

Estas reflexões de Leoni, verdadeiras em relação aos vocabulos aqui apontados, já não parecem applicar-se, com o mesmo gráo de verdade, ao uso que hoje em dia se faz, em nossa lingoa, dos termos *enterro* e *enterramento*, significando este o acto ou acção de lançar o cadaver na sepultura; aquelle a acção mais extensa de leval-o á ultima jazida, com todas as cerimonias religiosas que a acompanham.

Temos, porem, por certo que, não obstante a existencia das duas palavras no vocabulario de nossa lingoa, o vocabulo *despedimento*,

quando se trata do acto de dispensar criados, operarios, tem, no uso actual de nosso idioma, (*) aberto praça ao vocabulo *despedida.*

Desses vocabulos em *mento* uns ha que de todo cahiram em desuso, outros são raramente usados, tendo a lingoa, para os substituir, outros substantivos, compostos pela maior parte do mesmo thema.

Assim que o antigo vocabulo portuguez *destruimento* é substituido por *destruição; baptizamento,* por *baptizado; fallamento,* por *fala; partimento,* por *partida; preparamento,* por *preparação* ou *preparativo; embarcamento,* por *embarque; vendimento,* por *venda; abalamento,* por *abalo; accendimento,* por *incendio, fervor de espirito; amoestamento,* por *amoestação; avisamento,* por *parecer, conselho, juizo; subimento,* por *subida; abilhamento,* por *enfeite, ornato; afagamento,* por *afago, acto ou acção de afagar; contradizimento,* por *contradicção; finamento,* por *fallecimento, morte; fallimento,* por *falta, falha, erro, omissão; tornamento,* por *tornada, volta, regresso; desaforamento,* por *desaforo; ganhamento, acto de ganhar,* pelo vocabulo *ganho.*

(*) Na 1.ª ed. lemos, por erro de revisão: "de nossa idioma".

LXXVII

Filiar a e *filiar em.*

Ao illustre critico censuramos, em nosso trabalho (Pg. 95), o haver empregado alguns modos de dizer mais raramente usados dos classicos; taes como o verbo *influir*, seguido da preposição *sobre* e o verbo *filiar*, acompanhado da preposição *a*, regendo-lhes essas duas preposições os complementos indirectos.

Affirmamos que no fallar classico era muito mais frequente, tratando-se de um ou outro desses verbos, o emprego da preposição *em*, e adduzimos, em apoio do que alli dissemos, os exemplos seguintes de Latino Coelho:

"*Influir* espiritos guerreiros *nos* filhos de Portugal".

"O idioma latino pertencia não somente á grande familia indo-européa, *em que* o celta *se filia*, mas os dois idiomas tinham entre si laços mais estreitos. (*Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 70).

"O general Saldanha *filiado no* partido radical".
(Ibid. Pg. 219).

Eis o modo como, em relação ao segundo dos alludidos verbos, responde, em sua *Replica*, o Dr. Ruy, á censura alli articulada:

"Não nos diz o critico bahiano onde se lhe deparou, no meo trabalho, a locução *filiar a*. Certo que não foi no texto do substitutivo; e isso devia bastar, para que me forrasse a uma censura, cujo objecto era apurar se eu corrigira bem ou mal o *Projecto*, revisto pelo Dr. Carneiro.

"Mas o mestre não se contem. Sua questão não é restabelecer a boa linguagem no *Projecto*, mas demonstrar quanto se enganava o commum da gente em me suppor bem apontado no escrever.

"Pouco feliz, pouco feliz, porem, o mestre, não raro me deixa provar do proprio texo das censuras que me faz a sua semjustiça.

"Assim é que, extranhando-se de ver-se pospor ao verbo *filiar* a preposição *a*, que elle quereria substituida por *em*, des'arte se enuncia: "No fallar classico é *muito mais frequente* o emprego da preposição *em*".

"*De muito mais frequente* qualifica a preposição *em*. Logo, bem que não tanto, reconhece o mestre ser *frequente* no fallar classico a preposição *a* com o verbo *filiar*. Pois é quanto me basa. Entre um dizer *mais* e outro *menos frequente*, porem ambos *frequentes*, e *classicos* os dois, não será menos acertado o segundo que o primeiro. Preferindo o *bom* ao *melhor*, não me podem arguir de que elegesse o ruim". (303)

Fragil, fragilimo é, neste particular, o raciocinio do Dr. Ruy Barbosa.

Quando, fallando de dois homens, dizemos que um muito mais alto é que o outro, não significamos que ambos são altos, ou quando, tratando da idade de duas pessoas, se affirma ser uma dellas muito mais velha que a outra, não se entende serem necessariamente ambas velhas; se, em relação a duas arvores, sustentamos ser uma muito mais frondosa que a outra, não inculcamos serem ambas frondosas; quando o medico, estudando a histero-epilepsia nas cidades e nos campos, affirma que essa entidade morbida é muito mais frequente na cidade que no campo, não se infere necessariamente de suas palavras que tambem no campo seja frequente a grande nevrose, ou que o seja num e noutro lugar, na cidade e no campo.

Um palacio diz-se muito maior, muito mais amplo que uma cabana, mas nem por isso ninguem os supporá ambos grandes, ambos amplos.

Assim o dizer que uma phrase, uma construcção, um modo de travar o discurso, é muito mais frequente que outro, não implica necessariamente serem ambos frequentes, podendo um delles até ser muito raro, rarissimo, sem ser acoimado de inexacto no fallar o que dissesse ser um mais frequente que o outro.

"Não nos diz o critico bahiano onde se lhe deparou, no meo trabalho, a locução *filiar a*.

"Certo que não foi no texto do substitutivo".

São palavras do Dr. Ruy.

Pois bem: vou dizer-lh'o. Metio-lhe desta vez a retentiva: foi ahi mesmo, no proprio substitutivo, na emenda ao art. 1436 do *Projecto* que encontramos o *filiar a*, como o demonstra a emenda a esse artigo, assim redigido pelo eminente contradictor:

"Nullo será este contracto, quando o risco, de que se occupa, se FILIAR A actos illicitos do segurado, do beneficiado pelo seguro, ou dos representantes e prepostos, quer de um, quer do outro".

---

(303) *Replica*, § 104, n.º 354.

Já vê o Dr. Ruy que não havia certeza em seo espirito, quando atirou ao papel aquella sentença: "*certo* que não foi no texto do substitutivo".

Mas porque nos não mostrou, por extractos dos nossos mestres da linguagem, ser frequente em nosso idioma aquella regencia, que lhe extranhamos?

Nada em justificativa do *filiar a.*

Nem um exemplo sequer.

Disse que era frequente a syntaxe de que usou, porque lhe eu affirmara ser muito mais frequente a outra, isto é, a em que depois de *filiar* se usa da preposição *em*, para lhe reger o complemento indirecto.

Agora leia o esclarecido critico os exemplos seguintes, que sanccionam o *filiar em*:

"Fazem esforços desesperados para os *filiarem nas* tradições da Igreja".
(A. Herc. *Opusc.* T. 1.º Pg. 269).

"*Filiadas nas* associações de diversos feitios e nomes".
(Id. Ibid. Pg. 295).

"E que o seo clero *se filia* na seita dos modernos iconoclastas".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 52).

"Teria resolvido, passados alguns annos, *filiar-se na* (ordem) dos menores".
(Id. *Hist. da Inq.* T. 2.º Pg. 184).

"*Filiam-se* por ventura com fundada plausibilidade... *nos* principios fundamentaes da eschola pythagorica".
(Lat. Coelho. *A Oraç. da Corôa.* Pg. CCCIV).

"Uma razão que não *se filiava em* considerações tacticas e estrategicas".
(Id. *Hist. Pol. e Milit.* T. 3.º Pg. 235).

"*Filiar* a lingoa patria *em* origens celticas".
(Id. *Elog. Acad.* T. 1.º Pg. 42) .

"E *filiam* uns *nos* outros os mais esplendidos conceitos da razão e da sciencia".
(Id. *Camões.* Pg. 26).

"Nem pronuncia como impossivel que um idioma *se filie noutro* mais perfeito e copioso".
(Id. Ibid. Pg. 88).

"Se vieres a *filiar-te neste* apostolado pedagogico".
(Camillo. Vide *Delphina do Mal* de Th. Ribeiro. Pg. XLVIII).

"*Filiou-lhe* a phrase *no* latim".
(A. F. Barata. *Estudos da Ling. Port.* Pg. 46 nota).

"*Filiem-se* ellas, ou não *se filiem no* imperfeito do conjunctivo latino".
(Candido de Figueiredo. *O que se não deve dizer.* Pg. 71).

Com o substantivo *filiação* usou tambem Latino Coelho da mesma preposição, no seguinte lanço:

"A sua *filiação na* velha raça proscripta".
(*Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 67).

Bem é que digamos, em abono da verdade, que uma ou outra vez se nos tem deparado a locução *filiar a;* mas o Dr. Ruy, que tão avesso se mostra aos modos de dizer alheios do sabor classico, que sempre levou de brio moldar o seo dizer pelas normas dos mais abonados textos da linguagem, não devia, parece, preferir construcções mais raras nos mestres ás que lhes são mais frequentes e habituaes.

LXXVIII

Trecho mal construido.

Ao numero 484 de sua *Replica* põe o Dr. Ruy uma nota, em que responde a uma censura, que nos pareceo cabida, á emenda que fez ao art. 1785 do *Projecto.*

Era assim formulado o artigo:

"O immovel que não couber no quinhão de um só herdeiro, ou não admittir commoda divisão, será vendido em hasta publica e repartido o preço, excepto se algum ou alguns herdeiros requererem que lhes seja adjudicado, repondo aos outros, em dinheiro, o excesso dos seos quinhões".

Com a emenda do Dr. Ruy ficou deste modo redigido o artigo:

"O immovel que não couber no quinhão de um só herdeiro, ou não admitir divisão commoda, será vendido em hasta publica, dividindo-se-lhe o preço, excepto se um ou mais herdeiros requererem lhes seja adjudicado, repondo elle ou elles aos outros, em dinheiro, o que para estes sobrar".

Censuramos o *para estes sobrar;* ao que nos responde o Dr. Ruy:

"Se, em vez de "*para estes sobrar*", tivesse eu escripto "*a* estes sobrar", diria coisa absolutamente diversa do que se queria.

"O adjudicatario não reporá em moeda aos outros herdeiros "o que *a* estes sobrar"; porquanto *a* estes, que ainda nada terão havido, nada sobrará. Repõe-lhes sim o que *a* elle adjudicatario sobrará do seo quinhão, *para* o dos outros, ainda não inteirado". (304)

A explicação mesma prova que não vae bem alli aquelle "*para* estes sobrar".

Com effeito: se a pessoa a quem sobra é o adjudicatario ou adjudicatarios, que têm de repor aos outros herdeiros, em dinheiro, o que lhes sobrou, porque não dizer alli o que *lhes sobrar,* quando se vê pelo sentido que se pretende exprimir, de accordo com a explicação

(304) — *Replica.* nota 1.ª ao n. 484.

do Dr. Ruy, que o *lhes* se não pode referir senão ao herdeiro ou herdeiros adjudicatarios, indicados na phrase do illustre autor da *Replica* pelas formas *elle* ou *elles?*

Ao demais, aquelle *elle ou elles* depois do participio *repondo*, na emenda do Dr. Ruy, atravanca sem necessidade a phrase.

Depois das expressões "*excepto se um ou mais herdeiros requererem lhes seja adjudicado*" da redacção Ruy, é superfluo, é totalmente superfluo accrescentar aquella forma pronominal *elle ou elles* ao participio *repondo*, porque ninguem, absolutamente ninguem, deixaria de attribuir a acção do verbo *repôr* á expressão *um ou mais herdeiros;* de modo que, eliminado esse travão da phrase, ficaria assim redigido o texto, sem nada perder em clareza, nem em harmonia:

"...excepto se um ou mais herdeiros requererem lhes seja adjudicado, repondo aos outros em dinheiro o que *lhes* sobrar".

Claro está que o que repõe é o herdeiro ou os herdeiros adjudicatarios.

LXXIX

AINDA A PROPOSITO DE ALGUMAS REFLEXÕES FEITAS PELO DR. RUY BARBOSA SOBRE OS MEOS TRABALHOS GRAMMATICAES

Em nossa *Grammatica Philosophica* (Pgs. 412-414), fallando de certos casos de regencia irregular, ocorreo-nos tocar em algumas construcções portuguezas, mais geralmente usadas em linguagem popular, e a que se dá o nome de *hebraismos* ou *semitismos*, e escrevemos então:

"Por uma elegancia, a que Fr. Francisco de S. Luiz chama *hebraismo*, costuma a lingoa portugueza collocar ás vezes o complemento directo ou indirecto no rosto da phrase, sem preposição alguma, separado do seo antecedente, cuja relação com o consequente se fixa por uma variação pronominal. Na analyse grammatical faz-se abstracção dessa variação pronominal, mero signal da relação exprimida pela palavra complementaria. Exemplos:

"Em Diu não estavam as armas ociosas, porque *Rumecão*, valoroso e constante, não *o* assombravam os damnos recebidos". (J. Freire).

"Regida pela lei das mulheres, *que lhes* parece merecer mais o tempo que a vontade". (Barros).

"Um grande *merecimento* nunca *lhe* faltou a inveja". (Vieira).

"De subdiacono não seja ordenado *quem lhe* faltar esta qualidade". (Souza).

"*Quem* tão confiado é em seos guardadores, escusado *lhe* seria eu". (Barros).

"*Quem* foi rei sempre *lhe* fica a magestade". (Prov.).

"Os *brincos*, os *jogos*, os *passatempos pueris*, parecia que a natureza o creara isempto da inclinação *delles*". (Souza).

"E c'o seo apertando o rosto amado
Que os soluços e lagrimas augmenta.
Como menino da ama castigado
Que quem o afaga o choro *lhe* accrescenta".
(Cam.).

"*Que* porque do salgado mar nasceo,
Das agoas o poder *lhe* obedeccia".
(Idem).

"Vereis *este* que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vae buscando.
Tremer *delle* Neptuno de medroso".
(Idem).

"Por uma construcção semelhante é que se explicam os seguintes versos de Camões:

"*Eu* que cahir não pude neste engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-*me* com grandes abundancias
O peito de desejos e esperanças".
"Que *eu* em sangue e nobreza
O claro ceo *me* extremou".

"A maior parte, porem, dos grammaticos com razão censuram estas duas ultimas passagens do poeta portuguez, as quaes fazem lembrar o incorrecto *eu parece-me* do vulgo".

Nos *Serões Grammaticaes* (Pg. 311), vindo ao ponto relativo a essa construcção, assim nos exprimimos:

"Quando se trata do pronome *eu*, é essa construcção semitica proscripta pela maior parte dos grammaticos.

"Assim é que não é para imitar a syntaxe de Camões na seguinte estancia:

"*Eu* que cahir não pude neste engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-*me* com grandes abundancias
O peito de desejos e esperanças".

No mesmo caso está o *eu parece-me* de Garrett, condemnado por muitos e justificado por alguns".

Ahi fica tudo o que na *Grammatica Philosophica* e nos *Serões Grammaticaes* escrevemos, no que respeita ás construcções semiticas, em que se filia o *eu parece-me*, cuja syntaxe, por grandes que sejam os esforços com que a defendem, não deixaremos de haver por irregular e viciosa.

Agora examinemos a censura articulada pelo Dr. Ruy Barbosa relativamente ao assumpto.

Assim é que, em nota para justificar a expressão *eu parece-me*, de que usou em o numero 36de sua *Replica*, se exprime o preclaro censor:

"*Eu parece-me*". Silva Tullio (*Estudinhos da Ling. Mat.*), (*) Silvestre Ribeiro, *Ensaio de Estudos Prat. da Litteratura* (Lisb., 1884), p. 539, e Carneiro Ribeiro, *Gramm. Philos.*, p. 414, 435, condemnam como "solecismo reprehensivel", que "barbariza e deturpa a nossa lingoa, essas expressões" e suas congeneres: *Eu convem-me. Eu admira-me. Eu aborrecem-me*".

"Mas Latino Coelho (*Elog. Acad.*, v. I, p. 59-60) enxerga nesse dizer um dos semitismos da nossa lingoa, havido por correcto no idioma de onde se origina. Figueiredo (*Liç. Prat.*, n. I, p. 124-5) reivindica-lhe a legitimidade em o nosso. "Em vez de ser erro", diz Julio Ribeiro, "é uma figura *cheia de naturalidade e bellissima*" (*Gramm.*, n. 457, p. 257-8).

"Ora com estes se acha o uso popular e o uso classico. Do popular, somos a cada passo testemunhas. Não o ha mais frequente. Do classico, igualmente comezinho, se encontram bastantes exemplos na grammatica de João Ribeiro, a quem essa construcção parece "não raras vezes elegantissima" (Pg. 212-17). Outros nos depara, nos *Serões* (p. 310-11), o proprio Dr. Carneiro, que, por singular incongruencia, considerando "não para imitar" essa construcção, quando praticada *com o pronome eu*, de "*elegancia*" a qualifica nos outros casos. Ora, não ha, nem elle tentou mostrar que houvesse, (e não poderia fazel-o) não ha, digo eu, diversidade grammatical nenhuma desses para aquell'-outro. Em todos os casos, seja qual for o sujeito, pronome, ou não, é a mesma interrupção da ordem grammatical pela anacoluthia, variando na sentença o nexo da construcção encetada".

A despeito da alta autoridade de Candido de Figueiredo, de Julio Ribeiro e de João Ribeiro, citados pelo Dr. Ruy, é innegavel que a syntaxe das phrases: *eu parece-me, eu admira-me, eu importa-me, eu aborrece-me, eu convem-me, eu apraz-me, eu agrada-me* não é totalmente immune de vicio.

E o proprio Latino Coelho, que, segundo o illustre contradictor, abona, tomando-as por correctissimas, as phrases que averbamos de defeituosas, reconhece que nesses modos de dizer, vulgarissimos no discurso habitual, se emprega uma grammatica viciosa, de todo em todo opposta á grammatica scientifica e regular.

Eis como sobre o assumpto se exprime Latino Coelho (*Elog. Acad.* T. 1.º Pgs. 58 a 60):

"Mas são nullos os effeitos produzidos na flexão pelo systema dos suffixos arabigos, e são poucos, ainda que não de todo imperceptiveis os vestigios, que da sua construcção grammatical permanecem ainda hoje nas lingoas peninsulares, principalmente no commum dizer do povo, cujas formas syntacticas ás vezes mais parece que se ajustam pelas grammaticas semiticas do que pelas formas theoricamente mais correctas da construcção greco-latina. Entre estes *semitismos* da lingoa portugueza popular (a litteraria é sempre mais ou menos artificial e privativa das gentes cultivadas e eruditas, e constitue uma excepção

(*) O titulo da obra de Silva Tullio foi citado com um equivoco, pois a obra chama-se "Estudinhos da lingua patria".

ao fallar commum) um dos mais frequentes é sem duvida o principiar a oração por um nome, que figura no caso recto e todavia não é o seo agente grammatical, mas logicamente representa a ideia predominante no conjuncto de um pensamento. *É uma infracção da grammatica scientifica e regular*, e comtudo é vulgarissimo dizer-se no discurso habitual, ainda na bocca dos mais eminentes oradores, quando fallam sem rhetorica affectação. *Eu parece-me*. São construcções, que se nos deparam nos escriptores de melhor nota, e de que nem o correctissimo Vieira sahio immune, syntaxes como a deste passo de um sermão: "*Os tres reis orientaes*, que vieram adorar o filho de Deos, recemnascido em Belem, é tradição da igreja que *um era preto*" e este periodo de João de Barros: "Martim Affonso de Mello, como o navio vinha dirigido a elle... ficou o navio com elle, e feita cada um sua jornada, Sebastião de Sousa se veio para Malaca".

.....

"Ora esta grammatica, *certamente viciosa*, e que só por forçadas ellipses explicavam os theoricos da linguagem, não é senão a mesma que os arabes observam, sem que a reputem erro ou incorrecção".

Reprovando o *eu parece-me*, *eu convem-me*, *eu admira-me*, *eu aborrecem-me*, diz Silva Tullio (*Estudinhos*. Pg. 12):

"Todas essas locuções são *viciosas*, barbarizam e deturpam a nossa lingoa...

"Devem, pois, corrigir-se com a indicada variação do pronome. Deste modo:

"A *mim* parece-me etc.

"A *mim* convem-me etc.

"A *mim* admira-me etc.

"A *mim* aborrecem-me etc.".

Antonio Francisco Barata (*Est. da Ling. Port.* Pg. 75) se não reprova formalmente o *eu parece-me*, tambem o não appova, enunciando-se deste modo:

"*Eu parece-me* é frequentissimo nos que começam de fallar. Não approvando esta locução, tambem a não reprovamos formalmente, pois que nos classicos a encontramos autorizada.

"*Eu* que cahir não pude neste engano,
.....
Encheram-me com grandes abundancas
O peito de desejos e de esperanças".

Ocupando-se no mesmo assumpto, pondera assim Moraes, em seo *Diccionario da Lingoa Portugueza*:

"Os nossos bons escriptores muitas vezes omittem as preposições que haviam de preceder aos nomes, e indicam depois as relações destes, usando dos

casos dos pronomes referidos aos nomes, ou do articular relativo com preposições, ou juncto ao verbo: v. g. "O *menino, que* quem *o* afaga, o choro *lhe* accrescenta";

"Bromia, *quem* com vida ter (por a *quem*)
Já da vida desespera,
Que *lhe* poderás dizer?"
(Camões).

"Regida pela lei das mulheres, *que lhes* parece merecer mais o tempo que a vontade": Por, a *quem* parece. (*Clarim.* 2 c. 6. pag. 57). "*Quem* tão confiado é em seos guardadores, escusado *lhe seria* eu". (Barr. *Clarim.* 2-19). "*Que*, porque do salgado mar nasceo; Das agoas o poder *lhe* obedecia", (*Lusiadas*). "'Vereis *este*, que agora pressuroso por tantos medos o Indo vae buscando, tremer *delle* Neptuno". (*Lusiadas*). "Em Diu não estavam as armas ociosas, porque *Rumecão*, valoroso e constante não *o* assombravam os damnos recebidos". (Freire). "*Aquelle* em que ponho a vista, *por esse* dou a sentença". (Cam. Amphitr. e V *Lusiadas*, 2, 40). "De Subdiacono não seja ordenado *quem* lhe faltar esta qualidade". (Souza. *V. do Arceb.*). "Uma vida de *quem lhe* não lembra nada da outra". (V. Paiva. *Serm.* 1. f. 74). "Um grande merecimento nunca *lhe* faltou a inveja". (Vieira. *Serm.* 7. f. 67).

"Até aqui bem;", assim se exprime Moraes, depois de todos esses exemplos dessa construcção, designada *semitismo* ou *hebraismo;* "mas", continúa o mesmo lexicographo, "é incorrecto dizer: "Que *eu* em sangue e nobreza o claro Ceo me extremou". (Camões. *Filod.*); devia ser: "Que *a mim* em sangue e nobreza o claro Ceo *me* extremou": aliás *eu* será sujeito sem verbo". (305)

Em sua *Nova Grammatica Portugueza* (Pg. 118), não menos explicito é Bento José de Oliveira, que no rol dos solecismos inscreve a locução *eu parece-me*, escrevendo o seguinte:

"*Solecismo* commette-se quando se offendem as regras da syntaxe: Ex.: *Eu parece-me* que não conseguirás isso — *Eu aborrecem-me* os falladores importunos — Sou mais velho gue *ti*..... "Estas locuções devem corrigir-se assim: *A mim parece-me* que não conseguirás isso — *A mim aborrecem-me* os falladores importunos — Sou mais velho *que tu*. — .....

O Dr. Ruy appellida de incongruencia o admittir eu como elegantes muitas vezes certas construcções, conhecidas por *hebraismos*, em quanto considero não para imitar o emprego do pronome *eu* no rosto da phrase, não fazendo de sujeito, como nas locuções já apontadas: *eu parece-me, eu admira-me, eu apraz-me, eu importa-me, eu aborrecem-me* os maldizentes, *eu releva-me* observar, e noutros analogas.

(305) Vide *Gramm.* que precede o *Dicc. da Syntaxe de Regencia.*

Na mesma pecha de incongruente, ao parecer do Dr. Ruy, deve de estar incurso Moraes, que admitte certos *herbraimos,* refusando os fóros de construcções correctas ás em que o *eu,* no rosto da phrase, exerce uma funcção de todo incompativel com a sua propria natureza.

Com effeito, em nenhuma sorte de elemento grammatical em nossa lingoa, e nos idiomas romanicos, ha essas variações de flexão que caracterizam os casos; estes, que se perderam em todas as mais palavras do discurso, conservam-se nos pronomes geralmente chamados pessoaes.

Collocado no rosto de uma phrase ou de uma sentença, o pronome *eu* não pode exercer senão a funcção de sujeito: fazel-o representar o papel de complemento, como em todas essas phrases analogas ao *eu parece-me,* é attribuir-lhe uma funcção inadequada á natureza deste elemento grammatical.

Não corre o mesmo com qualquer outra parte do discurso: pode representar, conforme a tecedura do discurso, ora o papel de sujeito, ora o de attributo, aqui o de complemento directo, alli o de complemento indirecto, alem o de apposto ou compellativo.

O pronome *eu,* não: estando no rosto de uma phrase ou sentença, outro papel não representa que o de sujeito.

Não ha, portanto, incongruencia de nossa parte em ter como correctas e elegantes algumas dessas construcções e viciosas outras, em que figura o pronome *eu* exercendo uma funcção alheia de sua natureza. Nem foi exacto o Dr. Ruy, em se exprimindo nos seguintes termos:

"Em todos os casos, seja qual for o sujeito, pronome ou não, é a mesma interrupção da ordem grammatical pela anacoluthia, variando na sentença o nexo da construcção encetada".

Não: nestas construcções *eu parece-me, eu admira-me, eu aborrece-me* o *eu* não faz de sujeito, como erradamente inculca o Dr. Ruy, senão de complemento; e esta é a razão principal que milita contra esses modos de dizer.

O pronome eu tem sempre no discurso uma funcção fixa e determinada: ou é sujeito, ou, em algumas construcções mais raras, attributo: complemento é que não pode ser sob essa forma, porque sendo um elemento grammatical em que se conservam os casos, outras são as formas ou variações com que se exprimem os complementos. Empregando o *eu* como sujeito e como attributo, mostra-nos Vieira (*Serm.* T. 3.º Pg. 57) dois exemplos numa só phrase:

"Elle é *eu* e *eu* sou elle".

Não desconhecemos que haja entre os classicos exemplos em que se notam as expressões *eu parece-me, eu lembrou-me* e outras analogas.

Assim disse Bernardim Ribeiro:

"*Eu,* que um pouco tardava em lhe responder, pela duvida em que estava do que lhe diria, *parece-me...*".
(*Menina e Moça.* Pg. 24).

E Garret:

"*Eu parece-me* que tenho vontade de fazer o mesmo".
(*Viag. na Minha Terra,* T. 1.º Pg. 148).

"Tudo! quem sabe? *Eu parece-me* que não".
(Id. *Fr. Luiz de Souza.* Pg. 146).

Castilho:

"A que *eu me parece* que amava mais".
(*Mil e Um Mysterios.* Pg. 132).

E Camillo:

"É que *eu....lembrou-me* um caso acontecido ha 89 annos".
(*Noites de Insomnia. Cons. a S. Nazareth.* Pg. 10).

Incomparavelmente mais frequentes são os exemplos em que se dá ao pronome a forma que tem quando representa de complemento, como nos exemplos seguintes:

"*A mim parece-me* demasiado dizer".
(Vieira. *Serm.* T. 13. Pg. 68).

"*Parece-me a mim...* que tomarieis (*) uma de duas resoluções".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 40).

"*Parece-me* que tenho bastantemente provado o meo pensamento".
(Id. Ibid. Pg. 132).

"Mas *a mim me parece* muito vulgar esse nome".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 199).

"*A mim parecia-me* que antes se havia de dizer o contrario".
(Id. Ibid. Pg. 20).

"*Parecia-me a mim* que lá se havia de prégar".
(Ibid. T. 1.º Pg. 62).

(*) Na 2.ª ed. lemos "tomareis".

"Já *me parece* que vos considero cançados de esperar a solução".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 310).

"*A nós parecer-nos-ha* que sim".
(Id. Ibid. T. 15. Pg. 16).

"Nem *a mim me parece* que para nenhum homem nomeadamente esteja esta palma reservada".
(A. Cast. Vide *Vivos e Mortos*. Vol. 1.º Pg. 135).

A proposito do *eu* empregado abusivamente como complemento em phrases analogas ao *eu parece-me*, revela notar que em Castilho se nos offerece um modo de dizer cuja legitimidade se nos afigura contestada, bem que a seo favor tenha a respeitavel autoridade de Candido de Figueiredo (*Nov. Liç. Prat.* Pg. 58): É a expressão *entre elles e eu*, em que, subentendendo-se depois da conjuncção *e* a mesma preposição *entre*, expressa antes do primeiro pronome, o *eu* forçosamente variará para *mim*.

Eis o exemplo que nos fornece Castilho Antonio no *Misanthropo*:

"Odeio toda a gente
com tantas veras d'lama e tão profundamente,
que me ufano de ouvir que *entre elles e eu* existe
separação formal".
(*Act. I. Scena* 1.ª Pg. 11).

A este exemplo contrapomos outros, em que se não infringem as regras grammaticaes.

Taes os seguintes:

"*Entre o Senhor Rei de Portugal e mi* D. Ferrant Lopez de Lorden, Bacharel em Decretos".
(Nunes de Lião. *Chron. d'el-rei D. Affonso o 5.º* Cap. 44. Pg. 321).

"Inuteis pezares! *Entre ella e mim* vou pôr de encontro immensos mares".
(Filinto. *Obras*. T. 10. Pg. 321).

"Duas razões m'o impediam: a primeira, conservar *entre ella e mim* certa igualdade...".
(Id. Ibid. Pg. 305).

"A scena que *entre elle e mim* passara".
(Id. Ibid. T. 11. Pg. 551).

Mas *entre ti e mim* estam estas pesadas abobadas que me esmagam".
(A. Herc. *O Bôbo*. Pg. 260).

"Porque interpões um instrumento de morte e de affronta *entre mim e ti?*"
(Id. *Lendas e Narrat.* T. 1.º Pg. 88).

"Queres saber porque interponho *entre mim e ti* um instrumento de morte e de affronta?"
(Id. Ibid.).

"Quando *entre mim e ti* está a cruz ensanguentada do Calvario".
(Id. *Eurico.* Pg. 46) .

Em sua *Grammatica Portugueza,* fallando da preposição *entre,* depois de registar (*) a locução *entre ti e mim,* Moraes faz abaixo da mesma pagina a nota seguinte:

"Pinto Pereira L. 2.º F. 13 diz mal: "para *entre* el-Rei de Portugal *e eu*": devia ser e *mim*". (306).

Usavam, outrosim, os nossos classicos antigos da locução *quanto eu,* dizendo com Duarte Nunes de Lião e Manoel Bernardes:

"*Quanto eu,* digo-vos que venho Henricado".
(Lião *Chron. d'el-rei D. Fernando.* Pg. 290).

"*Quanto eu,* dou-me por vencido dos conselhos deste bom varão".
(Bernardes. Vide *Livr. Classica.* T. 2.º Pg. 26).

O quanto, (**) porem, nesta locução é um adverbio; ha uma ellipse, facil de destrinçar.

Quanto eu vale o mesmo que *conforme eu penso, conforme ou segundo eu entendo,* isto é, *conforme ou segundo o que me diz respeito, conforme o que me toca.*

Outras vezes se emprega como locução prepositiva o *quanto* seguido de *a,* dizendo-se: *quanto a mim, quanto a ti, quanto a elles.*

• • •

O numeral partitivo dual *ambos, ambas* determina da totalidade dos individuos apenas dois ou duas collecções delles, unidas entre si e apresentando-se junctas ao espirito.

Pelo conceito que se liga ao vocabulo *ambos, ambas,* não se pode este enunciar sem que ao espirito se lhe apresente forçosamente a

(*) Na 2.ª ed. vem graphado "registrar".

((306) Moraes. *Dicc. loc. cit.* nota (17).

(**) Na 2.ª ed. lemos: "Quanto" em vez de "O quanto", e no paragrapho seguinte, lemos: "O quanto" em lugar de "Quanto".

existencia de dois individuos, considerados não um a um, independentemente, mas de modo simultaneo.

Pela ideia mesma que se associa á palavra *ambos, ambas,* vê-se que são redundantes as expressões de que se serviam alguns de nossos escriptores, empregando as locuções *ambos os dois, ambos e dois, ambos de dois,* que, de mais a mais, nenhum vigor, energia ou elegancia trazem á enunciação do pensamento.

Alguns exemplos nos offerece, é verdade, a lição dos classicos; entre os modernos mesmo um ou outro exemplo se nos depara tambem, que se não deve imitar, sob pena de exaggerada affectação no escrever.

Nos classicos, com effeito, se encontram os passos seguintes:

"Com traves pregadas em *ambas* de *duas*".
(Castanheda. *Hist. da India.* Liv. 3.º Cap. 17. Pg. 46).

"De *ambos de dois* a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha".
(Cam. *Lusiadas.* Cant. IV. Est. 72).

"As mais das vezes *ambos os dois* residiam na poisada".
(Cast. *Mil e Um Myst.* Pg. 88).

"*Ambos os dois* illustres escriptores fitaram... a sua particular attenção".
(Id. Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 7.º Pg. 12).

"*Ambos os dois* ganhavam na prorogação da lucta".
(A. Herc. *Hist. da Inq.* T. 2.º Pg. 62).

"O certo é que *ambos os dois* monges tão amigos, tão promptos sempre em communicar um ao outro seos menores e mais intimos pensamentos, caminhavam junctos".
(Id. *O Monge de Cister.* T. 1.º Pg. 99).

"Acho que se emborracham *ambos de dois!*"
(Camillo. *O General Carlos Ribeiro.* Pg. 27).

Mas taes exemplos temos que não são para seguir; sobretudo as locuções *ambos e dois, ambos de dois, ambas de duas,* não abonadas, senão raramente, pelos classicos modernos.

Analysando a expressão de Lucena "*ambos os dois casos*", José de Castilho tem-na por incorrecta, como já tivemos ensejo de dizer, enunciando-se nestes termos:

"É pleonasmo ruim. Ha outro não menos, senão mais, condemnavel, ainda que usado do vulgo e podendo allegar por si os *Lusiadas:*

"D'*ambos de dois* a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha".

"Mas *ambos os dois!* Faz lembrar o *todos dois*, singular gallicismo introduzido, não sabemos como, na plebe do Brasil".

Bem que, traduzindo certos trechos de Cicero e Terencio, Bluteau (*Vocab.*, vide *ambos*) sanccione a locução *ambos de dois*, escrevendo "*ambos de dois* foram vencidos" — *horum uterque cecidit victus—*; "*ambos de dois* reciprocamente se amam"— *uterque utrique cordi est—*; "desprezaram-se *ambos de dois*, pondo cada um o seo gosto nas coisas a que tinha mais affeição" — *horum uterque suo studio delectatius contempsit alterum—*, Moraes (*Dicc.*, vide *ambos*) a reputa pleonasmo muito usado, mas improprio e desnecessario, e Constancio (*Dicc.*, vide *ambos*), que aliás admitte a expressão *ambos os dois*, segue pela mesma esteira do Moraes, reprovando por viciosa a locução *ambos de dois* dos classicos antigos e de Bluteau.

Se entre os escriptores portuguezes pouco ha que recorram com frequencia á expressão *ambos os dois, ambos de dois*, no Brasil ainda mais raro é vel-a meneada por escriptor de alguma estimação, sendo ouvida na bocca do vulgo, que em seo dizer descurado lhe dá as mais vezes por succedaneo o condemnavel gallicismo *todos dois*.

O Dr. Ruy mesmo, que ora tão esforçadamente está a defender a expressão *ambos os dois, ambas as duas*, não sei se fóra da *Replica* recorreo já a esta clausula, que tão ardentemente sustenta.

Não foi, portanto, ao que parece, a expressão empregada no texto da *Replica*, que suggerio a nota, foi sim esta que suggerio, que forçou o apparecimento do *ambas* as duas; escreveo o Dr. Ruy essa locução por causa da nota, e não esta por causa daquella. Isto prova que o seo *ambas as duas* lhe não cahio naturalmente da penna, senão por estudado esforço ou affectação.

Em o numero 36 da *Replica*, o mesmo succedeo com o *eu parece-me*, de que usou intencionalmente, para ter ensejo de fazer estirada nota sobre esse modo de dizer.

* * *

Fallando da concordancia do verbo, quando é este elemento grammatical precedido das expressões *um de, um dos, uma de, um das*, deste modo nos enunciamos em nossa *Grammatica Philosophica* (Pg. 403):

"O verbo collocado depois do adjectivo *que*, precedido de qualquer das expressões *um de, um dos, uma de, uma das*, põe-se no sin-

gular ou plural, segundo a acção exprimida pelo verbo é feita por um só individuo ou por muitos:

"Foi uma de tuas tragedias que se representou hontem no theatro de S. Carlos".

"Foi uma de suas acções que mais me maravilhou".

"O Vouga é um dos rios de Portugal que entram no mar". (Lião).

"Um dos capitulos da lei de Deos que mais deve consolar a um christão é, etc." (Paiva).

"Um dos maiores males que se pode (*) fazer a um reino". (Idem).

Nos *Serões Grammaticaes* (Pg. 267) nos pronunciamos de modo identico.

Apresentando grande copia de exemplos de escriptores notaveis, em que depois das locuções *um de, uma de, um dos, uma* (**) *das*, seguidas do adjectivo *que*, se põe o verbo no singular, contra a opinião de muitos, que, a meo parecer, como razão combate, reprova o Dr. Ruy a explicação que, em taes casos, damos da singularidade ou pluralidade verbal, e formula desta maneira o seo modo de pensar:

"Semelhantemente, dos trechos de classicos portuguezes acima transcriptos, em quasi todos a acção é exercida por muitas entidades, e, não obstante, o verbo está no singular. Considerando, por exemplo, no primeiro e no derradeiro (o primeiro exemplo é o de Fernão Lopes assim escripto: "elle foi um dos que muito contradisse a el-rei"; o derradeiro é o de Castello Branco, assim redigido: "na Asia foi um dos governadores que mais impulsionou a queda do imperio indico"), ver-se-ha, que neste varios governadores *impulsionaram* a ruina do imperio indiano, que naquelle muitos individuos contradisseram a el-rei, entretanto que num se diz *impulsionou*, e *contradisse* no outro.

"Não é, portanto, exacta a regra, formulada pelo Dr. Carneiro (*Gramm.* p. 403), de que o verbo, em taes circumstancias "se põe no singular ou no plural, segundo a acção exprimida pelo verbo é feita por um só individuo, ou por muitos". (307)

É singular essa opinião do illustre critico. Se a acção se affirma de um só individuo, se é pelo verbo que se denota essa affirmação, como dar-lhe a flexão correspondente ao numero plural? E se, ao

(*) Na 2.ª ed. vem assim: "... que se pode*m* fazer".

(**) Tanto na 1.ª como na 2.ª ed., por engano do revisor, lemos: "um dos" em vez de uma das". Mas o engano pode-se comprovar da simples leitura do periodo, e tambem do que está nos *Serões*, pag. 267 da 1.ª ed., citada nesta obra.

(307) *Replica*. § 45. Nota 3, n. 192.

contrario, a acção é attribuida a muitos, se affirma de muitos, como dar-lhe a flexão que denota a singularidade? Variando o sujeito de numero, não deve o verbo que com elle concorda variar correspondentemente de flexão? E, variando, tomará flexão numerica opposta ao numero do sujeito a que se submette pela lei da concordancia?

Diz o Dr. Ruy (Nota cit.) e dil-o bem:

"Nem se trata, nesses casos, de uma anomalia portugueza. Os francezes têm a mesma construcção: "C'est *une* des pièces de Plaute *qui a* eu plus de succès". (Voltaire). "Vous êtes *un* des hommes qui me convient le plus". (Mme. de Sévigné). E, segundo a *Academia Franceza*, tanto se poderá dizer: L'astronomie est *une des sciences qui font* le plus d'honneur à l'esprit humain", como: "L'astronomie est *une* des sciences *qui fait* le plus d'honneur à l'esprit humain". (Ayer. *Gramm. Comparée de la Langue Franc.* ed. de 1885, pg. 484).

A regra que em nossa *Grammatica Philosophica* e em nossos *Serões Grammaticaes* formulamos, relativamente a essa especie de concordancia, é a mesma que formulam todos os grammaticos francezes, quando explicam o mesmo ponto.

Leia o Dr. Ruy Barbosa os diccionarios de Bescherelle Ainé, Littré, o *Diccionario das Difficuldades e Excepções da Lingoa Franceza* de Soulice e Sardou, o *Curso da Lingoa Franceza* de Lemare, a *Grammatica das Grammaticas* de Girault–Duvivier, annotada por Augusto Lemaire e o proprio C. Ayer, e encontrará o que escrevem sobre a locução franceza *un de, une de, un des, une des*, quando se lhe segue o vocabulo *qui* e um verbo.

Eis como se exprime o primeiro desses citados autores:

"Après *un de, un des*, on peut mettre le verbe au singulier ou au pluriel.

"On emploie le singulier quand l'action affirmée par le verbe est faite par un seul agent. C'est un de mes fils qui m'écrit. C'est une de vos tragédies qui a été représentée.

"On emploie le pluriel lorsque l'action qui est exprimée par le verbe est faite par plusieurs agents. Charlemagne est un des plus grands rois qui aient régné. C'est une des plus belles tragédies qui aient été représentées". (308)

Levando o mesmo rumo, explica Littré (309) de modo analogo as duas phrases seguintes:

---

(308) *Nouveau Dictionnaire National* — par Berscherelle Ainé. T. 4.º Pg. 1879.

(309) *Dictionnaire de la Langue Française*. T. 4.º Pg. 2389.

"Votre ami est un des hommes qui manquèrent périr"; "votre ami est un des hommes qui doit le moins compter sur moi"; dizendo: "Dans la première phrase on veut dire: "votre ami est est parmi ceux qui manquèrent périr"; dans la seconde on veut le mettre à part."

"En d'autres termes, quand on peut tourner par: est parmi les hommes, un qui... on met le verbe au singulier; quand on ne le peut pas, on met le verbe au pluriel".

Não é differente neste particular a linguagem com que se exprimem Soulice e Sardou, explicando os seguintes lugares de Fléchier e Fénelon:

"*Voici, messieurs,* une des actions *de sa vie,* qui est *si belle et si extraordinaire, que je ne puis me résoudre à la passer sous silence* (Fléchier); c'est-à-dire, *laquelle action est si belle* etc. — *Nous combattrons pour un* des héros grecs qui ont renversé *la ville de Priam* (Fénelon); c'est-à-dire *lesquels héros ont renversé* etc.

"Ainsi, après, *un de, une de,* suivi d'un substantif pluriel, l'antécédent du pronom *qui* est *le substantif pluriel,* ou bien *ce méme substantif, sousentendu au singulier, selon que l'attribution exprimée par la proposition ayant* QUI *pour sujet convient au substantif pluriel ou au substantif singulier.* (310)

O celebre e profundo grammatico Lemare não explica doutro modo as seguintes phrases:

"C'est un de mes enfants qui a diné chez vous", c'est un de mes procès qui m'a ruiné", "c'est un des enfants qui ont diné chez vous", "c'est un des procès qui m'ont ruiné".

Depois de assim as escrever, faz a ponderação seguinte:

"*C'est selon qu'on veut exprimer l'action comme exécuté par um seul ou par plusieurs, qu'il faut mettre le verbe au singulier ou au pluriel*". (311)

Giraut-Duvivier segue as mesmas ideias de Lemare, cujos exemplos cita, e nestes termos se expressa:

"D'après ces principies, il faudra dire au singulier: "C'est *un* de nos meilleurs Grammairiens qui *a* fait cette faute", parce qu'il s'agit d'un *Grammairien a fait cette faute;* et au pluriel: "Votre ami est un des hommes qui *périrent* dans la sédition", parce qu'il s'agit de plusieurs *hommes qui périrent*". (312)

---

(310) *Petit Dictionnaire Raisonné des Difficultés et Exceptions de la Langue Française,* Pg. 435.

(311) *Cours de la Langue Française.* T. 1.º n. 1321.

(312) *Grammaire des Grammaires de la langue Française.* T. 1.º Pg. 589.

Não é finalmente outro o dictame que, em taes casos, prescreve C. Ayer, em sua *Grammatica Comparada da Lingoa Franceza* (313), dizendo:

"Quand le génitif est un nom pluriel précédé du nom de nombre *un*, le verbe se met au singulier ou au pluriel, selon qu'il est affirmé d'une seule ou de toutes les personnes désignées par le nom pluriel".

De tudo isso se infere, portanto, que não bem avisado andou o alumiado critico, quando averbou de inexacta a regra que formulamos sobre a syntaxe relativa ás locuções *um de, uma de, um dos, uma das.*

Na lingoa franceza, onde diz o proprio Dr. Ruy ser identica a syntaxe, todos os grammaticos formulam a mesma regra que se nota em nossos trabalhos grammaticaes.

São concordancias essas que se explicam por meras ellipses, e não pela *attracção.*

A phrase "foi uma de suas acções que mais me maravilhou" resolve-se na seguinte: "foi uma acção que mais me maravilhou dentre as suas acções".

É para notar que nessas especies de construcções se erra muitas vezes, empregando-se o plural.

Assim, nas phrases: "foi um de teos filhos que jantou hontem commigo", "é uma das tragedias de Racine que se representará hoje no theatro", será incorrecto o emprego do numero plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso.

Enunciando assim o pensamento, intento dizer, na primeira phrase, que não foram todos os teos filhos que jantaram commigo: a acção de *jantar* affirmo-a somente de um delles, como a acção do verbo representar-se, na segunda, se não affirma de todas as tragedias de Racine, senão de uma só, da que se diz ser levada hoje á scena, ser hoje representada.

• • •

"Nas paginas 315-316 dos nossos *Serões*, tratando das preposições que podem acompanhar os objectos directos de alguns de nossos verbos transitivos, escrevemos:

"Alem da preposição *a*, que pode reger o complemento directo, certas phrases ha em que pode ser este regido da preposição *de*, como nos exemplos seguintes:

(313) Pg. 494. ed. de 1896.

"Determinou *de* mandar um rebate na cidade". (D. de Góes).

"Começou *de* prégar ao povo". (Lucas).

"Ordenou *de* fazer a fortaleza de madeira". (Barros).

"Espero *de* te ser este negocio acceito". (Id.).

"A quem lhe desejava *de* comprazer".

"E desejando *de* valer a estes, amaldiçoavam os ministros do crime". (Fern. Pinto).

"Assim como o medico ama a pessoa do doente, mas aborrece-lhe a doença e deseja a procura *de* lh'a lançar fóra". (D. Fr. B. dos Martyres).

"Começou *de* cortar um cacho". (Fr. B. de Brito).

"Começou *de* tanger". (R. Lobo).

"Ao longo desta costa começando
Já *de* cortar as ondas do levante
Por ella abaixo um pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos".
(Cam.)

"Isto não obstante, é para notar que, segundo a regularidade da syntaxe e o uso actual dos que melhor escrevem, não se pode usar desta regencia, de que nos deram exemplo os nossos classicos, sem incorrer em archaismos ou gallicismos. A phrase de Damião de Goes — determinou *de* mandar, a de J. de Barros — ordenou *de* fazer, seriam hoje substituidas pelas seguintes: determinou mandar, ordenou que fizessem; as phrases — desejando *de* valer, desejava *de* comprazer, deseja e procura *de* lh'a lançar fóra, espero *de* te ser, seriam hoje empregadas sem a preposição *de;* e a expressão *começar de* é geralmente substituida por est'outra *começar a*".

Reflectindo assim nos *Serões Grammaticaes*, não sabemos o que de *cerebrino* imaginou encontrar aqui o Dr. Ruy, para lhe oppôr o seguinte (*Replica*, n. 464).

'O Dr. Carneiro, professa, a este respeito, uma theoria *cerebrina*. Reconhecendo em abono dessas formas grammaticaes o beneficio da tradição classica, citando excerptos de Góes, Lucena, Barros, Fernão Mendes, Souza, Brito, Lobo e Camões, onde se associam á preposição *de*, no complemento, os verbos *começar, ordenar, determinar, esperar, desejar, procurar*, conclue: "Isto não obstante, é para notar que, segundo o *uso actual dos que melhor escrevem*, não se pode usar dessa regencia, de que nos deram exemplo os nossos classicos, sem incorrer *em archaismos ou gallicismos*".

'Como conciliar estas duas notas? De que modo, no emprego de uma palavra, ou de uma forma grammatical, se poderá incorrer simultaneamente

nos riscos de *archaismo* e *extrangeirismo?* Se esses vocabulos são *archaicos*, isto é, têm a sua ascendencia no velho portuguez, como os averbar de *gallicismos*, isto é, de importações francezas?

"Se os classificam de *gallicismos*, a saber, de productos forasteiros, contrabandeados á lingoa patria, como harmonizar essa qualificação com o confessado facto da sua vernaculidade? Uma antiologia tão crassa desafia o senso commum".

Quem attentar reflectidamente no que escrevemos sobre este ponto, desde logo cahirá em que o illustre Dr. Ruy não reproduzio com exacção o que dissemos sobre a syntaxe seguida neste particular pelos nossos escriptores.

Com effeito, foram estes os termos em que nos expressámos: "Não se pode usar dessa regencia, de que nos deram exemplo os nossos classicos, *sem incorrer em archaismos ou gallicismos*".

Ponha-se agora em parallelo isto que affirmámos com o pensamento que nos attribue o Dr. Ruy em sua objecção:

"Como", pergunta elle, conciliar estas duas notas? De que modo, no emprego de uma palavra, ou de uma forma grammatical, se poderá *incorrer* SIMULTANEAMENTE nos riscos *de archaismo* E *extrangeirismo?*":

Mas, que dissemos nós? *Incorrer em archaismos* OU *gallicismos*. E *incorrer em archaismos* OU *gallicismos* será exactamente o mesmo que *incorrer* SIMULTANEAMENTE *em archaismos* E *extrangeirismo?*

Pois a conjuncção OU diz o mesmo que E? A ideia exprimida pelo primeiro destes elementos, por essa conjuncção alternativa, casar-se-ha á justa com a noção que se liga ao adverbio, SIMULTANEAMENTE, de que usou o Dr. Ruy?

Não; certamente não: *incorrer em archaismos* OU *gallicismos* não vale o mesmo que *incorrer* SIMULTANEAMENTE *em archaismo* E *extrangeirismo;* do alternado e successivo ao simultaneo vae muito a dizer.

E ainda considerados simultaneamente, como os considerou o Dr. Ruy, não se repellem de necessidade os dois termos.

Que realmente haja antonymia entre os vocabulos *archaismo* e *neologismo*, facil é de conceber; não assim, porem, entre os termos *archaismo* e *gallicismo*.

Pode uma palavra importada do francez ou de outra lingoa qualquer, nacionalizar-se em nossa lingoa, em algum periodo de sua existencia, archaizar-se de todo, e apezar de sua carta de legitimação, não perder o caracter da fonte donde procede, como o portuguez que se

naturaliza francez ou inglez, se perde a nacionalidade do paiz que deixou, nem por isto deixa de ser portuguez pela raça e pelo sangue.

Se assim não fôra, todo o gallicismo, todo o extrangeirismo seria de força neologismo; entretanto sabe-se que os ha em nossa lingoa velhos, velhissimos.

De todas as lingoas de procedencia latina é, como se sabe, o francez que mais tem concorrido para opulentar o vocabulario de nossa lingoa, já estudada na primeira phase de sua existencia, já considerada nos periodos ulteriores de seo desenvolvimento.

Os nossos escriptores, ainda os mais antigos, fornecem-nos grande quantia de palavras, fóra da voga no fallar ou escrever, que outra coisa não são que puros gallicismos ou extrangeirismos, que, com serem velhos, não disfarçam de todo sua procedencia ás investigações da phonologia.

"No que respeita á Lingoa Portugueza", reflexiona Antonio das Neves Pereira (*Mem. de Litt. Port.* T. 4.º Pg. 432), "tanto menos se pode vituperar que naturalizemos varios vocabulos da Lingoa Franceza, visto que della temos muitos e antiquissimos que nós vieram com a Monarchia, e outros, que já estavam de assento ántes della: parte dos quaes estam antiquados, parte ainda se conservam de posse nos monumentos dos nosssos insignes escriptores e na mesma linguagem commum".

Na mesma conformidade discorre doutamente Candido de Figueiredo (*Os Extrangeirismos.* Pg. 9):

"Logo nos primordios da nossa lingoa, a tal ponto ella se resentio da influencia franceza, que são hoje portuguezissimos e correntes muitos centenares de vocabulos, que importamos directamente da França. Alguns puristas exaggerados não acreditarão talvez que são puros gallicismos, mas gallicismos de cabellos brancos, respeitabilissimos, as palavras *arranjar, libré, ferrabrás, ferramina, marão, freire, grifa, genebra, grêlo, gage, moela, petinetre, gredelem, petrina, petigris, piaffé, poteia poterna,* etc., etc.

Tratando destes e de outros vocabulos enxertados em nosso idioma, a proposito do adjectivo, *vendavel,* pondera o mesmo escriptor, em seos *Problemas da linguagem* (Pg. 188):

"Não serão extrangeirismos? Não serão barbarismos? São-no, como *vendavel;* e este e aquelles têm a chancella das maiores autoridades litterarias. São barbarismos classicos, mas são *barbarismos,* no amplo sentido da palavra".

Alem das palavras de que nomeadamente nos falla Candido de Figueiredo, usavam os nossos escriptores classicos de outros muitos termos e locuções puramente francezas.

Taes as seguintes: *Attender* na accepção de *esperar,* do francez *attendre,* que tem por procedencia o verbo latino *attendo, is, ere,* o

qual nunca teve entre os romanos a significação do verbo francez *attendre* — esperar.

Sageza, sajaria, de *sagesse.* O primeiro destes vocabulos é consignado pelo *Diccionario Portatil* do autor do *Elucidario,* a pag. 143; o segundo, por este mesmo escriptor e por Azurára, em sua *Chronica de Guiné* (Cap. 28. pg. 150), onde disse:

"E portanto ordenava sempre Annibal suas ciladas com tanta *sajaria,* que nunca seos inimigos pensassem saber que seo poder era maior do que de presente parecia".

Perchees, usado por Azurára (*Chron. de Guiné.* Cap. 95. Pg. 452), derivado directamente do francez *perche,* que corresponde ao provençal *perja, perga,* ao italiano *pertica,* ao hespanhol *percha,* forma que tambem se lhe dá em nossa lingoa, e que se filiam no latim *perticam,* accusativo de *pertica* — vara; donde os derivados *empertigar, empertigado,* por *direito, teso, aprumado.*

Prasmar, blasmo, por *vituperar, censurar, reprehender, censura,* da antiga forma franceza *blasmen,* do verbo *blâmer,* que se ligam ao verbo latino *blasphemare,* o qual, ao sentido que actualmente se lhe dá de *proferir blasphemias, pronunciar palavras ultrajantes,* ajunctava a ideia, segundo Du Cange — *Gloss. Med. et. Infi. Lat.* T. 1.º Pg. 676, de *vituperare, damnare, culpare, infamare.*

Assim disse Azurára:

"Quando com mais rezom spero seer reprehendido por minguar do que devo, que *prasmado* por fallar sobejo".
(*Chron. de Guiné.* Cap. 2.º Pg. 9).

Lançando mão do substantivo *blasmo,* disse Góes:

"Com grande *blasmo* de terdes feitas tantas despesas e gastos".
(*Chron. de D. João.* Cap. 11. Pg. 27).

A froto ou *em froto, por a nado,* do francez *à flot* ou do italiano *a frotta, in frotta.*

"E aproveitara-lhes ainda de leixarem seos batees *em froto,* consiirando a desposiçom do mar".
(Azur. *Chron. de Guiné.* Cap. 49. Pg. 228).

A causa de, em vez de *por causa de, por amor de:*

"A barca... ainda não é partida *a causa do vento*".
(Vieira. *Cartas.* T. 4.º Pg. 153).

Em alguns classicos antigos encontra-se o uso de *do, da, dos, das,* exactamente como emprega o francez o seo partitivo *du, de la, des,* de que nos dão prova os seguintes exemplos:

"Ao longo de uma ribeira folgando e apanhando *das* flores, de que o campo estava coberto".
(*Palmeirim.* Parte 1.ª Cap. 3.º Pg. 14).

"Tirou os freios aos cavallos, porque pascessem *da* herva".
(Ibid. Parte 2.ª Cap. 133. Pg. 27).

"Comerás *do* leite, ouvirás *dos* contos, e partirás quando quizeres".
(Rodrigues Lobo. *Past. Pereg.* Vide *Chrest.* de S. Tullio. Pg. 77). (*)

A condição que, á condição de, por *com a condição que, com a condição de,* foram empregadas, entre outros, por Damião de Góes e Luiz de Souza nos seguintes lanços:

"*A condição que,* seos portos e sujeitos ficassem sob nossa guarda".
(*Chron. de D. Manoel.* Part. 2.ª Cap. 11. Pg. 335).

"*A condição de* pagarem".
(*Hist. de S. Domingos.* Vol. 1.º Liv. 3.º Cap. 26. Pg. 398).

Esqueença por *sorte, lance feliz, acaso, boa fortuna,* do francez *échéance* ou do hespanhol *escaencia.*

"Ouviram semelhantes novas da boa *esqueença* que Deos dera a aquelles poucos que aa ilha forom".
(Azurára. *Chron. de Guiné.* Cap. 19. Pg. 112).

Da palavra *maráo,* do francez *maraud,* já indicada por Candido de Figueiredo, veem-se os seguintes exemplos na *Arte de furtar* e em Filinto:

"Foi um ladrão cádimo com dois *maráos*".
(Cap. 52. Pg. 372).

"Foi tão *maráo* que o guardou para si".
(*Obr. Comp.* T. 1.º Pg. 105).

Potagem, vocabulo antigo, que significava *caldo, sôpa, legumes,* que se mettem na panella para se tornarem comestiveis; do francez *potage* ou do hespanhol *potaje:*

(*) Houve um lapso de referencia. A Chrestomatia que vem anexa nos "Estudinhos" de S. Tullio, aqui citada, na ed. de Camillo Castello Branco, não é do referido Silva Tullio, mas de Francisco Innocencio da Silva.

"Que empregue tempo e cuidado em apparato de mesa... para que sobejem *potagens*".

(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 1.º Cap. 23. Pg. 40).

Cachar, cacha, cachado, dos vocabulos francezes *cacher, cache, caché, esconder, dessimulação, fingimento, occulto, escondido*:

"Na qual estariam bem com cem moiros baços, descobertos da cinta pera cima, e pera baixo *cachados* com pannos de seda e algodão".

(D. de Góes. *Chron. de D. Manoel.* Parte 2.ª Cap. 9.º Pg. 326).

"Que quando estas damas taes
Me *cacham*, então recacho".

(Camões. *Amphitr.* Act. 1.º Sc. 4.ª).

"E s'em querer-lhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
Oh que doce fingir! que doce *cacha!*"

(Id. *Eleg.* 5.º).

"*Nenhum* principe *não* pode ser grande, se *elle* não *regra sobre* grandes".

(Azurára. *Chron. de Guiné.* Cap. 1.º Pg. 5).

Este exemplo de Azurára é uma versão litteral da phrase franceza: "*Nul prince ne peut être grand, s'il ne règne sur de grands*".

Não ha mister muito esforço para notar alli o resaibo francez.

Passa exactamente o mesmo com est'outros exemplos, em que transparece o modo de dizer peculiar á lingoa franceza:

"Assim *são teudos a mostrar* esta por exemplo em si mesmos".

(*Palmeirim.* Part. 2.ª Cap. 131. Pg. 6).

"Em cuja companhia *assim dos uns como dos outros* havia muitos espingardeiros".

(D. de Góes. *Chron. d'el-rei D. Manoel.* Part. 3.ª Cap. 12. Pg. 66).

"Nem uns nem outros *não* dormiram".

(Castanheda. *Hist. da India.* Liv. 6.º Cap. 116. Pg. 251).

"Tanto que *teve acabado* de ceiar, o fez tornar".

(Id. Ibid. Liv. 1.º Cap. 2.ª Pg. 10).

Tilhá, tilhada, por *toldo* de embarcação, *coberta, convez* do navio, do francez *tillac*, procedente, segundo Diez, (314) do germanico. Em nordigo *thilia,* conforme affirma Scheler (315).

---

(314) Vide Littré *Dict.* T. 4.º Pg. 2224.

(315) *Dict. d'Etymol. Franc.* Pg. 489.

"E lhe fez prestes duas caravellas, scilicet, uma *tilhada*, e outra de pescar".
(Azurára. *Chron. de Guiné.* Cap. 89. Pg. 419).

Fazer as unhas do francez *faire les ongles*:

"Nem ha de rapar a barba, nem *fazer as unhas*".
(Castanheda. *Hist. da India.* Liv. 1.º Cap. 14. Pg. 46).

Matos, *mastos* do francez *mâts*, cuja forma antiga é *masts*, procedente do anglo-saxonio *mast* ou *maest*. (316).

Dentre os derivados figuram em nossa lingoa as palavras *emmastear*, *emmastrear*, *emmastrar*, *desemmastrear*, *desemmastear*, *desemmastrar*:

"Puzeram nome a aquelle cabo, *o Cabo dos Matos*".
(Azurára. *Chron. de Guiné.* Cap. 75. Pg. 356).

E' de Barros a locução *mastos arvorados*: (317).

"Passou té onde ora chamam o *Cabo dos Mastos:* nome que lhe elle então poz, por razão de umas palmeiras seccas que á vista representavam *Mastos* arvorados".

Não seria difficil levar mais longe a lista destes vocabulos e locuções, que se acham hoje antiquados, e cuja physionomia extrangeira de todo se não apagou, apezar de os adoptar a nossa lingoa, se isso nos não levasse a estirar sobremodo este nosso trabalho.

Em um idioma qualquer, seja qual for a phase de sua existencia, não se lhe distinguem, alem das palavras que lhe constituem o cabedal peculiar, o proprio fundo, os extrangeirismos, necessarios umas vezes, outras escusados, que lhe encorpam o lexicon?

Como increpar de cerebrina e desafiante do senso commum a opinião que affirma que, empregando-se tal ou tal phrase, tal ou tal vocabulo, se incorre em archaismo ou gallicismo?

Referindo-se á grande influencia do francez na constituição do nosso vocabulario, Antonio das Neves Pereira assim escreve:

"Não é de admirar que nos viesse tanta copia de termos da lingoa franceza, *porque no tempo antigo era esta lingoa mais coherente com a nossa do que hoje*". (318).

---

(316) Vide Scheler, *op. cit.* Pg. 327; Skeat. *An Etymol. Dict.* Pg. 357; e *The Century Dictionary*. Vol. 4.º Pg. 3650.

(317) Vide nota á pag. 356 da *Chron. de Guiné* de Azurára.

(318) Vide Silvestre Ribeiro. *Prim. Traços de uma Resenha de Litt. Port.* T. 1.º Pg. 280.

Citando esse trecho de Antonio das Neves Pereira, diz José Silvestre Ribeiro:

"Alem disto, é mister saber que o conde D. Henrique veio de França com sua familia e tropas, e que esta colonia franceza introduzio entre nós muitos vocabulos e phrases, que se naturalizaram e encorporaram no idioma portuguez. A rainha D. Malfada trouxe muitas damas e cavalleiros francezes; aportaram depois ás nossas praias os cruzados, que ajudaram o Snr. D. Affonso Henriques a tomar Lisboa, e se estabeleceram em Portugal, povoando varias villas e lugares: e mais tarde entrou em Portugal D. Affonso III com sua mulher (*) a condessa de Bolonha, D. Mathilde, trazendo grande comitiva franceza, assim de senhoras da sua côrte, como de tropas para sua defesa. O brilhante reinado de D. João I, esse periodo glorioso da nossa historia, foi tambem uma epocha em que a lingoa franceza floresceo em Portugal. "Era naquelle tempo, diz o nosso elegante Fr. Luiz de Souza, a lingoa franceza estimada e corrente entre os principes por cortezã e politica". (319)

* * *

Os nossos antigos escriptores, sem necessidade grammatical ou logica, nem exigencia da harmonia do discurso, costumavam empregar com frequencia a preposição *de* depois de certos verbos ou locuções verbaes seguidas do infinitivo, em casos em que essa é hoje de ordinario suppressa, ou substituida pela preposição *a* ou por outra preposição, sendo nisso imitados algumas vezes pelos modernos.

Assim é que se encontram os seguintes exemplos:

"Vós sois obrigados *de* me obedecer".
(Azurára. *Chron. de Guiné.* Cap. 45. Pg. 213).

"Era necessario *de* lhe obedecer".
(Id. Ibid.).

"Ordenou logo *de* enviar".
(Id. Ibid. Cap. 15. Pg. 89).

"Não seria bem *de* tornarem".
(Id. Ibid. Cap. 12. Pg. 73).

"A coisa tardava mais *de* vir a fim".
(Id. Ibid. Cap. 18. Pg. 104).

"Cujo amor forçou a madre *de* se ir".
(Id. Ibid. Cap. 87. Pg. 408).

(*) Na 2.ª ed. pôz-se virgula neste lugar.

(319) Silvestre Ribeiro, *op cit.* T. 1.º Pg. 281.

"Pelo que lhe foi necessario *de* os lançar ao mar".
(Id. Ibid. Cap. 86. Pg. 404).

"E encaminharam *de* se tornar".
(Id. Ibid. Cap. 90. Pg. 427).

"Ca trabalho seria *de* se achar antre os vivos".
(Id. Ibid. Cap. 6.º Pg. 43).

"Tentemos *de* fazer".
(Id. Ibid. Cap. 12. Pg. 71).

"A Lançarote não esqueceo *de* saber dos Moiros, que tinha presos, o que lhe cumpria *de* saber".
(Id. Ibid. Cap. 19. Pg. 113).

"Accordaram *de* se tornar".
(Id. Ibid. Cap. 88. Pg. 416).

"Encaminhou outra vez *de* enviar".
(Id. Ibid. Cap. 87. Pg. 406).

"Se por nosso melhor aviamento vos prazera *de* nos dardes alguns de vós outros".
(Id. Ibid. Cap. 88. Pg. 414).

"Se com elles se não atrevessem *de* poderem pelejar".
(Id. Ibid. Cap. 20. Pg. 115).

"Pelo qual lhe foi forçado *de* cortarem as amarras".
(Id. Ibid. Cap. 86. Pg. 401).

"E que se cumprisse *de* saltarem fóra".
(Id. Ibid. Cap. 89. Pg. 424).

"Seria bem *de* irmos a ella".
(Id. Ibid. Cap. 22. Pg. 124).

"Que se trabalhasse *de* fazer alguma presa".
(Id. Ibid. Cap. 87. Pg. 406).

"Commetteram *de* se chegar á ribeira".
(Id. Ibid. Cap. 24. Pg. 129).

"Tentaram *de* ir pescar aos mares".
(Id. Ibid. Cap. 95. Pg. 451).

"Se acontece *de* receberem".
(Id. Ibid. Cap. 27. Pg. 140).

"Foram constrangidos *de* se dispor ao perigo".
(Id. Ibid. Cap. 88. Pg. 417).

"Desejando *de* não esquecerem os bens que Deos outorgou ao povo d'Israel."
(Id. Ibid. Cap. 1.º Pg. 5).

"Ousasse *de* tomar tal atrevimento".
(Id. Ibid. Cap. 8.º Pg. 52).

"Que lhe conviesse *de* se tornar".
(Id. Ibid. Cap. 27. Pg. 144).

"Prouve-lhe muito *de* outorgar".
(Id. Ibid. Cap. 94. Pg. 443).

"Fazendo-lhe aquellas mercês que tinha acostumado *de* fazer aos que o bem serviam".
(Id. Ibid. Cap. 9.º Pg. 56).

"Donde começou *de* parecer".
(Id. Ibid. Cap. 1.º Pg. 2).

"Determinou *de* proseguir o descobrimento da Costa de Guiné".
(Castanheda. *Hist. da India.* Liv. 1.º Cap. 1.º Pg. 2).

"Esperavam *de* se vingar alli delle e dos nossos".
(Id. Ibid. Cap. 8.º Pg. 27).

"Não ousou *de* sahir em terra".
(Id. Ibid. Cap. 7.º Pg. 26).

"Ordenou *de* mandar fazer dois navios".
(Id. Ibid. Cap. 1.º Pg. 5).

"Desejava muito *de* ver a sua maneira de vida".
(Id. Ibid. Cap. 2.º Pg. 9).

"Porque desejava muito *de* ser amigo d'el-rei de Porutgal".
(Id. Ibid. Cap. 43. Pg. 129).

"E isto concertava o sultão *de* fazer".
(Id. Ibid. Cap. 7.º Pg. 22).

"Esperavam em nosso Senhor *de* acharem o que buscavam".
(Id. Ibid. Cap. 3.º Pg. 11).

"Ordenou Jorge de Albuquerque *de* os mandar buscar".
(Barros. *Dec.* 3.ª Liv. 8.º Cap. 7.º Pg. 294).

"Esperava *de* dar quando tornasse".
(Id. Ibid. 4.ª Liv. 2.º Cap. 10. Pg. 187).

"Assentaram todos *de* virem cercar a cidade".
(D. de Góes. *Chron. d'el-rei D. Manoel.* Part. 3.ª Cap. 12. Pg. 61).

"Onde costumam *de* vir náos portuguezas a mercadejar".
(Fern. M. Pinto. Vide *Livr. Classica.* T. 1.º Pg. 128).

"Receiavam *de* pelejar com tão poucos".
(Lião. *Chron. d'el-rei D. João o* 1.º Cap. 56. Pg. 241).

"Tentou *de* lhe beijar as mãos".
(Id. *Chron. d'el-rei D. Affonso* 4.º Pg. 150).

"Prometter *de* casar com elle".
(Id. *Chron. d'el-rei D. Fernando.* Pg. 356).

"O qual promettera *de* fazer entrega daquelles lugares".
(Id. *Chron. d'el-rei D. Diniz.* Pg. 14).

"Tivessem por bem *de* lhe dar entre si gasalhado".
(*Monarchia Lusitana.* Part. 1.ª Liv. 2.º Cap. 6.º Pg. 157).

"Assentaram *de* mandar a Portugal pedir soccorro".
(Ibid. Cap. 7.º Pg. 160).

"Concluiram entre si *de* tomar por capitão a Sertorio".
(Ibid. Liv. 3.º Cap. 16. Pg. 356).

"Que lhes não pesa *de* ter nascido".
(Vieira. *Serm.* T. 7.º Pg. 224).

"Jurasse *de* a cumprir".
(Id. Ibid. T. 13. Pg. 192).

"Temem *de* dar conta de uma alma".
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 351).

"Tendo Deos decretado *de* unir a si a natureza humana".
(Id. Ibid. T. 15. Pg. 398).

Verdade é que ainda hoje em dia se encontram em nossos escriptores, como entre os antigos, exemplos da preposição *de* antes dos infinitivos, complementos e ás vezes sujeitos das orações regentes constituidas por esses e outros verbos. Taes os exemplos que seguem, onde figuram no modo definito ou no indefinito como regentes os verbos *usar, trabalhar, receiar, escusar, principiar, começar, continuar, ameaçar, ousar, prometter, procurar, desejar, acertar, propor, affectar, ameaçar, ousar, prometter, procurar, deseáar, acertar, propor, affectar, arriscar, atalhar, pegar, determinar, duvidar, dever, costumar, precisar, dignar-se, merecer, forcejar, pesar, jurar:*

"*Receio de* não responder como deves".
(Filinto. *Obras*. T. 10. Pg. 480).

"Eu vos *prometto de* estar pelo que ella diga".
(Id. Ibid. Pg. 132).

"*Promettendo de* tornar a nos ver".
(Id. Ibid. Pg. 416).

"Tendo eu aqui *proposto de* traduzir".
(Id. Ibid. T. 9.º Pg. 473).

"*Affectei de* o tratar de igual a igual".
(Id. Ibid. T. 10. Pg. 397).

'Em *arriscando de* commetter tudo ao azar".
(Id. Ibid. Pg. 433-34).

"Como *usam de* ser mãos de velhas".
(Garrett. *Viag. na Minha Terra*. T. 1.º Pg. 104).

"*Usa de* sustentar-se com o facil rabusco de antigos (*) periodicos".
(A. de Cast. *A noite do Castello*. Pg. 132).

"*Costuma de ter* o seo occaso".
(Id. Vide *Vivos e Mortos*. Vol. 2.º Pg. 97).

"*Devemos de* nos libertar de semelhante servilidade".
(Id. Ibid. Vol. 6.º Pg. 77).

"*Forceja de* traduzil-o".
(Id. Ibid. Vol. 3.º Pg. 82).

"*Acerta de* passar pelos dominios da poesia".
(Id. Ibid. Pg. 55).

"Ainda agora nos não *pesa de* o havermos feito".
(Id. Ibid. Pg. 74).

"Nunca *se dignou de* cantar".
(Id. Ibid. Vol. 2.º Pg. 135).

"Não *merecia de* ter morrido".
(Id. Ibid. Pg. 24).

"*Precisa de* entremetter a espaços seos escuros".
(Id. Ibid. Pg. 34).

(*) Na 2.ª ed., por lapso, lê-se "artigos".

"*Determina de* se casar com a Princeza Julieta".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 85).

"Se lhes *propuzerdes de* os escripturar".
(Id. Ibid. Vol. 3.º Pg. 52).

"...*Continuarem de* consentir em torpezas deste genero".
(Id. Ibid.).

"*Escusa de* esfalfar-se".
(Id. *As Sabichonas*. Pg. 9).

"Arvore em flor, que o vento quebrou pelo pé, ainda depois de derribada, ás vezes *continúa de* florejar".
(Id. *Os Fastos*. T. 1.º Pg. 276).

"*Juro de o* proscrever".
(Id. Ibid. Pg. 169).

"Tambem o seo desprezado Amante *continúa de* querer-lhe".
(Id. *Metamorphoses*. Pg. 274).

"Aos que *desejarem de* o saber".
(Id. Ibid. Pg. XII).

"Nem por erro *acertam* jamais *de* escrever phrase que em ouvido portuguez não destôe".
(Id. Ibid. Pg. XVI).

"Não *receeis de* saltar por cima do cadaver do monge".
(A. Herc. *O Monge de Cister*. T. 1.º Pg. 103).

"*Trabalhasse de* haver á mão toda quanta fazenda e especiaria lhe fosse possivel".
(Lat. Coelho. *Varões Illust*. T. 2.º Pg. 158).

"O trato mercantil *principiou de* rasgar mais largos vôos".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 248).

"*Começou de* entender com incansavel diligencia no apercebimento dos navios".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 24).

"*Começou de* queixar-se amargamente da perfidia".
(Id. Ibid. Pg. 95).

"*Principiaram* de arremessar contra os bateis um granizo de frechas e pedradas".
(Id. Ibid. Pg. 96).

"Não *ousava* de surgir".
(Id. Ibid. Pg. 117).

"*Promettendo-lhe* de vir buscal-o".
(Id. Ibid. Pg. 155).

"*Procurasse de* estabelecer commercio e alliança".
(Id. Ibid. Pg. 262).

"*Determinou de* mandar alguma gente armada".
(Id. Ibid. Pg. 89).

"*Succedendo de* passar pela rua de Santo Antão".
(Id. *Luiz de Camões*. Pg. 137).

"*Começaram de* soltar-se descompostas".
(Id. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 1.º Pg. 152).

"*Ameaçavam de* conturbar as consciencias".
(Id. Ibid. Pg. 105).

"Sem *ousarem de* esperar".
(Id. Ibid. T. 3.º Pg. 165).

"*Pegou de* berrar que tudo aquillo era impostura".
(Camillo. *Noites de Insomnia. Beatriz de Vilalva.* Pg. 10).

"*Pegou de* tremer e chorar".
(Id. Ibid. *Que segredos são estes?* Pg. 82).

Mas, apezar de se acharem entre os modernos mesmos exemplos da preposição *de antes* de certos verbos no infinitivo, raro é encontrar, o que entre os antigos era correntio, a suppressão deste elemento connectivo ou o seo emprego em algumas phrases infinitivas, que denunciariam archaismos.

Taes são as phrases seguintes: "A primeira coisa que farei será *de* ir visital-o, ordenou *de* lhe enviarem todos os papeis, era necessario *de* lhe obedecer, seria bem *de* irmos a elle, será conveniente *de* lhe não responder nada, não se *atreveo perseverar*, (320) *foi obrigado fazer* o que não desejava, foi-lhe muito agradavel *de* fazer essa viagem, prouve *de* lhe outorgar, *começou reger*, *começou dar* suas ordens, *principiou estudar*, não *cessou cantar*, não *cessou fazer* seo curso, forçou *de* se ir após elle, elle me *obrigou* correr, costumam *de* vir cedo, é habito meo *de* dormir tarde, não esqueço *de* perguntar, não esqueço *de* saber, porque se *moveram fazer* este requerimen-

(320) Aliás disse Castilho: "Emfim me *atrevo esperar*". (*Primavera*. T. 1.º Pg. 83). E Filinto: "Nem se *atreveram* os Cirurgiões *dar-me*, antes da operação, esperança alguma". (*Obras*. T. 10. Pg. 126).

to, deve-se evitar *de* dar máos exemplos á mocidade, a extrema pobreza não lhe permittio *de* estudar, não me convinha *de* o receber, se lhe conviesse *de* voltar, que lhe conviesse *de* se tornar, mercês que tinha acostumado *de* fazer, foi necessario *de* os despedir, foi necessario *de* os lançar fóra, espero breve *de* te ver, espero *de* ser este meo desejo acceito, ordenou *de* enviar tropas, ordenou *de* mandar auxilio aos dois batalhões, determinou *de* partir, resolveo *de* fazer a viagem.

Mas, nem a grammatica, nem a logica, nem as leis da euphonia, que tanto podem nas construcções da lingoa, forçam o emprego dessa syntaxe, que muitas vezes outra coisa não revela que imitações da syntaxe franceza.

Fallando do emprego da preposição *de*, por vezes descabida e sem justificação ante a grammatica philosophica, assim em seo *Glossario* (Pg. 46, ed. 1846) escreve D. Fr. Francisco de S. Luiz:

"Devemos, porem, advertir que o uso actual da nossa lingoa e a regularidade da syntaxe, que aconselham os principios da grammatica philosophica, nos não permittiriam hoje empregar indiscreatmente a mesma particula em phrases semelhantes a algumas das que deixamos referidas, só porque assim foi empregada por algum ou alguns de nossos autores classicos; visto que estes, por falta do estudo philosophico da lingoa, cahiram em muitos defeitos, no que respeita á organização da phrase e discurso, que hoje seriam erros graves, e talvez indesculpaveis".

Não é só da preposição *de* que usavam os nossos escriptores para reger os infinitivos depois dos verbos *ousar*, *acertar*, *costumar* e outros; valiam-se muitas vezes do *a* ou supprimiam uma e outra preposição, dizendo: *ousar de fallar*, *ousar a fallar*, ou, como hoje dizemos, *ousar fallar; acertar de vir*, *acertar a vir* ou *acertar vir; costumar de fazer*, *costumar a fazer* ou *costumar fazer*:

"É o dia em que esta gentilidade *costuma a* celebrar uma festa".
((Fern. M. Pinto. *Livr. Classica.* T. 2.º Pg. 23).

"E o galardão que o mundo emfim *costuma de* dar a todos os que servem".
(Id. Ibid. Pg. 83).

"*Acertou de* se lhe apagar o signal".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 206).

"E não *ousaram a* lhe sahir".
(D. de Couto. *Dec.* 6.ª Liv. 9.º Cap. 12. Pg. 309).

"*Acertou virar* os olhos".
(Souza. *Hist. de S. Domingos.* Vol. 1.º Liv. 2.º Cap. 8.º Pg. 172).

"*Acertou a* ser mais tesa".
(Id. Ibid. Cap. 27. Pg. 241).

"*Costumavam* antigamente os mestres *de* dançar".
(Id. Ibid. Vol. 3.º Liv. 1.º Cap. 5.º Pg. 20).

"*Acertou estar* a noite tão clara com a lua, que acudio todo o campo ao arrecife e mataram cinco dos nossos".
(Id. *Annaes*. Pg. 161).

"Não *ousavam a* descer das thermas".
(A. de Cast. Vide *Vivos e Mortos*. Vol. 4.º Pg. 39).

"Se *ousar* uma vez *a* dizer verdade".
(Id. Ibid. Vol. 2.º Pg. 38).

"Não lhe *ousava de* chamar filho".
(Id. Ibid. Vol. 1.º Pg. 65).

"*Acertou de* ir ter ao mesmo bosque".
(Id. Ibid. Pg. 86).

* * *

Censura o Dr. Ruy o termo arrolado entre os gallicismos o verbo *prodigar*, usado por Filinto e Castilho.

Disse, com effeito, o primeiro destes escriptores:

"As ternas caricias que essa senhora excellente *prodigou*".
(*Obras*. T. 10. Pg. 392).

"A magnificencia que elle em todo o genero *prodigou*".
(Ibid. T. 9.º Pg. 256).

E Castilho Antonio:

"Da, *prodiga* a meo genio os teos influxos".
(*Os Fastos*. T. 3.º Pg. 45).

Mas, apezar de em seo abono ter o verbo *prodigar* a boa analogia, não o consignam os diccionarios mais antigos: Bluteau não o aponta; entretanto menciona o verbo *prodigalizar;* Constancio indica este ultimo, accrescentando que a forma *prodigar* seria mais conforme ao latim.

D. Fr. Francisco de S. Luiz (*Op. cit.* Pg. 127) e Silva Tullio, *Estudinhos, Gall.* Pg. 12, o contam entre os gallicismos, reputando-o o primeiro *francezismo escusado*.

Não é, portanto, das menos luzidas a companhia cujas ideias nos inspiraram.

A forma *prodigar* não é de ancianidade e tradição classicas, bem que milite em seo favor sua filiação latina.

Foi Filinto o primeiro de nossos escriptores que empregou o verbo *prodigar*, derivando-o do adjectivo portuguez *prodigo*, de *prodigus* latino; antes de Filinto só empregavam a forma *prodigalizar*, que não perdeo ainda os fóros de vocabulo portuguez.

Não basta um só classico ou dois, por elevada que seja sua autoridade, para imprimirem numa palavra contestada o sello da vernaculidade.

Não reprova o Dr. Ruy, e julgamos com razão, o *de resto*, de que usam alguns?

Entretanto, empregou-o o João F. Lisboa, na *Vida do Padre Antonio Vieira*, dizendo:

"As circumstancias, *de resto*, eram proprias a excitar todos os seos sentimentos".

(Pg. 9).

Empregou-o igualmente Alexandre Herculano, escrevendo:

"*De resto*, David Ouguet era bom homem, excellente homem".
(*Lend. e Narrat.* T. 1.º Pg. 240).

"*De resto*, a chuva cahia, mas era la fóra".
(Id. *Opusc.* T. 1.º Pg. 142).

Empregou-o, finalmente, Camillo Castello Branco, no seguinte lugar:

"*De resto*, muito mais modestos que justos juizes dos seos productos".
(*O General Carlos Ribeiro*. Pg. 16).

De modo analogo, dando-lhe (*) o mesmo sentido, empregam os italianos a locução *del resto*:

"*Ma che*, DEL RESTO, *non è vero niènte*".
(Petròcchi. *Dizionàrio Universale della Ling. Ital.* Vol. 2.º Pg. 714-715).

E o numero 467, fallando de extrangeirismos, estygmatiza com razão o Dr. Ruy as expressões: *esquissa*, do francez *esquisse*, que corresponde ao italiano *schizzo*, ao hespanhol *esquicio* e ao inglez *sketch*, os quaes se associam todos ao latim *schedium*, que significa poema extemporaneo, improvisado, qualquer coisa feita de carreira, ás pressas;

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se o pronome "lhe", lendo-se: "dando o mesmo etc".

deboche, do francez *debauche*, que, segundo Skeat, (321) vem do prefixo *de*, em latim *dis*, e *bauche*, vocabulo de significação incerta; *fazer as delicias*, do francez *faire les délices; estar ao facto*, do *francez être au fait; de parte e outra*, da locução franceza *de part et d'autre; luctar de zelo*, do francez *lutter de zèle; ter lugar — avoir lieu —*, em vez de occorrer; usadas todas estas locuções de Garrett, "de quem", diz o Dr. Ruy, (*Loc. cit.*) "se poderá dizer, ainda com maior razão na segunda parte da sentença, o que de Filinto disse Castilho:

"Fez serviço talvez maior que nenhum dos classicos; mas é de todos o menos para seguir ás cegas".

Quanto, porem, á locução *breve*, empregada adverbialmente, com a significação de *em poucas palavras, em poucos termos, em resumo, em summa, por atalhar* ou *encurtar razões*, e que na *Replica* (*Loc. cit.*) figura entre os termos condemnados pelo douto critico, releva fazermos uma ponderação sobre o trecho que sobre ella escreveo.

"Ninguem", diz emphaticamente o Dr. Ruy Barbosa, "absolutamente ninguem escreve ou escreveo jamais, depois de Garrett, *breve* adverbialmente á franceza, por *em summa*".

Não é verdade que *depois de Garrett ninguem, absolutamente ninguem escreve ou escreveo jamais* BREVE *adverbialmente, por* EM SUMMA.

Castilho Antonio, em mais de um lugar, usou desse vocabulo adverbialmente.

Eis não menos de tres exemplos que se oppõem ao que tão incisivamente affirma o eximio escriptor da *Replica*:

"*Breve:* o Exercito custa ao Thesoiro, que devora; ás Provincias, que fatiga; ás casas, que desfallece de filhos; ás terras, que priva de braços; ás artes, que despoja de obreiros; aos individuos, que esbulha do seo quinhão de liberdade".

(A. de Cast. *Felicidade pela Agricultura.* Vol. 2.º Pg. 105).

"*Breve:* as primeiras quatro linhas de um soneto desses proprios tempos resumem quanto sobre isto se podera dissertar".

(Id. Vide *Vivos e Mortos.* Vol. 1.º Pg. 74).

"*Breve:* de indoles bondosas, soffredoras, femininas, fez-se pela irritação uma especie de ferocidade, que forma a contraposição mais singular com a

(321) *An Etymological Dict. of the English Language.* Pg. 155.

debilidade das forças, com o macio das vozes, com o gracioso attractivo dos semblantes".

(Id. *O Outono*. P. XXVI).

No mesmo sentido empregou este escriptor a locução *em breve*, no seguinte lanço:

"*Em breve:* parece-me que a phantasia ou o acaso inventa os metros".

(*A Primavera*. T. 1.º Pg. 157).

Na lingoa latina mesma não é raro encontrar o adverbio *brevi* (do ablativo *brevis, e*, subtendendo-se-lhe o vocabulo *tempore, spatio* ou *oratione*), no sentido que deo Garrett ao *brevi* (*) e Castilho depois de Garrett.

Cicero, no seo livro *De Senectute*, emprega nessa mesma accepção a palavra *brevi*, no seguinte passo:

"Quid de pratorum viriditate, aut arborum ordinibus, aut vinearum olivetorumque specie dicam? *Brevi* præcidam".

(*De Senectute*. Cap. 16. n. 57).

Fallando Vossio da significação do vocabulo *brevi*, equivalente ao latim *breviter, paucis*, dest'arte se exprime:

"*Brevi* pro *breviter* ac *paucis*, dixit Varro, lib. IX de L. L.: *Quibus rebus solvi arbitrarentur posse, quæ dicta sunt priore libro contra analogiam, ut potui*, BREVI *percuri*".

(Gerardi Joannis Vossii. *Etymologicon Linguæ Latinæ*. Vol. I. Pg. 108).

* * *

Ainda em os ns. 464 e 473 da *Replica* volve o estrenuo escriptor ao vocabulo *honorabilidade*, averbando-o de *palavra franceza*, cuja analogia, diz, foi *difficilmente rebuscada, que evidentemente nos invadio pela influencia franceza*, vocabulo que lhe inspirou objecção, pela sua inutilidade e obscuridade.

Ao Dr. Ruy, entretanto, lhe esqueceo que foi elle mesmo, sempre castigado e polido no escrever, um dos mais notaveis fiadores desta palavra, quando, como já antes o dissemos, lhe estampou o si-

(*) Na 2.ª ed. lemos: "ao breve, e...".

nete de sua alta autoridade de emerito escriptor nas suas *Cartas de Inglaterra*, e numa de suas brilhantes orações perante o *Supremo Tribunal Federal*.

* * *

"Alista o professor Carneiro", diz o Dr. Ruy Barbosa (*Replica*, nota ao n. 482) "no seo rol de solecismos as locuções *havemos ver*, *havemos vir*, isto é, todas as vozes compostas em que entre o auxiliar e o verbo não medear o *de*. Mas dest'arte põe de solecistas os nossos melhores classicos, talvez a todos elles, antigos e modernos".

Devemos, antes de tudo, ponderar que censuramos, é verdade, as locuções *havemos ver*, *havemos vir*, *ha chegar*, *hei fazer* e outras analogas, mas não equivale isso a dizer que tenhamos por incorrectas *todas as vozes compostas em que entre o auxiliar e o verbo não medear o* DE.

São phrases correntes as seguintes: elle *havia viajado* muito; *havia conquistado* os corações; elles lhe *haviam escripto;* quando chegar, *haverei partido;* bem que *hajas trabalhado*, não o conseguirás; *has meditado* bem no que vaes fazer?

Entretanto não medea o *de* entre o auxiliar e o auxiliado.

Feito este reparo, na interpretação que deo o Dr. Ruy á censura que fazemos ao *havemos ver*, *havemos vir*, prosigamos.

Com effeito, fallando do solecismo, incluimos neste vicio as locuções *havemos ver, havemos fazer* isto, por *havemos de ver, havemos de fazer.*

Dá, em verdade, o Dr. Ruy muitos exemplos desta construcção, encontrados no *Leal Conselheiro* de D. Duarte, em Camões, no autor da *Eufrosina*, em Bernardes, em Duarte Nunes de Lião, em D. Francisco Manoel, em J. Freire, em Vieira, em Filinto e em Castilho.

Não nos eram desconhecidos exemplos dessa syntaxe, mui frequentes entre os antigos e mais raros hoje; mas tivemos sempre por defeituosas essas construcções, em que sem necessidade se omitte a preposição *de*, necessaria á regularidade syntactica.

As phrases de Filinto, citadas pelo Dr. Ruy, *hão dar*, por *hão* DE *dar; que ha dizer?*, por *que ha* DE *dizer?; não has morrer*, por *não has* DE *morrer; me ha custar*, por *me ha* DE *custar; hei crer, por hei* DE *crer; hei já destruir*, por *hei já* DE *destruir; hei sahir*, por *hei de sahir; hão responder*, por *hão* DE *responder; não mais te hei ver*, por *não mais te hei* DE *ver; no meo te hei pôr*, por *no meo te hei* DE *pôr; havia despejal-os*, por *havia* DE *havia despejal-os; heis prometter-me*, por *heis* DE *prometter-me; não hei mudar*, por *não*

hei DE *mudar; has colher*, por *has* DE *colher; haviam cantar*, por *haviam* DE *cantar;* ferem-nos hoje tão mal o ouvido, que serão poucos os escriptores que não as deem por viciosas, sejam embora abonadas pelos classicos.

Não ha ouvido, parece, que se conforme com o *hão ser, hão saber, hão trabalhar, hei tirar, hei ir, ha ser feliz, ha ser* grande, *havemos jantar* junctos, *hei esperal-o, hei embarcal-o, hei leval-o* a bordo, *ha voltar* commigo, *ha cantar* no theatro, *ha divertir-se* muito, *ha sahir* bem nos exames, *hei ajudar-te, hei acompanhar-te, hei dar-lhe* uma lição, *ha fazel-o* deputado, o vapor *ha chegar* amanhã, *ha trazer* o irmão, *ha succumbir* na lucta, *hei morrer* de paixão, *ha morrer* de desgosto, *ha ir* com os que ficam, se estudasse, *havia fazer* muito, ella *ha sentir* sua ausencia, *havia sentir* muito a morte do amigo.

Aferidas todas essas phrases, tomando-se por padrão a syntaxe de Filinto, de que nos offerece varios exemplos o eximio autor da *Replica,* nada terão de censuraveis.

Nem todos os modos de dizer dos classicos se devem ás cegas imitar: nelles se acham phrases a que se procura forrar o uso actual. Taes, entre outras, as seguintes:

"Tinha mais experiencia do mundo que *ti*".
(Sá de Miranda. Vide *Moraes. Dicc. Vocab. ti*).

"Eu tenho mais poder sobre tua filha que *ti*".
(Ferreira. *Cioso.* Ibid. *Vocab. mim*).

Empregar-se-hão hoje sem incorrer em solecismo esses modos de compor a phrase, só porque foram usados pelos nossos classicos?

Tornar dizer, tornar fazer alguma coisa, *começar fazer* alguma coisa, *atrever-se partir, obrigar, forçar fazer* alguma coisa, ninguem hoje diria sem cahir em syntaxe viciosa; entretanto disse Azurára na *Chronica de Guiné*:

"Porque se *moveram fazer* tal requerimento".
(Cap. 95. Pg. 451).

"Não *cessam fazer* seo curso".
(Cap. 1.º Pg. 2).

João de Barros:

"*Começaram subir* ao baluarte".
(*Dec.* 2.ª Liv. 7.º Cap. 4.º Pg. 188).

"Não se *atrevera chegar* a elle".
(Ibid. 3.ª Liv. 8.º Cap. 5.º Pg. 285).

"Era *costumado... ter...* grande rendimento".
(Ibid. 2.ª Cap. 1.º Liv. 6.º Pg. 26).

"*Continuava vir* muitas vezes a Malaca".
(Ibid. 3.ª Liv. 3.º Cap. 2.º Pg. 251).

Damião de Góes:

"*Foram forçados se acolherem* abaixo das sacadas".
(*Chron. d'el-rei D. Manoel.* Parte 2.ª Cap. 3.º Pg. 301).

"*Foram constrangidos deixar* a rua".
(Id. Ibid. Pg. 303).

Moraes, no *Palmeirim*:

"Ambos *se tornaram desviar*".
(T. 1.º Part. 1.ª Cap. 36. Pg. 229).

"Quanto se elles *tornaram levantar*".
(Ibid. Part. 2.ª Cap. 47. Pg. 316).

"*Tornou dizer*".
(Ibid. Cap. 48. Pg. 333).

"Que vos *obrigue deixar*".
(Ibid. Cap. 53. Pg. 362).

"*Começou caminhar*".
(Ibid. Cap. 59. Pg. 406).

"*Começou pedir* mercê da vida".
(Ibid. Cap. 77. Pg. 14).

Duarte Nunes:

"Não se *atreveo perseverar*".
(*Chron. d'el-rei D. Diniz.* Pg. 25).

"*Foi* a rainha *obrigada pedir*".
(*Chron. d'el-rei D. Affonso* 5.º Cap. 10. Pg. 139).

E Lucena:

"Da terra firme *se resolvera vir buscar* o baptismo".
(Vide *Livr. Classica.* T. 2.º Pg. 79).

* * *

A proposito das locuções *por acerto, de passo, de ligeiro, de concerto,* empregadas em nossa *Grammatica Philosophica,* ao douto

critico se lhe deparou ensejo de nos dar a seguinte lição em o numero 484 de sua *Replica*:

"*Por acerto*, em vez de *por acaso*, *de passo*, por *de passagem*, *de ligeiro*, por *às pressas*, *estar de concerto com*, por *estar de accordo com*, são excellentes locuções vernaculas, que eu não hesitaria em empregar, mas que entre nós perderam de todo em todo a voga. Compraz-se, todavia, o Dr. Carneiro, de as semear, e solemnemente, na sua *Grammatica*, onde os vicios de linguagem, perpetrados pelo mestre em lições aos alumnos, sobre máos exemplos, ficam sendo, ainda, máos conselhos".

Neste lugar da *Replica* importa notar a impropriedade com que, censurando as alludidas expressões, o esclarecido contradictar emprega o verbo *semear*.

Se no texto de minha Grammatica empreguei apenas uma vez cada uma das locuções *estar de concerto com*, *de passo*, *por acerto*, se da expressão *de ligeiro* tão somente usei duas vezes, como se poderá com verdade dizer que semeei essas locuções? *Semear*, segundo o sentido que se colhe do trecho aqui escripto pelo Dr. Ruy, não quererá dizer espalhar, por aqui, por alli, por acolá? Semear flores no chão será atirar ahi uma, duas flores, ou alastral-o, juncal-o, cobril-o de flores?

Vê, pois, o Dr. Ruy que, empregando eu cada uma daquellas locuções uma ou duas vezes, não foi verdadeiro affirmando que eu as havia semeado, ao menos tomado o vocabulo *semear* no sentido que nol-o inculca a *Replica*.

Demais, se o preclaro censor tem para si que as expressões de que usei *são excellentes locuções vernaculas*, como conciliar isso com o que immediatamente affirma no periodo seguinte, escrevendo estas linhas:

"Compraz-se, todavia, o Dr. Carneiro de as semear, e solemnemente, na sua *Grammatica*, onde os vicios de linguagem perpetrados pelo mestre em lições aos alumnos, sobre *máos exemplos*, ficam sendo, ainda, *máos conselhos?*

Quaes são esses vicios de linguagem, que, perpetados por nós em lição aos discipulos, sobre *máos exemplos*, ficam sendo ainda *máos conselhos?* Serão as locuções que reputou *excellentes locuções vernaculas?*

Eis as phrases da *Grammatica Philosophica* em que se contêm as locuções a que se refere o Dr. Ruy Barbosa, havendo-as por de todo em todo fóra da voga:

Muitos projectos tem havido", dissemos nós, traduzindo um trecho de Johnson, "para corrigir e estabelecer a orthographia ingleza, a qual, formando-se, como a das outras nações, *por acerto* e confor-

me o capricho dos mais antigos escriptores dos seculos ignorantes, foi a principio muito variavel e incerta". (*Gramm. Philos.* Pg. 64).

Das locuções a que allude o Dr. Ruy é talvez a menos usada; mas porque rejeital-a, quando ao verbo *acertar* ainda hoje em dia se liga o sentido de *succeder a caso*, nas locuções *acertou de vir, acertou de fallar, acertou de encontrar, acertou de tocar neste ponto, ou acertou a vir, acertou a fallar, acertou a encontrar, acertou a tocar?*

"Tocando *de passo* na pronuncia das consoantes".
(*Gramm. Philos.* Pg. 60).

Em boa linguagem portugueza, não ha por que rejeitar a locução *de passo* e suas variantes *de passada, de passagem, de fugida, de corrida, de caminho, de carreira, á carreira, a correr, a escapar.*

Na traducção de uma das fabulas de La Fontaine, empregando esta locução, disse Filinto Elysio:

> "Que achado! Que ganancia! Á vós o deixo.
> Que o imagineis *de passo*".
> (*Obras.* T. 6.º Pg. 204. *Fab.* 30 do Liv. 2.º).

Antes de Filinto havia dito Fr. Luiz de Souza:

"Grandes coisas lhe succederam... que não poderemos fazer mais que ir tocando algumas *de passo*".
(*Hist. de S. Domingos.* Vol. 1.º Cap. 2.º Pg. 11).

Da locução *a escapar* nos offerece Castilho um exemplo, na phrase:

"É tocada *a escapar*".
(*Metamorphoses.* Pg. 313).

No mesmo escriptor e na mesma obra temos os seguintes trechos, em que se notam as locuções de *corrida, á carreira*:

"Notemos, *de corrida*, que o phantastico desta scena não parece casual".
(Ibid. Pg. 301).

"Se Ovidio não tivesse andado aqui tanto *á correira*".
(Ibid. Pg. 314. Notas).

Ainda de Castilho Antonio é o seguinte exemplo em que se emprega a locução *de fugida*:

"Mas que seja *de fugida*".
(Vide. *Vivos e Mortos.* Vol. 5.º Pg. 62).

No *Monge de Cister* emprega Herculano a mesma expressão, escrevendo:

"Passaremos *de fugida* pelo resto da sua historia".
(T. 1.º Pg. 182).

De passada disse Latino Coelho no seguinte lugar da *Oração da Corôa*:

"Mencionemos *de passada* a clara distincção entre as duas acceleraçõe".
(Pg. CCLXXVII).

"Nem por isso essa phrase se deveria de *ligeiro* considerar grammaticalmente verdadeira". (*Grammatica Philos.* Pg. 193).

É essa locução equipollente ás expressões *levemente, de leve, ao de leve*, e não sabemos como, reputando-a *ter perdido de todo em todo a voga*, a emprega o esclarecido censor, em o n. 253 de sua *Replica*, enunciando-se pelo seguinte teor:

"Agora acredito cahirá em si o mestre, vendo e tacteando quão *de ligeiro* andou em um relevantissimo ponto e num ponto capital da sua defesa, tocantes a este particular".

A locução *de concerto*, por *de accordo*, empregada em nossa *Grammatica Philosophica*, p. 346, na phrase: "Essa maneira de pensar... não está *de concerto* com o modo como sempre se exprimiram os nossos classicos", ainda é hoje usada pelos mais modernos escriptores".

Assim é que disse A. Herculano:

"*De concerto*, os dois opprimiam por mil modos os reos para lhes extorquirem dinheiro".
(*Hist. da Inquis.* T. 3.º Pg. 169).

* * *

A palavra *homem*, usada sem artigo, numa accepção vaga e indeterminada, era syntaxe mui trilhada entre os antigos, que a praticavam, designando os individuos sem distincção de sexo.

Deriva-se da palavra latina *homo, hominis*, que forneceo aos francezes as varias formas *hom, home, hons, hon, hons, om, ome, omme, ons, en* e finalmente *on*. (322).

Corresponde á palavra portugueza *a gente*, usada ás vezes em linguagem familiar para significar de modo vago a mesma pessoa que falla, como se nota nas phrases seguintes e suas analogas: "Isto amofina muito *a gente*"; "não sabe *a gente* como se haver com se-

(322) — Becherelle. *Grammaire Nationale*. Pg. 447.

melhante tarelos"; "só vive este menino a consumir *a gente*"; "aquelle patrão maltrata muito *a gente*"; "está *a gente* com sua fome e não lhe dão de comer".

Empregando neste sentido a expressão *a gente*, disse A. Herculano:

"Mas eu não o quereria para meo padre espiritual, se faz andar assim *a gente* com o coração agastado".

(*O Monge de Cister*. Cap. XXI, T. 2.º Pg. 162).

Os antigos escriptores nos fornecem os exemplos seguintes, em que ao vocabulo indeterminado *homem*, muitas vezes apocopado em *hom*, associavam sentido analogo ao que dão os francezes ao nome indefinito *on*:

"Ca sem razom seria ao afflicto accrescentar *hom* afflicção".

(*Ord. de D. Duarte*. Vide Moraes. *Dicc*. Vol. 2.º Pg. 133).

"Em que não havia casa nem choça em que *homem* cuidasse que elles se podiam alojar".

Azurára. *Chron. de Guiné*. Cap. 13. Pg. 80).

"Mas, como os sonhos não venham senão do que *homem* traz na phantasia".

(Bernardim Ribeiro. *Men. e Moça*. Cap. 7.º Pg. 81).

"Sempre esta casa ha de estar
Acompanhada de gente
Que não possa *homem* passar"!

(Cam. *Filodemo*. Act. 2.º Scen. 5.ª).

Neste passo do *Filodemo* de Camões o indeterminado *homem* se diz de uma mulher; é Solina, em cuja bocca o poeta põe as palavras "*que possa* HOMEM *passar!*" que se verteriam á lettra no francez: "*que l'on ne puisse passer!*"

Passa o mesmo no seguinte lanço do mesmo poeta, na segunda scena do acto primeiro dos *Amphytriões*, onde *Bromia*, uma criada, diz:

"Ha-os *homem* de trazer
Nos amores assim mornos,
Só para ter que fazer".

(*Amphitr*. Act. 1.º Sc. 2.ª).

"Para subir fica *homem* mais ligeiro,
Deixa-me tu, Frondelio, ir primeiro".

(Id. *Ecloga* 1.ª).

"Anda *hoμem* tão differente daquelle outro si, que trouxe de Adão".

(Heit. Pinto. Vide Moraes. *Dicc*. Vol. 2.º Pg. 807).

"Grão trabalho e custosa coisa é fazer *homem* o que deve".
(Souza. *Vida do Arceb.* Liv. 3.º Cap. 1.º Pg. 111).

Anda *homem* a trote para ganhar capote".
(Proverb.).

"Se com esse habito se despisse *homem* de si mesma".
(Paiva. Vid. Moraes. *Dicc.* Vol. 2.º Pg. 134).

Neste exemplo de Paiva a palavra *homem* não se refere a um substantivo do genero masculino, senão a um substantivo feminino, que, na passagem deste escriptor, é o vocabulo *freira*. Essas palavras dizia ella de si propria.

De syntaxe analoga usam os escriptores francezes, quando recorrem ao nome indefinito *on*, que pode estar em relação com um adjectivo na terminação feminina, se é de uma mulher que especialmente se trata.

Assim que diz a Academia:

"*On* n'est pas toujours *jeune et belle*".
(Vide Soulice et Sardou. *Petit Dicc. des Difficultés.* Pg. 351).

E Madame Necker:

"Il faut être coiffée et vêtue simplement, quand *on est jolie*, pour avoir plus de grâces; et quand *on est laide*, pour être moins laide".
(Ibid.).

Em relação a esta syntaxe, em que, á imitação do nome indefinito francez *on*, empregavam os nossos antigos escriptores o vocabulo *homem*, sem embargo de alguns exemplos encontrados entre os modernos, consideramol-a antiquada, devendo a phrase de Azurára, já atraz citada, ser hoje escripta assim: "*não havendo casa nem choça em que se cuidasse que elles se podiam alojar*" ou "*em que alguem cuidasse que elles se podiam alojar*", e a de Souza, na *Vida do Arcebispo*, redigir-se do modo seguinte: "*grão trabalho e custosa coisa é fazer o homem o que deve*", ou empregar-se outra variante mais de accordo com o uso actual.

Não convem nisto o Dr. Ruy, e assim se pronuncia (*Replica*, nota ao n. 485):

"O Dr. Carneiro e, como elle, outros grammaticos têm por "não tolerada hoje" (*Serões* 328–9) a construcção portugueza, em que *homem* entra na accepção indeterminada e vaga do *on* no francez e da particula apassivadora *se* em nossa linguagem, onde tem ainda os succedaneos de *um homem, uma pessoa*, ou simplesmente *um*. Mas classicos de nosso tempo, como Castilho e

C. Castello Branco, ainda usaram dessa forma portugueza, cuja elegancia era pena se deixasse perder".

Alguns dos nossos modernos usaram, sim, do indefinito *homem*. Assim é que se encontra em Filinto o seguinte exemplo:

"Nunca *hom*'acerta
C'o que deve pedir".
(*Obras*. T. 6.º Pg. 224).

E em Castilho Antonio:

"Nada ha mais repugnante e indecoroso do que fallar *homem* de si mesmo".
(Vide *Vivos e Mortos*. Vol. 4.º Pg. 24).

"Tambem sei que *homem* sentado não sobe".
(Id. *A Primavera*. T. 1.º Pg. 49).

"O que *homem* herda só o pode chamar seo quando o utiliza".
(Id. *Fausto*. Pg. 46).

"Quem mais livre, que *homem* que desperta recobrado ao romper d'alva?"
(Id. *Felic. pela Agric*. Vol. 2.º Pg. 125).

Mas não deixa de ser tido por antiquado um dizer, só porque um ou outro escriptor, dentre os mais modernos, o empregou.

Na idade de oiro da litteratura latina, os mais tersos e polidos escriptores recorriam ás vezes a um outro termo, a uma ou outra phrase, a um outro modo de tecer o discurso, havidos por antiquados na epocha em que escreviam; e nem, pelos empregarem elles, deixavam os criticos de os tachar de fóra da voga.

Releva notar que, nem sempre, acompanhando os verbos para lhes indicar o sentido passivo, lhes dá o *se* essa ideia vaga e indeterminada, que, ao parecer do Dr. Ruy, o irmana ao *on* francez, tomado numa accepção indefinida.

Quando se diz em portuguez: "*construio-se esta casa em pouco tempo*", a phrase nada tem de indeterminada no que toca ao sujeito; o que não occorre com a phrase franceza correspondente: "*on a bâti cette maison en peu de temps*", cujo sujeito é indeterminado.

Não ha analogia alguma entre o *on francez* e o *se*, que, unido ao verbo, dá sentido passivo ás phrases; ha, sim, muita vez analogia de sentido entre a oração portugueza e a franceza, figurando numa o *se*, na outra o *on*, que, em todo o caso, representam funcções totalmente differentes.

Ás vezes numa e noutra lingoa se emprega o pronome *se*, exercendo o mesmo papel de apassivar a sentença; tal a phrase de La Fontaine: (323)

(323) Liv. 1.º *Fab. 21.*

"*Quelques rayons de miel sans maitre* SE *trouvèrent*".

Taes ainda as seguintes: "*Cette nouvelle s'est aussitôt rèpandue*"; "*tout ce que* SE *mange avec plaisir,* SE *digère avec facilité*".

Em alguns casos no francez, numa phrase composta de dois verbos, se emprega o *on* como sujeito do primeiro e o *se* dando ao segundo um sentido passivo; tão diversa é a funcção dos dois pronomes. Assim disse Boileau:

"*Ce que l'on conçoit bien s'énonce clairement*". (324)

Não se pode dizer, pois, que o *se* e o *on* se correspondem, quando o primeiro destes vocabulos entra na constituição do sentido passivo; são elementos de origem differente, funcções differentes exercem.

(324) Vide *Notions Élémentaires de Grammaire Hist. de la lang. Franç.* par Marius Michel. Pg. 100.

LXXX

ADDENDUM ÁS LIGEIRAS OBSERVAÇÕES

Destinamos este ultimo capitulo, a que damos a denominação de *addendum*, ao exame de algumas emendas do Dr. Ruy Barbosa ao *Projecto do Codigo Civil*, e observações suas, que, attento o escasso tempo de que dispuzemos para dar a lume o nosso primeiro trabalho, não podemos reflectida e maduramente aquilatar, e escrevemol-o agora, annexando-o a este segundo trabalho, como um supplemento ás *Ligeiras Observações*.

Assim, ao Dr. Ruy se lhe antolhará menos *misera* a colheita que fizemos em suas emendas. Não é tão escassa e pobre a messe, que não deixe ao ceifador diligente alguma coisa que respigar.

E, sem mais salvas nem rodeios, entremos nesta ultima parte do nosso trabalho.

Reza assim o *Projecto* em o n. III do art. 14:

"Cada um dos municipios *constitucionalmente* organizados no territorio brasileiro".

Faz o Dr. Ruy a seguinte reflexão:

"*Constitucionalmente* abrange menos que *legalmente;* porquanto a constituição não comprehende as leis, ao passo que as leis não serão leis, se não forem constitucionaes".

Nessa emenda parece haver desacerto logico.

Abranger significa abraçar, cingir, comprehender, abarcar, alcançar, chegar a, extender-se até alguem ou alguma coisa. *Comprehender* o mesmo vale que conter, incluir, extender a sua acção a, abranger, na sua extensão physica ou figurada.

Se, como diz o illustre critivo, "*constitucionalmente* abrange menos que *legalmente;* porquanto a constituição não comprehende as leis", como affirmar immediatamente depois que *as leis não serão leis, se não forem constitucionaes?*

Qual dos dois, tratando-se de um codigo civil, se reputa mais extenso o termo *constituição* ou o termo *leis?* Se é mais extenso aquelle, como dizer que *abrange menos,* encerra menos, contem menos, comprehende menos, se applica, se extende a menor numero de individuos? Se tem menos extensão, isto é, se, segundo se exprime o Dr. Ruy Barbosa, *abrange menos,* como dizer que *as leis não serão leis, se não forem constitucionaes?*

Seria o mesmo affirmar que o termo *animal abrange menos* que o termo *homem,* porque todo o *homem* é *animal;* que o vocabulo *ser abrange menos* que *animal,* porque *todo o animal* é um *ser;* o que é absurdo, e está em flagrante opposição com o que até hoje têm dito grammaticos e logicos sobre a *extensão* e *comprehensão* dos termos.

Qual o termo que os logicos denominam *superior?* Qual o *inferior* ou *subordinado?* Não será o vocabulo *constituição* superior relativamente ao termo *leis?*

Serão as *leis* que figuram aqui de continente ou a *constituição?*

Se a esta cabe o papel de *continente,* como termo superior que é, e áquellas o de *conteudo,* como termo *subordinado* áquelle, são *as leis,* e não a *constituição,* as que *menos abrangem,* ellas as que se applicam, se extendem a menor numero de individuos, a menos de considerar o *conteudo* abrangendo mais, sendo mais extenso que o *continente,* com inversão completa da ordem das ideias. Se a *constituição* contem os principios fundamentaes com os quaes se deve conformar e harmonizar toda a legislação, não se pode considerar abrangendo menos, figurando como termo *inferior* ou *subordinado,* quando em relação ás leis é o termo *superior.*

* * *

A secção III (Liv. 1.º Tit. 1.º Cap. 2.º) do *Projecto* tem como rubrica as seguintes palavras:

"*Sociedades* e *Associações Civis*".

Acha que notar o esclarecido senador na mencionada rubrica, procurando fundamentar o seo reparo nos termos seguintes:

"Desde que em todo o decurso desta secção só se occupa o texto com as *associações,* parece manifesto que estabelece absoluta synonymia entre esse termo e o de *sociedades.*

"Logo a conjunctiva *e,* da rubrica, se ha de substituir pela disjunctiva *ou*".

A conclusão do erudito escriptor não se acha rigorosamente contida nas premissas: ainda no presupposto de serem absolutamente

synonymas as duas palavras *sociedades* e *associações*, não se infere necessariamente haja desacerto no emprego da conjuncção *e*, porque não raro, ainda nos que melhor escrevem e fallam, se encontram exemplos do uso desta copulativa, ligue embora palavras synonymas.

Assim disse Bento Pereira (Vide Lat. Coelho. *Gramm. da Ling. Port.* Pg. 87):

"A *sêde e o desejo* de dinheiro nunca se farta"; (*)

e Vieira:

"Rompamos por tudo o que nos pode ser *estorvo* E *impedimento*";
(Id. Ibid. T. 5.º Pg. 140).

havendo manifestamente synonymia entre as locuções *sêde* de dinheiro e *desejo* de dinheiro, e os vocabulos *estorvo* e *impedimento*.

Por outro lado, emprega-se em nossa lingoa a conjuncção *ou* para ligar vocabulos, sejam synonymos ou não:

"Byzancio *ou* Constantinopla, plebeo *ou* patricio, liberto *ou* patrono".
"Compensação (**) *ou* recompensa".
(Vieira. *Serm.* T. 1.º Pg. 129).

Disse, outrosim, Filinto:

"Dando a colher que, ainda no maior *afogo* E *fervor* do dizer, cumpre sobrio e commedido ser".
(*Obr.* T. 11. Pg. 336).

* * *

No art. 66, § 3.º diz o *Projecto*:

"São necessarias as que (falla-se aqui de bemfeitorias) têm por fim conservar a coisa ou *evitar a sua deterioração*".

Faz o Dr. Ruy Barbosa a seguinte emenda:

"São necessarias as que têm por fim conservar a coisa, ou *evitar que se deteriore*".

A emenda, como se vê, em nada se avantajou á redacção do texto: *evitar a deterioração de uma coisa*, e *evitar que essa coisa se deteriore* vem a ser, quanto ao sentido, uma e a mesma coisa.

* * *

(*) Na 1.ª ed. a notação neste lugar é o ponto final.
(**) Na 2.ª ed. lemos "compensão".

O verbo *interessar* é empregado em nossa lingoa, já acompanhado de objecto directo, já de objecto indirecto.

Assim se diz, fazendo-o transitivo directo: "*interessei-o* nesta empreza, neste negócio", isto é, "dei-lhe parte dos lucros nesta empreza, ou negocio"; aquelle discurso o *interessou* extraordinariamente", isto é, "fixou-lhe, prendeu-lhe extraordinariamente a attenção,excitou-lhe vivamente o espírito"; "nada *os interessa*", isto é, "nada lhes move a curiosidade, lhes absorve a attenção"; "o golpe *interessou-lhe* a carotida, o pulmão, os intestinos", isto é, "ferio, offendeo a carotida, o pulmão, os intestinos"; "conseguio *interessar* a benevolencia do ministro", isto é, "conseguio mover em seo favor, dispor em seo favor, captar, captivar, ganhar, conciliar, carear, grangear a benevolencia do ministro".

Disse bem A. Herculano (*Hist. de Port.* T. 2.º Pg. 434):

"Para *os interessar* na sua defesa".

Na accepção, porem, de ser util, interessante, proveitoso, tocar, importar, fazem-no sempre transitivo indirecto os nossos bons escriptores.

Assim que se diz: isto *interessa a* todos; *interessa ás* lettras, *á* sciencia, *á* humanidade, *á* medicina; não *lhe interessava* o trabalhar tanto para lucrar tão pouco. A. Castilho escreveo nos *Mil e Um Mysterios*:

"Que logo conhecereis quanto *lhe* devia *interessar*". (Pg. 35).

Usando desta syntaxe, disse L. Coelho, em sua *Historia Politica e Militar de Portugal* (T. 1.º Pg. 138):

"Esta anecdota, na parte pelo menos em que *interessava* ao gabinete de Versailles, não parece verosimil",

e nos seos *Varões Illustres* (T. 1.º *Advert. Prel.*):

"Pela copia das noticias que se haviam accumulado no preambulo e poderiam *interessar aos* que ainda prezam a memoria das nossas aventuras e grandezas".

E A. Herculano:

"O que importa a esta, porque *interessa á* humanidade e...".
(*Hist. da Inq.* T. 1.º Pg. 44).

"*Interessava á* honra d'el-rei e *á* memoria de seo pae conceder-se o perdão".
(Ibid. T. 2.º Pg. 55).

"No ponto que particularmente *lhe interessava*".
(Ibid. T. 3.º Pg. 291).

"Tanto no que respeita ás questões sociaes, como no que *interessa á* sciencia e *á* litteratura".

(*Lendas e Narrat.* T. 2.º Pg. 280).

Justamente nesta accepção é que o illustre Dr. Ruy Barbosa emprega o verbo *interessar*, dando-lhe complemento directo, utilizando-se de syntaxe não abonada pelos nossos escriptores, tidos em melhor conta.

O art. 89 do *Projecto* reza o seguinte:

"Considera-se erro substancial o que versa sobre a natureza do acto, sobre o objecto principal da declaração, ou sobre alguma das qualidades essenciaes do mesmo objecto".

E' este artigo emendado assim:

"Considera-se erro substancial o que *interessa* a natureza do acto, o objecto principal da declaração ou alguma das qualidades a elle essenciaes".

Ora, o vocabulo *interessar*, de que a emenda faz uso, o mesmo vale que *importar, respeitar;* não se devia, logo, dizer; "o que *interessa* A *natureza* do acto, o objecto principal da declaração"; mas: "o que *interessa* A *natureza* do acto, AO objecto principal da declaração".

O verbo *interessar*, tomado nesta accepção, não pede objecto directo, como lhe deo a redacção da emenda, senão objecto indirecto.

* * *

E' este o modo da reducção do art. 100 do *Projecto*:

"A coacção, para viciar a vontade, deve ser tal que inspire ao paciente receio fundado de damno imminente á sua pessoa, á familia ou aos seos bens, igual, pelo menos, ao que possa resultar do acto a que é coagido".

A emenda a este artigo é assim formulada pelo douto critico:

"A coacção, para viciar a manifestação da vontade, ha-de ser tal, que incuta ao paciente fundado temor de damno á sua pessoa, á sua familia, ou a seos bens, imminente e igual, pelo menos, ao receiavel do acto extorquido".

E faz a seguinte ponderação, em que julga bem fundamentada a censura:

"Viciar *a vontade*". O que a coacção, *vis impulsiva*, vicia, não é *a vontade*, mas a sua *manifestação*. O coacto não deixa de querer o que queria; mas apparenta querer o que não quer".

Mas não pode a manifestação da vontade ser viciada, se esta o não for igualmente.

Se assim não fôra, não se podera attribuir ao querer essa manifestação viciada pela qual se elle exterioriza e objectiva.

A violencia, o medo, o receio, o terror do damno imminente á pessoa do paciente, á sua familia e aos seos bens, que constituem a coação, extendem seo influxo ao systema nervoso cerebro-espinhal, modificando mais ou menos accentuadamente a acção cerebral, que, por sua vez, variará a deliberação, um dos elementos do acto voluntario ou da resolução, que caracteriza a vontade.

Se todos os factos do *eu* têm por antecedentes necessarios phenomenos organicos, que se prendem, travam e enlaçam em uma serie ininterrupta, não é obvio que as condições do cerebro, onde vão echoar esses phenomenos, influirão poderosamente no esforço e execução, que seguem o facto psychico do resolver ou determinar?

E se o medo, a violencia ou o terror, que acompanham a coacção, actuam nas funcções cerebraes, não é natural que a vontade ou o acto voluntario se não possa forrar á acção nervosa, á influição organica que o precede?

Como sustentar que não é a vontade mesma que se vicia, senão sua manifestação?

Se é verdadeira a influencia poderosa que certos estados mentaes exercem nas funcções organicas, não o é menos a influencia destas naquelles.

O pezar violento represa a secreção das lagrimas; a anciedade do espirito diminue a quantidade e altera a qualidade do leite; o medo, o pavor, o terror, suspendem e estancam a subitas esta secreção.

Uma irrigação mais abundante de sangue em certas circumscripções de encephalo, fazendo entrar em erethismo as cellulas nervosas que lhes correspondem, revigora a memoria, aviva as impressões, aclara as ideias e torna o individuo de extranha loquacidade.

Estas ideias conformam com o que modernamente nos ensina a physiologia mental. Assim é que se exprime Cottle em seo *Manual of Physiology*:

"An accelerated circulation of blood in the brain, by increasing nutrition and growth, stimulates the functions of the cerebrum and promotes a corresponding growth of ideas, or a fruitful pabulum for the occasion from which they arise".

Na parte do mesmo artigo em que se diz: "damno imminente á sua pessoa, á familia ou aos seos bens", censura o Dr. Ruy Barbosa ter a redacção do *Projecto* omittido antes do vocabulo *familia* o possessivo, que se antepoz ás palavras *pessoa* e *bens*.

De accordo. Pensamos aqui com o emerito escriptor; mas em falta analoga incorre, quando diz na emenda ao mesmo artigo: "damno *á sua pessoa, á familia* ou *A* seos *bens*", devendo, para ser correcto, dizer: "damno *á sua pessoa, á sua familia* ou AOS *seos bens*".

Se o *á* que precede os substantivos *pessoa* e *familia* é a combinação do artigo com a preposição, o *a* que precede o substantivo plural *bens* deve igualmente sel-o, exprimindo todos esses substantivos, modificado pelos possessivo, a mesma relação para com o substantivo *damno*, que lhes antecede, e que todos determinam exactamente de modo identico.

* * *

Ao vocabulo *disfarçado*, empregado pelo *Projecto* no art. 105, põe-lhe o Dr. Ruy Barbosa a nota de *familiar*.

Entretanto não offende o melindre das pennas mais elegantes, ainda no mais elevado estylo, o uso do verbo *disfarçar* e do adjectivo *disfarçado*, do que, por amostra, citaremos o seguinte lanço:

"O periodo seguinte no papel artificioso do secretario da marinha era uma intimação mal *disfarçada* ao decrepito marquez".

(Lat. Coelho. *Hist. Polit. e Milit. de Port.* T. 1.º Pg. 158).

Diz, outrosim, o *Codigo Portuguez*, no art. 1542:

"As dividas do jogo não podem ser pedidas judicialmente, embora se *disfarcem* com as apparencias de outro qualquer contracto ou renovação".

Entre os varios estylos, nenhum se conhece em prosa, de mais compostura, nem mais grave, nem mais elevado do que o da historia. E comtudo não se desprezou Latino Coelho, o *pontifice da religião litteraria, o mais poeta de nossos escriptores*, no dizer autorizado de Castilho Antonio, de empregar, em sua *Historia Politica e Militar de Portugal*, no passo acima apontado, o vocabulo *disfarçado*, que o illustre critico brasileiro põe entre os vocabulos familiares.

* * *

No paragrapho unico do art. 118 é esta a linguagem do *Projecto*:

"Se os actos revogados tinham por unico objecto attribuir direitos de preferencia, por hypotheca, antichrese ou penhor, a sua nullidade importará somente a perda da preferencia".

Emendando este paragrapho, emprega o Dr. Ruy a preposição *em* depois do verbo *importar*, recorrendo a uma regencia não aforada entre os bons modelos.

Isto se observa no maior numero dos casos, onde o illustre critico, nas emendas que faz ao *Projecto*, se soccorre a esse verbo, tomando-o na accepção em que está alli empregado. Assim que redige do seguinte modo o paragrapho unico do alludido art. 118:

"Se os actos revogados tinham por unico objecto attribuir direitos preferenciaes, mediante hypotheca, antichrese, ou penhor, sua nullidade *importará* somente *na annullação* da preferencia ajustada.

Do mesmo modo ao art. 934, onde se diz:

"O pagamento que *importar* transferencia de dominio, só será valido, quando feito por quem tiver a faculdade de alienar o respectivo legado".

dá o Dr. Ruy a seguinte redacção:

"Só valerá o pagamento, que *importar em* transmissão da propriedade, quando feito por quem possa alienar o objecto em que elle consistio",

aproveitando-se ainda da mesma syntaxe na emenda ao art. 998, onde diz:

"Se fôr titulo de credito a coisa dada em pagamento, a transferencia *importará em* cessão".

Entretanto em todos os lugares em que no *Projecto* figura o verbo *importar*, no sentido de *produzir*, *causar*, *trazer comsigo*, *dar em resultado*, *dar causa a*, *implicar*, *envolver*, é este verbo acompanhado de complemento ou objecto directo.

De feito, esta é a syntaxe que se observa em todos os escriptores de nomeada, e nos que timbram de escrever com pureza.

Importar, derivado da preposição latina *in* (em) e do verbo *portare* (trazer, levar, transportar), no sentido proprio equivale a trazer para dentro, trazer de fóra, trazer de um paiz extrangeiro ou de um estado para outro paiz ou estado. E' verbo transitivo directo.

Assim é que se diz: "a Inglaterra *importa* os melhores vinhos de Portugal", "o Brasil *importa* muitas mercadorias da Allemanha, França e Inglaterra"; e figuradamente:

"Filinto *importou* do latim muitos vocabulos para o idioma portuguez"; "a guerra *importa* sempre grandes sacrificios para os paizes"; "a reconciliação dos dois generaes *importa* minha elevação no quadro do exercito"; "a educação da mocidade *importa* a felicidade da republica".

Exemplos desta syntaxe abundam nos melhores escriptores, taes os que se notam nos seguintes passos:

"O appellido *importava a defesa* de um por todos e todos por um".
(A. Herc. *Hist. de Port.* T. 4.º Pg. 278).

"A denegação de julgamento da parte do *judex* em certos casos *importava* para o queixoso *a faculdade* de matar o magistrado".
(Ibid. Pg. 279).

'Uma vez que o delicto não *importasse pena* de morte".
(Ibid. Pg. 285).

"A outros quaesquer (delictos) que não *importassem derramamento* de sangue".
(Ibid. Pg. 326).

"Mas semelhantes denominações *importam* em rigor o *mesmo*".
(Ibid. Pg. 267).

"Entrega que virtualmente *importava a perda* das suas ultimas conquistas".
(Ibid. T. 2.º Pg. 55).

"Actos que *importavam manifestações* de soberania".
(Id. *Opusc.* T. 1.º Pg. 220).

"Mas a igualdade civil *importa a desigualdade* social".
(Id. *Os Vinculos.* T. 3.º Pg. 48).

"A perpetuidade do officio *imporatva vantagens* e *encargos* para o secretario".
(Ibid. T. 2.º Pg. 154).

"*Importava um desaggravo* para a Academia".
(Ibid. Pg. 158).

"A admissão e a residencia em Portugal das irmãs de caridade do instituto francez é accidental e temporaria, ou *importa o estabelecimento* de um instituto permanente?"
(Id. Ibid. Pg. 301).

"Mas nem tal designação *importava o mesmo* que depois veio a significar".
(Id. *Hist. da Inq.* T. 1.º Pg. 15).

"O regulamento de 1763 *importou um progresso* mui notavel na instrucção tactica da infanteria".
(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit.* T. 3.º Pg. 75).

No sentido, porem, de *elevar-se a tal preço, subir a tanto, montar a, chegar a tal quantia, custar*, é que se dá a este verbo comple-

mento indirecto, precedido da preposição *em*, a qual é muitas vezes elliptica.

Assim é que se diz correctamente: "os funeraes da rainha *importaram em tantos contos*"; "as despezas da guerra do Paraguay *importaram em tanto*".

Mas não se dirá bem em portuguez: "a tomada da praça *importa na* perda e destruição do exercito"; e sim: "a tomada da praça *importa a perda* e *destruição* do exercito'; "a tomada de Humaytá *importou o aniquilamento* das tropas paraguayas".

A's vezes, empregando *importar* no primeiro desses sentidos, lhe supprimem os nossos classicos a preposição *em*, que lhe rege o complemento indirecto, dizendo, como Fr. Luiz de Souza, na *Vida do Arcebispo* (Liv. 1.º Cap. 13. Pg. 24):

"*Importava* ao todo a renda certa e sabida do Arcebispado *pouco mais de vinte mil cruzados*",

e como M. Bernardes (Vide *Livr. Clas.* T. 1.ª Pg. 89):

"*Importam vinte e dois e quinhentos cruzados*".

De modo analogo, e na mesma accepção, usavam o verbo *montar*, calando-lhe a preposição *a*, que lhe acompanha o complemento indirecto. Assim disse Vieira:

"Vinham a *montar dez mil talentos*".
(*Serm.* T. 14. Pg. 389).

Como verbo unipessoal é commummente empregado o verbo *importar* como synonymo de *convir*, *relevar*, *cumprir*, sob a forma pronominal, não nos lembra ter achado exemplos deste verbo entre os classicos antigos; entre os modernos, porém, ás vezes se nos offerecem casos dessa forma. Assim disse Castilho Antonio:

"Sem já *se importar* muito de o sentir vacillar".
(*Metamorph.* Nota. Pg. 290).

* * *

No art. 159 escreve o *Projecto*:

"O menor entre quatorze e vinte um annos não pode invocar a sua idade para eximir-se de uma obrigação, se dolosamente a occultou, quando inquirido pela outra parte; ou se espontaneamente se declarou maior, na occasião de se obrigar".

Reprova o illustrado critico a redacção deste artigo nos seguintes termos:

"Se dolosamente *a occultou*". Quiz o texto dizer: se occultou *a idade*.

"Mas, segundo a ordem grammatical das palavras, o que disse, é: se occultou *a obrigação*.

"Fructos inevitaveis da pressa".

Que ordem grammatical é essa, que, tendo em mesquinho e pouco preço o sentido, força o pronome *a* a referir-se ao vocabulo *obrigação* de preferencia á palavra *idade*, a que o liga claramente o pensamento do contexto?

Só pelo facto de haver na phrase um substantivo feminino mais proximo da variação pronominal *a*, será esta; de força, associada áquelle, por mais que a isso se opponha terminantemente o sentido da phrase?

Não são *fructos inevitaveis da pressa*: são-no, sim, da logica, que nem sempre obedece cegamente ás prescripções da grammatica, por vezes arbitrarias e injustificaveis; são-no das construcções idiomaticas, sanccionadas pelo uso, esse *artifice engenhoso das linguagens*, como lhe chamou Latino Coelho, esse arbitro supremo, a cujas imperiosas decisões cede a grammatica e muita vez a propria logica. *Quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi.*

Disse Castilho, no *Outono* (Pg. XI):

"Os analphabetos invejam a instrucção para si, porque, mesmo na sua ignorancia, já reconhecem que *ella* é uma força";

e nem de longe lhe vislumbrou na mente a conjectura que o artificio grammatical, em obvio conflicto com a logica das ideias, podéra referir o pronome *ella*, aqui empregado, ao vocabulo *ignorancia*, e não ao vocabulo *instrucção*.

* * *

No Capitulo 4.º, fallando dos prazos da prescripção, assim se enuncia o *Projecto*, no art. 182, n. 4 do paragrapho 6.º:

"A acção dos herdeiros do filho no caso do numero anterior, contado o prazo da data do fallecimento, se o filho tiver morrido durante a menoridade, e bem assim a do seo representante legal, quando o pae tiver perdido o patrio poder, correndo o prazo dessa data em diante".

Nota o illustre Dr. Ruy a redacção desta parte do art. 182, enunciando-se do modo seguinte:

"*Dessa data* em diante". De que data? Quanto á perda, pelo pae, do patrio poder, não se fallou em *data*. A *data*, de que se tratou, a unica, é a da morte do filho em menoridade.

"Demais, alludindo á eventualidade figurada nas palavras immediatamente anteriores, era mais natural que dissesse *desta*, e não *dessa*. Todas estas ponderações induziriam a crer que, nas palavras "dessa data em diante", a data contemplada é a do obito do filho. E, comtudo, não pode ser. O anno franqueado ao representante legal do menor, na hypothese de perda, pelo pae, do patrio poder, afim de reivindicar, ou exonerar, os immoveis por elle indevidamente onerados, ou alienados, não pode correr senão do tempo em que o menor passou da custodia paterna á do tutor legal".

Não ha porque censurar aqui a redacção do *Projecto*. Nada de obscuro ha na parte do texto a que allude o Dr. Ruy Barbosa: para que se empregue a expressão *dessa data*, não é mister que antes se tenha usado a palavra *data*, basta que na enunciação do pensamento anterior haja uma palavra, uma expressão, um conjuncto de palavras que suscitem a ideia de uma epocha, de um acontecimento, em summa, uma ideia de tempo.

Assim se diz em portuguez: "Pedro morreo em 1880, correndo dessa data em diante com as despesas de seos dois filhos seo irmão Guilherme"; "reteve os autos até o ultimo dia do mez, prazo esse alem do qual não podia ir".

Nestes dois exemplos não ha anteriormente nem o vocabulo *data*, nem *prazo*, e comtudo não se impugnarão com bons fundamentos as duas phrases aqui referidas, nem se haverá por vicioso o emprego do adjectivo *esse, essa*.

Com effeito, á eventualidade intimada pelas palavras anteriormente expressas é que se liga a referencia indicada pelo demonstrativo na expressão *dessa data*. Porque haver o Dr. Ruy por mais natural alli o uso do adjectivo *este*, quando não só é frequente entre os bons escriptores portuguezes empregar, em circumstancias analogas, (*) o demonstrativo *esse*, senão que mais de uma vez o emprega o proprio censor?

Folheando o *Codigo Civil Portuguez*, depara-nos a lição do art. 52 o seguinte trecho, onde o vocabulo *esse* se refere a um facto, um acontecimento condicional, denotado pelas palavras anteriormente enunciadas:

"Os militares não arregimentados têm domicilio no lugar onde estam de serviço, se não tiverem algum estabelecimento ou morada, permanente, porçue, *nesse caso*, ahi será seo domicilio".

(*) Na 2.ª ed. omittiram-se as virgulas depois de "empregar" e "analogas".

Nesse caso, diz a redacção daquelle codigo, isto é, se tiverem algum estabelecimento ou morada permanente.

É, por outra parte, clara e inequivoca a relação exprimida pelo adjectivo *esse*, no alludido passo do codigo portuguez.

Numa passagem de A. Herculano, em sua *Historia de Portugal* (T. 4.º Pg. 261), lê-se o seguinte:

"Os vizinhos, *esses* podem vender pannos de lã, cereaes etc., nas proprias habitações".

O adjectivo demonstrativo, neste lugar, refere-se evidentemente ao vocabulo *vizinhos*, que lhe precede immediatamente.

Como estes exemplos, podemos adduzir ainda os tres excerptos do Padre Antonio Vieira:

"De sorte que o peloiro que errou, *esse* fazia os estrondos, a *esse* se faziam as reverencias; e o outro que acertou, o outro que fez sua obrigação, *esse* ficava enterrado".

(Vide *Iris Classico*. Pg. 224).

"Que coisa são os gostos senão as vesperas dos pezares? Quem mais se
"Que coisas são os gostos senão as vesperas dos pezares? Quem mais as canta, *esse* as vem a chorar mais".

(Ibid. Pg. 215).

"Se aqui me podera consolar com V. S.ª, fora um grande allivio, mas nem *esse* posso ter".

(Id. *Cartas*. T. 3.º Pg. 140).

Disse tambem Castilho Antonio:

"Mas bons amigos poetas, *esses* acodem muito pontuaes ao convite do meo bosque de seis arvores".

(*Convers. Preamb. do D. Jayme* de Th. Ribeiro. Pg. 54).

O illustre Dr. Ruy Barbosa mesmo, que reputa mais natural, naquella parte do art. 182, o emprego da expressão *desta data* no trecho que é objecto da censura, diz, no paragrapho 1.º do art. 185:

"Se, decorrido *esse prazo*, não apparecer quem opponha impedimento".

O prazo, de que falla no § 1 do art. 185, infere-se da phrase: *lavrará os proclamas de casamento, mediante edital, que se affixará durante quinze dias*, encerrada na primeira parte do artigo.

E no art. 187, n. XIV:

"A viuva, ou a descasada por nullidade ou annullação do matrimonio, até dez mezes do começo da viuvez ou da dissolução da sociedade conjugal, salvo se antes de findo *esse prazo* der á luz algum filho".

Aqui e alli a palavra *prazo* não foi antes indicada; é, sim, trazida por uma expressão anterior, que inculca a ideia de tempo, a qual em sua extensão se applica a todos os prazos, abrangendo-os em sua generalidade.

E não se apodarão de equivocos esses dois lugares, em que o Dr. Ruy emprega o demonstrativo *esse*, como se não terá por ambiguo o lanço do art. 182 do *Projecto do Codigo*.

* * *

No § 9.º I. b. do art. 182, diz o *Projecto*:

"Annullar as fianças e doações feitas pelo marido, fóra dos casos da lei".

Extranhando o Dr. Ruy Barbosa a expressão *fianças* e *doações feitas*, emenda esse paragrapho do art. 182, dizendo:

"Annullar as fianças prestadas e as doações feitas pelo marido fóra dos casos legaes";

e escreve:

"Com esta redacção temos *fianças feitas, fazer fianças, coisa* que se não diz".

Ha engano no asserto do erudito censor da redacção do *Projecto*. Bem que mais raramente usada hoje do que a alvitrada por elle, não é, todavia, alheia do nosso idioma, nem mal compativel com o dizer vernaculo a locução censurada.

Empregou-a F. Rodrigues Lobo, um dos mais distinctos escriptores da primeira metade do seculo 17, "cujas obras de prosa, segundo a expressão allegorica de que se serve o que as julga no *Hospital das Letras* de D. Francisco Manoel de Mello, têm perfeitissima saude, não ha para que lhes pôr mão,... porque foi claro, engenhoso, elegante, grande cortezão, e não menor jardineiro da lingoa portugueza, que tosou, polio, e cultivou, como bom filho e grato Republico". (Vide *Dicc. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa*. Pg. CXLII).

Compulsando o diccionario de A. de Moraes Silva, no vocabulo *fiança*, ver-se-ha que aquelle discreto e engenhoso prosador e poeta não desdenhou a locução *fazer fiança*, no sentido de ficar por fiador.

* * *

O art. 187 do *Projecto* diz:

"São prohibidos de casar:

.....

"X. O raptor com a raptada, emquanto esta não estiver em lugar seguro e fora do poder delle".

"*Delle*", diz o Dr. Ruy, "refere-se grammaticalmente a *lugar*".

Delle, quer considerado á luz da grammatica, quer em relação ao que se intenta indicar, não pode referir-se senão a *raptor*.

Que é o que força a associar-se grammaticalmente a *lugar* a variação pronominal?

A applicação rigorosa da regra de proximidade, de que falla varias vezes o illustre critico, e a cuja luz combate aqui a redacção desta parte do art. 187, é de todo sem fundamento, e em pleno desacordo com o bom uso.

A preposição *em* não é indicativa de uma relação de lugar *onde*, não significa *dentro de?* Como se poderiam combinar e coadunar as ideias antinomicas *no* lugar, *dentro* do lugar e *fóra* do poder do lugar, isto é, *fóra* do lugar?

Não pode aqui escudar-se a critica com a regra de proximidade, que transpõe as raias do acceitavel e razoavel.

O art. 55 do *Codigo Civil Portuguez* é assim formulado:

"Se qualquer pessoa desapparecer do lugar de seo domicilio ou residencia, sem que *della* se saiba parte, e não houver deixado procurador, ou quem legalmente administre os seos bens, e se for necessario prover a este respeito, ser-lhe-ha dado curador pelo juiz".

Vê-se neste artigo do *Codigo Portuguez* a expressão pronominal *della*, que se não pode referir ao vocabulo *residencia*, bem que este lhe seja mais proximo que o vocabulo *pessoa*, com o qual se ella correlata.

Ha perfeita analogia entre esta redacção do *Codigo Portuguez* e a do artigo do *Projecto*, que defendemos aqui.

Demais, como entender a grammatica, abstrahindo-a do pensamento, do sentido e da logica?

Como se comprehenderiam certas construcções grammaticaes, se por ellas se não irradiasse a luz da logica, esclarecendo o sentido?

Interpretando os dois seguintes versos do autor da *Corte na Aldêa*:

> "Batto que em dura pedra converteo
> Mercurio pelos furtos que revela",

não é a grammatica só por só que nos vem deslindar se foi Mercurio ou Batto o que converteo, se é este ou aquelle o sujeito de *revela*,

é o sentido e só o sentido; é o conhecimento mythologico das duas personagens allegoricas.

O sentido ainda é que nos leva a penetrar o pensamento do celebrado epico portuguez, naquelle lanço de um dos cantos dos seos Lusiadas, em que se lê:

"Onde rosto e narizes se cortava",

erradamente analysado pelo autor do *Diccionario Grammatical Portuguez.* (325).

A falta do conhecimento da personagem historica, a quem allude o poeta, attribuindo-lhe aquella mutilação de si mesma, aquella sobrehumana dedicação ao seo rei e á sua patria, induzio em erro o grammatico brasileiro, que, analysando aquelle verso, reputa a expressão *se cortava* de sentido passivo, quando é o sentido reflexo que lhe dá o poeta, como evidentemente se deprehende da lição dos ultimos versos da Estancia, que encerra aquelle passo.

"Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde *rosto e narizes se cortava?*
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que, mil vezes dizendo, suspirava,
Que mais o seo Zopyro são prezara,
Que vinte Babylonias, que tomara".
(*Luiz.* Cant. 3.º Est. 41).

No mesmo art. 187, n. XIV, nota o Dr. Ruy a expressão a *mulher viuva*, empregada pelo *Projecto*, glosando-a nos seguintes termos:

"Accrescenta o texto a *viuva* o substantivo mulher, como se podera ser viuva, sendo homem, ou qualquer outra coisa".

Não foi, como diz o douto critico, ao vocabulo *viuva* que se accrescentou o substantivo *mulher*, foi, sim, a este que se accrescentou aquelle; *viuva* é aqui um adjectivo, e não sei que de censuravel se descortine na expressão a *mulher viuva ou separada* do marido...

Disse Castilho Antonio, usando nos *Fastos* (T. 1.º Pg. 284) da mesma locução:

"Entre os francos salicos não se recasava *mulher viuva* senão de noite, como que a furto e envergonhadamente".

Já Fr. Luiz de Souza havia dito, nos *Annaes*, a paginas 191:

"E casou com uma *mulher viuva*, moça e honrada".

(325) José Alexandre Passos.

Nenhuma incorrecção ha, portanto, no accrescentar o epitheto *viuva* ao substantivo *mulher*, dizendo como o *Projecto*:

"A *mulher viuva* ou separada do marido por nullidade ou annullação do casamento".

* * *

O art. 188 redigiram-no assim os redactores do *Projecto*:

"A affinidade illicita só se pode provar por confissão espontanea dos ascendentes da pessoa impedida, que, se outro effeito lhe não quizerem dar, poderão fazel-a em segredo de justiça".

O Dr. Ruy Barbosa, depois de emendar o artigo, apodando de mal cabida a expressão *affinidade illicita*, accrescenta:

"Affinidade *illicita*". Não conheço parentesco *illicito*. *Illicitos* são os actos, de onde resulta o parentesco não legitimo.

"O velho Bluteau é quem nos deo a verdadeira definição do adjectivo *illicito* nestas palavras, a que a reduz:

"O que não é permittido que *se faça* ou que *se diga*".

"Littré exemplifica: *convenções* illicitas; *assembléas* illicitas; *prazeres* illicitos; *jogos* illicitos; *ganhos* illicitos; *amores* illicitos.

"E nada mais. Tudo actos. Dos amores illicitos, das relações sexuaes illicitas, resulta o parentesco bastardo, natural, illegitimo, ou illidimo. Com essa especie de parentesco está em correspondencia a *affinidade* (contraparentesco), a qual será, portanto, como elle, *natural*, ou *illegitima*".

Antes de irmos mais longe, importa advertir que, no tocante á citação do illustre e douto Littré, se enganou o distincto censor.

Esse lexiologo, depois de definir o vocabulo *ilicite* o que não é licito, que é prohibido pela moral ou pela lei — *qui n'est pas licite, qui est défendu par la morale ou par la loi*, exemplifica-o nas expressões seguintes: *convenções illicitas; assembléas illicitas — conventions illicites, des assemblées illicites;* e immediatamente depois, citando o dramaturgo francez Rotrou: *un* AMOUR *illicite* (un *amor illicito*), não usa no lugar alludido da expressão *amores illicitos*, que lhe attribue o eminente Dr. Ruy.

Não diz *des amours illicites*, mas *un amour illicite*.

Depois da expressão *un amour illicite*, do autor da *Saint-Genest*, é que Littré escreve os exemplos de Bossuet, Ménagier e Calvino:

"Que me reste-t-il des plaisirs licites? un souvenir inutile; des illicites? un regret, une obligation à l'enfer ou à la pénitence". (Boss. *Sermons, la mort. fragment.*) "Jouer à jeux illicites". (Ménagier, II, 3). "Combien illicites et deshonnestes sont les gains que font...", (Calv. *Instit.*).

Não vem descabida aqui a reflexão que fazemos com respeito a esse engano do illustre Dr. Ruy.

Sabe o alumiado e provecto cultor do idioma patrio que o vocabulo *amor* em portuguez não tem no plural exactamente o mesmo sentido que se lhe attribue, de ordinario, no singular: no plural esta palavra, quasi sempre, segundo Bluteau, tomada em sentido lascivo, indica geralmente o mesmo que o vocabulo namoro, galanteio, commercio amoroso, relações amorosas, podendo, em taes circumstancias, dizer-se que porta a ideia de actos. Assim é que poetou Camões:

"O delphim traz comsigo, que aos *amores*
Do Rei, lhe aconselhou, que obedecesse".
(*Lusiadas*. Cant. VI. Est. 22).

Tambem era frequente ligarem os latinos esta significação ao vocabulo *amores*, como se verifica nos seguintes passos:

".....nec dulces *amores*
Sperne, puer, nec tu choreas".
(Hor. Liv. 1.º Od. 9.ª).

"Seu tu querelas sive geris jocos
Seu rixam et insanos *amores*".
(Id. Liv. 3.º Od. 21).

".....et incestos *amores*
De tenero meditatur ungui".
(Id. Liv. 3.º Od. 6.º).

"Meretricios *amores* nuptiis conglutinas?"
(Ter. Andr. 5, 4, 10).

Mas não passa outrotanto com a mesma palavra no singular, que indica um sentimento, o objecto que se ama, seja pessoa ou coisa, e não um acto:

"Duarte, nosso *amor*, nossa esperança".
(Veiga. *Laura.* Vide *Dicc. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*).

"Bem vejo eu, *amor* meo, quão trabalhosa
Ida faria sem ti".
(Francisco de Andrade. *Cerro do Diu.* Cant. III. Fol. 13).

Nesta ultima accepção de *pessoa* ou *coisa amada* os nossos bons escriptores tambem empregavam algumas vezes a palavra *amores* no plural, como expressão de caricia e ternura, dizendo com Sá de Miranda:

"Torna cá, meos *amores*".
(Sá de Mir. *Vilhalp.* 5, 6),

e com Souza (*Vida do Arc.* Liv. IV. Cap. 19):

"Ficae-vos, embora, minha formosa igreja, meos primeiros e ultimos *amores*",

á imitação dos latinos, que diziam:

"Pompeius, nostri *amores*". (*Cic.*) "Quid *amores* et delicię tuæ Roscius?" (Id.).

Nas expressões *assembléas illicitas, prazeres illicitos*, que nos aponta o sabio critico, citando Littré poder-se-ha dizer com exacção que os dois substantivos de que ellas se compõem significam *actos?*

As assembléas tão longe estam de reputar-se actos, que têm ellas proprias seos actos, que seriam actos de actos, se estes fossem aquellas.

Os prazeres, esses tambem se não podem contar entre os actos: são sentimentos, que se distinguem das volições, que originam os actos.

"The only objects which can be called *acts* are the consequences of volition..... the involuntary movements which are the consequences of certain diseases are not acts".
(J. Austin. Vide James Murray. *Dictionary*).

O acto e a acção contrastam ambos com tudo o que é meramente passivo e receptivo.

"Act and action are both in contrast to all that is merely passive and receptive". (*Standard Dictionary*).

Verdade é que em nossa lingoa, como em todos os idiomas romanicos, se não applica de ordinario o adjectivo *illicito* a nomes de pessoas, senão a nomes de coisas, designem actos ou não; mas, posto que raro, nada tem de alheio da indole de nossa lingoa associar este adjectivo a substantivos que indiquem pessoas.

O inglez amplia igualmente a esphera da significação deste vocabulo, tornando extensivo o emprego do adjectivo *illicit, illicitous* a nomes de agentes ou pessoas, dizendo ILLICIT DEALER, ILLICIT MANUFACTURER, como se poderá verificar, consultando os monumentaes diccionarios inglezes de Whitney e J. Murray; mas, dizer, como se colhe da critica do Dr. Ruy Barbosa, que o adjectivo *illicito*

não tem correcta applicação, a menos que se refira a actos e só a estes, não é verdade que encontre justificativa no fallar corrente de nossa lingoa, nem dos idiomas congeneres, quando se utilizam do adjectivo correspondente ao portuguez *illicito;* nem se pode haver por improprio o adjectivo *illicito* por *illegitimo* na expressão *affinidade illicita,* porque, como veremos, versando os melhores exemplares, são reputados synonymos os dois vocabulos *illicito* e *illegitimo.*

Depois de definir o adjectivo francez *illicite*: "*qui est prohibé par la loi, contraire aux bonnes moeurs ou à l'ordre public*", ajuncta Bescherelle, explanando o sentido desta palavra: "*action illicite, plaisirs illicites, atroupements illicites, bien acquis par des moyens illicites*"; e ao vocabulo AFFINITÉ não receou dar o epitheto de ILLICITE (*illicita*), usando das expressões AFFINITÉ *légitime, illégitime, licite,* ILLICITE.

Em seo *Vocabulario Juridico* (Pg. 148), tratando dos termos *licito* e *illicito,* delimitando-lhes a significação, diz Teixeira de Freitas:

"*Illicito* oppõe-se a *licito,* significando, como o *illegitimo,* o que prohibido é pela lei".

Não é minguado o numero de exemplos que se nos deparam nos lexicographos portuguezes, hespanhoes, italianos, francezes e inglezes, onde se nos mostra a equivalencia de sentido dos dois adjectivos portuguezes *illicito* e *illegitimo* e os que lhes correspondem nos outros idiomas, sejam ou não congeneres com o nosso.

Sendo, portanto, o adjectivo portuguez *illicito* reputado synonymo de *illegitimo, illegal, defeso, vedado, prohibido, não permittido, contrario á lei;* se, sem incorrer em impropriedade, pode dizer-se *affinidade illegitima,* não é para excitar extranheza, nem se tachar de desconhecida a expressão *affinidade illicita,* de que, aliás, usa Bescherelle em seo *Nouveau Dictionaire National* (3ª ed.), dizendo, como já noutra parte o notamos: "AFFINITÉ ILLICITE".

Nem, por outro lado, é possivel com verdade affirmar que este elemento grammatical só figura como epitheto de actos, porque a lição dos bons escriptores nos mostra que esse vocabulo se não diz só de actos, mas de coisas que se não podem haver por taes, de agentes, de pessoas: os appetites, as inclinações, os prazeres, as affeições, o amor manifestam-se por actos, por uma serie de actos, mas não se confundem com estes; são tendencias, sensações, sentimentos, e não *actos;* e ninguem repugna a dar-lhes a adjectivação de *illicitos* ou *illegitimos,* quando vedados pela lei ou pela moral, dizendo *desejos illicitos, affeições illicitas, prazeres, paixões, appetites, inclinações illicitas, amor illicito.*

Em seos *Sermões* usou o Padre Antonio Vieira das expressões *fructo illicito, gosto illicito, captiveiro illicito, escravo illicito, mulher llicita,* nos seguintes lugares:

"Mas bastou a prohibição do fructo vedado, sendo um só, e por vedado *illicito*".

(*Serm.* T. 1.º Pg. 204).

"Em um só *gosto illicito* e vedado".

(Ibid.).

"Porque nós queremos só os licitos (captiveiros) e defendemos os *illicitos*".

(Id. T. 2.º Pg. 122).

"Os escravos *licitos* e sem demonio são muito poucos; os *illicitos* e com o demonio são quantos elles querem captivar".

(Ibid. Pg. 123).

"O ser Herodias mulher alheia e vedada por Deos, e por isso *illicita,* era o que o Baptista prégava".

(Id. T. 1.º Pg. 204).

E nem *fructo,* nem *gosto,* nem *captiveiro,* nem *escravo,* nem *mulher,* são *actos.* O adjectivo *illicito* não se diz, logo, somente de actos.

* * *

É formulando deste modo o paragrapho unico do art. 325 do *Projecto*:

"Presume-se perdoado o adulterio, quando o conjuge innocente, depois de conhecel-o, consente em cohabitar com o culpado".

Censurando-o, faz o Dr. Ruy a seguinte reflexão:

"Cohabitar". Em que sentido o *cohabitar* neste passo? No da união sexual? Ou no da convivencia sob o mesmo tecto? A quantas questões não abre a porta esta ambiguidade?"

Entretanto, em despeito do equivoco que lhe nota, reproduz, em sua emenda, a mesma palavra do texto sobre a qual versa a censura.

Eis o modo como, emendando-o, redige o illustre critico o alludido paragrapho:

"Presume-se perdoado o adulterio, quando o conjuge inocente, conhecendo-o, cohabitar com o culpado".

Emprega, portanto, o Dr. Ruy o mesmo verbo *cohabitar,* que, tanto na emenda, como no texto, se não pode tomar senão na accepção de habitar, viver em commum, conviver sob o mesmo tecto.

Censurar o emprego de um vocabulo e conserval-o, não é emendal-o: é justifical-o e sancionar-lhe a exacção.

Se ha equivoco no *cohabitar*, usado pelo texto, não o ha menos no *cohabitar* da emenda.

* * *

O n. IV do art. 433 do *Projecto* assim reza:

"Acceitar herança, doação ou legado, ainda sujeitos a encargo".

Transcurando aquilatar bem a emenda, eis a redacção que lhe dá o Dr. Ruy Barbosa:

"Acceitar por elle heranças, legados, ou doações, sem ou com encargos".

Bem que não seja erroneo dizer, como diz na emenda o Dr. Ruy, *sem ou com encargos*, é, todavia, mais natural e mais conforme com a ordem das ideias a locução *com encargos ou sem elles, com ou sem encargos*, ou *com encargos ou sem encargos.*

Não se costuma dizer: casa *sem ou com jardim, sem ou com chacara, sem ou com quintal*, mas casa *com jardim ou sem elle*, casa *com chacara ou sem ella, com quintal ou sem elle*, ou casa *com jardim ou sem jardim, com chacara ou sem chacara, com quintal ou sem quintal.* Não é de uso dizer bugio *sem ou com cauda*, mas bugio *com cauda ou sem ella, com ou sem cauda*, ou *com cauda ou sem cauda;* homens *sem ou com barba*, mas homens *com barba ou sem ella, com ou sem barba, com barba ou sem barba;* sapatos *sem ou com salto*, mas sapatos *com salto ou sem elle, com ou sem salto, com salto ou sem salto;* barretina *sem ou com plumas*, mas barretina *com plumas ou sem ellas, com ou sem plumas, com plumas ou sem plumas;* boné *sem ou com pala*, mas boné *com pala ou sem ella, com ou sem pala, com pala ou sem pala;* casa *sem ou com varanda*, mas casa *com varanda ou sem ella, com ou sem varanda, com varanda ou sem varanda;* fallecer *sem ou com testamento*, mas fallecer *com testamento ou sem elle, com ou sem testamento, com testamento ou sem testamento;* casa *sem ou com sotão*, mas casa *com sotão ou sem elle, com ou sem sotão, com sotão ou sem sotão;* casal *sem ou com filhos*, mas casal *com filhos ou sem elles, com ou sem filhos, com filhos ou sem filhos;* riqueza adquirida *sem ou com trabalho*, mas riqueza adquirida *com trabalho ou sem ellé, com ou sem trabalho, com trabalho ou sem trabalho;* casamento *sem ou com fortuna*, mas casamento *com fortuna ou sem ella, com ou sem fortuna, com fortuna ou sem fortuna; sem ou com artigo*, mas *com artigo ou sem elle, com ou sem artigo, com artigo ou sem artigo; sem ou com receio*, mas *com receio ou sem ele,*

com ou sem receio, com receio ou sem receio; bengala *sem ou com castão, mas* bangala *com castão ou sem elle, com ou sem castão, com castão ou sem castão;* morrer *sem ou com prole,* mas morrer com *prole ou sem ella, com ou sem prole, com prole ou sem prole.*

Isso, com effeito, bem se concerta com a ordem em que se nos offerecem os conceitos no quadro do pensamento. Quando em nosso espirito se emparelham, confrontam ou entram em conflicto duas ideias, exprimindo uma um facto positivo, outra, um facto negativo, a que se liga ao positivo é a que tem a prioridade na enunciação do pensamento, porque são positivos todos os actos de nosso espirito.

A vida inteira, no desenvolvimento de nossa intelligencia, é uma serie de juizos, isto é, de affirmações: pensar é julgar, julgar é affirmar.

Nada mais contrario á natureza mesma do pensamento do que o duvidar e o negar: pensar é sempre affirmar; só se desenvolve o pensamento, quando da esphera das simples noções, das meras intuições passa ao dominio das ideias, dos juizos e affirmações; e se a palavra outra coisa não é que o verbo interior, a que dá vestes a linguagem, na expressão de nossas ideias é sempre a positiva que prevalece á negativa.

Ninguem diz: *o não e o sim,* mas *o sim e o não; desdiz e diz,* mas *diz e desdiz; não quer e quer,* mas *quer e não quer; desfaz e faz,* mas *faz e desfaz; nega e affirma,* mas *affirma e nega; incapaz e capaz,* mas *capaz e incapaz; a morte e a vida,* mas *a vida e a morte; o não ser e o ser,* mas *o ser e o não ser; a descarga e a carga,* mas *a carga e a descarga; a descrença e a crença,* mas *a crença e a descrença.*

Não se diz, interrogando: Antoni *não veio ou veio?, não chegou ou chegou o vapor?, não quer vir ou quer?;* mas Antonio *veio ou não veio?, chegou ou não chegou* o vapor?, *chegou ou não* o vapor?

"Notae o que *diz e não diz* S. João", (*)

escreveo Vieira (*Serm.* T. 7.º Pg. 332).

E muito acertadamente Castilho Antonio:

"Oh! quando acabarão de entender os homens de engenho: que, se até agora têm podido muito para a gloria pessoal, podem, *com ella ou sem ella,* muito mais e centuplicadamente para a felicitação dos seos semelhantes?"

(*O Outono.* Pg. 59).

Vê-se, pois, que em todas estas locuções é sempre a que indica a idéia positiva que tem prioridade na enunciação do pensamento,

(*) Na 1.ª ed. omittiu-se a virgula, neste passo.

por isso é, repitamos, que julgamos devêra a expressão do Dr. Ruy *sem ou com encargos* ser substituida por qualquer das seguintes: *com encargos ou sem elles, com ou sem encargos, com encargos ou sem encargos.*

* * *

É este o modo como a redacção do *Projecto* formulou o art. 457:

"A interdicção dos surdos-mudos deve fixar os limites da curatela, segundo o gráo de seo desenvolvimento mental".

O illustre Dr. Ruy faz sobre essa redacção o seguinte reparo:

"*Seo* desenvolvimento mental". De quem? Da curatela?

"Não é o que se teve em mente; mas é o que, segundo a construcção do periodo, ahi se exprime".

Mas que sentido teria attribuir ao vocabulo *curatela* a ideia de *desenvolvimento mental?* Não é claro que o sentido liga precisamente, de modo inequivoco, a locução *seo desenvolvimento mental* ao dos *surdos-mudos,* o qual assignará os limites da curatela? Não é, rompendo assim os laços de solidariedade entre a grammatica e o pensamento, que se fará toque das phrases para julgar dos quilates de sua legitimidade.

Copia immensa de exemplos analogos nos offerecem os mais notaveis de nossos escriptores, antigos e modernos, onde, applicada em absoluto ou com a desusada amplidão que lhe dá o eminente critico, a regra de proximidade remataria no mais palpavel absurdo.

* * *

É assim formulado o art. 466:

"A incapacidade do prodigo somente se dá, existindo conjuges, ascendentes e descendentes legitimos, e só por elles pode ser denunciada e promovida".

Na primeira parte deste artigo achou o estrenuo cultor da sciencia do direito o que impugnar, fazendo as ponderações seguintes:

"Não. Não é *a incapacidade* o que se não dá, não existindo esses parentes: é a *interdicção.*

"A incapacidade existe, existindo os caracteres, que a constituem. Mas a lei não a pronuncia, pronunciando a interdicção, por não haver pessoas, interesses e direitos directamente lesados, ou ameaçados".

Mas neste lugar do *Projecto* a palavra *incapacidade* é evidentemente tomada no sentido juridico, e considerada assim, não a pronunciando a lei, é como se fôra, desde que é definida em direito *a falta de idoneidade para exercer absolutamente ou relativamente actos da vida civil.* (326)

Ora, a lei civil é que *declara os casos em que o cidadão pode ser inhibido do exercicio dos seos direitos e determina o modo como deve ser supprida a incapacidade delle.* (327).

Nos arts. 478, 479, 480 e 483 do *Projecto,* extranha o esclarecido Dr. Ruy Barbosa o emprego do verbo *dever,* nas seguintes phrases:

* * *

"Antes da partilha, o juiz *deve* ordenar a conversão dos bens moveis, sujeitos a deterioração ou a extravio, em immoveis"; "os herdeiros immittidos na posse dos bens do ausente *devem* garantir a restituição...."; "na partilha, os immoveis em sua integridade *devem* ser confiados aos successores provisorios mais idoneos"; "o descendente, ascendente, ou conjuge que for successor provisorio do ausente fará seus todos os fructos e rendimentos dos bens que a este couberem. Ou outros, porem, *deverão* capitalizar metade desses fructos..."; e desenvolve dest'arte os fundamentos de sua censura:

"*Devem.* É a expressão preferida neste artigo (art. 479) e nos subsequentes, a forma imperativa. Porque não dizer no art. 478, *ordenará,* no art. 479, *garantirá,* no art. 480, *serão confiados,* no art. 483, *capitalizarão?* É o estilo proprio da lei, que não aconselha, não anuncia deveres moraes: impõe e manda".

Notemos, em primeiro lugar, que o *Codigo Civil Portuguez* não escrupulizou em empregar de maneira analoga o mesmo verbo *dever* em varios artigos, ligando-lhe um sentido imperativo.

Taes os arts. 140, 142, 154, 408, 415, 492, onde se diz:

"Os paes *devem* dar a seos filhos os necessarios alimentos e occupação conveniente, conforme as suas posses e estado" (art. 140); "os filhos *devem,* em todo o tempo, honrar e respeitar seos paes, e cumprir, durante a menoridade, os seos preceitos em tudo o que não seja illicito" (art. 142); "os paes *devem* entregar a seos filhos, logo que se emancipem ou cheguem á maioridade, não sendo por outra causa incapazes, todos os bens e rendimentos que lhes pertencem" (art. 154); "se aquelle que encontrar qualquer animal perdido ou extraviado, não souber cujo é, *deverá,* sem demora, apresental-o á autoridade administrativa da parochia, onde for encontrado" (art. 408);

(326) Teixeira de Freitas. *Vocab. Jurid.* Pg. 155.

(327) *Cod. Civil. Port.* Art. 5.º

"quem achar coisa perdida, não sabendo cuja é, *deve*, no prazo de tres dias, dar disso conhecimento á autoridade administrativa da parochia" (art. 415); "o mantido ou restituido *deve* ser indemnizado dos prejuizos que teve pelo facto da turbação ou do esbulho" (art. 492).

Em segundo lugar, não é o futuro a forma unica pela qual se traduz em nossa lingoa essa ideia de ordem, mando ou imperio: tradul-a o imperativo, pode indical-a o indicativo, o subjunctivo e até, bem que mais raramente, o infinitivo. Nem sabemos porque, ainda no futuro, se negue ao verbo *dever* essa ideia de ordem e mando, que se pretende ligar aos outros verbos no futuro.

Quando dizemos "*deves* obedecer ás autoridades civis"; "não *deves* furtar"; "não *deve* o homem faltar aos contractos"; "não *deves* fazer promessas enganadoras"; não é tão imperativa a forma de enunciar os deveres, quanto a que nol-os apresentam o futuro e o imperativo?

Os dictames da lei moral, isto é, os deveres moraes reduzem-se a simples conselhos? Não ordenam, impõem e mandam?

Não foi esse caracter do dever, que é sempre obrigatorio por si mesmo, que é uma ordem incondicional da consciencia, e não um simples conselho de prudencia, que induzio o profundo Kant a dar-lhe a denominação de *imperativo categorico*, distinguindo-o do *condicional* ou *hypothetico?*

Se dever é toda a acção ou omissão exigida por lei, sendo a obrigatoriedade um dos caracteres da lei, não é o dever igualmente obrigatorio? Não é o dever a mesma obrigação realizada? Fazendo um confronto entre os preceitos da lei escripta, e os dictames da lei moral, assim se expressa Latino Coelho:

"E os dictames imprescriptiveis da lei moral, mil vezes mais respeitavel e *imperativa* em toda a sociedade, que não seja a consagração official do direito do mais poderoso ou do mais forte".

(*Republica e Monarchia.* Pg. 224).

* * *

O *Projecto* formula deste modo o art. 494:

"Se mais de uma pessoa possuir coisa indivisa, ou estiver no gozo do mesmo direito, poderá cada uma exercer sobre o objecto commum actos possessorios, comtanto que não excluam os dos outros compossuidores".

Emenda-o assim o illustre Dr. Ruy:

"Se varias pessoas possuirem coisa indivisa, ou estiverem no gozo do mesmo direito, poderá cada uma...",

A expressão *varias pessoas* da emenda não tem o mesmo sentido que a do texto *mais de uma pessoa;* não traduz, por conseguinte, com fidelidade o pensamento nelle contido.

Se a emenda empregasse a locução *duas ou mais pessoas*, então sim: seria a proposito substituido o *mais de uma pessoa* do *Projecto;* tal não passa com o *varias pessoas*, da emenda, porquanto o que se affirma é referente a varias pessoas, isto é, a algumas pessoas, a diversas pessoas, a mais de duas pessoas.

Julgamos, portanto, que o texto traduz melhor a verdade do pensamento, que se intenta exprimir.

O *mais de uma* applica-se a um numero qualquer de pessoas, sejam duas ou mais.

Quando dizemos *varios* homens, *varios* amigos, *varias* flores, *varias* vezes, *varios* predios, sempre entendemos indicar um numero de homens, de amigos, de flores, de vezes, de predios passante de dois.

Ora, vindo ao caso do artigo do *Projecto*, na hypothese de serem exactamente duas as pessoas que possuam coisa indivisa, poder-se-ha dizer com exacção achar-se esta especie abrangida na emenda, quando o que nesta se affirma só respeita a varias pessoas, isto é, a mais de duas?

Tendo apenas *duas* casas, *dois* relogios, *dois* predios, *duas* quintas, *dois* filhos, ninguem dirá tenho *varias casas, varios relogios, varios predios, varias quintas, varios filhos.*

Se um individuo, em uma lucta, recebesse *dois* golpes ou ferimentos, apenas *dois*, não exprimiria bem a verdade quem dissesse ter esse recebido *varios* golpes, *varios* ferimentos.

* * *

Estava assim redigido no *Projecto* o art. 522:

"O possuidor de boa fé tem direito a ser indemnizado das bemfeitorias necessarias e uteis, e quanto ás voluptuarias, se lhe não for pago o valor, tem o direito de levantal-as, quando o puder fazer sem detrimento da coisa".

É do teor seguinte a emenda feita a este artigo pelo eminente Dr. Ruy Barbosa:

"O possuidor de boa fé tem direito á indemnização das bemfeitorias necessarias e uteis, bem como, quanto ás voluptuarias, se lhe não forem pagas, *ao de levantal-as*, quando o puder sem detrimento da coisa".

Feita a ordem grammatical, eis em que se resolve a emenda: "O possuidor de boa fé tem direito á indemnização das bemfeitorias ne-

cessarias e uteis, bem como, quanto ás voluptuarias, se lhe não forem pagas, *ao de levantal-as*", isto é, *ao direito de levantal-as;* por outra: "o possuidor de boa fé, quanto ás bemfeitorias voluptuarias, se lhe não forem pagas, *tem direito ao direito de levantal-as*".

Isto não pode ser, nem estava na mente do eminente contendor exprimir.

* * *

No art. 528 do *Projecto*, são impugnadas pelo illustre critico as palavras "*acções para manutenção ou reintegração da posse*".

"Sempre se disse", affirma o Dr. Ruy, "acção *de* manutenção, acção *de* reintegração.

"E assim com todas as demais acções: *de* ajuste de obras; *de* alimentos; *de* caução do damno; *de* collação; *de* demarcação; *de* despejo; (*) *de* divisão; *de* divorcio; *de* embargos á primeira; *de* arresto; *de* evicção; *de* exhibição; *de* indemnização; *de* liberdade; *de* nullidade; *de* nunciação; *de* partilha; *de* petição de herança; *de* reivindicação; *de* supplemento de legitima.

"Nestes casos, em que a preposição *de* exprime o *fim*, o *objecto*, o *destino*, da coisa, ou do acto, o bom uso do nosso idioma não permittiria trocal-a em *para*, como fez o *Projecto*. Não é só o estylo juridico, e a lição vernacula que o não consentiria".

Mas, bem que seja, em verdade, a preposição *de* a de que se utilizam geralmente os nossos escriptores em modos de dizer analogos, não dizendo acção *para* esbulho, e sim acção *de* esbulho, acção *para* indemnização, e sim acção *de* indemnização, como, segundo affirma o mesmo Dr. Ruy, disse o *Projecto*, no art. 510, não tem a regra, intimada pelo eximio contradictor, esse caracter absoluto que lhe elle parece emprestar. Nem sempre é exclusivamente a preposição *de* a que exprime o *fim*, o *objecto*, o *destino* da coisa ou do acto, principalmente quando o seo consequente é indicado não por um substantivo, senão por um verbo no infinitivo.

Ninguem, de feito, recusará empregar as seguintes locuções: "homem *para* pouco, homem *para* tudo, panno *para* camisas, *para* toalhas, *para* vestido, remedio *para* uso externo, *para* uso interno, tintura *para* os cabellos, materiaes *para* construcção, achegas *para* a historia, aviamentos *para* a obra, provisões *para* a viagem, previsões para o cerco, preparativos *para* a guerra, a mala *para* o vapor francez, preparativos *para* a guerra, a mala *para* o vapor francez, talento *para* as artes, vocação *para* a musica, notavel inclinação *para* o desenho, habilidade *para* o commercio, aptidão *para* a mathematica,

(*) Na 2.ª ed. lemos: "de desejo".

tendencia, propensão, inclinação *para* os vicios, propensão *para* a musica, geito *para* tudo, predilecção *para* as sciencias naturaes, affabilidade *para* todos, gosto *para* o desenho, preparação *para* confessar, preparo *para* o enterro, pomada *para* os cabellos, agoa *para* os empretecer, remedio *para* os dentes, para os olhos, *para* os callos, remedio *para* curar enxaqueca, rheumatismo, casa *para* vender, casas *para* alugar, lealdade *para* os amigos, caridade *para* os pobres, fato *para* inverno, fazendas *para* soltas de gado, artigo *para* vender a retalho", "pão *para* Maio e lenha *para* Abril".

Disse bem Camillo:

"Nenhuns que bem mereçam a qualificação de espertadores *para* a *virtude*, de antidotos *para* as impurezas do coração".

(*Pref. aos Pensamentos sobre o Christ.* de José Droz. Pg. XVI).

Já antes havia o Padre Antonio Vieira usado da expressão "antidoto PARA a peste", na seguinte phrase, onde de todo se lhe desvirtuaria o pensamento, trocando o *para* em *de*:

"Suppondo que o mesmo rosario é o salva-conducto para os inimigos, a luz para as trevas, o viatico para o deserto, a arvore sombria para o calor, a fonte fresca para a sêde, o rico misericordioso para a esmola, o *antidoto para a peste*, o castello forte para a guerra, a chave para o carcere".

(*Serm.* T. 15. Pg. 464).

Emendando o art. 1142, o mesmo Dr. Ruy troca a expressão do *Projecto* "*o prazo do resgate*" nest'outra: "*o prazo para o resgate ou rectracto*", e no art. 182, § 4.º n.º II, § 5.º ns. I, II, III, IV (*) e § 6.º ns. I, III diz: "A *acção* do pae, tutor, ou curador *para annullar* o casamento do filho, pupillo, ou curatelado..."; "*a acção* do conjuge coacto *para annullar* o casamento"; "*a acção para annullar* o incapaz de consentir"; "*a acção para annullar* o casamento da menor de quatorze e do menor de dezesseis annos..."; "*a acção* do comprador contra o vendedor *para* haver abatimento do preço ajustado..."; "*a acção* do doador *para revogar* a doação..."; "*a acção* do filho *para desobrigar* e reivindicar os immoveis de sua propriedade...".

Se incorrecto é dizer *acção* PARA *manutenção*, sel-o-ha igualmente, substituindo o substantivo pelo infinitivo, dizer *acção* PARA *annullar*, *acção* PARA *haver*, *acção* PARA *revogar*, *acção* PARA *desobrigar e reivindicar*.

* * *

(*) Na 2.ª ed. lemos: "I, II, III e IV, e § 6.º..."

"A inscripção deve ser datada do dia, em que o titulo for apresentado ao official do registro e este o prenotar em seo protocollo". (*Projecto do Codigo Civil.* Art. 538).

O distincto contendor fez a emenda seguinte:

"A transcripção datar-se-ha do dia, em que se apresentar o titulo ao official do registro, e este o prenotar no protocollo".

Emendando este e o artigo seguinte do *Projecto*, em que se lêem as palavras "*deve*, não obstante, *fazer-se* a *inscripção*...", accrescenta o Dr. Ruy Barbosa o seguinte:

"Continúa a redacção do texto a preferir o estylo doutrinante do *deve* á forma imperativa, adequada á autoridade coercitiva das leis".

Não julgamos bem assente a reflexão que sobre este ponto faz o douto contradictor.

Não é só no estylo doutrinante que se faz uso do verbo *dever*, como o emprega o *Projecto*.

Que este verbo não desafina da linguagem imperativa, ajustada ao poder coercivo das leis, bem nol-o mostra o *Codigo Portuguez*, em cujo art. 14 se lê:

"Quem, exercendo o proprio direito, procura interesses, *deve*, em collisão e na falta de providencia especial, ceder a quem pretende evitar prejuizos";

e ainda no art. 59:

"Os poderes do curador provisorio limitam-se aos actos de mera administração, da qual dará contas annualmente; mas o dito curador *deve* propor em juizo as acções conservatorias, que não possam retardar-se sem prejuizo do ausente..."

Fallando dos costumes de Beja, no tocante á jurisdicção dos almotacés, refere, outrosim, Alexandre Herculano, em sua *Historia de Portugal* (T. 4.º Pg. 242), a seguinte disposição:

"Os almotacés maiores *devem* (nestes casos) fazer justiça, a qual consiste em pol-o (ao delinquente) no peloirinho, e obrigal-o a contar lá de cima cinco soldos para o concelho, conservando-se entretanto alli".

Ninguem dirá não ter cabida aqui o *devem*, nem indicar antes o estylo doutrinante, que a forma imperativa, adaptada á expressão das leis.

Já, noutro lugar, tivemos que combater essa ideia do sabio antagonista, e (*) demos a ver claramente que não andou bem inspirada

(*) Na 2.ª ed., por erro do impressor, lemos "é".

a critica, refusando ao verbo *dever* esse caracter imperativo, que, em muitos casos se lhe não pode negar.

* * *

"A accessão, diz o *Projecto* (art. 540), pode dar-se:

I. Pela formação de ilhas ou ilhotas.

II. Por alluvião.

III. Por avulsão.

IV. Por abandono de alveo.

V. Por construcção de obras ou plantações...".

O abalisado escriptor rejeita a expressão *ilhas* e *ilhotas* do n. I deste artigo, e assim fundamenta a sua critica:

"Ilhas e *ilhotas*". Ilhota, ilhote, ilheta, ilhéo ou insua quer dizer pequena *ilha*. Ora quem diz *ilhas, tem* alludido tanto ás *pequenas*, como ás *grandes*.

"Em *ilhas*, portanto, já estam incluidas as *ilhotas*. Aliás as ilhetas formadas em meio de um rio, ou á beira-mar, têm seo appellido peculiar na denominação de *mouchões*. (Cod. civ. port., arts. 2294 e 2295).

Mouchões, é verdade, denominam-se pequenas porções de terreno arborizados, que se eleva nas lezirias ou ilhotas, formadas nos rios ou á beira-mar; entretanto, sem embargo de se acharem incluidos no termo *ilhas*, como appellidos peculiares de *ilhotas* ou *ilhetas*, aos redactores do *Codigo Civil Portuguez* não lhes repugnou a expressão *ilhas* e *mouchões*, no art. 2294, onde se lê:

"As *ilhas e mouchões*, que se formarem nos mares adjacentes ao territorio portuguez, ou nos rios navegaveis ou fluctuaveis, pertencerão ao estado...".

Ora, se merece reprovada a locução *ilhas e ilhotas*, não o merecerá menos a locução *ilhas e mouchões*, desde que se appellidam de *mouchões* as ilhotas que se formam nos rios ou á beira-mar.

Não é má, portanto, a companhia, a cuja sombra se procurou resguardar a redacção do *Projecto*.

* * *

É dest'arte formulado o art. 546 do *Projecto*:

"Quando uma porção de terra se destacar de um predio por força natural violenta, e se junctar a outro, o dono do primeiro poderá reclamal-a ao do segundo, ao qual é permittido optar ou pelo consentimento na remoção da parte accrescida, ou pela indemnização ao reclamante".

A emenda do Dr. Ruy assim redige o artigo:

"Quando, por força natural violenta, uma porção de terra se destacar de um predio, e se juntar a outro, poderá o dono do primeiro reclamal-a ao do segundo; cabendo a este a opção *entre* aquiescer a que se remova a parte accrescida, *ou* indemnizar ao reclamante".

Entre acquiescer *ou* indemnizar, não se diz em portuguez correcto, mas *entre* acquiescer *e* indemnizar, como se não diz: *entre* as duas *ou* as tres horas, mas *entre* as duas *e* as tres horas; *entre* o fallar *ou* calar, mas *entre o* fallar *e* calar; *entre* magoado *ou* queixoso, mas *entre* magoado *e* queixoso; *entre* o verde *ou* o amarello, mas *entre* o verde *e* o amarello; *entre* a espada *ou* a parede, mas *entre* a espada *e* a parede; *entre* a cruz ou a caldeirinha, mas *entre* a cruz *e* a caldeirinha; *entre* o dia *ou* a noite, mas *entre* o dia *e* a noite; *entre* viva *ou* morta, mas *entre* viva *e* morta; *entre* lusco *ou* fusco, mas *entre* lusco *e* fusco; *entre* ti *ou* mim, mas *entre* ti *e* mim.

Dando-se outro geito á phrase, devera dizer-se: "cabendo a este a opção, *ou* para acquiescer a que se remova a parte accrescida, *ou* para indemnizar ao reclamante"; e no caso de ser conservar a preposição *entre*, compor assim a phrase: "cabendo a este a opção *entre* acquiescer a que se remova a parte accrescida, *e* indemnizar ao reclamante"; mas dizer "a opção *entre* acquiescer *ou* indemnizar" é que não julgamos correcto.

Ha no *Codigo Portuguez* uma construcção que é de todo analoga á primeira, que indicamos aqui: é uma parte do art. 1854, assim redigida:

"Terá o colegatario opção, *ou* para conservar o todo, repondo aos herdeiros o valor da parte caduca, *ou* para haver delles o valor do que direitamente lhe pertencer, entregando-lhes a coisa legada".

Disse bem J. Freire:

"Perplexo *entre* a occasião *e* a obediencia".
(*Vida de D. João de Castro*. Liv. 3.º n. 32).

Empregando o verbo *escolher*, seguido da preposição *entre*, o qual tem sentido analogo ao que attribue ao verbo *optar* (fazer opção), escreve Alexandre Herculano, em suas *Lendas e Narrativas* (T. 1.º Pg. 194):

"Se as minhas palavras te constrangeram a *escolher entre* a confirmação dessa fatal sentença *e* a deslealdade e a blasphemia... foi por te salvar".

Assim foi que sempre se exprimiram os nossos bons exemplares, como o attestam os excerptos seguintes:

"Irresolutas *entre* o amor da terra
Presente, *e* os reinos a que o fado as chama".
(J. V. Brandão Feio. *Eneida.* T. 2.º Pg. 62).

"Perplexa *entre* a confusão de um oraculo, que aterra o seo amor filial, *e* as curiosidades que esse mesmo oraculo lhe suscita".
(A. de Cast. *Metamorph.* Pg. 304).

"Perplexo *entre* prostrar-se-lhe aos pés *e* fugir, e fluctuando *entre* o furor *e* a ternura".
(Id. *O Misanthropo.* Pg. 140).

"Que importa no mundo a vida de um pobre truão, quando ha que escolher *entre* essa vida *e* obedecer a Allah?"
(A. Herc. *O Monge de Cist.* T. 1.º Pg. 92).

"Esses homens, collocados *entre* morrerem de fome por inhabeis na sua profissão *e* enriquecerem á custa dos seos clientes forçados".
(Id. *Hist. da Inq.* T. 3.º Pg. 180).

"É necessario que escolhas, hoje mesmo, neste momento, entre um *e* outro".
(Id. *Lend. e Narrat.* T. 1.º Pg. 22).

"Hesitava *entre* o ir *e* o ficar".
(Id. *O Bobo.* Pg. 97).

"Desta vez vacillava-se na escolha *entre* Breslau *e* a Corte prussiana".
(Lat. Coelho. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 327).

"Haveria forçosamente de eleger *entre* o rompimento formal com a Gran Bretanha *e* a guerra com as potencias alliadas".
(Id. *Hist. Pol. e Milit.* T. 2.º Pg. 52).

"Hesitando *entre* o direito *e* a reacção, *entre* a justiça *e* o abuso, *entre* o bem commum *e* o interesse das ordens privilegiadas".
(Id. Ibid. Pg. 115).

"O rei e os seos ministros oscillavam, sem se fixar, *entre* o desejo de vingar as affrontas... *e* o temor de arriscar-se numa empreza superior ás forças da nação".
(Id. Ibid. Pg. 270).

"Oscillava *entre* o desejo de vingar e desafrontar a Luiz 16 *e* o receio de enleiar-se intempestivamente numa lucta".
(Id. Ibid. Pg. 299).

"Fluctuando indecisa e timorata *entre* os receios da sua delicada consciencia *e* as intrigas da corte".
(Id. Ibid. T. 1.º Pg. 263).

"Vacillante *entre* o receio de aggravar... *e* a viciosa complacencia".
(Id. *Varões Illust.* Parte 2.ª Pg. 224).

"E' preciso que ella opte *entre* Deos *e* um amante leal".
(Camillo. *Genio do Christ.* Vol. 1.º Pg. 242).

"Oscillou e talvez oscille ainda *entre* a ignominia da apostasia, a eternidade dos tormentos do inferno *e* as angustias incomportaveis que naquella hora o sossobram!"
(Id. *Os Martyres.* Vol. 2.º Pg. 246).

Não são, pois, para imitar os dois seguintes lugares deste ultimo escriptor:

"Vacillou *entre* acceitar *ou* rejeitar a esmola".
(*Noites de Lamego.* Pg. 109).

"Como o anjo suspenso *entre* cahir ás delicias da terra *ou* alar-se e sumir-se nas do céo".
(*Cavar em Ruinas.* Pg. 62).

* * *

Diz o *Projecto* em seo art. 593:

"O proprietario tem o direito de cercar, tapar, murar ou vallar o seo predio...".

O Dr. Ruy Barbosa acha por que acoimar a redacção deste artigo, e assim reflecte:

"*Tapar* é, como da propria rubrica se está vendo, a expressão geral. Ha-de ser, pois, a que remate o enunciado, apanhando o que acaso não estiver dito pelos verbos anteriores.

"No codigo civil portuguez, art. 2346, a que os projectistas do nosso, neste ponto, se cingiram, está direito: as orações continuadas terminam com a de "tapal-a de qualquer modo". Mas quizeram, entre nós, aprimorar, e peioraram".

Não pensamos assim: o verbo *tapar* tem nesse ponto do *Projecto* o mesmo sentido que *cercar*. *Tapar* é cercar com tapume; *cercar* é tapar com cerca. Os dois verbos são aqui synonymos, não tendo um maior extensão que o outro, exprimindo ambos a mesma ideia por vocabulos differentes.

Cercar, define o *Diccionario da Real Academia Hespanhola* (Pg. 219)), é rodear ou circumvallar um sitio com vallado, taipa ou muro, de sorte que fique fechado, resguardado e dividido de outros (Rodear ó circunvalar un sitio con vallado, tapia ó muro, de suerte que quede cerrado, resguardado y dividido de otros).

E ainda quando fosse o verbo *tapar*, como diz o illustre critico, a expressão geral, nada forçaria a collocal-o em ultimo lugar: em orações juxtapostas ou coordenadas, onde haja verbos ou palavras de outra categoria grammatical, que não tenham igual extensão, começa-se muitas vezes pela mais extensiva, ou se desce, ou se remonta a gamma das ideias e dos conceitos.

Não ha para isso regras seguras, entrando em muito, na collocação das palavras, a cadencia da phrase e a harmonia do discurso, invertendo-se até, muita vez, na linguagem, a ordem da successão das ideias no quadro do pensamento.

É de todos conhecido o *moriamur, et in media arma ruamus*, do famoso poeta mantuano e o lanço poetico em que, invertendo a ordem das ideias, graças ao rhythmo e á melodia do verso, disse o celebrado autor dos *Lusiadas*:

"Arde, morre, blasphema e desatina".

"*Tapar*", dissemos nós, "é *cercar com tapume*". Que é *tapume?*

"É a vedação de um terreno, feita com taboas; sebe; o mesmo que vallado" (Candido de Figueiredo). "É o resguardo ou barreira, ordinariamente de taboas, com que se fecha ou circumscreve uma porção qualquer de terreno; tapagem, sebe, vallado" (Aulete). "É o resguardo de taboas para fechar um terreno. Vallado; sebe" (Adolpho Coelho).

"*Tapume* — resguado de taboas para fechar um terreno, vedar o recinto de uma obra; tapagem feita como meio de defesa. *Tapagem* — tapigo, tapume, cerca de agro, horta ou quinta; cerca ou barreira de defensão militar, cerca que se faz com varinhas nos rios onde se lançou cóca ou tingui para metter nos vãos, cóvas ou giquis, onde o peixe vem cahir" (A. de Moraes e Silva).

E que sentido se liga ao vocabulo *cerca?*

"*Cerca*", diz Candido de Figueiredo, "é a obra com que se rodeia ou fecha um terreno; terreno fechado por muro, sebe ou vallado; quinta ou quintal murado".

"*Cerca.* Obra de madeira, pedra, tijollo, etc., que rodeia uma porção de terreno". (Aulete).

"*Cerca.* Obra com que se cerca, fecha. Quinta, quintal murado em todo o circuito". (Adolpho Coelho).

"*Cerca.* Obra de madeira, pedra, tijollo, etc., com que se cerca, cinge, rodeia, fecha um espaço. "A cerca de um jardim". Muralhas, circuito de uma cidade — jardim, quinta, quintal, murados ou cercados de uma sebe". (Domingos Vieira. *Grande dicc. Port.*).

"*Cerca.* Obra de madeira, de pedra, tijollo, sebe, arame com que se cerca, cinge, tapa, fecha algum espaço, como jardins, quintas, terras de pasto,

de cultura, etc. Quintal murado, ordinariamente contiguo a uma habitação". (A. de Moraes e Silva. *Dicc.*).

Donde se colhe que, no sentido que lhes dá aqui o *Projecto*, se podem tomar um pelo outro os dois primeiros verbos *cercar* e *tapar;* e se um vale o outro, podiam os redactores do mesmo *Projecto*, sem incorrer em erronia, nem destoar da rubrica — *Direito de tapagem*, dar o primeiro lugar, na construcção da phrase, ao verbo *cercar;* porque *cerca* é *tapume* e *tapume* é *cerca; cercar* é *tapar* e *tapar* é *cercar*, ao menos, no sentido em que o *Projecto* emprega os dois verbos no art. 593.

Estudando as palavras *cercar* e *tapar*, não se deprehende dos elementos morphicos que as constituem que tenha a ultima mais extensão que a primeira. Assim é que *cercar* vem do latim *circare*, rondar, rodear, andar aqui e alli, percorrer, donde o antigo francez *cherchier*, o moderno *chercher*, pela mudança por extremo commum do *c* duro latino em *ch* francez, o hespanhol *cercar* e o italiano *cercare*.

O substantivo *cerca*, de *circam* ou *cerchiam*, tinha no baixo latim o mesmo sentido que os vocabulos *vigilae*, *excubiae*, isto é, vigilias, ronda, como se vê dos trechos seguintes:

"*Circam* etiam faciebant Monachi in Monasteriis: quippe in Regula S. Benedicti statuitur, ut deputentur seniores, qui circumeant Monasterium horis quibus vacant Fratres lectioni.

"Nam *circam* matutinis exactis faciebam". "Concedimus ut circas et vigilias non faciant, propter perpetuas Ecclesiae observantias, nisi in obssidione civitatis".

(Du Cange. *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis.* T. 2.º Pg. 335).

No latim medieval offerece-nos o mesmo vocabulo a significação da valla, feita em derredor de uma cidade. *Canalis, fosse circum urbem ducta.* (328)

O verbo *tapar* tem por procedencia o hespanhol *tapar*, donde o latim da baixa latinidade *tapare* (no sentido de *occludere, obturare*), o verbo francez *taper*, o italiano *tappare*, ligando-se todos, segundo os etymologistas, ao germanico *tap*, a cujo fio etymologico se prendem os vocabulos portuguezes *tapulho, tapagem, tapada, tapadeira, tapigo, tapume, tampo, tampa, tampão, tapadoira, taipa*, os italianos *tappo, zaffo*, o francez *tampon* ou *tapon*, os hespanhoes *tapia, tapa,*

(328) — Vide A. Brachet: *Dict. étymolog.;* Skeat: *An etymolog. dict. of the Eng. Lang.;* A. Scheler: *Dict. étymolog.;* Maigne d'Arnis: *Lexicon Manuale ad Scriptores Mediae et Infimae Latinitatis.*

tapon, tapial, e os inglezes *tap, tampon, tamponade, tamponage, tamponment,* (*) *to tamp.*

Vê-se, pois, que, nem do sentido etymologico das duas palavras *cercar* e *tapar,* nem do usual, que se lhes dá, se infere ter a segunda em relação á primeira essa generalidade, a que se refere o Dr. Ruy Barbosa.

No tocante aos dois verbos *murar* e *vallar,* explicam-se ainda por qualquer dos verbos que os precedem, na ordem que se lhes nota neste passo do *Projecto*: *murar* é *cercar* ou *tapar* com muro; *vallar* é *cercar* ou *tapar* com vallas, vallos ou vallados.

* * *

E' do *Projecto* o seguinte trecho:

"Em caso de perigo imminente, como de guerra ou commoção, cessarão todas as formalidades, e poder-se-ha tomar posse do uso, ou até da propriedade, quanto baste *para o emprego do bem publico,* ficando ao proprietario o direito de indemnização". (Art. 596).

Do modo seguinte emenda o Dr. Ruy Barbosa a redacção deste artigo:

"Em caso de perigo imminente, como guerra, ou commoção intestina, cessarão as regras impostas á desapropriação legal, podendo as autoridades competentes apossar-se do uso, ou da propriedade, *até onde o bem publico o exija,* reservado ao proprietario o direito á indemnização posterior".

Depois de emendar assim o art. 596, articula as ponderações seguintes, reprovando a expressão *emprego do bem publico*:

"Para *o emprego do bem publico.* Quid? E necessario prescindir-lhe da expressão, para lhe atinar com o pensamento.

"Quando fallamos no *emprego do* chloroformio, ou *do* ether, no *emprego da* força, ou *da* brandura, temos em mente exprimir na brandura, na força no chloroformio, ou no ether, não o fim, intuito, ou destino do *emprego,* mas *a coisa que se emprega.* Applique-se ao caso a analogia, e teremos aqui *no bem publico* o agente empregado. O que aqui se quiz, porem, foi apontar *no bem publico* não *o agente, o meio,* que se emprega, mas o intuito, o destino, o alvo de outra coisa: a expropriação empregada. Ora a lei não se escreve por amphiguris".

Nada tem de amphigurico o artigo impugnado: analyse-se a expressão *para o emprego do bem publico* no lugar onde se acha no contexto, e para logo sem esforço e claramente se lhe atinará com o sentido.

(*) Na 2.ª ed., por erro da imprensa, lemos: "tampon*ne*ment".

O vocabulo *emprego* é aqui synonymo de uso, exercicio, applicação.

"Quanto baste *para o emprego do bem publico*", diz o *Projecto*, vem a ser isto o mesmo como se dissera: quanto baste *para o uso do bem publico*, quanto baste *porque tenha applicação o bem publico, para que se realize o bem publico*, ou simplesmente quanto baste *para o bem publico*.

Os latinos empregavam exactamente no mesmo sentido a palavra *usus*. Assim disse Virgilio: *usus olivi* (*Georg. Liv.* II, v. 465), o emprego, o uso do oleo de oliveira ou mais simplesmente o oleo de oliveira, no seguinte passo:

"Nec casia liquidi corrumpitur *usus olivi*";

e Ovidio, em suas *Metamorphoses* (Liv. 1.º v. 407 e 408):

"Quæ tamen ex illis aliquo pars humida succo
Et terrena fuit, versa est *in corporis usum*".

Em vulgar verteriamos:

"A parte que era humida e terrestre transformou-se em carne, em corpo, *in corporis usum*".

Cicero tambem deo ao vocabulo latino *usus* o mesmo sentido, na seguinte passagem de sua *Republica*, citada por Freund:

"Virtus in *usu* sui tota posita est; *usus* autem ejus est maximus civitatis gubernatio".

"A virtude está inteiramente na pratica; seo maior emprego, porem, é o governo dos Estados".

O vocabulo *emprego* na locução *o emprego do bem publico* não obsta a que, no conjuncto da phrase, se suggira ao espirito essa ideia de intuito, destino ou fim, que, não sei porque, refusa o Dr. Ruy ao vocabulo *emprego*, naquelle lanço do *Projecto*.

E' evidente essa ideia de fito, destinação ou fim nas phrases seguintes:

"Organismo não adaptado ao *emprego* dos mercuriaes"; "tem todo o material necessario para o *emprego* da radioscopia"; "pouco sangue tem para se submetter ao *emprego* da sangria"; gabinete cirurgico bem montado para o *emprego* das mais difficies operações"; "terreno apropriado ao *emprego* do arado"; "caso cirurgico apropriado ao *emprego* dos meios mais heroicos"; "thorax que se não presta ao *emprego* da auscultação immediata"; "é um contraindicação ao *emprego* do chloroformio, ao *emprego* dos preparados de ferro"; "terra idonea ao *emprego* dos adubos phosphatados"; "menino que

se não accommoda ao *emprego* dos meios violentos"; "espirito adaptado ao *emprego* dos meios suasivos"; "está sempre disposto ao *emprego* dos meios extremos"; "apparelho destinado ao *emprego* do chloroformio"; "preparar as terras para o *emprego* da semeadura"; "negocio destinado ao *emprego* de grandes capitaes"; "preparar o organismo para o *emprego* da medicação"; "destinou todo o capital ao *emprego* de apolices"; "tudo dispoz para o *emprego* do cerco"; "tudo o que podia desejar para um *emprego amoroso*". (R. Lobo. Vide Moraes. *Dicc.*).

* * *

Na redacção da emenda ao art. 608, paragrapho unico, do *Projecto*, ha uma incorrecção de syntaxe, que deixou de ser indicada pelo esclarecido critico nas erratas ao seo minucioso, paciente e importante trabalho.

Eis como é redigido o paragrapho unico do mencionado artigo:

"Quem quer que ache coisa alheia, perdida, ha-de restituil-a ao dono ou legitimo possuidor.

"Não os conhecendo, o inventor fará por descobril-o, e, quando se lhe não depare, entregará o objecto achado á autoridade competente do lugar".

A variação pronominal *os*, que precede ao participio *conhecendo*, não pode attribuir-se senão a erro typographico. Devera dizer-se alli *o*, e não *os*, sendo o pronome referente ao vocabulo *dono* ou *legitimo possuidor*, como o é o *o*, complemento de *descobrir*, e claramente o está indicando o verbo *deparar*, empregado no singular, e não no plural.

* * *

A ultima parte do art. 620 é assim formulada:

"Se uma das coisas, porém, puder ser considerada principal, o seo proprietario adquirirá a propriedade do todo, e indemnizará os outros".

Offerece a seguinte redacção a emenda do Dr. Ruy Barbosa:

"Se, porem, uma das coisas puder considerar-se principal, o dono sel-o-ha do todo, indemnizando os outros".

E' defeituosissima esta construcção do eminente contendor, como fora o dizer: "O homem sel-o-ha grande, procedendo assim"; "o devedor sel-o-ha em mora, não pagando no termo do vencimento".

Só raramente pode o *o* synthetico representar o sujeito ou o attributo da oração em que figura.

Construcções analogas á de que se valeo aqui o Dr. Ruy são, em verdade, empregadas em nossa lingoa e no francez por alguns escriptores, mas todas ellas são viciosas numa e noutra lingoa. No francez Ayer reputa defeituosas as seguintes phrases de syntaxe analoga:

"Les objects de nos vœux *le* sont nos plaisirs" (Corn.). "Les belles choses *le* sont moins hors de leur place" (La Bruyère). "La plupart des savants *le* sont à la manière des enfants" (Volt.). (*Gram. Comp. de la Lang. Franç.* Pg. 428).

De mais, pela disposição ou ordem que se deo ás palavras da emenda, pareceria ligar-se o *o* synthetico ao adjectivo *principal*, quando não é a este vocabulo que se refere o *o*, senão á palavra *dono*.

Não nos parece, repetimos, bem construida a emenda do Dr. Ruy ao § 2.º do art. 620 do seguinte teor:

"Se, porem, uma das coisas puder considerar-se principal, o dono sel-o-ha do todo, indemnizando os outros".

* * *

Do modo seguinte redige o provecto escriptor a emenda ao artigo 621 do *Projecto*:

'Se a confusão, adjuncção, ou mistura se operou de má fé, a outra parte caberá escolher entre guardar o todo, pagando a porção que não for sua, ou renunciar as que lhe pertencerem, mediante indemnização completa".

Neste artigo, redigido pelo Dr. Ruy, duas faltas se lhe notam: uma, commum ao *Projecto* e á emenda, outra, exclusiva desta.

A primeira consiste no emprego da conjuncção *ou*, em vez de *e*, onde se diz: "escolher *entre* guardar o todo... *ou* renunciar", quando se devêra dizer, como já o fizemos notar: "escolher *entre* guardar o todo... e renunciar".

Com effeito, para haver escolha, necessario é que os dois ou mais objectos, em que ella versa, se apresentem junctos ao espirito, que lhes sopesa o valor e se decide entre elles; e a conjuncção *ou*, como disjunctiva, que é, separa-os no pensamento: *Conjunguntur voces materialiter, disjunguntur formaliter*, dizia Vossio, relativamente ao papel das conjuncções disjunctivas.

Em abono da verdade, a redacção do *Projecto* não se eximio, neste lugar, da falta que apontamos aqui, analoga em tudo á que reprovamos atraz, nas expressões: "*entre* acquiescer a que se remova a parte accrescida, *ou* indemnizar ao reclamante", da emenda ao art. 546.

A segunda falta consiste no emprego do plural *as*, pelo singular *a*, devendo dizer-se: "escolher entre guardar o todo, pagando a porção que não for sua, e renunciar a que lhe pertencer", e não, como disse a emenda: "renunciar *as* que lhe pertencerem", isto é, "*as porções* que lhe pertencerem". Não harmoniza bem o "guardar o todo, pagando a porção que não *for sua*", e o "renunciar *as* que lhe pertenceram"; isto é, *as porções* que *forem* suas, *as* que lhe *pertencerem*.

* * *

Na emenda ao art. 637 ha evidentemente equivoco: emprega-se ahi o vocabulo *indivisão*, por *divisão*, como é facil de ver pela redacção seguinte:

"Quando a coisa for indivisivel, ou se tornar, pela *indivisão*, impropria ao seo destino, e os consortes não quizerem adjudical-a a um só, indemnizando os outros, será vendida e repartido o preço".

Era *divisão* que se intentara dizer na emenda, e não *indivisão*, como sahio no impresso.

* * *

A parte final do art. 678 do *Projecto* é assim redigida:

"As certidões do registro induzem á propriedade da obra, salvo prova em contrario".

O illustre Dr. Ruy inculpa de incorrecta esta redacção, enunciando-se deste modo:

"Induzem á propriedade". Esta crase escapou illesa aos revisores nas differentes edições do texto. Está errada. O verbo *induzir* pede o complemento directo".

Errada, não: o verbo *induzir* pede não só complemento directo, senão tambem indirecto, que muitas vezes é o unico expresso, ficando elliptico o complemento directo.

Assim se diz: "Isso *induz* a crer no contagio da molestia"; "essa theoria *induz* a erro ou *em* erro"; "*induzir em* tentação"; "isso *induz* á crença na phagocytosis"; "*induz em* peccado"; "indicios que *induzem em* certeza"; "*induzir á* brandura, *á* benevolencia, *á* misericordia, *ao* bem"; como se diz no mesmo sentido: "*mover á* piedade, *á* compaixão, *á* ternura"; "*levar á* concepção de um crime"; *levar a* crer"; "*levar a* pensar"; calando-se o complemento directo.

Ás vezes vêm expressos os dois complementos.

Assim se diz: "*induzir* alguem em erro; "*induzir* alguem a fazer as pazes com outrem"; e como diz o italiano: *indurre i cuori duri*

all'amore, indurre i nemici alla pace, gli egoisti all'amore del pròssimo".

Em latim encontram-se as phrases *inducere animum* ou *in animum, spem* ou *in spem*, exactamente no mesmo sentido, *inducere in errorem, in peccatum, inducere ad bellum, inducere ad legendum*:

"Postremo Caesar *in animum induxerat*, laborare, vigilare".
(Sall. *Cat.* 54).

"Quae te malum ratio *in istam spem induxit....?*".
(Cic. *De Offi.* Liv. II. Cap. XV).

Em taes casos ha dois objectos: um directo, de ordinario pessoal, elliptico ou expresso: outro, indirecto, quasi sempre claro.

Não se pode, logo, dizer em absoluto, como o fez o Dr. Ruy Barbosa, que o verbo *induzir* pede complemento directo, desde que, segundo acabamos de ver, ora vêm claros os dois complementos, ora, e não raramente, o unico expresso é o complemento ou objecto indirecto, ora, finalmente, é o verbo acompanhado só de complemento directo.

Voltando ao *induzir* do *Projecto*, no artigo apodado de incorrecto pelo doutissimo censor, por se dar a este verbo o complemento indirecto, na phrase: "*induzem á* propriedade", pensamos não haver nada de erroneo na syntaxe alli seguida, podendo-se, em casos analogos, usar de um ou de outro complemento.

Nos bons exemplares do fallar não é raro encontrar-se a syntaxe que o Dr. Ruy injustamente condemna. Tal é a que se nota nos exemplos seguintes:

"Não faça duvida que o demonio não é o que atalha homicidios, senão o que *induz a elles*".
(Bernardes. *Florest.* Vol. 2.º Pg. 27. cit. por Camillo. *Cavar em Ruinas.* Pg. 13).

"Nem asumpto ahi vejo,
Que *induzir* possa *a* tropeçar em duvidas
Do que affirmo".
(Filinto. *Fabulas de La Fontaine.* Liv. 3.º Pg. 307).

"O estar bem *induz á* circumspecção; afugenta-a o estar mal".
(A. Herc. *Opusc. A Emigração.* T. 4.º Pg. 180).

"E esta sua expressa affirmação poderia *induzir á* conjectura de que em Coimbra nascêra o epico".
(Lat. Coelho. *Luiz de Camões.* Vol. 1.º Pg. 56).

"*Induziria a* suspeitar que pecadilhos amorosos teriam sido ..... a occasião do seo degredo".

(Id. Ibid. Pg. 102).

"*Induzir* á virtude pelos bons exemplos".

(Aulete. *Dicc.* voc. *edificar*).

De modo analogo, dando complemento indirecto ao verbo *mover*, disse A. Herculano:

"*Movia á* piedade a situação do clero regular".

(*Opusc.* T. 3.º Pg. 6).

* * *

É formulado assim o art. 731 do *Projecto*:

"As coisas que se consomem pelo uso cáem immediatamente no dominio do usufructuario....".

O provecto escriptor reprova aqui a expressão *as coisas que se consomem pelo uso.*

"As coisas que se consomem pelo uso". "Parece", pondera elle, "referir-se ás de que trata o art. 54. Mas, neste caso, porque preferio essa periphrase á expressão, adoptada alli, de *coisas consumiveis pelo uso?*"

Reprehende, portanto, o esclarecido critico a locução do *Projecto as coisas que se consomem pelo uso*, reputando-a uma periphrase, que devera substituir-se pela expressão *coisas consumiveis* já adoptada no art. 54.

Pois bem: impugnando assim a phrase, a que chama de periphrase, fôra de esperar que vantajosamente a substituisse na emenda. Entretanto ahi mesmo se utiliza da propria locução condemnada, redigida assim a emenda áquella parte do art. 731:

"*As coisas que se consomem pelo uso* cáem para logo no dominio do usufructuario.....".

Mas então a que proposito a extranheza da locução *as coisas que se consomem pelo uso*, quando, em sua emenda, adoptou exactamente este mesmo dizer?

* * *

Reza o art. 887 do *Projecto*:

"Se nenhuma das prestações se puder cumprir por culpa do devedor, não competindo ao credor a escolha, ficará elle obrigado a pagar o valor do que se tornou impossivel por ultimo e as perdas e damnos, que o caso determinar".

Esta redacção provoca a censura do alumiado contendor, que a justifica com a seguinte mal fundada ponderação:

"Ficará *elle*". "Mas então", reflecte o Dr. Ruy, "pela ordem grammatical, seria o credor; o que é desproposito".

Fôra, sim, desproposito, se de modo algum pudesse referir-se o pronome *elle* ao vocabulo *devedor;* mas, a quem ler attentamente o texto, entra-lhe pelos olhos que é justamente a esta palavra, e não a *credor*, que se refere aqui o pronome; porque, se assim não fosse, não empregariam os autores do *Projecto* o pronome *elle*, senão o vocabulo *este*, que com toda a clareza precisaria bem a relação com o vocabulo *credor*.

Foi, ainda desta vez, a regra de proximidade, a que tão rigorosamente se afinca o Dr. Ruy, que o induzio a ter por incorrecta a redacção do alludido artigo, emendando-o do seguinte modo:

"Se, por culpa do devedor, não se puder cumprir nenhuma das prestações, não competindo ao credor a escolha, ficará o devedor obrigado a pagar o valor da que por ultimo se impossibilitou, mais as perdas e damnos que o caso determinar".

A redacção da emenda, cotejada com a do texto, não leva melhoria; é, pelo contrario, frouxa, languida e monotona.

Aquelle segundo *devedor* bem podera, por evitar a frieza da phrase, ser vantajosamente substituido, na emenda, pelo vocabulo *aquelle*.

Leia-se aqui a emenda do Dr. Ruy, e não será facil encontrar quem não acquiesça a esta nossa ponderação.

* * *

O paragrapho unico do art. 926 vem assim redigido:

"Fica salva aos não culpados a acção regressiva contra aquelle que deo causa ao pagamento da pena".

Ponde em italico a expressão *pagamento da pena*, escreve o Dr. Ruy Barbosa:

"Não se paga a pena: *cumpre-se, purga-se, resgata-se* ou *satisfaz-se*".

Mais um lugar aqui em que se não inspirou bem a censura do notavel cultor das lettras.

Não só entre os que melhor escrevem em nossa lingoa se nos deparam as expressões *cumprir, resgatar, satisfazer pena*, senão tambem *pagar pena*: ao emprego desta locução, que o Dr. Ruy repelle,

não fugio o eloquente autor dos *Fastos da Igreja*, (*) quando, no tomo 1.º, paginas 187 da obra que corre com esse titulo, assim se exprime:

"O halito empestava. Quantos o viam, feito imagem viva da corrupção do sepulcro e dos tormentos infernaes, reconheciam, que *pagava* já ao mundo *a pena* visivel da impiedade e dos crimes".

Tambem disse Fr. Luiz de Souza, na *Historia de S. Domingos*:

"E quem o contrario fizesse, *pagasse* certa *pena* de dinheiro" (Vol. 1.º Liv. 3.º Pg. 371),

e o Padre Antonio Vieira, num de seos *Sermões*:

"E comtudo vão *pagar* no purgatorio *a pena* dos peccados veniaes não absolutos". (T. 3.º Pg. 179).

Explicando o sentido da phrase de Arraiz: *fazer satisfação por alguma coisa*, dá-lhe Fr. Francisco de S. Luiz est'outra por equivalente:

"*Pagar a pena* que por ella se devia". (*Gloss.* Pg. 77).

A mesma locução emprega o italiano, dizendo:

"*Pagar la pena* per uno". (Vide *Petròcchi*. Vol. 2.º Pg. 479).

* * *

É esta a construcção do art. 933 do *Projecto*:

"Se o devedor com justa causa se oppuzer a que o terceiro faça o pagamento, e não obstante, for paga a divida, não será obrigado a reembolsar senão a quantia até onde chegar o seo beneficio no pagamento".

Este artigo é obscuramente assim redigido na emenda que lhe faz o Dr. Ruy:

"Oppondo-se o devedor, com justo motivo, ao pagamento de sua divida por *outrem*, se *elle*, não obstante, se effeituar, não será o devedor obrigado a reembolsal-o, senão até á importancia em que *lhe elle* aproveite".

A confusão que se nota nas relações exprimidas pelos vocabulos *outrem*, *elle*, *repetido* na phrase, *o*, *lhe*, a incongruencia entre a grammatica das subordinadas: *oppondo-se o devedor, se elle se effeituar*, e o pensamento que se tem em mira exprimir no contexto,

(*) Luiz Augusto Rebello da Silva, 2.ª ed.

trazem certo desalinho e desconcerto á urdidura do phraseado e ao fio e rumo das ideias.

* * *

"A acção redhibitoria ou para abatimento no preço não se realizará, se a coisa tiver sido vendida em hasta publica. (Art. 1108).

Não nos parece razoavel a emenda que a este artigo faz o Dr. Ruy. Eis o em que fundamentou a sua censura:

"Duas são as acções, que os arts. 1103 e 1107 deixam á escolha do adquirente: a redhibitoria, para redhibir ou desfazer a venda, e a de reclamar abate no preço, subsistindo a alienação consummada. Mas, com a redacção que ahi está, no art. 1108, confunde o texto as duas acções numa só: "a acção redhibitoria ou *para abatimento do preço*".

Não ha essa confusão, de que falla o illustre critico: empregando a disjunctiva *ou*, o texto discrimina as duas acções: a de rejeitar o adquirente a coisa recebida, por contracto commutativo, em razão de que lhe descobrir vicios ou defeitos encobertos, que a tornam impropria ao uso a que se destina ou lhe diminuem o valor, e a de pedir abatimento no preço, subsistindo a alienação realizada.

Depois da conjuncção *ou*, na passagem censurada, subentende-se, por zeugma, o vocabulo *acção*, que precede o adjectivo *redhibitoria*, ficando assim constituida a phrase: *a acção redhibitoria* ou *a acção* de abatimento no preço.

A conjuncção *ou* não força a identificar *a acção redhibitoria* com *a de pedir abatimento no preço*, porque liga vocabulos que são ou não synonymos.

Demais disso, os arts. 1103 e 1107, fonte donde promana o preceito contido no art. 1108, mostram-nos clara e explicitamente que não são uma e a mesma coisa o *redhibir* ou desfazer a venda, e o *reclamar abatimento* no preço.

* * *

E' esta a redacção do art. 1113;

"Se o adquirente tiver auferido vantagens das deteriorações e não tiver sido condemnado a indemnizal-as, o valor das vantagens será deduzido da quantia que lhe tiver de dar o alienante".

Este artigo emenda-o assim o insigne Dr. Ruy:

"Se com a deterioração desfructou vantagens o adquirente, e não foi condemnado a indemnizal-as, *deduzir-se-ha* o seo valor *na* somma, que lhe tiver de pagar o alienante".

Com o verbo *deduzir*, empregado no sentido que ahi está, ainda não encontramos em nossos escriptores a preposição *em*, regendo-lhe o complemento, mas a preposição *de*. Assim é que se diz: *deduzir* uma somma *de* outra; *deduzir* uma quantia *de* outra; *deduzir* o seo ordenado *das* quantias recebidas; *deduzir* conclusões *de* principios ou premissas.

É esta a syntaxe que nos offerecem sempre os nossos bons modelos, como exemplificam os seguintes excerptos:

"Que se pode *deduzir das* antecedencias a que se allude nesse contracto".
(A. Herc. *Hist de Port.* T. 2.º Pg. 102).

"As restricções que se *deduzem das* anteriores citações".
(Id. Ibid. T. 4.º Pg. 260).

"A terceira prova é *deduzida dos* documentos relativos ao uso pratico".
(Id. Ibid. Pg. 232).

"O primeiro monumento por nós conhecido, *donde* se pode *deduzir* com alguma individuação a indole da autoridade do almotacé".
(Id. Ibid. Pg. 237).

"A parte da jurisprudencia municipal *donde* isto *se deduz*, encerra especies notaveis".
(Id. Ibid. Pg. 286).

"*Deduzido* o septimo *do* fisco".
(Id. Ibid. Pg. 293).

Verdade é que ao complemento do verbo *deduzir* antepunham algumas vezes os nossos classicos a preposição *em*, tomado este verbo não no sentido de *diminuir*, *descontar*, *inferir*, *colligir*, senão na accepção de *levar*. Assim que se lê em Bluteau:

"*Deduzir* uma colonia *em* algum lugar para o povoar".
(*Vocab.* T. 3.º Pg. 34).

Nesta ultima accepção tambem se dizia em latim: *deducere* legiones, milites, exercitum, *in hiberna; deducere in campos, in aciem, in arcem* oppidi.

Mas *deduzir* no sentido em que o empregou o *Projecto* não pede senão a preposição *de*, para lhe reger o complemento.

* * *

No paragrapho unico do art. 1182, assim diz o *Projecto*:

"A doação onerada com encargo poderá ser revogada por inexecução della, desde que o donatario estiver em mora".

O illustre Dr. Ruy Barbosa increpa a expressão *onerada com encargo*, e assim se enuncia:

"*A doação onerada com encargo.* Como ha de ser *onerada* senão com *encargo?* Em vez desta locução pleonastica, digamos simplesmente: a doação *onerosa*, ou *onerada*".

Mas, se censuravel é, por pleonastica, a locução usada no *Projecto*, sel-o-ha menos a phrase da emenda do illustrado critico, onde se diz: "*a doação onerosa poder-se-ha revogar por inexecução do encargo*"?

Que é o que impõe aqui o onus ou encargo, senão a doação *onerosa?* Logo, temos na emenda o *encargo* da doação *onerosa*, isto é, *o encargo da doação com encargo.*

A quem tão rigoroso se mostra com respeito ás construcções pleonasticas, não bastaria dizer, coherentemente (*) furtando-se ao que censura: a *doação onerosa* poder-se-ha revogar por sua inexecução?

Demais, bem que na expressão censurada transpareça essa ideia reduplicativa, a que allude a critica, nem por isso evitou Moraes, em seo diccionario, as locuções *doação* ONEROSA *com* ENCARGO *do doado*, *onerar* de pensão, dividas, *encargos*, deveres, serviços, impostos, nem ao uso da locução increpada fugio o *Codigo Portuguez*, quando disse no paragrapho unico do art. 1854:

"Se, porem, sendo o legado *onerado* com algum *encargo*, este caducar, lucrará o legatario o proveito que dahi lhe resultar.....;

nem ainda a refusou, quando, no art. 1845, assim se exprimio:

"Se a coisa legada se achar *onerada* com algum fôro, quinhão, servidão ou qualquer outro *encargo*, que lhe seja inherente, passará com o mesmo encargo ao legatario".

Onerar com *encargo*, *onerar* de *encargo* são locuções não raras entre os ciosos de nossa boa linguagem, como o attestam os seguintes passos:

"Com tres *encargos* muito *onerosos*".
(*Arte de Furtar.* Pg. 185).

"A patria não tem *carga* mais *onerosa*".
(A. de Cast. *Felic. pela Agricult.* Vol. 2.º Pg. 96).

"Os mais *onerosos encargos* que definhavam antigamente a industria agricola desappareceram".
(A. Herc. *Opusc.* T. 4.º Pg. 216).

(*) Na 2.ª ed. pôz-se virgula neste lugar.

"Até que no capitulo geral de 1760 o *exoneraram* deste *encargo*".
(Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit. de Port.* T. 1.º Pg. 234).

"Receiando *onerar* sobejamente o erario regio com *encargos* improductivos".
(Id. Ibid. Pg. 261).

"O *encargo oneroso*... que recahia unicamente sobre a plebe desherdada".
(Id. Ibid. T. 2.º Pg. 115).

"Vem propor novos impostos e attestar *oneroso encargo* sobre o povo".
(Id. *Repub. e Monarch.* Pg. 225).

"Eudoro prosta-se, e tenta esquivar-se a tão sublimada honra e *oneroso cargo*".
(Camillo. *Os Martyres.* Vol. 2.º Pg. 85).

O proprio Dr. Ruy Barbosa claramente sancciona a phrase, que condemna no § unico do art. 1182 do *Projecto*, quando, emendando o art. 1711, deste modo se enuncia:

"A coisa legada entregar-se-ha com os seos accessorios, no lugar e estado em que se achava ao fallecer o testador, passando ao legatario com todos os *encargos*, que a *onerarem*".

Se, pois, no art. 1182, § Unico, impugna a locução *onerada com encargo*, não é coherente, quando, no citado artigo 1711, diz: "com todos os *encargos*, que a (*) *onerarem*".

Onde o abroquelou a verdade? Aqui ou alli?

* * *

É do teor seguinte a redacção do art. 1251:

"O commodatario é obrigado a guardar e conservar a coisa emprestada com zelo e solicitude, só podendo usar della segundo o modo determinado pelo contracto ou pela propria natureza da coisa, sob pena de responder por perdas e damnos".

O Dr. Ruy Barbosa oppõe-se á construcção deste artigo, com as seguintes palavras:

"O que se intenta, é dizer que o commodatario é obrigado a *guardar e conservar com zelo e solicitude*. Em vez disso, porem, se falla *da coisa emprestada com zelo e solicitude*".

(*) Na 2.ª ed. supprimiu-se, por erro de imprensa, o "*a*" neste passo.

Guardar e conservar uma coisa com zelo e solicitude, comprehende-se; é modo de dizer que nada de extranhavel tem á orelha; mas, *emprestal-a com zelo e solicitude*, é expressão desconcertada, que insolitamente nos fere os ouvidos. Não pode, pois, o complemento circumstancial modificar a ideia exprimida pelo adjectivo *emprestada*, senão as que se traduzem pelos verbos *guardar* e *conservar*, unicos a que, no caso vertente, se pode razoavelmente attribuir a circumstancia denotada por esse complemento, que os modifica, completando-lhes a significação.

Na phrase seguinte: "Trata as filhas casadas com muito amor, zelo e carinho", ninguem virá attribuir ao adjectivo *casadas* o complemento circumstancial, regido da preposição *com* e sim ao verbo *trata*, a que o liga o sentido da phrase.

E nest'outra: "Zela os livros emprestados com tanto cuidado, como se foram seos", a ninguem lembrará ligar o complemento circumstancial ou adjuncto adverbial, como lhe chamam alguns *com tanto cuidado*, ao participio *emprestados* quando o sentido o refere evidentemente á forma verbal *zela*.

* * *

"O commodatario constituido em mora, alem de responder como obrigado moroso, deve o aluguel da coisa, desde que se retarda em restituil-a". (*Projecto*. Art. 1252).

Pungitiva increpação faz o esclarecido jurista á expressão *obrigado moroso*, que se lê neste artigo, assim reflectindo:

"*Obrigado moroso*". Expressão original e ridicula no estylo juridico e legislativo. Sempre se disse *devedor em mora*, ou em *atrazo*, *devedor atrazado*, *impontual*, *remisso*.

"Neste *Projecto* mesmo sempre se usou *devedor*, e não *obrigado*. (Ver, por exemplo, os arts.: 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 878, 880, 881 a 884, 887, 889 a 891). Mas *obrigado moroso*, isso então é de um exotico inaudito.

"O mesmo *Projecto*, no art. 960, diz *devedor em mora*.

"Onde foi, pois, buscar a esdruxula variante?"

Julgamos a critica sobremodo severa e rigorosa, quando appellida a expressão *obrigado moroso* de original e ridicula no estylo juridico e legislativo.

A alludida expressão, tirada do contexto e considerada só por só, poderá causar estranheza e reparo, mas inserida onde se acha,

determinado como está o sentido que lhe dão os autores do *Projecto*, parece-nos justificada, a menos que nos induzam a pensar assim a nossa fraqueza e pouquidade, diariamos melhor, a nossa mingoa de tacto e intuição juridica.

A expressão *devedor em mora* equivale a *devedor moroso*, que se encontra em todos os diccionarios da lingoa portugueza, e a ninguem lembra condemnar.

Commodatario é o que ou a que pedio coisa emprestada debaixo de commodato.

Commodato é, segundo Teixeira de Freitas, o emprestimo gratuito de alguma coisa para certo uso, que deve ser restituida identicamente.

Não é o commodatario *obrigado* a velar pela coisa emprestada, como se fôra sua propria?

Não tem a responsabilidade da coisa que se lhe emprestou para certo uso, por prazo convencionado ou pelo tempo indispensavel para esse uso? Não é *obrigado* ás despesas, que a conservação da coisa exige? Não é responsavel por perdas e damnos, desde que for em mora de entregar ou restituir a coisa emprestada?

Que extranhavel offensa de leso-estylo juridico e lesgilativo haverá na redacção do artigo do *Projecto*, assim formulado: "O commodatario constituido em mora, alem de responder como obrigado moroso, deve o aluguel da coisa, desde que se retarda em restituil-a"?

Que ha ahi de original e ridiculo? Começando o artigo pela expressão *o commodatario constituido em mora*, não fica bem entendido e perfeitamente discriminado o sentido que deram os auctores do *Projecto* á locução *obrigado moroso*, com referencia ao mesmo commodatario, constituido em mora?

Mas ao illustrado censor não se lhe tomou o espirito da mesma desagradavel impressão, quando, combatendo no *Projecto* essa expressão, que mette a riso, des'arte se enuncia:

> "Mas *obrigado moroso*, isso então é de um exotico inaudito".

Não nos ocorre ter lido nem ouvido a locução *exotico inaudito*, como a empregou aqui o Dr. Ruy Barbosa.

Diz-se o maravilhoso do quadro, o vistoso do scenario, o garboso das vestes, o excentrico do procedimento, o exotico dos trajes; mas uma coisa de um *exotico inaudito*, é expressão de todo o ponto alheia da nossa lingoa, como o fôra dizer: coisa de um extranho, de um excentrico inaudito, de um exquisito inaudito, de um original inaudito, em lugar de coisa de extranheza inaudita, de excentricidade, de exquisitice, de originalidade inaudita.

E caso queira applicar-se o vocabulo *exotico* a pessoa, já se lhe não ajustará bem o epitheto *inaudito*, que se não costuma dizer das pessoas.

* * *

"Pelo contracto de deposito recebe o depositario coisa movel para guardar, até que o depositante a reclame.

"Este contracto é gratuito, mas podem as partes estipular qualquer retribuição pelo deposito". (*Projecto*. Art. 1265).

Reprovando a redacção deste artigo, diz o Dr. Ruy:

"*Retribuição* a qual *das partes?* Poderia ser ao depositante? Não. É da natureza do contracto que seja ao depositario.

"Mas nem por ser da natureza do contracto se deve calar. 'Antes, por isso mesmo, cumpre que se consigne explicitamente".

O gratificado, pela natureza mesma do contracto, outro não pode ser que o depositario; dil-o o proprio Dr. Ruy Barbosa; e, se assim é, como comprehender que, por este motivo mesmo, ou, segundo os termos em que se exprime o douto contendor, *antes, por isso mesmo, cumpre que se consigne explicitamente?*

E, se não fosse da natureza mesma do contracto ser o *depositario* o gratificado, houvera menos razão para se tornar clara e explicita qual a parte gratificada? Sim; é o que se deduz da observação do Dr. Ruy, que julga que *nem por ser da natureza do contracto, se deve calar qual a parte gratificada. Antes, por isso mesmo, cumpre que se consigne explicitamente.*

Isso é o mesmo que affirmar que o naturalmente claro, o patente, o evidente tem mais necessidade de ser explicado e demonstrado que o escuro, problematico e equivoco.

Vejamos agora a emenda do illustrado senador:

"Pelo contracto de deposito recebe o depositario um objecto movel, para guardar, até que o depositante o reclame.

"§ Unico. Este contracto é gratuito; mas as partes podem estipular que o depositario seja gratificado".

Não é mais feliz o illustrado censor, no lugar da emenda, em que diz: "*mas as partes*, isto é, o depositante e o depositario, *podem estipular que o depositario seja gratificado*".

No *Codigo Civil Portuguez* é assim redigido o art. 1432, que responde a essa parte do art. 1265 do *Projecto*:

"Este contracto é de sua natureza gratuito, o que não impede, todavia, que o depositante possa convencionar a prestação de qualquer gratificação".

E a ninguem, conhecida a natureza do contracto, occorreria perguntar: *gratificação* a quem?

* * *

É assim enunciado o art. 1300 do *Projecto*:

"O mandatario é obrigado a applicar na execução do mandato sua diligencia habitual".

O eminente censor chama a attenção para as palavras *sua diligencia habitual*, contidas no artigo, e nestes termos formula sua censura:

"*Sua* diligencia habitual". Posto onde está, o possessivo refere-se a *mandato*, e não *mandatario*, como cumpre. Transponha-se, colocando essas palavras logo após o verbo *applicar*, e teremos evitado o equivoco".

Não ha tal equivoco: é clara a phrase e genuinamente portugueza. No lugar onde está o adjectivo possessivo, attento o conceito que se liga aos dois termos *mandatario* e *mandato*, não é possivel referir o possessivo a este ultimo substantivo.

A regra de proximidade, de que tantas vezes falla o Dr. Ruy Barbosa, e que tanto lhe encasou no espirito, induzio-o a engano manifesto, pondo-o em desaccordo comsigo mesmo, na emenda que fez ao art. 1312, em que abre mão da regra, que perfilha.

Eis a emenda, a que alludimos:

"É igualmente obrigado o mandante a resarcir ao mandatario as perdas, que soffrer com a execução do mandato, sempre que não resultem da culpa *sua* ou excesso de poderes".

Nesta emenda do Dr. Ruy não ha quem refira o possessivo ao vocabulo *mandato*, bem que seja o substantivo mais proximo. É, pois, o Dr. Ruy mesmo quem, redigindo o art. 1312, vem, sem o querer, em apoio da correcção da phrase, que condemna no art. 1300 do *Projecto*.

Como se vê, essa redacção da emenda do distincto escriptor ao art. 1312 dá ganho de causa á construcção do art. 1300 do *Projecto*, que lhe é de todo em todo analogo, e que nada tem de equivoca.

Semelhantemente, quando, no art. 1345, diz o *Codigo Portuguez*:

"O constituinte não pode escusar-se de cumprir todas as obrigações, que o mandatario houver contrahido em *seo nome*, dentro dos limites do mandato",

ninguem irá referir a expressão *seo nome ao substantivo mandatario*, bem que mais proximo, senão ao vocabulo *constituinte*.

Do mesmo modo ainda, no art. 861, escreve o mesmo *Codigo*:

"O credor é obrigado: 1.º A conservar a coisa empenhada, como se fôra sua propria, e a responder pelas deteriorações ou prejuizo que ella padecer por *culpa ou negligencia sua*";

e a ninguem lembrará attribuir o possessivo *sua* ao pronome *ella*, embora mais proximamente collocado; mas, ao vocabulo *credor*, a quem se reporta a culpa ou negligencia, a que se allude.

* * *

O art. 1314 redige-o deste modo a emenda do Dr. Ruy:

"Se o mandato for outorgado por varias pessoas para negocio commum, cada uma ficará solidariamente responsavel ao mandatario por todos os compromissos e effeitos do mandato, salvo direito regressivo, pelas quantias que *ella* pagar, contra os outros mandatos".

O *ella* da emenda é de mais: nem o genio de nossa lingoa o tolera em casos taes, nem o justifica a necessidade de clareza do texto, de onde sendo eliminado, não induzirá á conjectura de que a acção do verbo *pagar* se possa julgar affirmada de *pessoas*, que está no plural, ou do vocabulo *mandatario, que*, pelo sentido, não pode manifestamente fazer de sujeito do mesmo verbo.

* * *

Na emenda ao art. 1329, escreve o provecto critico:

"Sob pena de responder pelo damno resultante, o advogado, ou procurador, que acceitar a *procuratura*, não se poderá escusar sem motivo justo, e, se o tiver, avisará em tempo o constituinte, afim de que lhe nomeie successor".

Porque ir desencavar o vocabulo *procuratura*, de pouco uso em portuguez, antepondo-o ao vocabulo *procuradoria*, de que se serve o *Codigo Portuguez* em seo art. 1362?

Procuratoria ou antes *procuradoria* harmoniza melhor com o numero consideravel de vocabulos da mesma analogia.

Assim que de *provedor* se formou em nossa lingoa o vocabulo *provedoria;* de *ouvidor, ouvidoria;* de *promotor, promotoria;* de *curador, curadoria;* de *corrector, correctoria;* de *corregedor, corregedoria;* de *mercador, mercadoria;* de *collector, collectoria;* de *director, directoria;* de *contador, contadoria;* de *reitor, reitoria;* de

vedor, vedoria; de *inspector, inspectoria;* de *autor, autoria;* de *regedor, regedoria;* de *commendador, commendadoria;* de *ferrador, ferradoria;* de *pretor, pretoria;* de *recebedor, recebedoria.*

* * *

Na restricção enunciada na ultima parte do art. 1385:

"Salvo nos casos urgentes, em que as providencias omittidas ou demoradas occasionariam grave prejuizo ou damno reparavel",

condemna o insigne escriptor as palavras *providencias omittidas* ou *demoradas*, e, desenvolvendo seo pensamento, assim se exprime:

"Não são as *providencias*, que se omittiram, ou demoraram, as causadoras do damno: a *omissão, ou atrazo* dellas, pelo contrario, é que acarretou o prejuizo".

Das palavras, pois, do illustrado critico deprehende-se que a expressão do *Projecto* é considerada de todo o ponto opposta á que elle alvitra na emenda.

Mas a omissão, a demora ou atrazo das providencias não partem, não procedem de alguem? E a ser assim, essas providencias não são omittidas ou demoradas por esse alguem, donde partem?

Logo, tanto monta dizer *a omissão ou atrazo das providencias*, quanto *as providencias omittidas, as providencias demoradas*, porque o são por alguem, alguem as omitte e demora, ha omissão, ha demora ou atrazo dellas.

Suppõe o Dr. Ruy Barbosa existir antagonismo entre as duas expressões, isto é, a do *Projecto*: *providencias omittidas ou demoradas* e a da emenda: *omissão ou atrazo das providencias;* que faria, se, em vez da expressão de que se utiliza o *Projecto*, se tivesse escripto *as providencias não omittidas e não demoradas?* Não veria aqui um sentido desconnexo e disparatado?

Não ha tal antinomia nas duas phrases alludidas: no que respeita ao sentido são equivalentes as phrases seguintes, comparadas duas a duas: "*A transfusão do sangue* nas veias do doente animou-lhe doente animou-lhe as forças e accendeo-lhe a vida". "*A perseguição da virtude* desanima os bons"; "*a virtude perseguida* desanima os bons". "*A promessa da alliança* parecia mudar a face dos acontecimentos"; "*a aliança promettida* parecia mudar a face dos acontecimentos". "*A transferencia do governo* originou a queda do ministro"; "*o governo transferido* originou a queda do ministro". "*A transformação da villa* em cidade tudo mudou"; "*a villa transformada* em cidade tudo mudou.

Escreveram Rebello da Silva e A. Herculano:

"O *commercio paralysado.....*, *a fazenda publica e o credito arruinados*, accusavam a incapacidade de ministros".

(*Varões Illustres*. Pg. 74).

"Na serie das consequencias inevitaveis que derivam de se attribuir á *ideia formulada* ou á *formula* da *ideia*, em abstracto, a natureza objectiva de propriedade.....".

(*Opusc*. T. 2.º Pg. 121).

Disse Latino Coelho:

"*A Italia invadida e conquistada* numa campanha prodigiosa, a *Allemanha occupada* em muitos pontos pelos soldados victoriosos, attestaram...".

(*Republica e Monarchia*. Pg. 72).

Entre os latinos é muito commum este modo de tecer o discurso, em que um participio passivo, unido a um substantivo, equivale a um substantivo geral abstracto, acompanhado de um complemento determinativo.

Robustecem-nos a asserção os seguintes exemplos:

"In Sicilia Romanis omnia mutaverat mors Hieronis, *regnumque* ad Hieronymum nepotem ejus *translatum*, puerum, vixdum libertatem, nedum dominationem, modice laturum".

(Tito Liv. Livr. 24. Cap. 4.º).

Neste exemplo do escriptor latino a expressão *regnum translatum* (o *governo transferido*) equivale a est'outra *regni tranlatio*, isto é, *a transferencia do governo*.

Outro passo do mesmo autor, onde se nos depara a mesma syntaxe, é o seguinte:

"Ab urbe oppugnando Poenum absterruere *conspecta moenia*, haudquaquam prompta oppugnanti". (Liv. 23. Cap. 1.º).

Conspecta moenia, isto é: *moenium conspectus*.

Esta syntaxe é vulgarissima em Tito Livio, cuja lição nos offerece ainda os seguintes exemplos:

"*Conspectum* tam triste *supplicium* fregit animos Campanorum". (Liv. 26. Cap. 12).

"Pudor *non lati auxilii* patres cepit". (Id. 21, 16).

"Ante *Capitolium incensum*". (Id. 6, 4. Vide Madvig. *Grammaire Latine*. § 426).

Reinach assim se exprime com relação ao assumpto (*Gram. lat.* Pg. 229):

"Le participe passé uni à un substantif répond souvent aux noms abstraits français: *implexi rami* = l'entrelacement des rameaux; *suffosa moenia* = la chute des murailles".

Da mesma syntaxe nos dá exemplo Cicero, no seguinte lugar:

"Dubitabat nemo, quin *violari hospites, legati necati,..... fana vexata,* hanc tantam efficerent vastitatem".

(Cic. *Pis.* 35).

Sallustio, escrevendo:

"Praeterea se missum a M. Crasso, qui Catilinae nuntiavit, ne eum *Lentulus et Cethegus aliique* exconjuratione *deprehensi* terrerent". (*Cat.* 48).

Cornelio Nepote, dizendo:

"Quod nemo eat in infitias: Thebas et ante *Epaminondam natum,* et post ejus interitum perpetuo alieno paruisse imperio". (15, 10).

E Suetonio:

"Militem praetorianum ob *subreptum* e viridario *pavonem* capite puniit" (*Tib.* 60).

Esses uso, no latim classico, dos participios em lugar dos substantivos abstractos, sobre o qual fallam, entre outros grammaticos, Madvig, Roby, Guardia e Salomon Reinach, em seos trabalhos grammaticaes, não desappareceo de todo nos idiomas modernos, principalmente no portuguez.

Seguindo este modo de compor a phrase, foi que, na fabula dos dois pombos, *les deux pigeons, disse* La Fontaine:

"Mon *voyage dépeint*
Vous sera d'un plaisir extrême".

Neste exemplo do poeta francez, a expressão *mon voyage dépeint* está em vez de *la peinture de mon voyage.*

* * *

Reza assim o art. 1445 do *Projecto*:

"Quando o seguro se faz por intermedio do representante do segurado, este torna-se tambem responsavel para com o segurador, por todas as inexactidões ou omissões, que possam influir no respectivo contracto".

O Dr. Ruy Barbosa impugna esta redacção, explanando dest'arte sua critica:

"O que, nesta passagem, se quer dizer, é que, fazendo o segurado o seguro mediante procurador, tambem este, a saber, o procurador, alem daquelle, responderá ao segurador pelo damno, que lhe causar".

"Mas de facto o que se disse, graças á collocação do pronome *este*, é o que já se dissera no artigo anterior; porque *este*, aqui, não é o *representante*, senão o *segurado*".

Não compartimos, por julgal-a mal avisada, essa opinião do illustre censor. Dizendo o *Projecto*:

"quando o seguro se faz por intermedio do representante do segurado, este torna-se tambem responsavel...",

o adjectivo *este* não se refere, como diz o Dr. Ruy, ao vocabulo *segurado*.

Se assim fôra, a que viria na oração principal o vocabulo *tambem?*

Não é claro que este elemento grammatical dá a entender que, assim como o *segurado*, consoante o que dispõe o art. 1444, perde o direito ao valor do seguro e paga os premios vencidos, no caso de não fazer declarações verdadeiras e completas, omittindo, alterando e figurando circumstancias que influir possam no contracto, assim, quando este é feito mediante procurador, responsavel por igual é este representante do segurado por essas mesmas omissões e alterações?

O *tambem* do texto torna disparatada a referencia do adjectivo *este* ao vocabulo *segurado*.

O *Codigo Portuguez*, no art. 454, assim se exprime:

"As agoas pluviaes, que cáem directamente sobre qualquer predio rustico ou urbano, podem ser livremente occupadas e usufruidas pelos donos dos ditos predios; mas estes não têm direito a desvial-as do seo curso natural...".

Na phrase: "podem ser livremente occupadas e usufruidas pelos donos dos ditos predios; mas *estes* não têm direito", os redactores desse codigo evidentemente referiram o vocabulo *estes* não ao vocabulo *predios*, senão a *donos*.

Ao entender do Dr. Ruy, fôra ao substantivo *predios*, e não á expressão *donos dos ditos predios*, que se devêra referir o demonstrativo, i que não conforma com o uso dos escriptores havidos por exemplares no escrever.

O proprio Dr. Ruy Barbosa, na emenda ao art. 538 do *Projecto*, fornece um exemplo que serve de replicar á critica feita á redação do art. 1445. Eil-o:

"A transcripção datar-se-ha do dia em que se apresentar o titulo ao official do registro, e *este* o prenotar no protocollo".

Certo não referio, neste passo, o vocabulo *este* a *registro*, senão á expressão *official do registro*.

Bem se vê: a regra de proximidade, invocada ainda uma vez aqui pelo esclarecido senador, é como um leito de Procusto (*) a que nem sempre se accommoda o pensamento do escriptor, sem se apoucar, empobrecer e desvirtuar no estreitado ambito, onde se lhe confrangem e tolhem o mover-se e expandir-se.

Demais, já em outro lugar o notamos, divorciando-se assim a grammatica do sentido, ou o pensamento da linguagem, que o traduz e com elle se ajusta e irmana, como se explicariam, á luz daquella, considerada só por só, desajudada desse pensamento, que lhe é alento e vida, essas concordancias syllepticas ou logicas, tão communs no dizer portuguez e que tão vivo colorido derramam na tecedura da phrase, e tanto engraçam e realçam o discurso?

* * *

A emenda ao art. 1542 redige-a assim o illustre Dr. Ruy Barbosa:

"Se da offensa resultar defeito, pelo qual o offendido não possa exercer o seo officio ou profissão, ou se lhe diminua o valor do trabalho, a indemnização, alem das despesas do tratamento e lucros cessantes até ao fim da convalescença, incluirá uma pensão correspondente á importancia do trabalho, para que se inhabilitou, ou da depreciação que *elle* soffreo".

É mal construida a redacção desta emenda: o pronome *elle* parece pelo sentido referir-se a *trabalho*, que diminuio ou se depreciou; entretanto, unida a oração de *se inhabilitou* á de *soffreo*, pela coordenativa *ou*, parece terem uma e outra o mesmo sujeito, figurado na primeira pelo vocabulo *offendido* e na segunda, pelo pronome *elle*, que, segundo o teor das construcções grammaticaes, representa o mesmo vocabulo *offendido*, sujeito daquella.

Attente-se bem nas ultimas palavras do artigo:

"a indemnização.... incluirá uma pensão correspondente á importancia do trabalho para que se inhabilitou (*o offendido*), ou da depreciação que *elle* soffreo".

(*) Na 1.ª ed. lemos "Procustes" em lugar de "Procusto", como na 2.ª ed., que preferimos neste lugar.

Redigido assim o artigo, quem não referirá, em boa grammatica, o pronome *elle* á palavra *offendido*, sujeito de *se inhabilitou?*

Não é, porem, ao *offendido* que se intenta attribuir a depreciação; é, sim, ao *trabalho*, cujo valor pode diminuir e baixar com o defeito resultante da offensa soffrida.

Não ha, pois, negal-o: a construcção da phrase da emenda é em extremo viciosa.

Confronte-se agora o texto e a emenda, e ver-se-ha onde mais bem avisada andou a redacção.

Eis o artigo do *Projecto*.

"Se da offensa resultar defeito que impossibilite o offendido de continuar no exercicio de sua profissão ou officio, ou diminua o valor de seo trabalho, a indemnização comprehenderá, alem das despesas do tratamento e lucros cessantes até o fim da convalescença, uma pensão correspondente ao valor do trabalho impossibilitado ou reduzido".

* * *

Esta construcção deo o abalisado jurisconsulto á emenda feita ao art. 1551 do *Projecto*:

"A mulher aggravada em sua honra tem direito a exigir do offensor, se este não puder ou não quizer reparar o mal pelo casamento, um dote correspondente á condição e estado da *offendida*".

Quem quer que leia este artigo, assim redigido, julgará não haver identidade entre a expressão *a mulher aggravada em sua honra* e o adjectivo substantivado *offendida;* entretanto é a mesma pessoa *a mulher aggravada em sua honra* e a *offendida.*

Com effeito, cerceadas do texto as proposições subordinadas intermediarias: *se este não puder ou não quizer reparar o mal pelo casamento,* a est'outra ficará reduzida a phrase:

"a mulher aggravada em sua honra tem direito a exigir do offensor um dote correspondente á condição da *offendida*";

como se esta fôra outra que não a propria mulher, aggravada em sua honra.

Mas, illudido pela regra de proximidade, a que de continuo se reporta, quiz o Dr. Ruy Barbosa esquivar o emprego do adjectivo possessivo, que, no caso vertente, não levaria ninguem a consideral-o em relação ao vocabulo *offensor.*

Eis como, sem receio de equivocação, ficaria construida a phrase:

"A mulher aggravada em sua honra tem direito a exigir do offensor, se este não puder ou não quizer reparar o mal pelo casamento, um dote correspondente á sua propria condição e estado".

Empregando o possessivo, disse bem Vieira:

"Os paes estimam mais os bens dos filhos que os seos proprios".
(*Serm.* T. 1.º Pg. 131).

* * *

Ao numero VII do art. 1572 do *Projecto*, que é assim redigido:

"Por salarios ou ordenado aos criados ou empregados domesticos do devedor, nos ultimos seis mezes",

faz o preclaro senador a seguinte censura:

"Salario abrange ordenado. Toda retribuição de serviço tem nome de salario, seja qual for a categoria social de quem a recebe. Dizendo, pois, *salarios*, escusaria accrescentar *ordenado:*

E continúa:

"Imitando, neste ponto, o codigo civil portuguez, art. 884, n. V, não attentaram os autores do *Projecto* em que o modelo, reproduzido no texto, fallando primeiro em *ordenados*, uma das especies no genero *salario*, podia alludir posteriormente a este, sem se repetir.

"Mas a redacção brasileira, começando por mencionar o genero, tinha nelle incluido a especie, e não havia mister de particularizal-a".

Verdade é que o modo de retribuição a que se dá a designação de salario se não applica só, dil-o Leroy-Beaulieu, aos trabalhadores manuaes, extende-se á maior parte das profissões humanas, ainda ás que são puramente intellectuaes.

Disse Jacinto Freire, na *Vida de João de Castro* (Liv. IV, n. 102):

"Porque nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os *salarios* do governador que os soldos do seo rei".

Geralmente fallando, *honorarios*, *ordenado*, *vencimentos*, *paga*, *estipendio*, *pré*, *soldo*, *soldada*, *jornal*, *diria*, são termos que se consideram contidos no termo *salario*, sendo este e todos os demais de menos generalidade que o vocabulo *retribuição*.

Mas é tambem verdade que, no uso vulgar de nossa lingoa e até na linguagem mesma scientifica, a palavra *salario* não raramente se toma em sentido mais restricto.

Não foi certamente em sentido amplo que a tomou o *Codigo Portuguez*, quando, no art. 1391, assim a definio:

"Serviço salariado é o que presta qualquer individuo a outro, dia por dia, ou hora por hora, mediante certa retribuição relativa a cada dia ou cada hora, que se chama *salario*".

A redacção do art. 884, n. V desse mesmo *Codigo*, não vem, como se supporia das palavras do Dr. Ruy, em apoio da censura que este faz á redacção do texto, naquella parte do mencionado artigo.

"Não attentaram", diz o illustre critico, "os autores do *Projecto* em que o modelo, reproduzdo no texto (refere-se no *Codigo Portuguez*), fallando primeiro e mordenados, uma das especies no genero *salario*, podia alludir posteriormente a este, sem se repetir".

De que palavras, perguntamos nós, usa o *Codigo Portuguez* nesse artigo, com que julga o Dr. Ruy justificar o seo reparo ao que escreve o *Projecto?*

Eis o que escreve essa lei portugueza:

"O credito proveniente de *ordenados, salarios* e *saldadas* de criados e outros familiares.....".

Se, antepondo *ordenado* a *salario, o Codigo Portuguez* fornece argumento a favor da censura que o Dr. Ruy Barbosa articula contra a expressão do *Projecto*, o vocabulo *soldada*, posto depois de *salario*, não será argumento contra a mesma censura? Não se deverá, segundo inculca o douto antagonista, dizer *salario* ou *ordenado;* como poderá justificar *salario* e *soldada?* Se ordenado está contido no termo *salario*, que é toda a retribuição de serviço, não se acha por igual o vocabulo *soldadas* encerrado no mesmo vocabulo *salario?*

A censura assenta, pois, em falso.

Como o *Codigo Portuguez*, não receiou A. Herculano dizer, antepondo *salario* a *soldada*:

"O *salario, soldada* ou *jornal*, é o espinho que o punge, ora mais, ora menos".

(*Opusc.* Pg. 128. *A Emigração*). (*)

E nos mesmos *Opusculos*, a paginas 220:

"*O salario* representa a manutenção do obreiro".

Assim no *Codigo Portuguez*, como no *Projecto do Codigo Brasileiro*, é o vocabulo *salario* empregado não em seo sentido lato,

(*) "A Emigração" encontra-se no vol. 4.º dos Opusculos.

senão no restricto, de que tão frequentemente usa nossa lingoa e os idiomas congerenes, e a que presta sancção a linguagem mesma de alguns escriptores da sciencia economica.

Registando entre os synonymos os vocabulos *rétribution, honoraire, salaire, appointement, solde, gages* (*retribuição, honorarios, salario, ordenado, soldo, soldada*), eis a differença que Lafaye estabelece entre esses vocabulos, aqui traduzidos:

"A retribuição, o honorario e o salario podem dar-se, dão-se, quasi sempre por um bem unico, accidental; ao passo que a paga, o soldo, as soldadas, o ordenado, suppõem e recompensam um bem habitual, um trabalho continuo. Uma vez por todas, daes uma retribuição, honorarios, salario a alguem que vos serve, que vos faz uma coisa util, em um só caso; um autor publica uma obra, dá-se-lhe uma retribuição, um honorario, um salario mais ou menos consideravel.

"A um homem que vos serve, que vos aluga seos serviços por certo tempo determinado, que está a vosso serviço, que trazeis a soldo, vós lhe daes uma paga, um soldo, soldadas.

"O *honorario* é uma retribuição honrosa, merecida pela sciencia, pela capacidade, pelo exercício de um talento, (*) uma arte nobre ou liberal...

"Para honrar uma profissão acima das artes mechanicas, dá-se a um homem dessa profissão um *honorario* (*honoraire*), em vez de *salario* e *soldada*, que lhe melindrariam o amor proprio (Volt.).

Chama-se *honorario* a retribuição de um advogado, de um medico, de um sacerdote, de um autor, etc...

"Mas o *salario* é a retribuição do trabalho, do trabalho manual: o operario tem um *salario*.

"A *soldada* é o salario habitual dos criados ou pessoas de condição semelhante; os *ordenados* são os (**) honorarios habituaes dos funccionarios publicos ou empregados particulares". (329).

Na oitava edição do diccionario de Antonio de Moraes e Silva, assim se exprimem os revisores desta obra, desenvolvendo o sentido do termo *ordenado*:

"ORDENADO — Vencimento certo, fixo, pago periodicamente, em geral, aos mezes, ou em remuneração de emprego publico civil, o que é regulado por lei, regulameno, etc., ou em pagamento de serviço particular, e, nesse caso, é fixado por ajuste previo; honorarios; estipendio, paga. Oppõe-se ou distingue-se

(*) Na 2.ª ed. omittiram-se as palavras: "de um talento,".

(**) Na 2.ª ed. omittiu-se o artigo "os", antes de *honorarios*.

(329) — Lafaye. *Dict. des Synonymes*. Pg. 904.

dos próes, percalços e emolumentos, gratificações etc., que são contingentes, de caracter transitorio e se alteram para mais ou para menos, ou se suspendem totalmente em determinados casos.

"Differe do *jornal, salario,* que é o pagamento do operario, que trabalha a dias, e que de ordinario recebe no fim da semana ou da quinzena. A paga por serviço militar chama-se *soldo*".

Consignando, no *Diccionario da Lingoa Portugueza,* o mesmo vocabulo *salario,* nota-lhe Candido de Figueiredo a accepção restricta, que lhe dá nossa lingoa, tomando-o no sentido de "*retribuição de serviço; feito aos dias ou ás horas*".

Não foi tambem associado ao vocabulo *salario* o sentido lato que lhe dão algumas vezes os economistas, e que lhe parece dar o illustre Dr. Ruy Barbosa, na emenda á referida expressão do *Projecto,* que, tratando da remuneração do trabalho, Lecouteux assim se exprime, em seo *Curso de Economia Rural* (Pg. 90-1):

"Le travail, comme l'étudie l'économie politique, est l'application de toutes les facultés intellectuelles, morales et physiques de l'homme á la production des richesses.

"Sont, par conséquent, travailleurs ayant à prendre leur part respective dans le produit brut, tous les hommes qui ont concouru à l'œuvre productive, les uns par leur intelligence, leur science, leur génie de découvertes, leurs aptitudes morales, les autres par leurs forces musculaires.

"Tous ces producteurs ont eu leur utilité: il est juste qu'ils aient leur rémunération, qui s'appelle *profits,* pour les chefs d'entreprises opérant à leurs risques et périls; *traitements, appointements,* pour les fonctionnaires publics: *dividends,* pour les actionnaires; *honoraires, émoluments,* pour les notaires, médecins, avocats, *solde* pour les soldats; *gages* pour les domestiques au mois ou à l'année; SALAIRES, pour les ouvriers; *gratifications,* pour toutes les sommes données en supplément des traitements, gages et salaires fixes".

O sentido da palavra *salario* restringio-a ainda Louis Cossa, quando, definindo-a, assim escreve:

"A retribuição ordinaria que o operario recebe em troco do trabalho que fornece — *La rétribuition ordinaire que l'ouvrier reçoit en échange du travail qu'il fournit*".

(*Prem. Élém. d'Écon. Pol.* Pg. 109).

"*Ordenados*", diz Teixeira de Freitas, em seo *Vocabulario Juridico* (Pg. 35), "são os estipendios certos, que pelos seos trabalhos ajustados percebem os empregados publicos e locatarios particulares. *Salario* é o preço que se paga por qualquer locação de serviços, como a dos criados de servir, de caixeiros de commercio, etc.".

"O *salario*, como geralmente o definem os economistas", diz Gide, (330) "é toda a remuneração que tem o homem em troca de seo trabalho".

"Por esta definição", continua o eminente economista, "o salario se nos offerece como a renda natural, por excellencia, a que sempre existio e existirá em todo o tempo. De feito, não pode conceber-se um estado social qualquer, em que possa o individuo viver de outro modo a não ser permutando seo trabalho, ou os productos de seo trabalho, ou seos serviços por certa quantidade de riquezas. É o que permitte aos economistas classicos o affirmarem, com Mirabeau, em uma phrase celebre, que todos os homens, salvo os ladrões ou os mendigos, são "assalariados", fazendo entrar nessa categoria os proprietarios mesmos e os rendeiros.

"Mas, pensamos nós, é essa uma definição incorrecta e inspirada no desejo, porventura inconsciente, de representar o salario como o modo de remuneração mais perfeito que se pode imaginar, e o salariato como um estado definitivo.

"Ora, a sciencia deve applicar-se a distinguir, e não a confundir todos os redditos provenientes de um trabalho qualquer. A palavra *salario*, assim na linguagem economica como na vulgar, deve servir para qualificar *não qualquer modo de remuneração do trabalho, mas somente um modo muito especial*, a saber, *o preço do trabalho alugado e empregado por um empreiteiro*.

"Com effeito, temos visto, por varias vezes, que a empreza constitue o traço caracteristico da organização economica moderna.

"Ora, o salariato é inseparavel da empreza, como o anverso e o reverso de uma mesma medalha, ou antes como a venda e a compra de uma mesma mercadoria. A mercadoria aqui é o trabalho ou a mão de obra; o assalariado é o que a vende, o empreiteiro, o que a compra".

Para Gide, portanto, o termo *salario* não se toma naquella amplitude de significação, de que falla o illustre Dr. Ruy Barbosa.

E quando a *salario* se attribua o mais lato sentido, quando se faça do vocabulo *ordenado* uma das especies do genero *salario*, tal qual o reputa o esclarecido censor e a maior parte dos lexicographos inglezes, não comprehendemos o que haja de extranhavel na expressão são *salarios ou ordenados*, como, na discriminação dos grupos hierarchicos dos seres, que são objectos de seo estudo, o naturalista não escrupuliza em dizer: os generos ou as especies, as classes ou as familias, os ramos ou as classes de taes ou taes plantas.

* * *

Da ultima parte do art. 1585 faz o Dr. Ruy o seguinte paragrapho, recorrendo incorrectamente ao uso do subjunctivo pelo indicativo:

---

(330) — *Princ. d'Econ. Pol.* Pg. 489-40.

"É expressa a acceitação, quando se *faça* por declaração escripta; tacita, quando *resulte* de actos só com o caracter de herdeiro compativeis".

Rarissimos serão os ouvidos que se conformem com o uso do modo subjunctivo nas duas subordinadas que concorrem para a composição deste periodo: em taes casos, não nos parece lograr os abonos dos zeladores da boa linguagem o emprego do modo subjunctivo; é, bem ao revez disso, o modo indicativo a que costuma recorrer a nossa lingoa, porque, exprimindo aquelle a duvida, a indecisão, a incerteza, é o modo menos adaptado a entrar em uma definição, onde é intuito do que falla ou escreve precisar o sentido de uma palavra, ou fazer conhecer a natureza de alguma coisa, conforme é *real* ou *nominal* a definição, de que se trata.

Ao menos ainda se nos não deparou exemplo do subjunctivo em casos analogos, quer entre os antigos, quer entre os modernos escriptores.

Fallando sobre o mesmo assumpto, escreve o *Codigo Portuguez*, no art. 2027:

"A acceitação é expressa ou tacita.

"§ 1.º É *expressa*, quando o herdeiro *toma* este titulo ou qualificação em algum acto publico ou privado.

"§ 2.º É *tacita*, quando o herdeiro *pratica* algum facto de que necessariamente se deduz a intenção de acceitar, ou de tal natureza, que elle não poderia pratical-o senão na qualidade de herdeiro".

No art. 1396 escreve a mesma lei portugueza:

"Dá-se o contracto de empreitada, quando algum, ou alguns individuos *se encarregam* de fazer certa obra para outrem, com materiaes subministrados, quer pelo dono da obra, quer pelo empreiteiro, mediante certa retribuição proporcionada á quantidade do trabalho".

O mesmo no art. 873, onde diz:

"Dá-se o contracto de consignação de rendimentos, quando o devedor *estipula* o pagamento successivo da divida e seos juros...".

E' ainda o mesmo indicativo a que se soccorre nos arts. 642, 1911, 2289 e 2298, escrevendo:

"É unilateral ou gratuito (o contracto), quando uma parte *promette* e a outra *acceita;* e bilateral ou oneroso, quando as partes *transferem* mutuamente alguns direitos, e mutuamente os acceitam".

"O testamento chama-se publico, quando *é* escripto por tabellião no seo livro de notas".

"Dá-se accessão quando, com a coisa que é propriedade de alguem, se *une* e *encorpora* outra coisa, que lhe não pertencia".

"Dá-se accessão industrial, quando, por facto do homem, *se confundem* objectos pertencentes a diversos donos; ou quando um individuo *applica* o proprio trabalho a materia que pertence a outrem...".

Não julgamos, pois bem cabido o emprego que o illustrado critico faz do subjunctivo pelo indicativo, quando escreve:

"É *expressa* a acceitação, quando se *faça* por declaração escripta; *tacita*, quando *resulte* de actos só com o caracter de herdeiros compativeis".

"*Quando se* FAÇA, *quando RESULTE*". Devera dizer — *quando se* FAZ, *quando RESULTA*, empregando-se o indicativo, unico modo que alli cabia.

* * *

"Na successão legitima, a parte do que renuncia a herança accresce aos outros da mesma classe, e, sendo elle o unico dessa classe, é ella devolvida aos da classe subsequente". (Art. 1593).

Reprova o Dr. Ruy a redacção deste artigo, nos seguintes termos:

"Dada semelhante redacção, seria a *classe*, não a herança o que se devolve. E isso não estava na mente da redacção, nem tem senso. Ora, quando a ordem grammatical pode evitar o absurdo logico, não se desculpa que o arroste".

Ainda aqui nos não pomos da parte do douto escriptor.

Nada existe na redacção do artigo censurado que force a referir o pronome *ella* ao substantivo *classe;* se o sujeito da ultima oração fosse o substantivo *classe*, não se empregaria ahi *ella*, representando-o, senão *esta*, para melhor precisar a relação.

Encarando a construcção da phrase á luz da regra de proximidade, a que a trechos se aferra e que não tem esse caracter absoluto, de que a reveste, o Dr. Ruy considerou, sem justo fundamento, que o pronome *ella*, de necessidade, se deveria referir a *classe*, e não a *parte*.

O absurdo logico, de que falla, e a falta de senso não resultam da má construcção, da viciosa ordem grammatical das palavras do artigo do texto, senão da mal entendido regra de proximidade, fallaz e mal seguro padrão, por onde o illustrado critico julga amiúde

incorrectas e equivocas construcções bem aforadas na linguagem dos nossos bons modelos.

* * *

No art. 1670 do *Projecto*, onde se lê: "*no conflicto da batalha*", sentimos dissentir do modo de pensar do illustre censor, que tacha de viciosa a expressão empregada no texto.

Só em casos raros se toma o termo *conflicto* como synonymo de *batalha;* aquelle é, sim, ordinariamente equivalente a *combate, choque, encontro, recontro, embate, briga*, e ás vezes *escaramuça, aperto, affronta.*

A batalha é geral; o combate, particular; aquella é pelo ordinario precedida de preparativos, é mais duradoira, mais importante, mais decisiva, e suppõe grande desenvolvimento de tropas de um e outro lado dos exercitos, que se empenham na lucta; este é ás vezes inopinado, geralmente de mais breve dura e não presuppõe, como a primeira, apercebimentos tão consideraveis, tão notavel desenvolvimento de forças militares.

Assim, no combate dos Horacios e Curiacios eram apenas seis os combatentes, tres de cada lado.

Numa só batalha, porem, pode haver muitos combates, muitos conflictos, choques ou recontros, grande numero de escaramuças.

Não se diz: o combate ou conflito de Cannas, o combate ou conflicto de Platéa, de Austerlitz, de Marengo, de Waterloo; mas a batalha de Cannas, de Platéa, de Austerlitz, de Marengo, de Waterloo; entretanto em cada umas destas batalhas houve varios conflictos ou combates, varios encontros, muitas escaramuças e correrias. Diz-se duas horas, tres horas, algumas horas de combate; não se diz duas horas, tres horas, algumas horas de batalha.

"A reconquista de Hespanha pelos christãos custou-lhes mais de tres mil combates; entretanto uma só batalha lh'a tinha arrancado das mãos (331).

Não se diz combate, conflicto campal, e sim batalha campal; como se não costuma dizer: a batalha das avançadas, mas o combate das avançadas; a batalha da infantaria, a batalha da cavallaria, a dos lanceiros, dos caçadores; mas o combate da infantaria, da cavallaria, dos lanceiros, dos caçadores.

E, se dizemos, sem incorrer em erro, no *choque da batalha,* porque não poderemos dizer: no*conflito da batalha,* se conflito outra coisa não é que o choque, o embate, o recontro dos que estam em-

(331) — Vide Lafaye. *Dict. des Synonymes de la Lang. Franc.* Pg. 395.

penhados numa batalha, no momento em que mais accessa é a lucta e com maior furor pelejam?

Colhendo-os em Fernão Lopes de Castanheda e Diogo de Couto, consigna Moraes os seguintes exemplos:

"Havendo numa *batalha* muitos *conflictos*".
Estando a *batalha* neste *conflicto*".

Isto nos vem mais convencer que esses classicos nem sempre consideraram tendo significação identica os dois vocabulos *conflicto* e *batalha*, a que o Dr. Ruy parece ligar exactamente o mesmo sentido; e o proprio Moraes, definindo o termo *batalha*, assim escreve:

"*Batalha*. A peleja entre dois exercitos ou duas armadas, na qual pode haver *um ou mais conflictos*".

Por outro lado, o substantivo portuguez *recontro*, synonymo de *conflicto*, usado no adagio portuguez: *recontros muitos, porem a batalha escusada*, vem robustecer-nos em nosso modo de pensar, e justificar o emprego do vocabulo *conflicto* na expressão *no conflicto da batalha*, que, a nosso entender, nada tem de extranha ou viciosa.

A lição dos nossos exemplares ainda nos fornece os seguintes excerptos, onde se vê claramente que ás duas palavras nem sempre se ligou o mesmo significado:

"E entre todos se travou uma muito arrazoada *batalha*, na qual não sei que capitão, no mór *conflicto* della, deixou a Ruy Dias Cabral e aos outros".
(Couto. *Dec.* 8.ª Cap. 30. Pg. 257).

"Foi o primeiro, dar-lhe claros signaes do fim da *batalha*, que havia de ser principio de sua gloria. Porque, dizendo-lhe o medico uma manhã que estava para devagar, então pedio os Sacramentos, e affirmou que morria, e não tardou em entrar no ultimo *conflicto*".
(Souza. *Hist. de S. Domingos*. Vol. 4.º Liv. 1.º Cap. 7.º Pg. 53).

"Em um *conflicto* dos quatro ventos principaes, que no meio do mar se davam *batalha*".
(Id. Ibid. T. 13. Pg. 30).

"E comtudo Deos, que dispoz o sonho, ou a *batalha* para este *conflicto* de Xavier".
(Vieira *Serm.* T. 1.º Pg. 144).

Justificando sua censura relativamente á alludida expressão do *Projecto*, que reputa pleonastica, assim discorre o alumiado censurador:

"Se *batalha* é a lucta entre dois exercitos e *conflicto* o embate dos que luctam, dizer *conflicto da batalha* o mesmo é que se dissessemos na *batalha da batalha*".

E' defeituoso o raciocinio do eminente Dr. Ruy Barbosa: dando-se á sua argumentação a forma syllogistica, sobresáe para logo e do modo mais claro o vicio que a inquina, já no que toca á materia, já no que respeita á forma.

Eis a que se reduz o raciocinio do illustre critico:

Toda a *batalha* é lucta,
O *conflicto* é luta;
Logo, o *conflicto* é *batalha.*

Nesta argumentação o termo medio, que é representado pela palavra *lucta,* sendo tomado duas vezes particularmente, contra as regras dessa especie de raciocinio reductivo, não tem significação identica, porque a *lucta* em que consiste a *batalha* não é a mesma *lucta* em que o *conflicto* consiste.

Logo, não sendo identico o meio termo nas duas premissas em que entra, equivale a dois termos, os quaes, sommados com os dois, representados pelo termo menor *conflicto* e pelo maior *batalha,* formam quatro termos. Mas o syllogismo não pode ter mais de tres termos, desde que todo o seo artificio se fundamenta no seguinte axioma: "duas coisas iguaes a uma terceira são iguaes entre si".

Haveria, pois, tanta verdade nesta argumentação, em que se resolve o raciocinio do distincto escriptor, quanta na seguinte, cuja conclusão é evidentemente absurda.

Todo o pinheiro é arvore,
A mangueira é arvore;
Logo, a mangueira é pinheiro.

Este raciocinio incorre no mesmo vicio que o em que o Dr. Ruy assenta a critica feita á expressão *o conflito da batalha.*

O meio termo *arvore,* sendo tomado duas vezes particularmente, equivale a dois termos, contra a regra que assim, em versos hexametros, formulavam os Escholasticos:

"*Aut semel, aut* (*) *iterum medius generaliter esto*".

Apezar de, pelo commum, se empregarem synonymamente os dois vocabulos *molestia* e *doença,* certo não os considerou identicos

(*) Na 2.ª ed. omittiu-se, por erro da revisão, o termo "*aut*", antes de *iterum.*

em significação o Padre Antonio Vieira, quando assim disse, numa de suas *Cartas* (T. 2.º Pg. 164):

"Agora me repetio a mesma *doença* com maior *molestia*, e tão forte, que por muitos dias me deixa sem juizo".

Usando dos dois termos *peleja* e *batalha*, Latino Coelho não os empregou, ligando-lhes sentido exactamente identico, quando, em sua *Historia Politica e Militar* (T. 2.º Pg. 142). escreveo:

"Vae esparzir o sangue ás ondas na lucta das facções e na *peleja das batalhas*";

nem aos dois vocabulos *conflicto* e *refrega* o proprio Dr. Ruy associou a mesma ideia, sem matriz algum differencial, quando, a paginas 58 de suas *Cartas de Inglaterra*, deixou cahir de sua brilhante penna a seguinte phrase, em referencia a Mr. Balfour:

"Entre os *conflictos da refrega* politica revê-se nelle como que uma dignidade interior, que parece reflectir-se-lhe nas acções, e extremal-as da pugnacidade vulgar".

Empregando a expressão *conflicto da refrega*, o Dr. Ruy apadrinhou o *conflicto da batalha*, que tão desamorosamente repelle.

* * *

É esta a linguagem do *Projecto* no art. 1704:

"Se a opção foi deixada ao legatario, este poderá escolher a coisa que melhor que houver na herança; e se nesta não existir coisa da qualidade da legada, o herdeiro deverá dar-lhe do genero determinado pelo testador.....".

Eis a emenda do Dr. Ruy á redacção deste artigo:

"Se a opção foi deixada ao legatario, este poderá escolher, do genero ou especie determinada, a melhor coisa que houver na herança; e, se nesta não existir coisa de tal qualidade, dar-lh'a-ha dessa qualidade o herdeiro, observada a disposição do art. 1702, ultima parte".

Redigida como está a emenda, não se lhe penetra claramente o sentido.

Com efeito, não havendo na herança coisa *de tal qualidade*, isto é, a melhor, do genero ou especie determinada, que o legatario poderá escolher, como dizer que o herdeiro lh'a dará dessa qualidade?

Não importa dizer que, não existindo na herança uma coisa de *tal qualidade*, dessa mesma qualidade lh'a dará o herdeiro? Não ha, ao que parece, sufficiente clareza na emenda ao art. 1704.

* * *

Ao art. 1708 dá o eximio critico a seguinte redacção:

"Se o testador commetter designadamente a certos herdeiros a execução dos legados, só esses responderão por estes".

Aqui emprega o Dr. Ruy o vocabulo *esses* referindo-o a *herdeiros*, quando não era *esses* a que devia recorrer, senão ao adjectivo *aquelles*, porque, quando se confrontam ou contrapõem dois objectos ou duas series de objectos, se com relação aos ultimos se diz *estes*, com respeito aos primeiros não é usual dizer *esses*, mas *aquelles*.

* * *

"Se algum dos legados consistir em coisa pertencente a um dos herdeiros, só a este incumbirá pagal-o, com regresso contra os outros herdeiros pela respectiva contribuição, salvo disposição expressa do testador em contrário". (*Projecto*. Art. 1709).

Emendando este artigo, o Dr. Ruy censura o emprego da expressão *pagal-o*, nos seguintes termos:

"Incumbirá *pagal-o*". "O legado pode não consistir em dinheiro. E, em tal caso, não se *paga: cumpre-se* ou *satisfaz-se*".

Mas, dizemos nós, o verbo *pagar*, procedente do verbo latino *pacare*, acalmar, moderar, pacificar, donde o italiano *pagare*, o hespanhol *pagar*, o francez *payer* e o inglez *to pay*, tem tambem a significação de *satisfazer* uma divida, um encargo qualquer.

Pagar um legado o mesmo é que *satisfazel-o*, *cumpril-o*, consista ou não em dinheiro.

Não são de uso commum em nossa lingoa as expressões *pagar* uma promessa, *pagar* uma romaria, *pagar* uma divida de honra, *pagar* os seos peccados, *pagar* as suas culpas, *pagar* beneficios com ingratidão, *pagar* o tributo á natureza, amor com amor se *paga*?

Não disse Castilho Antonio (*outono*. Pg. 269):

"*Pague-vos* Deos no centuplo o *bem* que fizestes aos nossos queridos finados, e a nós mesmos"?

Que falta ha em dizer o *herdeiro pagou todas os legados* ainda quando um ou alguns destes legados não consistam em dinheiro?

Na significação etymologica do verbo *pagar* (*pacare*), a ideia que se destaca ao espirito e lhe suggere e aviva a attenção não é a de dinheiro, que não transparece nos elementos morphicos da palavra mas a do allivio, da calma, da paz que produz no credor o que se desempenha para com elle do que lhe deve.

"*Pagare*, idem quod *pacare*, solvere, exsolvere", diz du Cange.

"*Pago* e detto da *paco* latino che vale concordo, perchio chè il debitore quando paga il suo creditore, et lo contenta, et quasi fa pace con lui". (Acarisius, cit. por du Cange. T. 6.° Pg. 84, e Scheler. *Dict. d'étymologie franç.* Pg. 382).

* * *

No art. 1713 do *Projecto* ha a construcção seguinte:

"Caduca o legado:

"1.º Se o testador transformar a coisa legada, de modo que não conserve mais a forma, nem a denominação que tinha".

O eximio critico reprehende neste lugar o emprego do verbo *transformar*, desenvolvendo assim os fundamentos com que impugna a redacção do artigo:

"*Transformar*....de modo que *não conserve mais a forma*. Nem se concebe outro meio de transformar. Se o objecto conserva a sua forma, não houve transformações. *Se* se *transformou*, é porque já não tem a mesma forma. Portanto, é de mais, no texto, uma dessas duas locuções".

Depois de assim ponderar, contróe desta arte o artigo:

"Caducará o legado:

"1.º Se, depois do testamento, o testador modificar a coisa legada, ao ponto de já não ter a forma, nem lhe caber a denominação, que tinha".

Mas *modificar* uma coisa não é dar-lhe nova forma, novo modo de ser? E, se tomou a coisa nova forma, não é obvio que não continuará a guardar, a ter a mesma forma, que tinha anteriormente?

Se tomou novo modo de ser, não se traduzirá por nova forma esse novo estado, essa nova maneira de existir?

Eis, portanto, o esclarecido escriptor tropeçando em cheio na mesma falta, de que argue o *Projecto*.

Aos ouvidos dos autores do *Codigo Civil Portuguez* não lhes soou tão extranhamente o verbo *transformar*, empregado de maneira identica, em o n. 3.º do art. 1811, que o *Projecto* quasi litteralmente transplantou.

Eis como se exprimem no artigo, a que nos referimos:

"O legado ficará sem effeito:

"3.º Se o testador *transformar* a coisa legada de modo que não conserve a *forma*, nem a denominação que tinha".

Releva ainda notar que a locução *depois do testamento*, que se lê na emenda, é de todo em todo inútil, desde que o testador não podia antes do testamento modificar a coisa legada, porque, sendo o legado *qualquer deixa por titulo singular, em disposição de ultima vontade, a quem não é herdeiro*, antes do *testamento* nem ha *testador*, nem *coisa legada*.

É, logo, escusada e inteiramente superflua a expressão *depois do testamento*.

* * *

Emendando o art. 1725, redigio-o assim o illustre critico:

"Não podem tambem ser nomeados herdeiros, nem legatarios:

"A pessoa que a rogo escreveo o testamento (arts. 1644, n. 1. 1652, n. 1, 1663, 1664), nem o seo conjuge, *ou* os seos ascendentes, descendentes e irmãos".

Não cabe aqui o emprego da conjuncção *ou*.

Em taes casos, ou deve dizer-se em nossa lingoa:

"Não podem tambem ser nomeados herdeiros (*) nem legatarios:

"I. A pessoa que a rogo escreveo o testamento, o seo conjuge, os seos ascendentes, os seos descendentes, nem os seos irmãos";

ou então:

"Não podem ser nomeados herdeiros nem legatarios:

"Nem a pessoa que a rogo escreveo o testamento, nem o seo conjuge, nem os seos ascendentes, nem os seos descendentes, nem os seos irmãos".

mas não se dirá bem, dando á conjuncção *ou* o papel da conjuncção *nem*: "nem o seo conjuge *ou* os seos ascendentes, descendentes e irmãos".

Com effeito, quando duas ou mais orações de sentido negativo têm o mesmo sujeito com attributos differentes, ou o mesmo attributo com differentes sujeitos, reunem-se todas numa só, repetindo-se

(*) Na 2.ª ed. pôz-se virgula depois de herdeiros, neste lugar.

a conjuncão *nem* antes de cada sujeito ou de cada attributo, ou não se exprimindo senão antes do ultimo sujeito ou attributo.

Não ha, no caso de que se trata, exclusão das ideias indicadas pelos substantivos *conjuge, ascendentes, descendentes* e *irmãos;* a ligação exprimida por *nem* recáe sobre a negação, que se lhes attribue, para lh'a tornar commum.

Não foi, pois, empregada apropriadamente na emenda do Dr. Ruy a conjuncção *ou.*

Assim disse Latino Coelho, em sua *Historia Politica e Militar de Portugal* (T. 1 Pg. 420):

"O seo animo grande e varonil não vergara aos ultrajes do infortunio, *nem* aos golpes da ingratidão".

Neste passo do escriptor portuguez não ha exclusão das ideias indicadas pelas expressões *ultrajes do infortunio* e *golpes da ingratidão,* antes se unem e ligam na negação, que lhes é commum.

Outrosim escreveo Castilho Antonio (*Fel. pela Agric.* Vol. 1.º Pg. 116):

"Desde a mathematica, que pesa e mede os astros, até ao officio mais humilde, não ha sciencia, arte, *nem* mister, que os livros não ensinem, divertindo-nos".

O *ou* aqui, em vez de nem, não fôra de bom uso.

Sobre o emprego mal cabido da conjuncção *ou,* quando o bom uso não permittiria senão a conjuncção *nem,* reflecte sensatamente Candido de Figueiredo, nos seguintes termos:

"Eu suppuz sempre que a conjuncção negativa *nem* não pode relacionar-se immediatamente com a disjunctiva *ou;* e que, em vez de — *nem pela clemencia ou pelo terror,* deveria dizer-se *nem pela clemencia, nem pelo terror*". (*Liç Prat. da Ling. Port.* Pg. 211).

Esta ponderação do operoso philologo portuguez foi provocada pelo trecho seguinte, a que não presta a sua acquiescencia:

"...não é dado a nenhum poder humano, *nem* pela clemencia, *ou* pelo terror, *ou* pelo influxo moral, *ou* pelo furor das armas, immobilizar uma nação...".

* * *

O numero IV do art. 1752 é concebido nestes termos:

"Desamparo do filho ou neto affectado de alienação mental ou grave enfermidade".

Ao verbo *affectar*, empregado aqui pelo *Projecto*, põe-lhe o douto escriptor a tacha de *puro francez*.

"Em relação a enfermidade", diz elle, "a expressão portugueza é *accommetter*, e se o *accommetimento* é subito, *assaltar*, *assaltear*, *saltear*. "*Accommettido* de uma doença", (*) diz Bluteau (*Vocabulario*. T. 1.º Pg. 93). "*Accommetter* a febre", escreve Domingos Vieira. *Dicc.* Vol. 1.º Pg. 110".

Não ha razão na censura. Em linguagem medica é de uso constante o adjectivo *affectado*, do verbo latino *affectari*, frequentativo de *affici*, passiva do verbo *afficere*, sendo um e outro destes verbos empregados algumas vezes pelos escriptores latinos, no sentido que se dá ao participio *affectado* ou *affecto*.

Assim é que se encontra em Cicero:

"Caesarem Neapoli *affectum* graviter videram" (*Att.* 14, 17); "qua ex re molestia sum tanta *affectus*, quantam mihi meus amor summus erga utramque vestrum afferre debuit" (Ibid. 1, 17);

em Tito Livio:

"Nihil aeque eos teruit quam praeter spem robur et color imperatoris, quem *affectum* visuros crediderant" (28, 26); "P. Licinii consulis literae Romam allatae se exercitumque suum gravi morbo *affectari*" (29, 10); "ut prius aestus, labor, fames, sitisque corpora *afficerent* quam..." (28, 15);

em Cornelio Nepote (4, *Hannib.*):

"Hoc itinere adeo gravi morbo *afficitur* oculorum, ut postea nunquam dextero aeque bene usus sit".

Os medicos e escriptores portuguezes do seculo 17 faziam frequente uso do participio *affecto*, no sentido que se dá hoje ao participio *affectado*, do que dão testemunho os passos seguintes, consignados no *Diccionario da Lingoa Portugueza*, publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa:

"O medico o tira (o sangue) não para matar o corpo mal *affecto*, senão para o descarregar do humor que o mata".
(Vieira. *Serm.* T. 7.º Pg. 188).

"As vistas se tingem dos mesmos humores, de que estam bem ou mal *affectos* os corações".
(Id. Ibid.).

"Não se sangra nesse caso, por ser o bofe ou a pleura a parte *affecta*".
(Francisco Morato Roma).

(*) Na 1.ª ed. omittiu-se a virgula neste lugar.

"Quando se pretende tirar o sangue ou o humor da mesma parte *affecta* e dolorosa".

(Fr. Manoel de Azevedo).

O mesmo Dr. Domingos Vieira, citado pelo Dr. Ruy, assim se exprime com respeito ao verbo *affectar* e ao adjectivo *affectado*:

"Em Pathologia", diz elle, "*affectar* significa produzir má impressão, tornar doente, molestar. A gotta *affecta* as articulações; *affectado* diz-se do que está perturbado em suas funcções, lesado em tal ou tal parte, accommetido de tal ou tal doença".

Derivados do mesmo verbo latino *afficere*, de que é frequentativo *affectare*, temos em portuguez não só o substantivo *affecto* como synonymo de *molestia, doença*, segundo o sentido que a essa palavra ligaram os nossos escriptores do seculo 17, senão ainda o vocabulo *affecção*, tão trilhado em linguagem medica, para significar não *toda a evolução morbida desde os seos primordios até as suas ultimas manifestações*, mas *as lesões* ou *perturbações actuaes* e *suas consequencias, em abstracto de sua origem.*

A lição dos escriptores do seculo a que alludimos offerece-nos, com effeito, os lanços seguintes:

"Os *affectos* que de necessidade acompanham o morbo gallico".

(Duarte Madeira).

"Os remedios são aquelles que apartam do corpo os *affectos* preternaturaes, que aggravam o corpo e prohibem suas acções: a estes *affectos* chamamos doença".

(F. Morato Roma. Vide *Dicc. da R. Acad. das Sciencias de Lisboa*).

Succedeo o que tão frequentemente se nota na marcha evolutiva dos vocabulos.

Nessa concorrencia vital a que se não podem subtrahir as palavras de uma lingoa, como productos de um organismo, que cresce ou desmedra, se avigora ou definha, se opulenta ou empobrece, se oblitera ou transforma, desapparece ou resurge, o substantivo *affecto*, tomado naquelle sentido, foi a pouco e pouco cedendo o passo ao vocabulo *affecção*, como o adjectivo *affecto*, forma contracta de *affectado*, a esta ultima forma regular, tendo um e outro destes elementos grammaticaes a mesma radical do verbo latino *afficere* ou de *affectare*, reputado pelos philologos como frequentativo do primeiro desses verbos, aproximando-se e identificando-se no sentido, como já os havia a lingoa identificado em seos elementos morphicos fundamentaes.

Empregando o verbo *affectar* no sentido que lhe deo o Projecto, e que o Dr. Ruy apoda de *puro francezismo*, disseram bem Filinto Elysio e sobretudo Latino Coelho:

"Pouco dormio; que a desassocegava esse mancebo; quizera saber quem elle era; elle a *affectava*, mas não de sorte que nelle tomasse o coração parte". (*Obras*. T. 10. Pg. 162).

"O dinheiro é nas sociedades, em vesperas de politicas revoluções, como o sangue nos organismos AFFECTADOS *por grandes agentes morbidos*". (Lat. Coelho. *Hist. Pol. e Milit.* T. 2.º Pg. 127).

"Que sentimentos o *affectaram*, que enthusiasmos o renderam naquella solemne occasião, podemos nós avaliar". (Id. *Elog. Acad.* T. 2.º Pg. 158).

"Quando uma idéia nos *affecta*...". (Id. *Gram. Port.* Pg . 112).

* * *

Redigio-se dest'arte, o art. 1777 do *Projecto*:

"O inventario e partilha judiciaes serão procedidos na forma ou legislação do lugar do domicilio do fallecido, observado o disposto no art. 1604 e deverão começar dentro de um mez a contar da abertura da successão, e ser ultimados nos tres mezes seguintes, salvo prorogação deste ultimo prazo, concedida pelo juiz a requerimento do inventariante e por motivo justificado".

Já em nosso primeiro trabalho, referindo-nos á expressão *serão procedidos*, empregada aqui pelos autores do *Projecto*, demos razão á critica.

Outrotanto, porem, não o fazemos agora, aquilatando a censura severa e em extremo rigorosa que o doutissimo antagonista faz ás notações syntacticas, com que se redigio o mesmo artigo, onde, ao seo pensar, ha *extremo deleixo de pontuação*.

A falta de uma virgula, que, na revisão, passou despercebida aos redactores do *Projecto*, depois das palavras: *observado o disposto no art.* 1604, em que remata o primeiro membro do periodo, fez cahir da penna ao consummado escriptor a seguinte observação, sobre rigorosa, injusta:

"Note-se aqui, em terceiro lugar, o *extremo desleixo na pontuação*. O primeiro membro deste periodo melhor seria que terminasse em ponto final após as palavras *no art. 1604*.

"Mas, a não quererem o ponto, seria mister ao menos um ponto e virgula, e, em ultimo caso, a virgula, sequer, era impreterivel.

"Pois nem isso admittiram. O resultado é esse *amalgama orthographico, onde se esfalfa e transvia a attenção do leitor*".

Aqui poderia á propria applicar-se a expressão de que se servio o autor do *Eunucho*: — *Magno conatu nugas dicere.*

É para notar que o esclarecido censor que, em sua ponderação, diz: "fôra melhor no remate daquelle membro do periodo empregar o *ponto final,* e, a não quererem esta notação, fôra mister, ao menos, um *ponto e virgula* e em ultimo caso a *virgula,* sequer", não escolheo, na emenda, a notação que julgou a melhor, mas, *deteriora secutus,* preferio a que, na escala dessas notações, reputou a peior, como se collige de sua emenda, assim redigida:

"Proceder-se-ha ao inventario e partilha judiciaes na forma das leis em vigor no domicilio do fallecido, observado o que se dispõe no art. 1604, começando-se dentro de um mez, a contar da abertura da successão, e ultimando-se nos tres mezes subsequentes, prazo este ultimo que o juiz poderá dilatar, a requerimento do inventariante, por motivo justo".

Qual o *amalgama orthographico* a que se refere, fallando desse artigo, que assim emendou?

Onde a mistura ou conjuncto de objectos differentes de coisas ou pessoas de diversa natureza ou especie, para ter cabida o vocabulo *amalgama,* no caso de que se trata?

Pois a falta só de uma virgula, no fecho do primeiro membro do periodo, ligado, de mais a mais, ao segundo e ultimo pela connectiva *e,* e o emprego dessa notação, onde se fazia mister, dará direito a averbar o periodo de *amalgama orthographico,* contra o qual se insurge o illustre critico?

E que valor é esse que se dá ás notações syntacticas, quando se affirma como o Dr. Ruy Barbosa, que, no mesmo caso, pode fazer-se uso, já do *ponto final,* já do *ponto e virgula,* já finalmente da simples *virgula?*

Não tem um valor significativo determinado cada uma dessas notações?

Não compartimos o modo de pensar do illustrado censor: segundo a redacção que deram os autores do *Projecto* ao artigo, cuja pontuação elle impugna, no remate do primeiro membro do periodo, ligado ao segundo pela copulativa *e,* não podiam os dois separar-se por outra notação que não fosse a *virgula;* o *ponto final,* por que milita o Dr. Ruy, fôra alli uma notação illogica.

Com este *addendum*, em que ciframos as nossas ponderações sobre o que aprove ao Dr. Ruy Barbosa escrever no tocante á redacção do *Projecto do Codigo Civil*, fechamos aqui este nosso trabalho, cujas proporções, pela natureza mesma do assumpto, muito alem foram dos limites que nos haviamos traçado.

Perlustrando attentamente, em toda a sua extensão, o longo estudo que chegamos de fazer, no já sobre o *Parecer* do illustre senador, senão sobre a sua *Replica*, opposta ás *Ligeiras Observações*, verá o leitor imparcial que, por substanciosa e de custoso lavor e esmero que se considere a obra, a que poz hombros o seo esclarecido autor, não o será tanto, que a repute acima da critica sensata e judiciosa.

Julguem-nos, pois, os lidos e entendidos no assumpto, que se debate, e curvar-nos-hemos submissos ao seo *veredictum*, convencidos, como estamos, de que, ao esclarecido Dr. Ruy Barbosa, com lhe apontarmos faltas no trabalho relativo ás suas emendas á redacção do *Projecto*, lhe não desdoiramos o nome; nem em nada desmereceremos do conceito dos que, sem preocupações nos lerem e meditarem.

Tirando á luz a sua notavel *Replica*, onde, tão de espaço, se occupa de nossa humilde pessoa, bem merecia o Dr. Ruy Barbosa que lhe treplicassemos, publicando a presente obra.

INDICE

INDICE

PAG.

Prefacio .. 7
Advertencia Preliminar .. 11
Este codigo. O codigo civil .. 39
Preceder .. 43
Só pode. *Hypocophose* .. 45
Rege o regimen .. 57
Tautologia .. 63
Se julgará o acto inexistente .. 67
Assonancias, echos, cacophatons .. 75
Convenções privadas .. 95
A preferencia pela outra expressão .. 99
Carecer .. 105
Propositadamente, apropositadamente .. 111
Estabelece ella. *Attracção* .. 115
Datar *em*, datar *de* .. 137
Retrotrahir .. 141
Desagradar .. 143
Querer .. 151
Honorabilidade .. 165
Desvirginamento .. 171
O *o* artigo antes do *que* interrogativo .. 181
Incidir *em*, incidir *sob* .. 203
Receiar que não *bastam* ou receiar que não *bastem* .. 207
Se forem casados ha mais de dois annos .. 211
Progenitor .. 215
O outro dos paes .. 221
Influir sobre .. 225
Incorporar a .. 229
Carecer á sua sustentação. Casos .. 237
Defeituosa probidade .. 245
O *o* synthetico .. 251
Crase .. 253
Infinito pessoal e impessoal (a) .. 273
Infinito pessoal e impessoal (b) .. 277
Muito, Muita .. 294
Um e outro .. 296
Adjectivo no singular em relação com o pronome *nós* .. 300

PAG.

Donde por *onde* 303
Houveram semi-philosophos 307
Emprego pleonastico das conjuncções 320
Ainda sobre o infinito 322
Cada, cada um 325
Nós, em vez de *eu* 329
Emprego do subjunctivo 331
Meio, meia, meios, meias, ... 332
Concordancia verbal 339
Tem os mesmos direitos e com as mesmas garantias 343
Fazer valer 349
Construcção viciosa 353
Reger, empregado intransitivamente 363
Pescar peixe, colher peixe 367
Nulla é a transacção, uma de cujas clausulas for nulla 403
O locatario do predio rustico utilizal-o-ha no mister a que se destina 405
Collocação dos pronomes (a) 407
Collocação dos pronomes (b) 469
Collocação dos pronomes (c) 501
Collocação dos pronomes (d) 513
Viavel, viabilidade. Vital, vitalidade 553
Meo carinho habitual por elle 569
Antes de começado este codigo a executar 581
Indemnizar 585
Embolsar 589
Possessivo e pronome 591
Se o autor houver concorrido para que o réo o commettesse 603
Provado que ella ou o padrasto não os trate convenientemente 605
Perfazer e *prefazer* 607
Diversorio 613
Salvo se provar este 623
Agir 625
Arbitrando o juiz as quantias que lhe pareça necessario .. 631
A proposito da redacção do art. 1696 633
Havendo mais de um testamenteiro que tenham 699
Todo incidente em vez de *todo o* incidente 647
A ideia de posterioridade é essencialmente implicita á de revogação ou derrogação 655
Interrupção feita, casamento feito, fazer prestação 657
A proposito da emenda ao § 3.º do art. 182 663
Exarar 667
Da reflexão feita pelo Dr. Ruy á redacção do art. 208 671

PAG.

Direito autoral 675
Impedimentos *offerecidos*. Impedimentos *oppostos* 681
Da critica feita pelo Dr. Ruy á parte VI do art. 255 683
Aquelle e *esse* 685
Da emenda feita ao § Unico do art. 262 687
Nem lhe autorizado a nomeação pelos outros 689
Pontuação 691
Conteudo 719
Perdente 723
Lidimo 728
De feição que 731
Despedimento 735
Filiar *a* filiar *em* 739
Trecho mal construido 743
AINDA A PROPOSITO DE ALGUMAS REFLEXÕES FEITAS PELO DR. RUY BARBOSA SOBRE OS MEOS TRABALHOS GRAMMATICAES 745
Eu parece-*me* 746
Ambos os dois, ambos e dois, ambos de dois 753
Um de, um dos, uma de, uma das 755
Complemento directo regido da preposição *de* 759
Emprego da preposição *de*, depois de certos verbos ou locuções verbaes seguidas do infinitivo 767
Prodigar 775
Havemos ver, havemos vir 779
Por acerto, de passo, de ligeiro, de concerto 781
Homem, usado numa accepção vaga e indeterminada 784
ADDENDUM ÁS LIGEIRAS OBSERVAÇÕES 789
Constitucionalmente e legalmente 789
Sociedades e associações 790
Emenda que não emenda 791
Interessar 792
Viciar a vontade 793
Disfarçado 795
Importar 798
Regra de proximidade (a) 799
Dessa data 801
Fianças e doações feitas 802
Regra de proximidade (b) 803
Mulher Viuva 804
Affinidade illicita 805
Cohabitar 809
Sem ou com encargos 810

Regra de proximidade (c) 811
Da critica do art. 466 812
Dever 813
Mais de uma pessôa, varias pessôas 815
Tem direito ao de levantal-as 815
Acções para manutenção e reintegração da posse 816
Ainda a proposito do verbo *dever* 818
Ilhas e ilhotas 819
Entre acquiescer... *ou* indemnizar 820
Cercar, tapar, murar ou vallar 822
Para o emprego do bem publico 825
Redacção da emenda ao art. 608, paragrapho unico 827
Vicio de construcção na emenda ao art. 620 827
Escolher *entre* guardar o todo... *ou* renunciar 828
Indivisão por divisão 829
Induzir 829
As coisas que se consomem pelo uso 831
Regra de proximidade (d) 832
Pagamento da pena 832
Redacção da emenda ao art. 933 833
A proposito da emenda ao art. 1108 834
Deduzir 834
Onerada com encargo 835
Sem razão da critica do art. 1251 837
Obrigado moroso 838
Da critica ao art. 1265 do *Projecto* 840
Regra de proximidade (e) 841
Redacção da emenda do art. 1314 842
Procuratura 842
Providencias omittidas ou demoradas 843
Regra de proximidade (f) 847
Da construcção da emenda ao art. 1542 847
Redacção da emenda ao art. 1551 848
Salarios ou ordenados 849
Redacção da emenda ao art. 1585 853
Regra de proximidade (g) 855
No conflicto da batalha 856
A proposito da emenda ao art. 1704 859
Esses em vez de *aquelles* 860
Pagar legado 860
Sem justiça da critica ao art. 1713 861
Ou em vez de *nem* 862
Affectar 864
Exaggero da critica ao art. 1777 866

INDICE ALPHABETICO REMISSIVO

PELO

Bel. DERALDO I. DE SOUSA

A

A, prep. — 99, 100, 101, 102, 103, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 759
Abranger — 789, 790
Acção para, acção de — 663 a 666, 816, 817
Accusativo verbal — 59
Actuar 226
A escapar — 783
Affectar — 864, 865, 866
Afinidade illicita — 26, 805, 806, 807, 808, 809
Agir — 54, 625, 626, 627, 628, 629
Agradar — 143, 145, 146
Ainda que — 134, 331
Algum, alguns — 27, 73
Ambos os dois, ambos as duas, ambos de dois — 43, 380, 381, 753, 754, 755
Amor, amores — 26, 806, 807
A não — 90
Antes de 478, 479, 497, 489, 581 a 584
Antes de começado a executar — 581, 582, 583, 584
Ao de levantal-as — 816
Aos seos successores — 633 a 637
Aos terceiros de bôa fé se comporá o damno — 687
Apodose — 68, 672
Após — 478
A proposito, apropositado — 111
Apropositadamente — 111, 112, 113
As não — 89, 90
Assistir a, assistir em 232, 233, 234, 235
Associações e sociedades — 790, 791
Assonancias — 16, 75, a 94
Attracção — 130 a 135
Autoral — direito — 675 a 680
Avançar — 567

B

Bastam, bastem — 20, 207, 208
Bizarro — 567
Breve, por em summa — 777, 778
Brusco — 567

C

Cacophonias — 84, 87, a 94
CACOPHATONS — 17, 75 a 94, 401, 402
Alma minha — 90
A não — 90
Ão, ão — 75 a 84
As não — 89, 90
Averiguar qual — 88, 401
Ção so — 401
Ca valia, ca validade — 75, 84, 85
Com condições, com consentimento — 88, 89
Dor, dar — 401
Fé de 86, 87, 88, 91 a 94
Frouxo echo — 75, 89
Has no — 90
Interpunha ella — 15, 75, 89, 90
Intrinsica validade — 75, 84, 85
Já não — 90
Lucro é ganho — 89
Mas morra — 90
Mas não — 90
Monroica para — 89
Publico qualquer — 87, 91
São sujeitos — 85, 86, 401
Se pó — 55
Só pode — 18, 45 a 55, 75
Só sobre — 401
Tos ter (completos termina) — 86, 401
Vehiculo claro — 75, 89
Caçar peixe — 399
Cada, cada um — 325 a 228
Cahir em, cahir sobre — 203 a 206
Carecer, necessitar — 105 a 110, 237 a 243
Carinho por — 569 a 580
Casamento feito — 659 a 662
Casos, em portuguez — 242, 243
Catar, á cata, dar cata, andar á cata — 400
Cercar, tapar — 822 a 825
Cohabitar — 809, 810
Coisas consumiveis — 831
Colher peixes — 367, 392 a 399
Collocação de pronomes — 18, 19, 25, 35, 36, 67, 292 a 294, 407 a 468, 469 a 500, 501 a 511, 513 a 552

Cometesse — 603, 604
Complementos directos emphaticos — 351 a 361, 745
Compor o damno — 687
Comprazer — 146, 147
Concordancia — 130, 134, 135, 293, 299 a 303, 663 a 666
Concordancia verbal — 339 a 341, 633 a 646
Conflicto da batalha — 386, 856 a 859
Conjuncções accumuladas — 320 a 322
Conjuncções e formulas conjunctivas — 331
Conteudo — 719 a 721
Convenções privadas — 19, 95 a 98
Cophose — 46
Corresponder — 146
Cortar — 148
Costume — 565
Crase — 36, 253 a 272
Credibilidade — 169, 170
Cujo — 330, 407, 408, 542 a 544
Culpa, negligencia — 386

D

Datar em, datar de — 22, 137 a 140, 817, 818, 819
Dativo do pronome pessoal — 595, 596, 601, 602
De, prep. 35, 99 a 101, 303, 304, 759, 760, 767 a 775
De feição que — 731 a 738
Deduzir em, deduzir de — 835
Defeituosa probidade — 245 a 250
Defloramento — 171
Deflorar — 171 a 179
Dentro de, dentro em — 803
Depois de conhecel-o, depois de o conhecer — 469 a 500
Depois de havel-o recebido — 479, 497
De resto — 776
Derribar — 148
Desagradar — com objecto directo — 143 a 152
Desapercebido — 567
Desejar — 289
Desflorar — 175
Desolado — 567
Despedimento, despedida — 735 a 738
Dessa data — 800 a 802
Destinados á venda — 253 a 272
Desvirgar — 171, 173, 178

Desvirginamento — 171 a 181
Desvirginar, desvirginado — 22, 171 a 181, 609
Desvirginizar — 178
Dever — verbo imperativo — 212, 813, 814, 818, 819
Direito autoral — 675 a 679
Discrepar, contradizer — 498
Disfarce, disfarçado — 63 a 65, 795
Diversorio — 15, 25, 185, 613 a 622
Doação onerada com encargo — 835, 836, 837
Donde e onde — 293, 303 a 307

E

E porem, e comtudo, e mas — 320 a 322, 379
E, por *ou* — 760, 761
Echos — 16, 75 a 94
Echos em *ão, en, ente, ento*, — 73, a 94
Efectuar-se, ter lugar — 29, 566
Embolsando-lhe metade — 589, 590
Embora outrem o colha — 367, 402
Emprego do bem publico — 825 a 827
Emprestar com zelo... — 837, 838
Emquanto ella durar — 353 a 356, 362
Enclise pronominal — 292, 324
Enfermidade que já não dura — 353 a 356
Entre... ou — 820 a 822, 828
Entre acquiescer... ou indemnizar — 820 a 822, 828
Entre elles e eu — 752, 753
Entre prender ou intreprender — 566
Escolher entre... ou — 820 a 822, 828
Esses, por estes — 685
Estabelece ella — 115 a 136
Este — 35, 39 a 42
Este Codigo — 39 a 42
Este... aquelle — 860
Estupro — 173, 180
Eu e nós — 328 a 331
Eu parece-me — 746 a 752
Exarados — serão — 667 a 669
Exarar, mencionar — 667 a 669
Exarar a menção — 668, 669
Exotico inaudito — 839
Extracção 565

F

Falho de — 248, 249
Farpar, farpado — 389 a 392
Fazer, — impessoal — 318, 319
Fazer — 657 a 662, 766
I — Interrupção feita — 657, 659, 660
II — Fazer fiança — 802
III — Fazer prestação — 659, 662
IV — Fazer valer — 349 a 352
V — Fazer retrotrahir — 141
Ferir — 148
Ficará elle — 831
Filiar a, filiar em — 739 a 742

G

Gallicismos — 760 a 778
Genitor — 215, 216, 219, 220
Guardar o leito — 567
Guerra guerreada — 57 a 59

H

Havemos ver, havemos vir — 779 a 781
Haver — impessoal — 293, 307 a 320
Haver de — 446 (Nota 215), 779
Haver — auxiliar e não auxiliar — 356, 357
Hebraismos — 745 e segts.
Hiatos — 16
Homem, — indeterminado — 784 a 788
Homophonia — Vide Echos — 75 a 84
Honorabilidade — 165 a 170, 324, 778
Honorar — 166
Hypo — 46, 47
Hypocophose — 46, 47

I

Ilha, ilhota — 819
Illicito, illegitimo — 26, 805 a 809
Impediente — 659, 660
Impedimento offerecido ou opposto — 681, 682
Implicito á, implicito em — 655, 656

Importar, — em, a — 795 a 798
Incapacidade, interdição — 812
Incidir, incorrer — 203, 204, 206
Incidir, cahir sobre, cahir em — 203, 204, 205, 206
Incidir sob, incidir em — 203, 204, 205, 206
Incorporar a, em, com 34, 229 a 232
Incorrer — 146, 147, 203, 204
Indemnizar — 585 a 588
Indivisão, divisão — 829
Induzir — 829 a 831
Infinito impessoal — 273 a 294, 322, 323
Infinito pessoal — 72, 273 a 294, 322, 328
Influir sobre, influir em — 225, 226, 227, 221
Intentar — 289
Interessar, com objecto directo e interessar a, — 792, 793
Interpor, — se interpunha ella, — 75, 89, 90, 613
Interrupção feita — 657 a 662
Ir — 319
Isto, isso, aquillo — 251

L

Ladrar — 146
Lidimo — 28, 725 a 731
Locatario de predio rustico — 405

M

Mais de um... que tenham — 16, 17, 639 a 646
Malquerer — 151
Mandato — 841, 842
Mas porem — 320 a 322, 379
Meio — 332 a 337
Meios á sua sustentação — 238 a 242
Menção, relação — 667 a 669
Mencionar, exarar — 669
Metade (igual a ou á) — 268, 269
Modificar, transformar — 861, 862
Mover — 831
Muito, muita (muita mentira) — 294, 295
Mulher viuva — 386

N

Não, (emphatico) — 378, 379 Nota 207
Necessitar — 105 a 107, 237, 238

Necessario, preciso — 237, 238
Nem lhe autorizar, nem autorizar-lhe — 513 a 539, 689
Nem... ou — 862, 863
Nem se podendo — 501
Nós, por eu — 293, 299 a 303, 328 a 331
Nuga e nada — 405
Nulla é a transação — 403, 404

O

O *o* synthetico — 251, 252
O que? — 22 a 24, 181 a 201
Obedecer — 143, 146, 147
Obrigado moroso — 838, 839
Obstar — 147
Offerecido, — impedimento — 681, 682
Onde, donde — 293, 303 a 307
O outro dos pais — 221 a 223
Oração completiva — 605, 637
Ordenado, salario — 849 a 853
Outrem — 833, 834
Ou, por *e* — 790, 791; por *nem* — 862, 863

P

Pagar pena — 832, 833
Pagar um legado — 860, 861
Para, prep. — 99 a 101, 103, 237 a 241
Para estes sobrar — 743, 744
Pelejar-se-hão pelejas — 58, 60
Per e pro — 607 a 612
Perdente — 723, 724 —
Perdoar — 147, 148
Perfazer, Prefazer — 607 a 612
Permittir — 26
Pescar peixe, colher peixe — 32, 367 a 374, 381 a 388
Pleonasmo — 57 a 62, 320, 321, 353 a 362, 367 a 386
Poder — 31 a 34, 289
Poder-se-ha, poder-se-hão — 31 a 34
Pontuação — 691 a 718, 867
Por, prep. — 99, 100, 102, 103, 569 a 580
Possessivo, — concordancia — 633 a 637, 683, 684
Possessivo, — pronome — 591 a 602
Posto que — 331

Preceder — 43
Precisar — 105, 106, 107
Preciso, necessario — 237, 239
Preço — 834
Preferencia por — 99 a 104, 569
Preferir — 100, 102, 381
Preposição de — 35, 99 a 101, 303, 759, 760, 767 a 774
Preposição em — 137 a 140, 148
Presente pelo futuro — 211 a 213
Prestação feita — 659, 662
Pretender — 289
Presidir a, presidir em — 232 a 235
Primigenitor, primogenitor, progenitor — 215 a 220
Privada — 19, 95 a 99
Pro — 215
Probidade defeituosa — 245 a 250
Proceder (serão procedidas) — 866
Proclise pronominal — 292, 324, 407, 408, 422 a 453
Procuratura, procuratoria — 842
Prodigar — 775
Progenitor — 215 a 220
Pronome — concordancia — 663 a 666
Pronomes, — collocação — 18, 19, 25, 35, 67, 292, 294, 325, 407 a 552
Pronomes obliquos no começo de phrases — 67 a 70, 465, 745
Pronome pessoal (dativo do) — 595, 596, 601, 602
Pronome pessoal enclitico — 67, 292, 325, 408, 552
Pronome pessoal — posposição — 115 a 292, 325, 407 a 552
Pronome possessivo — 591 a 602
Pronominal (sinclitismo) — 407 a 469
Propositadamente, prosital, propositalmente — 103 Nota 48, 111 a 113
Proposito, propositado — 111, 112
Protase — 68, 672, 673
Providencias omitidas — 843, 844, 845, 846

Q

Quantias que lhe pareça necessario — 631, 632
Quanto eu — 753
Que precede — 43
Querer o idioma, querer bem — 25, 151 a 163, 289

R

Ramalho Ortigão — 22
Realisar — 671 a 673

Recear — 20, 207, 208
Recolher — 142, 143, 393
Redundancia — 57 a 62
Reembolsar o gestor, — 589, 590
Rege o regimen — 57 a 61, 386
Reger, transitivo e intransitivo — 15, 16, 142, 363 a 366
Regular, reger — 363
Resistir — 146, 147
Retirar — 142
Retrahir — 141, 142, 225, 226, 363
Retribuição — 840, 841
Retrotrahir — 141, 225, 226, 363

S

Saber — 289
Salario, ordenado — 849 a 853
Salvo se provar este — 623, 624
Se, particula apassivadora, com sujeito no plural e verbo no singular — 70 a 73
Se — 26, 70 a 73 — sujeito — 787, 788
Se forem casados ha... — 211 a 213
Se realisar — 671 a 674
Sel-o-ha de todo — 827
Semear — 385, 782
Sem ou com encargos — 810 a 812
Semitismos — 745 a 752
Se provar este — 623, 624
Simulação, simulado — 20, 63, 64, 67
Simular — 20, 63 a 65
Sinclitismo pronominal — 407 a 469
Sobre, prep. — 99 a 101, 205
Soccorrer — 148
Sociedades, associações — 790, 791
Subjunctivo (modo) — 20, 28, 660 a 673, 855, 856
Subjunctivo pelo indicativo — 20, 28, 605, 606
Succeder — 146, 147, 783
Susceptibilidade — 169, 170

T

Tapar, cercar — 822 a 825
Tautologia — 60, 63 a 65
Tautophonia — 81 a 83

Têm os mesmos direitos e com as mesmas garantias — 337 a 342, 343 a 348
Temer — 208
Tenha, tiver — 34
Ter direito *a* ou *de* — 34, 35
Ter lugar, effectuar-se — 29, 30, 566
Tirada — 567, 568
Todo, todo o — 647 a 653
Tomar — 994
Transformar, modificar — 862
Tratamento — 567, 568
Trata, trate — 605, 606
Tratar — 28

U

Um de, um dos — 755 a 759
Um e outro — 293 a 299

V

Varios, mais de um — 814, 815
Vianda, — 556 a 558, 562
Viavel — 553 a 568
Viciar a vontade — 793 a 795
Virginizar — 178
Viuva — 804
Voar — 146

Z

Zelo, zeloso — 571, 572, 837, 838